

TRILOGIA LEGEND

A COLEÇÃO COMPLETA DA
AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

M A R I E L U



LEGEND

PRODIGY

CHAMPION

A VIDA ANTES DE LEGEND

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Chico Mauro chmauro@fortalnet.net.br

M A R I E L U



**TRILOGIA
LEGEND**

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO
JOVENS LEITORES

ÍNDICE

Legend

Prodigy

Champion

A vida antes de Legend

Créditos

A Autora

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROCCO
PUBBLICITÀ

M A R I E L U



LEGEND

A VERDADE SE TORNARÁ LENDA

M A R I E L U



LEGEND

A VERDADE SE TORNARÁ LENDA

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para minha mãe.

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA



POPULAÇÃO: 20.174.282 HABITANTES

Parte 1

**O MENINO QUE CAMINHA
SOB A LUZ**

DAY

Minha mãe pensa que estou morto.

Obviamente, não estou morto, porém é mais seguro para ela pensar que estou.

Pelo menos duas vezes por mês vejo meu cartaz de “Procura-se”, exibido nos telões de TV espalhados no centro de Los Angeles. Ele parece meio deslocado lá. A maioria das fotos nas telas mostra coisas felizes: crianças sorridentes sob um céu de brigadeiro, turistas posando diante das ruínas da Golden Gate, comerciais da República em cores de néon. Há também propaganda anticolônias. “As Colônias querem nossas terras”, afirmam os anúncios. “Eles querem o que não têm. Não permita que eles conquistem seus lares. Apoie nossa causa!”

E então aparece minha ficha criminal. Ela ilumina os telões de TV, em toda a sua glória multicolorida:

PROCURADO PELA REPÚBLICA

Arquivo N° 462178-3233 “DAY”

PROCURADO POR AGRESSÃO, INCÊNDIO,
ROUBO, DESTRUIÇÃO DE PROPRIEDADES
MILITARES E POR PREJUDICAR O ESFORÇO DE
GUERRA.

RECOMPENSA DE 200.000 NOTAS DA
REPÚBLICA POR INFORMAÇÕES QUE LEVEM À
PRISÃO DESSE ELEMENTO.

Os cartazes sempre trazem uma foto diferente com minha ficha. Certa vez era a de um menino de óculos, com a cabeça cheia de grossos cachos cor de cobre. Em outra vez, a foto era de um garoto de olhos negros e carequinha. Às vezes sou negro, às vezes, branco, outras vezes pardo, moreno, amarelo ou vermelho, ou qualquer outra coisa que lhes venha à cabeça.

Em outras palavras: a República não tem ideia da minha aparência. Parece que eles não sabem quase nada sobre mim, exceto que sou jovem e que, quando verificam minhas impressões digitais, não encontram no seu banco de dados nenhuma que corresponda. É por isso que me odeiam, porque não sou o criminoso mais *perigoso* do país, e sim o mais *procurado*. Eu faço com que eles pareçam ineficientes, pois não conseguem me capturar.

Estamos no início da noite, mas já está um breu lá fora, e os reflexos das telas grandes de TV são visíveis nas poças da rua. Eu me sento no parapeito esfacelado de uma janela a três andares de altura, oculto da visão, atrás das vigas de aço enferrujadas. O prédio era um conjunto de apartamentos, mas agora está em ruínas. Lâmpadas quebradas e cacos de vidro se espalham desordenadamente no chão deste cômodo, e todas as paredes estão com a tinta descascada. Em um canto, no chão, um velho retrato do Primeiro Eleitor jaz no chão, virado para cima. Eu me pergunto quem morava ali. Ninguém é pirado o bastante para deixar um retrato do Primeiro Eleitor abandonado no chão daquele jeito.

Meu cabelo, como sempre, está enfiado num velho boné de jornaleiro. Meus olhos estão fixos na pequena casa de um andar do outro lado da rua. Minhas mãos mexem no medalhão pendurado no meu pescoço.

Tess se debruça na outra janela do cômodo, ela me observa atentamente. Estou inquieto e, como sempre, ela percebe isso.

A praga atingiu com força o setor Lake. O brilho dos telões possibilita, a Tess e a mim, ver os soldados no fim da rua, à medida que eles inspecionam todas as casas, com suas capas negras reluzentes, usadas soltas por causa do calor. Cada um deles usa uma máscara de gás. Às vezes, quando aparecem, marcam uma casa com um grande X vermelho na porta da frente. Depois

disso, ninguém entra ou sai da casa. Pelo menos, não enquanto alguém está olhando.

– Você ainda não consegue ver os caras? – murmura Tess. As sombras ocultam sua expressão.

Numa tentativa de me distrair, eu monto um estilingue improvisado com pedacinhos de antigos tubos de PVC:

– Eles não jantaram. Faz horas que não se sentam à mesa.

Eu mudo de posição e estendo meu joelho ruim.

– Vai ver eles não estão em casa.

Olho irritado para Tess. Ela está tentando me consolar, mas não estou a fim.

– Uma luz está acesa. Veja aquelas velas. Mamãe não gastaria velas se ninguém estivesse em casa.

Tess se aproxima e diz:

– A gente devia sair da cidade por umas duas semanas, né? – Ela tenta manter a voz calma, mas dá para notar seu medo. – Logo a praga vai acabar e você pode voltar para visitar. Temos dinheiro mais do que suficiente para duas passagens de trem.

Sacudo a cabeça e digo:

– Uma noite por semana, lembra? Só quero ver como eles estão uma noite por semana.

– Sei... você veio aqui todas as noites essa semana.

– Só quero ter certeza de que eles estão bem.

– E se você ficar doente?

– Vou me arriscar. E você não precisava ter vindo comigo, podia ter me esperado em Alta.

Tess dá de ombros e diz:

– Alguém tem de vigiar você.

Ela tem dois anos a menos do que eu, embora às vezes pareça velha o bastante para tomar conta de mim.

Observamos em silêncio os soldados se aproximarem da casa da minha família. Toda vez que eles param numa casa, um soldado bate à porta enquanto um segundo homem fica ao lado, de arma em punho. Se ninguém

abre a porta em dez segundos, o primeiro soldado a arromba com um pontapé. Não consigo vê-los quando entram às pressas, mas conheço esse procedimento: um soldado vai colher uma amostra de sangue de cada membro da família, depois vai conectá-la num leitor portátil para verificar se há indícios da praga. Todo o processo demora dez minutos.

Conto as casas entre o local onde os soldados estão agora e onde mora minha família. Vou precisar esperar uma hora antes de saber o que aconteceu com meus familiares.

Ouve-se um guincho vindo do outro lado da rua. Meus olhos se movem rapidamente em direção ao barulho, e minha mão agarra a faca embainhada no meu cinto. Tess engole em seco.

É uma vítima da praga. Essa mulher deve estar se deteriorando há meses, porque sua pele está rachada e sangrando. Eu me pergunto como os soldados não repararam nela nas inspeções anteriores. Ela cambaleia por um tempo, desorientada, depois vai à frente, tropeça e cai de joelhos. Olho mais atrás, na direção dos soldados. Eles agora a veem. O soldado com a arma na mão se aproxima, enquanto os outros onze ficam onde estão e observam. Uma vítima da praga não é uma grande ameaça. O soldado ergue a arma e mira. Uma salva de faíscas acaba com a mulher infectada.

Ela desmorona, depois fica imóvel. O soldado volta a unir-se aos companheiros.

Eu gostaria que pudéssemos pegar uma das armas dos soldados. Uma arma bonita como aquela não custa muito no mercado, 480 Notas, menos que um fogão. Como todas as armas, tem precisão, é guiada por ímãs e correntes elétricas e pode atingir com exatidão um alvo a três quarteirões de distância. É tecnologia roubada das Colônias, disse papai uma vez, embora seja claro que a República jamais admitiria isso. Tess e eu poderíamos comprar cinco armas daquela, se quiséssemos... Ao longo dos anos aprendemos a estocar o dinheiro extra que roubamos, e a mantê-lo escondido, para emergências. Mas o verdadeiro problema em ter uma arma não é a despesa, é a facilidade com que pode ser rastreada. Toda arma tem um sensor que informa o formato da mão de quem a usa, impressões digitais, e localização. Se isso não me denunciasse, nada mais o faria.

Então, permaneço com minhas armas caseiras, estilingues de tubos de PVC e outras bugigangas.

– Eles encontraram outra casa – diz Tess. Ela aperta os olhos para conseguir ver melhor.

Olho e vejo os soldados saírem rapidamente de outra casa. Um deles sacode uma lata de spray de tinta e desenha um X vermelho gigantesco na porta. Conheço essa casa há tempos. A família que mora lá tinha uma filhinha da minha idade. Meus irmãos e eu brincávamos com ela quando éramos mais novos, de pega-pega e hóquei de rua, com pás de ferro e bolinhas de papel.

Tess tenta me distrair ao apontar com a cabeça para o embrulho de pano perto dos meus pés:

– Que foi que você trouxe aí dentro?

Sorriso e depois me abaixo para desamarrar o nó do pacote.

– Algumas das coisas que a gente conseguiu esta semana. Vão render uma ótima comemoração depois que elas passarem pela inspeção.

Meto a mão na pequena pilha de objetos legais no pacote e mostro um par usado de óculos de proteção. Eu os examino bem, para me certificar de que as lentes não estão rachadas. *Um presente adiantado de aniversário para o John.* Meu irmão mais velho faz dezenove anos no fim da semana. Ele trabalha em turnos de catorze horas na fábrica de fornos de fricção do bairro, sempre chega em casa esfregando os olhos por causa da fumaça. Dei a maior sorte de poder surrupiar esses óculos de um carregamento de material militar.

Largo os óculos e reviro o resto das coisas. A maioria é de latas de ensopadinho de carne e batata que roubei da despensa de um avião, além de um velho par de sapatos com as solas intactas. Eu queria muito estar na sala com eles quando entregar esses troços todos, mas John é a única pessoa que sabe que estou vivo, e ele prometeu não contar à mamãe nem ao Éden.

Daqui a dois meses Éden faz dez anos, o que significa que ele precisará se submeter à Prova. Eu próprio fui reprovado quando completei dez anos. Por isso me preocupo com Éden, porque mesmo ele sendo o mais inteligente dos três irmãos, pensa de maneira muito parecida com a minha.

Quando terminei minha Prova, tinha tanta certeza das minhas respostas que nem me preocupei em ver as notas que receberia. Aconteceu, porém, que os administradores me levaram para um canto do estádio onde a Prova foi realizada, com um grupo de outros garotos. Carimbaram não sei o quê no meu exame e me enfiaram num trem que se dirigia ao centro da cidade. Não pude levar nada comigo, exceto o cordão que usava no pescoço. Não pude nem me despedir.

Várias coisas podem acontecer depois que se faz a Prova.

Você consegue o número perfeito de pontos: 1.500. Ninguém *já* alcançou essa contagem, isto é, à exceção de uns garotos há alguns anos, a respeito de quem os militares fizeram o maior estardalhaço. Quem sabe o que acontece com alguém com um número tão alto de pontos?

Provavelmente, muito dinheiro e poder, não é?

Se você marca entre 1.450 e 1.499 pontos, pode se dar um tapinha nas costas, porque vai ter acesso instantâneo a seis anos de ensino médio e depois a quatro anos nas melhores universidades da República: Drake, Stanford e Brenan. Depois o Congresso o contrata e você ganha uma fortuna. Em seguida, você vai ter muita alegria e felicidade. Pelo menos, de acordo com a República.

Se você consegue uma boa marcação, entre 1.250 e 1.449 pontos, frequenta o ensino médio, e em seguida o enviam para uma faculdade. Nada mau.

Se você só consegue marcar entre 1.000 e 1.249 pontos, o Congresso o impede de frequentar o ensino médio, e você passa a fazer parte dos pobres, como a minha família. Você provavelmente vai se afogar enquanto estiver trabalhando nas turbinas de água, ou morrerá sufocado pelo vapor das centrais elétricas.

Você é reprovado.

Quase sempre os meninos das favelas não passam na prova. Se você está nessa categoria infeliz, a República manda funcionários do governo à casa da sua família. Eles forçam seus pais a assinar um contrato, dando ao governo custódia total sobre você. Dizem que você foi mandado para os campos de trabalho forçado da República e que sua família não o verá mais.

Seus pais têm de fazer um sinal positivo com a cabeça, concordando. Alguns pais chegam a comemorar, porque a República lhes dá mil Notas, como um presente de condolências. Ganhar dinheiro e ter menos uma boca para alimentar? Que governo atencioso!

Exceto que isso tudo é mentira. Uma criança inferior com maus genes não é útil ao país. Se você tiver sorte, o Congresso o deixará morrer sem antes ser mandado a um laboratório para ser examinado em busca de imperfeições.

Restam cinco casas. Tess percebe a preocupação nos meus olhos e põe a mão na minha testa:

- Você está ficando com dor de cabeça?
- Não, eu estou bem.

Espreito a casa de minha mãe pela janela aberta e vejo de relance um rosto familiar. Éden caminha, então olha sorrateiramente pela janela para os soldados que se aproximam, e aponta para eles uma engenhoca de metal feita à mão. Depois, se esconde rapidamente e desaparece de vista. Seus cachos louros como trigo reluzem sob a luz vacilante do poste. Conhecendo-o, calculo que ele tenha construído aquele dispositivo para medir a distância em que está uma pessoa, ou algo assim.

- Ele está mais magro – sussurro.
- Ele está vivo e andando bem – responde Tess. – Para mim, isso já é lucro.

Minutos depois, vemos John e minha mãe passando pela janela, conversando muito. John e eu somos bem parecidos, embora ele seja um pouco mais corpulento devido aos longos dias de trabalho na usina. Seu cabelo, como o da maioria das pessoas que vive no nosso bairro, passa dos ombros e está amarrado num rabo de cavalo. Seu colete está manchado de barro vermelho. Dá pra ver que mamãe o está repreendendo por alguma coisa, possivelmente por ter deixado Éden espiar pela janela. Ela afasta a mão de John com um tapa quando um acesso de sua tosse crônica a ataca. Eu suspiro. Bem, pelo menos eles três estão saudáveis o bastante para andar. Mesmo se um deles estiver infectado, há tempo suficiente para se recuperar.

Não consigo parar de imaginar o que acontecerá se um dos soldados marcar a porta da minha mãe. Minha família ficará paralisada na nossa sala de visitas muito tempo depois de os soldados partirem. Depois mamãe vai expor seu costumeiro rosto corajoso, mas passará a noite toda sem dormir, silenciosamente enxugando as lágrimas. De manhã, eles vão começar a receber pequenas quantidades de alimento e água, então simplesmente esperarão se recuperar. Ou morrer.

Minha mente vagueia até a pilha de dinheiro roubado que Tess e eu temos escondida. Duas mil e quinhentas Notas. O bastante para nos alimentar durante meses, mas não o suficiente para comprar os frascos de remédio contra a praga de que minha família precisa.

Os minutos se arrastam. Guardo meu estilingue e começo a jogar *Pedra, Papel e Tesoura* com Tess. (Não sei por quê, mas ela é fera nesse jogo.) Olho de relance várias vezes para a janela da minha mãe, mas não vejo ninguém. Eles devem estar juntos perto da porta, prontos para abri-la tão logo ouçam um punho batendo na madeira.

E então chega a hora. Eu me debruço tanto para a frente no parapeito, que Tess agarra meu braço para garantir que eu não me esborrache no chão. Os soldados batem na porta. Minha mãe abre imediatamente, deixa os soldados entrarem e depois fecha a porta. Eu me esforço para ouvir vozes, passos, qualquer coisa que venha da minha casa. Quanto antes isso terminar, mais cedo posso entregar furtivamente os presentes ao John.

O silêncio se arrasta. Tess murmura:

– Falta de notícias é boa notícia, certo?

– Muito engraçado!

Conto os segundos mentalmente. Um minuto se passa. Depois, passam-se dois, depois quatro e, finalmente, dez minutos.

E depois quinze. Vinte minutos.

Olho para Tess, e ela dá de ombros.

– Vai ver a leitora portátil deles está enguiçada.

Decorrem trinta minutos. Não ousa sair da minha vigília. Receio que algo aconteça tão depressa que passe despercebido por mim, se eu piscar. Meus dedos tamborilam ritmadamente contra o cabo da minha faca.

Quarenta minutos. Cinquenta minutos. Uma hora.

– Alguma coisa está errada – murmuro.

Tess franze os lábios e diz:

– Você não sabe se está.

– Sei sim. O que poderia demorar tanto?

Tess abre a boca para responder, mas antes de poder dizer alguma coisa, os soldados saem da minha casa, numa fila única, e com os rostos impassíveis. Finalmente, o último soldado fecha a porta e pega uma coisa enfiada na cintura. Subitamente, fico tonto: sei o que vai acontecer.

O soldado borrifa uma linha diagonal comprida e vermelha na nossa porta, depois borrifa outra linha, formando um X.

Xingo silenciosamente e começo a me virar de costas, mas então o soldado faz uma coisa inesperada, que eu nunca havia visto.

Ele borrifa uma terceira linha, vertical, na porta da minha mãe, cortando o X pela metade.



JUNE

13H47.

**UNIVERSIDADE DE DRAKE, SETOR BATALLA.
22°C EM AMBIENTE FECHADO.**

Estou sentada na sala da secretária do reitor. De novo. Do outro lado da porta de vidro fosco, vejo um grupo de colegas meus de classe (veteranos, todos pelo menos quatro anos mais velhos do que eu), andando por ali, numa tentativa de ouvir o que está acontecendo. Vários deles me viram ser arrancada do exercício vespertino da classe (aula de hoje: como carregar e descarregar um rifle XM-621) por uma dupla de guardas ameaçadores. Sempre que isso acontece, a notícia logo se espalha no campus todo.

A pequena menina-prodígio favorita da República está encarcerada de novo.

A sala está silenciosa, exceto pelo fraco zumbido do computador da secretária do reitor. Memorizei todos os detalhes desta sala, os pisos de mármore cortados à mão e importados do estado de Dakota, 324 azulejos quadrados de plástico no teto, seis metros de cortinas cinzentas pendem nos dois lados do retrato do glorioso Eleitor na parede dos fundos da sala. Uma tela de trinta polegadas na parede lateral, sem som, tem uma legenda que diz: “Grupo de ‘Patriotas’ traidores lança bomba sobre uma base militar local e mata cinco”, seguida por “A República derrota as Colônias na batalha por Hillsboro”. Arisna Whitaker, a secretária do reitor, está sentada à sua mesa, dando pancadinhas no vidro do móvel; sem dúvida está digitando meu relatório. Esse será o oitavo neste trimestre. Posso apostar que sou a única estudante da Drake que já conseguiu oito relatórios sobre comportamento inadequado num só trimestre sem ser expulsa.

– Machucou a mão ontem, sra. Whitaker? – pergunto, após um tempinho.

Ela para de teclar e me olha fixamente.

– Por que acha isso, srta. Iparis?

– As pausas quando a senhora digita estão desencontradas. A senhora está usando mais a mão esquerda.

A sra. Whitaker suspira e se recosta na cadeira.

– Machuquei sim, June. Torci o pulso ontem num jogo de *kivaball*.

– Lamento. A senhora devia tentar balançar mais o braço, não o pulso.

Minha intenção era simplesmente declarar um fato. Mas minha frase soou meio zombeteira, e não a deixou muito contente. Ela disse:

– Vamos deixar clara uma coisa, srta. Iparis. A senhorita se acha muito inteligente. Talvez pense que suas excelentes notas a fazem merecer um tipo de tratamento especial. É possível até que ache que tem admiradores nesta escola, por causa desse burburinho lá fora. – Ela apontou para os estudantes reunidos do lado de fora da porta. – Mas eu não aguento mais nossas reuniões na minha sala. E pode acreditar, quando a senhorita se formar e este país escolher um posto onde a senhorita vai trabalhar, suas gracinhas não vão impressionar seus superiores. Entendido?

Aceno afirmativamente com a cabeça, porque é isso que ela quer que eu faça, mas a sra. Whitaker está enganada. Eu não apenas *me acho* inteligente. Sou a única pessoa em toda a República que alcançou a pontuação máxima de 1.500 na Prova. Designaram-me para cá, para a melhor universidade do país, aos doze anos, quatro anos antes do habitual. Eu ainda pulei meu segundo ano de faculdade. Há três anos recebo as notas máximas na Universidade de Drake. Eu *sou* inteligente. Tenho o que a República define como *bons genes*. Meus professores sempre dizem que genes melhores são a base dos melhores soldados, dos que trazem maiores oportunidades de vitória contra as Colônias. Acho que meus exercícios vespertinos não estão me ensinando o suficiente sobre como escalar muros portando armas, então... bem, não foi culpa *minha* eu ter precisado escalar a lateral de um edifício de dezenove andares com uma arma XM-621 presa por uma correia às minhas costas. Foi um autoaperfeiçoamento, pelo bem do meu país.

Corre por aí que Day uma vez escalou cinco andares em menos de oito segundos. Se o criminoso mais procurado da República é capaz dessa

façanha, como é que nós vamos conseguir prendê-lo se não formos tão rápidos quanto ele? E se a gente não conseguir prendê-lo, como vamos vencer a guerra?

A mesa da sra. Whitaker emite um sinal sonoro três vezes. Ela aperta um botão e diz:

– Pois não?

– O Capitão Metias Iparis está aqui no portão – responde uma voz. – Ele quer falar com a irmã.

– Tudo bem, pode mandá-lo entrar. – A secretária solta o botão e aponta um dedo para mim. – Espero que esse seu irmão comece a fazer um trabalho melhor quanto ao seu comportamento, porque se você vier à minha sala mais uma vez neste trimestre...

– Metias faz um trabalho melhor do que nossos falecidos pais – respondo, talvez mais rispidamente do que pretendia.

Um silêncio constrangedor domina a sala.

Após o que parece uma eternidade, finalmente escuto um tumulto do lado de fora. Os estudantes que estavam comprimidos contra a porta de vidro abruptamente se dispersam, e suas sombras se movimentam para o lado, a fim de abrir caminho para uma silhueta alta: meu irmão.

Quando Metias abre a porta e entra, vejo algumas garotas no hall abafando risinhos com as mãos. Metias, porém, concentra em mim toda a sua atenção. Temos os mesmos olhos, negros com um brilho dourado, os mesmos cílios compridos e cabelos pretos. Os longos cílios se acentuam especialmente em Metias. Mesmo com a porta fechada, ainda posso ouvir os sussurros e os risinhos do lado de fora. Parece que ele veio direto de sua ronda obrigatória para meu campus. Ele está usando seu uniforme completo: um paletó negro de oficial, com filas duplas de botões dourados, luvas (de neoprene, forro de polietileno, ornamentos do posto de capitão), dragonas reluzentes nos ombros, quepe militar formal, calças pretas, botas envernizadas. Meus olhos se encontram com os dele.

Ele está furioso.

A sra. Whitaker sorri afavelmente para Metias e exclama:

– Capitão! Que prazer em vê-lo!

Metias toca na aba do quepe, num cumprimento gentil, e diz:

– É uma pena que seja mais uma vez nessas circunstâncias. Minhas desculpas.

– Sem problema, capitão.

A secretária do reitor acena de modo indiferente. Tremenda puxa-saco, especialmente depois do que ela disse sobre o Metias!

– A culpa não é sua, capitão. Flagraram sua irmã escalando um prédio alto na hora do almoço hoje. Ela se afastou dois quarteirões do campus para fazer isso. Como o senhor sabe, os alunos só devem usar as paredes de escalada no campus durante o treinamento físico. Além disso, sair do campus no meio do dia é proibido...

– Sim, eu estou a par disso. – Metias para de falar e olha para mim com o canto do olho. – Vi helicópteros sobrevoando a Drake ao meio-dia, então *desconfiei* que a June talvez estivesse metida nisso.

Foram *três* helicópteros. Como não podiam escalar a lateral do prédio para me tirar dali, tiveram de me puxar com uma rede.

– Obrigada pela ajuda – disse Metias à secretária do reitor. Estalou os dedos para mim, o que era a dica para eu me levantar. – Quando June voltar ao campus, garanto que seu comportamento será muito melhor.

Ignoro o sorriso dissimulado da sra. Whitaker enquanto saio da sala com meu irmão e chegamos ao hall. Os estudantes vêm imediatamente até nós.

– June – diz um garoto chamado Dorian, ao se reunir a nós. Ele havia me convidado, sem êxito, dois anos seguidos, para comparecer ao baile anual da Drake. – É verdade mesmo? A que altura você chegou?

Metias o interrompe com um olhar severo e diz:

– A June está indo para casa.

Ele põe uma das mãos firmemente no meu ombro e me afasta dos meus colegas de classe. Olho para eles de relance e dou-lhes um sorriso.

– Catorze andares – grito para eles, o que os faz recomeçar a falar animadamente. De alguma forma, esse é o relacionamento mais próximo que tenho com os outros alunos da Drake. Sou respeitada, discutem e fofocam sobre mim, mas ninguém fala *pra valer* comigo.

Essa é a vida de uma estudante veterana de quinze anos, numa universidade destinada a alunos de dezesseis anos para cima.

Metias não diz mais uma palavra enquanto caminhamos pelos corredores, passamos pelos gramados centrais bem-tratados, pela gloriosa estátua do Eleitor, e finalmente por um dos ginásios cobertos. Passamos pelos exercícios vespertinos, nos quais eu supostamente deveria estar. Observo meus colegas de classe correr numa trilha gigantesca cercada por uma tela de 360 graus, simulando uma estrada desolada num *front* de guerra. Eles estão segurando rifles à sua frente, tentando carregá-los e descarregá-los o mais depressa possível, enquanto correm. Na maioria das outras universidades, não há tantos alunos soldados, mas, na Drake, quase todos nós estamos a caminho de designações de carreira nas forças armadas da República. Alguns outros são selecionados para a política e o Congresso, e outros são escolhidos para lecionar. Drake, porém, é a melhor universidade da República, e sabendo que os melhores alunos são sempre designados para as forças armadas, a sala de treinamento está repleta de estudantes.

Quando chegamos a uma das ruas fora da Drake, eu subo no assento traseiro do jipe militar que nos espera. Metias mal consegue conter sua raiva:

– Suspensa por uma semana? Dá pra me explicar o que houve? Volto depois de passar a manhã lidando com os rebeldes Patriotas, e o que me contam? Que há helicópteros a dois quarteirões da Drake porque uma garota está escalando um arranha-céu.

Troco um olhar amigável com Thomas, o soldado no assento do motorista, e murmuro:

– Desculpe.

Metias se vira do assento do carona e estreita os olhos para mim:

– Por que você fez essa idiotice? Você sabia que tinha ido além do campus?

– Sabia.

– É claro, você tem *quinze* anos. Você escalou catorze andares de um... – Ele respira fundo, fecha os olhos, e se controla. – Só pra variar, eu gostaria

que me deixasse cumprir meus deveres diários sem morrer de preocupação com o que você possa estar aprontando.

Tento trocar olhares com Thomas de novo pelo espelho retrovisor, mas ele está olhando fixamente para a rua. É claro que eu não devo esperar nenhuma ajuda dele. Ele está tão arrumado como sempre, com o cabelo perfeitamente penteado e o uniforme perfeitamente passado. Não há um fio fora do lugar. Thomas deve ser muitos anos mais novo do que Metias, é um subordinado na sua patrulha, porém é mais disciplinado do que qualquer pessoa que conheço. Às vezes gostaria de ser disciplinada assim. É provável que ele desaprove minhas travessuras ainda mais do que Metias.

Saímos do centro de Los Angeles e percorremos em silêncio a sinuosa rodovia. Dos arranha-céus de cem andares do centro de Batalla o panorama se altera para as densamente populosas torres de caserna e conjuntos habitacionais de civis, cada um com vinte ou trinta andares de altura, com luzes vermelhas indicadoras piscando nos telhados, a maioria com a pintura desbotada depois da série de tempestades desse ano. Vigas metálicas de apoio se entrecruzam nas paredes. Espero que em breve eles fortaleçam essas vigas. Ultimamente a guerra tem sido intensa, e com as várias décadas de recursos de infraestrutura sendo desviados para abastecer o *front*, não sei se os prédios aguentariam mais um terremoto.

Depois de alguns minutos, Metias continua, com voz mais calma:

– Você hoje realmente me assustou. Tive medo de que eles te confundissem com o Day e atirassem em você.

Sei que ele não quer que essa frase soe como um elogio, mas não consigo evitar de sorrir. Debruço-me para a frente para descansar os braços em cima do assento dele.

– Ei! – digo, puxando-lhe a orelha, como eu fazia quando criança. – Desculpa ter deixado você preocupado.

Ele emite um risinho debochado, mas percebo que sua raiva está diminuindo.

– Sei... você diz isso toda vez, Joaquina. A Drake não está ocupando seu cérebro o suficiente? Se não está, então não sei o que poderia fazer isso.

– Sabe de uma coisa? Se você me levasse em algumas de suas missões, é provável que eu aprendesse muito mais e não me metesse em confusão.

– Boa tentativa, mas você não vai a lugar algum até se formar e designarem sua própria patrulha.

Mordo a língua. Metias me escolheu uma vez – *uma vez* – para uma missão no ano passado, quando todos os alunos do terceiro ano da Drake tiveram de seguir de perto uma divisão das forças armadas. Seu comandante o mandou matar um prisioneiro de guerra fugitivo das Colônias. Metias me levou com ele, e juntos perseguimos o PDG cada vez mais para dentro do nosso território, distante das cercas divisórias e da faixa de terra entre Dakota e o Texas Ocidental, que separa a República das Colônias. Chegamos bem longe do *front* de guerra, onde aeronaves pontilham o céu. Eu o encurralei num beco em Yellowstone City, em Montana, e Metias o matou a tiros.

Durante a perseguição, quebrei três costelas e me enfiaram uma faca na perna. Agora Metias se recusa a me levar a qualquer lugar.

Quando Metias fala de novo, mostra-se curioso, embora rabugento.

– Me conta uma coisa – sussurra ele –, em quanto tempo você escalou aqueles catorze andares?

Thomas faz um som desaprovador com a garganta, mas eu abro um sorriso: a tempestade passou. Metias voltou a me amar.

– Seis minutos – murmuro para meu irmão – e quarenta e quatro segundos. Que tal?

– Deve ser um recorde. Mas isso, você sabe, não quer dizer que você deva fazer o que fez.

Thomas para o jipe num sinal vermelho, dirige um olhar exasperado a Metias, então diz:

– Francamente, capitão! June, isto é, a srta. Iparis não vai aprender nada se o senhor continuar a elogiá-la por quebrar as normas.

– Anime-se, Thomas! – Metias se inclina e dá uma pancadinha nas costas do motorista. – É claro que quebrar uma norma de vez em quando é tolerável, especialmente se você fizer isso para aumentar suas habilidades em prol da República. Vitória contra as Colônias, certo?

Acende-se o sinal verde. Thomas volta a manter o olhar concentrado na rua (ele parece contar mentalmente até três antes de sair com o jipe).

– Certo – resmunga –, mas mesmo assim o senhor deve tomar cuidado com o que está incentivando a srta. Iparis a fazer, especialmente porque seus pais já faleceram.

A boca de Metias se contrai, e uma expressão familiar tensa lhe surge nos olhos.

Independentemente do alto grau de percepção de minha intuição, independentemente de como eu me saia bem na faculdade, ou da contagem máxima que sempre alcanço nos exercícios de defesa e alvo, e também no combate corpo a corpo, os olhos de Metias sempre expressam medo. Ele receia que alguma coisa possa acontecer comigo um dia, como o acidente de carro que matou nossos pais. Esse medo está sempre estampado no seu rosto. E Thomas sabe disso.

Não conheci nossos pais tempo bastante para sentir falta deles como Metias. Sempre que choro por causa da morte deles, choro porque não tenho nenhuma lembrança dos dois, apenas lembranças nebulosas de pernas compridas de adultos se movimentando no nosso apartamento, ou de mãos me erguendo da minha cadeirinha de criança. E só isso. Todas as demais lembranças de minha infância, ao olhar para a plateia quando recebo um prêmio, ao tomar sopa feita para mim quando adoço, ou ser posta na cama, são de Metias.

Passamos de carro por metade da área de Batalla e alguns quarteirões de gente pobre. “Será que esses mendigos não podem se afastar do nosso jipe?” Finalmente chegamos aos cintilantes prédios com varandas do Rubi, estamos em casa. Metias salta primeiro. Quando me preparo para sair, Thomas sorri levemente.

– Até mais, srta. Iparis – diz ele, tocando no quepe.

Parei de tentar convencê-lo a me chamar de June, ele nunca vai mudar. Entretanto, não é mau ser chamada de algo adequado. Talvez quando eu for mais velha e Metias não desmaiar à ideia de eu namorar...

– Tchau, Thomas. Obrigada pela carona.

Eu retribuo o sorriso antes de saltar do jipe.

Metias espera a porta se fechar antes de se virar para mim e baixar a voz:

– Vou chegar tarde hoje à noite – diz ele. Seus olhos voltam a expressar tensão. – Não saia sozinha. Recebi uma notícia do *front* de operações de que vão cortar a luz das casas esta noite para economizar energia para as bases dos aeroportos. Portanto, sossegue o facho, está bem? As ruas vão ficar mais escuras do que de costume.

Fico decepcionada. Queria que a República se apressasse e ganhasse logo a guerra, para que a gente pudesse ter eletricidade sem apagões um mês inteiro.

– Aonde você vai? Posso ir junto?

– Vou supervisionar o laboratório do centro de Los Angeles. Vão entregar lá frascos de um vírus em mutação. Não deve demorar a noite toda. E eu já disse a você que *não, nada de missões*. – Metias hesita. – Vou chegar o mais cedo possível. Temos muito que conversar. – Ele põe as mãos nos meus ombros, ignora minha expressão perplexa, e me dá um beijinho na testa. – Eu te amo, Joaninha – essa é sua marca registrada ao se despedir. Ele se vira e entra no jipe de novo.

– Eu não vou ficar acordada esperando você – grito para ele, mas a essa altura ele já está dentro do jipe, que se afasta. – Tenha cuidado! – digo em voz baixa.

Mas agora é inútil. Metias já está longe demais para me ouvir.

DAY

Quando eu tinha sete anos, meu pai passou uma semana de licença em casa, vindo do *front*. Seu trabalho era pôr em ordem as coisas que os soldados da República bagunçavam, por isso ele estava quase sempre fora de casa, e mamãe tinha de nos criar sozinha. Daquela vez, quando ele veio para casa, as patrulhas da cidade fizeram uma inspeção de rotina no imóvel, então arrastaram meu pai para a sede da polícia local, para ser interrogado. Acho que eles devem ter encontrado alguma coisa suspeita.

A polícia o trouxe de volta com os dois braços quebrados, e o rosto sangrando e machucado.

Várias noites depois, mergulhei uma bola de gelo triturado numa lata de gasolina, deixei que o óleo revestisse o gelo numa espessa camada, e a acendi. Depois a arremessei com meu estilingue pela janela da sede da polícia local. Eu me lembro dos carros de bombeiros que pouco depois vieram zunindo em redor do quarteirão, e das ruínas carbonizadas da ala oeste do prédio da polícia. Nunca descobriram quem foi o responsável, e eu, claro, não me denunciei. Afinal de contas, não havia provas. Eu cometera meu primeiro crime perfeito.

Minha mãe costumava ter a esperança de que eu renasceria de minhas humildes raízes, de que me tornaria bem-sucedido, e até famoso.

Famoso eu sou, mas não da forma que ela tinha em mente.



É anoitecer de novo, mais de quarenta e oito horas desde que os soldados marcaram a porta da minha mãe.

Espero nas sombras de um beco nos fundos do Hospital Central de Los Angeles e observo os funcionários entrando e saindo pela entrada principal. A noite está nublada, não há lua, assim, não consigo nem distinguir no alto do edifício o cartaz despedaçado da Torre do Banco. Luzes elétricas brilham

em cada andar, um luxo que apenas os prédios governamentais e as casas da elite podem ter. Jipes militares se acumulam na rua enquanto esperam autorização para entrar nos estacionamentos subterrâneos. Alguém verifica suas identidades. Eu fico imóvel, com os olhos fixos na entrada.

Eu estou incrível hoje. Estou usando meu belo par de botas, feitas de couro escuro e amaciado com o tempo, com cadarços fortes e bico de aço. Eu comprei essas botas com 150 Notas do dinheiro guardado. Escondi uma faca na sola de cada bota. Quando mexo os pés, sinto o metal frio na pele. Minhas calças pretas estão enfiadas no cano das botas, e carrego um par de luvas e um lenço preto nos bolsos. Uma camisa preta de mangas compridas está amarrada ao redor da minha cintura. Meu cabelo solto passa dos ombros. Desta vez borrifei de preto meu cabelo louro como trigo, ficou como se eu o tivesse mergulhado em breu. Mais cedo, Tess havia trocado 5 Notas por um balde de sangue de leitão, no beco dos fundos de uma cozinha. Meus braços, minha barriga e meu rosto estão lambuzados desse sangue. Também passei lama no rosto, por precaução.

O hospital ocupa os primeiros doze andares do edifício, mas só estou interessado no andar sem janelas. É o terceiro andar, que abriga o laboratório onde estão as amostras de sangue e os remédios. Do lado de fora, o laboratório fica totalmente escondido atrás de sofisticados entalhes de pedra e desgastadas bandeiras da República. Atrás da fachada, há um vasto andar, sem hall e sem portas: é um cômodo gigantesco, com médicos e enfermeiras atrás de máscaras brancas, tubos de ensaio e pipetas, incubadoras e macas. Eu sei disso porque já estive lá. Estive lá no dia em que fui reprovado na minha Prova, o dia em que eu supostamente devia ter morrido.

Meus olhos examinam as laterais da torre. Às vezes consigo invadir um edifício pelo lado de fora, depois de observá-lo, de ver se há sacadas das quais saltar e parapeitos de janelas onde me equilibrar. Uma vez escalei um edifício de quatro andares em menos de cinco segundos, mas essa torre é lisa demais, sem apoio para os pés. Vou precisar alcançar o laboratório pelo lado de dentro. Estremeço um pouco, mesmo no calor, e me arrependo de não ter chamado a Tess para vir comigo. Entretanto, é mais fácil pegar dois

invasores do que um. Além disso, não é a família *dela* que precisa de remédios. Certifico-me de ter escondido meu medalhão debaixo da camisa.

Um caminhão de remédios estaciona atrás dos jipes militares. Vários soldados sobem e cumprimentam as enfermeiras, enquanto outros descarregam as caixas do caminhão. O líder do grupo é um rapaz de cabelo preto, todo vestido de preto, exceto por duas fileiras de botões dourados que se enfileiram no seu paletó de oficial. Esforço-me para ouvir o que ele está dizendo a uma das enfermeiras:

– ... do redor da beira do lago. – O homem aperta as luvas. Vejo que carrega uma arma no cinto. – Meus homens estarão nas entradas hoje à noite.

– Sim, capitão – diz a enfermeira.

O homem a cumprimenta com o quepe:

– Meu nome é Metias. Se você tiver alguma pergunta, fale comigo.

Espero até que os soldados se espalhem pelo perímetro do hospital e que o homem chamado Metias se concentre numa conversa com dois dos seus homens. Vários outros caminhões com remédios vêm e vão, largando soldados, alguns com membros quebrados, outros com cortes profundos na cabeça ou lacerações nas pernas. Respiro fundo, depois saio das sombras e me dirijo aos tropeções à entrada do hospital.

Uma enfermeira me vê, perto das portas principais. Seus olhos percebem rapidamente o sangue nos meus braços e rosto.

– Posso ser internado, amiga? – pergunto a ela. Gemo, como se estivesse sentindo dor. – Tem algum quarto vago? Eu posso pagar.

Ela me olha sem piedade, antes de voltar a rabiscar num bloco de notas. Acho que ela não gostou do afetuoso “amiga”. Um crachá de identidade balança no seu pescoço. Ela pergunta:

– Que aconteceu?

Eu me dobro em dois quando me aproximo dela e fico de joelhos:

– Foi uma briga – digo, gemendo. – Acho que me apunhalaram.

A enfermeira não volta a me olhar. Acaba de escrever, aponta com a cabeça para um dos guardas, e ordena:

– Revistem-no.

Fico imóvel enquanto dois guardas me revistam, à procura de armas. Dou um gemido no momento certo, quando eles tocam meus braços ou minha barriga. Eles não encontram as facas enfiadas nas minhas botas. Apanham o pequeno maço de Notas preso ao meu cinto, pagamento para ser internado no hospital. É claro que eles fariam isso.

Se eu fosse um mauricinho do setor dos ricos, seria internado sem pagar nada. Ou mandariam um médico me atender de graça na minha casa.

Quando os soldados fazem à enfermeira um sinal com os polegares para cima, ela me aponta a entrada e diz:

– A sala de espera é à esquerda. Sente-se lá.

Eu agradeço e vou aos tropeções pelas portas giratórias. O homem chamado Metias me observa quando passo. Ele está ouvindo pacientemente um dos soldados, mas vejo que examina meu rosto como se fosse inusitado. Eu também gravo mentalmente o rosto dele.

Por dentro, o hospital é fantasmagoricamente branco. Vejo a sala de espera à minha esquerda, como disse a enfermeira, é um enorme espaço lotado de gente com todos os tipos e tamanhos de ferimentos. Muitas pessoas gemem de dor. Uma pessoa está imóvel no chão. Nem quero adivinhar há quanto tempo algumas delas estão ali, nem quanto pagaram para ser atendidas. Reparo onde estão todos os soldados. Dois estão ao lado da janela da secretária, dois ao lado da porta do médico, a certa distância, vários perto dos elevadores, cada um usando um crachá de identificação, e então fico olhando para o chão. Ando com dificuldade até a cadeira mais próxima e me sento. Desta vez, meu joelho ruim é útil e me ajuda com meu disfarce. Mantenho as mãos comprimindo a lateral do meu corpo, por precaução.

Conto mentalmente até dez minutos, tempo suficiente para novos pacientes chegarem à sala de espera e os soldados se interessarem menos por mim. Então me levanto, finjo tropeçar, e ando vacilante em direção ao soldado mais próximo. Sua mão, num reflexo, pega na arma.

– Sente-se de novo – diz ele.

Tropeço e caio contra ele.

– Preciso ir ao banheiro – sussurro, com voz rouca. Minhas mãos tremem quando seguro no uniforme preto dele, para me equilibrar. O soldado me olha com nojo e alguns dos seus colegas riem debochadamente. Vejo os dedos dele se mexerem lentamente e se posicionarem no gatilho da arma, mas um dos outros soldados sacode negativamente a cabeça. Nada de tiros no hospital. O soldado me afasta com um empurrão, então aponta com a arma para o fim do corredor.

– É lá – diz rispidamente. – Veja se limpa um pouco dessa sujeira na sua cara. E se você me tocar novamente, vou te encher de balas.

Eu o solto e quase caio de joelhos. Depois me viro e cambaleio até o banheiro. Minhas botas de couro rangem ao pisar nos azulejos do chão. Sinto os olhos do soldado em mim quando entro no banheiro e tranco a porta.

Não importa. Eles vão se esquecer de mim daqui a uns dois minutos. E vai demorar vários minutos antes que o soldado a quem me agarrei se dê conta de que o seu crachá sumiu.

Dentro do banheiro, abandono minha pequena farsa de doente. Jogo água no rosto e esfrego até sair a maior parte do sangue do leitão e da lama. Descalço as botas e rasgo as palmilhas para pegar minhas facas, que então enfio no cinto. Volto a calçar as botas, depois desato a camisa de gola preta da cintura e a visto, abotoando até o pescoço e prendendo os suspensórios nela. Puxo o cabelo para trás num rabo de cavalo apertado e enfio a ponta na camisa, para que ele fique comprimido contra minhas costas.

Finalmente, calço as luvas e amarro um lenço preto em volta da boca e do nariz. Se alguém me pegar agora, vou ser mesmo obrigado a fugir, de modo que é melhor esconder o rosto.

Quando termino, uso a ponta de uma das facas para desparafusar a tampa do duto de ventilação do banheiro. Então pego o crachá de identificação do soldado, prendo-o ao cordão no meu pescoço, e me meto de cabeça no túnel do duto.

O ar no duto tem um cheiro esquisito. Ainda bem que estou com um lenço no rosto. Vou me esgueirando pouco a pouco, o mais rapidamente que posso. O duto não deve ter mais de sessenta centímetros de largura em

qualquer direção. Cada vez que eu me mexo à frente, tenho de fechar os olhos e me lembrar de respirar, lembrar que as paredes de metal à minha volta não estão me comprimindo. Não preciso ir longe, nenhum desses dutos leva ao terceiro andar. Só tenho de ir longe o bastante para sair próximo de uma das escadas do hospital, longe dos soldados no primeiro andar. Esforço-me para avançar. Penso no rosto de Éden, nos remédios que ele, John e minha mãe vão precisar tomar, e no estranho X vermelho atravessado por uma linha.

Depois de vários minutos, o vão chega ao fim. Olho pelo respiradouro, e sob as nergas de luz enxergo parte de uma escada curvada. O chão é imaculadamente branco, quase lindo, e, o que é mais importante, está vazio. Conto mentalmente até três, estico meus braços para trás o máximo que posso, então empurro com força a tampa do duto. A tampa voa. Consigo ver bem a curva da escada: é uma câmara grande e cilíndrica, com altas paredes de gesso e minúsculas janelas. É um enorme conjunto de escadas em espiral.

Agora me mexo a toda velocidade e sem nenhuma dissimulação. “Corre!” Eu me espremo para sair do duto e subo correndo os degraus. Na metade do caminho, agarro o corrimão e me arremesso até a curva mais próxima e alta. As câmeras de segurança devem estar focalizadas em mim. A qualquer instante vai soar um alarme. Segundo andar, terceiro andar. Meu tempo está acabando. Quando me aproximo da porta do terceiro andar, arranco o crachá de identidade do medalhão e paro tempo suficiente para passá-lo pela leitora da porta. As câmeras de segurança não dispararam o alarme em tempo de trancar a passagem pelas escadas. O trinco da porta clica: estou dentro. Abro a porta com rapidez.

Estou num enorme cômodo com fileiras de macas e substâncias químicas com tampas metálicas. Doutores e soldados me olham estupefatos.

Agarro a primeira pessoa que vejo: um jovem médico perto da porta. Antes que um dos soldados possa apontar uma arma na nossa direção, pego uma das minhas facas e a ponho junto do pescoço do homem. Os demais médicos e enfermeiras ficam paralisados. Vários deles gritam.

– Se alguém atirar, ele é que vai ser atingido – grito para os soldados, por baixo do meu lenço. As armas deles miram em mim. O médico treme enquanto eu o seguro firmemente.

Pressiono minha faca mais fortemente contra o seu pescoço, tomando cuidado para não machucá-lo.

– Não vou machucar você – murmuro ao ouvido dele. – É só me dizer onde estão os remédios para curar a praga.

Ele emite um gemido sufocado, e sinto que está suando. Ele aponta para as geladeiras. Os soldados continuam a hesitar, mas um deles se dirige a mim:

– Solte o doutor! – grita. – E levante as mãos.

Tenho vontade de rir. O soldado deve ser um novo recruta. Atravesso o cômodo com o doutor, paro junto às geladeiras, e digo a ele:

– Mostre onde estão.

O médico ergue a mão trêmula e abre a porta da geladeira. Uma lufada de vento gelado nos atinge. Eu me pergunto se o médico pode sentir que meu coração está batendo a mil.

– Aí estão – murmura ele.

Dou as costas para os soldados tempo bastante para ver o médico apontar para a prateleira mais alta do frigorífico. Metade dos frascos na prateleira está rotulada com o X de três linhas: *T. Filoviridae Virus Mutations*. A outra metade dos frascos está etiquetada 11.30 *Curas*. Todos os frascos, porém, estão vazios: os remédios acabaram. Digo um palavrão baixinho. Meus olhos percorrem outras prateleiras, mas elas só apresentam redutores da praga e diversos antibióticos. Digo outro palavrão. É tarde demais para voltar.

– Vou soltá-lo – sussurro para o médico. – Abaixese.

Solto o homem e o empurro com força suficiente para que ele caia de joelhos.

Os soldados abrem fogo, mas estou preparado para eles: eu me escondo atrás da porta aberta da geladeira, e as balas ricocheteiam. Agarro vários vidros de redutores e os meto na camisa. Eu me protejo. Uma das balas

perdidas me pega de raspão, sinto uma dor lancinante no braço. Estou quase na saída.

Um alarme dispara quando me arremesso pela porta da escadaria. Ouvem-se vários cliques quando todas as portas na escadaria se trancam pelo lado de dentro. Estou encurralado. Os soldados podem vir por qualquer porta, eu não vou conseguir sair. Gritos e passos ecoam no laboratório. Uma voz grita:

– Ele está ferido!

Meus olhos se concentram nas minúsculas janelas nas paredes de gesso da escadaria. Elas estão muito longe para que eu possa alcançá-las dos degraus. Ranjo os dentes e pego minha segunda faca. Agora tenho uma em cada mão. Rezo para que o gesso seja macio o bastante, depois pulo dos degraus e me atiro contra as paredes.

Enfio uma faca no gesso. Meu braço machucado jorra sangue, e eu grito por causa do esforço. Estou pendurado a meio caminho entre minha plataforma de lançamento e a janela. Balanço para a frente e para trás com a maior força que consigo.

O gesso está cedendo.

Atrás de mim, ouço a porta do laboratório se abrir violentamente e soldados saírem correndo. Balas cruzam de todos os lados. Eu me arremesso rumo à janela e solto a faca enfiada na parede.

A janela estoura de repente, então, subitamente, me vejo do lado de fora, na noite, e caindo, caindo, caindo como um cometa até o primeiro andar. Rasgo minha camisa de manga comprida e ela se enche de ar atrás de mim enquanto pensamentos me percorrem a cabeça. Meus joelhos se dobram. Primeiro os pés. Relaxo os músculos. Bato com as solas dos pés. Rolo o corpo. O chão parece se precipitar contra mim. Tento aguentar o choque.

O impacto me causa dificuldade para respirar. Eu giro quatro vezes e me esborracho na parede do outro lado da rua. Por um instante fico ali atordoado, completamente impotente. Acima de mim ouço vozes furiosas, vindas da janela do terceiro andar, ao passo que os soldados se dão conta de que vão ter de voltar para o laboratório e desarmar o alarme. Meus sentidos pouco a pouco se aguçam. Agora tenho total consciência da dor em um lado

do corpo e no braço. Meu peito lateja. Acho que fracturei uma costela. Quando tento me levantar, percebo que também torci um tornozelo. Não sei dizer se a adrenalina está evitando que eu sinta outros efeitos da queda.

Ouçõ gritos vindos da esquina do prédio. Forço-me a raciocinar. Estou perto dos fundos do edifício, então, há vários becos atrás de mim que levam à escuridão. Vou mancando em direção à sombra.

Quando olho por cima do ombro, vejo um pequeno grupo de soldados correndo para o local onde caí, eles apontam para os cacos de vidro e o sangue. Um dos soldados é o jovem capitão que vi antes, o homem chamado Metias. Ele ordena a seus subordinados que se espalhem. Apresso o passo e tento ignorar a dor. Curvo os ombros para que minha roupa e meus cabelos negros ajudem a me misturar na escuridão. Mantenho os olhos para baixo. Preciso encontrar uma tampa de bueiro.

Os cantos da minha visão estão turvos. Ponho uma das mãos na orelha, para ver se está sangrando. Por enquanto não, o que é um bom sinal. Momentos depois, avisto uma tampa de bueiro na rua. Suspiro, ajeito o lenço negro que me cobre o rosto, e me inclino para levantar a tampa.

– Parado! Fique onde está.

Dou uma volta com o corpo e vejo Metias, o jovem capitão da entrada do hospital, me encarando. Tem uma arma apontada diretamente para meu peito mas, para minha surpresa, ele não a dispara. Agarro a faca que me resta. Alguma coisa muda no olhar dele, eu sei que ele me reconhece: sou o garoto que fingiu cambalear para entrar no hospital. Sorrio, eu agora tenho um bocado de ferimentos para o hospital tratar.

Metias estreita os olhos e diz:

– Mãos para cima. Você está preso por roubo, vandalismo e invasão de propriedade.

– Você não vai me prender vivo.

– Terei prazer em levá-lo morto, se você preferir.

O que acontece em seguida é uma névoa para mim. Vejo Metias tenso, prestes a disparar sua arma. Atiro minha faca contra ele com toda a força. Antes que ele possa disparar, minha faca o atinge no ombro com força e ele cai para trás, com um baque. Não espero para vê-lo se levantar. Eu me

debruço e, com esforço, levanto a tampa do esgoto, depois desço pela escada e penetro na escuridão, após colocar a tampa no lugar.

Meus ferimentos estão se fazendo sentir agora. Tropeço enquanto percorro os esgotos. Minha visão entra e sai de foco, uma das mãos comprime com força um lado do meu corpo. Tomo cuidado para não tocar nas paredes. Cada vez que respiro, sinto dor. Eu devo ter fraturado uma costela. Estou alerta o bastante para saber em que direção estou indo e me concentro em rumar para o setor Lake. Tess estará lá. Ela vai me encontrar e me ajudar a ficar em segurança. Penso ouvir o estrondo de passos acima, gritos de soldados. Sem dúvida alguém já descobriu o Metias, e é capaz de eles terem se dirigido para os bueiros também. Eles talvez estejam me perseguindo bem de perto, com uma matilha de cães. Resolvo dar várias voltas e andar na água imunda do esgoto. Atrás de mim, ouço respingos e sons de vozes. Dou mais voltas. As vozes se aproximam, depois se afastam. Mantenho minha direção original fixa na cabeça.

Seria irônico, não seria? Ter fugido do hospital e acabar morrendo aqui, perdido num labirinto vertiginoso de bueiros.

Conto os minutos para me impedir de desmaiar. Cinco minutos, dez minutos, trinta minutos, uma hora. Os passos atrás de mim soam distantes agora, como se estivessem num caminho diferente do meu. Às vezes ouço sons estranhos, algo parecido com um tubo de ensaio borbulhante, e um som de tubulação de vapor, uma lufada de ar. Isso vai e vem durante duas horas. Duas horas e meia. Quando vejo a próxima escada que leva à superfície, resolvo arriscar e me puxar para cima. Corro o perigo de desmaiar agora. Recorro a toda a força que me resta para me arrastar até a rua. Estou num beco escuro. Quando recupero a respiração, pisco para desanuviar a vista, e examino os arredores.

Consigo enxergar a estação de trem, a Union Station, a vários quarteirões de distância. Não estou longe agora. Tess vai estar lá, esperando por mim.

Mais três quarteirões. Mais dois quarteirões.

Só falta um quarteirão. Não suporto mais. Encontro um local escuro no beco e desmorono de repente. A última coisa que vejo é a silhueta de uma

garota a distância. Talvez ela esteja vindo na minha direção. Eu me enrosco todo e desmaio.

Antes de apagar, percebo que meu medalhão já não está no meu pescoço.



Ainda me lembro do dia em que meu irmão perdeu sua cerimônia de posse no serviço militar da República.

Era uma tarde de domingo. Quente e suja. Nuvens pardas cobriam o céu. Eu tinha sete anos, e Metias, dezenove. Meu filhote de cão pastor branco, Ollie, dormia no chão frio de mármore de nosso apartamento. Eu estava de cama, com febre, com Metias sentado ao meu lado, seu rosto franzido de preocupação. Dava para ouvir os alto-falantes lá fora, tocando o Juramento de Lealdade à República. Quando chegou a parte mencionando nosso presidente, Metias levantou-se e fez uma continência na direção da capital. Nosso ilustre Primeiro Eleitor havia acabado de aceitar o quarto mandato presidencial. Isso significava seu décimo primeiro período de gestão.

– Você sabe que não precisa ficar aqui comigo, né? – falei a ele depois que terminou o Juramento. – Vá tomar posse. De qualquer jeito, eu estou doente mesmo.

Metias me ignorou e pôs mais uma toalha fria na minha testa.

– Eu vou tomar posse de qualquer maneira, indo ou não à cerimônia – disse ele, e me deu uma fatia de laranja. Lembro dele descascando a laranja para mim. Ele cortou uma linha comprida e reta na casca da fruta, depois retirou tudo de uma só vez.

– Mas é a Comandante Jameson. – Pisquei com os olhos inchados. – Ela fez um favor quando não te designou para o *front*, vai ficar aborrecida se você não comparecer. Será que ela não vai anotar isso no seu histórico? Você não vai querer ser expulso como se fosse um vigarista qualquer.

Metias bateu de leve no meu nariz, de maneira desaprovadora, e disse:

– Não chame as pessoas assim, Joaquina: é grosseiro. E ela não pode me expulsar da sua patrulha por eu não ter ido à cerimônia. Além disso – acrescentou ele, piscando o olho –, eu posso invadir o banco de dados e deixar minha ficha limpinha.

Dei um risinho. Eu também queria tomar posse como militar, usando os trajes pretos da República. Talvez eu até tivesse a sorte de ser designada para um comandante renomado, como aconteceu com o Metias. Abri a boca para ele me dar mais um pedaço de laranja e disse:

– Você devia ir menos a Batalla. Quem sabe assim você arranjaría uma namorada?

Metias riu e respondeu:

– Eu não preciso de namorada. Tenho uma irmãzinha para tomar conta.

– Corta essa! *Algum dia* você vai arranjar uma namorada.

– Vamos ver. Acho que sou muito exigente.

Parei e olhei meu irmão diretamente nos olhos:

– Metias, nossa mãe tomava conta de mim quando eu estava doente? Ela fazia esse tipo de coisa que você está fazendo?

Metias se debruçou e tirou fios suados de cabelo do meu rosto.

– Não seja boba, Joantina. É claro que mamãe tomava conta de você, e fazia isso muito melhor do que eu.

– Não. *Você* é quem melhor toma conta de mim – disse. Minhas pálpebras estavam ficando pesadas.

Meu irmão sorriu e disse:

– Legal você dizer isso.

– Você não vai me deixar também, né? Você vai ficar comigo mais tempo do que mamãe e papai?

Metias me beijou na testa e respondeu:

– Vou ficar com você para sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar pra minha cara.



00H01.

SETOR RUBI.

22°C EM AMBIENTE FECHADO.

Sei que alguma coisa está errada no instante em que Thomas aparece na nossa porta. Falta luz em todos os prédios residenciais, exatamente como Metias disse que aconteceria, e apenas lampiões a óleo iluminam o apartamento. Ollie está latindo por causa da tempestade. Estou vestida com meu uniforme de treinamento, um colete preto e vermelho, botas amarradas e o cabelo preso num rabo de cavalo apertado. Por um momento, fico contente de não ser Metias esperando na porta. Ele me veria de pé, e assim saberia que estou pronta para sair, desobedecendo à sua ordem, mais uma vez.

Quando abro a porta, Thomas tosse nervosamente por causa da expressão de surpresa do meu rosto, logo finge sorrir. Há uma mancha de graxa preta na sua testa, provavelmente feita pelo seu dedo indicador. Isso quer dizer que ele poliu seu rifle de tardinha e que a inspeção de sua patrulha é amanhã. Cruzo os braços. Ele me cumprimenta gentilmente com o quepe:

– Olá, srta. Iparis – diz ele.

Respiro fundo e digo:

– Estou indo à pista de treinamento. Onde está Metias?

– A Comandante Jameson pediu que a senhorita vá comigo ao hospital o mais depressa possível.

Thomas hesita um instante e continua:

– É mais uma ordem do que um pedido.

Sinto um vazio no estômago e pergunto:

– Por que ela não me telefonou?

– Ela prefere que eu acompanhe a senhorita.

– Por quê? – Elevo a voz. – Onde está meu irmão?

Agora é Thomas que respira fundo. Pressinto o que ele vai dizer:

– Sinto muito. Mataram o Metias.

Neste instante, o mundo ao meu redor fica silencioso.

Como se de uma grande distância, vejo que Thomas continua a falar, gesticular, e me abraça. Eu também o abraço, sem me dar conta do que estou fazendo. Não sinto nada. Aceno que sim com a cabeça quando ele me ampara e me pede para fazer uma coisa: segui-lo. Ele põe um braço em

volta dos meus ombros. O focinho úmido de um cachorro cutuca minha mão. Ollie me segue quando saio do apartamento, eu mando que fique quieto. Tranco a porta, ponho a chave no bolso e deixo que Thomas nos guie na escuridão até a escada. Ele fala sem parar, mas não escuto nada. Fico olhando fixamente para os adornos metálicos espelhados que revestem a escadaria, para os reflexos, meu e de Ollie, distorcidos.

Não consigo expressar nenhuma emoção. Nem sei se tenho uma.

Metias devia ter me levado com ele. Esse é meu primeiro pensamento coerente quando chegamos ao andar térreo do nosso prédio alto e subimos no jipe que nos espera. Ollie pula para o assento traseiro e mete a cabeça para fora da janela. O veículo tem um cheiro úmido, como borracha, metal e suor recente. Um grupo de pessoas deve ter viajado aqui há pouco tempo. Thomas se senta no assento do motorista e se certifica de que estou com o cinto de segurança afivelado. Que coisa pequena e irrelevante!

Metias devia ter me levado com ele.

Esse pensamento não me sai da cabeça. Thomas não fala mais nada. Ele me deixa ficar olhando a cidade às escuras enquanto viajamos, e ocasionalmente me olha hesitante. Uma pequena parte de mim ressalta que devo pedir desculpas a ele depois.

Meus olhos vidrados observam os edifícios familiares à medida que passamos por eles. Pessoas, a maioria operários contratados nas favelas, se aglomeram em estandes no primeiro andar, mesmo com as luzes apagadas, debruçadas sobre tigelas de comida barata no andar das lanchonetes. Nuvens de vapor flutuam a distância. Telões, sempre ligados, independentemente da escassez de luz, exibem as advertências mais recentes sobre inundações e quarentenas. Algumas são sobre os Patriotas. Dessa vez sobre mais um bombardeio em Sacramento, que matou meia dúzia de soldados. Uns cadetes, meninos de onze anos com faixas amarelas nas mangas, permanecem nos degraus externos de uma escola preparatória, na qual as letras antigas, gastas, quase completamente desbotadas, dizem *Sala de Concertos Walt Disney*. Vários outros jipes militares passam pelo cruzamento na rua, e vejo o rosto impassível dos soldados. Alguns usam óculos de proteção, de modo que não consigo ver os olhos deles.

O céu está mais encoberto do que o normal, o que significa uma tempestade iminente. Puxo o capuz para cobrir a cabeça, caso eu esqueça quando finalmente sairmos do jipe.

Quando concentro minha atenção novamente na janela, vejo a parte do centro da cidade, que fica dentro de Batalla. Todas as luzes desse setor militar estão acesas. A torre do hospital aparece distorcida, a apenas alguns quarteirões de distância.

Thomas repara que estou esticando o pescoço para ver melhor, e diz:

– Estamos quase chegando.

Ao nos aproximarmos, vejo as fitas de isolamento amarelas circundando a parte inferior da torre, um grupo de patrulheiros municipais (com faixas vermelhas nas mangas, como Metias), alguns fotógrafos e policiais municipais, furgões pretos e caminhões de remédios. Ollie solta um gemido.

– Suponho que não tenham prendido a pessoa – digo a Thomas.

– Como você pode saber?

Aponto com a cabeça para o edifício:

– É espantoso – digo. – Quem fez isso sobreviveu a um salto de dois andares e meio, e ainda teve força para fugir.

Thomas olha para a torre e tenta ver o que eu vejo: a janela quebrada da escadaria do terceiro andar, o local isolado com fita adesiva bem embaixo, os soldados procurando nos becos, a falta de ambulâncias.

– A gente ainda não pegou o sujeito – admite ele após um momento. A graxa de rifle na testa lhe dá uma expressão aturdida. – Mas isso não quer dizer que não vamos encontrar o corpo dele depois.

– Vocês não vão encontrar o corpo, se não acharam até agora.

Thomas abre a boca para dizer alguma coisa, mas resolve ficar calado e volta a se concentrar na rua. Quando o jipe finalmente para, a Comandante Jameson se afasta do grupo de guardas com quem está e se dirige à porta do meu veículo.

– Eu lamento – diz Thomas abruptamente. Sinto uma pequena pontada de remorso por minha frieza e resolvo acenar com a cabeça para ele. Seu pai havia sido zelador do nosso prédio de apartamentos antes de morrer, e

sua falecida mãe trabalhara como cozinheira na minha escola elementar. Metias havia recomendado Thomas, que teve pontuação alta na Prova, às prestigiosas patrulhas municipais, apesar de seus antecedentes humildes. Ele deve, então, se sentir tão entorpecido quanto eu.

A Comandante Jameson vem até o jipe e dá duas pancadinhas na janela para chamar minha atenção. Seus lábios finos estão pintados de vermelho forte, e à noite seu cabelo ruivo parece castanho-escuro, quase preto.

– Ande logo, Iparis. O tempo é essencial. – Seus olhos se mexem vacilantes ao verem Ollie no assento traseiro. – Esse não é um cão da polícia, garota. – Mesmo agora, sua atitude é inabalável.

Desço do jipe e a cumprimento com uma rápida continência. Ollie salta para junto de mim.

– A senhora mandou me chamar, Comandante.

A Comandante Jameson sequer comenta o que eu disse. Ela começa a se afastar, e sou forçada a me apressar ao lado dela, esforçando-me para manter seu ritmo. Ela diz:

– Seu irmão Metias está morto. – Seu tom de voz se mantém inalterado. – É do meu conhecimento que seu treinamento como agente está quase no fim, certo? E que você já terminou seus cursos de rastreamento?

Eu me esforço para respirar. Era a segunda confirmação da morte de Metias.

– É isso mesmo, Comandante – consigo dizer.

Nós nos dirigimos ao hospital. A sala de espera está vazia, todos os pacientes foram liberados. Guardas se amontoam perto da entrada da escadaria. É provavelmente ali que começa a cena do crime. A Comandante Jameson mantém os olhos para a frente e as mãos atrás das costas, então me pergunta:

– Qual foi sua contagem na Prova?

– Mil e quinhentos, Comandante. – Todo mundo na área militar sabe da minha contagem, mas a Comandante finge não saber nem se importar.

Ela não para de andar e diz:

– Ah, está certo – diz como se fosse a primeira vez que ouvisse. – Afinal de contas, talvez você seja útil. Liguei para a Universidade de Drake e disse

a eles que você está dispensada de mais treinamento. De qualquer forma, você está quase terminando seus cursos.

Enrugo a testa e pergunto:

– Como assim, Comandante?

– Recebi o histórico integral de suas notas na faculdade. Elas são perfeitas. Você já quase acabou a maioria dos seus cursos em metade do número normal de anos, certo? Eles também me disseram que você é uma criadora de casos. Isso é verdade?

Não entendo o que ela quer de mim e respondo:

– Às vezes, Comandante. Estou com algum problema? Eles me expulsaram?

A Comandante Jameson sorri e responde:

– Absolutamente. Eles a diplomaram com antecedência. Siga-me. Há uma coisa que quero que você veja.

Tenho vontade de perguntar sobre Metias, sobre o que aconteceu, mas a frieza de sua atitude me detém.

Percorremos um corredor do primeiro andar até chegarmos a uma porta de saída de emergência no final. Lá, a Comandante Jameson dispensa os soldados que vigiavam a porta e me faz entrar. Ollie emite um pequeno rosnado. Saímos para um local descoberto, desta vez nos fundos do prédio. Percebo que estamos na área cercada pela fita adesiva amarela. Dezenas de soldados se amontoam ao nosso redor.

– Depressa! – ordena-me a Comandante Jameson. – Aprese o passo.

Um instante depois, compreendo o que ela quer me mostrar e onde estamos andando. Perto, há um objeto coberto por um lençol branco. Tem 1,83m, é humano. Os pés e os membros parecem intactos debaixo do pano. É claro que ele não pode ter caído tão naturalmente assim, alguém teve de endireitá-lo. Começo a tremer. Quando olho para Ollie, vejo que está com o pelo eriçado nas costas. Eu o chamo várias vezes, mas ele se recusa a se aproximar, de modo que sou obrigada a seguir a Comandante Jameson e deixá-lo para trás.

“Metias me beijou na testa e respondeu: ‘Vou ficar com você para sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar pra minha cara.’”

A Comandante Jameson para em frente ao lençol branco, então se inclina e o atira para o lado. Olho fixamente para o cadáver de um soldado vestido de uniforme militar preto, com uma faca ainda sobressaindo no peito. Sangue escuro lhe mancha a camisa, o ombro, as mãos, as ranhuras do cabo da faca. Os olhos estão fechados. Ajoelho à frente dele e retiro do seu rosto fios do cabelo preto. É estranho. Não absorvo nenhum detalhe da cena. Continuo sem sentir nada, estou profundamente entorpecida.

– Conte-me o que pode ter acontecido aqui, cadete – ordena-me a Comandante Jameson. – Considere isto um questionário improvisado. A identidade deste soldado deve motivá-la a responder corretamente.

Nem a mordacidade das palavras dela me abala. Os detalhes vêm em jorro, e começo a falar:

– Quem o atingiu com a faca, o apunhalou, ou tem um braço que atira com muita força. E é destro. – Passo os dedos no cabo da faca, manchado de sangue. – A mira desse sujeito é impressionante. A faca faz parte de um par, certo? Está vendo esse padrão desenhado na parte mais baixa da lâmina? Ele se interrompe abruptamente.

A Comandante Jameson concorda com a cabeça e diz:

– A segunda faca está enfiada na parede da escadaria.

Olho para o beco escuro para o qual apontam os pés do meu irmão, e reparo na tampa do bueiro a vários metros de distância. Digo então:

– Foi por ali que ele fugiu. – Calculo a direção que indica a tampa do esgoto. – Ele também é canhoto. Interessante. Ele é ambidestro.

– Continue, por favor.

– Daqui, os esgotos o levam mais para dentro da cidade, ou para o mar, a oeste. Ele vai escolher a cidade, provavelmente está machucado demais para agir de outra maneira, mas agora já é impossível rastreá-lo exatamente. Se ele for pelo menos um pouco inteligente, deu uma meia dúzia de voltas lá embaixo e fez o mesmo no esgoto também. Ele não deve ter tocado nas paredes, para não nos dar uma pista para rastreá-lo.

– Vou deixar você ficar aqui um pouquinho, para pôr seus pensamentos em ordem. Encontre-me em dois minutos na escada do terceiro andar, para que possamos dar algum espaço aos fotógrafos. – Ela relanceia o olhar uma

vez para o corpo de Metias antes de se virar para ir embora. Por um instante, seu rosto se suaviza e ela diz: – Que desperdício de um bom soldado! – Depois ela sacode a cabeça e vai embora.

Eu a observo ir embora. Os demais ao meu redor ficam bem afastados, aparentemente preocupados em evitar uma conversa constrangedora. Olho novamente o rosto do meu irmão. Para minha surpresa, ele parece em paz. Sua pele está bronzeada, e não pálida, como supus que estaria. Eu quase espero que seus olhos pisquem rapidamente, ou que sua boca se contraia num sorriso. Pedacinhos de sangue seco caem nas minhas mãos. Quando tento tirá-los, eles grudam à minha pele. Não sei se é isso que provoca minha raiva. Minhas mãos começam a tremer tanto, que eu as comprimo na roupa de Metias, numa tentativa de firmá-las. Eu deveria estar analisando a cena do crime, mas não consigo me concentrar.

– Você devia ter me levado com você – sussurro a ele. Depois encosto a cabeça na dele e começo a chorar. Mentalmente, faço uma promessa silenciosa dirigida ao assassino do meu irmão:

“Vou perseguir você até o inferno. Vou vasculhar as ruas de Los Angeles à sua procura. Se preciso, vou procurar em todas as ruas da República. Vou enganar você, usar de truques, mentir, fraudar, roubar para encontrar você, atraí-lo para que saia do seu esconderijo, e persegui-lo até você não ter mais para onde fugir. Estou fazendo um juramento: sua vida é minha.”

Antes do que eu esperava, chegam soldados para levar Metias para o necrotério.

03H17.

MEU APARTAMENTO.

NA MESMA NOITE.

COMEÇOU A CHOVER.

Estou deitada no sofá, abraçando Ollie. O lugar onde meu irmão costuma sentar está vazio. Pilhas de álbuns de fotos antigas e diários de Metias enchem a mesinha de centro. Ele sempre adorou o estilo antiquado

de nossos pais, e mantinha registros escritos, da mesma forma que eles haviam guardado todas as fotos de papel. “Você não pode rastrear nem identificá-las on-line” – ele dizia sempre. Isso era muito irônico, em se tratando de um *hacker* muito habilidoso.

Foi mesmo esta tarde que ele me pegou na Drake? Queria falar comigo uma coisa importante, pouco antes de ir embora, mas agora eu nunca vou saber o que ele tinha a dizer. Papéis e relatos cobrem minha barriga. Uma das minhas mãos aperta um cordão, uma prova que eu tenho examinado há algum tempo. Eu olho de soslaio para sua superfície lisa, sua falta de padrões. Depois deixo a mão cair, com um suspiro. Minha cabeça dói.

Soube mais cedo por que a Comandante Jameson me tirou da Drake. Há muito tempo ela estava de olho em mim. Agora, subitamente, ela tem menos um elemento na patrulha, Metias, e está precisando acrescentar um agente. Era a hora perfeita para me contratar, antes que outros recrutadores o fizessem. A partir de amanhã, Thomas vai assumir o cargo de Metias, provisoriamente, então eu vou participar da patrulha como uma agente em treinamento.

Minha primeira missão de rastreamento: Day.

“Já tentamos diversas táticas para pegar Day, mas nenhuma delas funcionou”, disse-me Jameson pouco antes de me mandar para casa. “Então, isto é o que vamos fazer: eu vou continuar com os projetos da minha patrulha. Quanto a você, vamos testar suas habilidades com exercícios repetitivos. Mostre-me como você rastrearia o Day. Talvez você consiga ter sucesso, talvez não. Mas você é um elemento com novas perspectivas das coisas e, se me impressionar, vou promovê-la a agente efetiva de patrulha. Vou torná-la famosa: a agente mais jovem que já houve.

Fecho os olhos e tento pensar.

Day matou meu irmão. Sei disso porque encontrei um crachá de identidade roubado na metade da escadaria e isso nos levou ao soldado que aparecia no crachá, que indicava uma descrição da aparência do garoto. Sua descrição não combinava com nada que nós tínhamos no arquivo sobre Day, mas a verdade é que sabemos pouco sobre como ele é, exceto que é muito jovem, como o garoto do hospital dessa noite. As impressões digitais

no crachá de identidade são as mesmas encontradas no mês passado numa cena de crime ligada ao Day, mas não combinam com as de nenhum civil que a República tenha no banco de dados.

Day esteve no hospital. Ele foi descuidado o bastante para deixar lá o crachá de identidade.

O que me faz pensar. Day invadiu o laboratório à procura de remédios, como parte de um plano desesperado, de última hora, e mal-elaborado. Ele deve ter roubado supressores da praga e analgésicos porque não conseguiu encontrar nada mais forte. Ele certamente não está infectado, pois, se estivesse, não teria conseguido fugir, mas outra pessoa que ele conhece deve estar com a praga, alguém com quem ele se importe o suficiente para arriscar a vida. Alguém que more em Blueridge, Lake, Winter ou Alta, áreas recentemente afetadas pela praga. Se isso for verdade, tão cedo Day não sairá da cidade. Ele está ligado aqui por esse vínculo, motivado por emoções.

Day também pode ter alguém que o patrocine, que o tenha contratado para fazer esse serviço. Como o hospital é um lugar perigoso, ele teria de ter dado muito dinheiro a Day. Mas se tanto dinheiro assim estivesse envolvido no esquema, ele certamente teria planejado mais minuciosamente, e saberia quando chegaria ao laboratório o próximo carregamento de remédios contra a praga. Além disso, em nenhum dos seus crimes Day agiu como mercenário. Ele já havia atacado sozinho propriedades militares da República, atrasado aviões e caças destinados ao *front*. Ele tem uma espécie de agenda para nos impedir de vencer as Colônias. Durante algum tempo, pensamos que ele poderia estar trabalhando para as Colônias, mas as tarefas que ele executa são simples, não requerem equipamentos de alta tecnologia nem recursos financeiros evidentes. Isso não é mesmo o que se espera de um inimigo. Ao que eu saiba, esse garoto nunca foi criminoso de aluguel, e é improvável que começasse agora. Quem contrataria um mercenário inexperiente? Outro possível patrocinador seriam os Patriotas, mas se Day estivesse trabalhando para eles nessa tarefa, um dos Patriotas já teria fixado sua bandeira (treze faixas vermelhas e brancas, com cinquenta pontos brancos num retângulo

azul) numa parede em algum lugar perto da cena do crime. Eles nunca perdem uma oportunidade de declarar suas vitórias.

Entretanto, o que mais me intriga é isto: Day nunca matou ninguém antes. Essa é outra razão pela qual não acho que ele tenha alguma ligação com os Patriotas. Em um de seus delitos anteriores, ele rastejou até uma zona de quarentena, tendo amarrado um policial. O policial não sofreu um arranhão (exceto por um olho roxo). Numa outra vez, ele invadiu o cofre-forte de um banco, mas não machucou nenhum dos quatro guardas que ficavam na entrada dos fundos, o que os deixou estupefatos. Certa ocasião, ele incendiou um esquadrão de caças num aeródromo vazio, no meio da noite, e em duas outras vezes impossibilitou aviões de alçar voo por ter danificado seus motores. Numa outra, ele vandalizou a lateral de um prédio militar. Ele já roubou dinheiro, alimentos e produtos, mas não coloca bombas nas laterais das estradas. Ele não atira em soldados. Ele não tenta assassinar ninguém. Ele não *mata*.

Então, por que o Metias? Day poderia ter fugido sem o matar. Será que Day tinha algum ressentimento contra ele? Teria meu irmão prejudicado Day no passado? A morte não foi acidental: a faca entrou direto no coração de Metias.

Direto no seu coração inteligente, burro, teimoso e superprotetor.

Abro os olhos, levanto a mão e analiso de novo o medalhão. Ele pertence a Day, segundo nos informaram as impressões digitais. É um disco circular sem nada gravado, um objeto que encontramos no piso da escadaria do hospital, com o crachá roubado. Não representa nenhuma religião que eu conheça. Em termos financeiros, não vale nada: é feito de níquel e cobre ordinários, a parte do cordão é feita de plástico. O que quer dizer que ele não deve tê-lo roubado, esse objeto tem um significado diferente para ele, e vale a pena andar com ele mesmo correndo o risco de perdê-lo ou deixá-lo cair. Talvez seja um amuleto de sorte. Talvez lhe tenha sido dado por uma pessoa com quem ele tenha laços emocionais. Talvez se trate da mesma criatura para quem ele tentou roubar remédios contra a praga. Esse objeto tem um segredo, não sei qual.

As ações de Day costumavam me fascinar, mas agora ele é meu inimigo, meu alvo, minha primeira missão.

Em dois dias, concluo meus pensamentos. No terceiro dia, ligo para a Comandante Jameson e digo: tenho um plano.

DAY

Sonho que estou em casa de novo. Éden está sentado no chão, desenhando. Ele está com quatro ou cinco anos, com as bochechas ainda redondas do bebê gordo que foi. De tempos em tempos, ele se levanta e me pede para dizer o que acho de sua arte. John e eu estamos sentados com os joelhos dobrados no sofá, tentando em vão consertar um rádio que está na nossa família há anos. Ainda me lembro de quando papai o levou para casa e disse: “Ele vai nos informar quais os quarteirões atacados pela praga.” Agora, porém, os parafusos e o mostrador do aparelho estão desgastados e inertes em nossos colos. Peço ajuda ao Éden, mas ele apenas dá um risinho e diz para a gente se virar sem ele.

Mamãe está sozinha na nossa minúscula cozinha, tentando preparar o jantar. Conheço bem essa cena. Suas mãos estão enroladas em espessas ataduras. Ela deve ter se machucado com garrafas quebradas ou latas vazias enquanto limpava os latões de lixo ao redor da Union Station hoje. Ela treme de dor quando abre pacotes de milho congelado com a lâmina lisa de uma faca. Suas mãos feridas estremecem.

“Para, mãe, eu te ajudo.” Tento me levantar, mas meus pés parecem estar grudados no chão.

Após algum tempo, levanto a cabeça para ver o que Éden está desenhando agora. A princípio não consigo distinguir o que significam as imagens, estão todas misturadas, amontoadas em padrões aleatórios sob sua mãozinha ágil.

Quando olho mais de perto, percebo que ele está desenhando soldados invadindo nossa casa. Ele os desenha com um lápis de cera vermelho cor de sangue.

Acordo assustado. Raios indistintos de luz, cinzentos e pouco intensos, passam através de uma janela próxima. Escuto um primeiro som fraco de chuva. Estou no que parece um quarto abandonado de criança. O papel de

parede é azul e amarelo, e está descascado nos cantos. Duas velas iluminam o ambiente. Sinto meus pés pendurados na extremidade da cama. Debaixo da minha cabeça há um travesseiro. Quando mudo de lugar, emito um gemido e fecho os olhos.

A voz de Tess chega até meus ouvidos.

– Você pode me ouvir? – pergunta ela.

– Não fale tão alto, amiga.

Minha voz sai como um sussurro pelos meus lábios secos. Minha cabeça lateja, com uma enxaqueca lancinante. Tess reconhece a dor no meu rosto e então se cala, enquanto eu mantenho os olhos fechados e espero. A dor continua, como um picador de gelo na minha nuca.

Depois de uma eternidade, a enxaqueca finalmente começa a ceder. Abro os olhos e pergunto:

– Onde estou? Você está bem?

Focalizo o rosto de Tess. Ela prendeu o cabelo para trás numa pequena trança, e seus lábios cor-de-rosa estão sorridentes:

– Se *eu* estou bem? – pergunta ela. – Você saiu do ar faz mais de dois dias. Como se sente?

A dor me atinge em ondas. Desta vez sinto os ferimentos do corpo. Respondo:

– Estou ótimo.

O sorriso de Tess esmaece e ela diz:

– Desta vez foi por um triz, cara. Se eu não tivesse encontrado alguém para nos acolher, acho que você já estaria no andar de cima.

De repente me lembro rapidamente de tudo. Lembro da entrada do hospital, do crachá de identidade roubado, das escadarias, do laboratório, da queda lá do alto, da minha faca atirada no capitão, dos bueiros, dos remédios.

“Dos remédios!” Tento me sentar, mas me mexo muito depressa e a dor me faz morder o lábio. Minha mão toca no meu pescoço, lá não está mais o medalhão para eu agarrar. Alguma coisa me dói no peito. “Perdi o medalhão.” Meu pai tinha me dado esse medalhão, e eu fui descuidado o bastante para perdê-lo.

Tess tenta me acalmar:

– Ei, dá um tempo.

– Minha família está bem? Algum remédio sobreviveu à minha queda?

– Uma parte. – Tess me ajuda a deitar de novo antes de apoiar os cotovelos na minha cama. – Acho que supressores são melhores do que nada. Já entreguei o que sobrou na casa da sua mãe, com seu embrulho de presentes. Fui pelos fundos e entreguei tudo ao John. Ele me pediu que te agradecesse.

– Você não contou ao John o que aconteceu, não é?

Tess revira os olhos e pergunta:

– Você acha que consigo ocultar isso dele? Todo mundo já sabe sobre a invasão do hospital, John sabe que você se machucou. Ele está danado da vida.

– Ele contou quem está doente? É o Éden? Ou a mamãe?

Tess morde os lábios e responde:

– É o Éden. John diz que os outros estão bem, por enquanto. Mas o Éden está falando normalmente e parece bem. Ele tentou sair da cama para ajudar sua mãe a consertar o vazamento debaixo da sua pia, para provar que estava forte, mas é claro que ela o mandou de volta para a cama. Ela rasgou duas blusas para usar como compressa, para diminuir a febre do Éden, por isso John mandou dizer que se você encontrar algumas roupas que deem na sua mãe, ele vai ficar muito feliz em aceitá-las.

Respiro profundamente. Éden. É claro que é o Éden, ainda agindo como um pequeno engenheiro, mesmo com a praga. Pelo menos consegui alguns remédios. “Tudo vai dar certo.” Éden vai ficar legal por algum tempo, e eu não me importo de ter de ouvir os sermões de John. Quanto ao meu pingente perdido... bem, por um instante fico satisfeito por mamãe não saber o que houve, porque isso lhe partiria o coração.

– Eu não consegui encontrar nenhum remédio específico e não tive tempo de procurar.

– Tudo bem – responde Tess.

Ela prepara uma nova atadura para meu braço. Vejo meu antigo e usado boné, pendurado nas costas da cadeira dela.

– Sua família ainda dispõe de algum tempo. Vamos ter outra oportunidade.

– Estamos na casa de quem?

Logo que faço essa pergunta, ouço uma porta se fechar, e depois pisadas no cômodo ao lado do nosso. Olho para Tess, assustado. Ela faz um sinal tranquilizador com a cabeça e me diz para me acalmar.

Um homem entra, sacudindo gotas sujas de chuva de um guarda-chuva. Nas mãos, um saco de papel pardo. Ele me diz:

– Você está acordado, ótimo!

Examino seu rosto. Ele é muito pálido e meio rechonchudo, tem sobrancelhas cerradas e um olhar bondoso.

– Menina – diz ele, olhando para Tess –, você acha que ele pode ir embora amanhã à noite?

– A essa altura, já estaremos com o pé na estrada.

Tess pega uma garrafa com alguma coisa clara – suponho que álcool – e molha a beira da atadura. Recuo quando ela toca onde uma bala passou de raspão pelo meu braço. A sensação é de um fósforo aceso na minha pele.

Tess diz:

– Obrigada, senhor, por ter deixado que ficássemos aqui.

O homem resmunga, com expressão insegura, e, constrangido, acena afirmativamente com a cabeça. Olha ao redor do quarto, como se procurasse alguma coisa perdida, e diz:

– Receio que eu não possa abrigar vocês por mais tempo. A patrulha do controle da praga vai fazer outra varredura em breve. – Ele hesita, então tira duas latas do saco de papel e as põe em cima da cômoda. – Isto aqui é chili para vocês. Não é o melhor, mas vai satisfazê-los. Eu também vou trazer pão.

Antes que um de nós dois possa dizer alguma coisa, ele sai apressado do quarto, com o resto de seus mantimentos.

Pela primeira vez, olho para o meu corpo. Estou vestindo calças militares marrons, meu peito e braço nus estão cobertos por ataduras, assim como uma das minhas pernas.

– Por que ele está nos ajudando? – pergunto baixinho à Tess.

Ela ergue os olhos da atadura nova que estava pondo no meu braço e responde:

– Não seja tão desconfiado. Ele teve um filho que combateu no *front* e morreu da praga há alguns anos.

Dou um grunhido quando Tess amarra um nó na atadura. Ela me diz:

– Respire para eu ver.

Faço como ela pediu. Várias e fortes pontadas me causam dores agudas quando ela pressiona os dedos delicadamente em partes do meu peito. Sua face fica rosada enquanto ela trabalha.

– É possível que você tenha uma fissura em uma das costelas, mas não é nada de fratura. Você em breve deve estar curado. Como o homem não perguntou nosso nome, eu também não perguntei o dele. É melhor não saber. Eu contei a ele por que você ficou tão machucado. Acho que isso lhe lembrou o filho.

Deito a cabeça no travesseiro. Todo o meu corpo dói.

– Perdi minhas duas facas – sussurro, para que o homem não me ouça. Eram boas facas.

– Lamento saber disso, Day – diz Tess.

Ela tira um fio do cabelo do rosto e se debruça para mim. Levanta um saco plástico transparente, com três balas de prata dentro.

– Achei estas balas nas dobras das suas roupas, achei que você talvez possa usar no seu estilingue ou em outra coisa qualquer. – Ela mete o saco em um dos meus bolsos.

Sorrio. Quando conheci Tess há três anos, ela era uma órfã magricela de dez anos vasculhando latas de lixo no setor Nima. Naqueles primeiros anos ela havia precisado tanto da minha ajuda, que às vezes esqueço o quanto dependo dela agora.

– Obrigada, amiga – digo. Ela murmura algo que não compreendo, e desvia o olhar.

Depois de algum tempo, volto a dormir profundamente. Quando acordo de novo, não sei quanto tempo se passou. A dor de cabeça foi embora, e está escuro lá fora. Pode ser o mesmo dia, embora eu sinta que dormi demais para isso. Nada de soldados, nada de polícia. Continuamos vivos.

Fico imóvel por um instante, bem acordado na escuridão. Parece que nosso guardião não nos denunciou. Ainda.

Tess está cochilando na beira da cama, com a cabeça entre os braços. Às vezes tenho vontade de encontrar um bom lar para ela, com uma família generosa disposta a aceitá-la. Mas toda vez que tenho esse pensamento, eu o afasto, porque Tess estaria de volta à tutela da República se fizesse parte de uma família de verdade, e seria obrigada a fazer a Prova, porque nunca a fez. Ou, pior ainda, saberiam de sua ligação comigo e a interrogariam. Sacudo a cabeça. Ela é muito ingênua, muito facilmente manipulada. Eu não a confiaria a nenhuma outra pessoa. Além disso... eu sentiria falta dela. Os primeiros dois anos que passei vagando sozinho pelas ruas foram muito solitários.

Cautelosamente, faço um círculo com o tornozelo. Está meio duro, mas não me causa dor, não rompi músculos, nem está muito inchado. O ferimento à bala ainda queima e minhas costelas doem pra caramba, mas desta vez consigo me sentar sem problema. Minhas mãos vão automaticamente para meu cabelo, que está solto, e passa dos ombros. Com uma das mãos, faço um rabo de cavalo de qualquer jeito, e o prendo com um forte nó. Depois me inclino sobre Tess, pego na cadeira o meu boné surrado, e o ponho. Meus braços ardem com o esforço.

Sinto o cheiro de chili e pão. Há uma tigela com vapor subindo da cômoda ao lado da cama, e um pão equilibrado na beira da tigela. Lembro das duas latas que nosso anfitrião havia posto na cômoda.

Meu estômago rosna. Devoro a tigela toda.

Quando estou lambendo dos dedos o que resta do chili, ouço uma porta se fechar em algum lugar da casa e, instantes depois, ruídos de passos correndo até nosso quarto. Fico tenso. A meu lado, Tess acorda de súbito e agarra meu braço.

– Que foi isso? – pergunta de repente. Eu ponho um dedo nos lábios, em sinal de silêncio.

Nosso guardião se apressa a entrar no quarto, com um roupão esfarrapado em cima do pijama. Ele sussurra:

– Vocês devem partir agora. – O suor lhe pinga da testa. – Acabei de saber que um homem está procurando por vocês.

Eu o olho intensamente. O rosto de Tess mostra uma expressão apavorada.

– Como é que o senhor sabe? – pergunto.

O homem começa a limpar o quarto, agarra minha tigela vazia e arruma a cômoda:

– Ele está dizendo por aí que tem remédios para curar a praga, para quem precisar. Ele diz saber que você está ferido. Não disse nenhum nome, mas deve estar falando de você.

Eu me sento ereto e jogo as pernas para o lado da cama. Agora não há escolha.

– Ele está falando de mim, sim – concordo.

Tess pega algumas ataduras limpas e as enfia debaixo da blusa:

– É uma armadilha. Vamos embora imediatamente.

O homem faz um sinal positivo com a cabeça e diz:

– Vocês podem sair pela porta dos fundos. Vão diretamente pelo corredor, à sua esquerda.

Por um instante, eu o encaro e percebo que ele sabe exatamente quem sou eu, mas não o diz em voz alta. Como outras pessoas em nosso setor que compreenderam quem eu era e me ajudaram. Ele não desaprova os distúrbios que causo à República.

– Nós somos muito gratos – digo a ele.

O homem não responde. Agarro a mão de Tess e saímos do quarto, percorremos o corredor e saímos pela porta dos fundos. A noite está muito úmida. Meus olhos se enchem de lágrimas, causadas pela dor dos meus ferimentos.

Caminhamos por becos silenciosos durante seis quarteirões, até finalmente desacelerarmos. Minhas lesões estão doendo muito. Toco o pescoço para ver se o medalhão me consola um pouco, mas então me lembro de que ele já não está no meu pescoço. Meu estômago se contrai de medo. E se a República decifrar o que ele significa? Será que nos destruirão? Será que vão rastrear o pingente até a minha família?

Tess cai, exausta, no chão e apoia a cabeça na parede do beco.

– Precisamos sair da cidade – diz ela. – Aqui está muito perigoso, Day, você sabe que está. Arizona ou Colorado seria mais seguro ou, até, Barstow. Não me importo com os arredores.

Pois é, pois é, eu sei. Olho para baixo e digo:

– Eu também quero ir embora.

– Mas você não vai. Está escrito na sua cara.

Ficamos calados por um tempo. Se dependesse de mim, eu atravessaria o país inteiro sozinho, e fugiria para as Colônias na primeira oportunidade. Não me importo de arriscar a vida, mas há muitas razões pelas quais não posso ir. Tess sabe disso. John e mamãe não podem simplesmente deixar o trabalho que lhes foi designado para então fugir comigo, não sem despertar suspeitas. Nem é possível Éden deixar de frequentar a escola que lhe foi atribuída. A não ser que queiram se tornar fugitivos como eu.

– Vamos ver no que dá – eu digo finalmente.

Tess me dá um sorriso trágico:

– Quem você acha que está te procurando? – pergunta ela, após um momento. – Como sabem que você está no setor Lake?

– Sei lá. Pode ser um revendedor de materiais que soube da invasão do hospital. Vai ver eles pensam que sou podre de rico. Pode ser um soldado, até um espião. Perdi meu medalhão no hospital. Não sei como eles o usariam para saber alguma coisa sobre mim, mas tem sempre alguma possibilidade.

– O que você vai fazer?

Dou de ombros. O ferimento à bala começa a latejar, e me encosto na parede.

– Não sei de quem se trata, mas confesso que estou curioso para ver o que ele tem a dizer. E se ele tiver mesmo os remédios para curar a praga?

Tess me olha fixamente, com a mesma expressão da noite em que a conheci: esperançosa, curiosa e medrosa, tudo ao mesmo tempo.

– Bem, não pode ser mais perigoso do que a sua pirada invasão do hospital, certo?



JUNE

Não sei se é porque a Comandante Jameson ficou com pena de mim, ou se realmente sente a falta de Metias, um de seus melhores soldados, mas ela está me ajudando a providenciar o enterro dele, embora nunca tenha feito isso para nenhum de seus subordinados. Ela se recusa a dizer por que decidiu agir assim.

Famílias ricas como a nossa sempre têm funerais pomposos. O de Metias acontece num edifício com elevadas arcadas barrocas e vitrais. Cobriram o piso com tapetes brancos, e mesas de banquete redondas e brancas, transbordando de lilases brancos, enchem o recinto. As cores se originam das bandeiras da República e do emblema circular dourado que pende atrás do altar principal. O retrato de nosso glorioso Eleitor sobressai em meio ao resto.

Todos os presentes usam suas melhores roupas brancas. Eu visto um refinado vestido branco longo de renda com espartilho, com uma saia de seda por cima, e camadas drapeadas nas costas. Um minúsculo broche de ouro branco com o emblema da República está preso ao corpete. O cabeleireiro prendeu meu cabelo no alto da cabeça, com cachinhos soltos sobre um ombro, e pôs uma rosa branca atrás da minha orelha. Há uma gargantilha de pérolas em volta do pescoço. Minhas pálpebras estão revestidas de sombra branca brilhante, meus cílios estão brancos, as olheiras avermelhadas sob meus olhos estão disfarçadas com pó de arroz branco. Tudo em mim está sem cor, assim como a minha vida depois que Metias foi tirado de mim.

Metias certa vez me disse que não era sempre assim, que somente após as primeiras inundações e erupções vulcânicas, depois que a República erigiu uma barreira ao longo do *front* para evitar que os desertores das Colônias fugissem ilegalmente para nosso território, só então é que as pessoas começaram a mostrar luto usando branco. Ele disse: “Após as

primeiras erupções, quando cinzas vulcânicas brancas caíram dos céus durante meses, os mortos e os moribundos ficaram cobertos por elas. Por isso, usar branco agora é relembrar os mortos.”

Ele me contou isso porque perguntei como havia sido o enterro de nossos pais.

Agora perambulo entre os convidados, perdida, sem rumo, respondendo às palavras solidárias dos que me rodeiam com respostas adequadas e ensaiadas. Eles dizem: “Lamento muito sua perda.” Reconheço alguns dos professores, colegas soldados e superiores de Metias. Estão presentes até alguns colegas meus da Drake. Fico surpresa ao vê-los: eu nunca tive muita habilidade para fazer amigos durante meus três anos de faculdade, considerando minha idade e a pesada carga de estudos. Mas eles estão aqui, alguns vindos dos exercícios vespertinos, outros da aula de história da República, classe 421. Eles pegam minha mão e sacodem a cabeça, dizendo: “Primeiro seus pais, e agora seu irmão. Nem consigo imaginar como deve estar sendo duro para você.”

Não consegue mesmo, mas sorrio gentilmente e inclino a cabeça, porque sei que a intenção deles é boa, e digo: “Obrigada por ter vindo. Significa muito para mim. Sei que Metias sentiria orgulho por ter dado a vida pelo seu país.”

Às vezes percebo um olhar rápido de admiração de alguém no outro lado do recinto, mas ignoro. Esse tipo de sentimento não me adianta nada. Meu traje não se destina a eles, é apenas em homenagem a Metias que uso este vestido desnecessariamente deslumbrante, para demonstrar sem palavras o quanto o amo.

Depois de algum tempo, sento-me a uma mesa perto da frente do recinto, encarando o altar decorado de flores que logo será ocupado por uma fila de pessoas lendo seus discursos laudatórios ao meu irmão. Inclino a cabeça respeitosamente para as bandeiras da República. Depois meus olhos vagueiam até o caixão branco ao lado das bandeiras. De onde estou, consigo apenas ver um indício da pessoa que está no caixão.

– Você está encantadora, June.

Levanto os olhos e vejo Thomas fazer uma mesura, depois sentar-se a meu lado. Ele trocou o uniforme militar por um terno elegante de colete branco, e o cabelo foi cortado recentemente. Percebo que o terno é novo em folha, deve ter custado uma fortuna.

– Obrigada, você também. Isto é, você está ótimo para as circunstâncias, em vista de tudo que aconteceu.

– Entendo o que você quer dizer.

Eu me debruço e dou uma pancadinha na mão dele, para restaurar-lhe a confiança. Ele sorri para mim. Parece ter vontade de dizer mais alguma coisa, mas decide não o fazer e desvia o olhar.

Demora meia hora até que todos encontrem seus assentos, e mais meia hora até que os garçons comecem a chegar com travessas de alimentos. Eu não como nada. A Comandante Jameson está sentada à minha frente, na extremidade da mesa de banquete, entre ela e Thomas estão três colegas meus da Drake. Troco um sorriso forçado com eles. Ao meu lado esquerdo está um homem chamado Chian, que organiza e supervisiona todas as Provas realizadas em Los Angeles. Ele administrou a minha. Só não entendo o que ele está fazendo aqui, nem por que sequer se importa com a morte de Metias. Ele era um conhecido de nossos pais, de modo que sua presença não é inesperada, mas por que se sentou bem a meu lado?

Então me lembro que Chian havia supervisionado Metias antes que ele fizesse parte da unidade da Comandante Jameson. Metias o odiava.

O homem franze as sobrancelhas cerradas para mim e põe uma das mãos no meu ombro nu durante algum tempo. Ele pergunta:

– Como está se sentindo, minha cara?

Suas palavras distorcem as cicatrizes no seu rosto: um talho na parte superior do nariz e outra marca irregular que vai da orelha à parte inferior do queixo.

Consigo dar um sorriso constrangido e respondo:

– Melhor do que esperado.

– Concordo. – Ele dá uma gargalhada que me faz recuar e me olha de cima a baixo. – Esse vestido faz você parecer uma flor desabrochando.

Preciso me controlar muito para manter o sorriso. *Fique calma*, digo a mim mesma. Chian não é homem para se ter como inimigo.

– Eu gostava demais do seu irmão – continua ele, com simpatia exagerada. – Lembro quando ele era garoto. Você devia tê-lo visto. Ele costumava correr na sala de visitas dos seus pais, com a mão estendida como se segurasse uma arma. Ele estava destinado a fazer parte dos nossos batalhões.

– Obrigada, senhor – digo.

Chian corta um naco de bife e o enfia na boca:

– Metias era muito atento quando eu fui seu mentor. Era um líder natural. Ele chegou a comentar com você?

Uma lembrança passa rapidamente pela minha cabeça. A noite chuvosa em que Metias começou a trabalhar para Chian. Ele havia levado a mim e a Thomas, que ainda estava no colégio, ao setor Tanagashi, onde comi minha primeira tigela de *edame* de porco com espaguete e rolinhos de cebola adocicada. Lembro que eles dois estavam de uniforme completo: Metias com o paletó aberto e a camisa solta, Thomas com o paletó completamente abotoado e o cabelo cuidadosamente penteado para trás. Thomas implicou comigo por causa das minhas trancinhas todas bagunçadas, mas Metias estava quieto. Então, uma semana depois, seu aprendizado com Chian terminou abruptamente. Metias tinha solicitado mudar de patrulha, e foi transferido para a patrulha da Comandante Jameson.

– Ele disse que era tudo confidencial – minto.

Chian ri e diz:

– Era um bom garoto, o Metias. Um grande aprendiz. Imagine meu desapontamento quando ele foi designado para as patrulhas municipais. Ele me disse que não tinha inteligência para julgar as Provas nem organizar os garotos que se submetiam a elas. Ele era muito modesto. Sempre foi mais inteligente do que achava ser. Igualzinho a você.

Ele ri para mim. Concorde com a cabeça. Chian fez com que eu me submetesse à Prova duas vezes, porque alcancei o máximo de pontos em tempo recorde: uma hora e dez minutos. Ele achou que eu tinha colado. Não apenas sou a única adolescente que tem o maior número de pontos da

nação, como provavelmente também sou a única jovem que fez a Prova *duas vezes*.

– O senhor é muito gentil – respondo. – Meu irmão foi um líder melhor do que eu jamais serei.

Chian me faz calar com um gesto e diz:

– Bobagem, minha cara. – E então se inclina constrangedoramente para perto de mim. Há alguma coisa escorregadia e desagradável nele.

– Estou pessoalmente arrasado pela forma como ele morreu, nas mãos daquele menino perverso. Que pena! – Chian aperta os olhos, o que faz suas sobrancelhas parecerem ainda mais cerradas. – Fiquei muito satisfeito quando a Comandante Jameson me contou que você está encarregada de achar esse garoto. Este caso precisa de um par de olhos novos e observadores, você é exatamente a criaturinha adequada. Que joia de missão-teste, hein?

Eu o abomino com todo o meu ser. Thomas deve ter notado minha rigidez, porque sinto sua mão sobre a minha debaixo da mesa. *Faça o jogo dele*, está tentando me dizer. Quando Chian finalmente se vira para responder a uma pergunta de um homem no outro lado, Thomas se debruça para mim e sussurra:

– Chian tem um rancor pessoal por Day.

– Verdade? – murmuro de volta.

Ele faz que sim com a cabeça:

– Quem você acha que fez aquela cicatriz nele?

Foi Day? Não escondo a expressão de surpresa. Chian é um homem grandão, e trabalha há anos na administração da Prova. É um oficial competente. Um adolescente poderia mesmo feri-lo daquela maneira? E teria conseguido se safar? Olho de relance para Chian e examino a cicatriz. É bem definida, foi feita com uma lâmina de ponta macia. Deve ter sido executada rapidamente, porque é uma linha reta. Não posso imaginar Chian parado enquanto alguém lhe fatiava o rosto daquele modo. Por uma fração de segundo, fico do lado de Day. Olho de relance para a Comandante Jameson, que me olha fixamente, como se estivesse lendo meus pensamentos. Isso me deixa sem graça.

A mão de Thomas volta a tocar na minha.

– Ei! – diz ele. – Day não pode se esconder do governo para sempre, mais cedo ou mais tarde vamos chegar a esse rato de rua e fazer dele um exemplo. Ele não é páreo para você, especialmente quando você se dedica a fazer alguma coisa.

O sorriso bondoso de Thomas me afeta, e de súbito sinto que é Metias sentado a meu lado, dizendo-me que vai dar tudo certo, garantindo que a República não vai me decepcionar. Meu irmão que uma vez me prometeu ficar a meu lado para sempre. Desvio o olhar de Thomas e o focalizo no altar, para que ele não veja as lágrimas em meus olhos. Não consigo retribuir seu sorriso. Acho que nunca mais voltarei a sorrir.

– Vamos acabar logo com isso – sussurro.

DAY

Está tremendamente quente, mesmo sendo de noitinha. Manco pelas ruas ao longo dos limites dos setores de Alta e Winter, ao longo do lago e a céu aberto, perdido na multidão que vai e vem. Meus ferimentos estão ainda no processo de cura. Uso as calças do exército que nosso anfitrião me deu, com uma camiseta fina de gola que Tess encontrou numa lata de lixo. A aba do meu boné está puxada para baixo, e acrescentei a meu disfarce um tapa-olho sobre o olho direito. Nada de incomum, na verdade, não nesse mar de operários com lesões causadas pelo trabalho nas fábricas. Hoje estou sozinho: Tess está na encolha, a várias ruas daqui, escondida no parapeito de um segundo andar. Não há razão para nos arriscarmos juntos, a não ser que seja necessário.

Barulhos familiares me rodeiam, camelôs anunciam aos gritos suas mercadorias: olhos cozidos de ganso, rosquinhas fritas e cachorros-quentes. Vendedores ficam à porta de mercearias e lanchonetes, tentando atrair fregueses. Um carro que deve ter algumas décadas passa chocalhando. Operários do segundo turno lentamente se dirigem para casa. Algumas garotas reparam em mim e ficam tímidas quando as olho. Barcos percorrem o lago com seus sons explosivos, tomando cuidado para evitar as gigantescas turbinas d'água que giram e causam agitação ao longo da margem. As sirenes que anunciam inundações estão silenciosas e apagadas.

Algumas áreas estão bloqueadas. Fico longe delas, os soldados as demarcaram como zonas de quarentena.

Os alto-falantes que se aglomeram nos telhados dos edifícios estalam e emitem sons agudos, telões fazem uma pausa nos comerciais. Ou, em alguns casos, alertam-nos sobre mais um ataque dos Patriotas e mostram um vídeo com nossa bandeira. Todo mundo para nas ruas e fica imóvel quando começa o juramento.

“Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!”

Quando surge o nome do Primeiro Eleitor, prestamos continência em direção à capital. Resmungo o juramento baixinho, mas fico calado nas duas últimas passagens, quando os policiais militares não estão olhando para cá. Eu me pergunto o que dizia o juramento antes de entrarmos em guerra com as Colônias.

Quando o juramento termina, a vida continua. Vou a um bar decorado com motivos chineses cobertos de grafite. O porteiro me dá um largo sorriso, e vejo que lhe faltam vários dentes. Ele rapidamente me faz entrar no bar.

– Temos a verdadeira cerveja Tsingtao hoje – cochicha ele. – Caixotes que sobraram de um presente importado enviado para nosso glorioso Eleitor. A oferta vale até às seis horas.

Os olhos do homem se mexem nervosamente quando ele diz isso. Eu fico olhando fixamente para ele. Cerveja Tsingtao. Tá certo, fica combinado. Meu pai teria rido. A República não assinou nenhum contrato de importação com a China para enviar produtos de qualidade para as áreas de favelas (ou, como a República afirma com prazer, “queremos conquistar a China e assumir seus negócios”). É provável que esse sujeito esteja muito atrasado no pagamento dos impostos bimestrais ao governo. Não há outra razão para se arriscar e colocar rótulos falsos de Tsingtao nas garrafas de sua cerveja feita em casa.

Agradeço ao sujeito e entro no bar. Este é um lugar tão bom para conseguir informações quanto qualquer outro.

Está escuro. O ar cheira a fumaça de cachimbo, carne frita e lampiões a gás. Ando com dificuldade pela confusão de mesas e cadeiras, pegando comida de algumas travessas desprotegidas e enfiando-a debaixo da camisa, até chegar ao balcão. Atrás de mim, um grande número de fregueses torce diante de uma luta de Skiz. Acho que este bar tolera jogos ilegais. Se eles forem inteligentes, devem estar prontos para, a qualquer minuto, subornar

os guardas municipais com parte de seus lucros, a não ser que queiram assumir que estão ganhando dinheiro livre de impostos.

A atendente do bar nem verifica minha idade. Aliás, nem olha para mim. Ela pergunta:

– O que quer beber?

Sacudo a cabeça e respondo:

– Só água, por favor. – Atrás de nós ouço muitos gritos, quando um dos lutadores é derrubado.

Ela me olha de relance, sem acreditar. Seus olhos imediatamente focalizam a atadura no meu rosto e ela pergunta:

– Que aconteceu com seu rosto, garoto?

– Um acidente de trabalho: eu tomo conta de vacas.

Ela faz uma expressão de nojo, mas parece estar interessada em mim:

– Poxa, que pena! Tem certeza de que você não quer uma cerveja para aliviar isso aí? Deve doer.

Sacudo a cabeça de novo e digo:

– Obrigada, amiga, mas eu não bebo. Gosto de ficar sempre alerta.

Ela sorri para mim. É bonitinha sob a luz vacilante do lampião, com sombra verde reluzente nos olhos de pálpebras suaves, e cabelo preto curto e liso. Uma tatuagem de videira começa no pescoço e desaparece na blusa justa. Um par sujo de óculos, provavelmente proteção contra as brigas do bar, está pendurado no pescoço. Fico meio chateado. Se eu não estivesse ocupado atrás de informações, gastaria um tempo com essa garota, bateria um papo e talvez conseguisse uns dois ou três beijos.

– Você é do Lake, né? – pergunta ela. – Resolveu dar um giro por aqui e deixar umas meninas caídas por você? Ou você vai lutar? – Ela aponta com a cabeça para a luta de Skiz.

Dou um risinho e respondo:

– Deixo isso pra você.

– Por que você pensa que eu luto?

Aponto as cicatrizes nos braços e as contusões nas mãos. Ela sorri lentamente para mim.

Eu dou de ombros e digo, após um instante:

– Nem morto eu pisaria num desses ringues. Estou apenas me protegendo do sol um pouco. Sabe? Você parece ser uma companhia legal. Isto é, desde que você não esteja com a praga.

É uma piada universal, mas mesmo assim ela ri, debruça-se no balcão e diz:

– Eu moro bem no limite do setor. Até agora, não teve nenhum caso de praga por lá.

Eu me inclino para ela e digo:

– Você tem sorte. – Fico sério. – Há pouco tempo, marcaram a porta de uma família que conheço.

– Que chato!

– Quero perguntar uma coisa, só por curiosidade. Você ouviu falar de um homem andando por aqui recentemente? Um cara que diz ter remédios para a praga?

Ela levanta a sobrancelha e responde:

– Ouvi, sim. Tem uma galera querendo encontrar esse cara.

– Você sabe o que ele diz às pessoas?

Ela hesita um instante. Reparo que a moça tem minúsculas sardas no nariz. Ela responde:

– Ouvi dizer que ele está dizendo ao povo que quer dar um remédio que cura a praga a uma pessoa, só a uma pessoa. E que essa pessoa vai saber sobre quem ele está falando.

Tento parecer que acho graça:

– Pessoa sortuda, hein?

Ela dá um risinho e diz:

– Falando sério! Ele disse que essa pessoa deve se encontrar com ele *hoje* à meia-noite no lugar-dos-dez-segundos.

– Lugar-dos-dez-segundos?

A atendente do bar dá de ombros e diz:

– Não tenho noção do que isso quer dizer. Aliás, ninguém tem. – Ela se debruça no balcão e baixa a voz. – Sabe o que eu acho? Acho que esse cara é *piradaço*.

Rio com ela, mas minha cabeça está girando. Não tenho dúvida de que essa pessoa está procurando por mim. Há quase um ano, invadi um banco em Arcádia pelo beco que fica atrás do banco. Um dos seguranças tentou me matar. Quando ele cuspiu em mim e me disse que os raios *lasers* do cofre-forte do banco iam me fazer virar picadinho, debochei e respondi que em dez segundos eu ia invadir a sala do cofre-forte. Ele não acreditou em mim, mas o que acontece é que ninguém nunca acredita no que digo até que eu acabo fazendo o que disse. Com aquele dinheiro, comprei um par legal de botas, e até uma bomba eletromagnética no mercado negro, uma arma que desativa armas à sua volta. Ela foi bem útil quando ataquei uma base aérea. E Tess ganhou um guarda-roupa completo, blusas, sapatos e calças compridas novas em folha, além de ataduras, álcool e um vidro de aspirina. Nós dois conseguimos comprar muita comida. O resto eu dei à minha família e a um pessoalzinho lá do Lake.

Depois de vários minutos de flerte, eu me despeço da assistente do bar e vou embora. O sol ainda está no céu, e sinto gotas de suor no rosto. Agora já sei o suficiente. O governo deve ter encontrado alguma coisa no hospital e quer me atrair para uma armadilha. Vão mandar um cara para o lugar-dos-dez-segundos à meia-noite, e posicionar soldados no beco dos fundos. Aposto que pensam que estou *muito* desesperado.

Provavelmente também vão levar remédios contra a peste, para me atrair. Aperto os lábios enquanto penso, e aí mudo da direção para onde estava indo. Vou para a área financeira.

Eu tenho um encontro marcado.



JUNE

23H29.

SETOR BATALLA.

22°C EM AMBIENTE FECHADO.

As luzes no Batalla Hall são frias e fluorescentes. Visto-me num banheiro no andar de observação e análise. Estou usando mangas pretas compridas por baixo de um colete preto listrado, calças pretas justas enfiadas nas botas, e um longo sobretudo preto, que envolve meus ombros e me cobre como um cobertor. Uma faixa branca passa pelo centro do sobretudo e vai até o chão. Uma máscara preta cobre meu rosto, óculos infravermelhos protegem-me os olhos. Fora isso, tudo o que tenho é um minúsculo microfone e um fone de ouvido menor ainda. E uma arma. Só por precaução.

Preciso parecer sem qualquer característica feminina, genérica, não identificável. Preciso me passar por contrabandista. Alguém rico o bastante para comprar os remédios que curam a praga.

Metias acenaria para mim negativamente com a cabeça. “Você não pode ir sozinha numa missão confidencial, June”, ele diria. “Você pode se machucar.” Que ironia!

Aperto o fecho que mantém minha capa no lugar (é de aço borrifado com um jato líquido de bronze, provavelmente importado do Texas Ocidental) e depois me dirijo à escada que me levará para fora do Batalla Hall, rumo ao banco Arcádia. Onde supostamente devo encontrar o Day.

Meu irmão foi morto há cento e vinte horas. Parece que foi há uma eternidade. Há setenta horas, obtive autorização para navegar na internet e descobri o máximo que pude sobre Day. Há quarenta horas, mostrei à Comandante Jameson um plano que preparei para rastrear Day. Há trinta e duas horas ela o aprovou. Duvido que se lembre dos detalhes. Há trinta horas, enviei um olheiro a todos os setores infectados pela praga em Los

Angeles: Winter, Blueridge, Lake e Alta. Ele espalhou o boato: alguém tem um remédio contra a praga para você, vá ao lugar-dos-dez-segundos. Há vinte e nove horas, assisti ao funeral do meu irmão.

Não planejo pegar Day hoje à noite. Não planejo sequer vê-lo. Ele vai saber exatamente onde é o lugar-dos-dez-segundos e que eu sou uma agente enviada pelo governo ou pelos corretores do mercado negro que pagam impostos ao governo. Ele não vai mostrar a cara. Mesmo a Comandante Jameson, que está me testando com essa primeira tarefa, sabe que não vamos conseguir vê-lo nem de relance.

Mas eu sei que ele estará lá. Precisa desesperadamente de remédios contra a praga. E ele aparecer é tudo que espero esta noite: uma pista, um ponto de partida, algo que sinalize a direção a ser seguida, alguma coisa pessoal sobre esse garoto criminoso.

Tomo cuidado para não andar sob os postes de luz. Na verdade, eu teria andado pelos telhados, se não estivesse indo para o setor financeiro, onde guardas se postam nos telhados. À minha volta os telões expõem em som alto e estridente suas campanhas coloridas, o som distorcido e forte de seus comerciais sai dos alto-falantes. Um telão mostra um perfil atualizado de Day, desta vez com cabelo preto comprido. Perto dos telões estão operários do turno da noite, policiais e camelôs. De vez em quando, passa um tanque, seguido por vários pelotões de tropas. Eles têm faixas azuis nas mangas. São soldados de volta do *front*, ou em rodízio para irem ao *front*. Mantêm as armas ao lado do corpo e as seguram com as duas mãos. Para mim, todos se parecem com Metias, então preciso respirar com mais força, andar mais depressa, para continuar concentrada.

Tomo um caminho mais comprido até Batalla, pelas transversais do setor e pelos edifícios abandonados, e só paro quando estou a uma boa distância da área militar.

Os guardas municipais não podem saber que estou numa missão. Se me virem vestida assim, equipada com óculos infravermelhos, certamente vão me interrogar.

O banco Arcádia fica numa rua sossegada. Dou a volta pelo lado dos fundos do banco, até estar em frente a um estacionamento no fim de um

beco. Lá, espero na sombra. Meus óculos eliminam a maior parte das cores do local. Olho ao redor e vejo filas de alto-falantes nos telhados, um gato perdido cujo rabo bate na tampa de uma lata de lixo, um quiosque abandonado com folhetos antigos contra as Colônias colados nele.

O relógio do meu visor diz que são 23h53. Passo o tempo me forçando a refletir sobre a história de Day. Antes do roubo desse banco, a ficha criminal de Day já apontava três delitos. Esses foram os únicos incidentes onde encontramos suas impressões digitais. Imagino os inúmeros outros crimes cometidos por ele. Olho mais detidamente o beco do banco. Como ele conseguiu invadir o banco em dez segundos, com quatro guardas armados na entrada dos fundos? O beco é estreito. Ele talvez tenha achado pontos de apoio suficientes para subir até o segundo ou terceiro andar, o tempo todo usando as armas dos guardas contra eles mesmos.

Provavelmente conseguiu que os guardas atirassem uns nos outros. Provavelmente quebrou os vidros de uma janela para entrar. Isso teria demorado apenas alguns segundos. O que ele fez quando entrou, não tenho a mínima ideia.

Já sei que Day é muito ágil. Sobreviver a uma queda de dois andares e meio comprova isso. Mas ele não vai ter oportunidade de fazer isso hoje à noite. Não me interessa o quanto ele é ágil: não se salta de um prédio e depois se espera andar normalmente. Day não vai escalar paredes nem escadarias por pelo menos mais uma semana.

De repente fico tensa. Passam dois minutos da meia-noite. Um clique ecoa de algum lugar distante, e o gato sentado na lata de lixo corre, assustado. Pode ser um isqueiro, o gatilho de uma arma, ou uma luz vacilante da rua, pode ser um monte de coisas. Examino os telhados. Nada ainda.

Mas os fios de cabelo na minha nuca se eriçam. Sei que ele está aqui. Sei que está me observando.

– Saia daí – digo. O minúsculo microfone colocado perto da minha boca faz minha voz parecer masculina.

Silêncio. Nem mesmo as camadas de prospectos grudados no quiosque se movem. Não há vento esta noite.

Retiro um frasco de um coldre no meu cinto. Minha outra mão não larga o cabo da minha arma.

– Eu tenho o que você quer – digo, acenando com o frasco para enfatizar a frase.

Nada ainda. Desta vez, contudo, ouço o que parece um ligeiro suspiro. Um respirar. Meus olhos se dirigem imediatamente para os alto-falantes nos telhados. O clique era isso. Ele mexeu com a fiação para poder falar comigo sem denunciar onde está. Sorrio atrás da máscara: eu teria feito a mesma coisa.

– Eu *sei* que você precisa disto – digo, acenando de novo com o frasco. Eu o viro nas minhas mãos e o levanto. – Ele tem todos os rótulos oficiais, o selo de aprovação. Garanto a você que é o remédio verdadeiro contra a praga.

Mais um respirar.

– Alguém com quem você se importa gostaria que você viesse me cumprimentar. – Olho para os meus óculos. – São meia-noite e cinco. Eu lhe dou dois minutos. Depois, vou embora.

O beco volta a ficar silencioso. De vez em quando, escuto um leve respirar vindo dos alto-falantes. Meus olhos se movem da hora no meu visor para as sombras dos telhados. Ele é esperto. Não consigo saber de onde ele está transmitindo. Poderia ser nesta rua, ou a vários quarteirões daqui, ou de um andar mais alto. Mas sei que ele está perto o bastante para me ver.

A hora no meu visor mostra 00h07. Eu me viro, enfio o frasco de novo no meu cinto e começo a me afastar.

– Que é que você quer pela cura, amigo?

A voz é quase um sussurro, mas pelos alto-falantes soa instável e assustada, tão débil, que tenho dificuldade em compreender o que ele diz. Os detalhes me acorrem rapidamente a cabeça. É homem. Tem um leve sotaque. Não é de Oregon, Nevada, Arizona, Novo México, Texas Ocidental, nem de outro estado da República. Nasceu no sul da Califórnia. Usa o termo familiar *amigo*, que o pessoal do setor Lake usa muito. Ele está perto o bastante para ter me visto guardar o frasco, mas não tão perto que os

alto-falantes possam transmitir sua voz claramente. Deve estar no próximo quarteirão, com uma boa perspectiva, isto é, está num andar alto.

Subjacente aos detalhes que me percorrem a mente surge um ódio forte e crescente. Essa é a voz do assassino do meu irmão. Pode ter sido a última voz que meu irmão ouviu.

Espero dois segundos antes de voltar a falar. Quando falo, minha voz está suave e calma, e não mostra nenhum sinal de ira:

– O que eu quero? – pergunto a ele. – Depende. Você tem dinheiro?

– Mil e duzentas Notas.

Notas, não ouro da República. Ele rouba a classe alta, mas não tem capacidade para roubar os extremamente ricos. Provavelmente age sozinho. Rio e digo:

– Com mil e duzentas Notas você não compra este frasco. Que mais você tem? Bens de valor? Joias?

Silêncio.

– Ou tem habilidades a oferecer, como estou *certo* de que tem?

– Não trabalho para o governo.

Seu ponto fraco. Naturalmente.

– Não quis ofender, perguntei por perguntar. E como você sabe que eu não trabalho para outra pessoa? Não acha que está valorizando demais o governo?

Ligeira pausa, e depois a voz novamente:

– O nó da sua capa. Não sei o que é, mas não parece coisa de civil.

Isso me surpreende um pouco. O nó da minha capa é realmente um nó canto, um nó vigoroso que os oficiais militares gostam de usar.

Aparentemente, Day tem algum conhecimento específico da aparência dos uniformes do governo. Ele é muito observador. Rapidamente disfarço minha hesitação.

– É bom encontrar alguém que saiba o que é um nó canto, mas acontece que viajo muito, amigo. Vejo e conheço muitas pessoas, gente com quem não tenho vínculos.

Silêncio.

Espero, tentando ouvir outro respirar através dos alto-falantes. Nada, nem mesmo um clique. Não respondi com a rapidez adequada, a breve hesitação da minha voz foi o bastante para convencê-lo de que não podia confiar em mim. Aperto o manto ao redor do meu corpo e percebo que comecei a suar no calor da noite. Meu coração bate a mil por hora.

Outra voz soa na minha cabeça. Desta vez vem do meu minúsculo fone de ouvido:

– Você está aí, Iparis?

É a Comandante Jameson. Ouço o ruído de outras pessoas na sala dela.

– Ele foi embora – murmuro –, mas me deu pistas.

– Você deu pistas a ele sobre para quem trabalha, não deu? Bem, é sua primeira vez trabalhando sozinha. De qualquer forma, tenho as gravações. Vejo você no Batalla Hall.

Sua repreensão me irrita um pouco. Antes que eu possa responder, a estática interrompe a chamada.

Espero mais um minuto, só para ter certeza de que não interpretei errado a saída de Day. Silêncio. Eu me viro e começo a ir embora do beco. Queria contar à Comandante Jameson qual seria a solução mais fácil, simplesmente reunir todos do setor Lake cujas portas estivessem marcadas. Isso atrairia Day para fora do esconderijo. Mas posso até ouvir a resposta incisiva da Comandante Jameson: “Absolutamente não, Iparis. Seria muito dispendioso, e o quartel não aprovaria. Você vai ter de pensar em outra coisa.” Olho de relance para trás, na esperança de ver um vulto vestido de preto me seguindo, mas o beco está vazio.

Não serei autorizada a forçar Day a vir a mim, o que só me deixa uma opção: eu vou ter de ir atrás dele.

DAY

– Vê se come alguma coisa, tá?

A voz de Tess me desperta da minha vigília. Desvio o olhar do lago e a vejo me estendendo um pedaço de pão com queijo, insistindo para eu pegá-lo. Eu devia estar com fome. Só comi metade de uma maçã desde meu encontro com o estranho agente do governo ontem à noite, mas o pão com queijo, ainda que seja fresco, da loja onde Tess havia trocado algumas Notas preciosas por eles, não me abre o apetite. Mesmo assim, eu o pego. Não tenho a menor vontade de desperdiçar um alimento perfeitamente saudável, especialmente porque devemos economizar tudo que temos, para comprar os remédios contra a praga.

Tess e eu estamos sentados na areia debaixo de um píer, na parte do lago que atravessa nosso setor. Nós nos comprimimos ao máximo contra o lado da margem, para evitar que soldados à toa e operários bêbados acima possam nos ver depois do gramado e das pedras. Nós nos misturamos às sombras. De onde estamos sentados, sentimos o gosto do sal no ar, e vemos as luzes do centro de Los Angeles refletidas na água. Ruínas de prédios mais antigos salpicam o lago, são edifícios que foram abandonados por proprietários de negócios e residentes quando as águas da inundação se elevavam. Gigantescas rodas e turbinas hidráulicas se agitam ao longo da beira da água, atrás de cortinas de fumaça. Essa é provavelmente minha vista favorita de nosso pequeno, devastado e bonito setor Lake.

Retiro o que disse. Esta é minha favorita e também a menos favorita vista. Porque, embora as luzes do centro da cidade ofereçam um bonito panorama, também consigo ver, indistintamente a leste, o estádio onde a Prova é realizada.

– Você ainda tem tempo – me diz Tess. Ela desliza para tão perto de mim que consigo sentir seu braço nu contra o meu. Seu cabelo cheira a pão e

canela da loja. – Provavelmente um mês ou mais. Tenho certeza de que antes disso a gente vai encontrar os remédios contra a praga.

Para uma garota sem família e sem casa, Tess é surpreendentemente otimista. Tento sorrir para agradar e digo:

– Talvez. Quem sabe o hospital relaxa a guarda daqui a umas duas semanas. – Mas, em meu coração, sei que não é bem assim.

Mais cedo, arrisquei dar uma espiada na casa da minha mãe. O estranho X continuava marcado na porta. Minha mãe e John pareciam bem, pelo menos fortes o bastante para andar pela casa. Mas o Éden... dessa vez Éden estava deitado na cama, com um pano na testa. Mesmo a alguma distância, dava para ver que ele já havia emagrecido. Sua pele estava pálida, a voz, débil e rouca. Quando mais tarde encontrei John atrás da nossa casa, ele me disse que o Éden não comia desde a última vez em que fui lá. Lembrei ao John que ficasse fora do quarto do Éden sempre que pudesse. Ninguém sabe como essa maldita praga está se espalhando. John me advertiu para parar de gracinhas, para não ser morto. Tive de rir quando ele disse isso. John nunca vai admitir para mim, mas sei que sou a única oportunidade de salvamento para Éden.

A praga pode acabar com a vida de Éden antes mesmo que ele se submeta à Prova.

Talvez seja uma bênção disfarçada. Éden nunca precisaria ficar do lado de fora da nossa porta em seu décimo aniversário, esperando um ônibus para levá-lo ao estádio da Prova. Nunca teria de seguir dezenas de crianças subindo os degraus do estádio para chegar ao círculo interno, ou dar uma volta completa na pista de corrida enquanto os administradores da Prova analisam sua respiração e postura, nem responder a páginas e páginas de perguntas idiotas de múltipla escolha, nem sobreviver a uma entrevista feita por meia dúzia de oficiais impacientes. Não precisaria esperar em um dos vários grupos depois da Prova, sem saber quais voltariam para casa e quais seriam enviados para os assim chamados *campos de trabalho*.

Não sei bem. Se o pior acontecer, talvez a praga seja um meio mais piedoso de partir desta vida.

– Sabe, o Éden sempre adocece – digo após um tempo. Dou uma grande mordida no sanduíche de queijo e continuo: – Quando ele era bebê, quase morreu. Pegou um tipo de vírus, ficou com febre e assaduras, chorou por uma semana inteirinha. Os soldados quase marcaram nossa porta com um X, mas obviamente a doença não era uma praga, e ninguém mais pegou aquilo. – Sacudo a cabeça e digo: – John e eu nunca ficamos doentes.

Desta vez, Tess não sorri.

– Tadinho do Éden! – Depois de um instante, ela continua: – Eu estava muito doente quando a gente se conheceu. Você se lembra de como eu estava cheia de perebas?

De repente me sinto culpado por estar falando tanto sobre meus problemas nos últimos dias. Pelo menos eu tenho uma família com a qual me preocupar. Ponho um braço ao redor do ombro dela e digo:

– É, você estava com uma aparência péssima.

Tess ri, mas seus olhos continuam focalizados nas luzes da cidade. Ela encosta a cabeça no meu ombro. Essa menina faz isso desde a primeira semana em que a conheci, quando a localizei num beco no setor Nima.

Ainda não sei o que me fez parar e falar com ela naquela tarde. Talvez o calor tivesse me abrandado, ou talvez eu só estivesse de bom humor porque tinha encontrado um restaurante que jogara fora a produção de sanduíches encalhados do dia inteiro. Eu gritei para ela:

– Ei!

Duas outras cabeças surgiram ao lado da lata de lixo. Recuei, surpreso. Eram uma mulher mais velha e um adolescente, que imediatamente saíram desordenadamente da bagunça e fugiram correndo do beco. Aquela terceira pessoa, uma menina que não parecia ter mais de dez anos, permaneceu onde estava, tremendo ao me ver. Era magricela como um palito, vestia uma blusa e uma calça rasgadas. O cabelo estava curto e cortado de qualquer jeito logo abaixo do queixo, e era ruivo à luz do sol.

Esperei um instante para não a assustar, como havia acontecido com os outros.

– Ei! – repeti. – Posso me juntar a você?

Ela me olhou fixamente sem dar uma palavra. Eu mal podia distinguir seu rosto, de tanta fuligem.

Quando ela não respondeu, dei de ombros e comecei a ir a seu encontro. Talvez eu pudesse resgatar alguma coisa útil da lata de lixo.

No minuto em que cheguei a três metros da garota, ela soltou um grito angustiado e começou a correr. Corria tão depressa que tropeçou e caiu no asfalto, com mãos e pés. Eu manquei até ela. Minha antiga lesão no joelho estava pior, me lembro que tropecei ao correr.

– Ei! – gritei. – Você está bem?

Ela recuou e levantou as mãos arranhadas para proteger o rosto.

– Por favor! – disse ela. – Por favor!

– Por favor *o quê?* – Então suspirei, constrangido por minha irritação. Vi que os olhos dela começavam a se encher de lágrimas. – Pare de chorar. Não vou machucar você.

Ajoelhei ao lado dela. A princípio ela choramingou e começou a se afastar engatinhando, mas, quando eu não me mexi, ela parou e me olhou fixamente. A pele dos dois joelhos tinha sido arrancada na queda e a carne nas rótulas estava muito vermelha e irritada.

– Você mora perto? – perguntei.

Ela concordou com a cabeça. Depois, como se tivesse se lembrado de algo, ela sacudiu a cabeça e disse:

– Não.

– Posso ajudá-la a chegar à sua casa?

– Eu não tenho casa.

– Não tem? Onde estão seus pais?

Ela balançou a cabeça de novo. Suspirei, larguei minha sacola de lona no chão e estendi a mão para ela:

– Escute uma coisa, você não quer ficar com os joelhos inflamados. Eu te ajudo a limpar os dois e depois você pode continuar seu caminho. Eu também posso lhe dar um pouco da minha comida. Bom negócio, não?

Ela demorou muito para pôr a mão na minha, e suspirou, “tudo bem”, tão baixinho, que mal a ouvi.

Naquela noite, acampamos atrás de uma loja de penhores, onde tinha duas cadeiras velhas e um sofá rasgado, em um beco. Limpei os joelhos da garota com álcool roubado de um bar, e pedi que ela mordesse um trapo para não gritar e chamar a atenção para nós. A não ser quando eu estive cuidando dos ferimentos, ela nunca deixava eu me aproximar dela. Sempre que minha mão acidentalmente passava pelo seu cabelo ou encostava em seu braço, ela recuava como se estivesse sendo queimada pelo vapor de uma chaleira. Finalmente desisti de tentar falar com ela. Deixei que dormisse no sofá. Enquanto isso, dobrei a camisa para servir de travesseiro e tentei ficar confortável no chão.

– Se você quiser ir embora de manhã, pode ir – falei a ela. – Não precisa me acordar, nem se despedir, nem fazer nada.

Minhas pálpebras estavam ficando pesadas, mas a garota continuava bem acordada, olhando fixamente para mim, sem piscar, mesmo quando adormeci.

Ela continuava lá de manhã. Seguia-me enquanto eu escarafunchava as latas de lixo, pegando roupas velhas e porções ainda comestíveis de sobras de comida. Tentei pedir a ela que fosse embora, tentei até gritar com ela. Uma órfã seria uma enorme inconveniência, mas, embora eu a tenha feito chorar algumas vezes, quando eu olhava por cima do ombro a guria ainda estava lá, seguindo-me a pouca distância.

Duas noites depois, quando estávamos sentados perto de uma fogueira improvisada, ela finalmente falou comigo:

– Meu nome é Tess – murmurou. Depois examinou meu rosto, como se quisesse adivinhar minha reação.

Só dei de ombros e disse:

– É bom saber.

E nada mais foi dito.

Tess acorda subitamente. Seu braço bate na minha cabeça.

– Ai! – exclamo e esfrego a testa. A dor percorre meu braço em recuperação. Ouço o tinir no meu bolso das balas de prata que Tess tirou das minhas roupas. – Se você queria me acordar, era só me tocar.

Ela ergue um dedo até os lábios. Agora eu é que me assusto. Ainda estamos sentados debaixo do píer, mas devem faltar umas duas horas para o amanhecer, a silhueta dos edifícios ainda está escura. A única luz vem de vários antigos postes à beira do lago. Olho de relance para Tess. Seus olhos brilham na escuridão.

– Você ouviu alguma coisa? – cochicha ela.

Franzo a testa. Normalmente escuto algo suspeito antes de Tess, mas desta vez não escutei nada. Nós dois ficamos imóveis por um longo momento. Ouço o bater ocasional de ondas, o som agitado do metal empurrando a água e, de vez em quando, um carro que passa.

Olho de novo para Tess e pergunto:

– O que foi que você ouviu?

– Parecia alguma coisa borbulhando – sussurra ela.

Antes que eu possa refletir sobre isso, ouço passos e depois uma voz se aproximando no píer acima de nós. Nós dois nos encolhemos ainda mais na sombra. A voz é de homem, e seus passos soam estranhamente pesados. Dou-me conta, um instante depois, de que o homem está acompanhado. Deve ser uma dupla de guardas municipais.

Chego ainda mais para trás na margem, parte da poeira e das pedras soltas cede e rola silenciosamente até a areia. Continuo a me empurrar para trás até minhas costas atingirem uma superfície firme e suave. Tess faz a mesma coisa.

– Tem alguma coisa pra acontecer – diz um dos guardas. – A praga desta vez apareceu no setor Zein.

Os passos dos dois fazem barulho acima, e vejo o vulto deles caminhar ao longo do início do píer. A distância, os primeiros sinais de luz estão colorindo o horizonte com um cinza turvo.

– Nunca ouvi falar que a praga estivesse naqueles lados.

– Deve ser um surto mais forte.

– O que eles vão fazer?

Tento ouvir o que o outro guarda tem a dizer, mas a esta altura os dois já andaram para bem longe e suas vozes são agora murmúrios. Respiro fundo. O setor Zein fica a uns cinquenta quilômetros daqui. Mas e se a estranha

marca vermelha na porta da minha mãe significar que eles estão infectados com novo surto? E o que o Eleitor vai fazer a respeito?

– Day – murmura Tess.

Eu a olho. Ela se vira contra a margem, de modo que suas costas ficam de frente para o lago. Ela aponta para a profunda reentrância que fizemos na margem. Quando me viro, vejo o objeto que ela está indicando.

A superfície dura na qual eu havia encostado é, na verdade, uma placa de metal. Quando espalho mais das pedras e da poeira, vejo que o metal está profundamente enterrado na margem e que deve ser o que está mantendo a margem no lugar. Reexamino a superfície.

Tess olha para mim e diz:

– Está oco.

– Oco?

Encosto minha orelha no metal gelado. Uma onda de ruídos me invade: o borbulhar e o som sibilante que Tess ouviu antes. Esta não é apenas uma estrutura metálica para sustentar as margens do lago. Quando me afasto dela e olho mais detidamente para o metal, reparo que há símbolos entalhados na sua superfície.

Um deles é a bandeira da República, gravada no metal mas já perdendo o relevo. Outro é um pequeno número em vermelho: **318**.



JUNE

– Eu é que devia ir lá, não você.

Cerro os dentes e tento não olhar para Thomas. Suas palavras são idênticas às que Metias teria dito. Respondo então:

– Eu vou parecer menos suspeita do que você. Pode ser que as pessoas confiem em mim mais facilmente.

Estamos em frente a uma janela na ala norte do Batalla Hall, observando a Comandante Jameson trabalhar no outro lado do vidro. Hoje pegaram um espião das Colônias que estava divulgando secretamente propaganda sobre “como a República está mentindo para você!” Geralmente enviam-se os espiões para Denver, mas se são apanhados numa cidade grande como Los Angeles, nós os prendemos antes que a capital faça isso. Neste instante ele está pendurado de cabeça para baixo na sala de interrogatórios. A Comandante Jameson segura uma tesoura.

Inclino um pouco a cabeça para olhar para o espião. Já o odeio tanto quanto odeio qualquer coisa que diga respeito às Colônias. É certo que ele não tem ligação com os Patriotas, mas isso o torna ainda mais covarde. Até agora, todo Patriota que encurralamos se matou antes de ser preso. Esse espião é jovem, deve ter uns vinte e tantos anos. Mais ou menos da mesma idade que meu irmão tinha. Lentamente, estou me habituando a falar sobre Metias com o verbo no passado.

Pelo canto do olho, vejo que Thomas continua a me olhar. A Comandante Jameson o promoveu oficialmente para o cargo do meu irmão, mas Thomas tem pouco poder sobre o que escolher fazer nessa missão de teste, e isso o leva à loucura. Ele teria se recusado a me deixar ir disfarçada ao setor Lake por incontáveis dias: não sem uma dupla forte de apoio e uma equipe para me seguir.

Mas vai acontecer de qualquer modo, a partir de amanhã de manhã.

– Preste atenção: não se preocupe comigo. – Através do vidro, vejo o espião dobrar as costas, em agonia. – Posso tomar conta de mim. Day não é bobo, se eu tiver uma equipe me seguindo pela cidade, ele vai reparar de cara.

Thomas dá as costas para o interrogatório e me diz:

– Eu sei que você é boa no que faz. – Espero o “mas” na frase, porém ele não o pronuncia. – Mantenha o microfone ligado. Eu tomo conta de tudo por aqui.

Sorrio para ele e agradeço. Ele não me olha, mas vejo seus lábios se inclinarem nos cantos. Talvez esteja se lembrando de quando eu costumava caminhar com ele e Metias, fazendo a eles perguntas tolas sobre como trabalhavam os militares.

Atrás do vidro, o espião subitamente grita algo para a Comandante Jameson e se atira violentamente contra as correntes. Ela nos olha de relance e faz um sinal com a mão para que entremos. Não hesito. Thomas e eu, e mais um soldado que estava perto da sala de interrogatório, todos entramos apressadamente e nos espalhamos perto da parede dos fundos. Instantaneamente sinto que a sala é abafada e quente. Observo o prisioneiro continuar a gritar.

– O que foi que a senhora disse a ele? – pergunto à Comandante.

Ela me dirige um olhar gélido e diz:

– Eu disse a ele que o próximo alvo das nossas aeronaves vai ser a cidade natal dele. – Ela se volta para o prisioneiro. – Ele vai começar a colaborar, se tiver juízo.

O espião nos olha furioso. O sangue lhe escorre da boca até a testa e cabelos, e goteja no chão embaixo dele. Sempre que se sacode com força, a Comandante Jameson pisa também com força na corrente em volta do seu pescoço, então o sufoca até ele parar.

Ele agora rosna e cospe sangue nas nossas botas, fazendo com que eu, enojada, esfregue as minhas no chão.

A Comandante Jameson se inclina e sorri para ele:

– Que tal recomeçarmos? Qual é seu nome?

O espião desvia o olhar e não diz nada.

A Comandante Jameson suspira e faz um sinal com a cabeça para Thomas.

– Minhas mãos estão cansadas – diz ela. – Faça você as honras.

– Sim, senhora.

Thomas bate continência e dá um passo à frente. Endurece a mandíbula, fecha o punho e soca o espião violentamente no estômago. Os olhos do espião se arregalam, e ele tosse mais sangue no chão. Eu me distraio ao analisar os detalhes de sua roupa: botões de bronze, botas militares, um pino azul na manga. Isso quer dizer que ele se disfarçou de soldado, e que o pegamos perto de San Diego, a única cidade que requer que todo mundo use esses pinos azuis. Sei o que o denunciou também. Um dos botões de bronze parece ligeiramente mais chato do que os feitos na República. Ele mesmo deve ter pregado esse botão, um botão de um antigo uniforme das Colônias. Burrice! Um erro que apenas um espião das Colônias cometeria.

– Qual é seu nome? – pergunta de novo a Comandante Jameson. Thomas abre uma faca e agarra um dos dedos do espião.

O espião engole em seco e responde:

– Emerson.

– Emerson *de quê?* Seja mais específico.

– Emerson Adam Graham.

– Sr. Emerson Adam Graham, do Texas Oriental – diz a Comandante Jameson, com voz suave e persuasiva. – É um prazer conhecê-lo, jovem senhor. Diga, sr. Graham, por que as Colônias o mandaram para nossa ótima República? Para espalhar mentiras?

O espião ri debilmente:

– Ótima República... – retruca. – A sua República não vai durar mais uma década. E o melhor é que, quando as Colônias dominarem as terras de vocês, elas as utilizarão melhor do que vocês.

Thomas atinge o espião no rosto com o cabo da faca. Um dente rola no chão. Quando olho novamente para Thomas, seu cabelo caiu sobre o rosto e um prazer cruel substituiu a habitual bondade. Franzo a testa. Não vejo muito essa expressão no rosto de Thomas. Ela me apavora.

A Comandante Jameson para à sua frente antes que ele possa bater no espião de novo.

– Tudo bem. Vamos ouvir o que nosso amigo tem a dizer contra a República.

O rosto do espião está bastante vermelho por ter ficado pendurado muito tempo:

– Vocês chamam isso de república? Matam seu próprio povo e torturam os que eram seus irmãos?

Reviro os olhos ao ouvir essa frase. As Colônias querem que pensemos que permitir que eles nos dominem é uma coisa positiva, como se eles estivessem nos anexando, ou nos fazendo algum favor. É assim que eles nos consideram: uma pobre nação marginal, como se *eles* fossem os poderosos. Essa noção é do maior interesse para eles, afinal, pois ouvi dizer que as inundações alagaram muito mais áreas das terras deles do que das nossas. Este sempre foi o motivo básico de tudo: terra, terra, terra. Mas tornar-se uma união... isso *nunca* aconteceu, *nem* acontecerá. Nós os derrotaremos primeiro, ou morreremos tentando.

O espião continua:

– Não vou contar nada a vocês. Podem tentar o máximo que quiserem, mas nada ouvirão da minha boca.

A Comandante Jameson sorri para Thomas, que retribui o sorriso. Ela diz:

– Bem, você ouviu o que o sr. Graham disse. Tentemos o máximo.

Thomas vai para cima dele e, após certo tempo, o outro soldado na sala precisa unir-se a ele para manter o espião no lugar. Eu me forço a olhar enquanto eles tentam extrair informações do homem. Preciso aprender isso, preciso me familiarizar com isso. Nos meus ouvidos ressoam os gritos de dor do espião. Ignoro o fato de que o cabelo do espião é liso e preto como o meu, ou que sua pele é pálida. Sua juventude não para de me lembrar Metias. Digo a mim mesma que Metias não é a pessoa que Thomas está torturando. Isso seria impossível.

Metias não pode ser torturado: ele já está morto.

Naquela noite, Thomas me acompanha de volta a meu apartamento e me beija no rosto antes de ir embora. Recomenda que eu tenha cuidado, e diz que ele estará monitorando todos os ruídos através do meu microfone.

– Todo mundo vai ficar de olho em você – garante ele. – Você só vai ficar sozinha se quiser.

Consigo retribuir o sorriso. Peço a ele que cuide de Ollie enquanto eu estiver fora.

Quando finalmente entro no apartamento, enrosco-me no sofá e descanso o braço nas costas de Ollie. Ele está dormindo profundamente, e se espremeu contra a lateral do sofá. Provavelmente sente a ausência de Metias tanto quanto eu. Na mesinha de centro, pilhas de fotos antigas de nossos pais, fotos que estavam no armário do quarto de Metias, e que estão agora espalhadas no vidro. Assim como periódicos e um livreto onde ele costumava guardar pequenas memórias das coisas que fazíamos juntos: uma ópera, jantares tarde da noite, exercícios feitos de manhãzinha na pista. Desde que Thomas saiu, tenho olhado todas essas coisas, esperando que o assunto sobre o qual Metias queria me falar esteja mencionado em algum lugar. Folheio os escritos de Metias e releio as notas que papai gostava de escrever nos rodapés das fotos. A foto mais recente mostra nossos pais junto de Metias, bem jovem, em frente ao Batalla Hall. Todos os três estão fazendo o gesto positivo, com os polegares para cima. *A futura carreira de Metias está aqui! 12 de março.* Olho fixamente para a data. A foto foi tirada várias semanas antes de meus pais morrerem.

Meu gravador está na beira da mesinha de centro. Estalo os dedos duas vezes, e depois escuto repetidamente a voz de Day. Que rosto combina com essa voz? Tento imaginar a aparência de Day. Jovem e atlético, provavelmente, e magro, devido aos anos passados nas ruas. A voz sai dos alto-falantes mas tão interrompida e distorcida que há trechos incompreensíveis.

– Ouve isso, Ollie? – sussurro. Ollie ronca um pouco e esfrega a cabeça na minha mão. – Esse é o cara que precisamos achar. E eu vou conseguir.

Adormeço com as palavras de Day ressoando em meus ouvidos.



06H25.

Estou no setor Lake, observando a luz do dia, cada vez mais forte, colorindo de dourado as rodas e as turbinas de água que se agitam. Uma camada de fumaça paira perpetuamente sobre a beira d'água. Do outro lado do lago vejo o centro de Los Angeles pertinho da margem. Um guarda municipal se aproxima e me manda parar de vadiar e sair andando. Concordo com a cabeça sem dizer uma palavra e continuo ao longo da beira.

A distância, me misturo completamente aos que caminham a meu redor. Minha blusa de meia manga e gola veio de um brechó na divisa entre Lake e Winter. Minhas calças estão rasgadas e sujas, o couro das minhas botas está descascando. Tenho muito cuidado com o tipo de nó que uso para amarrar os cadarços: é um simples nó rose, coisa que qualquer operário usaria. Puxei o cabelo para trás, num rabo de cavalo apertado. Uso um boné de jornaleiro.

O medalhão de Day está bem seguro no meu bolso.

É inacreditável como são sujas as ruas daqui, talvez ainda mais sujas do que os arredores deteriorados de Los Angeles. A terra é baixa, fica no nível da água, igual aos demais setores. Provavelmente por isso, sempre que cai uma tempestade o lago inunda todas as ruas perto da margem, com água suja e contaminada por esgotos. Todos os prédios estão desbotados, em ruínas, e pichados, à exceção, obviamente, da sede da polícia. As pessoas caminham ao redor de pilhas de lixo que estão encostadas nas paredes e é como se não estivessem lá. Moscas e cachorros perdidos permanecem perto do lixo, assim como algumas pessoas. Torço o nariz por causa do fedor (de claraboias fumegantes, gordura, esgoto). Então paro, percebendo que, se quero passar por uma cidadã do Lake, tenho de fingir que estou habituada à fedentina.

Vários homens sorriem para mim quando passo. Um chega até a gritar para mim. Eu os ignoro e continuo andando. Eram um bando de panacas,

homens que mal haviam passado na Prova. Será que posso pegar a praga dessa gente, embora esteja vacinada? Sabe-se lá por onde eles andam.

Eu então me detenho. Metias me disse para nunca julgar os pobres assim. *Bem, ele era uma pessoa melhor do que eu*, penso amargamente.

O minúsculo microfone dentro da minha face vibra um pouquinho, então ouço um som débil vindo do fone de ouvido:

– Srta. Iparis. – A voz de Thomas soa como um zunido baixinho que mal posso ouvir. – Tudo dando certo?

– Tudo – murmuro. O pequeno microfone capta as vibrações da minha garganta. – Estou agora no centro do Lake. Vou ficar em silêncio um pouco.

– Tudo bem – diz Thomas, e se cala.

Faço um som de clique com a língua, para desligar o microfone.

Passo a maior parte dessa primeira manhã fingindo revirar as latas de lixo. Dos outros mendigos escuto histórias sobre vítimas da praga, sobre quais as áreas com que a polícia se preocupa mais e quais delas começaram a se recuperar. Eles indicam os melhores lugares para encontrar comida e água potável, os melhores lugares para se esconder durante os furacões. Alguns dos mendigos são jovens demais para terem feito a Prova. Os mais novos falam sobre os pais e como bater a carteira de um soldado.

Mas ninguém comenta sobre Day.

As horas se arrastam até chegar o entardecer, e depois a noite. Quando encontro um beco tranquilo onde descansar, com alguns outros mendigos já dormindo nas latas de lixo, eu me encolho num canto escuro e ligo meu microfone. Depois tiro do bolso o pingente de Day, o levanto ligeiramente para analisar sua forma lisa.

– Acabei por hoje – cochicho. Minha garganta mal vibra.

Meu fone de ouvido chia com a estática.

– Srta. Iparis? – diz Thomas. – Teve sorte hoje?

– Não, nenhuma. Amanhã vou tentar alguns lugares públicos.

– Tudo bem. Vamos ter gente aqui para dar apoio vinte e quatro horas por dia, em todos os dias da semana.

Por “gente aqui para dar apoio vinte e quatro horas por dia, em todos os dias da semana”, sei que Thomas quer dizer que ele é o único que vai ficar

me ouvindo.

– Obrigada – digo. – Está escurecendo.

Desligo o microfone. Meu estômago ronca de fome. Pego uma fatia de frango que encontrei nos fundos da cozinha de uma lanchonete e me obrigo a mastigá-la, ignorando a camada de gordura fria. Se preciso viver como uma cidadã do Lake, tenho de comer como se fosse uma. *Talvez eu deva conseguir um emprego*, penso. A ideia me faz rir com desdém.

Quando finalmente adormeço, tenho um pesadelo, do qual Metias faz parte.

No dia seguinte não encontro nada substancial, nem no dia depois desse. Meu cabelo fica todo embaraçado e opaco por causa do calor e da fumaça, a sujeira começou a se espalhar no meu rosto. Quando olho meu reflexo no lago, dou-me conta de que agora pareço exatamente uma mendiga. Tudo parece sujo. No quarto dia, vou até a divisa entre Lake e Blueridge, e decido passar o tempo vagando entre os bares.

É então que acontece uma coisa: dou de cara com uma luta de Skiz.

DAY

As normas para se assistir a uma luta de Skiz, e se apostar, são bastante simples:

Escolha quem você pensa que será o vencedor;

Aposte nessa pessoa.

É só isso. O único problema quando se tem má reputação é correr o risco de ser preso pela polícia ao fazer uma aposta pública.

Nesta tarde estou agachado atrás da chaminé do depósito de um andar em ruínas. Daqui consigo ver a multidão reunida no prédio abandonado vizinho a este. Estou perto o bastante para conseguir escutar algumas conversas das pessoas.

E Tess. Ela está lá com eles, o corpo delicado quase perdido na confusão, com uma pochete com nosso dinheiro e um sorriso no rosto. Eu a observo enquanto ela escuta os apostadores discutirem sobre os lutadores. Ela lhes faz uma série de perguntas. Não ousa tirar os olhos dela. Guardas municipais insatisfeitos com suas propinas às vezes interrompem as lutas de Skiz para prender os frequentadores e, por isso, não fico com a multidão quando Tess e eu assistimos às lutas. Se eles me pegarem e tirarem minhas impressões digitais, está tudo acabado para nós. Tess, porém, é esbelta e astuta. Ela consegue escapar de uma batida muito mais facilmente do que eu, mas isso não quer dizer que eu vá deixá-la sozinha.

– Continue se movimentando, amiga – resmungo baixinho quando Tess fica parada para rir da piada de um jovem jogador. *Não se aproxime muito dela, sua zebra!*

Ouve-se uma algazarra na outra extremidade da multidão. Meus olhos se desviam para lá por um segundo. Uma das lutadoras está incentivando os presentes, acenando com os braços e berrando. Sorrio. O nome dessa garota é Kaede, segundo me informam os gritos do povo. Kaede é a mesma

atendente de bar que conheci há dias, enquanto passava pelo setor Alta. Ela flexiona os pulsos, depois fica saltitando com os pés e sacode os braços.

Kaede já ganhou uma partida. Seguindo as regras tácitas do Skiz, ela agora precisa lutar até perder um round, até que a adversária a atire no chão. Cada vez que ela vence, recebe parte das apostas feitas em sua rival. Meus olhos vagueiam até a garota que ela escolheu para desafiá-la agora. A menina tem a pele morena, com sobrancelhas cerradas e uma expressão indefinida. Reviro os olhos. Obviamente a multidão deve saber que essa luta vai ser mole. Essa garota vai ter sorte se Kaede deixar que ela sobreviva.

Tess espera um momento em que ninguém está prestando atenção nela e olha de relance na minha direção. Levanto um dedo. Ela dá um risinho, pisca para mim e olha para os frequentadores. Dá dinheiro à pessoa que organiza as apostas, um grandalhão parrudo. Apostamos mil Notas, quase todo o nosso dinheiro, em Kaede.

A luta demora menos de um minuto. Kaede soca rapidamente e com força, dando estocadas e atingindo a garota brutalmente no rosto. A outra moça cambaleia. Kaede brinca com ela como um gato brincando com a comida, antes de atacar de novo com os punhos. A adversária se esborracha no chão e bate com a cabeça no piso de cimento, onde fica estirada paralisada. Nocaute. O povo grita. Várias pessoas ajudam a menina a sair do ringue aos tropeções. Troco um leve sorriso com Tess, que recolhe nossos ganhos e põe o monte de dinheiro numa bolsa.

Mil e quinhentas Notas. Engulo em seco, mas me advirto para não me entusiasmar muito. Estou um passo mais perto de conseguir um frasco de cura da praga.

Volto minha atenção para o pessoal que aplaude. Kaede balança o cabelo para a plateia e faz uma pose de zombaria, o que os leva à loucura, e pergunta:

– Quem é a próxima?

A multidão responde:

– Escolhe! Escolhe!

Kaede olha vagorosamente o círculo de gente, sacudindo a cabeça ou inclinando-a para o lado. Mantenho os olhos em Tess. Ela está na ponta do pé, atrás de várias pessoas mais altas, esforçando-se para conseguir ver direito. Então ela dá uma pancadinha hesitante nos ombros delas, diz alguma coisa e abre caminho aos empurrões. Ao ver isso, aperto a mandíbula. Da próxima vez eu fico com ela. Ela então vai poder sentar nos meus ombros e ver direito as lutas, em vez de chamar atenção indesejada para si mesma.

Um segundo depois, eu me contraio todo. Tess abriu caminho ao empurrar um dos jogadores mais fortes. Ele grita algo para ela, irado, e antes que Tess possa se desculpar, vejo que ele a empurra grosseiramente para o centro do ringue. Ela tropeça, a multidão tem um acesso de riso.

A raiva começa a ferver no meu peito. Kaede se diverte com tudo isso, e grita:

– Está me desafiando, garota? – Um sorriso lhe surge no rosto. – Isso vai ser *bem* divertido.

Tess olha em volta, atônita. Tenta recuar para se juntar novamente à multidão, mas eles bloqueiam a passagem. Quando vejo Kaede apontar com a cabeça na direção de Tess, eu me levanto. Essa idiota vai escolher Tess.

Droga! Não! Não consigo olhando. Não se Kaede quer sobreviver.

De súbito, uma voz soa de baixo. Paro. Uma garota chegou à frente do ringue, de onde olha fixamente para Kaede. Ela revira os olhos e grita:

– Isso não me parece uma luta justa.

Então Kaede replica:

– Quem tu *pensa* que é, falando assim comigo, garota? Tu *acha* que é melhor do que eu?

Ela aponta para a menina, e a multidão aplaude. Vejo Tess se afastar rapidinho para voltar à segurança da multidão. A nova garota fica no lugar de Tess, querendo ou não.

Emito um longo suspiro. Quando me acalmo, olho detidamente para a nova oponente de Kaede.

Ela não é muito mais alta do que Tess e certamente é mais magra do que Kaede. Por um segundo parece que a atenção das pessoas a constrangeu,

quase acho que ela não é de nada, até examiná-la de novo. Não, essa garota não é carta fora do baralho. Ela está hesitando não porque tenha medo de lutar, nem porque receie perder, mas porque está refletindo. Calculando. Seu cabelo negro está amarrado num rabo de cavalo, no alto da cabeça, e seu corpo é esbelto mas atlético. Ela está de pé de modo confiante, como se nada no mundo a pudesse pegar desprevenida. Acabo admirando seu rosto.

Por um momento, fico perdido em meus pensamentos.

A menina sacode a cabeça para Kaede. Isso também me surpreende, nunca vi ninguém se recusar a lutar. Todo mundo conhece a norma: se você é escolhido, tem de lutar. Essa garota não parece temer a ira da multidão. Kaede ri de modo debochado e diz algo que não consigo entender direito. Mas Tess escuta, e me lança um olhar rápido e preocupado.

Desta vez a garota concorda com a cabeça. A multidão aplaude novamente, Kaede sorri. Eu me debruço um pouquinho do lado de trás da chaminé. Essa menina tem alguma coisa diferente. Não sei o que é, mas seus olhos parecem emitir faíscas, e embora esteja quente e possa ser minha imaginação, creio ver um esboço de sorriso no rosto dela.

Tess me dirige um olhar interrogativo. Hesito por uma fração de segundo e depois volto a erguer um dedo. Estou grato a essa garota misteriosa por ajudar Tess, mas, como é meu dinheiro que está em jogo, resolvo não arriscar. Tess concorda com a cabeça, depois faz nossa aposta a favor de Kaede.

Mas no instante em que a nova menina pisa no ringue e vejo sua atitude... concluo que cometi um grande erro. Kaede ataca como um búfalo, como um aríete.

E a menina ataca como uma víbora.



Não estou com receio de perder essa luta.

Estou mais com receio de matar acidentalmente minha adversária.

Mas, se eu correr agora, serei morta.

Silenciosamente me censuro. Por que fui me envolver com este jogo? Quando vi esse grupo de jogadores, quis deixar para lá. Não queria nada com rixas. Não era um bom lugar para ser presa pela polícia municipal e levada ao centro da cidade para ser interrogada. Mas então achei que talvez eu conseguisse umas informações valiosas de um grupo como este. Com tantos habitantes locais, talvez alguns até conhecessem Day pessoalmente. Certamente Day não é um *completo desconhecido* para todo mundo no Lake, e se alguém sabe quem é ele, é a multidão que frequenta as lutas ilegais de Skiz.

Mas eu não devia ter dito nada sobre a magricela que empurraram no ringue: ela que se virasse pra se defender.

Mas agora é tarde demais.

A garota chamada Kaede inclina a cabeça para mim e dá um sorrisinho quando nos enfrentamos no ringue. Suspiro profundamente. Ela já começou a me rodear, intimidando-me como uma presa. Analiso sua postura. Ela dá um passo à frente com o pé direito. Ela é canhota. Normalmente isso seria uma vantagem contra suas oponentes, que ficariam desnorteadas, mas treinei para isso. Mudo meu modo de andar. Meus ouvidos são abafados pelo barulho.

Deixo que ela ataque primeiro. Ela arreganha os dentes para mim e avança para a frente rapidamente, com o punho erguido. Mas vejo que ela se prepara para me chutar, então me desvio para o lado. O pontapé passa diretamente por mim. Uso esse impulso para bater com força quando ela se vira de costas. Ela perde o equilíbrio e quase cai. A multidão aplaude.

Kaede se move em círculos para me encarar de novo. Desta vez seu sorriso desapareceu: consegui deixá-la com raiva. Ela me ataca de novo. Bloqueio seus dois primeiros socos, mas seu terceiro soco me pega no queixo e faz minha cabeça girar.

Todos os músculos do meu corpo querem acabar com essa história agora, mas eu me obrigo a me acalmar. Se eu lutar bem demais, as pessoas podem desconfiar. Meu estilo é muito preciso para uma mendiga de rua.

Deixo que Kaede me atinja uma última vez. A multidão vem abaixo. Ela recomeça a sorrir, sua confiança está voltando. Espero até ela estar pronta para atacar, e logo me lanço à frente, esquivo-me e a faço tropeçar. Ela estava desprevenida e cai pesadamente de costas. A multidão grita, aprovando.

Kaede se levanta com esforço, embora a maioria dos lutadores de Skiz considerasse derrotado o adversário que cai no fim de um *round*. Ela limpa um pouco de sangue da boca. Antes que possa sequer voltar a respirar normalmente, emite um grito furioso e se atira contra mim de novo. Eu devia ter visto o minúsculo sinal de luz perto de seu pulso. Os primeiros socos de Kaede atingem violentamente um lado do meu corpo, eu sinto uma dor terrível e aguda. Eu a afasto com um empurrão. Ela pisca para mim e começa a me rodear de novo. Toco um lado do meu corpo e é aí que sinto alguma coisa quente e molhada na cintura. Olho para baixo.

Foi uma facada. Apenas uma faca serrilhada poderia ter rasgado minha pele dessa maneira. Aperto os olhos para Kaede. Supostamente, armas não devem fazer parte de uma luta de Skiz, mas esta não é bem uma luta em que as regras são seguidas.

A dor me deixa tonta e zangada. Ah, então é assim? Nada de regras. Tudo bem.

Quando Kaede me ataca novamente, eu me esquivo e torço seu braço com força. Com um movimento, eu o quebro. Ela grita de dor. Quando tenta se livrar, continuo a segurá-la, torcendo o braço quebrado atrás das suas costas até ver sangue lhe escorrer do rosto. Uma faca se solta de sua camiseta e faz barulho ao cair no chão. É uma faca serrilhada, exatamente como pensei. Kaede não é uma indigente comum. Ela tem a habilidade de

conseguir uma boa arma como aquela, o que quer dizer que pode estar no mesmo ramo de atividades que Day. Se eu não estivesse sob disfarce, eu a prenderia na hora e a levaria para ser interrogada. Meu ferimento arde, mas cerro os dentes e continuo agarrando o braço dela.

Finalmente Kaede me estapeia freneticamente com a outra mão. Eu a solto. Ela desaba no chão, de joelhos, se apoiando no braço que não está quebrado. A turba vai à loucura. Seguro o lado sangrento do meu corpo com a maior força possível, e, quando olho em volta, vejo dinheiro trocando de mãos. Duas pessoas a ajudam a sair do ringue, ela me olha com ódio antes de virar as costas, e o resto dos espectadores começa a gritar:

– Escolhe! Escolhe! Escolhe!

Talvez seja a dor vertiginosa do meu ferimento que me deixa imprudente. Já não consigo conter a raiva. Eu me viro sem dizer uma palavra, enrolo as mangas da blusa até os cotovelos e levanto a gola. Depois saio do ringue e começo a abrir caminho aos empurrões entre a multidão.

O coro do grupo agora muda: começam as vaias. Fico tentada a ligar meu microfone e a dizer ao Thomas para mandar soldados como reforço, mas fico em silêncio. Eu havia prometido a mim mesma só pedir apoio em último caso, certamente não vou destruir meu disfarce por causa de uma rixa de rua.

Quando consigo sair do prédio, arrisco olhar para trás. Meia dúzia de espectadores me segue, e a maioria parece enraivecida. Penso então: *Esses são os apostadores, os caras que são viciados na luta*. Eu os ignoro e continuo a andar.

– Volta aqui! – berra um deles. – Tu não *pode* ir embora!

Começo a correr. Maldito ferimento de faca! Chego a uma grande lixeira, consigo girar e entrar nela, depois me preparo para pular até o parapeito de uma janela do segundo andar. Se eu conseguir subir alto o bastante, eles não vão me alcançar. Salto na altura máxima que posso, e consigo agarrar a beira do parapeito com uma das mãos.

Mas o ferimento me faz desacelerar. Alguém agarra minha perna e a puxa firmemente. Largo o parapeito, fico toda arranhada por causa da parede, e me esborracho no chão. Bato com a cabeça com força suficiente

para ver estrelas. Eles então me arrastam até me colocarem de pé e de volta à turba que grita. Eu me esforço para pensar claramente. Estrelas aparecem em meu campo de visão. Tento clicar meu microfone, mas minha língua, de tão lenta, parece estar coberta de areia. Sussurro “Thomas”, mas acaba saindo “Metias”. Sem ver nada, estendo a mão para o meu irmão, mas logo me lembro que ele já não pode segurá-la.

De repente escuto um estouro e alguns gritos. As pessoas me soltam. Volto a cair no chão. Tento me levantar de qualquer jeito, mas tropeço e volto a cair. De onde veio tanta poeira? Aperto os olhos, tentando ver alguma coisa. Ainda ouço o barulho e o caos provocados entre os espectadores. Alguém deve ter explodido uma bomba de poeira.

Então ouço uma voz me mandando levantar. Quando olho para o lado, vejo um adolescente estendendo a mão para mim. Ele tem olhos azuis brilhantes, poeira no rosto, e um boné surrado na cabeça. Neste momento acho que é o garoto mais gato que já vi na vida.

– Venha – incentiva ele. Pego sua mão.

Em meio à poeira e à confusão, descemos correndo a rua e desaparecemos nas sombras prolongadas da tarde.

DAY

Ela não quer dizer seu nome.

Compreendo muito bem. Muitos adolescentes das ruas do Lake tentam manter sua identidade secreta, especialmente depois de participar de algo ilegal como uma luta de Skiz. Além disso, não quero saber o nome dela. Continuo chateado por ter perdido a aposta. A derrota de Kaede me custou 1.000 Notas. Esse dinheiro era destinado à compra de um frasco da cura da praga. O tempo está acabando, e tudo por culpa dessa menina. Sou mesmo burro. Se ela não tivesse sido responsável por tirar Tess do ringue, eu a teria deixado se virar sozinha.

Mas sei que Tess ficaria me olhando triste como um cachorrinho abandonado, durante o resto do dia, por isso ajudei a garota.

Tess continua a fazer perguntas enquanto ajuda a Menina (acho que é assim que vou chamá-la) a limpar da melhor forma possível o ferimento na lateral de seu corpo. Fico calado a maior parte do tempo. Estou alerta. Depois da luta de Skiz e da bomba de detritos, nós três acabamos acampando na sacada de uma antiga biblioteca. (Será que pode ainda ser considerada uma sacada, se toda a parede desmoronou e deixou o andar ao ar livre?) Na verdade, quase todos os andares têm paredes desmoronadas. A biblioteca é parte de um antigo edifício que agora está quase inteiramente cheio d'água, fica a centenas de metros da margem oriental do lago, todo coberto por vegetação selvagem. É um bom lugar para gente como nós encontrar abrigo. Observo as ruas à procura de apostadores furiosos que ainda estejam à procura da Menina. De onde estou sentado, na beira da sacada, olho para as duas, por cima do ombro. A Menina diz alguma coisa à Tess, que retribui o sorriso cautelosamente.

– Meu nome é Tess – eu a ouço dizer. Ela sabe que não deve dizer o meu, mas continua falando. – De que parte do Lake você é? Você é de outro setor? – Ela examina o ferimento da Menina. – É uma ferida feia, mas nada

que não possa ser curado. Vou tentar encontrar leite de cabra de manhã. Vai ser bom para você. Até lá, você vai ter de cuspir nela. Isso ajuda contra infecções.

Pela expressão da Menina, deduzo que ela já sabe disso.

– Obrigada – murmura para Tess. Olha de relance na minha direção e diz: – Sou grata por sua ajuda.

Tess sorri de novo, mas percebo que até ela está pouco à vontade com essa recém-chegada.

– E eu sou grata pela sua.

Endureço o queixo. Daqui a mais ou menos uma hora será noite, e tenho uma desconhecida lesionada acrescentada às minhas obrigações.

Após um tempo, eu me levanto e me junto à Tess e à Menina. Em algum lugar, a distância, começa a retumbar o juramento de fidelidade à República, pelos alto-falantes da cidade.

– A gente vai passar a noite aqui. – Olho para a Menina e pergunto: – Como você está se sentindo?

– Legal – responde ela, mas é óbvio que está sentindo dor. Não sabe o que fazer com as mãos, por isso fica tocando na ferida, e depois retirando a mão. Sinto um impulso de consolá-la.

Ela pergunta:

– Por que você me salvou?

Eu digo, de modo meio áspero:

– Não tenho a menor ideia. Só sei que você me custou uma nota preta.

A Menina sorri pela primeira vez, mas há algo eternamente cauteloso em seus olhos. Ela parece absorver e analisar cada palavra que eu digo. Ela não confia em mim.

– Você aposta alto, não é? Desculpe pelo que aconteceu. Ela me deixou furiosa! – Ela se mexe do lugar. – Suponho que Kaede não era amiga sua.

– Ela é atendente de bar na divisa entre Alta e Winter. Eu só a conheci há pouco tempo.

Tess ri e me olha de um jeito que não consigo interpretar, e diz:

– Ele gosta de conhecer garotas bonitinhas.

Eu a repreendo:

– Morda a língua, amiga. Já não chega você ter quase morrido hoje?

Tess concorda com a cabeça, sorri timidamente e diz:

– Vou pegar água pra gente.

Ela se levanta com um salto e se dirige à escadaria aberta até a beira da água.

Depois que ela sai, eu me sento ao lado da Menina, e minha mão acidentalmente toca a sua cintura. Ela respira assustada, e eu me afasto, com medo de tê-la machucado.

– Esse ferimento deve ficar bom logo, se não infeccionar. Mas você talvez queira descansar alguns dias. Pode ficar com a gente.

A Menina dá de ombros e diz:

– Obrigada. Quando eu me sentir melhor, vou atrás da Kaede.

Eu me encosto e analiso o rosto da Menina. Ela é um pouco mais pálida do que as outras garotas que vejo no setor, tem grandes olhos negros que brilham dourados à luz do entardecer. Não sei dizer o que ela é, mas é incomum por aqui. Talvez seja nascida aqui mesmo, ou então caucasiana. Ou outra coisa. Ela é bonita, de uma forma que me distrai a atenção, como fez no ringue de Skiz. Não, *bonita* não é a palavra certa. *Linda* a descreve melhor. E não só isso: ela me lembra alguém. Talvez seja a expressão dos olhos, algo ao mesmo tempo friamente lógico e ferozmente desafiador. Sinto meu rosto ficando corado, e de repente desvio o olhar, feliz porque a escuridão está chegando. Talvez eu não devesse tê-la ajudado. É uma tentação muito grande. Neste momento tudo em que penso é no que eu daria pela oportunidade de beijá-la ou passar os dedos por seu cabelo negro.

– Menina – digo, após algum tempo –, sua ajuda hoje valeu! Para Tess, isto é. Onde você aprendeu a lutar daquele jeito? Você quebrou o braço da Kaede sem nem tentar!

A Menina hesita. Pelo canto do olho, vejo que me observa. Viro-me para encará-la, ela finge observar a água, como se estivesse constrangida por ser apanhada me olhando. Ela distraidamente toca seu lado machucado e faz um som de estalo com a língua, como se fosse um hábito.

– Eu passo muito tempo na divisa de Batalla, gosto de observar os cadetes se exercitarem.

– Nossa, você gosta de se arriscar, mas luta muito bem. Aposto que você não tem muito problema em se virar sozinha.

A Menina ri:

– Dá pra você ver como me saí bem sozinha na luta hoje. – Ela sacode a cabeça. Seu comprido rabo de cavalo balança. – Eu nem devia ter ficado para ver a luta de Skiz, mas o que posso dizer? Sua amiga precisava de ajuda. – Ela então me olha com firmeza. A expressão cautelosa ainda está presente em seus olhos. – E você? Estava assistindo também?

– Não. Tess estava lá embaixo porque ela gosta de ação e é um pouco míope. Eu gosto de observar a uma certa distância.

– A Tess é sua irmã mais nova?

Hesito e respondo:

– Somos muito ligados. Era realmente a Tess que eu queria manter a salvo com minha bomba de detritos, sabe?

A Menina levanta a sobrancelha e me olha. Observo seus lábios se curvarem num sorriso:

– Você é muito gentil. Todo mundo por aqui sabe fazer uma bomba de detritos?

Aceno a mão num gesto de desinteresse:

– Claro, até as crianças. Não é nada demais, é fácil. – Olho para ela. – Você não é do setor Lake, é?

A Menina sacode a cabeça:

– Sou do setor Tanagashi, quer dizer, eu morava lá.

– Tanagashi é muito longe. Você percorreu esse caminho todo só para ver uma luta de Skiz?

– Claro que não. – A Menina se debruça e cuidadosamente se deita. Vejo que o centro da atadura está ficando vermelho escuro. – Eu fico fuçando as ruas. Bato muita perna por aí.

– O Lake não é um lugar seguro agora – digo. Um respingo azul turquesa no canto da sacada me chama a atenção. Há um pequeno ramo de margaridinhas crescendo de uma rachadura no chão. Eram as flores favoritas de mamãe. – Você pode pegar a praga aqui.

A Menina sorri para mim, como se soubesse uma coisa que não sei. Gostaria de saber quem ela me lembra.

– Não se preocupe – diz ela. – Sou uma *Menina* cautelosa, quando não estou zangada.

Quando a noite finalmente chega, a Menina cai em um sono bastante sobressaltado. Peço à Tess para ficar com ela para eu poder dar uma fugidinha e ver como está minha família. Tess aceita com prazer. Ir às áreas do Lake infectadas pela praga a deixa nervosa, e ela sempre volta coçando os braços, como se a infecção estivesse se espalhando por sua pele.

Enfio um punhado de margaridinhas na manga da camisa e algumas Notas no bolso, por precaução. Tess me ajuda a enrolar as mãos num pano, para evitar que eu vá deixando impressões digitais em tudo que é lugar.

A noite está surpreendentemente fresca. Nenhuma patrulha contra a praga perambula pelas ruas, e os únicos sons vêm de carros ocasionais e do estardalhaço distante dos comerciais nos telões. O estranho X ainda está na nossa porta, mais evidente do que nunca. Na verdade, tenho quase certeza de que os soldados voltaram pelo menos uma vez, porque o vermelho do X está muito vivo, a tinta está fresca. Eles devem ter feito uma segunda verificação na área. O que os fez marcar nossa casa aparentemente ficou só por ali mesmo. Espero na sombra perto da casa de minha mãe, perto o bastante para poder espreitar através dos vãos da cerca pouco estável de nosso quintal.

Quando tenho certeza de que ninguém está patrulhando nossa rua, corro na sombra em direção à casa e engatinho até uma tábuia rachada que leva até a varanda. Deslizo a tábuia para o lado e me arrasto até uma fenda escura com cheiro de mofo, então puxo a tábuia de volta no lugar logo depois que passo.

Pequenas réstias de luz vêm de entre as tábuas do assoalho dos cômodos acima de mim. Ouço a voz de minha mãe nos fundos, onde fica nosso único quarto de dormir. Vou até lá. Depois me agacho ao lado da ventilação do quarto e olho para dentro.

John está sentado na beirada da cama com os braços cruzados. Sua postura indica que ele está exausto. Os sapatos estão sujos de terra. Sei que

mamãe deve tê-lo repreendido por causa disso. John está olhando para o outro lado do quarto, onde mamãe deve estar.

Ouço de novo a voz dela, desta vez alta o bastante para eu compreender:

– Nenhum de nós está doente ainda. – John desvia o olhar e observa a cama. – Não é contagiosa. E a pele do Éden continua boa. Não está sangrando.

– *Ainda* não – responde John. – Temos de nos preparar para o pior, mamãe. Caso o Éden...

A voz de mamãe é firme:

– Não admito que você diga isso na minha casa, John. Ele precisa de mais do que supressores. Quem nos deu aqueles é muito generoso, mas isso não basta.

John sacode a cabeça e se levanta. Mesmo agora, *especialmente* agora, ele precisa proteger minha mãe da verdade sobre o meu paradeiro. Quando ele se afasta da cama, vejo que Éden está deitado com um cobertor até o queixo, apesar do calor. Sua pele está oleosa de suor. A cor também é estranha, de um verde doentio. Não me lembro de outras pragas com sintomas assim. Sinto um nó na garganta.

O quarto está exatamente igual, os poucos objetos que contém estão velhos e usados, mas ainda é confortável. Há o colchão rasgado no qual Éden está deitado, e a seu lado a cômoda desgastada na qual eu costumava rabiscar. Há também o retrato obrigatório do Eleitor pendurado na parede, cercado por um punhado de fotografias nossas, como se ele fosse membro da família. Isso é tudo o que nosso quarto contém. Quando Éden era bem pequenininho, John e eu costumávamos segurar suas mãos e ajudá-lo a andar de um lado do quarto ao outro. John batia com a palma da mão na palma da mão dele sempre que ele o fazia sozinho.

Agora vejo a sombra de mamãe, parada no meio do quarto. Ela não diz nada. Imagino seus ombros curvados, sua cabeça entre as mãos, e seu rosto sem a expressão corajosa de sempre.

John suspira. Passos ecoam acima de mim, sei que ele deve ter atravessado o quarto para abraçá-la:

– Éden vai ficar bem. Talvez esse vírus seja menos perigoso e ele se recupere sozinho. – John faz uma pausa. – Vou ver o que temos para a sopa. – Eu o ouço sair do quarto.

Estou certo de que John detesta trabalhar na central de energia a vapor, mas, pelo menos quando ele sai de casa, desanuvia a mente por um tempo. Agora ele está encurralado em casa, sem uma maneira de ajudar Éden. Isso deve estar acabando com ele. Agarro a terra solta debaixo de mim e a aperto com a maior força que posso.

Se pelo menos o hospital tivesse remédio para curar a praga...

Um pouco depois vejo mamãe atravessar o quarto e sentar na beirada da cama de Éden. Suas mãos estão de novo envoltas em ataduras. Ela sussurra algo para consolá-lo e se debruça para lhe tirar o cabelo do rosto. Fecho os olhos. Mentalmente formo uma lembrança do rosto dela, suave, lindo e preocupado, os olhos azuis brilhantes e a boca rosada e sorridente. Minha mãe me colocava na cama, alisava meus cobertores e sussurrava o desejo de que eu tivesse lindos sonhos. Eu me pergunto o que ela estará sussurrando para o Éden agora.

Subitamente a saudade dela me sufoca. Quero sair correndo daqui de baixo e bater em nossa porta.

Afundo as mãos na terra. Não, o risco é muito grande. *Vou encontrar uma forma de ajudá-lo, Éden, prometo.* Eu me xingo por arriscar tanto dinheiro em uma aposta de Skiz, em vez de achar um meio mais confiável de conseguir dinheiro.

Tiro da manga da camisa as margaridinhas que eu tinha guardado nela. Alguns dos brotos estão amassados, mas eu os arrumo cuidadosamente, com suavidade limpo-os da terra. Mamãe provavelmente nunca vai vê-los, mas eu sei que eles estão aqui. As flores são uma prova para mim mesmo de que continuo vivo, e sempre tomando conta da minha família.

Algo vermelho na terra ao lado das margaridas me chama a atenção. FRANZO a testa, depois tiro mais terra para ver melhor. Há um símbolo nelas, algo escrito debaixo da terra e dos cascalhos.

É um número, como o que Tess e eu havíamos visto na margem do lago, exceto que desta vez o número é 2544.

Eu costumava me esconder aqui algumas vezes quando era mais novo, meus irmãos e eu brincávamos de esconde-esconde. Mas não me lembro de ter visto isso antes. Eu me inclino e encosto a orelha na terra.

A princípio não há nada. Depois ouço um som débil, outro rápido, um sibilante e outro murmurante. Como um tipo de líquido ou vapor. Provavelmente há um sistema inteiro de tubulações lá embaixo, algo que leva até o lago. Ponho de lado mais terra, mas nenhum outro símbolo ou palavra aparece. O número parece desbotado com o tempo, a pintura está lascada, sem alguns pequenos flocos.

Fico lá algum tempo, silenciosamente analisando aquilo. Olho de relance mais uma vez para o quarto pela ventilação, depois abro caminho debaixo da varanda, penetro na escuridão, e vou embora para a cidade.



JUNE

Acordo ao amanhecer. A luz me faz estreitar os olhos. De onde ela está vindo? De trás de mim? Por um instante, fico desorientada, sem saber por que estou dormindo num prédio abandonado de frente para o oceano, com margaridas marinhas crescendo a meus pés. Uma dor aguda no meu estômago me obriga a respirar com dificuldade. *Fui esfaqueada*, dou-me conta, apavorada. Então me lembro da luta de Skiz, da faca e do garoto que me salvou.

Tess se apressa a vir para junto de mim, quando vê que me mexi:

– Como está se sentindo?

Ela ainda me olha desconfiada:

– Dolorida – murmuro. Não quero que pense que não fez direito minha atadura, por isso acrescento: – Mas muito melhor que ontem.

Levo um minuto para perceber que o garoto que me salvou está sentado no canto do cômodo, balançando as pernas sobre a varanda e observando a água. Preciso esconder meu constrangimento. Num dia normal, sem ferimento de faca, eu nunca deixaria um detalhe como esse passar despercebido. Ele foi a algum lugar ontem à noite. Enquanto eu dormia e acordava, anotei mentalmente a direção que ele tomou: sul, rumo à Union Station.

– Espero que você não se importe de esperar algumas horas antes de comer – me diz ele. Está usando seu velho boné de jornaleiro, mas dá pra ver alguns fios de cabelo louro como trigo sob o boné. – Como perdemos o dinheiro da aposta no Skiz, estamos sem dinheiro para comida agora.

Ele me culpa por haver perdido. Eu simplesmente concordo com a cabeça. Relembro o som da voz entrecortada de Day vinda dos alto-falantes e a comparo silenciosamente com a desse garoto. Ele me olha um instante sem sorrir, como se soubesse o que estou pensando, depois retoma sua

vigília. Não, não tenho certeza se a voz é a dele. Milhares de pessoas no Lake podem ter essa voz.

Dou-me conta de que o microfone na minha bochecha ainda está desligado. Thomas deve estar uma fera comigo. Digo então:

– Tess, vou dar um pulo até a água. Não demoro.

– Tem certeza de que consegue ir sozinha? – pergunta ela.

– Sem problema. – Eu sorrio. – Mas se você me vir boiando inconsciente rumo ao oceano, por favor, vá me buscar.

Os degraus deste edifício certamente eram parte de uma escadaria interna, mas agora estão ao ar livre. Levanto-me e desço mancando os degraus, um de cada vez, tomando cuidado para não escorregar e me precipitar dentro da água. O que Tess fez ontem à noite está dando certo. Embora um lado do meu corpo continue ardendo, a dor está menos aguda e consigo andar com menos esforço. Chego ao térreo do prédio mais rapidamente do que pensava. Tess me lembra Metias, de como ele cuidou de mim quando eu não estava bem, no dia de sua formatura como militar.

Mas não posso me entreter com lembranças de Metias neste instante. Pigarreio e me concentro em trilhar o caminho até a beirada da água.

O sol nascendo a leste já está alto o bastante para banhar o lago inteiro numa penumbra dourada, e vejo a tênue faixa de terra que separa o lago do oceano Pacífico. Dirijo-me ao andar do prédio que fica bem ao nível da água. Todas as paredes deste andar estão derrubadas, de modo que posso caminhar reto até a beira do edifício e aliviar na água a dor das pernas. Quando olho para as profundezas, vejo que esta velha biblioteca continua por muitos andares. Talvez haja uns quinze pavimentos, a julgar pela forma como os prédios estão na costa e como a terra se inclina a partir da borda da água. E aproximadamente seis andares devem estar debaixo d'água.

Tess e o garoto se sentam no topo do prédio, vários andares acima de mim, onde certamente não possam ser ouvidos. Olho para o horizonte, dou um pequeno estalo com a língua, e ligo o microfone.

Escuto vários ruídos de estática do meu fone de ouvido. Um segundo depois, ouço uma voz familiar:

– Srta. Iparis? – pergunta Thomas. – É a senhorita mesmo?

– Sou eu – murmuro –, e estou bem.

– Gostaria de saber o que a senhorita andou aprontando. Tenho tentado contatá-la nas últimas vinte e quatro horas. Já estava pronto para mandar uns soldados a sua procura, e nós dois sabemos que a Comandante Jameson *adoraria* isso.

– Estou bem – repito. Minhas mãos tiram do meu bolso o medalhão de Day. – Tive um pequeno ferimento numa luta de Skiz, nada sério.

Ouçoo um suspiro do outro lado, e Thomas diz:

– Bem, você não vai ficar mais tanto tempo assim com o microfone desligado, entendido?

– Tudo bem.

– Encontrou alguma coisa?

Olho de relance para onde o garoto está balançando as pernas e digo:

– Não sei direito. Um menino e uma menina me ajudaram a sair da bagunça do Skiz. A garota fez uma atadura no meu ferimento. Estou com eles temporariamente, até poder andar melhor.

– *Andar* melhor? – Thomas levanta a voz. – Que tipo de *pequeno ferimento* é esse?

– Um ferimento a faca. Nada demais. – Thomas emite um som sufocado, mas eu ignoro e continuo falando: – Bem, isso não importa. O garoto fez uma pequena e sofisticada bomba de pó para nos livrar da multidão do Skiz. Ele tem habilidades. Não sei quem é, mas vou obter mais informações.

– Você acha que ele é o Day? – pergunta Thomas. – Day não me parece o tipo de cara que anda por aí salvando gente.

A maioria dos crimes de Day envolve o salvamento de pessoas. Todos, menos Metias. Respiro fundo e respondo:

– Não, acho que não.

Baixo a voz até soar praticamente um sussurro. É melhor não ficar lançando suposições infundadas para Thomas agora, para que ele não se precipite e mande tropas atrás de mim. A Comandante Jameson vai me expulsar direto da sua patrulha se a gente fizer uma coisa cara dessas sem comprovação. Além disso, esses dois me livraram de um problema grave.

E então continuo:

– Mas eles talvez saibam alguma coisa sobre Day.

Thomas se cala um momento. Escuto uma confusão lá no fundo, um pouco de estática, depois a voz baixa dele, falando com a Comandante Jameson. Ele deve estar contando a ela sobre meu ferimento, perguntando se é seguro me deixar aqui sozinha. Suspiro, irritada. *Até parece que nunca fui ferida antes.* Após alguns minutos, ele volta a falar:

– Bem, tome cuidado. – Thomas faz uma pausa e depois diz: – A Comandante Jameson me instruiu a manter você na sua missão, desde que seu ferimento não esteja incomodando muito. Ela agora está preocupada com a patrulha, mas estou avisando: se seu microfone ficar fora do ar de novo por mais de algumas horas, eu mando soldados atrás de você, mesmo que isso arruíne seu disfarce. Entendido?

Eu me esforço para conter a irritação. A Comandante Jameson não acredita que eu possa fazer alguma coisa nesta missão, sua falta de interesse está evidente em cada palavra da resposta de Thomas. Quanto a Thomas... ele raramente fala tão firmemente comigo. Só posso imaginar como deve ter ficado estressado nas últimas horas. Então eu respondo:

– Sim, senhor.

Quando Thomas não reage, olho de novo para o garoto. Insisto comigo mesma para observá-lo mais atentamente quando subir a escada, e para não deixar que meu ferimento me distraia.

Guardo o pingente no bolso de novo e me levanto.

Observo meu salvador o dia todo, enquanto o sigo pelo setor Alta de Los Angeles. Memorizo tudo, mesmo que seja um detalhe mínimo.

Por exemplo, ele dá preferência a andar com a perna esquerda. Ele manca tão ligeiramente, que não percebo isso quando está andando ao lado de Tess e de mim. Eu só reparo quando se senta ou levanta; há uma leve hesitação quando ele dobra o joelho. Ou é uma lesão grave que nunca se curou, ou uma lesão pequena mas recente, talvez causada por uma queda feia.

Essa não é sua única contusão. De vez em quando ele estremece quando move o braço. Depois de ele fazer isso umas duas vezes, percebo que deve

ter uma espécie de distensão no antebraço, que dói quando ele o estende muito para cima ou para baixo.

Seu rosto é perfeitamente simétrico, uma linda combinação anglo-asiática, oculta pela terra e pelas manchas de sujeira. O olho direito é ligeiramente mais claro do que o esquerdo. A princípio acho que possa ser uma ilusão causada pela luz, mas fico observando quando passamos por uma padaria e admiramos os pães. Eu me pergunto como ele ficou assim, ou se é de nascença.

Observo também outras coisas: que ele conhece bem as ruas muito distantes do setor Lake, e acho até que poderia andar vendado nelas sem se perder; que seus dedos são muito ágeis quando alisam as pregas no cós da sua camisa; que ele olha para os edifícios como se quisesse memorizá-los. Tess nunca se refere a ele pelo nome. Da mesma forma que eles me chamam de *Menina*, não usam nada que identifique quem ele é. Quando me canso e fico tonta de caminhar, o garoto nos para e vai pegar água para mim enquanto descanso. Ele é capaz de perceber minha exaustão sem que eu pronuncie uma palavra.

A tarde vem chegando. Fugimos do pior calor do sol ao ficarmos perto dos vendedores do mercado, na área mais pobre do Lake. Debaixo do toldo onde estamos, Tess estreita os olhos para as barracas. Nós estamos a mais de cinco metros delas. Tess é míope, mas de alguma forma consegue distinguir as diferenças entre os vendedores de frutas e os de legumes, os rostos dos diversos vendedores, quem tem dinheiro, e quem não tem. Sei disso porque percebo os movimentos sutis do rosto dela, sua satisfação ao distinguir algo, ou sua frustração ao não conseguir fazer isso.

– Como você faz isso? – pergunto.

Tess olha de relance para mim e seu olhar muda de foco.

– Quê? Fazer o quê?

– Você é míope. Como consegue ver tantas coisas a seu redor?

Tess fica surpresa por um instante, e depois, impressionada. Ao lado dela, reparo que o garoto me olha rapidamente. Tess responde:

– Consigo distinguir as diferenças sutis entre as cores, embora elas fiquem meio enevoadas. Consigo ver Notas de prata saindo da bolsa

daquele homem, por exemplo.

Ela olha rapidamente para um dos fregueses falando com um vendedor.

Aceno com a cabeça para ela e digo:

– Você é muito esperta.

Tess enrubescce e olha para os sapatos. Por um instante ela parece tão suave que não consigo deixar de rir, mas na mesma hora sinto remorso. *Como posso estar rindo pouco depois da morte do meu irmão?* Esses dois têm o estranho dom de me fazer perder a postura.

– Você é muito observadora, Menina – diz o garoto, tranquilamente. – Os olhos dele estão fixos no meu. – Entendo bem por que você sobrevive nas ruas.

Eu apenas dou de ombros e digo:

– É a *única* forma de sobreviver, não é?

O menino desvia o olhar. Solto a respiração. Percebo que tinha estado sem respirar enquanto os olhos dele me mantinham paralisada no lugar.

Ele prossegue:

– Talvez você possa nos ajudar e roubar comida no meu lugar. Os vendedores sempre confiam mais numa garota, especialmente uma como você.

– Não entendi o que você quis dizer.

– Você é muito objetiva.

Não consigo evitar um sorriso, e digo:

– Assim como você.

Quando paramos para observar as barracas, faço algumas anotações para meu uso. Posso me dar ao luxo de permanecer com estes dois mais uma noite, até eu me recuperar o suficiente para ir atrás de informações sobre Day. Quem sabe eles até me deem uma pista?

Quando a noite finalmente chega, e o calor do sol começa a diminuir, voltamos para a beirada da água e procuramos um lugar para acampar. Ao nosso redor vejo luzes de vela estremecendo nas janelas, mesmo nas sem vidro, e por todo o lado os habitantes locais fazem pequenas fogueiras ao longo das bordas dos becos. Novos turnos de policiais municipais começam a fazer as rondas. Agora já são cinco noites em campo. Ainda não me

habituei às paredes desmornadas, às fileiras de roupas usadas penduradas nas varandas, ou aos grupos de jovens mendigos esperando que os passantes lhes deem algo para comer. Porém, no mínimo, meu desprezo diminuiu. Relembro, envergonhada, a noite do funeral de Metias, quando deixei um enorme bife intocado no prato, sem hesitação. Tess caminha à nossa frente, completamente alheia aos arredores, com o andar alegre e despreocupado. Eu a ouço cantarolar baixinho uma canção.

– *A Valsa do Eleitor* – digo em voz baixa –, reconhecendo a canção.

O menino me olha de soslaio, andando ao meu lado, e dá um risinho:

– Parece que você é fã da Lincoln, não é?

Não posso dizer a ele que tenho todos os discos da Lincoln, bem como alguns objetos autografados, nem que já a vi cantar hinos políticos ao vivo num banquete municipal, nem que ela certa vez escreveu uma canção em honra de cada um dos generais do *front* da República. Em vez disso, apenas sorrio e concordo:

– É, sou sim.

Ele retribui meu sorriso. Seus dentes são perfeitos, os mais bonitos que já vi nestas ruas. Ele comenta:

– A Tess adora música. Ela sempre me arrasta para os bares daqui e nos faz esperar do lado de fora enquanto escuta os hinos que estão tocando lá dentro. Sei não, mas acho que isso deve ser coisa de mulher.

Meia hora depois, o garoto repara de novo no meu cansaço. Chama Tess e nos leva para um dos becos, onde uma série de grandes lixeiras de metal estão colocadas entre duas paredes. Ele empurra uma delas para a frente, para nos dar espaço, depois se agacha atrás dela, faz sinal para Tess e eu nos sentarmos, e começa a desabotoar a jaqueta.

Fico vermelha que nem um tomate e agradeço a todos os deuses do mundo pela escuridão que nos cerca.

– Não estou com frio nem sangrando – digo a ele. – Pode ficar vestido.

O menino me olha. Eu achava que seus olhos brilhantes ficariam menos vivos à noite, mas eles parecem refletir a luz que vem das janelas acima de nós. Ele brinca:

– Quem disse que estou fazendo isso para você, meu bem?

Ele tira a jaqueta, dobra direitinho e a coloca no chão, ao lado de uma das rodas da lixeira. Tess se senta e, sem a menor cerimônia, apoia a cabeça na jaqueta, como se fosse um antigo hábito.

Pigarreio e murmuro, sem graça:

– É claro que não. – Ignoro a risadinha do garoto.

Tess se levanta e conversa conosco, mas logo suas pálpebras começam a fechar, e ela adormece com a cabeça na jaqueta do garoto. Ele e eu ficamos em silêncio. Meu olhar se concentra em Tess.

– Ela parece tão frágil – sussurro.

– Verdade, mas é mais resistente do que parece.

Eu olho de relance para ele e digo:

– Sorte a sua ela estar com você.

Meu olhar se fixa na perna dele, que percebe meu olhar e rapidamente endireita a postura.

– Ela deve ter sido útil quando cuidou da sua perna.

Ele se dá conta de que percebi que ele manca e diz:

– Não. Eu fiquei assim há muito tempo. – Ele hesita, depois resolve não tocar mais no assunto e me pergunta: – A propósito, como está a cicatrização de seu ferimento?

Faço um gesto de desinteresse e respondo:

– Nada demais – mas cerro os dentes quando falo isso. Andar o dia inteiro não ajudou nada, e a dor está voltando firme e forte.

O adolescente vê a tensão no meu rosto:

– Vamos trocar as ataduras. – Ele se levanta e, sem incomodar Tess, habilmente puxa um rolo de panos brancos do bolso dela. – Não sou tão bom quanto ela – murmura –, mas prefiro não acordá-la.

Ele se senta a meu lado e abre dois botões da minha blusa, depois a puxa para cima até expor minha cintura coberta pela atadura. Sua pele roça na minha. Tento manter o foco nas mãos dele. Ele tira do lado de trás de uma das suas botas o que parece uma faca compacta de cozinha, com cabo de prata sem padrão e a beira desgastada. Ele deve tê-la usado muitas vezes, e o objeto deve ter cortado coisas muito mais duras do que pano. Uma de suas mãos se apoia no meu estômago. Apesar de seus dedos terem calos

causados pelos anos passados na rua, são tão cuidadosos e suaves que sinto as bochechas quentes.

– Fique bem quieta – sussurra ele, colocando a faca entre minha pele e as ataduras, e rasga o pano. Eu me contraio. Ele tira a atadura do meu ferimento.

Minúsculas gotas de sangue ainda escorrem lentamente de onde a faca de Kaede me atingiu, mas felizmente não há sinais de infecção. Tess sabe o que faz. O garoto retira o resto das ataduras da minha cintura, joga para o lado e começa a aplicar novas ataduras.

– Vamos ficar aqui até o final da manhã – diz ele, enquanto executa a tarefa. – A gente não devia ter viajado tanto hoje, mas acho que você concorda que foi bom ficar bem distante do pessoal do Skiz.

Não consigo evitar de olhar para o rosto dele. Esse garoto deve ter passado raspando pela Prova, mas isso não faz sentido. Ele não se comporta como um garoto de rua desesperado. Tem tantas *facetras*, que me pergunto se ele sempre morou nos setores pobres. Ele me olha de relance, vê que eu o estou analisando, e para por um instante. Uma emoção secreta surge rapidamente em seus olhos. *Um lindo mistério*. Ele deve ter perguntas semelhantes sobre mim, sobre como sou capaz de imaginar tantos detalhes de sua vida. Talvez esteja até se perguntando o que vou deduzir em seguida. Ele agora está tão perto do meu rosto, que consigo sentir sua respiração. Engulo em seco. Ele chega mais perto.

Por um instante, acho que vai me beijar.

Mas então ele rapidamente olha para meu ferimento. Suas mãos roçam minha cintura enquanto ele coloca a atadura. Percebo que suas bochechas também estão rosadas. Ele está tão envergonhado quanto eu.

Finalmente ele aperta a atadura, põe minha blusa de volta no lugar, e recua. Encosta na parede atrás de mim, descansa os braços nos joelhos e pergunta:

– Cansada?

Sacudo a cabeça. Meus olhos vagueiam pelas roupas penduradas lá em cima, a vários andares de altura. Se nós ficarmos sem ataduras, é lá que vamos conseguir pano para outras.

– Acho que daqui a um dia já vou poder deixar vocês em paz – digo, após algum tempo. – Sei que estou atrapalhando.

Sinto um certo pesar, mesmo enquanto as palavras saem da minha boca. Estranho. Eu não *quero* deixá-los tão cedo. Há alguma coisa de reconfortante em estar com Tess e esse garoto, como se a ausência de Metias não tivesse me tirado completamente as pessoas que se importam comigo.

Eu não devo estar batendo bem. Esse é um garoto que veio das favelas. Fui treinada para lidar com caras assim, a observá-los do outro lado do vidro.

– Pra onde você vai? – pergunta o garoto.

Eu me concentro e minha voz sai fria e equilibrada:

– Talvez para o leste. Estou mais habituada aos setores situados mais no interior.

O menino mantém o olhar para a frente e diz:

– Você pode ficar mais tempo com a gente, se tudo que vai fazer é bater perna pelas ruas em outro lugar. Uma boa lutadora como você pode ser útil a mim. Podemos ganhar uma grana rapidinho em lutas de Skiz e dividir nossa comida. Vai ser melhor pra todo mundo.

Ele apresenta sua ideia com tanta sinceridade, que tenho de sorrir. Resolvo não perguntar por que ele mesmo não luta Skiz, e digo:

– Obrigada, mas prefiro trabalhar sozinha.

Ele fica impassível e diz:

– Tudo bem.

Depois, encosta a cabeça na parede, suspira e fecha os olhos. Eu o observo por um instante, esperando que ele exponha seus olhos brilhantes novamente, mas ele não o faz. Após um tempo, ouço sua respiração se firmar e sua cabeça pender, então sei que ele adormeceu.

Penso em contatar Thomas, mas não estou a fim de ouvir sua voz agora. Não sei bem por quê. *Amanhã de manhã, então, cedinho*. Eu também encosto a cabeça na parede e focalizo as roupas penduradas acima de nós. A não ser pelos sons distantes das turmas do turno da noite e ocasionais

transmissões nos telões, é uma noite sossegada, igualzinha às que passo em casa. O silêncio me faz pensar em Metias.

Tomo cuidado para que o som do meu choro não acorde Tess nem o garoto.

DAY

Eu quase beijei a Menina ontem à noite.

Mas nada de bom pode resultar se você se apaixonar por alguém nas ruas. Essa é a pior fraqueza que se pode ter, assim como ter uma família presa numa zona de quarentena ou uma órfã de rua precisando de você.

Mesmo assim... parte de mim ainda quer beijar essa garota, independentemente de poder ser uma pisada de bola. Essa Menina consegue detectar um detalhe nas ruas a dois quilômetros de distância. “As persianas nas janelas do terceiro andar daquele prédio devem ter sido retiradas de um setor rico. A madeira é cerejeira sólida.” Com uma faca, em um arremesso apenas, ela pode atingir um cachorro-quente de uma barraca cujo vendedor não esteja presente. Percebo sua inteligência em todas as perguntas que ela me faz e em todas as suas observações. Contudo, ao mesmo tempo, há uma inocência que a torna completamente diferente da maioria das pessoas que conheci. Ela não é cínica nem cética. As ruas não a debilitaram, pelo contrário, a deixaram fortalecida.

Como a mim.

Durante toda a manhã, procuramos mais oportunidades de ganhar dinheiro: guardas ingênuos dos quais possamos bater a carteira, coisas em lixeiras para revender, caixotes não vigiados no píer para que possamos abri-los. Enquanto isso é feito, buscamos um novo local para passar a noite. Tento concentrar meus pensamentos no Éden, no dinheiro que preciso antes que seja tarde demais, mas, em vez disso, começo a pensar em novas maneiras de bagunçar a campanha de guerra da República. Eu poderia pegar carona num avião, extrair com um sifão seu precioso combustível, depois vender no mercado ou dividir entre pessoas que precisem dele. Eu poderia destruir completamente a aeronave, antes que ela partisse para o *front*. Ou poderia também marcar como alvos as redes elétricas de Batalla

ou os aeroportos, cortar a energia deles e impedi-los de operar. Esses pensamentos me mantêm ocupado.

Mas, de vez em quando, quando olho rapidamente para a Menina, ou sinto que ela está me olhando, não consigo deixar de pensar nela.



JUNE

QUASE 20H00.

QUASE 25°C.

O garoto e eu estamos sentados lado a lado nos fundos de outro beco, enquanto Tess dorme, a uma pequena distância de nós. O garoto deu para ela sua jaqueta, de novo. Observo enquanto ele lixa as unhas ao raspá-las com a ponta da faca. Desta vez, tira o boné da cabeça e penteia o cabelo emaranhado.

Ele está de bom humor, e me pergunta:

– Quer um gole?

Uma garrafa de vinho doce está entre nós. É uma bebida barata, provavelmente feita das uvas brancas suaves que são cultivadas em águas oceânicas, mas o menino age como se esse vinho fosse a melhor coisa do mundo. No fim da tarde ele roubou uma caixa de garrafas de uma loja do setor Winter e vendeu todas, menos esta, ganhando um total de 650 Notas. Ele nunca deixa de me surpreender com a rapidez com que se movimenta entre os setores. Sua agilidade é equivalente à dos principais estudantes da Drake.

Eu respondo:

– Se você beber, eu também bebo. Não posso desperdiçar os produtos que você rouba, não é?

Ele dá um risinho. Observo enquanto ele enfia a faca na rolha da garrafa, a retira e vira a cabeça para trás ao tomar um grande gole da bebida. Limpa os lábios com o polegar e sorri para mim:

– Uma delícia! Tome um gole.

Aceito pegando a garrafa e tomo um golinho antes de devolvê-la a ele. O sabor é meio salgado, como eu pensava. Pelo menos pode aliviar a dor que sinto de um lado do corpo.

Continuamos nos alternando. Goles grandes para ele, e pequenos para mim, até ele voltar a pôr a rolha na garrafa, no instante em que pensa que a bebida está atrapalhando a sua percepção. Mesmo assim, seus olhos estão mais brilhantes, as íris azuis expressam um reluzir encantador e reflexivo.

Ele pode não ter perdido sua capacidade de concentração, mas percebo que o vinho o deixou mais à vontade, por isso resolvo perguntar:

– Me conte uma coisa, por que você precisa de tanto dinheiro?

O garoto ri e diz:

– Está falando sério? Quem é que não quer mais dinheiro? Nunca se tem o bastante, não é?

– Você gosta de responder às minhas perguntas fazendo perguntas também?

Ele ri de novo, mas quando fala, sua voz soa triste:

– Dinheiro é a coisa mais importante do mundo, Menina. Dinheiro pode comprar felicidade, não me importo com o que os outros dizem. Dinheiro pode comprar alívio, status, amigos, segurança... todo tipo de coisas.

Observo seus olhos expressarem algo distante e digo:

– Mas você está com muita pressa de juntar dinheiro.

Desta vez ele me dirige um olhar divertido e fala:

– E por que eu não estaria? Você provavelmente vive na rua há tanto tempo quanto eu. Você deve saber a resposta, certo?

Olho para baixo. Não quero que ele veja a verdade. Digo:

– É, pode ser.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo.

O garoto então fala. Ao fazê-lo, seu tom de voz é tão terno, que não consigo deixar de olhar para ele.

– Não sei se alguém já te disse isto. – Ele não enrubesce, e seus olhos não se desviam. Eu me vejo olhando fixamente para dois oceanos: um perfeito, o outro manchado por uma minúscula ondulação. Ele continua: – Você é muito atraente.

Já fui elogiada por minha aparência antes, mas nunca nesse tom de voz. De todas as coisas que ele disse, não sei por que *essa* me pega desprevenida, mas me assusta tanto, que digo, impetuosamente:

– Posso dizer o mesmo a seu respeito. – Faço uma pequena pausa. –
Caso você não saiba.

Um risinho malicioso se espalha no rosto dele, que diz:

– Ah, não se preocupe, eu sei.

Eu rio:

– É bom ouvir alguma coisa sincera. – Não consigo deixar de encarar o olhar fixo dele. Finalmente, consigo acrescentar: – Sabe? Acho que você bebeu vinho demais, meu amigo. – Mantenho a voz o mais suave possível. – Acho que um soninho vai te fazer bem.

Mal as palavras saem da minha boca, o menino se debruça na minha direção e coloca a mão no meu rosto. Todo o meu treinamento deveria fazer com que bloqueasse a mão dele e a prendesse no chão, mas eu nada faço, permaneço totalmente imóvel. Ele me puxa para si. Prendo o ar antes que seus lábios toquem os meus.

Sinto o sabor do vinho nos lábios dele. Ele me beija suavemente a princípio e depois, como se estivesse querendo mais alguma coisa, ele me empurra contra a parede e me beija com mais força. Seus lábios são quentes e muito macios, seu cabelo roça minha face. Eu tento me concentrar. Esta não é a primeira vez dele, que certamente já beijou outras meninas, e eu diria que muitas. Ele... ele parece estar com falta de ar. Os detalhes desaparecem. Tento agarrá-los, mas em vão. Levo um instante para perceber que eu o estou beijando com a mesma avidez. Sinto a faca na sua cintura contra minha pele, estremeço. Aqui faz muito calor, meu rosto deve estar em fogo.

Ele se afasta primeiro. Nós nos olhamos fixamente, num silêncio espantado, como se nenhum dos dois pudesse entender o que acaba de acontecer.

Ele então recupera a postura, eu me esforço para recuperar a minha. Ele se encosta na parede ao meu lado, e suspira.

– Desculpe – murmura e me olha maliciosamente. – Eu não pude evitar, mas pelo menos agora acabou.

Continuo olhando firmemente para ele, ainda sem conseguir falar. Minha mente me impele fortemente a ordenar meus pensamentos. O

menino retribui meu olhar, depois sorri, como se soubesse o efeito que ele tem, então dá as costas. Eu recomeço a respirar.

É aí que vejo um gesto que provoca um solavanco e faz minha mente voltar totalmente ao lugar: antes de se deitar para dormir, ele tenta pegar uma coisa pendurada ao pescoço. É um movimento tão inconsciente, que duvido de que ele se dê conta de tê-lo feito. Olho fixamente para seu pescoço, mas não vejo nada pendurado. Ele havia agarrado o fantasma de um cordão, o fantasma de uma correntinha ou um fio.

E é então que me lembro, nauseada, do cordão no meu bolso: o pingente de Day.

DAY

Quando a Menina finalmente adormece, eu a deixo com Tess e vou visitar minha família novamente. O ar mais fresco me desanuvia a cabeça. Quando estou a uma boa distância do beco, respiro fundo e apresso o passo. *Eu não devia ter feito aquilo*, digo a mim mesmo. *Eu não devia ter beijado a Menina*. Principalmente, eu não devia estar contente de ter feito isso, mas estou. Ainda sinto os lábios dela nos meus, a pele macia e gostosa do rosto e dos braços dela, o ligeiro tremor de suas mãos. Já beijei um bocado de garotas bonitas antes, mas não como essa. Eu queria ter beijado mais. Não acredito que consegui me afastar.

Do que adiantou ficar me lembrando para nunca me apaixonar por uma garota das ruas.

Eu agora me obrigo a me concentrar em me encontrar com John. Tento ignorar o estranho *X* na porta de minha família e vou direto até as tábuas do chão ao lado da varanda. Velas tremeluzem perto da janela quebrada do quarto. Minha mãe deve estar acordada até tarde, cuidando do Éden. Eu me agacho na escuridão por um tempo, olho por cima do ombro para as ruas vazias, depois empurro a tábua para o lado e caio de joelhos.

Alguma coisa se agita na sombra do outro lado da rua. Paro por um minuto e espreito a noite. Nada. Como não vejo nada mais, abaixo a cabeça e rastejo debaixo da varanda.

John está aquecendo uma sopa na cozinha. Emito três pequenos assovios que soam como os de um grilo. Faço algumas tentativas antes de John ouvir e se virar. Então saio da varanda e me dirijo à porta dos fundos da casa, onde encontro meu irmão na escuridão.

– Tenho 1.600 Notas – sussurro. Mostro a ele a pochete. – Quase o bastante para a cura. Como está o Éden?

John sacode a cabeça. A ansiedade no rosto dele me irrita, porque sempre espero que ele seja o mais forte de nós.

– Nada bem – responde ele. – Emagreceu mais, porém está sempre alerta, e nos reconhece. Acho que ele tem mais algumas semanas.

Faço um aceno positivo com a cabeça. Não quero pensar na possibilidade de perder o Éden e digo:

– Prometo que vou ter o dinheiro em pouco tempo. Só preciso de mais um golpe de sorte, então vou ao hospital, e a gente vai ter o remédio para ele.

– Você está tendo cuidado, certo? – pergunta ele. No escuro, podemos passar por gêmeos: temos o mesmo cabelo, os mesmos olhos, a mesma expressão. – Não quero que você se coloque em perigo desnecessariamente. Se há algum jeito de eu ajudá-lo, é só dizer. Talvez eu possa sair às escondidas com você algumas vezes e...

Franzo a testa e digo:

– Não seja burro. Se os soldados te pegarem, vocês todos morrem, você sabe disso. – A expressão frustrada de John me faz sentir culpado por recusar tão rapidamente a ajuda dele. – Eu trabalho melhor assim. Sério. É melhor que só um de nós esteja atrás do dinheiro. Você não vai fazer nenhum bem à mamãe se for morto.

John acena com a cabeça, embora eu perceba que ele quer dizer mais coisas, o que eu evito ao me virar para ir embora:

– Preciso ir agora. A gente se vê logo.



JUNE

Day deve ter pensado que adormeci, mas eu o vejo se levantar e sair no meio da noite, e então vou atrás. Ele penetra numa zona de quarentena, entra numa casa marcada com um X de três linhas, e reaparece vários minutos depois.

É tudo que eu preciso saber.

Subo até o telhado de um prédio próximo. Quando chego lá, eu me agacho à sombra de uma chaminé e ligo o microfone. Estou com tanta raiva de mim mesma que não consigo impedir que minha voz fique tremida. Eu me deixei encantar pela última pessoa por quem queria. A última pessoa por quem eu queria sofrer.

Talvez Day não tenha matado Metias, disse a mim mesma. *Talvez tenha sido outra pessoa*. Meu Deus! Eu agora estou inventando justificativas para defender esse garoto?

Agi como uma idiota com o assassino de Metias. Será que as ruas do Lake me transformaram numa débil mental? Será que acabei de envergonhar a memória de meu irmão?

– Thomas – sussurro –, encontrei o sujeito.

Decorre um minuto de estática antes que eu ouça Thomas me responder. Quando ele o faz, soa estranhamente alheio:

– Pode repetir isso, srta. Iparis?

Fico muito nervosa:

– Eu disse que encontrei o cara, o Day. Ele acaba de visitar uma casa numa das zonas de quarentena do Lake, uma casa com um X de três linhas na porta. Na esquina de Figueroa com Watson.

– Tem certeza? – Thomas está mais alerta agora. – Está *absolutamente* certa?

Tiro o medalhão do meu bolso:

– Estou. Não tenho a menor dúvida.

Escuto um tumulto do outro lado da linha. A voz dele fica animada:

– Esquina de Figueroa com Watson. É esse o caso especial de praga que tencionamos investigar amanhã de manhã. A senhorita está certa de que é o Day? – pergunta de novo.

– *Estou!*

– Ambulâncias vão a essa casa amanhã. Vamos levar os moradores para o Hospital Central.

– Então mande mais tropas. Quero reforço quando Day aparecer para proteger sua família. – Lembro da forma como Day engatinhou debaixo das tábuas do chão. – Ele não vai ter tempo de tirar os parentes de lá, de modo que provavelmente vai esconder o pessoal na casa. Devemos levar todos para a ala hospitalar do Batalla Hall. Ninguém deve se machucar. Quero todos eles lá para serem interrogados.

Thomas fica surpreso com o meu tom e consegue dizer:

– A senhorita vai ter as tropas que quer. E espero sinceramente que esteja certa.

A sensação dos lábios de Day, nosso beijo ardente, as mãos dele tocando minha pele... isso não pode significar mais nada para mim. Menos que nada.

– Eu estou certa.

Volto para o beco antes que Day dê por minha falta.

DAY

Nas poucas horas de sono que consigo antes do amanhecer, sonho com minha casa.

Pelo menos, parece a casa de que eu me lembro. John está sentado com nossa mãe numa extremidade da mesa de jantar, lendo para ela contos sobre a antiga República. Mamãe faz um sinal positivo de incentivo com a cabeça, quando ele chega no fim da página sem trocar palavras nem letras. Eu sorrio para eles de onde estou, do lado da porta. John é o mais forte de nós, mas ele tem uma característica que eu não herdei, a de ser paciente e suave. É um traço de nosso pai. Éden está rabiscando num papel, na outra extremidade da mesa. Nos meus sonhos, Éden está sempre desenhando. Ele nunca levanta os olhos, mas sei que está ouvindo a história de John, porque ri nas horas certas.

Então me dou conta de que a Menina está de pé a meu lado. Eu seguro sua mão. Ela me dá um sorriso que enche de luz a sala, e eu retribuo seu sorriso.

– Gostaria que você conhecesse minha mãe – digo a ela.

Ela sacode a cabeça. Quando volto a olhar para a mesa de jantar, John e mamãe continuam lá, mas Éden desapareceu.

O sorriso da Menina esmaece, e ela me olha com olhos trágicos.

– O Éden morreu – diz.

Uma sirene distante me acorda, com um susto.

Continuo deitado silenciosamente por um tempo, olhos abertos, tentando respirar direito. Meu sonho está fortemente nítido na minha cabeça.

Concentro-me no som da sirene para me distrair, mas depois percebo que não estou ouvindo o som agônico normal de uma sirene de polícia, nem o de uma ambulância. É o som de uma ambulância militar, as que se usam para transportar soldados feridos para o hospital. É mais alta e aguda do que as demais porque ambulâncias militares têm prioridade máxima.

Acontece que não temos soldados feridos voltando para Los Angeles. Eles são tratados na fronteira do *front*. A outra circunstância em que essas ambulâncias são usadas é para transportar casos especiais de praga para os laboratórios, devido a seus melhores equipamentos de emergência.

Até a Tess reconhece o som e pergunta:

– Aonde eles estão indo?

– Sei lá – digo. Sento-me ereto e olho em volta. A Menina parece estar acordada já faz algum tempo. Ela está sentada a alguns metros de distância, com as costas para a parede, os olhos observando a rua, o rosto sério e concentrado. Ela está tensa.

– Dia – digo a ela. Meus olhos se fixam rapidamente nos lábios dela. Será mesmo verdade que eu a beijei ontem à noite?

Ela não me olha. Sua expressão não muda.

– Sua família está com a porta marcada, não está?

Tess a olha, surpresa. Olho fixamente para a Menina, sem saber o que responder. É a primeira vez que alguém que não seja Tess me fala da minha família.

– Você me seguiu ontem à noite.

Digo a mim mesmo que deveria estar zangado, mas não sinto nada, apenas confusão. Ela deve ter me seguido por curiosidade. Fico surpreso, na verdade, chocado, com o silêncio com que ela consegue se locomover.

Mas alguma coisa está diferente na Menina nesta manhã. Ontem à noite ela estava tão a fim de mim quanto eu dela, mas hoje ela está distante, retraída. Será que fiz alguma coisa para ela ficar tão arredia assim? A Menina me olha diretamente e me pergunta:

– É pra isso que você está economizando todo esse dinheiro? Para curar a praga?

Ela está me testando, mas não sei por quê.

– É – respondo. – Por que você se interessa?

– Você está muito atrasado – diz ela. – Porque hoje a patrulha contra praga vai buscar sua família e levar todos eles embora.



JUNE

Não preciso dizer muito mais para convencer Day a se movimentar. E as sirenes de ambulância, quase certamente dirigindo-se a Figueroa e Watson, vieram exatamente como Thomas prometeu.

– Que é que você quer dizer? – pergunta Day. O choque ainda não o abalou. – Que é que você quer dizer com a patrulha contra praga indo buscar minha família? Como você sabe?

– Não faça perguntas. Você não tem tempo para isso.

Eu hesito. Os olhos de Day parecem tão aterrorizados, tão vulneráveis, que de repente preciso de toda a minha força para mentir para ele. Tento recorrer à raiva que senti ontem à noite:

– Vi você visitar a zona de quarentena de sua família ontem à noite e ouvi alguns guardas comentando sobre a varredura de hoje. Eles mencionaram a casa com o X de três linhas. É melhor você se apressar. Estou tentando ajudar, estou falando sério quando digo que você precisa ir até lá *imediatamente*.

Eu me aproveitei da maior fraqueza de Day. Ele não hesita, não se detém para questionar o que eu disse, nem se pergunta por que eu não contei tudo logo que soube. Em vez disso, se levanta de um salto, localiza a direção de onde estão soando as sirenes, e sai correndo do beco. Sinto uma surpreendente pontada de remorso. Ele confia em mim. Ele confia em mim de verdade, insensatamente, de todo o coração. Na verdade, não sei se alguém antes dele acreditou no que eu disse tão prontamente. Talvez nem mesmo Metias.

Tess o observa ir embora com uma expressão de medo crescente, e exclama:

– Anda logo, vamos atrás dele! – Ela se põe de pé com um pulo e segura minhas mãos. – Ele pode precisar de nossa ajuda!

– Não – retruco. – Você espere aqui. Eu vou atrás dele. Fique abaixada e sem fazer barulho; um de nós voltará para buscar você.

Nem espero a resposta de Tess, começo a descer a rua. Quando olho por cima do ombro, vejo Tess de pé no beco, com os olhos fixos na minha figura que desaparece. Resolvo voltar, mas depois mudo de ideia: é melhor deixá-la fora disso. *Se prendermos Day hoje, o que vai acontecer com ela?* Dou um estalido com a língua e ligo o microfone.

Por um instante, ouço a estática zunir em meu minúsculo fone de ouvido, depois escuto a voz de Thomas:

– Conte tudo. Que está acontecendo? Onde está você?

– Day está indo para Figueroa e Watson neste momento. Estou atrás dele.

Thomas engole em seco:

– Certo. Nossa unidade militar já está pronta. Vejo você daqui a pouco.

– Espere minha instrução: ninguém deve ser ferido... – começo a dizer, mas a estática interrompe a chamada.

Corro velozmente rua abaixo. Meu ferimento lateja, protestando. Day não pode estar longe, ele saiu menos de meio minuto antes de mim. Tomo a direção que me lembro de ter visto Day tomar na véspera: sul, indo para a Union Station.

Efetivamente, em pouco tempo vejo o boné velho de Day se sobressaindo bem à minha frente na multidão.

Toda a minha raiva, medo e ansiedade se concentram em sua nuca. Preciso me obrigar a manter distância suficiente entre nós, para que ele não descubra que o estou seguindo. Parte de mim recorda a maneira como ele me salvou da luta de Skiz, que ele me ajudou a curar o ferimento que ardia em um lado do corpo, que suas mãos foram muito suaves. Quero gritar com ele. Quero odiá-lo por me deixar tão confusa. *Menino burro!* É surpreendente que você tenha conseguido escapar do governo por tanto tempo, mas agora você não pode se esconder, não quando sua família ou amigos estão em risco. *Eu não tenho nenhuma simpatia por um criminoso, lembro duramente a mim mesma. Tenho um acerto de contas a fazer.*

DAY

Normalmente sou grato pelas multidões nas ruas do Lake: é fácil entrar e sair delas, despistando quem possa estar me seguindo ou atrás de briga. Já perdi a conta do número de vezes que usei as ruas atravancadas em meu benefício. Hoje, porém, as pessoas estão me atrasando. Mesmo com um atalho ao longo do lago, estou correndo praticamente à frente das sirenes e não terei como me adiantar para chegar à casa da minha família.

Não terei tempo de tirá-los de lá, mas preciso tentar. Preciso chegar a eles antes dos soldados.

De vez em quando paro para ter certeza de que as ambulâncias continuam a ir na direção em que penso que estão indo. Realmente, elas prosseguem em caminho reto até nosso bairro. Corro mais rápido. Não paro nem mesmo quando acidentalmente esbarro num velho. Ele tropeça e cai na calçada. – Desculpe! – Grito. Ele grita comigo, mas não ousa perder tempo olhando para trás.

Estou todo suado quando me aproximo da nossa casa, ainda silenciosa e vedada, como parte da quarentena. Eu me esgueiro pelos becos dos fundos até chegar à cerca em ruínas do nosso quintal. Então consigo entrar por uma fenda na cerca, empurro para o lado a tábuas soltas, e engatinho debaixo da varanda. As margaridinhas que deixei debaixo da ventilação continuam lá, intocadas, mas já feneceram e morreram. Através das fendas do chão, vejo minha mãe sentada na cabeceira de Éden. John está lavando um pano de prato numa bacia próxima. Meus olhos se fixam rapidamente em Éden. Ele parece pior, como se toda a cor lhe tivesse sido retirada da pele. Sua respiração é superficial e áspera, e tão alta, que consigo ouvi-la daqui.

Minha mente clama por uma solução. Eu poderia ajudar John, Éden e minha mãe a fugir agora mesmo, e me arriscar a dar de cara com as patrulhas contra praga ou os guardas municipais. Talvez pudéssemos encontrar refúgio nos lugares em que Tess e eu costumamos nos esconder.

John e minha mãe são certamente fortes o bastante para correr, mas como Éden poderia acompanhar o ritmo deles? John conseguiria carregá-lo apenas durante um certo período. Talvez eu possa encontrar um meio de colocá-los furtivamente num trem de carga, e ajudá-los a fugir para o interior até... algum lugar, sei lá. Se as patrulhas já estão atrás de Éden, as coisas não vão piorar se John e mamãe simplesmente abandonarem seu emprego e fugirem. De qualquer forma, eles estão de quarentena. Eu poderia ajudá-los a chegar ao Arizona ou talvez ao Texas Ocidental, então, depois de certo tempo, talvez as patrulhas não se preocupem mais em procurá-los. Além do mais, para começo de conversa, eu talvez esteja enganado. Quem sabe a Menina está errada, e as patrulhas não estão vindo pegar minha família? Eu posso continuar economizando para comprar o remédio contra a praga para o Éden. Toda essa minha ansiedade talvez seja à toa.

Mas, à distância, ouço a sirene da ambulância cada vez mais alta.
Estão vindo pegar o Éden.

Tomo uma decisão. Saio de qualquer jeito de debaixo da varanda e me apresso até a porta dos fundos. Daqui consigo escutar as ambulâncias muito mais claramente. Elas estão se aproximando. Abro a porta dos fundos e subo correndo os poucos degraus que levam à nossa sala de estar.

Respiro fundo.

Abro a porta com um pontapé, e corro para a luz.

Minha mãe solta um grito assustado. John gira o corpo na minha direção. Ficamos um instante parados nos olhando, sem saber o que fazer.

– Qual é o problema? – O rosto dele fica lívido ao ver minha expressão.
– O que você está fazendo aqui? Que aconteceu?

Ele tenta firmar a voz, mas sabe que alguma coisa está muito errada, alguma coisa tão grave que me forçou a me revelar para a família inteira.

Tiro meu boné desgastado da cabeça. Meu cabelo cai de repente na minha testa, numa confusão só. Mamãe põe a mão com atadura na frente da boca. Seus olhos mostram desconfiança, depois se arregalam.

– Sou eu, mamãe. É o Daniel.

Observo várias emoções lhe passarem pelo rosto: descrença, alegria, confusão, antes que ela dê um passo à frente. Seus olhos se fixam em John e em mim. Não sei dizer o que a deixa mais atônita, se é o fato de eu estar vivo ou de John parecer que já sabia disso.

– Daniel? – sussurra ela.

É estranho vê-la pronunciando meu antigo nome de novo. Corro para pegar as mãos feridas de mamãe. Elas tremem e eu digo:

– Não há tempo para explicações agora.

Tento ignorar a expressão dos olhos dela. Outrora eles eram azuis e brilhavam, exatamente como os meus, mas o desgosto os esmaeceu. Como encarar minha mãe, que me julgava morto há tantos anos? Eu digo:

– Estão vindo pegar o Éden. Vocês têm de escondê-lo.

– É mesmo o Daniel? – Seus dedos tiram o cabelo dos meus olhos. De repente, voltei a ser seu menininho. – Meu Daniel, você está vivo! Isso deve ser um sonho.

Eu a pego nos ombros e digo:

– Escute, mamãe. A patrulha contra praga está chegando, com uma ambulância militar. Seja lá qual for o vírus que o Éden tem, eles vão levá-lo. Temos de esconder vocês todos.

Ela me observa um instante, depois concorda com a cabeça, e me leva à cama de Éden. De perto posso ver que os olhos escuros de Éden, de alguma forma, agora são negros. Não há nenhum reflexo neles, me dou conta, horrorizado, que eles estão negros porque as íris estão sangrando. Mamãe e eu cautelosamente o ajudamos a se sentar. Sua pele está ardendo. John suavemente o levanta e o põe nos ombros, sussurrando palavras tranquilizadoras ao fazê-lo.

Da garganta de Éden sai um chorinho dolorido, sua cabeça se pendura, frouxamente, para um lado, e encosta no pescoço de John.

– Ligue os dois circuitos – diz ele.

As sirenes lá fora continuam a tocar. Devem estar a menos de dois quarteirões. Troco um olhar desesperado com minha mãe.

– Debaixo da varanda – sussurra ela. – Não temos tempo de fugir.

Nem John nem eu a contrariamos. Mamãe aperta minha mão com força. Saímos pelos fundos. Paro por um minuto lá fora, verificando a direção e a distância das patrulhas: elas estão quase chegando. Corro para a varanda e deslizo a tábua para um lado.

Mamãe murmura:

– Éden primeiro.

John ajusta Éden em seu ombro, depois se ajoelha e engatinha até entrar no lugar. Em seguida eu ajudo mamãe, depois entro precipitadamente atrás deles, limpo qualquer marca que tenhamos deixado na terra, e cuidadosamente coloco a tábua de volta no lugar. Espero que seja o bastante.

Nós nos amontoamos no canto mais escuro, onde mal conseguimos nos ver. Olho fixamente para os raios de luz que passam pelas ventilações. Eles dividem o chão de terra em pedaços, e só consigo distinguir as margaridinhas amassadas. As sirenes da ambulância soam distantes por um momento. Estão fazendo a volta em algum lugar. Então, de repente, ficam ensurdecedoras. Botas pesadas são ouvidas em seu rastro.

Malditos infelizes! Pararam do lado de fora da nossa casa e estão se preparando para entrar à força.

– Fiquem aqui – murmuro. Torço meu cabelo em cima da cabeça e depois o meto de volta no boné. – Vou despistar esses caras.

– Não – diz John. – Não volte lá, é muito perigoso.

Sacudo a cabeça e digo:

– É muito perigoso para vocês se eu ficar. Confie em mim.

Olho rapidamente para minha mãe, que está se esforçando ao máximo para controlar o medo, enquanto conta uma história ao Éden. Eu me lembro de como ela parecia sempre calma quando eu era pequeno, com sua voz suave e sorriso gentil. Faço um sinal com a cabeça para John, e digo:

– Volto rapidinho.

Lá em cima, ouço alguém bater na porta e uma voz gritar:

– Patrulha contra praga! Abram a porta!

Corro até a tábua solta, cuidadosamente ponho-a de lado alguns centímetros, depois me esgueiro e saio. Reponho cautelosamente a tábua no

lugar. A cerca da nossa casa me impede de ser visto, mas através das fendas posso ver os soldados esperando do lado de fora da porta. Preciso agir rapidamente. Eles não devem estar esperando alguém revidar agora, especialmente alguém que não podem ver. Vou depressa e em silêncio para os fundos da nossa casa, consigo me apoiar firmemente num tijolo solto, e me arremesso para cima. Agarro a beira do nosso telhado, depois giro o corpo e subo nele.

Os soldados não conseguem me ver aqui, por causa de nossa larga chaminé e das sombras lançadas pelos edifícios mais altos a nosso redor. Mas eu tenho uma boa visão deles. Na verdade, a visão me faz parar. Há alguma coisa errada. Temos pelo menos uma pequena possibilidade contra uma dessas patrulhas, mas há muito mais do que uma dúzia de soldados em frente à nossa casa. Conto pelo menos vinte, talvez mais, todos com máscaras brancas presas firmemente em volta da boca. Alguns têm no rosto máscaras completas contra gases. Dois jipes militares estão estacionados perto da ambulância. Em frente a um deles, uma oficial de alta patente está esperando, com uniforme ornado por franjas vermelhas e um quepe de comandante. A seu lado está um rapaz de cabelo preto, vestindo um uniforme de capitão.

E à frente dele, imóvel e sem proteção, está a Menina.

Franzo o rosto, confuso. Eles devem tê-la prendido, e agora a estão usando para alguma coisa. Isso quer dizer que devem ter apanhado a Tess também. Procuo na multidão, mas não a vejo. Viro-me de novo para a Menina. Ela está calma e imperturbável, mesmo com o mar de soldados que a cercam. Ela aperta sua máscara em redor da boca.

E então, numa fração de segundo, percebo por que a Menina tinha me parecido tão familiar: seus olhos. Aqueles olhos escuros, com tons dourados. O jovem capitão chamado Metias. O sujeito de quem escapei na noite em que invadi o Hospital Central de Los Angeles. Ele tinha os olhos exatamente como os dela.

Metias deve ser parente dela. Como ele, ela também trabalha para os militares. Não posso acreditar na minha burrice. Eu deveria ter percebido

isso antes. Rapidamente examino o rosto dos outros soldados, perguntando-me se o próprio Metias também está presente, mas vejo apenas a Menina.

Eles a mandaram para me achar.

E agora, por causa da minha idiotice, ela me rastreou diretamente até minha família. Talvez tenha até matado Tess. Fecho os olhos. Eu havia confiado nessa menina, até a beijei. E até mesmo passei a gostar dela. Esse pensamento me deixa louco de raiva.

Um barulho alto repentino vem da nossa casa. Ouço gritos e berros. Os soldados os encontraram. Eles quebraram as tábuas do chão e os arrastaram para fora. *Desça já para lá! Por que você está escondido neste telhado? Ajude sua família!* Mas isso só serviria para revelar nossa relação, e o destino deles estaria definido. Meus braços e pernas ficam paralisados.

Então, dois soldados com máscaras de gás surgem por trás da casa, arrastando minha mãe. Bem perto deles há soldados contendo fortemente John, que grita para que eles deixem nossa mãe em paz. Dois médicos saem por último. Elas prenderam Éden a uma maca, que estão empurrando até a ambulância.

Preciso fazer alguma coisa. Do meu bolso, tiro as três balas de prata que Tess me deu, as três balas obtidas na minha invasão do hospital. Ponho uma delas no meu estilingue improvisado. A lembrança de quando eu tinha sete anos e arremessei a bola de neve em chamas na sede da polícia me vem à cabeça. Aponto o estilingue para um dos soldados que seguram John, puxo o máximo que posso para trás, e atiro.

Ele raspa o pescoço dele com tanta força que vejo sangue sair provocado pelo impacto. O soldado cai, e agarra freneticamente a máscara. No mesmo instante, outros soldados apontam as armas para o telhado. Eu estou agachado, imóvel, atrás da chaminé.

A Menina dá um passo à frente e diz:

– Day! – Sua voz ressoa na rua. Devo estar delirando porque creio ter percebido solidariedade na sua voz. – Eu sei que você está aqui, e sei também por quê.

Ela aponta para John e minha mãe. Éden já desapareceu dentro da ambulância.

Agora minha mãe sabe que sou o criminoso que ela vê em todos os alertas nos telões, mas eu não digo nada. Ponho mais uma bala no estilingue e o aponto para a Menina.

– Você quer sua família a salvo, eu compreendo isso – continua ela. – Eu também queria que minha família estivesse a salvo.

Eu recuo meu braço.

A voz da Menina fica mais suplicante, e até urgente:

– Eu estou dando uma oportunidade de salvar sua família. Entregue-se, por favor. Ninguém vai se machucar.

Um dos soldados perto dela levanta sua arma. Por instinto, giro o estilingue para ele e disparo. A bala o atinge bem no joelho e faz com que ele caia para a frente.

Os soldados disparam uma saraivada de balas contra mim. Eu me escondo atrás da chaminé. Fagulhas voam por toda parte. Cerro os dentes e fecho os olhos. Não posso fazer nada nesta situação. Estou impotente.

Quando o tiroteio para, olho lá para baixo e vejo a Menina ainda lá. Sua comandante cruza os braços. E a Menina não se move.

Então vejo a comandante dar um passo à frente. Quando a Menina começa a protestar, ela a empurra para o lado.

– Você não pode ficar aí para sempre – grita a comandante para mim. Sua voz é muito mais fria que a da Menina. – E sei que você não vai deixar sua família morrer.

Ponho a última bala no estilingue e miro diretamente na comandante.

Ela sacode a cabeça quando não digo nada.

– Tudo bem, Iparis – diz ela à Menina. – Tentamos sua tática, agora vamos tentar a minha. – Ela se vira para o capitão de cabelo preto, faz um sinal com a cabeça e diz: – Acabe com ela.

Não tenho tempo de impedir o que acontece em seguida.

O capitão levanta a arma, aponta-a para minha mãe e atira em sua cabeça.



JUNE

A mulher em que Thomas atira ainda nem caiu no chão quando vejo o garoto se lançar do telhado. Fico paralisada. Está tudo errado. *Não era para ninguém se machucar.* A Comandante Jameson não me informou que pretendia matar alguém da casa. Nós devíamos levar os moradores ao Batalla Hall, para serem presos e interrogados. Meus olhos se fixam rapidamente em Thomas, e me pergunto se ele sente o mesmo horror que eu, mas ele permanece impassível, com a arma ainda na mão.

– Segurem esse garoto! – grita Jameson. O menino cai em cima de um soldado e o derruba no chão, com uma nuvem de sujeira. – Vamos levá-lo vivo!

O menino que agora sei ser Day emite um grito agudo, e ataca o soldado mais próximo quando eles o cercam. De alguma forma, ele consegue agarrar a arma do militar, mas logo outro soldado a tira de suas mãos.

A Comandante Jameson olha para mim e tira a pistola do cinto.

– Comandante, não faça isso! – grito de súbito, mas a mulher me ignora. Imagens de Metias me passam pela cabeça.

– Não vou esperar que ele mate meus soldados – retruca ela, e depois mira a perna esquerda de Day e dispara. Eu estremeço. A bala erra o alvo. Ela tinha mirado a rótula. Mas atinge a carne da parte exterior da coxa. Day grita de agonia, depois cai em meio a um círculo de soldados. Seu boné cai da cabeça. Seu cabelo louro se espalha. Um soldado o chuta com força o bastante para deixá-lo fora de ação. Depois os soldados o algemam, vendam e amordaçam, e o arrastam até um dos jipes à espera. Demoro um minuto para concentrar minha atenção no outro prisioneiro que tiramos da casa, um rapaz que deve ser irmão ou primo de Day. Ele grita algo ininteligível. Os soldados o empurram para dentro do segundo jipe.

Thomas me dá um olhar de aprovação, mas a Comandante Jameson apenas franze a testa para mim e diz:

– Entendo por que a Drake te chamou de encrenqueira. Isto aqui não é uma faculdade. Não se questiona as minhas ações.

Parte de mim quer pedir desculpas, mas estou impressionada demais com o que aconteceu, com muita raiva, ansiosa ou aliviada.

– E nosso plano? Comandante, com o devido respeito, não discutimos a morte de civis.

A Comandante Jameson ri ironicamente e diz:

– Ah, Iparis! Passaríamos a noite inteira aqui, se negociássemos. Viu como foi tudo mais rápido? E muito mais persuasivo para nosso alvo. – Ela desvia o olhar. – Não importa. Está na hora de você entrar num jipe e voltarmos ao quartel-general.

Ela faz um movimento rápido com a mão, e Thomas grita uma ordem. Os outros soldados se apressam para compor suas formações. Ela sobe no primeiro jipe.

Thomas se aproxima, me cumprimenta com o quepe, dizendo:

– Parabéns, June. – Ele sorri. – Você realmente conseguiu. Espetacular sua maneira de agir. Você viu a expressão no rosto do Day?

Você acabou de matar uma pessoa! Não consigo olhar para Thomas. Não consigo perguntar como ele suporta cumprir ordens tão passivamente. Meu olhar se dirige para onde está o corpo da mulher na calçada. Médicos já cercaram os três soldados feridos, sei que eles serão colocados cuidadosamente na ambulância e levados de volta ao quartel-general, mas o cadáver da mulher jaz sozinho, abandonado. Algumas cabeças nos espreitam das outras casas da rua. Algumas delas veem o corpo e rapidamente dão as costas, enquanto outras olham timidamente para Thomas e para mim. Uma pequena parte de mim quer sorrir à visão da senhora imóvel, quer sentir a alegria por causa da morte de meu irmão ter sido vingada. Faço uma pausa, mas não sinto nada. Minhas mãos se abrem e fecham com força. A poça de sangue debaixo da mulher está começando a me deixar nauseada.

Eu fico me dizendo: *Lembre-se que Day matou Metias, Day matou Metias, Day matou Metias.*

As palavras ressoam ocas e incertas na minha cabeça.

– Pois é – digo a Thomas. Minha voz soa como a de uma estranha. –
Acho que consegui mesmo.

Parte 2

**A MENINA QUE ESTILHAÇA
O VIDRO RELUZENTE**

DAY

O mundo está enevoado. Lembro-me de armas e vozes altas, e do respingo de água gelada na minha cabeça. Às vezes reconheço o som de uma chave virando numa fechadura, ou o cheiro metálico de sangue. Máscaras de gás olham para mim. Alguém não para de gritar. Uma sirene de ambulância, de som pungente, não cessa de soar. Quero desligá-la, e fico tentando achar o interruptor, mas meus braços estão estranhos. Não consigo movê-los. Uma dor terrível na minha perna esquerda umedece de lágrimas meus olhos e faces. Talvez minha perna inteira esteja perdida.

Visualizo várias vezes o momento em que o capitão atirou na minha mãe, como se fosse um filme que congelou na mesma cena. Não compreendo por que ela está tão imóvel. Grito a ela que se mexa, que se esquive, que faça *qualquer coisa*, mas ela continua parada até que a bala a atinge, e ela tomba no chão. Seu rosto está apontado para mim, mas a culpa não é minha, *não é*.

O que estava enevoado entra em foco após uma eternidade. Quanto tempo se passou? Quatro ou cinco dias? Um mês, talvez? Não tenho ideia. Quando finalmente abro os olhos, vejo que estou numa cela pequena e sem janelas, com quatro paredes de aço. Soldados estão de pé nos dois lados de uma porta pequena, semelhante à de um cofre-forte. Faço uma careta de dor. Minha língua está rachada e completamente seca. Lágrimas se secaram na minha pele. Uma coisa que dá a sensação de algemas de metal prende minhas mãos com força no espaldar de uma cadeira, levo um instante para me dar conta de que estou sentado. Meu cabelo cai no rosto em tiras pegajosas. Sangue mancha minha jaqueta. Um medo súbito toma conta de mim: *Meu boné*. Estou totalmente exposto.

Então sinto dor na minha perna esquerda. É a pior que já tive, pior ainda do que a primeira vez em que me cortaram naquele joelho. Começo a suar frio e vejo estrelas cintilarem nos cantos dos meus olhos. Nesse momento,

eu daria qualquer coisa por um analgésico ou por gelo, para extinguir o ardor na minha coxa machucada, ou até mais uma bala para acabar de vez com minha infelicidade. *Tess, preciso de você. Onde é que você está?*

Quando ousou olhar para minha perna, porém, vejo que está envolta numa atadura apertada e encharcada de sangue.

Um dos soldados repara que estou me mexendo. Ele comprime a mão contra a orelha e diz:

– Ele acordou, senhora.

Minutos depois, talvez horas, a porta de metal se abre e a comandante que ordenou a morte de minha mãe entra na cela, com grandes passadas. Está vestindo seu uniforme completo, com manto e tudo, e sua insígnia de três setas reluz sob as luzes fluorescentes. *Eletricidade. Estou num prédio do governo.* Ela diz alguma coisa para os soldados no outro lado da porta, depois a fecha de novo, então caminha vagarosamente, e sorrindo, até onde estou.

Não sei se a névoa vermelha que me embaça a visão é causada pela dor na minha perna, ou pela fúria da presença dela.

A comandante para à frente da minha cadeira, inclina-se até perto do meu rosto, e diz:

– Meu caro rapazinho. – Percebo a ironia em sua voz. – Fiquei muito animada quando me disseram que você estava acordado. Eu precisava vir vê-lo pessoalmente. Você tem muita sorte. Os médicos dizem que você não está infectado pela praga, mesmo depois de ter passado algum tempo com aquele bando infectado que você chama de família.

Eu me mexo rapidamente para trás e cuspo nela. Mesmo esse movimento é suficiente para fazer minha perna tremer de tanta dor.

– Você é um garoto lindo. – Ela me dá um sorriso venenoso. – É uma pena que tenha escolhido uma vida de criminoso. Sabe que você poderia ter se tornado uma celebridade por seu próprio mérito, com um rosto desses? Seria vacinado gratuitamente contra a praga todos os anos. Não seria bom?

Eu seria capaz de arrancar a pele de seu rosto nesse minuto, se não estivesse algemado.

– Onde estão meus irmãos? – Minha voz soa triste e rouca. – O que você fez com o Éden?

A comandante apenas sorri de novo e estala os dedos para os soldados atrás dela.

– Acredite quando digo que adoraria ficar para batermos um papo, mas tenho de conduzir uma sessão de treinamento. Há uma pessoa muito mais ansiosa para ver você do que eu. Vou deixar que ela assuma daqui para a frente.

A mulher sai sem dizer mais nenhuma palavra.

Então vejo outra pessoa, alguém menor, com uma estrutura mais delicada, entrar na cela com o ruído de uma capa negra. Demoro um minuto para reconhecê-la. Não está mais usando calças rasgadas nem botas lamacentas, e não há terra em seu rosto. A Menina está limpa e arrumada, com o cabelo preto puxado para trás num rabo de cavalo alto e lustroso. Veste um uniforme elegante, dragonas douradas brilham do alto de sua vestimenta militar com manto, cordas brancas lhe circundam os ombros, uma insígnia com uma seta dupla está gravada em ambas as mangas. Seu manto vai até os pés, e tem uma faixa preta e dourada. Um nó requintado prende a parte superior da capa firmemente no lugar. Fico surpreso com sua aparência jovem, ainda mais jovem do que quando a conheci. Certamente a República não daria a uma garota da minha idade um posto tão elevado. Olho para sua boca: os mesmos lábios que beijei brilham com um tom suave de gloss. Um pensamento meio doido me vem à cabeça e tenho vontade de rir. Se ela não tivesse provocado a morte da minha mãe e a minha captura, se eu não desejasse que ela estivesse morta, eu a acharia absolutamente deslumbrante.

Ela deve ter percebido o reconhecimento em meu rosto.

– Você deve estar tão emocionado quanto eu estou por nos reencontrarmos. Pode atribuir a um gesto de extrema bondade da minha parte eu ter pedido que pusessem uma atadura em sua perna – diz ela de repente. – Quero ver você de pé quando for executado, não quero que morra de infecção antes de eu acabar com você.

– Valeu! Você é muito gentil.

Ela ignora meu sarcasmo e diz:

– Quer dizer que você é o Day.

Fico em silêncio.

A Menina cruza os braços e me olha de modo penetrante:

– Mas suponho que eu deva te chamar de Daniel. Daniel Altan Wing. Consegui extrair essa informação do seu irmão John.

À menção do nome de John, eu me inclino para a frente e no mesmo instante lamento ter feito isso, quando minha perna explode de dor:

– Fale logo! Onde estão meus irmãos?

A expressão dela não muda, ela nem sequer pisca:

– Você não precisa mais se preocupar com eles.

Ela dá vários passos à frente. São passos firmes, indubitavelmente, passos da elite da República. Ela os disfarçava incrivelmente bem nas ruas. Isso me deixa mais irado ainda.

– Eis como a coisa funciona, sr. Wing. Vou fazer uma pergunta, e o senhor vai me responder. Vamos começar com uma pergunta fácil: qual a sua idade?

Eu olho fixamente para ela e digo:

– Eu nunca devia tê-la salvado daquela luta de Skiz. Devia ter deixado que morresse.

A Menina olha para baixo, depois tira uma arma do cinto e me bate com força no rosto. Por um segundo só consigo ver uma luz branca ofuscante. O gosto de sangue me enche a boca. Ouço um clique, logo depois um metal frio nas minhas têmporas.

– Resposta errada. Vou ser bem clara. Se você me der outra resposta errada, vou garantir que você ouça daqui os gritos do seu irmão, John. Se você me responder errado pela terceira vez, seu irmãozinho, Éden, pode partilhar o mesmo destino.

John e Éden. Pelo menos ambos estão vivos. Então percebo, pelo som do clique da sua arma, que a arma não está carregada. “Aparentemente ela só quer me bater.”

A Menina não afasta a arma.

– Quantos anos você tem?

– Quinze.

– Assim é melhor. – A Menina abaixa o revólver um pouco. – É hora de algumas confissões. Você foi o responsável pela invasão do banco Arcádia?

O lugar que invadi em dez segundos:

– Fui.

– Então você deve também ser o responsável pelo roubo de 1.650 Notas de lá.

– É isso mesmo.

– Você foi o responsável por vandalizar o Departamento de Defesa Interna há dois anos, e destruir os motores de dois aviões do *front*?

– Fui.

– Você incendiou uma série de caças F-472 estacionados na base aérea de Burbank pouco antes de eles rumarem para o *front*?

– Isso aí me deixou até orgulhoso.

– Você agrediu um cadete que estava montando guarda na divisa da zona de quarentena do setor Alta?

– Eu amarrei o cara e levei comida para umas famílias que estavam de quarentena. Me deixe em paz.

A Menina despeja mais alguns dos meus delitos passados, alguns dos quais eu mal me lembro. E depois ela indaga sobre mais um crime, meu último:

– Você foi o responsável pela morte de um capitão da patrulha municipal durante uma incursão no Hospital Central de Los Angeles? Você roubou suprimentos médicos e invadiu o terceiro andar?

Levanto o queixo e digo:

– O capitão chamado Metias.

Ela me olha friamente e diz:

– Isso mesmo. Meu irmão.

Ah! É por isso que ela me perseguiu. Respiro fundo e digo:

– Seu irmão. Eu não o matei, eu não poderia ter feito isso. Ao contrário de vocês, idiotas que adoram disparar um gatilho, eu não mato pessoas.

A Menina não responde. Ficamos nos olhando um momento. Sinto uma estranha sensação de solidariedade, mas rapidamente a afasto. Não posso

ter pena de uma agente da República.

Ela se dirige a um dos soldados ao lado da porta:

– O prisioneiro na 6822. Decepe os dedos das mãos dele.

Avanço subitamente para a frente, mas as algemas e a cadeira me impedem. Minha perna explode de dor. Não estou habituado a que alguém tenha tanto poder sobre mim. Eu grito:

– Sim, eu fui o responsável pela invasão! Mas estou sendo sincero quando digo que não o matei. Admito que o ferí, porque eu precisava fugir e ele tentou me deter. Mas não há como a faca que atirei nele ter causado mais do que um ombro machucado. Por favor, vou responder às suas perguntas. Até agora já respondi a tudo que você me perguntou.

A Menina me olha de novo:

– Nada mais do que um ombro machucado? Você devia ter verificado.

Seus olhos expressam profunda fúria, e me assustam. Tento lembrar da noite em que enfrentei Metias, do momento em que ele tinha a arma apontada para mim, e eu, minha faca apontada para ele. Eu atirei a faca e ela atingiu o ombro dele, tenho certeza.

Tenho mesmo?

Após um instante, ela manda o soldado não fazer nada.

– De acordo com os bancos de dados da República – continua ela –, Daniel Altan Wing morreu há cinco anos, de varíola, num de nossos campos de trabalho.

Dou um risinho de desdém ao ouvir isso. *Campos de trabalho, é?* Me engana que eu gosto. E o Eleitor é eleito legalmente em todos os mandatos também. Essa menina acredita de verdade nessa bosta que inventam, ou está querendo me sacanear. Uma antiga lembrança vem à tona, uma agulha injetada num dos meus olhos, uma maca de metal frio e uma luz acima da minha cabeça, mas desaparece rapidamente.

– Daniel está morto – respondo. – Eu o deixei para trás há muito tempo.

– Acho que isso foi quando você começou sua farra criminosa nas ruas, há cinco anos. Parece que você se habituou a se dar bem com seus delitos. Começou a baixar a guarda, não foi? Você já trabalhou para alguém? Alguém já trabalhou para você? Você já foi afiliado aos Patriotas?

Sacudo a cabeça. Uma pergunta apavorante me vem à cabeça, uma pergunta que tenho muito medo de fazer: *O que foi que ela fez com a Tess?*

– Não. Eles tentaram me recrutar, mas prefiro agir sozinho.

– Como você escapou dos campos de trabalho? Como você acabou aterrorizando Los Angeles, quando devia estar trabalhando para a República?

Então é isso que a República pensa das crianças que não passam na Prova.

– O que interessa? Estou aqui agora.

Desta vez consigo irritar a Menina. Ela chuta minha cadeira para trás, até não poder avançar mais, depois bate minha cabeça na parede. Estrelas me embaçam a visão.

– Vou dizer por que interessa – diz ela, sibilando e com raiva. – Interessa porque, se você não tivesse fugido, meu irmão estaria vivo agora. E quero me certificar de que mais nenhum delinquente safado das ruas enviado para os campos de trabalho fuja do sistema, para que esse cenário jamais se repita.

Rio na cara dela. A dor na minha perna alimenta minha raiva:

– Ah, é só com isso que você está preocupada? Com um bando de crianças que se submeteram à Prova e conseguiram escapar da morte? É, suponho que crianças de dez anos sejam um grupo perigoso, não é? Eu afirmo que você está com os fatos distorcidos. Eu não matei seu irmão, mas você matou minha mãe. *Foi você quem colocou aquela arma na cabeça dela!*

A expressão da Menina se endurece, mas subjacente a ela, percebo alguma coisa vacilar, por um momento, e ela parece a garota que conheci nas ruas. Ela se inclina para mim, tão perto que seus lábios tocam minha orelha e sinto seu respirar na minha pele. Um calafrio percorre a minha coluna vertebral. Ela baixa a voz num sussurro que só eu posso ouvir:

– Lamento por sua mãe. Minha comandante tinha me prometido que não machucaria nenhum civil, mas não cumpriu a palavra. Eu... – Sua voz estremece. Ela parece estar se desculpendo, como se isso adiantasse. – Eu queria ter impedido o Thomas. Você e eu somos inimigos, não se iluda, mas

eu não queria que aquilo acontecesse. – Ela então se apruma e começa a ir embora: – Isso é tudo por enquanto.

– Espere! – Com grande esforço, engulo meu orgulho e pigarreio. A pergunta que eu temia fazer me escapa antes que eu possa me deter: – Ela está viva? Que foi que você fez com ela?

A Menina me olha de relance. A expressão em seu rosto me diz que ela sabe exatamente a quem me refiro: *Tess. Ela está viva?* Eu me preparo para o pior.

Em vez disso, a Menina apenas sacode a cabeça e diz:

– Não sei. Ela não me interessa.

Ela faz um aceno com a cabeça para um dos soldados e ordena:

– Não lhe dê água até o fim do dia, e o transfira para uma cela no fim do corredor. Talvez amanhã de manhã ele esteja menos temperamental.

É esquisito ver o soldado prestar continência a alguém tão jovem.

Ela está mantendo Tess em segredo. Percebo então. Pelo meu bem? Pelo bem de Tess?

A Menina sai, fico sozinho na cela com os soldados. Eles me tiram com força da cadeira, me puxam com força pelo chão e pela porta. Minha perna ferida se arrasta nos azulejos. Não consigo segurar as lágrimas que descem dos meus olhos. A dor me deixa tonto, como se eu estivesse me afogando num lago sem fundo. Os soldados estão me levando por um largo corredor que parece ter dois quilômetros de extensão. Tropas estão em tudo que é lugar, assim como médicos usando óculos protetores e luvas brancas. Devo estar na ala médica, provavelmente por causa da minha perna.

Minha cabeça cai para a frente. Já não consigo mantê-la na posição normal. Na mente, vejo a imagem do rosto da minha mãe, encolhida no chão. “Eu não matei”, quero gritar, mas não sai nenhum som da minha boca. A dor na perna ferida me impede.

Pelo menos Tess está a salvo. Tento enviar um alerta mental a ela, dizer que saia da Califórnia e corra para o lugar mais distante possível.

É então que, na metade do corredor, uma coisa me chama a atenção: um pequeno número vermelho, um zero, escrito da mesma forma como os que vi debaixo da varanda da nossa casa e nas margens do lago do nosso setor.

É aqui. Viro a cabeça para olhar melhor enquanto passamos pelas portas duplas em que o zero está pintado. As portas não têm janelas, mas no instante em que uma figura mascarada e vestida de branco entra, dou uma olhada para dentro. Não vejo muito mais do que névoas, mas consigo perceber uma coisa dentro de um saco, em cima de uma maca: um corpo. O saco está marcado com um X vermelho.

Então as portas deslizam e se fecham, e nós continuamos a andar.

Uma série de imagens começa a passar na minha cabeça. Os números vermelhos. A marca do X de três linhas na porta da casa da minha família. As ambulâncias militares que levaram Éden. Os olhos de Éden: grandes e sangrentos.

Querem alguma coisa do meu irmãozinho. Alguma coisa que tem a ver com a doença dele. Visualizo de novo o X de três linhas.

E se não foi acidentalmente que Éden pegou a praga? E se não for por acaso que outras pessoas tenham se infectado?



JUNE

Nessa noite, eu me obrigo a usar um vestido para participar de um baile não planejado, com Thomas me segurando o braço. Esse baile de gala está sendo realizado para celebrar a captura de um perigoso delinquente, e para nos recompensar por ter conseguido fazer com que seja julgado. Os soldados se esforçam para agradar, até mantêm as portas abertas para mim quando chegamos. Outros me prestam continência. Grupos de oficiais que conversam sorriem para mim quando passo, meu nome é citado em quase todas as conversas que escuto sem querer. “Essa é a Iparis... Ela parece muito jovem... Só tem quinze anos, meu amigo... O próprio Eleitor está impressionado.” Algumas palavras denotam mais inveja do que outras: “Na verdade, não foi nada demais... Para ser sincero, é a Comandante Jameson que merece o reconhecimento... Ela não passa de uma criança...”

Entretanto, independentemente do tom de voz, sou eu que estou na berlinda.

Tento me orgulhar disso. Chego a dizer a Thomas, enquanto percorremos o magnífico salão de baile, com suas intermináveis mesas de banquete e candelabros, que prender Day preencheu o vácuo que a morte de Metias deixou na minha vida, mas, mesmo quando digo isso, não acredito nas minhas palavras. Tudo aqui me parece errado, tudo a respeito deste salão, como se fosse tudo uma ilusão que se espatifará se eu estender o braço e a tocar.

Eu me sinto mal, como se tivesse feito uma coisa terrível ao trair um garoto que confiou em mim.

– Que bom que você está aliviada – diz Thomas. – Pelo menos Day está servindo para alguma coisa.

O cabelo dele está cuidadosamente penteado para trás, e ele parece mais alto do que normalmente, no seu impecável uniforme franjado de capitão. Ele toca meu braço com uma das mãos enluvadas. Antes do assassinato da

mãe de Day, eu teria sorrido para ele, mas agora sinto um calafrio e retiro o braço.

É por causa de Day que fui forçada a usar este vestido, quero dizer, mas, em vez disso, apenas amacio o tecido já liso da minha roupa de baile. Thomas e a Comandante Jameson haviam insistido que eu usasse um vestido bem bonito, mas nenhum dos dois me disse por quê. Jameson apenas fez um gesto de desinteresse com a mão quando perguntei.

– Para variar, Iparis – disse ela –, faça o que mandam e não questione.

Então ela acrescentou algo sobre uma surpresa, o surgimento inesperado de alguém de quem gosto muito.

Por um momento ilógico, pensei que ela talvez se referisse a meu irmão. Que de alguma forma ele havia sido ressuscitado e que eu o veria nessa noite de celebração.

Por enquanto, só permiti que Thomas me conduzisse entre a multidão de generais e aristocratas.

Acabei escolhendo um vestido cor de safira com corpete, revestido de minúsculos brilhantes. Um dos meus ombros está coberto de renda, e o outro, escondido sob um longo trecho de seda. Meu cabelo está liso e solto, o que é um desconforto para quem passa a maioria dos dias de treinamento com o cabelo puxado firmemente para trás. Thomas ocasionalmente me olha, e cora. Mas eu não entendo por que tanta onda. Já usei vestidos mais bonitos, este é muito moderno e assimétrico. Este vestido poderia comprar comida por vários meses para uma garota das favelas.

– A comandante me informou que vão lavar a sentença de Day amanhã de manhã – diz Thomas um instante depois, quando terminamos de cumprimentar um capitão do setor Esmeralda.

À menção de Jameson, desvio o rosto, sem saber se quero que Thomas observe minha reação. Parece que ele já esqueceu o que aconteceu com a mãe de Day, como se vinte anos tivessem se passado, mas resolvo ser educada, e digo:

– Já?

– Quanto antes, melhor, certo? – A súbita irritação na voz dele me assusta. – E pensar que você foi obrigada a passar tanto tempo na

companhia dele! Fico surpreso por ele não ter te matado enquanto você dormia. Eu estou... – Thomas faz uma pausa, e decide não terminar a frase.

Eu recordo o calor do beijo de Day, a maneira como ele pôs uma atadura no meu ferimento. Desde sua captura, já pensei intrigada sobre isso uma centena de vezes. O Day que matou meu irmão é um criminoso cruel e impiedoso, mas quem é o Day que conheci nas ruas? Quem é esse menino que arriscaria a própria segurança por uma garota que nem conhecia? Quem é o Day que sofre tão profundamente por sua mãe? Seu irmão, John, com aparência quase idêntica à dele, não pareceu má pessoa quando o interroguei na sua cela, barganhando sua vida pela de Day, barganhando dinheiro escondido pela liberdade de Éden. Como é possível que um criminoso tão implacável seja parte dessa família? A lembrança de Day preso à cadeira, padecendo por causa da perna ferida, me deixa zangada e confusa ao mesmo tempo. Eu poderia tê-lo matado ontem. Eu poderia ter carregado a arma com algumas balas, poderia ter disparado o revólver e o matado, então o assunto estaria resolvido, mas deixei a arma sem balas.

– Esses maus elementos de rua são todos iguais – continua Thomas, repetindo o que eu disse a Day na sua cela. – Você soube que o irmão doente de Day, o pequenino, tentou cuspir na Comandante Jameson ontem? Ele queria infectá-la com a praga que o contaminou.

O assunto do irmão mais novo de Day ainda não foi investigado por mim. Eu digo, pausando para olhar para Thomas:

– Me diga uma coisa, o que exatamente a República está querendo com esse menino? Por que o levaram para o laboratório do hospital?

Thomas baixa a voz:

– Não posso dizer. Grande parte da história é confidencial, mas sei que vários generais do *front* vieram vê-lo.

Franzo a testa e pergunto:

– Vieram só para vê-lo?

– Bem, muitos deles estão aqui para uma reunião, mas fizeram questão de ir ao laboratório.

– Por que o *front* estaria interessado no irmãozinho do Day?

Thomas dá de ombros:

– Se for alguma coisa que a gente precise saber, os generais vão nos contar.

Momentos depois, somos interceptados por um grandalhão com uma cicatriz que vai do queixo à orelha. É Chian. Ele dá um enorme sorriso ao nos ver e põe a mão no meu ombro:

– Agente Iparis! Esta noite é a sua noite. Você é uma estrela! Vou lhe dizer, minha cara, todo mundo nos escalões superiores está comentando sobre seu desempenho prodigioso, especialmente sua comandante, ela parece uma mãe coruja. Parabéns por sua promoção a agente e pela ótima recompensa. Duzentas mil Notas devem dar para comprar uma dúzia de vestidos elegantes.

Consigo inclinar a cabeça educadamente e dizer:

– O senhor é muito gentil.

Chian sorri, distorcendo sua cicatriz, e bate palmas com as mãos enluvadas. Seu uniforme tem insígnias e medalhas suficientes para afundá-lo num oceano. Surpreendentemente, uma das insígnias é roxa e dourada, o que quer dizer que Chian já foi herói de guerra, embora eu ache difícil acreditar que ele tenha arriscado a vida para salvar seus companheiros. Também quer dizer que ele sofreu a perda de um membro. Suas mãos estão intactas, então ele deve ter uma prótese na perna. O ângulo sutil em que ele está inclinado me diz que ele favorece a perna esquerda.

– Siga-me, agente Iparis. E o senhor também, capitão – instrui Chian. – Há uma pessoa que quer conhecê-la.

Deve ser a pessoa que a Comandante Jameson mencionou. Thomas me dirige um sorriso dissimulado.

Chian nos conduz pelo corredor do banquete e pelo salão de baile, em direção a uma espessa cortina azul-acinzentada que isola grande parte da sala. Mastros com bandeiras da República estão posicionados em ambos os lados da cortina, e, quando nos aproximamos, vejo que a cortina também tem um pálido desenho da bandeira.

Chian abre a cortina para nós, e a fecha depois que ele entra no recinto.

Há doze poltronas de veludo dispostas em círculo, em cada uma está sentado um oficial com uniforme completo negro, os ombros adornados de

reluzentes dragonas douradas, bebericando de delicadas taças. Reconheço alguns deles: são generais do *front*, os mesmos que Thomas mencionou antes. Um deles nos vê e se aproxima, com um jovem oficial atrás, mas quando eles saem do círculo, o resto do grupo se levanta e faz uma reverência na sua direção.

O oficial mais velho é alto, com cabelo grisalho nas têmporas e um queixo finamente moldado, como se por um cinzel. Sua pele parece cansada e abatida. Ele usa um monóculo com aros dourados sobre o olho direito. Chian está ereto, e quando Thomas solta meu braço, vejo que ele faz a mesma coisa. O homem acena com a mão, então todos ficam em posição de descanso. Só agora eu o reconheço afinal. Ele é diferente em pessoa do que nos seus retratos ou nos telões da cidade, onde a cor de sua pele é muito mais saudável, e não tem rugas. Eu também reconheço alguns dos guardacostas espalhados entre os oficiais.

Esse senhor é o nosso Primeiro Eleitor.

– Você deve ser a agente Iparis. – Seus lábios sorriem quando ele vê minha expressão atônita, mas seu sorriso não é nada caloroso. Ele agarra minha mão e a aperta firme e rapidamente. – Esses cavalheiros me contam coisas excelentes sobre você. Dizem que é um prodígio e, mais importante, que pôs um dos nossos mais procurados criminosos atrás das grades. Por isso, achei apropriado que eu pessoalmente a cumprimentasse. Se tivéssemos mais jovens patriotas como você, com mentes tão brilhantes quanto a sua, teríamos vencido a guerra contra as Colônias há muito tempo. Concorda? – Ele faz uma pausa para olhar para os outros, e todos murmuram em aprovação. – Eu lhe dou os parabéns, minha cara.

Inclino a cabeça e digo:

– É uma grande honra conhecê-lo, senhor. É um prazer, Eleitor, fazer o que posso por nosso país.

Fico surpresa com a serenidade da minha voz.

O Eleitor faz um gesto para o jovem oficial a seu lado e diz:

– Este é meu filho, Anden. Hoje ele faz vinte anos, por isso eu quis trazê-lo comigo a esta encantadora celebração.

Eu me viro para Anden. Ele se parece muito com o pai, é alto (um metro e noventa), tem aparência refinada, e o cabelo é preto e encaracolado. Como Day, ele tem sangue asiático, mas, diferentemente de Day, seus olhos são verdes, e sua expressão, insegura. Usa luvas de combate Condor, com revestimento bem trabalhado. Ele é canhoto. As abotoaduras de ouro nas mangas do paletó negro do *smoking* militar têm o brasão do Colorado gravado. O que significa que ele nasceu lá. Está de colete escarlate, com fileira dupla de botões. Ele usa seu posto na aeronáutica em primeiro lugar, ao contrário do pai.

Anden sorri com a minha reverência demorada, faz uma reverência, e pega minha mão. Em vez de apertar minha mão como fez o Eleitor, ele a leva aos lábios e beija o dorso. Fico constrangida porque meu coração está a mil por hora.

– Agente Iparis – diz ele, fixando os olhos em mim por um momento.

– É um prazer – respondo, insegura quanto ao que dizer.

– Meu filho vai concorrer ao cargo de Eleitor no fim da primavera. – O Eleitor sorri para Anden, que se curva. – Animador, você não acha?

– Então, eu desejo a ele muita sorte na eleição, embora esteja certa de que ele não vai precisar dela.

O Eleitor dá um risinho e diz:

– Obrigado, minha cara. Nossa conversa chegou ao fim. Por favor, agente Iparis, divirta-se esta noite. Espero que tenhamos oportunidade de nos rever.

Ele se vira e vai embora. Anden o segue e o Eleitor diz:

– Dispensado.

Chian nos leva para fora da área acortinada e de volta ao salão de baile. Respiro de novo.

01H. SETOR RUBI.

21°C EM AMBIENTE FECHADO.

Depois que termina a celebração, Thomas me acompanha de volta ao meu apartamento sem dizer nada. Ele permanece um instante do lado de

fora da minha porta.

Eu sou a primeira a quebrar o silêncio.

– Obrigada. Foi divertido.

Thomas concorda com a cabeça e diz:

– É. Nunca vi antes a Comandante Jameson tão orgulhosa de um de seus soldados. Você é a menina de ouro da República.

Em seguida, ele fica em silêncio de novo. Está triste, e de alguma forma eu me sinto responsável.

– Você está bem? – pergunto.

– Hein? Estou, estou ótimo. – Thomas passa uma das mãos no cabelo liso. Um pouco de gel sai na luva dele. – Eu não sabia que o filho do Eleitor estaria lá.

Vejo uma emoção misteriosa nos olhos dele. Raiva, ciúme? Isso anuvia o seu semblante e lhe dá uma expressão feia.

Deixo para lá.

– Conhecemos o próprio Eleitor. Dá para acreditar? Acho que foi uma noite vitoriosa. Ainda bem que você e a Comandante Jameson me convenceram a usar um vestido bonito.

Thomas me examina. Ele não parece contente.

– June, tenho querido lhe perguntar... – Ele hesita. – Quando você estava com Day no setor Lake, ele te beijou?

Faço uma pausa. Meu microfone. É assim que ele sabe. Meu microfone deve ter ligado quando nos beijamos, ou talvez eu não o tenha desligado direito. Olho para Thomas e respondo firmemente:

– Beijou.

A mesma emoção volta ao olhar dele.

– Por que ele fez isso?

– Talvez ele tenha me achado atraente, porém, o mais provável, seja porque ele bebeu um vinho ordinário, e eu também. Eu não queria comprometer a missão depois de ter chegado tão longe.

Ficamos em silêncio um momento. Então, antes que eu possa protestar, uma das mãos enluvadas de Thomas roça meu queixo enquanto ele se debruça para me beijar nos lábios.

Eu me afasto antes que sua boca toque a minha, mas agora ele passa a mão na minha nuca. Fico surpresa com a repulsa que sinto. Tudo que vejo à minha frente é um homem com sangue nas mãos.

Thomas me olha demoradamente, depois me solta e recua. O descontentamento está estampado nos seus olhos.

– Boa noite, srta. Iparis.

Ele sai apressadamente pelo corredor antes que eu possa responder. Engulo em seco. Certamente não posso me encenar por cumprir o que se espera de mim quando estou em missão na rua, mas não é preciso ser gênio para ver que Thomas ficou aborrecido. Eu me pergunto se ele vai fazer alguma coisa com essa informação.

Eu o vejo desaparecer, abro a porta e lentamente entro em casa.

Ollie me cumprimenta com entusiasmo. Eu o acarinho, solto-o na área dos fundos, tiro o vestido assimétrico e entro no chuveiro. Quando acabo, visto uma jaqueta preta e uma bermuda.

Tento em vão dormir. Muita coisa aconteceu hoje: o interrogatório de Day, conhecer o Primeiro Eleitor e seu filho, e depois o ato de Thomas. A cena do crime de Metias volta a meus pensamentos, mas, enquanto a relembro, vejo o rosto dele se transformar no da mãe de Day. Esfrego os olhos, pesados de exaustão. Minha cabeça gira com tantas informações, tentando processar todas e me confundindo às vezes. Tento imaginar meus pensamentos como blocos de dados organizados em caixinhas arrumadas, todas claramente etiquetadas. Contudo, o padrão não faz sentido esta noite e estou muito cansada para raciocinar logicamente. O apartamento está vazio e esquisito. Quase sinto falta das ruas do Lake. Meus olhos vagueiam para uma pequena cômoda debaixo da minha mesa de trabalho, cheia das duzentas mil Notas que recebi por capturar Day. Sei que devia pôr o dinheiro num lugar mais seguro, porém não consigo tocar nele. Depois de um tempo, salto da cama, encho um copo d'água e vou até o meu computador. Já que não vou dormir, posso muito bem continuar a pesquisar os antecedentes de Day e as provas contra ele.

Passo o dedo no monitor, bebo um gole de água, depois entro com minha senha para acessar a internet. Abro os arquivos que a Comandante

Jameson me mandou. Estão cheios de documentos, fotos e matérias de jornais escaneadas. Toda vez que examino coisas assim, escuto mentalmente a voz de Metias: “Parte da nossa tecnologia já foi melhor. Antes das inundações, antes que milhares de bancos de dados fossem eliminados.” Ele suspirava com ironia, depois piscava para mim e dizia: “Legal eu ter escrito minhas informações à mão, hein?”

Analiso os documentos que já li antes, e logo começo com os documentos novos. Minha mente separa os detalhes:

NOME:	DANIEL ALTAN WING
IDADE/SEXO:	15/ M. ANTES ETIQUETADO COMO FALECIDO AOS 10 ANOS
ALTURA:	1,78
PESO:	66,40
TIPO SANGUÍNEO:	O
CABELO:	MUITO LOURO, COMPRIDO
OLHOS:	AZUIS-CLAROS
PELE:	MORENA CLARA
ETNIA PREDOMINANTE:	MONGOL

Interessante. É uma alta proporção, para o que no ensino elementar nos ensinaram ser um país extinto.

ETNIA SECUNDÁRIA:	CAUCASIANA
SETOR:	LAKE
PAI:	TAYLOR ARSLAN WING.

FALECIDO

MÃE: GRACE WING. FALECIDA

Minha mente faz uma pequena pausa. Mais uma vez visualizo a mulher caída na rua em cima do próprio sangue, mas rapidamente me livro da imagem.

IRMÃOS: JOHN SUREN WING, 19 ANOS/ SEXO
MASCULINO
ÉDEN BATAAR WING, 9 ANOS/ SEXO
MASCULINO

Seguem-se páginas e páginas de documentos detalhando os delitos de Day. Tento examiná-los o mais rapidamente que posso, mas não posso evitar de me deter no último:

CASOS FATAIS: CAPITÃO METIAS IPARIS

Fecho os olhos. Ollie geme a meus pés, como se soubesse o que estou lendo, depois encosta o focinho na minha perna. Distraidamente, acaricio-lhe a cabeça.

“Eu não matei seu irmão.” Foi isso que ele me disse. “Mas foi você quem colocou aquela arma na cabeça da minha mãe.”

Eu me obrigo a passar para outro documento. De qualquer forma, já memorizei o relatório do crime do começo ao fim.

Sou atraída então por alguma coisa. Sento mais ereta. O documento à minha frente mostra a contagem da Prova de Day. É um papel escaneado, com um gigantesco carimbo vermelho, muito diferente do carimbo azul que vi na minha Prova.

DANIEL ALTAN WING

CONTAGEM: 674/1500

REPROVADO

Algo sobre esse número me incomoda: 674? Nunca soube de alguém com uma contagem tão baixa. Um garoto que conheci no ensino elementar falhou, mas sua contagem foi quase 1.000. A maioria das contagens dos que são reprovados fica entre 825 e 890, nunca menos de 800. E essas são alcançadas pelas crianças que se espera que sejam reprovadas, as que não prestam atenção, ou não têm capacidade.

Mas 674?

– Ele é inteligente demais para isso – digo baixinho.

Volto a ler o relatório, caso eu tenha perdido algum detalhe, mas o número continua lá. Impossível. Day é bem-articulado e racional, e sabe ler e escrever. Ele deveria ter passado na entrevista da Prova. É a pessoa mais ágil que já conheci, deveria ter tirado o grau máximo nos testes físicos. Tendo contagens elevadas nessas áreas, teria sido impossível para ele marcar menos de 850 pontos, o que ainda o reprovava, mas seria mais do que 674. E ele só teria feito 850 pontos se tivesse deixado toda a parte discursiva em branco.

Penso então: “*a Comandante Jameson não vai ficar satisfeita comigo.*” Abro uma ferramenta de busca e aponto para uma URL confidencial.

As contagens finais da Prova são de conhecimento comum, mas os reais documentos da Prova nunca são revelados, nem mesmo aos investigadores criminais. Mas meu irmão era o Metias, e nós nunca tivemos problema em ter acesso ao banco de dados da Prova, graças aos conhecimentos dele. Fecho os olhos, lembrando o que ele me ensinou.

“Determine o Sistema Operacional, e consiga acessar como administrador. Veja se consegue alcançar o sistema remoto. Conheça seu alvo e proteja a segurança de sua máquina.”

Encontro uma porta aberta no sistema depois de uma hora escaneando, e então assumo os privilégios da administração. O site apita um som de *bip*

uma vez, antes de mostrar uma única barra de busca. Silenciosamente, digito o nome de Day no meu computador.

DANIEL ALTAN WING.

Aparece a página da frente do documento da sua Prova. A contagem ainda indica 674/1500. Vou então para a página seguinte, com as respostas de Day. Algumas das perguntas são de múltipla escolha, ao passo que outras requerem várias frases como resposta. Examino todas as trinta e duas páginas antes de confirmar algo muito estranho.

Não há marcas vermelhas. Na verdade, todas as respostas dele estão intocadas. Sua Prova parece tão correta quanto a minha.

Volto à primeira página. Depois leio cada resposta com o maior cuidado e a respondo mentalmente. Levo uma hora para respondê-las todas.

Todas as respostas são iguais às minhas.

Quando chego ao fim desse documento da Prova, vejo as contagens separadas para as seções de entrevista e as físicas. Ambas estão perfeitas. A única coisa estranha é uma breve anotação junto à contagem da entrevista dele: “Atenção”.

Day não foi reprovado na sua Prova. Não chegou nem perto disso. Na realidade, ele alcançou a mesma contagem que eu: 1500/1500. Não sou mais o único prodígio da República que tem uma contagem perfeita.

DAY

– Levanta. *Tá* na hora.

O cabo de um rifle me cutuca as costelas. Sou arrancado de um sonho agitado: minha mãe me levando para o curso elementar, depois as íris sangrentas de Éden, e o número vermelho na nossa porta. Dois pares de mãos me põem de pé com violência antes que eu possa ver adequadamente, grito quando minha perna contundida tenta suportar parte do meu peso. Não achei que fosse possível a perna doer mais do que ontem, mas é isso que está acontecendo. Lágrimas caem dos meus olhos. Quando minha visão melhora, vejo que minha perna está inchada sob as ataduras. Tenho vontade de gritar novamente, mas minha boca está seca demais.

Os soldados me puxam para fora da cela. A comandante que tinha me visitado na véspera está esperando por nós no corredor e, ao me ver, sorri e diz:

– Bom dia, Day. Como vai?

Não respondo. Um dos soldados para e presta uma continência rápida à comandante.

– Comandante Jameson – pergunta ele –, a senhora está pronta para levá-lo para receber a sentença?

A comandante concorda com a cabeça e diz:

– Sigam-me e, por favor, ponham uma mordaça nele, se não se importam. Não queremos que ele fique berrando obscenidades o tempo todo, não é?

O soldado presta continência novamente, e logo enfia um pano na minha boca.

Vamos caminhando pelos compridos corredores. Passamos mais uma vez pelas portas duplas com o número vermelho, depois por várias portas fortemente vigiadas, e outras com painéis de vidro espesso. Minha mente está num turbilhão. Preciso de uma forma de confirmar meu palpite, uma

forma de falar com alguém. Estou fraco por causa da desidratação, a dor me deixa o estômago embrulhado.

De vez em quando, vejo uma pessoa dentro de uma das salas com painéis envidraçados, algemada a uma parede e gritando. Por seus uniformes rasgados, deduzo que são prisioneiros de guerra das Colônias. *E se John estiver em uma dessas salas? Que vão fazer com ele?*

Após um tempo que parece uma eternidade, entramos num enorme corredor principal, de pé-direito alto. Do lado de fora, uma multidão entoia um cântico, mas não consigo distinguir as palavras. Soldados se enfileiram junto às portas que levam à frente do prédio.

E então os soldados se dividem. Estamos do lado de fora. A claridade do dia me cega, e ouço os gritos de centenas de pessoas. A Comandante Jameson ergue uma das mãos e se vira para a direita, então os soldados me arrastam para uma plataforma. Consigo agora ver finalmente onde estou: em frente a um edifício no centro de Batalla, o setor militar de Los Angeles. Uma enorme multidão está presente para me ver, e é contida e patrulhada por um pelotão, quase igualmente tão numeroso, de soldados empunhando armas. Eu não tinha ideia de que tantas pessoas se importavam o bastante para me ver em pessoa hoje. Levanto a cabeça o mais alto que posso e vejo os telões embutidos nos prédios ao redor. Todos eles têm um close do meu rosto, acompanhado por manchetes frenéticas de notícias como estas:

**PRESO O NOTÓRIO CRIMINOSO CONHECIDO
COMO DAY.**

**ELE DEVERÁ RECEBER SUA SENTENÇA HOJE,
DO LADO DE FORA DO BATALLA HALL**

**FINALMENTE CAPTURADA A PERIGOSA
AMEAÇA À SOCIEDADE**

ADOLESCENTE BANDIDO CONHECIDO COMO DAY AFIRMA AGIR SOZINHO, SEM LIGAÇÃO COM OS PATRIOTAS

Olho fixamente para meu rosto nos telões. Estou machucado, sangrando e apático. Uma linha vívida de sangue mancha um trecho grosso do meu cabelo, que adquire um tom vermelho-escuro. Meu couro cabeludo deve estar com um corte.

Por um momento fico contente por minha mãe não estar viva para me ver assim.

Os soldados me empurram para um bloco elevado de cimento no centro da plataforma. À minha direita, um juiz com toga vermelha e botões de ouro espera atrás de um pódio. A Comandante Jameson está a seu lado, e à sua direita está a Menina. Ela está usando seu uniforme completo de novo, austera e alerta. Sua face impassível está virada para a multidão, mas uma vez, apenas uma vez, ela se vira e olha para mim, antes de rapidamente desviar a vista.

– Ordem! Por favor, ordem na multidão! – soa a voz do juiz pelos altofalantes dos telões, mas o povo continua a gritar e os soldados empurram as pessoas para trás. Toda a fila da frente está ocupada por repórteres, com suas câmeras e microfones dirigidos a mim.

Finalmente, um dos soldados grita uma ordem. Eu o olho. É o jovem capitão que atirou na minha mãe. Seus soldados disparam vários tiros para o alto. Isso acalma a multidão. O juiz espera alguns segundos para garantir que o silêncio se mantenha, depois endireita os óculos.

– Obrigado pela cooperação – começa a dizer. – Sei que está fazendo muito calor esta manhã, por isso a sentença será rápida. Como os senhores podem ver, nossos soldados estão presentes e servem para lhes recordar que devem se manter calmos durante estes procedimentos. Permitam-me começar com o anúncio oficial de que no dia 21 de dezembro, às 8h36 da manhã, horário padrão da Costa Oeste, o delinquente de quinze anos conhecido como Day foi preso e posto sob custódia militar.

Ouvem-se vários *vivas*. Embora eu esperasse por isso, ouço também algo que me surpreende, muitas pessoas da multidão vão, e não estão com os punhos no ar. Alguns dos que protestam mais alto são abordados pela polícia, algemados e arrastados do local.

Um dos soldados que me seguram me golpeia nas costas com seu rifle. Caio de joelhos. No instante em que minha perna ferida atinge o cimento, grito o mais alto que posso. O som é abafado pela mordaça. A dor me atormenta, minha perna inchada estremece com o impacto, e sinto um jorro de sangue fresco nas ataduras. Quase caio, mas os soldados me levantam. Quando olho para a Menina, vejo que ela vacila ao me olhar, e concentra os olhos no chão.

O juiz ignora o tumulto. Começa a listar meus crimes, depois conclui:

– Em vista dos delitos do réu e, em especial, de suas ofensas contra a gloriosa nação da República, a alta corte da Califórnia recomenda o seguinte veredicto: Day é, como resultado do exposto, condenado à morte...

A multidão se manifesta de novo. Os soldados seguram as pessoas.

– ... por um pelotão de fuzilamento, ato a ser realizado quatro dias depois desta data, no dia 27 de dezembro às dezoito horas, horário padrão da Costa Oeste, em local não revelado...

Quatro dias! Como vou poder salvar meus irmãos antes disso? Levanto a cabeça e olho fixamente para a multidão.

– ... a ser transmitido ao vivo para a cidade. Incentivam-se os cidadãos a permanecerem vigilantes para alguma possível atividade criminosa que possa ocorrer antes e depois de tal acontecimento...

Vão fazer de mim um exemplo.

– ... e a relatarem imediatamente qualquer atividade suspeita aos guardas municipais ou à sede da polícia mais próxima dos senhores. Isso conclui oficialmente nossa sentença.

O juiz se apruma e sai do pódio. A multidão continua a se empurrar contra os soldados. Eles estão gritando, dando vivas, vaiando. Sinto que estou sendo arrastado de novo para ser colocado de pé. Antes que eles possam me empurrar para dentro do Batalla Hall, vejo pela última vez que a Menina me olha fixamente. Sua expressão parece impassível, mas,

subjacente a ela, alguma coisa hesita. É a mesma emoção que vi em seu rosto antes de ela saber a minha verdadeira identidade. Depois de um instante, essa emoção desaparece. Penso então: *Eu preciso te odiar pelo que você fez*, mas seus olhos permanecem em mim, de uma forma que se recusam a me deixar.

Depois da sentença, a Comandante Jameson não permite que seus soldados me levem de volta à minha cela. Em vez disso, entramos num elevador sustentado por enormes rodas dentadas e correntes, e subimos um nível, depois outro, depois mais outro. O elevador nos leva ao telhado do Batalla Hall, a doze andares de altura, onde as sombras dos prédios que nos cercam não nos protegem do sol.

A Comandante Jameson conduz os soldados para um pátio circular e liso, no alto do edifício, um terraço com o emblema da República gravado e pesadas correntes presas em volta. A Menina nos leva até a parte traseira. Sinto o olhar dela nas minhas costas. Quando chegamos ao centro do círculo, os soldados me forçam a ficar de pé enquanto unem minhas mãos algemadas e os pés às correntes.

– Ele deve ficar aqui por dois dias – diz a Comandante Jameson.

O sol já enevoou minha visão, o mundo parece banhado por uma neblina brilhante. Os soldados me soltam. Despenco no chão, e as correntes fazem barulho quando me arrasto.

– Agente Iparis, você fica encarregada de tomar conta dele. Verifique de vez em quando e garanta que ele não morra antes da data de sua execução.

A voz da Menina diz, em tom alto:

– Sim, senhora.

– Ele pode tomar um copo d’água por dia, e comer uma vez diariamente.

– A comandante sorri, enquanto aperta as luvas. – Se quiser, seja criativa ao dar as coisas a ele. Aposto que você pode fazer que ele implore por elas.

– Sim, senhora.

– Ótimo.

A Comandante Jameson se dirige a mim pela última vez:

– Parece que finalmente você está se comportando. Antes tarde do que nunca.

Ela então vai embora e desaparece no elevador com a Menina, deixando o resto dos soldados para me vigiar.

A tarde está silenciosa.

Ganho e perco a consciência. Minha perna machucada lateja segundo os batimentos do meu coração, às vezes depressa, às vezes lentamente, e às vezes tão forte que acho que vou desmaiar. Minha boca racha cada vez que eu a movimento. Tento pensar em onde o Éden poderá estar: no laboratório do Hospital Central, numa divisão médica do Batalla Hall, ou mesmo num trem rumo ao *front*. Estou certo de que vão mantê-lo vivo. A República não vai matá-lo até que a praga o faça.

E o John? Só posso tentar adivinhar o que fizeram com ele. Podem conservá-lo vivo, caso queiram extrair mais informações sobre mim. Talvez nós dois sejamos executados ao mesmo tempo. Ou talvez ele já esteja morto. Uma nova dor me apunhala o peito. Penso no dia em que fiz a Prova, quando John foi me pegar e me viu ser levado num trem, com outros garotos que tinham sido reprovados. Depois que fugi do laboratório e adquiri o hábito de tomar conta da minha família à distância, ocasionalmente via John sentado à mesa de jantar com a cabeça entre as mãos, soluçando. Ele nunca disse em voz alta, mas acho que ele se culpa pelo que me aconteceu. Pensa que devia ter me protegido mais. Ou me ajudado a estudar mais. Alguma coisa, *qualquer coisa*.

Se eu conseguir fugir, ainda terei tempo de salvá-los. Ainda posso usar minhas armas. E tenho uma perna que está legal. Eu ainda poderia fazer isso... se soubesse onde eles estão.

O mundo aparece e desaparece. Minha cabeça bate no pátio de cimento, meus braços estão imobilizados pelas correntes. Lembranças do dia da Prova me passam rapidamente pela cabeça.

O estádio. As outras crianças. Os soldados vigiando todas as entradas e saídas. As faixas de veludo que nos mantinham separados das crianças de famílias ricas.

A prova física. O exame escrito. A entrevista.

A entrevista, principalmente. Lembro da banca que me questionou, um grupo de seis psiquiatras, e do oficial que os chefiou, um tal de Chian, que tinha um uniforme enfeitado com medalhas. Ele fez a maioria das perguntas. “Qual é o juramento de fidelidade à República? Bom, muito bom. Diz aqui em seu boletim escolar que você gosta de história. Em que ano se formou oficialmente a República? O que você gosta de fazer no colégio? Ler... isso é muito bom. Um professor certa vez informou que você foi furtivamente a uma área restrita da biblioteca, procurando por antigos textos militares. Pode me dizer por que fez isso? Qual sua opinião sobre nosso ilustre Primeiro Eleitor? Sim, ele é realmente um bom homem e um grande líder. Mas você está enganado ao chamá-lo dessas coisas, meu menino. Ele não é um homem como você e eu. A forma correta de se referir a ele é *nosso glorioso pai*. Sim, aceito suas desculpas.”

As perguntas dele não acabavam, foram várias dezenas, cada qual mais alucinante que a outra, até que eu já nem tinha certeza de por que respondi como respondi. Chian escreveu anotações no meu relatório da entrevista o tempo todo, enquanto um de seus assistentes gravava a sessão com um minúsculo microfone.

Achei que tinha me saído bem. Pelo menos, tive o cuidado de dizer coisas que eu julguei que fossem agradar.

Mas então ele me colocou num trem, e o trem nos levou ao laboratório.

A lembrança me faz tremer, mesmo enquanto o sol continua causticante, assando minha pele até doer. *Preciso salvar o Éden*, digo a mim mesmo sem parar. Daqui a um mês Éden faz dez anos. Quando ele se recuperar da praga, vai ter de se submeter à Prova.

Minha perna machucada parece que vai explodir com as ataduras e inchar até ficar do tamanho do terraço.

As horas se passam. Perco a noção do tempo. Os soldados se revezam em seus turnos. O sol muda de posição.

Então, quando o sol piedosamente começa a se enfraquecer, vejo alguém surgir do elevador e caminhar na minha direção.



JUNE

Eu mal reconheço Day, embora apenas sete horas tenham se passado desde que ele recebeu sua sentença. Ele está encolhido no centro do emblema da República. Sua pele está mais escura, seu cabelo está completamente encharcado de suor. Ainda se vê sangue seco agarrado a uma longa mecha de cabelo, como se ele tivesse escolhido tingi-lo: está quase preto agora. Ele vira a cabeça na minha direção quando eu me aproximo. Entretanto, não sei bem se consegue me ver, porque o sol ainda não se pôs completamente e provavelmente está ofuscando sua vista.

Mais um prodígio, e não apenas mediano. Já conheci outros prodígios antes, mas certamente nunca um que a República tenha decidido manter escondido. Especialmente um prodígio com uma contagem perfeita.

Um dos soldados em volta do círculo me presta continência. Ele está suado, e seu capacete leve não protege sua pele do sol.

– Agente Iparis – diz ele. (Seu sotaque é do setor Rubi, e a fileira de botões do seu uniforme está bem polida. Ele presta atenção aos detalhes.)

Olho de relance para os demais soldados antes de voltar a olhar para ele:

– Todos vocês estão dispensados por enquanto. Mande seus homens beberem água e fiquem à sombra. E envie um recado para que seus substitutos cheguem cedo.

– Sim, senhora.

O soldado bate os calcanhares antes de mandar os outros se dispersarem.

Quando eles saem do telhado e fico sozinha com Day, tiro a capa e me ajoelho para ver melhor seu rosto. Ele estreita os olhos para me ver, mas permanece calado. Seus lábios estão tão rachados que um pouquinho de sangue gotejou até o queixo. Ele está debilitado demais para falar. Olho para sua perna ferida. Está muito pior do que de manhã, o que não é surpreendente, está inchada duas vezes mais do que o tamanho normal. Uma infecção deve ter se instalado. Sangue goteja das beiras da atadura.

Distraidamente, toco a ferida contra a faca no meu corpo. Já não dói tanto quanto antes.

“Vamos precisar ter essa perna examinada.” Suspiro, e retiro o cantil do meu cinto.

– Tome. Beba água. Não estou autorizada a deixar você morrer ainda.

Pingo água nos lábios dele. Ele estremece a princípio, mas depois abre a boca e deixa que eu despeje um pouco de água. Espero enquanto ele engole, demoradamente, e depois deixo que beba mais ainda.

– Obrigado – murmura ele, então dá uma risadinha seca. – Acho que você já pode ir agora.

Eu o analiso um instante. Sua pele está queimada e o rosto, ensopado de suor, mas os olhos continuam brilhantes, embora um pouco fora de foco. De repente me lembro do primeiro momento em que o vi. Era poeira em todos os lugares, mas, mesmo com ela, surgia esse garoto lindo, com os olhos mais azuis que já vi, estendendo sua mão para me ajudar a me levantar.

– Onde estão meus irmãos? – murmura ele. – Os dois estão vivos?

Aceno com a cabeça e respondo:

– Estão.

– E a Tess está a salvo? Ninguém a prendeu?

– Não que eu saiba.

– Que estão fazendo com o Éden?

Reflico no que Thomas me disse: que os generais do *front* vieram ver o menino.

– Não sei.

Day vira a cabeça e fecha os olhos. Ele se concentra em respirar, e logo murmura:

– Bem, não mate meus irmãos. Eles não fizeram nada... e Éden... não é uma cobaia. – Ele se cala por um instante. – Eu nunca soube seu nome. Acho que isso agora não é nada demais, certo? Você já sabe o meu.

Eu o olho fixamente e respondo:

– Meu nome é June Iparis.

– June – sussurra Day. Sinto um calor estranho ao ouvir meu nome dito pelos lábios dele. Ele se vira e me encara: – June, lamento a morte do seu

irmão. Eu não sabia que alguma coisa aconteceria com ele.

Sou treinada para não acreditar na palavra de um prisioneiro: sei que todos eles mentem e que dizem qualquer coisa para tornar seu captor vulnerável. Mas esse garoto soa diferente. Não sei como, mas ele parece muito sincero, muito sério. E se estiver me contando a verdade? E se alguma outra coisa aconteceu com Metias naquela noite? Respiro profundamente, e me obrigo a olhar para baixo. Digo a mim mesma: *A lógica acima de tudo. A lógica sempre salva, quando nada mais salva.*

– Ei! – Lembro de uma coisa agora. – Abra os olhos de novo e olhe para mim.

Ele faz o que mando. Eu me debruço para analisá-lo. Sim, ainda continua lá, aquela pequena e estranha manchinha num dos seus olhos, uma pequena ondulação numa íris da cor do oceano.

– Como você conseguiu essa coisinha em seu olho? – Aponto para meus próprios olhos. – Essa imperfeição?

Alguma coisa pareceu engraçada, porque Day dá uma risada antes de ser acometido por um acesso de tosse:

– Essa *imperfeição* foi um presente da República.

– Como assim?

Ele hesita. Percebo que está com problema para formular seus pensamentos:

– É que eu já estive antes no laboratório do Hospital Central. Na noite em que fiz a Prova. – Ele tenta levantar uma das mãos para apontar para o olho, mas as correntes se juntam e arrastam seu braço para baixo. – Eles injetaram uma coisa no olho.

Franzo a testa e pergunto:

– Na noite do seu décimo aniversário? O que você estava fazendo no laboratório? Você devia estar a caminho dos campos de trabalho.

Day sorri como se estivesse quase dormindo:

– Pensei que você fosse inteligente...

Aparentemente o sol não cozinhou sua atitude atrevida.

– E o ferimento antigo do seu joelho?

– A sua República também me ofereceu isso. Na mesma noite em que me ofereceu a *imperfeição* do meu olho.

– Por que a República te causaria esses ferimentos, Day? Por que eles iam querer danificar alguém que atingiu a contagem máxima de 1.500 na Prova?

Isso chama a atenção dele:

– Que é que você está dizendo? Fui reprovado na Prova.

Ele não estava sabendo. Evidente que não saberia. Baixo minha voz e murmuro:

– Não, não foi. Você conseguiu a pontuação máxima.

– Isso é alguma pegadinha? – Day mexe a perna ferida e fica tenso de tanta dor. – Pontuação máxima... sei... Não conheço ninguém que tenha feito 1.500 pontos.

Cruzo os braços e digo:

– Eu fiz.

Ele ergue a sobrancelha e me olha:

– Você fez? É você o tal prodígio com a contagem perfeita?

– Sou – faço um gesto com a cabeça para ele. – E, pelo visto, você também é.

Day revira os olhos e desvia o olhar:

– Isso é ridículo!

Dou de ombros e falo:

– Acredite se quiser.

– Não faz sentido. Eu não devia ter seu cargo? Não é esse o objetivo da sua preciosa Prova? – Day parece querer parar, hesita, mas depois continua: – Injetaram um troço num dos meus olhos que ardia como a picada de uma vespa. Também cortaram meu joelho, com um bisturi. Depois me obrigaram a tomar um remédio, e quando me dei conta, estava deitado num porão do hospital com uma porção de cadáveres. Mas eu não estava morto. – Ele ri de novo, e sua voz soa muito fraca. – Aniversário maneiro!

Eles o usaram como cobaia, provavelmente para uso militar. Estou certa disso agora, e esse pensamento me enoja. Estavam tirando minúsculas amostras de tecido do joelho dele, bem como de seu coração e de seu olho.

Do joelho, eles devem ter querido estudar suas incomuns habilidades físicas, sua velocidade e agilidade. Do olho, talvez não tenha sido uma injeção e sim uma extração, algo para testar por que sua visão era tão apurada. Seu coração, deram a ele algum remédio para ver a quanto diminuiriam seus batimentos cardíacos, e devem ter ficado decepcionados quando o coração dele parou temporariamente. Foi aí que pensaram que estava morto. O raciocínio subjacente a isso tudo é claro: queriam desenvolver as amostras de tecido em alguma coisa, não sei o quê: pílulas, lentes de contato, algo que aperfeiçoasse nossos soldados e os fizesse correr mais velozmente, ver melhor, pensar de modo mais inteligente, ou resistir a situações mais difíceis.

Tudo isso me passa rapidamente pela cabeça, em um minuto, antes que eu possa impedir. De maneira nenhuma. Isso não está de acordo com os valores da República. Por que desperdiçar um prodígio assim?

A não ser que tenham percebido algo perigoso nele. Uma personalidade desafiadora, o mesmo espírito rebelde que ele tem agora. Alguma coisa que os fez pensar que seria mais arriscado instruí-lo do que sacrificar suas possíveis contribuições à sociedade. No ano passado 38 crianças pontuaram acima de 1.400.

Talvez a República desejasse que esse menino desaparecesse.

Mas Day não é apenas um prodígio qualquer. Ele tem uma contagem perfeita. O que deixou os militares tão nervosos?

– Posso te fazer uma pergunta agora? – pergunta Day. – Chegou a minha vez?

– Chegou. – Olho para o elevador, de onde chega agora um novo revezamento de guardas. Levanto uma das mãos e mando que fiquem onde estão. – Você pode perguntar.

– Quero saber por que levaram o Éden. A praga. Sei que vocês, que têm grana, recebem tudo de bandeja: novas vacinas contra a praga todos os anos, e seja lá do que precisem. Mas você não se perguntou... nunca se perguntou por que essa doença nunca vai embora? Nem por que volta periodicamente?

Meus olhos se fixam nele:

– O que você está tentando dizer?

Day consegue focalizar os olhos em mim.

– O que eu estou *tentando* dizer? Ontem, quando me arrastaram para fora da minha cela, vi um zero vermelho gravado em algumas portas duplas no Batalla Hall. Vi números assim no Lake também. Por que eles aparecem nos setores pobres? O que estão fazendo lá? O que estão despejando nos setores?

Estreito meus olhos e pergunto:

– Você acha que a República está envenenando as pessoas *de propósito*?

Day, você está pisando em território minado.

Mas Day não para. Pelo contrário, sua voz assume um tom mais urgente:

– É para isso que eles queriam o Éden, não é? – sussurra ele. – Para ver os resultados do vírus mutante da praga que eles criaram, certo? Qual seria o outro motivo?

– Querem impedir a nova doença que ele está espalhando.

Day ri, mas volta a tossir:

– Não. Eles estão usando meu irmão, estão usando meu irmão. – Sua voz baixa de tom. – Estão usando meu irmão.

Seus olhos ficam pesados. O esforço de falar o exauriu.

– Você está delirando – respondo. Mas, ainda que o toque de Thomas me cause repulsa, não sinto isso em relação a Day, embora eu *devesse*. Mas simplesmente não consigo ter nojo dele. – Uma mentira dessas é uma traição contra a República. Além disso, por que o Congresso autorizaria uma coisa dessas?

Day não tira os olhos de mim, e logo quando penso que ele perdeu a força para responder, sua voz soa ainda mais insistente:

– Pense sobre o assunto desta forma, como eles sabem que vacinas aplicar em vocês todos os anos? Elas *sempre* dão certo. Você não acha estranho que eles façam vacinas que combinam com todas as novas pragas que surgem? Como podem prever de que vacinas vão precisar?

Eu titubeio. Jamais questioneei as vacinas anuais que as autoridades exigem de nós, nunca tive razão para duvidar de sua necessidade. E por que eu deveria? *Meu pai trabalhava atrás dessas portas duplas e dava duro*

para encontrar novas maneiras de combater a praga. Não, não consigo mais escutar o que Day está sugerindo. Tiro a capa do chão e a enfio debaixo do braço.

– Mais uma coisinha – sussurra Day quando me levanto. Olho de volta para ele; seus olhos ardem em mim. – Você acha que vamos para campos de trabalho se somos reprovados na Prova? June, os únicos campos de trabalho são os necrotérios nos porões dos hospitais.

Não me atrevo a demorar mais. Eu me afasto da plataforma e de Day, mas meu coração parece que vai explodir no peito. Os soldados esperando ao lado do elevador ficam ainda mais eretos quando me aproximo. Consigo fazer que meu rosto expresse pura irritação.

– Tire as correntes dele – ordeno a um dos soldados. – Leve-o para a ala do hospital e mande que consertem a perna dele, e que deem a ele comida e água, porque senão ele não vai passar desta noite.

O soldado me faz continência, mas nem olho para ele antes de fechar a porta do elevador.

DAY

Volto a ter pesadelos. Desta vez, com Tess.

Estou correndo nas ruas do Lake. À minha frente, Tess também está correndo, mas não sabe onde estou. Ela vira para a esquerda e a direita, desesperada para ver meu rosto, mas só encontra desconhecidos e guardas municipais e soldados. Grito o nome dela, mas minhas pernas mal conseguem se mexer, como se eu estivesse caminhando com dificuldade no lodo.

“Tess!”, grito. “Estou aqui, bem atrás de você!”

Ela não consegue me ouvir. Olho impotente quando ela esbarra num soldado, e quando ela tenta escapar dele, ele a agarra e a atira no chão. Grito alguma coisa. O soldado empunha a arma e a aponta para Tess. Então eu vejo que não é Tess, que é minha mãe, caída numa poça de sangue. Tento correr até ela, mas, em vez disso, eu me escondo atrás de uma chaminé num telhado, agachado como um covarde. É culpa minha ela estar morta.

Então de repente estou de volta ao laboratório do hospital, os médicos e as enfermeiras me rodeiam. Aperto os olhos sob a luz ofuscante. A dor repuxa minha perna. Estão abrindo meu joelho de novo, puxando minha carne para revelar os ossos, raspando-a com seus bisturis. Curvo as costas e grito. Uma das enfermeiras tenta me conter. Meu braço se debate, e derruba uma bandeja em algum lugar.

– Fica quieto! Droga, menino, não vou machucá-lo.

Demoro um minuto para acordar. A cena enevoada do hospital muda, então me dou conta de que estou olhando fixamente para uma luz fluorescente, e que um médico está me olhando. Ele usa óculos de proteção e máscara. Grito e tento me sentar reto, mas estou preso a uma mesa de operação por um par de cintos.

O médico suspira e abaixa a máscara, dizendo:

– Que absurdo! Eu tendo de pôr ataduras num criminoso, quando eu podia estar ajudando soldados do *front*.

Olho em volta, confuso. Guardas se enfileiram contra as paredes desta sala de hospital. Uma enfermeira está limpando equipamentos ensanguentados na pia.

– Onde estou?

O médico me olha, impaciente:

– Você está na ala hospitalar do Batalla Hall. A agente Iparis me ordenou que cuidasse de sua perna. Parece que não temos permissão para deixar você morrer antes de sua execução formal.

Levanto a cabeça ao máximo, e olho para minha perna. Ataduras limpas cobrem o ferimento. Quando tento mexer a perna um pouquinho, noto com surpresa que a dor diminuiu muito. Olho de relance para o médico e pergunto:

– O que foi que o senhor fez?

Ele apenas encolhe os ombros, tira as luvas e começa a lavar as mãos em uma das pias:

– Dei um jeito. Você vai poder ficar de pé em sua execução. – Ele faz uma pausa e diz: – Não sei se você queria ouvir isso.

Eu desabo de novo na maca e fecho os olhos. A pouca dor na minha perna me alivia tanto que tento saboreá-la, mas trechos do meu pesadelo permanecem na minha cabeça, recentes demais para serem eliminados. Onde estará Tess? Será que ela consegue se sair bem sem ninguém lá para cuidar dela? Ela é míope. Quem vai ajudá-la quando não conseguir distinguir as sombras da noite?

Quanto à minha mãe... não estou forte o bastante para pensar nela agora. Alguém bate ruidosamente na porta.

– Abram! – grita um homem. – A Comandante Jameson está aqui para ver o prisioneiro.

Prisioneiro... sorrio ao ouvir isso. Os soldados não gostam nem de me chamar pelo nome.

Os guardas na sala mal têm tempo para destrancar a porta e sair do caminho antes que a Comandante Jameson irrompa no quarto, visivelmente

aborrecida. Ela estala os dedos e manda:

– Tirem esse garoto da maca e o prendam com correntes – ela praticamente rosna. Depois põe o dedo no meu peito e diz: – Você aí. Você não passa de um menino. Nunca frequentou uma faculdade, foi reprovado em sua Prova! Como conseguiu ser mais esperto do que os soldados nas ruas? Como provoca tantos transtornos? – Ela arreganha os dentes para mim. – Eu sabia que você iria ser um problema muito maior do que aquilo que você vale. Você tem a tendência de desperdiçar o tempo dos meus soldados, para não citar os soldados de vários outros comandantes.

Preciso cerrar os dentes para não revidar seus gritos. Soldados vêm rapidamente até onde estou e começam a soltar os cintos da maca.

A meu lado, o médico inclina a cabeça e pergunta:

– Se não se importa, Comandante, alguma coisa aconteceu? O que está havendo?

Jameson fixa nele o olhar furioso. Ele se encolhe todo.

– Gente protestando em frente ao Batalla Hall – responde ela. – Estão atacando a polícia municipal.

Os soldados me puxam da maca e me põem de pé. Eu me contraio quando transfiro meu peso para minha perna machucada.

– Gente protestando?

– É. Baderneiros. – A Comandante Jameson agarra meu rosto. – Meus próprios soldados foram convocados para ajudar, o que quer dizer que minha agenda está inteiramente desorganizada. Um dos meus melhores homens já voltou para cá com lacerações no rosto. Delinquentes desprezíveis, como você não imagina, estão enfrentando nossos soldados. – Ela empurra meu rosto para o lado, possessa, e dá as costas para mim. – Levem-no daqui! – grita ela para os soldados me segurando. – E rápido.

Sáímos do quarto do hospital. No corredor soldados correm para cá e para lá. A Comandante Jameson comprime uma das mãos na orelha, escuta atentamente, depois começa a gritar ordens. Enquanto sou arrastado para o elevador, vejo vários grandes monitores, e paro um minuto para admirar, porque nunca os vi no setor Lake, estão transmitindo exatamente o que Jameson nos contou. Não consigo ouvir a voz do narrador, mas as legendas

são inequívocas: “Tumulto do lado de fora do Batalla Hall. Unidades militares reagem. Aguardam futuras ordens.” Dou-me conta de que essa não é uma transmissão pública. O vídeo mostra a praça em frente ao Batalla Hall apinhada, com várias centenas de pessoas. Vejo a cena dos soldados vestidos de preto lutando para conter a multidão perto da entrada. Outros soldados correm em telhados e parapeitos, posicionando-se rapidamente com seus rifles. Quando passamos pelo último monitor, tenho uma boa visão dos que protestam, dos que estão reunidos debaixo das luzes dos postes.

Alguns deles pintaram uma faixa vermelho-sangue no cabelo.

Então chegamos aos elevadores. Os soldados me empurram para dentro. *Eles estão protestando por minha causa.* Esse pensamento me enche de animação e medo. De jeito nenhum os militares vão deixar que isso passe em branco. Vão isolar os setores pobres inteiramente, e prender todo manifestante na praça.

Ou vão matá-los.



JUNE

Quando eu era criança, às vezes Metias era convocado para lidar com revoltas pouco importantes, e depois ele me contava a respeito. A história era sempre a mesma: mais ou menos uma dúzia de gente pobre (normalmente adolescentes, às vezes rapazes mais velhos) que estava causando tumulto em um dos setores, com raiva das quarentenas da praga ou dos impostos. Várias bombas de poeira depois, eram todos presos e levados a julgamento.

Mas eu nunca tinha visto uma rebelião como esta, com centenas de pessoas arriscando a vida. Aliás, nunca vi uma revolta sequer parecida com esta.

– Qual é o problema com este pessoal? – pergunto a Thomas. – Enlouqueceram!

Estamos na plataforma elevada fora do Batalla Hall, com toda a patrulha de Thomas encarando a multidão à nossa frente, simultaneamente, outra das patrulhas da Comandante Jameson empurra as pessoas para trás, com escudos e cassetetes.

Antes, eu havia dado uma espiada em Day enquanto o médico operava sua perna. Eu me pergunto se ele está acordado e vendo esse caos pelos monitores do hall. Espero que não. Não há necessidade de que ele veja o que provocou. Pensar nele, e em sua acusação de que a República cria as pragas e mata crianças reprovadas na Prova, me deixa furiosa. Tiro a arma do coldre. É bom que ela esteja pronta.

– Você já viu alguma coisa semelhante? – pergunto, tentando manter a voz serena.

Thomas sacode a cabeça e responde:

– Só uma vez, faz muito tempo.

Parte de seu cabelo escuro cai no rosto. Não está bem penteado para trás, como de costume. Ele deve ter se metido na multidão mais cedo. Uma de

suas mãos está na arma presa ao cinto, enquanto a outra segura o rifle pendurado no ombro. Ele não me olha. Aliás, não me olha direito desde que tentou me beijar ontem à noite no corredor.

– São um bando de idiotas – continua ele. – Se não pararem logo com isso, os comandantes vão fazer com que se arrependam.

Olho de relance e vejo vários comandantes em uma das varandas do Batalla Hall. Está muito escuro para eu ter certeza, mas acho que a Comandante Jameson não está com eles. Sei, porém, que ela está dando ordens através do seu microfone, porque Thomas escuta atentamente, com uma das mãos pressionada na orelha. Mas seja lá o que ela está dizendo, visa apenas Thomas, e não tenho ideia do que ela está ordenando a ele. A multidão abaixo de nós continua empurrando. Deduzo, por suas roupas, camisas e calças rasgadas, sapatos que não combinam, cheios de buracos, que quase todos eles são dos setores pobres perto do Lake. Secretamente, espero que se dispersem. *Vão embora daqui antes que as coisas piorem.*

Thomas se inclina para mim e aponta com a cabeça para o centro da multidão:

– Está vendo aquele bando de desgraçados?

Eu já havia reparado no que ele está apontando, mas mesmo assim olho educadamente para o que ele me mostra. Um grupo de manifestantes pintou uma faixa vermelha no cabelo, imitando a mecha de sangue exposta por Day quando ele se postou lá para ouvir sua sentença.

– Escolheram mal seu herói – prossegue Thomas. – Day estará morto em menos de uma semana.

Concordo com a cabeça, mas não digo nada.

A multidão solta alguns gritos. Agora uma patrulha está nos fundos da praça, e encurralou a multidão, empurrando as pessoas para o centro da praça. Franzo a testa. Esse não é o protocolo para se tratar uma multidão incontrolável. Na escola, ensinaram-nos que bombas de poeira ou gás lacrimogêneo são mais do que suficientes para resolver o assunto, mas não há sinal disso: nenhum soldado usa máscaras contra gases. Agora mais uma patrulha começou a afastar os retardatários reunidos fora da praça, onde as ruas são muito lotadas e estreitas para se protestar adequadamente.

– O que a Comandante Jameson está lhe dizendo? – pergunto a Thomas. O cabelo escuro dele cai sobre os olhos e esconde sua expressão.

– Ela diz que é para nós ficarmos parados e esperarmos suas instruções.

Não fazemos nada por mais de meia hora. Uma das minhas mãos está no bolso, distraidamente esfregando o pingente de Day. De alguma forma, a multidão me lembra do Skiz. Provavelmente, algumas daquelas pessoas estão presentes.

É então que vejo soldados correndo nos telhados dos prédios da praça. Alguns se apressam ao longo dos parapeitos, enquanto outros estão reunidos numa fila reta nos telhados. Estranho! Soldados costumam ter insígnias pretas e uma única fileira de botões prateados nas fardas. Em vez disso, uma faixa branca atravessa diagonalmente o peito deles e suas braçadeiras são cinzentas. Levo um segundo para me dar conta de quem são eles.

– Thomas – eu dou um tapinha no seu ombro –, executores.

Seu rosto não demonstra surpresa, nem há emoção em seus olhos. Ele pigarreia e diz:

– É isso mesmo.

– Que é que eles estão fazendo? – Levanto a voz. Olho de relance para os manifestantes na praça, depois olho de novo para os telhados. Nenhum dos soldados tem bombas de poeira nem máscara contra gás lacrimogêneo. Em vez disso, cada um deles traz uma arma presa ao ombro. – Os soldados não estão dispersando o povo, Thomas. Eles os estão encurralando.

Thomas me olha com severidade e diz:

– Fique firme, June. Observe a multidão.

Quando meus olhos miram os telhados, reparo na Comandante Jameson chegando ao topo do Batalla Hall, cercada por soldados. Ela fala em seu microfone.

Passam-se diversos segundos. Uma terrível sensação percorre meu peito: sei no que isso tudo vai dar.

De súbito, Thomas murmura algo em seu microfone. É uma resposta a um comando. Eu o olho de relance. Ele percebe meu olhar por um instante,

depois olha para o resto da patrulha que está na plataforma conosco, então grita:

– Atirem à vontade!

– Thomas! – Quero dizer mais, porém, nesse instante, ouvem-se disparos vindos dos telhados e da plataforma. Dou um pulo para a frente. Não sei o que pretendo fazer. Acenar os braços em frente dos soldados? Mas Thomas agarra meu ombro antes que eu possa avançar.

– Recue, June!

– Mande seus homens descerem! – grito, conseguindo, desajeitadamente, me livrar dele. – Mande que eles...

Nesse instante Thomas me atira no chão com tanta força, que sinto que o ferimento do lado do meu corpo se abriu.

– Droga, June! – diz ele. – *Recue!*

O chão está surpreendentemente frio. Eu me agacho, totalmente desorientada, incapaz de me mexer. Não compreendo bem o que acaba de acontecer. A pele arde ao redor da minha ferida. Uma saraivada de balas atinge a praça. As pessoas na multidão caem como barragens numa inundação. *Thomas, pare! Por favor, pare!* Quero me levantar e gritar na cara dele, magoá-lo de alguma forma. *Se Metias estivesse vivo, Thomas, ele o mataria por fazer isso.* Mas, em vez disso, tampouco as orelhas. Os disparos são ensurdecedores.

O tiroteio dura apenas um minuto, se tanto, mas parece uma eternidade. Thomas finalmente ordena o cessar-fogo. As pessoas da multidão que não foram atingidas caem de joelhos e levantam as mãos sobre a cabeça. Soldados correm até elas, algemando-lhes os braços atrás das costas, obrigando-as a se agruparem. Eu me ajoelho. Minhas orelhas ainda se ressentem do tiroteio. Examino a cena do massacre, com sangue, corpos e prisioneiros. Há noventa e sete, noventa e oito mortos. Não, pelo menos cento e vinte. E centenas mais em custódia. Não consigo me concentrar o suficiente para contá-los.

Thomas me olha de relance antes de saltar da plataforma: seu rosto está sisudo, demonstra até culpa, mas sei, lamentavelmente, que ele só se sente culpado por ter me atirado no chão, não pelo massacre que ele deixou para

trás. Ele se dirige de volta ao Batalla Hall, com vários soldados. Eu desvio o olhar, para não precisar vê-lo.

DAY

Subimos vários andares até eu ouvir as correntes do elevador pararem, com um ruído rascante. Dois soldados me arrastam para um corredor que já conheço. Acredito que estejam me levando de volta à minha cela, pelo menos por enquanto. Pela primeira vez desde que acordei na maca, sinto-me exausto e baixo a cabeça até o peito. O doutor deve ter aplicado algo em mim para evitar que eu me debatesse muito durante a operação. Tudo ao meu redor parece tremido nas bordas, como se eu estivesse correndo.

Então os soldados param subitamente na metade do corredor, a uma boa distância da minha cela. Ergo os olhos, surpreso. Estamos do lado de fora de uma das salas que eu havia observado antes, com a porta de vidro transparente. As salas são câmaras de interrogatório. Isso quer dizer que eles querem mais informações antes de me executarem.

Há estática, depois vem uma voz através de um dos fones de ouvido de um soldado. Ele concorda com a cabeça e diz:

– O capitão disse que já está chegando.

Fico do lado de dentro, esperando, à medida que se passam os minutos. Guardas com expressão impassível ficam ao lado da porta, enquanto outros dois seguram meus braços algemados. Sei que esta sala é supostamente à prova de som, mas juro que ouço o som de armas e as vibrações de gritos distantes. Meu coração se acelera. As tropas devem estar disparando contra a multidão na praça. As pessoas estão morrendo por minha causa?

Passa mais tempo. Espero. Minhas pálpebras ficam pesadas. Quero apenas me enroscar como uma bola no canto da minha cela, e dormir.

Finalmente, ouço passos se aproximando. A porta se abre de repente, e revela um rapaz vestido de preto, com cabelo escuro que lhe cai nos olhos. Dragonas prateadas estão fixas em cada ombro. Os outros soldados batem os calcanhares.

O homem os dispensa. Agora eu o reconheço. É o capitão que atirou na minha mãe. June já o havia mencionado: seu nome é Thomas. A Comandante Jameson deve tê-lo chamado.

– Sr. Wing – diz ele. Ele se aproxima de mim e cruza os braços. – É um prazer conhecê-lo formalmente. Eu estava começando a me preocupar com a hipótese de isso nunca acontecer.

Eu decido ficar calado. Ele parece se sentir pouco à vontade por estar no mesmo recinto que eu, sua expressão revela que ele me odeia *de verdade*.

– Minha comandante quer que eu lhe faça umas perguntas de praxe antes da data de sua execução. Vamos tentar manter a conversa cordial, embora, é claro, tenhamos começado com o pé esquerdo.

Não consigo evitar de sufocar um riso e dizer:

– É mesmo? Essa é sua opinião?

Thomas não responde, mas vejo que ele engole em seco, num esforço para não reagir. Ele tira do manto um pequeno controle remoto cinza, e o aponta para a parede em branco da sala. Surge uma projeção. É um relatório policial, com fotos de uma pessoa que não reconheço.

– Vou lhe mostrar uma série de fotos, sr. Wing – diz ele. – As pessoas que o senhor verá são suspeitas de envolvimento com os Patriotas.

Os Patriotas tinham tentado em vão me recrutar. Com bilhetes cifrados rabiscados nas paredes dos becos, logo acima de onde eu dormia. Ou com algum segurança numa esquina de rua que me passava um bilhete. Ou um pacotinho de dinheiro com uma proposta. Depois de ignorar suas propostas por um tempo, deixei de ter notícias deles.

Retruco:

– Eu nunca trabalhei com os Patriotas. Se algum dia eu matar, será de acordo com as minhas convicções.

– O senhor pode afirmar não ter nenhuma ligação com eles, mas talvez alguns deles tenham cruzado seu caminho, e talvez o senhor queira nos ajudar a encontrá-los.

– Ah, sem dúvida! Você matou minha mãe. Pode imaginar que eu esteja *morrendo* de vontade de ajudá-lo.

Thomas consegue me ignorar de novo. Olha de relance para a primeira foto projetada na parede:

– Conhece esta pessoa?

Sacudo a cabeça:

– Nunca vi na vida.

Thomas aciona o remoto, aparece mais uma foto:

– E esta?

– Não.

Outra foto:

– E esta?

– Não.

Mais uma desconhecida surge na parede:

– Já viu esta garota?

– Nunca na vida.

Mais rostos desconhecidos. Thomas vai clicando o controle sem piscar nem questionar minhas respostas. Ele não passa de uma marionete burra do governo. Eu o observo à medida que continuamos, desejando não estar algemado, porque então eu atiraria esse cara no chão.

Mais fotos. Mais rostos desconhecidos. Thomas não questiona nenhuma das minhas respostas concisas. Na verdade, parece que ele mal pode esperar para sair da sala e ficar longe de mim.

Então surge a foto de alguém que reconheço. A imagem enevoada mostra uma garota de cabelo comprido, mais comprido do que o cabelo curto de que me lembro. Ainda sem nenhuma tatuagem de videira.

Aparentemente, Kaede é uma Patriota.

Não ousou permitir que meu rosto expresse o reconhecimento, e digo:

– Se liga, cara. Se eu conhecesse alguma dessas pessoas, você acha mesmo que eu te diria?

Thomas está se esforçando muito para manter a postura.

– Terminamos, sr. Wing.

– Ah, para com isso! Dá pra ver que você daria qualquer coisa para me dar uma porrada. Faça isso. Eu te desafio.

Seus olhos reluzem de fúria, mas ele se contém:

– Minhas ordens foram para lhe fazer uma série de perguntas – diz ele, tenso. – E já fiz isso. Por isso, terminamos.

– Por quê? Por acaso está com medo de mim? Você só é corajoso para matar a mãe dos outros, né?

Thomas aperta os olhos e dá de ombros:

– Ela é um marginal a menos com quem temos de lidar.

Cerro o punho e cuspo na cara dele.

Isso acaba com a pose dele. Seu punho esquerdo bate com força em meu queixo, minha cabeça vira para o lado. Estrelas explodem diante de meus olhos.

– Você se acha, não é? – diz ele. – Só porque pregou algumas peças e bancou o assistente social para a escória da rua? Bem, vou lhe contar um segredo. *Eu também venho* de um setor pobre, mas segui as normas. Me esforcei para subir na vida, e *mereci* o respeito do meu país. Vocês todos só sabem ficar sentados, reclamando e culpando o Estado pela sua falta de sorte. Vocês não passam de um bando de meliantes imundos e preguiçosos.

Ele me dá outro soco. Minha cabeça se vira para trás, e sinto gosto de sangue. Meu corpo treme de tanta dor. Ele agarra minha gola e me puxa para perto dele. Minhas algemas fazem barulho. – A srta. Iparis me contou o que o senhor fez com ela nas ruas. Como é que ousou se meter a besta com alguém da posição dela?

Ah! É isso que o está incomodando: acho que ele descobriu sobre o beijo. Não posso evitar de dar um risinho, apesar de meu rosto estar cheio de dor.

– Agora entendi tudo. É isso o que está perturbando, não é? Já reparei no jeito como você olha para ela. Você está louco por ela, não é? Você também está tentando *merecer* ficar com ela, seu idiota? Lamento destruir sua esperança, mas eu não a forcei a fazer *nada*.

O rosto dele fica vermelho de ódio:

– Ela está ansiosa pela sua execução, sr. Wing. Posso lhe garantir isso.

Dou uma risada:

– Mau perdedor, hein? Vou fazer você se sentir melhor. Vou contar tudo que se passou entre nós dois. Saber detalhes é a segunda melhor coisa, não

acha?

Thomas agarra meu pescoço. Suas mãos tremem.

– Eu teria cuidado se estivesse em seu lugar – diz ele, com desprezo. – Talvez tenha se esquecido de que tem dois irmãos, e que ambos estão à mercê da República. Cuidado com a língua, a não ser que queira ver os corpos deles enfileirados juntos ao de sua mãe.

Ele me bate de novo, e um dos seus joelhos me atinge o estômago. Respiro com dificuldade. Imagino Éden e John, então me obrigo a me acalmar e a forçar a dor a ir embora. *Fique forte. Não deixe que ele o tire do sério.*

Ele me dá mais dois socos. Está respirando com força. Com um grande esforço, ele abaixa os braços e expira.

– Agora estamos *mesmo* terminados, sr. Wing – diz ele em voz baixa. – Eu o verei no dia de sua execução.

Não consigo falar de tanta dor, por isso tento apenas manter os olhos focalizados nele. O sujeito tem uma expressão estranha, como se estivesse zangado ou desapontado porque eu o fiz perder a pose.

Ele se vira e sai do recinto sem dizer uma palavra.



JUNE

Naquela noite, Thomas passa meia hora do lado de fora da minha porta, dando uma dúzia de desculpas. Ele está realmente arrependido, não queria me magoar, não queria que eu resistisse às ordens da Comandante Jameson, não queria que eu me metesse em complicação, estava tentando me proteger.

Fico sentada no sofá com Ollie, olhando para o nada. Não consigo tirar o som das metralhadoras da cabeça. Thomas sempre foi disciplinado.

Hoje não foi diferente. Ele não hesitou nem por um segundo a obedecer à comandante. Executou o extermínio como se estivesse se preparando para uma varredura rotineira contra a praga, ou para uma noite vigiando um aeroporto. Será pior que ele tenha seguido as ordens tão ao pé da letra ou que ele não faça a menor ideia de que seja por isso mesmo que quero que ele se desculpe?

– June, você está me ouvindo?

Eu me concentro em coçar Ollie atrás das orelhas. As anotações de Metias continuam espalhadas na mesinha de centro, com os álbuns de retratos de nossos pais.

– Você está perdendo seu tempo! – grito para ele.

– Por favor, deixe-me entrar, quero ver você.

– Vejo você amanhã.

– Prometo que não demoro. Eu lamento muito mesmo.

– Thomas, vejo você amanhã.

– June...

Levanto a voz:

– Já disse que *vejo você amanhã!*

Silêncio.

Espero mais um minuto, tentando me distrair acariciando Ollie. Depois de um tempo, eu me levanto e olho pelo olho mágico. O corredor está

vazio.

Finalmente me convenço de que ele foi embora. Fico deitada no sofá por mais uma hora. Minha mente se move rapidamente, vai dos acontecimentos na praça ao aparecimento de Day no telhado, e até as afirmações ultrajantes de Day sobre a praga e a Prova, e depois volta a Thomas. O Thomas que obedece cegamente às ordens da Comandante Jameson é um Thomas diferente daquele que se preocupava com minha segurança no setor Lake. Ao crescer, Thomas era desajeitado mas sempre gentil, especialmente comigo. Ou talvez seja eu que tenha mudado. Quando rastreei a família de Day e vi Thomas atirar na mãe dele, ou quando olhei hoje para a multidão na praça sendo alvejada. Nas duas vezes fiquei imóvel e não fiz nada. Isso me faz igual ao Thomas? Estamos fazendo a coisa certa ao seguir as ordens que nos dão? Será verdade que a República é que está certa?

Quanto ao que Day me contou... fico irada só de pensar. Meu pai trabalhou atrás daquelas portas duplas, Metias trabalhou com Chian na supervisão das Provas. Por que envenenaríamos e mataríamos nosso próprio povo?

Suspiro, sento no sofá e agarro uma das anotações de Metias na mesinha de centro.

Esta é sobre uma semana de trabalho exaustivo de faxina, depois que o furacão Elias devastou Los Angeles. Outro registro detalha sua primeira semana na patrulha da Comandante Jameson. Um terceiro é curto, tem apenas um parágrafo, e reclama sobre trabalhar dois turnos noturnos seguidos. Isso me faz sorrir. Ainda me lembro das palavras dele. “Mal consigo ficar acordado.” Metias me disse depois da primeira noite em serviço. “Será que ela acha mesmo que a gente consegue vigiar *qualquer coisa* depois de trabalhar duas noites seguidas? Eu estava tão cansado hoje, que o próprio chanceler das Colônias poderia ter entrado no Batalla Hall, e eu nem teria percebido.”

Sinto uma lágrima descer pelo meu rosto e rapidamente a seco. Ollie geme a meu lado. Estendo minha mão e a afundo no espesso e branco pelo em volta do pescoço dele, ele descansa a cabeça no meu colo, com um suspiro.

Metias se inquietaria com essas coisas tão pequenas.

Meus olhos vão ficando pesados à medida que continuo a ler. As palavras começam a se embaralhar na página, até que já não consigo compreender totalmente o que cada registro significa. Finalmente, ponho o diário de lado e caio no sono.

Day aparece em meus sonhos. Ele segura minhas mãos entre as suas, meu coração se acelera a seu toque. Seu cabelo lhe cai nos ombros como uma cortina de seda e tem uma faixa vermelha de sangue. Seus olhos expressam dor. “Eu não matei seu irmão.” Ele me puxa para perto do seu corpo. “Garanto a você que eu não poderia ter feito isso.”

Quando acordo, fico deitada imóvel por algum tempo, e deixo que as palavras de Day percorram minha cabeça. Meus olhos miram a mesa do computador. O que realmente aconteceu naquela noite fatídica? Se Day atingiu o ombro de Metias, como a faca foi parar no peito de Metias? Essa ideia me dá dor no coração. Olho para Ollie.

– Quem ia querer ferir o Metias? – pergunto. Ollie me retribui o olhar com olhos pesarosos. – E por quê?

Vários minutos depois me levanto do sofá, depois vou até minha mesa de trabalho e ligo o computador.

Volto ao relatório do crime emitido pelo Hospital Central. São quatro páginas de texto e uma de fotos. Resolvo examinar minuciosamente as fotos. Afinal de contas, a Comandante Jameson só tinha me concedido alguns minutos para analisar o corpo de Metias, e eu usei mal esse tempo. Mas como eu poderia ter me concentrado? Nunca duvidei de que o assassino fosse outra pessoa que não o Day. Não estudei as fotos tão detidamente quanto deveria.

Clico duas vezes nas primeiras fotos e as amplio para a tela toda. O que vejo me deixa tonta. O rosto frio e sem vida de Metias virado para o céu, seu cabelo está espalhado debaixo da cabeça, num pequeno círculo. Sangue lhe mancha a camisa. Respiro fundo, fecho os olhos e digo a mim mesma para me concentrar desta vez. Eu sempre conseguia ler o texto dos relatórios, mas jamais consegui estudar as fotos. Agora, preciso fazer isso.

Abro os olhos e focalizo novamente o corpo do meu irmão. Eu queria ter analisado pessoalmente os ferimentos quando tive oportunidade.

Primeiro me certifico de que a faca na foto está realmente enterrada no seu peito. Gotas de sangue mancham o cabo. Não vejo nenhum pedaço da lâmina. Então olho para o ombro de Metias.

Embora esteja coberto pela manga, é possível ver que um grande círculo de sangue mancha o tecido. Não poderia ser do sangue que se espalhou do peito: deve haver outro ferimento. Amplio a foto de novo. Não dá para ver direito, está muito enevoada.

Mesmo se houver um corte semelhante ao de uma faca no ombro dele, não consigo ver deste ângulo.

Fecho a foto e clico em outra.

É então que me dou conta de uma coisa. Todas as fotos desta página foram tiradas do mesmo ângulo. Mal consigo distinguir os detalhes no ombro, e até da faca. Franzo a testa. Fotos mal tiradas de uma cena de crime. Por que não há fotos em close dos ferimentos? Volto ao início do relatório, procurando páginas que eu tenha deixado de ver. Mas é tudo. Volto à mesma página e tento encontrar algum sentido nela.

Talvez as demais fotos sejam confidenciais. E se a Comandante Jameson as pegou, para me poupar o sofrimento? Sacudo a cabeça. Não, isso seria burrice. Se fosse assim, ela não teria mandado nenhuma foto com o relatório. Olho fixamente para a tela, então me atrevo a imaginar uma alternativa.

E se a Comandante Jameson pegou as fotos para esconder alguma coisa de mim?

Não, de jeito nenhum. Eu me recosto na cadeira e fixo a primeira foto mais uma vez. Por que a Comandante Jameson iria querer esconder de mim os detalhes do assassinato do meu irmão? Ela *adora* seus soldados. Ficou indignada com a morte de Metias, até providenciou o funeral. Ela o *queria* em sua patrulha. Foi ela que o promoveu a capitão.

Mas duvido que o fotógrafo da cena do crime estivesse tão apressado que tirasse um conjunto tão ruim de fotos.

Penso no assunto sob vários ângulos, mas chego sempre à mesma conclusão. Esse relatório está incompleto. Passo a mão no cabelo, frustrada. Não compreendo.

Subitamente, olho mais de perto a faca na foto. Está granulada, é quase impossível distinguir os detalhes, mas algo acende uma antiga lembrança que faz meu estômago dar um nó. O sangue no cabo da faca está escuro, mas lá também há outra marca, algo mais escuro do que o sangue. A princípio penso que é parte do padrão esmaecido da faca, mas essas marcas estão em cima do sangue. Elas são pretas, espessas e irregulares. Tento me lembrar da aparência da faca na noite do acontecimento, quando tive oportunidade de vê-la pessoalmente.

Essas marcas pretas parecem graxa de rifle. Quase como a mancha de graxa na testa de Thomas, na primeira vez que o vi naquela noite.

DAY

Quando June volta a me visitar, na manhã seguinte, até ela se impressiona, pelo menos por um segundo, com a minha aparência, largado contra uma parede da cela. Inclino a cabeça na direção da garota. Ela hesita ao me ver, mas rapidamente se recompõe.

– Suponho que você tenha feito alguém se zangar – diz e estala os dedos para os soldados. – Todos para fora. Quero conversar em particular com o prisioneiro. – Ela aponta com a cabeça para as câmeras de segurança posicionadas em cada canto da cela. – E desliguem essas câmeras também.

O soldado encarregado presta uma continência e diz:

– Sim, senhora.

Quando vários soldados se apressam a desligar as câmeras, eu a vejo pegar duas facas do cinto. *Acho que fiz alguma coisa que a aborreceu.* Uma risada borbulha na minha garganta e se transforma num ataque de tosse. Bem, acho que devemos nos livrar do que nos atrapalha.

Quando os soldados vão embora e a porta se fecha, June se aproxima e se agacha a meu lado. Eu me preparo para sentir uma lâmina contra minha pele.

– Day.

Ela não se mexeu. Em vez disso, repõe as facas no cinto e pega um cantil de água. Acho que foi só um teatrinho para os soldados. Ela derrama um pouco do líquido frio em meu rosto. Eu vacilo, mas depois abro a boca para pegar um pouco da água, que nunca foi tão saborosa.

June derrama alguma água diretamente na minha boca, e depois guarda o cantil.

– Seu rosto está horrível! – Há preocupação e mais alguma coisa em sua expressão. – Quem fez isso com você?

– Legal você perguntar. – Fico surpreso por ela se importar. – Você pode agradecer a seu amiguinho capitão.

– Thomas?

– É esse sujeito aí. Acho que ele não está muito satisfeito porque eu ganhei um beijo de você, e ele não. Por isso, ele me interrogou sobre os Patriotas. Aparentemente, a Kaede é uma Patriota. Mundo pequeno, né?

O rosto de June expressa sua raiva:

– Ele não mencionou nada disso. Ontem à noite ele... bom, vou levar o assunto à Comandante Jameson.

– Obrigado. – Lágrimas gotejam dos meus olhos. – Eu estava me perguntando quando você viria. – Hesito por um segundo e pergunto: – Você já tem alguma notícia sobre Tess? Ela está viva?

June baixa o olhar e responde:

– Desculpe. Não tenho como saber onde ela está. Tess deve estar a salvo, desde que se mantenha discreta. Não falei sobre ela com ninguém. Ela não foi presa recentemente... nem morta.

Fico frustrado com a falta de notícias, mas aliviado ao mesmo tempo.

– E meus irmãos, como estão?

June aperta os lábios e diz:

– Não tenho acesso ao Éden, embora esteja certa de que ele continua vivo. John está indo tão bem quanto o esperado. – Quando ela ergue os olhos de novo, vejo que eles mostram confusão e tristeza. – Lamento você ter precisado lidar com o Thomas ontem.

– Obrigado – sussurro. – Há alguma razão especial para você estar mais legal comigo hoje do que de hábito?

Não espero que June considere essa pergunta seriamente, mas isso acontece. Ela me olha fixamente, depois se senta à minha frente com as pernas dobradas debaixo do corpo. June está diferente hoje. Dócil, talvez, e até triste. Insegura. Com uma expressão que nunca vi antes, mesmo quando a conheci nas ruas.

– Alguma coisa a está perturbando?

June fica em silêncio por um longo momento, com os olhos para baixo. Finalmente, ela me olha. Percebo que está procurando alguma coisa. Estará tentando encontrar uma forma de confiar em mim?

– Ontem à noite voltei a estudar o relatório da cena do assassinato do meu irmão.

Sua voz baixa até um murmúrio, preciso me inclinar para a frente a fim de ouvi-la.

– E daí? – indago.

Os olhos de June procuram os meus. Ela hesita de novo:

– Day, você pode afirmar, sincera e verdadeiramente, que não matou Metias?

Ela deve ter descoberto alguma coisa. Ela quer uma confissão. A noite no hospital lampeja em meus pensamentos: meu disfarce, Metias me observando quando entrei no hospital, o jovem médico que fiz refém, as balas ricocheteando na geladeira, minha longa queda até o chão, depois o confronto com Metias, a maneira como atirei a faca nele. Eu *vi* que atingiu seu ombro, tão longe do peito que não poderia nunca tê-lo matado. Enfrento o olhar de June e digo:

– Eu não matei seu irmão. – Estendo o braço para tocar sua mão e hesito com a dor que sobe pelo meu braço. – Não sei quem o matou. Lamento tê-lo machucado, mas eu tinha de salvar a minha vida. Eu queria ter tido mais tempo para refletir sobre o que fazer.

June acena positivamente com a cabeça. A expressão em seu rosto é tão comovente que por um segundo tenho vontade de abraçá-la. *Alguém* precisa abraçá-la.

– Sinto muita falta dele – sussurra. – Pensei que ele fosse viver por muito tempo, entende, alguém com quem eu sempre poderia contar. Ele era tudo que tinha me sobrado. E agora ele foi embora. Eu queria saber por quê.

Ela sacode a cabeça lentamente, como se derrotada, depois faz com que seus olhos encontrem os meus mais uma vez. Sua tristeza a torna incrivelmente linda, como neve cobrindo uma paisagem árida:

– E eu não sei *por quê*. Essa é a pior parte, Day. Eu não sei por que ele morreu. Por que alguém o quereria morto?

Suas palavras são tão semelhantes a meus pensamentos sobre minha mãe, que mal consigo respirar. Eu não sabia que June havia perdido os pais, embora eu devesse ter adivinhado pela maneira como se comporta. Não foi

June que atirou na minha mãe. Não foi ela que levou a praga para minha casa. Ela era uma garota que perdeu o irmão e alguém a levou a acreditar que tinha sido eu. Então, angustiada, ela havia me rastreado. Se eu estivesse no seu lugar, teria feito algo de outra maneira?

Ela está chorando. Eu lhe dou um pequeno sorriso, depois me sento mais ereto, e estendo a mão para seu rosto. As algemas no meu pulso chacoalham. Seco as lágrimas sob um dos seus olhos. Nenhum de nós diz coisa alguma. Não é preciso. Ela está pensando. Se eu estou certo sobre o seu irmão, sobre que mais eu não estaria certo?

Depois de um instante, June pega minha mão e a pressiona contra seu rosto. Seu toque faz que um calor gostoso percorra meu corpo. Ela é fascinante. Morro de vontade de puxá-la para junto de mim, comprimir meus lábios nos dela, e desfazer a dor que vejo em seu olhar. Queria muito voltar àquela noite no beco por apenas um segundo.

Sou o primeiro a falar:

– É possível que você e eu tenhamos um mesmo inimigo. E ele tenha nos colocado um contra o outro.

June respira fundo:

– Não tenho certeza ainda – diz, embora eu possa dizer pela sua voz que ela concorda comigo. – É perigoso nós estarmos conversando assim. – Ela desvia o olhar, enfia a mão no manto e tira algo que eu pensei ter perdido no hospital. – Tome. Quero devolver isto a você. Não tenho mais uso para ele.

Tenho vontade de tirá-lo da sua mão, mas o peso das correntes me impede. Na palma dela, está meu medalhão, a textura lisa da superfície gasta e suja, mas ainda quase inteira. A parte do colar está empilhada na mão dela.

– Você estava com ele! – murmuro. – Você o encontrou no hospital naquela noite, não foi? Foi por isso que me reconheceu quando finalmente me encontrou. Eu devo ter tentado pegá-lo.

June acena com a cabeça, depois pega minha mão e larga o pingente na minha palma. Eu o olho, emocionado.

Meu pai. Não consigo afastar sua lembrança agora, que estou de novo contemplando meu medalhão. Recordo o dia em que ele nos visitou, depois de seis meses sem uma palavra. Quando ele estava a salvo dentro de casa, fechamos as cortinas das janelas, ele abraçou minha mãe com força e lhe deu um demorado beijo. Manteve uma das mãos de modo protetor no estômago dela. John, com as mãos nos bolsos, esperou pacientemente para cumprimentá-lo. Eu ainda era muito novo, e abracei suas pernas. Éden ainda não era nascido, ainda estava na barriga da mamãe.

– Como vão meus meninos? – perguntou meu pai, depois de finalmente largar mamãe. Ele me deu um tapinha nas bochechas, e sorriu para John.

John lhe deu um sorriso grande e dentuço. Ele havia conseguido deixar o cabelo crescer o bastante para prendê-lo num rabo de cavalo. Ele disse:

– Pai! Eu passei na Prova!

– Verdade?

Meu pai deu um tapinha nas costas de John, como se ele fosse um homem. Ainda me lembro do alívio em seus olhos, o tremor de alegria na voz. Naquele tempo, todos nos preocupávamos que John pudesse ser reprovado na Prova, considerando a dificuldade que ele tinha para ler:

– Estou orgulhoso de você, Johnny. Bom trabalho!

Depois ele olhou para mim. Lembro de ter analisado seu rosto. O emprego oficial de papai na República era fazer a limpeza depois que os soldados voltavam do *front*, mas havia indícios de que essa não era a única tarefa que ele tinha. Indícios como as histórias que ele às vezes contava sobre as Colônias, sobre suas cidades reluzentes, sua tecnologia avançada, seus feriados festivos. Nesse momento, eu quis perguntar a ele por que nunca ia para casa, mesmo quando o rodízio no trabalho deveria proporcionar isso, por que ele nunca ia ver a gente.

Mas outra coisa me distraiu:

– Tem uma coisa no bolso de sua jaqueta, papai.

Era verdade: uma protuberância circular estava comprimida contra o tecido.

Ele deu um risinho, depois pegou o objeto:

– Isso mesmo, Daniel. – Ele olhou de relance para mamãe e comentou: – Ele é muito observador, não é?

Mamãe sorriu para mim.

Meu pai hesitou, depois nos mandou ir para o quarto, então disse para mamãe:

– Grace, veja o que encontrei.

Ela olhou detidamente para o objeto e perguntou:

– Que é isto?

– É mais uma comprovação.

A princípio papai tentou mostrar o objeto apenas à mamãe, mas consegui ver direitinho o que era, quando ele o revirou nas mãos. De um lado havia um pássaro, do outro, o perfil de um homem. “Estados Unidos da América, Confiamos em Deus, Vinte e Cinco Centavos” estampado em relevo de um lado, e “Liberty” e “1990” no outro.

– Viu? Prova. – Ele comprimiu a moeda na mão dela.

– Onde você achou isto? – perguntou mamãe.

– Nos pântanos sulistas, entre os dois *fronts*. É uma moeda oficial de 1990. Viu o nome? Estados Unidos. Era verdade.

Os olhos de minha mãe brilharam de animação, mas ainda assim ela olhou muito séria para papai, e disse:

– Esta é uma coisa perigosa de ter – sussurrou. – Não vamos ficar com isto em nossa casa.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

– Mas não podemos destruí-la. Temos de protegê-la; pelo que sabemos, esta pode ser a última moeda de sua espécie no mundo. – Ele dobrou os dedos da minha mãe sobre a moeda e disse: – Vou fazer uma capa de metal para ela, alguma coisa que cubra ambos os lados. Vou soldar bem, para que a moeda fique segura.

– Que vamos fazer com ela?

– Esconder em algum lugar. – Meu pai fez uma breve pausa, depois olhou para John e para mim. – O melhor lugar pode ser um local óbvio para qualquer pessoa. Dê a moeda a um dos meninos, talvez como um medalhão. As pessoas vão pensar que é apenas um enfeite infantil. Mas, se os soldados

a encontrarem aqui em casa quando derem uma batida, escondida debaixo de um piso, vão ter certeza de que se trata de uma coisa importante.

Fiquei calado. Mesmo naquela idade, eu compreendia a preocupação de meu pai. Nossa casa já tinha sido vasculhada antes em inspeções de rotina pelas patrulhas, como todas as casas de nossa rua. Se papai escondesse a moeda em algum lugar, eles a encontrariam.

No dia seguinte meu pai saiu cedo, antes mesmo do nascer do sol. Nós só voltaríamos a vê-lo mais uma única vez. Depois, ele nunca mais foi para casa.

Aquelas lembranças percorrem minha mente num momento. Ergo os olhos para June e digo: – Obrigado por encontrar isto. – Eu me pergunto se ela consegue perceber a tristeza na minha voz. – Obrigado *mesmo*, por me devolver este pingente.



JUNE

Não consigo parar de pensar em Day.

Quando deito para descansar um pouco à tardinha, no meu apartamento, sonho com ele. Sonho que Day está me abraçando e não para de me beijar, suas mãos acariciam meus braços, meu cabelo e minha cintura, seu peito está apertado contra o meu, sinto sua respiração em meu rosto, pescoço e orelhas. Seu cabelo comprido roça em mim, seus olhos me afogam em sua profundidade. Quando acordo e me vejo sozinha novamente, mal posso respirar.

Suas palavras se embaralham na minha cabeça até que nem consigo compreendê-las mais. Que outra pessoa matou Metias. Que a República está intencionalmente espalhando a praga nos setores pobres. Recordo-me de quando estávamos nas ruas do Lake, quando ele arriscava sua segurança porque eu precisava descansar. E lembro de hoje, ele secando as lágrimas do meu rosto.

Não sei onde está a raiva que eu costumava ter em relação a ele. E se eu descobrir uma prova de que outra pessoa matou Metias, seja lá por que razão, isso quer dizer que não tenho qualquer motivo para odiá-lo. Antes eu ficava fascinada pela sua lenda, por todas as histórias que ouvi antes de conhecê-lo. Agora sinto a mesma sensação de fascínio voltando. Imagino o rosto dele, tão lindo mesmo depois de ele sentir dor, ser torturado e padecer, seus olhos azuis brilhantes e sinceros. Tenho vergonha de reconhecer que gostei do pouco tempo que passei com ele na sua cela. Sua voz pode me fazer esquecer tudo sobre os detalhes que me percorrem a mente, trazendo com ela emoções de desejo ou de medo, às vezes até de raiva, mas sempre provocando alguma coisa em mim. Alguma coisa que eu nunca senti antes.

19H12. SETOR TANAGASHI.

26°C.

– Soube que você teve uma conversa particular com Day hoje à tarde – me diz Thomas, quando nos sentamos num café para comer tigelas de *edame*. O café é o mesmo que frequentávamos quando Metias estava vivo. A escolha de Thomas desse local não tranquiliza meus pensamentos. Não consigo esquecer a graxa de rifle besuntada no cabo da faca que matou meu irmão.

Talvez ele esteja me testando. Talvez ele saiba do que eu desconfio.

Dou uma mordida na carne de porco para não precisar responder. Fico satisfeita de nós dois estarmos sentados a uma boa distância um do outro. Thomas passou muito tempo me convencendo a perdoá-lo, a deixar que ele me levasse para jantar. Não sei bem por que ele fez isso. Para me induzir a dizer algo? Para que eu revelasse alguma coisa por acaso? Para ver se eu recusaria, e depois levar essa informação à Comandante Jameson? Não é preciso ter muitas provas para começar uma investigação contra alguém. Talvez esta saída seja apenas uma isca.

Mas, por outro lado, talvez ele esteja realmente querendo fazer as pazes comigo.

Não sei, por isso fico pisando em ovos.

Thomas me observa comer e pergunta:

– Que foi que você disse a ele?

Há ciúme em sua voz. Minha voz soa fria e distante:

– Não se incomode com isso, Thomas. – Estendo o braço e toco seu braço, para distraí-lo. – Se um garoto matasse alguém que você ama, você não tentaria descobrir por que ele fez isso? Achei que ele talvez se abrisse comigo se os guardas não estivessem presentes, mas já desisti dele. Vou ficar mais feliz quando ele morrer.

Thomas se acalma um pouco, mas continua a analisar meu rosto.

– Talvez você não devesse mais ver esse garoto – sugere ele, após longo silêncio. – Isso não a está ajudando. Posso pedir à Comandante Jameson que mande outra pessoa dar ao Day sua porção diária de água. Detesto pensar que você tenha de interagir tanto com o assassino de seu irmão.

Concordo com a cabeça e dou mais uma mordida nos grãos de soja. Ficar calada agora não seria bom. E se eu estiver jantando com o assassino do meu irmão? *Seja lógica e cautelosa.* Pelo rabo do olho, vejo as mãos de Thomas. E se essas forem as mãos que esfaquearam em cheio o coração de Metias?

– Você tem razão – digo, sem hesitar. Faço minhas palavras soarem gratas e atenciosas. – Ainda não consegui nenhuma informação dele até agora. De qualquer modo, ele vai morrer daqui a pouco tempo.

Thomas dá de ombros e diz:

– Que bom que você pensa assim! – Ele deixa cinquenta Notas na mesa quando o garçom se aproxima. – Day é apenas um criminoso no corredor da morte. As palavras dele não devem importar para uma garota da sua posição.

Dou mais uma mordida antes de responder:

– E elas não importam mesmo. É a mesma coisa que se eu estivesse falando com um cachorro.

Mas, internamente, penso: *As palavras de Day vão fazer diferença se ele estiver dizendo a verdade.*



Muito depois de Thomas ter me acompanhado até meu apartamento e ido embora, e muito depois da meia-noite, fico sentada na frente de meu computador, estudando o relatório do assassinato de Metias. Já olhei para as fotos vezes suficientes para não precisar mais me esquivar de analisá-las, mas elas ainda me causam um nó no estômago. Todas as fotos são tiradas de um ângulo distante dos ferimentos. Quanto mais eu olho para as manchas pretas no cabo da faca, mais convencida fico de que são resíduos de graxa de rifle.

Quando não consigo mais olhar as fotos, volto para o sofá e examino novamente os relatos de Metias. Se meu irmão tinha outros inimigos, certamente haveria uma pista qualquer em seus textos. Mas ele não era bobo: nunca teria escrito alguma coisa que pudesse ser usada como prova.

Li um número considerável de páginas de suas antigas anotações, todas irrelevantes e triviais. Às vezes ele fala sobre nós. Para mim, essas são as mais difíceis de ler.

Uma anotação comenta a noite em que ele foi admitido no esquadrão da Comandante Jameson, quando fiquei doente. Outra descreve a comemoração que tivemos juntos, quando marquei 1.500 pontos na minha Prova. Pedimos sorvete e dois frangos inteiros, e, a certa altura da noite, cheguei a experimentar um sanduíche de frango com sorvete, que talvez não tenha sido a melhor ideia que já tive. Ainda consigo ouvir nós dois rindo, assim como os aromas saborosos de frango assado e pão quente.

Comprimo os punhos em meus olhos fechados, respiro fundo e sussurro a Ollie: – O que estou fazendo? – Meu cachorro inclina a cabeça para mim, do lugar onde está deitado no sofá. – Estou defendendo um criminoso e afastando pessoas que conheço minha vida inteira!

Ollie me olha com aquela sabedoria canina universal, depois rapidamente volta a dormir. Eu o contemplo por alguns momentos. Não faz muito tempo, Metias estaria cochilando com os braços ao redor das costas de Ollie. Eu me pergunto se Ollie estará imaginando isso agora.

Demoro um minuto para me dar conta de uma coisa. Abro os olhos e volto a olhar para a última página que li no relato de Metias. Acho que vi alguma coisa lá. Estreito os olhos para o rodapé da página.

Era uma palavra escrita de forma errada. Franzo a testa. – Estranho! – digo em voz alta. A palavra está grafada com um *g* a mais: *ggeladeira*. Nunca na vida soube de algum erro de grafia cometido por Metias. Eu analiso a palavra por mais um minuto, sacudo a cabeça, então decido continuar. Anoto mentalmente o número da página.

Dez minutos depois, encontro outro erro. Desta vez a palavra é *elevação*, mas Metias escreveu *elevaçã*.

Duas palavras escritas erradamente. Meu irmão nunca teria feito isso por acaso. Olho em redor, como se pudesse haver uma câmera de vigilância na sala. Depois me debruço na mesinha de centro, e começo a peneirar todas as páginas dos relatos de Metias. Guardo na cabeça as palavras escritas

erradamente. Não há razão para ele tê-las escrito assim para que alguém as encontrasse.

Acho uma terceira palavra: *burguesia*, escrita *bowrguesia*. Depois, uma quarta palavra: *emanação*, grafada *emamenação*.

Meu coração começa a disparar.

Quando termino de examinar todos os doze relatórios de Metias, já são vinte e quatro palavras escritas erradamente. Todas vêm de relatórios escritos nos últimos meses.

Encosto-me no sofá e fecho os olhos para visualizar as palavras. Tantas palavras grafadas com erro por Metias só podem significar um recado dele para mim, a única pessoa com mais probabilidade de examinar tudo que ele escreveu. Um código secreto. Deve ser por isso que ele tirou todas as caixas do armário naquela tarde fatídica. Essa talvez seja a coisa importante que ele queria discutir comigo. Alterno a ordem das palavras, tentando formar uma frase que faça sentido, e quando isso não dá certo, troco as letras para ver se cada uma delas poderia ser um anagrama para outra coisa.

Não, nada.

Esfrego as têmporas. Depois tento outra coisa. E se Metias queria que eu juntasse as letras que estão faltando de cada palavra mas também as que não deveriam estar lá? Calmamente relaciono essas letras na minha cabeça, começando com o *g* de *ggeladeira*.

G A O W M E S A N A W I J H T N C N W I O P O O M

Franzo as sobrancelhas. Não faz sentido. Embaralho as letras repetidas vezes na cabeça, tentando formar várias combinações de palavras. Quando eu era criança, Metias brincava comigo de jogos de palavras: atirava uma porção de blocos com letras na mesa, então me perguntava que palavras eu poderia formar com elas. Agora tento experimentar esse jogo de novo.

Jogo por algum tempo até deparar com uma combinação que faz meus olhos se arregalarem.

“Joaninha!” O apelido de Metias para mim. Engulo em seco e tento ficar calma. Lentamente, alinho as letras que sobraram e tento formar mais palavras com elas. Diversas combinações me passam pela cabeça, até que uma delas me faz parar.

SIGA-ME, JOANINHA.

As únicas letras que sobram depois disso são três Ws, e depois O P T O N M C O. Isso deixava apenas um opção lógica.

WWW SIGA-ME JOANINHA PONTO COM

Um site. Reúno as letras várias vezes na cabeça, para me assegurar de que minha hipótese está correta. Depois olho de relance para meu computador.

Primeiro digito o código secreto de Metias, que me permite acessar a internet. Coloco as defesas e as proteções que meu irmão me ensinou: no mundo virtual, há espiões em todos os lugares. Depois desabilito o histórico do meu *browser*, e digito a URL com dedos trêmulos.

Surge uma página em branco. Só uma linha de texto aparece no alto da página.

“Deixe que eu pegue sua mão, que eu lhe darei a minha.”

Sei exatamente o que Metias quer que eu faça. Sem hesitar, estendo uma das mãos e a pressiono com firmeza no meu monitor.

A princípio, nada acontece, mas depois ouço um clique, vejo uma luz fraca passar por minha pele, e a página em branco desaparece. Em seu lugar surge o que parece ser um blog. Prendo a respiração. Há seis curtas anotações no blog. Inclino-me para a frente na cadeira e começo a ler.

O que vejo me deixa atônita de pavor.

12 de julho

Isto é para ser lido apenas por June. June, você pode facilmente deletar todos os traços deste blog ao pressionar sua palma direita na tela e digitar Ctrl+Shift+S+F. Não tenho outro lugar onde escrever isto, por isso tem de ser aqui mesmo. Para você.

Ontem você fez quinze anos. Contudo, gostaria que você fosse mais velha, porque é muito difícil para mim contar a uma garota de quinze anos o que descobri, especialmente quando você deve estar comemorando.

Hoje encontrei uma fotografia tirada por nosso falecido pai. Foi a última do último álbum deles, e eu nunca havia reparado antes porque

papai a havia escondido atrás de uma foto maior. Você sabe que vivo olhando as fotos de nossos pais. Gosto de ler os bilhetinhos deles, parece que eles ainda podem falar comigo. Dessa vez, porém, notei que a última foto daquele álbum era muito grossa. Quando mexi nela, a foto secreta caiu.

Papai havia fotografado seu local de trabalho, o laboratório no Batalla Hall. Papai nunca falava conosco sobre seu trabalho, mas tirou essa foto. Estava enevoada e distorcida, mas consegui distinguir a forma de um rapaz, numa maca, implorando pela vida. Ele tinha, estampado em sua bata hospitalar, um sinal em vermelho muito intenso, indicando alto risco de infecção.

Sabe o que papai escreveu no canto inferior dessa foto?

“Vou pedir demissão hoje, 6 de abril.”

Nosso pai tinha tentado se demitir na véspera do dia em que ele e mamãe sofreram aquele acidente fatal de carro.

15 de setembro

Há semanas, procuro pistas. Nada ainda. Quem poderia dizer que o banco de dados dos civis falecidos fosse tão difícil de invadir! Mas não vou desistir ainda. Há alguma coisa estranha por trás da morte de nossos pais, e vou descobrir qual é.

17 de novembro

Você me perguntou por que eu parecia fora de mim hoje. June, se você está lendo isto, provavelmente vai se lembrar desse dia, e agora saberá por quê.

Tenho ido atrás de pistas desde minha última anotação. Nos últimos meses venho fazendo perguntas sutis a outros empregados do laboratório, a velhos amigos do papai, e pesquisando on-line. Bem, hoje encontrei uma coisa.

Hoje finalmente consegui acessar o banco de dados dos civis falecidos de Los Angeles. Foi a coisa mais complicada que já fiz. Eu

estava tentando entrar de maneira errada. Eles têm uma falha de segurança nos seus servidores que eu não havia observado antes, porque eles a enterravam debaixo de todo tipo de... bem, de qualquer modo, isso permitiu que eu conseguisse acessar o banco de dados. Para minha grande surpresa, na verdade achei um relatório sobre o acidente de carro de nossos pais.

Exceto pelo fato de que não foi acidente. June, nunca vou conseguir dizer isso em voz alta pra você, por isso espero, desesperadamente, que você tome conhecimento de tudo por aqui.

O Comandante Baccarin, outro ex-estudante de Chian (você se lembra do Chian, certo?) apresentou o relatório. O documento dizia que o Dr. Michael Iparis havia despertado a desconfiança dos administradores do laboratório do Batalla Hall quando questionou o verdadeiro objetivo de suas pesquisas. Ele sempre trabalhou para compreender os vírus da praga, evidentemente, mas deve ter descoberto algo que o perturbou tanto, que fez ele tranquilamente solicitar uma mudança em sua designação de tarefas. Lembra-se disso, June? Foi poucas semanas antes da colisão do carro.

O resto do relatório não abordou as pragas, mas me disse o que eu queria saber. June, os administradores do laboratório do Batalla Hall ordenaram ao Comandante Baccarin que ficasse de olho em nosso pai. Quando nosso pai tentou que o designassem para outra tarefa, Baccarin soube que ele tinha deduzido a razão para suas pesquisas. Como você pode imaginar, isso não caiu muito bem. Ordenaram ao Comandante Baccarin que “encontrasse uma forma de resolver o problema”. O relatório termina afirmando que o assunto foi resolvido, sem baixas militares.

Data do relatório: um dia após o acidente de carro.

Eles mataram nossos pais.

18 de novembro

Consertaram a falha de segurança do servidor. Vou precisar encontrar outro modo de acessar os dados.

22 de novembro

Ocorre que o banco de dados dos civis falecidos tem mais informações sobre as pragas do que eu supunha. É claro que eu devia ter sabido disso, pois as pragas matam centenas de pessoas todos os anos. Mas sempre achei que as pragas eram espontâneas. Bem, não são.

Joaninha, você precisa saber disso. Não sei quando você vai encontrar esses meus registros, mas sei que vai acabar encontrando. Escute com cuidado: quando você terminar a leitura, não me diga que sabe de alguma coisa. Não quero que você faça nada precipitadamente. Entendido? Pense primeiro em sua segurança. Você pode encontrar uma forma de ajudar, eu sei que pode. Se alguém pode, esse alguém é você. Mas, em nome da minha segurança, não faça nada que chame a atenção para você. Eu me matarei se a República atacar você por reagir às informações que acabei de revelar.

Se você quiser se rebelar contra o sistema, faça-o de dentro dele. Isso é muito mais forte do que se rebelar estando fora do sistema. E se você escolher se revoltar, leve-me com você.

Papai descobriu que a República é que provoca as pragas anuais.

Elas começam nos lugares mais óbvios. Aquelas encostas elevadas cheias de animais pastando não são os locais de onde vem a maioria da carne que comemos. Você sabia disso? Eu devia ter adivinhado. A República tem milhares de fazendas subterrâneas para os animais. Elas ficam a dezenas de metros de profundidade. A princípio o Congresso não sabia o que fazer com os vírus malucos que continuavam a se desenvolver lá e a dizimar fazendas inteiras de animais. Isso era muito inconveniente, certo? Mas então lembraram da guerra das Colônias. E assim, toda vez que um novo e interessante vírus aparece nas fazendas de gado, os cientistas colhem amostras e as transformam em vírus que podem infectar os humanos. Depois criam uma vacina e a cura adequadas. E depois entregam requisições de vacinações obrigatórias a todo mundo, menos a alguns setores de favelas. Correm boatos de que um novo surto está sendo preparado para Lake, Alta e Winter.

Eles bombeiam o vírus nas favelas por meio de um sistema de tubulações subterrâneas. Às vezes, no fornecimento de água, às vezes diretamente em algumas casas específicas, para ver como ele se propaga. Isso dá início a um novo surto de praga. Quando pensam que já viram provas suficientes do que o vírus pode fazer, secretamente injetam em todos (isto é, todos que ainda estejam vivos) a cura, durante alguma varredura de rotina nos setores, então a praga é eliminada até o próximo teste. Também fazem alguns experimentos individuais com a praga em algumas crianças reprovadas na Prova. Elas não vão para campos de trabalho, June.

Nenhuma delas vai.

Elas todas morrem.

Você entende aonde quero chegar com isso? Usam as pragas para matar a população que tem genes fracos, da mesma forma que a Prova seleciona os mais fortes. Mas estão também criando vírus para usar contra as Colônias. Há anos que empregam armas biológicas contra elas. Não dou a mínima para o que acontece com as Colônias, nem para exatamente o que nossa República deseja infligir a elas, mas June, nosso próprio povo virou cobaia nos laboratórios. Papai trabalhava nesses laboratórios, e quando ele tentou ir embora, eles o mataram. E a mamãe. Acharam que os dois fossem contar a verdade a todo mundo. Quem quer um motim em massa? Certamente não o Congresso.

Todos nós vamos morrer assim, June, se alguém não fizer alguma coisa. Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo.

26 de novembro

Thomas sabe. Ele sabe de que eu desconfio, que eu acho que o governo pode ter matado nossos pais de propósito.

Fico me perguntando como ele sabia que eu havia pirateado meu acesso ao banco de dados dos civis falecidos. Tudo em que posso pensar é que deixei algum indício, assim os caras da tecnologia que

consertaram a falha de segurança encontraram esse indício, e contaram a ele. Por isso ele me abordou hoje, me perguntando a respeito.

Eu disse a ele que eu ainda estava prateando a morte de nossos pais, e que fiquei meio paranoico. Acrescentei que não achei nada. Disse ainda que você também nada sabia a respeito, e que ele nem deveria mencionar o fato a você. Ele disse que manteria segredo. Acho que posso confiar nele, mas é estressante saber que alguém sabe, mesmo que um pouquinho, sobre minha desconfiança. Quero dizer, você sabe que ele às vezes tem acessos de raiva.

Tomei uma decisão. No fim de semana, vou comunicar à Comandante Jameson que quero deixar sua patrulha. Vou reclamar do número de horas de serviço, dizer que fico muito pouco tempo com você, qualquer coisa assim. Vou atualizar essas anotações quando for designado para outro posto.

Sigo as instruções de Metias e deletei absolutamente tudo de seu blog.

Depois me enrosco no sofá e durmo até Thomas telefonar. Aperto um botão de meu telefone e a voz do assassino do meu irmão enche a sala de estar. Thomas, o soldado que sente prazer em executar qualquer ordem da Comandante Jameson, mesmo se for para matar um amigo de infância. O soldado que usou Day como um conveniente bode expiatório.

– June? – diz ele. – Você está bem? São quase dez horas e ainda não te vi. A Comandante Jameson quer saber onde você está.

Invento uma mentirinha: – Não estou passando bem. Vou dormir até um pouco mais tarde.

– Sei... – Pausa. – Quais são seus sintomas?

– Eu vou ficar bem. Estou só desidratada e febril. Acho que comi alguma coisa estragada ontem à noite naquele café. Diga à Comandante Jameson que devo me sentir melhor no começo da noite.

– Tudo bem, então. Lamento saber disso. Melhoras rápidas. – Mais uma pausa. – Se você ainda estiver doente à noite, vou preencher um relatório e mandar a patrulha contra a praga para examinar você. Protocolo, você entende. E se você precisar que eu vá até aí, é só chamar.

Você é a última pessoa que quero ver.

– Se for o caso, eu aviso. Obrigada.

E desligo.

Minha cabeça dói. São muitas lembranças, muitas revelações. Não me admira que a Comandante Jameson tenha mandado que levassem o corpo de Metias com tanta pressa. E eu fui burra o bastante para pensar que ela fez isso por solidariedade. Não me surpreende que ela tenha organizado o funeral. Mesmo minha missão-teste de rastrear Day deve ter sido um artifício para me distrair, enquanto destruíam qualquer prova que restasse.

Penso na noite em que Metias resolveu pedir demissão da tarefa de acompanhar Chian e de ser um dos executores dos resultados das Provas. Ele estava calado e reservado quando foi me pegar no colégio. Lembro de ter perguntado: “Você está bem?”

Ele não respondeu. Apenas pegou minha mão e se dirigiu para a estação de trem.

– Vamos embora, June. Vamos para casa.

Quando olhei para as luvas dele, vi minúsculas manchas de sangue.

Metias não tocou no jantar, nem me perguntou como foi meu dia, o que me aborreceu, até eu me dar conta de que ele estava muito perturbado. Finalmente, pouco antes da hora de dormir, fui até onde ele estava deitado, no sofá, e me aconcheguei sob o seu braço. Ele beijou minha testa.

– Eu te amo – sussurrei, esperando obter alguma informação dele.

Ele se virou e me olhou; seus olhos estavam muito tristes.

– June – disse ele –, acho que vou solicitar outro mentor amanhã.

– Você não gosta do Chian?

Metias ficou em silêncio por algum tempo; depois baixou os olhos, como se estivesse envergonhado:

– Hoje eu atirei numa pessoa no estádio da Prova.

Era isso que o estava perturbando. Fiquei calada e deixei que ele continuasse a falar.

Metias passou a mão pelo cabelo e disse:

– Atirei numa garota. Ela foi reprovada na Prova e tentou fugir do estádio. Chian gritou que eu atirasse nela... e eu obedeci.

– Ah! – Na ocasião eu não sabia, mas agora tenho certeza de que Metias se sentiu como se tivesse atirado em mim, quando matou a menininha. – Lamento – murmurei.

Metias ficou olhando para o vazio. Depois de longo silêncio, ele disse:

– Poucas pessoas matam pelas razões certas, June. A maioria faz isso pelas razões erradas. Só espero que você nunca se encontre em alguma dessas categorias.

A lembrança se dilui, fico presa aos fantasmas das palavras dele.

Não me mexo nas horas que se seguem. Quando o juramento de fidelidade à República tem início lá fora, ouço as pessoas nas ruas entoando cânticos, mas nem me levanto. Não presto continência quando o nome do Primeiro Eleitor é citado. Ollie fica sentado a meu lado, olhando fixamente para mim, e choramingando de vez em quando. Eu olho para ele. Estou pensando, calculando. Preciso fazer alguma coisa. Penso em Metias, em meus pais, na mãe e nos irmãos de Day. A praga lançou suas garras ao redor de nós todos, de uma forma ou de outra. A praga assassinou meus pais. A praga infectou o irmão de Day. A praga matou Metias por descobrir a verdade de toda a farsa. Ela me roubou as pessoas que amo. E subjacente à praga está a própria República. O país do qual eu me orgulhava. O país que faz experiências com crianças e as mata se não passam na Prova. Campos de trabalho... todos fomos enganados. Teria a República também matado parentes dos meus colegas de classe da Drake, todas as pessoas que morreram em combate, de acidentes ou de enfermidades? O que mais é secreto?

Levanto, vou até o computador e apanho meu copo d'água. Olho fixa e inexpressivamente para ele. De algum modo, a visão dos reflexos desarticulados de meus dedos no vidro me assusta. Lembro das mãos ensanguentadas de Day, do corpo fraturado de Metias. Esse copo antigo foi um presente, supostamente importado das ilhas da República, na América do Sul. Vale 2.150 Notas. Alguém poderia ter comprado a cura da praga com o dinheiro gasto nesse copo em que eu costumo beber água. Talvez a República nem seja proprietária dessas ilhas. Talvez nada do que me foi ensinado seja verdade.

Num súbito acesso de raiva, levanto o copo e o atiro contra a parede. O vidro se espatifa em mil cacos reluzentes. Eu permaneço de pé, imóvel, trêmula.

Será que se Metias e Day tivessem se conhecido em outro lugar, que não as ruas do fundo do hospital, teriam se aliado?

O sol muda de posição. Chega a tarde. Continuo parada, de pé.

Finalmente, quando o pôr do sol inunda meu apartamento de tons laranja e dourados, saio do meu transe. Recolho os cacos do vidro quebrado. Visto meu uniforme completo. Certifico-me de que meu cabelo esteja penteado para trás impecavelmente, que meu rosto esteja limpo, calmo e desprovido de emoção. No espelho, pareço a mesma de antes, mas sou uma pessoa diferente internamente. Sou um prodígio que conhece a verdade, e sei muito bem o que vou fazer.

Vou ajudar Day a fugir.

DAY

Hoje à noite vou tentar fugir da prisão. É assim que vai acontecer.

Quando a noite cai, me restam mais três dias de vida. Ouço mais gritos e um pandemônio vindo dos monitores do lado de fora da minha cela.

Patrulhas contra a praga isolaram totalmente os setores Lake e Alta. Os altos e baixos do tiroteio vindo das telas me diz que as pessoas que vivem naqueles setores devem estar enfrentando as tropas. Apenas um lado tem a vantagem das armas. Não é difícil adivinhar quem está vencendo.

Meus pensamentos vagueiam até June. Sacudo a cabeça, surpreso ao recordar como permiti me abrir tanto com ela. Eu me pergunto o que ela estará fazendo agora, em que estará pensando. Talvez em mim. Gostaria que ela estivesse aqui. De alguma forma, sempre me sinto melhor com ela. É como se June pudesse se solidarizar completamente com meus pensamentos e me ajudasse a afastá-los. Sinto-me confortado ao olhar para seu rosto tão bonito.

Seu rosto também me dá coragem. Sempre tive problema em ser corajoso sem Tess, John, ou minha mãe.

Tenho pensado nisso o dia inteiro. Se eu conseguir encontrar uma forma de escapar desta cela, de me equipar com as armas e um colete à prova de balas de algum soldado, tenho uma oportunidade concreta de sair do Batalla Hall. Já vi o lado de fora deste prédio várias vezes. As laterais não são tão escorregadias quanto as do Hospital Central. Se eu conseguir fugir por uma janela, posso correr ao longo dos parapeitos que cercam o edifício, mesmo com minha perna ainda em processo de cura. Os soldados não poderão me seguir: teriam de atirar em mim do chão ou do ar, mas sou rápido quando encontro pontos de apoio para os pés, e posso tolerar a dor nas mãos. Vou ter também de dar um jeito de retirar John pela janela. Éden provavelmente já não está no Batalla Hall, mas eu me lembro claramente do que June me

disse no primeiro dia da minha captura: “O prisioneiro da 6822.” Esse deve ser o John... e vou encontrá-lo.

Mas primeiro preciso planejar um modo de escapar desta cela.

Olho para os soldados enfileirados na parede e perto da porta. São quatro. Cada um usa um uniforme padrão, botas pretas, camisa preta com uma única fileira de botões prateados, calças cinza-escuro, colete à prova de balas e uma única braçadeira prateada. Cada um deles tem um rifle que mata à queima-roupa e uma arma adicional nos coldres do cinto. Minha mente pensa rapidamente. Num cômodo como este, com quatro paredes de aço, nas quais as balas poderiam ricochetear, os rifles provavelmente usam outro material que não munição de chumbo. Talvez balas de borracha, para me deixar tonto, se necessário. Até tranquilizantes. Mas nada que possa me matar ou matá-los. Nada, isto é, a não ser que disparado à queima-roupa.

Pigarreio. Os soldados se viram para me olhar. Espero mais alguns segundos, faço um som de engasgo, e curvo o corpo. Sacudo a cabeça como se fosse para clarear os pensamentos, depois me encosto na parede e fecho os olhos.

Os soldados ficam alertas. Um deles aponta o rifle para mim. Eles permanecem calados.

Continuo com meu teatrinho por mais dez minutos, aparento estar engasgando duas vezes enquanto os soldados não deixam de me olhar. Então, sem avisar, finjo ter ânsia de vômito, depois irrompo em acessos de tosse.

Os soldados se entreolham. Pela primeira vez, percebo um brilho de insegurança nos olhos deles.

– Qual é o problema? – Um deles me pergunta, irritado. É o que empunha o rifle engatilhado. Eu não respondo. Finjo estar concentrado em conter mais uma ânsia de vômito.

Outro soldado olha de relance para ele, e diz:

– Vai ver é a praga.

– Besteira. Um dos médicos já fez exames nele.

O soldado sacode a cabeça e continua:

– Ele ficou perto dos irmãos. Aquele novinho, o paciente zero, não é? Talvez os médicos não tenham percebido a doença então.

Paciente Zero. Eu sabia! Engasgo de novo, tentando dar as costas para os soldados enquanto finjo, para que eles não pensem que quero chamar sua atenção. Eu vomito e cuspo no chão.

Os guardas hesitam. Finalmente, o que empunha o rifle engatilhado faz um sinal com a cabeça para o soldado a seu lado e diz:

– Bem, eu não quero ficar por aqui, se for mesmo um outro vírus esquisito e mutante da praga. Chame uma equipe de técnicos. É bom a gente levar o garoto para as celas da ala médica.

O outro soldado acena com a cabeça, depois bate na porta. Escuto a porta ser destrancada pelo lado externo. Um soldado no corredor me leva para fora, depois rapidamente volta a trancar a porta.

O primeiro soldado se encaminha na minha direção.

– O restante de vocês mantenha os rifles apontados para ele – diz ele, por cima do ombro. Ele segura um par de algemas. Finjo não perceber que ele se aproxima, por estar muito ocupado em engasgar e tossir. – Levante-se. – Ele agarra um dos meus braços e me puxa com força pelos pés. Eu grito de dor.

Ele solta uma das minhas mãos da corrente, depois a prende nas algemas. Não luto. Depois ele solta a segunda mão, e se prepara para também prendê-la nas algemas.

De súbito, eu viro o corpo, e em uma fração de segundo fico livre. Antes que ele possa reagir, dou um giro rápido com o corpo, arranco sua arma do coldre, e a aponto diretamente para ele. Os outros dois guardas miram seus rifles em mim, mas não disparam: não podem fazer isso sem atingir o primeiro soldado.

– Mandem seus homens lá fora abrirem a porta – digo ao soldado que mantenho como refém.

Ele engole em seco. Os outros soldados não se atrevem a piscar.

– Abram a porta! – grita ele.

Há um tumulto no corredor, depois alguns cliques. O primeiro soldado arreganha os dentes para mim e diz, rudemente:

– Tem dúzias deles aí fora. Você nunca vai conseguir escapar.

Eu simplesmente pisco para ele. No instante em que a porta abre uma nesga, agarro a camisa do soldado e o empurro numa parede. Um dos outros guardas tenta atirar em mim, mas eu me esquivo e rolo no chão. Tiros são disparados a meu redor, soam como balas de borracha. Paro de rolar no chão bem na hora de dar uma rasteira num soldado, que o faz se estatelar de costas. Mesmo isso me faz cerrar os dentes de dor. *Droga de perna doente!* Eu me arremesso pela abertura antes que eles possam fechá-la.

Absorvo a cena no corredor num piscar de olhos. Soldados se amontoam na passagem. Azulejos no teto. Curva em ângulo reto no fim do corredor. Na parede está escrito *4º andar*. O soldado que abriu a porta começou a reagir: a mão empunha a arma como em câmera lenta. Dou um pulo, alcanço uma parede, então agarro a saliência superior da porta. Minha perna machucada me desequilibra completamente, quase volto a cair no chão. Soam mais tiros. Balanço o corpo em direção ao teto, e agarro a interseção metálica entre os azulejos. “Cela 6822 – sexto andar.” Balanço o corpo para baixo, e chuto a cabeça de um soldado com minha perna não machucada. Ele cai, eu rolo com ele. Sinto duas balas de borracha atingi-lo no ombro. Ele grita. Eu me agacho e saio correndo pelo corredor, driblando soldados e armas, e consigo me desviar das mãos que se estendem para me pegar.

Preciso chegar até o John. Se conseguir tirá-lo da cela, podemos nos ajudar a escapar. Se eu conseguir...

A essa altura, uma coisa pesada me atinge no rosto. Minha visão escurece. Luto para me concentrar, mas sinto que caio no chão. Tento me levantar com um salto, mas alguém me derruba de novo, uma dor aguda faz minhas costas se contorcerem. Um soldado deve ter me golpeado com o cano de um rifle. Sinto mãos prenderem meus braços e pernas. Respiro com muita dificuldade.

Tudo acontece tão rapidamente que mal consigo registrar tudo. Minha cabeça está zozna. Acho que vou desmaiar.

Escuto uma voz familiar acima de mim. É a da Comandante Jameson.

– Que diabo está acontecendo aqui? – Ela continua a gritar com seus soldados.

Minha visão volta gradativamente. Percebo que ainda estou tentando me livrar do soldado que me prende.

Certa mão agarra meu queixo. De repente estou olhando diretamente para os olhos da Comandante Jameson. Ela diz:

– Tentativa idiota, essa.

Lança um olhar para Thomas, que lhe presta continência. Ela ordena:

– Thomas, leve-o de volta à cela e, só para variar, ponha guardas eficientes para vigiá-lo.

Ela solta meu queixo e esfrega as mãos enluvadas:

– Quero que os homens que o guardavam sejam dispensados e expulsos da minha patrulha.

– Sim, senhora.

Thomas bate continência mais uma vez, depois começa a dar ordens grosseiramente. Minha mão livre está presa às algemas ainda penduradas no outro pulso. Pelo canto do olho, vejo outra oficial, vestida de preto, ao lado de Thomas. É June. Meu coração quase sai pela boca. Ela estreita os olhos para mim. Em sua mão vejo o rifle que ela usou para me golpear.

Arrastam-me aos berros de volta à minha cela. June fica por perto quando os soldados me acorrentam novamente à parede. Então, quando eles recuam, ela se debruça para perto do meu rosto e diz de modo rude:

– Recomendo que você não tente isso de novo.

Só há uma fúria gélida em seus olhos. Perto da porta, vejo a Comandante Jameson sorrir. Thomas observa, com expressão séria.

Nesse instante, June se inclina de novo, então sussurra em meu ouvido:

– Não tente de novo, porque você não vai conseguir sozinho. Vai precisar da minha ajuda.

De todas as coisas que eu poderia ter imaginado saindo de sua boca, essas não figuravam certamente entre elas. Tento manter minha expressão inalterada, mas meu coração deixa de bater por um segundo. *Ajuda? June quer me ajudar?* Esta é a mesma garota que acabou de me golpear e me deixar num estado semiconsciente no corredor. Será que está tentando fazer com que eu caia numa armadilha? Ou será que está sendo sincera?

June se afasta de mim no instante em que termina a última palavra. Finjo estar zangado, como se ela me tivesse murmurado um insulto. A Comandante Jameson levanta o queixo dela e diz:

– Muito bem dito, Agente Iparis. – June presta uma breve continência. – Siga Thomas até o hall e nos encontraremos lá.

June e o capitão saem. Fico sozinho com a Comandante Jameson e um novo revezamento de soldados perto da porta da cela.

– Sr. Wing – diz ela, após algum tempo –, foi uma tentativa impressionante de sua parte. O senhor é verdadeiramente tão ágil quanto afirmou a Agente Iparis. Detesto ver um talento assim desperdiçado com criminosos imprestáveis, mas a vida não é muito justa, certo? – Ela sorri para mim. – Pobre menino! O senhor acreditou mesmo que poderia escapar de uma fortaleza militar, não foi?

A Comandante Jameson vem até onde estou, inclina-se, e apoia o cotovelo num joelho.

– Vou lhe contar uma pequena história – diz. – Há alguns anos, prendemos um jovem renegado que tinha muita coisa em comum com o senhor, era ousado e intrépido, estupidamente desafiador e inconveniente. Ele também tentou escapar antes de sua execução. Sabe o que aconteceu, sr. Wing? – Ela estende a mão, que põe na minha testa, me empurrando para trás, até comprimir minha cabeça na parede. – Esse garoto foi até a escadaria, onde o pegamos. Quando chegou a data de sua execução, o tribunal me concedeu permissão para matá-lo pessoalmente, em vez de colocá-lo em frente ao pelotão de fuzilamento. – Sua mão aperta a minha testa. – Acho que ele teria preferido o pelotão de fuzilamento.

– Algum dia a senhora vai morrer de um jeito pior do que ele – retruquei asperamente.

A Comandante Jameson solta uma gargalhada e diz:

– Mal-humorado até o fim, não é? – Ela solta minha cabeça e levanta meu queixo com um dedo. – O senhor é muito divertido, meu lindo rapaz.

Estreito os olhos. Antes que ela possa me impedir, eu me solto da sua pegada e mordo sua mão para valer. Ela emite um grito agudo. Mordo o mais forte que posso, até sentir o gosto de sangue. A Comandante Jameson

me atira com violência na parede. O golpe me faz ver estrelas. Ela segura firmemente a mão, desempenhando uma dança agônica enquanto eu pisco, lutando para ficar acordado. Dois soldados tentam ajudá-la, mas a Comandante os repele.

– Espero ansiosa sua execução, Day – me diz ela, quase babando de raiva. Sua mão goteja sangue. – Vou ficar contando os minutos! – Depois ela sai que nem um furacão, batendo a porta da cela com violência.

Fecho os olhos e enterro a cabeça nos braços, para que ninguém possa ver meu rosto. Sangue permanece na minha língua, estremeço com o gosto metálico. Não tive ainda a coragem de pensar na data da minha execução. Como será ficar diante de um esquadrão de fuzilamento, e sem poder fugir? Meus pensamentos vagueiam e depois se concentram no que June me disse: “Você não vai conseguir sozinho. Vai precisar da minha ajuda.”

Ela deve ter descoberto alguma coisa: quem realmente matou seu irmão, ou alguma outra verdade sobre a República. Ela agora não tem nenhuma razão para me fazer cair numa armadilha. Não tenho nada a perder, nem ela a ganhar. Espero até que esse raciocínio seja bem absorvido.

Uma agente da República vai me ajudar a fugir. Vai me ajudar a salvar meus irmãos.

Devo estar enlouquecendo.



JUNE

Aprendi na Universidade de Drake que a melhor maneira de andar à noite sem ser vista é nos telhados dos prédios. Fico praticamente invisível a uma altura dessas. As pessoas concentram sua atenção na rua. Além disso, lá de cima consigo a melhor vista do lugar para onde me dirijo.

Hoje à noite estarei de volta à divisa entre Lake e Alta, onde me meti na luta de Skiz com Kaede. Tenho de encontrá-la logo, antes de voltar ao Batalla Hall de manhã e discutir com a Comandante Jameson os detalhes da fuga frustrada de Day. Kaede vai ser minha melhor aliada na iminente execução de Day.

Pouco depois da meia-noite, visto-me toda de preto: botas pretas de caminhada, uma fina jaqueta preta de aviador, facas no cinto, uma pequena mochila preta nos ombros. Não estou com as minhas armas: não quero que ninguém me rastreie até os setores da praga.

Chego até o topo do edifício, até estar sozinha no telhado com o vento sibilando a meu redor. Dá para sentir o cheiro da umidade do ar. A esta hora, algumas encostas ainda têm animais pastando. Ao olhar para eles, fico me perguntando se tenho estado vivendo sobre uma fazenda subterrânea de carne esse tempo todo. Daqui posso enxergar todo o centro de Los Angeles, bem como vários dos setores que o cercam, e a margem fina que separa o enorme lago do oceano Pacífico. É fácil diferenciar onde os setores ricos fazem divisa com os mais pobres, onde a luz elétrica estável dá lugar a lanternas tremeluzentes, fogueiras e centrais de energia a vapor.

Uso um lançador aéreo de cordas para estender um fino cabo entre dois prédios. Depois deslizo silenciosamente de prédio em prédio, até estar bem distante dos setores Batalla e Rubi. Aqui minha tarefa é mais complexa, porque os edifícios não são tão altos, e os telhados estão em péssimas condições, alguns até ameaçam desmoronar completamente se força excessiva os atingir. Escolho cuidadosamente os alvos. Algumas vezes sou

forçada a mirar o lançador mais baixo do que o telhado, depois a apoiar o corpo até o topo dos prédios quando chego ao outro lado. Quando alcanço os arredores do setor Lake, sinto o suor pingando no pescoço e nas costas.

A margem do lago fica a apenas alguns quarteirões. Quando olho atentamente para o setor, reparo que fitas adesivas vermelhas estão em quase todos os quarteirões, e soldados das patrulhas contra a praga, com máscaras de gás e capas pretas, estão em cada esquina. Marcas de X aparecem em filas e filas de portas. Vejo uma patrulha indo de porta em porta, fingindo estar fazendo mais uma varredura rotineira. Tenho um palpite de que estão distribuindo curas, exatamente como disse Metias. Daqui a algumas semanas, essa praga terá “magicamente” desaparecido. Esforço-me para não olhar nem para perto de onde fica a casa de Day, ou, talvez, onde ficava. Como se o corpo de sua mãe ainda estivesse lá, caído na rua.

Demoro mais dez minutos para chegar ao local, já do lado de fora do Lake, onde conheci Day. Aqui os telhados são muito frágeis para meu lançador aéreo de corda. Cuidadosamente ando tateando, pelo chão mesmo. Sou ágil, mas não sou Day. Sigo pelos becos sombreados até a beira do lago. Areia molhada vai sendo esmigalhada pelos meus pés.

Vou caminhando pelos becos dos fundos, com cuidado para evitar os postes, os guardas municipais e a infundável multidão da rua. Day certa vez me contou que conheceu Kaede num bar aqui, na divisa entre Alta e Winter. Vou examinando a área enquanto caminho. Dos telhados eu já podia ver que havia cerca de uma dúzia de bares que se enquadravam no local e na descrição que Day fez, mas aqui no chão, conto nove deles.

Paro em becos várias vezes, para coordenar meus pensamentos. Se me apanharem aqui e alguém descobrir o que estou fazendo, provavelmente me matarão. Sem fazer perguntas. Essa ideia acelera meu coração.

Mas então recordo as palavras de meu irmão. Isso basta para fazer meus olhos arderem, e cerrar meus dentes. Já vim longe demais para desistir agora.

Perambulo inutilmente por vários bares. Todos parecem iguais: pouco iluminados, cheios de fumaça e bagunça, a ocasional luta de Skiz

acontecendo num canto escuro. Verifico todas as lutas, embora tenha aprendido minha lição o suficiente para ficar afastada dos círculos. Pergunto a todos os atendentes de bar se conhecem uma garota com uma tatuagem de videira. Mas nada de Kaede.

Cerca de uma hora se passa.

E, então, eu a encontro. Na verdade, ela é que me encontra. Nem tenho a oportunidade de entrar no bar.

Mal saio de um beco adjacente e estou indo em direção à porta lateral de um bar, quando sinto algo passar voando por meu ombro. É uma adaga. Instantaneamente pulo para fora do caminho, meus olhos percorrem rapidamente o local. Alguém salta do segundo andar, investe contra mim, derrubando nós duas na sombra. Minhas costas batem violentamente na parede. No mesmo instante pego minha faca no cinto, antes de ver quem me atacou.

– É você! – exclamo.

A menina que me encara está furiosa. A luz da rua reflete sua tatuagem de videira, a maquiagem preta e pesada lhe delinea os olhos.

– Tudo bem – diz Kaede. – Sei que *tu* está procurando por mim. Você quer falar tanto comigo que está batendo perna em todos os bares da Alta faz mais de uma hora. Que é que *tu* quer? Uma revanche ou coisa assim?

Vou responder, quando percebo um movimento nas sombras atrás de Kaede. Fico paralisada. Há mais alguém conosco.

Quando Kaede vê meu olhar se deslocar para lá e para cá, ela ergue a voz e diz:

– Não se aproxime, Tess. É melhor você não ver isso.

– Tess? – Estreito os olhos para a escuridão. O vulto de pé é pequeno, tem uma estrutura delicada, e o cabelo parece estar puxado para trás numa trança malfeita. Olhos grandes e luminosos me examinam por trás de Kaede. Tenho vontade de sorrir para ela: sei que essa notícia vai fazer Day muito feliz.

Tess dá um passo à frente. Ela parece saudável, apesar das olheiras. A expressão desconfiada faz me sentir envergonhada.

– Olá! – diz ela. – Como vai o Day? Está bem?

Faço um sinal positivo com a cabeça.

– Por enquanto. Fico feliz por você também estar bem. O que você está fazendo aqui?

Ela me dá um sorriso cauteloso, depois aponta com os olhos, nervosamente, para Kaede que a olha aborrecida, me apertando com mais força na parede. Então pergunta raivosamente:

– Que tal você responder primeiro à minha pergunta?

Tess deve ter entrado para os Patriotas. Deixo cair minha faca no chão, depois mostro minhas mãos vazias para as duas:

– Estou aqui para negociar com você. – Devolvo o olhar fixo com tranquilidade. – Kaede, preciso de sua ajuda. Preciso falar com os Patriotas.

Isso a pega desprevenida e ela pergunta:

– Por que você acha que sou uma Patriota?

– Trabalho para a República. Sabemos muitas coisas, e algumas delas podem lhe surpreender.

Kaede estreita os olhos para mim e diz:

– Você não precisa da minha ajuda, está mentindo. Você é um soldado da República, e entregou o Day. Por que deveríamos confiar em você?

Pego minha mochila, abro o zíper e retiro um grosso maço de Notas. Tess solta um pequeno suspiro.

– Quero dar isso a você – respondo, entregando o dinheiro a Kaede. – E tem mais, de onde veio isso, mas preciso que você me escute, e não tenho muito tempo.

Kaede examina as notas, com a mão de seu braço sem ferimentos, e testa uma com a ponta da língua. Seu outro braço está numa tipoia. De repente eu me pergunto se foi Tess que pôs a atadura naquele braço. Os Patriotas devem achá-la útil.

– A propósito, lamento ter feito isso – digo, apontando para seu braço. – Tenho certeza de que você compreende por que fiz isso. Eu ainda carrego os ferimentos que você me causou.

Kaede dá uma risada seca e diz:

– Tudo bem. Pelo menos agora a gente tem mais uma médica nos Patriotas.

Ela dá um tapinha no gesso e pisca para Tess.

– Fico satisfeita em saber – digo, olhando de lado para Tess. – Tome conta dela direito. Ela tem muito valor.

Kaede analisa meu rosto um pouco mais e finalmente me solta. Então faz um sinal com a cabeça para meu cinto:

– Largue suas armas.

Não discuto. Tiro quatro facas do cinto, mostro-as para ela, depois as atiro no chão do beco. Kaede as afasta de mim com um chute.

– Você tem algum equipamento de rastreamento? Algum dispositivo de escuta? – pergunta ela.

Permito que Kaede verifique minhas orelhas e minha boca, e respondo:

– Não tenho nada disso.

– Se eu ouvir nem que seja uma pisada vindo pra cá – diz Kaede –, eu te mato na hora. Entendido?

Faço que sim com a cabeça.

Kaede hesita, depois abaixa o braço e nos leva ainda mais para as profundezas das sombras no beco. Ela diz:

– De jeito nenhum eu vou te levar até outros Patriotas. Não confio em você o suficiente. *Tu* pode falar com nós duas, aí eu decido se vale a pena passar a informação adiante.

Eu me pergunto se os Patriotas têm muitos seguidores e respondo:

– Sem problema.

De início, conto a Kaede e Tess tudo que descobri. Começo com Metias e sua morte. Conto sobre minha perseguição a Day, e o que aconteceu quando eu o entreguei. Falo o que Thomas fez a Metias, mas não menciono a Kaede por que meus pais morreram nem o que Metias revelou sobre as pragas nos registros de seu blog. Fico muito envergonhada, não consigo contar essa história nojenta diretamente a duas pessoas que vivem nos setores pobres.

– Quer dizer que o amigo de seu irmão matou *ele*, né? – Kaede assobia baixinho. – Porque ele sabia como a República matou os pais de vocês? E armaram para o Day?

Fico irritada com o tom indiferente de Kaede, mas deixo isso de lado, e só respondo:

– É.

– Poxa, taí uma história triste. Me conta que diabo isso tem a ver com os Patriotas.

– Quero ajudar Day a fugir antes que seja executado. E eu soube que os Patriotas tentam recrutá-lo há muito tempo. Vocês provavelmente também não querem que ele morra. Talvez os Patriotas e eu possamos chegar a um acordo.

A raiva nos olhos de Kaede se transformou em ceticismo:

– Quer dizer que você quer vingar a morte de seu irmão ou o quê? *Tu* vai dar as costas à República por causa do Day?

– Quero justiça, quero libertar o garoto que não matou meu irmão.

Kaede resmunga, e não acredita:

– Você tem uma vida maneira, né? Protegida num apartamento gostoso num setor rico. Você sabe que se os mandachuvas da República descobrirem que *tu* falou comigo, eles vão te botar diante de um pelotão de fuzilamento, igual ao Day.

A menção de Day de pé diante de um pelotão de fuzilamento faz um arrepio percorrer minha espinha. Pelo canto do olho, vejo Tess se contrair também.

– Eu sei – respondo. – Você vai me ajudar?

– Você é louca pelo Day, não é?

Espero que a escuridão esconda o rubor nas minhas faces e respondo:

– Isso não tem nada a ver.

Ela dá uma gargalhada e diz:

– Essa foi demais! A pobre menina rica se apaixonou pelo criminoso mais famoso da República! E é pior ainda, porque é por sua causa que ele está preso, certo?

Acalme-se.

– Você vai me ajudar? – pergunto de novo.

Kaede dá de ombros e responde:

– A gente sempre quis o Day. Ele podia ser um perfeito aliado para nós, tá sabendo? Mas a gente não trabalha em nenhum negócio de caridade. Somos profissionais, temos uma agenda longa a cumprir, que não tem nada a ver com projetos de boas ações. – Tess abre a boca para protestar, mas Kaede faz um movimento para que ela fique calada. – Day pode ser uma figura popular aqui nas ruas, mas ele é só um cara. Qual é a vantagem pra gente? Só a alegria de *ter ele* do nosso lado? Os Patriotas não vão arriscar uma dezena de vidas só para libertar um criminoso. Isso é pouco.

Tess suspira. Trocamos olhares. Compreendo que isso é uma coisa que ela vem tentando em vão convencer Kaede a fazer, desde que Day foi preso. Essa talvez seja até a razão pela qual Tess tenha entrado para os Patriotas: implorar que salvem Day.

– Eu sei. – Pego minha mochila e a jogo para Kaede. Ela não a abre. – Foi por essa razão que eu trouxe isto. Aí dentro *tem* duzentas mil Notas, menos o que eu já te dei antes. Esse dinheiro é uma pequena fortuna. É o dinheiro da recompensa que ganhei por capturar Day, deve ser suficiente para pagar por sua ajuda. – Abaixo a voz. – Também incluí uma bomba eletromagnética. Nível três. Vale seis mil Notas. É capaz de desativar armas por dois minutos, num raio de oitocentos metros. Estou certa de que você sabe que é muito difícil conseguir uma dessas no mercado negro.

Kaede abre o zíper da mochila e examina o conteúdo. Não diz nada, mas dá para perceber sua alegria, por sua linguagem corporal, pela maneira com que ela se debruça avidamente sobre as notas e passa a mão saudável na superfície fria do dinheiro. Ela emite um gemido de encantamento quando encontra a bomba, e seus olhos se arregalam enquanto ela ergue a esfera metálica para examiná-la. Tess a observa com um olhar esperançoso.

– Esse dinheiro não passa de troco para os Patriotas – diz ela ao terminar a inspeção –, mas *tu* está certa: deve ser o bastante para convencer meu chefe a deixar que eu te ajude. Mas como a gente pode ter certeza de que isso não é uma armadilha? Você vendeu o Day à República. E se você estiver mentindo para mim também?

Chamar de *troco* essa dinheirama só se os Patriotas estiverem com muitos, mas muitos recursos financeiros mesmo. Mas eu apenas concordo

com a cabeça, e digo:

– Você tem o direito de desconfiar de mim, mas pense no caso desta forma: você pode ir embora agora, com duzentas mil Notas e uma arma muito útil, e nunca levantar um dedo para me ajudar. Estou confiando em você e nos Patriotas, e imploro que confie em mim.

Kaede respira fundo. Dá para ver que ela ainda não está convencida:

– Bem, qual é seu plano?

Meu coração se acelera, e sorrio sinceramente para ela:

– A prioridade número um é John, o irmão de Day. Planejo ajudá-lo a fugir amanhã à noite, não antes das onze horas da noite, não depois das onze e meia. – Kaede me olha incredulamente, mas eu a ignoro. – Uma morte falsa, vamos afirmar que John está contaminado pela praga. Se eu puder ajudá-lo a escapar do Batalla Hall amanhã à noite, vou precisar de você e de uns dois Patriotas para tirá-lo do setor, depois mantê-lo em segurança.

– A gente vai estar lá, se você conseguir libertar o cara.

– Ótimo. O caso do Day vai ser obviamente mais complicado. A execução dele acontece daqui a duas noites, exatamente às seis da tarde. Dez minutos antes, eu serei a primeira pessoa a levá-lo para o pátio do esquadrão de fuzilamento. Eu tenho uma identidade de acesso seguro, devo conseguir tirar o Day por uma das seis saídas dos fundos, pelo lado leste do corredor. Faça alguns Patriotas nos esperarem lá. Calculo que uma multidão de pelo menos duas mil pessoas compareça à execução, o que significa uma equipe de pelo menos oitenta guardas de segurança. As saídas dos fundos precisam estar o menos vigiadas possível. Faça alguma coisa, qualquer coisa, para garantir que a maioria dos soldados precise ajudar lá na frente. Se o primeiro quartirão depois do Batalla Hall não estiver com muitos seguranças, vocês vão ter uma boa vantagem de tempo para fugir.

Kaede levanta uma sobrancelha e diz:

– *Tu* não bate bem. Sabe que isso parece impossível, não sabe?

– Sei. – Faço uma pausa. – Mas não tenho muita escolha.

– Bem, continua. E a praça?

– Desvio tático. – Meus olhos se fixam nos de Kaede. – Tente criar um caos pra valer na Batalla Square, o maior tumulto que você conseguir. O suficiente para obrigar a maioria dos soldados que vigiam as saídas dos fundos a ir para a praça e ajudar a conter a multidão, mesmo que por alguns minutos. É aí que a bomba eletromagnética pode ajudá-la. Solte a bomba no ar, ela vai fazer estremecer o chão do Batalla Hall e seus arredores. Não vai machucar ninguém, mas certamente vai criar pânico. E se as armas nas proximidades estiverem desativadas, os guardas não vão poder atirar no Day, mesmo se o virem fugir pelo telhado. Vão ter de persegui-lo ou tentar a sorte com armas menos precisas, que só imobilizam ou atordoam.

– Legal, *tu* é um gênio! – Kaede ri, de modo sarcástico. – Mas tenho uma coisinha pra te perguntar. Como é que você vai conseguir tirar o Day do prédio? Acha que você vai ser o único soldado que vai levar *ele* até o pelotão de fuzilamento? Outros soldados devem acompanhar vocês. Talvez um pelotão inteiro!

Sorriso para ela e digo:

– Vai haver outros soldados. Mas quem disse que eles não podem ser Patriotas disfarçados?

Ela não me responde, não com palavras, mas vejo um sorriso se espalhando em seu rosto, então percebo que mesmo que ela me ache maluca, já concordou em ajudar.

DAY

Duas noites antes da data da minha execução, sonho muito enquanto tento dormir encostado à parede da minha cela. Não me lembro dos primeiros sonhos. Eles se misturam numa combinação confusa de rostos familiares e desconhecidos, algo que parece o riso de Tess, outra coisa que soa como a voz de June. Todos estão tentando falar comigo, mas não consigo compreender nenhum deles.

Mas me lembro do último sonho que tive antes de acordar.

É uma tarde linda no setor Lake. Estou com nove anos. John, com treze anos, havia entrado naquela fase de crescer repentinamente. Éden só tem quatro anos, está sentado nos degraus da porta da frente, olhando John e eu jogarmos hóquei de rua. Mesmo nessa idade, Éden é o mais inteligente de nós e, em vez de participar do jogo, ele prefere ficar sentado lá, brincando com peças de um velho motor de turbina.

John atira uma bolinha de papel em mim. Eu mal consigo pegá-la com o cabo do meu taco.

– Você jogou longe demais – protesto.

John apenas dá um risinho e diz:

– Você vai precisar melhorar seus reflexos, se quiser passar nos exames físicos da Prova.

Bato de volta na bola com a maior força que posso. Ela passa zunindo por John e atinge a parede atrás dele.

– Você conseguiu passar na *sua* Prova – digo. – Apesar de seus reflexos.

– Eu não peguei essa bola de propósito.

John ri ao se virar e dar uma corridinha até a bola. Ele a pega antes que a brisa possa jogá-la para longe. Vários pedestres quase pisam nela. John diz:

– Eu não quis destruir completamente o seu ego.

É um bom dia. John havia sido recentemente contratado para trabalhar na nossa central de energia a vapor. Para celebrar, mamãe vendeu um de

seus dois vestidos e um monte de vasos antigos, e passou toda a última semana substituindo suas colegas de trabalho em seus turnos. O dinheiro extra deu para comprar um frango inteiro, que ela está preparando, na cozinha. O aroma de carne e caldo é tão bom que mantemos a porta entreaberta, para sentirmos um pouquinho do cheiro. John não costuma estar tão bem-humorado quanto hoje. Pretendo me aproveitar disso ao máximo.

John atira a bola para mim, eu a pego com meu taco e a jogo de volta. Jogamos rápida e empenhadamente por vários minutos; nenhum dos dois erra, e às vezes damos saltos tão ridículos para pegar a bola que Éden morre de rir. O cheiro do frango enche o ar. Hoje não está fazendo calor; na verdade, o dia está perfeito. Paro por um segundo enquanto John corre para pegar a bola de novo. Tento tirar uma foto mental desse dia.

Jogamos por mais algum tempo. Então, cometo um erro.

Um guarda municipal perambula pelo nosso beco quando estou me preparando para atirar a bola de volta para John. Pelo canto do olho, vejo Éden ficar de pé nos degraus. Até John vê o guarda se aproximar, antes de mim, e estende uma das mãos para me deter. Mas é tarde demais. Já estou no meio do balanço do corpo, e jogo a bola direto na cara do guarda.

É claro que a bola quica e cai – é de papel e não machuca –, mas é o suficiente para o policial parar de repente. Seus olhos me fuzilam. Fico paralisado.

Antes que um de nós possa se mexer, o guarda tira uma faca da bota e caminha com passos firmes até onde estou. Ele grita:

– Está pensando que você pode se safar depois de uma coisa dessas, moleque? – Ele ergue a faca e se prepara para golpear o meu rosto com o cabo. Em vez de me encolher, olho para ele com raiva e me mantenho firme.

John alcança o policial antes que ele possa me alcançar.

– Senhor! Senhor!

John se põe rapidamente à minha frente e estende as mãos para o guarda.

– Lamento muito o que aconteceu. Este é Daniel, meu irmãozinho. Ele não teve a intenção.

O policial empurra John de sua frente. O cabo da faca me golpeia no rosto, eu caio no chão. Édén grita e corre para dentro de casa. Eu tusso, tentando cuspir a terra que me enche a boca. Não consigo falar. O guarda chuta o lado do meu corpo. Meus olhos se arregalam. Eu me curvo numa posição fetal.

– Para, por favor!

John corre de novo para perto do policial e fica firmemente entre nós dois. De onde estou caído no chão, olho rapidamente para nossa varanda; minha mãe veio correndo até a entrada, com Édén escondido atrás dela. Ela grita, desesperada, para o policial. John continua suplicando ao guarda:

– Eu posso pagar ao senhor. A gente não tem muito, mas o senhor pode levar o que quiser, por favor.

A mão de John se abaixa e agarra meu braço. Ele me ajuda a ficar de pé.

O guarda para, analisa a oferta de John, então olha para minha mãe:

– Você aí! – grita ele. – Pega as coisas que você tiver. E vê se cria melhor esse pestinha.

John me empurra mais para trás dele, e repete:

– Ele não teve a intenção, senhor. Minha mãe vai castigar *ele* pelo seu comportamento. Ele é muito novo, não sabe direito o que faz.

Minha mãe volta apressada alguns segundos depois, com um embrulho de pano. O policial o abre e verifica todas as Notas. Percebo que é quase todo o nosso dinheiro. John fica em silêncio. Depois de algum tempo, o policial volta a embrulhar o dinheiro e o enfia no bolso de sua jaqueta. Ele olha de novo para minha mãe e pergunta:

– Você está cozinhando frango lá dentro? Isso é um luxo para uma família como a sua. Você gosta de desperdiçar dinheiro com frequência?

– Não, senhor.

– Então me dá esse frango também – ordena o homem.

Mamãe volta correndo para dentro, e sai em seguida com uma sacola fortemente amarrada, dentro está o frango, embrulhado em um pano. O guarda pega a sacola, apoia por cima do ombro e me dá mais um olhar enojado:

– Moleques de rua! – resmunga. E nos deixa para trás. O beco fica em silêncio de novo.

John tenta dizer alguma coisa para consolar mamãe; ela, porém, não escuta e se desculpa com John pela refeição perdida. Ela não me olha. Depois de um tempo, entra correndo em casa para atender a Éden, que começou a chorar.

John gira o corpo para me encarar depois que mamãe sai. Agarra meu ombro e me sacode com força.

– Nunca mais faça isso, entendeu? Não se atreva.

– Eu não quis acertar! – grito.

John emite um som raivoso e diz:

– Não se trata disso e sim do jeito que você olhou para ele. Você tem minhoca na cabeça? *Nunca* olhe para um policial daquele jeito, entendeu? Você quer que eles nos matem a todos?

Meu rosto ainda arde do golpe com o cabo da faca, e meu estômago queima, como resultado do chute do policial. Consigo me soltar de John e digo, irritado:

– Você não precisava me defender. Eu podia ter dado conta sozinho. Eu vou revidar.

John me segura com força de novo e diz:

– Você é completamente pirado. Preste atenção ao que digo, para valer. Certo? Não é pra revidar. Nunca! A gente faz o que os guardas mandam, e não discute com eles. – Parte da raiva desaparece dos seus olhos. – Prefiro morrer a ver esse pessoal machucar você. Compreende?

Eu me esforço para responder com algo inteligente, mas, para meu constrangimento, lágrimas me encham os olhos e eu digo num impulso:

– Lamento você ter ficado sem seu frango.

Minhas palavras provocam um pequeno sorriso em John e ele diz:

– Venha cá, menino.

Ele suspira, e me envolve num abraço. Lágrimas escorrem em meu rosto. Tenho vergonha delas, por isso tento não deixar escapar nenhum som.

Não sou uma pessoa supersticiosa, mas, quando acordo desse sonho, dessa lembrança dolorosamente nítida de John, sinto uma horrível sensação no peito.

Prefiro morrer a ver esse pessoal machucar você.

Eu subitamente receio que, de alguma forma, de algum modo, o que ele disse no sonho vai se tornar realidade.



JUNE

08H00. SETOR RUBI.

18°C EM AMBIENTE EXTERNO.

Day será executado amanhã à noite.

Thomas aparece na minha casa. Ele me convida para uma sessão de cinema, bem cedo, antes de nos apresentarmos no Batalla Hall. O filme é *A glória da bandeira*.

– Escutei comentários favoráveis – diz ele. – É sobre uma garota da República que captura um espião das Colônias.

Concordo em ir. Se vou ajudar John a fugir hoje à noite, é melhor garantir um bom relacionamento com Thomas. Não quero que ele desconfie.

O furacão iminente, o quinquagésimo primeiro este ano, mostra seus primeiros sinais quando Thomas e eu pisamos na rua: um vendaval agourento, uma rajada de vento gélido, assustadora, de ar úmido. Os pássaros estão inquietos. Cachorros sem dono se abrigam, em vez de vagar. Veem-se menos motocicletas e carros nas ruas. Caminhões entregam garrafões extras de água potável e alimentos enlatados aos residentes dos espigões. Sacos de areia, lampiões e rádios portáteis estão sendo racionados também. Mesmo os estádios onde as Provas são feitas adiaram as que estavam programadas para os dias da tempestade.

– Suponho que você deva estar animada, em vista de tudo que está acontecendo – diz Thomas, quando entramos no cinema. – Falta pouco agora.

Concordo com a cabeça e sorrio. A sessão está lotada, apesar do tempo tempestuoso e das ameaças de apagão. À nossa frente avulta o gigantesco cubo de cinema, um telão de quatro lados, com um lado apontado para cada bloco de assentos. Ele mostra uma série ininterrupta de comerciais e notícias atualizadas, enquanto esperamos.

– Não creio que *animada* seja o melhor termo para o que estou sentindo – respondo –, mas devo admitir que estou ansiosa. Você sabe os detalhes da execução?

– Bem, eu sei que eu vou supervisionar os soldados na praça. – Thomas mantém a atenção nos comerciais que se revezam. O nosso lado mostra um aviso chamativo que diz: “Está chegando a hora da Prova de seu filho? Matricule-o no Ace Trials, para uma consultoria grátis de instruções!” – Nunca se sabe o que a multidão pode fazer – diz ainda. – O povo já deve estar se reunindo. Quanto a você, provavelmente vai ficar do lado de dentro, e levará Day para o pátio do fuzilamento. A Comandante Jameson nos dará mais informações quando for a hora.

– Tudo bem.

Fico repensando meu plano, detalhes que têm passado pela minha cabeça desde que encontrei Kaede ontem à noite. Vou precisar de tempo para entregar uniformes a ela antes da execução, tempo para ajudar vários dos Patriotas a entrar furtivamente no Hall. Não deve ser preciso muito esforço para convencer a Comandante Jameson a me deixar acompanhar o Day até o lado de fora. Mesmo o Thomas parece compreender que quero fazer isso.

– June. – A voz de Thomas interrompe meus pensamentos.

– Sim?

Ele me olha curiosamente e franze a testa um pouco, como se acabasse de se lembrar de algo:

– Você não estava em casa ontem à noite.

Fique calma. Dou um sorriso, depois olho de relance para o telão.

– Por que você pergunta?

– Bem, dei uma passada pelo seu apartamento no meio da noite. Bati por muito tempo, mas você não atendeu. Parecia que Ollie estava, por isso eu sabia que você não tinha ido para a pista de corrida. Onde você estava?

Olho para Thomas com a maior cara de pau e digo:

– Eu não consegui dormir. Fiquei no telhado por algum tempo, observando as ruas.

– Você não levou o fone de ouvido. Tentei ligar para você, mas só ouvi a estática.

– É mesmo? – Sacudo a cabeça. – A recepção devia estar ruim, porque eu estava com o fone de ouvido. Ontem à noite ventou muito.

Ele acena positivamente com a cabeça e diz:

– Você deve estar exausta hoje. É melhor informar à Comandante Jameson, ou ela é capaz de exigir muito esforço de você.

Desta vez eu é que franzo a testa. “Inverta a situação: a melhor defesa é o ataque.”

– O que você estava fazendo à minha porta no meio da noite? Era alguma coisa urgente? Eu não perdi nenhuma instrução da Comandante Jameson, perdi?

– Não, não, nada disso. – Thomas me olha encabulado, e passa a mão no cabelo. Não consigo entender como alguém com sangue nas mãos pode parecer tão despreocupado. – Para ser sincero, eu também não consegui dormir. Fiquei pensando em como você devia estar ansiosa. Então, quis lhe fazer uma surpresa.

Dou um tapinha no braço dele e digo:

– Obrigada, mas vou ficar muito bem. Vamos executar Day amanhã. E depois disso vou me sentir muito melhor. É como você disse: não vai demorar muito mais.

Thomas estala os dedos:

– Há uma outra razão por que eu queria te ver ontem à noite. Eu não devia te contar, porque é uma surpresa.

Surpresas não me parecem divertidas agora, mas finjo estar animada:

– É mesmo? Qual?

– A Comandante Jameson sugeriu, e fez que os tribunais aprovassem. Acho que ela continua possessa com a força com que Day mordeu a mão dela quando ele tentou fugir.

– Ela fez que os tribunais aprovassem o quê?

– Ah, eis o anúncio. – Thomas olha para o telão e aponta para o comercial que aparece. – Vamos antecipar a data da execução do Day.

O comercial é apenas um cartaz digital, uma única imagem congelada. Parece festiva. O texto é em azul-escuro e as fotos surgem num fundo padronizado branco e verde. Vejo a foto de Day no meio disso: “Apenas lugares em pé, em frente ao Batalla Hall, na quinta-feira, 26 de dezembro, às cinco da tarde, para a execução de Daniel Altan Wing. Espaço limitado. A execução só poderá ser vista nos telões.”

Fico totalmente sem ar. Olho para Thomas e pergunto:

– Vai ser hoje?

Thomas dá um sorrisinho e concorda:

– Hoje à noite. Não é ótimo? Você não vai precisar se afligir durante mais um dia inteiro!

Mantenho a voz alegre:

– Ótimo! Fico satisfeita em saber.

O turbilhão de meus pensamentos se transforma em um pânico crescente. Isso poderia significar muitas coisas. A Comandante Jameson ter convencido o tribunal a antecipar a execução em um dia inteiro é, por si só, incomum. Isso quer dizer que Day enfrentará o pelotão de fuzilamento daqui a apenas oito horas, bem quando o sol começar a se pôr. Não posso libertar John agora – o dia todo será gasto com as providências para a execução de Day. Até a hora mudou. Os Patriotas talvez não possam estar lá comigo hoje. Não vou ter tempo de conseguir uniformes para eles.

Não posso ajudar Day a fugir.

Mas isso não é tudo. A Comandante Jameson *preferiu* não me contar sobre a mudança. Se Thomas já estava a par ontem à noite, isso quer dizer que ela contou a ele no máximo ontem à noite, antes de mandá-lo para casa. Por que não quis me contar? Ela deveria achar que eu ficaria satisfeita de saber que Day iria morrer vinte e cinco horas antes do planejado. A não ser que ela suspeite de alguma coisa. Talvez ela quisesse me deixar por fora apenas para testar minha reação. Será que Thomas sabe de alguma coisa que está escondendo de mim? Todo esse desconhecimento sobre o plano será apenas uma máscara para ocultar a verdade? Ou será que a Comandante Jameson também está deixando o Thomas de fora?

Começa o filme. Dou graças por não precisar falar mais com Thomas, e então poder pensar em silêncio.

Tenho de mudar meus planos. Do contrário, o garoto que não matou meu irmão morrerá hoje à noite.

DAY

A nova data da minha execução chega sem alarde, a não ser o barulho ocasional dos trovões, que vem do lado de fora do edifício. É claro que não consigo ver a tempestade da minha cela, com suas paredes nuas de aço, câmeras de segurança e soldados nervosos, de modo que só posso calcular a aparência do céu.

Às 6 horas da manhã, os soldados tiram minhas algemas e as correntes que me prendem à parede da cela. É uma tradição. Quando um criminoso tornado público vai enfrentar o pelotão de fuzilamento, o Batalla Hall antes transmite cenas em que ele aparece em todos os telões da praça. Eles tiram as correntes da pessoa para que ela possa ter a oportunidade de fazer algo divertido. Já vi isso acontecer, e os espectadores na praça adoram. Geralmente acontece alguma coisa: a determinação do delinquente começa a enfraquecer, então ele suplica e implora diante dos guardas, ou tenta fazer um acordo ou conseguir uma extensão de prazo, ou às vezes chega até a tentar fugir. Ninguém jamais conseguiu. Eles transmitem ao vivo para a praça a imagem do condenado, até chegar a hora da execução, depois focalizam o pátio do pelotão de fuzilamento no Batalla Hall, em seguida a câmera mostra o infeliz indo ao encontro dos carrascos. Os espectadores, na praça, ficam ofegantes e gritam, às vezes de prazer, quando ocorre o fuzilamento. E a República fica feliz por ter feito de um bandido um exemplo a não ser seguido.

Durante vários dias após a execução, ainda repetem as cenas do fuzilamento.

Estou livre para andar na minha cela, mas, em vez disso, simplesmente fico sentado e me encosto na parede, apoiando os braços nos joelhos. Não tenho vontade de divertir ninguém. Minha cabeça dói de ansiedade e medo, prevendo, preocupado, o que vai acontecer. Guardei meu medalhão no bolso. Não consigo deixar de pensar em John. O que farão com ele? June

prometeu me ajudar. Ela deve ter planejado alguma coisa para John, também. É o que espero.

Se June planeja me ajudar a fugir, ela está testando sua sorte até os limites. A mudança na data da minha execução não deve tê-la ajudado em nada. Meu peito dói com a ideia do perigo a que ela está se expondo. Gostaria de saber as revelações que ela obteve. O que pode tê-la magoado tanto que, apesar de seus privilégios, tenha se tornado uma adversária da República? E se ela estava mentindo... bem, por que ela mentiria sobre me salvar? *Talvez se importe comigo*. Rio um pouquinho dessa ideia. Que pensamento doido numa hora como esta! Talvez eu consiga lhe roubar um beijo de despedida antes de ir para o pátio.

Mas de uma coisa eu sei: mesmo se o plano de June falhar, mesmo se estiver isolado e sem aliados quando me dirigir para o pelotão de fuzilamento... vou lutar. Os soldados vão ter de me encher de balas para me imobilizar. Trêmulo, respiro. Ideias corajosas, mas será que estou preparado para levar isso a cabo?

Os guardas na minha cela estão mais armados do que de costume, e têm também máscaras de gás e coletes de proteção. Nenhum deles se atreve a tirar os olhos de mim. Estão certos de que eu vou fazer alguma coisa de doido. Olho fixo para as câmeras de segurança, imaginando a aparência da multidão na praça.

– Vocês devem estar adorando isto – digo após algum tempo. Os soldados movem os pés, alguns empunham as armas. – Desperdiçando um dia de sua vida me assistindo numa cela. Que barato!

Silêncio. Os soldados estão com muito medo e não respondem.

Visualizo a multidão lá fora. O que o povo estará fazendo? Talvez alguns deles continuem a ter pena de mim e ainda estejam dispostos a protestar por mim. Quem sabe alguns deles estejam protestando, embora de modo não tão intenso quanto da última vez, pois nesse caso eu provavelmente escutaria parte da gritaria no corredor. Muitos deles certamente me odeiam, devem estar dando vivas. Outros, ainda, podem estar lá apenas por curiosidade mórbida.

As horas se arrastam. Agora eu estou até ansiando pela execução. Pelo menos vou ver outra coisa que não as paredes cinzentas da minha cela, mesmo que por pouco tempo. Topo qualquer coisa para deter esta espera terrivelmente maçante. Além disso, se June não tiver êxito com seu plano, vou afinal deixar de pensar em John, na minha mãe, na Tess, no Éden, em todo mundo.

Os soldados se revezam na cela. Sei que as cinco horas da tarde devem estar próximas. É quase certo que a praça já esteja lotada. *Tess*. Talvez ela também esteja lá, com muito medo de ver a execução, mas também com muito medo de perdê-la.

Ouçoo passos no corredor, e depois, uma voz que reconheço. A de June. Levanto a cabeça e olho para a porta. Chegou a hora? Da minha fuga... ou da minha morte?

A porta se abre. Os guardas abrem caminho quando June entra na cela, de uniforme completo, acompanhada pela Comandante Jameson e por vários outros soldados. Prendo minha respiração quando a vejo. Nunca havia visto June nessa roupa antes: dragonas reluzentes e luxuosas nos ombros, uma elegante capa espessa de veludo caindo até os pés, um refinado colete vermelho, botas com fivela no peito do pé, um quepe militar típico. Uma maquiagem simples ressalta seu rosto e o cabelo está penteado num rabo de cavalo impecável no alto da cabeça. Esse deve ser a vestimenta padrão dos agentes para eventos especiais.

June para a alguma distância de mim e, quando me esforço para ficar de pé, ela olha para o relógio e diz:

– São 4h45 da tarde. – Ela me olha. Tento examinar seus olhos, para ver se consigo adivinhar qual é seu plano. – Algum último pedido? Se você quer rezar ou olhar pela última vez para seu irmão, é melhor nos informar agora. É o único privilégio que vai ter antes de morrer.

Claro. Últimos pedidos. Olho fixamente para ela e mantenho minha expressão ingenuamente impassível. O que ela quer que eu diga? Os olhos de June estão intensos e ardentes.

– Eu... – começo. Todos os olhos estão em mim.

Vejo June fazer um movimento muito sutil com os lábios. “John”, pronuncia ela. Olho de relance para a Comandante Jameson.

– Quero ver meu irmão, John – digo. – Pela última vez, por favor.

A comandante faz um gesto impaciente com a cabeça para mim, então estala os dedos, depois resmunga algo para o soldado que se aproxima dela. Ele bate continência e sai. Ela me olha e diz: – Concedido. – Meu coração bate mais forte. June e eu trocamos breves olhares, mas antes de eu poder me focar nela, ela se vira para pedir alguma coisa à Comandante Jameson.

– Tudo está no lugar, Iparis – responde a comandante. – Pare de me aborrecer.

Esperamos em silêncio por vários minutos, até eu ouvir passos no corredor de novo. Desta vez, há o som de alguém sendo arrastado, misturado com a marcha firme dos soldados. Deve ser John. Engulo em seco. June não olha de novo para mim.

Então John entra na cela, cercado por dois guardas. Está mais magro e pálido do que antes. Seu cabelo comprido e muito louro está pendurado em mechas sujas, e ele nem parece notar que parte delas está grudada em seu rosto. Meu cabelo deve estar com a mesma aparência. Ele sorri ao me ver, embora haja pouca alegria no sorriso. Tento retribuir o sorriso.

– Oi! – digo.

– Oi! – responde ele.

June cruza os braços e diz:

– Cinco minutos. Diga o que quer e acabe logo com isso.

Concordo com a cabeça, e não digo nada.

A Comandante Jameson lança um olhar para June, mas não faz menção de ir embora. – Certifique-se de que sejam exatos cinco minutos, nem mais um segundo. – Ela então pressiona uma das mãos na orelha e começa a gritar mais ordens, sem tirar os olhos de mim.

Durante vários segundos, John e eu apenas nos entreolhamos. Tento falar, mas minha garganta está engasgada, minhas palavras não saem. As coisas não deviam ser assim para John. Talvez para mim, mas não para ele. Sou um cara rejeitado, um criminoso, um fugitivo. Repetidas vezes infringi

a lei. Mas John não fez nada de errado. Foi aprovado na Prova de maneira justa e correta. Ele é amoroso, responsável. Nada parecido comigo.

– Você sabe onde está o Éden? – John finalmente quebra o silêncio. – Ele está vivo?

Sacudo a cabeça e respondo:

– Não sei, mas acho que sim.

– Quando você encarar o pelotão – continua John, com voz rouca –, não abaixe a cabeça, está bem? Não dê mole para eles, não deixe que o afetem.

– Não vou deixar.

– Faça que eles se esforcem. Dê um soco em alguém, se precisar. – John me dá um sorriso triste e velhaco. – Você é um garoto assustador. Então... assuste essa gente! Até o fim.

Pela primeira vez em muito tempo sinto-me como seu irmãozinho. Preciso engolir em seco para manter os olhos secos.

– Deixa comigo – sussurro.

Nosso tempo acaba depressa demais. Nós nos despedimos, e os dois guardas que vigiam John agarram seus braços, tiram-no da minha cela e o levam de volta à sua. A Comandante Jameson parece mais tranquila, obviamente aliviada porque meu pedido chegou ao fim. Ela gesticula para os demais soldados e ordena:

– Façam fila. Iparis, acompanhe os guardas de volta à cela desse rapazinho. Eu volto daqui a pouco. – A Comandante Jameson desaparece pela porta.

Respiro fundo. Preciso de um milagre agora.

Vários minutos depois, levam-me para fora. Faço o que John disse e mantenho a cabeça ereta, os olhos inexpressivos. Agora ouço a multidão. O som aumenta e diminui; é um fluir constante de vozes humanas. Passo os olhos pelos painéis de tela plana nas paredes do corredor, enquanto caminhamos. As pessoas na praça estão inquietas, mudando de posição como ondas num dia de tempestade, e consigo distinguir as filas de soldados que as cercam. De vez em quando, vejo pessoas com uma faixa vermelha bem escura pintada no cabelo. Soldados estão percorrendo a

multidão e cercando-a para prendê-las, porém elas parecem não dar a mínima.

June se reúne a nós e acompanha a fila, perto dos últimos soldados. Dou uma olhadinha para trás de mim, mas não consigo ver o rosto dela. Os segundos se arrastam. Que acontecerá quando alcançarmos o pátio?

Finalmente, chegamos aos corredores que levam ao pátio do pelotão de fuzilamento.

É aí que escuto Thomas, o jovem capitão, dizer:

– Srta. Iparis!

– Pois não? – pergunta June.

Então, ouvi palavras que quase fazem meu coração parar. Duvido que ela tenha planejado isto:

– Srta. Iparis – repete ele –, a senhorita está sob investigação.

Acompanhe-me.



JUNE

Meu primeiro instinto é atacar Thomas. É isso que eu teria feito se ele tivesse me pegado sem tantos soldados por perto. Eu avançaria contra ele com tudo, bateria nele até deixá-lo inconsciente, depois pegaria Day e correria até as saídas. Já estaria com John. Em algum lugar dos corredores por onde o levam de volta à sua antiga cela estariam os dois guardas desmaiados no chão. Avistaria John no poço de ventilação. Ele estaria esperando lá para eu tomar minha próxima providência. Eu iria libertar Day, gritar um sinal, então John surgiria da parede como um fantasma, e fugiria conosco. Mas não posso vencer uma luta contra Thomas e todos os guardas sem o elemento surpresa.

Por isso decido fazer o que ele diz.

– Investigação? – pergunto, com a testa franzida. Ele toca gentilmente no boné, como se estivesse se desculpando, depois pega um dos meus braços e começa a me levar para longe dos soldados que vigiam Day.

– A Comandante Jameson me pediu para deter você – diz ele. Rodeamos o canto do corredor e nos dirigimos à escadaria. Mais dois soldados se juntam a ele. – Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

Exibo um ar de irritação:

– Isso é ridículo! Será que a comandante não poderia escolher um momento menos dramático para essa bobagem?

Thomas não responde.

Ele me conduz pela escadaria, descemos dois andares, até chegarmos ao porão onde as salas de execução, redes elétricas e câmaras de armazenamento ficam ao longo dos corredores. Agora sei por que estou aqui. Eles descobriram que falta uma bomba eletromagnética, a que dei a Kaede. Geralmente o levantamento de estoque só acontece no fim do mês, mas Thomas deve tê-lo feito hoje de manhã. Consigo não transparecer no

rosto o pânico cada vez mais crescente. *Concentre-se*, lembro a mim mesma raivosamente. *Uma pessoa apavorada é uma pessoa morta.*

Thomas para no lance inferior da escada. Põe a mão no cinto, e percebo o reluzir do cabo de sua arma.

– Uma bomba eletromagnética desapareceu. – As luzes que balançam acima lançam sombras malévolas no rosto dele. – Eu vi que estava faltando hoje cedo, depois que bati na porta de seu apartamento. Você disse que estava no telhado ontem à noite, certo? Você sabe alguma coisa sobre esse desaparecimento?

Olho com firmeza para o rosto dele e cruzo os braços:

– Você acha que eu fui a responsável?

– Não a estou acusando de nada, June. – Sua expressão é trágica, até suplicante, mas ele não afasta a mão da arma. – Mas achei que era muita coincidência. Poucas pessoas têm acesso ao arsenal, e sabemos mais ou menos onde estavam as outras pessoas ontem à noite.

– Sabemos mais ou menos? – digo com sarcasmo suficiente para fazê-lo corar. – Isso é meio vago. As câmeras de segurança me filmaram? A Comandante Jameson encarregou você de me interrogar?

– Responda à pergunta, June.

Eu o olho furiosamente. Ele hesita, mas não se desculpa pela mudança de tom. *Será que chegou minha hora?*

– Eu não tirei a bomba de lá – afirmo.

Thomas não está convencido:

– Você não tirou a bomba de lá... – repete.

– Que mais posso lhe dizer? Fizeram outra verificação do estoque? Você tem certeza que falta alguma coisa?

Thomas pigarreia e diz:

– Alguém adulterou as câmeras de segurança aqui debaixo, por isso não temos nada filmado. – Ele dá um tapinha na arma. – Foi um trabalho bem-feito. E quando penso em trabalho bem-feito, penso em uma pessoa: você.

Meu coração acelera.

– Eu não quero fazer isto. – A voz de Thomas fica mais suave. – Mas achei estranho você passar tanto tempo interrogando Day. Você agora está

com pena dele? Você planejou alguma coisa para...

Ele não chega ao fim da frase.

Subitamente, uma explosão sacode todo o corredor e nos atira contra a parede. Poeira escorre pelo teto, centelhas tremeluzem no ar. Os Patriotas. A bomba eletromagnética. Eles a explodiram na praça. Afinal de contas, eles acabaram vindo de acordo com o programado, momentos antes de Day entrar no pátio do pelotão de fuzilamento. O que significa que todas as armas deste edifício vão ficar inativas por exatos dois minutos. *Obrigada, Kaede.*

Empurro Thomas com força contra a parede, antes que ele possa recuperar o equilíbrio, depois arranco a faca de seu cinto, alcanço a caixa da rede elétrica e a abro. Atrás de mim, Thomas tenta pegar sua arma, como se estivesse em câmara lenta.

– Peguem essa moça!

Pego a faca e corto toda a fiação elétrica da caixa de luz.

Há um estalo, uma chuva de fagulhas, todo o porão fica às escuras.

Escuto Thomas xingar: ele descobriu que sua arma não está funcionando. Os soldados tropeçam uns sobre os outros. Eu rapidamente vou Tateando até a escadaria.

– June! – grita Thomas de algum lugar atrás de mim. – Você não está entendendo! É para seu próprio bem!

As palavras transbordam da minha boca:

– Sei, foi isso que você disse ao Metias?

Não vai demorar para a energia de reserva funcionar. Não espero pela resposta de Thomas. Chego aos degraus e subo de três em três, contando os segundos desde que a bomba explodiu. Até agora, onze segundos. Faltam cento e nove segundos para as armas voltarem a ser ativadas.

Chego impetuosamente ao primeiro andar e encontro um caos. Soldados correndo para a praça, passos ecoando em todos os lugares. Abro caminho diretamente de volta ao pátio do pelotão de fuzilamento. Detalhes me percorrem a cabeça como uma saraivada de pensamentos. Faltam noventa e sete segundos. Há trinta e três soldados correndo do outro lado, sendo que doze na minha direção. Algumas telas planas estão negras, deve ser o corte

de energia, outras mostram o pandemônio na multidão lá fora. Alguma coisa está caindo do céu até a praça. Dinheiro! Os Patriotas estão jogando dinheiro dos telhados. Metade da multidão está lutando para sair da praça, enquanto a outra metade se embaralha toda para pegar as Notas.

Setenta e dois segundos. Chego ao corredor do pelotão de fuzilamento e num instante absorvo a cena: três soldados inconscientes. John e Day, ele com uma venda solta no pescoço, que os guardas devem ter posto nos olhos dele antes de a bomba explodir. Os dois estão lutando com um quarto soldado. Os outros devem ter sido chamados para ajudar a conter o tumulto na praça, mas não vão demorar, devem voltar logo, logo. Corro até eles e chuto os pés do soldado, fazendo que caia no chão. John lhe dá um soco no queixo. O soldado apaga.

Sessenta segundos. Day está oscilante, como se fosse desmaiar. Um soldado deve tê-lo golpeado na cabeça, ou talvez sua perna esteja causando o problema. John e eu o apoiamos entre nós, e eu os conduzo a um corredor mais estreito, separado dos corredores do pelotão de fuzilamento. Começamos a caminhar rumo às saídas. A voz da Comandante Jameson retumba nos interfones um segundo depois. Ela está furiosa.

– Executem esse garoto! *Agora!* Garantam que a praça transmita o fuzilamento!

– Droga! – murmura Day. Sua cabeça se inclina para um lado, seus reluzentes olhos azuis estão opacos e desconcentrados. Troco um olhar com John e vamos adiante. Soldados estarão voltando agora, para arrastar Day de volta ao pátio.

Vinte e sete segundos.

Estamos a quase oitenta metros das saídas. Estamos percorrendo um metro e meio por segundo, vinte e sete vezes um e meio equivale a pouco mais de quarenta metros. Em quarenta metros, as armas serão reativadas. Já posso ouvir as botas dos soldados nos corredores adjacentes aos nossos, fazendo barulho no piso. Provavelmente procurando por nós. Precisamos de pelo menos mais vinte e sete segundos para alcançar as portas, antes que eles nos peguem neste corredor. Eles vão disparar até nos matar, muito antes de conseguirmos sair.

Detesto esses meus cálculos.

John me olha rapidamente e diz:

– Nós não vamos conseguir.

Entre nós, Day está numa espécie de torpor. Se os irmãos continuarem e eu correr de volta para enfrentar os soldados, provavelmente só vou conseguir derrubar alguns, antes que eles acabem comigo, e vão alcançar John e Day.

John para de andar. Sinto o peso de Day em cima de mim.

– O que... – começo a dizer, até que vejo John tirar a venda do pescoço de Day e virar o corpo. Arregalo os olhos. Sei o que ele pretende fazer. – Não, não, fique com a gente!

– Vocês precisam de mais tempo – diz John. – Eles querem uma execução? Pois vão ter uma.

Ele começa a se afastar de nós correndo, voltando para o corredor.

Voltando para o pátio do pelotão de fuzilamento.

Não! “Não, não, John! Aonde você vai?” Gasto um segundo olhando para ele, me debatendo em dúvidas, sem saber se devo persegui-lo.

John vai fazer o que planeja.

Então a cabeça de Day se encosta no meu ombro. Faltam seis segundos. Não tenho escolha. Mesmo quando ouço os gritos dos soldados atrás de nós, no hall que leva ao pelotão de fuzilamento, eu me obrigo a olhar para a frente e ir adiante.

Zero segundo.

As armas são reativadas. Continuamos avançando. Passam-se mais segundos. Escuto um tumulto nos corredores atrás de nós. Tomo o cuidado de não olhar para trás.

Então chegamos às saídas, saímos apressadamente para a rua. Um par de soldados nos alcança. Já não tenho força para lutar, mas tento. Eis que alguém está lutando comigo, os soldados caem. Kaede corre na minha linha de visão, gritando:

– Eles estão aqui! Vai!

Eles estavam escondidos perto das saídas dos fundos, como combinamos. *Os Patriotas vieram nos ajudar.* Quero dizer para esperarem

por John, mas sei que não adianta. Eles nos agarram e nos levam para suas motocicletas. Tiro minha arma do cinto e a atiro no chão. Não posso permitir que o rastreador me acompanhe. Day vai numa motocicleta, eu, em outra. “Vamos esperar pelo John”, tenho vontade de dizer.

Mas então partimos. O Batalla Hall se afasta de nós.

DAY

Um clarão forte de relâmpago, um retumbar de trovão, o barulho de chuva forte. Longe daqui, o som pungente das sirenes que avisam sobre inundações. Abro os olhos, e os estreito para ver a água caindo neles. Por um instante, não consigo me lembrar de nada, nem do meu nome. Onde estou? O que aconteceu? Estou sentado bem ao lado de uma chaminé, encharcado. Estou no telhado de um edifício alto. A chuva cobre o mundo ao meu redor, o vento assobia através da minha camisa ensopada, ameaçando me fazer voar. Busco abrigo atrás da chaminé. Quando olho para o céu, vejo um campo interminável de nuvens que se movem, negras e furiosas, iluminadas pelos raios.

De repente, lembro de algumas coisas. Do pelotão de fuzilamento, do corredor, das telas planas. De John. Da explosão. De soldados em toda parte. De June. Era para eu estar morto, com o corpo crivado de balas.

– Você acordou!

Largada, quase invisível na noite, usando um traje preto, está June. Ela está sentada desconfortavelmente, encostada na parede da chaminé, sem se importar com o toró que lhe escorre no rosto. Eu mudo de lugar e me viro para ela. Um espasmo de dor percorre a minha perna machucada. Palavras parecem se prender na minha língua e se recusam a sair.

– Estamos nos arredores de Valência. Os Patriotas nos trouxeram para o lugar mais longe a que se dispuseram. Daqui, foram para Las Vegas. – Lágrimas escorrem de seus olhos. – Você está livre. Saia da Califórnia enquanto pode. Eles vão continuar a nos perseguir.

Abro e fecho a boca: estarei sonhando? Apresso-me a me aproximar dela. Uma das minhas mãos toca seu rosto.

– Que... que aconteceu? Você está bem? Como você me tirou do Batalla Hall? Eles sabem que você me ajudou?

June apenas olha fixamente para mim, como se tentando decidir se respondia ou não às minhas perguntas. Finalmente, ela olha de relance para a beira do telhado:

– Veja você mesmo.

Esforço-me para me levantar. Agora posso olhar do telhado para os telões que forram as paredes. Vou mancando até a beira do telhado, até a grade e olho para baixo. Estamos mesmo nos arredores. Agora dá para perceber que o edifício em que estamos empoleirados está abandonado e tapado com tábuas, e que apenas dois telões neste quarteirão inteiro estão funcionando. Olho para as telas.

A manchete que nelas aparece me deixa sem fôlego.

DANIEL ALTAN WING EXECUTADO HOJE POR UM PELOTÃO DE FUZILAMENTO

Um vídeo é mostrado atrás da manchete. Vejo uma gravação em que eu estou sentado na minha cela. Olho para a câmera, e então o vídeo corta para o pátio, onde o pelotão de fuzilamento está perfilado. Vários soldados arrastam até o centro do pátio um rapaz que luta. Não me lembro de nada disso. O garoto está vendado, com as mãos fortemente algemadas às suas costas. Ele parece meu sócia.

Exceto por alguns detalhes que somente eu poderia observar, seus ombros são ligeiramente mais largos do que os meus. Ele caminha com se estivesse mancando falsamente, sua boca parece mais com a do meu pai do que com a da minha mãe.

Aperto os olhos através da chuva. *Não pode ser...*

O rapaz para no centro do pátio. Seus guardas lhe dão as costas e se apressam em voltar ao lugar onde estavam. Uma fila de soldados levanta as armas. Os homens as apontam para ele. Há um breve e terrível silêncio. E então fagulhas e fumaça saem das armas. Vejo o garoto se contorcer a cada disparo, e depois cair de rosto para baixo na terra. Ouvem-se mais alguns tiros, e logo volta o silêncio.

O pelotão de fuzilamento rapidamente começa a agir. Dois soldados apanham o corpo do garoto e o levam para as câmeras de cremação.

Minhas mãos começam a tremer.

O garoto é John.

Giro o corpo e encaro June. Ela me observa em silêncio.

– Esse aí é o John! – grito, em meio à chuva. – Esse garoto é *John*! O que ele estava fazendo lá no pátio?

June não diz nada.

Não consigo respirar direito. Compreendo agora o que ela fez.

– Você não o levou de volta à cela! – consigo balbuciar. – Você simplesmente nos trocou!

– Não fui eu que fiz isso – responde ela. – Foi ele mesmo.

Vou mancando até ela. Agarro seus ombros e a empurro contra a chaminé.

– Quero que você me conte o que aconteceu! Por que ele fez isso? – grito. – Eu é que devia ter sido executado!

June grita de dor, então me dou conta de que está ferida. Tem um profundo corte no ombro, sua blusa está manchada de sangue. Que estou fazendo, gritando com ela? Rasgo uma faixa de tecido da parte de baixo da minha camisa, e tento passá-la pelo ombro dela, como faria Tess. Aperto o tecido e o amarro. June se retrai.

– Não é nada sério – mente ela. – Foi só uma bala que me pegou de raspão.

– Você está ferida em algum outro lugar?

Passo as mãos no seu outro braço, depois suavemente lhe toco a cintura e as pernas. Ela está tremendo.

– Acho que não – responde. – Estou bem. – Quando ponho fios molhados do seu cabelo atrás das suas orelhas, ela me olha e diz: – Day, as coisas não correram de acordo com meu plano. Eu queria libertar vocês dois e podia ter feito isso, mas...

A imagem do corpo inanimado de John mostrada no telão me desconcentra. Respiro fundo e pergunto:

– O que aconteceu?

– Não havia tempo suficiente. – Ela faz uma pausa. – Por isso John voltou. Ele ganhou tempo para nós ao voltar para o corredor. Eles pensaram que John era você. Ele estava até usando sua venda. Os soldados o agarraram e levaram de volta para o pátio do pelotão de fuzilamento. – Ela sacode a cabeça de novo. – Mas a esta altura a República já deve saber que eles cometeram um erro. Você precisa fugir, Day. Enquanto pode.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não me importa. Ajoelho em frente a June e agarro minha cabeça com as duas mãos, depois caio no chão. Nada mais faz sentido. Meu irmão estava preocupado comigo enquanto eu boabeava na minha cela, como um moleque mimado e egoísta. John sempre me punha em primeiro lugar.

– Ele não devia ter feito aquilo – sussurro. – Eu não mereço.

A mão de June se apoia na minha cabeça e ela diz:

– Ele sabia o que estava fazendo, Day. – Lágrimas também aparecem nos seus olhos. – Alguém precisa salvar o Éden. Por isso John salvou você. Como qualquer irmão faria.

Os olhos dela me olham com fervor. Ficamos aqui, imóveis, paralisados pela chuva. Parece uma eternidade. Recordo a noite que desencadeou isso tudo, a noite em que vi os soldados marcarem a porta da minha mãe. Se eu não tivesse ido àquele hospital, se eu não tivesse cruzado o caminho do irmão de June, se eu tivesse encontrado a cura para a praga em outro lugar... será que as coisas seriam diferentes? Estariam minha mãe e John ainda vivos? Estaria Éden a salvo?

Não sei. Estou com medo demais para avaliar esses pensamentos.

– Você jogou *tudo* fora. – Levanto a mão e toco seu rosto, para tirar a chuva dos seus cílios. – Toda a sua vida, suas convicções. Por que fez isso por mim?

June nunca esteve mais linda do que agora, sem enfeites e sincera, vulnerável mas invencível. Quando um raio percorre o céu, seus olhos negros reluzem como ouro.

– Porque você estava certo – sussurra ela. – Em relação a tudo.

Quando eu a puxo para abraçá-la, June seca uma lágrima do meu rosto e me beija. Depois enterra a cabeça no meu ombro. E aí eu me permito

chorar.



JUNE

**TRÊS DIAS DEPOIS.
BARSTOW, CALIFÓRNIA.
23H40. 11°C.**

O furacão Evônia finalmente começou a abrandar, mas a chuva, forte e fria, não para de cair em camadas. O céu continua a se agitar em fúria. Mesmo assim, o único telão de Barstow transmite as notícias que chegam de Los Angeles.

**ABANDONAR CIDADE: OBRIGATÓRIO PARA
ZEIN, GRIFFITH, WINTER, FOREST.
RECOMENDA-SE QUE TODOS OS CIDADÃOS DE
LOS ANGELES BUSQUEM ABRIGO EM LOCAIS
DE CINCO ANDARES OU MAIS ALTOS.**

**QUARENTENA SUSPensa NOS SETORES LAKE
E WINTER.**

**REPÚBLICA OBTÉM VITÓRIA DECISIVA SOBRE
COLÔNIAS EM MADISON, DAKOTA.**

**LOS ANGELES DECLARA PERSEGUIÇÃO
OFICIAL AOS REBELDES PATRIOTAS.**

DANIEL ALTAN WING EXECUTADO EM 26 DEZEMBRO POR PELOTÃO DE FUZILAMENTO.

É claro que a República divulgaria que a execução de Day foi um êxito, embora Day e eu saibamos que não foi bem assim. Já começaram os sussurros nas ruas e nos becos escuros, os boatos de que Day enganou a morte mais uma vez. E que uma jovem soldado da República o ajudou nisso. Os murmúrios continuam murmúrios, porque ninguém quer chamar a atenção da República, mas, mesmo assim, o povo continua a falar.

Barstow, mais tranquila do que o interior de Los Angeles, continua superlotada de gente, mas a polícia daqui não está procurando por nós, como a polícia da metrópole deve estar. Cidade de ferrovias e de edifícios em ruínas. Bom lugar para Day e eu nos abrigarmos. Gostaria que Ollie pudesse ter vindo conosco também. Se a Comandante Jameson não tivesse antecipado a execução em um dia... Eu queria tê-lo soltado do apartamento, tê-lo escondido num beco e depois voltar para apanhá-lo, mas agora é tarde demais. Que farão com ele? A ideia de Ollie, assustado e sozinho, latindo para os soldados que invadem meu apartamento, me causa um aperto na garganta. Ele é a única lembrança palpável que me resta de Metias.

Agora Day e eu nos esforçamos, por causa da chuva, para voltar ao pátio ferroviário, onde vamos montar acampamento. Tomo cuidado e fico nas sombras, mesmo nesta noite tempestuosa. Day mantém o boné inclinado sobre os olhos. Meti meu cabelo dentro da gola da blusa e passei um velho cachecol, agora encharcado, na parte inferior do rosto. Neste momento, isso é tudo que podemos fazer para nos disfarçarmos. Velhos vagões se acumulam no pátio da sucata, desbotados e enferrujados pelo tempo. São vinte e seis, se considerarmos um vagão de carga pela metade, todos da Union Pacific. Preciso me inclinar segundo a direção do vento, para não cair. A chuva causa fisgadas em meu ombro ferido. Nem Day nem eu dizemos uma só palavra.

Quando finalmente encontramos um vagão vazio (um vagão de carga de cento e cinquenta metros, com duas portas deslizantes – uma fechada pela

ferrugem, a outra aberta pela metade; deve ter sido projetado para carregar volumes sólidos), localizado de modo seguro, atrás de outros três no fundo do pátio, entramos nele e nos acomodamos num canto. O local está surpreendentemente limpo, suficientemente aquecido e, mais importante, está seco.

Day tira o boné e retorce o cabelo. Dá para ver que sua perna está doendo. Ele diz:

– É bom saber que os alertas contra as inundações continuam funcionando.

Concordo com a cabeça e comento:

– Acho difícil as patrulhas nos localizarem com este tempo.

Faço uma pausa para observá-lo. Mesmo agora, exausto e desarrumado, e completamente encharcado, ele tem uma espécie de elegância indomável.

– Que foi? – Ele para de torcer o cabelo.

Dou de ombros e digo:

– Você está com uma péssima aparência.

Isso faz Day sorrir um pouco, mas o sorriso vai embora tão depressa quanto veio. A culpa toma seu lugar. Eu me calo. Entendo por que ele se sente assim.

– Logo que a chuva parar – diz –, quero rumar para Vegas. Quero encontrar Tess e ver que ela está a salvo com os Patriotas, antes que a gente vá até o *front* para achar o Éden. Não posso deixá-la para trás. Tenho de saber se ela está melhor com os Patriotas do que conosco. – É como se ele estivesse tentando me convencer de que essa é a coisa certa a fazer. – Você não precisa ir – continua ele. – Pegue um outro caminho até o *front* e me encontre lá. Podemos escolher o ponto de encontro. É melhor arriscar apenas um de nós, do que os dois.

Quero dizer a Day que é loucura ir a uma cidade ocupada por militares como Vegas, mas não digo. Tudo o que consigo ver são os ombros estreitos curvados e os olhos arregalados. Day já perdeu a mãe e um irmão. Não pode perder Tess também. Digo a ele:

– Você *deve* mesmo tentar encontrá-la. Não precisa me convencer a fazer isso, mas vou com você, nem adianta.

Day fala, com expressão carrancuda:

– Não, você não vai.

– Você precisa de reforço. Seja sensato. Se alguma coisa lhe acontecer durante o trajeto, como vou saber que você está com problemas?

Day olha para mim. Mesmo na escuridão, não consigo tirar os olhos dele. A chuva limpou seu rosto. A faixa avermelhada de sangue no cabelo desapareceu. Restam apenas alguns hematomas. Ele parece um anjo, se bem que lesionado.

Desvio os olhos, constrangida, e justifico:

– Não quero que você vá sozinho.

Day suspira:

– Tudo bem. Vamos ao *front* para descobrir onde está o Éden, e depois atravessamos a divisa. As Colônias provavelmente vão nos receber bem, talvez até nos ajudar.

As Colônias. Há pouco tempo, elas me pareciam o maior inimigo do mundo.

– Tudo bem – digo.

Day se debruça até onde estou e estende a mão para tocar meu rosto. Percebo que ainda lhe dói mexer os dedos, as suas unhas estão escuras com o sangue seco. Ele diz:

– Você é muito inteligente, mas é uma boba de ficar com alguém como eu.

Fecho os olhos quando ele me toca:

– Então nós dois somos bobos.

Day me puxa para ele, então me beija antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Sua boca é quente e macia, e quando ele me beija com mais ímpeto, passo meu braço pelo pescoço dele e retribuo seu beijo. Nesse momento, não me importo com a dor em meu ombro. Não me importo se soldados nos acharem neste vagão ferroviário e nos arrastarem para fora daqui. Não quero estar em nenhum outro lugar. Só quero ficar aqui, segura contra o corpo de Day, presa em seu forte abraço.

– É estranho – digo depois para Day, quando nós dois nos aconchegamos no chão. Lá fora, o furacão mostra toda sua ira. Em algumas horas vamos

precisar ir embora daqui. – É estranho estar aqui com você. Eu mal o conheço... mas às vezes parece que somos a mesma pessoa, nascida em dois mundos diferentes.

Ele fica em silêncio um instante; uma das mãos brinca distraidamente com meu cabelo. Aí divago um pouco:

– Eu imagino como seria se eu tivesse nascido para viver uma vida como a sua, e você tivesse nascido para viver uma vida como a minha. Eu me pergunto se seríamos como somos agora. Será que eu seria um dos mais altos soldados da República? E você? Seria um famoso delinquente?

Tiro a cabeça do ombro dele e o olho:

– Nunca lhe perguntei sobre esse nome de guerra. Por que Day?

– Porque cada dia significa novas vinte e quatro horas. Cada dia quer dizer que tudo é possível de novo. Você pode aproveitar cada instante, pode morrer num instante, e tudo se resume a um dia após o outro. – Ele olha para a porta aberta do vagão da ferrovia, onde faixas escuras de água cobrem o mundo. – E aí você tenta caminhar sob a luz.

Fecho os olhos e penso em Metias, em todas as minhas lembranças favoritas, e até naquelas que eu preferiria esquecer, então o imagino banhado em luz. Na minha cabeça, eu me viro para ele e faço uma última despedida. Algum dia eu o verei novamente, e contaremos nossas histórias um ao outro... mas, por enquanto, eu o tranco em segurança, num lugar onde sua força possa me inspirar. Quando abro os olhos, Day está olhando para mim. Ele não sabe o que estou pensando, mas sei que reconhece a emoção em meu rosto.

Permanecemos deitados juntos, observando os raios e escutando os trovões, esperando pelo começo de um amanhecer chuvoso.

AGRADECIMENTOS

Todas as vezes em que folheio *Legend*, lembro de mim mesma aos catorze anos, escrevendo à luz de uma lâmpada até altas horas, nas noites de escola, feliz, sem a consciência de que o caminho até a publicação seria muito comprido. Agora sei que são necessárias muitas pessoas para se publicar um livro, e da diferença que faz o trabalho árduo feito por elas. Todos vocês merecem minha gratidão mais profunda:

À minha agente literária, Kristin Nelson, por ter aceitado um primeiro manuscrito que escrevi e não vendeu nada, mas ainda assim nunca haver hesitado na sua confiança em mim enquanto eu escrevia *Legend*, e também por suas brilhantes percepções sobre este livro, que o tornaram o que é hoje. Eu não estaria aqui se não fosse por você. À maravilhosa equipe da Nelson Literary Agency, por assegurar que nada desse errado: Lindsay Mergens, Anita Mumm, Angie Rasmussen e Sara Megibow.

À minha extraordinária editora Jen Besser, por tomar *Legend* sob seu cuidado e aprimorá-lo, numa história que brilha muito mais do que eu seria capaz de fazer sozinha. Sou muito afortunada por ter você a meu lado!

À inacreditável equipe da Putnam Children's e Penguin Young Readers que se dedicou a *Legend* apaixonadamente, e me tratou como uma princesa: Don Weisberg, Jen Loja, Shauna Fay, Ari Lewin, Cecilia Yung, Marikka Tamura, Cindy Howle, Rob Farren, Linda McCarthy, Theresa Evangelista, Emily Romero, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Casey McIntyre, Erin Gallagher, Mia Garcia, Lisa Kelly e Courtney Wood, e a todos os editores internacionais que acolheram *Legend* sob suas asas.

À minha incrível agente de entretenimento, Kassie Evashevski, por ter encontrado para *Legend* o melhor estúdio possível, e à Temple Hill e à CBS Films, por serem o já citado melhor estúdio. Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Marty Bowen, Grey Munford, Ally Mielnicki, Wolfgang Hammer, Amy Baer, Jonathan Levine, Andrew Barrer e Gabe Ferrari: vocês são o máximo!

Agradecimentos especiais para Wayne Alexander, por emprestar sua brilhante especialização jurídica a *Legend*.

A Kami Garcia e Sarah Rees Brennan, por terem disponibilizado tempo, apesar de sua vida ocupadíssima e talentosa, para oferecer a uma escritora novata duas espetaculares sinopses, e a JJ, Cindy Pon, Malinda Lo e Ellen Oh, por seus conselhos inestimáveis, palavras generosas e entretenimento pelo Twitter.

A Paul Gregory, pela mágica de ter me feito apresentável na minha foto como autora. A meus companheiros do site deviantArt, que me ajudam a desenvolver minha criatividade desde 2002, com suas palavras úteis e estimulantes. À minha família extremamente unida, por seu amor incondicional e por sempre me apoiar (e por toda a comida deliciosa).

E, mais importante, a Primo Gallanosa, que viu *Legend* em sua forma inicial (duas frases muito vagas), emprestou-me sua personalidade para eu compor Day, e seu nome para o cruel ditador da República, sugeriu que June fosse uma garota e prestou atenção ao que eu dizia dia e noite, no medo, na animação, na tristeza e na alegria. Eu te amo.

Título Original

LEGEND

Copyright © 2011 by Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), Inc.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

MARIANA MOURA

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

VANESSA GOLDMACHER

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROCCO
JORNALISTAS

M A R I E L U



TRILOGIA LEGEND

PRODIGY

OS OPOSTOS PERTO DO CAOS

M A R I E L U



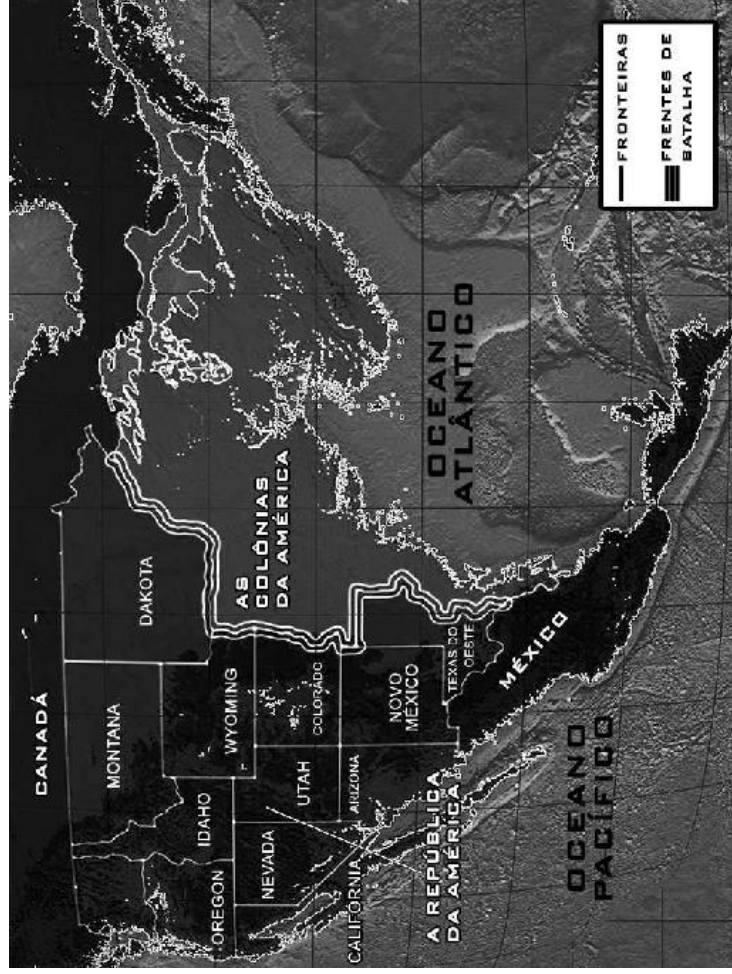
PRODIGY

OS OPOSTOS PERTO DO CAOS

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Primo Gallanosa, meu farol.



LAS VEGAS, NEVADA
REPÚBLICA DA AMÉRICA



POPULAÇÃO: 7.427.431 HABITANTES

JUNE

4 DE JANEIRO, 19H32.

HORÁRIO PADRÃO DO OCEANO.

35 DIAS DEPOIS DA MORTE DE METIAS.

Day acorda assustado ao meu lado. Sua testa está coberta de suor, e seu rosto, molhado de lágrimas. Ele respira com dificuldade.

Eu me debruço sobre ele e afasto uma mecha de cabelo molhada de seu rosto. A esfoladura no meu ombro já está coberta por uma casca, mas meus movimentos fazem com que volte a latejar. Day senta-se, esfrega os olhos e olha ao redor como se procurasse por alguma coisa dentro do vagão inclinado. Olha primeiro para as pilhas de engradados num canto escuro, depois para a lona que forra o chão e para a pequena sacola de comida e água entre nós. Ele demora um minuto para se reorientar e para se lembrar de que estamos pegando carona num trem com destino a Las Vegas. Passam-se alguns segundos até ele relaxar a postura rígida e se largar contra a parede.

Dou um tapinha afetuoso em sua mão.

– Você está bem?

Essa é minha pergunta constante.

Day dá de ombros e murmura:

– Estou. Foi só um pesadelo.

Nove dias se passaram desde que saímos de Batalla Hall e fugimos de Los Angeles. Desde então, Day tem pesadelos toda vez que fecha os olhos. Logo que fugimos, conseguimos dormir algumas horas em um pátio de manobras abandonado, e Day acordou gritando. Tivemos sorte, e nenhum soldado ou policial fazendo a ronda nas ruas o ouviu. Depois disso, criei o hábito de acariciar seus cabelos, assim que ele adormece, e de beijar seu rosto, a testa e as pálpebras. Ele ainda acorda aos soluços, e os olhos procuram freneticamente todas as coisas que perdeu, mas, pelo menos, faz isso em silêncio.

Às vezes, quando Day fica tranquilo assim, eu me pergunto se ele está conseguindo manter a sanidade. Essa ideia me assusta. Não posso me dar ao luxo de perdê-lo.

Fico tentando me convencer de que me sinto assim por razões práticas: teríamos reduzido nossa possibilidade de sobreviver sozinhos a esta altura, e as habilidades dele complementam as minhas. Além do mais, não me restou ninguém a quem proteger.

Também tenho minha cota de lágrimas, embora sempre espere para chorar depois de ele ter dormido. Ontem à noite gritei o nome de Ollie. Sinto-me meio boba ao chorar por meu cachorro quando a República matou nossas famílias, mas não posso evitar. Foi Metias que o levou para casa; era uma bolinha branca com patas enormes, orelhas penduradas e grandes e afetuosos olhos castanhos. A criatura mais doce e desengonçada que eu havia visto. Ollie era muito amado, e eu o deixara para trás.

– Com o que você sonhou? – sussurro.

– Não me lembro – responde ele.

Day muda de posição e estremece ao raspar sem querer a perna ferida no chão. A dor faz seu corpo enrijecer e percebo que seus braços estão rígidos sob a camisa, protuberâncias de puro músculo, resultado de sua luta pela vida nas ruas. Um respirar forçado lhe escapa dos lábios. *A maneira como ele me empurrou contra a parede daquele beco, o ardor de seu primeiro beijo.* Desvio o olhar de sua boca e tento afugentar aquela lembrança, constrangida.

Ele aponta com a cabeça para as portas laterais do vagão e pergunta:

– Onde estamos agora? Devemos estar perto, não?

Eu me levanto, satisfeita porque a pergunta me deu algo novo em que pensar, e me apoio na parede oscilante enquanto espreito pela janela minúscula do vagão. A paisagem não mudou muito: filas intermináveis de prédios de apartamentos e fábricas, chaminés e antigas autoestradas abauladas, todas banhadas pelos tons azuis, acinzentados e roxos da chuva vespertina. Ainda estávamos passando pelas favelas, que pareciam idênticas às de Los Angeles. Uma enorme represa se estende ao longe. Espero até um enorme telão começar a piscar, depois aperto os olhos para ver as letrinhas no canto debaixo da tela.

– Boulder City, Nevada. Estamos bem perto agora. O trem provavelmente vai parar aqui por algum tempo, mas depois não deve demorar mais de trinta e cinco minutos para chegar a Vegas.

Day inclina a cabeça, concordando. Ele se debruça, abre a nossa sacola de alimentos, procura algo para comer e diz:

– Beleza! Quanto mais rápido chegarmos, mais rápido vamos encontrar os Patriotas.

Ele parece distante. Às vezes, Day me conta seus sonhos: ser reprovado na sua Prova, perder Tess nas ruas ou fugir das patrulhas contra a praga. Tem também pesadelos sobre ser o criminoso mais procurado da República. Em outras ocasiões, quando fica do jeito que está agora e não me conta nada, sei que ele sonhou com a família dele: a morte da mãe ou de John. Talvez seja mesmo melhor que ele não me fale sobre seus pesadelos. Meus sonhos ruins já são suficientes para me assombrar e não sei se tenho coragem de saber os dele.

– Você está mesmo determinado a encontrar os Patriotas, não está? – pergunto quando Day tira da sacola de alimentos um naco rançoso de massa frita. Esta não é a primeira vez que questiono sua insistência em ir a Vegas, e sou cautelosa quanto à maneira de abordar o assunto. A última coisa que quero é que Day pense que não me importo com Tess, ou que tenho medo de me defrontar com o famoso grupo rebelde dos Patriotas. – Tess foi com eles porque quis. Será que estamos colocando-a em perigo ao tentar reavê-la?

Day não responde imediatamente. Ele parte a massa frita pela metade e me oferece um pedaço:

– Pega um pedaço. Já faz um tempo que você não come.

Ergo a mão gentilmente, num sinal negativo, e respondo:

– Não, obrigada. Não gosto de massa frita.

No mesmo instante, desejei engolir minhas palavras. Day baixa os olhos, recoloca a segunda metade na sacola e começa a comer seu pedaço. Eu sou uma idiota: *Não gosto de massa frita*. Quase consigo ouvir o que se passa na cabeça dele: *Pobre menina rica, com suas frescuras e modos elegantes. Ela pode se dar ao luxo de não gostar da comida*.

Eu me censuro em silêncio e prometo ter mais cuidado na próxima vez.

Após mastigar um pouco, Day finalmente responde:

– Eu não vou deixar Tess pra trás sem saber se ela está bem.

Claro que ele não faria isso. Day jamais deixaria para trás uma pessoa com quem se importasse, especialmente a menina órfã com quem cresceu nas ruas. Também compreendo o valor em potencial de encontrar os Patriotas; afinal de contas, os rebeldes nos ajudaram a fugir de Los Angeles. São um grupo grande e bem organizado.

Talvez eles tenham informações sobre o que a República está fazendo com Éden, o irmãozinho caçula de Day. Pode ser até que possam ajudar a curar seu ferimento na perna. Desde aquela manhã fatídica em que a Comandante Jameson lhe deu um tiro na perna e o prendeu, a lesão de Day parece uma roda-gigante: melhora e depois piora. Sua perna esquerda é agora uma massa de ossos quebrados e carne sangrenta. Ele precisa de cuidados médicos.

Temos, porém, um problema.

– Os Patriotas só vão nos ajudar se forem pagos, Day. Que podemos dar a eles?

Para enfatizar o que disse, meto a mão nos bolsos e deles tiro um pequeno maço de dinheiro, quatro mil Notas. Era tudo que eu tinha comigo antes de fugirmos. É incrível como sinto falta do luxo da minha antiga vida. Existem *milhões* de Notas em nome da minha família, Notas às quais jamais voltarei a ter acesso.

Day fica examinando o pedaço de massa em sua mão, e considera minhas palavras, com os lábios cerrados.

– É, eu sei – diz ele, passando a mão no cabelo louro emaranhado –, mas o que você sugere que a gente faça? A quem mais podemos recorrer?

Sacudo a cabeça, em sinal de impotência. Day está certo a esse respeito; embora eu não tenha o menor prazer em rever os Patriotas, nossas opções são bastante limitadas. Antes, quando os Patriotas nos ajudaram a fugir do Batalla Hall, quando Day continuava inconsciente e eu estava ferida no ombro, pedi aos Patriotas que nos deixassem ir com eles até Vegas. Eu esperava que eles continuassem a nos ajudar, mas...

Eles se recusaram.

– Tu só pagou a gente para impedir que Day fosse executado; *não pagou* para levar esse traseiro machucado de vocês daqui até Vegas. – Foi o que Kaede disse na ocasião. E completou: – Os soldados da República estão

caçando vocês por aí. Isso aqui não é uma instituição de caridade. Não vou arriscar meu lindo pescocinho por vocês dois de novo; só se tiver grana na jogada.

Até essa altura, eu quase havia acreditado que os Patriotas se importavam conosco, mas as palavras de Kaede me trouxeram de volta à realidade. Eles só nos ajudaram porque paguei à Kaede 200 mil Notas da República, o dinheiro que recebi como recompensa pela captura de Day. Mesmo assim, foi necessária alguma persuasão antes que ela mandasse seus companheiros Patriotas nos ajudar.

Permitiram que Day visse Tess. Deram um jeito em sua perna machucada. Ajudaram-nos com informações sobre o paradeiro do irmão de Day. Todas essas coisas implicam suborno.

Foi uma pena eu não ter tido oportunidade de pegar mais dinheiro antes de irmos embora.

– Vegas é o pior lugar possível para ficarmos perambulando sozinhos – digo a Day enquanto cuidadosamente esfrego meu ombro em processo de cura. – Talvez os Patriotas nem nos recebam. Só quero ter certeza de que estamos fazendo a coisa certa.

– June, sei que você não consegue acreditar que os Patriotas sejam nossos aliados – respondeu Day. – Você foi treinada para odiá-los, mas eles são *mesmo* aliados em potencial. Confio neles mais do que na República. Você não?

Não sei se ele pretendia que suas palavras parecessem ofensivas. Day não entendeu o que estou tentando dizer: os Patriotas provavelmente não nos ajudarão, e, nesse caso, ficaremos sem saída numa cidade militar.

Ele acha que estou hesitando porque não confio nos Patriotas. E que, lá no fundo, continuo a ser June Iparis, a prodígio mais celebrada da República, e que ainda sou leal a este país. *Será que isso é verdade?*

Agora sou uma criminoso e nunca poderei voltar a desfrutar os privilégios da minha antiga vida. Esses pensamentos me dão uma sensação de náusea e de vazio no estômago, como se eu sentisse falta de ser a queridinha da República. Talvez seja isso mesmo.

Se já não sou a “queridinha da República”, então quem sou eu?

– Tudo bem. Vamos tentar encontrar os Patriotas – digo.

Está claro para mim que não vou conseguir persuadi-lo a fazer qualquer outra coisa.

Day faz um sinal afirmativo com a cabeça e sussurra:

– Obrigado.

A sombra de um sorriso surge no seu rosto adorável, animando-me com seu irresistível calor, mas ele não tenta me abraçar, nem pegar na minha mão. Não se aproxima para que nossos ombros se toquem, não acaricia meu cabelo, não murmura tranquilizadamente no meu ouvido, nem apoia sua cabeça na minha. Eu não tinha me dado conta do quanto ansiava por esses pequenos gestos. De alguma forma, nunca estivemos tão separados quanto agora.

Talvez o pesadelo dele tenha sido comigo.

Aconteceu tão logo chegamos à Strip, a rua principal de Las Vegas, onde ficam os cassinos.

O anúncio.

Para começo de conversa, se há um lugar em Vegas onde não deveríamos estar é na sua principal artéria. Grandes telões (seis deles em cada quarteirão) ocupam os dois lados da rua mais movimentada da cidade; as telas exibem uma sucessão interminável de notícias. Conjuntos ofuscantes de focos de luz clareiam as paredes obsessivamente. Os edifícios devem ser duas vezes maiores que os de Los Angeles.

O centro da cidade é dominado por arranha-céus monumentais e enormes plataformas de desembarque em forma de pirâmides (oito delas com bases quadradas e lados em triângulos equiláteros), com luzes brilhantes emitidas por suas extremidades. O ar do deserto fede à fumaça e é tão seco que chega a incomodar; aqui não há furacões para saciar a sede – aquela bebida feita de melão e suco de maracujá –, nem áreas à beira-mar, nem lagos.

Tropas avançam para cima e para baixo, patrulhando as ruas (em formação quadrangular alongada, típica de Vegas). Trajam o uniforme preto listrado dos soldados que cumprem sua rota indo e vindo da zona de combate. Mais adiante, depois da rua principal de arranha-céus, há filas de aviões de caça posicionados em uma larga faixa do aeroporto. Dirigíveis trafegam acima.

Esta é uma cidade militar, um mundo de soldados.

O sol acabara de se pôr quando Day e eu atravessamos a rua principal. Day apoia todo o seu peso em meu ombro, enquanto tentamos nos misturar à multidão. Sua respiração é fraca e o rosto estampa sua dor. Faço o possível para apoiá-lo sem parecer deslocada, mas seu peso me faz andar em linhas tortas, como se eu tivesse bebido muito.

– Como estamos nos saindo? – murmura ele em meu ouvido; seus lábios quentes roçando minha pele. Não sei dizer se está meio delirante por causa da dor, ou se é a minha roupa, mas não me importo com seu evidente flerte esta noite. É uma mudança prazerosa da nossa constrangedora viagem de trem. Ele tem o cuidado de manter a cabeça baixa e inclinada para se ocultar dos soldados que percorrem sem cessar as calçadas, os olhos escondidos sob os longos cílios. Day se mexe, inquieto, na jaqueta militar e nas calças. Um quepe preto de soldado esconde o cabelo louro como trigo e bloqueia grande parte do seu rosto.

– Razoavelmente bem – respondo. – Lembre-se de que você está bêbado e feliz. Supostamente, você está louco de desejo por sua acompanhante. Tente sorrir um pouquinho mais.

Day estampa um grande sorriso artificial no rosto, ainda assim consegue ser tão encantador como sempre.

– Como assim, querida? Eu todo crente que estava arrasando. Estou agarrado com a maior gata deste quarteirão; como é que *eu* podia *não* estar louco de desejo por você? Não dá para *ver* que estou louco de desejo por você? É assim que faço quando estou louco de desejo por alguém. – Ele pisca freneticamente.

Ele está tão ridículo que começo a rir. Um pedestre me encara.

– Assim é *muito* melhor.

Estremeço quando ele roça o rosto em meu pescoço.

Continue fingindo. Concentre-se.

As quinquilharias que tenho na cintura e ao redor do tornozelo parecem sininhos enquanto andamos.

– Como está sua perna?

Day se afasta um pouco e diz:

– Estava indo muito bem até você tocar no assunto – geme, e depois estremece ao tropeçar em um buraco da calçada. Eu o seguro com mais força.

- Eu consigo aguentar até pararmos para descansar.
- Lembre-se de pôr dois dedos na testa se precisar parar.
- Tá legal. Eu aviso quando estiver mal.

Uma dupla de soldados caminha em nossa direção com suas próprias garotas de programa. Meninas sorridentes com sombras chamativas nos olhos e tatuagens bem-feitas no rosto, os corpos mal cobertos por trajes de dança e plumas vermelhas artificiais. Um dos soldados me olha, ri e arregala os olhos vidrados.

– De onde você saiu, gostosa? – pergunta ele com voz enrolada. – Não me lembro de ter visto você por aqui.

Ele tenta me pegar pela cintura, as mãos buscando minha pele nua. Antes que ele possa me alcançar, o braço de Day se move rapidamente e empurra com força o soldado.

– *Não toque nela.*

Day dá um sorriso moleque e pisca para o soldado, mantendo os modos despreocupados, mas a advertência nos olhos e na voz faz o outro homem recuar. Ele pisca para nós dois, resmunga baixinho alguma coisa e sai cambaleante, com os amigos.

Tento imitar a maneira como as garotas de programa riem, e jogo o cabelo para trás.

– Da próxima vez, não se preocupe comigo – sibilo no ouvido de Day mesmo enquanto o beijo no rosto, como se ele fosse o melhor cliente. – A última coisa de que precisamos é uma briga.

– Como assim? – Day dá de ombros e volta a andar, dolorosamente. – Seria uma briga patética. Ele mal conseguiria ficar de pé...

Sacudo a cabeça e resolvo ignorar a ironia.

Um terceiro grupo de soldados passa tropeçando por nós, totalmente embriagados. (São sete cadetes, dois tenentes, exibindo braçadeiras douradas com insígnias do estado de Dakota, o que quer dizer que eles acabaram de chegar do Norte e ainda não trocaram seus identificadores pelos novos com o batalhão da frente de batalha.) Estão abraçados a garotas de programa das boates do Bellagio: moças espalhafatosas com gargantilhas escarlates e tatuagens com a letra *B* nos braços. Esses soldados provavelmente estão acomodados nas barracas acima das boates.

Examino de novo meu próprio traje, roubado dos camarins do Sun Palace. Para todos os efeitos, pareço uma garota de programa. Estou com correntes e quinquilharias douradas na cintura e nos tornozelos, além de plumas e fitas douradas presas no meu cabelo trançado escarlata (tingido por spray). Exibo também uma sombra esfumaçada cintilante nos olhos e uma tatuagem de uma fênix ameaçadora que vai da lateral do rosto até a pálpebra. Minha roupa vermelha deixa meus braços e cintura expostos, e renda negra reveste minhas botas.

Mas há uma coisa na minha indumentária que as outras moças não estão usando: uma corrente de treze pequenos espelhos reluzentes, parcialmente ocultos entre os demais ornamentos enrolados nos meus tornozelos, que, vista de longe, parece uma tornozeleira qualquer. Nada que chame a atenção, mas, de vez em quando, quando as luzes da cidade focalizam a corrente, ela se transforma numa fileira de luzes cintilantes e brilhantes. Treze, o número não oficial dos Patriotas. Esse é nosso sinal para eles, que devem estar vigiando a rua principal de Vegas o tempo todo, de modo que sei que eles pelo menos notarão uma fila de luzes reluzindo sobre mim. E quando isso acontecer, vão nos reconhecer como a mesma dupla que ajudaram a resgatar em Los Angeles.

Os telões da rua estalam por um instante. O juramento deve estar para começar. Ao contrário de Los Angeles, Vegas faz o juramento nacional cinco vezes por dia. Todas as telas param qualquer comercial ou noticiário que esteja no ar, para substituí-lo por uma enorme imagem do Primeiro Eleitor e, em seguida, transmitir a seguinte declaração no sistema de som da cidade:

Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!

Há pouco tempo, eu costumava recitar esse juramento todas as manhãs e todas as tardes, com o mesmo entusiasmo de qualquer outra pessoa. Determinada a impedir as Colônias da costa leste de assumirem o controle de nosso precioso litoral oeste. Isso foi antes de eu tomar conhecimento do papel da República nas mortes da minha família. Hoje, não sei bem o que pensar. Permitir que as Colônias vençam?

As enormes telas começam a transmitir um noticiário, uma recapitulação das notícias da semana. Day e eu assistimos às manchetes aparecerem rapidamente nas telas:

REPÚBLICA TRIUNFA E CONTROLA
QUILÔMETROS DE TERRAS DAS COLÔNIAS NA
BATALHA POR AMARILLO, LESTE DO TEXAS

ALERTA CONTRA INUNDAÇÃO EM
SACRAMENTO, CALIFÓRNIA, CANCELADO.

ELEITOR VISITA TROPAS NA FRENTE DE
BATALHA DO NORTE, PARA INCENTIVAR O
MORAL

Em geral, a maioria das notícias é desinteressante: são as costumeiras manchetes que chegam da frente de combate, atualizações sobre clima e leis, e avisos de quarentena para Vegas.

Day me dá um tapinha no ombro e aponta para um dos telões, que informa:

QUARENTENA EM LOS ANGELES ESTENDIDA
AOS SETORES ESMERALDA E OPALA

– Os setores de joias? – sussurra Day. Meus olhos continuam fixos na tela, embora a manchete já tenha passado. – Não é lá que vive o pessoal cheio da nota?

Não sei direito o que responder, porque ainda estou refletindo sobre a informação. Os setores Esmeralda e Opala... Só pode ser um engano? Ou será que as pragas em Los Angeles se agravaram tanto assim para serem transmitidas até pelos telões de Vegas? Eu nunca, *nunca*, vi quarentenas serem

estendidas para os bairros da classe alta. O setor Esmeralda faz divisa com o Rubi – será que isso quer dizer que o bairro onde fica minha casa também vai ficar de quarentena? E nossas vacinas? Elas não deveriam evitar esse tipo de coisa? Repasso as anotações do diário de Metias. Ele escreveu: *Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo.* Lembro tudo que Metias havia descoberto, as fábricas subterrâneas, as ferozes enfermidades, as pragas sistemáticas... Um calafrio me invade, mas digo a mim mesma que Los Angeles vai sobreviver. A praga vai ser eliminada, como sempre acontece.

Os telões exibem mais manchetes. Uma, bem conhecida, é sobre a execução de Day, e mostra o clipe do local do fuzilamento, onde John foi atingido pelas balas destinadas a Day e depois tombou com o rosto no chão. Day desvia o olhar para a calçada.

**DESAPARECIDA:
PREVIDÊNCIA SOCIAL Nº 2001963034**

NOME:	JUNE IPARIS AGENTE DA PATRULHA MUNICIPAL DE LOS ANGELES
IDADE/SEXO:	15 ANOS, FEMININO
ALTURA:	1,65
CABELO:	CASTANHO
OLHOS:	CASTANHOS
PELE:	MORENA CLARA
ETNIA PREDOMINANTE:	MONGOL

VISTA PELA ÚLTIMA VEZ PERTO DE BATALLA
HALL, LOS ANGELES, CALIFÓRNIA.
RECOMPENSA: 350.000 NOTAS DA REPÚBLICA.
SE VOCÊ A VIR, INFORME IMEDIATAMENTE À
POLÍCIA LOCAL

É isso que a República deseja que a população pense: que estou desaparecida e que eles esperam me levar de volta sã e salva. O que eles *não* dizem é que provavelmente me querem morta. Ajudei o criminoso mais procurado do país a fugir de sua execução, ajudei os Patriotas rebeldes num levante encenado contra um quartel-general militar e dei as costas à República.

Entretanto, eles não querem que essas informações se tornem públicas, por isso me perseguem em silêncio. O anúncio mostra uma fotografia minha de frente, sem sorrir, de cara limpa, exceto por um toque de brilho nos lábios, cabelo escuro preso num rabo de cavalo e um emblema dourado da República reluzindo contra minha jaqueta negra. A foto da minha identidade militar. Neste instante, fico aliviada porque a tatuagem da fênix esconde metade do meu rosto.

Atingimos a metade da rua principal antes que os alto-falantes estalem de novo para transmitir o juramento. Day e eu ficamos imóveis. Day tropeça mais uma vez e quase cai, mas consigo segurá-lo rápido o bastante para que ele se mantenha ereto. As pessoas nas ruas observam os telões, exceto por um punhado de soldados a postos em cada cruzamento, a fim de assegurar a participação de todos. De repente, as imagens desaparecem e as telas ficam todas negras, e então surge o retrato em alta definição do Primeiro Eleitor.

Juro fidelidade...

É quase reconfortante repetir essas palavras junto às pessoas nas ruas, pelo menos até eu me lembrar de como tudo mudou. Recordo a noite em que capturei Day, quando o Eleitor e seu filho me parabenizaram pessoalmente por colocar um criminoso notório atrás das grades. Lembro-me de como era o Eleitor pessoalmente. O retrato nos telões mostra os mesmos olhos verdes, o

queixo determinado, os cabelos pretos encaracolados, mas omitem a frieza de sua expressão e a cor doentia de sua pele. Seus retratos passam uma impressão paternal, com saudáveis bochechas rosadas. Não era assim que eu me lembrava dele.

... à bandeira da nossa grande República da América...

De repente, a transmissão para. Há silêncio nas ruas, e depois um coro de sussurros confusos. Franzo a testa. Que estranho. Eu *nunca* vi o juramento ser interrompido, nenhuma vez sequer. E o sistema dos telões parece estar ligado, de modo que a interrupção de uma tela não deveria afetar as demais.

Day observa as telas congeladas enquanto olho rapidamente para os soldados que cercam a rua.

– Um probleminha técnico? – A dificuldade com que ele respira me preocupa. *Aguenta só mais um pouco. Não podemos parar aqui.*

Sacudo a cabeça e respondo:

– Não. Observe as tropas. – Faço um sinal sutil com a cabeça na direção dos soldados. – Eles mudaram de postura. Seus rifles já não estão mais pendurados nos ombros, estão nas mãos deles. Estão se preparando para uma reação do povo.

Day balança a cabeça devagar. Está terrivelmente pálido.

– Aconteceu alguma coisa.

O retrato do Eleitor desaparece dos telões e é imediatamente substituído por uma série de imagens. Elas mostram um homem que é a imagem exata do Eleitor, só que muito mais jovem, com vinte e poucos anos, e os mesmos olhos verdes e cabelo negro e ondulado. Rapidamente recorro como fiquei empolgada quando o conheci no Baile da Celebração. Ele é Anden Stavropoulos, o filho do Primeiro Eleitor.

Day está certo. Aconteceu alguma coisa importante.

O Eleitor da República morreu.

Outra voz animada fala pelos alto-falantes:

– Antes de continuarmos nosso juramento, devemos instruir todos os soldados e civis para que substituam o retrato do Eleitor nas suas casas. Vocês podem obter um novo retrato na sede da polícia local. Em duas semanas terão início as inspeções para garantir sua cooperação.

A voz anuncia os supostos resultados de uma eleição geral no país, mas não faz qualquer menção à morte do Eleitor, nem da promoção de seu filho. A República simplesmente trocou de Eleitor sem interromper o ritmo das atividades, como se Anden fosse a mesma pessoa que seu pai.

Minha cabeça está a mil; tento lembrar o que aprendi no colégio sobre a escolha de um novo Eleitor. O Eleitor sempre escolhia o sucessor, e uma eleição nacional deveria confirmar a escolha. Não me surpreende que Anden seja o primeiro na linha sucessória, mas nosso Eleitor estava no poder havia décadas, muito antes de eu nascer. E agora ele se fora. Nosso mundo se transformou em uma questão de segundos.

Da mesma forma que eu e Day, todos na rua compreendem qual é a coisa adequada a fazer: como se tivéssemos sido instruídos, fazemos uma reverência aos retratos do Eleitor nos telões e recitamos a parte que faltava no juramento e que reaparece nas telas:

... a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!

Repetimos essas palavras várias vezes, enquanto elas permaneciam nas telas, pois ninguém ousava parar de dizê-las. Olho de relance para os guardas em toda a extensão das ruas. Suas mãos apertam os rifles. Finalmente, após o que parecem horas, as palavras desaparecem e os telões voltam à sequência habitual de notícias. Todos nós recomeçamos a caminhar, como se nada tivesse acontecido.

E então, Day tropeça. Desta vez eu o sinto tremer, e meu coração se aperta.

– Não pare de andar – sussurro.

Para minha surpresa, quase digo “*Não pare de andar, Metias*”.

Tento segurá-lo, mas ele escorrega.

– Não consigo – murmura. Seu rosto brilha de suor, e os olhos estão fechados firmemente, de tanta dor. Ele põe dois dedos na testa e para. Não pode mais continuar.

Olho apavorada ao redor. Há um grande número de soldados, e ainda temos muito que andar.

– Nada disso, você precisa prosseguir – afirmo. – *Ande* comigo, você consegue.

Desta vez, porém, não adianta. Antes que eu possa apanhá-lo, ele cai com as mãos apoiadas no chão.



O Primeiro Eleitor está morto.

Tudo isso é meio sem graça, não é, não? O lógico seria que a morte do Eleitor fosse acompanhada por uma pomposa marcha fúnebre cheia de artigos religiosos, pânico nas ruas, luto nacional, desfiles de soldados disparando tiros em direção ao céu. E também um enorme banquete, bandeiras a meio pau, estandartes brancos pendurados em todos os edifícios. Alguma coisa espetacular desse tipo. Acontece que eu não tinha vivido tempo suficiente para ver um Eleitor morrer. Exceto pela divulgação da indicação de sucessor do finado Eleitor e de uma eleição nacional fraudada em nome das aparências, eu não fazia ideia de como isso funcionava.

Acho que a República apenas finge que isso nunca aconteceu e vai direto para o próximo Eleitor. Lembro agora de ler sobre isso em uma das minhas aulas no colégio. *Quando chegar a hora de um novo Primeiro Eleitor, o país deve lembrar às pessoas que se concentrem no aspecto positivo. O luto gera fraqueza e caos. Seguir em frente é a única maneira.* Sei... E essas são palavras vindas de um governo que teme mostrar insegurança aos civis...

Mas tenho apenas um segundo para refletir sobre isso.

Mal acabamos o novo juramento, uma dor aguda me atinge a perna.

Antes que eu possa evitar, dobro o corpo e caio em cima do joelho bom. Dois soldados viram a cabeça na nossa direção. Rio o mais alto que posso, fingindo que as lágrimas nos meus olhos são de divertimento. June entra no meu jogo, mas percebo o medo no seu rosto.

– Vamos – sussurra ela freneticamente. Um dos seus braços longos rodeia minha cintura, e tento pegar a mão que ela me estende. Na calçada, as pessoas reparam em nós pela primeira vez. – Você precisa levantar. *Ande logo!*

Recorro a toda a minha força para manter um sorriso no rosto. *Preciso me concentrar em June.* Tento me levantar, mas caio de novo. Merda! A dor é muito forte. Luzes brancas me dão estocadas no fundo dos olhos. *Respire,* digo a mim mesmo. *Você não pode desmaiar bem no meio da rua principal de Vegas.*

– Qual é o problema, soldado?

Um cabo jovem e de olhos castanho-claros está na nossa frente, de braços cruzados. Dá para perceber que tem pressa, mas aparentemente não o suficiente para que ele não nos examine. Ele ergue uma sobrancelha para mim e pergunta:

– Tudo bem? Você está branco feito neve, garoto.

Corra. Sinto um desejo forte de gritar para June: *Saia daqui, dá tempo.* Ela, porém, evita que eu fale e diz:

– Peço que o desculpe, senhor. Nunca vi um cliente da Bellagio beber tanto de uma só vez. – Ela sacode a cabeça com pesar e faz um sinal para que o cabo se afaste. – É melhor o senhor se afastar – continua –, acho que ele precisa vomitar.

Fico surpreso – mais uma vez – com a suavidade com que ela consegue se transformar em outra pessoa. Da mesma forma que ela me enganou nas ruas de Lake.

O cabo franze a testa para ela em dúvida, antes de virar as costas para mim. Seus olhos focalizam minha perna lesionada. Embora ela esteja escondida sob uma grossa camada de calças, ele a analisa e diz:

– Não sei direito se sua acompanhante sabe do que está falando. Parece que você precisa ir a um hospital.

Ele acena com a mão para deter uma ambulância que passava.

Sacudo a cabeça e consigo dizer, com um riso débil:

– Não, senhor, obrigado. Essa princesa fica me contando uma porção de piadas. Só preciso voltar a respirar direito, e depois curar meu porre dormindo. A gente...

Mas ele não está prestando atenção ao que digo. Xingo em silêncio. Se formos para o hospital, vão tirar nossas impressões digitais, e saberão exatamente quem somos: os dois fugitivos mais procurados pela República.

Não ousou olhar para June, mas sei que ela também está tentando encontrar uma solução.

Nesse instante, alguém atrás do militar mostra a cabeça.

É uma garota que June e eu reconhecemos imediatamente, embora eu nunca a tenha visto com um uniforme da República. Um par de óculos de piloto está pendurado no seu pescoço. Ela anda em volta do cabo e fica em frente a mim, sorrindo com tolerância.

– Ei! – exclama ela. – Bem que eu *desconfiei* que era você. Eu vi você cambaleando na rua feito um doido!

O militar observa quando ela me arrasta até eu ficar de pé e me dá um forte tapa nas costas. Cambaleio, mas dou-lhe um sorriso de orelha a orelha, como se a tivesse conhecido a vida inteira.

– Senti sua falta – resolvo dizer.

O cabo faz um gesto impaciente para a moça e pergunta:

– Você conhece esse cara?

A moça dá um piparote irreverente no cabelo negro curto e lhe dá o sorriso mais sensual que já vi na vida.

– Se eu o *conheço*, senhor? A gente fazia parte da mesma esquadrilha no nosso primeiro ano. – Ela pisca para mim. – Parece que ele voltou a aprontar pelos cassinos de Vegas.

O cabo ri desdenhosamente e revira os olhos.

– Crias da Aeronáutica, certo? Bem, não deixe ele fazer mais escândalo. Fico quase tentado a reportá-los ao comandante de vocês...

Ele parece se lembrar do que estava fazendo antes, e vai embora apressado.

Respiro aliviado. Essa foi por um triz.

Quando ele se vai, a moça me dá um sorriso cativante. Mesmo debaixo de uma das mangas do seu paletó, dá pra ver que um dos braços está engessado.

– Meu alojamento é perto daqui – insinua ela. O tom de sua voz me leva a crer que ela não está feliz de nos ver. – Que tal descansar lá um pouco? Pode até levar seu novo “brinquedinho”. – A moça aponta para June com a cabeça ao dizer isso.

Kaede. Ela não mudou nada desde a tarde em que a conheci, quando pensei que fosse apenas uma *bartender* com uma tatuagem de parreira. Antes de eu saber que ela era uma Patriota.

– Mostre o caminho – respondi.

Kaede ajuda June a me apoiar por mais um quarteirão. Ela nos faz parar em frente às refinadas portas esculpidas do Venezia, um edifício de muitos andares de alojamentos militares, depois passamos por um entediado guarda na entrada e entramos no vestíbulo principal do prédio. O pé-direito é alto o bastante para me dar vertigem, e vejo com os cantos dos olhos as insígnias da República e retratos do Eleitor pendurados entre as colunas de pedras. Os guardas estão apressados para substituir esses retratos por retratos atualizados. Kaede nos conduz enquanto tagarela sem parar uma porção de abobrinhas. Seu cabelo negro agora está ainda mais curto, cortado rente e à altura do queixo, e os olhos estão borrados por uma sombra azul-marinho. Nunca tinha reparado que ela e eu temos quase a mesma altura. Soldados se deslocam para cima e para baixo, e fico na expectativa de que um deles me reconheça dos cartazes de “procura-se”. Eles vão reparar em June, mesmo disfarçada, ou se darão conta de que Kaede não é militar. Então, ficarão todos em cima da gente como moscas e nós não teremos a menor chance.

Mas ninguém nos interroga, e o fato de eu estar mancando até nos ajuda a nos misturarmos à multidão; vejo vários outros soldados com braços ou pernas engessados. Kaede nos leva até os elevadores; nunca andei de elevador, porque nunca estive em um prédio com eletricidade. Saltamos no oitavo andar, onde há menos soldados. Na verdade, passamos por um corredor completamente vazio.

Aqui, ela finalmente deixa cair a fachada petulante.

– Vocês dois parecem ratos de esgoto – murmura, e bate baixinho numa das portas. – Essa perna ainda incomoda, né? Tu deve ser muito teimoso, se veio até aqui atrás da gente. – Ela ri debochada para June e diz: – Essas luzes todas na tua roupa quase me cegaram.

June troca um olhar comigo. Sei exatamente o que ela está pensando. *Não dá pra entender como um grupo de criminosos pode estar vivendo num dos maiores quartéis de Vegas.*

Ouve-se um barulhinho atrás da porta. Kaede a abre e entra no lugar com os braços estendidos.

– Bem-vindos à nossa humilde residência – declara, agitando largamente as mãos. – Pelo menos pelos próximos dias. É bem maneira, né?

Não sei o que eu esperava ver. Talvez um grupo de adolescentes, ou uma atividade de baixo orçamento.

Em vez disso, entramos num cômodo onde apenas duas outras pessoas nos esperavam. Olho ao redor, surpreso. Eu nunca estive em um verdadeiro quartel da República, mas este deve ser reservado para oficiais – duvido que isso aqui seja usado para acomodar soldados comuns. Em primeiro lugar, não é um cômodo comprido com filas de beliches. Poderia ser um apartamento para um ou dois oficiais de alta patente. Há luz elétrica no teto e nas luminárias. Ladrilhos prateados e de cor creme cobrem o piso, as paredes estão pintadas em tons de gelo e vinho. Os sofás e as mesas têm as pernas forradas com uma grossa tapeçaria vermelha. Um pequeno monitor está instalado diretamente em uma das paredes, e a tela muda mostra o mesmo noticiário transmitido pelos telões nas ruas.

Assobio baixinho.

– É, maneiro mesmo.

Sorrio, mas fico sério ao olhar de relance para June. Seu rosto está tenso sob a tatuagem da fênix. Embora seus olhos permaneçam neutros, sem dúvida ela não está feliz, nem tão impressionada quanto eu. Bem, e por que deveria estar? Aposto que o apartamento dela deve ser tão bonito quanto este. Seus olhos examinam o cômodo calmamente, observando coisas em que eu provavelmente jamais repararia. Ela é inteligente e astuta como qualquer bom soldado da República. Uma de suas mãos permanece perto da cintura, onde ela mantém duas facas.

Um instante depois, minha atenção se concentra em uma moça atrás do sofá de centro que fixa os olhos em mim. Ela aperta os olhos, como se quisesse ter certeza de que está realmente me vendo. Impressionada, ela abre a boca; os pequenos lábios cor-de-rosa formam um O. Seu cabelo está curto demais para que possa ser trançado; ele cai até a metade do pescoço,

em mechas desarrumadas. *Espera aí!* Meu coração para de bater por um instante. Eu não a reconheci logo de cara por causa do cabelo.

É Tess.

– Você está aqui! – exclama ela. Antes que eu possa responder, Tess corre até onde estou e pula no meu pescoço. Eu cambaleio para trás, lutando para manter o equilíbrio. – É você mesmo! Não posso acreditar, você está aqui, você está bem!

Não consigo pensar direito. Por um instante, nem sinto a dor na perna. Tudo que posso fazer é apertar com força a cintura dela, enterrar a cabeça no seu ombro e fechar os olhos. O peso na minha cabeça desaparece e me deixa enfraquecido de alívio. Respiro fundo e me consolo com o entusiasmo dela e o cheiro doce do seu cabelo. Estive com ela todos os dias desde que eu tinha doze anos, mas depois de apenas algumas semanas separados percebo de súbito que ela já não é a garota de dez anos que conheci num beco: está diferente, mais velha. Sinto um aperto no peito.

– Estou feliz em ver você, amiga – sussurro. – Você está ótima.

Tess apenas me aperta ainda mais. Dou-me conta de que ela está prendendo a respiração, esforçando-se muito para não chorar.

Kaede interrompe nosso momento:

– Já chega. Isto aqui não é uma droga de ópera.

Nós nos separamos para rir, sem jeito, um para o outro, e Tess enxuga os olhos com a palma de uma das mãos. Ela troca um sorriso constrangido com June. Finalmente, dá as costas e corre de volta para uma pessoa, um homem, que a esperava.

Kaede abre a boca para dizer alguma coisa, mas o homem a detém com uma das mãos enluvada. Isso me surpreende. Sabendo como a moça é mandona, estava certo que ela era a chefe do grupo. Não consigo imaginar essa garota aceitando ordens de alguém. Agora, porém, ela aperta os lábios e se atira no sofá quando o homem se levanta para falar conosco. Ele é alto, deve ter uns quarenta e poucos anos, e seus ombros são largos. A pele é ligeiramente bronzada, e o cabelo ondulado está puxado para trás num rabo de cavalo pequeno e crespo. Um par de óculos finos e de aros negros está apoiado no nariz.

– Quer dizer então que você é o famoso Day – diz ele. – Prazer em conhecê-lo.

Gostaria de ter uma postura melhor do que ficar de pé, curvado de dor.

– Igualmente. Obrigado por nos receber.

– Por favor, perdoe-nos por não termos acompanhado vocês até Vegas – ele se desculpa, e ajusta os óculos. – Pode parecer uma atitude fria, mas não gosto de arriscar meus rebeldes desnecessariamente. – Seus olhos se voltam para June e ele diz: – E suponho que você seja o prodígio da República.

June inclina a cabeça, num gesto que revela sua educação refinada.

– Seu traje de garota de programa é mesmo muito convincente. Se importa se fizermos um pequeno teste para provar sua identidade? Por favor, feche os olhos.

June hesita um segundo, depois obedece.

O homem aponta com uma das mãos para a frente da sala e ordena:

– Atinja o alvo na parede com uma de suas facas.

Eu pisco e analiso as paredes. Alvo? Eu nem sequer havia notado um tabuleiro de dardos, com três anéis numa das paredes próxima à porta pela qual passamos. Mas June nem hesita. Tira uma faca da cintura, vira-se, e a atira em direção ao alvo, sem abrir os olhos.

A faca atinge o quadro profundamente, a apenas alguns centímetros do centro do alvo.

O homem aplaude.

Até Kaede resmunga sua aprovação, seguida por um revirar de olhos.

– Quanta palhaçada! – eu a escuto exclamar.

June se vira para nós e espera a reação do homem. Fico atônito e calado. Nunca vi ninguém manejar uma faca com tamanha perícia. Eu já tinha visto a June fazer uma porção de coisas surpreendentes, mas essa era a primeira vez que a testemunhava usando uma arma. Essa visão me causa emoção e um arrepio, trazendo de volta lembranças que havia trancado num compartimento da memória, pensamentos que preciso conservar enterrados se quiser manter o foco e seguir em frente.

– Prazer em conhecê-la, srta. Iparis – diz o homem, pondo as mãos nas costas. – Agora me digam: o que os traz aqui?

June faz um aceno com a cabeça para mim, e então começo a falar:

– Precisamos da sua ajuda, por favor. Vim à procura de Tess, mas também estou tentando encontrar meu irmão Éden. Não sei para que a República o está usando, nem onde o estão mantendo. Achamos que vocês fossem os únicos, fora da esfera militar, que talvez pudessem conseguir essas informações. E, por último, acho que minha perna precisa ser operada.

Prendo a respiração quando mais um espasmo de dor atravessa meu corpo feito uma espada tentando me cortar pela metade. O homem olha de relance para a perna; suas sobrancelhas se franzem de preocupação.

– É uma senhora lista! – diz. – Você deveria se sentar. Parece meio desequilibrado em pé. – Ele espera pacientemente que eu me mexa, mas, quando permaneço imóvel, ele pigarreja e continua: – Bem, vocês já se apresentaram. É justo que eu faça o mesmo. Meu nome é Razor, e sou o chefe dos Patriotas. Venho liderando a organização há muitos anos, há mais tempo que vocês vêm causando problemas nas ruas de Lake. Você quer nossa ajuda agora, Day, mas lembro que recusou os convites para se juntar a nós. Várias vezes.

Ele se vira para as janelas pintadas em tons escuros que dão de frente para as plataformas de embarque em formato de pirâmides que estão na extensão da rua. A vista é impressionante. Dirigíveis deslizam para a frente e para trás no céu noturno; vários deles aterram no alto das pirâmides, como peças de um grande quebra-cabeça. De vez em quando, dá para ver formações de aviões de combate, formas negras semelhantes a águias, decolando ou aterrissando nas plataformas dos aviões. Meus olhos focalizam os edifícios; as plataformas das pirâmides devem ser os locais mais fáceis por onde fugir, com ranhuras de cada lado e sulcos semelhantes a degraus delimitando suas extremidades.

Percebo que Razor está esperando minha resposta.

– Eu não me sentia muito confortável com a quantidade de cadáveres gerada por sua organização.

– Mas agora, aparentemente, você mudou de ideia. – Suas palavras são de censura, mas seu tom de voz é simpático quando ele junta as palmas das

mãos e comprime a ponta dos dedos nos lábios. – Porque você precisa de nós, certo?

É, nisso ele tem razão.

– Sinto muito, mas estamos ficando sem opções. Pode acreditar que vou entender se o senhor se recusar. Mas, por favor, só não nos entregue à República. – Forço um sorriso.

Ele dá um risinho em resposta ao meu sarcasmo. Eu me concentro na saliência torta do seu nariz e me pergunto se ele já o quebrou antes.

– No começo, fiquei tentado a deixar vocês dois perambulando por Vegas até serem capturados. – A voz dele é suave como a de um aristocrata, refinada e carismática. – Vou ser muito sincero com você. Suas habilidades já não me são tão úteis quanto antes, Day. Com o passar dos anos, recrutamos outros agentes, e agora, com o devido respeito, acrescentar mais um à nossa equipe não é uma prioridade. Sua amiga já sabe – ele para e acena para June com a cabeça – que os Patriotas não são uma organização beneficente. Você está nos pedindo muita ajuda. O que nos dará em troca? Vocês não devem ter muito dinheiro.

June lança um olhar expressivo na minha direção. Ela me alertou sobre isso na viagem de trem, mas não posso desistir agora. Se os Patriotas nos rejeitarem, vamos ficar sozinhos.

– Não temos dinheiro – admito. – Não vou falar por June, mas se tiver *qualquer coisa* que eu possa fazer em troca de sua ajuda é só dizer.

Razor cruza os braços e vai até o bar do apartamento, um refinado balcão de granito embutido na parede, com várias prateleiras de garrafas de vidro de todas as formas e tamanhos. Com toda a calma do mundo, ele se serve de uma bebida. Quando termina, ele pega o copo e volta até onde estamos.

– Existe uma coisa que você pode oferecer... Felizmente, vocês chegaram numa noite muito interessante. – Razor dá um gole na bebida e se senta no sofá. – Como vocês devem ter escutado, o ex-Primeiro Eleitor morreu hoje, coisa que muitos dos círculos de elite da República já tinham previsto. De qualquer forma, seu filho, Anden, é o novo Eleitor. Ele é praticamente um menino, e não é *nada estimado* pelos senadores do pai. –

Razor se inclina para a frente, pronunciando cada palavra com cautela e vigor. – Raramente a República foi tão vulnerável quanto é agora. Não haverá melhor época para fazer uma revolução. Day, suas habilidades físicas talvez sejam dispensáveis, mas há duas coisas que você pode nos dar que nossos agentes não podem. A primeira é sua fama, seu status como campeão do povo. A segunda é sua encantadora companheira. – Ele aponta o copo para June.

Enrijeço ao ouvir essas palavras, mas os olhos de Razor são tão quentes quanto mel, e fico esperando o resto de sua proposta.

– Terei prazer em aceitar vocês, e ambos serão muito bem cuidados. Podemos conseguir um excelente médico para você, Day, e pagar por uma operação que tornará sua perna melhor do que nova. Desconheço o paradeiro do seu irmão, mas podemos ajudar você a encontrá-lo e, posteriormente, podemos ajudar vocês dois a fugir para as Colônias, se assim o desejarem. Em troca, pediríamos sua colaboração com um novo projeto, mas sem direito a perguntas. Entretanto, vocês vão precisar jurar sua fidelidade aos Patriotas, antes que eu revele qualquer detalhe sobre o que vocês farão. Minhas condições são essas. O que vocês acham?

June olha para mim e para Razor, levanta o queixo e diz:

– Eu aceito. Vou jurar fidelidade aos Patriotas.

Há uma ligeira hesitação em sua voz, como se soubesse que realmente abandonara de vez a República. Engulo em seco. Não esperava que June concordasse tão rapidamente; achei que precisaria ser persuadida antes de se aliar a um grupo que obviamente odiava até poucas semanas atrás. O fato de ela ter dito sim faz meu coração bater mais forte. Se June está se juntando aos Patriotas, é porque deve compreender que não temos outra opção. Ela está fazendo isso por mim. É minha vez de erguer a voz:

– Eu também aceito.

Razor sorri, levanta-se do sofá e ergue sua bebida, simulando um brinde. Depois põe o copo na mesa de centro e aperta nossas mãos com firmeza.

– Então é oficial. Vocês nos ajudarão a assassinar o novo Primeiro Eleitor.

JUNE

Não confio em Razor.

Não confio nele porque não compreendo como pode se dar ao luxo de se esconder em alojamentos tão requintados. São alojamentos de oficiais, em *Vegas*! Cada um destes tapetes vale, pelo menos, 29 mil Notas, e todos são feitos de um tipo de pele sintética muito caro. Há dez lâmpadas elétricas neste aposento, e todas estão ligadas. O uniforme dele é impecável e novo. Ele tem até uma arma personalizada presa ao cinto. É de aço inoxidável, provavelmente leve, e ornada à mão. Meu irmão usava armas assim. Cada uma delas custa 18 mil Notas. Além do mais, a arma de Razor deve ser adulterada, sua numeração deve ter sido raspada. Não há como a República rastreá-la para a obtenção de impressões digitais ou locais. Onde os Patriotas conseguiram o dinheiro e a técnica para adulterar equipamento tão avançado?

Tudo isso me leva a duas teorias. Primeira: Razor deve ser uma espécie de comandante da República, um oficial traidor. De que outra maneira ele pode permanecer neste alojamento sem levantar suspeitas? Segunda: os Patriotas estão sendo financiados por alguém com amplos recursos. As Colônias? Possivelmente.

Apesar de todas as minhas desconfianças e suposições, a oferta de Razor é melhor do que nada. Não temos dinheiro para comprar ajuda no mercado negro e, sem ajuda, não temos como encontrar o Éden, muito menos chegar às Colônias. Além do mais, não acredito que poderíamos ter rejeitado a proposta de Razor. É verdade que ele não nos ameaçou de forma alguma, mas duvido muito que nos deixasse voltar às ruas.

Pelo canto do olho, vejo Day esperando minha resposta à declaração de Razor. Tudo que preciso ver são a lividez dos seus lábios e a dor estampada no seu rosto, que são apenas algumas das dezenas de sinais de que ele está

ficando sem forças. A esta altura, creio que a vida dele depende de nossa negociação com Razor.

– Assassinar o novo Eleitor – repito. – Tudo bem.

Minhas palavras soam estranhas e distantes. Por um momento, relembro quando conheci Anden e seu falecido pai no baile que celebrou a captura de Day. A ideia de assassinar Anden faz meu estômago se revirar. *Ele agora é o Eleitor da República*. Depois de tudo que aconteceu à minha família eu deveria ficar feliz pela oportunidade de matá-lo. Mas não estou, e isso me confunde.

Se Razor observou minha hesitação, ele disfarça.

– Vou mandar chamar um médico urgente. É provável que ele não consiga chegar antes da meia-noite, que é quando ocorre a troca de turno. É o mais cedo que conseguiremos com tão pouca antecedência. Nesse meio-tempo, vamos tirar vocês dois destes disfarces e lhes dar algo mais apresentável para vestir.

Razor olha de relance para Kaede. Ela está reclinada no sofá, com ombros caídos e uma carranca irritada, mastigando distraidamente um cacho do cabelo. Ele ordena:

– Mostre-lhes onde fica o chuveiro e lhes dê dois uniformes novos. Depois, vamos cear e conversar mais sobre nosso plano. – Ele abre os braços e diz: – Bem-vindos aos Patriotas, meus jovens amigos. É um prazer ter vocês conosco.

E assim, num piscar de olhos, estamos oficialmente vinculados a eles. Talvez isso não seja tão ruim, talvez eu nunca devesse ter discutido com Day sobre o assunto. Kaede gesticula para que a acompanhem até o hall do apartamento e nos leva até o banheiro, com piso de mármore e pias de porcelana, espelho e instalações sanitárias, banheira e chuveiro com paredes de vidro fosco. Não posso deixar de admirar tudo isso. A riqueza ultrapassa até mesmo a que eu tinha no meu apartamento no setor Rubi.

– Não fiquem a noite toda aí, não. Podem até tomar banho juntinhos, se for mais rápido, mas estejam de volta em meia hora.

Kaede me dá um largo sorriso (embora seus olhos não o expressem), depois faz um gesto de aprovação para Day, que se apoia pesadamente no

meu ombro. Ela vira as costas e volta para a sala, antes que eu possa responder. Acho que ainda não me perdoou totalmente por eu ter quebrado seu braço.

Day relaxa a postura no instante em que Kaede se vai, e murmura:

– Você pode me ajudar a sentar?

Abaixo a tampa do vaso sanitário e o faço sentar bem devagarzinho. Ele estica a perna boa, e enrijece o queixo ao endireitar a perna ferida.

Um gemido lhe escapa dos lábios, e ele resmunga:

– Tenho que reconhecer que já tive melhores dias.

– Pelo menos a Tess está a salvo.

Isso alivia parte do sofrimento nos olhos dele, que repete o que eu disse, suspirando profundamente:

– É, pelo menos a Tess está a salvo.

Sinto uma ponta inesperada de remorso. O rosto de Tess me pareceu tão doce, tão integralmente *puro*, e eles dois se separaram por *minha* causa...

Será que *sou* uma boa pessoa? Tenho minhas dúvidas.

O ajudo a tirar a jaqueta e o boné. Seu cabelo comprido roça em meus braços.

– Deixa eu ver sua perna.

Ajoelho e tiro uma faca do cinto. Corto o tecido da perna da calça até o meio da sua coxa. Os músculos da perna estão firmes e tensos, e minhas mãos tremem ao roçar sua pele. Cuidadosamente, separo o tecido, para expor o ferimento coberto por ataduras. Respiramos fundo ao mesmo tempo. O pano mostra um círculo maciço de sangue escuro e molhado; debaixo dele, a ferida está vazando e inchando.

– É melhor o médico chegar logo. Tem certeza de que pode tomar banho sozinho?

Day desvia o olhar e suas bochechas enrubescem.

– Claro que posso.

Ergo uma sobrancelha.

– Você mal consegue ficar de pé...

– Tá bem – ele hesita e fica ruborizado –, acho que preciso mesmo de ajuda.

Engulo em seco e digo:

– Claro que precisa. É melhor você tomar banho de banheira. Vamos logo com isso.

Começo a encher a banheira com água quente. Depois, pego a faca e lentamente corto as ataduras encharcadas de sangue que cobrem o ferimento de Day. Ficamos sentados em silêncio; nenhum dos dois encara o outro. A lesão está pior do que nunca, o inchaço criou uma massa volumosa de carne viscosa para a qual Day evita olhar.

– Você não precisa fazer isto – resmunga ele, girando os ombros, numa tentativa de relaxar.

– Está bem. – Sorrio maliciosamente para ele. – Vou esperar do lado de fora do banheiro. Quando você precisar de mim, você...

– Não – interrompe ele. – Quero dizer, você não precisa se unir aos Patriotas.

Meu sorriso desaparece.

– Nós não temos muitas opções, não é mesmo? Precisamos ajudar Razor ou ele não vai fazer nada pra nos ajudar.

A mão de Day toca meu braço por um segundo e me detém quando eu estava desamarrando suas botas.

– O que você acha do plano deles?

– De matar o novo Eleitor? – Eu me viro, me concentrando em desamarrar as botas, afrouxando cada uma delas com o maior cuidado possível. Ainda não refleti sobre o tal plano, por isso desvio do assunto. – Qual é a *sua* opinião? Você se esforça ao máximo para não machucar as pessoas. Esse assassinato deve ser muito difícil para você.

Fico atônita quando Day simplesmente dá de ombros e responde:

– Existe uma hora e um lugar para tudo. – Sua voz é fria e mais ríspida do que o normal. – Nunca entendi por que matar os soldados da República. Quer dizer, eu *odeio* todos eles, mas eles não são a *fonte*, apenas obedecem a ordens. O Eleitor, por outro lado... Acabar com a pessoa encarregada de todo esse maldito sistema me parece um preço pequeno a se pagar para começar uma revolução. Não acha?

Não posso deixar de sentir alguma admiração pela atitude de Day. O que ele diz faz todo o sentido. Mesmo assim, eu me pergunto se ele teria dito a mesma coisa semanas atrás, antes de tudo que aconteceu à sua família. Não ousou me referir ao dia em que fui apresentada a Anden no baile da comemoração. É mais difícil se convencer a matar alguém que você chegou a conhecer – e admirar – pessoalmente.

– Bem, é como eu falei. Não temos alternativa.

Day aperta os lábios. Ele sabe que não estou dizendo tudo que penso de verdade.

– Deve ser difícil para você dar as costas ao seu Eleitor – as mãos dele permanecem largadas ao lado do corpo.

Mantenho a cabeça baixa, começo a tirar suas botas.

Enquanto ponho suas botas de lado, Day se livra da jaqueta e começa a desabotoar o colete. Isso me lembra de quando o conheci nas ruas de Lake. Naquela época, ele tirava o colete todas as noites e o dava à Tess, para que ela o usasse como travesseiro. Isso foi o máximo de roupa que já o vi tirar. Ele agora desabotoa a camisa, expondo o resto da garganta e uma pequena parte do peito. Vejo o medalhão em volta do seu pescoço, a moeda de vinte e cinco centavos de dólar americano coberta de metal macio em ambos os lados. Na escuridão tranquila do vagão ferroviário, ele havia me contado que seu pai tinha trazido o medalhão da frente de combate. Ele para quando termina de desabotoar o último botão e fecha os olhos.

Vejo a dor estampada no seu rosto, e essa visão me dilacera.

O criminoso mais procurado da República não passa de um menino, subitamente vulnerável, que está expondo todas as suas fraquezas na minha frente.

Eu me aprumo e estendo os braços até sua camisa. Minhas mãos tocam a pele dos seus ombros. Tento manter a respiração normal, a mente aguda e objetiva, mas, à medida que o ajudo a tirar a camisa e a revelar os braços e o peito nus, sinto que minha mente está se embaralhando. Day é forte e esbelto sob as roupas, a pele é surpreendentemente macia, exceto por uma ou outra cicatriz (ele tem quatro já meio esmaecidas no peito e na cintura, outra que é uma fina linha diagonal se estende da clavícula esquerda até o

osso do quadril direito, e uma crosta no braço de uma cicatriz já curada). Ele me encara fixamente. É difícil descrever o Day para aqueles que nunca o viram: sua beleza exótica, única, avassaladora. Está muito perto agora, perto o bastante para que eu veja a minúscula imperfeição ondulada no oceano do seu olho esquerdo. Sua respiração é quente e fraca. Sinto minhas bochechas ficarem quentes, mas não quero virar o rosto.

– Nós estamos juntos nessa, não estamos? – sussurra ele. – Você e eu? Você *quer* estar aqui, não?

Suas perguntas revelam remorso.

– Quero. Eu *escolhi* isso.

Day me puxa para tão perto dele que nossos narizes se tocam.

– Eu amo você.

Meu coração se acelera de excitação ao desejo evidente em sua voz, mas, ao mesmo tempo, o lado prático do meu cérebro instantaneamente se intromete: *essa história não tem a menor chance de dar certo. Há um mês, ele nem sequer sabia da minha existência.* Por isso, deixo escapar:

– Não, você não me ama. Ainda não.

Day franze as sobrancelhas, como se eu o tivesse magoado.

– Estou sendo sincero – diz ele, junto aos meus lábios.

Fico impotente diante do sofrimento da sua voz, mas ainda assim... *São apenas as palavras de um menino no calor do momento.*

Tento me obrigar a dizer a mesma coisa a ele, mas as palavras se congelam na minha boca. Como ele pode ter tanta certeza disso? Eu certamente não compreendo tudo que estou sentindo. Estou aqui porque o amo ou porque *tenho uma dívida* com ele?

Day não espera pela minha resposta. Uma de suas mãos roça minha cintura e se achata nas minhas costas, puxando-me de tal maneira que acabo sentada na sua perna boa. Fico ofegante. Ele pressiona os lábios nos meus, e entreabro a boca. Sua outra mão toca meu rosto e pescoço; seus dedos são, ao mesmo tempo, brutos e delicados. Seus lábios lentamente procuram o canto da minha boca, ele beija minha face, depois meu queixo. Meu peito agora está colado ao dele, e minha coxa roça o macio cume do osso de seu quadril. Volto a fechar os olhos. Meus pensamentos estão embaralhados e

distantes, escondidos sob uma névoa tremeluzente de calor. Uma série de detalhes práticos dentro da minha cabeça luta para vir à superfície.

– Kaede foi embora faz oito minutos – sussurro em meio aos beijos de Day. – Estão nos esperando daqui a vinte e dois minutos.

Day entrelaça a mão no meu cabelo e suavemente empurra minha cabeça para trás, expondo meu pescoço.

– Eles que esperem – murmura. Seus lábios beijam suavemente minha garganta; cada beijo é mais impetuoso que o último, mais impaciente, mais urgente, mais faminto.

Seus lábios voltam a beijar minha boca, e posso sentir o pouco que lhe restava de autocontrole esvaindo-se, sendo substituído por alguma coisa instintiva e selvagem. *Eu amo você* é do que seus lábios estão tentando me convencer. Eles estão me deixando tão frágil que estou quase desabando no chão. Já beijei alguns garotos antes... mas Day me faz sentir como se nunca tivesse sido beijada, como se o mundo estivesse se derretendo em algo sem nenhuma importância.

De repente, ele me solta e geme baixinho de dor. Vejo-o apertar os olhos e fechá-los, tremer e respirar fundo. Meu coração bate furiosamente contra minhas costelas. O calor entre nós perde a intensidade, e meus pensamentos voltam para o lugar, quando me lembro com uma sensação lenta e de prostração onde estamos e o que ainda precisamos fazer. Esqueci que a água continuava a correr – a banheira está quase cheia. Estendo o braço e fecho a torneira. Meus joelhos estranham o frio do piso. Meu corpo inteiro está ardendo.

– Pronto? – pergunto, tentando me firmar. Day assente silenciosamente. O momento passou; o brilho nos olhos dele diminuiu.

Derramo um pouco de gel líquido de banho na banheira e o revolvo até ele formar uma espuma. Depois apanho uma das toalhas penduradas no banheiro e a passo ao redor da cintura de Day. Chegou a hora do constrangimento. Ele consegue manusear desajeitadamente a calça debaixo da toalha e a solta. Eu o ajudo a tirá-la. A toalha cobre tudo que precisa ser coberto, mas mesmo assim desvio o olhar.

Ajudo Day, que só está usando a toalha e o medalhão, a ficar de pé, e, após algum esforço, conseguimos colocar sua perna boa na banheira, de modo que eu possa abaixá-lo lentamente para entrar na água. Tomo o cuidado de manter a perna machucada no alto e seca. Day comprime o queixo, para não gritar de dor. Quando ele se acomoda na banheira, seu rosto está úmido de lágrimas.

Levo quinze minutos para esfregá-lo e para lavar todo o seu cabelo. Quando terminamos, eu o ajudo a se levantar e fecho os olhos quando ele pega uma toalha seca e a passa ao redor da cintura.

A ideia de abrir os olhos agora e vê-lo nu faz com que meu sangue ferva desordenadamente nas minhas veias. *Mas que mal há em ver um garoto nu?* Fico irritada ao supor que meu vívido enrubescimento deve ser óbvio, mas aí o momento passa, e levamos mais alguns minutos lutando para tirá-lo da banheira.

Quando ele finalmente está sentado na tampa do vaso sanitário, vou até a porta do banheiro. Não havia reparado antes, mas alguém tinha entreaberto a porta e deixado dois uniformes novos para nós. São uniformes de infantaria, com botões do estado de Nevada. Vou me sentir esquisita ao voltar a ser um soldado da República, mas, ainda assim, apanho os uniformes.

Day me dá um sorriso brando e diz:

– Obrigado. É muito bom me sentir limpo.

Sua dor parece trazer de volta suas piores lembranças das últimas semanas, e agora toda a sua emoção está nitidamente exposta no seu rosto. Seus sorrisos melancólicos não chegam nem perto da alegria que expressavam. É como se a maior parte da sua felicidade tivesse morrido na noite em que ele perdeu John, e que apenas uma pequena porção tenha permanecido, o pouco que ele reserva para Éden e Tess.

Secretamente torço para que guarde para mim também uma partícula da alegria dele.

– Vire-se e vista suas roupas. Espere por mim do lado de fora do banheiro. Não vou demorar.

Chegamos à sala de estar sete minutos atrasados. Razor e Kaede nos esperam. Tess está sozinha, sentada em um canto do sofá abraçando as próprias pernas, observando-nos com uma expressão vigilante.

Um instante depois, sinto o cheiro de frango assado com batatas. Meu olhar se lança rapidamente para a mesa da sala de jantar, onde quatro travessas cheias de comida estão dispostas em ordem. Ela parece chamar nosso nome. Faço força para não reagir ao cheiro, mas meu estômago ronca.

– Excelente! – exclama Razor, sorrindo para nós. Seus olhos se concentram em mim durante um tempo. – Vocês dois estão com ótima aparência. – Então se vira para Day e sacode a cabeça. – Providenciamos comida, mas como você vai se submeter a uma cirurgia daqui a algumas horas vai precisar ficar de estômago vazio. Lamento. Sei que você deve estar com fome. June, sirva-se, por favor.

Os olhos de Day também focalizam a comida. Ele resmunga:

– Ah, que ótimo...

Junto-me aos outros em volta da mesa enquanto Day se estica no sofá e fica o mais à vontade possível. Estou quase pegando meu prato para me sentar ao lado dele, mas Tess chega primeiro e se senta na beira do sofá, de modo que suas costas tocam o corpo de Day. Enquanto Razor, Kaede e eu comemos em silêncio à mesa, de vez em quando lanço olhares furtivos para o sofá. Day e Tess conversam e riem, com a desenvoltura de duas pessoas que se conhecem há anos. Eu me concentro na comida; o ardor do nosso encontro no banheiro ainda queima em meus lábios.

Eu havia contado cinco minutos mentalmente quando Razor finalmente dá um gole em sua bebida e se recosta na cadeira. Eu o observo atentamente, ainda me perguntando por que um dos líderes dos Patriotas – o chefe de um grupo que sempre associei à selvageria – é tão educado.

– Srta. Iparis, sabe muita coisa sobre nosso novo Eleitor?

Sacudo a cabeça.

– Infelizmente, não.

Ao meu lado, Kaede ri com desdém e continua jantando.

– Mas a senhorita já foi apresentada a ele, não? – insiste Razor, revelando o que eu esperava esconder de Day. – Naquela noite no baile para celebrar a captura do Day, lembra-se? Ele beijou sua mão. Correto?

Day interrompe a conversa com Tess. Eu me retraio internamente.

Razor não parece notar meu desconforto e continua a falar:

– Anden Stavropoulos é um rapaz interessante. O finado Eleitor o amava muito. Agora que o Eleitor é Anden, os senadores estão inquietos. O povo está zangado e nem se importa se Anden é diferente do último Eleitor. Indiferentes às declarações que Anden fizer para agradar às pessoas, tudo que vão ver é um garoto rico que não tem ideia de como curar o sofrimento delas. Estão furiosas com Anden por permitir que Day fosse executado, por persegui-lo, por não dizer nada contra as políticas do pai, por oferecer uma recompensa a quem encontrar June... A lista não termina aqui. O falecido Eleitor controlava os militares com pulso de ferro. Agora o povo só vê um rei menino que tem a oportunidade de ascender e se tornar outra versão do pai. São esses pontos fracos que queremos explorar, o que nos leva de volta a nosso plano.

– O senhor parece saber muito sobre o jovem Eleitor. Também parece saber muito sobre o que aconteceu no baile de comemoração – digo. Não consigo mais conter minha desconfiança. – Suponho que isso seja porque também compareceu àquele baile. O senhor deve ser um oficial da República, mas sem uma patente alta o suficiente para conseguir uma audiência com o Eleitor. – Analiso os luxuosos tapetes de veludo e os balcões de granito. – Estes são, na realidade, *seus* alojamentos, não são?

Razor fica meio desconcertado com minha crítica à sua patente (que, como sempre, é um fato que eu não pretendia que fosse um insulto), mas rapidamente a ignora, com uma risada.

– Estou vendo que não haverá segredos para você. Menina especial. Bem, meu título oficial é Comandante Andrew DeSoto e dirijo três das patrulhas da capital na cidade. Foram os Patriotas que deram meu nome de guerra. Há pouco mais de uma década venho organizando a maioria das missões deles.

Day e Tess escutam atentamente agora.

– O senhor é um oficial da República – repete Day, de modo pouco firme, com os olhos fixos em Razor. – Um comandante da capital. Hum...
Por que o senhor está ajudando os Patriotas?

Razor inclina a cabeça e apoia os cotovelos na mesa de jantar, apertando as mãos.

– Suponho que devo começar lhes fornecendo os detalhes de como trabalhamos. Os Patriotas existem há mais ou menos trinta anos. No começo, era apenas um grupo desorganizado de rebeldes. Nos últimos quinze anos, eles se unificaram numa tentativa de se organizar e de organizar também sua causa.

– A entrada de Razor mudou tudo, é o que me dizem – fala Kaede com voz esganiçada. – Era um entra e sai de líderes danado, e conseguir recursos financeiros não era nada fácil. Os contatos de Razor nas Colônias tem trazido mais dinheiro para as missões do que nunca.

Lembro que, nos últimos anos, Metias *havia* mesmo se ocupado mais do que o normal com os ataques dos Patriotas.

Razor balança a cabeça, em concordância com as palavras de Kaede.

– Estamos lutando para reunir as Colônias e a República para fazer com que os Estados Unidos retornem à antiga glória. – Seus olhos expressam um brilho determinado. – E estamos dispostos a fazer o que for necessário para alcançar nosso objetivo.

Os Estados Unidos, penso, antes que Razor continue. Day havia mencionado os Estados Unidos durante nossa fuga de Los Angeles, embora eu ainda estivesse cética. Até agora.

– Como funciona a organização? – pergunto.

– Estamos sempre atentos às pessoas que têm o talento e as habilidades de que precisamos, e então tentamos recrutá-las – explica Razor. – *Geralmente* somos bem-sucedidos em obter a adesão das pessoas, ainda que algumas demorem mais a se aliar a nós. – Ele faz uma pausa para apontar o copo na direção de Day.

– Sou considerado um Líder dos Patriotas; há apenas alguns de nós, trabalhando internamente e arquitetando as missões dos rebeldes.

– Nossa Kaede aqui é piloto. – Kaede faz uma reverência com a mão e continua a jantar. – Ela entrou para nosso grupo depois que foi expulsa de uma Academia de Dirigíveis nas Colônias.

“A cirurgiã de Day também foi recrutada, e a jovem Tess está treinando conosco para ser médica. Temos também lutadores, corredores, batedores, hackers, escoltadores, e por aí vai. June, eu a classificaria como lutadora, embora suas habilidades se enquadrem em várias categorias. E Day é, evidentemente, o melhor corredor que já vi.”

Razor termina o drinque e sorri como se tivesse se dado conta de algo muito engraçado.

– Vocês dois, tecnicamente, deveriam fazer parte de uma categoria inteiramente nova: a de celebridades. É dessa maneira que serão mais úteis para nós. É por isso que não atirei vocês dois de volta às ruas.

– Foi muito gentil de sua parte – ironiza Day. – Qual é o plano?

Razor aponta para mim e diz:

– Antes, eu lhe perguntei quanto sabia a respeito do nosso Eleitor. Andei ouvindo uns boatos hoje. Dizem que Anden ficou encantado com você no baile. Alguém o ouviu perguntar se você poderia ser transferida para uma patrulha da capital. Corre até o boato de que ele quer que você seja treinada para se tornar a próxima Primeira Cidadã do Senado.

– A próxima Primeira Cidadã? – Sacudo automaticamente a cabeça, sufocada pela ideia. – Provavelmente isso não passa de boato. Nem dez anos de treinamento seriam suficientes para que eu pudesse ser preparada para um papel desses.

Razor apenas ri da minha declaração.

– O que é uma Primeira Cidadã? – pergunta Day. Ele parece aborrecido. – Nem todos conhecem a hierarquia da República.

– A líder do Senado – responde Razor de maneira indiferente, sem se virar na direção dele. – A sombra do Eleitor. Seu parceiro ou sua parceira no comando. Às vezes, algo *mais* do que isso. Geralmente costuma acontecer assim, depois da indispensável década de treinamento. Afinal de contas, a mãe de Anden foi a última Primeira Cidadã.

Olho instintivamente para Day. Seu queixo está cerrado, e ele está imóvel, indícios de que preferiria não saber o que o Eleitor pensa de mim. Muito menos que ele me possa querer como uma futura *parceira*.

– Esses boatos são exagerados – insisto mais uma vez, tão constrangida quanto Day com essa conversa. – Mesmo que isso fosse *verdade*, eu seria apenas uma entre vários candidatos em treinamento para o cargo. E posso garantir a vocês que as outras escolhas seriam senadores experientes. Mas como vocês planejam usar essa informação no assassinato? Vocês acham que posso...

Kaede interrompe minhas palavras com uma grande risada.

– Tá com a bochechinha vermelha, Iparis. Já vi que tu gostou de saber que Anden tem uma paixonite por você!

– Não! – respondo, um pouco rápido demais. Sinto o rubor no meu rosto aumentar, embora eu tenha certeza de que isso é porque a Kaede está me irritando.

– Deixa de ser besta – diz ela. – Anden é um gato e tem muito poder e muitas opções. Qual o problema de se sentir lisonjeada? Tenho certeza de que Day entende.

Razor me salva de responder ao franzir a testa, desaprovando o comentário.

– Kaede, já chega.

Ela olha para ele mal-humorada e volta a comer. Olho de relance para o sofá. Day está com os olhos fixos no teto. Depois de curta pausa, Razor prossegue:

– Mesmo agora, Anden pode não acreditar que você fez tudo contra a República *deliberadamente*. Segundo o que ele sabe, você pode ter sido levada como refém quando Day fugiu. Ou ter sido obrigada a se unir a Day contra a sua vontade. Existem incertezas suficientes para ele insistir que o governo a declare desaparecida, em vez de traidora procurada. Meu argumento é o seguinte: Anden está interessado em você. E isso quer dizer que ele pode ser influenciado pelo que você lhe disser.

– Então o senhor quer que eu volte para a República? – indago. Minhas palavras parecem incomodar. Pelo canto do olho, vejo Tess se mexer,

insatisfeita, no sofá. Sua boca treme com uma frase não pronunciada.

Razor aquiesce com a cabeça.

– Isso mesmo. Originalmente, eu ia usar espiões das minhas próprias patrulhas da República, para me aproximar de Anden, mas agora temos uma alternativa melhor: *ocê*. Você vai revelar ao Eleitor que os Patriotas vão tentar matá-lo, mas o plano que você vai contar a ele será falso. Enquanto todos estiverem distraídos com seu plano maluco, nós vamos atacar com o plano verdadeiro. Nosso objetivo não é apenas matar Anden, mas fazer com que o país se vire completamente contra ele, de modo que seu governo fique condenado ao fracasso, mesmo que nosso plano falhe. É isso que vocês dois podem fazer por nós. Temos informações de que o novo Eleitor vai à frente de combate nas próximas duas semanas, para receber relatórios de seus coronéis sobre atualizações e o andamento da situação. O dirigível RS Dynasty vai rumar para a frente de batalha amanhã à tarde, e todos os meus esquadrões estarão nele. Day vai se reunir a mim, Kaede e Tess nessa viagem. Vamos organizar o verdadeiro assassinato, e você, June, vai guiar Anden direto para dentro dele. – Razor cruza os braços e analisa nossos rostos, esperando nossas reações.

– Isso vai ser incrivelmente perigoso para June – argumenta Day, se endireitando no sofá. – Como o senhor pode ter certeza de que ela pelo menos vai chegar ao Anden, depois que os militares a receberem de volta? Como o senhor pode saber que eles não vão querer torturá-la para extrair informações dela?

– Confie em mim, sei como impedir isso – responde Razor. – E também não me esqueci do seu irmão. Se June conseguir se aproximar o bastante do Eleitor, ela pode descobrir sozinha onde está o Éden.

Ao ouvir isso, os olhos de Day brilham, e Tess aperta o ombro dele.

– Quanto a você, Day, *nunca* vi o povo saudar alguém com a intensidade que fez com você. Sabia que tingir uma listra vermelha no cabelo se tornou moda da noite para o dia? – Razor dá uma risada e aponta para a cabeça de Day com uma das mãos. – Isso, garoto, é poder. Neste momento, é provável que você tenha tanta influência quanto o Eleitor, talvez até mais. Se conseguirmos encontrar uma forma de utilizar sua fama para levar o povo à

loucura, quando realmente acontecer o assassinato, o Congresso estará impotente para deter uma revolução.

– E o que o senhor pretende *fazer* com essa revolução? – pergunta Day.

Razor se inclina para a frente; seu rosto mostra determinação, até mesmo esperança.

– Você quer saber por que eu me uni aos Patriotas? Pelas mesmas razões por que *you* tem agido contra a República. Os Patriotas sabem que você já sofreu muito; vimos todos os sacrifícios que fez por sua família, a dor que a República lhe tem causado. June... – continua, apontando com a cabeça para mim. Eu me encolho toda; não quero que me lembrem do que aconteceu com Metias. – Também testemunhei seu sofrimento, com toda a sua família destruída pela nação que você amava. Perdi a conta do número de Patriotas que têm passados semelhantes.

À menção de sua família, Day volta a olhar fixo para o teto. Seus olhos permanecem secos, mas, quando Tess estende o braço e segura sua mão, ele entrelaça os dedos nos dela.

Razor continua seu discurso:

– O mundo do lado de fora da República não é perfeito, mas nele *existem* liberdade e oportunidades, e tudo que precisamos fazer é deixar que essa luz brilhe dentro da própria República. Nosso país está por um triz; tudo de que necessita agora é um empurrãozinho para ser totalmente transformado. – Ele se levanta parcialmente e aponta para o peito. – *Nós* podemos dar esse empurrãozinho. Com uma revolução, a República se espatifa, e junto com as Colônias podemos assumi-la e reconstruí-la para que volte a ser algo maravilhoso. Ela voltará a ser os Estados Unidos de antes. O povo viverá livremente. Day, seu irmãozinho crescerá num lugar melhor. Isso é algo pelo qual vale a pena morrer. Não concorda?

Dá para notar que as palavras de Razor estão mexendo com Day, vejo um brilho nos olhos dele que me surpreende com sua intensidade.

– Isso é algo pelo qual vale a pena morrer – repete Day.

Eu também deveria estar empolgada, mas, de alguma forma, mesmo assim, a ideia de ver a República desmoronar me deixa nauseada. Não sei se é lavagem cerebral, se isso é reflexo dos anos de doutrinas da República

inseridas no meu cérebro. Entretanto, essa sensação persiste, juntamente com um fluxo de vergonha e ódio por mim mesma.

Tudo que me era familiar não existe mais.



A médica aparece numa agitação silenciosa pouco depois da meia-noite. Ela me prepara para a cirurgia. Razor arrasta uma mesa da sala de estar até um dos quartos menores, onde caixas de provisões – alimentos, pregos, prendedores de papel, cantis, pode escolher, aqui tem de tudo – estão empilhadas nos cantos. Ela e Kaede colocam uma espessa folha plástica debaixo da mesa. Eles me prendem à mesa, com vários cintos. A médica prepara cuidadosamente seus instrumentos de metal. Minha perna está à mostra e sangra. June fica ao meu lado enquanto elas fazem isso tudo, observando a médica como se sua supervisão, por si só, fosse garantir que ela não cometeria erros. Espero impaciente. Cada momento que passa levamos mais perto de encontrar Éden. As palavras de Razor me animam toda vez que penso nelas. Eu me pergunto se não deveria ter me unido aos Patriotas anos atrás.

Tess se movimenta eficientemente na sala, como assistente da médica, vestindo luvas depois de lavar bem as mãos, entregando-lhe instrumentos, observando todo o processo intensamente, quando não tem mais nada que ela possa fazer. Ela consegue evitar June. Deduzo, pela expressão de Tess, que ela está uma pilha de nervos, mas não diz nada. Nós dois conversamos muito à vontade durante o jantar, quando ela se sentou no sofá ao meu lado, mas alguma coisa mudou entre nós, não sei bem o quê. Se fosse outra pessoa, acharia que Tess estava dando em cima de mim, mas a ideia é tão absurda que logo descarto essa possibilidade. Logo Tess, que é praticamente minha irmã, a orfãzinha do setor Nima?

Só que ela *não* é mais apenas uma orfãzinha. Percebo sinais evidentes de maturidade no seu rosto: menos gordura infantil, malaras proeminentes, olhos que não são mais tão grandes quanto eu lembrava. Pergunto-me por que não reparei antes nesses indícios. Bastaram algumas semanas de

separação para eles se tornarem óbvios. Eu devo ser cego feito uma toupeira...

– Respire – diz June, ao meu lado. Ela inala bastante ar, para me demonstrar como se faz.

Paro de martelar a cabeça por causa da Tess e me dou conta de que estou prendendo a respiração.

– Você sabe se vai demorar muito?

June me dá um tapinha na mão para acalmar a tensão que deixo escapar na minha voz, e sinto uma ponta de remorso. Se não fosse por mim, ela estaria a caminho das Colônias neste instante.

– Algumas horas.

June se cala e observa quando Razor chama a médica num canto. O dinheiro troca de mãos e depois eles se cumprimentam. Tess ajuda a médica a colocar a máscara e depois faz um gesto com os polegares para cima.

June volta a olhar para mim.

– Por que você não me disse que conhecia o Anden? – sussurro. – Você sempre falou dele como se fosse um completo desconhecido.

– Ele é um completo desconhecido – replica June. Ela hesita um pouco, como se estivesse medindo suas palavras. – Só o vi uma vez. Não vi motivo para te contar isso. Eu não o *conheço* e não sinto nada especial por ele.

Penso em nosso beijo no banheiro. Depois imagino o retrato do novo Eleitor e uma June mais velha de pé a seu lado, como a futura Primeira Cidadã do Senado. De braço dado com o homem mais rico da República. E quem sou eu, um vigarista sujo das ruas, com duas Notas no bolso, para pensar que vou ter alguma coisa mais séria com essa garota só porque passei algumas semanas com ela?

Além do mais, será que já esqueci que June vem de uma família da elite e que confraternizava com gente como o jovem Eleitor em festas e banquetes requintados, enquanto eu vasculhava comida nos latões de lixo de Lake? E essa é a *primeira* vez que imagino a princesa com um homem da classe A? Estou me sentindo um idiota por ter dito que a amava, como se ela fosse uma garota comum das ruas e pudesse retribuir meu amor.

Ela não disse que também me amava.

Por que estou perdendo tempo com isso? Não deveria doer tanto. Ou deveria? Será que não tenho coisas mais importantes com que me preocupar?

A médica vem até mim. June aperta minha mão, e eu reluto em deixá-la ir. Ela *vem mesmo* de um mundo diferente do meu, mas desistiu de tudo por minha causa. Às vezes, é como se não me desse conta do quanto isso é especial, e então me pergunto como ousou duvidar dela, sempre disposta a se arriscar por minha causa. Ela poderia facilmente me deixar para trás, mas não faz isso. “*Eu escolhi isso*” foi o que ela disse.

– Obrigado. – É tudo que consigo dizer a ela.

June olha bem para mim e me beija levemente nos lábios.

– Tudo vai acabar rapidinho, e então você vai poder voltar a escalar todos os edifícios e todas as paredes que quiser.

Ela permanece no quarto mais um instante, depois se levanta, cumprimenta a médica e Tess com a cabeça, e vai embora.

Fecho os olhos e respiro fundo, trêmulo, quando a médica se aproxima. Deste ângulo, não consigo ver Tess. Bem, seja lá o que for esta operação, não pode ser pior do que levar um tiro na perna, certo?

A médica tapa minha boca com um pano úmido, e começo a vagar por um túnel comprido e escuro.

Faíscas. Lembranças de um lugar distante.

Estou sentado com John à nossa mesa da pequena sala de estar, ambos iluminados pela luz bruxuleante de três velas. Tenho nove anos, e ele, catorze. A mesa está tão capenga quanto sempre – uma das pernas está apodrecendo, e a cada dois meses mais ou menos, tentamos estender sua vida útil pregando nela mais placas de papelão. Há um livro grosso aberto na frente de John. Suas sobrancelhas estão franzidas, num sinal de concentração. Ele lê mais uma linha, tropeça em duas das palavras e, depois pacientemente, vai adiante para as próximas.

– Você tá cansado – digo. – É melhor ir para a cama. Mamãe vai se zangar se pegar você acordado.

– Vamos terminar esta página – murmura John, sem prestar muita atenção. – Você quer ir dormir?

Isso me faz sentar mais ereto.

– Não estou cansado – afirmo.

Nós dois nos curvamos sobre as páginas de novo, e John lê em voz alta a linha seguinte.

– “Em Denver” – diz ele devagar –, “depois do... término... do muro ao Norte, o Primeiro Eleitor... oficialmente... oficialmente...”

– “*decretou*” – digo, para ajudá-lo.

– “decretou... um crime...” – John para alguns segundos, depois sacode a cabeça e suspira.

– “contra” – continuo.

John olha estranho para a página.

– Tem certeza? Não pode ser a palavra certa. Mas tudo bem. “Contra. Contra o Estado entrar na...” – John para de ler, encosta-se à cadeira e esfrega os olhos. – Você tem razão, Danny. É melhor eu ir dormir.

– Qual é o problema?

– As letras estão borradas na página. – John suspira e passa o dedo no livro. – Estão me deixando tonto.

– Chega. Vamos parar depois desta linha. – Aponto para a linha onde ele havia parado, e então encontro a palavra que o estava atrapalhando. – “Capital”. “É um crime contra o Estado entrar na capital sem antes obter liberação militar oficial.”

John sorri quando eu leio a frase para ele sem vacilar.

– Você vai se dar muito bem na sua Prova – diz ele, quando termino. – Você e Éden. Se eu passei por um triz, tenho certeza de que *você* vai passar com louvor. Você tem uma boa cabeça, garoto.

Não ligo muito para o elogio dele.

– Não ligo para escola.

– Mas deveria. Pelo menos vai ter a oportunidade de ir para a escola. E se você se der bem, a República pode até te mandar para uma faculdade e te colocar nas forças armadas. Isso pode ser muito legal, né?

De repente ouvimos baterem à nossa porta da frente. Dou um pulo na cadeira. John me empurra para trás dele e pergunta em voz alta:

– Quem é?

Continuam a bater com força, e tapo os ouvidos para tentar diminuir o barulho. Mamãe chega à sala de visitas, segurando um sonolento Éden nos braços, e nos pergunta o que está acontecendo. John dá um passo à frente para abrir a porta, mas, antes que possa fazê-lo, a porta se escancara e uma patrulha de policiais municipais armados entra sem pedir licença. À frente deles está uma moça com um comprido rabo de cavalo negro e um brilho dourado nos olhos, também negros. Seu nome é June.

– Você está preso – diz ela – pelo assassinato de nosso glorioso Eleitor.

Ela ergue a arma e atira em John. E depois na mamãe. Grito o mais alto que posso, e com tanta força, que minhas cordas vocais estalam. Tudo fica escuro.

Um choque de dor percorre meu corpo. Volto a ter dez anos e estou no laboratório do Hospital Central de Los Angeles, preso ao lado de um monte de crianças, todas acorrentadas em macas metálicas e ofuscadas por luzes fluorescentes. Doutores com máscaras rondam ao meu redor. Aperto os olhos para vê-los. *Por que querem que eu fique acordado?* As luzes são muito fortes; me sinto... lerdo, minha mente me arrasta num mar de névoa.

Vejo os bisturis nas mãos deles. O murmurar dos presentes forma uma confusa massa sonora. Sinto então uma coisa fria e metálica no joelho, e percebo que arqueio as costas e tento dar um grito agudo, mas não sai nenhum som da minha boca. Quero dizer a eles que parem de cortar meu joelho, mas então alguma coisa perfura minha nuca e a dor faz meus pensamentos desaparecerem. Minha visão se foca numa luz branca cegante.

Depois, abro os olhos e estou deitado num porão escuro e abafado. Estou vivo por um milagre. A dor no meu joelho me dá vontade de chorar, mas sei que preciso ficar calado. Vejo sombras escuras ao meu redor, a maioria delas imóvel no chão, enquanto adultos usando jalecos de laboratório andam para lá e para cá, inspecionando os volumes no piso. Espero em silêncio, com os olhos quase fechados, com apenas minúsculas fendas abertas, até que as pessoas que estão andando saem do local. Então consigo

ficar de pé e rasgo o tecido de uma calça para amarrar no meu joelho que sangra. Tropeço no escuro e tato as paredes até encontrar uma porta que dá para fora, e depois me arrasto até um beco nos fundos. Vou até a claridade, e desta vez June está lá, serena e destemida, estendendo a mão fria para me ajudar.

– Venha – murmura ela, abraçando minha cintura. Eu a mantenho bem junto de mim. – Estamos juntos nessa, não estamos? Você e eu?

Caminhamos até a rua e deixamos o laboratório do hospital para trás.

Todas as pessoas na rua têm os cachos de Éden, louros como trigo; cada uma exibe uma faixa escarlate de sangue nos fios do cabelo. Toda porta por que passamos tem um grande X vermelho pintado com spray, com uma linha no centro. Isso quer dizer que todos lá dentro estão infectados pela praga. Uma praga mutante.

Vagamos pelas ruas por um tempo que parece dias, através de um ar tão espesso quanto pegajoso. Procuro a casa da minha mãe. Ao longe, a distância, consigo ver as cidades cintilantes das Colônias acenando para mim, numa promessa de um mundo melhor e de uma vida melhor. Vou levar John, mamãe e Éden para lá, onde ficaremos por fim livres das garras da República.

Finalmente, chegamos à porta da casa da minha mãe, mas, quando a abro com um empurrão, a sala de visitas está vazia. Minha mãe não está lá. Nem John. *Os soldados atiraram nele*, lembro de repente. Olho de relance para o lado, mas June desapareceu, e estou sozinho no vão da porta. Só sobrou o Éden, que está deitado na cama. Quando me aproximo o bastante para que me ouça chegar, ele abre os olhos e estende as mãos para mim.

Mas seus olhos não estão azuis: estão negros, porque as íris estão sangrando.

Volto a mim devagar, muito devagar, saindo da escuridão.

Minha nuca lateja da mesma forma que acontece quando estou me recuperando de uma das minhas dores de cabeça. Sei que estava sonhando, mas tudo o que me lembro é de uma sensação prolongada de horror, de alguma coisa terrível me espreitando atrás de uma porta trancada. Um

travesseiro está debaixo da minha cabeça. Um tubo me dá cutucadas no braço e percorre a extensão do piso. Tudo está fora de foco. Luto para clarear minha visão, mas tudo que consigo ver é a beira de uma cama e um tapete no chão, e uma garota sentada lá, com a cabeça apoiada na cama. Pelo menos, *acho* que é uma garota. Por um instante pensei que pudesse ser o Éden, que de alguma forma os Patriotas conseguiram resgatá-lo e trazê-lo até aqui.

O vulto se mexe. Agora vejo que é Tess.

– Olá! – murmuro. A palavra sai meio embolada. – Que está acontecendo? Onde está June?

Tess agarra minha mão e se levanta, tropeçando nas palavras ao responder com pressa.

– Você está acordado! Você... Como está se sentindo?

– Lerdo.

Tento tocar o rosto dela. Ainda não estou totalmente convencido de que ela é real.

Tess olha atrás da porta do quarto, para certificar-se de que não há ninguém lá. Ela ergue um dedo aos lábios e diz baixinho:

– Você não vai se sentir lerdo por muito tempo. A médica ficou muito satisfeita com o resultado da operação. Rapidinho você vai estar melhor e vamos poder ir até a frente de batalha para matar o Primeiro Eleitor.

É chocante ouvir a palavra *matar* soar tão harmoniosa saindo da boca de Tess. Então, um instante depois, me dou conta de que minha perna não está doendo nada! Tento me aprumar para ver, e Tess empurra os travesseiros atrás das minhas costas, para que eu possa sentar. Olho de relance para minha perna, quase com medo do que vou ver.

Tess se senta ao meu lado e desamarra as ataduras brancas que cobrem a área onde estava o ferimento. Debaixo da gaze há placas lisas de metal, um joelho mecânico, onde ficava meu joelho lesionado, e lâminas metálicas que cobrem a parte superior da coxa. Fico pasmo. As partes onde o metal se mistura à carne da minha coxa e da panturrilha estão perfeitamente ajustadas, mas apenas manchinhas vermelhas e inchaço delineiam as bordas. Sinto vertigens.

Os dedos de Tess tamborilam, ansiosos, nos meus cobertores; ela morde o lábio superior e pergunta:

– E então? O que você está sentindo?

– Eu não estou sentindo... nada. Não dói nada.

Passo um dedo hesitante no metal frio, tentando me acostumar às partes estranhas inseridas na minha perna, e pergunto:

– Foi ela que fez isto tudo sozinha? Quando vou poder andar de novo? O ferimento já se curou *tão* depressa assim?

Tess fica meio envaidecida e orgulhosa, e diz:

– Eu ajudei a médica. Você não deve ficar se mexendo muito nas próximas doze horas, para que as pomadas curativas funcionem.

Tess dá uma gostosa gargalhada, o que faz seus olhos enrugarem de modo familiar.

– Essa é uma operação normal para soldados feridos em combate. Muito legal, não é? Com o tempo, você vai poder usar como uma perna normal, talvez até melhor. A doutora a quem eu ajudei é muito famosa nos hospitais especializados em cirurgias em combatentes, mas ela também faz cirurgias no mercado paralelo para ganhar um dinheiro extra. Isso foi a maior sorte, porque, enquanto ela estava aqui, me mostrou também como recolocar o braço quebrado da Kaede no lugar, para que ele fique bom mais depressa.

Eu me pergunto quanto os Patriotas gastaram na minha cirurgia. Já vi soldados com partes de metal, desde um quadrado metálico em partes superiores de braços, até uma perna inteira substituída por metal. Não deve ser uma operação barata, e dada a aparência da minha perna, a doutora usou unguentos curativos de padrão militar. Já dá pra calcular a força que minha perna vai ter quando eu me recuperar, e que vou poder me movimentar com muito mais rapidez. E encontrar Éden em muito menos tempo.

– É muito legal mesmo. É genial. – Estico um pouco o pescoço para focalizar a porta do quarto, mas fico tonto. Minha cabeça lateja loucamente, e consigo escutar vozes baixinhas na parte mais distante do corredor. – O que as pessoas estão fazendo?

Tess olha de relance sobre o ombro e me responde:

– Estão falando sobre a primeira fase do plano. Não vou participar, por isso não me chamaram para essa conversa.

Ela me ajuda a deitar de novo. Segue-se uma pausa constrangedora. Ainda não me acostumei com o visual diferente de Tess. Ela repara que a estou admirando e sorri sem graça.

– Quando tudo isto terminar, quero que você vá comigo para as Colônias, tudo bem?

Tess sorri e alisa meus cobertores nervosamente com uma das mãos, enquanto continuo a falar:

– Se tudo sair de acordo com os planos dos Patriotas, e a República realmente sucumbir, não quero a gente no olho do furacão: Éden, June, você e eu. Você entende, não é, amiga?

A demonstração de entusiasmo de Tess diminui; ela hesita e diz, olhando furtivamente para a porta mais uma vez:

– Não sei, Day.

– Por quê? Está com medo dos Patriotas ou é outra coisa?

– Não. Eles até que têm sido legais comigo até agora.

– Então, por que você não quer vir? – pergunto tranquilamente. Estou começando a me sentir fraco de novo, e é difícil impedir que as coisas fiquem confusas. – Lá em Lake, nós sempre dissemos que fugiríamos juntos para as Colônias, se tivéssemos a chance. Meu pai me disse que as Colônias devem ser um lugar cheio de...

– Liberdade e oportunidades, eu sei. – Tess balança a cabeça. – Mas é só que...

– O quê?

Uma das mãos de Tess desliza e pega a minha mão. Eu vejo aquela garota novamente, logo que a encontrei fuçando uma lixeira no setor Nima. Será esta a mesma garota? Suas mãos já não são pequenas como eram, embora continuem a se ajustar perfeitamente nas minhas. Ela me olha e diz:

– Day, estou preocupada com você.

Pisco os olhos, confuso.

– Como assim? Por causa da cirurgia?

Tess sacode a cabeça, impaciente.

– Não. Estou preocupada com você por causa da *June*.

Respiro fundo, esperando que ela continue, com medo do que vai falar.

A voz de Tess muda, fica esquisita, e eu não a reconheço:

– Bem... Se a June viajar com você... Quer dizer, sei como você é ligado a ela, mas faz apenas algumas semanas, ela era um *soldado* da República. Você não repara na expressão dela de vez em quando? Como se sentisse falta da República, como se quisesse voltar ou coisa parecida? E se ela tentar sabotar nosso plano, ou te delatar enquanto a gente estiver tentando chegar às Colônias? Os Patriotas já estão tomando precauções...

– Pode ir parando por aí.

Fico meio surpreso com a irritação da minha voz. Nunca falei rispidamente com Tess antes, e lamento na mesma hora ter sido grosso. Percebo o ciúme de Tess em cada palavra, na maneira em que ela cospe o nome da June, como se mal pudesse esperar para acabar de pronunciá-lo.

– Tem pouco tempo que esse monte de coisa ruim aconteceu com a gente. É claro que ela vai ficar insegura às vezes. Qualquer um de nós ficaria. A June não é mais leal à República. Além disso, estamos num lugar perigoso e viajar com ela não piora as coisas para nós. Muito pelo contrário, June tem habilidades que nenhum de nós tem. Ela me tirou de Batalla Hall, poxa! Sei que pode manter a gente em segurança.

Tess morde os lábios.

– Bem, o que você acha que os Patriotas estão planejando para ela? E o relacionamento dela com o Eleitor?

– Que relacionamento? – Levanto as mãos debilmente, tentando fingir que isso não importa. – Tudo faz parte do jogo. Ela nem conhece o cara.

Tess dá de ombros e insiste:

– Mas rapidinho vai conhecer. Quando ela tiver de se aproximar o bastante para manipular o sujeito. – Ela baixa os olhos de novo. – Eu vou com você, Day. Vou a qualquer lugar com você, mas eu só quis chamar sua atenção sobre... ela. Caso você não tenha pensado no assunto dessa maneira.

– Tudo vai dar certo – consigo dizer. – Pode confiar em mim. – A tensão finalmente passa. O rosto de Tess se atenua e volta à sua conhecida doçura,

e minha irritação desaparece tão depressa quanto havia surgido; digo, sorrindo: – Você sempre cuidou de mim. Obrigado, amiga.

Tess dá uma risada.

– Alguém precisa fazer isso, não é? – Ela aponta as mangas enroladas do meu uniforme. – Aliás, fico feliz que o uniforme tenha ficado bem em você. Pareceu muito grande quando estava dobrado, mas acabou dando certo.

Sem aviso, Tess se debruça e me dá um beijinho no rosto. Quase instantaneamente, ela dá um pulo. Seu rosto está rosa. Tess já me beijou antes no rosto, quando era mais novinha, mas esta é a primeira vez que senti algo *mais* no seu gesto. Tento descobrir como, em menos de um mês, ela deixou a infância para trás e se tornou adulta. Eu tusso, sem jeito. É um novo e estranho relacionamento o nosso.

Ela então se levanta e puxa a mão. Olha para a porta, e não para mim, e diz:

– Desculpa, você devia estar descansando. Mais tarde venho ver como você está. Tente voltar a dormir.

Foi aí que me dei conta de que deve ter sido a Tess que deixou nossos uniformes no banheiro, e talvez tenha me visto beijar June. Tento raciocinar em meio à névoa na minha cabeça, dizer alguma coisa antes que ela vá embora, porém ela já se foi e desapareceu no corredor.

JUNE

05H45.

VENEZIA.

PRIMEIRO DIA COMO MEMBRO OFICIAL DOS PATRIOTAS.

Preferi não ficar na sala durante a cirurgia; Tess, evidentemente, permaneceu para assistir à médica. A imagem de Day deitado inconsciente na maca, o rosto lívido e inexpressivo, e a cabeça virada a noventa graus para o teto, seria uma lembrança forte demais da noite em que me curvei sobre o corpo inanimado de Metias no corredor do hospital. Prefiro que os Patriotas não conheçam meus pontos fracos, por isso me afasto e fico sentada sozinha num dos sofás da sala principal.

Também permaneço distante para realmente pensar sobre o plano de Razor para mim.

Vou ser presa pelos soldados da República.

Vou encontrar uma forma de conseguir uma audiência privada com o Eleitor, e então fazer com que confie em mim.

Vou contar a ele sobre uma trama falsa para assassiná-lo, o que levará a um perdão total de todos os meus crimes contra a República.

E depois devo atraí-lo para seu verdadeiro assassinato.

Esse é meu papel. Pensar sobre ele é uma coisa; concretizá-lo é outra. Examinando minhas mãos e me pergunto se estou pronta para manchá-las de sangue, se estou pronta para matar alguém. Como era mesmo a frase que Metias sempre dizia? *“Poucas pessoas matam pelas razões certas, June.”* Mas aí me lembro do que Day disse no banheiro: *“Acabar com a pessoa encarregada de todo esse maldito sistema me parece um preço pequeno a se pagar para começar uma revolução, não acha?”*

A República roubou Metias de mim. Penso na Prova, nas mentiras sobre a morte dos meus pais. Nas pragas criadas em laboratório...

Do alto desse edifício luxuoso, posso ver o estádio das Provas de Vegas atrás dos arranha-céus reluzentes, a distância.

Poucas pessoas matam pelas razões certas, mas se tem alguma razão certa, essa é uma delas. Não é?

Minhas mãos tremem ligeiramente. Eu as estabilizo.

O apartamento está silencioso. Razor saiu de novo, às 3h32, de uniforme de gala, e Kaede está cochilando na outra extremidade do sofá. Se eu deixasse um alfinete cair no chão de mármore, o som provavelmente incomodaria meus ouvidos. Após algum tempo, concentro minha atenção na pequena tela na parede. Está sem som, mas ainda assim assisto ao ciclo familiar de transmissão de notícias: alertas contra inundações e tempestades, horários de chegadas e partidas de dirigíveis, vitórias contra as Colônias na zona de combate. Às vezes, me pergunto se a República também inventa essas vitórias e se estamos realmente vencendo ou perdendo a guerra. As manchetes continuam. Há até um comunicado público advertindo que qualquer civil apanhado com uma mecha vermelha no cabelo será preso no ato.

O ciclo de notícias termina abruptamente. Eu me aprumo quando vejo a próxima notícia: o novo Eleitor vai fazer seu primeiro pronunciamento público ao vivo.

Hesito, depois olho furtivamente para Kaede. Ela está dormindo profundamente. Eu me levanto, atravesso a sala em silêncio e aumento o volume do monitor.

O som está muito baixinho, mas é o suficiente para que eu possa ouvir. Vejo Anden – ou, melhor dizendo, o Primeiro Eleitor – posicionar-se elegantemente no pódio. Acena com a cabeça para o costumeiro grupo de repórteres indicados pelo governo, postados à sua frente. Ele está igualzinho a como eu me lembrava dele: uma versão mais jovem do pai, com óculos finos e uma inclinação régia do queixo, trajando impecavelmente um uniforme formal negro com ornamentos dourados e fileiras duplas de botões reluzentes.

– Estamos numa época de grandes mudanças. Nossa determinação está sendo posta à prova mais do que nunca, e a guerra contra nosso inimigo

chegou a seu momento crucial – diz ele, que fala como se o pai não tivesse morrido, como se ele sempre tivesse sido nosso Primeiro Eleitor. – Vencemos nossas três últimas batalhas e nos apoderamos de três cidades das Colônias que ficam ao sul. Estamos na iminência da vitória, e não vai demorar para a República se estender até a beira do oceano Atlântico. É nosso destino óbvio.

Ele prossegue, reafirmando ao povo nossa força militar e prometendo futuros anúncios sobre as mudanças que quer implementar. Sabe-se lá o que é verdade sobre isso tudo. Volto a analisar o rosto dele. Sua voz não é diferente da do pai, mas a sinceridade que ela transmite me cativa. O rapaz tem vinte anos. Talvez realmente acredite em tudo que está dizendo, ou talvez seja apenas um ótimo ator ao esconder suas dúvidas.

Eu me pergunto como ele se sente sobre a morte do pai e como consegue, em coletivas de imprensa como esta, compor-se o suficiente para desempenhar seu papel. Não há dúvida de que o Congresso está ansioso para manipular um novo Eleitor tão jovem, para tentar dirigir o espetáculo dos bastidores e manipulá-lo como se fosse uma marionete. Com base no que disse Razor, eles devem estar se estranhando diariamente. Anden talvez seja tão sedento de poder quanto o pai era, se ele se recusa a se submeter ao Senado.

Quais exatamente *são* as diferenças entre Anden e seu pai? Como Anden acha que a República deve ser – por falar nisso, como *eu* acho que ela deve ser?

Tiro o som da tela e me afasto. *Não gaste muito tempo refletindo sobre quem é Anden.* Não posso pensar nele como se ele fosse uma pessoa real, uma pessoa que tenho de matar.

Finalmente, quando os primeiros raios da alvorada começam a surgir na sala, Tess sai do quarto com a notícia de que Day está acordado e alerta, e diz a Kaede:

– Ele está bem. Agora mesmo está sentado e deve poder andar em algumas horas. – Então ela me vê e seu sorriso esmaece. – Oi... Você pode ver o Day, se quiser.

Kaede abre um olho, dá de ombros e volta a dormir. Dou à Tess o sorriso mais amigável que consigo, respiro fundo e me dirijo ao quarto.

Day está sentado com travesseiros nas costas e coberto até o peito com um espesso cobertor. Deve estar cansado, mas pisca para mim quando me vê entrar, gesto que faz meu coração perder o compasso. O cabelo dele está despenteado, num círculo reluzente. Alguns cliques de papel dobrados estão no seu colo (tirados das caixas de suprimentos no canto; deduzo que ele *já* tenha se levantado). Aparentemente Day estava fazendo alguma coisa com eles. Solto um suspiro de alívio quando vejo que ele não está sentindo nenhuma dor.

– Ei! Fico feliz em ver que você está vivo.

– Eu também estou feliz em ver que estou vivo – responde ele. Seus olhos me seguem quando me sento ao seu lado na cama. – Perdi alguma coisa enquanto estava fora do ar?

– Perdeu. Você não ouviu a sinfonia de roncamentos de Kaede no sofá. Para alguém que vive driblando a lei, essa garota dorme feito uma pedra.

Day sorri. Volto a me admirar com seu bom humor, coisa que não tenho presenciado muito nas últimas semanas. Meu olhar se desloca para onde o cobertor cobre sua perna em processo de cura, e pergunto:

– Como é que ela está?

Day afasta o cobertor. Vejo que há lâminas metálicas lisas, de aço e titânio, onde ficava seu ferimento. A médica também substituiu o joelho com problemas por um joelho artificial, e agora um terço de sua perna é metálico. Ele me lembra os soldados que voltam da frente de combate, com suas mãos, braços e pernas sintéticos de metal, onde antes havia pele. A médica deve conhecer bem os ferimentos de guerra. Sem dúvida as ligações de Razor com oficiais a ajudaram a obter as preciosas pomadas curativas que ela deve ter usado em Day. Estendo a mão aberta, e ele põe sua mão na minha.

– É desconfortável?

Day balança a cabeça, incrédulo, e responde:

– Acredita que não estou sentindo nada? Tudo está leve e indolor. – Um sorriso maroto ilumina seu rosto e ele diz: – Agora você vai ver o que é

escalar para valer um prédio, querida. Não tenho mais um joelho podre para me atrapalhar. Que belo presente de aniversário!

– Aniversário? Eu não sabia. Feliz aniversário – digo, sorrindo. Meus olhos se concentram nos cliques de papel espalhados no seu colo. – O que você está fazendo?

– Isso aqui? – Day apanha um dos objetos que está criando, que se assemelha a um círculo de metal. – É só para matar o tempo. – Ele levanta o círculo até a claridade, pega minha mão, onde põe o círculo. – É um presente para você.

Analiso o objeto de perto. É feito de quatro cliques de papel abertos, cuidadosamente entrelaçados em espiral e com as extremidades juntas, de modo a formar um minúsculo anel. Coisa simples e bem-feita. Até artística, eu diria. Percebo amor e cuidado nas dobras do metal, as pequenas curvaturas onde os dedos de Day trabalharam o material repetidamente, até ele formar as curvas certas. *Ele fez isso para mim*. Ponho o anel no dedo, e ele desliza facilmente para o lugar. É lindo! Fico tímida e lisonjeada, e não consigo dizer nada. Nem me lembro da última vez que alguém de fato *fez* alguma coisa para mim por conta própria.

Day fica desapontado com minha reação, mas disfarça o que sente rindo indiferente.

– Sei que vocês, cheios da nota, têm suas tradições refinadas, mas, nos bairros pobres, noivados e gestos de afeição costumam ser como isto aqui.

Noivados? Meu coração se agita no peito. Não consigo esconder um sorriso.

– Com anéis feitos de cliques?

Oh, não, falei demais! Minha pergunta foi uma demonstração sincera de curiosidade, mas só me dou conta de que pareceu sarcasmo na hora em que as palavras já saíram da minha boca.

Day enrubesce um pouco, e fico imediatamente aborrecida comigo mesma por ter dado outro fora.

– Com alguma coisa feita à mão – me corrige ele após um instante. Olha para baixo, claramente constrangido, e eu me sinto péssima por haver sido a

causadora disso. – Desculpe se a aparência é meio grosseira – diz ele baixinho. – Eu queria poder fazer alguma coisa mais bonita para você.

– Não, não – interrompo, tentando consertar o que tinha dito. – Gostei muito. Passo os dedos no minúsculo anel, mantendo os olhos fixos nele, para não ter que encarar os olhos de Day.

Será que ele pensa que eu não achei o anel bom o bastante? Fale alguma coisa, June. Qualquer coisa.

Começo a analisar o anel.

– Aço galvanizado não revestido. É um material de ótima qualidade, sabia? Mais resistente do que as alianças metálicas, é dobrável, e não enferruja. É...

Paro quando vejo o olhar fixo e envergonhado de Day.

– Gostei – repito. *Comentário idiota, June. Aproveita e dá logo um soco na cara dele.* Fico ainda mais perturbada quando me lembro de que eu já dei uma coronhada no rosto dele antes. Muito romântico.

– De nada – diz ele, enfiando alguns cliques inteiros nos bolsos.

Faz-se uma demorada pausa. Não sei bem o que ele esperava de mim, mas provavelmente não era uma relação das propriedades físicas dos cliques de papel. De repente, insegura, eu me aproximo dele e apoio a cabeça no seu peito. Ele arfa, como se eu o tivesse apanhado de surpresa, e abraça-me suavemente. *Assim é bem melhor!* Fecho os olhos. Uma de suas mãos acaricia meu cabelo e deixa meu corpo todo arrepiado. Eu me deixo levar por um pequeno momento de fantasia e o imagino segurando meu queixo delicadamente, aproximando o rosto do meu.

Day se inclina perto do meu ouvido e murmura:

– O que você está achando do plano deles?

Dou de ombros, e afasto minha decepção.

Que burra eu fui em ficar fantasiando que ia ganhar um beijo dele numa hora dessas.

– Alguém já disse o que eles querem que você faça?

– Não, mas tenho certeza de que vai haver uma nota no noticiário nacional pela televisão para informar ao país que continuo vivo. Eles não ficam dizendo que eu incito as massas? Que levo as pessoas à loucura? –

Day sorri ironicamente, mas seu rosto não parece achar graça. – Faço o que for preciso para encontrar o Éden.

– Sei disso.

Ele então me puxa para cima, para que eu o encare.

– Não sei se vão deixar que a gente se fale. – Ele baixa tanto a voz que mal consigo ouvi-la. – O plano *parece* bom, mas, se alguma coisa der errado...

– Tenho certeza de que vão cuidar de mim – eu o interrompo. – Razor é oficial da República. Ele pode encontrar um jeito de me salvar, se o plano começar a dar errado. E sobre podermos nos comunicar... – mordo o lábio, raciocinando – vou dar um jeito.

Day toca meu queixo, aproximando-me tanto que seu nariz roça o meu.

– Se alguma coisa der errado, se você mudar de ideia, se precisar de ajuda, você me manda um sinal, tá me ouvindo?

Suas palavras fazem meu pescoço se arrepiar.

– Combinado – sussurro.

Day move a cabeça sutilmente para mim, então se afasta e se encosta nos travesseiros. Respiro fundo.

– Está preparada? – Sei bem que ele quer dizer mais do que isso, mas ele não diz. Seria: *Você está preparada para matar o Eleitor?*

Dou um sorrisinho forçado.

– Mais do que isso impossível.

Permanecemos assim por um longo tempo, até se firmar a luz que entra pelas janelas e ouvirmos o juramento matinal ecoar pela cidade.

Finalmente, escuto a porta da frente se abrir e fechar, e a voz de Razor.

Pisadas aproximam-se do quarto, e Razor dá uma olhadela para dentro do cômodo no momento em que me endireito e me sento reto.

– Como vai sua perna? – pergunta ele a Day. Seu rosto está tão calmo como sempre, e os olhos inexpressivos atrás dos óculos.

Day faz um sinal positivo com a cabeça.

– Bem.

– Excelente. – Razor sorri solidário. – Espero que já tenha passado tempo suficiente com seu amigo, srta. Iparis. Vamos embora daqui a uma

hora.

– Pensei que a médica quisesse que eu descansasse por... – Day começa a dizer.

– Lamento – responde Razor ao virar as costas. – Temos que pegar um dirigível. Só não force muito sua perna ainda.



Os Patriotas tratam primeiro de cuidar do meu disfarce.

Kaede corta meu cabelo até um pouco acima dos ombros, depois tinge os fios brancos como trigo de castanho-escuro avermelhado. Usa uma espécie de spray para fazer isso, algo que pode ser removido com um produto especial, quando eu quiser. Razor me dá um par de lentes de contato castanhas que escondem completamente o azul-claro dos meus olhos. Somente eu posso distinguir que são artificiais; consigo perceber os minúsculos pontinhos roxos profundos das minhas íris. Essas lentes são um acessório de luxo – os ricos as usam para mudar a cor dos olhos, por puro *divertimento*. Elas teriam sido úteis nas ruas, se tivesse tido acesso a elas. Kaede acrescenta uma cicatriz sintética ao meu rosto, depois termina meu disfarce com um uniforme de cadete do primeiro ano da aeronáutica, que consiste em um traje todo negro, com faixas vermelhas em cada uma das pernas da calça.

Finalmente, ela me equipa com um diminuto fone de ouvido e um microfone da cor da pele; o primeiro inserido discretamente na minha orelha, e o segundo, grudado na parte de dentro da minha bochecha.

Razor veste um uniforme de oficial da República, feito sob encomenda. Kaede usa um traje impecável de voo: um macacão preto com galões de asas prateadas em ambas as mangas, luvas brancas de combate combinando e óculos de aviação. Não é à toa que ela é piloto dos Patriotas; de acordo com Razor, Kaede consegue fazer uma manobra Split-S no ar melhor do que qualquer pessoa que ele já viu. Kaede não deve ter dificuldade em se passar por um piloto de avião de caça da República.

Tess já havia saído, levada há meia hora por um soldado que Razor disse ser mais um Patriota. Tess é muito nova para ser um soldado de qualquer nível, sendo assim, o único modo de colocá-la dentro do RS Dynasty era vesti-la num traje simples de camisa social e calças castanhas, o uniforme dos trabalhadores que operam as centenas de fogareiros do dirigível.

Só restava, é claro, June.

June observa calmamente minha transformação sentada no sofá. Ela não falou muito desde nossa última conversa na cama em que me recuperava.

Enquanto o resto de nós usa diferentes trajes, June não sofreu nenhuma transformação: está sem maquiagem, os olhos continuam negros e penetrantes, o cabelo puxado para trás, naquele rabo de cavalo lustroso. Ela veste o uniforme simples de cadete que Razor nos entregou ontem à noite. Na verdade, June não parece nada diferente da foto da sua identidade militar. Ela é a única de nós que não está equipada com microfone e fone de ouvido, por razões óbvias. Faço várias tentativas de cruzar meu olhar com o dela, enquanto Kaede trata da minha aparência.

Menos de uma hora depois, percorremos a Strip de Vegas, no jipe de Razor. Passamos por várias das primeiras pirâmides, Alexandria, Luxor, Cairo, o Sphinx. Todos estes hotéis receberam seus nomes em homenagem a uma antiga civilização pré-República, ou, pelo menos, foi isso que me ensinaram, durante os poucos anos em que a República permitiu que eu frequentasse o colégio. Elas são bem diferentes durante o dia, com seus raios reluzentes e as bordas apagadas, avultando como gigantescas sepulturas negras no meio do deserto. Soldados entram e saem apressados. É bom ver tanta atividade, assim fica mais fácil para nos misturarmos ao povo.

Reexamino nossos uniformes, aprumados e autênticos. Não consigo me acostumar a ele, embora June e eu estejamos fingindo ser soldados há semanas. A gola me arranha o pescoço, e as mangas são engomadas demais. Não entendo como June aguentava usar este troço o tempo todo. Será que ela gostou de como eu fiquei nesta roupa? Nela, meus ombros parecem até um pouco mais largos.

– Pare de ficar mexendo no seu uniforme – sussurra June para mim ao me ver futucar as beiras da minha jaqueta militar. – Você está bagunçando o alinhamento dele.

Isso é o máximo que a ouvi falar em uma hora.

– Você está tão nervosa quanto eu.

June hesita e se vira. Sua mandíbula está cerrada, parece lutar contra a vontade de dizer algo intempestivo.

– Só estava tentando ajudar.

Depois de um tempinho, estendo o braço e aperto a mão dela. Ela retribui.

Finalmente, chegamos ao Pharaoh, a plataforma de aterrissagem onde o RS Dynasty está pousado. Razor nos faz descer rapidamente e, depois, nos manda ficar em posição de sentido. Apenas June não permanece na fila; ela para ao lado de Razor e olha para um lado da rua. Eu a observo discretamente.

Um minuto depois, outro soldado surge da multidão e acena com a cabeça para Razor, em seguida para June, que endireita os ombros, põe-se ao lado do soldado e desaparece em meio à multidão na rua. Simplesmente some. Exalo o ar pesadamente, me sentindo vazio com sua ausência.

Só voltarei a vê-la quando tudo estiver acabado. Se tudo der certo.

Não seja pessimista: vai dar tudo certo.

Nós nos dirigimos para dentro, com as levas de outros soldados entrando e saindo do Pharaoh. O interior é enorme; além da entrada principal, o teto se estende em toda a extensão até o topo da pirâmide, e termina com a base da RS Dynasty, onde vejo minúsculos vultos embarcando em meio a um labirinto de rampas e passadiços. Fileiras de portas de barracas militares estão alinhadas em cada um dos níveis das laterais das pirâmides. Longos painéis de texto, afixados em todas as paredes, anunciam uma torrente ininterrupta de horários de partidas e chegadas. Elevadores diagonais ocupam as quatro principais bordas da pirâmide.

Neste ponto, Razor nos deixa para trás. Num minuto ele está andando à frente; noutro, ele vai abrindo caminho na multidão e se mistura ao mar de uniformes. Kaede continua a andar sem hesitação, mas devagar o bastante para ficarmos lado a lado. Mal consigo ver seus lábios se moverem, mas sua voz ecoa claramente no meu fone de ouvido.

– Razor vai embarcar no Dynasty com os outros oficiais, mas não podemos entrar com os soldados, senão vamos ser identificados. Por isso, entrar sorrateiramente é nossa melhor opção.

Meus olhos focalizam a base do dirigível, examinando superficialmente os cantos e esconderijos nas laterais. Lembro quando invadi um dirigível retido no chão e roubei duas sacolas de enlatados. Lembro também da ocasião em que afundei um dirigível menor no lago de Los Angeles, ao alagar os motores. Nos dois casos, havia um jeito fácil de entrar sem ser percebido.

– As calhas de escoamento de lixo – murmuro ao microfone.

Kaede me dá um rápido sorriso de aprovação.

– É isso aí! Falou como um verdadeiro corredor.

Abrimos caminho entre o povo até chegarmos a um terminal de elevador num dos cantos da pirâmide, onde nos misturamos com um pequeno grupo reunido em frente à porta do elevador. Kaede desliga seu microfone para conversar comigo, e tomo o cuidado de não fazer contato visual com nenhum dos soldados. Muitos deles são mais jovens do que eu havia imaginado, têm quase minha idade, e vários já apresentam lesões permanentes: membros de metal como o meu, a falta de uma orelha, uma das mãos coberta com cicatrizes de queimaduras... Volto a olhar para o Dynasty, desta vez demorando o suficiente para reparar em todas as calhas de escoamento de lixo abertas no lado da carcaça do dirigível. Se vamos entrar sem ser vistos, vamos precisar fazer isso rapidamente.

O elevador chega logo. Percorremos a extensão vertical nauseante até o lado diagonal da pirâmide, depois esperamos no topo enquanto as outras pessoas se enfileiram para sair. Saímos por último. Quando os demais se espalham para um dos lados do hall do topo que leva às rampas de entrada do dirigível, Kaede se vira para mim.

– Falta mais um lance para nós. – Ela faz um sinal com a cabeça para um conjunto de degraus mais estreitos no fim do hall, que conduzem ao interior do topo da pirâmide. Analiso os degraus em silêncio. Ela está certa. Os degraus vão direto até em cima – provavelmente até o telhado –, e em toda a extensão do teto há labirintos de andaimes de metal e vigas de apoio entrecruzadas. Daqui, a parte traseira do dirigível ancorado projeta uma sombra que se estende pelo teto e deixa essa parte dele na escuridão. Se conseguirmos saltar do meio desse último lance de escada e subir até aquela confusão de vigas de metal, podemos chegar ao dirigível sem ser percebidos, ocultados pelas sombras, e escalar o lado escuro da carcaça. Além disso, os respiradouros de ar são barulhentos a essa distância. Isso, junto com os ruídos e o alvoroço da base, deve encobrir quaisquer sons que façamos.

Espero que minha nova perna aguente o tranco. Piso duramente com ela duas vezes, a fim de testá-la. Não dói, mas há uma pequena pressão onde minha carne se encontra com o metal, como se ainda não estivesse completamente fundida. Ainda assim, não posso deixar de sorrir.

– Isso vai ser muito divertido – digo em voz alta.

Sinto que estou quase de volta ao meu elemento, pelo menos por um instante, voltando ao que sei fazer melhor.

Caminhamos até os degraus nas sombras, e então cada um de nós dá um pequeno salto até os andaimes e sobe nas vigas. Kaede vai primeiro. Tem certa dificuldade com o braço engessado, mas consegue agarrar-se firmemente após se embaralhar um pouco. E então chegou minha vez. Giro facilmente até as vigas e lanço meu corpo sinuosamente até as sombras. Até aqui, a perna não me incomodou. Kaede me observa, com aprovação.

– Estou me sentindo no céu – sussurro.

– Dá pra notar.

Percorremos o local em silêncio. O medalhão escorrega para fora da minha camisa algumas vezes e preciso metê-lo para dentro de novo. De vez em quando olho para baixo ou em direção ao dirigível; o piso da base de aterrissagem está lotado de cadetes de todos os níveis hierárquicos, e agora que a maioria dos tripulantes anteriores do Dynasty saiu do veículo, os novos tripulantes começam a formar compridas filas nas rampas de entrada. Observo cada um deles passar por uma breve inspeção, verificação de identidade e um escâner corporal. A distância, muito acima de nós, mais cadetes estão se acumulando perto das portas dos elevadores.

Paro de repente.

– Qual é o problema? – pergunta Kaede, apreensiva.

Levanto um dedo, para que se cale. Meus olhos estão concentrados no chão, fixos num vulto familiar que está abrindo caminho na multidão.

Thomas.

Esse sujeito nos rastreou de Los Angeles até aqui. Ele para de vez em quando para fazer perguntas a soldados aleatórios. Com ele está um cachorro tão branco que se sobressai como um raio, de onde estamos. Eu esfrego os olhos para me certificar de que não estou tendo alucinações.

Não estou. Ele ainda está lá. Continua a abrir caminho sinuosamente na multidão; tem uma das mãos sobre a arma na cintura, a outra segura a guia do enorme pastor branco. Uma pequena fila de soldados o segue. Por um instante, meus membros se paralisam. Tudo que vejo é Thomas apontando um revólver para minha mãe e me enchendo de porrada na sala de interrogatório de Batalla Hall. Minha visão pinta tudo de vermelho.

Kaede percebe o que está atraindo minha atenção e também olha para o andar térreo.

– Ele está procurando a June. Continue andando.

A voz dela me faz sair do transe. Começo a andar agachado de novo, embora meu corpo todo esteja tremendo.

– A June? – sussurro de volta. Uma onda de raiva me invade. – Vocês puseram logo esse cara para prender a June?

– Foi por um bom motivo.

– Ah, é? Qual?

Kaede suspira impaciente:

– Thomas não vai machucar a June.

Digo a mim mesmo: *Fica calmo, fica calmo, fica calmo*, e me obrigo a continuar. Não tenho escolha: preciso confiar em Kaede. *Olha pra frente, foco*. Minhas mãos tremem e me esforço para firmá-las, para conter meu ódio. A ideia de Thomas encostando um dedo na June é demais para mim. Se eu me concentrar nisso agora, não vou conseguir fazer mais nada.

Fica calmo.

Abaixo de nós, a patrulha de Thomas continua a abrir caminho na multidão. Devagar, ele se dirige para os elevadores.

Chegamos à carcaça do dirigível. Daqui, posso ver a fila de soldados esperando para entrar pelas rampas. Então, escuto o primeiro latido do pastor branco. Thomas e seus soldados estão reunidos num dos terminais dos elevadores. O mesmo pelo qual entramos. O cão está latindo sem parar; seu focinho aponta para a porta do elevador, e ele abana a cauda.

Olha pra frente, foco.

Volto a olhar de relance para o andar térreo. Thomas está com uma das mãos comprimindo o que deve ser seu fone de ouvido. Ele fica lá um instante, como se estivesse se esforçando para compreender alguma coisa que está ouvindo. Então, de súbito, grita com seus homens e eles começam a se afastar dos elevadores, e voltam a se misturar à multidão de soldados.

Devem ter encontrado June.

Abrimos caminho pelas sombras do teto da pirâmide, até estarmos empoleirados perto o suficiente do lado escuro da carcaça do dirigível. Ele está a uns quatro metros de distância de nós. Uma única escada metálica se

estende verticalmente até o topo da plataforma de aterrissagem do dirigível. Kaede se equilibra nas vigas de metal e se vira para mim.

– Vai na minha frente. Tu é bom nisso.

Chegou a hora. Kaede se afasta o bastante para eu conseguir um bom ângulo no dirigível. Fico em posição, torço para que minha perna continue intacta e dou um salto gigantesco. Meu corpo bate nas barras da escada com um barulho abafado, e cerro os dentes para não gritar. A dor castiga minha perna operada. Espero alguns segundos para que diminua, antes de recomeçar a subida. Agora já não consigo mais ver a patrulha, o que quer dizer – assim espero – que eles também não podem nos ver. Atrás de mim, escuto Kaede pular e atingir a escada a alguns metros abaixo de onde estou.

Finalmente, chego à abertura do condutor de lixo. Lanço-me da escada; minhas mãos pegam a lateral do condutor e meus braços jogam meu corpo dentro da escuridão. Sinto mais um solavanco de dor, mas a perna continua a pulsar com uma energia recém-descoberta, forte pela primeira vez em muito tempo. Tiro a poeira das mãos e me levanto. A primeira coisa em que reparo dentro da calha é o ar frio. O interior do dirigível deve ser mantido resfriado para a decolagem.

Momentos depois, Kaede também chega. Ela estremece, esfrega o gesso do braço ainda lesionado, depois me dá um empurrão irritado.

– Onde tu tava com a cabeça pra parar no meio de uma escalada? A gente não pode dar mole e deixar tua cabeça quente falar mais alto.

– Então não me dê motivo para minha cabeça ficar quente – retruco. – Por que você não me contou que o Thomas viria atrás da June?

– Sei bem o que esse capitão te fez – diz ela, ao espreitar a escuridão, e gesticular para a gente escalar outro duto do condutor de lixo. – Razor achou que não te faria bem se preocupar com isso antes da hora.

Estou pronto para retrucar, mas Kaede lança um olhar de advertência na minha direção. Faço um esforço para engolir a raiva. Lembro por que estou aqui: é pelo Éden. Se Razor acredita que June estará segura sob a vigilância do Thomas, que assim seja. Mas o que vão fazer com June quando a pegarem? E se alguma coisa der errado e o Congresso ou os tribunais fizerem uma coisa que Razor não tenha planejado? Como é que ele pode ter tanta certeza de que tudo vai sair bem?

Kaede e eu subimos a escada até chegarmos aos níveis inferiores do Dynasty. Nos escondemos atrás de uma escada num compartimento de máquinas nos fundos da aeronave até a decolagem, quando os êmbolos de vapor ganharam vida, e sentimos a pressão do dirigível subindo debaixo dos nossos pés. Escuto cabos gigantescos se soltando e o barulho dos aplausos da tripulação de terra, saudando mais uma decolagem bem-sucedida.

Depois de mais de meia hora, quando minha raiva finalmente diminuiu, saímos de nosso esconderijo.

– Vamos por aqui – sussurra Kaede ao chegarmos a um cômodo minúsculo com duas trilhas: uma que leva aos motores, e outra que conduz direto aos deques acima. – Às vezes eles fazem inspeções nas entradas do deque superior. A gente deve ter menos problema ficando aqui embaixo.

Ela faz uma pausa, comprime uma das mãos no ouvido, concentrada.

– Que foi?

– Parece que Razor chegou.

Minha perna está meio dolorida quando ando, e vejo que estou mancando um pouquinho. Subimos mais uma escada que leva às casas de máquinas e nos deparamos com uns soldados no caminho, até chegarmos a um piso marcado “6”, onde acabam os degraus. Perambulamos por este local por algum tempo, antes de pararmos numa porta estreita. Um cartaz avisa:

“CASAS DE MÁQUINAS A, B, C e D.”

Apenas um guarda vigia a entrada. Ele nos olha de relance, endireita a postura relaxada e resmunga:

– O que vocês querem?

Nós o cumprimentamos informalmente.

– Nós fomos mandados aqui para falar com uma pessoa – mente Kaede. – Um operador da casa de máquinas.

– Ah, é? Quem? – Ele estreita os olhos para Kaede. – Você é piloto, não é? Deveria estar no deque superior. Está havendo uma inspeção.

Kaede ia protestar, mas eu a interrompo e faço uma expressão envergonhada. Digo a única coisa em que consegui pensar, que ele não vai questionar:

– Posso falar? De soldado para soldado? – murmuro para o guarda, lançando um olhar furtivo para Kaede. – A gente... Bem, a gente está

procurando um lugar legal para... Você sabe... Nós achamos que as casas de máquinas eram uma boa. – Dou uma piscada justificativa para ele. – Faz semanas que estou tentando ficar com esta gata. Uma cirurgia no joelho atrapalhou tudo.

Fico quieto e faço um showzinho para ele, mancando exageradamente.

De repente, o guarda sorri amplamente e solta uma gargalhada surpresa, como se estivesse gostando de participar de uma contravenção.

– Ah, já entendi – diz ele, olhando de relance e de modo solidário para minha perna. – Ela é linda mesmo.

Rio junto com ele, e então Kaede entra no jogo e revira os olhos.

– É como você falou – diz Kaede ao guarda quando ele destrava a porta para nós. – Estou atrasada para as inspeções. A gente vai dar só uma rapidinha e, em alguns minutos, vamos para o deque superior.

– Boa sorte, seus malucos! – grita ele para nós, enquanto nos afastamos. Retribuímos com uma leve saudação.

– Tinha bolado uma história boa pra contar, mas a tua também foi bem maneira. Foi você mesmo que inventou aquilo? – Kaede sorri maliciosamente e me examina dos pés à cabeça. – É tão desagradável estar presa a um parceiro tão feio como você.

Ergo as mãos, simulando uma defesa.

– E eu acho horrível estar preso a uma guria tão mentirosa.

Percorremos um corredor cilíndrico banhado por uma suave luz vermelha. Mesmo aqui embaixo, telas planas transmitem uma sequência de notícias e atualizações sobre aeronaves. Elas mostram uma lista dos locais para onde se dirigem todos os dirigíveis a serviço da República, juntamente com datas e horários. Parece que doze deles estão no ar neste momento. Ao passarmos por uma das telas, meus olhos examinam superficialmente uma notícia sobre o RS Dynasty:

DIRIGÍVEL DYNASTY DA REPÚBLICA:

**PARTIDA: 08H51 HORÁRIO PADRÃO DA COSTA
OESTE**

13.01, PHARAOH, LAS VEGAS, NV
17H04 HORÁRIO PADRÃO DA COSTA

CHEGADA: OESTE

13.01, BLACKWELL, LAMAR, CO

Lamar. Estamos indo para uma cidade na zona de combate no Norte. *A um passo mais perto de Éden*, repito mentalmente. *June vai ficar bem. Esta missão vai acabar logo.*

A primeira casa de máquinas é enorme: fileiras e mais fileiras de caldeiras e respiradouros sibilantes, com dúzias de operários tratando de cada um deles. Alguns estão verificando as temperaturas, e outros, colocando nas fornalhas algo que parece carvão branco. Todos com traje idêntico ao de Tess. Nós nos apressamos em uma das fileiras de caldeiras até alcançarmos a próxima porta. Mais um vão de escada, e aí surgimos no deque inferior do Dynasty.

Este dirigível é enorme. Já estive em outros antes – cansei de roubar comida de cargas de dirigíveis e destruí os motores de vários. Aos treze anos, invadi a pista de aterrissagem do RS Pacifica, roubei combustível de três jatos de combate F-170 e depois o vendi por bom preço no mercado negro. Nunca, no entanto, entrei num desse tamanho...

Kaede me leva até um passadiço de metal onde dá para ver os andares acima de nós. Há soldados em todos os lugares. Caminhamos entre eles, tomando muito cuidado para manter nosso rosto totalmente inexpressivo. Aqui no deque inferior, várias formações de tropas estão empenhadas em diferentes exercícios. Existem portas na extensão dos corredores, e a cada quatro portas há uma tela plana transmitindo notícias. O retrato do novo Eleitor está pendurado acima de todas as telas.

É impressionante como esses caras trabalham rápido!

A sala de Razor é uma entre meia dúzia de outras localizadas no quarto deque, com um emblema prateado da República embutido na porta. Kaede bate duas vezes. Quando ouve a voz de Razor nos mandando entrar, ela abre a porta e gesticula para que eu a siga. Ela fecha a porta cuidadosamente e bate continência. Eu sigo a deixa. Nossas botas ecoam no chão de madeira de lei. Algo na sala tem um suave odor de jasmim, e enquanto reparo nas decorativas lâmpadas esféricas nas paredes e no retrato do Eleitor na parede dos fundos,

me dou conta do frio que faz na sala. Razor está de pé ao lado da mesa com as mãos atrás das costas, elegante em seu uniforme de gala de comandante, conversando com uma mulher vestindo trajes semelhantes.

Demoro um instante para me dar conta de que a mulher é a Comandante Jameson.

Kaede e eu ficamos paralisados. Depois do choque de ver Thomas, eu havia suposto que, se a Comandante Jameson estivesse em algum lugar em Vegas, esse lugar seria a pista de aterrissagem da pirâmide, supervisionando o desempenho de seu capitão. Nunca imaginei que ela estivesse no dirigível. Por que está indo para a área de combate?

Razor acena em nossa direção quando Kaede e eu o cumprimentamos.

– Descansar! – ele nos ordena, e depois volta a dirigir sua atenção à Comandante Jameson. Consigo sentir a tensão de Kaede a meu lado.

Meus instintos, apurados pela vida nas ruas, voltam todos a funcionar ao mesmo tempo.

Se Kaede está ansiosa, é porque os Patriotas não haviam considerado a possibilidade da visita da Comandante Jameson ao local. Meus olhos se dirigem rapidamente para a fechadura da porta; eu me imagino girando o corpo, abrindo a porta de repente e me pendurando no parapeito da sacada que dava para o deque abaixo. O interior do dirigível surge na minha mente como um mapa tridimensional. Preciso estar pronto para fugir rápido se ela me reconhecer. Minha rota de fuga precisa estar planejada.

– Fui aconselhada a manter meus olhos abertos – retoma a conversa a Comandante Jameson.

Razor parece completamente despreocupado. Os ombros dele estão relaxados, e ele exhibe um sorriso tranquilo.

– Você também deve ficar alerta, DeSoto. Se notar qualquer coisa estranha, venha falar comigo. Eu saberei o que fazer.

– Claro. Pode ter certeza de que farei exatamente isso. – Razor inclina a cabeça respeitosamente para a Comandante Jameson, embora as insígnias do seu uniforme indiquem que seu posto é superior ao dela. – Meus melhores votos para a senhora e para Los Angeles.

Eles se cumprimentam informalmente, e a Comandante Jameson começa a dirigir-se para a porta. Eu me obrigo a permanecer imóvel, mas todos os

músculos do meu corpo gritam para eu fugir.

A Comandante Jameson passa por mim, e espero calmamente enquanto ela me examina dos pés à cabeça. Pelo canto dos olhos, vejo as rugas de reprovação em seu rosto e os lábios finos e vermelhos. Debaixo de sua expressão há um gélido nada, uma impressionante falta de emoção, que ao mesmo tempo provoca medo e ódio no meu sangue. Reparo então que uma de suas mãos está enfaixada. Ainda é o ferimento do período em que ela me manteve prisioneiro em Batalla Hall, quando lhe mordi a mão com tanta força que quase cheguei no osso.

Ela sabe quem sou eu.

Gotas de suor escorrem pelas minhas costas. Ela deve saber. Mesmo com o breve olhar que me deu, ela conseguiu me reconhecer debaixo do meu disfarce, do cabelo escuro avermelhado cortado rente, da cicatriz sintética e das lentes de contato castanhas. Fico esperando que ela dê o sinal. Minhas botas se inclinam levemente do chão, prontas para correr. Minha perna operada está latejando.

Mas a fração de segundo passa, e o olhar intenso da Comandante Jameson procura outro alvo quando ela chega à porta. Recuo da beira do abismo.

– Seu uniforme está amassado, soldado – ela se dirige a mim com desgosto. – Se eu fosse o Comandante DeSoto, eu o puniria severamente.

Ela se afasta, sai pela porta e desaparece.

Kaede tranca a porta.

Ela relaxa os ombros e solta o ar demoradamente, depois do que parece uma eternidade prendendo a respiração.

– Adorei – ela diz para Razor, ao se jogar no sofá do escritório. Sua voz derrama sarcasmo.

Razor faz um gesto para que eu também me sente e diz:

– Temos de lhe agradecer, Kaede, pelo excelente disfarce do nosso jovem amigo.

Kaede dá um largo sorriso por conta do elogio.

– Peço desculpas pela desagradável surpresa. A Comandante Jameson tomou conhecimento da prisão de June e quis vir até aqui para ver se conseguia apurar mais alguma coisa. – Ele se senta atrás da mesa. – Ela vai tomar um avião de volta a Vegas agora.

Sinto meu corpo enfraquecido. Enquanto descanso no sofá ao lado de Kaede, não posso evitar manter os olhos nas janelas, caso a Comandante Jameson resolva voltar por algum motivo.

As janelas são de vidro fosco. Será que alguém olhando lá debaixo consegue nos ver aqui?

Kaede já se acalmou novamente e fala sem parar com Razor sobre nossas próximas providências: a que horas vamos aterrissar, quando vamos nos reunir em Lamar, se os soldados da capital que servirão de isca já estão prontos.

Eu, por outro lado, apenas continuo sentado e penso na expressão da Comandante Jameson. De todos os oficiais da República com que já me deparei, exceto talvez Chian, só os olhos da Comandante Jameson conseguem me paralisar até o último fio de cabelo.

Tento repelir a lembrança de como ela nem sequer piscou ao ordenar a morte da minha mãe e a execução de John. Se Thomas prendeu June, o que a Comandante Jameson fará com ela? Será que Razor vai conseguir realmente manter a June protegida?

Fecho os olhos e me esforço para mandar um pensamento positivo para June.

Tome cuidado. Quero estar com você de novo quando tudo isso terminar.

JUNE

Não consigo olhar para Day antes de deixá-lo para trás. Quando o Patriota de Razor me afasta da entrada principal da pirâmide Pharaoh, mantenho meu rosto virado para o outro lado. *É melhor assim*, digo a mim mesma. Se a missão der certo, ficaremos separados por pouco tempo.

As preocupações de Day com o meu bem-estar me atingem em cheio agora. O plano de Razor para mim *parece* bom, mas algo sempre pode dar errado. E se, em vez de me levarem para falar com o Eleitor, atirarem em mim no momento em que eu for descoberta? Ou eles poderiam me virar pelo avesso na sala de interrogatório e me espancar brutalmente. Já vi isso acontecer um montão de vezes. Eu poderia estar morta antes do fim do dia, muito tempo antes de o Eleitor saber que fui encontrada. Um milhão de coisas pode dar errado.

É por isso que preciso me concentrar, lembro a mim mesma. E não posso fazer isso se olhar nos olhos de Day.

O Patriota me guia dentro da pirâmide e por um estreito passadiço ao longo de uma parede. Aqui dentro é tudo barulhento e caótico. Centenas de soldados movem-se lentamente em círculos no nível térreo. Razor havia me dito que me abrigariam em um quarto das casernas vazias no primeiro andar, onde eu fingiria estar me escondendo antes de tentar entrar furtivamente no RS Dynasty. Quando os soldados da República derrubarem a porta e vierem me buscar, eu devo correr. Com todas as minhas forças.

Apresso o passo para acompanhar o ritmo do meu guia. Chegamos então ao fim do passadiço, onde uma porta de segurança (com um metro e sessenta e cinco de largura e três metros de altura) separa o andar principal dos corredores das barracas militares do primeiro andar. O guia passa um cartão pela porta, que bipa, acende uma luz verde e se abre.

– Resista quando vierem buscá-la. – O Patriota fala comigo em um tom de voz que mal consigo ouvir. A aparência dele não é diferente da dos

outros soldados aqui, com seu cabelo engomado penteado para trás e um uniforme preto. – Faça com que eles acreditem que você não queria ser capturada. Sua intenção era se entregar perto de Denver, entendido?

Faço um sinal afirmativo com a cabeça.

Ele desvia a atenção de mim. Examina o hall, inclina a cabeça para cima e inspeciona o teto. Uma fileira de câmeras de segurança está presente em toda a extensão do corredor; são oito no total, de frente para a porta de cada quartel. Antes de nós entrarmos no hall, o soldado pega um canivete no bolso e arranca um dos botões lustrosos da jaqueta. Depois se apoia no vão da porta, pressiona um pé em cada lado do batente da porta e começa a subir por ela.

Olho de relance para o hall. Não há outros soldados no momento, mas e se um deles de repente dobrar a quina do corredor? Não será surpresa se *me* capturarem aqui (afinal de contas, nosso objetivo é esse), mas o que será do meu guia?

Ele estende o braço para a primeira câmera de segurança e usa o canivete para raspar parte do revestimento de borracha que protege os fios da câmera. Quando sai um pouquinho da borracha e os fios ficam expostos, ele protege os dedos com a manga da jaqueta e comprime o botão de metal contra os fios.

Há uma rápida sucessão de fagulhas. Para minha surpresa, todas as câmeras de segurança no hall se apagam.

– Como é que você conseguiu desligar todas elas com apenas um...? – começo a sussurrar.

O rapaz pula de volta para o chão e gesticula para eu me apressar.

– Sou um hacker – responde baixinho quando começamos a correr. – Eu já trabalhei nos centros de comando daqui antes. Substituí parte da fiação pra ficar como a gente queria. – Ele sorri orgulhoso; seus dentes brancos são perfeitos. – Mas isso não é nada. Espere até você saber o que fizemos com a Capital Tower de Denver.

Impressionante! Se Metias se unisse aos Patriotas, ele também seria um hacker. *Se estivesse vivo.*

Corremos a toda a velocidade pelo corredor, até ele me mandar parar diante de uma das portas. Tenda Militar 4A. Ele tira um cartão do bolso e dá uma pancada forte no painel de acesso da porta. Ouve-se um clique e a porta se entreabre: lá dentro, oito fileiras de beliches e vestuários estão no escuro.

O hacker se vira e me encara.

– Razor quer que você espere aqui para garantir que os soldados certos a capturem. Ele tem uma patrulha específica em mente.

É claro que isso faz todo o sentido do mundo. Confirma que Razor não quer que eu seja espancada cruelmente, caso acabe caindo nas mãos de uma patrulha qualquer da República.

– Quem...? – começo a perguntar.

Mas ele dá um tapinha na aba do quepe militar antes que eu termine a frase.

– Nós vamos observar sua missão pelas câmeras. Boa sorte! – Ele vai embora, correndo pelo hall até dobrar uma curva e eu perdê-lo de vista.

Respiro fundo. Estou sozinha. É hora de esperar os soldados virem me prender.

Entro depressa no quarto e fecho a porta. Aqui dentro está preto como piche: não há janelas, nem uma nesga de luz entra por baixo da porta. Este é realmente um lugar razoável para eu me esconder. Nem me incomodo em andar por ali para conhecer o lugar; já conheço esse tipo de dormitório: fileiras de beliches e um banheiro compartilhado. Apenas me posiciono contra a parede bem ao lado da porta. É melhor ficar aqui.

Tateio no escuro e encontro a maçaneta. Usando as mãos como régua, calculo a distância da maçaneta até o chão – um metro e dez. Esse também deve ser o espaço entre a maçaneta e o topo do marco da porta. Recordo quando ainda estávamos no corredor, imaginando qual seria a distância entre a parte superior do marco da porta e o teto. Pouco menos de sessenta centímetros.

Tudo certo. Agora todos os detalhes estão em ordem. Encosto-me na parede, fecho os olhos e espero.

Doze minutos se passam lentamente.

Então, lá longe, no hall do lado de fora, escuto um latido.

Arregalo os olhos. *Ollie!* Eu reconheceria esse latido em qualquer lugar – meu cachorro ainda está vivo! *Vivo, por alguma intervenção divina.* Alegria e confusão tomam conta de mim. Como ele veio parar aqui? Comprimo o ouvido contra a porta e escuto. Depois de vários segundos de silêncio, volto a escutar o latido dele.

Meu pastor branco está aqui!

Pensamentos varrem minha cabeça. A única razão pela qual Ollie estaria aqui seria para acompanhar uma patrulha, a patrulha que está me perseguindo. E apenas um soldado pensaria em usar meu próprio cachorro para me farejar: *Thomas*. As palavras do hacker me voltam à mente. Razor queria que “os soldados certos” me capturassem. Ele tinha uma patrulha específica na cabeça.

Evidentemente, a patrulha – a *pessoa* – que Razor tinha na cabeça era Thomas.

Thomas deve ter sido designado pela Comandante Jameson para me rastrear. Ele está usando Ollie para ajudá-lo. De todas as patrulhas pelas quais eu podia ser presa, a de Thomas é a última da lista. Minhas mãos começam a tremer. Não quero reencontrar o assassino do meu irmão.

O latido de Ollie aumenta cada vez mais. Com ele, ouço os primeiros sons de pisadas e vozes. Ouço a voz de Thomas no corredor, gritando com seus soldados. Prendo a respiração e relembro os números que calculei.

A patrulha está do lado de fora da porta. Suas vozes silenciaram, substituídas por cliques (são as travas de segurança das armas, provavelmente fuzis da série M). O que se segue parece ocorrer em câmera lenta. A porta se abre com um rangido, a luz invade o recinto. Imediatamente dou um pequeno salto e levanto uma perna; meu pé atinge silenciosamente a maçaneta, quando a porta gira na minha direção. Nesse instante, os soldados entram no local com as armas em punho; eu me ergo e agarro a parte de cima da moldura da porta, usando a maçaneta como um degrau. Jogo-me para cima e, sem um som, me empoleiro no topo da porta aberta, como um gato.

Eles não me veem. Provavelmente não conseguem ver nada, exceto a escuridão. Com rapidez, conto quantos são. Thomas lidera o grupo, com Ollie a seu lado (para minha surpresa, Thomas não sacou a arma), e atrás dele está um grupo de quatro soldados. Há mais soldados do lado de fora. Não dá pra saber quantos.

– Ela está aqui – diz um deles, com uma das mãos colada ao ouvido. – Ela ainda não conseguiu entrar em nenhum dos dirigíveis. O Comandante DeSoto acabou de confirmar que um dos seus soldados a viu entrar.

Thomas permanece calado. Eu o vejo virar-se para observar o local escuro. Depois, ele olha para o alto da porta.

Nossos olhares se cruzam.

Salto em cima dele e o derrubo no chão. Num instante de fúria cega, minha vontade é quebrar seu pescoço com as mãos. Seria tão fácil.

Os outros soldados empunham as armas, mas, em meio ao caos, ouço Thomas dizer, com voz engasgada:

– Não atirem! Não atirem! – Ele me agarra pelo braço. Quase consigo me livrar e correr entre os soldados, escapando pela porta, mas um segundo soldado me empurra contra o chão. Todos estão em cima de mim, num redemoinho de uniformes prendendo meus braços e me arrastando pelos pés. Thomas continua a gritar para que os soldados não me machuquem.

Razor tinha razão quanto a Thomas. Ele vai querer me manter viva para a Comandante Jameson.

Eles acabam me algemando e me empurram com tanta força no chão que não consigo me mexer. Ouço a voz de Thomas acima da minha cabeça.

– Que bom revê-la, srta. Iparis. – Sua voz treme. – A senhorita está presa por agredir soldados da República, criar um distúrbio em Batalla Hall e por abandonar seu posto. A senhorita tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que disser pode e vai ser usada contra a senhorita em um tribunal de justiça.

Observo que ele não disse nada sobre eu prestar ajuda a um criminoso. Ele ainda precisa fingir que a República executou Day.

Eles me põem de pé com um puxão e me levam de volta ao corredor. Quando chegamos a um local sob a luz do sol, vários soldados que passam

param para olhar. Os homens de Thomas me empurram rudemente para o assento traseiro de um jipe da patrulha de prontidão, acorrentam minhas mãos à porta e prendem meus braços com algemas metálicas. Thomas se senta ao meu lado e aponta a arma para minha cabeça. Ridículo! O jipe nos conduz pelas ruas. Os outros dois soldados sentados na frente me observam pelo espelho retrovisor. Eles agem como se eu fosse uma espécie de arma indomada, o que, de certa maneira, é verdade. A ironia da história toda me dá vontade de rir. Day é um soldado da República a bordo do RS Dynasty, e eu sou a prisioneira mais valiosa da República.

Trocamos de lugar.

Thomas tenta me ignorar enquanto percorremos as ruas, mas olho fixamente para ele.

Ele parece cansado; os lábios estão pálidos e olheiras lhe cercam os olhos. O queixo está barbado, o que é uma surpresa. Thomas costumava manter o rosto perfeitamente barbeado. A Comandante Jameson deve ter dito poucas e boas para ele por ter me deixado fugir de Batalla Hall. Provavelmente, ele foi interrogado por causa disso.

Os minutos se arrastam. Nenhum dos soldados fala. O que dirige o jipe mantém os olhos fixos na rua, e tudo que conseguimos ouvir é o zumbido do motor do jipe e os sons abafados das ruas lá fora. Acredito piamente que os outros devem ser capazes de ouvir o martelar do meu coração. De onde estou, vejo o jipe à nossa frente e, através da janela traseira, percebo lampejos ocasionais de pelo branco que me fazem muitíssimo feliz. É o Ollie. Queria que ele estivesse no mesmo jipe que eu.

– Obrigada por não ter machucado o Ollie.

Não espero que ele responda. *Capitães não falam com criminosos*, ele diria. Mas, para minha surpresa, ele olha para mim. Tenho a impressão de que por minha causa ele ainda se dispõe a romper qualquer protocolo.

– Seu cachorro acabou sendo útil.

Ele é o cachorro do Metias. Minha raiva volta a ferver meu sangue, mas eu a controlo. É inútil ficar furiosa com algo que não vai ajudar meus planos. É interessante que ele tenha mantido Ollie vivo. Ele poderia ter me rastreado sem o cachorro. Ollie não é um cão policial e não está treinado

para farejar alvos. Ele não poderia ter ajudado quando estavam tentando me encontrar pelo país inteiro; ele só é útil em distâncias muito curtas. Isso quer dizer que Thomas o manteve vivo por outras razões. Porque ele se importa comigo? *Ou porque... talvez ele ainda se importe com Metias.* Essa ideia me assusta. O olhar fixo de Thomas se desvia quando não digo mais nada. Faz-se então mais um demorado silêncio.

– Para onde vocês estão me levando?

– A senhorita vai ficar detida na Penitenciária de High Desert até depois de seu interrogatório, e então os tribunais vão decidir para onde a senhorita vai.

É hora de colocar os planos de Razor em funcionamento.

– Depois do meu interrogatório, posso garantir que os tribunais vão me mandar para Denver.

Um dos guardas sentados na frente estreita os olhos para se dirigir a mim, mas Thomas ergue uma das mãos.

– Deixe que ela fale. O que importa é que nós a entreguemos ileso. – Ele então olha de relance para mim. Está mais macilento do que na última vez que o vi; até o cabelo, repartido harmoniosamente, está opaco e sem gel. – E por que acha isso? – pergunta ele.

– Tenho informações que podem interessar muito ao Primeiro Eleitor.

Thomas torce a boca. Está louco para me fazer perguntas, para descobrir o que eu sei. Isso, contudo, não faz parte do protocolo, e ele já infringiu várias normas ao conversar informalmente comigo. Resolve não me pressionar mais.

– Vamos ver o que conseguiremos extrair da senhorita.

Aí me dou conta de que é um pouco estranho me mandarem para uma penitenciária em Vegas. Eu devia ser interrogada e julgada no meu estado natal.

– Por que vou ficar presa *aqui*? Eu não devia estar a caminho de Los Angeles?

Thomas mantém os olhos no trajeto desta vez.

– Quarentena.

Franzo a testa.

- Como assim? Ela se espalhou até Batalla também?
- A resposta dele me arrepiou toda:
- *Los Angeles* está sob quarentena. Toda ela.

**PENITENCIÁRIA DE HIGH DESERT.
SALA 416 (22 METROS QUADRADOS).
22H24. O MESMO DIA DA MINHA CAPTURA.**

Sento-me a poucos centímetros de Thomas. Apenas uma frágil mesa nos separa, isto é, se eu não contar o número de soldados me vigiando ao lado dele. Eles se mexem pouco à vontade sempre que pouse meus olhos neles. Oscilo um pouco na cadeira, tentando superar a exaustão, e tilinto as correntes que mantêm meus braços presos nas costas. Minha cabeça começa a vagar; fico pensando no que Thomas falou sobre Los Angeles e a quarentena. Digo a mim mesma: “*Não tenho tempo para refletir sobre isso agora*”, mas os pensamentos persistem. Tento visualizar a Universidade de Drake pontilhada de cartazes de quarentena, as ruas do setor Rubi lotadas de patrulhas contra a praga. Como isso é possível? Como pode uma cidade inteira estar sob quarentena?

Estamos neste cômodo há seis horas, e Thomas não conseguiu nenhuma informação de valia. Minhas respostas às suas perguntas nos levam a círculos sem saída, e eu tenho sido tão sutil nisso que ele só se dá conta de que estou manipulando a conversa depois que uma hora tenha se passado. Ele ameaçou matar Ollie; eu, por minha vez, ameacei levar para a sepultura todas as informações que eu tinha. Ele aí *me* ameaçou, e eu lhe lembrei a minha promessa de levar para o túmulo tudo o que eu sabia. Thomas chegou a tentar me manipular, mas nenhum de seus joguinhos deu certo. Não parei de perguntar por que Los Angeles estava sob quarentena. Eu havia sido treinada nas mesmas táticas de interrogatório que ele, e isso estava se voltando contra ele. Thomas ainda não tinha recorrido à força bruta comigo, como fez com Day. (Este é mais um detalhe interessante. Não importa quanto Thomas goste de mim – se seus superiores ordenarem que

use força física, ele obedecerá. Como ainda não me machucou, significa que a Comandante Jameson lhe ordenou que não o fizesse. Estranho.) Mesmo assim, dá para perceber que sua paciência comigo está se esgotando.

– Diga-me uma coisa, srta. Iparis – diz ele depois de ficarmos em silêncio um instante. – O que eu preciso fazer para conseguir extrair alguma coisa útil da senhorita?

Mantenho o rosto inexpressivo.

– Já disse. Troco uma resposta por um pedido. Tenho informações para o Primeiro Eleitor.

– A senhorita não está em posição de barganhar nada. E não pode continuar a agir assim indefinidamente.

Thomas encosta-se à cadeira e franze a testa. As luzes fluorescentes lançam compridas sombras sob seus olhos. Em oposição às paredes brancas não decoradas do aposento (exceto por duas bandeiras da República e pelo retrato do Eleitor), Thomas sobressai ameaçadoramente no seu uniforme preto e vermelho de capitão. Metias costumava usar um uniforme idêntico.

– Sei que Day está vivo, e *a senhorita* sabe como podemos encontrá-lo. A senhorita vai contar tudo, assim que passar uns dias sem comer ou beber.

– Não suponha o que eu vou ou não vou fazer, Thomas – respondo. – Quanto a Day, acredito que a resposta seja óbvia. *Se* ele estivesse vivo, estaria tentando resgatar seu irmão caçula. Qualquer idiota poderia concluir isso.

Thomas tenta ignorar minha estocada, mas percebo a irritação em seu rosto.

– *Se* ele está vivo, nunca vai encontrar o irmão. O lugar onde ele está é confidencial. Não preciso saber aonde Day *quer* ir. Preciso saber onde ele *está*.

– Isso não faz a menor diferença. Você nunca o prenderia mesmo. Ele não vai cair no mesmo truque duas vezes.

Thomas cruza os braços. Terá sido realmente há apenas algumas semanas que nós dois jantamos juntos num café de Los Angeles? A

lembrança de LA me traz de volta a notícia da quarentena, e visualizo o café vazio, coberto por avisos de quarentena.

– Srta. Iparis – diz Thomas, pondo as palmas das mãos na mesa. – Podemos continuar desta maneira durante horas, e a senhorita pode continuar mentindo e sacudindo a cabeça até desmaiar de cansaço. Não quero machucá-la. A senhorita tem a oportunidade de se redimir com a República. Apesar de tudo que fez, soube pelos meus superiores que eles ainda a consideram muito valiosa.

Bingo! A Comandante Jameson *tinha mesmo* intervindo para garantir que eu não fosse machucada durante meu interrogatório.

– Quanta generosidade! – respondo, enfatizando o sarcasmo patente nas minhas palavras. – Tenho mais sorte que Metias.

Thomas suspira, inclina a cabeça e aperta o osso do nariz, exasperado. Mantém essa postura por um instante, depois se movimenta e diz asperamente aos demais soldados:

– Todo mundo pra fora!

Quando os soldados nos deixam sozinhos, ele se vira para mim, debruça-se para a frente e põe os braços na mesa.

– Lamento que a senhorita esteja aqui – diz ele calmamente. – Espero que entenda que meu dever me obriga a fazer isso.

– Onde está a Comandante Jameson? – pergunto. – Você não é um dos fantoches manipulados por ela? Achei que ela também viria me interrogar.

Thomas nem se abala com a minha provocação.

– No momento ela está imobilizando Los Angeles, organizando a quarentena e relatando a situação ao Congresso. Com todo o respeito, o mundo não gira ao seu redor.

“Imobilizando Los Angeles.” Essas palavras me causam calafrios.

– As pragas são mesmo tão graves assim? – resolvo perguntar de novo, mantendo os olhos fixos no rosto de Thomas. – A quarentena em LA é causada por doenças?

Ele balança a cabeça.

– Confidencial.

– Quando será suspensa? *Todos* os bairros estão sob quarentena?

– Pare de fazer perguntas. Já lhe disse que a cidade inteira está em quarentena. Mesmo que eu soubesse quando terminaria, não teria motivo para lhe contar.

No mesmo instante, pela sua expressão, deduzi o que ele quis dizer: *A Comandante Jameson não me disse o que está acontecendo na cidade, por isso não tenho a menor ideia.* Por que ela precisaria mantê-lo no escuro?

– O que *aconteceu* na cidade? – volto a insistir, esperando mais informações da parte dele.

– Isso não é relevante para o seu interrogatório – responde Thomas, batendo com os dedos, impaciente, no braço. – Los Angeles já não é da sua conta, srta. Iparis.

– Acontece que é minha *cidade natal* – respondo. – Eu cresci lá. Metias morreu lá. É claro que é da minha conta!

Thomas se cala. Ele ergue a mão para afastar do rosto uma mecha do cabelo preto, e seus olhos procuram os meus. Minutos se passam.

– Então é esse o problema... – ele acaba resmungando. Eu me pergunto se está dizendo isso porque também está exausto depois de seis horas preso nessa sala. – Srta. Iparis, o que aconteceu com seu irmão...

– Eu *sei* o que aconteceu – eu o interrompo. Minha voz estremece, com raiva cada vez maior. – Você o matou. Você o vendeu ao estado. – As palavras doem tanto, que mal consigo pronunciá-las.

Sua expressão mostra insegurança. Ele tosse, endireita-se na cadeira.

– A ordem foi dada diretamente pela Comandante Jameson, e a última coisa que eu faria seria desobedecer a uma ordem transmitida por ela. A senhorita deveria conhecer essa regra tão bem quanto eu, embora eu saiba que obedecer às regras nunca foi seu forte.

– Você, então, não teve o menor remorso em entregá-lo daquele jeito, só porque ele deduziu como nossos pais morreram? Ele era seu *amigo*, Thomas. Você cresceu com ele. A Comandante Jameson teria ignorado sua existência; você nem estaria sentado do outro lado desta mesa se Metias não tivesse recomendado seu nome para participar da patrulha dela. Ou será que você se esqueceu disso? – Levanto a voz ainda mais. – Você não teve coragem de arriscar o próprio pescoço para ajudá-lo?

– *Foi uma ordem direta* – repete Thomas. – A comandante *não* deve ser questionada. Por que a senhorita não entende isso? Ela sabia que ele pirateava os bancos de dados de pessoas mortas, junto com uma porção de outros catálogos governamentais de alta segurança. Seu irmão infringiu a lei várias vezes. A Comandante Jameson não podia tolerar que um respeitado capitão de sua patrulha cometesse crimes bem debaixo do seu nariz.

Estreito os olhos.

– Foi por isso que você o matou num beco escuro e depois forjou as provas para que Day fosse acusado pelo crime? Porque você pularia feliz de um penhasco se sua preciosa comandante assim ordenasse?

Thomas bate a mão na mesa com força bastante para me fazer pular.

– *Foi uma ordem assinada pelo governo do estado da Califórnia!* – grita ele. – Compreende o que estou dizendo? Eu não tinha escolha.

Então ele arregala os olhos. Ele não podia ter revelado isso. Não dessa maneira. Suas palavras também me deixam atônita. Ele continua a falar, agora mais rápido, aparentemente determinado a apagar o que dissera. Uma luz estranha brilha nos seus olhos, uma coisa que não consigo identificar. O que será?

– Sou um soldado da República. Quando entrei para a carreira militar, fiz um juramento de obedecer às ordens dos meus superiores a qualquer preço. Metias fez o mesmo juramento, mas ele o rompeu.

Há algo estranho na maneira pela qual ele se refere a Metias; é uma espécie de emoção oculta que me desconcerta.

– *O estado está falido.* – Respiro fundo. – E você é um covarde por ter abandonado Metias à misericórdia dele.

Os olhos de Thomas se contraem como se eu o tivesse apunhalado. Eu o examino mais de perto, mas ele repara que o estou analisando, vira o rosto bruscamente de lado e esconde a cabeça nas mãos.

Penso mais uma vez em meu irmão; desta vez cruzam pela minha mente os vários anos que ele passou na companhia de Thomas. Metias conhecia Thomas desde que eram garotos, muito antes de eu nascer. Sempre que seu pai, que era zelador do prédio onde morávamos, levava Thomas para acompanhá-lo durante o trabalho, Thomas e Metias brincavam por horas

seguidas com *videogames* militares e armas de brinquedo. Quando cresci, lembro as inúmeras conversas dos dois em nossa sala de estar e que estavam sempre juntos. Recordo que Thomas fez 1.365 pontos na Prova. Esse número era ótimo, levando em conta que ele era um menino de um bairro pobre, mas médio para garotos do setor Rubi. Metias foi o primeiro a perceber a vontade de Thomas em ser soldado. Ele passava tardes inteiras ensinando a Thomas tudo o que sabia. Thomas jamais teria conseguido entrar na Highland University do bairro Esmeralda sem a ajuda do meu irmão.

Minha respiração fica superficial quando algo se encaixa no lugar. Recordo a maneira pela qual o olhar fixo de Metias se concentrava em Thomas durante as sessões de treinamento. Eu sempre pensei que era apenas a forma do meu irmão analisar a postura e o desempenho de Thomas quanto à exatidão de suas respostas. Lembro que Metias era paciente e gentil ao explicar as coisas a Thomas. O jeito com que sua mão tocava o ombro de Thomas. A noite em que comi *edamame* num café com Thomas e Metias, quando Metias parou de trabalhar com Chian. O modo como, volta e meia, a mão de Metias se apoiava no braço de Thomas por um instante a mais do que o necessário. A conversa que tive com meu irmão quando ele ficou tomando conta de mim no dia em que deveria tomar posse como militar. O jeito em que ele riu e disse: *Eu não preciso de namorada. Tenho uma irmãzinha de quem tomar conta*. E era verdade. Ele havia namorado algumas moças na faculdade, porém nunca por mais de uma semana e sempre com educado desinteresse. Era tão óbvio! Como eu não havia percebido nada antes?

É *claro* que Metias jamais se abriria comigo sobre isso. Os relacionamentos entre oficiais e subordinados são estritamente proibidos e punidos com rigidez. Foi Metias quem recomendou que Thomas fizesse parte da patrulha da Comandante Jameson. Fez isso pelo bem de Thomas, mesmo sabendo que isso impossibilitaria qualquer envolvimento.

Tudo isso passa por minha mente em questão de segundos.

– Metias estava apaixonado por você – sussurro.

Thomas não responde.

– E então? É verdade? Você devia saber.

Thomas continua calado. Apoiava a cabeça entre as mãos e repete:

– Eu fiz um *juramento*.

– Espere aí. Não estou entendendo.

Encosto na cadeira e respiro fundo. Meus pensamentos são agora uma mixórdia, um turbilhão só. O silêncio de Thomas é mais revelador do que qualquer coisa que ele já disse.

– Metias amava você – digo devagar. Minha voz sai trêmula. – E fez tudo por você. Mesmo assim, você o entregou. – Balanço a cabeça, incrédula. – Como pôde fazer isso?

Thomas ergue a cabeça e olha nos meus olhos.

– Eu nunca o *denunciei*. – Um flash de dor ilumina seu rosto.

Nós nos olhamos durante muito tempo. Finalmente digo, com os dentes cerrados:

– Então me conte o que aconteceu.

Thomas olha para o nada.

– Os administradores da segurança encontraram indícios que ele deixou para trás quando pirateou uma brecha do sistema, no banco de dados dos civis mortos. Os administradores contaram a história para mim em primeiro lugar, supondo que eu passaria o recado para a Comandante Jameson. Eu não me cansava de alertar o Metias sobre hacking. “Você corre riscos demais, vai acabar se dando mal. Continue leal, continue fiel”, mas ele nunca me deu ouvidos. Aliás, esse é um mal de família.

– Quer dizer que você guardou o segredo dele?

Thomas volta a apoiar a cabeça entre as mãos.

– Primeiro eu o confrontei sobre o assunto, e ele admitiu que era verdade. Eu prometi não contar a ninguém, mas, no fundo, eu *queria*. Nunca escondi coisa alguma da Comandante Jameson. – Ele para por um instante. – Acontece que meu silêncio não teria feito diferença. Os administradores da segurança decidiram enviar uma mensagem diretamente à Comandante Jameson. Foi assim que ela descobriu, e aí me encarregou de cuidar de Metias.

Escuto, chocada, em silêncio. *Thomas jamais quis matar Metias.*

Tento imaginar um cenário que eu possa tolerar.

Talvez ele até tenha tentado persuadir a Comandante Jameson a designar a tarefa à outra pessoa, mas ela deve ter recusado, e ele decidiu levá-la a cabo de qualquer maneira.

Eu me pergunto se Metias chegou a tomar alguma atitude sobre a atração que sentia e se Thomas também fez o mesmo. Conhecendo Thomas, duvido. Será que ele também amava Metias? Ele *tentou* me beijar depois da comemoração pela captura de Day.

– O baile de gala – reflito desta vez em voz alta. Não preciso falar mais nada para que Thomas saiba do que estou falando. – Quando você tentou me...

Não termino a frase. Thomas continua a olhar fixamente para o chão; sua expressão oscila entre palidez e dor. Finalmente, ele passa uma das mãos no cabelo e resmunga:

– Eu me ajoelhei sobre Metias e o vi morrer. Minha mão estava naquela faca. Ele...

Fico em silêncio, atônita com suas palavras.

– Ele me pediu para não machucar você – continua Thomas. – Suas últimas palavras foram sobre você. Fiquei confuso. Na execução de Day, tentei inventar um modo de impedir a Comandante Jameson de prender você. Mas você dificulta *muito* a vida das pessoas que tentam protegê-la, June. Você infringe muitas normas. É igualzinho a Metias. Naquela noite no baile, quando olhei para seu rosto... – A voz dele se enfraquece. – Pensei que podia protegê-la, e que a melhor maneira seria tentar manter você perto de mim, tentar conquistá-la. Fiquei confuso... – repete, amargurado. – Mesmo para Metias, era difícil protegê-la. Que chance tinha eu de mantê-la a salvo?

A noite da execução de Day. Será que Thomas estava tentando me proteger quando me acompanhou até o porão para eu ver onde ficava armazenada a bomba? E se a Comandante Jameson estivesse se preparando para me prender, e Thomas tivesse tentado me ajudar antes? Para quê, para ajudar a fugir? Não compreendo.

– Pode ter certeza de que eu me importava com seu irmão – diz ele, enquanto permaneço em silêncio. Ele finge uma bravata, um falso profissionalismo. Mesmo assim, percebo tristeza em sua voz. – Mas sou também um soldado da República, e fiz o que tinha de fazer.

Empurro a mesa para o lado e me arremesso contra ele, apesar de estar acorrentada à cadeira. Thomas pula para trás. Tropeço nas minhas limitações, caio de joelhos e, então, agarro a perna dele. Para conseguir não sei o quê. *Você é doente, você é um monstro.* Tenho vontade de acabar com ele. Jamais quis tanto uma coisa na minha vida inteira.

Não, isso não é verdade. Quero Metias vivo de novo.

Os guardas do lado de fora devem ter ouvido a perturbação porque entram em grupos, e imediatamente sou imobilizada por vários soldados, presa com mais um par de algemas e desamarrada da cadeira. Eles me arrastam pelos pés. Dou pontapés furiosos, relacionando mentalmente todos os ataques que aprendi no colégio militar, tentando me livrar como uma alucinada. Thomas está muito perto, a apenas alguns metros.

Ele simplesmente olha para mim, com as mãos balançando ao lado do corpo, e grita:

– Foi a morte mais piedosa para ele!

Sinto náuseas porque sei que ele está certo. Metias provavelmente teria sido torturado até a morte se Thomas não o tivesse matado naquele beco. Mas isso não me importa: estou cega, sufocada pela raiva e pela confusão. Como ele pode ter feito aquilo com alguém a quem amava? Como podia ser capaz de tentar justificar isso? Qual é o *problema* dele?

Depois da morte de Metias, quando Thomas ficava sentado sozinho em casa, será que alguma vez deixou cair a máscara? Será que alguma vez deixou de pensar como soldado e permitiu que o homem à paisana extravasasse a dor?

Sou arrastada para fora da cela e pelo corredor. Minhas mãos tremem; luto para firmar a respiração, acalmar o coração em disparada e guardar Metias a salvo num cantinho da cabeça. Uma pequena parte de mim havia esperado que eu estivesse errada sobre Thomas, que não havia sido ele que matara meu irmão.

Na manhã seguinte, todos os traços de emoção já haviam desaparecido do rosto de Thomas. Ele me diz que o tribunal de Denver tomou conhecimento do meu pedido a respeito do Eleitor e decidiu me transferir para a Penitenciária Estadual de Colorado.

Estou de partida para a capital.



DAY

Aterrissamos em Lamar, no Colorado, em uma manhã chuvosa, exatamente no horário programado. Razor parte, com seu esquadrão. Kaede e eu esperamos na escura escadaria na saída dos fundos da sala dele, até que os barulhos lá fora diminuam e a maioria da tripulação do dirigível já tenha desembarcado. Desta vez não há guardas escaneando impressões digitais nem verificando identidades, logo, podemos seguir os últimos soldados diretamente pela rampa de saída. Nós nos misturamos com as tropas que estão aqui para lutar pela República.

Rajadas de chuva gelada castigam a base ao sairmos para a plataforma piramidal, e entramos neste enorme lugar sem brilho. O céu está completamente coberto por nuvens negras de tempestade. Plataformas de aterrissagem se alinham ao lado da rua de cimento rachado, numa fileira agourenta de enormes pirâmides negras que se estendem em ambas as direções, lustrosas e reluzentes pela chuva.

O ar viciado tem cheiro molhado. Jipes lotados de soldados se movimentam para cima e para baixo, respingando lama e cascalho na calçada. Todos os soldados exibem uma larga faixa negra pintada em cima dos olhos e que vai até as orelhas. Isso deve ser moda entre os combatentes. O resto da cidade se ergue à nossa frente: arranha-céus cinzentos que provavelmente servem de caserna para os soldados. Alguns são novos; têm laterais harmoniosas e vidraças coloridas, outros foram vandalizados e desmoronaram como se tivessem sofrido ataques constantes de granadas. Uns poucos não passam de cinzas e ruínas, alguns com apenas uma parede, apontando para cima como um monumento despedaçado. Não há prédios avarandados, nem áreas verdes pontilhadas com rebanhos de gado.

Nós nos apressamos pela rua, com nossas golas duras de jaquetas viradas para cima, numa tentativa patética de nos proteger da chuva.

– Este lugar foi bem bombardeado – resmungo para Kaede. Meus dentes batem a cada palavra.

Kaede abre a boca, com surpresa desdenhosa:

– Poxa, tu é mesmo um gênio, sabia?

– Não entendo. – Observo os edifícios desmoronados que pontilham o horizonte. – Por que parece que os edifícios foram atingidos por granadas? Os combates não estão acontecendo longe daqui?

Kaede se debruça até mim para que os demais soldados na rua não nos ouçam.

– As Colônias têm invadido esta parte da fronteira desde que eu tinha uns dezessete anos. Bem, de qualquer forma, isso faz tempo. Eles provavelmente se infiltraram por mais de mil e seiscentos quilômetros de onde a República afirma que fica a divisa com o Colorado.

Depois de tantos anos ouvindo a incessante propaganda da República, é chocante ouvir alguém me contar a verdade.

– Então você está me dizendo que as Colônias estão vencendo a guerra? – pergunto baixinho.

– Já faz tempo que elas estão vencendo. Você soube disso por mim em primeiro lugar. Daqui a uns anos, garoto, as Colônias vão estar no quintal da sua casa. – Ela está enojada. Talvez tenha um ressentimento eterno contra as Colônias. – Pense como quiser – resmungo. – Só tô aqui pelo dinheiro.

Fico em silêncio. *As Colônias serão os novos Estados Unidos.* Será possível que, após tantos anos de guerra, os combates cheguem ao fim? Tento imaginar um mundo sem a República, sem o Eleitor, as Provas, as pragas. E com as Colônias vencedoras.

Nossa, isso é bom demais para ser verdade! E com o possível assassinato do Eleitor, isso tudo pode se tornar verdade ainda mais cedo. Fico tentado a conversar ainda mais sobre o assunto, mas Kaede põe um dedo nos lábios, para que eu fique quieto antes de começar a falar, e acabamos caminhando em silêncio.

Viramos em uma esquina, muitas quadras depois, e seguimos uma fila dupla de trilhos de trem por uma distância que me pareceu ser de vários

quilômetros. Finalmente, paramos quando alcançamos a esquina de uma rua distante dos quartéis, escurecida pelas sombras de prédios arruinados em toda a sua extensão. Soldados solitários perambulam pelo lugar. Kaede murmura quando espreita os trilhos:

– Fizeram uma pausa na luta. Já faz alguns dias, mas logo vai recomeçar o combate. Tu vai agradecer por estar com a gente; nenhum desses soldados da República terá o luxo de se esconder no subsolo quando as bombas começarem a explodir.

– Subsolo?

A atenção de Kaede se concentra num soldado caminhando diretamente para nós, num lado dos trilhos. Meus olhos piscam, úmidos, e tento enxergar o cara melhor. Ele se veste como nós, numa jaqueta de cadete encharcada, com uma ponta de tecido cobrindo parte dos botões e listras prateadas solitárias em cada ombro. A pele morena está lustrosa sob as camadas da chuva que não para, e os cachos curtos grudaram na cabeça. Sua respiração é exalada em nuvens brancas. Quando se aproxima, vejo que seus olhos são cinzentos e assustadoramente pálidos.

Ele passa sem olhar direito para nós e dirige um gesto sutil à Kaede: dois dedos da mão direita fazem um sinal de V, de vitória.

Atravessamos os trilhos e continuamos a andar por muitos quarteirões. Aqui os edifícios estão amontoados, e as ruas são tão estreitas que apenas duas pessoas cabem num beco por vez. Esta deve ter sido uma área onde antigamente viviam os civis. Várias janelas foram explodidas, e outras estão cobertas por panos em frangalhos. Vejo algumas sombras de pessoas dentro delas, iluminadas com velas bruxuleantes. Quem não for soldado nesta cidade, deve estar fazendo o que meu pai costumava fazer: cozinhando, limpando e cuidando das tropas. Papai também deve ter vivido na miséria, sempre que rumava para a frente de batalha nas suas missões militares.

Kaede me sacode do meu estado de letargia ao me puxar abruptamente para um dos becos escuros e estreitos.

– Anda rápido!

– Você sabe com quem está falando, não sabe?

Ela me ignora, ajoelha na beira de uma parede onde há uma grade de metal revestindo o piso e retira de lá, com seu braço bom, um minúsculo dispositivo preto. Ela o passa rapidamente numa beira da grade. Depois de um segundo, a grade se levanta do chão, sustentada por duas dobradiças, e silenciosamente se abre, revelando um buraco negro. Percebo que ele foi projetado para parecer desgastado e sujo de propósito, mas este buraco foi modificado e se transformou numa entrada secreta. Kaede se abaixa e salta para dentro da cavidade. Eu a sigo. Minhas botas se molham na água rasa, e a grade acima de nós desliza e se fecha de novo.

Kaede segura minha mão e me conduz por um túnel. O lugar tem um cheiro rançoso de pedra antiga, chuva e metal enferrujado. Água gelada goteja do teto e molha meu cabelo. Caminhamos apenas alguns metros antes de nos desviarmos acentuadamente para a direita, e então a escuridão nos engole por completo.

– Existiam quilômetros de túneis como este em quase toda a cidade que participava dos combates – sussurra Kaede em meio ao silêncio.

– Ah, é? E serviam pra quê?

– Dizem que todos esses velhos túneis eram usados por pessoas que moravam na costa leste americana e que queriam ir para o oeste, para fugir das inundações. Isso aconteceu mesmo antes da guerra ter começado. Cada um desses túneis passa direto debaixo das barricadas da zona de combate entre a República e as Colônias. – Kaede faz um movimento deslizante com as mãos, que mal consigo distinguir na escuridão. – Depois do início da guerra, os dois países começaram a usar os túneis ofensivamente, e por isso a República destruiu todas as entradas dentro das suas divisas, e as Colônias fizeram o mesmo na outra extremidade. Os Patriotas conseguiram escavar e reconstruir cinco túneis em segredo. Vamos usar este em Lamar – ela aponta para o teto que goteja – e um em Pierra, uma cidade próxima daqui.

Tento imaginar como deve ter sido antes, numa época em que não havia nem República nem Colônias, e um único país ocupava o centro da América do Norte.

– E ninguém sabe que esses túneis estão aqui?

Kaede ri com desdém.

– Você acha que nós estaríamos usando os túneis se a República tivesse conhecimento deles? Nem as Colônias sabem que eles existem, mas eles são muito úteis para as missões dos Patriotas.

– Quer dizer então que as Colônias financiam vocês?

Kaede dá um pequeno sorriso.

– Quem mais teria dinheiro suficiente para manter túneis como esses? Ainda não conheci nossos financiadores; é Razor que trata desses relacionamentos. O dinheiro continua entrando, o que quer dizer que eles devem estar satisfeitos com o trabalho que estamos fazendo.

Caminhamos por um tempo sem conversar. Meus olhos já se adaptaram à escuridão, e consigo ver crostas de ferrugem nas laterais do túnel. Fios d'água gotejantes desenham padrões nas paredes de metal.

Quebro o silêncio após alguns minutos:

– Você está contente por eles estarem vencendo a guerra? – Espero que ela esteja disposta a falar sobre as Colônias de novo. – Afinal, eles praticamente expulsaram vocês do seu país. Aliás, por que vocês saíram?

Kaede dá uma risada amarga. O som de nossas botas chapinhando na água ecoa no túnel.

– É, acho que estou contente. Qual é a alternativa? Ficar observando a República vencer? Diga o que é melhor. Mas tu cresceu na República. Nem imagino o que deve pensar das Colônias... Deve achar que é um paraíso.

– E poderia ser diferente? – indago. – Meu pai costumava me contar histórias sobre as Colônias. Ele me disse que havia cidades completamente iluminadas por eletricidade.

– Seu pai trabalhava para algum movimento de resistência?

– Não sei bem. Ele nunca me confirmou isso, mas todos nós suspeitávamos que ele devia fazer *alguma coisa* sem a República saber. Quando voltava das missões, meu pai trazia umas quinquilharias relacionadas aos Estados Unidos. Eram coisas esquisitas para uma pessoa normal ter. Ele falava que um dia nos levaria para fora da República. – Fico em silêncio, perdido numa antiga lembrança. Meu pingente pesa no pescoço. – Acho que nunca vou mesmo saber qual era a dele.

Kaede faz um sinal afirmativo com a cabeça.

– Bem, eu cresci num dos litorais a leste nas Colônias, à beira do Atlântico Sul. Há anos que não vou lá; estou certa de que a água atingiu o interior do país pelo menos mais uns três metros e meio. De qualquer maneira, fui aprovada para uma das Academias de Dirigíveis e me tornei um dos principais pilotos na área de treinamento.

Se as Colônias não têm as Provas, eu me pergunto como escolhiam quem entraria nas academias.

– E daí, o que aconteceu?

– Matei um cara – responde Kaede. Ela diz isso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Na escuridão, ela se aproxima de mim e examina, atrevida, meu rosto. – Que é que foi? Ei, não me faça essa cara. Foi um acidente. Ele tinha tanta inveja porque nossos comandantes de voo me adoravam que tentou me empurrar pela borda do nosso dirigível. Nessa luta corpo a corpo, lesionei seriamente um dos olhos. Mais tarde eu o encontrei no vestiário e acabei com o fulano. – Ela emite um som de pesar. – Acontece que bati com força demais na cabeça dele, e ele não voltou mais a si. Meu financiador me rejeitou depois que esse pequeno incidente manchou minha reputação com a corporação, e não porque eu matei um sujeito. Quem quer uma funcionária, um *piloto de combate*, que não enxerga direito, mesmo depois de operada? – Ela para de andar e aponta para o olho direito. – Virei mercadoria danificada, e minha cotação despencou. Minha academia me expulsou depois que o financiador pulou fora. Sinceramente, foi uma sacanagem. Deixei de me formar quando estava no último ano de treinamento por causa daquele desgraçado.

Não compreendo alguns termos que Kaede usou: *corporação*, *funcionária* – mas resolvo perguntar isso tudo uma outra vez. Estou certo de que pouco a pouco vou conseguir extrair dela mais informações sobre as Colônias. Por enquanto, continuo a querer saber mais sobre o pessoal para quem estou trabalhando.

– Foi então que você se juntou aos Patriotas?

Ela faz um gesto indiferente com uma das mãos e estende o braço à sua frente. Noto mais uma vez que Kaede é muito alta; seus ombros estão na altura dos meus.

– O fato é que Razor me paga. Às vezes consigo até voar, mas continuo com eles pelo dinheiro, garoto, e enquanto estiver recebendo minha grana, farei o possível para ajudar os estados a se unirem de novo. Se isso causar o desmoronamento da República, que seja. Se isso resultar na tomada de controle pelas malditas Colônias, que seja. Vamos acabar com essa guerra e fazer com que os Estados Unidos voltem a ser o que eram. E que as pessoas levem uma vida normal de novo. É com isso que me importo.

Não posso evitar achar isso divertido. Apesar de Kaede tentar parecer indiferente, dá pra ver que sente orgulho em ser uma Patriota.

– Bem, a Tess parece gostar muito de você, o que me faz concluir que você deve ser legal.

Kaede dá uma risada convicta.

– Ela é mesmo um doce. Fico feliz por não ter matado *aquela garota* naquela luta de Skiz. Você vai ver que não existe um único Patriota que não goste dela. Não se esqueça de demonstrar seu amor à sua amiguinha de vez em quando, tá? Sei que você tem tesão pela June, mas Tess está paradinha na sua, caso ainda não tenha percebido...

Isso faz com que meu sorriso desapareça gradualmente.

– Acho que nunca pensei nela desse jeito – murmuro.

– Com o passado que ela tem, merece ser amada, não concorda?

Estendo a mão e impeço Kaede de continuar.

– Ela lhe contou seu passado?

Kaede me olha de relance e pergunta, atônita:

– Ela nunca lhe contou a história dela?

– Jamais consegui que me contasse. Ela sempre desviava do assunto, e depois de um tempo, eu simplesmente desisti de tentar.

– Ela não deve querer que você tenha pena dela. Ela era a mais nova de cinco filhos. Acho que na época estava com nove anos. Os pais não podiam alimentar todos os irmãos, e uma noite deixaram a pobrezinha fora de casa e nunca mais deixaram ela entrar. Ela disse que bateu à porta durante dias.

Não posso dizer que estou surpreso. A República é tão lerda quando se trata de cuidar dos órfãos sem-teto, que nenhum de nós nunca teve uma segunda oportunidade. O amor da minha família era tudo ao que eu podia

me agarrar nos primeiros anos que passei na rua. Aparentemente, a Tess não teve nem *isso*. Não é de admirar que fosse tão carente quando nos conhecemos. Eu devia ser a única pessoa no mundo que se importava de verdade com ela.

– Eu não sabia – sussurro.

– Bem, agora já sabe – replica Kaede. – Fique com ela; vocês dois combinam, viu? – Ela reprime uma risadinha. – Ambos são nauseantemente otimistas. Jamais conheci uma dupla tão alto-astrol de farsantes vindos de favelas.

Não respondo. Ela está certa, obviamente. Nunca pensei no assunto; mas Tess e eu formamos *mesmo* uma boa dupla. Ela compreende muito bem de onde eu vim. Ela pode me animar nos meus piores dias. Ela age como se tivesse vindo de um lar perfeitamente feliz, em vez daquele sobre o qual a Kaede acabou de me contar. Sinto um afeto reconfortante, percebendo de repente que estou ansioso para reencontrar Tess. Aonde ela vai, eu vou, e vice-versa. Somos unha e carne.

Mas e June?

A simples lembrança do seu nome me faz respirar com dificuldade. Fico quase constrangido com minha reação. June e eu somos uma boa dupla? “*Não*” é a primeira palavra que me vem à cabeça.

Mesmo assim...

Nossa conversa perde a força. Às vezes olho de relance por cima do ombro, meio que esperando ver uma centelha de luz, meio que esperando não ver. A ausência de luz quer dizer que o túnel não se estende direto sob todas as grades da cidade, visível aos passantes.

Sinto que o piso é inclinado. Estamos descendo cada vez mais. Eu me obrigo a respirar de maneira uniforme à medida que as paredes se estreitam, e me sinto encurralado. Maldito túnel! Eu daria tudo para estar de novo ao ar livre.

Demora muito, mas finalmente Kaede para. O eco de nossas botas na água soa de modo diferente agora – acho que paramos em frente a uma estrutura sólida de algum tipo. Talvez seja uma parede.

– Perto da parte traseira desta casamata o túnel continua e vai dar nas Colônias.

Kaede tenta abrir a porta com uma pequena alavanca de um lado, mas quando isso não dá certo ela bate à porta suavemente com as juntas dos dedos, numa sequência de dez ou onze batidinhas, e grita:

– Foguete!

Esperamos, trêmulos.

Nada acontece. Então, um pequeno e escuro retângulo na parede desliza e se abre, e olhos castanho-amarelados piscam para nós.

– Oi, Kaede! O dirigível chegou na hora exata, não é? – diz a garota atrás da parede, antes de estreitar os olhos para mim. – Quem é seu amigo?

– É o Day – responde Kaede. – Agora para com esse papo-furado e me deixa entrar. Estou congelando.

– Tudo bem, tudo bem. Eu estava só verificando.

Seus olhos me examinam de alto a baixo. Fico surpreso que ela consiga ver muita coisa nesta escuridão. Finalmente, o pequeno retângulo desliza e se fecha. Ouço alguns bipes e outra voz. A parede desliza e se abre, revelando um corredor estreito, com uma porta na outra extremidade. Antes que um de nós consiga se mexer, três pessoas dão um passo à frente, saindo do lado de trás da parede, e apontam armas para nossas cabeças.

– Entrem – uma delas nos ordena, asperamente: é a moça que acabou de abrir o olho mágico. Fazemos o que ela manda. A parede se fecha atrás de nós. – Qual é o código desta semana? – acrescenta em voz alta.

– Alexander Hamilton – responde Kaede impaciente.

Agora as três armas apontam para mim, e não para Kaede.

– Você é o Day, é? – A garota faz uma bola com o chiclete que está mastigando. – Tem certeza?

Levo um minuto para perceber que sua segunda pergunta foi dirigida à Kaede, e não a mim. Kaede suspira, exasperada, e dá um tapa no braço da menina.

– É ele mesmo. Agora, para de encher o saco!

As armas são baixadas. Dou um suspiro que nem sabia que estava retendo. A garota que nos deixou entrar gesticula para que a acompanhemos

até a segunda porta, e quando chegamos lá ela aciona um pequeno dispositivo, no lado esquerdo da porta, semelhante ao usado por Kaede. Ouvem-se mais alguns bipes.

– Entrem. – Ela faz um movimento com a cabeça na minha direção e ameaça: – Se fizer algum movimento brusco, atiro antes que você possa piscar.

A segunda porta desliza e se abre. Um ar quente cai sobre nós quando entramos numa grande sala cheia de gente agitada ao redor de mesas e monitores embutidos na parede. Luzes elétricas pendem do teto; um odor leve, mas bem definido de mofo e ferrugem paira sobre nós. Deve haver vinte ou trinta pessoas ali e ainda assim há espaço para mais.

Uma grande projeção de uma insígnia decora a parede traseira do recinto, e eu imediatamente a reconheço como uma versão mais simples da bandeira oficial dos Patriotas: tem uma grande estrela de prata, com três tiras prateadas em formato de V. Reparo que foi bem inteligente projetá-la dessa forma, pois assim podem apanhá-la e movimentar-se rapidamente, se necessário.

Alguns monitores exibem os horários dos dirigíveis que eu já havia visto a bordo do Dynasty. Outros mostram imagens de segurança captadas nos alojamentos dos oficiais ou fotos ampliadas das ruas da cidade de Lamar, ou vídeos da cabine de controle dos dirigíveis sobrevoando a zona de combate. Um deles exhibe até uma curta sequência de propaganda para elevar o moral dos Patriotas, que me lembra muito os anúncios da República. São frases como *TRAGAM OS ESTADOS UNIDOS DE VOLTA; A TERRA DA LIBERDADE* e *SOMOS TODOS AMERICANOS*. Outros vídeos transmitem imagens da América continental abarrotada de pontos multicoloridos, e dois deles apresentam mapas-múndi.

Contemplo, espantado, esses últimos. Nunca tinha visto um mapa-múndi antes. Nem sei se *existe* um deles na República, mas nesses vejo os oceanos ao redor da América do Norte, os territórios recortados em forma de ilhas que compõem a América do Sul, um minúsculo território chamado Ilhas Britânicas, gigantescas massas de terras chamadas África e Antártida, a

China (com uma porção de pequeninos pontos vermelhos espalhados bem no oceano ao redor dos limites de seu território).

Esse é o mundo *real*, não o mundo que a República mostra aos civis.

Todos no recinto me observam. Dou as costas para o mapa e espero que Kaede diga alguma coisa. Ela apenas dá de ombros e me dá uma pancadinha nas costas. Minha jaqueta molhada faz um som borbulhante.

– Este é o Day.

Todos esperam em silêncio, embora eu possa ver pelo brilho de seus olhos que sabem quem sou. Aí alguém assobia com dois dedos na boca. Isso quebra a tensão: há um coro de risadinhas abafadas, e depois a maioria das pessoas volta a fazer o que estava fazendo antes.

Kaede me orienta em meio à confusão de mesas. Algumas pessoas estão reunidas ao redor de um diagrama; outro grupo está abrindo caixas; certas pessoas estão apenas descansando, assistindo à reprise de uma novela da República. Dois Patriotas sentados em frente a um monitor no canto estão se desafiando num *videogame*, acelerando uma espécie de criatura azul na tela, ao agitar as mãos na frente dela. Até isso deve ter sido personalizado pelos Patriotas, porque todos os objetos do jogo são azuis e vermelhos.

Um garoto abafa um risinho quando passo. Ele exhibe uma mecha de cabelo louro tingido num penteado moicano. A pele é morena, e ombros largos ligeiramente curvados, como se ele estivesse permanentemente pronto para entrar num ringue. Falta um pedaço da sua orelha. Percebo que é a mesma pessoa que assobiou antes.

– Então você é o cara que deu o fora na Tess, não é? – Ele tem uma arrogância que me irrita. Olha para mim com desprezo. – Não entendo por que uma garota como ela anda com um vigarista que nem você. Algumas noites nas prisões da República acabaram com todo o seu fôlego?

Dou um passo em direção a ele, rio com vontade e digo:

– Com todo o respeito, não vejo a República pendurando cartazes de “procura-se” com *a sua* linda carinha...

– Vamos parar com isso! – Kaede se interpõe entre mim e o garoto, e força um dedo no peito dele. – Baxter, você não devia estar se preparando para a corrida de amanhã à noite?

O garoto dá um grunhido para mim e se vira para ir embora.

– Eu só queria entender por que a gente está confiando numa queridinha da República – resmunga.

Kaede me dá um tapinha no ombro e continua a andar.

– Não se importe com esse imbecil – diz ela. – Baxter não gosta muito da sua querida June. Ele pode te dar muita dor de cabeça, por isso é melhor não provocar, tá bem? Você vai precisar trabalhar com ele. Ele também é um corredor.

– Tá de brincadeira?

Eu não pensei que um cara tão musculoso assim pudesse ser um corredor veloz. Pensando melhor, a força dele provavelmente faz o cara alcançar lugares que eu não consigo.

– Pois é. E você jogou *ele* pra escanteio na hierarquia dos corredores. – Kaede dá um sorriso afetado. – E uma vez você estragou geral uma missão dos Patriotas em que ele participava. Você nem se deu conta disso.

– Foi mesmo? E que missão foi essa?

– O bombardeio do carro do Administrador Chian, em Los Angeles.

Caramba! Faz um tempão que enfrentei o Chian. Eu não tinha noção de que os Patriotas tinham planejado um ataque ao mesmo tempo.

– Que tragédia – comento, procurando os rostos na sala depois que Baxter mencionou a Tess.

– Se você está procurando a Tess, ela chegou antes de nós aqui, e está com os outros médicos. – Kaede faz um gesto para o fundo do recinto, onde várias portas se estendem pelas paredes. – Ela deve estar na ala médica observando alguém costurando alguém. Tess aprende rápido. – Kaede me conduz entre as mesas e os outros Patriotas, e então para à frente do mapa-múndi. – Aposto que você nunca viu nada parecido.

– Não mesmo.

Analiso as massas de terras, ainda atônito com a ideia de que muitas sociedades estejam funcionando além das fronteiras da República. No ensino elementar a gente aprendeu que os lugares do mundo não controlados pela República são apenas nações se esfacelando, lutando para

não desaparecer. Será que *tantos* países assim estão lutando para sobreviver? Ou será que estão indo bem e talvez até prosperando?

– Para que vocês precisam de mapas assim?

– Nosso movimento tem originado movimentos semelhantes no mundo inteiro – replica Kaede, cruzando os braços. – Em todos os países em que o povo tá possesso com o governo. Os mapas na parede elevam nosso moral. – Quando ela vê que continuo a analisar o mapa com a testa franzida, passa rapidamente a mão no centro da região da América do Norte. – Aí está a República que todos nós conhecemos e amamos. E aqui estão as Colônias. – Ela aponta para uma extensão menor e mais dividida de terra, que partilha a borda leste da República. Examino os círculos vermelhos que indicam cidades nas Colônias: a cidade de Nova York, Charleston, St. Louis, Nashville. Será que elas brilham como meu pai afirmou?

Kaede continua a falar, passando a mão para o norte e para o sul:

– O Canadá e o México mantêm uma rígida zona desmilitarizada entre si e entre as Repúblicas e as Colônias. O México tem seu próprio grupo de Patriotas. Aqui está o que restou da América do Sul. Isso costumava ser também um enorme continente, tá vendo? Agora tem o Brasil – ela aponta para uma enorme ilha triangular muito distante do sul da República –, o Chile e a Argentina.

Kaede animadamente salienta como estão os continentes e o que costumavam ser. O que vejo como Noruega, França, Espanha e as Ilhas Britânicas faziam parte de um lugar maior chamado Europa. Ela diz que os demais povos europeus fugiram para a África. A Mongólia e a Rússia não são nações extintas, ao contrário do que nos ensinou a República. A Austrália costumava ser uma sólida massa de terra. Vêm então as superpotências. As enormes metrópoles flutuantes da China que são inteiramente construídas sobre a água, e seus céus são permanentemente negros.

– São as *Hai Cheng* – ensina Kaede. – Cidades marítimas.

Aprendo que a África nem sempre foi o continente próspero e tecnicamente avançado que é hoje, gradativamente se enchendo de universidades, arranha-céus e refugiados internacionais. E a Antártida,

acredite se quiser, já foi desabitada e completamente coberta de gelo. Hoje em dia, como a China e a África, ela abriga as capitais de tecnologia do mundo e atrai um volume razoável de turistas.

– A República e as Colônias têm um nível tecnológico deplorável. Gostaria de visitar a Antártida um dia. Dizem que é deslumbrante.

Ela conta que os Estados Unidos já foram uma dessas superpotências.

– Mas aí veio a guerra – acrescenta Kaede –, e todos os principais pensadores daqui literalmente fugiram para lugares tecnicamente superiores. Foi a Antártida que causou as inundações. As coisas já estavam indo mal, e aí o sol endoidou de vez e derreteu todo o gelo da Antártida. Foi uma inundação que nem você nem eu podemos ao menos imaginar. Milhões de pessoas morreram devido às mudanças de temperatura. Isso deve ter sido realmente inesquecível, não? O sol acabou voltando ao normal, mas isso não aconteceu com o clima. Não deu certo misturar água doce com água do mar, e desde então o mundo é o que a gente vê agora.

– A República nunca fala sobre nada disso.

Kaede revira os olhos.

– Ah, claro que não! Trata-se da *República*. Por que eles fariam?

Ela aponta para um pequeno monitor no canto, que parece estar transmitindo notícias de jornal.

– Tu quer ver como é a República do ponto de vista de um estrangeiro? Chega mais.

Quanto mais presto atenção às manchetes, mais me dou conta de que a voz do locutor está numa linguagem que não consigo compreender.

– É antarticano – explica Kaede quando olho confuso pra ela. – Estamos nos inserindo num dos canais deles. Leia as legendas.

A tela mostra uma vista aérea de um continente, com a frase REPÚBLICA DA AMÉRICA pairando sobre a tela. Uma voz de mulher narra, e bem na parte de baixo da tela há um texto rolante com a tradução: “... encontrar novas maneiras de negociar com esse estado canalha altamente militarizado, especialmente agora que o poder passou para as mãos de um novo Eleitor da República. O presidente africano Ntombi Okonjo propôs hoje às Nações Unidas que cesse a ajuda para a República,

até haver provas suficientes de um tratado de paz entre o país isolacionista e seu vizinho do leste...”

Isolacionista. Militarizado. Canalha. Olho fixamente para as palavras. Para mim, a República havia sido retratada como a síntese de poder, uma máquina militar implacável e incontrolável. Kaede ri abertamente da expressão do meu rosto, quando finalmente nos afastamos dos monitores.

– De repente a República não parece mais tão poderosa, né? E sim um insignificante estado sigiloso, humilhando-se para obter ajuda internacional. Tô te falando, Day, basta que uma geração faça uma lavagem cerebral num povo para convencer as pessoas de que a realidade não existe.

Vamos até uma mesa com dois pequenos computadores em cima. O rapaz que está de pé diante de um deles é o mesmo sujeito que fez um sinal de V para Kaede nos trilhos do trem, o de pele morena e olhos claros. Kaede lhe dá um tapinha no ombro, ao qual ele não reage de imediato. Em vez disso, digita algumas linhas rapidamente na tela e se senta numa cadeira à mesa. Admiro a elegância com que faz isso. *Está na cara que é um corredor.* Ele cruza os braços e espera, paciente, que Kaede nos apresente.

– Day, esse é o Pascao. Ele é o líder dos nossos corredores, e estava louco pra te conhecer, pra dizer o mínimo.

Pascao estende a mão para mim. Os olhos desbotados se concentram intensamente nos meus e ele me dá um sorriso reluzente, com dentes muito brancos.

– É um prazer – diz ele, animado, e quase sem respirar. Seu rosto fica levemente vermelho quando retribuo o sorriso. – Nem preciso dizer que todos nós já ouvimos falar muito sobre você. Eu sou seu maior fã, *de verdade.*

Acho que ninguém jamais flertou tão descaradamente comigo, exceto talvez um garoto de quem me lembro, do bairro Blueridge.

– É legal conhecer outro corredor – respondo, apertando-lhe a mão. – Tenho certeza de que vou aprender uns truques com você.

Ele me dá um sorriso largo e malicioso ao perceber como estou perturbado.

– Ah, você vai gostar do que vem por aí. Pode acreditar. Não vai se arrepender de ter se juntado a nós; vamos pôr em marcha uma nova era para a América. A República nem vai entender o que a atropelou. – Ele começa uma série de gestos animados, primeiro abrindo bem os braços e depois fingindo desamarrar laços no ar. – Nossos hackers passaram as últimas semanas reinstalando cuidadosamente a fiação na Capital Tower, de Denver. Agora, tudo que a gente precisa fazer é torcer um fio em qualquer dos alto-falantes do edifício e pronto! Vamos poder transmitir para a República inteirinha! – Ele bate palmas, estala os dedos. – *Todo mundo* vai escutar. Revolucionário, não acha?

O plano pareceu uma versão mais sofisticada do que fiz no beco do lugar-dos-dez-segundos. Foi quando vi June pela primeira vez numa tentativa de obter remédios para curar Éden da praga, quando refiz de forma tosca a fiação dos alto-falantes do beco. Mas me perguntei se seria possível refazer a fiação dos alto-falantes do edifício de uma capital para transmitir para toda a República.

– Parece divertido. O que a gente vai transmitir?

Surpreso, Pascao pisca para mim.

– O assassinato do Eleitor, é claro.

Seus olhos se fixam rapidamente em Kaede, que concorda com a cabeça, e ele então tira do bolso um pequeno dispositivo retangular e o abre.

– Nós vamos precisar gravar todas as provas e todos os detalhes para quando ele for arrastado do carro oficial e a gente meter umas balas nele. Nossos hackers estarão prontos na Capital Tower, onde já montaram telões para transmitir o assassinato. Vamos proclamar nossa vitória para a República inteira pelo alto-falante. E eles que tentem nos impedir!

A selvageria do ataque me causa calafrios na espinha. A brutalidade me lembra da maneira em que a República filmou e transmitiu a morte de John – a *minha* morte – para todo o país.

Pascao se aproxima de mim, põe a mão em concha na minha orelha e sussurra:

– E essa nem é a melhor parte, Day.

Ele se afasta um instante suficiente para dar mais uma grande e esfuziante gargalhada.

– Quer saber qual é *a melhor parte*?

– Quero – pergunto sem muita certeza de que quero saber a resposta.

Pascao cruza os braços, satisfeito.

– Razor acha que você é quem deve atirar no Eleitor!

JUNE

DENVER, COLORADO.

19H37.

-6°C.

Chego à capital de trem (Estação 42B), durante uma tempestade de neve. Há uma multidão reunida na plataforma do trem para me ver. Eu os espreito pela janela de vidro fosco, quando a velocidade vai diminuindo até que o trem pare completamente. Embora esteja terrivelmente frio lá fora, esse grupo enorme de civis se espreme atrás de uma balaustrada metálica improvisada, como se Lincoln ou outro cantor famoso tivesse acabado de chegar. Duas patrulhas militares da capital os empurram para trás. Escuto seus gritos abafados.

– Para trás! Permaneçam atrás das barreiras. *Atrás das barreiras!*
Qualquer um que for apanhado com uma câmera será preso!

É estranho. A maioria dos civis aqui parece mais humilde. Ajudar o Day deve ter construído uma boa reputação para mim entre os moradores das favelas. Esfrego no meu dedo os delicados fios do anel de cliques de papel. Isso virou um hábito.

Thomas caminha até o corredor onde estou e se inclina sobre os assentos para falar com os soldados sentados ao meu lado.

– Levem a moça até a porta – manda ele. – Rápido!

Seus olhos vacilantes me encaram e depois examinam o traje que estou usando (colete amarelo de prisioneira, blusa fina com gola branca). Ele age como se a conversa que tivemos ontem à noite na sala de interrogatório jamais tivesse acontecido. Eu concentro o olhar no meu colo. O rosto dele me embrulha o estômago.

– Ela vai sentir frio lá fora – diz ele a seus comandados. – Consigam um casaco.

Os soldados apontam as armas para mim (Modelo XM-2500, alcance de 700m, balas *smart round*, que podem atravessar duas camadas de cimento), e me fazem ficar de pé. Durante a viagem de trem, fiquei olhando com tamanha intensidade para esses dois soldados, que seus nervos devem estar em frangalhos.

As algemas de minhas mãos retinem. Com rifles como aqueles, se eu fosse atingida uma vez, provavelmente morreria de hemorragia, independentemente do lugar no tronco onde a bala pegasse. Eles talvez pensem que estou imaginando uma forma de agarrar uma de suas armas, quando não estiverem prestando atenção. (Essa é uma suposição ridícula, porque as algemas jamais me permitiriam disparar o fuzil corretamente.)

Eles me conduzem pelo corredor até a extremidade do vagão, onde mais quatro soldados esperam na porta aberta que leva à plataforma da estação. Uma lufada de vento gélido nos atinge e respiro profundamente. Uma vez estive na frente de combate, quando Metias e eu saímos para nossa única missão juntos, mas foi no lado oeste do Texas e era verão. Eu nunca havia posto o pé numa cidade enterrada na neve como esta. Thomas vai à frente de nossa pequena procissão e faz um sinal para que um dos soldados ponha um casaco nas minhas costas. Aceito, agradecida.

A aglomeração, entre noventa e cem pessoas, fica em completo silêncio ao ver meu colete amarelo vivo, e quando desço os degraus do vagão sinto que a atenção do grupo me queima as entranhas como se fosse um aquecedor. A maioria das pessoas está tremendo, são magras e pálidas, vestem roupas esfarrapadas, que não podem mantê-las aquecidas neste clima, e calçam sapatos esburacados. Não consigo compreender. Apesar do frio, elas vieram até aqui para me ver *saltar de um trem*, e sabe-se lá há quanto tempo estão esperando. De repente, sinto-me culpada por haver aceitado o casaco.

Chegamos ao fim da plataforma e estamos quase no interior da estação quando ouço o grito de um dos espectadores. Giro o corpo antes que os soldados possam impedir.

– O Day está vivo? – grita um menino. Ele deve ser mais velho do que eu, talvez tenha uns vinte anos, mas é tão magrinho e pequeno que poderia

passar por alguém da minha idade, se não olhassem atentamente para seu rosto.

Levanto a cabeça e sorrio. Então um soldado atinge o rosto dele com a coronha do fuzil, os soldados que fazem minha escolta me obrigam a virar para a frente. A multidão começa um tumulto; gritos enchem o ar instantaneamente. No meio de tudo isso, ouço alguns berrarem:

– *Day está vivo! Day está vivo!*

– Continue andando – diz Thomas, furioso. Entramos no vestíbulo, e sinto o ar gelado desaparecer de súbito quando a porta se fecha atrás de nós.

Eu não disse nada, mas meu sorriso era autoexplicativo. *Sim, Day está vivo.* Tenho certeza de que os Patriotas ficarão felizes se eu confirmar os boatos que parecem aumentar entre a população.

Sáimos da estação; há três jipes nos esperando. Quando deixamos o local e nos dirigimos a uma rodovia abaulada, não posso deixar de me surpreender com a cidade que vejo pela janela. Normalmente é necessária uma boa razão para se vir a Denver. Ninguém, a não ser os civis nativos da cidade, pode conhecer a cidade sem permissão específica. É raro o fato de eu estar aqui, vendo o interior de Denver. Tudo está sufocado debaixo de uma cobertura de neve, mas, mesmo através da neve, posso ver os contornos esmaecidos de uma enorme muralha escura que envolve a cidade como se fossem barragens gigantes contra inundações. A Armadura. É claro que li a respeito no ensino elementar, mas vê-la com meus próprios olhos é diferente. Os arranha-céus são tão altos que desaparecem na neblina das nuvens carregadas de neve. Cada andar avarandado está coberto por espessas camadas de neve, cada lado sendo sustentado por gigantescas vigas metálicas. Entre os prédios, consigo vislumbrar a Capital Tower. De vez em quando, vejo holofotes percorrendo o ar e helicópteros rodeando os arranha-céus.

A certa altura, quatro jatos de caça passam velozmente acima de nós. Paro um instante para admirá-los (são Reapers X-92, aeronaves experimentais que ainda não são produzidas fora da capital, mas devem ter sido aprovadas nos testes de voo, considerando que os engenheiros confiam nelas para trafegarem sobre o centro da cidade de Denver). A capital é uma

cidade militar como Las Vegas, e é até mais intimidante do que eu imaginara.

A voz de Thomas me traz rapidamente de volta à realidade.

– Vamos levar você para o Colburn Hall – diz ele, do assento do carona do jipe. – É um salão de jantares no Capital Plaza, onde os senadores às vezes se reúnem para banquetes. O Eleitor costuma jantar lá com frequência.

Colburn? Ouvi dizer que é um local *muito requintado* para reuniões, especialmente levando em conta que antes iam me encaminhar para a penitenciária de Colorado. Essa informação deve ser novidade também para o Thomas. Acho que ele nunca esteve no Capital, mas, como bom soldado, não vai perder tempo admirando o salão feito um deslumbrado. Estou ansiosa para ver como é o Capital Plaza, se é tão grande quanto imaginei.

– De lá, minha patrulha vai deixá-la, e você vai ser transferida para uma das patrulhas do Comandante DeSoto. – Digo a mim mesma: *uma das patrulhas de Razor*. – O Eleitor vai encontrá-la na sala real de audiências do Hall. Sugiro que você se comporte adequadamente.

– Obrigada pela dica – respondo, sorrindo friamente para o reflexo de Thomas no retrovisor. – Vou caprichar na reverência.

Entretanto, a verdade é que começo a ficar nervosa. O Eleitor é alguém que me ensinaram a venerar desde o nascimento, alguém por quem pensei que nunca hesitaria em dar a vida. Mesmo agora, depois de tudo que sei sobre a República, ainda sinto um senso de dever profundamente enraizado tentando vir à tona de novo, um cobertor familiar no qual quero me enrolar. Estranho. Não me senti assim quando soube da morte do Eleitor, nem quando assisti ao primeiro discurso televisionado de Anden. Isso esteve escondido até agora, quando faltam apenas algumas horas para vê-lo em pessoa.

Não sou mais o prodígio valorizado de quando nos conhecemos. Que pensará ele de mim agora?

COLBURN HALL, CÂMARA DE JANTARES RÉGIOS.

As coisas ressoam aqui. Estou sentada sozinha em uma extremidade de uma comprida mesa (quase quatro metros de cerejeira escura, pernas entalhadas à mão, ornamentos dourados provavelmente pintados com um pincel de detalhes milimétricos sutis), encostada, reta, no estofamento de veludo vermelho da cadeira. Distante, em frente à parede oposta, uma lareira crepita e estala, sob um retrato gigantesco do novo Eleitor. Oito luminárias douradas iluminam as laterais do recinto. Soldados de patrulha do Capitol estão *em todos os lugares*: cinquenta e dois enfileiram-se nas paredes, ombro a ombro, e seis, perfilados à esquerda e à direita do meu corpo.

Ainda está gélido lá fora, mas aqui dentro está quente o bastante para as criadas terem colocado em mim um vestido de tecido leve e botas de couro leves. Lavaram, secaram e escovaram meu cabelo, que cai livre e reluzente até o meio das minhas costas. Ele foi enfeitado com fios de minúsculas pérolas cultivadas (que valem, no mínimo, duas mil Notas cada uma). A princípio eu as admiro animadamente, mas então me lembro das pessoas na estação de trem com suas roupas em frangalhos e retiro os dedos do cabelo, aborrecida comigo mesma.

Outra criada havia aplicado um pó translúcido nas minhas pálpebras, e elas brilham sob a luz da lareira. Meu vestido, branco cremoso, realçado por tons escuros cinzentos, flutua até meus pés, em camadas de *chiffon*. O espartilho apertado torna difícil a respiração. Trata-se obviamente de um vestido caro, que talvez custe cinquenta ou sessenta mil Notas.

As únicas coisas que não combinam com minha roupa e com este lugar são as pesadas algemas metálicas que prendem meus tornozelos e pulsos e me acorrentam à cadeira.

Passa-se meia hora antes que outro soldado (usando a inconfundível jaqueta negra e vermelha das patrulhas da capital) entre na sala de audiências. Ele segura a porta aberta, perfila-se e ergue o queixo, dizendo:

– Nosso glorioso Primeiro Eleitor se encontra no edifício – anuncia. – Levantem-se, por favor.

Ele se esforça para fingir não estar se dirigindo a ninguém específico, mas sou a única pessoa sentada. Ergo-me da cadeira e fico de pé, com um

retinido das algemas.

Mais cinco minutos se passam. Então, quando começo a me perguntar se vem mesmo alguém, um rapaz atravessa calmamente a porta e faz um sinal afirmativo com a cabeça para os soldados na entrada. Os guardas se apressam a prestar continência. Não posso bater continência com as mãos algemadas, nem me inclinar ou fazer uma reverência adequadamente, de modo que apenas continuo de pé e encaro o Eleitor.

Anden tem quase a mesma aparência que tinha quando nos conhecemos no baile de celebração: alto, majestoso e sofisticado, o cabelo escuro bem penteado. A jaqueta de gala é de um lindo tom cinza-carvão, com dragonas douradas de piloto nas mangas e ombreiras também douradas. Contudo, os olhos verdes estão solenes, e há uma ligeira postura relaxada dos ombros, denunciando o novo peso que havia se instalado sobre ele. Parece, afinal de contas, que a morte do pai o afetou.

– Sente-se, por favor – diz ele, estendendo uma das mãos protegidas por luvas de combate na minha direção. Sua voz é muito suave, mas se faz ouvir na grande sala. – Espero que tenha estado confortável, srta. Iparis.

Faço o que ele pediu.

– Certamente. Obrigada.

Depois que Anden se sentou na outra extremidade da mesa, e os soldados retornaram às suas posturas habituais, ele fala de novo:

– Soube que a senhorita solicitou uma audiência comigo. Suponho que não se importe de usar as roupas que providenciei. – Ele para por uma fração de segundo, o suficiente para um sorriso tímido iluminar os traços do rosto. – Achei que a senhorita não gostaria de jantar vestindo um uniforme de prisioneira.

Há alguma coisa condescendente no seu tom de voz que me irrita. *Como ousou me vestir como uma boneca?* É o que diz uma parte indignada de mim. Ao mesmo tempo, fico impressionada com seu ar de comando, com a maneira como assumiu completamente seu novo papel. Ele de repente tem poder – muito poder, por sinal – e evidencia isso de maneira tão confiante que meus antigos sentimentos de lealdade me comprimem fortemente o peito. A insegurança que ele demonstrava antes está desaparecendo de

modo rápido. Esse homem nasceu para comandar. *Dizem que Anden ficou encantado com você*, Razor dissera. Por isso inclino o rosto para baixo e olho fixamente para ele.

– Por que o senhor está me tratando tão bem? Pensei que agora eu fosse uma inimiga do estado.

– Eu ficaria envergonhado de tratar como prisioneira o mais famoso prodígio da República – comenta ele, ao cuidadosamente alinhar, de modo perfeito, seus garfos, facas e a taça de champanhe. – A senhorita não acha isso desagradável, acha?

– De maneira alguma.

Olho furtivamente para o recinto mais uma vez, memorizando as posições das luminárias, a decoração das paredes, a localização de cada soldado e as armas que eles carregam. A requintada elegância deste encontro me faz entender que Anden não providenciou o vestido e o jantar apenas para flertar comigo. *Acredito que ele queira que a notícia de que me tratou muito bem vaze para o povo. Ele quer que as pessoas saibam que o novo Eleitor está cuidando bem da salvadora de Day.* Meu desagrado inicial abranda – esse novo pensamento me intriga. Anden deve ter pleno conhecimento de que sua reputação pública é desfavorável. Talvez esteja esperando conseguir o apoio popular. Se esse for o caso, então ele está se esforçando para fazer uma coisa à qual nosso último Eleitor não dava nenhuma importância. *Se Anden está de fato buscando a aprovação do povo, o que pensa de Day?* Ele certamente não vai conquistar as pessoas se anunciar uma perseguição ao criminoso mais amado pelo povo.

Duas criadas trazem travessas de comida (uma salada de morangos e um lombinho de porco assado, com palmito), enquanto outras duas colocam guardanapos brancos de linho nos nossos colos e enchem nossas taças de champanhe. Essas criadas são da classe A (elas caminham com a elegância da elite), embora provavelmente não sejam da mesma classe que eu.

Acontece, então, algo muito curioso. A criada que está servindo o champanhe de Anden aproxima demais a garrafa da taça. A garrafa se inclina e o líquido derrama na toalha da mesa; depois a taça rola para fora da mesa e se espatifa no chão.

A criada emite um guincho e cai de joelhos. Cachos ruivos se desprendem do coque bem penteado atrás da sua cabeça, e alguns fios lhe caem no rosto.

Observo que suas mãos são delicadas e perfeitas. Ela é, sem dúvida, uma moça de alta classe social.

– Mil perdões, Eleitor, mil perdões. Vou mandar trocar a toalha imediatamente e lhe trarei outra taça.

Não sei o que eu esperava que Anden fizesse. Repreendê-la, talvez. Ou adverti-la severamente. Mostrar desgosto. Mas, para minha surpresa, ele empurra a cadeira para trás, levanta-se e estende a mão para ela. A moça parece estar paralisada. Arregala os olhos, e seus lábios tremem. Com um só movimento, Anden se inclina para baixo, pega as mãos dela e as levanta, dizendo suavemente:

– É só uma taça de champanhe. Cuidado para não se cortar.

Anden gesticula com uma das mãos para um dos soldados perto da porta.

– Por favor, pegue uma vassoura e uma pá. Obrigado.

O soldado faz um rápido sinal afirmativo com a cabeça.

– Imediatamente, Eleitor.

Enquanto a criada se apressa e vai pegar outra taça, um zelador entra para recolher o vidro quebrado. Anden volta a se sentar, com toda a graça de sua majestade. Com impecável etiqueta, pega um garfo e uma faca, corta um pequeno pedaço do lombinho e se dirige a mim:

– Conte-me, agente Iparis. Por que queria me ver pessoalmente? E *o que aconteceu* na noite da execução de Day?

Sigo os movimentos dele, pego meu garfo e faca, e corto a carne. As correntes nos meus pulsos têm exatamente o comprimento apropriado para que eu possa levar a comida à boca; parece que alguém perdeu tempo mensurando-as. Afasto da cabeça a surpresa do incidente com o champanhe e começo a *plantar* a história que Razor inventou para mim.

– Eu ajudei Day a escapar de sua execução, e os Patriotas me ajudaram. Mas, quando tudo acabou, eles não quiseram me deixar ir. Eu achava que

finalmente havia conseguido fugir deles quando seus guardas me prenderam.

Anden pisca lentamente. Eu me pergunto se acredita em alguma coisa do que estou dizendo. Depois que acabei de comer uma fatia do lombinho – a comida está divina, a carne é tão macia que praticamente derrete na boca –, ele me pergunta:

– A senhorita esteve com os Patriotas nas últimas duas semanas?

– Estive.

– Entendo.

A voz de Anden endurece com a desconfiança. Ele passa o guardanapo na boca, descansa os talheres, recosta-se na cadeira e continua a me interrogar:

– Day está vivo, ou pelo menos estava quando a senhorita o deixou? Ele também está trabalhando com os Patriotas?

– Quando fui embora ele estava. Agora, não sei.

– Por que ele está trabalhando com eles, se sempre os evitou no passado?

Dou de ombros, tentando fingir perplexidade.

– Ele precisa de ajuda para encontrar o irmão e é grato aos Patriotas por consertarem sua perna. Ele estava com uma ferida infeccionada por causa... Ele havia levado um tiro.

Anden faz uma pequena pausa para tomar um gole do champanhe e depois pergunta:

– Por que a senhorita o ajudou a fugir?

Flexiono os pulsos para que as algemas não deixem marcas na pele. As algemas fazem um ruído alto quando as movimento.

– Porque não foi ele que matou meu irmão.

– O Capitão Metias Iparis. – O som do nome completo do meu irmão faz com que uma onda de angústia percorra meu corpo. Será que ele sabe como meu irmão morreu? – Lamento muito. – Anden inclina um pouco a cabeça, em sinal de respeito, o que me dá um nó na garganta.

– Eu me lembro de ler sobre seu irmão quando era mais novo – continua ele. – Lia sobre suas notas no colégio, sobre como ele se saiu bem na Prova

e, *especialmente*, como sabia tudo de informática.

Pego um morango que mastigo cuidadosamente e, depois, engulo.

– Nunca soube que meu irmão tinha um admirador tão respeitado assim.

– Eu não era exatamente um *admirador* dele, embora ele, sem dúvida, fosse impressionante. – Ele pega sua nova taça de champanhe e dá outro gole. – Eu sou um admirador *da senhorita*.

Lembre-se, seja óbvia. Faça-o pensar que está lisonjeada. E atraída por ele. Ele é mesmo *muito* bonito, e tento me concentrar nisso. A luz das luminárias na parede acentua seu cabelo ondulado, fazendo com que se sobressaia. A pele morena tem um brilho tépido e dourado. Seus olhos penetrantes têm a cor de folhas primaveris. Pouco a pouco, sinto minha face quente. *Muito bem, continue assim.* Ele obviamente tem sangue latino, mas a levíssima inclinação de seus olhos grandes e a delicadeza de suas sobrancelhas revelam um indício de herança asiática. *Assim como Day.* De repente, minha atenção se desvia, e tudo que vejo é Day e eu nos beijando naquele banheiro em Vegas. Penso no seu peito nu, nos lábios no meu pescoço e na rebeldia inebriante dele que faz Anden parecer um homem qualquer. O sutil rubor do meu rosto se torna vermelho vivo.

O Eleitor inclina a cabeça para o lado e sorri. Respiro fundo e retomo minha postura normal. Graças a Deus, consegui a reação que precisava.

– A senhorita já pensou por que a República tem sido tão leniente, em vista da sua traição ao estado? – pergunta Anden com franqueza, brincando com o garfo. – Qualquer outra pessoa já teria sido executada, mas não a senhorita. – Ele se apruma na cadeira. – A República a observa desde que alcançou a contagem perfeita de mil e quinhentos pontos na sua Prova. Tomei conhecimento de suas notas e do seu desempenho nos exercícios vespertinos na Universidade de Drake. Vários deputados lhe atribuíram tarefas políticas antes mesmo que a senhorita concluísse seu ano como caloura na universidade, mas por fim resolveram designá-la para servir nas forças armadas, porque todos os traços da sua personalidade a definem como “oficial”. A senhorita é uma celebridade nos círculos internos e, se fosse condenada por deslealdade, seria uma enorme perda para a República.

Conhecerá Anden *a verdade* sobre como meus pais e Metias foram mortos? Que sua deslealdade lhes custou a vida? Será que a República me valoriza tanto que hesita em me executar, apesar do meu recente crime e dos laços familiares que me ligam a traidores?

Pergunto então:

– Como o senhor me viu no campus da Drake? Não me lembro de ter ouvido falar que o senhor visitou a universidade.

Anden corta um palmito no prato e comenta:

– Não era mesmo para a senhorita saber disso.

Eu franzo a testa de maneira interrogativa.

– O senhor estudava também na Drake?

Anden concorda com a cabeça.

– A direção mantinha segredo da minha identidade. Eu estava com dezessete anos, no segundo ano, quando a senhorita entrou na Drake, aos doze anos. Obviamente, todos nós ouvíamos falar muito a seu respeito e sobre suas travessuras... – Ele dá uma gargalhada ao dizer isso, e seus olhos brilham maliciosamente.

O filho do Eleitor havia sido nosso colega na Drake, e eu nem tinha noção disso. Meu peito se enche de orgulho à ideia de o líder da República ter reparado em mim no campus. Sacudo a cabeça, culpada por gostar dessa atenção.

– Bem, espero que o senhor não tenha escutado só coisas *ruins* sobre mim.

Anden revela uma covinha na face esquerda quando ri. É um som tranquilizador.

– Pode ficar tranquila. Nem tudo era *ruim*.

– Minhas notas eram boas, mas tenho certeza de que a secretária do reitor está feliz porque eu não vou mais assombrar a sua sala. – Sorrio.

– A srta. Whitaker? – Anden balança a cabeça. Por um momento ele deixa cair sua fachada formal, ignorando a etiqueta ao se largar na cadeira e fazendo um gesto circular com o garfo. – Eu também fui chamado à sala onde ela trabalhava, o que foi engraçado porque ela não fazia ideia de quem

eu era. Eu me meti em confusão por ter trocado os rifles de exercícios pesados por fuzis de espuma.

– Foi *você* que fez aquilo? – perguntei espantada, também ignorando a etiqueta ao chamá-lo de “*você*”. Ele parece não ter se incomodado.

Lembro-me bem desse incidente. Estávamos no primeiro ano, na aula de exercícios. Os rifles de espuma pareciam de verdade. Quando os estudantes se inclinaram todos ao mesmo tempo para apanhar o que pensavam se tratar de armas pesadas, todos puxaram os fuzis de espuma com tanta força que caíram para trás.

A lembrança me faz rir solto.

– Aquilo foi *brilhante*. O capitão que comandava o exercício ficou louco da vida!

– Todo mundo precisa se meter em encrenca pelo menos uma vez na faculdade, não é mesmo? – Anden dá um sorriso maroto e bate os dedos na taça de champanhe. – Mas a *senhorita* é que causava os maiores problemas. Lembra quando conseguiu esvaziar uma sala inteira durante uma de suas aulas?

– Lembro. Foi a aula de História da República, na sala 302. – Tento esfregar o pescoço meio constrangida, mas as algemas me impedem. – O veterano sentado ao meu lado apostou que eu não conseguiria acionar o alarme contra incêndio com a arma de treinamento dele.

– Ah! Vejo que a *senhorita* sempre fez as escolhas adequadas...

– Eu estava no primeiro ano. Admito que ainda era meio imatura.

– Discordo. De maneira geral, eu diria que a *senhorita* era muito adiantada para sua idade. – Ele sorri, e enrubesço mais uma vez.

“A *senhorita* tem atitudes de alguém com muito mais que quinze anos. Fiquei contente de finalmente conhecê-la no baile de comemoração naquela noite.”

Será que estou mesmo sentada aqui, jantando e relembrando com o Eleitor os bons tempos da Academia? Isso é surreal. Estou atônita com o fato de ser tão fácil conversar com ele, falar sobre esse tipo de coisa em uma época em que tantas coisas estranhas cercam minha vida.

Aí me recordo por que estou aqui. A comida na minha boca adquire um sabor amargo. *Tudo que estou fazendo é pelo Day*. O ressentimento me invade, embora eu esteja errada em senti-lo. Mas será que estou? Eu me pergunto se estou realmente pronta para assassinar alguém por causa do Day.

Um soldado espreita pela entrada da câmara. Faz uma continência para Anden e pigarreia constrangido, ao perceber que deve ter interrompido o Eleitor no meio da nossa conversa. Anden lhe sorri afavelmente e faz sinal para que entre.

– O senador Baruse Kamion deseja dar uma palavrinha com o senhor – avisa o soldado.

– Diga ao senador que estou ocupado – replica Anden. – Entrarei em contato com ele depois do jantar.

– Lamento, mas ele insiste em falar com o senhor. É sobre... Bem... – O soldado olha para mim e depois se apressa a sussurrar no ouvido de Anden, mas consigo ouvir parte do que está dizendo. – Os estádios... Ele quer dar um recado... O senhor deve terminar seu jantar imediatamente.

Anden ergue uma sobrancelha e pergunta:

– Foi isso que ele disse? Bem, eu é que decido quando terminar meu jantar. Dê esse recado ao senador Kamion quando você julgar que é a hora certa. Diga-lhe que o próximo senador a me mandar um recado impertinente vai ter de se entender comigo diretamente.

O soldado faz uma continência vigorosa; o peito está meio esbaforido à ideia de transmitir um recado desses a um senador, mas ele diz:

– Sim, senhor. Imediatamente.

– Qual é o seu nome, soldado? – pergunta Anden antes que o homem se vá.

– Tenente Felipe Gaza, senhor.

Anden sorri.

– Obrigado, Tenente Gaza. Vou me lembrar desse favor.

O soldado tenta manter uma expressão impassível, mas dá para ver orgulho nos seus olhos e o sorriso abaixo da superfície. Ele faz uma reverência para Anden.

– Eleitor, é uma honra poder servi-lo. Obrigado, senhor.

E sai.

Observo, fascinada, o diálogo. Razor estava certo sobre uma coisa: há sem dúvida uma tensão entre o Senado e o novo Eleitor, mas Anden não é tolo. Assumiu o poder há menos de uma semana e já está fazendo o que devia: tentando solidificar a lealdade dos militares a ele. Eu me pergunto o que fará para conquistar a confiança deles. O exército da República havia sido extremamente leal a seu pai. Na verdade, essa lealdade foi provavelmente o que tornou tão poderoso o falecido Eleitor. Anden sabe disso, e está tomando suas providências prontamente. As reclamações do Senado são inúteis contra forças militares que apoiem Anden inquestionavelmente.

Acontecem que elas não apoiam Anden inquestionavelmente, lembro a mim mesma. Há Razor e seus soldados. Os traidores nos postos militares estão mudando de lugar.

– Quer dizer então – Anden corta delicadamente mais uma fatia do lombinho – que a senhorita me trouxe até aqui para me dizer que ajudou um criminoso a escapar?

Por um instante, há apenas o som do garfo de Anden no prato. As instruções de Razor ecoam na minha cabeça. As coisas que preciso dizer, a sequência em que preciso dizê-las...

– Não. Vim aqui para lhe falar de uma conspiração para assassiná-lo.

Anden apoia o garfo no prato e ergue dois dedos esguios na direção dos soldados, ordenando-lhes:

– Deixem-nos sozinhos.

– Senhor Eleitor – um dos soldados começa a dizer –, temos ordem de não deixá-lo sozinho.

Anden tira uma pistola do cinto – um elegante modelo que eu não conhecia – e a coloca na mesa, ao lado do seu prato.

– Está tudo bem, capitã. Vou ficar em segurança. Agora, por favor, saiam todos e nos deixem sozinhos.

A mulher a quem Anden chamou de capitã gesticula para seus soldados, que saem do salão em fila, silenciosamente. Até os seis guardas ao meu

lado vão embora. Fico sozinha na sala com o Eleitor, separados apenas por quatro metros de cerejeira.

Anden encosta os cotovelos na mesa e junta os dedos.

– A senhorita veio aqui para me alertar?

– Isso mesmo.

– Mas eu soube que a senhorita foi *capturada* em Vegas. Por que não se entregou?

– Eu estava a caminho da capital. Queria chegar a Denver antes de me entregar, para ter melhores chances de conseguir falar com o senhor. Eu seguramente não estava planejando ser presa por uma patrulha aleatória em Vegas.

– E como a senhorita escapou dos Patriotas? – Anden me dá um olhar hesitante e cético. – Onde estão eles agora? Com certeza devem estar perseguindo-a.

Paro um instante, abaixo os olhos e pigarreio.

– Consegui entrar em um trem para Vegas na noite em que consegui me safar.

Anden se cala um instante, depois apoia o garfo no prato e passa o guardanapo nos lábios. Não sei direito se acreditou na história da minha fuga.

– E quais eram os planos deles para a senhorita, se não tivesse conseguido escapar?

Mantenha as coisas vagas, por enquanto.

– Não conheço todos os detalhes dos planos deles para mim, mas sei que estão planejando uma espécie de ataque durante uma de suas visitas às tropas na frente de batalha e que eu deveria ajudá-los. Lamar, Westwick e Burlington foram citados por eles. Os Patriotas também têm pessoal no lugar, Anden, gente do seu círculo interno.

Sei que me arrisco a chamá-lo pelo nome, mas estou tentando manter nossa sintonia. Anden não parece notar; só se debruça sobre o prato e me analisa.

– Como você sabe disso? Os Patriotas confiaram isso a você? Day também está envolvido nessa história toda?

Balanço negativamente a cabeça e digo:

– Não era para eu ter descoberto. Não falo com Day desde o dia em que parti.

– Você diria que é amiga dele?

Perguntinha meio esquisita... Talvez ele queira encontrar Day.

– Sim – respondo, tentando não me distrair com lembranças das mãos de Day entrelaçadas no meu cabelo. – Ele tem suas razões para ficar, e eu tive as minhas para sair. Mas acho que sim, somos amigos.

Anden agradece com a cabeça.

– Você falou que há pessoas no meu círculo interno tramando contra mim. Quem são elas?

Apoio o garfo no prato e me debruço sobre a mesa.

– Dois soldados da sua guarda pessoal que vão tentar matá-lo.

Anden empalidece.

– Meus guardas são cuidadosamente escolhidos. Muito cuidadosamente.

– E *quem* os escolhe?

Cruzo os braços. Meu cabelo cai sobre um ombro, e posso ver as pérolas reluzindo pelo canto do olho.

– Não importa se você acredita em mim ou não. Investigue. Ou estou certa, e você não será morto, ou estou errada, e aí *eu* é que vou morrer.

Para minha surpresa, Anden se levanta da cadeira, apruma-se e caminha até a extremidade da mesa, onde estou. Ele se senta na cadeira ao lado da minha e a aproxima. Pisco quando ele analisa meu rosto.

– June. – A voz dele é muito suave, quase um murmúrio. – Quero confiar em você... e quero que confie em mim.

Ele sabe que estou ocultando alguma coisa. Percebe minha trapaça e quer que eu saiba disso. Anden se encosta à mesa e enfia as mãos nos bolsos da calça.

– Quando meu pai morreu – começa a dizer, pronunciando cada palavra devagar e calmamente, como se estivesse pisando em terreno minado –, fiquei completamente sozinho. Eu estava sentado ao lado de sua cama quando ele faleceu. Mesmo assim, sou grato por isso; nunca tive essa

oportunidade com minha mãe. Sei como a pessoa se sente, June, quando é a última a continuar viva.

Minha garganta se aperta dolorosamente. *Conquistar a confiança dele.* Esse é meu papel, minha única razão para estar aqui.

– Sinto ouvir isso – sussurro. – Sinto muito por sua mãe também.

Anden agradece com a cabeça, ao aceitar meus pêsames.

– Minha mãe era a Primeira Cidadã do Senado. Meu pai nunca falava sobre ela, mas fico feliz por eles estarem juntos agora.

Eu já ouvira falar sobre a falecida Primeira Cidadã, que havia morrido de uma enfermidade autoimune logo depois de dar à luz. Apenas o Primeiro Eleitor pode nomear um líder para o Senado, e, desde que a mãe de Anden morreu, há duas décadas, ninguém fora indicado ao posto. Tento esquecer o prazer que senti ao conversar com ele sobre Drake, mas é mais difícil do que pensei. *Pense em Day.* Lembro como ele ficou empolgado com o plano dos Patriotas e com uma nova República.

– Fico feliz que seus pais estejam em paz. Eu sei *muito bem* o que é perder entes queridos.

Anden ouve minhas palavras com dois dedos comprimidos contra os lábios. Sua mandíbula parece tensa e desconfortável. Compreendo que *ele pode ter assumido completamente seu papel, mas ainda é um menino.* Seu pai era uma figura temível, mas e Anden? *Ele não é forte o bastante para manter este país unido sozinho.* De repente me vêm à mente as primeiras noites após o assassinato de Metias, quando eu chorava até pouco antes da alvorada, com o rosto inanimado do meu irmão invadindo todos os meus pensamentos. Será que Anden também passa noites em claro? Como deve ser perder um pai que você não pode lamentar em público, independentemente do quão vil ele tivesse sido? Será que Anden o *amava*?

Fico imóvel enquanto ele me observa; meu jantar há muito esquecido no prato. Após um período que pareceu durar horas, Anden suspira.

– Não é segredo que ele estava doente há muito tempo. Quando se espera... durante anos... que uma pessoa querida morra... – Ele hesita deixando bem evidente seu sofrimento. – Bem, estou certo de que deve ser muito diferente quando a morte ocorre... inesperadamente.

Ele olha fixamente para mim quando diz a última palavra. Não sei bem se está se referindo a meus pais ou a Metias – talvez aos três –, mas a maneira como ele fala não deixa dúvida. E que ele a *desaprova*.

– Sei qual é a sua experiência com *suposições*. Alguns acreditam que envenenei meu pai para assumir o lugar dele. – É quase como se ele estivesse tentando falar comigo em código. *Certa vez você supôs que Day havia matado seu irmão. E que as mortes dos seus pais foram por acaso, mas agora você sabe a verdade.* – O povo da República *supõe* que eu seja inimigo deles. Pensam que sou igualzinho a meu pai. Que eu não quero que este país mude. Acham que sou um testa de ferro incapaz, uma marionete que simplesmente herdou um trono graças ao testamento do meu pai.

Após uma breve hesitação, ele me olha com uma intensidade que me deixa sem ar.

– Eu não sou uma *marionete*. Mas se eu ficar sozinho, se for o único que restar, não vou poder mudar nada. Se permanecer sozinho, *serei* mesmo igual a meu pai.

Não me surpreende que ele tenha providenciado esse jantar para mim. Alguma força revolucionária se agita dentro de Anden. *E ele precisa de mim.* Não tem o apoio do povo, nem do Senado. Necessita de alguém que conquiste o povo para ele. E as duas únicas pessoas da República que têm mais influência sobre o povo somos Day e eu...

A reviravolta da conversa me confunde. Anden não é – *não parece ser* – o homem que os Patriotas desprezaram: um testa de ferro que se interpõe a uma gloriosa revolução. Se ele de fato quer *conquistar* o povo, se Anden estiver dizendo a verdade... por que os Patriotas o querem morto? *Talvez eu esteja por fora de alguma coisa. Talvez exista algo sobre Anden que Razor sabe e eu não.*

– Posso confiar em você? – pergunta Anden. Sua expressão mudou para alguma coisa séria, com sobrancelhas arqueadas e olhos arregalados.

Ergo o queixo e o encaro. *Será que eu posso confiar nele?* Não tenho certeza, mas, por enquanto, dou a única resposta possível.

– *Pode.*

Anden se endireita e se afasta da mesa. Não sei dizer se acredita em mim.

– Vamos manter esta conversa entre nós. Vou repassar seu alerta a meus guardas. Espero que encontremos a sua dupla de traidores. – Anden sorri para mim e inclina a cabeça. – Se nós os encontrarmos, June, gostaria de que voltássemos a conversar. Parece que temos muito em comum. – Suas palavras fazem meu rosto arder.

E assim nossa conversa chega ao fim.

– Por favor, termine de jantar sem pressa. Meus soldados a levarão de volta à cela quando você estiver pronta.

Murmuro um agradecimento. Anden se vira e sai da sala quando os soldados voltam a se enfileirar no recinto. O ruído de suas botas ecoa, quebrando o silêncio que havia permeado este espaço até poucos instantes atrás. Abaixo a cabeça e finjo comer o resto do jantar. Anden é uma pessoa mais complexa do que eu havia imaginado. Só agora me dou conta de que minha respiração está mais rápida do que o normal e meu coração está disparado. Posso confiar em Anden? Ou devo confiar em Razor? Eu me firmo na beira da mesa. Seja qual for a verdade, vou ter de jogar esse jogo com muita cautela.

Depois do jantar, em vez de ser levada para uma cela comum, sou conduzida para um apartamento limpo e luxuoso, um quarto carpetado com portas duplas maciças e uma cama grande e macia. Não há janelas. Além da cama, o quarto não tem móveis, nada que eu possa pegar e transformar em arma. A única decoração é o infalível retrato de Anden, embutido no gesso de uma parede. Localizo a câmera de segurança imediatamente: fica bem acima das portas duplas: é um botão de controle pequeno e sutil no teto. Meia dúzia de guardas estão de prontidão no lado de fora.

Cochilo intermitentemente a noite inteira. Os soldados se revezam. De manhã cedo, uma guarda me acorda com uma pancadinha e sussurra:

– Até aqui, tudo bem. Lembre-se de quem é o inimigo. – Ela sai do quarto e uma outra guarda a substitui.

Visto em silêncio uma camisola quente de veludo. Meus sentidos estão alertas, e minhas mãos tremem ligeiramente. As algemas nos meus pulsos

tilintam baixinho. Antes eu não podia ter certeza, mas agora *sei* que os Patriotas vigiam todos os meus passos. Os soldados de Razor lentamente se posicionam, fechando o cerco. Eu talvez nunca mais veja aquela guarda, mas passo a analisar o rosto de todos os soldados ao meu redor, imaginando quem é leal e quem é um Patriota.



Mais um sonho.

Levanto-me muito cedo na manhã do meu aniversário de oito anos. A luz começa a entrar pelas janelas, afastando os tons azul-marinho e cinzentos da noite que está desaparecendo. Sento-me na cama e esfrego os olhos. Um copo d'água pela metade oscila na velha mesinha de cabeceira, quase caindo. Nossa única planta – uma trepadeira que Éden tirou de um depósito de ferro-velho e arrastou para nossa casa – está no canto, e seus galhos serpenteiam pelo chão, em busca de sol. John está roncando alto no seu canto. Os pés se estendem para a frente, debaixo de um cobertor remendado, e pendem na extremidade do catre. Não vejo Éden. Provavelmente está com a mamãe.

Geralmente, se acordo muito cedo, continuo deitado, pensando em alguma coisa boa, como um pássaro ou um lago, e fico tão calmo que acabo cochilando mais um pouco, mas isso não está funcionando hoje. Balanço as pernas no lado da cama e calço meias que não combinam.

No instante em que piso na sala de visitas, sei que alguma coisa está errada. Mamãe está deitada, dormindo no sofá, com Éden nos braços. Um cobertor a cobre até os ombros, mas papai não está aqui. Meus olhos percorrem rapidamente a sala. Ontem à noite, ele voltou da frente de batalha. Costuma ficar em casa durante pelo menos três ou quatro dias. Demorou muito dessa vez para ele voltar para casa.

– Papai? – sussurro. Mamãe se mexe e me calo.

Então escuto um leve som de nossa porta de tela contra a madeira. Arregalo os olhos. Corre até a porta e meto a cabeça para fora. Uma lufada de ar frio me atinge.

– Papai? – murmuro de novo.

A princípio, não há ninguém, mas depois vejo seu corpo surgir das sombras. *Papai.*

Começo a correr; não me importo se a terra e a calçada me machucam através do tecido gasto de minhas meias. O vulto nas sombras dá mais alguns passos, então me ouve e se vira. Agora vejo o cabelo castanho-claro do meu pai, os olhos estreitos da cor de mel, o queixo mal barbeado, sua alta estatura, sua postura elegante e natural. Mamãe sempre dizia que ele parecia haver saído direto de uma antiga fábula da Mongólia. Corro até ele.

– Papai! – exclamo, quando chego até ele, nas sombras. Ele se ajoelha e me abraça. Pergunto: – Você já está indo embora?

– Lamento, Daniel – sussurra ele. Parece cansado. – Fui chamado de volta.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Mas já?

– Você deve voltar para casa agora. Não deixe que a polícia municipal o veja perturbando a paz.

– Mas você acabou de chegar – tento argumentar. – Você... hoje é meu aniversário, e eu...

Meu pai põe cada uma das mãos nos meus ombros. Seus olhos são duas advertências, cheios de coisas que ele gostaria de dizer em voz alta. *Eu quero ficar*, é o que ele está tentando me dizer, *mas preciso ir embora. Você já conhece o esquema. Não fique assim.*

– Volte para casa, Daniel. Dê um beijo em sua mãe por mim. – é tudo que ele diz, no entanto.

Minha voz começa a tremer, mas me convenço de que preciso ser corajoso. Pergunto a ele:

– Quando a gente vai ver você de novo?

– Em breve. Eu amo você, filho. – Ele põe uma das mãos na minha cabeça. – Cuide de tudo para mim até eu voltar, está bem?

Concordo com a cabeça. Ele fica mais um instante comigo, depois se levanta e vai embora. Volto para casa.

Essa foi a última vez que o vi.

Passa-se um dia. Estou sozinho sentado na cama que me foi designada pelos Patriotas num dos quartos com beliches, analisando o medalhão em

volta do meu pescoço. Meu cabelo cai no rosto, tenho a impressão de que estou olhando para o medalhão através de um véu transparente. Antes de eu tomar banho, Kaede me deu um vidro de gel que tirou a tinta spray do meu cabelo. Ela me disse que era “para a próxima parte do plano”.

Alguém bate à porta.

– Day?

A voz soa abafada do outro lado da madeira. Levo um segundo para me reorientar e reconhecer a voz de Tess. Eu havia acordado de um pesadelo sobre meu aniversário de oito anos. Ainda consigo imaginar tudo como se tivesse acontecido ontem, e meus olhos estão vermelhos e inchados de tanto chorar. Quando acordei, minha mente começou a produzir imagens de Éden preso a uma maca, gritando enquanto técnicos do laboratório lhe injetam substâncias químicas, e John de pé e com os olhos vendados perante um pelotão de fuzilamento. E mamãe. Não consigo evitar repassar essas cenas na minha mente, e isso me deixa enfurecido. Se eu encontrar Éden, o que faço depois? E como diabos vou resgatá-lo das garras da República? Devo presumir que Razor vai saber como me ajudar a trazer meu irmão de volta. Para isso, preciso garantir que Anden morrerá.

Meus braços estão doloridos porque passei a maior parte da manhã sob a supervisão de Kaede e Pascao, aprendendo a atirar com uma arma.

– Não se preocupe se não acertar no Eleitor – disse Pascao, enquanto me ajudava a ajustar a pontaria. Ele passou as mãos pelos meus braços de uma maneira que me fez corar. – Não tem problema. Vai *ter* mais gente com você para dar cabo do negócio, independentemente do que acontecer. Razor só quer uma imagem sua apontando uma arma para o Eleitor. Não é perfeito? O Eleitor, na frente de batalha pra fazer discursos a fim de elevar o moral dos soldados, é abatido a tiros, com centenas de batalhões na vizinhança. Isso que é ironia! – Pascao dá então uma de suas gargalhadas características. – O herói do povo mata o tirano. Isso vai dar uma história e tanto!

É mesmo... que história!

– Day? – pergunta Tess, atrás da porta. – Você está aí? Razor quer falar com você.

Beleza. Ela continua lá fora me chamando.

– Pode entrar – respondo.

Tess mete a cabeça dentro do quarto.

– Oi! Há quanto tempo você está aqui?

Seja gentil com ela, Kaede disse. *Vocês dois combinam*. Cumprimento a Tess com um pequeno sorriso.

– Nem sei. Estava descansando um pouco, talvez algumas horas.

– Razor está pedindo para você falar com ele na sala principal. Vão passar umas imagens ao vivo da June. Achei que você talvez quisesse...

Imagens ao vivo? *Ela deve ter conseguido. Ela ainda está bem*.

Fico de pé num pulo. Finalmente, notícias da June. A ideia de revê-la, mesmo por uma câmera de segurança com imagem difusa, faz com que eu fique tonto de expectativa.

– Já estou saindo.

Enquanto percorremos o pequeno hall rumo à sala principal, vários outros Patriotas cumprimentam Tess. Ela sorri para todos eles, trocando piadinhas e risos sutis como se os conhecesse há anos. Dois garotos lhe dão pancadinhas amistosas nos ombros.

– Andem logo, garotos. Não podemos deixar Razor esperando.

Nós dois vemos Kaede correr à nossa frente na direção da sala principal. Ela para, passa um braço ao redor do pescoço de Tess, desmancha seu penteado afetuosamente e lhe dá um beijo brincalhão no rosto.

– Vou te falar, hein, neném. Você é a lesma mais lerda do bando.

Tess ri e a empurra. Kaede dá uma piscadela para ela antes de voltar a caminhar apressadamente, e desaparece no canto que leva à sala principal. Fico olhando, surpreso com a demonstração de carinho de Kaede. Nem parece coisa dela.

Nunca pensei nisso antes, mas agora me dou conta de que Tess tem muita facilidade para criar novos vínculos. Percebo que os Patriotas se sentem à vontade com ela, a mesma sensação que sempre tive ao lado dela. Sem dúvida esse é seu ponto forte. Ela cura. Ela é reconfortante.

Nesse instante, Baxter passa por nós. Tess abaixa os olhos quando ele roça no seu braço, e reparo que ele a cumprimentou brevemente com a

cabeça antes de me olhar com raiva. Quando ele já não pode me escutar, inclino-me para Tess e sussurro:

– Qual é a dele?

Ela apenas dá de ombros e roça meu braço com sua mão.

– Não ligue pra ele – responde ela, repetindo o que Kaede tinha dito quando cheguei ao túnel. – O humor dele varia muito.

Não me diga!, penso sombriamente.

– Se ele se meter a besta com você, é só me falar – resmungo.

Tess dá de ombros mais uma vez.

– Deixa comigo, Day. Eu sei lidar com ele.

De repente me sinto meio idiota, oferecendo minha ajuda como um cavaleiro arrogante numa armadura reluzente, quando Tess provavelmente tem meia dúzia de novos amigos ansiosos para ajudá-la. Quando ela pode se virar muito bem sem mim...

Quando chegamos à sala principal, uma pequena multidão se reuniu na frente de um dos maiores telões na parede, onde estão sendo transmitidas imagens captadas por uma câmera de segurança. Razor à frente da aglomeração, com os braços cruzados informalmente, e Pascao e Kaede ao seu lado. Eles me veem e gesticulam para que eu me junte a eles.

– Day! – exclama Razor, me dando um tapinha no ombro. Kaede me cumprimenta com um aceno de cabeça. – É um prazer vê-lo aqui. Tudo bem com você? Soube que você estava meio para baixo hoje de manhã.

A preocupação dele comigo me faz bem; me faz lembrar da maneira como meu pai costumava falar comigo.

– Estou ótimo – respondo –, só um pouco cansado da viagem.

– Isso é compreensível. Foi um voo estressante. – Ele faz um gesto para a tela. – Nossos hackers conseguiram essas imagens da June. O áudio é à parte, mas logo você vai poder ouvir também. Achei que você gostaria de ver o vídeo mesmo assim.

Meus olhos estão grudados na tela. As imagens são vívidas e coloridas, como se nós estivéssemos pairando no canto daquela sala. Vejo uma sala de jantar decorada, com uma mesa de jantar enfeitada e soldados alinhados junto às paredes. O jovem Eleitor está sentado numa extremidade da mesa,

enquanto June está na outra, usando um vestido maravilhoso. Meu coração se acelera. Quando *eu* era prisioneiro da República, eles me transformaram num saco de pancadas e me atiraram numa cela imunda. A prisão de June mais parece um *resort*. Fico aliviado por ela, mas, ao mesmo tempo, sinto certo amargor. Mesmo depois de trair a República, pessoas da elite como June conseguem tudo sem nenhum esforço, enquanto pessoas como eu sofrem.

Todos me observam assistindo à June.

– Que bom que está se dando bem! – digo para a tela. Já ficando enojado comigo mesmo por me preocupar com essas mesquinhas.

– Foi inteligente da parte dela começar a conversar com o Eleitor sobre seus anos de faculdade na Drake – diz Razor, resumindo o áudio, enquanto o vídeo é exibido. – Ela já plantou a história. Imagino que logo vão fazê-la passar por um detector de mentiras, e então vamos ter um caminho direto até Anden, se ela se sair bem. Nossa próxima etapa amanhã à noite deve correr sem problemas.

Se ela se sair bem. Essa é a primeira condição.

– Ótimo – comento, tentando não deixar meu rosto trair meus pensamentos. Mas à medida que continuam as imagens, e vejo Anden mandar que os soldados saiam da sala, sinto um nó me apertando a garganta. Esse cara é todo sofisticação, poder e autoridade. Ele se debruça para dizer alguma coisa à June, e ambos riem e bebem champanhe. Dá para imaginar perfeitamente os dois juntos. Eles combinam.

– Ela está fazendo um bom trabalho – diz Tess, colocando o cabelo atrás das orelhas. – O Eleitor está totalmente a fim dela.

Quero rebater essa afirmação, mas Pascao reforça o que Tess disse:

– A Tess tem toda a razão. Olha só o brilho no olhar dele! O cara está caidinho por ela, não tenho dúvida. Ele está de quatro. Em poucos dias, ela o terá nas mãos.

Razor concorda com a cabeça, mas seu entusiasmo é mais contido.

– Também acho, mas precisamos garantir que June não se encante com ele também, que é um político nato. Vou encontrar um jeito de dar uma palavrinha com June.

Os comentários de todos se esmaecem quando paro de ouvir. É claro que a Tess está certa; dá pra ver o desejo nos olhos do Eleitor. Ele agora se levanta e caminha até onde June está sentada e se inclina para falar com ela. Eu me retraio. Como alguém pode resistir à June? Ela é perfeita em todos os sentidos. Aí me dou conta de que não estou nervoso por causa da atração de Anden por ela: afinal de contas, ele vai mesmo morrer em breve, não é? O que me deixa perturbado é que June não parece estar fingindo ao rir neste vídeo. Parece até que está se divertindo. Sua posição social equivale à dele. Ambos são aristocratas, feitos para a vida de classe A da República. Como é que ela pode ser feliz com alguém como eu, um pé de chinelo que tem apenas um punhado de cliques de papel nos bolsos? Viro-me e começo a me afastar da multidão. Já vi tudo que queria ver.

– Espera aí!

Olho por cima do ombro e vejo Tess correndo para me alcançar; o cabelo bate em seu rosto. Ela quase escorrega quando emparelha comigo.

– Você está legal? – pergunta, analisando minha expressão enquanto percorremos o hall rumo a meu quarto.

– Vou ficar. Por que não ficaria? Já começamos com o pé direito... – Sorrio para ela, tenso.

– É, eu sei... Só queria ter certeza.

Tess dá uma gargalhada que acentua suas covinhas.

– Estou ótimo, amiga. Sério. Você está a salvo, eu estou a salvo, os Patriotas estão no caminho certo, e eles vão me ajudar a encontrar o Éden. Isso é tudo que posso querer – desabafo, um pouco mais calmo.

Tess se anima com minhas palavras, e os lábios exibem um sorriso de gozação.

– Está rolando um monte de boatos sobre você, sabia?

Levanto as sobrancelhas, sorridente.

– Não diga! Que tipo de boatos?

– Os boatos de que você está vivo estão se espalhando como um incêndio; é o assunto do momento. Seu nome está pintado em muros do país inteiro. Em alguns lugares, até nos retratos do Eleitor. Dá pra acreditar? Protestos estão pipocando em tudo que é canto. Todos estão saudando seu

nome. – O entusiasmo de Tess diminui um pouco. – Mesmo o pessoal que está sob quarentena em Los Angeles. Acho que a cidade toda está de quarentena.

– Eles isolaram *Los Angeles*? – Isso me deixa perplexo. Eu estava sabendo que os bairros dos ricos estavam de quarentena, mas a cidade inteira? – Pra quê? Por causa das pragas?

– Não. – Os olhos de Tess se iluminam de empolgação. – Por causa das *revoltas*. As transmissões oficiais da República afirmam que se trata de uma quarentena contra as pragas, mas a verdade é que toda a cidade está se manifestando contra o novo Eleitor. Segundo os boatos, o Eleitor está perseguindo você com todos os recursos de que dispõe, e alguns Patriotas estão dizendo que foi Anden que ordenou... bem... a morte de sua família. – Tess faz uma pausa, envergonhada. – De qualquer maneira, os Patriotas estão tentando fazer de Anden um vilão ainda pior do que o pai. Razor garante que os protestos em LA são uma grande oportunidade para nós. A capital teve de convocar milhares de soldados extras.

– Uma grande oportunidade – repito, lembrando a maneira pela qual a República havia reprimido o último protesto em Los Angeles.

– Pois é, e isso tudo graças a você, Day. Foi você que provocou os motins, ou, pelo menos, os rumores de que você está vivo. O povo está *possesso* com a forma pela qual você está sendo tratado. Parece que você é a única coisa que a República não consegue controlar. Todo mundo está de olho em você, Day. Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.

Engulo em seco, incrédulo. Isso não é possível. A República jamais permitiria que as revoltas saíssem tanto do controle, logo em uma das maiores cidades do país. Ou permitiria? Será que as pessoas estão realmente sobrepujando as forças militares por lá? E estão se revoltando por minha causa? “Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.”

Mas que inferno! Nem *eu* sei o que isso quer dizer. Só estou tentando encontrar meu irmão – só isso, nada mais. Sacudo a cabeça. Uma súbita onda de medo toma conta de mim. Eu sempre quis a chance de poder

retaliar... Era isso que eu *estava* tentando fazer todos esses anos, não era? Agora estão me entregando esse poder, mas não sei o que fazer com ele!

– Tá bom – consigo responder. – Você está me sacaneando? Eu não passo de um trapaceiro de LA.

– Eu sei... mas é um trapaceiro famoso.

O sorriso contagiante de Tess instantaneamente levanta o meu moral. Ela me cutuca no braço quando chegamos à porta do meu quarto. Entramos.

– Pare com isso, Day. Pra começo de conversa, você não se lembra por que os Patriotas concordaram em te recrutar? Razor disse que você poderia se tornar tão poderoso quanto o próprio novo Eleitor. Todo mundo neste país sabe quem é você, e a maioria das pessoas *gosta* de você. Isso deveria deixar você orgulhoso, não é mesmo?

Caminho até minha cama e me sento. Nem reparo quando Tess senta-se a meu lado.

Ela fica pensativa diante do meu silêncio e diz, alisando as cobertas da cama com uma das mãos:

– Você gosta mesmo dessa garota, não é? Ela não é como as outras com quem você costumava ficar, lá em Lake.

– Como é que é? – digo, confuso por um instante. Tess acha que ainda estou emburrado por conta da atração de Anden por June. O rosto de Tess está ficando vermelho, e de repente me sinto estranhamente quente, sentado sozinho aqui com ela, com seus olhões fixos em mim, deixando evidente sua paixãoite. Sempre soube lidar com garotas que estavam a fim de mim, mas acontece que elas eram desconhecidas. Eram gurias que entravam e saíam da minha vida sem maiores consequências. Tess é diferente. Não sei o que fazer com a ideia de que poderíamos ser mais do que amigos.

– Bem, o que você quer que eu diga? – pergunto. Tenho vontade de me dar uma porrada logo que acabo de falar.

– Pare de se preocupar. Tenho certeza de que ela vai se dar *muito bem*.

Ela expele essas últimas palavras com uma súbita irritação, depois se cala. É, eu pisei *mesmo* na bola.

– Olha, eu não entrei para os Patriotas porque quis. – Tess se levanta da cama e fica de pé, com as costas retesadas, as mãos se fecham e se abrem

sem parar. – Eu entrei para os Patriotas por *sua* causa, porque fiquei muito preocupada depois que June prendeu você. Achei que podia convencer os Patriotas a te salvar, mas não tenho o poder de barganha que a June tem. Ela pode fazer o que quiser e, ainda assim, *você* a aceitaria de volta. June pode fazer o que der na telha com a *República*, e, ainda assim, eles *também* a aceitariam de volta. Sempre que a June quer alguma coisa, ela consegue. Mas ninguém se importa com o que *eu* quero. Talvez se eu fosse a queridinha da República, você se importasse *comigo* também.

Essas palavras são como facadas no meu peito.

– Isso não é verdade – digo, ficando de pé e segurando as mãos dela. – Como você pode dizer uma coisa dessas? Nós crescemos juntos nas ruas. Você tem alguma ideia do que isso significa pra mim?

Tess aperta os lábios e olha para cima, tentando não chorar.

– Day, você já se perguntou *por que* gosta tanto da June? Porque... bem... você foi preso e tudo o mais...

– O que você quer dizer com isso?

Ela respira fundo.

– Eu vi isso em algum lugar antes, não sei se nos telões quando estavam falando sobre prisioneiros das Colônias, é sobre como as vítimas de sequestro se identificam emocionalmente com seus captores.

Franzo a testa. A Tess que conheço está desaparecendo numa nuvem de desconfiança e ideias sombrias.

– Você pensa que gosto da June porque ela me *prende*? Você acha mesmo que sou tão pirado assim?

– Day – diz Tess cautelosamente –, a June denunciou você.

Largo as mãos de Tess.

– Não quero falar disso.

Tess sacode a cabeça pesarosamente, os olhos brilhando com lágrimas contidas.

– Ela matou sua mãe, Day.

Dou um passo para trás e me afasto dela. Sinto como se tivessem me esbofeteado.

– Não foi ela que matou minha mãe.

– Mas é como se tivesse matado – sussurra.

Sinto o muro que uso para me proteger voltando a se erguer a minha volta, me isolando de tudo.

– Você se esqueceu de que ela também me ajudou a fugir. Ela me *salvou*. Escute aqui, será que você...

– Eu salvei você muitas vezes, mas se *eu* o denunciasse e sua família *morresse* por causa disso, você me perdoaria?

Engulo em seco.

– Tess, eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

– Mesmo se eu fosse responsável pela *morte* da sua mãe? Duvido muito!

– Ela fixa os olhos nos meus. Sua voz tem um tom severo, com uma ponta de aço. – É isso que quero dizer. Você trata June de outro modo.

– O que não significa que não me importo com você.

Tess ignora minha resposta e continua, desalentada:

– Se você tivesse de escolher entre salvar June e eu, e não tivesse tempo a perder, o que você faria?

Sinto meu rosto ficando quente à medida que minha frustração aumenta.

– Quem você salvaria?

Tess limpa o rosto com uma das mangas e espera minha resposta.

Suspiro, impaciente. *Diga logo a verdade*, penso.

– Você, tá bom? Eu salvaria *você*.

Ela se abranda, e nesse momento a feiura do ciúme e do ódio é amenizada. Só é preciso um pouco de doçura para que a Tess volte a ser um anjo.

– Por quê?

– Não sei. – Passo uma das mãos no cabelo, incapaz de determinar por que não consigo assumir o controle desta conversa. – Porque a June não precisaria da minha ajuda.

Que imbecil! Eu não poderia ter escolhido nada pior para dizer. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse evitar, e agora era tarde demais para voltar atrás. *E esse nem é o real motivo*. Eu teria salvado Tess porque não consigo nem imaginar algo de ruim acontecendo a ela. Mas não tenho tempo de me explicar.

– Agradeço muito a sua piedade – diz ela, seguindo em disparada em direção à porta.

Eu tento alcançá-la, mas, quando pego sua mão, ela a puxa de volta com violência.

– Desculpa, não era essa minha intenção. Eu não tenho pena de você, Tess. Eu...

– Tudo bem! Você só estava dizendo a verdade, não é? Pode ficar tranquilo. Daqui a pouco você estará junto dela novamente. Quer dizer, isso se ela não resolver voltar para a República.

Ela sabe que suas palavras machucam, mas parece não se importar.

– Para sua informação, Baxter acha que você vai nos trair. Por isso ele não gosta de você. Ele tem tentado me convencer disso desde que entrei para o movimento. Sei não... talvez ele tenha razão.

Ela me deixa sozinho no hall. O remorso corta minha pele e sai cortando veias também pelo caminho. Parte de mim está com raiva: quero defender June e contar à Tess todas as coisas de que June abriu mão por minha causa. Mas... será que Tess tem razão? Será que eu estou mesmo me iludindo?

JUNE

Tive um pesadelo ontem à noite. Sonhei que Anden perdoou Day por todos os seus crimes. Então, vi os Patriotas arrastando Day para uma rua escura e metendo uma bala em sua cabeça. Razor virou-se para mim e disse: *“Esse é seu castigo, srta. Iparis, por trabalhar para o Eleitor.”* Acordei num sobressalto, suando e tremendo incontrolavelmente.

Passam-se um dia e uma noite (mais especificamente, vinte e três horas) antes que eu volte a ver o Eleitor. Desta vez eu o encontro em uma sala de interrogatório diante de um detector de mentiras.

Enquanto os guardas me conduzem pelo corredor até uma série de jipes que nos aguardam do lado de fora, reflito sobre todas as coisas que aprendi na Drake sobre o funcionamento dos detectores de mentira.

O examinador tentará me intimidar; vão usar meus pontos fracos contra mim. Vão usar a morte de Metias ou a dos meus pais, ou talvez até ameaçar matar Ollie. Certamente vão usar Day. Por isso me concentro no corredor por onde seguimos e penso em cada um dos meus pontos fracos, e depois eu os comprimo todos no fundo da cabeça. E os silêncio.

Percorremos vários quarteirões da capital. Desta vez, vejo a cidade sufocada no brilho acinzentado da manhã nevada, soldados e trabalhadores apressando-se nas calçadas sob os holofotes que os postes de luz lançam na calçada escorregadia.

Aqui, os telões são enormes. Alguns chegam a ter quinze andares, e os alto-falantes, que se enfileiram pelos edifícios, são mais novos que os de LA; eles não fazem estalar a voz do locutor.

Passamos pela Capital Tower. Analiso suas paredes lisas, a maneira como as lâminas de vidro protegem todas as varandas para que a pessoa fazendo um discurso esteja adequadamente protegida. O antigo Eleitor foi atacado antes de colocarem os vidros, alguém tentou atirar nele, mesmo o Eleitor estando no quadragésimo andar. Depois disso, a República

rapidamente instalou as barreiras. Os telões da Tower têm listras molhadas que distorcem as imagens nas suas telas, mas consigo ler algumas das manchetes quando passamos por elas.

Uma dessas manchetes é conhecida e me chama a atenção:

DANIEL ALTAN WING EXECUTADO 26 de DEZEMBRO PELO PELOTÃO DE FUZILAMENTO

Por que estão transmitindo isso, quando outras manchetes da mesma época já pararam de ser transmitidas faz tempo. *Talvez estejam tentando convencer o povo de que é verdade.*

Outra manchete aparece:

ELEITOR ANUNCIA HOJE PRIMEIRA LEI DO ANO-NOVO NA CAPITAL TOWER DE DENVER

Tento fazer uma pausa e reler essa manchete, mas o veículo passa em alta velocidade e então chegamos ao fim do percurso. Abrem a porta do carro. Soldados me agarram pelos braços e me puxam para fora. Fico instantaneamente ensurdecida pelos gritos da multidão de espectadores e por dúzias de repórteres da imprensa oficial apontando suas pequenas telas de câmeras quadradas na minha direção e clicando. Quando percebo as pessoas que nos rodeiam, reparo que, além daquelas que estão aqui só para me ver, há outras. *Muitas* outras. Estão protestando nas ruas, berrando difamações contra o Eleitor e sendo arrastadas pela polícia. Várias agitam cartazes feitos à mão sobre as cabeças, mesmo enquanto os guardas as levam.

“June Iparis é Inocente!”, afirma um cartaz.

“Onde Está Day?”, pergunta outro.

Um dos guardas me cutuca para que eu ande.

– Aqui não tem *nada* pra você ver! – exclama ele, enquanto me apressa para que eu suba uma longa série de degraus e entre no corredor gigantesco de um prédio do governo. Atrás de nós, o barulho do lado de fora diminui sob os ecos de nossas botas no chão.

Noventa e dois segundos depois, paramos em frente a um conjunto de amplas portas envidraçadas. Então alguém passa um cartão fino (com aproximadamente sete centímetros de largura por doze centímetros de altura, preto, com um brilho reflexivo e um selo dourado da República em um canto), na tela de abertura da sala e entramos.

A sala de interrogatório, onde está o detector de mentiras, é cilíndrica, com teto de cúpula baixo e doze colunas prateadas enfileiradas ao longo da parede arredondada. Ainda de pé, os guardas me prendem a uma máquina que envolve meus braços e pulsos com tiras de metal, e comprimem frios nódulos metálicos – catorze – no meu pescoço, nas bochechas e na testa, nas palmas das mãos, nos tornozelos e nos pés.

Há muitos soldados aqui dentro: vinte, no total. Seis deles são da equipe de análise do teste e usam tarjas brancas nos braços e óculos escuros verdes transparentes.

As portas são feitas de vidro perfeitamente claro. Um símbolo esmaecido de um círculo cortado pela metade indica que se trata de um vidro à prova de balas apenas de um lado. Se, de alguma forma, eu conseguisse me libertar, os soldados do lado de fora da sala poderiam atirar em mim através do vidro, mas eu não poderia revidar os tiros nem escapar. Do lado de fora do recinto, vejo Anden ao lado de dois senadores e mais vinte e quatro guardas. Ele parece infeliz e está profundamente concentrado na conversa com os senadores, que tentam disfarçar seu desagrado com sorrisos falsos e subservientes.

– Srta. Iparis – diz a chefe dos examinadores. Seus olhos são de um verde muito claro, o cabelo é louro e a pele alva feito porcelana. Ela analisa calmamente meu rosto, antes de apertar um pequeno dispositivo preto que segura na mão direita. – Meu nome é doutora Sadhwani. Vamos lhe fazer uma série de perguntas. Como a senhorita é uma ex-agente da República, estou certa de que conhece tão bem quanto eu a eficiência dessas máquinas.

Vamos conseguir perceber o menor movimento seu, o mais ligeiro tremor de suas mãos. Recomendo veementemente que a senhorita nos conte a verdade.

Quanta baboseira. Ela está tentando me convencer do poder total do dispositivo. Provavelmente acredita que, quanto mais medo eu tiver, mais reação vou demonstrar. Olho atentamente para ela. *June, respire normalmente. Olhos relaxados, mantenha a boca firme.*

– Entendido. Não tenho nada a esconder.

A doutora se ocupa vistoriando os nódulos presos à minha pele e, depois, as projeções do meu rosto que estão provavelmente sendo transmitidas ao redor da sala atrás de mim. Seus próprios olhos se movimentam nervosamente, e pequenas gotas de suor pontilham sua testa. Aposto que ela jamais testou uma inimiga do estado tão famosa. Certamente, nunca diante de alguém tão importante quanto o Eleitor.

Como esperado, a doutora Sadhwani começa com perguntas simples e irrelevantes:

– Seu nome é June Iparis?

– Sim.

– Quando é seu aniversário?

– Onze de julho.

– Qual é sua idade?

– Quinze anos, cinco meses e vinte e oito dias.

Meu tom de voz é monocórdio e inexpressivo. Cada vez que respondo, paro por vários segundos para que minha respiração fique mais superficial, o que por sua vez acelera meus batimentos cardíacos. Se eles tiverem mensurando minhas taxas físicas, que vejam as flutuações durante as perguntas de controle. Vai ficar mais difícil saber quando eu estiver mentindo.

– Em que escola de ensino elementar a senhorita estudou?

– Harion Gold.

– E depois?

– Seja específica – respondo.

A doutora Sadhwani retrai-se ligeiramente e, depois, se recompõe.

– Tudo bem, srta. Iparis – diz ela, desta vez com voz irritada. – Depois da Harion Gold, que escola secundária frequentou?

Encaro a plateia que me observa atrás do vidro. Os senadores evitam meu olhar ao fingir estarem fascinados com os fios ao redor do meu corpo, mas Anden me olha sem hesitação.

– Harion High.

– Por quanto tempo?

– Dois anos.

– E depois...

Fico nervosa sem hesitação, para que eles pensem que estou tendo problema em controlar minhas emoções (e os resultados do meu exame).

– E depois passei três anos na Universidade de Drake – retruco abruptamente. – Fui aceita aos doze anos e me diplomei aos quinze, porque eu era *ótima*. Isso responde à sua pergunta?

Ela está me odiando agora.

– Sim – responde, de modo tenso. – Ótimo. Então podemos continuar.

A examinadora aperta os lábios e olha para o dispositivo preto, para que não tenha de me encarar.

– Já mentiu alguma vez?

Ela está avançando para perguntas mais complicadas. Respiro rapidamente agora.

– Sim.

– A senhorita mentiu para alguma autoridade das forças armadas ou do governo?

– Sim.

Logo depois que respondo a essa pergunta, vejo uma estranha série de fagulhas nos cantos dos olhos. Pisco duas vezes. As fagulhas desaparecem e a sala volta ao foco. Hesito um instante, mas quando a doutora Sadhwani repara nisso e tecla alguma coisa no seu dispositivo eu me obrigo a voltar à minha expressão indiferente.

– A senhorita mentiu para algum dos seus professores na Drake?

– Não.

– Mentiu para seu irmão?

Subitamente a sala desaparece. Uma imagem reluzente a substitui. Surge uma sala de visitas familiar, banhada pela tépida luz da tarde, e um filhotinho branco de cachorro dorme junto aos meus p s. Um adolescente alto e de cabelos escuros está sentado ao meu lado com os braços cruzados.   Metias. Ele franze a testa e se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Você já mentiu pra mim, June?

Pisco, atônita com a cena, e me digo então: *Isso é tudo falso. O polígrafo está escamoteando ilusões para minar minha resistência.*

Já tinha ouvido falar que dispositivos como esse são usados perto da frente de batalha. A máquina pode simular cenas dentro da mente de uma pessoa, ao copiar a capacidade do cérebro de criar sonhos vívidos. Mas o Metias parece tão real, é como se eu pudesse estender o braço e colocar o cabelo dele atrás da orelha ou sentir minha mão minúscula dentro da sua, enorme.

Quase posso acreditar que estou lá na sala com ele. Fecho os olhos, mas a imagem continua inserida na minha cabeça, tão viva como a luz do dia.

– Sim – respondo.   verdade. Os olhos de Metias se arregalam, surpresos e tristes, e em seguida ele desaparece com Ollie e o resto do apartamento. Estou de volta ao recinto cinzento do detector de mentiras, diante da doutora Sadhwani, que faz mais anota es. Ela inclina a cabeça indicando aprova o por eu responder corretamente. Tento firmar as mãos enquanto elas permanecem cerradas e trêmulas dos dois lados do meu corpo.

– Muito bem – murmura ela, um momento depois.

Minhas palavras soam frias como gelo.

– A senhora pretende continuar a usar meu irmão contra mim nas perguntas que faltam?

Ela desvia o olhar das anota es.

– Você viu seu irmão?

Ela está mais descansada agora, e o suor na sua testa desapareceu.

Então é isso! Eles não podem controlar as visões que me surgem na cabeça, nem conseguem ver o que eu vejo, mas podem impulsionar algo

que faz essas lembranças virem à tona. Mantenho a cabeça no alto e meus olhos na doutora.

– Sim.

As perguntas continuam. *Que ano a senhorita pulou durante sua estada na Drake? O segundo. Quantas advertências de comportamento a senhorita recebeu enquanto estudou na Drake? Dezoito. Antes da morte do seu irmão, a senhorita já havia tido pensamentos negativos em relação à República? Não.*

E continua por aí afora.

Percebo que ela está tentando dessensibilizar meu cérebro para que eu baixe a guarda e ela possa ver uma reação física quando me perguntar algo relevante. Vejo Metias mais duas vezes. Cada vez que isso ocorre, respiro fundo e me obrigo a sustar a respiração por vários segundos. Eles me submetem a um interrogatório cerrado sobre como fugi dos Patriotas e qual o objetivo da missão de bombardeio. Repito o que disse a Anden quando jantamos juntos. Até aqui, tudo bem. O detector aponta que eu disse a verdade.

– Day está vivo?

E então Day se materializa à minha frente. Ele está de pé a apenas alguns metros de distância, e os olhos azuis espelham tanta coisa que me posso ver neles. Um amplo sorriso ilumina seu rosto quando me vê. De repente sinto tanta saudade dele que me sinto como se estivesse caindo. *Ele não é real. Isto é uma simulação.* Estabilizo minha respiração.

– Sim.

– Por que ajudou Day a fugir se sabia que ele é procurado por tantos crimes contra a República? A senhorita tem sentimentos por ele?

Pergunta perigosa. Endureço meu coração para responder:

– Não. Eu simplesmente não queria que ele morresse pelas minhas mãos pelo único crime que não cometeu.

A doutora para de fazer anotações e ergue uma sobrancelha para mim.

– A senhorita se arriscou muito por alguém que mal conhecia...

Estreito os olhos e argumento:

– Esse comentário diz muito sobre o caráter da senhora. Talvez devesse esperar até que alguém esteja na iminência de ser executado por um erro que *a senhora* tenha cometido.

Ela não reage à severidade das minhas palavras. A ilusão de Day desaparece. Ela faz mais algumas perguntas irrelevantes sobre controle e, então, pergunta:

– A senhorita e Day estão afiliados aos Patriotas?

Day aparece de novo. Desta vez ele se inclina perto o bastante para seu cabelo roçar, suave como a seda, nas minhas bochechas. Ele me abraça e me beija demoradamente. A cena desaparece e é substituída de repente por outra de uma noite de tempestade, em que Day luta contra a chuva, com sangue pingando da perna, deixando uma trilha de sangue por onde passa. Ele cai de joelhos à frente de Razor antes que a cena inteira desapareça novamente. Luto para manter a voz firme.

– *Eu estava.*

– Vai haver uma tentativa de assassinato contra nosso glorioso Eleitor?

Não preciso mentir sobre essa pergunta. Meu olhar vagueia até Anden, que me faz um aceno positivo com a cabeça, no que suponho seja um sinal de encorajamento.

– Sim.

– E os Patriotas sabem que você está a par dos planos deles de assassinato?

– Não, não sabem.

A doutora Sadhwani olha para seus colegas e, após vários segundos, faz um sinal afirmativo com a cabeça e se vira para mim. *O detector registra que eu disse a verdade.*

– Há soldados próximos ao Eleitor que podem compactuar com essa tentativa de assassinato?

– Sim.

Passam-se muitos segundos de silêncio, enquanto ela examina minha resposta com seus colegas. Mais uma vez, faz um sinal de assentimento com a cabeça e, desta vez, gira o corpo e encara Anden e os senadores.

– Ela está dizendo a verdade.

Anden faz o mesmo gesto de concordância e diz, com a voz abafada pelo vidro:

– Ótimo. Continue, por favor.

Os senadores mantêm os braços cruzados e os lábios apertados.

As perguntas da doutora Sadhwani não têm fim e me afogam numa torrente infindável. *Quando será a tentativa de assassinato? Quando o Eleitor estiver se dirigindo à cidade de Lamar, zona de combate no Colorado. A senhorita sabe onde o Eleitor estará a salvo? Sim. Para onde, então, ele deve ir? Para outra cidade na divisa. Day vai participar dessa tentativa de assassinato? Sim. Por que ele está envolvido nesse plano? Ele se sente em dívida com os Patriotas por tratarem sua perna lesionada.*

– Lamar – murmura a doutora Sadhwani ao teclar mais anotações no seu dispositivo preto. – Suponho que o Eleitor vá mudar seu caminho.

Mais uma parte do plano que se encaixa no lugar.

As perguntas finalmente acabam. A doutora Sadhwani se afasta de mim para conversar com os demais, enquanto eu expiro e me apoio debilmente no detector de mentiras. Estou aqui dentro há exatas duas horas e cinco minutos. Meus olhos se encontram com os de Anden. Ele continua de pé, perto das portas de vidro, cercado em ambos os lados por soldados; seus braços estão cruzados firmemente no peito.

– Esperem – diz ele. Os examinadores param de deliberar e olham para o Eleitor. – Tenho uma última pergunta para a nossa convidada.

A doutora Sadhwani pisca e faz um sinal para mim.

– Sem problema, Eleitor, por favor.

Anden se aproxima do vidro que nos separa.

– Por que você está me ajudando?

Ponho os ombros para trás e o encaro.

– Porque quero ser perdoada.

– Você é leal à República?

Uma colagem resumida de lembranças entra em foco. Eu me vejo segurando a mão do meu irmão nas ruas do setor Rubi, com os braços levantados para prestar continência aos telões enquanto recitamos o juramento. Vejo o rosto de Metias, seu sorriso e sua expressão tensa de

preocupação na última noite em que o vi. Vejo as bandeiras da República no enterro do meu irmão. Vejo os registros online secretos de Metias: suas palavras de advertência, sua raiva contra a República. Vejo Thomas apontando a arma para a mãe de Day; vejo a cabeça dela tombando para trás ao impacto da bala. Ela desmorona. A culpa é minha. Vejo Thomas apertando a cabeça na sala de interrogatório, torturado, cegamente obediente, para sempre um prisioneiro do que fez.

Já não sou leal. Ou será que sou? Estou bem aqui na capital da República, ajudando os Patriotas a matar o novo Eleitor. Um homem a quem certa vez jurei lealdade. Vou matá-lo e depois fugir. Sei que o detector de mentiras vai revelar minha traição; estou confusa, consumida pelo conflito de precisar acertar as coisas com Day, mas odiando ter de deixar a República à mercê dos Patriotas.

Um calafrio percorre todo o meu corpo. *São apenas imagens. Apenas lembranças.*

Permaneço em silêncio até meus batimentos cardíacos se normalizarem. Fecho os olhos, respiro fundo e, depois, os abro de novo.

– Sim. Eu sou leal à República.

Espero que o detector de mentiras fique vermelho, bipe, e revele que estou mentindo, mas a máquina continua sem se manifestar. A doutora Sadhwani mantém a cabeça abaixada e tecla no seu notepad.

– Ela está dizendo a verdade – a doutora informa, finalmente.

Passei no teste! Não consigo acreditar. A máquina afirma que estou dizendo a verdade. Mas é apenas uma máquina.

Mais tarde, naquela noite, sento na beira da cama, com a cabeça entre as mãos. Algemas continuam a prender meus pulsos, mas estou livre para me movimentar. Ainda consigo ouvir os sons de uma abafada conversa ocasional fora do quarto. *Aqueles* guardas continuam lá.

Estou exausta. Tecnicamente, não deveria estar, pois não fiz nada fisicamente estressante desde que fui presa. Mas as perguntas da doutora Sadhwani rodopiam na minha mente, junto com tudo que Thomas havia dito, com tamanha intensidade, que preciso apertar a cabeça, numa tentativa

de aliviar a enxaqueca. Em algum lugar, o governo está discutindo se deve ou não me perdoar. Tremeo um pouco, mesmo ciente de que a temperatura no quarto está alta.

Penso soturnamente: “*Esses são sinais claros de uma doença que vem por aí. Talvez seja a praga.*” A ironia disso me traz tristeza e medo. *Mas estou vacinada.* Deve ser apenas um resfriado; afinal de contas, Metias sempre dizia que eu era meio sensível às mudanças climáticas.

Metias. Agora que estou sozinha, posso me preocupar à vontade. Minha última resposta durante o teste do detector de mentiras deveria ter acendido uma luz vermelha, mas não acendeu.

Será que isso quer dizer que ainda *sou* leal à República, sem me dar conta disso? Em algum lugar no fundo da máquina, ela talvez tenha percebido minhas dúvidas sobre a seguir em frente com o plano de assassinar Anden.

Mas se eu decidir não desempenhar meu papel, o que acontecerá a Day? Vou precisar encontrar um meio de contatá-lo sem que Razor descubra. *E depois?* Day certamente não vai julgar o Eleitor como eu julgo que ele é. Além disso, não tenho nenhum plano B. *Pense, June.* Preciso pensar em uma estratégia que nos mantenha vivos.

Metias me disse uma vez: *Se você quiser se rebelar contra o sistema, faça-o de dentro dele.* Reflito sobre essa lembrança, embora esteja tremendo tanto que tenho dificuldade para me concentrar.

De repente, escuto um tumulto do lado de fora da porta. Ouço o som de saltos de botas no chão; o sinal revelador de que um oficial vem falar comigo. Espero calmamente. A maçaneta finalmente gira e Anden entra.

– Sr. Eleitor, tem certeza de que o senhor não quer que alguns guardas fiquem....

Anden balança a cabeça e faz um gesto para que os soldados saiam.

– Por favor, não se preocupem. Quero dar uma palavrinha com a srta. Iparis. É só um minuto.

Suas palavras me lembram as que eu mesma disse quando visitei Day na sua cela no Batalla Hall.

O soldado presta uma rápida continência a Anden e fecha a porta, deixando-nos a sós. Levanto os olhos de onde estou sentada na beira da minha cama. As algemas que me prendem as mãos retinem no silêncio. O Eleitor não está usando sua habitual indumentária formal; veste um sobretudo preto com uma faixa vermelha na frente, e o resto de suas roupas é elegantemente simples (camisa social preta, um colete escuro com seis botões reluzentes, calças pretas, botas pretas de piloto). O cabelo está lustroso e bem penteado. Uma única arma pende da sua cintura, mas ele não seria capaz de sacá-la rápido o bastante para atirar em mim, se eu decidisse atacá-lo. Ele está verdadeiramente empenhado em me mostrar que confia em mim.

Razor disse que, se eu tivesse a oportunidade de assassinar Anden sozinha, eu não deveria desperdiçá-la. Deveria aproveitar o momento. Agora, porém, que ele está aqui, vulnerável na minha frente, não faço um único gesto. Além disso, se eu tentar matá-lo agora, perco qualquer chance de voltar a ver Day... ou de sobreviver.

Anden senta-se ao meu lado, com cuidado para deixar alguma distância entre nós. De repente, sinto-me constrangida por minha aparência, largada e exausta, com o cabelo despenteado e roupa de dormir, sentada ao lado do belo príncipe da República. Mesmo assim, endireito e inclino a cabeça o mais graciosamente possível. Repito para mim mesma: *Eu sou June Iparis*. Não posso permitir que ele veja o caos que estou sentindo.

– Queria informá-la de que você estava certa – ele começa a dizer. – Dois soldados da minha guarda desapareceram hoje à tarde. Fugiram.

Os dois soldados dos Patriotas que serviram de isca fugiram, como planejado. Suspiro e dirijo a ele o olhar de alívio que havia ensaiado, caso Razor esteja observando.

– Onde é que eles estão agora?

– Não sabemos direito. Batedores estão tentando rastreá-los. – Por um instante, Anden esfrega as mãos enluvadas. – O Comandante DeSoto instituiu uma nova rotatividade para os soldados que nos acompanharão.

Razor. Ele está pondo seus próprios soldados para “protegerem” Anden, e pouco a pouco está fechando o cerco para o assassinato.

– Gostaria de agradecer-lhe pela ajuda, June – continua Anden. – Quero pedir desculpas pelo teste do detector de mentiras ao qual você teve de se submeter. Sei que deve ter sido desagradável, mas era necessário. De qualquer maneira, agradeço-lhe pelas respostas sinceras. Você vai permanecer aqui conosco por mais alguns dias, até estarmos certos de que o pior já passou e que sabotamos verdadeiramente os planos dos Patriotas. Talvez ainda tenhamos algumas perguntas para você. Depois disso, vamos determinar como reintegrá-la às fileiras da República.

– Obrigada – digo, embora as palavras sejam completamente vazias.

Anden se debruça e sussurra, com palavras rápidas e com a boca mal se abrindo:

– Eu falei sério no nosso jantar.

Ele está nervoso. Uma súbita paranoia se apossa de mim; dou uma pancadinha nos lábios com um dedo e olho firmemente para ele. Seus olhos se arregalam, mas ele não se retrai: segura suavemente meu queixo, depois me puxa para junto do seu corpo, como se fosse me beijar. Ele para os lábios bem ao lado dos meus e os roça ligeiramente na parte inferior da minha bochecha. Um formigamento percorre minha espinha e, junto com ele, um sentimento de culpa.

– Para que as câmeras de segurança não nos denunciem – murmura ele. Esse é um meio melhor de conversar em particular; se um guarda metesse a cabeça pela porta, pareceria que Anden estava roubando um beijo meu, não sussurrando segredos. Seria um boato mais seguro de espalhar. E os Patriotas pensariam apenas que eu estava agindo de acordo com os planos deles.

A respiração de Anden me aquece a pele.

– Preciso da sua ajuda. Se você fosse perdoada por seus crimes contra a República e libertada, teria condições de contatar Day? Ou seu relacionamento com ele acabou, agora que você já não está ao lado dos Patriotas?

Mordo o lábio. A maneira como Anden diz “relacionamento” deixa transparecer que ele pensa que houve algo mais entre mim e Day.

– Por que você quer que eu o contate?

Suas palavras têm uma urgência tranquila e dominadora que me dá arrepios.

– Você e Day são o casal mais celebrado da República. Se eu puder formar uma aliança com vocês dois, conseguirei conquistar o povo. E então, em lugar de debelar revoluções e tentar evitar que as coisas desmoronem, posso me concentrar em implementar as mudanças de que este país necessita.

Eu me sinto zozna. Isso é repentino e surpreendente, e por um instante não consigo pensar numa boa resposta. Anden está se arriscando muito ao falar essas coisas comigo. Engulo em seco, minhas bochechas ainda estão ardendo com a proximidade dele. Mexo o corpo um pouco para poder ver seus olhos. Pergunto então, com voz firme:

– Por que devemos confiar em você? O que o faz pensar que Day quer ajudá-lo?

Os olhos de Anden expressam um propósito determinado.

– Eu vou transformar a República e vou começar libertando o irmão dele.

Minha boca se resseca. De repente tenho vontade de que estivéssemos falando alto o suficiente para Day escutar.

– Você vai soltar o Édén?

– Para começo de conversa, ele nunca deveria ter sido preso. Vou libertá-lo, junto com outros que estão sendo usados na frente de batalha.

– Onde ele está? – sussurro. – Quando é que você...

– Édén tem viajado pela frente de batalha nas últimas semanas. Meu pai o havia levado, junto com uma dúzia de outros, como parte de uma iniciativa de guerra. Eles estão sendo basicamente usados como armas biológicas vivas. – O rosto de Anden fica sombrio. – Vou dar um fim a essa palhaçada maluca. Minha ordem será divulgada amanhã: Édén será retirado da frente de batalha e tratado na capital.

Isso é novidade. Isso muda tudo.

Tenho de encontrar uma forma de contar a Day sobre a libertação de Édén, antes que ele e os Patriotas matem a única pessoa com o poder de soltá-lo. Qual é a melhor maneira de me comunicar com ele? *Os Patriotas*

devem estar vigiando todas as minhas ações através das câmeras de segurança, penso, enquanto minha mente gira sem parar. Vou precisar enviar um sinal para Day. Seu rosto aparece nos meus pensamentos, e tenho vontade de correr até ele. Quero muito dar a ele a boa notícia.

Será *mesmo* uma boa notícia? Meu lado prático se manifesta e me adverte para ir com calma. Anden pode estar mentindo, e tudo isso pode ser uma armadilha. Mas, se fosse apenas mais uma tentativa de prender Day, por que Anden simplesmente não ameaçaria matar o Éden? Isso faria com que Day saísse do seu esconderijo. Em vez disso, Anden vai soltar Éden.

Ele espera pacientemente enquanto fico em silêncio. Murmura apenas:

– Quero que o Day confie em mim.

Passo os braços ao redor do seu pescoço e aproximo os lábios da sua orelha. O cheiro dele é de sândalo e lã bem cuidada.

– Vou precisar encontrar um jeito de contatá-lo e convencê-lo, mas, se você soltar o irmão dele, Day *vai* confiar em você – sussurro também.

– Vou ganhar a sua confiança também. Quero que você tenha fé em mim. Eu tenho fé em *você* . Há muito tempo que tenho fé em você.

Ele se cala por um instante. Sua respiração se acelerou, e os olhos mudam abruptamente. A autoridade respeitosa e distante se evapora. Neste momento ele é apenas um rapaz, um ser humano, e a eletricidade entre nós é enorme. Num instante, ele vira o rosto e seus lábios encontram os meus.

Fecho os olhos. O beijo é muito leve, mal posso senti-lo, mas não posso deixar de querer mais. Com Day, há sempre fogo e fome entre nós, mesmo raiva, um desespero e uma necessidade profunda. Entretanto, com Anden, o beijo é só delicadeza e encanto refinado, modos aristocráticos, poder e elegância. Prazer e vergonha me invadem. Será que Day pode ver isso pelas câmeras?

Esse pensamento me dilacera.

O beijo dura somente alguns segundos, e depois Anden se afasta. Solto a respiração, abro os olhos e deixo que o resto do quarto entre em foco. Ele está comigo já faz algum tempo; se demorar mais, os guardas do lado de fora vão começar a se preocupar.

– Lamento perturbá-la – diz, fazendo uma leve mesura com a cabeça antes de se levantar e endireitar o sobretudo. Voltou a se esconder atrás da formalidade, mas há um ligeiro aturdimento na sua postura e um leve sorriso nos lábios. – Descanse um pouco. Amanhã nos veremos.

Depois que ele sai e o quarto volta a um silêncio pesado, me encolho toda, deitada na cama. Meus lábios queimam com o toque de Anden. Deixo que minha mente reflita sobre o que ele acabou de me dizer e brinco com o anel de cliques de papel no meu dedo. Os Patriotas quiseram que Day e eu nos uníssemos a eles para assassinar esse jovem Eleitor. Afirmaram que, ao matá-lo, estaríamos atizando uma revolução que nos libertaria da República. E que assim traríamos de volta a glória dos antigos Estados Unidos. Mas o que isso significa *de verdade*? O que terão os Estados Unidos que Anden não possa dar à República? Liberdade? Paz? Prosperidade? Será que a República se tornará um país cheio de arranha-céus lindamente iluminados e bairros bem cuidados e ricos?

Os Patriotas prometeram a Day que encontrariam seu irmão e nos ajudariam a fugir para as Colônias. Mas se Anden pode fazer tudo isso com o apoio adequado e a determinação certa, se nós não precisarmos escapar para as Colônias, então, *a que propósito esse assassinato vai servir*? Anden não é, nem de longe, igual ao pai. De fato, seu primeiro ato oficial como Eleitor vai ser desfazer uma coisa que seu pai pôs em prática: ele vai libertar Éden, talvez até deter os experimentos com as pragas. Se nós o mantivermos no poder, será que ele mudará a República para melhor? Não seria ele o catalisador que Metias havia desejado, nas anotações provocantes que fez no seu diário?

Existe um problema ainda maior que me intriga. Razor *deve* saber, de alguma maneira, que Anden não é um ditador como seu pai era. Afinal de contas, a patente de Razor é alta o bastante para que ele fique ciente pelo menos dos boatos sobre a natureza rebelde de Anden. Ele disse a Day e a mim que o Congresso não gostava de Anden, mas nunca nos disse por que eles estavam em conflito.

Por que ele iria querer assassinar um jovem Eleitor que ajudaria os Patriotas a estabelecer uma nova República?

Em meio aos meus pensamentos turbulentos, contudo, um fica perfeitamente claro.

Agora tenho certeza a quem devo minha lealdade. Não vou ajudar Razor a assassinar o Eleitor, mas preciso prevenir Day, para que ele não dê continuidade aos planos dos Patriotas.

Preciso de um sinal.

Aí me dou conta de que pode haver uma forma de fazer isso, se ele estiver acompanhando a vigilância sobre mim, junto com o resto dos Patriotas. Ele não vai saber por que estou fazendo isso, mas é melhor do que nada. Abaixo ligeiramente a cabeça, depois levanto a mão com o anel de cliques de papel e comprimo dois dedos no lado da minha testa. Esse é o sinal que combinamos quando chegamos a Vegas.

Pare.



DAY

Mais tarde, naquela noite, dirijo-me à sala principal de reuniões e me junto aos outros, para tomar conhecimento da próxima fase da missão. Razor está de volta. Quatro Patriotas continuam a trabalhar num grupo em um canto da sala, na maioria hackers, segundo me parece, analisando como os alto-falantes são instalados nos edifícios. Estou começando a reconhecer alguns deles. Um dos hackers é careca e parece um armário de tão forte, embora seja baixo; outro tem um narigão entre os olhos de meia-lua num rosto muito magro; uma hacker não tem um olho. Quase todos têm algum tipo de cicatriz.

Foco minha atenção em Razor, que se dirige à multidão à frente da sala; seu vulto está delineado em luz, com todas as telas com mapas-múndi atrás dele. Estico o pescoço para ver se consigo achar Tess entre eles, chamá-la de lado e tentar me desculpar. Mas, quando finalmente consigo vê-la, ela está com alguns outros médicos em treinamento, mostrando uma erva verde qualquer na palma da mão e pacientemente explicando a eles como usá-la. Pelo menos, é o que acho. Decido adiar minhas desculpas. Ela não parece precisar de mim neste momento. A ideia me faz sentir triste e estranhamente pouco à vontade.

– Day!

Tess finalmente repara em mim. Eu aceno.

Ela abre caminho até onde estou, tira duas pílulas e um pequeno rolo de ataduras do bolso e põe tudo nas minhas mãos, respirando com dificuldade e me olhando fixamente.

– Cuide-se esta noite, tá bem? – Nem sinal da briga que rolou entre nós.
– Quando a adrenalina começa a bater, sei bem como você fica. Não faça nada muito doido. – Tess aponta com a cabeça para as pílulas azuis na minha mão. – Elas manterão você aquecido se estiver muito frio lá fora.

Ela age como se fosse velha o bastante para cuidar de mim! A consideração de Tess me aquece o coração.

– Obrigado, amiga – digo então, guardando os seus presentes nos meus bolsos. – Olhe, eu queria...

Ela impede que eu me desculpe, pondo uma das mãos no meu braço. Seus olhos estão mais arregalados do que nunca, e são tão confortantes, que fico querendo que ela pudesse vir comigo.

– Deixa pra lá. Só me prometa que vai tomar cuidado.

Ela perdoa muito depressa, apesar de tudo... Será que ela disse aquelas coisas todas no calor do momento? Será que ela ainda está zangada comigo? Eu me inclino para a frente e a abraço rapidamente.

– Prometo. E *you* também trate de se cuidar.

Em resposta, ela aperta minha cintura, depois volta a se reunir com os outros jovens médicos, antes que eu possa tentar me desculpar mais uma vez.

Quando ela se vai, volto a me concentrar em Razor. Ele aponta para uma tela com imagem granulada que mostra uma rua perto dos trilhos de trem em Lamar, por onde Kaede e eu havíamos passado antes. Uma dupla de soldados se apressa na rua; suas golas levantadas para protegê-los da chuva com neve que cai. Ambos comem empanadas. Minha boca se enche d'água. A comida enlatada dos Patriotas é um luxo, mas, *cara*, eu daria tudo por um pastel quente de carne.

– Antes de mais nada, gostaria de garantir a todos que nosso plano está seguindo seu curso. Nossa agente conseguiu se reunir com o Eleitor e jogou a isca sobre nosso plano de assassinato. – Razor faz um círculo com o dedo numa área da tela e continua: – Originalmente o Eleitor havia planejado visitar San Angelo, durante o tour para elevar o moral das tropas, e depois viria para Lamar. Agora o boato que corre é que ele vai a Pierra, em vez disso. Alguns dos nossos soldados estarão acompanhando o Eleitor em substituição a sua guarda pessoal anterior.

Os olhos de Razor me examinam, e depois ele gesticula para a tela e se cala.

Um vídeo substitui a cena dos trilhos de trem em Lamar. Estamos vendo as imagens de um quarto. A primeira coisa em que reparo é num vulto esbelto sentado na beira de uma cama, com os joelhos encostados no queixo. É June? Mas o quarto é bonito; certamente não é uma cela de prisão. A cama parece macia e tem camadas espessas de cobertores. O que eu não faria para conseguir cobertores assim, quando morava em Lake?

Alguém agarra meu braço.

– Oi! Aí está você, sr. Celebridade!

Pascao está ao meu lado, com aquele permanente sorriso animado estampado no rosto, e os olhos cinzentos desbotados cheios de empolgação.

– Oi – respondo, cumprimentando-o rapidamente com um aceno de cabeça, antes de voltar minha atenção para a tela. Razor começou a dar ao grupo um panorama geral da próxima etapa dos planos, mas Pascao puxa minha manga de novo.

– Você, eu e mais uns corredores vamos nos mandar daqui a umas duas horas. – Seus olhos procuram o vídeo antes de se fixarem novamente em mim. – Preste atenção. Razor queria que eu desse à minha equipe um briefing mais detalhado do que esse que ele está transmitindo ao grupo. Eu acabei de falar com o Baxter e a Jordan.

Mal presto atenção ao Pascao porque agora estou certo de que o pequeno vulto na cama é June. Só pode ser ela, com aquele jeito de botar o cabelo atrás dos ombros e de analisar o quarto com um olhar atento. Ela está vestindo roupas de dormir que são bonitas e parecem confortáveis, mas estremece como se o quarto estivesse frio. Será que esse quarto elegante é mesmo sua cela de prisão? Relembro as palavras de Tess.

Day, você esqueceu que June matou sua mãe?

Pascao me cutuca de novo, obriga-me a olhar para ele e me leva para trás do grupo.

– Preste atenção, Day. Um embarque está chegando hoje à noite a Lamar, de trem. Vem trazendo grande quantidade de armas, maquinário, alimentos e mais um montão de coisas para os soldados da frente de batalha, além de muitos equipamentos de laboratório. Vamos roubar alguns

suprimentos e destruir um vagão cheio de granadas. Essa é a nossa missão hoje à noite.

Agora June está falando com o guarda perto da porta, mas mal consigo ouvi-la. Razor já acabou de se dirigir à plateia e está empenhado numa conversa com dois outros Patriotas, que ocasionalmente gesticulam para a tela e depois desenham algo nas palmas das mãos.

– Pra que explodir um vagão de granadas?

– Essa missão é o falso assassinato. A agenda do Eleitor determinava que ele viesse aqui a Lamar, pelo menos antes que June conversasse com ele. Nossa missão desta noite deve convencer o Eleitor, se é que ele ainda não está convencido, de que June falou a verdade. Além disso, é uma ótima oportunidade para roubar algumas granadas. – Pascao esfrega as mãos com uma alegria quase insana.

– Nitroglicerina... hum, que delícia! – brinco, erguendo uma sobancelha.

– Eu e três outros corredores vamos cuidar da missão com o trem, mas vamos precisar de um corredor *especial* para distrair os soldados e guardas.

– O que você quer dizer com “especial”?

– O que *eu* quero dizer – responde Pascao, incisivamente – é que foi exatamente por isso que Razor decidiu recrutá-lo, Day. Essa é nossa primeira oportunidade de mostrar à República que você está vivo. Foi por isso que Kaede mandou você tirar a tintura do cabelo. Quando se espalhar a notícia de que você foi visto em Lamar, acabando com um trem da República, as pessoas vão entrar em parafuso. O famoso criminoso da República continua aprontando mesmo depois da tentativa do governo de executá-lo? Se *isso* não atizar a revolta do povo, nada mais irá. É exatamente do que precisamos: o caos. Quando nós terminarmos, o povo vai estar tão empolgado com você que vai ficar doidinho para se rebelar. Esse é o ambiente perfeito para o assassinato do Eleitor.

A animação de Pascao me faz sorrir um pouco. Incomodar a República? Eu *nasci* para isso.

– Conta mais – peço.

Pascao se certifica de que Razor continua a discutir os planos com os outros, e então pisca para mim.

– Nossa equipe vai desenganchar o vagão com as granadas a uns três quilômetros da estação. Quando chegarmos ao local, não quero que tenha mais de um punhado de soldados vigiando o trem. Mas tome cuidado. Em geral, *não há* muita segurança perto dos trilhos, mas esta noite é diferente. A República vai estar de olho na gente agora que sabe do alerta da June sobre a tentativa de assassinato. Fique atento aos soldados extras. *Enrole-os* para nos dar o tempo de que precisamos e certifique-se de que eles o vejam.

– Tudo bem, vou conseguir o tempo de que vocês precisam. Só me diga aonde preciso ir.

Pascao abre um sorriso maroto e me dá um forte tapa nas costas.

– Legal! Você é, de longe, o melhor de todos nós, corredores. Você vai enganar os soldados sem nenhum problema. Vamos nos encontrar daqui a duas horas perto da entrada por onde você chegou. A gente vai se divertir demais. – Ele estala os dedos e acrescenta: – Ah, não liga pro Baxter, não. Ele está meio aborrecido porque você recebe tratamento especial da Tess e de mim.

Assim que ele se afasta, meus olhos voltam para a tela e se concentram na figura de June. À medida que o vídeo continua, trechos da conversa de Razor com os outros Patriotas chegam aos meus ouvidos:

“... bastante para ouvir o que está acontecendo”, Razor está dizendo. “Ela o tem na palma da mão.”

No vídeo, June parece estar cochilando, com os joelhos encostados no queixo. Não há nenhum som, mas não me importo com isso. Então vejo um rapaz entrar na cela, um cara de cabelo escuro, com um elegante sobretudo preto. É o Eleitor. Ele se inclina e começa a falar com ela, mas não consigo distinguir o que está dizendo. Quando ele se aproxima, June demonstra tensão. Dá para perceber sua face ficando lívida. Toda a tagarelice e alvoroço ao meu redor diminuem como num passe de mágica. O Eleitor põe uma das mãos no queixo da June e aproxima o rosto dela do dele. Ele está se apoderando de algo que julguei apenas meu. Sinto uma súbita e

dilacerante sensação de perda. Viro o rosto, mas mesmo pelo canto do olho consigo vê-lo beijando-a. O beijo parece durar para sempre.

Observo, aturdido, quando eles finalmente se separam, e o Eleitor sai do quarto, deixando June sozinha, enrolada na cama. O que ela estará pensando? Não tenho mais ânimo para assistir. Estou prestes a virar as costas, pronto para ir atrás do Pascao, fugir dessa cena.

Então, uma coisa me chama a atenção. Olho para o monitor, e bem nessa hora, vejo June levar dois dedos à testa: nosso sinal.

Passa da meia-noite quando Pascao, eu e três outros corredores pintamos largas tiras pretas de um lado a outro dos olhos e nos vestimos com uniformes escuros de guerra e quepes militares. Então, deixamos o esconderijo subterrâneo dos Patriotas pela primeira vez desde que cheguei. Alguns poucos soldados perambulam por ali de vez em quando, mas vemos outros soldados, à medida que nos afastamos do bairro e atravessamos os trilhos de trem. O céu ainda está completamente coberto de nuvens, e, sob a fraca luz dos postes de luz, vejo finas camadas de chuva e neve caindo. A calçada está escorregadia com garoa e lodo gelado, e o ar tem um cheiro azedo, uma mistura de fumaça e limo. Levanto ainda mais minha gola, engulo uma das pílulas azuis de Tess e desejo estar com ela de novo nas favelas úmidas de Los Angeles. Dou uma batidinha na bomba de poeira escondida na minha jaqueta militar para confirmar que está seca. A cena entre June e o Eleitor não me sai da cabeça.

O sinal da June foi para mim. Que parte do plano ela quer que eu não leve a cabo? Será que quer que eu desconsidere a missão dos Patriotas e fuja? Se eu desertar agora, o que acontecerá a ela? O sinal pode ter significado um milhão de coisas. Poderia até querer dizer que ela resolveu permanecer com a República. Tento, furiosamente, tirar essa ideia da cabeça. Não, ela não faria isso. *Nem mesmo se o próprio Eleitor desejasse?* Será que isso a faria ficar?

Também me lembro de que as imagens do vídeo eram mudas. Todos os outros vídeos a que assistimos tinham um som nítido. Razor até insistiu para que se aumentasse o volume. Teriam os Patriotas excluído o som desse vídeo? Estarão escondendo alguma coisa?

Pascao nos para nas sombras de um beco não muito distante da estação de trem e diz, com a respiração formando pequenas nuvens:

– O trem chega em quinze minutos. Baxter e Iris, venham comigo.

A garota chamada Iris – comprida e magra, com olhos profundos que estão sempre se movendo – sorri, mas Baxter enrijece a mandíbula. Eu o ignoro e tento não pensar sobre as bobagens que ele está tentando colocar na cabeça de Tess a meu respeito.

Pascao aponta para a terceira corredora, uma garota delicada de tranças ruivas, que não para de me olhar furtivamente.

– Jordan, você vai identificar o vagão certo para nós.

Ela faz um sinal positivo com os polegares.

Os olhos de Pascao agora se dirigem a mim.

– Você sabe o que fazer.

– Entendido, primo – respondo, dando um puxão na beira do meu quepe.

Seja lá o que June quis dizer, esta não é a hora de deixar os Patriotas na mão. Tess continua na casamata, e eu não tenho ideia de onde está Éden. De jeito nenhum vou colocá-los em risco.

– Mostre àqueles soldados o que é bom pra tosse, hein?! Faça com que eles odeiem você.

– Essa é a minha especialidade.

Aponto para os telhados inclinados e as paredes em ruínas que nos rodeiam. Para um corredor, esses telhados são como gigantescos escorregadores que o gelo tornou lisos. Agradeço silenciosamente à Tess; sua pílula azul já está me aquecendo por dentro e é tão reconfortante quanto uma tigela de sopa quente numa noite gelada.

Pascao dá um grande sorriso.

– Senhoras e senhores, vamos dar início ao espetáculo!

Observo os outros se apressarem ao longo dos trilhos de trem, através do véu de chuva e neve. Depois penetro mais nas sombras e estudo os edifícios. Todos eles são velhos e cheios de buracos que servem de apoio para os pés. Para tornar as coisas ainda mais divertidas, todos têm vigas metálicas enferrujadas presas às paredes. Alguns têm andares superiores que estão completamente detonados e abertos para o céu noturno. Outros

têm telhados inclinados azulejados. Apesar de tudo, não consigo evitar sentir uma pontada de excitação. Esses prédios são o paraíso para um corredor.

Sigo caminhando pela rua rumo à estação de trem. Há pelo menos dois grupos de soldados, talvez mais, uma vez que não consigo ver bem o lado de lá. Alguns estão enfileirados ao longo dos trilhos na expectativa. Seus fuzis estão em punho; as tiras pretas de um lado a outro dos olhos reluzem molhadas sob a chuva. Toco no rosto para verificar minha pintura e puxo para baixo o quepe na minha cabeça. Hora do show.

Acho um apoio seguro para os pés numa das paredes e subo com cuidado até o telhado. Todas as vezes em que enfio a perna num apoio, minha batata da perna roça o implante artificial na coxa. Sinto o frio do metal mesmo através do tecido.

Vários segundos depois, estou empoleirado atrás de uma chaminé desmoronada, a três andares de altura. Daqui posso ver, exatamente como eu suspeitava, que há um terceiro grupo de soldados no outro lado da estação ferroviária. Vou até a outra extremidade do prédio e depois salto silenciosamente entre os prédios até chegar ao topo de um telhado inclinado. Agora estou perto o suficiente para ver as expressões dos rostos dos soldados. Enfio a mão na jaqueta, verifico que minha bomba de poeira continua quase toda seca e, então, me agacho no telhado e espero.

Passam-se alguns minutos.

Depois me levanto, pego a bomba de poeira e a atiro o mais longe possível da estação de trem.

Bum! Ela explode numa nuvem gigantesca, no momento em que atinge o solo. Instantaneamente a poeira devora o quarteirão inteiro e se estende rapidamente pelas ruas, em ondas reverberantes. Ouço gritos dos soldados perto da estação de trem.

– Lá! A três quadras daqui! – *Todo trabalhado no óbvio. Muito bem, soldado.* Um grupo deles se afasta da estação e começa a correr na direção em que a nuvem de poeira cobriu as ruas.

Deslizo para baixo no telhado inclinado. Sarrafos se desprendem aqui e ali, enchendo o ar de saraivadas de neblina gelada, mas, através da gritaria e

da correria que acontecem lá embaixo, não consigo nem escutar a mim mesmo. O próprio telhado está tão escorregadio quanto vidro molhado. Aumento a velocidade. A chuva e a neve batem com força no meu rosto. Eu me seguro quando chego à parte inferior do telhado e depois me lanço no ar. Do solo, provavelmente pareço uma espécie de fantasma.

Minhas botas alcançam o telhado inclinado do próximo prédio, que fica bem ao lado da estação de trem. Os soldados que continuam lá estão distraídos, olhando fixo para a poeira na rua. Dou um pequeno salto na parte debaixo deste segundo telhado, depois me agarro num poste de luz e deslizo até o chão. Atinjo as camadas de gelo na calçada, com um som abafado e de fragmentos.

– Sigam-me! – grito para os soldados. Eles me veem pela primeira vez, como apenas mais um soldado comum, de uniforme escuro e riscas pretas de um lado a outro dos olhos. – Está havendo um ataque em um dos nossos depósitos! Vai ver são os Patriotas que estão finalmente mostrando as caras! – Gesticulo para os dois grupos que restaram. – *Atenção, todos vocês!* O comandante ordenou que vocês se apressem! – Giro os calcanhares e começo a correr para fugir deles.

Obviamente, o barulho de suas botas no chão logo se faz ouvir. Não havia como esses soldados ousarem desobedecer às ordens de seu comandante, mesmo que isso significasse deixar a estação temporariamente sem proteção. Às vezes, é impossível não adorar a disciplina férrea da República.

Continuo a correr.

Depois que conduzo os soldados por quatro ou cinco quarteirões, passando pela nuvem de poeira e vários depósitos, subitamente dou uma guinada por um estreito corredor. Antes que eles possam dobrar a esquina, corro direto até uma das paredes do beco e, quando estou a alguns metros de distância, dou um pulo e chuto a parede de tijolos para tomar impulso. Minhas mãos ficam livres. Eu me agarro na marquise do segundo andar, e é só deixar a gravidade seguir seu curso. Meus pés pisam solidamente a parte superior da marquise.

Quando os soldados chegam correndo ao mesmo beco, já me escondi à sombra de uma janela do segundo andar. Ouço os primeiros deles pararem e, em seguida, suas exclamações perplexas. Penso então: *É agora ou nunca*. Tiro o quepe e solto meu cabelo louro como trigo. Um dos soldados vira a cabeça para cima, a tempo de me ver sair rapidinho do esconderijo e dobrar a esquina, andando pela estrutura do segundo andar.

– Vocês viram aquilo? Aquele era Day? – grita um deles, incrédulo.

À medida que comprimo os pés nos vãos entre os velhos tijolos para conseguir subir ao terceiro andar, o tom de voz dos soldados vai de confuso a raivoso. Alguém grita para que os outros atirem em mim. Cerro os dentes e salto para o terceiro andar.

As primeiras balas ricocheteiam na parede. Uma delas quase atinge minha mão. Não paro; continuo a esquivar o corpo rumo ao andar superior e me atiro no telhado inclinado em um só movimento. Mais fagulhas iluminam os tijolos abaixo de mim. Vejo a estação a distância: o trem chegou, meio escondido pelo vapor, e parou desacompanhado, à exceção dos vários soldados que vinham nele.

Saio correndo do telhado, deslizo para baixo no outro lado e depois dou mais um grande salto para o próximo telhado. Lá embaixo, alguns soldados começaram a correr de volta para o trem. Talvez tenham finalmente se dado conta de que isso tudo é apenas para distraí-los. Só deixo de olhar para a estação quando dou mais um enorme salto rumo ao próximo telhado.

Dois quarteirões de distância.

Acontece uma explosão. Uma nuvem resplandecente e forte se forma mais longe nos trilhos da ferrovia, estremecendo até o local onde estou no topo do prédio. O impacto me faz perder o equilíbrio e cair de joelhos. *É essa a explosão que Pascao mencionou.*

Reflito enquanto absorvo o inferno por um instante. Um grande número de soldados vai se dirigir para lá. É perigoso, mas, se minha tarefa é informar à República que estou vivo, é melhor eu garantir ser visto pelo maior número de pessoas possível. Fico em pé, corro o mais rápido que posso e volto a meter o cabelo no quepe. Os soldados lá embaixo se

dividiram em dois grupos: um corre rumo à explosão, e o outro continua atrás de mim.

De repente, derrapo e paro. Os soldados passam correndo pelo edifício em que estou. Sem desperdiçar mais um segundo, deslizo pelo telhado e me balanço a partir da beira da calha. As botas se apoiam nos parapeitos. Um após o outro. Salto até a calçada. Os soldados provavelmente acabaram de entender que perderam minha pista, mas já estou me misturando às sombras no chão. Começo a correr firmemente na rua, como se eu fosse apenas mais um soldado. Dirijo-me ao trem.

Chuva e neve começam a cair mais intensamente. As chamas que restaram da explosão iluminam o céu da noite, e estou perto o bastante do trem para ouvir os gritos e as passadas pesadas. Será que Pascao e os outros conseguiram sair a salvo? Acelero o passo. Outros soldados se materializam através da chuva e da neve, e eu me incorporo harmoniosamente à fileira à medida que corremos ao longo do trem. Eles correm em direção ao fogo.

– Que aconteceu? – grita um deles para outro.

– Sei lá! Disseram que uma fagulha detonou a carga.

– Isso é impossível! Todos os vagões são cobertos...

– Alguém precisa falar com o Comandante DeSoto. Isso é coisa dos Patriotas. O Eleitor deve ser informado. Eles...

Eles continuam a falar; não consigo ouvir o resto da frase. Vou reduzindo o ritmo até ficar no final da fileira, depois me lanço para dentro da minúscula fenda entre dois vagões. Todos os soldados podem ver que continuo a me dirigir para as chamas. Outros estão na área onde detonei a bomba de poeira, e os que me perseguiram devem continuar atônitos, esquadrinhando as ruas por onde eu estava correndo. Espero até me certificar de que mais ninguém está atrás de mim. Depois vou me esquivando entre os vagões e corro ao longo do lado oposto dos trilhos onde estavam os soldados. Solto o cabelo mais uma vez. Agora, só preciso escolher o momento certo de fazer minha grandiosa aparição. Há pequenas marcas em todos os vagões por que passo. Carvão. Armas controladas. Munição. Alimentos. Fico tentado a entrar no último, mas esse é meu lado Lake se manifestando. Recordo a mim mesmo que já não estou procurando

comida no lixo e que os Patriotas têm despensas abarrotadas nos quartéis. Eu me obrigo a prosseguir. Mais marcas nos vagões. Mais suprimentos para as frentes de batalha.

Então, passo por uma pequena marca que me força a parar. Um arrepio percorre meus braços e pernas. Volto correndo até o vagão com marcas, para verificar se não imaginei algo.

Não imaginei não: lá está ele, incrustado no metal. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

O X de três linhas. Minha cabeça roda; visualizo o símbolo de spray vermelho pichado na porta da minha mãe, as patrulhas contra a praga indo de casa em casa em Lake, Éden sendo levado embora. Não há como esse símbolo ter outro significado a não ser o fato de que meu irmão, ou algo relacionado a ele, está nesse trem.

Todo o interesse pelo plano dos Patriotas desaparece no mesmo instante da minha cabeça. *Éden talvez estivesse aqui.*

Dá pra ver que as duas portas deslizantes estão trancadas, por isso recuo alguns passos e depois corro até elas. Quando estou perto o bastante, dou um pulo, ando três passos rápidos contra o lado do vagão, agarro a beira superior e me puxo para cima.

Existe uma cancela metálica circular no meio do teto desse vagão, que eles provavelmente usam para acessar o interior. Engatinho até ela, passo os dedos pelas bordas e encontro quatro travas que prendem a cancela. Agitado, consigo soltá-las. Os soldados devem estar voltando em instantes. Empurro a cancela com toda a força. Ela se entreabre, o que é suficiente para eu entrar.

Com um barulho surdo, piso no chão. Está bastante escuro, por isso não consigo ver muito a princípio. Estendo as mãos e toco o que me parece ser uma superfície redonda de vidro. Lentamente, começo a definir o ambiente.

Estou de pé em frente a um cilindro de vidro, quase tão alto e largo quanto o vagão; ele tem um revestimento metálico harmonioso no topo e na parte inferior e emite um brilho azul muito esmaecido. Um pequeno vulto está deitado no chão; tubos saem de um dos braços dele. Percebo

imediatamente que é um menino. Seu cabelo é curto, limpo, e ondas suaves se misturam. Ele veste um macacão branco que o destaca na escuridão.

Um zumbido alto nos meus ouvidos bloqueia todo o resto ao redor. É Éden. *É Éden!* Deve ser ele. Tirei a sorte grande! Não posso acreditar na minha boa estrela. Ele está bem aqui; eu o encontrei no meio do nada, em toda a vastidão da República, num golpe de insana coincidência. Posso libertá-lo. Podemos fugir para as Colônias antes do que eu julgava possível. Podemos fugir *hoje à noite*.

Corro até o cilindro e bato com o punho no vidro, esperando que se espatife, embora dê pra ver que tem pelo menos trinta centímetros de espessura e é, provavelmente, à prova de balas. Por um instante, não sei dizer se o garoto pode escutar o barulho, mas então ele abre os olhos, que se movimentam de forma estranha e confusa, antes de tentar se fixar em mim.

Demoro muito para compreender que esse menino não é o Éden.

O gosto amargo do desapontamento me ferroa a língua. Ele é tão pequeno. Deve ter a idade do meu irmão. Não consigo impedir que a imagem de Éden me esmague. *Existem outros que também foram marcados com esse sinal?* Certamente que devem existir. Por que Éden seria o único no país inteiro?

O menino e eu nos encaramos por um tempo. *Acho* que ele me vê, mas parece não conseguir fixar o olhar; fica me olhando de forma enviesada, algo que a miopia de Tess também a obriga a fazer. *Éden*. Relembro como suas íris sangraram com a praga... Da maneira pela qual esse garoto está tentando me analisar, percebo que ele é quase totalmente cego, sintoma esse que meu irmão deve ter também.

De repente ele sai do transe e engatinha, o mais rápido possível, até onde estou. Comprime as mãos no vidro. Seus olhos são castanhos esmaecidos e opacos, não têm o tom preto assustador dos olhos de Éden quando o vi pela última vez, mas as metades da parte inferior estão profundamente roxas de sangue.

– Quem está aí? – pergunta ele. O vidro lhe abafa a voz. Ele ainda não consegue concentrar-se em mim, mesmo eu estando tão perto.

Eu também saio do meu transe e respondo, com um aperto na garganta:

– Um amigo. Vou tirar você daí.

Ao ouvir isso, seus olhos se arregalam e seu rostinho instantaneamente expressa esperança. Minhas mãos percorrem o vidro e procuram alguma coisa, *qualquer coisa*, que possa abrir este maldito cilindro.

– Como se abre esta droga? Onde estão as travas?

O menino bate freneticamente no vidro. Ele está aterrorizado e diz, com a voz trêmula:

– Me tira daqui, me tira daqui, por favor!

Suas palavras partem meu coração. Será isso o que Édén está fazendo, apavorado e cego, esperando que eu o salve, num vagão escuro de trem? *Preciso libertar esse menino*. Eu me apoio no cilindro e digo:

– Você precisa se acalmar, certo, garoto? Não entre em pânico. Qual é seu nome? De que cidade é sua família?

Lágrimas começaram a escorrer no rosto do garoto.

– Meu nome é Sam Vatanchi e minha família é de Helena, no estado de Montana. – Ele sacode a cabeça vigorosamente. – Eles não sabem aonde fui. Será que você pode dizer a eles que quero voltar pra casa? Você pode...

Não, não posso. Sinto-me completamente impotente. Tenho vontade de socar as laterais de metal do vagão.

– Vou fazer o que puder. Como se abre este cilindro? – pergunto de novo. – *É seguro* fazer isso?

O menino aponta freneticamente para o outro lado do cilindro. Dá pra ver que ele está se esforçando para conter o medo.

– *Espera* aí um pouco. – Ele para, numa tentativa de pensar em algo. – Sim, é seguro. Acho. *Tem* uma coisa ali que eles teclam. Dá pra ouvir os bipes que fazem o tubo se abrir.

Corro para onde ele aponta. *É a minha imaginação ou estou ouvindo débeis sons de botas se aproximando?*

– É uma espécie de tela de vidro – digo. A palavra TRANCADO em vermelho se estende na tela. Viro-me para o garoto e bato no vidro. Seus olhos se dirigem para o som. – Existe uma senha? Como é que eles a teclam?

– Eu não sei! – O menino levanta as mãos, impotente; suas palavras se distorcem com um soluço. – Por favor, só...

Droga! Ele me lembra *muito* Éden. Suas lágrimas também me fazem chorar.

– Vamos lá! – eu o incentivo, lutando para manter um tom firme nas minhas palavras. Preciso me controlar. – *Pense bem*. Existe outra maneira de este troço abrir, além do teclado?

Ele sacode a cabeça e repete:

– Eu não sei, *eu não sei!*

Imagino o que Éden diria, se fosse esse garoto. Diria alguma coisa técnica, raciocinando como o pequeno engenheiro que é. Alguma coisa como “*Você está com algum objeto agudo? Tente encontrar um mecanismo manual!*”.

Prepare-se para fazer algo difícil. Pego o canivete que está sempre no meu cinto. Já vi Éden abrir geringonças e reconfigurar toda a fiação interior e as placas de circuitos. Talvez eu deva tentar fazer o mesmo.

Coloco a lâmina contra a minúscula fenda que se estende ao longo da borda do teclado e, cautelosamente, faço pressão. Quando nada acontece, empurro mais forte até que a lâmina se dobra. Isso não ajuda em nada.

Resmungo:

– É muito apertado.

Se pelo menos June estivesse aqui... Ela provavelmente descobriria como esta coisa funciona em meio minuto. O menino e eu partilhamos um breve instante de silêncio. Ele expressa profunda tristeza, e seus olhos se fecham. Sabe que não há maneira de se abrir a porta. Preciso resgatá-lo. *Preciso salvar Éden*. Tenho vontade de gritar.

Não é minha imaginação – ouço os soldados se aproximando. Devem estar verificando os compartimentos.

– Fale comigo, Sam. Você ainda está doente. O que eles estão fazendo com você?

O menino enxuga o nariz. A luz da esperança já desapareceu do seu rosto. Ele me pergunta:

– Quem é você?

– Alguém que quer ajudar – sussurro. – Quanto mais você me contar, mais fácil será para mim dar um jeito neste troço.

– Já não estou doente – responde Sam, apressado, porque sabe que nosso tempo está se esgotando –, mas eles dizem que *tem* alguma coisa no meu sangue, que eles chamam de *vírus dormente*. – Ele para e pensa. – Eles me dão remédio para eu não ficar doente de novo. – Ele esfrega os olhos sem visão e, em silêncio, me implora para salvá-lo. – Toda vez que o trem para, pegam uma amostra do meu sangue.

– Você sabe em que cidades já esteve?

– Não sei. Uma vez ouvi o nome Bismarck... – O garoto interrompe o que diz e depois continua: – E Yankton, acho.

Ambas são cidades nas zonas de combate em Dakota. Penso no transporte que estão usando para ele. O ambiente do vagão provavelmente é mantido estéril, para que as pessoas possam entrar e coletar uma amostra de sangue, e depois a misturar com alguma coisa que ative o vírus dormente. Os tubos no braço dele podem ser apenas para alimentá-lo.

Calculo que eles o estejam usando como uma arma biológica contra as Colônias. *Eles o transformaram numa cobaia de laboratório*. Igualzinho ao Éden. A ideia de meu irmão sendo transportado de lá para cá ameaça me sufocar.

– Para onde eles vão levá-lo agora?

– Eu não sei! Eu só quero ir pra casa!

Em algum lugar da frente de batalha. Só posso imaginar quantos outros estão sendo levados para cima e para baixo nas zonas de combate. Visualizo Éden amontoado num desses trens. O menino recomeçou a choramingar, mas eu me obrigo a interrompê-lo:

– Preste atenção: você sabe alguma coisa sobre um garoto chamado Éden? Já ouviu esse nome mencionado em algum lugar?

– Não!!! Eu... não sei... quem é ele!! – grita ele mais alto.

Não posso mais ficar aqui. Com esforço, desvio o olhar de Sam e corro para as portas deslizantes do vagão. As pisadas dos soldados soam mais fortes; eles não podem estar a mais do que cinco ou seis vagões de distância. Dou um último olhar de relance para o menino.

– Desculpe, mas preciso mesmo ir embora. – Fico muito angustiado ao dizer essas palavras.

O garoto começa a bater forte no vidro espesso do cilindro e exclama, com voz entrecortada:

– Não! Eu contei tudo que sei! *Por favor, não me deixe aqui!*

Não suporto mais ouvir nada. Eu me obrigo a subir nas travas laterais de uma porta deslizante e me aproximo o bastante do teto do vagão para me agarrar à beira da cancela circular do topo, de onde salto e me embrenho no ar da noite novamente e volto à chuva e à neve que me açoitam os olhos e me fustiga o rosto com gelo. Luto para recompor minha postura. Estou morrendo de vergonha de mim.

Esse guri me ajudou no que pôde, e é desta maneira que eu retribuo? Fugindo para salvar minha pele?

Os soldados estão inspecionando os vagões a cerca de quinze metros daqui. Deslizo a cancela de volta ao lugar e praticamente me achato no telhado até chegar à beirada. Balanço o corpo para baixo e chego ao chão.

Pascao se materializa das sombras; os olhos cinzentos faíscam no escuro. Ele estava me procurando.

– Cara! Por que você está aqui? O combinado era você fazer um estardalhaço perto da explosão, não é? Onde você estava?

Não estou a fim de ser educado.

– Agora não, tá? – retruco de maneira rude quando começo a correr ao lado de Pascao. Está na hora de voltar ao nosso túnel subterrâneo. Tudo se move rapidamente por nós, numa neblina surreal.

Pascao abre a boca para dizer outra coisa, hesita ao ver minha cara e decide ficar quieto. Recomeça a falar, desta vez com mais calma:

– Você se saiu muito bem. Provavelmente já devem saber que você está vivo, mesmo sem todo o alvoroço que a gente esperava. Sua corrida lá em cima no telhado foi muito maneira. Amanhã de manhã vamos ver como o povo reage à sua aparição aqui.

Não respondo. Ele morde o lábio e me deixa quieto.

Não tenho escolha: preciso esperar até Razor concluir seu plano antes que os Patriotas me ajudem a resgatar o Éden. Uma onda de raiva contra o

jovem Eleitor se forma em mim. *Eu odeio você. Detesto você com todas as minhas forças e juro que vou meter uma bala em você na primeira oportunidade que tiver.* Pela primeira vez desde que me juntei aos Patriotas, fico empolgado com o assassinato. Vou fazer o possível para garantir que a República nunca mais toque no meu irmão.

Em meio ao caos do incêndio e aos gritos das tropas, nós nos esquivamos pelo outro lado da cidade e penetramos de novo na noite.

JUNE

Faltam menos de dois dias para o assassinato do Eleitor, isto é, tenho trinta horas para impedi-lo.

O sol acabou de se pôr quando o Eleitor, seis senadores e pelo menos quatro patrulhas de guardas (quarenta e oito soldados) embarcam num trem que se dirige à cidade de Pierra, na zona de combate. Eu estou com eles. É a primeira vez que viajo como passageira em vez de prisioneira, por isso esta noite estou vestindo malhas quentes de inverno e macias botas de couro (sem saltos nem biqueiras de aço, para que eu não possa usá-las como armas) e um manto de lã grossa com capuz escarlate e enfeites prateados. Nada de algemas. Anden fez questão de que eu usasse luvas pretas e vermelhas de couro macio, e pela primeira vez desde que cheguei a Denver não sinto frio nos dedos. Meu cabelo está penteado como sempre, limpo e preso em um rabo de cavalo. Apesar disso tudo, minha cabeça está quente e meus músculos doem. Todas as lâmpadas na plataforma da estação estão apagadas, e ninguém, sem contar o grupo do Eleitor, está à vista. Entramos no trem em completo silêncio. O repentino desvio feito por Anden, de Lamar para Pierra, provavelmente é algo que a maioria dos senadores desconhece.

Meus guardas me levam para meu próprio vagão particular, um local tão luxuoso que sei que estou aqui só porque Anden insistiu.

Tem o dobro do comprimento dos vagões comuns (deve passar de oitenta e três metros quadrados, tem seis cortinas de veludo, e o onipresente retrato de Anden está pendurado na parede direita). Os guardas me conduzem para a mesa de centro do vagão e puxam um assento para mim. Sinto um estranho distanciamento disto tudo, como se nada fosse real; é como se eu estivesse exatamente onde costumava estar: uma garota milionária assumindo o lugar que lhe é devido na elite da República.

– Se a senhorita precisar de alguma coisa, é só falar – diz um deles. Ele é gentil, mas o enrijecimento de sua mandíbula denuncia que está muito nervoso por estar perto de mim.

Não escuto nenhum som, exceto o sutil chocalhar do trem nos trilhos. Tento não me concentrar diretamente nos soldados, mas, pelo canto dos olhos, eu os observo detidamente. Haverá Patriotas disfarçados de soldados neste trem? Se houver, será que desconfiam da transferência da minha lealdade?

Esperamos juntos num silêncio pesado. A neve recomeçou a cair e se empilha nos cantos exteriores da minha janela. Caracóis de gelo branco enfeitam o vidro. Isso me lembra do enterro de Metias, meu vestido branco, o traje completo de Thomas, impecavelmente branco, os lilases brancos e os tapetes brancos.

O trem ganha velocidade. Debruço-me na janela até que meu rosto quase toca no vidro frio. Presto atenção silenciosamente à medida que nos acercamos da gigantesca muralha ameaçadora que cerca Denver. Mesmo na escuridão, consigo ver os túneis escavados na muralha; alguns estão completamente vedados com sólidos portões metálicos, enquanto outros permanecem abertos para que as cargas noturnas possam atravessá-los. Nosso trem se move rapidamente num dos túneis – acho que os trens que saem da capital não precisam parar para inspeção, especialmente se o Eleitor os aprovou. Quando deixamos a enorme muralha para trás, vejo um trem parar para ser inspecionado num posto de controle.

Nós continuamos e vamos desaparecendo na noite. Os arranha-céus dos bairros das favelas, desgastados pela chuva, passam correndo pelas janelas, uma visão agora familiar de como vivem as pessoas nos arredores de uma cidade. Estou muito cansada para prestar atenção nos detalhes. Relembro o que Anden me disse ontem à noite, o que me leva de volta ao problema incessante de como prevenir Anden e manter Day a salvo ao mesmo tempo. Os Patriotas saberão que os traí, se eu revelar a Anden a verdadeira trama do assassinato antes da hora. Preciso cronometrar meus passos de modo que quaisquer desvios do plano aconteçam logo antes do homicídio, quando eu puder chegar ao Day facilmente.

Gostaria de poder contar ao Anden agora. Contar-lhe tudo e acabar logo com isso. Num mundo sem o Day, é isso o que eu faria.

Em um mundo sem Day, muitas coisas seriam diferentes. Penso nos pesadelos que venho tendo, no pensamento apavorante de Razor meter uma bala no peito do Day. O anel de cliques de papel continua no meu dedo.

De novo, levanto dois dedos e os levo até a testa. Se o Day não viu meu primeiro sinal, espero que veja este. Os guardas não acham que eu esteja fazendo alguma coisa incomum; parece que estou apenas descansando a cabeça. O vagão do trem balança para um lado e me deixa tonta. Talvez este resfriado que está chegando – isto é, se for mesmo um resfriado e não uma coisa mais séria – esteja começando a afetar meu raciocínio. Ainda assim, não solicito um médico nem remédios. Remédios inibem o sistema imunológico, por isso sempre preferi lutar contra doenças por conta própria (para desespero do meu irmão).

Por que será que tantos pensamentos me levam até Metias?

Uma voz irritada de homem me distrai. Dou as costas para a janela. Parece a voz de um homem de idade. Eu me endireito na cadeira e vejo dois vultos vindo em minha direção através da janela minúscula da porta do vagão. Uma voz é do homem que acabei de ouvir, um sujeito baixo com gordura em torno dos quadris, barba grisalha desmazelada e nariz pequeno e protuberante. O outro é Anden. Esforço-me para ouvir o que estão falando; a princípio, tudo que consigo distinguir são indícios entrecortados do que estão conversando, mas suas palavras ficam mais ásperas à medida que se aproximam do meu vagão.

– Primeiro Eleitor, por favor! Estou dizendo isso para seu próprio bem. Atos de rebelião devem ser castigados severamente. Se o senhor não reagir de modo adequado, é apenas uma questão de tempo até que tudo se transforme num levante!

Anden escuta pacientemente, com as mãos atrás das costas e a cabeça inclinada para baixo, na direção do homem.

– Obrigado por sua preocupação, senador Kamion, mas já tomei minha decisão. Não é hora de enfrentarmos a inquietação em Los Angeles com forças militares.

Minhas orelhas se aguçam ao ouvir isso. O homem mais velho abre os braços, num gesto de irritação.

– Faça o povo entrar na linha. O senhor precisa agir *agora*. Demonstre sua força.

Anden sacode a cabeça.

– Senador, isso vai deixar o povo ainda mais tenso. Usar a força fatal antes que eu tenha a oportunidade de divulgar todas as mudanças que tenho em mente? De maneira alguma. Não vou ordenar nenhuma ação militar. *Essa é a minha vontade.*

O senador coça a barba, irritado, e põe uma das mãos no cotovelo de Anden.

– O público não está de braços abertos para você, e sua leniência vai parecer fraqueza, não só externa, mas também internamente. Os administradores da Prova de LA estão reclamando da sua falta de reação; os protestos os forçaram a cancelar vários dias de exames.

A boca de Anden se estreita numa linha severa.

– Acredito que o senhor esteja a par da minha opinião sobre as Provas.

– Estou – replica, em tom sério, o senador. – Essa é uma discussão para outra hora, mas, se o senhor não emitir ordens que nos permitam deter o tumulto, posso lhe garantir que vai receber reprimendas do Senado e das patrulhas de Los Angeles.

Anden ergue uma sobrancelha para ele.

– É mesmo? Lamento. Eu tinha a impressão de que nosso Senado e nossas forças armadas entendiam exatamente o *peso* das minhas palavras.

O senador seca o suor da testa e diz:

– Bem, isso... é claro que o Senado vai se curvar aos seus desejos, senhor, eu só quis dizer... bem...

– Ajude-me a convencer os outros senadores de que esta é a hora errada para investir contra o povo. – Anden se cala, encara o homem e lhe dá um tapinha no ombro. – Não quero fazer inimigos no Congresso, senador. Quero que seus companheiros e o tribunal nacional respeitem minhas decisões, da mesma forma que agiram em relação às tomadas pelo meu pai.

Usar a força fatal para debelar os rebeldes só incitará mais raiva contra o Estado.

– Mas, senhor...

– Terminaremos essa discussão depois. Estou cansado.

Embora sua resposta seja abafada pelas portas entre nós, posso sentir a frieza das suas palavras.

O senador resmunga alguma coisa e faz uma reverência. Quando Anden assente com a cabeça, o homem dá meia-volta e sai apressadamente. Anden o observa se afastar e depois abre a porta do meu vagão. Os guardas batem continência. Nós nos cumprimentamos a distância.

– Vim transmitir as condições de sua soltura, June.

Anden se dirige a mim com uma formalidade distante, talvez por conta da ácida conversa que tivera com o senador. O beijo que ele me deu na noite anterior parece uma alucinação. Ainda assim, vê-lo me dá uma estranha sensação de consolo, e acabo à vontade na minha cadeira, como se estivesse na companhia de um velho amigo.

– Ontem à noite fomos informados de que houve *mesmo* um ataque em Lamar. Um trem foi destruído numa explosão, o trem em que eu deveria estar. Não sei quem é o responsável, e não conseguimos prender os infratores, mas supomos que foram os Patriotas. Temos equipes à procura deles neste momento.

– Fico satisfeita por ter sido útil, senhor – digo. Minhas mãos se apertam no meu colo e me lembram a luxuosa maciez das minhas luvas. Será que devo mesmo me sentir tão a salvo e segura neste vagão ferroviário de elite, enquanto Day está provavelmente fugindo com os Patriotas?

– Se conseguir lembrar-se de outros detalhes, srta. Iparis, por favor, sinta-se à vontade para partilhá-los comigo. Você está de volta à República, é uma de nós, e lhe dou minha palavra de que não tem nada a temer. Quando chegarmos a Pierra, sua folha pregressa será zerada. Eu pessoalmente providenciarei para que você seja reintegrada a seu posto anterior. Porém, você será designada para outra patrulha metropolitana. – Anden põe uma das mãos nos lábios e pigarreia. – Recomendei que você passe a trabalhar em uma equipe de Denver.

– Obrigada – respondo. Anden está caindo direitinho na armadilha dos Patriotas.

– Alguns senadores acham que temos sido generosos demais, mas todos concordam que você é nossa maior esperança de rastrear os líderes dos Patriotas. – Anden se aproxima e se senta ao meu lado. – Estou certo de que eles vão tentar de novo e quero que você lidere meus soldados para interceptar futuras tentativas.

– O senhor é muito generoso, Primeiro Eleitor. Sinto-me honrada – respondo, e abaixo a cabeça, numa meia reverência. – Se não se importar que eu pergunte, meu cachorro também vai ser perdoado?

Anden sorri.

– Seu cão está sendo tratado na capital e estará à sua espera quando a senhorita chegar.

Encaro fixamente os olhos de Anden; as pupilas estão dilatadas, e suas bochechas, ligeiramente rosadas.

– Entendo bem por que o Senado está insatisfeito com a sua leniência, mas é verdade que ninguém saberá protegê-lo melhor do que eu. – Preciso de um minuto a sós com ele. – Mas deve existir outra razão para ser tão generoso comigo, ou estou errada?

Anden engole em seco e olha para seu próprio retrato na parede. Meus olhos se fixam rapidamente nos guardas junto às portas do vagão do trem. Como se soubesse o que estou pensando, Anden gesticula para que os soldados saiam e aponta para as câmeras no vagão. Os soldados vão embora, e um momento depois as luzes vermelhas das câmeras piscam e se apagam. Pela primeira vez, estamos realmente sozinhos.

– A verdade é que você se tornou *muito* popular com o público. Se correr a notícia de que a prodígio mais talentosa do país está sendo condenada por traição, ou mesmo que ela foi rebaixada de posto por deslealdade... Bem, você deve entender que isso refletiria muito mal na República. E em mim. Até o Congresso sabe disso.

Minhas mãos se crispam e se abrigam no meu colo.

– Ao que parece, você e os senadores de seu pai têm códigos morais bem diferentes – digo, refletindo sobre a conversa que acabara de ouvir

entre Anden e o senador Kamion.

– Para dizer o mínimo... – desabafa, com um sorriso amargo.

– Eu não sabia que o senhor condenava tanto assim as Provas.

Anden assente.

Não parece surpreso por eu ter entreouvido a conversa.

– As Provas são uma forma obsoleta de escolher os melhores e mais brilhantes cérebros de nosso país.

É estranho ouvir isso da boca do Primeiro Eleitor.

– Por que o Senado insiste tanto na realização delas? Qual é o investimento deles nas Provas?

Anden dá de ombros.

– É uma longa história. No início, quando a República as implementou, elas eram... meio diferentes do que são hoje.

Eu me inclino para a frente. Nunca escutei nenhuma história sobre a República que não fosse filtrada pela diretoria dos colégios ou pelos sistemas de mensagens públicas, e agora o próprio Primeiro Eleitor vai me contar uma delas.

– Elas eram diferentes de que forma? – pergunto.

– Meu pai era... muito carismático. – Anden parece estar meio na defensiva.

Resposta esquisita. Digo então, tomando cuidado para parecer neutra:

– Tenho certeza de que ele tinha suas próprias convicções.

Anden cruza as pernas e encosta-se à cadeira.

– Não gosto do país em que a República se transformou – diz ele, pronunciando cada palavra lenta e pensativamente –, mas não posso fingir que não sei por que as coisas estão como estão. Meu pai tinha suas razões para fazer o que fez.

Franzo a testa. Sua frase é intrigante. Ele não havia acabado de dizer que desaprovava a ofensiva militar contra os amotinados?

– Como assim?

Anden abre e fecha a boca, como se estivesse tentando encontrar as palavras adequadas.

– Antes de meu pai se tornar o Primeiro Eleitor, as Provas eram voluntárias. – Ele para ao me ouvir sustar a respiração. – Pouca gente sabe disso; foi há muito tempo.

As Provas eram voluntárias. Nunca ouvi falar nisso.

– Por que ele mudou o sistema?

– Como eu já disse, é uma longa história. A maioria das pessoas nunca vai saber a verdade sobre a formação da República, e isso é bem fundamentado. – Ele passa uma das mãos no cabelo ondulado, depois encosta um cotovelo no parapeito da janela e me pergunta: – Você quer saber?

Que pergunta mais retórica!

Sob as palavras de Anden detecto certa solidão. Nunca havia pensado nisso, mas agora me dou conta de que eu talvez seja a única pessoa com quem ele já tenha se aberto. Inclino-me para a frente, faço um sinal positivo com a cabeça e espero que ele continue:

– Originalmente, a República foi constituída no meio da pior crise que a América do Norte, o mundo inteiro, por sinal, já havia vivenciado. Inundações tinham destruído o litoral leste da América, e milhões de pessoas daquela região estavam se dirigindo para o oeste. Nenhum de nossos estados tinha capacidade para recebê-las. Não havia empregos, comida ou abrigos. O país enlouqueceu de medo e pânico. Os protestos saíram do controle. Os manifestantes arrancavam soldados, policiais e pacificadores de seus carros, depois os espancavam até a morte ou os queimavam vivos. Todas as lojas foram saqueadas, todas as vitrines quebradas. – Ele respira fundo. – O governo federal tentou ao máximo manter a ordem, mas uma calamidade após a outra impossibilitou que isso ocorresse. As autoridades não tinham dinheiro para lidar com todas as crises, e o resultado foi uma anarquia total.

Houve um período em que a República não exercia controle sobre o povo? Impossível. Tive dificuldade em imaginar isso, até perceber que Anden poderia estar se referindo ao governo dos antigos Estados Unidos.

– Então nosso Primeiro Eleitor assumiu o poder. Ele era um jovem oficial das forças militares, apenas alguns anos mais velho do que sou

agora, e ambicioso o bastante para conquistar o apoio das tropas insatisfeitas do oeste. Ele declarou que a República era um país separado, dissidente da União, e impôs a lei marcial ao oeste. Os soldados podiam atirar à vontade, e depois de ver seus companheiros torturados e mortos nas ruas, não tiveram dúvida na hora de aproveitar ao máximo seu recém-adquirido poder. Virou um *nós contra eles*, isto é, os militares contra o povo. – Anden olha para seus mocassins reluzentes, aparentemente envergonhado. – Muitas pessoas foram mortas antes que os militares conseguissem tomar posse do controle da República.

Não posso deixar de me perguntar que Metias teria pensado disso. Ou meus pais. Teriam aprovado? Teriam obrigado a haver ordem em pleno caos, daquela maneira?

– E as Colônias? – pergunto. – Elas se aproveitaram disso tudo?

– Na época, a metade ao leste da América do Norte estava ainda pior. Metade de suas terras estava debaixo d'água. Quando o Primeiro Eleitor da República fechou as fronteiras, o povo de lá ficou sem ter para onde ir, por isso declarou guerra contra nós. – Anden se apruma. – Depois de tudo isso, o Primeiro Eleitor se comprometeu a jamais permitir que a República desmoronasse dessa forma, por isso ele e o Senado concederam aos militares um nível inédito de poder que dura até hoje. Meu pai e os Eleitores que o precederam garantiram que tudo permanecesse dessa forma.

Ele balança a cabeça e esfrega o rosto com as mãos antes de continuar:

– O objetivo das Provas era incentivar o trabalho duro e o atletismo, para produzir mais pessoas com qualidades para serem militares, e isso foi feito. Mas as Provas foram também usadas para extirpar os fracos e os rebeldes. E, gradativamente, foram também usadas para controlar o excesso de população.

Os fracos e os rebeldes. Estremeço. Day se encaixava na segunda categoria.

– Isso quer dizer que você sabe o que acontece com as crianças que são reprovadas na Prova? Eles fizeram isso para reduzir a população?

– Sim. – E hesita antes de prosseguir com a explicação: – No começo, as Provas faziam sentido. Elas visavam atrair os melhores e mais aptos a

entrarem para as forças armadas. Com o passar do tempo, acabaram sendo aplicadas em todos os colégios. Mas isso não foi suficiente para meu pai... Ele queria que só os melhores sobrevivessem. Quaisquer outros eram, sinceramente, considerados um desperdício de espaço e recursos. Meu pai sempre me dizia que as Provas eram absolutamente necessárias para que a República prosperasse. E recebeu muito apoio do Senado ao tornar obrigatórios os exames, especialmente depois que começamos a vencer mais batalhas graças a eles.

Minhas mãos começam a ficar dormentes. Pergunto baixinho:

– Você acha mesmo que as políticas do seu pai funcionaram?

Anden abaixa a cabeça, tentando encontrar as palavras apropriadas.

– Como posso responder a isso? As políticas do meu pai *funcionaram*. As Provas *fortaleceram* nossas tropas. Mas será que isso classifica como *certo* o que ele fez? Penso nisso o tempo todo.

Mordo o lábio e, de repente, compreendo a confusão que Anden deve sentir, porque o amor que sente pelo pai bate de frente com o que ele acredita ser agora o melhor para a República.

– O *certo* é relativo, não é? – pergunto.

Anden concorda com a cabeça e acrescenta:

– Sob alguns aspectos, não importa por que tudo começou, ou se alguma vez foi a coisa certa a fazer. O que importa é que, com o passar do tempo, as leis evoluíram e se desvirtuaram. As coisas mudaram. A princípio, as crianças não eram submetidas às Provas, e nem as Provas favoreciam os ricos. As pragas... – Ele vacila ao pronunciar essas palavras e depois muda completamente de assunto. – O povo está zangado, mas o Senado receia mudar coisas que poderiam fazer com que o governo voltasse a perder o controle de novo. E, para os senadores, as Provas são uma forma de reforçar o poder da República.

Há uma profunda tristeza no rosto de Anden. Compreendo a vergonha que ele sente por fazer parte desse legado.

– Lamento – digo em voz baixa.

Sinto o impulso de tocar na mão dele, de poder consolá-lo de alguma forma.

Os lábios de Anden formam um sorriso hesitante. Vejo claramente seu desejo, sua perigosa vulnerabilidade, a intensidade com que ele me deseja. Se alguma vez duvidei disso, agora tenho certeza. Fico rapidamente de costas, na esperança de que, ao contemplar a paisagem nevada lá fora, possa talvez amenizar o rubor de meu rosto.

– Diga-me uma coisa... – murmura ele. – O que você faria se estivesse no meu lugar? Como Primeira Eleitora da República, qual seria seu primeiro ato?

– Conquistar o apoio do povo – respondo sem hesitação. – O Senado não teria nenhum poder sobre você, se a população pudesse ameaçar os senadores com uma revolução. Você precisa que as pessoas o apoiem, e elas precisam de um líder.

Anden se acomoda em seu assento; parte da tépida luz do vagão incide sobre o casaco dele e delineia seu vulto em dourado. Alguma coisa em nossa conversa fez brotar uma ideia dentro dele, algo que ele talvez estivesse acalentando há tempos.

– Você seria uma ótima senadora, June – diz ele. – Seria uma ótima aliada para seu Primeiro Eleitor, e o povo adora você.

Minha mente começa a rodopiar. Eu *poderia* ficar aqui na República e ajudar Anden. E me tornar senadora quando tivesse idade suficiente. Reaver minha vida. Deixar Day para trás junto com os Patriotas. Sei que essa ideia é muito egoísta, mas não consigo abandoná-la. *Afinal de contas, o que há de tão errado em ser egoísta?* Reflito amargamente. Eu poderia contar agora mesmo ao Anden tudo sobre os planos dos Patriotas, sem me importar se os Patriotas vão ficar sabendo ou se vão machucar Day por causa disso, e voltar a viver uma vida segura de uma garota rica, como uma funcionária da elite do governo. Eu poderia homenagear a memória do meu irmão ao mudar lentamente o país agindo dentro do sistema. Eu poderia mesmo fazer isso, não?

Que horror! Ignoro essa fantasia soturna. A ideia de deixar Day para trás dessa maneira, de traí-lo tão completamente, de nunca mais abraçá-lo, de *jamais voltar a vê-lo* me faz cerrar os dentes de tanto sofrimento. Fecho os olhos por um instante e sinto suas mãos gentis e calejadas, sua ferocidade

apaixonada. Não, eu jamais poderia abandoná-lo. Sei disso agora com tanta certeza que chego a ficar assustada. Depois de tudo que sacrificamos, é evidente que merecemos uma vida – ou *alguma coisa* – juntos, quando tudo isso acabar. Talvez fugir para as Colônias ou reconstruir a República... Anden quer a ajuda de Day; nós podemos todos trabalhar juntos. Como eu poderia suportar dar as costas a quem representa para mim uma luz no fim do túnel? *Preciso encontrá-lo. Preciso contar tudo a Day.*

Mas não devo me precipitar. Preciso primeiro encontrar a melhor maneira de contar a verdade a Anden, agora que estamos finalmente sozinhos. Não há muita coisa que eu possa dizer sem correr o risco de colocar tudo a perder. Se contar muita coisa, ele pode fazer algo que alerte os Patriotas. Ainda assim, resolvo fazer um esforço. No mínimo, preciso fazer com que ele confie cegamente em mim. Preciso que ele me apoie quando eu sabotar os planos dos Patriotas.

– Você confia em mim?

Desta vez, coloco minha mão sobre a dele.

Anden se enrijece, mas não se afasta. Seus olhos examinam o meu rosto, talvez se perguntando no que estava pensando quando fechei os olhos.

– Talvez eu devesse lhe fazer a mesma pergunta – responde ele, com um sorriso hesitante.

Nós dois estamos falando sobre duas coisas distintas. Os segredos que compartilhamos e os que deixamos de compartilhar.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, esperando que ele leve minhas palavras a sério.

– Faça exatamente o que eu disser quando chegarmos a Pierra. Promete? *Exatamente* o que eu disser.

Ele inclina a cabeça; suas sobrancelhas estão franzidas, demonstrando perplexidade. Ele dá de ombros e concorda com a cabeça. Parece compreender que estou tentando lhe dizer algo, sem dizê-lo em voz alta. Quando chegar a hora de os Patriotas agirem, espero que Anden se recorde de sua promessa.



DAY

Eu, Pascao e os outros corredores passamos metade do dia na superfície, depois do ataque ao trem. Amontoados em becos ou em cima de telhados abandonados, driblando os soldados que vasculham as ruas perto da estação. Só quando o sol começa a se pôr, podemos finalmente voltar, um de cada vez, para o quartel subterrâneo dos Patriotas.

Pascao e eu não falamos sobre o que aconteceu perto do trem. Jordan, a tímida corredora com tranças ruivas, pergunta duas vezes se estou bem. Eu apenas encolho os ombros.

Pois é, alguma coisa está errada, sim. *Esse* é o eufemismo do ano.

Quando chegamos ao quartel, todos estão se preparando para partir para Pierra: alguns estão destruindo documentos, enquanto outros estão deletando dados dos computadores. A voz de Pascao é uma distração bem-vinda.

– Bom trabalho, Day – diz ele. Está sentado a uma mesa encostada na parede dos fundos do abrigo. Abre a lateral da jaqueta onde escondeu dúzias de granadas compactas roubadas do trem. Cautelosamente, amontoa cada uma delas em uma caixa abarrotada de engradados vazios de ovos. – Dá só uma olhadinha. – Ele aponta para um monitor na extremidade à direita da parede dos fundos. A tela mostra a imagem de uma grande praça da cidade, onde um grupo de pessoas se aglomerou ao redor desta palavra grafitada na lateral de um prédio.

Leio o que o povo grafitou na parede do edifício pelo menos três ou quatro vezes: “*Day está vivo!*” Os espectadores gritam alegremente, e alguns estão até segurando cartazes feitos à mão com aquela mesma frase escrita neles.

Se não estivesse tão concentrado no paradeiro de Éden, no sinal misterioso de June e na Tess, eu teria me empolgado ao ver o que incitei.

– Obrigado – respondo, talvez de maneira excessivamente ríspida. – Legal eles terem gostado da confusão.

Pascao cantarola alegremente num sussurro, sem tomar conhecimento do meu tom de voz.

– Vá ver se a Jordan precisa de ajuda.

Enquanto caminho até o corredor, passo por Tess. Baxter está atrás dela. Levo só um segundo para perceber que ele está tentando passar um braço ao redor do pescoço dela e falar alguma coisa em seu ouvido. Tess o empurra quando me vê. Estou abrindo a boca para falar com ela quando Baxter me dá um encontrão forte no ombro, forte o bastante para me obrigar a recuar uns dois passos e fazer meu quepe cair. Meu cabelo se solta.

Baxter dá um risinho de deboche para mim. A tira preta de soldado lhe obscurece a maior parte do rosto.

– Dá um tempo, cara! – exclama ele. – *Tá pensando que é dono desse lugar?*

Cerro os dentes, mas os olhos arregalados de Tess me detêm. Digo a mim mesmo: *Ele não vale a pena.*

– Sai logo da minha frente! – digo rispidamente e dou as costas.

Atrás de mim ouço Baxter resmungar algo baixinho, o que basta para eu parar e o encarar de novo. Meus olhos se estreitam.

– *Repete* o que você disse.

Ele sorri de orelha a orelha, enfia as mãos nos bolsos e levanta o queixo.

– Perguntei se você está com ciúme porque o Primeiro Eleitor está comendo sua garota.

Quase consigo engolir a provocação. Quase. Mas Tess intervém e empurra Baxter com as duas mãos.

– Deixa Day em paz, falou? Ele teve uma noite difícil.

Baxter grunhe alguma coisa, irritado.

– Você é uma idiota por acreditar nesse adorador da República, garotinha. – fala ele, dando um empurrão na Tess.

Minha ira vem à tona. Nunca fui de briga. Sempre tentei me manter longe delas nas ruas de Lake, mas toda a raiva que estava se acumulando dentro de mim me faz perder a cabeça quando vejo Baxter tocar em Tess.

Eu me arremesso para a frente e soco o queixo dele o mais forte que posso.

Ele desaba em uma das mesas e depois cai no chão. No mesmo instante, as pessoas próximas explodem em berros e gritos, formando um círculo em volta de nós dois. Antes que Baxter possa ficar de pé, salto em cima dele, e meu punho acerta seu rosto duas vezes.

Ele emite um grunhido. De repente, o peso dele o ajuda a assumir o controle da luta. Ele me empurra com tanta força que me atira na lateral de uma mesa de computador, depois me levanta com um puxão, agarra minha jaqueta e me lança contra a parede. Baxter me ergue do chão, depois solta meu corpo e me dá um soco tão forte no estômago que fico sem ar.

– Você *não* é um de nós, você *tá* do lado *deles* – retruca ele. – Você se desviou da nossa missão no trem de propósito? – Sinto um joelho atingir a lateral do meu corpo. – Cara, eu vou matar você, seu traidor desgraçado! Vou esfolar você vivo!

Estou furioso demais para sentir a dor. Consigo erguer uma perna e chutá-lo no peito o mais forte possível. Pelo canto do olho reparo que alguns Patriotas estão apostando em quem vencerá essa luta. Um duelo improvisado de Skiz. Por um instante, Baxter me faz lembrar de Thomas, e de repente tudo que vejo é minha antiga rua em Lake, com Thomas apontando a arma para minha mãe e soldados arrastando John para um jipe que os esperava. Amarrando Éden com tiras numa daquelas macas metálicas de laboratório. Prendendo June. Machucando Tess. Sinto a raiva tingir meus olhos de vermelho. Eu me arremesso de novo contra ele, com um gancho de direita.

Mas Baxter está pronto para mim. Ele golpeia meu braço e joga todo o seu peso contra mim. Minhas costas batem com violência no chão. Baxter dá um largo sorriso, prende meu pescoço com uma das mãos e se prepara para socar meu rosto. Abruptamente, ele me solta. Respiro fundo quando seu corpo pesado sai de cima do meu peito e aperto a cabeça quando sinto começar uma das minhas fortes dores de cabeça. Em algum lugar acima de mim, ouço a voz de Tess, e Pascao gritando para Baxter parar com aquilo. Todos falam ao mesmo tempo. *Um... dois... três.* Conto números

mentalmente, esperando que esse pequeno exercício tire o foco da dor. Antigamente, era muito mais fácil combater essas enxaquecas. Talvez Baxter tenha batido na minha cabeça, e eu nem tenha me dado conta.

– Você está bem? – As mãos de Tess estão no meu braço, me puxando para eu me levantar.

Ainda estou tonto com a dor da minha enxaqueca, mas a raiva passou. De repente sinto meu rosto ardendo, dolorido.

– Estou ótimo – respondo, com voz rouca, examinando o rosto dela. – Ele machucou você?

Baxter me olha furioso de onde Pascao está tentando acalmá-lo. Os que estavam ao nosso redor já voltaram ao que faziam, provavelmente desapontados porque a luta não durou mais tempo. Eu me pergunto quem eles decidiram que foi o vencedor.

– Eu estou legal – responde Tess. Ela passa a mão rapidamente pelo cabelo curto. – Não se preocupe.

– Tess! – grita Pascao. – Veja se o Day precisa de algum curativo. Temos um cronograma a seguir.

Tess me conduz pelo corredor, fora da sala comunitária. Entramos em um dos cômodos do bunker, que foi transformado em um hospital temporário, e fechamos a porta. Estamos rodeados por prateleiras empilhadas até o alto com um sortimento de vidros de comprimidos e caixas de ataduras. No meio da sala há uma mesa, que só deixa um pequeno espaço para as pessoas se movimentarem. Eu me acomodo na mesa enquanto Tess enrola as mangas. Ela pergunta:

– Você está com dor em algum lugar?

– Estou ótimo – repito, mas no momento em que digo isso estremeço e seguro o lado do corpo –, isto é, talvez eu esteja meio estropiado.

– Deixa eu ver – diz Tess, firmemente. Ela põe minha mão de lado e desabotoa minha camisa. Tess já me viu sem camisa antes (já perdi a conta de quantas vezes ela fez curativos em mim), mas agora há um visível constrangimento entre nós. Suas bochechas ficam quase vermelhas quando ela passa a mão no meu peito e depois no estômago, e apalpa as laterais do meu corpo.

Respiro fundo quando ela toca num local sensível.

– Foi bem aí que o joelho dele me atingiu.

Tess analisa meu rosto.

– Está com vontade de vomitar?

– Não.

– Você não devia ter feito aquilo – diz ela, enquanto age. – Diga “aa!” –

Abro a boca. Ela toca o meu nariz com um lenço de papel, inspeciona minhas orelhas e depois sai rapidamente.

Volta alguns segundos depois com uma bolsa de gelo.

– Coloque isto aqui no local que está doendo.

Faço o que ela me diz.

– Você se tornou uma profissional.

– Aprendi muito com os Patriotas.

Quando ela termina de examinar meu peito para finalmente olhar nos meus olhos, ela sustenta meu olhar com o dela.

– O Baxter não gosta da sua... atração por uma garota ex-militar da República – resmunga ela. – Mas não deixe que ele mexa com você daquele jeito, tá bem? Não faz sentido morrer por bobagem.

Lembro o braço de Baxter ao redor do pescoço de Tess; perco a calma de novo e, subitamente, sinto necessidade de proteger Tess da maneira como fazia quando vivíamos nas ruas.

– Ei, amiga! – digo suavemente. – Mil desculpas pelo que eu disse. Sobre... você sabe.

Tess enrubesce ainda mais.

Luto para encontrar as palavras certas.

– Você não precisa que eu tome conta de você – digo, com um riso constrangido, e toco no nariz dela com a ponta do dedo. – Isto é, você já deve ter se preocupado comigo umas mil vezes. Sempre precisei mais da sua ajuda do que você da minha.

Tess se aproxima de mim e baixa os olhos timidamente; esse gesto me faz esquecer meus problemas. Às vezes, esqueço como é legal a dedicação constante de Tess; ela é uma rocha na qual posso me apoiar, mesmo nas horas mais difíceis. Embora nossos dias em Lake tenham sido uma

constante luta por sobrevivência, hoje eles parecem tão mais simples. Desejo poder voltar àquele tempo, dividindo migalhas de comida e qualquer outra coisa que conseguíssemos encontrar. Se June estivesse aqui, o que teria acontecido? Ela provavelmente também teria atacado Baxter e se saído muito melhor do que eu, em todas as outras coisas também. Ela não teria precisado de mim.

A mão de Tess permanece no meu peito, embora ela já não esteja procurando ferimentos. Eu me dou conta de como ela está perto. Seus olhos grandes e castanhos vagueiam até encontrar os meus. Ao contrário dos de June, são muito fáceis de interpretar. A imagem de June beijando o Primeiro Eleitor volta a surgir na minha cabeça, o que faz meu estômago se contorcer. Antes que eu possa pensar sobre outra coisa, Tess se inclina e comprime os lábios contra os meus. Minha mente fica vazia, completamente atônita. Um rápido frêmito percorre meu corpo.

Entorpecido, deixo que ela continue.

Depois, eu me afasto bruscamente. Minhas mãos suam frio. Que foi *aquilo*? Eu devia ter imaginado que isso aconteceria e deveria ter impedido Tess imediatamente. Ponho as mãos nos ombros dela. Quando vejo a mágoa que seus olhos expressam, compreendo o tamanho do meu erro.

– Não posso, Tess.

– Por quê? Você está casado com a June, por acaso?

– Não, mas é que... – Minhas palavras hesitam, tristes e impotentes. – Desculpe, eu não devia ter feito isso, pelo menos, não agora.

– O que você me diz do fato de June estar *beijando* o Primeiro Eleitor? O que você acha disso? Você vai mesmo ser fiel a uma pessoa que nem sua é?

June, sempre June. Eu a odeio por um instante e me pergunto se tudo teria sido melhor se nós nunca tivéssemos nos conhecido.

– Isso não tem nada a ver com a June. Ela está apenas desempenhando um papel, Tess. – Afasto-me até estarmos a um palmo de distância um do outro. – Ainda não consegui entender direito esse lance que está rolando entre a gente. Você é minha melhor amiga; não quero enganar você quando nem eu sei o que estou fazendo.

Tess ergue as mãos, indignada.

– Você sai beijando qualquer garota da rua sem pensar duas vezes, mas quando é comigo...

– Você não é qualquer garota da rua – retruco. – Você é a Tess.

Seu olhar reluz de tanta raiva, e ela expressa sua frustração mordendo o lábio com tanta força que sangra.

– Eu não entendo você, Day. – Todas as palavras me atingem com força calculada. – Eu não entendo mesmo, mas, mesmo assim, vou tentar ajudá-lo. Você não percebe mesmo como a sua preciosa June mudou sua vida?

Fecho os olhos e pressiono as duas mãos nas têmporas.

– Pare.

– Você acha que está apaixonado por uma garota que conhece há menos de um mês, uma garota que... que é responsável *pela morte da sua mãe e pela morte de John?*

Ecoss do que ela disse no meu quarto.

– Que droga, Tess! Não foi culpa dela...

– *Não foi?* – diz Tess, irada. – Day, *atiraram na sua mãe por causa da June!* E você age como se a *amasse?* Eu sempre ajudei você, tenho estado ao seu lado desde que nos conhecemos. Você acha que estou sendo infantil? Bem, não estou nem aí. Eu nunca disse uma palavra sobre as outras garotas com quem você andava, mas não posso aguentar ver você escolher uma garota que só faz magoar você. A June alguma vez ao menos pediu desculpas pelo que aconteceu, ela precisou se esforçar para ter o seu perdão? Qual é o seu problema, cara?

Em resposta ao meu silêncio, ela põe a mão no meu braço e fala com mais calma agora:

– Você a ama? Ela ama você?

Se eu a *amo?* Eu disse isso a ela naquele banheiro em Vegas e fui sincero. *Ela não disse que me amava também.* Talvez ela nunca tenha sentido o mesmo que eu; se duvidar, só estou me iludindo.

– Eu não sei, tá satisfeita? – Minhas palavras soam mais raivosas do que o necessário.

Tess está tremendo. Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça, silenciosamente tira a bolsa de gelo da lateral do meu corpo e abotoa minha camisa. O abismo entre nós aumenta. Eu me pergunto se algum dia vou conseguir alcançar o outro lado novamente.

– Você não tem nada grave – afirma num tom monótono ao virar as costas para mim. Para em frente à porta e, ainda de costas, diz: – Confie em mim, Day. Estou falando isso para o seu bem. June ainda vai partir seu coração. Ela vai despedaçar você em um milhão de pedaços.

JUNE

TRIBUNAL DE OLAN, EM PIERRA EM TORNO DE 9H. 2°C DO LADO DE FORA.

Finalmente chegou o dia do assassinato de Anden, e tenho três horas antes de os Patriotas agirem.

Na noite da véspera, recebi mais uma visita daquela soldado que me dera a mensagem anterior dos Patriotas. Estou deitada, sem conseguir pregar o olho, e ela sussurra no meu ouvido:

– Bom trabalho. Amanhã você vai ser perdoada pelo Eleitor e os senadores, e eles vão libertá-la no Tribunal de Olan, em Pierra. Agora, preste atenção: quando tudo tiver terminado no tribunal, os jipes do Primeiro Eleitor levarão todos vocês até as instalações militares de Pierra. Os Patriotas estarão esperando ao longo dessa rota.

A militar parou, para ver se eu tinha alguma pergunta, mas continuei olhando direto para a frente. De qualquer forma, sei exatamente o que os Patriotas querem que eu faça: que separe Anden de seus guardas. Quando ele estiver praticamente sozinho, os Patriotas o arrastarão para fora do seu jipe e o matarão a tiros. Vão filmar e gravar o episódio, e depois divulgá-lo para a República inteira, usando os alto-falantes e os telões sabotados da Capital Tower, em Denver.

Como eu não disse nada, a soldado pigarreou e continuou, com voz apressada:

– Fique atenta para uma explosão na rodovia. Quando você a escutar, faça com que Anden mande seu comboio tomar outro caminho. Certifique-se de separar o Primeiro Eleitor dos guardas dele; diga-lhe para confiar em você. Se você tiver feito seu trabalho direito, ele vai seguir suas orientações.

– A moça deu um breve sorriso. – Quando Anden estiver separado dos outros jipes, o resto é por nossa conta.

Passei o resto da noite pensando em mil coisas ao mesmo tempo.

Agora, enquanto sou levada para o edifício do tribunal de justiça, examino os topos dos telhados e os becos dos outros prédios na rua, prestando atenção nos olhos dos Patriotas, perguntando-me se dois deles são azuis brilhantes. Day deve estar entre os Patriotas que se encontram aqui hoje. Dentro das minhas luvas pretas, minhas mãos estão suando frio. Mesmo que ele tenha visto meu sinal, será que entendeu o que eu quis dizer? Saberá que precisa largar o que está fazendo e fugir?

À medida que me dirijo à grande entrada em arco da sala do tribunal, memorizo, por puro hábito, os nomes das ruas e dos locais: onde fica a principal base militar, onde o hospital de Pierra surge a distância. Acho que posso perceber os Patriotas se posicionando. Há uma imobilidade no ar, muito embora os edifícios estejam abarrotados de gente e as ruas sejam estreitas; soldados e civis – a maioria deles pobre e designada para atender às tropas – movem-se nas ruas, afobados. Alguns dos soldados uniformizados ficam olhando para nós mais do que o necessário. Eu os observo cuidadosamente. Deve haver Patriotas nos vigiando. Mesmo dentro do edifício, está frio o bastante para minha respiração formar pequenas nuvens, e tremo sem parar. (O pé-direito tem pelo menos seis metros de altura, e os pisos são de madeira sintética envernizada – a julgar pelo som das botas sobre eles. Esse material não favorece a retenção de calor no inverno.)

– Isso vai demorar muito tempo? – pergunto a uma dos guardas, quando sou escoltada até meu assento na frente da sala do tribunal. Minhas botas, quentes, de couro à prova d'água, ecoam ruidosamente no piso. Estremeço, apesar do casaco transpassado.

A guarda com quem falei acena negativamente, constrangida.

– Creio que não, srta. Iparis – responde ela, com uma gentileza estudada.
– O Eleitor e os senadores estão nas deliberações finais. Provavelmente deve demorar pelo menos mais meia hora.

Isso é muito interessante. Como o próprio Eleitor vai me perdoar hoje, os guardas não sabem direito como se comportar. Escoltar-me como uma

criminosa? Ou tratar-me com deferência, como se eu fosse uma agente de alta patente de uma das patrulhas da capital?

A espera se arrasta. Eu estou meio tonta. Deram-me um remédio depois que finalmente comentei com Anden sobre meus sintomas, um pouco mais cedo, mas não ajudou muito. Minha cabeça continua quente, e estou com dificuldade para contar o tempo mentalmente.

Afinal, quando contei vinte e seis minutos (talvez com margem de erro de três ou quatro segundos), Anden aparece vindo das portas na extremidade da sala, com um grupo de autoridades atrás dele. É evidente que nem todos estão felizes; alguns senadores mostram relutância, com as bocas repuxadas em linhas finas. Reconheço o senador Kamion entre eles, o homem com quem Anden havia discutido no trem a caminho daqui. Seu cabelo grisalho está desgrenhado. Vejo também a senadora O'Connor, de quem me lembro por aparecer em algumas manchetes, gorda, com cabelo ruivo e ralo e boca semelhante à de um sapo. Não conheço os demais. Além dos senadores, dois jovens jornalistas ladeiam Anden. Um está com a cabeça baixa, teclando freneticamente num notepad, enquanto o segundo se esforça para manter seu gravador perto o bastante de Anden.

Levanto-me quando eles se aproximam de mim. Os senadores que estavam discutindo entre si ficam em silêncio. Anden faz um sinal com a cabeça para meus guardas e declara:

– June Iparis, o Congresso a perdoou por todos os crimes contra a República, sob a condição de que a senhorita continue a servir à sua nação de acordo com o melhor de sua capacidade. Temos um acordo, srta. Iparis?

Faço um sinal positivo com a cabeça. Mesmo esse pequeno movimento me deixa tonta.

– Sim, senhor Primeiro Eleitor.

O jornalista ao lado de Anden tecla rapidamente nossas palavras. A tela de seu notepad bruxuleia sob os dedos velozes.

Anden percebe minha indiferença. Compreende que meu estado de saúde não melhorou.

– Meus senadores me informaram que a senhorita vai precisar se submeter a um período probatório, durante o qual será *atentamente* vigiada,

até todos nós podermos concordar que está pronta para retornar ao serviço. A senhorita será designada para as patrulhas da capital. Vamos discutir a patrulha para a qual a senhorita será designada, depois que nos acomodarmos na base de Pierra hoje à tarde. – Ele ergue as sobrancelhas e se vira para a direita e a esquerda. – Algum comentário, senadores?

Eles permanecem calados. Um deles finalmente fala, com um mal disfarçado sorriso de escárnio.

– Compreenda que a senhorita ainda não está livre de suspeita, agente Iparis. Será vigiada de perto. A senhorita deve considerar nossa decisão um ato de enorme piedade.

– Obrigada, Primeiro Eleitor – respondo, fazendo-lhe uma breve continência. – Obrigada, senadores.

– Obrigada à *senhorita* por toda a sua ajuda – diz Anden, com uma sutil mesura. Mantenho a cabeça baixa, para não ter de encontrar o olhar dele e ver o duplo significado de suas palavras: ele está me agradecendo pela ajuda que eu supostamente lhe prestei e pela ajuda que deseja de Day e de mim.

Em algum lugar lá fora, Day está posicionado com os outros. Esse pensamento me deixa nauseada de ansiedade.

Os soldados começam a escoltar nosso grupo de volta à frente da sala de conferências e em direção a nossos respectivos carros. Dou cada passo devagar e com cuidado, esforçando-me para manter o foco. Não é hora de falhar por causa de doença. Mantenho os olhos na entrada do salão. Desde nossa viagem de trem, essa é a única das ideias que tive que pode dar certo. Algo que irá atrapalhar o plano dos Patriotas, uma coisa que evitará que sigamos para a base militar de Pierra.

Espero que dê certo. Não posso me dar o luxo de cometer erros.

Faltando uns três metros para chegar às portas, tropeço. No mesmo instante me aprumo e continuo a andar, porém tropeço mais uma vez. Ouço murmúrios dos senadores atrás de mim.

– Qual é o problema?

Anden aparece; seu rosto paira sobre mim. Dois de seus guardas pulam à sua frente, e uma deles diz:

– Senhor Primeiro Eleitor, por favor, recue. Nós nos encarregamos do problema.

– O que aconteceu? – pergunta Anden, primeiro aos soldados e depois a mim. – A senhorita está ferida?

Não é muito difícil fingir que vou desmaiar. O mundo ao meu redor desvanece e depois se anima de novo. Minha cabeça dói. Levanto a cabeça, olho para Anden e me deixo cair no chão.

Ouçõ exclamações atônitas à minha volta. Depois meus ouvidos se aguçam quando escuto Anden acima delas todas, dizendo exatamente o que eu esperava que ele dissesse.

– Levem-na para o hospital. Imediatamente.

Ele se lembrou do meu último conselho, o que eu lhe disse no trem.

– Mas, senhor Primeiro Eleitor... – protesta a mesma guarda que havia interferido segundos antes.

A voz de Anden assume um tom gélido.

– Está questionando minhas ordens, soldado?

Mãos fortes me ajudam a ficar de pé novamente. Atravessamos as portas e saímos para a luz da manhã nublada. Entrecerro os olhos e examino os arredores, sempre procurando rostos desconfiados. Os guardas me carregando seriam Patriotas disfarçados?

Olho de relance para eles, mas suas expressões estão completamente impassíveis. A adrenalina percorre meu corpo: já tomei uma atitude. Os Patriotas sabem que me desviei do plano, mas não sabem se o fiz intencionalmente. O importante é que o hospital fica em um local oposto ao que leva à base de Pierra, onde nos espreitam os Patriotas. Anden vai me seguir. Os Patriotas não terão tempo de reajustar suas posições.

E se os outros Patriotas tomarem conhecimento disso, Day também tomará. Fecho os olhos e espero que ele chegue ao fim sem fraquejar. Tento mandar-lhe uma mensagem silenciosa. *Fuja! Quando você souber que me desviei do plano, corra o mais rápido possível.*

Um guarda me levanta e me coloca no assento traseiro de um dos jipes que estão à espera. Anden e seus soldados entram no jipe à nossa frente. Os senadores, perplexos e indignados, dirigem-se para seus carros oficiais.

Preciso me obrigar a não sorrir quando sento, displicente, espiando pelas janelas. O jipe sai com uma arrancada. Através do para-brisa, vejo o jipe de Anden se afastando do tribunal.

Então, no momento em que começo a me parabenizar pela brilhante execução do meu plano, reparo que os jipes continuam a se dirigir para a base. Não estão indo para o hospital. Minha alegria temporária desaparece e é substituída pelo medo.

Um dos guardas também nota o sentido que os jipes tomaram, e vira-se irritado para o soldado que está dirigindo:

– Ei, motorista! Este caminho está errado. O hospital fica no lado esquerdo da cidade. – Ele suspira. – Alguém me coloque em contato com o motorista do Primeiro Eleitor. Nós...

O motorista o ignora e comprime uma das mãos fortes e nodosas no ouvido para escutar melhor, depois olha de relance para nós, no banco traseiro, com desagrado.

– Negativo. Acabamos de receber ordens para manter o trajeto original. O Comandante DeSoto disse que o Primeiro Eleitor quer que a srta. Iparis seja levada ao hospital depois.

Fico gelada. Razor deve estar mentindo para o motorista de Anden. Duvido seriamente que Anden desse essa ordem a seus motoristas. Razor vai adiante com o plano; ele vai nos obrigar, de qualquer maneira, a percorrer o caminho pretendido.

Não importa a razão: continuamos a nos dirigir direto para a base de Pierra, isto é, direto para as garras dos Patriotas.



DAY

Finalmente chegou o dia do assassinato do Eleitor. Ele chega como um furacão avassalador de mudanças, prometendo tudo que estou prevendo e temendo. Prevendo: a morte do Eleitor. Temendo: o sinal de June.

Ou talvez seja ao contrário.

Ainda não sei o que interpretar daquele sinal. Isso me deixa nervoso; se fosse de outra maneira, eu sentiria apenas uma sensação crescente de entusiasmo. Bato, inquieto, no cabo da minha faca. *Tenha cuidado, June.* Esse é o único pensamento seguro que tenho na cabeça. *Tenha cuidado: pelo seu bem e pelo nosso.*

Estou empoleirado precariamente na beira de um parapeito em ruínas, numa antiga fachada de um edifício, a quatro andares de altura e oculto da rua, com duas granadas e uma arma enfiada com segurança no cinto. Como os demais Patriotas, visto uma jaqueta preta da República, de modo que, a distância, pareço um soldado da República. Uma tira preta se estende mais uma vez de um lado a outro dos meus olhos. A única coisa que nos diferencia é uma faixa branca nos braços esquerdos (ao invés de nos direitos). Daqui, posso ver os trilhos de trem que passam ao longo de uma rua próxima, dividindo Pierra pela metade. À minha direita, num pequeno beco a três prédios de distância, fica a entrada para o túnel dos Patriotas em Pierra. Seu *bunker* subterrâneo está vazio agora. Estou sozinho neste prédio abandonado, embora tenha certeza de que Pascao pode me ver do seu ponto de observação num telhado do outro lado da rua. O ruído surdo do meu coração contra minhas costelas pode provavelmente ser ouvido a quilômetros de distância.

Pela centésima vez, começo a pensar sobre por que June quer impedir o assassinato. Terá descoberto alguma coisa que os Patriotas estão escondendo de mim? Ou será que fez o que Tess antecipou e nos traiu?

Livro-me desse pensamento obstinadamente. June jamais faria isso, não depois do que a República fez com o irmão dela.

Talvez June queira impedir o assassinato porque está se apaixonando pelo Eleitor. Fecho os olhos, e a imagem dos dois se beijando me inflama a mente. Impossível. *Será que a June que eu conheço é tão sentimental assim?*

Todos os Patriotas estão em posição – os corredores no telhado, equilibrando explosivos; os hackers a um prédio de distância da entrada do túnel, prontos para filmar e transmitir o assassinato do Eleitor; há combatentes posicionados na extensão da rua abaixo de nós, em indumentária de soldado ou civil, preparados para atacar os guardas do Eleitor. Tess e alguns médicos estão espalhados, prontos para levar os feridos para o túnel. Tess, especificamente, está escondida na viela que beira a lateral esquerda do meu edifício. Após o assassinato, vamos precisar estar prontos para fugir, e ela vai ser a primeira que vou levar.

E eu, como fico nessa história? De acordo com o plano, June deve afastar o Eleitor da proteção de seus guardas. Quando virmos só seu jipe passar velozmente, os corredores vão eliminar com explosões suas rotas de fuga. Nessa hora eu vou para a rua. Depois que os Patriotas arrastarem Anden para fora do veículo, atirarei nele.

Estamos no meio da tarde, mas as nuvens fazem com que o mundo ao meu redor seja de um cinzento frio e agourento. Olho para meu relógio. Está programado para tocar na hora em que os jipes do Eleitor devem dobrar zunindo a esquina.

Faltam quinze minutos para o espetáculo começar.

Estou tremendo. Será que eu mesmo vou matar o Eleitor daqui a quinze minutos? Será que esse plano vai funcionar? Depois que tudo terminar, quando é que os Patriotas vão me ajudar a encontrar e resgatar Éden? Quando contei a Razor sobre o menino que vi a bordo do trem, ele me deu uma resposta solidária e disse que já está tomando providências para rastrear Éden. Tudo que posso fazer é acreditar nele. Tento visualizar a República sufocada por um completo caos, com o assassinato do Eleitor sendo transmitido para o povo em todos os telões da nação. Se o povo já

está se amotinando, só posso imaginar como vai reagir quando me vir atirando no Eleitor. O que acontecerá? Talvez as Colônias se aproveitem da situação e invadam subitamente a República e a frente de batalha que manteve os dois lados separados por tanto tempo.

Um novo governo. Um novo comando. Estremeço, com energia mal contida.

Nada disso explica o sinal da June, no entanto. Tento flexionar os dedos; minhas mãos estão pegajosas com um suor frio. Não tenho a menor ideia do que vai acontecer hoje.

A estática faz um zunido no meu fone de ouvido, e capto algumas palavras soltas ditas por Pascao.

– ... ruas Orange e Echo... vazias. – Sua voz se eleva: – Day?

– Estou aqui.

– Quinze minutos – diz ele. – Recapitulando. Jordan vai detonar a primeira explosão. Quando a caravana com os jipes do Eleitor passar pela rua dela, ela vai detonar a granada. June vai separar o jipe do Eleitor dos outros. Aí eu joga a minha granada, e os jipes seguirão na sua direção. *Você* joga a sua quando vir a caravana. Encurrele aquele jipe e se atire no chão. Entendido?

– Entendido – respondo. – Agora se manda rápido e vai logo para sua posição.

Esperar aqui me enjoa o estômago, pois me remete àquela noite em que fiquei esperando que as patrulhas contra a praga aparecessem na porta da casa da minha mãe. Até aquela noite parece melhor que a de hoje. Naquela época, minha família ainda estava viva, e Tess e eu ainda nos entendíamos bem. Respiro profundamente diversas vezes e solto o ar devagar. Em menos de quinze minutos vou ver a caravana do Eleitor – e June – passar por esta rua. Meus dedos roçam o topo das granadas no meu cinto.

Passa-se um minuto, depois outro.

Três minutos. Quatro minutos. Cinco minutos. Cada minuto se arrasta mais lentamente que o anterior. Minha respiração se acelera. O que será que June vai fazer? Será que ela está certa? E se ela estiver *enganada*? Acho que estou pronto para matar o Eleitor – há dias tento me convencer disso, o

que tem até me empolgado. Será que conseguiria salvar a vida dele, a vida de uma pessoa na qual não consigo pensar sem ficar enfurecido? Estou mesmo preparado para ter o sangue dele em minhas mãos? O que será que June sabe que eu não sei? O que será que descobriu para querer salvar a vida dele?

Oito minutos.

A voz de Pascao aciona o microfone.

– Atenção. Temos um atraso.

Isso me deixa tenso.

– Por quê? – pergunto.

Ele demora a responder.

– Tem alguma coisa errada com a June. Ela desmaiou ao sair do tribunal. Mas não se apavore; Razor disse que ela está ótima. Vamos reajustar os relógios para um atraso de dois minutos, compreendido?

Estou agachado e me levanto um pouco. *Ela está em ação.* Sei disso instantaneamente. Alguma coisa se agita no fundo da minha mente, um sexto sentido me dizendo que os planos para o Eleitor podem mudar, dependendo do que June fizer em seguida.

– Por que ela desmaiou? – pergunto.

– Sei lá. Os batedores disseram que ela ficou tonta, uma coisa assim.

– Então, ela já voltou ao normal?

– Parece que temos sinal verde.

“Sinal verde?” Será que o plano de June não deu certo? Eu me levanto, dou alguns passos e volto a me agachar. Há alguma coisa errada. Se vamos adiante com o plano, isso quer dizer que ela vai passar por aqui, segundo o esperado, mesmo contra sua vontade? Será que os Patriotas vão ficar sabendo que ela tentou desviar a rota? Um mau pressentimento se recusa a ir embora, independentemente do meu esforço em ignorá-lo. Alguma coisa realmente não está se encaixando.

Passam-se dois agonizantes minutos. Na minha ansiedade, descasquei uma boa parte da tinta do cabo da minha faca. Meu polegar está coberto de lascas pretas.

A várias ruas de distância, a primeira granada explode. O solo treme, o edifício estremece e uma nuvem de poeira cai do teto. Os jipes do Eleitor devem ter aparecido.

Deixo meu posto de observação no parapeito e me dirijo para o poço da escada e depois até o telhado. Mantenho-me abaixado, tomando cuidado para permanecer invisível. Daqui tenho uma vista melhor de onde está subindo a fumaça da primeira explosão e dá para ouvir os gritos assustados dos soldados próximos a ela. Eles estão a cerca de três quarteirões de distância. Eu me achato em cima das telhas quebradas quando vários guardas vêm correndo pela rua. Estão gritando algo incompreensível; aposto que estão trazendo reforços para a área do bombardeio. Tarde demais. Quando chegarem aqui, o jipe do Eleitor já terá dobrado a esquina que queríamos que dobrasse.

Pego uma das minhas granadas e a seguro cautelosamente, repassando em minha cabeça seu funcionamento, ciente de que, se eu a ativar, estarei contrariando a advertência de June. “*É uma granada de impacto*”, Pascao explicou. “*Ela explode no segundo em que atinge o alvo. Pressione a alavanca de ataque, puxe o pino, atire e se prepare.*” A distância, mais uma explosão sacode as ruas, acompanhada por uma nuvem de poeira. Baxter era o encarregado dessa; agora deve estar em algum lugar no chão, escondido num beco.

A duas quadras daqui, o Eleitor está se aproximando.

Ocorre uma terceira explosão. Essa foi muito mais perto, o jipe deve estar a apenas um quarteirão daqui. Eu me aprumo quando o chão treme com o impacto. Está chegando minha vez. *June, onde você está?* Se ela agir de repente, o que *eu* farei? No meu fone de ouvido, Pascao soa urgente:

– Preparar!

E então vejo uma coisa que me faz esquecer tudo que prometi fazer pelos Patriotas. A porta do segundo jipe se abre de súbito, e dela sai uma garota com um rabo de cavalo comprido escuro. Ela tropeça algumas vezes, depois faz um esforço e se levanta. Olha para os telhados e movimentava a mão freneticamente no ar.

É June. Ela está aqui, e agora não há dúvida de que ela não quer que eu separe o Eleitor dos seus guardas.

A voz de Pascao se faz ouvir de novo:

– Fique firme. Ignore a June; mantenha o rumo, está entendendo?

Não sei o que acontece comigo: uma eletricidade me percorre a espinha. *Não, June, você não pode parar agora, diz uma parte de mim. Quero o Eleitor morto. Quero salvar meu irmão.*

Mas lá está June, acenando os braços no meio de uma rua muito perigosa, arriscando a vida para acionar o alarme para mim. Seja qual for a sua razão, deve ser boa. *Deve ser. O que eu faço? Confie nela,* é o que me diz alguma coisa dentro de mim. Aperto os olhos para fechá-los e inclino a cabeça.

Cada segundo agora é uma ponte entre a vida e a morte.

Confie nela.

De repente, dou um pulo e corro pelo telhado. Pascao grita alguma coisa raivosa no fone de ouvido. Eu o ignoro. Quando os veículos passam perto do edifício onde estou, puxo o pino da minha granada e a arremesso o mais longe que posso, bem no local onde os Patriotas pretendiam encurralar o carro do Primeiro Eleitor.

– Day! – berra a voz frenética de Pascao. – O que você está...

A granada atinge a rua. Cubro os olhos e no mesmo instante perco o equilíbrio, quando a explosão estremece o solo. O jipe freia com um ruído semelhante a um guincho bem em frente à explosão – o jipe do Eleitor tenta desviar dos fragmentos da granada, mas um dos pneus fura e o força a parar. Bloqueei completamente a rua que os Patriotas queriam que o comboio percorresse. E os outros jipes do Eleitor continuam lá, a caravana inteira.

Agora June corre em direção ao veículo do Eleitor. Se ela está tentando salvá-lo, não tenho tempo a perder. Em um pulo, fico de pé novamente, giro o corpo para a lateral do prédio e me agarro à calha na beira do edifício. Em seguida, deslizo para baixo. A calha arrebenta e me desequilibra, mas me arremesso para fora e agarro a beira de um parapeito próximo. Meus pés

tocam o peitoril do segundo andar. Salto para o primeiro andar e giro o corpo.

A rua é um completo caos. Através dos gritos e da fumaça, consigo ver soldados da República correndo para os jipes, enquanto os soldados nos outros jipes se apressam a chegar ao Eleitor. Alguns dos Patriotas disfarçados hesitam, confusos com minha explosão mal cronometrada. Agora é tarde demais para separar o jipe do Eleitor dos demais. Há soldados demais no local. Estou entorpecido. Sob certos aspectos, tão atônito quanto eles. Ainda não sei bem por que estou fazendo exatamente o contrário do que planejei.

– Tess! – grito. Ela está exatamente onde se espera que esteja, paralisada nas sombras do meu prédio. Chego até ela e a agarro pelos ombros.

– O que está acontecendo? – grita ela também, mas eu apenas a faço girar o corpo na direção oposta ao tumulto.

– Vá para a entrada do túnel, entendeu? Não faça perguntas!

Apono para a direção do *bunker* dos Patriotas, onde deveríamos nos esconder depois do assassinato. Tess está boquiaberta de pavor, mas faz o que digo, corre para a segurança das sombras do prédio e desaparece de vista.

Mais uma explosão abala a rua atrás de mim. A granada deve ter sido atirada por outro corredor. Apesar de estar claro que eles não vão conseguir levar o Eleitor para o local planejado, estão tentando bloquear os jipes, para fazer uma barricada. Os Patriotas devem estar correndo como baratas tontas em tudo que é lugar. Eles vão literalmente me matar pelo que fiz. Tess e eu precisamos chegar ao túnel antes que nos encontrem.

Corro até June logo que ela alcança o jipe do Eleitor. Lá dentro está um homem de cabelo escuro ondulado, e ela grita para ele, enquanto as mãos pressionam a janela do veículo. Outra explosão acontece em algum lugar, obrigando June a ficar de joelhos. Eu me atiro em cima dela quando uma chuva de escombros e fragmentos nos atinge, de todas as direções. Um bloco de cimento atinge meu ombro, o que me faz estremecer de dor. Os Patriotas estão realmente tentando recuperar o tempo perdido, mas o atraso já lhes custou caro. Se eles se desesperarem, sei que vão simplesmente

ignorar o plano de executar a tiros o Eleitor na frente das câmeras e explodirão o jipe do Eleitor em vez disso. Tropas de soldados da República estão chegando à rua. Tenho certeza de que já me viram. Espero que Tess esteja a salvo no esconderijo.

– June!

Ela parece tonta e perplexa, mas me reconhece. Não há tempo para cumprimentos.

Uma bala zune acima de nossas cabeças. Eu me esquivo e uso o corpo como um escudo para proteger June; um dos soldados perto de nós é atingido por um tiro na perna. *Por favor, pelo amor de... por favor, permita que Tess chegue em segurança à entrada do túnel.* Giro então o corpo e me deparo com os olhos arregalados do Eleitor através da janela. Então é esse o sujeito que beijou a June! Ele é alto, bonito e rico, e vai apoiar todas as leis do pai. O rei menino que simboliza tudo o que a República é: a guerra contra as Colônias que transformou Éden em um rato de laboratório, as leis que levaram minha família para as favelas e a mataram, as leis que decretaram minha execução porque fui reprovado em um maldito teste quando eu tinha dez anos. Esse cara é a República. Eu devia matá-lo agora quando tenho a chance.

Mas aí penso em June. Se ela sabe a razão pela qual devemos protegê-lo dos Patriotas, e acredita nisso o bastante para arriscar sua vida – e a minha –, vou confiar nela. Se me recusasse, estaria rompendo meus vínculos com ela para sempre. *Eu poderia viver com isso?* Esse pensamento faz até meus ossos gelarem. Aponto a rua onde houve a explosão e faço uma coisa que nunca pensei que faria na minha vida. Berro o mais alto que posso para os soldados: *Recuem os jipes! Obstruam a rua com barricadas! Protejam o Eleitor!* E então, à medida que outros soldados chegam aonde o Eleitor está, grito freneticamente para eles:

– Tirem o Eleitor do jipe! Levem-no para longe daqui! Eles vão explodir o veículo!

June nos puxa para baixo quando mais uma bala atinge o chão perto de nós.

– Venha! – grito. Ela me segue. Atrás de nós, dezenas de soldados da República chegaram ao local. Vemos de relance o Eleitor sair do jipe e ser levado às pressas, sob a proteção dos seus soldados. Balas voam por todos os lados. Será que acabei de ver uma delas atingir o Eleitor no peito? Não, ela acertou a parte superior do braço dele. O militar desaparece, perdido num mar de soldados.

Ele está salvo. Ele vai sobreviver. Mal consigo respirar. Não sei se devo ficar feliz ou furioso. Depois de toda aquela maquinação, o assassinato do Eleitor fracassou por minha causa e de June.

O que foi que eu fiz?

– *Olha lá o Day!* – grita alguém. – *Ele está vivo!*

Não me atrevo a girar o corpo de novo. Aperto mais a mão de June e corremos, tentando nos desviar dos cascalhos e da fumaça.

Então nos deparamos com nosso primeiro Patriota, Baxter. Ele se detém ao nos ver e agarra o braço de June, vociferando:

– *É você, sua infeliz!*

Ocorre que ela é mais ágil que ele. Antes que eu consiga sacar a arma da minha cintura, June já se livrou dele. Ele tenta nos agarrar de novo, mas alguém o faz se esborrachar com o rosto no chão, antes que possamos fazer qualquer coisa; dou de cara com os olhos flamejantes de Kaede.

Ela agita as mãos furiosamente em nossa direção e berra.

– Escondam-se e fiquem em segurança, antes que os outros encontrem vocês!

Seu rosto expressa choque profundo: estará atônita porque o plano fracassou? Será que sabe o que fizemos? Deve saber. *Por que ela também está contra os Patriotas?* Ela foge correndo. Meus olhos a seguem por um instante. É claro que Anden não está à vista, e os soldados da República já começaram a revidar os tiros vindos dos telhados.

Anden não está à vista, penso mais uma vez. Terá a tentativa de assassinato falhado oficialmente?

Continuamos correndo até chegarmos ao outro lado da explosão. De repente, aparecem Patriotas em todos os lugares; alguns estão correndo na

direção dos soldados e procurando uma forma de atirar no Eleitor, e outros estão fugindo para o túnel. Correndo atrás de nós.

Mais uma explosão sacode a rua: alguém tentou em vão deter o Eleitor com outra granada. Talvez tenham finalmente conseguido explodir o jipe em que ele se encontrava. *Onde estará Razor?* Visualizo seu rosto calmo e paternal transformado pela ira.

Chegamos finalmente ao beco estreito que leva ao túnel, pouco à frente dos Patriotas que nos perseguem alucinados.

Tess está lá, encolhida nas sombras contra a parede. Tenho vontade de gritar. Por que ela não pulou para o túnel e rumou para o esconderijo? Digo-lhe então:

– Já pra dentro. Você não devia estar aqui me esperando.

Ela, porém, nem se mexe. Está parada na nossa frente com os punhos cerrados, olha para mim e depois para June. Eu me aproximo rápido, agarro sua mão e a puxo para junto de nós até uma das pequenas grades metálicas que se estendem até onde as paredes do beco chegam ao solo. Dá para ouvir os primeiros sinais dos Patriotas atrás de nós. Imploro em silêncio: *Por favor, permita que nós sejamos os primeiros a alcançar o esconderijo!*

– Eles estão vindo – diz June, com os olhos fixos num lugar no beco.

– Que venham!

Passo as mãos freneticamente pela grade metálica e então a forço até ela se abrir.

Os Patriotas estão se aproximando.

– Saiam do caminho – grito para as duas.

Puxo então uma segunda granada do cinto, arranco o pino e a atiro na abertura do beco. Nós nos jogamos no chão e cobrimos a cabeça com as mãos.

Há um estrondo ensurdecador. A granada deve retardar os Patriotas por algum tempo, mas já consigo ver silhuetas avançando através dos escombros.

June corre ao meu lado para a entrada aberta do túnel. Deixo que ela pule para dentro primeiro, depois me viro para Tess e lhe estendo a mão.

– Venha logo, Tess. Não temos muito tempo.

Tess olha minha mão aberta e recua um passo. Neste instante, o mundo ao redor parece congelar. Ela não virá conosco. Seu rosto pequeno e magro expressa ao mesmo tempo raiva, choque, culpa e tristeza.

Tento de novo.

– Anda! – grito. – *Por favor*, Tess. Não posso deixar você aqui.

Os olhos de Tess abrem fendas no meu corpo.

– Desculpe, Day – diz ela, arquejante –, mas posso me virar sozinha. Nem adianta vir atrás de mim.

Ela desvia de mim os olhos lacrimejantes e corre de volta para os Patriotas. *Será que vai voltar a se unir a eles?* Eu a observo ir, atônito e silencioso, com a mão ainda estendida. Os Patriotas estão muito próximos.

Lembro as palavras de Baxter. Todo esse tempo ele preveniu Tess de que eu os trairia. E traí mesmo. Fiz exatamente o que Baxter disse que eu faria, e agora Tess tem de conviver com isso. *Eu a decepcionei.*

É June quem me salva, gritando, e me tira do estado de torpor em que me encontro.

– Day, *pule!*

Eu me obrigo a dar as costas a Tess e pular para dentro do buraco. Minhas botas respingam água rasa gelada, quando ouço o primeiro Patriota nos alcançar. June agarra minha mão.

– Vamos!

Corremos a toda no túnel escuro. Atrás de nós escuto outra pessoa pular e começar a correr atrás de nós. Depois, mais uma. Todos estão vindo.

– Você tem mais granadas? – grita June enquanto corremos.

Passo a mão no cinto.

– Uma.

Pego a última granada e tiro o pino. Se usarmos essa granada, não há como voltar. Poderíamos ficar presos aqui para sempre, mas não temos alternativa e June sabe disso.

Grito uma advertência para trás de nós e atiro a granada. O Patriota mais próximo me vê fazer isso e para assustado. Começa então a berrar aos companheiros que recuem. Continuamos a correr velozmente.

A explosão nos faz levantar do chão e sair voando. Bato com força no chão, derrapando na água gelada e na neve semiderretida por vários segundos, antes de conseguir parar. Minha cabeça gira sem cessar. Pressiono as mãos com força nas têmporas, numa tentativa de deter o mal-estar, mas em vão. Uma enxaqueca parece que faz minha cabeça explodir, afogando todos os meus pensamentos, e aperto os olhos com força, porque a dor é enlouquecedora. *Um, dois, três...*

Os segundos se arrastam. Minha cabeça lateja com o impacto de mil martelos. Eu me esforço para respirar.

Depois, piedosamente, a dor começa a desaparecer. Abro os olhos na escuridão. O solo está firme de novo, e apesar de conseguir ouvir pessoas falando atrás de nós, a voz delas é abafada, como se estivesse vindo do outro lado de uma porta maciça.

Cautelosamente eu me aprumo para sentar. June está encostada na lateral do túnel, esfregando o braço. Nós dois estamos olhando de frente para o espaço de onde saímos.

Havia um túnel oco naquele local há apenas alguns segundos, mas agora uma pilha de concreto e escombros vedou completamente a entrada.

Conseguimos, mas tudo que sinto é um vazio.

JUNE

Quando eu tinha cinco anos, Metias me levou para ver as sepulturas dos nossos pais. Era a primeira vez que ele ia ao local desde o enterro. Acho que não conseguia suportar ser lembrado do que havia acontecido. A maioria dos civis de Los Angeles – mesmo um bom número da classe A – recebe um pequeno compartimento de 930 centímetros e uma só caixa de vidro opaco onde guardar as cinzas de um ente querido. Mas Metias subornou as autoridades do cemitério, e conseguiu um lóculo de quatro metros para mamãe e papai no cemitério vertical local e lápides de cristal gravado. Ficamos lá em frente às lápides com nossas roupas brancas e flores brancas. Passei o tempo todo olhando para Metias. Ainda me lembro da sua mandíbula retesada, do cabelo bem escovado e das bochechas úmidas reluzentes. Recordo, principalmente, de seus olhos sérios de tristeza, maduros demais para um adolescente de dezessete anos.

Day tinha essa mesma aparência quando soube da morte do irmão John. E agora, à medida que percorremos o túnel subterrâneo, seus olhos estampam expressão idêntica.

Passamos cinquenta e dois minutos (ou cinquenta e um minutos? Não sei direito. Minha cabeça está febril e confusa) correndo na umidade escura do túnel. Durante algum tempo, ouvimos gritos raivosos vindo do outro lado da montanha de concreto retorcido que nos separa dos soldados dos Patriotas e da República. Contudo, esses sons acabaram por cessar completamente, à proporção que corríamos cada vez mais para o fundo do túnel. Os Patriotas provavelmente precisaram fugir das tropas que se aproximavam. Talvez os soldados estejam tentando escavar o túnel. Não temos a menor ideia, por isso vamos adiante.

Agora está tudo silencioso. Os únicos sons são nossas respirações entrecortadas, nossas botas chapinhando em poças rasas de neve semiderretida e o gotejar incessante de água gélida que cai do teto e escorre

pelos nossos pescoços. Day agarra minha mão fortemente enquanto corremos. Seus dedos estão gelados e escorregadios da umidade, mas eu me mantenho agarrada a eles. Aqui embaixo é tão escuro que mal enxergo o contorno de Day à minha frente.

Será que Anden sobreviveu ao ataque? Ou os Patriotas conseguiram assassiná-lo? Esse pensamento faz com que meu sangue circule mais rápido. Na última vez que desempenhei o papel de agente dupla, fiz com que alguém fosse morto. Anden confiou em mim e, por causa disso, poderíamos ter morrido hoje. Talvez *ele* tenha morrido. Esse é o preço que as pessoas pagam por cruzarem o meu caminho.

Esse pensamento provoca outro: *por que Tess não quis vir conosco?* Tenho vontade de perguntar, mas, estranhamente, Day não disse uma palavra desde que entramos no túnel. Percebo que os dois haviam discutido. *Espero que ela esteja bem.* Preferiu ficar do lado dos Patriotas?

Finalmente, Day para em frente a uma parede. Quase caio em cima dele, e uma súbita onda de alívio e pânico me atinge. Normalmente consigo correr mais rapidamente e por mais tempo do que isso, mas estou exausta. Será que estamos em um beco sem saída? Será que essa parte do túnel também desabou e agora estamos presos de ambos os lados?

– Podemos descansar aqui – murmura ele. Essas foram as primeiras palavras que ele pronunciou desde que chegamos. – Fiquei num desses túneis em Lamar.

Certa vez, Razor havia mencionado os túneis de fuga dos Patriotas. Day passa a mão ao longo da beira da porta onde ela se encontra com a parede. Finalmente encontra o que está procurando, uma pequena alavanca deslizante que se projeta de uma pequena cavidade de trinta centímetros. Ele a puxa de uma extremidade à outra. A porta se abre com um estalo.

A princípio, saltamos para um buraco escuro. Embora eu não consiga ver nada, presto muita atenção ao modo como nossas pegadas estão ecoando no cômodo e deduzo que o teto é baixo, provavelmente apenas alguns centímetros mais alto do que o próprio túnel (três metros, talvez três metros e trinta), e quando ponho uma das mãos ao longo de uma parede, dá para ver que é reta, não curva. É um cômodo retangular.

– Aqui está – resmungo Day. Eu o ouço apertar e soltar algo, e uma luz artificial inunda o ambiente. – Vamos torcer para que esteja vazia.

Não é uma câmara grande, mas nela caberiam vinte ou trinta pessoas confortavelmente, até cem, se fossem todas espremidas. Contra a parede preta há duas portas que conduzem a escuros corredores. Todas as paredes têm monitores, espessos e gastos, com um design diferente do que os usados na maioria dos halls da República. Eu me pergunto se foram os Patriotas que instalaram esses aparelhos ou se eles são da época de quando estes túneis foram construídos.

Enquanto Day perambula, com a arma em punho, no primeiro hall nos fundos da sala principal, examino o segundo hall. Neste há dois cômodos menores, com cinco conjuntos de beliches em cada um, e na extremidade do hall há uma pequena porta que leva de volta ao túnel escuro e infundável. Estou disposta a apostar que o hall em que Day está tem também uma entrada para o túnel. Enquanto vagueio entre os beliches, passo a mão na parede onde pessoas rabiscaram seus nomes e iniciais. *Este é o caminho para a salvação. J.D. Edward.* Já um outro afirma: *A única saída é a morte. María Márques.*

– Tudo vazio? – pergunta Day, atrás de mim.

Faço um sinal positivo com a cabeça.

– Tudo. Acho que estamos a salvo por enquanto.

Ele suspira, baixa os ombros e passa uma das mãos, cansado, no cabelo emaranhado. Faz apenas alguns dias desde que estivemos juntos, mas parece muito mais. Caminho até ele. Seus olhos examinam meu rosto interrogativamente, como se estivessem me vendo pela primeira vez. Ele deve ter um milhão de perguntas para me fazer, mas apenas ergue uma das mãos e põe uma mecha do meu cabelo no lugar. Não tenho certeza se me sinto tonta por causa da doença ou de emoção. Eu quase havia esquecido como o toque de Day me faz sentir. Quero penetrar na pureza que é Day, absorver sua sinceridade simples, seu coração receptivo e franco.

– Olá! – murmura ele.

Eu o abraço com força, e nós dois ficamos assim por um tempo. Fecho os olhos e me permito enterrar no corpo de Day e sentir o calor da sua

respiração no meu pescoço. Suas mãos acariciam meu cabelo e descem até o pescoço, agarrado a mim como se tivesse medo de me soltar. Ele se afasta o suficiente para me olhar nos olhos; se inclina como se fosse me beijar, mas então, por algum motivo, ele se detém e volta a me abraçar. Isso é reconfortante, mas me decepciona um pouco.

Alguma coisa mudou.

Vamos até a cozinha (que tem uns sessenta e oito metros, julgando pelo número de azulejos no chão), pegamos duas latas de comida, garrafas d'água e as colocamos nos balcões e nos acomodamos para descansar. Day está calado. Espero ansiosa enquanto dividimos uma lata de massa cheia de molho de tomate, mas ele não pronuncia uma palavra. Parece estar pensando. Sobre o plano fracassado? Sobre Tess? Ou talvez não esteja pensando em nada, mas continua atordoado em silêncio. Eu também permaneço calada. Prefiro não pôr palavras na sua boca.

– Vi o seu sinal de advertência em um vídeo da câmera de segurança – ele acaba dizendo, depois que dezessete minutos se passaram. – Eu não sabia exatamente o que você queria que eu fizesse, mas entendi a ideia geral.

Reparo que ele não menciona o beijo entre mim e Anden, embora eu esteja certa de que o viu.

– Obrigada. – Minha visão escurece por um segundo, e pisco rapidamente para tentar me concentrar. – Eu lamento ter te forçado a entrar numa enrascada. Tentei fazer com que os jipes tomassem outro caminho em Pierra, mas não deu certo.

– Foi isso que causou o atraso quando você desmaiou, não foi? Fiquei preocupado que você tivesse se machucado.

Reflito por um momento. A comida pode até estar boa, mas não sinto a menor fome. Eu deveria contar imediatamente a Day sobre Éden, mas seu humor – como o de uma tempestade no horizonte – realmente me impede. Será que os Patriotas conseguiram ouvir todas as minhas conversas com Anden? Talvez Day já soubesse.

– Razor está mentindo para nós sobre por que deseja que o Eleitor morra. Ainda não sei o motivo, mas as coisas que ele nos disse

simplesmente não fazem sentido.

Paro de falar por um instante e me pergunto se Razor já terá sido detido pelas autoridades da República. Se ainda não foi, isso acontecerá em breve. Ao final do dia de hoje, a República já deverá estar a par de que Razor instruiu expressamente os motoristas dos jipes para manterem o curso, levando Anden direto para uma armadilha.

Day dá de ombros e se concentra na comida.

– Quem sabe *o que* ele e os Patriotas estão fazendo agora?

Eu queria saber se ele diz isso porque está pensando em Tess. O jeito com que ela olhou para ele antes de fugirmos para o túnel... Decido não perguntar o que aconteceu entre eles. Ainda assim, vejo os dois juntos em um sofá, tão descontraídos e à vontade como da primeira vez que nos deparamos com os Patriotas em Vegas, Day descansando a cabeça no colo de Tess, e ela debruçando-se sobre ele para beijar seus lábios. Meu estômago se contrai, perturbado. Então me lembro de que *ela não veio conosco*. Que aconteceu entre os dois? Quase posso ver Tess discutindo com Day sobre mim.

– E aí? – pergunta ele, em tom monocórdio. – Queria que você me contasse o que descobriu sobre o Eleitor que fez com que resolvesse trair os Patriotas.

Ele realmente não sabe sobre Éden. Descanso o copo d'água na mesa e aperto os lábios.

– O Eleitor libertou seu irmão.

O garfo de Day para no ar.

– O quê?

– Anden o soltou no dia depois que mandei o sinal. Éden está sob proteção federal em Denver. Anden detesta o que a República fez à sua família e quer reconquistar nossa confiança; a sua e a minha.

Estendo a mão para pegar a de Day, mas ele a afasta abruptamente. Suspiro decepcionada. Eu não tinha certeza sobre como Day receberia essa notícia, mas parte de mim esperava que ele ficasse... feliz.

Prossigo então:

– Anden se opõe completamente à política do falecido Eleitor. Ele quer desativar as Provas e os experimentos com a praga. – Hesito. Day continua olhando fixo para a lata de massa com o garfo na mão, mas parou de comer. – Ele quer fazer várias mudanças radicais, mas primeiro precisa ganhar a confiança do povo. Ele praticamente implorou nossa ajuda.

A expressão de Day se altera.

– Então é isso? É *por isso* que você decidiu atirar todo o plano dos Patriotas pela janela? – pergunta ele com amargura. – Para que o Eleitor me suborne em troca do meu apoio? Se quer saber, tudo isso é uma piada de mau gosto. Como sabe se ele está dizendo a verdade, June? Você obteve alguma prova de que ele soltou mesmo o Éden?

Ponho a mão no braço dele. Era exatamente essa a reação que eu temia, mas ele tem todo o direito de ficar desconfiado. Como posso explicar meu instinto visceral sobre a personalidade de Anden, ou o fato de que vi sinceridade no olhar dele? Eu *sei* que Anden libertou o irmão de Day. Eu simplesmente sei, mas Day não estava no quarto e *não* conhece Anden. Não tem razão para acreditar nele.

– Anden é diferente. Você precisa acreditar em mim, Day. Ele soltou Éden, e não apenas porque quer que façamos algo por ele.

As palavras de Day são frias e distantes.

– Eu perguntei se você tem alguma *prova* disso.

Suspiro e tiro a mão do braço dele.

– Não – reconheço –, não tenho.

Day sai repentinamente do seu torpor e enfia o garfo na lata com tanta força que dobra o cabo do garfo.

– Ele enrolou você. Logo *você!* A República não vai mudar. O novo Eleitor é jovem, burro pra cacete e se acha o máximo. Ele quer apenas que as pessoas o levem a sério, e para isso é capaz de dizer qualquer coisa. Quando as coisas se acalmarem, você vai ver o que ele realmente é. Garanto. Ele não é diferente do pai: é só mais um maldito filhinho de papai, com muita grana e um punhado de mentiras.

Fico irritada por Day achar que sou tão crédula.

– Ele é jovem e se acha o máximo? – Dou um pequeno empurrão em Day, tentando desanuviar o ambiente. – Isso me lembra alguém...

Em outros tempos, isso teria feito Day rir, mas ele me olha furioso e continua:

– Vi um menino em Lamar, que devia ser da idade do meu irmão. Por um minuto, achei que fosse Éden. Ele estava sendo transportado numa gigantesca proveta, numa espécie de experimento científico. Tentei tirá-lo de lá, mas não consegui. O sangue do menino está sendo usado como uma arma biológica contra as Colônias. – Day atira o garfo na pia. – *É* isso que seu amiguinho Eleitor está fazendo com meu irmão. Você ainda acha que ele libertou Éden?

Estendo o braço e ponho a mão na dele.

– O Congresso mandou Éden para a frente de batalha antes que Anden fosse Eleitor. Anden soltou seu irmão há poucos dias. Ele...

Day ignora o que eu disse; seu rosto expressa uma mistura de frustração e confusão. Ele enrola as mangas compridas da camisa até os cotovelos e pergunta:

– Por que você confia tanto nesse cara?

– Como assim?

Ele vai se exaltando.

– A única razão pela qual eu não arrebentei a janela do jipe do *seu* Eleitor e não enfiei uma faca no pescoço dele foi por *sua* causa. Porque eu sabia que você devia ter um bom motivo, mas agora parece que você simplesmente acredita nas palavras dele. O que aconteceu com todo aquele seu raciocínio lógico?

Não gosto da maneira como ele chama Anden de *meu* Eleitor, como se Day e eu continuássemos em lados opostos.

– Eu estou lhe dizendo a verdade – falo calmamente. – Além disso, até onde eu sei, você não é um assassino.

Day me vira as costas e resmunga alguma coisa baixinho que não consigo ouvir. Cruzo os braços.

– Lembra-se de quando confiei em *você*, mesmo quando tudo que eu sabia a seu respeito me dizia que você era um inimigo? Dei a você o

benefício da dúvida e sacrifiquei tudo por aquilo em que acreditava. Pois eu lhe digo agora que assassinar Anden não vai resolver nada. Ele é a pessoa de que a República realmente precisa, alguém dentro do sistema com poder suficiente para mudar as coisas. Como você poderia conviver consigo próprio depois de matar uma pessoa daquele jeito? Anden é *bom*.

– *E daí se ele for?* – replica Day friamente. Ele está agarrando a parte superior do balcão tão fortemente que suas juntas estão lívidas. – Bom, mau, que importa? Ele é o *Primeiro Eleitor*.

Estreito os olhos.

– Você acredita *mesmo* nisso?

Day sacode a cabeça e ri, desolado.

– Os Patriotas estão tentando começar uma revolução. É disso que este país precisa, não de um *novo* Eleitor, mas sim de *nenhum* Eleitor. A República está acabada, não tem mais conserto. Que as Colônias assumam logo o controle!

– Você nem sabe como são as Colônias...

– Sei que elas devem ser melhores do que esse inferno – retruca Day.

Dá pra ver que ele não está zangado só comigo, mas está começando a ser infantil, e isso está me aborrecendo.

– Você sabe por que concordei em ajudar os Patriotas? – Ponho uma das mãos na parte superior do braço dele, sentindo o leve contorno de uma cicatriz sob o tecido. Day se retesa ao meu toque. – Porque eu queria ajudar *você*. Você acha que é tudo culpa minha, não é? É minha culpa usarem seu irmão em experimentos. É culpa minha você ter precisado abandonar os Patriotas. É culpa minha a Tess ter se recusado a vir conosco.

– *Não...* – diz Day, menos exaltado, retorcendo as mãos, frustrado. – Nem tudo é culpa sua. A Tess não veio por minha causa.

Há dor verdadeira na expressão dele; a esta altura, não sei dizer por quem. Muita coisa aconteceu. Sinto uma curiosa ponta de ressentimento que faz o sangue corar minhas orelhas e me envergonho desse sentimento. Não é justo que eu sinta ciúme. Afinal de contas, Day conhece a Tess há anos, há muito mais tempo do que me conhece, portanto, por que não deveria sentir-se ligado a ela? Além disso, Tess é meiga, altruísta,

reconfortante. Eu não. É claro que sei por que a Tess o abandonou: por minha causa.

Examino o rosto dele e pergunto:

– O que aconteceu entre você e Tess?

Day olha fixamente para a parede do outro lado de onde estamos; está perdido em pensamentos, e dou uma pancadinha no seu pé para tirá-lo do transe.

– A Tess me beijou – resmungo. – Ela acha que eu a traí... com você.

Minhas bochechas se enrubescem. Fecho os olhos para expulsar da cabeça a imagem dos dois se beijando. *Isso é muito idiota... não é?* Tess conhece o Day há anos e tem todo o direito de beijá-lo. O Eleitor não me beijou também? E eu gostei...

De repente, parece que Anden está a milhões de quilômetros de distância. E que ele não tem a menor importância. A única coisa que consigo enxergar é Day e Tess juntos. É como um soco no estômago. *Estamos em meio a uma guerra. Não seja ridícula.*

– Por que você me contou isso?

– Você preferiria que eu guardasse segredo?

Não entendo o motivo, mas Day não tem dificuldade em me fazer sentir uma idiota. Tento fingir que a revelação não me incomodou.

– Tess vai perdoar-lhe.

Minhas palavras, que eu queria que soassem gentis e maduras, ao contrário disso, soam ocas e falsas. Enquanto estive presa, passei no teste do detector de mentiras sem nenhum problema; por que é tão difícil lidar com *esse assunto* envolvendo Day?

Após um momento, ele pergunta, com voz mais baixa:

– O que você acha dele? Sinceramente.

– Acho que ele é verdadeiro – respondo, impressionada com a calma da minha voz. Fico satisfeita que nossa conversa tome outra direção. – Ambicioso e compassivo, mesmo que isso o torne pouco prático. Ele certamente não é o ditador brutal que os Patriotas afirmaram que ele se tornará. É jovem e precisa que o povo da República fique do seu lado. E vai precisar de ajuda, para mudar as coisas.

– June, nós mal nos livramos dos Patriotas, e você está tentando dizer que devemos ajudar Anden *mais* do que já ajudamos, que devemos continuar a arriscar a vida por esse sacana riquinho que você conhece tão pouco?

O veneno nos seus olhos quando ele praticamente cospe a palavra “riquinho” me assusta e me faz sentir que ele está me insultando também.

– O que a classe social dele tem a ver com isso? – Estou muito irritada. – Você está dizendo que ficaria satisfeito se ele morresse?

– É isso mesmo. Eu *ficaria* satisfeito se Anden morresse – confirma Day, com os dentes cerrados. – E ficaria satisfeito de ver todos os membros do governo dele mortos também, se isso significasse ter minha família de volta.

– Esse nem parece você. A morte de Anden não *consertaria* as coisas – insisto. *Como posso fazê-lo entender?* – Você não pode achar que todos são farinha do mesmo saco, Day. Nem todos os que trabalham para a República são maus. Olhe o meu exemplo. E o do meu irmão e dos meus pais. *Há*, sim, pessoas boas no governo, e são elas que podem ser a ponta de lança de mudanças permanentes na República.

– Como é que você tem coragem de defender o governo, depois de tudo que eles fizeram a você? Como é possível que você não queira que a República desmorone?

– Acontece que eu *não quero* – digo com raiva. – Quero que a República *mude* para melhor. No começo, o país teve suas razões para controlar o povo...

– Pare *agora* com essas loucuras. Já! – Day levanta as mãos. Seus olhos brilham com uma ira que jamais vi. – Eu desafio você a repetir essas coisas. *No começo o país teve suas razões?* As ações da República são *razoáveis*?

– Você não conhece toda a história da formação da República. Anden me contou como o país começou a partir da anarquia e que foi o povo que...

– Quer dizer que agora você acredita em tudo que ele diz? Você está dizendo que é culpa do *povo* o fato de a República estar do jeito que está? – Day eleva o tom de voz. – Que fomos nós que causamos essa merda de

situação contra nós mesmos? É essa a justificativa para o governo torturar o povo?

– Não, eu não estou tentando justificar isso.

De alguma forma, a história parece muito menos viável do que quando Anden a estava contando.

– Agora você acredita que Anden pode nos *consertar* com suas ideias imbecis? Esse filhinho de papai vai salvar nós todos?

– Pare de chamá-lo assim! São as ideias dele que podem fazer isso, não o *dinheiro* dele! Dinheiro não significa nada quando...

Day me aponta um dedo.

– Nunca mais diga isso na minha cara. Dinheiro significa *tudo*.

Minhas faces coram.

– Não, não significa.

– Porque você nunca ficou sem ele.

Hesito. Quero desesperadamente responder, explicar que não foi isso que eu quis dizer. *Dinheiro não me define, nem a Anden, nem a nenhum de nós*. Por que eu não disse *isso*? Por que Day é a única pessoa com quem tenho dificuldade em argumentar com coerência?

– Day, por favor ... – começo a falar.

Ele salta do balcão.

– Quer saber? Talvez Tess tivesse razão sobre você.

– Como é que é? – retruco imediatamente. – Tess tem razão em quê?

– Você pode ter mudado um pouco nas últimas semanas, mas no fundo continua a ser uma militar da República. Da cabeça aos pés. Você ainda é leal àqueles carneiros. Esqueceu como minha mãe e meu irmão morreram? Esqueceu quem matou sua família?

Minha raiva atinge o auge. *Você está deliberadamente se recusando a ver as coisas do meu ponto de vista?* Pulo do balcão para encará-lo.

– Nunca me esqueço de nada. Estou aqui para o *seu* bem, *desisti* de tudo por você. Como *se atreve* a meter minha família nesse assunto?

– Foi *você* que meteu minha família nisso! – berra ele. – Nisso *tudo!* Você e sua adorada República! – Day abre os braços. – Como você se atreve a defender esses caras, como você se atreve a racionalizar e justificar

por eles serem como são? Pra você é muito fácil dizer isso, não é? Você viveu a vida inteira em um palácio enorme financiado pela República. Aposto que não teria tanta facilidade em justificar tudo, se tivesse passado a vida vasculhando lixo nas favelas para se alimentar. *Teria?*

Estou tão furiosa e magoada que tenho dificuldade em respirar.

– Isso não é justo, Day. Eu não escolhi *nascer* na classe em que nasci. Jamais quis prejudicar sua família...

– É, mas prejudicou. E muito. – Estremeço e desmorono, arrasada com o olhar furioso dele. – Foi *você* que levou os soldados direto à porta da minha família. *É por sua causa* que eles estão mortos.

Day me dá as costas e sai possesso da cozinha. Fico lá sozinha num súbito silêncio; pela primeira vez estou desorientada e não sei o que fazer. O nó na minha garganta ameaça me sufocar. Minha visão está encoberta por lágrimas.

Day acha que estou sendo cegamente fiel ao Eleitor, em vez de ser lógica. E que não há como eu estar do seu lado e ser leal ao Estado. *Bem, será que ainda sou leal? Será que respondi corretamente a essa pergunta do detector de mentiras? Será que estou com inveja da Tess? Inveja porque ela é uma pessoa melhor do que eu?*

E então me vem um pensamento tão doloroso que mal consigo suportá-lo, independentemente da raiva que as palavras de Day me causaram: ele tem razão, não posso negar. *Sou eu* a culpada por Day ter perdido todos que amava.



Eu não devia ter gritado com ela. Como pude ser tão cruel? Foi horrível o que eu fiz, e sei disso.

Mas, em vez de me desculpar, dou uma volta pelo abrigo e recomeço a examinar os cômodos. Minhas mãos continuam tremendo e minha mente ainda está se esforçando para reduzir o impacto da adrenalina. Eu disse as palavras que estavam me afligindo a cabeça havia semanas. Elas foram ditas, não há como voltar atrás. Bem, e daí? Estou satisfeito que ela saiba. Ela precisava saber. E dizer que dinheiro nada significa?! Essa frase fluiu tranquilamente da sua boca, tão natural quanto água. Minha cabeça se enche de lembranças de quando todos da minha família precisavam de mais. Penso que tudo poderia ter sido melhor com *mais* dinheiro.

Houve uma tarde, durante uma semana especialmente penosa, quando cheguei cedo em casa vindo do ensino elementar. Encontrei o Éden, então com quatro anos, vasculhando a geladeira. Ele deu um pulo quando me viu entrar em casa. Ele segurava uma lata vazia de picadinho de carne. De manhã ela estava pela metade, com sobras preciosas da noite da véspera, que mamãe havia cuidadosamente embrulhado em papel laminado e guardado para o jantar do dia seguinte. Quando Éden me viu olhando fixo para a lata vazia na sua mão, ele a deixou cair no chão da cozinha e começou a chorar, implorando:

– Por favor, não conta pra mamãe!

Corri até ele e o segurei nos braços. Ele agarrou minha camisa com suas mãos de bebê e enterrou o rosto no meu ombro.

– Não vou contar – sussurrei. – Prometo.

Ainda me lembro que seus bracinhos eram muito finos. Mais tarde, à noite, quando mamãe e John finalmente chegaram, eu disse à mamãe que havia fuçado na geladeira e comido as sobras do jantar da véspera. Ela me deu uma forte bofetada e me disse que eu já tinha idade bastante para saber

que aquilo foi errado. John me pregou um sermão, desapontado, mas e daí? Eu não dei a mínima.

Furioso, bato com força uma porta no corredor. Será que June alguma vez precisou se preocupar em ter comido meia lata de picadinho de carne? Se ela tivesse sido pobre, será que perdoaria tão facilmente à República?

A arma que os Patriotas me deram está presa firmemente no meu cinto. O assassinato do Eleitor teria dado aos Patriotas a oportunidade de derrubar a República. Nós teríamos sido a fagulha que acenderia um barril de pólvora, mas por nossa causa – por causa da June – fracassou. E para quê? Para ver esse Eleitor se tornar igual ao pai? A ideia de que ele libertaria o Éden me faz rir! Mais uma grande mentira da República. Agora, não estou mais perto de salvá-lo, perdi a Tess e voltei à estaca zero. E ainda estou fugindo dos soldados.

Essa é a história da minha vida. Como sou ridículo.

Meia hora depois, quando volto à cozinha, a June não está mais lá. Provavelmente está em um dos corredores, anotando mentalmente todas as malditas fendas na parede.

Abro as gavetas da cozinha, esvazio um dos sacos de aniagem e começo a guardar nele pilhas de cada tipo de comida: arroz, milho, sopas de batata e cogumelo. E também três caixas de bolachas. (Que legal! Tudo está indo pro ralo, mas pelo menos posso encher a barriga.) Pego várias garrafas d'água para cada um de nós e fecho o saco. Por enquanto está bem. Em breve vamos botar o pé na estrada de novo. Não dá para saber onde termina esse túnel ou quando vamos alcançar outro abrigo. Precisamos ir até as Colônias. Talvez eles possam nos ajudar quando chegarmos à outra extremidade. Por outro lado, não podemos chamar atenção, pois é verdade que arruinamos o assassinato apoiado pelas Colônias. Dou um suspiro profundo, desejando ter mais tempo de bater papo com a Kaede, para persuadi-la a me contar todas as histórias sobre a vida no outro lado da frente de combate.

Como é que nossos planos se transformaram numa bagunça tão grande?

Batem levemente na porta aberta da cozinha. Viro-me e vejo a June de pé, com os braços cruzados. Ela desabotoou o casaco da República; a blusa de gola e a jaqueta por baixo estão amarrotadas. Suas bochechas estão mais coradas do que o habitual e os olhos, vermelhos, como se ela tivesse chorado.

– Os circuitos elétricos não estão sendo alimentados pela rede da República.

Mesmo que ela tenha derramado lágrimas, eu não as percebo em sua voz, prática, fria.

– Os cabos se estendem até a outra extremidade do túnel, a parte que ainda não cobrimos.

Volto a empilhar as latas de comida.

– E daí?

– Isso quer dizer que eles devem estar recebendo energia direto das Colônias, certo?

– Acho que sim. Faz sentido. – Endireito as costas e fecho bem apertados os dois sacos de aniagem que preparei. – Bem, pelo menos quer dizer que o túnel vai levar à superfície em algum lugar, com sorte nas Colônias. Quando estivermos prontos para partir, podemos simplesmente seguir os cabos. Mas é melhor a gente descansar antes.

Vou saindo da cozinha e passando por June quando ela pigarreja.

– Os Patriotas lhe ensinaram alguma coisa sobre luta corpo a corpo enquanto você esteve com eles?

Balanço a cabeça.

– Não, por quê?

June se vira para me encarar. A entrada da cozinha é bastante estreita, e seus ombros roçam os meus, causando-me arrepios nos braços. Fico irritado por ela continuar a exercer esse efeito em mim, apesar de tudo.

– Enquanto estávamos entrando no túnel, reparei que você estava golpeando os Patriotas girando o torso, mas isso não é muito eficaz. Você devia girar o corpo usando as pernas e os quadris.

Sua crítica me dá nos nervos, embora seu tom de voz seja estranhamente hesitante.

– Não quero fazer isso agora.

– Quando é que vamos fazer isso, se não agora? – June se encosta na moldura da porta e aponta para a entrada do abrigo. – E se a gente der de cara com alguns soldados?

Suspiro e levanto as mãos por um segundo.

– Se essa é a sua maneira de se desculpar depois de uma briga, você é *péssima* nisso. Escute uma coisa: lamento eu ter me zangado antes. – Hesito ao lembrar minhas palavras. Eu *não lamento*, mas dizer isso a ela agora não vai adiantar nada. – Daqui a uns minutos, vou me acalmar.

– Pare de fazer doce, Day. O que vai acontecer quando você encontrar Éden e precisar protegê-lo? – Ela *está* tentando se desculpar, à sua própria maneira sutil. *Tudo bem. Pelo menos está tentando, embora seja muito ruim nisso.* Olho com raiva para ela durante alguns segundos.

– Está certo – digo afinal. – Então me mostre o que fazer, soldado. Que truques você esconde nas mangas?

June sorri levemente, depois me leva até o centro do cômodo principal do abrigo. Ela se posta ao meu lado.

– Você já leu *A arte da luta*, de Ducain?

– Você acha que já tive tempo livre para ler na vida?

Ela me ignora, e imediatamente lamento ter dito aquilo.

– Bem, você tem leveza nos pés e equilíbrio perfeito – continua ela. – Mas não usa esses pontos fortes quando ataca. É como se entrasse em pânico. Você esquece que tem a vantagem de ser rápido e também não usa seu centro de massa.

– Meu centro de quê? – começo a dizer, mas June apenas dá uma pancada com sua bota no lado de fora da minha perna.

– Espalhe seu peso pelas plantas dos pés e mantenha as pernas abertas na mesma distância que a largura dos seus ombros – ensina ela. – Finja que você está de pé sobre trilhos de trem, com um pé à frente.

Fico surpreso. June tem estado observando detidamente meus ataques, embora isso geralmente aconteça quando todo tipo de balbúrdia está ao nosso redor. E ela tem razão. Eu não havia percebido que todos os meus instintos de equilíbrio voam pela janela quando tento lutar.

Faço como ela disse.

– Tudo bem. E agora?

– Para começar, mantenha o queixo para baixo. – Ela toca minhas mãos e depois as ergue de modo que um punho fica perto do lado das minhas bochechas e o outro paira em frente ao meu rosto. Suas mãos percorrem meus braços, examinando minha postura. Minha pele coça.

“A maioria das pessoas se inclina para trás e mantém o queixo alto e proeminente”, diz ela, com o rosto perto do meu. Ela dá um tapinha no meu queixo e fala: “Você faz a mesma coisa. Isso é o mesmo que estar pedindo um nocaute.”

Tento me concentrar na minha postura ao levantar os dois punhos.

– Como você soca?

June toca suavemente a ponta do meu queixo e depois a beira da minha sobrancelha.

– Lembre-se: o principal é você atingir *com precisão* uma pessoa; *a força* não é o elemento mais importante. Você pode nocautear alguém muito mais forte se o atingir nos lugares certos.

Antes que eu me dê conta, já se passou meia hora. June me ensina uma sequência de táticas: manter o ombro para cima a fim de proteger o queixo, pegar o oponente desprevenido com movimentos falsos, golpes de cima para baixo e de baixo para cima, encostando para trás e em seguida disparando uma série de pontapés, saltar da frente do adversário com rapidez, visando os locais vulneráveis, como olhos, pescoço etc. Eu me arremesso com tudo, mas, quando tento apanhá-la de surpresa e a agarro, ela se solta como água entre pedras, fluida e em movimento constante, e, num piscar de olhos, se põe atrás de mim e torce meu braço atrás das minhas costas.

Finalmente, June me dá uma rasteira e me prende ao solo. Suas mãos empurram meus pulsos para baixo e ela diz:

– Viu? Eu o enganei. Você fica sempre olhando para os olhos do adversário, mas isso lhe dá uma visão periférica ruim. Se você quer detectar meus braços e minhas pernas, precisa focalizar o meu peito.

Ao ouvir isso, ergo uma sobrancelha e falo, olhando para baixo:

– Nem precisa falar duas vezes.

June ri, depois enrubesce. Fazemos uma pequena pausa; suas mãos continuam prendendo meus braços para baixo, suas pernas estão na minha barriga e nós dois estamos arquejantes. Agora compreendo por que ela sugeriu o *sparring* improvisado: estou cansado, e o exercício fez minha raiva passar. Embora ela não o diga, dá pra ver claramente as desculpas no seu rosto, a inclinação dramática das sobrancelhas e o ligeiro estremecimento nos seus lábios das palavras não ditas. Essa visão acaba atenuando meu aborrecimento, embora só um pouco. É verdade que não lamento o que disse a ela antes, mas também não estou sendo justo. Seja lá o que perdi, June perdeu também. Ela era rica, mas depois desprezou tudo para salvar minha vida. Teve responsabilidade nas mortes da minha família, mas... passo a mão pelo cabelo e me vem uma sensação de remorso. Não posso culpá-la por tudo. Nem posso ficar sozinho num período como este, sem aliados com quem possa contar.

Ela oscila o corpo.

Eu me escoro nos cotovelos e pergunto:

– Você está legal?

Ela sacode a cabeça, franze a testa e tenta fingir que está.

– Estou. Eu devo ter apanhado um vírus ou coisa assim, nada sério.

Eu a examino sob a luz artificial. Presto mais atenção à cor do seu rosto, vejo que ela está mais pálida do que o normal e que suas bochechas parecem ruborizadas porque sua pele está muito descorada. Eu me aprumo, forçando-a a deslizar para baixo. Comprimo uma das mãos na sua testa e imediatamente a retiro.

– Cara, você está queimando de febre!

June começa a protestar, dizendo que nossa sessão de treinamento a enfraqueceu, ela oscila o corpo de novo e se firma com um braço.

– Vou ficar bem. De qualquer forma, precisamos pôr o pé na estrada.

E eu que me irritei com ela, esquecendo tudo pelo que essa garota havia passado. Eu sou mesmo o panaca do ano. Tentando me redimir, passo um dos braços nas suas costas, o outro sob os seus joelhos, e depois a levanto

nos braços. Ela se apoia no meu peito; o calor da sua testa parece ainda maior contra minha pele fria.

– Você precisa descansar.

Eu a carrego para um dos cômodos do bunker, tiro suas botas, deito-a cuidadosamente numa cama e a cubro com cobertores. Ela pisca para mim.

– Eu não queria dizer o que falei antes. – Seus olhos estão atordoados, mas a emoção continua presente. – Sobre dinheiro. E eu... não...

– Deixa isso pra lá.

Aliso fios de cabelos que lhe caíram na testa. E se ela pegou alguma doença grave enquanto esteve presa? Um vírus da praga, por exemplo. Mas acontece que ela é da elite. Deveria estar vacinada. *Espero*.

– Vou trazer um remédio pra você, está bem? Apenas feche os olhos.

June balança a cabeça, frustrada, mas não tenta discutir.

Depois de vasculhar o abrigo inteiro, finalmente consigo descobrir um vidro de aspirina ainda intacto e volto com ele para a beira da cama de June. Ela toma dois comprimidos. Quando começa a tremer, pego mais dois cobertores das outras camas do cômodo e a cubro com eles, mas não surte muito efeito.

– Tudo bem, pode deixar que eu me ajito – murmura ela, quando me disponho a tentar achar mais cobertores. – Não importa muito se você conseguir uma pilha deles, só quero que minha febre diminua. – Ela hesita, mas depois pega minha mão. – Será que você pode ficar aqui?

A debilidade da sua voz me preocupa mais do que qualquer outra coisa. Subo na cama, deito-me ao seu lado, em cima dos cobertores, e a puxo para mim. June dá um sorrisinho e fecha os olhos. Sentir as curvas do seu corpo contra o meu causa ondas de calor em mim. Nunca pensei em descrever sua beleza como delicada, porque *delicada* não é uma palavra que descreva a June, mas agora que ela está doente percebo como pode ser frágil. Suas bochechas são róseas, os lábios são pequenos e macios, em contraste com os olhos grandes atrás das curvas dos cílios escuros.

Não gosto de vê-la tão fragilizada assim. O calor da nossa discussão permanece no fundo da minha cabeça, mas, por enquanto, preciso esquecer

isso. Brigar só vai conseguir retardar nossa viagem. Depois trataremos dos problemas entre nós.

Lentamente, nós dois cochilamos.

Alguma coisa interrompe meu sono de repente. É um som de bipe. Eu o escuto por um instante, tentando determinar sua localização, embora me sinta meio grogue. Me arrasto lentamente para sair da cama sem acordar a June. Antes de sair do quarto, debruço-me para tocar a testa dela de novo. Não houve melhora. Ela está suando, de modo que a febre deve ter diminuído pelo menos por um tempo, mas agora ela está tão febril quanto antes.

Quando sigo o som do bipe até a cozinha, vejo um minúsculo sinal luminoso piscando acima da porta pela qual entramos no abrigo. Palavras faíscam abaixo dele, num tom de vermelho vivo e ameaçador.

DISTÂNCIA: 120 METROS

Um medo gelado toma conta de mim. Alguém deve estar vindo pelo túnel em direção ao abrigo: talvez soldados dos Patriotas ou da República. Não consigo decidir qual dos dois seria pior. Dou meia-volta e corro para o local onde havia empilhado nossos sacos de aniagem com comida e água, e tiro algumas latas de um deles. Quando o saco está suficientemente leve, puxo os braços pelos cordões dos dois sacos como se fossem uma mochila, e depois me apresso a voltar para o lado de June. Ela se mexe e geme baixinho.

– Ei! – sussurro, tentando soar calmo e confiante. Inclino-me até ela e acaricio seu cabelo. – Está na hora de ir. Vem cá. – Empurro os cobertores para o lado e enrolo um deles ao redor de June, calço as botas nela e a levanto para segurá-la nos braços. Ela se debate por um instante como se achasse estar caindo, mas eu a seguro mais apertado. – Calma! – murmuro através do seu cabelo. – Você está segura comigo.

Ela se acomoda no meu abraço, semiconsciente.

Sáimos do abrigo e nos dirigimos de volta à escuridão do túnel; minhas botas pisam em poças e lama. A respiração de June é superficial e curta; ela arde em febre. Atrás de nós, o alarme soa menos alto enquanto percorremos várias curvas, depois esmaece em um zunido baixo. Eu meio que espero ouvir pisadas nos perseguindo, mas logo o zunido do alarme também se reduz, e podemos caminhar em silêncio. Para mim, parece que horas se passaram, embora June murmure que “se passaram quarenta e dois minutos e trinta e três segundos”. Continuamos a andar penosamente.

Este trecho do túnel é muito mais comprido do que o primeiro e pouco iluminado por ocasionais acessórios tremeluzentes. A certa altura, finalmente dou uma parada e desmorono num setor seco, bebericando água e sopa enlatada. Pelo menos, acho que é sopa. Não dá para ver muito nesta escuridão, por isso eu só arranco a tampa da primeira lata que agarro. June está tremendo de novo, o que não é surpresa. Aqui embaixo é frio, frio o bastante para eu ver as descoradas nuvenzinhas da minha respiração. Aperto o cobertor em volta de June, constato mais uma vez que sua testa continua quente e tento dar-lhe um pouco de sopa, que ela recusa.

– Não estou com fome – resmunga. Quando ela mexe a cabeça no meu peito, sinto o calor da sua testa através da minha camisa.

Aperto sua mão. Meus braços se encontram tão entorpecidos que até isso é difícil.

– Tudo bem, mas você vai beber um pouco d’água, tá?

– Está bem. – June se aconchega mais junto de mim e descansa a cabeça no meu colo. Eu queria bolar um jeito de mantê-la aquecida. – Continuam a nos seguir?

Aperto os olhos na direção das negras profundidades de onde viemos e acho melhor mentir:

– Não. Nós despistamos todo mundo. Descanse e não se preocupe, mas tente ficar acordada.

June concorda com a cabeça. Ela se distrai com alguma coisa na mão, e quando olho mais de perto, vejo que é o anel de cliques de papel. Ela o esfrega, como se ele lhe desse força, e então pede:

– Seja bonzinho e me conte uma história.

Seus olhos estão semicerrados, embora dê pra ver que ela se esforça para mantê-los abertos. Ela está falando tão baixinho que preciso me inclinar perto de sua boca para poder ouvi-la.

– Que tipo de história? – pergunto, determinado a impedir que ela enfraqueça na semiconsciência.

– Não sei. – June inclina ligeiramente a cabeça para me encarar. Depois de um instante, ela diz, sonolenta: – Fale sobre seu primeiro beijo. Como foi?

Essa pergunta me confunde a princípio – nenhuma garota que já conheci gostava que eu falasse de outras meninas na sua frente, mas depois me toco que essa aí é a June, e que talvez esteja usando o ciúme para impedir-se de cochilar. Não posso deixar de sorrir no escuro. Essa danadinha é sempre muito inteligente.

– Eu tinha doze anos, e a garota, dezesseis.

Os olhos de June ficam mais vívidos.

– Você deve ter sido o rei das cantadas.

Dou de ombros e digo:

– Talvez. Eu era bem desajeitado naquela época, quase me mataram algumas vezes. Bem, vamos ao que interessa: ela estava trabalhando com o pai num píer em Lake e me flagrou tentando roubar comida dos engradados deles. Eu consegui passar a conversa nela pra não me dedurar e, como parte do nosso trato, ela me levou para um beco nos fundos, perto da água.

June tenta rir, mas acaba tendo um acesso de tosse.

– E ela beijou você no beco?

Dou um largo sorriso e respondo:

– Pode-se dizer que sim.

June ergue uma sobrancelha curiosa à minha curta resposta, o que interpreto como um sinal positivo. Pelo menos ela agora está acordada. Debruço-me para mais perto dela e aproximo meus lábios da sua orelha. Minha respiração movimenta macios cachos do seu cabelo. Sussurro então:

– A primeira vez que vi você, quando você entrou naquele ringue de Skiz para enfrentar Kaede, achei que você era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Eu poderia ter ficado ali para sempre, só olhando para você. A

primeira vez que eu a beijei... – Essa lembrança toma conta de mim e me surpreende. Recordo todos os detalhes da cena, quase o suficiente para afastar as imagens do Eleitor puxando June para ele. – Bem, aquele podia muito bem ter sido o primeiro beijo da minha vida.

Mesmo no escuro, percebo indícios de um sorriso se moverem furtivamente no seu rosto. Então ela diz:

– É, você é mesmo um fala mansa.

Faço uma expressão de mágoa fingida e pergunto:

– Meu bem, eu mentiria pra você?

– Nem tente. Eu perceberia logo!

Rio baixinho e digo:

– Está certo.

Nossas palavras são superficiais e quase despreocupadas, mas nós dois sentimos a tensão subjacente a elas. É o esforço de tentar esquecer, de diminuir a pressão. Nenhum de nós poderá jamais apagar as consequências das coisas que fizemos e dissemos.

Permanecemos lá por mais alguns minutos. Depois reúno nossos pertences, pego June no colo e continuamos percorrendo o túnel. Meus braços estão tremendo, e cada respiração é entrecortada. Não há sinais de abrigos à frente. Apesar da umidade e frio do túnel, são muito, como se estivéssemos em pleno verão de Los Angeles. Paro cada vez mais frequentemente, até que afinal me detenho em outro trecho do túnel e desabo, encostado à parede.

– Vamos só fazer um rápido intervalo – garanto à June quando lhe dou água. – Acho que estamos quase chegando.

Como June já tinha dito antes, ela sabe perfeitamente quando estou mentindo, e diz debilmente:

– Não dá pra continuar. Vamos descansar. Você não vai aguentar mais uma hora desse jeito.

Discordo das suas palavras.

– Este túnel tem que terminar em algum lugar. A gente deve estar bem debaixo da frente de batalha, o que quer dizer que já estamos em território das Colônias.

Calo a boca, ao me dar conta disso, na mesma hora em que pronuncio aquelas palavras; um arrepio me percorre a espinha. *Território das Colônias*.

Como se aproveitando a deixa, ouvimos um som vindo de algum lugar além do túnel, algum lugar longínquo, acima de nós. Fico em silêncio. Escutamos durante algum tempo, e logo volta o som: é um barulho de zumbido intenso, abafado pela terra, e vindo de um objeto maciço.

– Será que isso é o som de um dirigível? – pergunta June.

O som diminui, mas não antes de fazer uma brisa gélida penetrar no túnel. Levanto os olhos num relance. Antes eu estava muito cansado para reparar, mas agora enxergo uma lasca minúscula e retangular de luz. É uma saída para a superfície. Na verdade, há várias dessas lascas alinhadas no teto, em intervalos esporádicos; é provável que estejamos passando por elas há um bom tempo. Obrigo-me a ficar de pé e me espicho para passar o dedo na beira dessa lasca. É suave, de metal congelado. Tento empurrá-la.

Ela se move. Empurro o metal com mais força e começo a deslizá-lo para um lado. Embora dê pra ver que lá fora já é noite, a luz que entra no túnel é forte para alguém que está há horas no escuro, e preciso estreitar os olhos. Demoro um segundo para perceber que alguma coisa fria e leve está caindo suavemente no meu rosto. Confuso, dou um tapa no ar, supondo que sejam insetos, mas então me dou conta de que são – creio – flocos de neve. Meu coração se acelera. Quando deslizei o metal para o mais longe que ele podia ir, tirei a jaqueta militar da República. Não ia ter a menor graça levar um tiro chegando à terra prometida.

Quando estou já de camisa de mangas compridas e de colete, pulo para cima e agarro as laterais da abertura, com braços trêmulos, depois dou um salto parcial para ver onde estamos: numa espécie de corredor escuro, sem ninguém à vista. Salto para baixo e pego as mãos de June, que está começando a cair no sono de novo.

– Fique comigo, não durma – murmuro, e a recolho nos meus braços. – Veja se você consegue se erguer. – June se livra do cobertor. Eu me ajoelho e a ajudo a usar os meus ombros como apoio. Ela cambaleia, respirando pesadamente, mas consegue saltar até a superfície. Eu a sigo com seu

cobertor enfiado debaixo do braço e depois alcanço a saída com um impulso.

Saímos num beco escuro e estreito, parecido com aquele de onde viemos, e por um instante eu me pergunto se será possível que tenhamos rodeado o túnel e voltado à República. Isso seria realmente genial! Depois de um tempo, contudo, percebo que este lugar tem nada a ver com a República. O chão é plano e bem pavimentado, sob uma camada irregular de neve, e a parede está completamente coberta de cartazes vivamente coloridos, de soldados sorrindo de orelha a orelha e crianças sorridentes. No canto de todos os cartazes há um símbolo que reconheço após alguns segundos: um pássaro dourado, semelhante a um falcão. Tremendo de empolgação, percebo que ele se parece muito com o pássaro do meu medalhão.

June também repara nos cartazes. Seus olhos estão arregalados e enevoados de febre; de sua respiração emanam frágeis nuvens de vapor. Ao nosso redor há o que parece ser várias tendas militares, cobertas do chão ao topo com os mesmos vívidos cartazes. Postes de luz se alinham em ambos os lados da rua em padrões harmoniosos e ordenados. É este local que deve gerar a eletricidade para o túnel e os abrigos subterrâneos. Um vento frio sopra mais neve nos nossos rostos.

De repente, June agarra minha mão. Ela aspira o ar ao mesmo tempo que eu e diz:

– Day... *olhe lá.*

Ela treme incontrolavelmente apoiada em mim, mas não sei dizer se é por causa da febre ou por causa do que estamos vendo.

Estendida à nossa frente, espreitando através das lacunas entre os prédios militares, há uma cidade com altos e reluzentes arranha-céus que se elevam através das nuvens baixas e da neve frágil; cada edifício é iluminado por lindas luzes azuis que escapam de praticamente todas as janelas e todos os andares. Jatos de combate se alinham nos topos dos telhados dos arranha-céus. Todo o panorama é incandescente. Minhas mãos apertam as de June. Nós dois simplesmente ficamos imóveis, incapazes, por

um instante, de fazer qualquer coisa. A paisagem é exatamente como meu pai a havia descrito.

Chegamos a uma cidade resplandecente nas Colônias da América.

JUNE

Metias sempre me disse que, toda vez que eu passasse mal, deveria me esforçar ao máximo para não desistir.

Sei que está frio, mas não consigo saber a temperatura. Sei que é noite, mas não consigo saber a hora. Sei que Day e eu conseguimos atravessar a fronteira e entrar nas Colônias, mas estou cansada demais para determinar por que estados passamos.

O braço de Day está rodeando firmemente minha cintura, para me sustentar, embora eu possa sentir que ele está trêmulo por me carregar há tanto tempo. Ele não para de me incentivar, sussurrando ao meu ouvido: *Só um pouquinho mais. Deve haver hospitais perto de onde estamos na frente de batalha.* Minhas pernas tremem com o esforço de me manter de pé, mas me recuso a desmaiar agora. Nossos pés esmigalham a leve camada de neve, enquanto continuamos a admirar a cidade reluzente à nossa frente.

Os edifícios têm uma altura que varia entre cinco e *centenas* de andares; alguns deles até desaparecem nas nuvens baixas. Essa visão é bem conhecida sob alguns aspectos e totalmente nova sob outros. As paredes são enfileiradas com bandeiras estrangeiras em formato de rabo de andorinha e suas cores são azul-marinho e dourado; os edifícios têm desenhos de arcadas esculpidos nas laterais; e jatos de combate se alinham em todos os topos de telhados. São modelos muito diferentes dos da República, com uma estranha estrutura alada invertida que os faz parecer com tridentes. As asas dos jatos são todas pintadas com ferozes pássaros dourados e com um símbolo que não reconheço. Não me admira sempre ter ouvido dizer que a Força Aérea das Colônias era melhor que a da República: esses jatos são mais novos do que aqueles aos quais estou acostumada e, considerando seu posicionamento no topo dos telhados, todos devem ser capazes de realizar decolagens verticais e aterrissagens com facilidade. Esta cidade na zona de combate parece mais preparada a se defender.

E as pessoas. Elas estão em todos os lugares; são multidões de soldados e civis nas ruas, enroladas em casacos com capuz para se protegerem da neve. Quando passam sob o brilho das luzes de neon, seus rostos se tingem de tons de verde, laranja e roxo. Estou cansada demais para analisá-las adequadamente, mas uma coisa em que reparo é que todas as suas roupas – botas, calças, camisas e casacos – têm uma variedade de emblemas e palavras. Fico atônita com a espantosa quantidade de anúncios nos muros – estendem-se o mais longe que a vista pode alcançar, às vezes agrupados tão juntos que escondem completamente os muros atrás deles. Parece que anunciam tudo e qualquer coisa na face da Terra, coisas que nunca vi nem das quais ouvi falar. Escolas financiadas por corporações? Natal?

Passamos por uma janela onde um montão de telas em miniatura está exposto; cada uma transmite notícias e vídeos.

Está escrito na vitrine: **LIQUIDAÇÃO! 30% DE DESCONTO ATÉ SEGUNDA-FEIRA!**

Os programas de alguns canais são conhecidos: manchetes da frente de batalha, conferências políticas.

A DESCON CORP CONQUISTA MAIS UMA VITÓRIA PARA AS COLÔNIAS NA DIVISA ENTRE DAKOTA E MINNESOTA. ESCOMBROS DA REPÚBLICA DISPONÍVEIS PARA COMPRA COMO SUVENIRES!

Outros canais transmitem filmes, algo que a República só exhibe nos cinemas dos bairros ricos. A maioria das telas está mostrando comerciais. Ao contrário dos comerciais de propaganda da República, é como se esses anúncios estivessem induzindo a população a comprar coisas. Eu me pergunto que tipo de governo dirige um lugar como este. Talvez eles não tenham governo algum.

– Uma vez meu pai me disse que as cidades das Colônias parecem brilhar a distância – comenta Day. Seus olhos pulam de um anúncio vivamente colorido para outro, enquanto ele me ajuda a caminhar de forma desajeitada em meio à multidão. – É exatamente como ele descreveu, mas não consigo identificar todos esses anúncios. Você não acha que eles são esquisitos?

Concordo com a cabeça. Na República, os anúncios têm displays organizados com o estilo característico e uniforme do governo, que permanecem sempre os mesmos, não importa em que lugar do país você esteja. Aqui, os comerciais não seguem nenhuma palheta de cor. Eles são misturados, numa miscelânea de néon e luzes intermitentes. Como se não fossem feitos por um governo central, mas por vários grupos menores independentes.

Um dos anúncios mostra o vídeo de um sorridente agente policial uniformizado. A voz diz: “*Departamento de Polícia de Tribune. Precisa comunicar um crime? Basta depositar uma nota de 500!*” Sob a imagem do policial, em letras miúdas, estão as palavras: **O DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE TRIBUNE É UMA SUBSIDIÁRIA DA DESCON CORP.**

Outro anúncio diz: **A PRÓXIMA VERIFICAÇÃO NACIONAL DO NFE SERÁ PATROCINADA PELA CLOUD EM 27 DE JANEIRO. PRECISA DE AJUDA PARA PASSAR? OS NOVOS COMPRIMIDOS JOYENCE DA MEDITECH JÁ ESTÃO DISPONÍVEIS NAS LOJAS!**

Abaixo desses dizeres, outro pequeno asterisco é seguido pelo texto: **NFE, NÍVEL DE FELICIDADE DO EMPREGADO.**

Um terceiro comercial me deixa de queixo caído. Ele mostra um vídeo de filas de crianças pequenas, todas vestindo exatamente as mesmas roupas, sorrindo euforicamente. A seguir, o texto diz: **ENCONTRE O FILHO, A FILHA OU O EMPREGADO PERFEITO. A FRANQUIA DE LOJAS DE PERMUTA É UMA SUBSIDIÁRIA DA EVERGREEN ENT.**

Franzo a testa, intrigada. Talvez seja dessa maneira que as Colônias dirigem orfanatos e similares. Ou não?

À medida que caminhamos, observo que há uma imagem imutável no canto inferior à direita de todos os anúncios. É um círculo dividido em quatro quadrantes, com um símbolo menor no interior de cada um deles. Sob esse círculo, escrito em letras maiúsculas, está o seguinte texto:

AS COLÔNIAS DA AMÉRICA
CLOUD.MEDITECH.DESCON.EVERGREEN
UM ESTADO LIVRE É UM ESTADO CORPORATIVO



Abruptamente, sinto a respiração quente do Day junto à minha orelha.

– June...

– O que foi?

– Alguém está nos seguindo.

Esse é mais um detalhe que eu já deveria ter notado. Perdi a conta do número de coisas que estou deixando de perceber.

– Você conseguiu ver o rosto dele?

– Não, mas, a julgar pelo vulto, é uma garota – responde ele. Espero mais alguns segundos e aí me arrisco a olhar para trás. Vejo apenas uma multidão de colonianos. Fosse quem fosse, ela já desapareceu entre o povo.

– Provavelmente foi só um alarme falso. Uma garota das Colônias.

Os olhos de Day examinam, perplexos, a rua, e depois ele dá de ombros. Eu não me surpreenderia se estivéssemos começando a ver coisas, especialmente com todas essas novas luzes estranhas reluzindo e anúncios fluorescentes.

Uma pessoa nos aborda, logo que voltamos mais uma vez nossa atenção para a rua. Ela tem um metro e setenta e dois centímetros, rosto flácido, pele rosa bronzeada, alguns fios de cabelos brancos que saem de um grosso boné para proteger da neve e segura um tablet fininho. Um cachecol envolve firmemente o pescoço dela (lã sintética, a julgar pela uniformidade da textura), e pequenos cristais de gelo estão presos ao tecido sob seu queixo, onde sua respiração os congelou. Sua manga tem as palavras *Inspetora de Ruas* costuradas bem acima de outro estranho símbolo.

– Vocês não estão aparecendo para mim. São de alguma corporação?

Seus olhos permanecem fixos no tablet, que tem uma imagem semelhante à de um mapa e bolhas que se movem na tela. Cada bolha corresponde a uma pessoa na rua. Ela deve ter querido dizer que nós não estamos aparecendo no tablet. Então me dou conta de que há muitas pessoas iguais a ela pontilhando a rua, todas usando o mesmo casaco azul-marinho.

– De que corporação? – repete, impaciente.

Day vai responder quando o interrompo:

– Meditech. – Um dos quatro nomes que vi nos anúncios.

A mulher para e examina, com ares de desaprovação, nosso vestuário (golas sujas, calças pretas e botas).

– Vocês devem ser novos – acrescenta ela para si mesma, tamborilando os dedos no tablet. – Estão muito longe de onde deveriam estar. Não sei se já receberam suas instruções, mas a Meditech vai castigar vocês com rigor se vocês se atrasarem. – Ela então nos dá um sorriso falso e se lança a recitar um texto, estranhamente animada. – Sou patrocinada pela Cloud Corp. Passem na Praça Central de Tribune para comprar nossa mais recente linha de pães! – Sua boca volta de repente à taciturna expressão de antes, e ela vai embora rapidamente. Eu a observo falar com uma pessoa na rua, agindo da mesma forma que agiu conosco.

– Existe alguma coisa estranha sobre esta cidade – murmuro para Day, quando voltamos a caminhar com dificuldade entre o povo.

Day me segura com força, tenso.

– Por isso não perguntei a ela onde ficava o hospital mais próximo – esclarece ele.

– Estou tonta de novo.

– Agente firme. A gente vai dar um jeito.

Tento responder, mas já não consigo ver aonde estou indo. Day me diz alguma coisa, mas não consigo entender nenhuma palavra – ele soa como se estivesse debaixo d’água.

– O que foi que você disse?

O mundo está girando. Meus joelhos cedem.

– Eu disse talvez a gente... ir agora... hospital...

Eu me sinto cair; meus braços e pernas me circundam numa bola protetora, e lá de cima os lindos olhos azuis de Day me contemplam. Ele põe as mãos nos meus ombros, mas sinto como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância. Tento falar, mas minha boca parece estar cheia de areia. Mergulho na mais completa escuridão.

Um lampejo dourado e cinzento. A mão fria de alguém na minha testa. Eu me esforço para tocá-la, mas no instante em que meus dedos roçam

contra a pele, a mão derrete. Não consigo parar de tremer: aqui dentro é incrivelmente frio.

Quando finalmente abro os olhos, vejo que estou deitada num beliche simples e branco, com a cabeça no colo de Day, e ele está com um de seus braços sobre minha cintura. Um momento depois, me dou conta de que ele está vigiando outra pessoa – aliás, mais *três* outras pessoas – que estão no cômodo conosco. Elas usam os uniformes característicos dos soldados das Colônias da frente de batalha: juponas militares azul-marinho, guarnecidas de botões e ombreiras dourados, listras douradas e brancas até a extremidade mais baixa e o falcão dourado característico bordado nas mangas. Sacudo a cabeça. Uma pane geral bastante genérica. Estou me sentindo tão lerda.

– Pelos túneis – diz o Day. Luzes no teto me cegam. Eu não as notara antes.

– Há quanto tempo vocês estão nas Colônias? – pergunta um dos homens. Seu sotaque é estranho. Ele tem um bigode descorado e flácido, cabelo oleoso, e a iluminação dá à sua pele um aspecto doentio. – É melhor você dizer a verdade, garoto. A DesCon não tolera mentiras.

– A gente só chegou aqui esta noite – responde Day.

– E de onde vocês vieram? Vocês trabalham para os Patriotas?

Mesmo atordoada, sei que essa pergunta é perigosa. Eles não vão ficar satisfeitos se descobrirem que fomos nós que estragamos seus planos para o Eleitor. Talvez ainda não saibam o que aconteceu. Razor disse que eles só atualizam as Colônias esporadicamente.

Day também compreende que a pergunta é perigosa, porque a evita.

– Nós viemos sozinhos para cá. – Ele faz uma pausa, e depois o escuto dizer com um toque de impaciência: – Por favor, ela está ardendo em febre. Leve a gente para um hospital, e eu conto tudo que vocês quiserem. Não percorri esse caminho todo para que ela morresse em uma delegacia.

– O hospital vai custar caro, menino – responde o homem.

Day apalpa um dos meus bolsos e pega nosso pequeno maço de Notas. Reparo que sua arma desapareceu, provavelmente foi confiscada.

– Nós temos quatro mil Notas da República...

Os soldados o interrompem com risinhos debochados.

– Guri, quatro mil Notas da República não compram nem uma tigela de sopa – responde um deles. – Além disso, vocês dois vão esperar aqui até nosso comandante aparecer, e depois vão ser encaminhados para nosso campo de PDG para o interrogatório de praxe.

Prisioneiro de guerra. Por uma razão qualquer, isso traz à tona a lembrança de quando Metias me levou em uma missão há mais de um ano, quando perseguimos um prisioneiro de guerra das Colônias por vários estados da República e o matamos em Yellowstone City. Lembro-me do sangue no solo, ensopando o uniforme azul-marinho do soldado. Um momento de pânico se apossa de mim, e estendo a mão para agarrar a gola de Day. Os outros homens no cômodo se agitam alvoroçadamente. Ouço vários cliques metálicos.

O braço de Day aperta meu corpo, protetoramente.

– Calminha – sussurra ele.

– Qual é o nome da garota?

Day encara os homens e mente:

– Sarah. Ela não é uma ameaça, só está muito doente.

Os homens dizem algo que enraivece Day, mas meu mundo está voltando a se tornar um caos de cores, e me afundo de novo em um torpor delirante. Ouço vozes altas, depois o som de uma pesada porta girando, e então... mais nada, durante muito tempo. Às vezes, vejo Metias de pé no canto da instalação militar, observando-me. Outras vezes, ele se transforma em Thomas, e não consigo decidir se devo sentir raiva ou pesar ao vê-lo. Em alguns momentos, reconheço as mãos de Day nas minhas. Ele me diz para eu me acalmar, que tudo vai ficar bem. As visões desaparecem.

Após o que parece horas, começo de novo a ouvir fragmentos débeis e interrompidos de conversas.

– ... da República?

– É.

– Você é o Day?

– Eu mesmo.

Ouço pés se arrastando, e depois, expressões de incredulidade.

– Não acredito, sei quem ele é! – diz uma voz, que se repete. – Eu reconheço ele, eu reconheço ele. É ele mesmo!

Mais arrastar de pés. Então sinto Day ser levantado e caio sozinha nos lençóis frios do beliche embaixo de mim. *Eles o levaram para algum lugar. Eles o levaram embora.*

Quero me agarrar a esse pensamento, mas meu delírio febril assume o controle, e volto a submergir na escuridão.

Estou no meu apartamento no setor Rubi, com a cabeça num travesseiro úmido de suor, o corpo coberto por um fino cobertor. A luz dourada do sol vespertino invade o cômodo pelas janelas. Ollie está dormindo no chão a meu lado, com as enormes patas de filhote apoiadas preguiçosamente nos frios azulejos do chão. Percebo que isso não faz o menor sentido, porque estou com quase dezesseis anos, e Ollie deveria estar com uns nove. Devo estar sonhando.

Uma toalha molhada toca minha testa; olho para cima e vejo Metias sentado ao meu lado, passando a toalha cuidadosamente na minha cabeça para que a água não respingue nos meus olhos.

– Ei, Joanhinha – diz ele, sorridente.

– Você não vai se atrasar? – sussurro. Há uma sensação preocupante na minha barriga: a de que Metias não devia estar ali comigo. Como se ele estivesse atrasado para alguma coisa.

Mas meu irmão apenas sacode a cabeça, fazendo com que várias mechas de cabelo caiam em seu rosto. O sol ilumina seus olhos com lampejos dourados.

– Eu não posso simplesmente deixar você sozinha aqui, concorda? – Ele ri, e o som de sua risada me enche de tanta felicidade que chego a pensar que vou explodir. – Aceite o fato de que você está presa aqui comigo e tome logo sua sopa. Não me interessa se você acha que ela é totalmente nojenta.

Tomo um gole da sopa. Quase consigo sentir o gosto.

– Você vai mesmo ficar aqui comigo?

Metias se inclina e beija minha testa.

– Para todo o sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar para mim.

Meu coração se aquece e não consigo conter um sorriso.

– Você está sempre tomando conta de mim. Quando é que vai ter tempo para o Thomas?

Ao ouvir minhas palavras, Metias dá uma risadinha.

– Não consigo guardar segredo de você, não é?

– Você podia ter me contado sobre vocês dois, Metias. – Essas palavras são dolorosas para mim, mas não sei direito por quê. Sinto como se estivesse esquecendo alguma coisa importante. – Eu jamais comentaria com ninguém. Você tem medo de que a Comandante Jameson descubra e coloque você e Thomas em patrulhas diferentes?

Metias inclina a cabeça e os ombros caem.

– Nunca vi motivo para tocar no assunto.

– Você o ama?

Lembro que estou dormindo, e seja lá o que o Metias diga, não passa de meus próprios pensamentos projetados na imagem dele. Mesmo assim, sofro quando ele olha para baixo e responde, com um ligeiro aceno da cabeça, e tão baixinho que mal consigo ouvi-lo:

– Eu achava que sim.

– Lamento muito – sussurro. Ele me olha com os olhos cheios d’água.

Tento estender os braços e passá-los em volta do seu pescoço, mas então a cena se transforma, a luz diminui, e de repente estou deitada num quarto branco parcamente iluminado, numa cama que não é a minha. Metias desaparece como um fogo-fátuo. Cuidando de mim no seu lugar está Day, o rosto emoldurado pelo cabelo da cor da luz, as mãos arrumando a toalha na minha testa, e os olhos analisando intensamente os meus.

– Olá, Sarah! – diz ele. Ele usou o nome falso que inventou para mim. – Não se preocupe, você está a salvo.

A súbita mudança de cena me faz piscar.

– A salvo?

– A polícia das Colônias nos apanhou. Eles nos levaram a um pequeno hospital depois que descobriram quem eu era. Acho que todos já ouviram

falar de mim aqui, e isso está funcionando em nosso benefício.

Day me dá um largo sorriso acanhado.

Mas, desta vez, fico tão desapontada de ver Day, tão amargamente triste por ter perdido Metias para as superficialidades dos meus sonhos mais uma vez que preciso morder o lábio para não chorar. Sinto meus braços muito fracos. Provavelmente eu não conseguiria mesmo passá-los ao redor do pescoço do meu irmão, e como não consegui, não pude impedir Metias de desaparecer.

O largo sorriso de Day desaparece. Ele percebe meu pesar. Estende o braço e toca minha face com uma das mãos. Seu rosto está muito próximo e radiante sob o brilho suave da tardinha. Eu me levanto com a pouca força que me resta e deixo que ele me puxe para mais perto ainda.

– Ah, Day! – sussurro no cabelo dele, com a voz amortecida pelos soluços que venho retendo. – Sinto muita falta dele. Muita *mesmo*. E lamento tanto, *tanto por tudo...* – Repito várias vezes as palavras que disse a Metias no meu sonho e as que direi a Day pelo resto da vida.

Day me abraça mais forte. Sua mão acaricia meus cabelos, e ele me embala suavemente, como se eu fosse uma criança. Aferro-me desesperadamente a ele, incapaz de recuperar o fôlego, sufocada pela febre, pelo sofrimento e pelo vazio.

Metias foi embora de novo. Ele se foi para sempre.



DAY

June leva meia hora para finalmente voltar a dormir, sedada com as drogas que uma enfermeira das Colônias injetou em seu braço. Ela estava chorando de novo por causa do irmão, e foi como se ela tivesse caído num buraco e se enroscado em si mesma; seu coração despedaçado estava aberto a quem quisesse ver. A firme expressão dos seus olhos escuros havia simplesmente... desaparecido.

Eu me retraio. É claro que conheço exatamente a dor de perder um irmão mais velho. Observo seus olhos se agitarem atrás das pálpebras fechadas, provavelmente imersa em mais um pesadelo do qual não posso livrá-la. Por isso, faço apenas o que ela sempre faz por mim: passo a mão suavemente no seu cabelo e beijo sua testa, a face e os lábios úmidos. Não ajuda muito, mas eu faço isso mesmo assim.

O hospital está relativamente silencioso, mas alguns sons formam uma leve nuvem de ruídos na minha cabeça: há um débil zumbido que vem das luzes do teto e uma espécie de tumulto indistinto nas ruas lá de fora. Como na República, uma tela instalada na parede transmite uma sequência de notícias da frente de batalha. Ao contrário da República, o noticiário está pontilhado de comerciais de coisas que não consigo compreender, como nas ruas lá fora. Paro de assistir depois de algum tempo. Fico pensando no modo como minha mãe consolava o Éden quando ele foi infectado pela praga, o jeito com que ela sussurrava palavras tranquilizadoras e tocava o rosto dele com suas mãos cheias de ataduras, John se aproximando da cama com uma tigela de sopa nas mãos.

Lamento tanto, tanto por tudo!, disse June.

Vários minutos depois, uma oficial abre a porta do nosso quarto no hospital e caminha até onde estou. É a mesma soldado que descobriu quem eu era e providenciou para que viéssemos para este hospital de vinte andares. Ela para bem na minha frente e faz uma rápida medida, como se eu

fosse um oficial ou algo assim. Igualmente surpreendente é o fato de ela ser o único soldado no quarto conosco. Esses caras não devem nos considerar uma ameaça. Nada de algemas, nem mesmo um guarda para vigiar nossa porta. Será que eles sabem que impedimos o assassinato do Primeiro Eleitor? Se estão financiando os Patriotas, certamente vão descobrir isso mais cedo ou mais tarde. Talvez desconheçam que já trabalhamos para os Patriotas. Razor nos integrou à equipe há muito pouco tempo.

– Suponho que as condições de sua amiga sejam estáveis, não? – Seus olhos se dirigem à June. Eu apenas faço um sinal afirmativo com a cabeça. É melhor que ninguém aqui saiba que June é a garota prodígio da República. – Em vista do seu estado de saúde – acrescenta a moça –, ela vai precisar ficar aqui até melhorar o suficiente para se movimentar sozinha. Você é bem-vindo para permanecer aqui com ela; se não quiser, a DesCon Corp terá prazer em financiar um outro quarto para você.

DesCon Corp, mais um jargão das Colônias que não compreendo, mas nem penso em começar a questionar a origem da generosidade deles. Se sou famoso o bastante por aqui para receber tratamento de tapete vermelho em um hospital, então vou aproveitar, mas não vou abusar.

– Obrigado, mas estou muito bem aqui.

– Vamos providenciar uma cama extra para você – diz ela, apontando o espaço vazio do quarto. – De manhã voltaremos para ver como vocês estão.

Volto à minha vigília da June. Como a guarda não sai do cômodo, eu a olho, levanto as sobrancelhas, ela enrubesce.

– Posso fazer alguma coisa pela senhora?

Ela dá de ombros e tenta parecer indiferente.

– Não. Eu só... Quer dizer que você é o Daniel Altan Wing, hein?! – Ela diz meu nome como se o estivesse avaliando. – O Evergreen Ent não para de divulgar histórias sobre você nos tabloides dele. O Rebelde da República, O Fantasma, A Arma Secreta... Eles publicam um apelido e uma foto diferentes para você todos os dias. Dizem que você escapou de uma prisão em Los Angeles sozinho. Ei, é verdade que você namorou a cantora Lincoln?

A ideia é tão ridícula que tenho que rir. Eu não sabia que os colonianos se mantinham a par das cantoras que o governo da República nomeava para fazer propaganda oficial.

– Lincoln é um pouco velha para mim, você não acha?

Minha risada quebra a tensão, e a soldado ri comigo.

– Bem, pelo menos essa semana você é. Na semana passada a Evergreen Ent informou que você se esquivou de todas as balas de um pelotão de fuzilamento e escapou de ser executado.

A soldado ri novamente, mas eu me mantenho calado.

Não, eu não me esquivei de bala nenhuma. Deixei que meu irmão mais velho as recebesse no meu lugar.

O riso da soldado se esvanece constrangidamente quando ela vê minha expressão. Ela pigarreia e diz:

– Nós vedamos aquele túnel pelo qual vocês vieram. Foi o terceiro que vedamos em menos de um mês. De vez em quando, refugiados da República chegam aqui igualzinho como vocês fizeram, e as pessoas que vivem em Tribune já se cansaram de lidar com eles. Ninguém gosta de civis do território inimigo chegando de repente pra morar na sua cidade natal. Nós costumamos expulsar essa gente na frente de batalha. Você deu sorte. – A soldado suspira. – Há um tempo, toda esta região era os Estados Unidos da América. Você sabe disso, não?

De súbito, meu medalhão pesa no meu pescoço.

– Sei sim.

– Bem, você está a par das inundações? Elas chegaram de repente, em menos de dois anos, e arrasaram metade do sul cuja altitude era baixa. Desapareceram lugares dos quais republicanos como você jamais ouviram falar. A Louisiana sumiu, assim como a Flórida, a Geórgia, o Alabama, o Mississippi, as Carolinas do Sul e do Norte. Tudo foi tão rápido que dava pra jurar que esses estados nunca existiram, pelo menos se ainda não desse para ver o topo de alguns dos edifícios lá longe no oceano.

– E foi por isso que vocês vieram pra cá?

– Aqui no oeste tem mais terra. Você consegue imaginar o número de refugiados? E então, o oeste construiu uma muralha para evitar que o

peçoal do leste superlotasse seus estados, desde Dakota até o Texas. – Ela bate um punho na palma da outra mão. – Então a gente teve de construir túneis para entrar na cidade. Havia milhares deles quando a migração estava no auge, mas aí veio a guerra. Quando a República decidiu começar a usar os túneis para realizar ataques-surpresa contra nós, vedamos *todos*. A guerra está demorando tanto que a maioria das pessoas nem se lembra que a luta é motivada por uma disputa de terras. Quando as enchentes finalmente se acalmaram, as coisas aqui se estabilizaram e nós nos tornamos as Colônias da América. – Ela diz isso com o peito estufado. – Esta guerra não vai durar muito mais; já faz um tempo que estamos vencendo.

Eu me lembro de Kaede me dizendo, logo que chegamos a Lamar, que as Colônias estavam vencendo a guerra. Até então, eu não tinha pensado muito no assunto – afinal de contas, o que é a suposição de uma pessoa? O que é um boato? Mas agora essa oficial está afirmando que as Colônias estão ganhando.

Nós dois nos calamos quando o tumulto fora do prédio fica mais alto. Inclino a cabeça. Desde que chegamos ao hospital, multidões têm entrado e saído, mas eu não havia pensado a respeito. Nesse instante, penso ouvir meu nome.

– Você sabe o que está acontecendo lá fora? Podemos transferir minha amiga para um quarto mais silencioso?

A soldado cruza os braços e pergunta:

– Você quer ver a confusão?

Ela faz um gesto para que eu me levante e a siga.

A gritaria lá fora alcançou um nível ameaçador. Quando ela abre as portas giratórias da varanda e nos leva para o ar da noite, sou cumprimentado por uma lufada de vento gelado e por um enorme coro de vivas! Luzes faiscantes me deixam cego; por um instante tudo que posso fazer é ficar lá contra as balaustradas de metal e absorver a cena. É muito tarde, mas deve haver centenas de pessoas abaixo da nossa janela, indiferentes ao chão coberto de neve. Todos os olhos estão concentrados em mim. Muitas pessoas erguem cartazes feitos à mão. Um deles diz: *Bem-vindo, nosso aliado!*

Outro diz: *O Fantasma está vivo!*

Leio em um terceiro: *Destrua a República!*

Há dezenas de cartazes: *Day É Nosso Coloniano Honorário! Bem-vindo a Tribune, Day! Nosso Lar É Seu Lar!*

Eles sabem quem sou.

A soldado aponta para mim, sorri para a multidão.

– Esse é o Day!

Mais uma explosão de vivas. Fico paralisado onde estou. O que se deve fazer quando um monte de gente grita seu nome como se não batessem bem da cabeça? Não tenho a menor ideia, por isso levanto a mão e aceno, o que os faz gritar ainda mais alto.

– Você é uma celebridade pra nós – diz a soldado para mim, mais alto do que o barulho. Ela parece muito mais interessada nisso do que eu. – Você é o único rebelde que a República não consegue silenciar. Escute o que estou dizendo: amanhã você vai estar em todos os tabloides. A Evergreen Ent vai ficar louca para entrevistá-lo.

Ela continua a falar, mas já não presto atenção. Uma das pessoas segurando um cartaz no alto me chama a atenção. É uma garota com um cachecol ao redor da boca e um capuz que lhe cobre parte do rosto.

Mas dá para ver que é Kaede.

Minha cabeça está zonzá. No mesmo instante penso no alarme vermelho piscante lá do bunker avisando que alguém se aproximava do esconderijo. E eu também me lembro da pessoa que eu julguei que estivesse nos seguindo nas ruas da cidade. *Era a Kaede*. Isso quer dizer que outros Patriotas também estão aqui? Ela está segurando um cartaz quase perdido no oceano de tantos outros.

Ele diz: *Você precisa voltar. AGORA!*

JUNE

Estou sonhando de novo. Tenho certeza disso porque Metias está aqui e sei que ele está morto. Desta vez estou pronta e controlo minhas emoções com rédea curta. Metias e eu estamos caminhando nas ruas de Pierra. À nossa volta, soldados da República correm em torno de entulhos e explosões, mas, para nós dois, tudo está tranquilo e vagaroso, como se estivéssemos assistindo a um filme em câmera lenta. Nuvens de poeira e fragmentos de granadas ricocheteiam e nos atingem sem causar nenhum mal. Sinto-me invencível ou invisível. Um ou outro, talvez ambos.

– Alguma coisa não está certa – digo ao meu irmão. Meus olhos visualizam os telhados e depois voltam a observar as ruas caóticas. Onde está Anden?

Metias franze a testa e me examina, atento. Ele caminha com as mãos atrás das costas, elegante como deve ser todo capitão; as borlas douradas do seu uniforme retinem suavemente quando ele anda.

– Posso ver que algo a incomoda – comenta ele, coçando o queixo com a barba malfeita. Ao contrário de Thomas, Metias sempre havia sido meio desleixado quanto aos cuidados com a aparência. – Qual é o problema?

– Este lugar – respondo, apontando para o ambiente que nos rodeia. – Tudo isso. Alguma coisa não se encaixa.

Metias sobe numa pilha de entulhos de concreto e pergunta:

– O que não se encaixa?

– Ele. – Aponto para o telhado. Por alguma razão, Razor está lá em cima, em plena vista, observando tudo que acontece. Seus braços estão cruzados. – Tem alguma coisa errada com *ele*.

– Vamos, Joanhina, seja mais clara – diz Metias.

Uso os dedos para listar algumas coisas.

– Quando entrei no jipe que vinha atrás daquele em que o Primeiro Eleitor estava, as instruções dos motoristas eram claras. O Eleitor mandou

que me levassem ao hospital.

– E então?

– E então Razor ordenou aos motoristas que se dirigissem pela rota do assassinato. Ele ignorou completamente a ordem de Anden. Ele deve ter dito a Anden que *eu* tinha insistido para seguir aquela rota. Só assim Anden concordaria com a mudança de trajeto.

Metias dá de ombros.

– Mas o que isso quer dizer? Que Razor simplesmente queria que o assassinato acontecesse de qualquer jeito?

– Não. Se o assassinato fosse levado a cabo, todo mundo saberia quem ignorou a ordem do Eleitor. Todo mundo saberia que foi Razor que ordenou que os jipes seguissem outro caminho. – Agarro o braço de Metias e continuo: – A República saberia que *Razor* tentou matar Anden.

Metias aperta os lábios.

– Por que Razor se entregaria dessa maneira? O que foi estranho?

Viro as costas para o caos em câmera lenta nas ruas.

– Bem, já no começo, ele conseguia levar os Patriotas para seu quartel em Vegas com uma facilidade impressionante. Ele colocou os Patriotas dentro daquele dirigível como se não fosse nada. Parece que ele tem uma habilidade sobre-humana para se esconder.

– Talvez ele tenha mesmo – diz Metias. – Afinal de contas, as Colônias o estão financiando, não é mesmo?

– É verdade. – Frustrada, passo uma das mãos no cabelo. Nesse estado de sonho, meus dedos estão entorpecidos, e não sinto os fios sob a pele. – Não faz sentido. Eles deviam ter cancelado o ataque. Razor não teria dado continuidade ao plano de jeito nenhum depois que eu o estraguei. Eles teriam voltado aos quartéis, repensado a situação, e depois feito outra tentativa, dali a um ou dois meses. Por que Razor colocaria sua posição em risco, se o assassinato corria o perigo de fracassar?

Metias observa um soldado da República passar correndo por nós. O soldado levanta a cabeça para Razor, que está no telhado, e lhe presta continência.

– Se as Colônias estão apoiando os Patriotas – diz meu irmão – e sabem quem é o Day, vocês dois não deveriam ter sido levados diretamente para quem estivesse no comando?

Encolho os ombros. Lembro o curto período que passei com Anden, com suas novas leis radicais, sua nova maneira de pensar. E lembro também sua tensão com o Congresso e os senadores.

E foi aí que o sonho se interrompeu. Meus olhos se abrem de repente. Já sei por que Razor me incomoda tanto.

As Colônias não estão financiando Razor – na verdade, as Colônias nem imaginam o que os Patriotas estão planejando. Essa é a razão pela qual Razor foi adiante com o plano; é claro que ele não temia que a República descobrisse que ele trabalhava para os Patriotas.

A República havia contratado Razor para assassinar Anden.



DAY

Depois que a soldado e eu saímos da varanda e deixamos a multidão do lado de fora do nosso quarto do hospital, pedi que guardas permanecessem do lado de fora da porta (“Caso alguns admiradores tentem invadir o quarto”, disse à soldado antes que ela fosse embora), pedi mais cobertores e remédios para June. Eu não queria me levantar e ver a Kaede de novo da sacada. Gradativamente, os gritos da multidão começaram a diminuir e tudo acabou ficando em silêncio. Agora estamos completamente sozinhos, à exceção dos guardas que vigiam nossa porta.

Já peguei tudo de que precisava, mas permaneço imóvel à cabeceira de June. Aqui não há nada que eu possa transformar em uma arma, se vamos mesmo fugir hoje à noite, tudo o que podemos esperar é não ter de lutar com ninguém. E que só reparem que desaparecemos quando for de manhã.

Eu me levanto e vou até a varanda. A neve no chão lá embaixo está completamente pisada e escura, com a sujeira das botas. É claro que Kaede não está mais lá. Absorvo a paisagem das Colônias por um tempo e volto a pensar no cartaz de Kaede.

Por que ela me diria para voltar para a República? Estará tentando me levar para uma armadilha ou me prevenir? Mas se ela quisesse nos prejudicar por que bateu em Baxter e nos ajudou em Pierra?

Ela até insistiu que fugíssemos antes que os outros Patriotas nos alcançassem. Volto a deitar ao lado de June, que continua dormindo. Sua respiração está mais regular agora, e suas faces estão menos coradas do que várias horas atrás. Ainda assim, não me atrevo a perturbá-la.

Os minutos passam lentamente. Espero para ver se a Kaede vai tentar de novo. Depois da velocidade estonteante de tudo que nos aconteceu, não estou acostumado a ficar “enjaulado” assim. De repente, tenho todo o tempo do mundo.

Um barulho surdo ecoa nas portas da varanda. Fico de pé com um pulo. Talvez um galho de uma árvore tenha se quebrado ou uma telha tenha se soltado. Fico à espera, alerta. Durante um tempo, nada acontece, mas depois mais um ruído seco atinge o vidro.

Levanto-me da cama e caminho até as portas da sacada. Espreito cuidadosamente através do vidro. Não vejo ninguém. Meus olhos se fixam no chão da varanda. Lá, em plena vista, estão duas pedrinhas, um bilhete atado a uma delas.

Destranco a porta da sacada, faço-a deslizar um pouco e solto o bilhete da pedra. Depois tranco a porta novamente e abro o bilhete.

As palavras foram rabiscadas às pressas:

**Venha aqui fora. Estou sozinha. Emergência.
Vim ajudar. Precisamos nos falar. – K.**

Emergência. Amasso o bilhete. O que ela julga ser uma emergência? Tudo é emergência nesse momento. Kaede *havia mesmo* nos ajudado a fugir, mas isso não quer dizer que eu esteja disposto a confiar nela.

Nem um minuto se passou antes que uma terceira pedra atinja o chão. Desta vez, a mensagem diz:

**Se não falar comigo agora, você vai se arrepender.
– K.**

Fico furioso com essa ameaça. Kaede tem mesmo o poder de nos denunciar por sabotar o plano dos Patriotas. Permaneço onde estou, relendo o bilhete amassado. Digo então a mim mesmo: *Talvez só por alguns minutos. É isso aí. Só o tempo suficiente para ver o que a Kaede quer. Depois volto aqui para dentro.*

Agarro o casaco, respiro fundo e recuo de novo até as portas da sacada. Meus dedos abrem as portas com o maior cuidado. Um vento frio me

fustiga o rosto quando saio sorrateiramente na varanda, agacho-me e tranco as portas da sacada. Se alguém quiser invadir o quarto para machucar June, vai precisar fazer barulho suficiente para alertar os guardas do lado de fora. Salto pela lateral da varanda, giro o corpo e me agarro ao parapeito. Vou descendo até ficar pendurado entre o primeiro e o segundo andares e então me solto.

Minhas botas aterram em flocos de neve, com um suave esmigalhar. Dou uma última olhada para o parapeito do segundo andar, memorizo onde fica na rua o edifício do hospital, meto o cabelo dentro do casaco e me espremo contra a parede.

A essa hora, as ruas estão vazias e silenciosas. Espero na lateral do edifício por um minuto, antes de sair dali. *Anda logo, Kaede.* Minha respiração é expelida em curtas nuvens de vapor. Meus olhos vasculham os refúgios e as fendas ao meu redor, verificando se há perigo, mas estou completamente sozinho. *Você não queria me encontrar aqui fora? Pois bem, estou aqui.*

– Fale comigo – sussurro, contendo a respiração enquanto caminho ao lado do prédio. Meus olhos procuram patrulhas municipais, mas aqui não há nenhuma.

De repente, paro. Uma sombra sutil está agachada num dos becos próximos. Fico tenso e falo alto o bastante para a pessoa me escutar:

– Saia logo! Sei que você está aí.

Kaede se materializa fora das sombras e acena para que eu me junte a ela e sussurra:

– Vamos dar um volta. Ande logo!

Ela se apressa até um estreito beco escondido atrás de uma fileira de arbustos cobertos de neve. Percorremos a passagem até chegarmos a uma rua mais larga, para onde Kaede se dirige imediatamente. Apresso-me para ir atrás dela. Meus olhos examinam os cantos. Avalio todos os lugares por onde eu possa subir para um andar mais alto, caso alguém tente me atacar de surpresa. Todos os pelos da minha nuca se eriçam, rígidos de tensão.

Pouco a pouco Kaede diminui a velocidade, até ficarmos lado a lado. Ela está usando as mesmas calças e botas da tentativa de assassinato que

aconteceu mais cedo naquele dia, mas trocou a jaqueta militar por um manto e um cachecol de lã. Ela excluiu a faixa preta do rosto.

– Vamos direto ao assunto – digo a ela. – Não quero deixar a June sozinha por muito tempo. O que você está fazendo aqui?

Tomo a precaução de manter boa distância entre nós, para o caso de ela decidir bancar a engraçadinha com uma faca ou algo parecido. Parece que estamos sozinhos, ponto pra ela, mas me certifico de que ficaremos numa das ruas principais, de onde eu possa fugir com mais facilidade, se precisar. Alguns operários das Colônias passam apressados por nós, avermelhados pelas luzes dos comerciais dos edifícios. Os olhos de Kaede brilham com uma ansiedade quase frenética: essa é uma expressão completamente diferente da habitual.

– Eu não podia escalar a parede até o seu quarto – diz ela. O cachecol ao redor da sua boca abafa suas palavras, e ela o puxa impacientemente para baixo. – Os desgraçados dos guardas me ouviriam. Por isso você é o corredor, não eu. Juro que não estou aqui para prejudicar sua preciosa June. Se ela está sozinha no quarto, vai ficar legal. Nós não vamos demorar.

– Você seguiu a gente pelo túnel?

Kaede concorda com a cabeça.

– Dei um jeito de me livrar dos entulhos pra conseguir entrar nele.

– Onde estão os outros?

Ela aperta as luvas que usa, sopra ar quente nas mãos e resmunga contra o tempo.

– Eles não estão aqui. Só eu. Eu precisava alertar você.

Uma sensação de temor me invade a barriga.

– Sobre o quê? Tem alguma coisa a ver com a Tess.

Kaede para o que está fazendo e me cutuca as costelas com força.

– O plano do assassinato não deu certo. – Ela ergue as mãos antes que eu possa interromper. – *Sei* que você já *está a par* disso. Um monte de Patriotas foi preso. Um punhado deles fugiu, pelo menos a nossa Tess escapou. Ela fugiu com alguns dos nossos pilotos e corredores. Pascao e Baxter também fugiram.

Digo um palavrão. Tess. Sinto uma súbita compulsão de ir atrás dela para garantir que esteja a salvo e então me lembro da última coisa que ela me disse. Kaede prossegue com suas informações enquanto caminhamos:

– Não sei onde eles estão agora, mas tem uma coisa que você não sabe, e que nem *eu* sabia, até que você e June impediram o assassinato. Jordan, a garota corredora, lembra-se dela, não é?, descobriu todas essas informações num drive de computador e o entregou a um de nossos hackers.

Ela respira fundo, para e vira a cabeça para observar o chão. O vigor costumeiro de sua voz se reduz.

– Day, Razor enrolou todo mundo. Ele mentiu para os Patriotas e depois os entregou à República.

Paro subitamente de andar.

– O quê?

– Razor nos disse que as Colônias nos contrataram para matar o Eleitor e começar uma revolução, mas isso não é verdade. Descobri no dia da tentativa de assassinato que o *Senado* da República está financiando os Patriotas. – Ela balança a cabeça. – Dá pra acreditar nisso? *A República foi quem contratou os Patriotas para assassinar Anden!*

Fico em silêncio, perplexo. As palavras de June ecoam na minha cabeça: ela me disse que o Congresso não gostava do seu novo Eleitor e que, na opinião dela, Razor estava mentindo. Disse também que as coisas que ele nos falou não faziam sentido.

– Todos nós fomos apanhados de surpresa, exceto Razor – diz Kaede, quando não respondo. Recomeçamos a caminhar. – Os senadores querem que Anden morra. Eles acharam que poderiam nos usar e pôr a culpa na gente.

Meu sangue está tão acelerado que mal consigo me ouvir falar.

– Por que Razor trairia os Patriotas assim? Ele não está do lado deles há décadas? E eu que pensei que o Congresso estava tentando evitar uma revolução...

Kaede baixa os ombros de repente; sua respiração é uma nuvenzinha de vapor.

– Há uns dois anos, *Razor* foi apanhado trabalhando para os Patriotas, por isso ele fez um trato com o Congresso: convenceria os Patriotas a matarem Anden, o jovem revolucionário de pavio curto, e o Congresso “esqueceria” sua traição. No final, *Razor* seria o novo Eleitor, e com você e June trabalhando pra ele, ele acabaria sendo o herói do povo ou algo parecido. As pessoas pensariam que os Patriotas assumiram o governo. *Razor* não quer que os Estados Unidos sejam reconstituídos. Ele quer apenas se safar e vai se unir a qualquer um que o ajude a fazer isso.

Fecho os olhos. Meu mundo está girando. June havia me alertado sobre o *Razor*. Todo esse tempo tenho estado trabalhando para os senadores da República. São eles que querem Anden morto. Não me surpreende que as Colônias não tenham ideia do que os Patriotas estão tramando. Abro os olhos.

– Mas eles fracassaram. Anden continua vivo.

– Anden está vivo – confirma Kaede. – Ainda bem.

Eu devia ter confiado na June o tempo todo. Minha raiva em relação ao jovem Eleitor perde o sentido. Será que isso quer dizer... que ele realmente *soltou* o Éden? Meu irmão está livre e a salvo? Olho desconfiado para Kaede.

– Você veio até aqui só pra me dizer isso?

– É isso aí. Sabe por quê? – Ela se inclina mais para perto, até o nariz estar quase tocando o meu. – Anden está quase perdendo o controle do país. Falta muito, muito pouco para o povo se revoltar contra ele. – Ela junta dois dedos para enfatizar o que disse. – Se ele perder o poder, a gente vai ter um trabalhão para impedir *Razor* de assumir a República. Neste instante, Anden está lutando para controlar os militares, enquanto *Razor* e a Comandante Jameson estão tentando tirar dele esse controle. O governo está quase se dividindo em dois.

– Espere aí! Você disse “Comandante Jameson”?

– Havia a transcrição de uma conversa gravada entre ela e *Razor* naquele drive de computador. Lembra que nós demos de cara com ela a bordo do RS *Dynasty*? – responde Kaede. – *Razor* fingiu não ter noção de que ela estaria lá, mas *acho* que ela te reconheceu. Acho que ela queria ver você com os

próprios olhos, para confirmar que você fazia mesmo parte dos planos de Razor. – Kaede faz uma careta e continua: – Eu devia ter desconfiado que *tinha* alguma coisa errada com Razor. Eu também me enganei sobre Anden.

– Por que você se importa com o que acontece à República? – pergunto. O vento lança lufadas de neve da rua, ecoando a frieza das minhas palavras. – E por que agora?

– Eu estava participando por causa do dinheiro, confesso. – Kaede sacode a cabeça; sua boca expressa uma linha tensa. – Mas, em primeiro lugar, não recebi dinheiro algum, porque o plano furou. Depois, eu não me alistei para destruir o país, para entregar todos os civis da República de volta a outro maldito Eleitor. – Então seu tom de voz baixa e seus olhos ficam embaçados. – Sei lá... Talvez eu estivesse esperando que os Patriotas me oferecessem um objetivo mais nobre do que simplesmente ganhar dinheiro. Ajudar a unir novamente essas duas grandes nações rachadas. Isso teria sido irado.

O vento do inverno fustiga meu rosto. Kaede não precisa me dizer por que percorreu esse longo caminho para chegar até mim. Depois de escutar o que ela disse, eu sei por quê. Lembro o que a Tess me disse em Lamar: *“Todo mundo está de olho em você, Day. Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.”* Talvez seja a única pessoa capaz de salvar Anden agora. Sou a única pessoa a quem o povo da República dará ouvidos.

Nós nos calamos e nos escondemos ainda mais nas sombras, quando alguns policiais passam apressadamente. A neve se desprende das suas botas. Eu os observo desaparecer no último beco do qual saímos. Aonde estarão indo?

Quando Kaede continua a andar com o cachecol cobrindo sua boca de novo, pergunto:

– E as Colônias?

– Que é que tem? – resmunga ela, através do cachecol.

– Por que não deixar a República desmoronar e as Colônias assumirem? O que me diz dessa ideia?

– Nunca se tratou de deixar as Colônias vencerem. Os Patriotas visam a recriar os Estados Unidos, da melhor maneira possível.

Kaede faz uma pausa e gesticula para que caminhemos por outra rua. Andamos mais dois quarteirões antes de ela nos parar em frente a uma enorme fileira de edifícios arruinados.

– Que é isto? – pergunto a Kaede; ela, porém, não responde. Examino o prédio à minha frente. Tem cerca de trinta andares de altura, mas se estende por várias quadras da cidade. A cada dez metros, entradas minúsculas e escuras estão talhadas no andar de baixo do conjunto. Água goteja das laterais, das janelas e das varandas deterioradas, esculpindo feias fileiras de fungos nas paredes. A estrutura se estende ao longo da rua onde estamos. Vista do céu deve parecer um gigantesco bloco negro de concreto.

Fico boquiaberto. Depois de ver as luzes dos arranha-céus das Colônias, é chocante constatar que um edifício assim existe por aqui.

Já vi conjuntos de edifícios abandonados da *República* com aparência melhor do que esta. As janelas e os corredores são pequenos e grudados uns nos outros que nenhuma luz poderia alcançar muita coisa dentro deles. Eu espreito para dentro de uma das entradas negras.

Escuridão, um estranho vazio. O som de água gotejando e de débeis pisadas ecoa. De vez em quando, vejo uma luz bruxuleante, como se alguém estivesse lá com uma vela. Olho para os andares superiores. A maioria das janelas está rachada e estilhaçada ou simplesmente não existe mais. Algumas têm fitas de plástico de um lado a outro. Vasos de planta antigos nas varandas são posicionados de baixo de goteiras, e várias sacadas têm fileiras de roupas esfarrapadas penduradas nos parapeitos. Deve ter gente morando lá. Esse pensamento me faz estremecer. Olho uma vez para trás, vejo os arranha-céus reluzentes no quarteirão logo atrás de nós e, depois, volto a observar esta estrutura de cimento apodrecendo.

Um tumulto no final da rua desperta nossa atenção. Desvio o olhar do conjunto em ruínas. A um quarteirão de distância, uma senhora de meia-idade, com botas masculinas e um casaco surrado, faz uma súplica a dois homens vestidos com pesados vestuários plásticos. Ambos usam visores claros que lhes cobrem o rosto e grandes chapéus de abas largas.

– Dá só uma olhada – sussurra Kaede, e nos arrasta para uma das entradas escuras entre duas portas no nível térreo do conjunto. Inclina-

ligeiramente a cabeça, para que possamos ouvir o que está acontecendo. Embora estejam a uma boa distância, a voz da mulher se faz ouvir nitidamente no ar silencioso e gelado.

– Eu só deixei de pagar uma parcela este ano. Posso correr para o banco logo que abrir e lhes dar todas as Notas que eu tenho...

– É a política da DesCon, senhora – interrompe-a um dos homens. – Não podemos investigar crimes para clientes que vêm atrasando pagamentos à polícia local.

A mulher está em lágrimas e torce as mãos com tanta força que tenho a impressão de que vai ficar sem pele.

– Deve haver alguma coisa que vocês possam fazer! Alguma coisa que eu possa dar a vocês ou a outro departamento policial. Eu...

– Todos os departamentos da polícia seguem a política da DesCon. Quem é seu empregador? – É o outro homem quem fala agora.

– A Cloud Corp – responde a mulher, esperançosa. Como se essa informação pudesse persuadi-los a mudar de ideia.

– A Cloud Corp desencoraja seus trabalhadores de saírem às ruas depois das onze da noite. – Ele aponta com a cabeça para o conjunto de edifícios e diz: – Se a senhora não voltar para casa, a DesCon vai reportá-la à Cloud, e a senhora pode perder seu emprego.

– Mas roubaram tudo que eu tenho! – A pobre senhora começa a soluçar alto. – Minha porta está completamente despedaçada, e todos os meus alimentos e as minhas roupas sumiram. Os homens que fizeram isso moram no meu andar; se vocês puderem vir comigo, podem prendê-los, eu sei onde eles moram.

Os dois homens já começaram a se afastar. A mulher sai correndo atrás deles, suplicando ajuda, embora ambos continuem a ignorá-la.

– Mas a minha casa... se vocês não fizerem alguma coisa, como é que eu... – ela não para de falar. Os homens repetem suas advertências de que vão denunciá-la.

Quando foram embora, eu me viro para Kaede.

– O que foi isso?

– Não foi óbvio? – responde Kaede, sarcasticamente, quando saímos da escuridão do prédio e chegamos à rua.

Ficamos calados. Finalmente, Kaede explica:

– A classe trabalhadora entra pelo cano em tudo que é lugar, não é? Minha teoria é: as Colônias são melhores do que a República em alguns aspectos, mas, acredite se quiser, o inverso também é verdade. Não existe a tal utopia burra que tu fantasia, Day. Simplesmente não existe. Eu não tinha por que dizer isso antes; é uma coisa que você precisava ver com os próprios olhos.

Começamos a caminhar de volta para o hospital. Mais dois soldados das Colônias passam por nós, sem qualquer interesse. Um milhão de pensamentos gira na minha cabeça. Meu pai nunca deve ter posto os pés nas Colônias ou, se o fez, apenas passou os olhos pela superfície, da mesma forma que June e eu fizemos quando chegamos. Sinto um nó na garganta.

– Você confia em Anden? – pergunto após um momento. – Vale a pena salvá-lo? Vale a pena salvar a *República*?

Kaede faz vários desvios. Finalmente, para perto de uma loja com telas em miniatura na vitrine, cada uma das quais transmitindo programação diferente sobre as Colônias. Kaede nos conduz para uma pequenina transversal da loja, onde a escuridão da noite nos engole. Ela para e gesticula para as telas dentro da loja. Lembro que passei por uma loja assim no nosso caminho para a cidade.

– As Colônias sempre exibem notícias surrupiadas das conexões sem fio da República. Eles têm um canal todinho pra isso. Este resumo de notícias vem se repetindo desde a tentativa fracassada de assassinato.

Meus olhos vagueiam pelas manchetes do monitor. A princípio eu apenas olho fixamente e sem expressão, perdido em pensamentos agitados sobre os Patriotas, mas, no momento seguinte, me dou conta de que a transmissão não é sobre escaramuças na frente de batalha nem notícias sobre as Colônias, e sim sobre o Primeiro Eleitor da República. Uma onda de desagrado me percorre instintivamente ao ver Anden na tela. Eu me esforço para ouvir o noticiário e me pergunto de que modo as Colônias interpretariam os mesmos fatos.

Uma legenda aparece sob o discurso gravado de Anden. Eu a leio sem poder acreditar:

O ELEITOR LIBERTA IRMÃO CAÇULA DE DAY, O NOTÓRIO REBELDE. FARÁ UM PRONUNCIAMENTO PÚBLICO AMANHÃ, NA CAPITAL TOWER.

– A partir de hoje – diz o Eleitor, num vídeo pré-gravado. – Éden Bataar Wing está oficialmente liberado do serviço militar e, como agradecimento por sua colaboração, está igualmente isento das Provas. Todos os outros doentes que eram transportados ao longo da frente de batalha já foram libertados e enviados de volta para suas famílias.

Preciso esfregar os olhos e reler as legendas.

Elas continuam lá: o Eleitor libertou Éden.

De súbito, já não sinto o ar gelado. Não sinto *nada*. Minhas pernas estão bambas. Minha respiração acompanha o ritmo rápido dos meus batimentos cardíacos. Isso não pode estar certo. O Eleitor está provavelmente anunciando o assunto em público para me atrair de volta à República. Ele está tentando me comprar e ainda por cima bancar o bonzinho. Não é possível que ele tenha libertado Éden e todos os demais, inclusive o menino que vi no trem, por livre e espontânea vontade. De jeito nenhum!

De jeito nenhum? Mesmo depois de tudo que June me disse, mesmo depois do que Kaede acabou de dizer? Mesmo agora, não confio em Anden?

Qual é o meu problema?

Então, à medida que continuo assistindo, o discurso gravado do Eleitor dá lugar a um vídeo que mostra Éden sendo escoltado para fora de um tribunal, sem algemas e vestindo roupas que geralmente são apropriadas a um filho de uma família abastada.

Seus cachos louros estão bem penteados. Ele examina as ruas com olhos incrédulos, mas está *sorrindo*. Enterro a mão na neve, numa tentativa de me equilibrar. Éden está com aparência saudável, bem cuidada. Quando filmaram isso?

O noticiário com Anden finalmente acaba, e agora o vídeo mostra imagens da tentativa fracassada de assassinato, seguidas por cenas de batalhas no fronte. As legendas são completamente diferentes das que eu havia visto na República:

**FRACASSA TENTATIVA DE ASSASSINATO DO NOVO PRIMEIRO
ELEITOR DA REPÚBLICA, O SINAL MAIS RECENTE DE
PERTURBAÇÃO NA REPÚBLICA.**

A legenda é divulgada por uma linha menor no canto da tela e que diz: **ESTA TRANSMISSÃO É PATROCINADA PELA EVERGREEN ENT.** O símbolo circular já conhecido figura ao lado.

– Decida por si só o que pensa de Anden – resmungo Kaede. Ela para e tira flocos de neve das pestanas.

Eu estava errado. A certeza disso me assenta no estômago como um peso morto, uma rocha de remorso por ter antagonizado June tão violentamente quando ela tentou me explicar tudo isso no abrigo subterrâneo. Como eu pude dizer todas aquelas coisas horríveis para ela? Penso nos anúncios esquisitos e perturbadores que vi aqui, nas habitações em ruínas dos pobres, no desapontamento que sinto ao saber que as Colônias não são o farol brilhante idealizado por meu pai. Seu sonho de arranha-céus reluzentes e uma vida melhor era apenas isso.

Então me lembro do sonho sobre o que eu faria depois que toda esta história terminasse: eu correria para as Colônias com June, Tess, Éden, começaria uma vida nova e deixaria a República para trás. Talvez eu venha tentando fugir para o lugar errado e escapar das coisas erradas. Penso em todas as vezes em que entrei em conflito com soldados. No ódio que eu sentia por Anden e por todos que cresciam ricos. Depois visualizo as favelas onde cresci. Desprezo a República. Quero que ela desmorone, certo? Mas só agora faço a distinção: desprezo as leis da República, mas amo a República. Amo *o povo*. Não estou fazendo o que estou fazendo pelo Primeiro Eleitor; estou fazendo isso por eles.

– Os alto-falantes da Capital Tower ainda estão conectados aos telões? – pergunto a Kaede.

– Até onde eu sei, estão – responde ela. – Com toda a agitação das últimas quarenta e oito horas, ninguém reparou que a fiação foi modificada.

Meus olhos visam os telhados, onde aviões de caça se enfileiram à espera de novos voos.

– Você é mesmo uma piloto tão boa quanto diz?

Kaede encolhe os ombros e sorri.

– Sou melhor ainda.

Lentamente, começo a conceber um plano.

Mais dois soldados das Colônias passam correndo. Desta vez, uma sensação de angústia me percorre o pescoço. Esses soldados, como os mais recentes que vimos, também entram no beco que atravessamos. Certifico-me de que não há mais nenhum deles vindo e corro até a escuridão da rua. *Não, não, agora não.*

Kaede me segue de perto.

– O que foi? Tu ficou branco feito uma folha de papel.

Eu a havia deixado sozinha e vulnerável num lugar que julguei ser nosso paraíso de salvação. Eu a abandonei no covil dos lobos. E se alguma coisa acontecer a ela por minha causa... Começo a correr desesperadamente.

– Acho que eles estão indo ao hospital para prender June.

JUNE

Acordo bruscamente do meu sonho, ergo a cabeça e meus olhos vasculham a área. A ilusão de Metias desaparece. Estou num quarto de hospital e Day desapareceu. É o meio da noite. Será que já estivemos aqui antes? Tenho uma vaga lembrança de Day à minha cabeceira e dele indo até a varanda para cumprimentar uma multidão que o ovacionava. Agora, ele não está aqui. Aonde terá ido?

Levo um instante, zozna como estou, para perceber o que me acordou. Não estou sozinha no quarto. Há uns seis soldados da Colônia no recinto. Uma deles, alta e de cabelo comprido, aponta a arma para mim.

– É essa aí? – pergunta ela, mantendo-me na sua linha de fogo.

Um soldado mais velho concorda com a cabeça.

– É ela mesma. Não sabia que Day estava escondendo um soldado da República. Essa garota é simplesmente June Iparis, a mais célebre prodígio da República. A DesCon vai ficar contente. Essa prisioneira vai valer um bocado de grana. – Ele sorri friamente para mim. – Conta aqui pra gente, minha cara, onde está o Day?

Passaram-se dezesseis minutos. Os soldados prenderam minhas mãos nas costas com um par de algemas. Minha boca está amordaçada. Três deles ficam perto da porta aberta do quarto, enquanto os outros vigiam a sacada. Solto um gemido. Embora eu já esteja sem febre, e minhas articulações não doam, minha cabeça continua zozna. *Onde está o Day?*

Um dos soldados fala num fone de ouvido.

– Sim. – Ele faz uma pausa. – Nós vamos transferi-la para uma cela. A DesCon vai conseguir muita informação boa dessa garota. Vamos mandar Day pra ser interrogado logo que a gente conseguir botar as mãos nele.

Outro soldado está mantendo a porta aberta com a bota. Deduzo que estejam esperando por uma maca para me levarem daqui. Isso quer dizer

que tenho menos de dois ou três minutos para me safar desta situação.

Tento me acostumar com a mordaça, contendo minha náusea, e me obrigo a ficar calma. Meus pensamentos e lembranças estão se emaranhando. Pisco e me pergunto se estou tendo alucinações. Os Patriotas estão sendo financiados pela República. Por que não percebi isso antes? Era muito óbvio, desde o princípio – móveis requintados no apartamento, a facilidade com que Razor nos levava de um lugar para outro sem ser apanhado...

Observo o soldado continuar a falar no fone de ouvido. Como vou poder alertar o Day? Ele deve ter saído pelas portas da varanda; quando voltar, eu já terei ido e os soldados estarão aqui, prontos para interrogá-lo. Talvez até pensem que somos espiões da República. Passo várias vezes um dedo no meu anel de cliques de papel.

O anel de cliques de papel.

Meu dedo para de se mover. Em seguida, eu o tiro pouco a pouco do dedo anular e tento desenrolar os fios do anel de metal. Um soldado me olha de relance, mas fecho os olhos e gemo baixinho de dor através da mordaça. Ele volta a conversar. Meus dedos percorrem os fios em espiral e os endireitam. Os cliques de papel foram torcidos seis vezes. Desdobro as primeiras duas pontas, depois endireito o resto do clipe de papel e o moldo no que espero que seja uma forma estendida de um Z. Esse movimento provoca uma câibra dolorosa nos meus braços.

De repente, um dos soldados na sacada para de falar e examina as ruas lá embaixo. Permanece assim por algum tempo, com os olhos vasculhando tudo. Se viu Day, ele deve ter desaparecido de novo. O soldado esquadrinha os telhados, depois se desinteressa e volta à sua postura original. Ouço pessoas falando ao longe no corredor e o som inequívoco de rodinhas no chão azulejado. Estão trazendo a maca.

Preciso me apressar. Insiro um, depois dois cliques de papel dobrados no cadeado das minhas algemas. Meus braços estão me matando de dor, mas não posso parar agora. Cautelosamente, empurro um dos fios ao redor do cadeado, sinto-o raspar o interior dele até finalmente alcançar o tambor. Torço o clipe e empurro o tambor para o lado.

– A DesCon está a caminho, com reforços – murmura um soldado. Quando ele fala, mexo no segundo clipe de papel e escuto o cadeado fazer um clique minúsculo e quase imperceptível. Dois soldados e uma enfermeira entram com a maca no meu quarto, param um momento no portal e rolam a maca na minha direção. O cadeado das minhas correntes se abre; sinto as algemas saindo das minhas mãos com um tinido baixinho. Um dos soldados concentra os olhos azul-claros em mim e franze os lábios grossos. Ele repara na sutil mudança da minha expressão e ouviu o som do clique também. Seus olhos se fixam rapidamente nos meus braços.

Se quero tentar escapar, agora é minha única chance.

De repente, viro o corpo para o lado da cama e salto. As correntes caem na cama e meus pés alcançam o chão. Sinto tontura, como se uma cachoeira estivesse me atingindo, mas consigo me controlar.

O soldado com a arma apontada para mim grita um alerta, mas ele é lerdo demais. Chuto a maca o mais forte que posso, ela tomba, provocando a queda de um soldado. Outro soldado me agarra, mas eu me esquivo e ele não consegue me prender. Meus olhos focalizam a varanda.

Mas lá também ainda há três soldados, que correm para me atacar. Driblo dois deles, mas o terceiro me pega pelos ombros e me dá uma gravata. Ele me atira no chão e me deixa sem fôlego. Luto freneticamente para me soltar.

– Fique parada aí! – exclama um deles, enquanto outro tenta colocar um novo par de algemas nos meus pulsos. Ele solta um uivo quando giro o corpo e meto os dentes com vontade no seu braço.

Não adianta nada. Sou capturada, estou presa.

De súbito a porta de vidro da sacada se espatifa em um milhão de cacos. Os soldados, perplexos, giram o corpo para ver o que aconteceu. Tudo está rodando. No meio dos gritos e das pisadas, vejo duas pessoas invadindo o quarto, vindas da varanda. Uma delas é uma garota que reconheço: *Kaede?*, penso, incrédula.

A outra pessoa é Day.

Kaede chuta um soldado no pescoço; Day avança para o soldado que me segura e o derruba no chão. Antes que qualquer soldado possa reagir, Day

ataca de novo. Ele agarra minhas mãos e me levanta.

Kaede já está no parapeito da sacada.

– Não atirem neles! – ouço um soldado gritar atrás de nós. – Eles valem uma nota preta!

Day nos leva rapidamente para a sacada e depois se joga para a beirada da grade com apenas um salto. Ele e Kaede tentam fazer com que eu fique ereta, quando dois outros guardas correm na nossa direção.

Mas meu corpo começa a desabar. Minha súbita explosão de energia não é páreo para minha doença. Estou muito debilitada. Day pula do peitoril e se ajoelha ao meu lado. Kaede solta um grito, ataca um dos soldados, que cai ao chão.

– Encontro vocês lá! – grita para nós e corre para dentro do quarto, se esquivando dos guardas. Ela não se deixa agarrar por eles e desaparece pelo corredor.

Day pega meus braços e os põe ao redor do seu pescoço, dizendo:

– Segura firme.

Quando se apruma, aperto minhas pernas em volta dele e me agarro às suas costas o mais forte que posso. Ele sobe no peitoril da varanda; suas botas esmigalham os cacos dos vidros das portas, e ele salta para o patamar do segundo andar. Compreendo imediatamente aonde estamos indo. Para o telhado, onde aviões de caça se enfileiram. Kaede está subindo pela escada. Day e eu vamos pegar um atalho.

Seguimos até o parapeito do segundo andar. Os cabelos de Day roçam meu rosto quando ele consegue alcançar o patamar do terceiro andar. Sinto sua respiração acelerada, seus músculos rígidos na minha pele. Faltam ainda dois andares. Um dos soldados tenta nos seguir, mas muda de ideia e corre de volta para dentro, para pegar a escada.

Day luta para se equilibrar, quando salta para mais um degrau.

Estamos quase no telhado. Os soldados começam a se espalhar no gramado abaixo. Posso vê-los apontando as armas para nós. Day trinca os dentes e me coloca no parapeito.

– Vá primeiro – diz, e me ajuda a me erguer.

Agarro o parapeito, reúno toda a minha força e puxo meu corpo para cima. Quando finalmente consigo alcançar o peitoril, dou meia-volta e agarro a mão de Day. Ele também salta para o telhado. Uma faixa vermelho-escura mancha sua mão. Ele deve ter se machucado na subida.

Sinto vertigens.

– Sua mão... – começo a dizer, mas ele apenas balança a cabeça para mim, passa o braço pela minha cintura e nos leva para o avião de caça mais próximo no telhado. Soldados começam a surgir aos borbotões pela porta de entrada do telhado: vejo com clareza alguém que corre mais rapidamente em nossa direção: Kaede.



Kaede não perde tempo. Ela aponta para o avião de combate mais próximo de nós e dá uma corridinha na rampa que leva à cabine. Começo a ouvir tiros. June se encosta pesadamente em mim. Sinto que ela está perdendo as forças, e então a seguro nos braços e a carrego junto ao peito. Os soldados que chegaram ao telhado se movimentam com mais rapidez ao perceberem o que a Kaede quer fazer. Ela, porém, está muito à frente deles. Corremos em direção à rampa.

O motor do avião ganha vida quando alcançamos o primeiro degrau da rampa, e, bem embaixo da aeronave, dois grandes escapes dos gases de combustão lentamente se inclinam para baixo e se voltam para o solo. Estamos nos preparando para nos projetarmos diretamente para o céu.

– Caramba! Andem logo! – grita Kaede da cabine. Depois ela some de vista e solta uma série de impropérios.

– Pode me soltar – pede June. Ela salta para o chão com os próprios pés, tropeça e se endireita para dar os dois primeiros passos. Fico atrás dela, com os olhos fixos nos soldados. Eles estão quase chegando até nós. June consegue alcançar o topo da rampa e subir na cabine. Subo correndo até a metade da rampa, quando um soldado agarra a perna da minha calça e me puxa para baixo com um safanão. *Lembre-se do equilíbrio. Espalhe seu peso pelas plantas do pés. Pegue esse cara nos lugares certos.* As lições de luta que June me deu percorrem minha cabeça rapidamente. Quando o soldado balança o corpo para me alcançar, eu me esquivo, vou para o lado dele e o atinjo o mais forte que posso, bem debaixo da caixa torácica. Ele cai em cima de um joelho. *Golpe no fígado.*

Outros dois soldados me alcançam, e eu me preparo, mas aí um deles solta um grito estridente e cai para fora da rampa, com um ferimento à bala no ombro. Olho de relance para a cabine. June segura a arma de Kaede e está mirando os soldados. Volto a subir os degraus e dou um salto até o

topo, onde June já está com cinto de segurança afivelado no assento do meio, logo atrás de Kaede.

– Anda logo com isso! – diz Kaede bruscamente. Os motores emitem mais um estrondo agudo. Atrás de mim, vários guardas começaram a subir os primeiros degraus.

Dou um pulo para a grade de metal demarcando o topo da rampa, agarro a lateral da cabine e empurro a rampa com os pés com toda a minha força. A rampa oscila por um instante e depois começa a tombar. Os soldados gritam advertências e se esquivam da queda, jogando-se no chão. Quando a rampa se espatifa no telhado, eu já estou no avião, afivelando o cinto no último assento. Kaede desliza a porta da cabine e a fecha. Sinto um arrepio no estômago quando nos elevamos acima do telhado e dos edifícios. Através do vidro da cabine, vejo pilotos se apressando para entrar nos jatos nos prédios próximos, assim como o segundo avião no telhado do hospital.

– Merda! – exclama Kaede lá na frente. – Eu vou *acabar* com a raça deles. Eles me acertaram. – Sinto que houve um deslocamento do escape. – Agarrem-se aí! Vai ser uma viagem turbulenta!

Paramos de subir. Os motores emitem um rugido ensurdecedor, e depois nos arremessamos para a frente. O mundo passa correndo por nós e sinto formar-se uma pressão no meu peito à medida que Kaede aumenta a velocidade do jato. Ela solta um grito eufórico. Quase imediatamente escuto uma voz estalando na cabine:

– Piloto, esta é uma ordem para que você aterrisse sua aeronave imediatamente.

Quem fala está nervoso. Deve ser o piloto do jato que nos segue.

– Vamos abrir fogo. Repito: aterrisse imediatamente ou vamos abrir fogo.

– Só tem um jato nos perseguindo. Facinho de resolver. Segura firme, galera!

Kaede faz uma curva abrupta e quase desmaio com a mudança de pressão.

– Você está bem? – pergunto a June, em voz bem alta.

Ela responde alguma coisa, mas não consigo ouvi-la, devido ao barulho dos motores.

De repente, Kaede aciona com força um botão de controle e empurra uma alavanca para a frente, em toda a sua extensão. Minha cabeça bate na lateral da cabine. Giramos cento e oitenta graus em menos de um segundo.

Vejo um jato voando à nossa frente a uma velocidade aterradora. Instintivamente, levanto as mãos.

Até June grita:

– Kaede, o que você...

Kaede abre fogo. Uma saraivada de luzes brilhantes sai como um raio do nosso jato para atingir o que está à nossa frente. Os motores nos arremessam para a frente e para cima. Ouvimos uma explosão atrás de nós – o tanque de combustível do outro jato ou sua cabine deve ter sido atingido.

Kaede grita:

– Eles vão ter dificuldade para nos seguir agora. Estamos muito à frente, e eles não vão querer atravessar a frente de batalha. Vou fazer este brinquedinho dar o máximo que puder. Vamos chegar à República em alguns minutos.

Não pergunto de que maneira ela planeja passar pelos soldados da República sem que nos derrubem a tiros.

Quando olho pela cabine para os gigantescos edifícios das Colônias, solto o ar e me deixo cair repentinamente no meu assento. Luzes brilhantes, arranha-céus reluzentes, tudo que meu pai me descrevia nas poucas noites por ano em que conseguíamos estar com ele. À distância, é tudo encantador.

– E aí? – diz Kaede. – Eu não estou queimando combustível à toa, não, né, Day? Vamos mesmo para Denver?

– Vamos – respondo.

– Qual é o plano? – A voz de June ainda soa débil, mas percebo um desejo candente nela, a sensação de que estamos na iminência de fazer algo fundamental. Ela sabe que alguma coisa mudou dentro de mim.

É estranho como me sinto calmo.

– Estamos indo para a Capital Tower. Vou anunciar para a República meu apoio a Anden.

JUNE

Faltam poucos minutos para chegarmos à fronteira da República. Isso quer dizer que, à velocidade em que estamos indo (facilmente mais de 12.800 quilômetros; todos sentimos uma súbita mudança de pressão quando rompemos a barreira do som, como se estivéssemos sendo arrancados de um denso lamaçal), nos encontramos a uns trinta quilômetros ou mais da frente de batalha e a várias centenas de quilômetros de Denver. Day me conta tudo que Kaede disse a ele sobre os Patriotas, sobre quem é o verdadeiro Razor, sobre Éden e, finalmente, sobre a determinação do Congresso de depor o Eleitor. Tudo que eu já havia descoberto e mais alguma coisa. Minha cabeça estava enevoada quando saímos às pressas do quarto e abrimos caminho até o telhado do hospital. Agora, depois de respirar o ar fresco e frio, e do impacto da velocidade das manobras aéreas de Kaede, tenho condições de analisar todos os detalhes um pouco mais claramente.

– Estamos nos aproximando da frente de batalha – diz Kaede.

No instante em que essas palavras saem da sua boca, ouço o som distante de explosões. As explosões são abafadas, mas devemos estar a centenas de metros acima do solo e ainda posso sentir o choque todas as vezes em que elas acontecem. Há uma repentina ascensão e me agarro ao assento. Kaede está tentando levar o jato ao limite para que não sejamos atingidos no ar por mísseis disparados da terra. Eu me obrigo a respirar fundo e calmamente enquanto continuamos a subir. Meus ouvidos estalam sem parar. Observo Kaede entrar em formação com uma esquadrilha das Colônias.

– A gente logo vai precisar se afastar deles – resmunga ela. Sua voz exprime dor, causada pelo ferimento à bala. – Aguentem firme!

– Day! – consigo gritar.

Não escuto nada e, por um instante, acho que ele desmaiou, mas então ele responde:

– Estou aqui.

Ele parece desligado, como se estivesse lutando para se manter consciente.

– Denver está só a alguns minutos de distância – revela Kaede.

Nós voltamos a nos estabilizar. Quando espreito pela janela da cabine para os grupos de nuvens embaixo, longe de nós, recupero o fôlego. Dirigíveis – uns cento e cinquenta, no mínimo, que é o mais longe que a vista alcança – pontilham o céu como adagas em miniatura pairando a grande altura no ar, estendendo-se em filas no horizonte. Todos os dirigíveis das Colônias têm uma listra dourada nítida no meio da pista, o que podemos enxergar mesmo daqui de cima. Não muito distante, à frente deles, há uma larga faixa de espaço aéreo vazio, onde centelhas de luzes e fumaça se espalham para trás e para a frente, e do outro lado estão fileiras de dirigíveis que consigo reconhecer. São da República, marcados com uma estrela vermelha na lateral de cada casco. Jatos travam combates aéreos. Devemos estar a mais de cento e cinquenta metros deles, mas não sei bem se essa distância é segura o suficiente.

Um alarme bipa no painel de controle de Kaede, a voz de um estranho invade a cabine:

– Piloto, você não tem autorização para esta área. – É uma voz masculina, com sotaque das Colônias. – Esta não é sua esquadrilha. Suas ordens são para aterrissar imediatamente no DesCon Nove.

– Negativo – responde. Kaede embica o nariz do jato para cima e continua subindo.

– Piloto, eu repito: suas ordens são para aterrissar imediatamente no DesCon Nove.

Kaede desliga o microfone por um instante e olha para nós. Ela está um pouco satisfeita demais com a nossa situação para o meu gosto. Seu olhar é debochado.

– Estamos com dois deles bem na nossa cola. – Ela então religa o microfone e responde veementemente: – Negativo, DesCon. Vou te

despachar pra outra galáxia.

A pessoa no outro avião se mostra então atônita e zangada:

– Altere seu curso imediatamente e siga...

Kaede solta um grito ensurdecido.

– Vamos dividir o céu ao meio, rapazes!

Ela arremessa o jato para a frente e para cima a uma velocidade estonteante, depois faz o avião entrar em parafuso. Raios de luz passam velozmente pela janela da cabine. Os dois jatos que nos perseguiram devem ter se aproximado o suficiente para abrir fogo. Sinto náuseas quando Kaede nos arremessa num súbito mergulho, causando a parada do nosso motor. Caímos a um ritmo que faz com que minha visão só enxergue em branco e preto. Eu me sinto desfalecer.

Um instante depois acordo, sobressaltada: devo ter apagado.

Estamos caindo. Os dirigíveis abaixo de nós aumentam de tamanho; parece que estamos nos dirigindo diretamente para o deque de um deles. Estamos rápidos demais. Seremos despedaçados. Mais rajadas de luz passam voando pela lateral da aeronave.

Então, sem avisar, Kaede aciona os motores de novo. O ronco é de estourar os tímpanos. Ela puxa com força uma alavanca para trás e todo o jato gira em meio círculo, de modo que o nariz do avião está de novo de frente. Sou quase sugada para meu assento com essa mudança repentina. Minha visão escurece novamente, e desta vez não tenho ideia de quanto tempo se passou. Alguns segundos? Minutos?

Percebo que estamos nos elevando de novo no céu.

Os outros jatos se precipitam para baixo. Estão tentando nos alcançar, mas é tarde demais. Atrás de nós, uma enorme explosão nos sacode com violência em nossos assentos. Os jatos devem ter atingido o deque do dirigível com a força de uma dúzia de bombas. Labaredas laranjas e amarelas se revolvem agitadamente para cima de uma das aeronaves das Colônias.

Estamos agora subindo em grande velocidade no espaço aéreo vazio entre os dois países, e Kaede faz o jato entrar em mais um parafuso, que nos salva de uma barragem de fogo. Conseguimos atravessar o espaço aéreo

acima dos dirigíveis da República. *Um solitário jato das Colônias, perdido em meio ao caos.* Fico de boca aberta com o panorama e me pergunto se a República está confusa porque as Colônias atacaram um de seus próprios jatos. No mínimo, foi isso que nos deu tempo suficiente para cruzar os céus da frente de batalha.

– Aposto que essa foi a melhor split-S que vocês já viram! – diz Kaede, com uma risada mais tensa do que de costume.

Não muito longe de nós, estão as gigantescas torres de Denver e sua ameaçadora Muralha escondida numa vastidão permanente de nevoeiro e neblina. Atrás de nós, ouço os primeiros sons de tiroteio, quando jatos republicanos começam a nos seguir, numa tentativa de nos derrubar.

– Como é que a gente vai entrar? – grita Day para Kaede quando ela põe o avião em parafuso, dispara um míssil para trás e aumenta a nossa velocidade.

– Deixa comigo. Eu consigo! – grita ela em resposta.

– Nós não vamos conseguir se subirmos mais! – respondo. – A Muralha tem mísseis enfileirados em toda a sua extensão. Eles vão nos derrubar antes que a gente consiga entrar na cidade.

– Nenhuma cidade é impenetrável – replica Kaede, e arremessa o jato ainda mais baixo, mesmo enquanto os jatos da República não deixam de nos perseguir. – Sei o que estou fazendo.

Estamos nos aproximando rapidamente de Denver. Já posso ver os ameaçadores contornos da Muralha se elevando à nossa frente, uma barricada única na República, e os maciços pilares cinzentos – com um intervalo de trinta metros entre eles – enfileirados aos seus lados. Fecho os olhos. Sem chance. Não tem *como* Kaede nos livrar dessa agora. Talvez uma esquadrilha de jatos conseguisse, mas, ainda assim, a possibilidade seria bem remota.

Imagino um míssil nos atingindo, nossos assentos nos ejetando nos céus da cidade, os tiros que vão disparar contra nossos paraquedas, o que fará nossos corpos mergulharem verticalmente até o chão. A Muralha está perto agora. Eles já deviam estar nos observando há algum tempo, com as armas

apontadas em nossa direção. Aposto como nunca viram um jato das Colônias de perto antes.

E, então, Kaede faz o jato mergulhar. Não foi um mergulho qualquer; estamos rumando para baixo a quase noventa graus, prontos para nos esborracharmos no solo. Atrás de mim, Day grita um palavrão. Os edifícios lá embaixo se precipitam contra nós. *Ela perdeu o controle do jato, sei que perdeu. Fomos atingidos.*

No último segundo, Kaede consegue fazer o avião se elevar. Planamos acima dos prédios à velocidade do som e tão próximo deles que parece que os telhados vão estraçalhar o fundo do nosso jato. Imediatamente Kaede começa a diminuir a velocidade do avião, até estarmos voando a uma velocidade que mal é suficiente para nos manter no ar.

De repente, percebo o que Kaede vai fazer. É completamente insano. Ela não vai sobrevoar a Muralha: ela vai tentar espremer o jato pela abertura que os trens usam para entrar e sair de Denver. Os mesmos túneis que vi quando fiz aquela viagem de trem com o Primeiro Eleitor. *É claro.* Os sistemas de mísseis terra-ar montados na extensão da Muralha não são projetados para atingir nada como o nosso avião do solo, porque não conseguem disparar de um ângulo tão baixo. E as metralhadoras nas paredes não são suficientemente potentes. Entretanto, se Kaede não mirar com a máxima precisão, vamos explodir contra a Muralha e arder em chamas. Estamos próximos o bastante para eu ver soldados correndo para lá e para cá no topo dos muros da Muralha. Mas isso já não importa muito. Em um segundo a Muralha está a algumas centenas de metros de nós e, no seguinte, estamos acelerando em direção à entrada escura de um túnel de trem.

– Segurem-se! – grita Kaede. Ela dirige o jato para mais baixo, como se isso fosse possível. A entrada nos espera, com sua boca aberta.

Não vamos conseguir. O túnel é muito pequeno.

Mas, em seguida, estamos dentro dele e, por um instante, o túnel é tão negro quanto breu. Centelhas ardentes saem de cada extremidade do jato, à medida que as asas esbarram nas laterais da entrada. Percebo que estão se apressando para fechar a entrada, mas é tarde demais agora.

Mais um instante. Saímos a toda a velocidade da entrada e entramos em Denver. Kaede aciona com força a alavanca do jato para o lado oposto, na tentativa de diminuir a velocidade ainda mais.

– Sobe, sobe! – berra Day. Mal conseguimos ver os prédios que passam rapidamente por nós. Estamos a pouquíssima altitude do solo e nos dirigindo diretamente para a lateral de um dos altos quartéis.

Kaede então desvia. Por muito pouco não batemos no edifício. Em seguida, estamos ainda mais perto do chão, perto *mesmo*. O jato atinge o solo e derrapa, fazendo com que nossos corpos se lancem violentamente contra ao cintos dos assentos. Sinto como se meus membros estivessem sendo arrancados. Civis e soldados correm para sair do caminho nos dois lados da rua. Algumas centelhas racham a cabine de comando; percebo que são tiros disparados a esmo por soldados perplexos. Multidões lotam as ruas a vários quarteirões de nós: estão de boca aberta à visão do jato em plena rua.

Finalmente paramos, quando uma das asas atinge a lateral de um prédio, o que faz com que nosso avião se espatife em um beco. Sou jogada com violência contra meu assento. A parte superior da cabine se abre antes mesmo que eu possa recuperar o fôlego.

Consigo desafivelar o cinto de segurança e salto, meio estonteada, até a beira da cabine.

– Kaede! – Aperto os olhos para vê-la e a Day através da fumaça. – Nós precisamos...

Não consigo concluir minha frase. Kaede está afundada no assento do piloto, com o cinto de segurança ainda no corpo. Seus óculos de piloto estão no alto da cabeça; acho que ela nem se deu o trabalho de colocá-los. Seus olhos apontam vagamente para os botões no painel de controle. Uma pequena mancha de sangue lhe encharca a frente da blusa, perto do ferimento que ela recebeu logo que entramos no jato. Um dos disparos havia conseguido atravessar o vidro da cabine, quando nos espatifamos ao chegar ao solo. Logo Kaede, que poucos minutos atrás parecia invencível.

Por um momento, fico paralisada. O som do caos ao meu redor se amortece, e a fumaça cobre tudo, exceto o corpo de Kaede preso no assento

do piloto. Uma vozinha consegue ecoar na minha cabeça, penetrando a neblina preta e branca do entorpecimento; é uma luzinha conhecida que pulsa e me faz voltar a agir.

Ela me diz: *Mexa-se! Agora!*

Desvio os olhos e procuro freneticamente por Day, mas ele já não está sentado no jato. Movimento-me com dificuldade até a beira da asa e deslizo sem ver pela fumaça e os destroços, até cair com as mãos e os joelhos no chão. Não enxergo nada.

E então, através da fumaça, Day corre para mim e me põe de pé. De súbito me lembro da primeira vez que o vi, materializando-se do nada, com seus olhos azuis e o rosto empoeirado, estendendo a mão para mim. Seu rosto está marcado pela agonia. *Ele também deve ter visto a Kaede.*

– Aí está você! Pensei que já tivesse saído – murmura, enquanto nos mexemos, desajeitados, em meio aos destroços do jato. – Vamos nos misturar à multidão.

Minhas pernas doem. Nossa aterrissagem conturbada deve ter provocado em mim edemas dos pés à cabeça.

Paramos debaixo de uma das asas destroçadas no momento em que soldados correm até o avião. Metade deles forma uma barreira temporária para afastar os civis; eles estão de costas para nós. Outros soldados apontam lanternas para a fumaça e os metais retorcidos, tentando encontrar sobreviventes. Um deles deve ter avistado Kaede porque ele grita alguma coisa para os outros e faz sinais para que se aproximem.

– É um *jato* das Colônias – grita, parecendo incrédulo. – Um jato conseguiu ultrapassar a Muralha e entrar direto em Denver.

Nós dois estamos temporariamente escondidos debaixo desta asa, mas logo, logo eles vão nos ver. A barricada temporária de soldados nos separa da multidão.

Ao nosso redor e em toda a cidade há sons de vidros se quebrando, incêndios barulhentos, gritos, pessoas entoando cantos. Só mesmo os que estão mais perto dos destroços do nosso jato sabem que um caça das Colônias acabou de se espatifar no centro de Denver. Olho de relance para onde avulta a Capital Tower. A voz de Anden se faz ouvir em todas as

esquinas, em todos os alto-falantes: um pronunciamento dele deve estar sendo transmitido em todos os telões da cidade... e de toda a nação. Observo vários desordeiros furiosos atirando coquetéis molotov contra os soldados. O povo nem imagina que o Congresso só está esperando que a raiva deles transborde para pôr Razor no lugar de Anden. Imagino os mesmos protestos se alastrando no país, em todas as ruas e cidades. Anden nunca vai conseguir acalmar essa multidão. Se os Patriotas tivessem conseguido divulgar publicamente o assassinato do Primeiro Eleitor pelos transmissores da Capital Tower, já teria acontecido uma revolução.

– Agora – diz Day.

Sáímos correndo de sob a asa, pegando os soldados totalmente desprevenidos. Antes que algum deles possa nos capturar ou atirar em nós, desaparecemos, esquivando-nos na multidão e nos misturando às pessoas. Day abaixa a cabeça e nos conduz através dos grupos maciços de armas e pernas. Sua mão agarra fortemente a minha. Minha respiração está interrompida e ofegante, mas eu me recuso a ir mais devagar agora. Sigo em frente. As pessoas gritam, surpresas, quando passamos por elas.

Atrás de nós, soldados dão o alarme.

– Ali! – berra um deles.

Ouvem-se alguns disparos. Estão nos perseguindo.

Avançamos ainda mais entre os manifestantes. De vez em quando escuto alguém exclamar: “Aquele é Day?”, “Day voltou num jato das Colônias?” Quando olho de relance para trás, percebo que metade dos soldados está no caminho errado sem conseguir saber a rota que tomamos. Alguns outros nos seguem, no entanto. Agora estamos a apenas um quarteirão da Capital Tower, mas, para mim, parecem quilômetros. De vez em quando, dou uma olhadela para verificar a distância, em meio a todos os corpos que puxam e empurram. Os telões mostram Anden de pé numa varanda; é um vulto minúsculo e solitário, vestido de preto e vermelho, erguendo as mãos num gesto de conciliação.

Ele precisa da ajuda do Day.

Na nossa cola, quatro soldados pouco a pouco se aproximam. A perseguição esgota o resto de forças que tenho. Estou resfolegando, lutando

para respirar. Day já está indo mais devagar para acompanhar o meu ritmo, mas sei que, dessa forma, jamais conseguiremos escapar. Aperto a mão dele e balanço a cabeça.

– Você precisa continuar sem mim – digo firmemente a Day.

– Você só pode estar louca – responde ele. Franze os lábios e nos puxa mais para a frente. – Estamos quase chegando.

– *Não dá.* – Eu me encosto nele à medida que continuamos a abrir caminho entre as pessoas. – Esta é nossa única oportunidade. Nenhum de nós vai conseguir chegar, se continuarmos juntos.

Day hesita, indeciso. Já estivemos separados uma vez antes, e agora ele está se perguntando se algum dia vai voltar a me ver se soltar minha mão, mas não temos tempo para isso agora.

– Não posso correr direito, mas posso me esconder na multidão. Confie em mim.

Sem aviso, ele me abraça forte e me beija ardorosamente na boca. Meus lábios estão em fogo. Eu retribuo o beijo impetuosamente e o abraço com todas as forças que me restaram.

Ele respira fundo e diz:

– Desculpa eu não ter confiado em você. Esconda-se, fique a salvo. A gente se vê logo.

Ele aperta minha mão e desaparece. Inalo um pouco de ar gelado e penso: *Anda logo, June. Não há tempo a perder.*

Paro onde estou, giro o corpo e me agacho bem na hora em que os soldados me alcançam. O primeiro nem consegue ver o que o atingiu. Num minuto ele já está correndo, no outro eu o derrubo de costas no chão. Não me atrevo a olhar; volto cambaleante até a multidão enraivecida, costurando o caminho entre as pessoas, de cabeça baixa, até os soldados me perderem de vista.

Não dá para acreditar na quantidade de pessoas que estão aqui. Brigas entre civis e os policiais municipais irrompem em todos os lugares. Acima de tudo isso, os telões exibem imagens ao vivo do rosto de Anden, com uma expressão séria, atrás dos óculos protetores. Ele está fazendo um apelo.

Passam-se seis minutos. Estou a apenas uns dez metros da base da Capital Tower quando reparo que as pessoas ao meu redor lentamente ficam em silêncio. Já não estão concentradas em Anden.

– Lá! – grita alguém.

Estão apontando para um garoto com cabelos claros, empoleirado em uma varanda da Capital Tower no mesmo andar de Anden, no lado oposto. O vidro protetor da sacada reflete parte da luz da rua e, daqui, o menino resplandece. Respiro fundo e faço uma pausa: é o Day.



Quando chego à Capital Tower, estou encharcado de suor. Meu corpo arde de dor. Caminho até a lateral do prédio que não dá de frente para a praça, depois estudo a multidão, enquanto as pessoas me empurram para passar em ambas as direções. Em toda a nossa volta há telões ofuscantes, e todos exibem exatamente a mesma imagem: a do jovem Eleitor, que suplica em vão ao povo que volte para casa e fique a salvo, que se disperse antes que a situação fuja de controle. Ele está tentando confortar as pessoas ao relacionar seus planos para reformar a República, eliminar as Provas e mudar a maneira em que são determinadas as atribuições de carreira. Mas dá pra dizer que esse papinho de cerca-lourenço está longe de satisfazer a multidão. Embora Anden seja mais velho e sábio do que June e eu, falta a ele algo essencial.

As pessoas não acreditam no que ele diz, elas não acreditam nele.

Aposto que o Congresso está se deliciando com tudo isso. Razor também. Será que Anden sabe que Razor foi o mentor do assassinato? Estreito os olhos e salto para agarrar a marquise inferior do segundo andar do edifício. Tento fingir que June está atrás de mim, me incentivando.

Os alto-falantes parecem mesmo estar com a fiação trocada como disse a Kaede, quando estávamos em Lamar. Eu me inclino na estreita marquise no topo do andar, para analisar os fios. É, a fiação foi alterada da mesma forma que fiz quando conheci June naquele beco à meia-noite e lhe pedi remédios para curar a praga através do sistema de alto-falantes. Exceto que, desta vez, não vou falar para uma viela escura, mas para toda a capital da República. E para todo o país.

O vento forte fustiga meu rosto e sibila nos meus ouvidos, me obrigando a ajustar minha postura constantemente. Eu poderia morrer agora mesmo. Não tenho como saber se os soldados no alto dos edifícios vão me derrubar a tiros antes que eu possa me abrigar com segurança atrás da parede de

vidro blindado de uma varanda, a alguns metros acima do resto da multidão. Talvez reconheçam quem sou e não atirem.

Escolo a lateral do prédio até alcançar o décimo andar, o mesmo em que fica a varanda do Eleitor. Agacho-me um instante para olhar para baixo. No momento em que eu virar a esquina deste edifício, todo mundo vai me ver. A multidão está basicamente concentrada neste lado; os rostos focalizados no Primeiro Eleitor; os punhos erguidos expressam a raiva dele. Mesmo daqui, consigo ver que muitos deles têm uma mecha escarlate pintada no cabelo. Aparentemente, as tentativas da República de declarar a atitude ilegal não surtem efeito quando todo mundo resolve desrespeitá-la.

Nas extremidades da praça, a polícia municipal e os soldados lutam impiedosamente com seus cassetetes, empurrando as pessoas para trás, com fileiras de escudos transparentes. Fico surpreso por não haver tiroteio. Minhas mãos começam a tremer de raiva. Existem poucas coisas tão intimidadoras quanto centenas de soldados da República usando vestimentas antimotim sem identidade, posicionados em filas soturnas e ameaçadoras contra uma multidão de manifestantes desarmados. Achatado o corpo contra a parede e inalo um pouco o ar frio da noite, lutando para me acalmar. Lutando para me lembrar de June, do irmão de June, do Primeiro Eleitor e também de que por trás de algumas dessas máscaras sem rosto da República há pessoas boas que têm pais, irmãos e filhos. Espero que Anden seja a razão pela qual nenhum tiro tenha sido disparado, que ele tenha ordenado a seus soldados para não atirar na multidão. *Preciso acreditar nisso.* De outra forma, jamais convencerei o povo do que vou dizer.

Não tenha medo, sussurro para mim mesmo, com os olhos apertados quase fechando. *Você não pode se dar a esse luxo.*

Então saio das sombras e corro ao longo da marquise até virar a quina do prédio e pulo para a primeira varanda que encontro. Estou de frente para a praça central. O vidro protetor da sacada termina a cerca de trinta centímetros da minha cabeça, mas ainda sinto o vento silvando lá de cima. Tiro o boné e o jogo por cima do vidro. Ele flutua até o chão, sendo carregado de lado pelo vento. Meu cabelo se desprende em ondas ao redor

do meu rosto. Dobro o corpo, torço um dos fios dos alto-falantes e seguro o alto-falante como se fosse um megafone. E espero.

A princípio, ninguém repara em mim, mas logo um rosto se vira na minha direção, provavelmente atraído pelo brilho do meu cabelo, e depois alguns outros e mais outros se concentram em mim. É um pequeno grupo. Esse grupo vai aumentando, e em breve soma várias dúzias, todas apontando para mim. Os grunhidos e os cânticos raivosos vindos lá debaixo começam a diminuir. Eu me pergunto se June estará me vendo. Os soldados enfileirados em outros telhados miram suas armas em mim, mas não atiram. Não sabem que atitude tomar a meu respeito, numa indefinição tensa e constrangida. Quero fugir, fazer o que sempre faço e sempre *fiz* nos últimos cinco anos da minha vida. Escapar, fugir nas sombras.

Mas, desta vez, fico firme. Estou cansado de fugir.

A multidão fica mais silenciosa à medida que cada vez mais rostos se elevam para me olhar. A princípio, escuto uma tagarelice incrédula e até algumas risadas. *Aquele lá não pode ser o Day*, eu os imagino resmungando entre si. *Deve ser um impostor*. Entretanto, quanto mais eu fico aqui, mais alto chegam suas vozes. Neste instante, todos se viram para me ver. Meus olhos vagueiam até onde Anden está na sua varanda; até ele está olhando para mim agora. Prendo a respiração, esperando que ele não decida mandar atirarem em mim. Será que *ele está* do meu lado?

A multidão começa a gritar meu nome. *Day! Day! Day!* Mal posso acreditar no que ouço. As pessoas estão entoando o meu nome, e suas vozes ressoam em todos os quarteirões e em todas as ruas. Permaneço imóvel onde estou, ainda agarrando meu megafone improvisado, sem conseguir desviar os olhos da multidão. Levanto o megafone até meus lábios e grito:

– Povo da República! Vocês estão me ouvindo?

Minhas palavras ecoam de todos os alto-falantes da praça e, pelo que sei, de todos os alto-falantes do país. Isso me assusta. As pessoas lá embaixo soltam hurras tão fortes que fazem o chão tremer. Os soldados devem ter recebido uma ordem apressada de alguém do Congresso, porque vejo alguns deles elevar suas armas. Uma bala zune no ar e atinge o vidro, faiscando. Fico imóvel.

O Eleitor faz um rápido gesto para os guardas ao seu lado, e todos pressionam uma das mãos nos ouvidos e falam nos seus microfones. Talvez ele esteja ordenando aos soldados que não me machuquem. Quero acreditar que seja isso.

– Eu não faria isso se eu fosse vocês, membros do Congresso! – grito, na direção de onde partiu a bala solitária. *Fique firme*, digo a mim mesmo. Os hurras do povo se transformam em um rugido. – Vocês não querem uma rebelião, querem?

Day! Day! Day!

– Hoje, autoridades do Congresso, eu dou um ultimato a vocês. – Meus olhos se deslocam para os telões. – Vocês prenderam inúmeros Patriotas por um crime pelo qual *vocês* próprios *são* responsáveis. Libertem imediatamente todos eles. *Cada um deles*. Do contrário, vou convocar o povo a entrar em ação, e vocês terão que lidar com uma revolução diferente da que vocês esperavam.

Os civis gritam sua aprovação. Os hurras continuam em um volume febril.

– Povo da República! – Eles continuam a me saudar com vivas. – Ouçam o que vou dizer. Hoje, dou a todos *vocês* um ultimato.

Seus hurras prosseguem até se darem conta de que me calei, e então eles também se aquietam. Aproximo o megafone da boca ainda mais.

– Meu nome é Day. – Minha voz enche o ar. – Lutei contra as mesmas injustiças contras as quais vocês estão protestando hoje aqui. Sofri as mesmas coisas que vocês. Como vocês, vi meus amigos e minha família morrerem nas mãos dos soldados da República.

Rejeito as lembranças que ameaçam tomar conta de mim. *Preciso continuar firme*.

– Passei fome, fui espancado e humilhado. Fui torturado, insultado e reprimido. Vivi nas favelas com vocês. Arrisquei a vida por vocês. E *vocês* arriscaram suas vidas *por mim*. Arriscamos nossas vidas por nosso país, não pelo país em que vivemos agora, mas pelo país que esperamos ter. Vocês são todos, cada um de vocês, *heróis*.

Vivas eufóricos reagem às minhas palavras, mesmo quando os guardas lá embaixo tentam em vão derrubar e prender os que se dispersavam, enquanto outros soldados tentam inutilmente desativar o sistema de alto-falantes cuja fiação foi trocada. Consigo perceber que o Congresso está temeroso. Eles têm medo de mim, como sempre tiveram. Então, continuo com firmeza: conto ao povo o que aconteceu à minha mãe, aos meus irmãos e à June. Conto a eles sobre os Patriotas e sobre a tentativa do Senado de assassinar Anden. Espero que Razor esteja escutando isso tudo, furioso. Em todo esse período, a atenção das pessoas jamais diminui.

– Vocês confiam em mim? – grito. A multidão responde em uníssono. O mar de gente e seus rugidos ensurdecedores são impressionantes. Se minha mãe ainda estivesse viva, se papai e John estivessem aqui não estariam sorrindo para mim agora? Respiro fundo e estremeço. *Termine o que você veio fazer, cara!* Focalizo as pessoas e o jovem Eleitor. Reúno minhas forças e em seguida digo as palavras que nunca pensei que diria:

– Povo da República, *conheçam seu inimigo*. Seu inimigo é o estilo de vida que a República nos impõe, as leis e tradições que nos emperram, o governo que nos trouxe aqui. O falecido Primeiro Eleitor. O Congresso.

Levanto o braço e aponto para Anden.

– Mas o novo Primeiro Eleitor *NÃO... É... SEU... INIMIGO!*

O povo fica em silêncio. Seus olhos estão fixos em mim.

– Vocês acham que o seu Congresso quer terminar com as Provas ou ajudar suas famílias? Isso é *mentira!*

Aponto para Anden ao dizer isso, dispondo-me a, pela primeira vez, acreditar nele.

– O Primeiro Eleitor é jovem e ambicioso, e *NÃO É como o pai dele*. Ele quer lutar por vocês, da mesma forma que *eu* luto por vocês, mas primeiro precisa que vocês lhe deem essa oportunidade. E se vocês o apoiarem com seu poder e o ajudarem a se levantar, ele vai nos levantar a todos. Vai mudar as coisas para todos nós, um passo de cada vez. Ele pode construir o país que todos nós esperamos ter. Vim aqui esta noite por todos vocês; e por *ele!*

Vocês confiam em mim? – Levanto a voz e repito: – *Povo da República: vocês confiam em mim?*

Silêncio. Depois, alguns vivas. Em seguida, mais vozes repetem a exclamação. As pessoas erguem os olhos e punhos para mim, sem parar de gritar, numa impressionante mudança.

– Então levantem suas vozes por seu Eleitor, como eu fiz, e ele vai levantar a voz dele por vocês!

Os hurras são ensurdecedores e abafam todo o resto. O jovem Eleitor mantém os olhos em mim e eu, afinal, compreendo que June tem razão. Não quero ver a República sucumbir: quero vê-la mudar.

JUNE

Passaram-se dois dias. Ou, mais precisamente, cinquenta e duas horas e oito minutos desde que Day subiu ao topo da Capital Tower e anunciou seu apoio ao Primeiro Eleitor. Sempre que fecho os olhos, ainda o vejo lá, com o cabelo brilhando como um farol de luz na noite, suas palavras soando claras e fortes pela cidade e pelo país. Sempre que sonho, sinto o ardor do seu último beijo nos meus lábios, o fogo e o medo em seus olhos. Todas as pessoas da República o ouviram naquela noite. Ele conferiu poder a Anden, que conquistou o país, tudo num só golpe.

Este é meu segundo dia num quarto de hospital nos arredores de Denver. A segunda tarde sem Day ao meu lado. Num quarto vários andares abaixo, Day está sendo submetido aos mesmos exames, não só para garantir sua saúde, como também para deixar patente que as Colônias não implantaram nenhum dispositivo de controle na cabeça dele. A qualquer minuto ele vai reencontrar o irmão. Meu médico chegou para verificar minha recuperação, mas não vai fazer isso com privacidade. De fato, quando observo o teto do meu quarto, vejo câmeras de segurança em todos os cantos, transmitindo minha imagem ao vivo para o povo. A República não quer dar a eles motivo para duvidar que Day e eu não estamos sendo bem tratados.

Um monitor na parede me mostra o quarto de Day. É a *única* razão pela qual concordei em ficar separada dele por tanto tempo. Eu gostaria de poder falar com ele. Tão logo parem de tirar raios X e de colocarem sensores em mim, vou pôr um microfone.

– Bom dia, srta. Iparis – cumprimenta meu médico, quando as enfermeiras espalham seis sensores na minha pele. Resmungo um agradecimento, mas minha atenção permanece nas imagens de Day conversando com seu médico. Seus braços estão cruzados numa postura desafiadora, e sua expressão é cética. De vez em quando sua atenção se

concentra num lugar na parede que não consigo ver. Eu me pergunto se ele também está me observando através de uma câmera.

Meu médico repara no que me está distraíndo e, enfasiado, responde à minha pergunta antes que eu a faça:

– A senhorita vai vê-lo em breve, está bem? Prometo. Agora, vamos ao exercício que a senhorita conhece: feche os olhos e respire fundo.

Engulo a frustração e faço o que ele manda. Luzes tremeluzem atrás de minhas pálpebras, e depois uma sensação fria e formigante atravessa meu cérebro e minha coluna. Põem uma máscara semelhante a gel sobre minha boca e meu nariz. Eu sempre preciso me advertir para não entrar em pânico durante essa sequência e para lutar contra a claustrofobia e a sensação de afogamento. *Estão apenas me testando*, repito calmamente. Estão verificando se há resquícios da lavagem cerebral das Colônias, verificando minha estabilidade mental, para determinar se o Eleitor – a República – pode ou não confiar plenamente em mim. Só isso.

Passam-se horas. Finalmente, os procedimentos terminam e o doutor me diz que já posso abrir os olhos.

– Muito bem, Iparis – diz ele, ao digitar algo no seu notepad. – Sua tosse pode ainda demorar um pouco a passar, mas acredito que a senhorita superou a pior parte da sua doença. Pode ficar mais tempo aqui – ele sorri, ao ver o franzir exasperado do meu rosto –, mas se preferir receber alta e ir para seu novo apartamento podemos providenciar para que isso aconteça ainda hoje. De qualquer maneira, o glorioso Eleitor está ansioso para lhe falar, antes que a senhorita saia daqui.

– Como está Day? – pergunto. É difícil eliminar a impaciência da minha voz. – Quando posso vê-lo?

O doutor franze a testa.

– Não acabamos de discutir isso? Day será liberado logo depois da senhorita, mas primeiro ele vai precisar se encontrar com o irmão.

Analiso cuidadosamente seu rosto. Há uma razão pela qual o médico hesitou um pouco antes de responder. Deve ter alguma coisa a ver com a recuperação de Day. Percebo uma contração sutil sob os músculos faciais do doutor. Ele sabe de alguma coisa que desconheço.

O médico me traz abruptamente de volta à realidade. Ele põe o notepad de lado, endireita a postura e exhibe um sorriso artificial.

– Bem, por hoje é só. Amanhã vamos começar a sua reintegração formal à República, com sua nova atribuição de carreira. O Primeiro Eleitor deverá chegar dentro de alguns minutos. A senhorita terá algum tempo para se reorientar.

Depois dessas palavras, ele e as enfermeiras pegam seus sensores e equipamentos e me deixam sozinha.

Sento na cama e mantenho os olhos na porta. Um manto vermelho-escuro está enrolado em meus ombros, mas mesmo assim não me sinto inteiramente aquecida neste quarto. Quando Anden chega para falar comigo, estou tremendo.

Ele entra com sua elegância característica, usando botas escuras silenciosas, cachecol negro e uniforme. Os cachos de seu cabelo estão perfeitamente penteados, e os óculos de aro fino se ajustam muito bem em seu rosto. Quando me vê, sorri e faz continência. Esse gesto me lembra dolorosamente o Metias, e tenho de me concentrar nos meus pés por alguns segundos, para me recompor. Felizmente, ele pensa que lhe estou fazendo uma medida.

– Primeiro Eleitor – eu o cumprimento.

Ele sorri; seus olhos verdes me examinam.

– Como se sente, June?

Retribuo o sorriso.

– Razoavelmente bem.

Anden dá uma risadinha e abaixa a cabeça. Ele se aproxima, mas não tenta sentar-se perto de mim na cama. Ainda percebo a atração nos seus olhos, a forma como saboreia cada palavra que digo e cada movimento que faço. Será que já ouviu boatos sobre meu relacionamento com Day? Contudo, se ele está a par disso, não o revela.

– A República – continua ele, constrangido porque reparei que me olhava fixo –, isto é, o governo decidiu que a senhorita está pronta para retornar aos quadros militares, com sua patente original. Será uma agente, aqui em Denver.

Quer dizer que não vou voltar para Los Angeles. Segundo a última notícia que tive, a quarentena em LA havia sido suspensa depois que Anden começou a investigar quem eram os traidores no Senado, e Razor e a Comandante Jameson foram presos por traição. Só posso imaginar o quanto Jameson odeia o Day e a mim... Só de imaginar a expressão de fúria no rosto dela sinto um arrepio na espinha.

– Obrigada – digo, após um instante. – Sou muito grata ao senhor.

– Eu é que sou grato. Você e Day me prestaram um grande serviço.

Bato uma rápida e informal continência para ele. A influência de Day já está sendo sentida. Depois do seu discurso de improviso, o Congresso e os militares obedeceram a Anden e permitiram que os manifestantes voltassem para suas casas sem punição, e libertaram os Patriotas que haviam sido presos durante a tentativa de assassinato (sob condições supervisionadas). Se o Senado não temia Day antes, agora o teme. Ele tem o poder, por enquanto, de provocar uma revolução em grande escala, com apenas algumas palavras.

– *Mas...* – O volume da voz de Anden diminui, ele tira as mãos dos bolsos e as cruza em frente ao peito – tenho outra proposta a lhe fazer. Acho que você merece um posto mais importante do que o de *agente*.

Vem à tona uma lembrança de quando eu estava naquele trem com ele, da oferta pendente dos seus lábios.

– Que tipo de posto? – pergunto.

Pela primeira vez, ele resolve se sentar na beira da minha cama. Está tão perto agora que consigo sentir o calor que emana de seu corpo e ver a sombra de pelo que lhe cobre o queixo.

– June – começa ele –, a República nunca esteve tão instável quanto agora. Day evitou a derrocada iminente, mas continuo a governar numa época perigosa. Vários senadores estão lutando pelo controle entre eles próprios, e muita gente no país espera ansiosamente que eu dê um passo em falso. – Anden se cala por um instante. – Um momento como aquele não será suficiente para me manter nas graças do povo para sempre, e não posso controlar o país sozinho.

Sei que ele está dizendo a verdade. Dá pra perceber a exaustão na sua voz e a frustração decorrente de ser responsável por seu país.

– Quando meu pai era um jovem Eleitor, ele e minha mãe governavam juntos. Eram o Eleitor e sua Primeira Cidadã. Ele nunca foi mais poderoso do que naquela época. Eu também quero uma aliada. Alguém inteligente e forte a quem eu pudesse atribuir mais poder do que a qualquer membro do Congresso.

Mal posso respirar, ao perceber os rodeios que ele está fazendo antes de expor a oferta.

– Quero uma parceira que saiba identificar as necessidades do povo, alguém incrivelmente talentosa em tudo que faz, alguém que partilhe minhas ideias sobre como criar uma nação... É claro que não seria possível uma pessoa ir de agente a Primeira Cidadã num piscar de olhos. Seria preciso treinamento intensivo, instrução e cultura. Uma oportunidade de alcançar essa posição durante o período de muitos anos, de *décadas*, para que possa primeiro aprender como senadora e depois como líder do Senado. Esse não é um treinamento que se conceda a alguém sem uma análise profunda, especialmente a alguém sem experiência no Senado. É claro que também haveria outros Primeiros Cidadãos me apoiando também. – Ele faz uma pausa, mudando o tom de voz. – O que você acha?

Balanço a cabeça, ainda indecisa sobre o que exatamente Anden está propondo. Ser a Primeira Cidadã, posição abaixo apenas à do Primeiro Eleitor. Eu passaria quase todos os momentos em que não estivesse dormindo na companhia de Anden, sendo sua sombra por pelo menos dez anos. Nunca teria tempo para estar com o Day. Essa oferta faz com que a vida que imaginei com ele oscile de maneira instável. Estará Anden me oferecendo essa promoção baseado puramente no que ele pensa sobre minhas habilidades ou estará deixando que suas emoções o influenciem, promovendo-me na esperança de poder passar mais tempo comigo? E como poderei ao menos concorrer com outros candidatos, provavelmente muitos anos mais velhos do que eu, talvez até senadores? Respiro fundo, e depois tento falar com ele da maneira mais diplomática possível.

– Primeiro Eleitor – começo –, acho que eu não...

– Não vou pressioná-la – interrompe ele, depois engole em seco e sorri, hesitante. – Você tem total liberdade para recusar essa proposta. E você pode ser uma Primeira Cidadã sem... – Anden está ficando vermelho ou é impressão minha? – Você não precisaria. Eu... a República... apenas ficaríamos muito agradecidos se você aceitasse.

– Não sei se tenho vocação para isso. O senhor precisa de alguém muito melhor do que eu jamais poderia ser.

Anden segura minhas mãos carinhosamente.

– Você nasceu para mudar a República. June, não há ninguém melhor.



No início, os médicos não gostaram de mim. O sentimento foi recíproco, obviamente: nunca tive boas experiências em hospitais.

Há dois dias, quando finalmente conseguiram me tirar da varanda da Capital Tower de Denver, e acalmar a multidão que me aclamava, me amarraram com correias numa ambulância e me levaram diretamente ao hospital. Lá, espatifei os óculos de um médico e derrubei com um chute as bandejas de metal do meu quarto, quando tentaram examinar meus ferimentos.

– Se vocês puserem a mão em mim – gritei sem cerimônia –, quebro o maldito pescoço de vocês!

Os funcionários do hospital tiveram que me amarrar. Fiquei rouco de tanto gritar pelo Éden, exigindo vê-lo e ameaçando incendiar o hospital todinho se eles não o trouxessem até mim. Gritei pela June. Berrei, querendo ver provas de que haviam soltado os Patriotas. Pedi para ver o corpo de Kaede e implorei para que fosse enterrada dignamente.

Transmitiram minhas reações ao vivo para o público porque multidões haviam se reunido em frente ao hospital, exigindo saber se eu estava sendo tratado adequadamente. Eu me acalmei pouco a pouco, e quando viram que eu estava vivo, as multidões em Denver também começaram a se aquietar.

– Isto não quer dizer que você não será vigiado atentamente – diz meu médico, ao me entregarem um conjunto de camisas com golas e calças militares. Ele resmungava de modo que as câmeras de segurança não consigam captar o que está dizendo. Ele está com tanta raiva de mim que mal consigo ver seus olhos sob os minúsculos óculos redondos. – Mas você foi perdoado pelo Eleitor, e seu irmão Éden deve chegar logo ao hospital.

Fico em silêncio. Depois de tudo que aconteceu desde que Éden foi infectado pela praga, mal consigo acreditar que a República vai devolvê-lo para mim. Tudo que posso fazer é sorrir para o médico, com dentes

cerrados. Ele me retribui o sorriso com uma expressão de total desagrado, enquanto continua a falar sobre os resultados dos meus exames e sobre o local onde vou morar depois que tudo isso acabar.

Sei que ele não quer ficar aqui, mas não diz isso em voz alta por causa de todas as câmeras ligadas. Pelo canto do olho, posso ver o monitor na parede que mostra o que estão fazendo com June. Ela parece a salvo, submetendo-se às mesmas inspeções que eu, mas a ansiedade na minha garganta se recusa a desaparecer.

– Há mais uma última coisa que preciso lhe dizer em particular – prossegue o médico. Eu escuto com indiferença. – É muito importante. É algo que descobrimos nos seus raios X e do qual você deve tomar conhecimento.

Eu me inclino para a frente para ouvi-lo melhor, mas nesse instante o interfone do quarto nos interrompe.

– Éden Bataar Wing está aqui, doutor. Favor informar ao Day.

Éden. Éden está aqui!

De repente, não dou a mínima para os resultados dos meus malditos raios X. Éden está lá fora, a poucos metros de mim. O médico tenta me dizer alguma coisa, mas eu o afasto com um empurrão, abro a porta e entro no corredor aos tropeços.

A princípio, não o vejo. Há muitas enfermeiras perambulando nos corredores, mas em seguida reparo no pequeno vulto balançando as pernas num dos bancos do corredor. A pele está saudável, a cabeça cheia de cachos rebeldes e amarelos como trigo, e ele veste um uniforme escolar maior do que seu tamanho e botas. Parece maior, mas isso talvez seja porque ele agora consegue se sentar mais ereto. Quando se vira na minha direção, vejo que está usando um óculos fundo de garrafa de aro preto. Seus olhos estão enevoados e num tom violeta-claro, o que me faz lembrar do garotinho que vi no vagão ferroviário naquela noite fria em Lamar.

– Éden! – grito, com voz rouca.

Seus olhos continuam desfocados, mas um sorriso incrível ilumina seu rosto. Ele se levanta e tenta vir até onde estou, mas para porque não consegue ver exatamente onde me encontro.

– É você mesmo, Daniel? – pergunta, hesitante e trêmulo.

Corro até ele, pego-o nos meus braços e o abraço com força.

– Sou eu sim – sussurro. – É o Daniel.

Éden começa a chorar. Os soluços fazem tremer seu corpo franzino. Ele aperta os braços em volta do meu pescoço com tanta força que parece que nunca mais vai soltá-lo.

Respiro fundo para conter minhas próprias lágrimas. A praga destruiu a maior parte de sua visão, mas ele está *aqui*, vivo e bem, forte o suficiente para andar e falar. Isso me basta.

– É bom te ver de novo, garoto – digo, engasgado pela emoção, acariciando-lhe a cabeça com uma das mãos. – Senti saudade de você.

Nem sei quanto tempo ficamos assim. Minutos? Horas? Não importa. Tenho a impressão de que cada segundo se repete três ou quatro vezes. Talvez seja minha vontade de prolongar este momento ao máximo. É como se eu estivesse aqui abraçando toda a minha família. Ele é tudo pra mim. Tudo o que me restou, e nunca mais quero ficar longe dele.

Ouçoo uma tosse atrás de mim.

– Day – diz o doutor. Ele está encostado na porta aberta da minha cela, com o rosto sério e sombrio sob a luz fluorescente. Ponho Éden suavemente no chão, mantendo uma das mãos no seu ombro. – Por favor, ainda preciso conversar uma coisa com você. Prometo que vai ser rápido. Eu... – Ele se detém ao ver Éden. – Recomendo que deixe seu irmão aqui, só um instante. Garanto que você estará de volta em alguns minutos, e depois vocês serão levados de carro para seu novo apartamento.

Permaneço imóvel, desconfiando dele.

– Eu *prometo* – repete ele. – Se eu estiver mentindo, você tem poder suficiente para pedir ao Primeiro Eleitor que me prenda.

Bem, nisso ele está certo. Espero um pouco mais, mordendo minha bochecha por dentro, depois dou uma pancadinha na cabeça do Éden.

– Já volto, está bem? Fique sentadinho aqui no banco. Não vá a lugar *algum*, está me ouvindo? Se alguém tentar fazer você sair daqui, grite bem alto, combinado?

Éden limpa o rosto encharcado de lágrimas e concorda com a cabeça.

Eu o levo de volta para o banco e sigo o doutor até minha cela. Ele fecha a porta com um suave clique.

– Qual é o problema? – pergunto, impaciente. Meus olhos não param de se fixar na porta, como se ela fosse desaparecer na parede se eu não ficasse vigilante. No canto da parede, o monitor mostra que June agora está sozinha no quarto.

Desta vez, o médico não parece aborrecido comigo. Ele clica um botão na parede e resmunga alguma coisa sobre desligar o áudio das câmeras.

– Como eu estava dizendo antes de você sair... Como parte de seus exames, escaneamos seu cérebro para verificar se tinha sido alterado pelas Colônias. Não encontramos nada nesse sentido, mas vimos outra coisa.

Ele se vira, clica um pequeno dispositivo e aponta para uma tela iluminada na parede, que mostra uma imagem do meu cérebro.

Franzo a testa, sem entender o que estou vendo. O médico indica um borrão escuro perto da parte interior da imagem e diz:

– Vimos isto perto do seu hipocampo esquerdo. Achamos que é antigo, provavelmente está aí há anos, e com o tempo tem piorado paulatinamente.

Fico atordoado por instantes e depois me viro para o doutor. A mancha me parece trivial, especialmente porque o Éden está me esperando no corredor. Especialmente porque vou poder rever a June.

– E daí? – pergunto.

– Você tem tido enxaquecas? Recentemente ou nos últimos anos?

Sim, claro que tenho tido enxaquecas. Desde a noite em que o Hospital Central de Los Angeles me submeteu a uma série de exames, a noite em que eu devia ter morrido, a noite em que fugi. Faço um sinal afirmativo com a cabeça.

Ele cruza os braços e diz:

– Nossos registros mostram que... fizeram experiências com você, depois que fracassou na Prova. Fizeram alguns testes com o seu cérebro. Esperavam que você... bem... – ele tosse e tenta encontrar as palavras certas – sucumbisse muito rapidamente, mas você sobreviveu. Mas agora parece que o problema atingiu um estado crítico. – Ele baixa a voz e sussurra: – Ninguém sabe disso ainda, nem o Primeiro Eleitor. Não queremos que o

país seja atirado novamente num estado revolucionário. Inicialmente, pensamos que poderíamos sanar o caso combinando cirurgia e remédios, mas, quando estudamos mais detidamente as áreas problemáticas, compreendemos que tudo está tão entrelaçado com a matéria saudável no seu hipocampo que seria impossível estabilizar a situação sem prejudicar severamente sua capacidade cognitiva.

Engulo em seco e pergunto:

– E isso quer dizer o quê?

O médico tira os óculos e suspira:

– Isso quer dizer, Day, que você está morrendo.

JUNE

20H07.

DOIS DIAS DEPOIS DA MINHA LIBERTAÇÃO.

ARRANHA-CÉU OXFORD, BAIRRO LODO, EM DENVER.

22°C INTERIOR.

Day foi libertado ontem, às sete da manhã. Desde então, já telefonei três vezes para ele, mas sem obter resposta. Foi somente há umas duas horas que finalmente ouvi sua voz no meu fone de ouvido.

– Tem compromisso para hoje, June?

Estremeci com a suavidade da sua voz.

– Você se importa se eu der uma passadinha aí? Quero falar com você.

– Pode vir – respondi. E isso foi tudo que dissemos.

Ele vai chegar daqui a pouquinho. Fico constrangida ao reconhecer que, apesar de eu estar tentando me ocupar há uma hora, arrumando o apartamento e escovando o pelo de Ollie, tudo em que consigo realmente pensar é no que Day tem a dizer.

É estranho ter novamente um espaço próprio para morar, mobiliado com uma infinidade de coisas novas e desconhecidas. Sofás macios, candelabros refinados, mesas de vidro, piso de madeira de lei. Artigos luxuosos que já não me fazem sentir inteiramente à vontade. Do lado de fora da minha janela, cai uma ligeira neve primaveril. Ollie dorme ao meu lado, em um dos dois sofás. Quando recebi alta do hospital, soldados me escoltaram de jipe até aqui, o arranha-céu Oxford. A primeira coisa que vi quando entrei foi Ollie, abanando a cauda loucamente e empurrando o nariz, ansioso, para dentro da minha mão.

Eles me disseram que o Eleitor havia ordenado há muito tempo que meu cachorro fosse mandado para Denver e que alguém cuidasse dele. Isso foi logo depois que Thomas me prendeu. Esse pequeno pedaço de Metias agora

foi devolvido para mim. Eu me pergunto o que Thomas pensa disso tudo. Será que apenas seguirá o protocolo como sempre e fará uma reverência na próxima vez que me vir, prometendo sua eterna lealdade? Talvez Anden tenha ordenado que ele fosse preso, como ocorreu com a Comandante Jameson e Razor. Não sei explicar o que sentiria se isso tivesse acontecido.

Ontem enterraram Kaede. Queriam cremar seu corpo e afixar uma minúscula placa de metal na parede de um cemitério vertical, mas eu insisti em algo mais significativo, um jazigo de verdade. Sessenta centímetros de seu próprio espaço. Anden, evidentemente, concordou. Se Kaede ainda vivesse, onde estaria? Teria a República, com o tempo, conseguido induzi-la a entrar para a aeronáutica? Será que Day já visitou sua sepultura? Será que ele se culpa por sua morte, como *eu* me culpo? Terá sido por essa razão que ele esperou tanto tempo para me contatar, depois que recebeu alta do hospital?

E agora, o que acontece? Para onde vamos daqui?

Vinte horas e doze minutos. Day está atrasado. Meus olhos estão grudados à porta; não consigo fazer mais nada, receosa de não conseguir vê-lo se perder um segundo em outro assunto.

Vinte horas e quinze minutos. Um suave toque de campainha soa no apartamento. Ollie se agita, levanta as orelhas e choraminga. *Ele chegou.* Eu praticamente salto do sofá. Day pisa tão macio que nem meu cachorro consegue ouvi-lo no vestíbulo do lado de fora.

Abro a porta e fico estática. O “olá” que eu preparei para dizer fica retido na minha garganta. Day está à minha frente, com as mãos nos bolsos, absolutamente deslumbrante num uniforme da República novo em folha (preto, com listras cinza-escuras nos lados das calças e ao redor dos botões das mangas, uma espessa gola diagonal na jaqueta militar ao estilo das tropas de Denver e elegantes luvas brancas de neoprene cujos punhos consigo ver saindo dos bolsos das calças, cada uma decorada com uma fina corrente dourada). Seu cabelo passa dos ombros numa camada reluzente e está salpicado de delicados flocos de neve da primavera caindo lá fora. Os olhos adoráveis são de um azul impressionantemente brilhante; alguns flocos de neve reluzem nos longos cílios que os emolduram. Enfraqueço e

mal consigo me manter de pé. Só agora me dou conta de que nunca o tinha visto usando qualquer tipo de roupa formal, muito menos uma indumentária de gala *de soldado*. Eu não estava preparada para tanto esplendor. Para o quanto ele poderia ficar ainda mais lindo sob circunstâncias que destacassem sua beleza.

Day repara na minha expressão e sorri.

– Isto foi para uma foto – diz ele, apontando para o vestuário – de um aperto de mão com o Eleitor. Não fui eu que escolhi, é evidente. Espero que não me arrependa de apoiar esse cara.

– Você conseguiu driblar a multidão reunida do lado de fora da sua casa? – pergunto finalmente. Eu me recomponho o suficiente para moldar os lábios num sorriso de reação. – Ouvi boatos de que o povo quer que *you* seja o novo Eleitor.

– Day como Eleitor? Totalmente excelente... Eu nem mesmo gosto da República ainda. Vai demorar um pouco para eu me habituar. Quanto aos *dribbles*, isso eu posso fazer. Prefiro não encarar o povo agora.

Percebo um indício de tristeza na sua voz; algo me diz que ele foi mesmo visitar a sepultura de Kaede. Ele pigarreia quando repara que o estou analisando, e então me entrega uma caixinha de veludo. Há uma distância gentil no seu gesto que me intriga.

– Comprei a caminho daqui. É para você, querida.

Um pequeno suspiro de surpresa me escapa.

– Obrigada.

Pego a caixinha cautelosamente, admirando-a por um instante, e inclino a cabeça para ele.

– O que estamos comemorando?

Day enfia o cabelo atrás de uma orelha e tenta parecer indiferente.

– Nada, eu só achei bonito.

Abro a caixinha com cuidado e respiro fundo ao ver o que ela contém: um cordão de prata, com um pequeno pingente de rubi em forma de lágrima, rodeado por minúsculos diamantes. Três fios finos prateados revestem o rubi.

– É... lindíssimo! – exclamo. Meu rosto enrubesce. – Deve ter sido uma fortuna!

Nem me reconheço. Desde quando passei a usar cordialidades formais para falar com o Day?

Ele dá de ombros.

– A República está me enchendo de dinheiro pra me manter feliz. O rubi é a pedra do seu signo, não é? Bem, achei que você deveria ter uma lembrança mais bonita de mim do que um anel xexelento feito com cliques de papel.

Ele acaricia a cabeça do Ollie e depois verbaliza sua admiração pelo meu apartamento:

– Lugar maneiro este. Muito parecido com o meu.

Deram a Day um apartamento similar e fortemente vigiado, a uns dois quarteirões na mesma rua.

– Muito obrigada – repito, colocando o estojinho delicadamente no balcão da minha cozinha. Depois pisco para ele. – Mas, ainda assim, eu gostava mais do meu anel de cliques de papel.

Por uma fração de segundo, seu rosto estampa felicidade. Tenho vontade de atirar os braços ao redor do seu corpo e fazer com que ele me beije, mas há uma certa opressão na sua postura. Algo que me diz que eu devo manter distância.

Arrisco um palpite hesitante para saber o que o está perturbando:

– Como está o Éden?

– Ele está bem. – Day examina a sala uma vez mais e depois fixa o olhar em mim novamente. – Considerando tudo o que ele passou, claro.

Abaixo a cabeça e comento:

– Eu... sinto muito sobre o problema com a visão dele. Ele...

– Ele está vivo – me interrompe Day suavemente. – Isso já basta para me fazer feliz.

Concordo, constrangida, com a cabeça; segue-se uma longa pausa.

Finalmente, digo:

– Você queria falar comigo, não é?

– É... – Day olha para baixo, mexe nervosamente nas luvas e volta a esconder as mãos nos bolsos. – Ouvi falar sobre a promoção que Anden ofereceu a você.

Dou meia-volta e me sento no sofá. Não se passaram sequer quarenta e oito horas, e já vi a notícia estampada duas vezes nos telões da cidade:

JUNE IPARIS COGITADA PARA TREINAR PARA A POSIÇÃO DE PRIMEIRA CIDADÃ

Eu deveria estar satisfeita por ter sido Day que abordou a questão. Estava me perguntando qual seria a maneira apropriada de abordar a questão, e agora já não preciso fazer isso. Ainda assim, meu pulso se acelera e me sinto tão nervosa quanto receava. Talvez ele esteja aborrecido porque não toquei logo no assunto.

– O que você já sabe? – pergunto, quando ele se senta ao meu lado. Seu joelho esbarra ligeiramente na minha coxa. Até esse ligeiro toque me dá um frio na barriga. Olho de relance para o seu rosto, para ver se ele o fez de propósito, mas os lábios de Day mostram-se contraídos, como se já soubesse o rumo que essa conversa iria tomar, mas não quisesse tomá-lo.

– Ouvi por aí que você precisaria acompanhar todos os passos de Anden, não é? Você seria treinada para se tornar a Primeira Cidadã. Isso é tudo verdade?

Suspiro, baixo os ombros e afundo a cabeça nas mãos. Ouvir o Day dizer essas coisas me faz sentir a gravidade do compromisso que eu teria de assumir. Compreendo as razões práticas pelas quais Anden me indicaria para esse cargo; ele espera que eu seja alguém que possa transformar a República. Levando em consideração meu treinamento militar, tudo que Metias sempre me disse, sei que poderia ser uma boa opção para o governo da República, mas...

– Sim, é tudo verdade – respondo e acrescento rapidamente –, mas não se trata de uma proposta de casamento, nada disso. É um cargo profissional,

e eu seria uma de várias pessoas concorrendo à posição, mas isso significaria semanas e até *meses* longe...

Longe de você, quero dizer, mas parece muito brega, e decido não concluir a frase. Em lugar disso, relaciono todos os detalhes que têm percorrido minha mente. Falo sobre a agenda extenuante de uma Primeira Cidadã, sobre meu plano de reservar um tempo para a vida pessoal – se eu concordasse com a proposta – e lhe digo que estou indecisa sobre quanto de mim quero dar à República.

Depois de certo tempo, percebo que comecei a divagar, mas me sinto tão bem ao desabafar, ao expor meus problemas para esse rapaz com quem me importo tanto, que nem tento parar de falar. Se alguém na minha vida merece saber de tudo, esse alguém é o Day.

– Não sei o que dizer ao Anden – concluo. – Ele não me pressionou, mas preciso dar uma resposta a ele em breve.

Day não diz nada. Minha torrente de palavras paira no silêncio entre nós. Não posso descrever a emoção do rosto dele. Alguma coisa perdida, alguma coisa arrancada do seu olhar e espalhada pelo chão. É uma tristeza profunda e séria, que me dilacera. O que estará se passando pela cabeça dele? Será que ele acredita em mim? Será que ele pensa – como aconteceu comigo, logo que ouvi a proposta – que Anden está oferecendo esse cargo porque tem um interesse pessoal em mim? Será que ele está triste porque isso significa que podemos ficar uns dez anos ou mais sem nos ver com frequência? Eu o observo e espero, tentando prever o que ele vai dizer. É claro que vai ficar desgostoso com a ideia, é claro que vai protestar. Eu própria não estou satisfeita com...

De repente, ele murmura:

– Aceite a oferta.

Debruço-me em direção a ele, porque acho que não o escutei direito.

– O que você disse?

Day me analisa atentamente. Sua mão se contorce um pouco, como se ele quisesse levantá-la e tocar no meu rosto. Em lugar disso, ele permanece onde está e repete suavemente:

– Vim aqui para lhe dizer que aceite a proposta dele.

Pisco os olhos. Minha garganta dói, minha visão oscila numa neblina de luz. Essa não pode ser a resposta certa; eu havia esperado uma dúzia de outras respostas de Day, exceto essa. Ou talvez não seja a resposta em si que me atordoia tanto e, sim, a *maneira* como ele a expressou, como se estivesse abrindo mão de mim. Eu o olho fixamente por um momento e me pergunto se imaginei o que ele disse. Mas sua expressão – triste, distante – continua a mesma. Desvio o olhar e sento na beira do sofá. Através do entorpecimento da minha mente, só consigo dizer:

– Por quê?

– Por que *não*? – pergunta Day. Sua voz está indiferente, amarrotada como uma flor fenecida.

Não compreendo. Talvez ele esteja sendo sarcástico. Ou talvez vá dizer que continua querendo encontrar uma forma de ficarmos juntos, mas ele não acrescenta nada à sua resposta. *Por que me pediria para aceitar a oferta?* Pensei que ele ficaria muito feliz por tudo ter finalmente acabado e que nós poderíamos experimentar alguma coisa semelhante a uma vida normal de novo, seja lá o que isso fosse. Seria muito fácil para mim determinar um meio-termo com a proposta de Anden ou até simplesmente recusá-la. Por que ele não *sugeriu* isso? Sempre achei que Day fosse o mais emotivo de nós dois.

Day sorri amargamente quando não respondo de imediato. Ficamos sentados com as mãos separadas, deixando o mundo parecer tão pesado, suspenso entre nós, ouvindo em silêncio o tempo passar. Depois de alguns minutos, ele respira fundo.

– Ah, tenho outra coisa pra dizer também.

Concordo com a cabeça e espero que ele continue. Tenho medo do que ele vai dizer. Medo de que ele explique o *por quê*.

Day hesita por um longo tempo, mas, quando fala, balança a cabeça e me dirige uma risadinha trágica. Percebo que mudou de ideia sobre o que ia dizer, pegando o segredo e guardando-o no coração.

– Sabe... às vezes me pergunto como seriam as coisas se eu... tivesse conhecido você do nada. Como fazem as pessoas normais. Se eu esbarrasse

em você na rua numa manhã de sol e achasse você bonita, e então parasse, apertasse sua mão e dissesse: “Oi, meu nome é Daniel.”

Fecho os olhos ao ouvir esse pensamento tão encantador. Como seria libertador! Tão simples.

– Seria muito bom! – sussurro...

Day aperta a correntinha dourada da sua luva.

– Anden é o Primeiro Eleitor. Pode não haver outra oportunidade como essa nunca mais...

Sei o que ele está tentando dizer e o interrompo:

– Não se preocupe. Se eu rejeitar essa proposta, ainda assim poderei trabalhar pela República ou encontrar um meio-termo. Essa não é a única maneira...

– Escute o que tenho a dizer, June – diz ele calmamente, levantando as mãos para me deter. – Não sei se vou ter coragem para dizer tudo isso de novo.

A forma como os lábios dele pronunciam meu nome me faz estremecer. Ele sorri e sinto alguma coisa dentro de mim se despedaçar. Não sei o motivo, mas algo na voz dele me leva a pensar que ele está me vendo pela última vez. Que esse é um adeus.

– Ora vamos! Você e eu sabemos o que precisa acontecer. Nós só nos conhecemos há uns dois meses, mas passei a *vida inteira* combatendo o sistema que o Eleitor agora quer mudar. E você... bem, sua família sofreu tanto quanto a minha. – Ele faz uma pausa, e seus olhos exprimem uma aparência muito distante. – Eu me saio bem ao fazer discursos do alto de um prédio e ao lidar com o povo. Não sei nada sobre política. Só posso ser um testa de ferro, mas você... você sempre foi tudo de que o povo precisa. *Você* tem a oportunidade de *mudar* as coisas.

Ele tira as luvas e pega minha mão, acariciando o local no meu dedo onde ficava o anel que ele me deu.

Sinto os calos nas suas palmas, a suavidade dolorosa do seu gesto.

De repente, ele solta minha mão.

– É você quem resolve, claro, mas você sabe o que deve ser feito. Não tome sua decisão só porque se sente culpada ou coisa parecida. Não se

preocupe *comigo*. Sei que é por isso que você está indecisa, dá pra ver no seu rosto.

Do que ele está falando? Dá pra ver *o quê* no meu rosto?

Ainda assim, não digo nada.

Day suspira ao me ver calada. Seu rosto é pura dor.

– June – diz ele lentamente. Sob suas palavras, a voz parece falhar a qualquer instante. – A gente nunca daria certo.

Eis a verdadeira razão. Balanço a cabeça, sem querer ouvir o resto. *Isso não. Por favor, Day, por favor não diga isso.* Começo a falar de maneira desesperada:

– Posso trabalhar nas patrulhas da capital por um tempo. Essa seria uma opção mais viável. Ser a sombra de um senador, se eu realmente quiser entrar na política. Doze dos senadores...

Day não consegue nem olhar para mim.

– Nosso destino não é ficarmos juntos. Há muitas... Muitas coisas ruins aconteceram. – Ele baixa a voz. – Coisas demais.

A seriedade da coisa toda finalmente abre meus olhos. Não tem nada a ver com o cargo de Primeira Cidadã e tudo a ver com outra coisa. Day estaria me dizendo tudo isso, mesmo que Anden não tivesse me proposto nada. Nossa briga no *túnel subterrâneo*. Quero dizer que ele está enganado, mas não posso sequer discutir seu argumento. Porque ele está certo. Como é que eu *poderia* pensar que nunca sofreríamos as consequências do que fiz a ele? Como pude ser tão *arrogante* em supor que no fim tudo daria certo para nós e que algumas boas ações que eu fizesse poderiam compensar todo o sofrimento que lhe causei? A verdade nunca vai mudar. Mesmo que ele se esforce muito, toda vez que olhar para mim, verá o que aconteceu à sua família. Verá o que eu fiz. Isso irá assombrá-lo para sempre e será um obstáculo eterno entre nós.

Preciso deixá-lo ir. Sinto meus olhos ameaçando derramar as lágrimas que contendo, mas não me atrevo a deixar que caiam.

– Então é isso? – sussurro, com a voz trêmula do esforço. – Depois de tudo o que passamos?

Mesmo ao dizer essas palavras, sei que é inútil. O estrago já foi feito. Não há como apagar o que houve.

Day se curva e aperta as mãos nos olhos.

– Lamento muito, de verdade – murmura.

Passam-se demorados segundos.

Após uma eternidade, engulo seco. *Não* vou chorar. O amor é ilógico, o amor tem efeitos: eu causei isso a mim mesma e devo arcar com as consequências. *Portanto, June, assumas as consequências.* Sou eu que devia lamentar muito. Finalmente, em lugar de dizer o que quero dizer, consigo diminuir o tremor da minha voz e dar uma resposta mais apropriada:

– Vou informar minha decisão ao Anden.

Day passa uma das mãos no cabelo, abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha de novo. Percebo que há mais alguma coisa que ele não me está contando, mas não insisto. De qualquer maneira, não faria diferença: já existem razões suficientes para comprovar que não fomos feitos um para o outro.

Os olhos dele observam o luar que entra pelas janelas. Passa-se mais um instante entre nós, recheado apenas com a nossa respiração baixa.

– Bem, eu... – A voz dele falha, e ele cerra as mãos. Fica assim por um momento, revestindo-se de coragem. – Preciso dormir um pouco. Você deve estar cansada. – Ele se levanta e endireita o casaco. Trocamos um aceno final de despedida com a cabeça. Ele então faz uma reverência gentil e começa a ir embora. – Boa noite, June.

Meu coração está em pedaços, dilacerado e vertendo sangue. Não posso deixar que ele se vá dessa forma. Nós passamos por muita coisa juntos, para nos transformarmos em estranhos. *Uma despedida entre nós deveria ser mais do que uma reverência gentil.* Quando ele chega à porta, eu fico de pé e corro até ele.

– Day, espera!

Ele gira o corpo. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele dá um passo à frente e segura meu rosto com as duas mãos. Day começa a me beijar pela última vez, dominando-me com seu calor, me enchendo de vida,

de amor e de um pesar doloroso. Atiro meus braços em volta do seu pescoço. Ele envolve minha cintura com os dele.

Meus lábios se abrem para ele e sua boca comprime desesperadamente a minha, devorando-me e sugando todo o meu fôlego.

Não vá, imploro em silêncio, mas sinto o adeus nos seus lábios, e agora já não consigo conter as lágrimas. Ele está tremendo. Seu rosto está úmido. Eu me agarro a ele com medo de que desapareça, com medo de ficar sozinha nessa sala escura, de pé no vazio.

Anden pode ser o homem mais poderoso da República, mas Day, o garoto das ruas que não tem nada além da roupa do corpo e da seriedade no olhar, é o dono do meu coração.

Ele é tudo o que é belo.

Ele é o raio de esperança em um mundo de escuridão.

Ele é a minha luz.

AGRADECIMENTOS

Escrever *Prodigy* foi uma experiência totalmente diferente da de escrever *Legend*, que envolveu muitos ataques de pânico e muitos soluços desesperados à frente do meu laptop, e que significou ir muito mais fundo nas essências das minhas personagens e identificar seus pensamentos e suas lembranças mais sombrias. Para minha sorte, conto com o apoio de um grupo extraordinário de pessoas, que me ajudaram a compilar este livro:

À minha agente literária Kristin Nelson, por ter sido a primeira a pôr os olhos neste manuscrito. Eu morreria num pântano de areia movediça sem seus conselhos e *feedback*. A toda a equipe da North Los Angeles, por sempre me apoiar. À extraordinária revisora literária Ellen Oh, por haver lido uma minuta preliminar de *Prodigy* e ter incutido algum sentido em algumas cenas fundamentais. À JJ, por ser minha caixa de ressonância assustadoramente perspicaz e revisora literária, à proporção que *Prodigy* gradativamente tomava corpo.

À minha extraordinária dupla de editores Jen Besser e Ari Lewin, por lerem o primeiro rascunho de *Prodigy* e por transformá-lo em algo muito melhor do que eu poderia criar sozinha. Grata por insistirem para eu fortalecer minhas personagens, o mundo e o enredo. Quem pensa que os livros já não são editados, obviamente nunca trabalhou com nenhum de vocês dois. Vocês são maravilhosos. (Agradecimentos especiais ao *Little Primo!*)

A toda a equipe da Putnam Children's e da Penguin Young Readers por seu incessante apoio: Don Weisberg, Shauna Fay, Anna Jarzab, Jessica Schoffel, Elyse Marshall, Scottie Bowditch, Lori Thorn, Linda McCarthy, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Emily Romero, Eric Gallagher, Mia Garcia, Lisa Kelly, Courtney Wood, Marie Kent e todos os outros que ajudaram a dar vida a meus livros *Legend* e *Prodigy*. Nenhum autor poderia desejar um melhor grupo de apoio.

Às espetaculares equipes da CBS Films, Temple Hill e United Talent Agency pela constante dedicação a *Legend*: Wolfgang Hammer, Grey Munford, Matt Gilhooley, Ally Mielnicki, Christine Batista, Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Marty Bowen, Gina Martínez, Kassie Evashevski e Wayne Alexander. Nem acredito na sorte que tive por haver contado com a sua colaboração!

A todos os blogueiros, críticos literários e à mídia que ajudam a divulgar *Legend* e *Prodigy*, e aos livreiros de toda a nação que possibilitam que ambos os livros cheguem até os leitores. Muitíssimo obrigada! Sou muito agradecida por tudo o que vocês fazem ao intermediar a ligação dos livros adequados com os leitores apropriados.

A meus incríveis leitores e admiradores, pelas cartas entusiasmadas e pelo gentil incentivo. Toda vez que eu lia suas mensagens sobre *Legend* ficava mais estimulada a fazer de *Prodigy* o melhor que eu pudesse. Obrigada por ocupar seu tempo em ler meus livros.

E finalmente, à família unida, à minha mãe, a Andre e a todos os meus amigos. Gratíssima a todos vocês pelo seu apoio; vocês, queridos, são simplesmente insubstituíveis.

Título Original
PRODIGY – A Legend Novel

Copyright © 2013 by Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), Inc.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARIANA MOURA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
ANA CHRYSOSTOMO

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROCCO
JOVENS ELETORIS

MARIE LU



TRILÓGIA LEGEND

CHAMPION

DO CAOS E DA LENDA SURGIRÁ UM CAMPEÃO

M A R I E L U



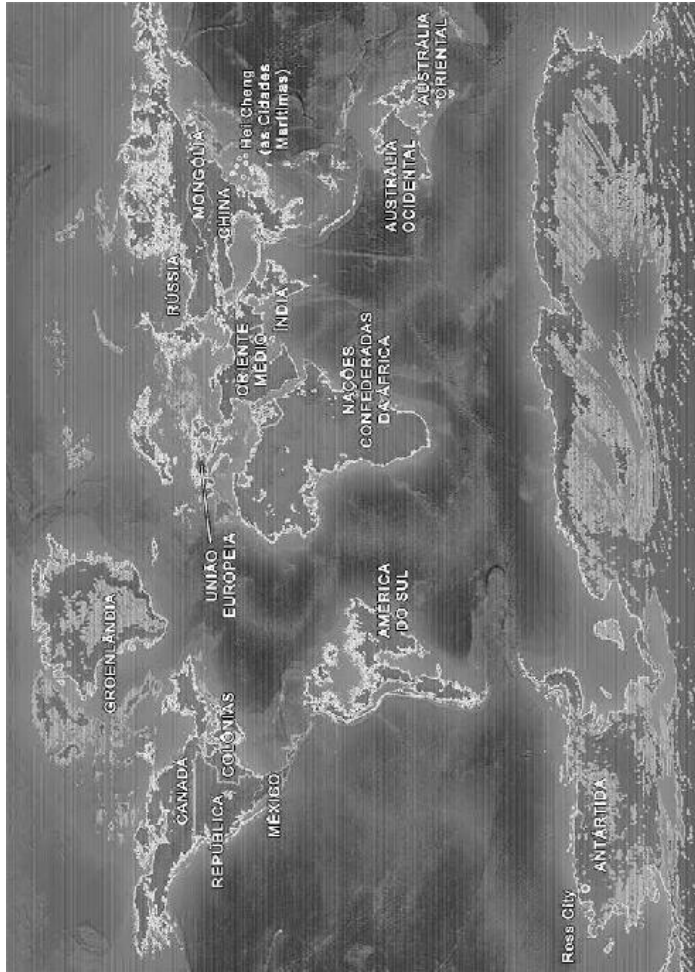
CHAMPION

DO CAOS E DA LENDA
SURGIRÁ UM CAMPEÃO

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para meus leitores.





SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA

POPULAÇÃO: 24.646.320 HABITANTES



De todos os disfarces que já usei, este talvez seja meu favorito.

Cabelo ruivo-escuro, bastante diferente do louro-claro habitual, cortado pouco abaixo dos ombros e preso em um rabo de cavalo, lentes verdes que parecem naturais quando postas sobre meus olhos azuis. Camisa de colarinho meio amassada, com minúsculos botões prateados reluzindo no escuro, uma jaqueta militar fina, calças pretas e botas com biqueiras de aço, um grosso cachecol cinzento em volta do pescoço, queixo e boca. Um boné escuro de soldado enfiado na testa e uma tatuagem escarlate pintada na minha face esquerda me transformam em alguém estranho. Além disso, uso um fone de ouvido e um microfone, por insistência da República.

Em qualquer outra cidade, eu provavelmente atrairia ainda mais olhares do que de costume por causa da enorme e escandalosa tatuagem, nem um pouco discreta, tenho que admitir. Aqui em São Francisco, no entanto, sou mais um na multidão. A primeira coisa em que reparei quando Éden e eu nos mudamos pra cá, há oito meses, foi a nova moda seguida pelos jovens: desenhos pretos ou vermelhos pintados no rosto, alguns pequenos e delicados, como o emblema da República ou algo parecido nas têmperas, outros imensos, como o mapa da República. Esta noite, escolhi uma tatuagem genérica porque não sou suficientemente leal à nação para estampar minha lealdade bem na minha cara. Deixo isso para a June. Em vez disso, meu desenho traz chamuscas estilizadas. Isso basta.

Minha insônia está a toda hoje, por isso, em vez de dormir, estou caminhando sozinho num bairro chamado Marina, que me parece ser o mais montanhoso, o equivalente em São Francisco ao setor Lake, de Los Angeles. A noite está fresca e silenciosa, e cai um leve chuvisco vindo da baía. As ruas estreitas reluzem com a garoa e estão esburacadas. Os prédios que se elevam em ambos os lados da rua – a maioria alta o bastante para desaparecer nas nuvens baixas desta noite – são ecléticos, pintados de tons

desbotados de vermelho, dourado e preto. As laterais são reforçadas por enormes vigas de aço para resistir aos terremotos que acontecem mês sim, mês não. Há telões com cinco ou seis andares de altura, a cada dois quarteirões, alardeando a imensa quantidade de notícias de sempre. O ar é salgado e amargo, e cheira a fumaça e resíduos industriais misturados à água do mar e um toque de peixe frito. Às vezes, quando dobro uma esquina, chego tão perto da beira d'água que minhas botas se molham. Nesse lugar, a terra se inclina diretamente até a água, e centenas de prédios surgem meio submersos no horizonte. Sempre que olho para a baía, também consigo ver as Ruínas da Golden Gate, os restos retorcidos de uma antiga ponte empilhados no outro lado da orla. Cruzo com algumas pessoas de vez em quando, mas a maior parte da cidade está adormecida. Fogueiras espalhadas iluminam vielas, reunindo os moradores de rua do bairro. Não é muito diferente do que ocorre no Lake.

Quer dizer, acho que agora existem algumas diferenças. Como, por exemplo, o Estádio de Provas de São Francisco, vazio e apagado a distância. Menos guardas nos bairros pobres. As pichações da cidade... Sempre se pode ter uma ideia de como as pessoas estão se sentindo ao se olhar para as pichações nos muros. Muitas frases que tenho visto ultimamente *apoiam* o novo Eleitor da República. “Ele é nossa esperança”, diz uma mensagem rabiscada na lateral de um edifício. Outra, pintada na rua, estampa: “O Eleitor vai nos tirar da escuridão.” Acho isso otimista demais, mas suponho que as frases sejam um bom sinal. Anden deve estar fazendo alguma coisa certa. Ainda assim, de vez em quando, leio grafites como “O Eleitor é um farsante”, ou “Marionetes”, ou “O Day que conhecemos está morto”.

Não sei não... Às vezes parece que essa nova confiança entre Anden e o povo não passa de um fino cordão... E eu sou esse cordão. Pode ser também que as pichações favoráveis sejam falsas e tenham sido feitas por agentes do governo. Por que não?

Nada é impossível quando se trata da República.

Como já era de se esperar, Éden e eu fomos colocados em um apartamento bem luxuoso, num bairro chamado Pacífica. Lucy, nossa

guardiã, mora com a gente. Alguém precisava vigiar o criminoso-mais-procurado-da-República-que-virou-herói-nacional, não é mesmo? Lembro bem que não fui muito com a cara da Lucy – uma senhora de cinquenta e dois anos, mal-encarada e corpulenta, vestida com as cores clássicas da República –, quando ela apareceu na nossa casa em Denver.

– A República me designou para tomar conta de vocês dois – disse, ao passar pela porta. Seus olhos se fixaram imediatamente no Éden. – Especialmente do menorzinho.

Sei...

Não gostei nada dessa história. Pra começar, precisei de uns dois meses até conseguir permitir que meu irmão ficasse um minuto longe de mim. Comíamos junto, dormíamos junto; ele nunca estava sozinho. Era tanta paranoia que, até quando ele ia ao banheiro, eu ficava vigiando do outro lado da porta, como se soldados da República pudessem dar um jeito de sugá-lo por uma abertura, levá-lo para um laboratório e prendê-lo a um monte de máquinas.

– Éden não precisa da senhora – foi a primeira coisa que disse à Lucy. – Ele tem a mim. Eu tomo conta dele.

Mas minha saúde começou a se deteriorar depois dos dois primeiros meses. Tinha dias em que eu me sentia ótimo; em outros, ficava de cama com uma enxaqueca de rachar. Nessa hora, Lucy assumia o comando. Depois de muita briga, ela e eu finalmente chegamos a um acordo. Em minha defesa, ela faz uns bolos de carne que são o máximo. Quando nos mudamos para São Francisco, ela veio conosco.

Lucy dá toda a orientação que Éden precisa e cuida da minha medicação.

Quando finalmente me canso de bater perna, reparo que vaguei para longe do bairro Marina e entrei num bairro de gente com grana. Paro em frente a uma boate com o nome OBSIDIAN LOUNGE gravado numa placa de metal acima da porta. Deslizo contra a parede e me sento, com os braços apoiados nos joelhos, sentindo as vibrações da música. Minha perna metálica está gélida sob o tecido das calças. Nos muros à minha frente, picharam, com letras vermelhas: “Day = Traidor”. Suspiro, tiro uma latinha

prateada do bolso e pego um cigarro comprido. Passo o dedo nos dizeres HOSPITAL CENTRAL DE SÃO FRANCISCO impressos nele. São cigarros receitados pelo médico, tá bem? Com dedos trêmulos, ponho o cigarro na boca e o acendo. Fecho os olhos, dou uma tragada. Pouco a pouco me perco nas nuvens de fumaça azul, esperando que os efeitos alucinógenos me envolvam.

Não demora muito para isso acontecer. Em pouco tempo desaparece a dor de cabeça constante e aguda, e o mundo ao meu redor reflete um brilho turvo que sei não ser causado apenas pela chuva. Uma garota está sentada ao meu lado: é Tess.

Ela me dá o sorriso maroto que eu conheço bem desde as ruas de Lake.

– Alguma novidade transmitida pelos telões? – me pergunta ela, apontando para uma tela do outro lado da rua.

Expiro fumaça azul e preguiçosamente balanço a cabeça.

– Nenhuma; quer dizer, vi algumas manchetes relacionadas aos Patriotas, mas em geral é como se vocês tivessem desaparecido do mapa. Onde vocês estão? Para onde vão?

Em vez de responder, Tess me pergunta:

– Sente saudade de mim?

Contemplo sua imagem trêmula. Ela está igualzinha ao que me lembrava: o cabelo castanho-avermelhado preso numa trança desajeitada, os olhos grandes e luminosos, suaves e gentis. A menininha Tess. Quais foram minhas últimas palavras a ela, quando abortamos a tentativa dos Patriotas de assassinar o Anden? *Por favor, Tess; não posso abandonar você aqui.* Mas foi exatamente isso que eu fiz.

Viro o corpo e dou mais uma tragada no cigarro. Se sinto saudade dela?

– Todos os dias.

– Você tem procurado por mim – afirma ela, se aproximando. Quase dá pra sentir seu ombro junto ao meu. – Eu vi você examinando os telões e as radiofrequências em busca de notícias, escutando às escondidas nas ruas... Mas os Patriotas estão se escondendo neste momento.

Óbvio que eles estão em esconderijos. Por que atacariam, agora que Anden está no poder e um tratado de paz entre a República e as Colônias já

foi fechado? Qual poderia ser sua nova causa? Não tenho ideia. Talvez eles não tenham nenhuma nova causa. Talvez nem existam mais.

Murmuro à Tess:

– Queria muito que você voltasse. Ia ser muito legal te ver de novo.

– Você não está com a June?

Quando ela pergunta isso, sua imagem desaparece e é substituída pela da June, com seu comprido rabo de cavalo, e os olhos escuros que brilham com pinceladas de dourado, sérios e críticos, sempre avaliando. Debruço a cabeça nos joelhos e fecho os olhos. A mera ilusão da June é suficiente para me causar uma dor lancinante no peito. Inferno! Como sinto falta dela.

Penso em como me despedi dela em Denver, antes de Éden e eu nos mudarmos para São Francisco. – Tenho certeza de que nós vamos voltar – disse a ela no meu microfone, tentando preencher o silêncio constrangedor entre nós –, quando o tratamento do Éden chegar ao fim. – Evidentemente, isso era mentira. Estávamos indo para São Francisco para *eu* me tratar, não o Éden, mas June não sabia disso, portanto só disse: – Voltem logo.

Isso foi há quase oito meses, e eu não tinha notícias dela desde então. Não sei se porque cada um de nós hesita em incomodar o outro, com medo de que o outro não queira falar, ou talvez porque nós dois sejamos orgulhosos demais para procurar o outro primeiro. Vai ver ela não está muito interessada. Mas todo mundo sabe como essas coisas funcionam: a gente fica uma semana sem fazer contato, depois um mês, e logo passou tempo demais e ligar para ela agora seria estranho e meio sem propósito. Por isso, não vou entrar em contato com ela. Além do mais, iria dizer o quê? Não se preocupe, os médicos estão fazendo de tudo pra salvar minha vida. Não se preocupe, estão tentando reduzir a área do meu cérebro com problema com uma pilha de remédios, antes de tentar a operação. Não se preocupe, é possível que a Antártida permita que eu tenha acesso a seus hospitais de ponta. Não se preocupe, vou ficar muito bem.

Qual é o sentido de manter contato com a garota pela qual você é apaixonado, quando se está morrendo?

Esse lembrete faz minha nuca latejar de dor. *É melhor assim*, digo a mim mesmo pela centésima vez. E é mesmo. Não a vejo há muito tempo, o que

esmaece a lembrança de como nos conhecemos, e penso cada vez menos na ligação dela com as mortes da minha família.

Ao contrário da imagem de Tess, por alguma razão a de June nunca diz uma palavra. Tento ignorar a miragem reluzente, porém ela se recusa a ir embora. *Até a miragem dela é teimosa!*

Eu finalmente me levanto, apago a guimba de cigarro na calçada e atravesso a porta que leva ao Obsidian Lounge. Talvez a música e as luzes me façam esquecer June.

Por um instante, não enxergo nada. A boate está um breu, e o som é ensurdecedor. Uma dupla de soldados parecendo armários me para na hora. Um deles segura meu ombro com firmeza e pergunta:

– Nome e setor.

Não me interessa divulgar minha verdadeira identidade:

– Cabo Schuster, Aeronáutica. – Deixo escapar um nome qualquer e a primeira das Forças Armadas que me vem à cabeça. Sempre penso primeiro na aeronáutica, basicamente por causa de Kaede. – Estou lotado na Base Naval Dois.

O soldado assente e diz:

– A garotada da aeronáutica fica lá nos fundos, à esquerda, perto dos banheiros. Se você provocar alguma briga com o pessoal do exército, te tiro da boate e seu comandante vai ficar sabendo logo de manhã, entendido?

Abaixo a cabeça, concordando, e os soldados me deixam passar.

Perco um corredor escuro e atravesso uma segunda porta, e então me misturo à multidão e às luzes intermitentes.

A pista de dança está apinhada de pessoas com camisas soltas e mangas enroladas, vestidos formando pares com uniformes amarrotados. Encontro as cabines da aeronáutica nos fundos da sala.

Felizmente, várias estão desocupadas. Me enfio numa delas, descanso as botas nos assentos almofadados e recosto a cabeça. Pelo menos a imagem de June desapareceu. A música alta faz com que meus pensamentos se dispersem.

Estou na cabine há apenas alguns minutos quando uma garota atravessa a pista de dança lotada e vem até mim. Ela está com o rosto avermelhado, e

os olhos são brilhantes e maliciosos. Quando olho de relance para trás, reparo num grupo de garotas rindo e nos observando. Forço um sorriso. Costumo gostar de receber atenção em boates, mas às vezes quero apenas fechar os olhos e deixar que o caos me leve para longe.

Ela se debruça e comprime os lábios no meu ouvido: – Desculpa te incomodar – grita, mais alto do que o barulho –, mas minhas amigas querem saber se você é o Day.

Já me reconheceram? Eu me encolho instintivamente e balanço a cabeça para que as outras possam ver:

– Quem me dera! – respondo com um sorriso sarcástico. – Mas obrigado pelo elogio.

O rosto da garota é quase imediatamente coberto por sombras, mas mesmo assim dá pra ver que ela está corando de raiva. Suas amigas soltam uma gargalhada. Parece que nenhuma delas acreditou na minha negativa.

– Quer dançar? – pergunta a guria. Ela relanceia sobre o ombro em direção às luzes azuis e douradas, e depois volta a me encarar. Suas amigas devem tê-la desafiado a dar em cima de mim.

Tento inventar uma desculpa educada, mas aí presto atenção na aparência da garota. A boate está escura demais para que eu possa vê-la direito, e tudo que consigo enxergar são lampejos da iluminação fraca em sua pele e no comprido rabo de cavalo, os lábios brilhantes entreabertos num sorriso, o corpo bonito num vestido curto e botas militares. Desisto de expressar minha recusa. Alguma coisa nela me lembra a June. Nos oito meses desde que June se tornou a Primeira Cidadã, não me empolguei muito com nenhuma garota, mas agora, com essa sócia indistinta pedindo para dançar comigo, eu me permito sentir esperança de novo e digo:

– Tudo bem, por que não?

A garota dá um largo sorriso. Quando saio da cabine e pego sua mão, suas amigas gritam surpresas, celebrando a conquista. A menina passa comigo por elas e rapidamente nos misturamos à multidão e abrimos um minúsculo espaço bem no centro da pista.

Eu a comprimo contra mim, ela passa a mão na minha nuca, e começamos a dançar segundo o som barulhento da música. Reconheço que

“ela é bonitinha”, ofuscado no mar de luzes e corpos.

A canção muda, e depois muda de novo. Não sei bem quanto tempo ficamos atordoados com isso, mas quando ela se debruça para a frente e roça os lábios nos meus, fecho os olhos e deixo que me beije. Chego a sentir um frio na espinha. Ela me beija duas vezes; sua boca é macia e úmida, e a língua tem gosto de vodca e frutas. Ponho a mão na parte inferior das costas da moça e a puxo para mais perto, até seu corpo ficar praticamente colado ao meu. Os beijos dela ficam mais intensos. *Ela é June*, digo a mim mesmo, vivendo minha fantasia. Com os olhos fechados e a cabeça ainda atordoada pelas substâncias alucinógenas do meu cigarro, acredito nessa ilusão por um momento: consigo *visualizá-la* me beijando nesta boate e tirando todo o ar dos meus pulmões. A moça provavelmente percebe a mudança dos meus movimentos, minha carência e meu desejo, porque sorri ao me beijar. *Ela é June*.

É o cabelo escuro de June que roça no meu rosto, os longos cílios de June que tocam minhas bochechas, o braço de June que está segurando meu pescoço, o corpo de June colado ao meu. Um gemido suave escapa da minha boca.

– Vamos lá fora – suas palavras são insinuantes – respirar um pouco de ar puro.

Há quanto tempo não transo? Não quero sair da boate, porque isso quer dizer que vou precisar abrir os olhos e ver que June foi embora, substituída por essa garota que não conheço. Ela, porém, me puxa pela mão e sou forçado a olhar em torno. É claro que June não está por aqui. As luzes da boate cintilam, e não consigo enxergar nada por um tempo. A moça me leva pelos grupos de dançarinos, pelo corredor escuro da boate, então saímos por uma porta dos fundos sem identificação e paramos num beco silencioso. Alguns holofotes de luz pouco intensa iluminam o local e causam um brilho esverdeado e soturno.

Ela me empurra para a parede e beija meu pescoço. Sua pele é úmida, e percebo que ela se arrepia ao meu toque. Eu também a beijo, e ela sorri surpresa quando eu inverte nossa posição e a encosto no muro.

Ela é June, digo a mim mesmo repetidas vezes. Meus lábios beijam vorazmente seu pescoço, e sinto cheiro de fumo e perfume.

Leves chiados de estática que lembram chuva e ovos fritos soam no meu fone de ouvido. Tento ignorar a chamada, mesmo quando a voz de um homem me enche os ouvidos. Isso é que é um estraga-prazer!

– Sr. Wing.

Nem respondo. *Se manda! Estou ocupado!*

Alguns segundos depois, a voz recomeça:

– Sr. Wing, aqui é o Comandante David Guzman, da Décima Quarta Patrulha da Cidade de Denver. Sei que o senhor está me ouvindo.

Ah, esse cara. Esse infeliz desse comandante é sempre encarregado de tentar me contatar.

Suspiro e me afasto da garota:

– Rapidinho – peço, arfante. Faço uma expressão de pedido de desculpa e aponto para meu ouvido. – Me dá um minuto?

Ela sorri e alisa o vestido.

– Vou te esperar lá dentro – responde. – Depois me procura. – Em seguida abre a porta e volta à boate.

Ligo o microfone e começo, lentamente, a andar para cima e para baixo no beco.

– O que é? – sussurro, aborrecido.

O comandante suspira no fone de ouvido e começa a falar:

– Sr. Wing, é preciso que o senhor esteja em Denver amanhã à noite, para comparecer ao Baile do Dia da Independência, no Capital Tower. Como sempre, sinta-se à vontade para recusar esta solicitação, para variar – resmungo ele baixinho. – Contudo, esse banquete é uma reunião excepcional de extrema importância. Se o senhor quiser comparecer, um jato particular estará à sua espera pela manhã.

Uma reunião excepcional de extrema importância? Alguém já ouviu tantas palavras pomposas numa só frase? Reviro os olhos. Mais ou menos a cada mês, recebo um convite para um espalhafatoso evento na capital, como um baile para os generais de alta patente ou para as comemorações que se realizaram quando Anden finalmente resolveu acabar com as Provas. Mas a

única razão pela qual eles querem que eu compareça a esses eventos é poderem me exibir e lembrar ao povo que “Caso vocês tenham esquecido, Day está do nosso lado!”. *Não abuse da sorte, Anden.*

– Sr. Wing – diz o comandante, quando me mantenho calado, como se ele estivesse recorrendo a um argumento definitivo: – O glorioso Eleitor em pessoa faz questão de sua presença. Assim como a Primeira Cidadã.

A Primeira Cidadã.

Minhas botas rangem quando paro no meio do beco. Esqueço até de respirar.

Não se anime muito – afinal de contas, há três Primeiros Cidadãos, e ele pode estar se referindo à outra mulher. Passam-se alguns segundos até eu finalmente perguntar:

– Qual delas?

– Aquela com quem você realmente se importa.

Minhas bochechas ardem ao tom provocador da voz dele e indago:

– June?

– Sim, a srta. June Iparis – responde o comandante. Ele parece aliviado por ter finalmente despertado minha atenção. – Desta vez ela quis que o pedido fosse pessoal; gostaria muito de que o senhor comparecesse ao banquete no Capital Tower.

Minha cabeça dói, e me esforço para estabilizar a respiração. Todos os pensamentos sobre a garota da boate desaparecem no mesmo instante. Faz oito meses que June não solicita minha presença; esta é a primeira vez que ela pede que eu compareça a um evento público.

– Qual o motivo da celebração? – pergunto. – É apenas uma festa do Dia da Independência? Por que é tão importante?

O comandante hesita e diz:

– Trata-se de assunto de segurança nacional.

– Isso quer dizer *o quê* exatamente? – Meu entusiasmo inicial lentamente diminui. Talvez ele esteja apenas blefando. – Comandante, estou no meio de um compromisso muito importante. Tente me convencer de novo amanhã de manhã.

O comandante pragueja baixinho e diz:

– Tudo bem, Sr. Wing. Como quiser.

Ele resmungava alguma coisa que não consigo entender e desliga. Fecho a cara, desesperado, quando minha animação inicial se transforma em profunda decepção. Talvez eu deva ir para casa. Está mesmo na hora de eu ver como está o Éden. Esse cara devia estar fazendo uma gracinha de mau gosto. Não duvido nada que ele estivesse mentindo sobre o pedido de June, porque se ela quisesse tanto assim que eu voltasse à capital, ela...

– Day?

Ouçoo outra voz no meu fone de ouvido e fico paralisado.

Será que os efeitos alucinógenos dos remédios não passaram? Será que acabei de imaginar ter escutado a voz dela? Embora eu não a tenha ouvido há quase um ano, eu a reconheceria em qualquer lugar, e apenas o som é o bastante para evocar a imagem de June à minha frente, como se a tivesse encontrado por acaso neste beco. *Por favor, não deixe que seja ela. Por favor, deixe que seja ela.*

Será que sua voz sempre vai ter esse efeito sobre mim?

Não tenho ideia de quanto tempo permaneci paralisado assim, mas deve ter sido por algum tempo, porque ela insiste:

– Day, sou eu, June. Está me ouvindo?

Um calafrio percorre meu corpo. Não estou imaginando coisas! É ela mesmo!

Seu tom de voz está diferente daquele do qual me lembro: é hesitante e formal, como se ela estivesse falando com um desconhecido. Finalmente consigo me recompor e ligo o microfone:

– Estou sim – respondo. O próprio tom da minha voz também está diferente: hesitante e formal, como o dela. Espero que June não perceba o ligeiro tremor.

Há uma pequena pausa do outro lado antes de June continuar:

– Oi! – Depois de um longo silêncio, ela pergunta: – Como você está?

De repente sinto uma avalanche de palavras se formando dentro de mim, ameaçando escapar. Quero despejar tudo: tenho pensado em você todos os dias, desde nossa última despedida; desculpe não ter feito contato; queria

muito que você tivesse me procurado. Sinto saudade de você. Sinto sua falta.

Mas não falo nada; em vez disso, só consigo dizer:

– Muito bem. E aí?

Ela faz uma pausa e depois diz:

– Ah, que ótimo! Desculpe ligar tão tarde; aposto que você está tentando dormir, mas o Senado e o Eleitor me encarregaram de lhe fazer este pedido pessoalmente. Eu não o faria se não achasse que é muito importante. Denver vai realizar um baile pelo Dia da Independência e, durante o evento, vamos fazer uma reunião de emergência e precisamos que você participe dela.

– Por quê?

Estou recorrendo a respostas curtas e rasteiras, pois só consigo falar assim, ao ouvir a voz de June.

Ela expira, causando um leve ruído de estática no fone de ouvido, e diz:

– Você já deve ter ouvido falar no tratado de paz que está sendo esboçado entre a República e as Colônias, não é?

– Já, claro.

Todo mundo no país tem conhecimento disso: a maior ambição do nosso precioso e jovem Anden é acabar com esse combate que vem sendo travado há muito tempo. Até agora, parece que as coisas estavam indo bem, e prova disso é que a guerra na frente de batalha está num silencioso impasse há quatro meses. Ninguém podia supor que chegaria esse dia, nem se podia esperar que os estádios da Prova permanecessem sem ser usados em todo o país.

– Parece que o Eleitor está a caminho de se tornar o herói da República, né?

– Não fale antes do tempo. – O tom de June se entristece, e visualizo sua expressão através do fone de ouvido. – Ontem recebemos uma transmissão raivosa das Colônias. Há uma praga que está se propagando nas cidades no *front* da guerra, e eles acreditam que tenha sido causada por alguma das armas biológicas que enviamos pelas divisas das cidades. Até já rastream

os números de série nos cartuchos das armas que eles julgaram ter provocado essa praga.

Suas palavras são abafadas pelo choque na minha mente, a neblina que está trazendo de volta lembranças de Éden e de seus olhos negros sangrando, do menino naquele trem que estava sendo usado como parte da frente de batalha.

– Isso quer dizer que o tratado de paz foi descartado?

– Isso mesmo. – June baixa o tom de voz. – As Colônias alegam que a praga é um ato oficial de guerra contra elas.

– E o que isso tem a ver comigo?

Mais uma pausa longa e ameaçadora, que me enche de um medo tão grande que sinto meus dedos se entorpecerem. *A praga está acontecendo. O círculo está se fechando.*

– Eu conto quando você chegar aqui – diz June finalmente. – É melhor não falar sobre o assunto em fones de ouvido.



JUNE

Abomino minha primeira conversa com Day após oito meses sem nenhuma comunicação. *Odeio* esse contato. Quando me tornei tão manipuladora? Por que sempre uso seus pontos fracos contra ele?

Ontem à noite, às 23h06, Anden veio ao edifício onde moro e bateu à porta do meu apartamento. Sozinho. Acredito que não havia seguranças no corredor para protegê-lo. Esse foi meu primeiro alerta de que o assunto que ele tinha a discutir comigo devia ser importante e sigiloso.

– Preciso lhe pedir um favor – disse ele, quando o deixei entrar. Anden está quase dominando completamente a arte de ser um jovem Eleitor: ele é calmo, frio, senhor de si, mantém a cabeça erguida mesmo sob estresse, e a voz serena mesmo quando zangado, mas desta vez percebi uma profunda preocupação nos seus olhos. Mesmo meu cachorro, Ollie, sentiu que ele estava com problemas e tentou animá-lo ao empurrar o focinho úmido na mão de Anden.

Afastei Ollie e voltei a encarar o Eleitor.

– Qual é o problema? – perguntei.

Anden passou a mão pelo cabelo escuro ondulado e disse, inclinando a cabeça para mim, em silenciosa agitação:

– Não queria perturbá-la tão tarde da noite, mas esta conversa não podia esperar.

Ele estava perto o bastante e, se eu quisesse, poderia erguer o rosto e acidentalmente roçar os lábios nos dele. Meu coração se acelerou a essa ideia.

Anden notou a tensão na minha postura, porque recuou um passo como para se desculpar e me deu mais espaço para respirar. Senti uma estranha mistura de alívio e decepção.

– Acabou o tratado de paz – sussurrou ele. – As Colônias estão se preparando para declarar guerra contra nós mais uma vez.

– Como é que é? – sussurrei também. – Por quê? O que aconteceu?

– Meus generais me informaram que há umas duas semanas, um vírus mortal começou a se propagar com grande rapidez na frente de batalha das Colônias. – Quando viu meus olhos se arregalarem, tentando absorver a informação, ele assentiu. Parecia exausto, sobrecarregado com o peso da segurança de uma nação inteira. – Aparentemente eu demorei demais a retirar nossas armas biológicas do *front* de guerra.

Éden. Os vírus experimentais que o pai de Anden havia usado na tentativa de causar uma praga nas Colônias. Durante meses, tentei não pensar muito nisso – afinal, *Éden* agora estava em segurança sob os cuidados de Day e, segundo a última notícia que tive, ele estava lentamente se adaptando ao que poderíamos chamar de uma vida normal. Nos últimos meses, a frente de batalha havia permanecido em silêncio enquanto Anden tentava negociar um tratado de paz com as Colônias. Eu havia pensado que teríamos sorte e que não haveria consequências negativas daquela guerra biológica. Grande ilusão!

– Os senadores estão a par disso? – perguntei após algum tempo. – E os outros Primeiros Cidadãos? Por que você está *me* contando isso? Eu não sou sua assessora mais próxima.

Anden suspirou e apertou a ponte do nariz.

– Perdoe-me. Não queria envolvê-la nisso. As Colônias acreditam que temos a cura para esse vírus em nossos laboratórios, mas que a estamos sonhando. O pessoal das Colônias exige que partilhemos a fórmula com eles; se não fizermos isso, vão atacar em massa a República e desta vez não será igual à nossa antiga guerra. As Colônias conseguiram um aliado: fecharam um acordo comercial com a África, pelo qual as Colônias recebem ajuda militar, e em troca a África ganha metade das nossas terras.

Um mau pressentimento se apossou de mim. Mesmo sem que ele dissesse nada, eu sabia aonde Anden queria chegar. Perguntei:

– Nós não temos a cura, temos?

– Não, mas *sabemos* de ex-pacientes que têm o potencial para nos ajudar a encontrar essa cura.

Comecei a balançar negativamente a cabeça. Quando Anden estendeu a mão para tocar meu cotovelo, livre-me com um safanão e lhe disse:

– Nem pensar. Você não pode me pedir isso. Não vou compactuar com isso.

Anden assumiu uma expressão atormentada e falou:

– Organizei um banquete reservado amanhã à noite para reunir todos os nossos senadores. Não temos escolha, se é que queremos pôr um ponto final nessa história e encontrar uma forma de garantir disso tão bem quanto eu. Quero que ele compareça a esse banquete e nos escute. Precisamos da permissão dele para chegar até o Éden.

Ele está falando sério, me dei conta disso, transtornada, e disse:

– Você sabe que nunca vai conseguir que ele faça isso, não sabe? O apoio que o país lhe dá, Anden, ainda não é sólido, e sua aliança com Day é, no máximo, hesitante. Como você acha que ele vai reagir a essa *proposta*? E se você conseguir deixá-lo furioso o bastante para que ele convoque o povo a agir, mandar que eles se revoltem contra você? Ou, *pior* ainda: e se ele pedir ao povo que apoie as Colônias?

– Eu sei. Já analisei todas essas hipóteses. – Anden esfregou as têmporas, exaurido. – Se houvesse uma opção melhor, eu a escolheria.

– Então você quer que *eu* faça com que ele concorde com isso?! – disparei. Eu estava tão irritada que nem me importei em disfarçar. – Não vou fazer isso. Mande os senadores convencerem o Day, ou tente você mesmo convencê-lo. Ou encontre uma forma de se desculpar com o Chanceler das Colônias, peça-lhe que negocie novas condições.

– *Você é o ponto fraco do Day, June*. Ele vai escutar você. – Anden vacilou ao dizer isso, como se não quisesse admitir o fato. – Sei o que isso me faz parecer. Não quero ser cruel, não quero que Day nos considere o inimigo, mas *farei* o que for preciso para proteger o povo da República. Caso contrário, as Colônias vão atacar, e, se isso acontecer, é provável que o vírus se propague aqui também.

Era pior do que isso, embora Anden não o tenha dito em voz alta. Se as Colônias nos atacarem tendo como aliada a África, nossas forças armadas talvez não consigam frear os ataques. Desta vez, é possível que as Colônias

vençam. *Ele vai escutar você.* Fechei os olhos e abaixei a cabeça. Não queria admitir, mas Anden tinha razão.

Por isso, fiz o que ele me solicitou. Liguei para Day e pedi que voltasse à capital. A simples ideia de vê-lo de novo acelerou meu coração, dolorido com a ausência dele na minha vida nos últimos meses. Eu não o via nem falava com ele havia tanto tempo... E é *dessa maneira* que vamos nos reunir? O que ele vai pensar de mim?

O que será que ele vai achar da República ao descobrir o que eles querem fazer com seu irmãozinho?

12H01.

**TRIBUNAL DE CRIMES FEDERAIS DO CONDADO DE DENVER.
22°C EM AMBIENTE FECHADO.**

**FALTAM 6 HORAS PARA EU ENCONTRAR Day NO BAILE DESTA
NOITE.**

289 DIAS E 12 HORAS DESDE A MORTE DE METIAS.

Thomas e a Comandante Jameson estão sendo julgados hoje.

Estou exausta de julgamentos. Nos últimos quatro meses, doze ex-senadores foram julgados e condenados por participar do plano para assassinar Anden, plano que Day e eu mal conseguimos impedir. Os senadores foram todos executados. Razor também já está morto. Às vezes tenho a impressão de que uma nova pessoa está sendo condenada toda semana.

Mas o julgamento de hoje é diferente. Sei *exatamente* quem está sendo julgado hoje, e por quê.

Estou sentada no balcão que dá para a sala redonda do tribunal; minhas mãos inquietas calçam luvas de seda branca, meu corpo não para de se mexer no colete e no casaco preto amarrotado, e minhas botas batem levemente nas colunas do balcão. Minha cadeira é de carvalho sintético, almofadada de um tecido escarlata macio, mas não consigo me sentir confortável. Para me manter calma e ocupada, estou cuidadosamente

entrelaçando quatro cliques de papel no meu colo, para formar um pequeno anel. Dois guardas estão de pé ao meu lado. Três filas circulares com os vinte e seis senadores do país rodeiam o estrado, idênticos nos ternos escarlates e pretos combinando; as ombreiras prateadas refletem a luz do local, e suas vozes ressoam no teto arcado. Eles parecem totalmente indiferentes, como se estivessem reunidos para discutir rotas comerciais e não o destino de pessoas. Muitos são rostos novos que substituíram os senadores traidores, já extirpados por Anden. Eu me sobressaio com meu uniforme preto e dourado (até mesmo os setenta e seis guardas presentes usam uniformes escarlates: dois para cada senador, dois para mim, dois para cada um dos Primeiros Cidadãos, quatro para Anden, e catorze postados nas entradas da frente e dos fundos, o que quer dizer que os réus – Thomas e a Comandante Jameson – são considerados de alta periculosidade e poderiam de repente tentar fugir).

Obviamente não sou senadora. Sou uma Primeira Cidadã, e preciso ser diferenciada como tal.

Duas outras pessoas usam uniforme preto e dourado igual ao meu. Meus olhos encontram os dois, sentados em outros balcões. Depois que Anden me designou para treinar para a posição de Primeira Cidadã, o Congresso insistiu para que ele escolhesse outros candidatos. Afinal de contas, não se deve ter apenas uma pessoa preparada para se tornar líder do Senado, especialmente quando essa pessoa é uma adolescente de dezesseis anos sem qualquer experiência política. Anden concordou, e selecionou mais dois Primeiros Cidadãos, ambos já senadores. Um deles é Mariana Dupree. Meu olhar se fixa nela; seu nariz é arrebitado e seu olhar, severo. Ela tem trinta e sete anos, e é senadora há dez. Essa mulher me odiou no instante em que me viu. Desvio o olhar, e me concentro no balcão onde está sentado o segundo Primeiro Cidadão. Ele é Serge Carmichael, um senador irascível de trinta e dois anos e grande capacidade política, que não perdeu tempo em demonstrar que não apreciava o fato de eu ser tão jovem e inexperiente.

Serge e Mariana. Meus dois adversários no título de Primeira Cidadã. Fico exausta só de pensar nisso.

Num balcão a vários metros de distância, flanqueado por guardas, Anden parece calmo, discutindo um assunto com um dos guardas. Está usando um elegante casaco militar cinzento com reluzentes botões prateados, ombreiras prateadas e insígnias também prateadas nas mangas. De vez em quando ele olha para os prisioneiros na sala de audiências. Eu o observo um momento, e admiro sua aparente calma.

Thomas e a Comandante Jameson vão receber suas sentenças por crimes contra a nação.

Thomas está mais arrumado do que de costume – se isso for possível. O cabelo está penteado para trás, e dá pra ver que ele deve ter acabado com uma lata de graxa para polir as botas. Encontra-se em posição de sentido no meio da sala e olha fixo para a frente com uma intensidade que deixaria orgulhoso qualquer comandante da República. Eu me pergunto no que estará pensando. Estará visualizando a noite na ala do hospital quando assassinou meu irmão? Estará pensando nas várias conversas que teve com Metias, nos momentos em que baixou a guarda? Ou na noite fatídica em que escolheu trair Metias em vez de ajudá-lo?

Por outro lado, a Comandante Jameson está ligeiramente desgrenhada. Seus olhos frios e indiferentes se fixam em mim. Ela está me observando firmemente nos últimos doze minutos. Eu retribuo o olhar por um instante, tentando perceber um indício de emoção nos seus olhos, mas sem sucesso: eles refletem apenas um ódio pétreo, uma absoluta falta de consciência.

Desvio o olhar, respiro profunda e lentamente, e tento me concentrar em outra coisa. Meus pensamentos se fixam em Day.

Faz 241 dias que ele esteve no meu apartamento e se despediu de mim. Às vezes tenho vontade de que Day me abrace de novo e me beije como fez naquela última noite, tão perto que mal conseguíamos respirar, seus lábios macios contra os meus. Mas então elimino esse desejo. O pensamento é inútil porque me lembra da perda, da mesma forma que estar sentada aqui agora e olhando para as pessoas que mataram minha família me faz lembrar todas as coisas que eu tinha, e também a minha culpa por *ter tirado* todas as coisas que *Day* tinha.

Além do mais, é provável que Day nunca mais queira me beijar, quando descobrir por que lhe pedi que voltasse a Denver.

Anden está olhando na minha direção agora. Quando cruzamos olhares, ele assente, sai do balcão e um minuto depois entra no meu. Eu me levanto e, assim como meus guardas, faço uma breve continência. Anden faz um gesto impaciente e diz:

– Sente-se, por favor. – Quando me acomodo de volta na cadeira, ele se debruça e acrescenta: – Como você está, June?

Luto contra o rubor que se espalha nas minhas bochechas. Depois de oito meses sem Day na minha vida, consigo sorrir para Anden, gostando da atenção que ele me dá, e às vezes até esperando por ela.

– Muito bem, obrigada. Estava ansiosa para este dia chegar.

– É claro. – Anden concorda com a cabeça e diz: – Não se preocupe. Não vai demorar para esses dois saírem para sempre da sua vida.

Ele aperta meu ombro para enfatizar o que disse e em seguida sai tão rapidamente quanto chegou, desaparecendo com um leve clique de medalhas e ombreiras, e logo depois ressurgindo no seu balcão.

Levanto a cabeça numa tentativa inútil de mostrar coragem, sabendo que o olhar gélido da Comandante Jameson ainda não deve ter desgrudado de mim. À medida que cada um dos senadores anuncia seu voto em voz alta sobre a sentença da militar, prendo a respiração e cuidadosamente afasto todas as lembranças que tenho dos olhos dela fixos em mim e as disponho ordenadamente no fundo da memória. A votação demora uma eternidade, embora os senadores se apressem em dizer o que acreditam que agrada ao Eleitor.

Ninguém tem coragem de se arriscar a contrariar Anden, depois de verem tantos outros condenados e executados. Quando chega minha vez, minha garganta está seca. Engulo algumas vezes e depois digo, com voz nítida e calma:

– Culpada.

Serge e Mariana votam depois de mim. Após mais uma rodada de votos, agora referentes a Thomas, o julgamento termina. Três minutos depois, um homem (calvo, rosto redondo enrugado e vestes escarlates que chegam até o

chão e que ele segura com a mão esquerda) chega rapidamente ao balcão de Anden e faz uma breve reverência. Anden se inclina até o homem e sussurra no seu ouvido. Observo essa interação com tranquila curiosidade, perguntando-me se consigo prever o veredicto final pelos gestos que fazem. Após breve deliberação, Anden e o homem fazem um sinal afirmativo com a cabeça. O oficial de justiça se dirige então a todos os presentes:

– Estamos prontos para anunciar os veredictos para o Capitão Thomas Alexander Bryant e a Comandante Natasha Jameson, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles. Todos de pé para o pronunciamento de nosso glorioso Eleitor!

Os senadores e eu ficamos de pé com um ruído uníssono, enquanto a Comandante Jameson simplesmente se vira para encarar Anden com uma expressão de total desprezo. Thomas faz uma vigorosa continência para Anden. Ele mantém o gesto quando Anden se ergue, se apruma e põe as mãos nas costas. Faz-se silêncio enquanto esperamos pelo seu veredicto final, o voto que realmente importa. Reprimo uma vontade iminente de tossir. Meus olhos se dirigem instintivamente aos outros Primeiros Cidadãos, algo que faço o tempo todo: Mariana franze a testa, antecipadamente satisfeita, e Sergio parece entediado. Agarro com força o anel de cliques de papel que estou fazendo. Sei que vou ficar com sulcos profundos na palma da mão.

– Os senadores da República apresentaram seus veredictos individuais – anuncia Anden para o tribunal; suas palavras expressam toda a formalidade de um discurso de antigas tradições. Admiro a maneira pela qual sua voz parece tão suave, apesar da gravidade do assunto. – Analisei sua decisão conjunta, e agora anuncio minha própria decisão. – Anden para e focaliza o lugar onde os dois réus estão esperando. Thomas continua prestando continência e a olhar fixamente para a frente. – Capitão Thomas Alexander Bryant, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles, a República da América o considera *culpado*...

A sala fica em silêncio. Eu me esforço para manter minha respiração equilibrada. *Pense em alguma coisa, qualquer coisa.* Que tal sobre todos os livros de ciência política que li esta semana? Tento descrever alguns dos

fatos que aprendi, mas de súbito não consigo me lembrar de nenhum. Isso não tem nada a ver comigo.

– ... da morte do Capitão Metias Iparis na noite de trinta de novembro, da morte da civil Grace Wing sem as justificativas necessárias para a execução, de executar sozinho doze manifestantes na Batalla Square na tarde de...

A voz dele entra e sai das distorções nebulosas do barulho na minha cabeça. Descanso uma das mãos no braço da cadeira, solto o ar devagar e tento me impedir de balançar o corpo. *Culpado*. Thomas foi considerado culpado de matar meu irmão e a mãe de Day. Minhas mãos tremem.

– ... e é, portanto, condenado a morrer por fuzilamento daqui a dois dias, às dezessete horas. Comandante Natasha Jameson, da Patrulha Oito da Cidade de Los Angeles, a República da América a considera *culpada*...

A voz de Anden esmorece em um zumbido monótono irreconhecível. Tudo ao meu redor está muito lento, como se eu estivesse vivendo tudo aquilo depressa demais, e deixando o mundo para trás.

Há um ano eu estava do lado de fora do Batalla Hall, em um tipo diferente de tribunal, observando o que acontecia junto a uma imensa multidão quando o juiz impôs a Day exatamente a mesma sentença. Hoje em dia Day está vivo, e é uma celebridade da República. Abro os olhos de novo. Os lábios da Comandante Jameson se contraem quando Anden lê em voz alta sua sentença de morte. A expressão de Thomas é de indiferença. Será essa expressão *verdadeira*? Estou muito longe para saber, mas suas sobrancelhas estão arqueadas num tipo estranho de tragédia. *Eu devia estar feliz*, digo a mim mesma. Day e eu deveríamos estar eufóricos. Thomas matou Metias e atirou na mãe de Day a sangue-frio, sem hesitar um segundo.

Mas agora a sala do tribunal se desvanece e tudo que consigo ver são lembranças de Thomas como adolescente, quando ele, Metias e eu costumávamos comer porco com edamame em um quiosque na 1ª Rua, com um toró desabando ao redor. Lembro-me de Thomas me exibindo a primeira arma que lhe foi designada. Lembro até da vez em que Metias me levou para assistir aos seus exercícios vespertinos. Eu tinha doze anos e

começara recentemente a estudar na Drake – tudo era tão inocente naquela época... Metias me apanhou depois das aulas naquela tarde, bem na hora, e nos dirigimos ao setor Tanagashi, onde ele estava exercitando sua patrulha. Ainda sinto o calor do sol no meu cabelo, ainda visualizo o farfalhar da meia capa preta de Metias, o brilho das suas dragonas prateadas, e ainda ouço os vigorosos cliques das suas botas reluzentes no cimento. Enquanto eu me acomodava num banco lateral e ligava meu computador (ou fingia ligá-lo) para adiantar minhas leituras, Metias enfileirava seus soldados para inspecioná-los. Ele parava em frente de cada um para indicar as falhas no seu uniforme.

– Cadete Rin – gritou ele para um dos soldados mais jovens. Ela pulou à voz severa do meu irmão e abaixou a cabeça, envergonhada, quando Metias deu uma pancadinha na única medalha presa à farda dela. – Se eu usasse minhas medalhas desta maneira, a Comandante Jameson me rebaixaria de posto. Quer ser removida desta patrulha, soldado?

– N-não, senhor – gaguejou a cadete.

Metias manteve as mãos enluvadas metidas no cinto nas costas e continuou a inspeção. Criticou mais três soldados antes de chegar a Thomas, em posição de sentido quase no final da fila. Metias examinou o uniforme dele com um olhar severo e atento. Obviamente, o uniforme de Thomas estava impecável: não havia um único fio fora do lugar, todas as medalhas e as ranhuras das dragonas muito bem envernizadas e as botas tão polidas, que eu provavelmente poderia ver minha imagem refletida nelas. Fez-se longo silêncio. Desliguei o computador e me inclinei para a frente a fim de observar mais de perto. Finalmente, meu irmão assentiu e disse a Thomas:

– Muito bem, soldado. Se continuar assim, farei com que a Comandante Jameson o promova antes do fim do ano.

A expressão de Thomas nunca se alterava, mas percebi que levantou o queixo, orgulhoso.

– Obrigado, senhor – respondeu. Os olhos de Metias se demoraram nele por mais um segundo, e depois ele continuou sua vistoria.

Quando finalmente concluiu a inspeção, meu irmão encarou toda a patrulha.

– Esta inspeção me decepcionou, soldados! – gritou meu irmão. – Vocês agora estão sob minha vigilância, o que quer dizer que estão sob a vigilância da Comandante Jameson. Ela espera que esta patrulha seja de alto nível, portanto, para seu próprio bem, é melhor que se esforcem mais. Entendido?

Calorosas continências lhe responderam:

– *Sim, senhor!*

Os olhos de Metias se voltaram para Thomas. Vi respeito, quase admiração, no rosto do meu irmão.

– Se cada um de vocês prestasse atenção aos detalhes como o Cadete Bryant, nós seríamos a melhor patrulha do país. Que ele sirva de exemplo a vocês todos. – Metias se uniu a eles na continência final: – Vida longa à República! – Os cadetes repetiram essa frase em uníssono.

A lembrança lentamente se esvai dos meus pensamentos, e a voz nítida de Metias se transforma em um murmúrio fantasmagórico, enfraquecendo-me e me exaurindo na minha tristeza.

Metias sempre falava sobre a fixação de Thomas em ser o soldado perfeito. Lembro-me da devoção cega de Thomas pela Comandante Jameson, a mesma devoção que ele agora dedica a seu novo Eleitor. Depois vejo Thomas e eu, sentados um de frente para o outro em uma sala de interrogatório, e recorro a angústia nos seus olhos. Lembro quando ele me disse querer proteger-me. O que aconteceu com aquele menino tímido e desengonçado dos setores pobres de Los Angeles, o menino que treinava com Metias todas as tardes? Alguma coisa nubla minha visão e rapidamente seco uma lágrima com uma das mãos.

Eu *poderia* ter compaixão e pedir a Anden para poupar a vida de Thomas e deixar que ele passasse o resto de sua existência numa prisão, dando-lhe oportunidade de se redimir. Em vez disso, porém, simplesmente não digo nada e mantenho minha postura firme e o coração duro como pedra. Na minha posição, Metias seria mais piedoso.

Mas nunca fui uma pessoa tão boa quanto meu irmão.

– Isso conclui o julgamento do Capitão Thomas Alexander Bryant e da Comandante Natasha Jameson – declara Anden. Ele estende a mão na direção de Thomas, inclina a cabeça e pergunta: – Capitão, o senhor tem algo a dizer ao Senado?

Thomas nem sequer pisca, nem demonstra qualquer indício de medo, remorso ou raiva. Eu o observo detidamente. Após um minuto, ele dirige o olhar para Anden e faz uma reverência.

– Meu glorioso Eleitor – responde com voz clara e firme –, desonrei a República ao agir de uma forma que lhe desagradou e desapontou, senhor. Com humildade, aceito meu veredicto. – Levanta a cabeça, presta continência e diz: – Vida longa à República!

Ele olha de relance para mim quando todos os senadores expressam estar de acordo com o veredicto final de Anden. Por um instante, nossos olhares se cruzam, e em seguida olho para baixo. Depois de um instante, olho de novo para ele, que dirige o olhar fixamente à frente.

Anden fala agora a Comandante Jameson:

– Comandante – ele diz, estendendo a mão enluvada na direção dela e levantando o queixo, num gesto régio –, a senhora tem algo a dizer ao Senado?

Ela olha firmemente para o jovem Eleitor. Seus olhos são lâminas frias e escuras. Após uma pausa, a militar finalmente concorda com a cabeça.

– Tenho, *Eleitor* – diz ela, em tom ao mesmo tempo severo e debochado, em veemente contraste ao tom de Thomas. Os senadores e os soldados se remexem, constrangidos, mas Anden levanta uma das mãos para que se faça silêncio. – Tenho sim, algumas palavras a lhe dizer. Não fui a primeira pessoa a desejar sua morte, nem serei a última. O senhor é o Eleitor, mas não passa de um rapaz que não sabe quem é. – Ela estreita os olhos e sorri. – Mas *eu* sei. Já vi muito mais coisas do que o senhor: já derramei o sangue de prisioneiros com o dobro da sua idade, já matei homens duas vezes mais fortes do que o senhor, já fiz prisioneiros tremerem com os corpos esfacelados cuja coragem era provavelmente o dobro da sua. O senhor se acha o salvador deste país, não é? Mas eu não caio nessa. O senhor é apenas o filhinho do papai, e tal pai, tal filho. Ele falhou, e o senhor também

falhará. – Ela dá um largo sorriso, mas seus olhos não o refletem. – Este país vai virar pó com o senhor no comando, e meu espectro vai rir do senhor lá no inferno.

A expressão de Anden não muda. Seus olhos permanecem nítidos e destemidos e, nesse momento, sinto-me atraída por ele como um inseto pela luz. Ele continua olhando friamente para a militar.

– Isso conclui o julgamento de hoje – declara ele; sua voz ressoa na sala do tribunal. – Comandante, sugiro que guarde suas ameaças para o pelotão de fuzilamento. – Ele então cruza as mãos atrás das costas e, acenando com a cabeça, ordena: – Removam os prisioneiros da minha frente.

Não sei como Anden consegue não demonstrar nenhum medo da Comandante Jameson. Invejo essa capacidade, porque ao ver os soldados conduzindo-a para fora da sala, sinto um terror profundo e gélido, como se ela ainda fosse nos fazer muito mal, como se ela estivesse nos advertindo para ter cuidado.



DAY

O avião aterrissa em Denver na manhã do banquete de emergência. Essas palavras me dão vontade de rir: *banquete* de emergência? Para mim, um banquete significa uma festa, e não creio que nenhuma emergência justifique uma montanha espalhafatosa de comida, mesmo que seja para celebrar o Dia da Independência. É assim que os senadores lidam com crises? Se empanturrando de comida?

Depois que Éden e eu nos acomodamos num apartamento temporário do governo e Éden cochila, exaurido pelo nosso voo cedo de manhã, relutantemente eu o deixo com Lucy e vou ao encontro do assistente designado para me preparar para o evento desta noite.

– Se alguém quiser falar com ele – sussurro à Lucy enquanto Éden dorme – por qualquer razão, ligue para mim, por favor. Se alguém quiser...

Lucy, acostumada à minha paranoia, me cala com um aceno.

– Pode ficar tranquilo, sr. Wing. – Ela me dá um tapinha na bochecha. – Garanto que ninguém vai falar com Éden enquanto o senhor estiver fora.

Faço um sinal positivo com a cabeça. Meu olhar se detém em Éden, como se ele fosse desaparecer se eu piscasse por um segundo.

– Obrigado.

Para comparecer a um evento tão requintado, preciso me vestir de acordo e, com esse fim, a República encarregou a filha de um senador de me levar ao centro comercial, onde se concentram as principais áreas de shoppings. Ela me encontra na estação de trem no centro do bairro. É bem fácil identificá-la: veste um uniforme estiloso dos pés à cabeça. Seus olhos são castanho-claros, a pele é morena, e os espessos cachos pretos estão presos numa trança. Ao me reconhecer, ela me dá um breve sorriso.

Percebo que está me examinando, e possivelmente criticando minha roupa.

– Você deve ser o Day – diz ela, ao apertar minha mão. – Meu nome é Faline Fedelma, e o Eleitor me designou para ser sua guia. – Ela para e ergue uma sobrancelha ao olhar minha roupa. – Temos muito trabalho pela frente.

Olho para o que estou vestindo: calças enfiadas em botas há muito desgastadas pelo uso, camisa com colarinho amarrotado e um velho cachecol. Isso seria considerado luxuoso pelos sem-teto.

– Que bom que você aprova! – digo, em tom de brincadeira. Faline ri, e passa o braço pelo meu.

Enquanto ela me leva até uma rua que vende roupas para o governo e se especializa em trajes de gala, percebo grupos de pessoas que se apressam ao nosso redor. São pessoas bem-vestidas, classe A. Três estudantes passam por nós, dando risinhos sabe-se lá por quê, vestindo imaculados uniformes militares e botas envernizadas. Ao dobrarmos uma esquina e entrarmos numa loja, percebo que há soldados montando guarda, marchando para cima e para baixo da rua. *Muitos soldados.*

– Sempre tem tantos guardas assim no centro da cidade? – pergunto à Faline.

Ela apenas dá de ombros e me mostra um uniforme, mas vejo que está inquieta.

– Para dizer a verdade, não, mas tenho certeza de que você não precisa se preocupar.

Deixo para lá, mas fico um pouco ansioso. Denver está reforçando seu sistema defensivo. June não explicou por que queria tanto que eu comparecesse a esse banquete, o suficiente para ela própria me contatar depois de tantos meses em silêncio. Que diabos ela quer de mim? O que será que a República quer desta vez?

Se a República vai mesmo entrar em uma nova guerra, talvez eu possa encontrar uma forma de tirar Éden do país. Afinal de contas, temos condições de ir embora. Não sei por que continuo aqui.

Horas depois, quando o sol se pôs e começaram a soltar fogos de artifício pelo aniversário do Eleitor em vários lugares da cidade, um jipe me leva do meu apartamento em direção a Colburn Hall. Vou esquadrinhando

impacientemente a paisagem pela janela. As pessoas caminham para cima e para baixo nas calçadas, em grupos compactos. Esta noite, todas elas vestem roupas muito específicas, a maioria vermelha, com detalhes dourados e emblemas da República estampados aleatoriamente, na parte posterior das luvas brancas ou nas mangas dos paletós militares. Eu me pergunto quantas dessas pessoas concordam com a pichação “Anden é nosso salvador”, e quantas aprovam a que diz “Anden é um farsante”.

Tropas não param de desfilar para cima e para baixo nas ruas. Todos os telões exibem imagens de enormes emblemas da República, seguidas por cenas filmadas ao vivo das festividades acontecendo no Colburn Hall. Uma coisa é fato: desde que Anden assumiu o poder, as propagandas da República, anunciadas nos telões, diminuíram bastante, mas eles continuam sem apresentar notícias do mundo exterior.

Acho que não se pode ter tudo.

Quando chegamos aos degraus de pedra do Colburn Hall, as ruas estão uma confusão de celebrações, multidões e guardas sisudos. Os transeuntes gritam um escandaloso viva quando me veem saltar do jipe, um berreiro que atravessa meus ossos e me faz sentir um espasmo de dor na nuca. Hesitante, aceno para as pessoas.

Feline me espera na base dos degraus que conduzem ao Colburn Hall. Desta vez, ela usa um vestido dourado, e suas pálpebras brilham com um pó da mesma cor. Trocamos reverências antes que eu a siga, observando-a gesticular para que os outros abram caminho.

– Até que você ficou bem apresentável. Sei de uma pessoa que vai gostar muito de te ver.

– Não acho que o Eleitor vai ficar tão entusiasmado quanto você pensa. Ela sorri para mim por cima do ombro.

– Não me referi ao Eleitor...

Ao ouvir isso, meu coração dispara.

Abrimos caminho entre a multidão estridente. Levanto a cabeça e observo a beleza minuciosa de Colburn Hall. Tudo brilha. Esta noite as colunas estão todas adornadas com grandes estandartes escarlates que exibem a insígnia da República. Pendurado bem no meio das colunas e

acima da entrada do hall está o maior retrato que já vi na vida, com o rosto gigantesco de Anden.

Faline me guia pelo corredor, onde os senadores batem papo e outros convidados da elite conversam e riem, como se tudo no país estivesse uma beleza. Entretanto, sob suas máscaras sorridentes há sinais de nervosismo, olhos vacilantes e cenhos franzidos. Eles também já devem ter percebido o número incomum de soldados. Tento imitar a maneira polida e precisa que eles têm de andar e falar, mas paro ao ver que Faline está reparando no que estou fazendo.

Vagamos pelo suntuoso salão do Colburn Hall durante vários minutos, perdidos no mar de políticos. As franjas das minhas dragonas clicam. Eu procuro por ela, embora não saiba o que vou dizer quando – se – a encontrar. Será que vou conseguir sequer vê-la de relance em meio a todo esse luxo escandaloso? Para onde quer que nos voltemos, vejo uma profusão de coloridos vestidos longos e ternos bem cortados, fontes e pianos, garçons com finas taças de champanhe, gente elegante com falsos sorrisos. De repente, sinto uma súbita sensação de claustrofobia.

Que lugar é esse? O que estou fazendo aqui?

Bem nessa hora, no instante em que me faço essas perguntas, é o momento em que finalmente a vejo. Não sei como, em meio àqueles aristocratas que se misturam em um cenário nebuloso, meus olhos percebem a silhueta de June e se detêm. O barulho ao meu redor se esmaece num zunido confuso, tranquilo e desinteressante, e toda a minha atenção se concentra inutilmente na moça que julguei ser capaz de encarar.

Ela usa um vestido escarlate que vai até o chão, e o cabelo espesso e brilhoso está disposto no alto da cabeça em ondas escuras, presas no lugar com pequenos pentes vermelhos decorados com joias que refletem a luz. Ela é a moça mais linda que já vi na vida, e sem dúvida a mais deslumbrante da sala. June cresceu nos oito meses em que não a vi, e sua postura é firme e graciosa. Com o pescoço delgado semelhante ao de um cisne e os olhos profundos e negros, ela é a imagem da perfeição.

Ou quase. Depois do impacto inicial, reparo numa coisa que me faz franzir a testa. Ela exhibe um ar reservado, uma expressão incerta e insegura.

Nada que lembre a June que conheço. Impotente, acabo guiando Faline e eu na direção dela. Só me detenho quando as pessoas ao seu redor se afastam, revelando o homem ao seu lado.

É Anden, claro, e eu não deveria me surpreender. Mais ao lado, várias moças bem-vestidas tentam inutilmente atrair sua atenção, mas ele está concentrado em June. Observo quando se inclina para sussurrar algo no ouvido dela e depois continua a conversar à vontade com ela e muitas outras pessoas.

Quando me viro em silêncio para sair dali, Faline franze a testa à minha súbita mudança e pergunta:

– Tudo bem com você?

Tento sorrir, confiante.

– Tudo beleza, não se preocupe.

Sinto-me tão deslocado entre esses aristocratas, com suas polpudas contas bancárias e seus modos metidos a besta... Independentemente do dinheiro que a República me oferece, serei sempre um garoto de rua.

Eu havia esquecido que um garoto de rua jamais poderia estar à altura da futura Primeira Cidadã.



JUNE

19H35.

COLBURN HALL, SALÃO PRINCIPAL DE BAILE.

20°C.

Acho que vi Day na multidão. Um lampejo de cabelo louro quase branco e olhos azuis brilhantes. De súbito desvio a atenção de minha conversa com Anden e os demais Primeiros Cidadãos, e inclino o pescoço, esperando ver Day de novo, mas ele sumiu, se é que estava lá mesmo. Desapontada, volto a olhar para os outros e lhes dirijo um sorriso bem ensaiado. Será que Day virá *mesmo*? Certamente os soldados de Anden teriam avisado se Day tivesse se recusado a viajar no jato particular que lhe foi enviado hoje de manhã. Mas ele estava tão frio e estranho ao microfone naquela noite, que talvez tenha decidido que não valia a pena vir a este evento. Talvez ele me odeie, agora que passamos tanto tempo separados e ele pôde analisar claramente nossa amizade. Volto a esquadrihar a multidão quando os outros Primeiros Cidadãos riem das piadas de Anden.

Um frio na barriga me diz que Day *virá*, mas não sou o tipo de pessoa que acredita em intuições. Distraidamente, toco nas joias no meu cabelo, para me certificar de que continuam lá. Elas não são as coisas mais confortáveis que já usei, mas o cabeleireiro ficou deslumbrado com o realce que os rubis davam aos meus cachos negros, e aquela reação bastou para que eu achasse que valeria a pena sofrer um pouquinho. Não sei bem por que tive tanta vontade de ficar bonita para o baile. Bem, presumo que seja por que estamos comemorando o Dia da Independência, e é uma ocasião importante.

– A srta. Iparis é tão precoce quanto nós todos supusemos – Anden está dizendo aos senadores, dirigindo-me um sorriso. Sua aparente felicidade é um joguinho de cena, claro. Acompanho Anden há tempo suficiente para saber quando ele está tenso, e esta noite seu nervosismo se reflete em todos

os gestos que faz. Eu também estou nervosa. Daqui a um mês, é possível que a República ostente bandeiras das Colônias em suas cidades. – Seus professores particulares afirmam nunca ter visto uma aluna progredir tão rapidamente, através de suas dissertações políticas.

– Obrigada, Eleitor – agradeço automaticamente ao seu elogio. Os dois senadores dão risadinhas falsas, mas sob suas expressões alegres não deixam de se ressentir comigo, uma *pirralha* escolhida pelo Eleitor para potencialmente vir a ser a líder deles um dia. Mariana me dirige um aceno positivo, embora severo, de cabeça, mas Serge não parece muito contente com a maneira pela qual Anden me destaca. Eu ignoro a cara feia que o senador lança na minha direção. Suas expressões de desagrado costumavam me incomodar, mas agora simplesmente me entediam.

– Que bom – diz o senador Tanaka, da Califórnia, ao ajeitar o colarinho do paletó militar e trocar um olhar com a esposa. – Essa é uma notícia maravilhosa, Eleitor, mas é claro que os professores também sabem que grande parte do trabalho de um senador *não* se aprende nos livros, e sim durante anos de experiência no Senado. Nosso caro senador Carmichael é prova disso. – Ele faz uma pausa e assente gentilmente para Serge, que infla como um pavão.

Com um gesto, Anden demonstra não estar preocupado com isso e diz:

– É claro. Tudo a seu tempo, senador.

Ao meu lado, Mariana suspira, se debruça para perto de mim e aponta o queixo para Serge, murmurando:

– Se você olhar para a cabeça dele por tempo o bastante, ela é capaz de criar asas e voar.

Sorriso.

Eles abandonam esse assunto e começam a falar sobre a melhor maneira de distribuir os alunos no ensino médio, agora que não se fazem mais Provas. O papo político me irrita. Começo a examinar de novo a multidão, à procura de Day. Depois de mais uma tentativa frustrada, ponho a mão no braço de Anden e me inclino para sussurrar:

– Com licença. Já volto.

Ele concorda com a cabeça. Quando me viro e começo a me misturar à multidão, sinto que ele não para de me olhar.

Passo vários minutos percorrendo inutilmente o salão de baile, cumprimentando senadores e suas famílias enquanto procuro. Onde está Day? Tento escutar trechos de conversas e reparar onde estão reunidos grupos. Day é uma celebridade. Ele deve estar atraindo atenção, se é que já chegou. Dirijo-me à outra parte do salão quando sou interrompida pelos alto-falantes. É hora do juramento. Suspiro e volto para onde Anden já ocupou seu lugar na frente do palco, ladeado por soldados erguendo bandeiras da República.

– Juro fidelidade à bandeira da República da América...

Day! Lá está ele.

Ele se encontra a uns quinze metros de distância, com as costas parcialmente viradas para mim, de modo que só consigo ver parte do seu rosto, o cabelo espesso solto e perfeitamente liso e, de braço com ele, uma moça num reluzente vestido dourado. Ao observá-lo mais detidamente, reparo que sua boca não está se mexendo. Ele permanece calado durante todo o juramento. Volto de novo a atenção para a frente quando os aplausos enchem o salão e Anden começa seu discurso ensaiado. Pelo canto do olho, vejo Day se virar para olhar por cima do ombro. Minhas mãos tremem ao ver seu rosto de relance: será que esqueci o quanto ele é lindo, o modo como seus olhos refletem algo selvagem e indomado, livre mesmo em meio a toda esta disciplina e elegância?

Quando o discurso acaba, me encaminho diretamente para onde Day está. Ele veste uma calça e um paletó militar pretos, perfeitamente cortados.

Está mais magro. Parece ter perdido uns cinco quilos desde a última vez em que o vi. Esteve doente recentemente. Quando me aproximo, Day me vê e interrompe a conversa com sua acompanhante. Seus olhos se arregalam um pouco. Sinto minhas bochechas enrubescerem, mas consigo dominar isso. Este é nosso primeiro encontro cara a cara em meses, e me recuso a bancar a idiota.

Paro a alguns centímetros de distância. Meus olhos se detêm na acompanhante dele, que reconheço como sendo Faline, a filha de dezoito

anos do senador Fedelma.

Faline e eu nos cumprimentamos brevemente com a cabeça. Ela dá um risinho e diz:

– Olá, June! Você está deslumbrante.

Ela consegue arrancar um sorriso verdadeiro de mim, o que é um alívio, depois de todos os sorrisos ensaiados que dei aos outros Primeiros Cidadãos.

– Você também, Faline.

Faline não desperdiça um segundo sequer com constrangimentos: ela percebe o leve rubor nas minhas bochechas e faz uma leve reverência a nós dois. Em seguida se dirige para a multidão, deixando Day e eu sozinhos naquele mar de gente.

Por um instante, nós apenas nos olhamos. Quebro o silêncio antes que ele se prolongue demais:

– Oi! – digo. Observo cuidadosamente seu rosto, avivando minha memória com todos os mínimos detalhes. – Que bom ver você!

Day retribui o sorriso e se inclina, mas seus olhos não deixam de me fitar. A maneira como ele me olha fixamente faz meu coração se acelerar.

– Obrigado pelo convite.

Ouvir sua voz em pessoa de novo... Respiro fundo, e recordo por que o convidei a comparecer ao baile. Seus olhos recaem no meu rosto e no meu vestido; ele parece na iminência de fazer um comentário sobre minha roupa, mas desiste e aponta para o salão.

– Festinha maneira que vocês organizaram.

– Nunca é tão divertida quanto parece – comento em voz baixa, para que não me ouçam. – Fico imaginando que esses senadores vão acabar explodindo de tanto conversar com pessoas de que não gostam.

Minha gracinha provoca um ligeiro sorriso de alívio nos lábios de Day.

– É bom saber que não sou só eu que acho isso tudo um saco.

Anden já desceu do palco, e o comentário de Day me lembra de que em breve vou acompanhá-lo ao banquete. Esse pensamento me faz ficar séria.

– Está quase na hora – eu digo, fazendo um gesto para que Day me acompanhe. – O banquete é muito restrito. Seremos só você, eu, os outros

Primeiros Cidadãos e o Eleitor.

– O que está acontecendo? – pergunta Day ao ficar ao meu lado.

Seu braço roça no meu e faz com que eu me arrepie toda. Faço um esforço para controlar a respiração. *Concentre-se, June.*

– Você não foi nada específica na última vez em que conversamos. Espero que eu esteja tendo que suportar todos esses troteiros esnobes do Congresso por uma boa causa.

Não posso deixar de achar graça na forma como Day se refere aos senadores.

– Você vai saber quando chegarmos lá. E limite seus insultos ao mínimo.

Desvio o rosto e olho para o pequeno corredor ao qual estamos nos dirigindo, a Câmara Jaspe, um recinto discreto que é uma ramificação do principal salão de baile.

– Eu não vou gostar disso, vou? – murmura Day no meu ouvido.

Essa pergunta faz eu me sentir culpada.

– Provavelmente não.

Nós nos acomodamos na sala particular de banquetes, onde há uma pequena mesa retangular de cerejeira com sete cadeiras e, após um tempinho, Serge e Mariana aparecem. Cada um deles se senta de cada lado da cadeira reservada de Anden. Fico perto de Day, conforme o desejo de Anden. Dois garçons circulam a mesa, colocando delicados pratos de salada de melancia e porco à frente de cada convidado. Serge e Mariana conversam informalmente, mas nem Day nem eu dizemos uma palavra. De vez em quando, dou um jeito de olhá-lo de relance. Ele observa com a cara fechada e constrangida as fileiras de garfos, colheres e facas na mesa, tentando determinar quais deles usar sem pedir ajuda. *Ah, Day!* Não sei por que isso me causa uma sensação dolorosa e palpitante, nem por que me sinto tão solidária a ele. Eu já havia esquecido como seus longos cílios absorvem a luz.

– O que é isto? – ele me pergunta sussurrando, levantando um dos utensílios.

– Uma faca de manteiga.

Day zomba ao passar o dedo pela ponta cega arredondada da faca.

– Isto *não é* uma faca.

Ao seu lado, Serge repara na hesitação dele e lhe diz friamente:

– Suponho que você não esteja acostumado a garfos e facas no lugar de onde vem.

Day se retesa, mas não perde a oportunidade. Segura uma faca maior de trinchar, e intencionalmente desarrumando os talheres cuidadosamente dispostos, a agita para lá e para cá. Serge e Mariana se afastam da mesa.

– De onde venho, nós nos preocupamos mais com eficiência. Uma faca igual a esta pode espetar carne, besuntar manteiga e cortar gargantas, tudo ao mesmo tempo.

É claro que Day jamais cortou a garganta de ninguém na vida, mas Serge não sabe disso. Ele torce o nariz com desprezo ao ouvir essa resposta, mas o rosto fica lívido. Preciso fingir tossir para não rir à expressão ao mesmo tempo séria e debochada. Para quem não o conhece bem, suas palavras realmente são intimidadoras.

Reparo em uma coisa pela primeira vez: Day está pálido. *Muito* mais pálido do que me lembro. Meu divertimento vacila. Será sua recente doença algo mais sério do que supus a princípio?

Um minuto depois Anden chega à sala, causando a habitual agitação quando todos nos levantamos; ele faz um gesto para que nos sentemos. Está acompanhado de quatro soldados; um deles fecha a porta, e finalmente ficamos restritos à nossa refeição particular.

– Olá, Day! – Ele para e inclina a cabeça gentilmente para Day, que parece não gostar da atenção, mas consegue retribuir o gesto. – É um prazer revê-lo, ainda que sob circunstâncias lamentáveis.

– Muito lamentáveis – responde Day. Pouco à vontade, eu me mexo na cadeira, tentando imaginar um cenário mais constrangedor do que este jantar.

Anden ignora o comentário.

– Permita-me deixá-lo a par da situação atual. – Ele põe o garfo na mesa. – O tratado de paz que vínhamos negociando com as Colônias foi engavetado. Um vírus se abateu fortemente sobre as cidades sulistas das Colônias na frente de batalha.

Ao meu lado, Day cruza os braços e observa o grupo com uma expressão desconfiada, mas Anden prossegue:

– Eles acreditam que esse vírus foi causado por nós, e exigem que nós lhes disponibilizemos a cura, se quisermos continuar com as negociações do tratado de paz.

Serge pigarreia e começa a dizer algo, mas Anden levanta a mão pedindo silêncio e em seguida discorre sobre todos os detalhes: primeiro as Colônias mandaram um recado atrevido para a República, exigindo informações sobre o vírus que está devastando suas tropas, fazendo com que os soldados afetados sejam rapidamente retirados, e depois divulgando pelo rádio seu ultimato aos generais da República, advertindo sobre consequências terríveis caso a cura não seja divulgada imediatamente.

Day ouve tudo isso sem mover um músculo nem pronunciar uma palavra. Uma de suas mãos agarra com tanta força a beira da mesa, que suas articulações ficam lívidas. Eu me pergunto se ele está prevendo aonde esse discurso levará e o que isso tudo tem a ver com ele, mas fica esperando Anden acabar de falar.

Serge se recosta na cadeira e franze o cenho.

– Se as Colônias querem jogar duro com nossa proposta de paz – debocha ele –, que joguem. Estamos em guerra há tempo suficiente para aguentar mais um pouco.

– Não, não podemos – interrompe Mariana. – O senhor acredita *sinceramente* que as Nações Unidas vão aceitar a notícia de que nosso tratado de paz se dissolveu?

– As Colônias têm alguma prova de que fomos nós que provocamos essa praga? Ou as acusações não se baseiam em nada sólido?

– Exatamente. Se eles pensam que nós vamos...

Subitamente Day resolve falar; encarando Anden:

– Vamos parar de enrolação. Diz logo por que estou aqui. – Ele não fala alto, mas o tom ameaçador de sua voz silencia a conversa no recinto. Anden lhe retribui o tom sério com voz igualmente grave:

– Day, acredito que esse seja o resultado de uma das armas biológicas do meu pai, e que o vírus se originou do sangue do seu irmão, Éden.

Os olhos de Day se estreitam, e ele pergunta:

– E daí?

Anden reluta em prosseguir, mas diz:

– Há mais de uma razão para eu não querer que todos os meus senadores comparecessem a esta reunião. – Ele se debruça para a frente, abaixa o tom de voz e olha com humildade para Day. – Não quero saber a opinião de mais ninguém agora; quero saber a *sua* opinião. Você é o coração do povo, Day, sempre foi. Você abriu mão de tudo que tinha para protegê-los. – Ao meu lado, sinto Day enrijecer, mas Anden continua: – Eu temo pelo povo. Preocupo-me com a segurança deles, e que os estaremos entregando ao inimigo logo agora que estamos começando a chegar a uma solução pacífica. – Ele fica em silêncio por alguns segundos. – Preciso tomar decisões difíceis.

Day levanta uma sobrancelha e pergunta:

– Que tipo de decisões?

– As Colônias estão desesperadas por uma cura. Eles vão nos *destruir* para consegui-la, tudo com que você e eu nos importamos. A única oportunidade que temos de descobrir a cura é fazer com que Éden seja levado para um...

Day empurra a cadeira para trás com força, levantando-se.

– Não.

Sua voz é monótona e gélida, mas me lembro bem das discussões acaloradas que tive com Day para reconhecer a profunda fúria sob sua calma. Sem mais uma palavra, ele dá as costas ao grupo e sai.

Serge faz menção de se levantar, sem dúvida para reclamar com Day de sua grosseria, mas Anden lança um olhar de advertência a ele e faz um gesto para que se sente. Então Anden se vira para mim com uma expressão que significa “*Fale com ele, por favor*”.

Observo o vulto de Day se retirando. *Ele tem todo o direito de recusar, todo o direito de nos odiar por lhe pedir uma coisa dessas.* Mesmo assim, levanto-me da cadeira, me afasto da mesa de banquete e me apresso na direção de Day.

– Day, espere! – grito. Minhas palavras me lembram dolorosamente da última vez em que estivemos juntos, quando nos despedimos.

Percorremos o pequeno corredor que leva ao salão de baile. Day não se vira, mas diminui o ritmo, para deixar que eu o alcance. Quando finalmente me aproximo, respiro fundo e digo:

– Olhe, eu sei...

Day põe um dedo nos lábios para eu me calar, e agarra minha mão. Sinto sua pele quente sob o tecido da luva. O arrepio do toque dos seus dedos nos meus me impacta tanto, mesmo após tantos meses, que não consigo lembrar o que ia dizer – tudo nele, seu toque, sua proximidade me *abala*.

– Vamos conversar em outro lugar – sussurra ele.

Entramos numa das salas do corredor e trancamos a porta. Meus olhos fazem uma varredura minuciosa do recinto: é uma sala particular de jantar, com as luzes apagadas, uma mesa redonda e doze cadeiras cobertas de panos brancos, e uma única janela grande em arco na parede ao fundo, por onde penetra um raio de luar. Aqui dentro o cabelo de Day parece um lençol dourado. Ele se vira e me olha firme.

Será minha imaginação ou ele parece tão frustrado quanto eu em relação a nosso breve aperto de mão? Sinto a restrição súbita da cintura do vestido, o ar que atinge meus ombros e clavícula expostos, o peso do tecido e as joias no meu cabelo. Day olha demoradamente para o colar de rubis na minha garganta, *o presente de despedida que ele me deu*. Mesmo no escuro, percebo suas bochechas enrubescerem, e ele diz então:

– Quer dizer que esse é o verdadeiro motivo de eu estar aqui?

Apesar da raiva na voz, sua objetividade é uma brisa suave de ar fresco, depois de tantos meses de conversas políticas premeditadas. Quero absorver isso bem.

– As Colônias se recusam a aceitar quaisquer outras condições – respondo. – Estão convencidos de que temos meios de acabar com a praga, mas o único que pode nos dar a cura é o Éden. A República já está realizando testes com outros... ex-pacientes, para ver se conseguem encontrar alguma coisa.

Day se contrai, cruza os braços no peito e me olha com ar zombeteiro.

– “Já está realizando testes” – resmungo ele para si mesmo, olhando para a janela enlaurada. – Mil desculpas por não demonstrar mais entusiasmo com essa notícia – acrescenta secamente.

Fecho os olhos um instante e reconheço:

– Não temos muito tempo. A cada dia em que não entregamos a cura, as Colônias se enfurecem mais.

– E o que vai acontecer se a gente não fizer nada?

– Você sabe muito bem o que acontecerá: guerra.

Um vislumbre de receio surge nos olhos de Day, mas ainda assim ele dá de ombros.

– A República e as Colônias estão em guerra desde sempre. Por que vocês estão tão preocupados agora?

– Desta vez eles vão vencer – murmuro. – Eles têm um forte aliado. Sabem que estamos vulneráveis durante a transição para um jovem novo Eleitor. Se não conseguirmos entregar-lhes essa cura, não teremos a menor chance. – Estreito os olhos. – Você não se lembra do que vimos quando fomos às Colônias?

Day se cala por um segundo. Embora não manifeste em voz alta, vejo o conflito claramente estampado no seu rosto. Finalmente, ele suspira e aperta os lábios, raivoso.

– Você acha mesmo que vou deixar que a República use Éden mais uma vez? Se o Eleitor acredita nisso, eu pisei feio na bola ao apoiá-lo. Eu não o ajudei para ver esse cara atirar Éden de volta num laboratório.

– Lamento – digo. Não adianta tentar convencê-lo de que Anden também detesta essa situação. – Ele não devia ter te pedido daquela maneira.

– Foi ele quem te meteu nessa, não foi? Aposto que você hesitou, né? Você *sabe* que isso é um horror. – Seu tom de voz fica mais exasperado. – Você *sabia* qual seria minha resposta. Mesmo assim, por que pediu que eu viesse?

Olho firme para ele e digo a primeira coisa que me vem à cabeça:

– Porque eu queria te ver. Não foi por isso que você concordou em vir?

Isso faz com que ele se cale um momento; depois me dá as costas, revolve o cabelo com as mãos e suspira.

– Então, o que você acha? Fale a verdade. O que *você* me pediria para fazer, se não tivesse ninguém te pressionando?

Meto uma mecha de cabelo atrás da orelha. *Seja firme, June.*

– Eu... – começo a falar, mas hesito. O que posso dizer? Logicamente, concordo com a avaliação de Anden. Se as Colônias fizerem o que estão prometendo, se nos atacarem com a força máxima e com o apoio de uma superpotência, muitas vidas inocentes serão sacrificadas, a não ser que assumamos o risco com *uma* vida. Simplesmente, não existe uma escolha fácil. Além disso, poderíamos assegurar que Éden fosse tratado da melhor forma possível, com os melhores médicos e o maior conforto. Day estaria presente durante todos os procedimentos, poderia saber exatamente o que quer que estivesse acontecendo. Mas como explico isso a um garoto que já perdeu a família inteira, que conhece as experiências terríveis às quais o irmão caçula foi submetido? Ele próprio já foi usado como cobaia! É essa parte que Anden não compreende tão bem quanto eu, embora conheça o passado de Day no papel. Ele ainda não conhece de verdade o Day, não viajou com ele, nem testemunhou o sofrimento pelo qual passou. O assunto é complexo demais para simplesmente usar a lógica.

O mais importante é que Anden *não tem como garantir a integridade física de Éden*. Tudo virá acompanhado de risco, e tenho absoluta certeza de que nada no mundo poderia fazer Day assumir esse risco.

Day deve ter percebido a frustração estampada no meu rosto, porque se acalma e se aproxima. Quase posso sentir o calor que emana de seu corpo, o ar ficando mais quente a cada passo dele, dificultando minha respiração.

– Vim aqui esta noite por *você* – diz ele em voz baixa. – Nada que eles dissessem me convenceria a vir, exceto que *você* queria que eu viesse. Não consigo recusar um pedido seu. Me disseram que *você* pessoalmente... – ele engole em seco. Sua expressão apresenta um conflito familiar de emoções que me deixa passando mal: emoções que eu sei serem de *desejo*, pelo que já vivemos, e *angústia*, por desejar a garota que destruiu sua família. – É tão bom te ver, June.

Ele disse isso como se estivesse liberando um enorme peso que o estava sufocando. Eu me pergunto se ele pode escutar os batimentos frenéticos do meu coração contra minhas costelas. Contudo, quando falo, consigo manter a voz firme e calma:

– Está tudo bem? Você está pálido!

O pesar volta aos seus olhos, e nosso breve momento de intimidade se esvai quando ele se afasta e começa a mexer nas pontas das luvas. Lembro que *ele sempre odiou luvas*.

– Tive uma gripe muito forte nas duas últimas semanas – responde, sorrindo rapidamente para mim –, mas estou melhorando.

Os olhos desviam sutilmente para o lado, ele coça a ponta da orelha, seus braços e pernas estão rígidos, e seu timing não combina com as palavras e o sorriso. Inclino a cabeça até ele e franzo a testa.

– Você mente muito mal, Day. Por que não me diz logo o que está pensando?

– Não estou pensando em nada – responde automaticamente. Desta vez ele abaixa os olhos para o chão e põe as mãos nos bolsos. – Se pareço estar “viajando”, é porque estou preocupado com Éden. Já faz um ano que ele vem tratando dos olhos e ainda não consegue enxergar direito. Os médicos me disseram que é possível que ele tenha de usar lentes de contato, mas, mesmo assim, talvez não volte a enxergar perfeitamente.

Dá para ver que essa não é a verdadeira razão para a aparência exausta de Day, mas ele sabe que mencionar a recuperação de Éden vai impedir que eu lhe faça mais perguntas. Bem, já que ele não quer me contar, não vou insistir. Pigarreio meio sem jeito e murmuro:

– Que pena! Lamento muito por Éden. Mas, tirando isso, ele está bem?

Day assente, e voltamos ao nosso silêncio enluarado. Não posso deixar de recordar a última vez em que estivemos a sós, quando ele segurou meu rosto, e suas lágrimas se derramaram nas minhas bochechas. Lembro a maneira como ele sussurrou “*Lamento muito*” junto aos meus lábios. Agora, com apenas um metro nos separando e nós nos olhando fixamente, sinto o abismo que se criou entre nós, depois de passarmos tanto tempo

afastados, um momento cheio da eletricidade de um primeiro encontro e a incerteza do desconhecido.

Day se debruça sobre mim, como se atraído por uma força invisível. O trágico apelo no seu rosto embrulha dolorosamente meu estômago. Seus olhos suplicam: *“Por favor, não me peça isso. Por favor, não me peça para desistir do meu irmão. Eu faria qualquer coisa por você, menos isso.”*

– June, eu... – murmura ele. Sua voz parece que vai falhar, devido ao grande sofrimento que ele mantém represado.

Ele não termina a frase. Em vez disso, suspira e baixa a cabeça.

– Não posso concordar com as condições do seu Eleitor – diz ele, em tom sombrio. – Não vou entregar meu irmão à República para ser uma cobaia de novo. Diga a Anden que vou colaborar com ele para encontrar outra solução. Compreendo que o assunto é muito sério... Não quero ver a destruição da República. Terei prazer em ajudá-lo a descobrir uma saída, mas usar Éden está fora de cogitação.

Assim acaba nossa conversa. Day se despede de mim com um aceno de cabeça, me encara por mais alguns segundos e depois se dirige à porta. Subitamente exausta, recosto-me na parede. Sem ele por perto, falta-me energia, e a cor do luar, antes prateada, esmaece e fica cinzenta. Analiso, pelo canto do olho, a palidez de Day pela última vez. Ele evita meu olhar. Alguma coisa está errada, mas ele se recusa a me dizer o que é.

O que não estou conseguindo enxergar?

Day abre a porta. Sua expressão endurece antes de sair da sala.

– Se, por alguma razão, a República tentar pegar Éden à força, vou fazer com que o povo se vire contra Anden tão depressa, que ele terá de enfrentar uma revolução antes mesmo de conseguir piscar.



Sinceramente, eu já devia estar acostumado com meus pesadelos.

Desta vez, sonho comigo e com Éden num hospital de São Francisco. Um médico está dando a Éden outro par de óculos. Vamos a um hospital pelo menos uma vez por semana, para que possam monitorar a lenta adaptação de Éden aos medicamentos, mas esta é a primeira vez que vejo o médico sorrir animado para meu irmão. Deve ser um bom sinal, certo?

Éden se vira para mim, dá um sorrisinho e estufa o peito de maneira exagerada, o que me faz rir.

– Que tal? – pergunta ele, mexendo na armação nova e grande. Seus olhos ainda têm uma cor roxa desbotada esquisita, e ele não consegue focalizar a vista em mim, mas reparo que já pode distinguir coisas como as paredes ao seu redor e a luz que penetra pelas janelas. Meu coração pula de alegria. Éden está progredindo.

– Você parece uma coruja de onze anos – respondo e vou até ele para bagunçar seu cabelo. Ele dá um risinho e afasta minha mão com uma pancadinha.

Quando nos sentamos na sala do médico, esperando a papelada ficar pronta, vejo Éden dobrando uns pedaços de papel, formando uma espécie de estrutura rebuscada. Ele precisa se curvar para perto dos papéis para ver o que está fazendo; os olhos danificados ficam quase estrábicos com a concentração, os dedos se mostram ágeis e objetivos. Esse guri está sempre inventando alguma coisa.

– O que é isso? – pergunto-lhe depois de um tempo.

Ele está muito concentrado para me responder de cara. Finalmente, quando abre o último triângulo de papel, levanta o objeto e me dá um sorriso atrevido.

– Olha – diz ele, apontando para o que parece ser uma folha de papel saindo da bola de papel. – Puxa isto.

Faço o que ele pede. Para minha surpresa, a estrutura se transforma numa rebuscada rosa de papel em 3-D. Retribuo o sorriso, no meu sonho.

– Impressionante!

Éden pega de volta sua dobradura.

Nesse instante, soa um alarme estridente no hospital. Éden larga a flor de papel e se põe de pé com um pulo. Seus olhos que mal veem estão arregalados de pavor. Olho de relance para as janelas do hospital, junto às quais se reuniram os médicos e as enfermeiras. Lá fora, ao longo do horizonte de São Francisco, uma esquadrilha de aeronaves se aproxima rapidamente de nós. A cidade abaixo está tomada por vários incêndios.

O alarme me ensurdece. Agarro a mão de Éden e saio correndo da sala com ele.

– A gente tem de ir embora daqui. – Quando ele tropeça, sem poder ver para onde estamos indo, eu o levanto e carrego nas costas. Ao nosso redor, as pessoas correm.

Chego às escadas, onde uma fila de soldados da República nos detém. Um deles tira Éden das minhas costas. Ele berra e chuta pessoas que não consegue ver. Luto para me soltar dos soldados, mas eles me agarram com muita força, e meus membros parecem estar chafurdando em lama.

Precisamos dele, sussurra nos meus ouvidos uma voz não identificada. *Ele pode salvar todos nós.*

Dou um berro, mas ninguém me ouve. A distância, as aeronaves das Colônias miram o hospital. Vidros quebram ao nosso redor. Sinto o calor do fogo. A flor de papel de Éden está no chão, e suas beiras queimam com o fogo. Já não consigo enxergar meu irmão.

Ele desapareceu. Ele morreu.

Uma enxaqueca lancinante me acorda. Os soldados somem, o alarme silencia e o caos do hospital desaparece no tom azul-escuro do nosso quarto. Tento respirar fundo e olhar em volta à procura de Éden, mas a dor de cabeça me ataca na parte de trás do crânio como um furador de gelo e me sento com um grito sufocado de dor. Agora me lembro de onde estou: num apartamento temporário em Denver, na manhã seguinte ao meu

encontro com June. Na cômoda do quarto está minha costumeira caixa de transmissão, a estação ainda ligada a uma das radiofrequências que achei que os Patriotas talvez estivessem usando.

– Daniel?

Éden se mexe na cama ao lado da minha. Fico aliviado, mesmo em meio à minha agonia. Foi apenas um pesadelo. Como sempre. *Apenas um pesadelo.*

– Você tá bem?

Levo um segundo para me dar conta de que o amanhecer ainda não chegou: o quarto continua escuro, e tudo que consigo ver é a silhueta do meu irmão contra o tom preto-azulado da noite.

Não respondo de imediato. Em vez disso, giro as pernas para o lado da cama para encará-lo, seguro a cabeça com as duas mãos. Mais um espasmo de dor atinge minha nuca, e digo a Éden, em voz baixa:

– Pega meu remédio.

– Não é melhor chamar a Lucy?

– Não, não precisa acordá-la – respondo. Lucy já havia passado duas noites em claro por minha causa. – O remédio.

A dor me faz ser mais curto e grosso do que o habitual, mas Éden pula da cama antes que eu possa me desculpar. Ele começa na mesma hora a procurar desajeitadamente o vidro de comprimidos verdes que fica na cômoda entre nossas camas. Ele pega o vidro e o estende na minha direção.

– Obrigado.

Seguro o vidro, ponho três comprimidos, com dedos trêmulos, na palma da mão, e tento engoli-los. Minha garganta está muito seca. Faço um esforço para sair da cama e cambaleio até a cozinha.

Atrás de mim, Éden volta a perguntar:

– Você tem certeza de que está bem? – Mas a dor na minha cabeça é tão forte, que mal posso ouvi-lo. Aliás, mal posso *enxergar*.

Chego à pia da cozinha e ligo a torneira, encho a mão d'água e tomo o remédio. Depois deslizo até o chão no escuro, e encosto a cabeça no metal frio da porta da geladeira.

Está tudo bem, tento me consolar. Minhas enxaquecas pioraram desde o ano passado, mas os médicos me garantiram que esses ataques não deveriam durar mais do que meia hora de cada vez. É claro que também me recomendaram que, se alguma delas fosse anormalmente forte, eu deveria ser levado às pressas até um pronto-socorro. Por isso, cada vez que sinto uma dor de cabeça, eu me pergunto se estou vivendo um dia típico ou se é o último dia da minha vida.

Alguns minutos depois, Édén chega tropeçando à cozinha com seu marcador inteligente de caminhada, que emite um bipe sempre que ele se aproxima demais de uma parede. Meu irmão sussurra:

– Vai ver é melhor a gente pedir para Lucy chamar um médico.

Não sei por quê, mas a visão de Édén tateando na cozinha me provoca um acesso de riso baixo e incontrolável.

– Cara, olha só pra nós – digo. Minha risada se transforma em tosse. – Que dupla, hein?!

Édén me encontra ao colocar uma das mãos na minha cabeça. Ele se senta ao meu lado com as pernas cruzadas e me dá um sorriso forçado.

– Com sua perna de metal e meio cérebro, e eu, com os quatro sentidos que me restam, nós quase formamos uma pessoa inteira.

Rio mais forte, o que piora muito minha enxaqueca.

– Desde quando você se tornou tão sarcástico, miniatura de gente? – Eu lhe dou um empurrãozinho afetuoso.

Permanecemos sentados em silêncio durante a hora seguinte, enquanto a dor de cabeça não para. Eu me contorço de dor. O suor encharca minha camisa de colarinho branco, e lágrimas me marcam o rosto. Édén está sentado ao meu lado, e suas pequenas mãos agarram a minha.

– Tenta não pensar na dor – incentiva ele baixinho, estreitando os olhos cor de lavanda para me ver, e empurra os óculos de aros pretos mais para cima do nariz. Trechos do meu pesadelo voltam à minha mente, imagens de sua mão sendo arrancada de mim, os sons dos seus gritos. Aperto a mão dele com tanta força, que o menino se encolhe e diz: – Não se esquece de respirar. O médico sempre diz que respirar fundo ajuda, né? Puxa o ar devagar e solta o ar devagar.

Fecho os olhos e tento seguir as instruções do meu irmãozinho, mas é difícil ouvir o que ele diz, porque a enxaqueca faz minha cabeça latejar forte. A dor é dilacerante, intensa, uma faca fervente que me golpeia a parte posterior do cérebro. Puxa o ar devagar e solta o ar devagar.

O padrão é o seguinte: primeiro sinto uma dor irritante e entorpecedora, logo seguida pela pior dor de cabeça que se possa imaginar, é como uma lança enfiada no cérebro, e seu impacto é tão intenso que todo o meu corpo se enrijece. Isso dura uns três segundos, seguidos por uma fração de segundo de alívio. Depois, a dor se repete sem cessar.

– Já faz quanto tempo? – pergunto a Éden com a voz ofegante. Uma luz fraca azul-claro penetra lentamente pelas janelas.

Éden pega um pequeno tablet e pressiona o único botão de controle.

– Que horas são? – O dispositivo responde imediatamente: “*Cinco e meia da manhã*”. Ele guarda o aparelho; seu rosto espelha preocupação. – Faz quase uma hora. Já demorou tanto assim antes?

Estou morrendo. De verdade. Em horas como estas é que fico feliz por já não estar mais com a June. Só de pensar nela me vendo suado e sujo no chão de uma cozinha, agarrado à mão de meu irmãozinho, temendo pela minha preciosa vida como um fracote chorão, enquanto ela está deslumbrante num vestido escarlate, com o cabelo ornamentado por joias... Fico até aliviado que mamãe e John não possam me ver assim.

Quando dou um gemido provocado por mais uma pontada angustiante de dor, Éden pega seu tablet de novo e aperta o botão do menu mais uma vez:

– Chega! Vou pedir ajuda. – Quando soa o bipe pedindo instruções, ele diz: – Day precisa de uma ambulância. – Então, antes que eu possa protestar, ele levanta a voz e grita por Lucy.

Segundos depois, ouço Lucy se aproximar. Ela não acende a luz – sabe que isso piora minhas dores de cabeça. Em vez disso, vejo sua silhueta corpulenta na escuridão e a ouço perguntar:

– Day! Há quanto tempo você está aqui? – Ela se apressa para chegar onde estou e põe uma das mãos rechonchudas na minha bochecha, depois olha Éden de relance e lhe toca no queixo: – Você já chamou o médico?

Éden assente. Lucy examina meu rosto de novo, estala a língua em desaprovação preocupada e sai rapidamente para buscar uma toalha fria.

O último lugar em que quero estar agora é deitado num leito de um hospital da República, mas Éden já chamou a emergência, e é claro que eu prefiro não morrer. Minha visão começou a se embaçar, e percebo que é porque não consigo parar de lacrimejar. Passo a mão no rosto e sorrio debilmente para Éden.

– Droga, estou jorrando água que nem uma torneira com vazamento.

Éden tenta retribuir meu sorriso.

– É... Você já viu dias melhores.

– Ei, guri! Lembra quando John te encarregou de regar as plantas do lado de fora da porta?

Éden franze a testa um instante, escavacando a memória e depois um risinho lhe ilumina o rosto.

– Eu fiz um trabalho muito maneiro, não fiz?

– Você construiu uma pequena catapulta na frente da nossa porta. – Fecho os olhos e me entrego a essa lembrança, uma distração provisória da enorme dor que estou sentindo. – É, lembro bem disso. Você ficava soltando balões cheios d’água nas pobres flores. Não sobrava nenhuma pétala quando você acabava sua “tarefa”! Muito engraçado. John ficava possesso. – Ele ficava ainda mais irado porque Éden só tinha quatro anos na época. Como é que se poderia castigar um irmãozinho de olhos arregalados?

Éden dá um risinho. Me encolho todo quando mais uma onda de agonia me percorre.

– O que era mesmo que a mamãe costumava dizer sobre nós? – pergunta ele. Dá para sacar que está tentando me fazer pensar em outras coisas também.

Consigo sorrir e respondo:

– Mamãe costumava dizer que ter três filhos homens era mais ou menos como ter um tornado de estimação que retruca tudo que ela diz.

Nós dois rimos por um momento, pelo menos até eu fechar os olhos mais uma vez.

Lucy volta com a toalha e a coloca na minha testa. Suspiro aliviado com a superfície fresca. Ela verifica meu pulso e minha temperatura.

– Daniel – diz Édén, enquanto ela trabalha. Ele se aproxima de mim e continua a olhar inexpressivamente para um lugar à direita da minha cabeça, –, aguenta firme, tá?

Lucy olha para ele com uma expressão crítica ao que o tom dele deixa transparecer.

– Édén – repreende ela –, mais otimismo nesta casa, por favor!

Sinto um nó na garganta, e minha respiração fica mais arfante. John morreu, mamãe morreu, papai morreu. Observo Édén com uma dor profunda no peito. Eu tinha a esperança de que ele, sendo o mais novo de nós três, pudesse aprender com os erros de John e os meus e ter mais sorte do que nós; talvez frequentar uma faculdade ou ter uma vida boa como mecânico. Nós estaríamos por perto para orientá-lo nos períodos difíceis da vida. O que aconteceria com ele se eu também morresse? Se ele precisasse enfrentar a República sozinho?

– Édén – murmuro de repente, puxando-o para perto. Seus olhos se arregalam diante da urgência em minha voz. – Preste bem atenção, tá? Se alguma vez alguém da República pedir que você o acompanhe, e se um dia eu não estiver em casa ou estiver hospitalizado e os soldados da República baterem à nossa porta, não vá com eles, entendeu bem? Tente falar comigo, grite pela Lucy, você... – Hesito, mas digo: – Chame a June Iparis.

– A sua Primeira Cidadã?

– Ela não é minha... – Faço uma careta quando a dor me ataca mais uma vez. – Não discuta. Chame a June e peça que ela detenha os soldados.

– Eu não entendo...

– *Quero que você me prometa.* Não vá com eles, de jeito nenhum. Certo?

A resposta dele é interrompida quando mais um choque de dor me atinge com intensidade suficiente para me atirar no chão, contraído como uma bola. Sufoco um grito de dor; parece que minha cabeça está sendo dividida ao meio. Chego a levar a mão trêmula até a nuca, como se para me

certificar de que meu cérebro não se está esvaindo até o chão. Acima de mim, Éden solta um grito.

Lucy chama mais uma vez o médico, desta vez, frenética.

– Venham logo! – berra ela. – Depressa!

Quando o socorro chega, desmaio e recobro a consciência algumas vezes. Através de uma nuvem de bruma e névoa, sinto me levantarem do chão da cozinha e me carregarem para fora do apartamento, depois me enfiarem numa ambulância camuflada para parecer um jipe policial. Está mesmo nevando? Sinto alguns flocos caírem sobre meu rosto, provocando pequenos choques gelados. Grito por Éden e Lucy: eles me respondem de algum lugar que não consigo ver.

Agora estamos todos na ambulância, que começa a se movimentar.

Tudo que enxergo por muito tempo são borrões coloridos, círculos difusos se movendo para trás e para a frente na minha visão, como se eu estivesse espreitando através de um vidro maciço esburacado.

Tento reconhecer algumas imagens: serão de pessoas? Espero sinceramente que sim, porque do contrário devo estar morto, ou talvez flutuando no oceano, e dejetos estejam à deriva ao meu redor. O que não faz muito sentido, a menos que os médicos tenham resolvido me atirar no Pacífico. Onde está Éden? Devem tê-lo levado embora, igualzinho ao meu pesadelo. Eles o arrastaram para os laboratórios.

Não consigo respirar.

Minhas mãos tentam alcançar meu pescoço, mas aí alguém grita alguma coisa e sinto um peso nos braços que me prende à maca. Um treco frio está descendo pela minha garganta, me sufocando.

– Acalme-se! Você está bem. Tente engolir.

Faço o que a voz manda. Engolir acaba sendo mais difícil do que pensei, mas seja lá o que for a tal coisa gelada, ela desliza pela minha garganta e chega ao estômago, congelando até minha alma.

– Pronto! – diz a voz, agora menos agitada. – Acho que isso vai ajudar com futuras dores de cabeça. – Ele já não parece estar falando comigo, e um segundo depois, outra voz concorda:

– Parece que está funcionando, doutor.

Devo ter desmaiado de novo depois disso, porque na próxima vez em que acordo o desenho do teto é diferente, e a luz de fim de tarde entra enviesada no meu quarto. Pisco e olho em volta. A dor excruciante na minha cabeça desapareceu, pelo menos por enquanto. Dá para ver nitidamente que estou num quarto de hospital, com o indefectível retrato de Anden numa parede e uma tela em outra, transmitindo o noticiário. Dou um gemido, fecho os olhos e suspiro. Droga de hospital! Estou de saco cheio deles.

– *Paciente acordado.*

Viro-me e vejo o monitor perto da minha cabeceira que disse aquela frase. Um minuto depois, uma voz humana de verdade se faz ouvir nos altofalantes:

– Sr. Wing?

– Sim? – respondo.

– Excelente! – continua a voz. – Logo seu irmão irá visitá-lo.

No instante em que a voz desaparece, a porta do quarto se abre com violência e Édén entra, com duas enfermeiras desesperadas atrás dele.

– Daniel! – exclama ele, arquejante. – Finalmente você acordou! Demorou pra caramba!

Sua falta de visão faz com que ele tropece na beira de uma cômoda antes que eu possa alertá-lo, e as enfermeiras precisam segurá-lo para que ele não caia no chão.

– Vai com calma, garoto! – digo. Minha voz soa cansada, embora eu me sinta alerta e sem dor. – Quanto tempo fiquei fora do ar? Onde está a...? – Paro de falar, momentaneamente confuso. Que esquisito! Como é mesmo o nome da nossa guardiã? Faço um esforço para me lembrar. *Lucy*. – ... *Lucy*?

Ele não responde logo. Quando as enfermeiras conseguem finalmente sentar Édén ao meu lado na cama, ele se aproxima de mim e atira os braços ao redor do meu pescoço. Para minha surpresa, percebo que ele está chorando e digo: – Ei! – Passo a mão na sua cabeça. – Calma, garoto. Está tudo bem. Acordei.

– Pensei que você não ia se salvar – murmura ele. Os olhos descorados procuram os meus. – Pensei que você tinha morrido.

– Bem, não morri, estou bem aqui.

Deixo que ele soluçe um pouquinho, com a cabeça enterrada no meu peito, as lágrimas embaçando seus óculos e manchando a camisola do hospital. Comecei a usar recentemente um mecanismo de defesa que consiste em me refugiar na carapaça do meu coração e rastejar para fora do corpo, como se eu não estivesse aqui de verdade e fosse alguém observando o mundo segundo a perspectiva de outra pessoa. *Éden não é meu irmão. Ele nem sequer é real. Nada é real. Tudo é ilusão.* Isso ajuda. Espero, indiferente, Éden pouco a pouco se recompor, e então cuidadosamente me permito entrar de novo no meu corpo.

Por fim, quando ele acaba de secar as lágrimas, se apruma e se senta ao meu lado. – Lucy está preenchendo a papelada na recepção. – A voz dele continua um pouco trêmula. – Você ficou desmaiado umas dez horas. Eles disseram que precisaram apressar a sua saída do nosso prédio pela porta da frente porque não dava tempo de levar você às escondidas.

– Alguém viu?

Éden comprime as têmporas num esforço para se lembrar.

– Talvez, não sei. Não me lembro, eu estava prestando atenção em você. Passei a manhã inteira na sala de espera porque não me deixaram entrar.

– Você sabe... – Engulo em seco. – Os médicos te disseram alguma coisa sobre mim?

Éden suspira aliviado.

– Mais ou menos, mas você agora está bem. Os médicos falaram que você reagiu mal ao remédio que te receitaram, e que vão trocá-lo por outro.

A maneira como Éden diz isso acelera meu coração. Ele não entende completamente a seriedade da situação; pensa que o único motivo pelo qual desmaiei daquele jeito não foi porque eu estava piorando, mas sim porque reagi mal ao remédio. Um frio doentio me embrulha o estômago. É claro que ele tinha de ser otimista sobre tudo que está acontecendo; é claro que ele acha que foi apenas um retrocesso temporário. Havia dois meses eu estava tomando aquele maldito medicamento depois que os dois primeiros ciclos também deixaram de fazer efeito. Apesar de todas as enxaquecas, pesadelos e náuseas colaterais eu esperava que os comprimidos tivessem,

pelo menos, feito *algum* bem e conseguido reduzir a área afetada do meu hipocampo, o nome metido a besta usado pelos médicos para se referir à parte inferior do cérebro. Aparentemente, isso não aconteceu.

E se *nada* funcionar?

Respiro fundo e sorrio para animar meu irmão.

– Bem, pelo menos agora eles sabem. Espero que tentem alguma coisa melhor desta vez.

Éden sorri também. Ele é tão meigo, tão ingênuo...

– É verdade.

Vários minutos depois, meu médico entra, e Éden vai para a sala de espera. Quando o médico fala em voz baixa sobre “nossas próximas opções” e os tratamentos que vão experimentar em seguida, ele também me informa sobre as pequenas possibilidades de êxito. Como eu temia, a reação que tive não foi apenas um efeito colateral temporário.

– A medicação está reduzindo lentamente o local afetado – diz o médico, mas sua expressão se mantém sombria. – Mesmo assim, a área continua a se deteriorar, e seu organismo começou a rejeitar o remédio antigo, o que nos força a procurar outras opções. Resumindo: estamos correndo contra o relógio, Day, tentando diminuir o local afetado o suficiente para extrair o problema antes que piore.

Ouçó tudo isso com uma expressão indiferente; sua voz parece vir de algum lugar debaixo d’água, insignificante e sem nitidez.

Finalmente, o interrompo e digo:

– Olhe, não precisa me enrolar. Quanto tempo mais eu tenho, se nada funcionar?

O médico franze os lábios, hesitante, então suspira e balança a cabeça.

– Provavelmente um mês – admite –, talvez dois. Estamos fazendo o melhor possível.

Um ou dois meses. *Bem, eles já erraram no passado; um ou dois meses deve significar quatro ou cinco.* Ainda assim, olho para a porta, onde Éden provavelmente está pressionando os ouvidos contra a madeira, para tentar, em vão, escutar o que estamos falando. Viro-me para o médico e engulo o nó na garganta.

- Dois meses – repito. – Existe alguma possibilidade de cura?
- Podemos explorar tratamentos mais arriscados, embora tenham efeitos colaterais que podem ser fatais se você reagir mal a eles. Uma cirurgia antes de você estar preparado possivelmente o mataria. – O médico cruza os braços. Seus óculos refletem a luz fria fluorescente, e o reflexo bloqueia inteiramente seus olhos. – Sugiro, Day, que você comece a pôr suas prioridades em ordem.
- Minhas prioridades em ordem?
- Preparar seu irmão para o pior e resolver qualquer assunto pendente.



JUNE

Às oito horas e dez minutos da manhã seguinte ao banquete de emergência, Anden me telefona.

– Trata-se do Capitão Bryant. Ele nos transmitiu seu último pedido, que é receber sua visita.

Sento na beira da cama, piscando depois de uma noite de sono inquieto, tentando reunir energia para compreender o que Anden está me dizendo.

– Amanhã vamos transferi-lo para uma prisão do outro lado de Denver, a fim de que se prepare para a execução. Ele pediu para ver você antes disso.

– O que ele quer?

– Seja lá o que tiver a dizer, ele quer que só você ouça – responde Anden. – Lembre-se, June: você tem a opção de recusar. Não somos obrigados a lhe conceder esse último pedido.

Amanhã, Thomas vai morrer. Eu me pergunto se Anden sente algum remorso ao condenar um soldado à morte. A ideia de enfrentar Thomas sozinha numa cela de prisão me apavora, mas me contenho. Talvez Thomas tenha algo a dizer sobre meu irmão. Será que eu quero ouvir?

– Vou falar com ele – respondo afinal. – E espero que seja a última vez.

Anden deve ter percebido algo na minha voz, porque suas palavras se suavizam:

– É claro. Vou providenciar sua escolta.

09H30.

PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE DENVER.

O corredor onde Thomas e a Comandante Jameson estão detidos é iluminado por uma luz fria fluorescente, e o som das minhas botas ressoa no teto alto. Vários soldados me ladeiam, mas a não ser por nós, o corredor

está vazio e sinistro. Há muitos retratos de Anden pendurados nas paredes. Meus olhos se concentram em cada uma das celas por que passamos, analisando-as. Seus detalhes percorrem minha cabeça, num esforço para me manter calma e focada. (Elas têm 9,70m x 9,70m, paredes de aço polido, vidros à prova de bala e câmeras instaladas do lado de fora. A maioria está vazia, e as que estão ocupadas são habitadas por três dos senadores da República que conspiraram contra Anden. Este andar é reservado para os prisioneiros associados especificamente com a tentativa de assassinato de Anden.)

– Se a senhorita tiver algum problema – me diz um dos soldados, tocando no quepe com um cumprimento gentil –, é só nos chamar. Nós botamos esse traidor no chão antes que ele possa se mexer.

– Obrigada – respondo, meus olhos ainda concentrados nas celas à medida que nos aproximamos. Sei que não vou precisar fazer o que o soldado disse, porque tenho certeza de que Thomas jamais desobedecerá ao Eleitor, nem tentará me machucar. Thomas tem muitos defeitos, mas não é insubordinado.

Chegamos ao final do corredor onde ficam duas celas adjacentes, cada uma vigiada por dois soldados.

Alguém se mexe na cela mais perto de mim, chamando a minha atenção. Nem tenho tempo de estudar o interior da cela antes que uma mulher passe os dedos com força nas barras de aço. Dou um pulo, e depois contenho o grito na minha garganta ao olhar firme para o rosto da Comandante Jameson.

Ao fixar seus olhos nos meus, ela me dá um sorriso que me faz suar frio. Lembro bem desse sorriso: ela sorriu assim na noite em que Metias morreu, quando me aprovou como agente júnior de sua patrulha. Ela não demonstra emoção, piedade, ou mesmo raiva. Poucas coisas me amedrontam, mas encarar a expressão fria e implacável da verdadeira assassina do meu irmão é uma delas.

– Olha só quem veio nos visitar! Iparis – diz ela baixinho. Seus olhos cintilam ao me olhar; os soldados me cercam, num gesto protetor. *Não*

tenha medo. Eu me aprumo ao máximo, depois cerro os dentes e me obrigo a encará-la sem vacilar.

– Não desperdice meu tempo, Comandante – digo. – Não estou aqui por sua causa. Na próxima vez em que eu a vir, você estará diante do pelotão de fuzilamento.

Ela apenas sorri para mim.

– Você é muito corajosa, agora que tem o jovem Eleitor bonito para protegê-la, não é mesmo? – Quando estreito os olhos, ela dá uma risada. – O Comandante DeSoto teria sido um melhor Eleitor do que esse menino jamais será. Quando as Colônias invadirem, vão arrasar completamente este país. O povo vai lamentar ter apoiado um garotinho. – Ela pressiona o corpo contra as grades, tentando se aproximar ao máximo de mim. Engulo em seco, mas mesmo com medo, meu sangue ferve de ódio. Não desvio o olhar. É estranho, mas creio ter visto um brilho nos olhos dela, algo que não combina com seu sorriso instável. – Você era uma das minhas favoritas. Sabe por que me interessei tanto em que fizesse parte da minha patrulha? Porque me vi refletida em você. Nós somos iguais, você e eu. Eu também teria sido Primeira Cidadã. Eu merecia.

Meus braços se arrepiam. Ocorre-me uma lembrança da noite em que Metias morreu, quando a Comandante Jameson me acompanhou até onde estava o corpo dele.

– Uma pena que isso não aconteceu, não é mesmo? – retruco. Desta vez não consigo evitar o veneno nas minhas palavras. *Espero que eles a executem tão brutalmente quanto executaram Razor.*

A Comandante Jameson se limita a rir de mim. Seus olhos se dilatam, e ela sussurra:

– Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.

Essas palavras me congelam até os ossos, e eu finalmente preciso dar-lhe as costas e desviar meus olhos dos dela. Os soldados que vigiam a sua cela não me olham; mantêm o olhar firme para a frente. Continuo andando. Atrás de mim, ainda ouço seu riso irônico. Meu coração bate forte junto às minhas costelas.

Thomas está confinado em uma cela retangular com espessas paredes de vidro, grossas o suficiente para me impedir de escutar o que está acontecendo lá dentro. Espero do lado de fora, tentando me recuperar de meu encontro com a Comandante Jameson. Por um instante me pergunto se deveria ter permanecido afastada de Thomas e recusado seu último pedido; talvez tivesse sido melhor.

Entretanto, se eu sair agora, vou ter de enfrentar a Comandante Jameson de novo. Precisaria de mais um tempinho para me preparar para isso. Portanto, respiro fundo e me encaminho até as barras de aço que formam a porta da cela de Thomas. Um guarda a abre, faz com que entrem mais dois guardas depois de mim, e então a fecha. Nossos passos ressoam no pequeno recinto vazio.

Thomas se levanta, e ouço o tinido metálico de suas algemas. Ele está mais desarrumado do que jamais o vi, e sei que, se suas mãos estivessem livres, ele imediatamente alisaria o uniforme amarrotado e pentearia o cabelo bagunçado. Em vez disso, ele une os pés em pose de continência e só me olha quando lhe digo para ficar à vontade.

– É um prazer vê-la, Primeira Cidadã. – Noto um indício de tristeza em seu rosto sério e sisudo. – Obrigado por atender a meu último pedido. Em pouco tempo a senhorita estará livre de mim de uma vez por todas.

Balanço a cabeça. Aborrecida comigo mesma, irritada porque, apesar de tudo que ele fez, a inabalável lealdade de Thomas para com a República ainda é capaz de me comover.

– Sente-se e fique à vontade – digo-lhe. Ele não hesita um segundo: num movimento uniforme, nós dois nos ajoelhamos no frio piso da cela; ele se recosta na parede da cela, e eu dobro as pernas debaixo de mim. Permanecemos assim por um momento, deixando que se prolongue o silêncio constrangedor entre nós.

Sou a primeira a falar:

– Você já não precisa ser tão leal à República, pode abdicar disso.

Thomas apenas balança a cabeça e diz:

– É o dever de um soldado da República ser leal até o fim, e eu ainda sou um soldado, e serei até morrer.

Não sei por que a ideia da morte dele toca meu coração de muitas maneiras estranhas. Estou feliz, aliviada, furiosa e triste. Finalmente, pergunto:

– Por que você quis me ver?

– Srta. Iparis, antes que o amanhã chegue... – Thomas faz uma pausa antes de continuar – quero lhe contar todos os detalhes sobre o que aconteceu ao Metias naquela noite no hospital. Acho... Acho que devo isso à senhorita. Se alguém deve saber, esse alguém é você.

Meu coração bate mais depressa. Estou preparada para reviver tudo aquilo de novo? Preciso saber disso? Metias está morto; saber os detalhes do que aconteceu não o trará de volta. Mas acabo cruzando com o olhar fixo de Thomas de modo sereno e equilibrado. Ele *realmente* me deve essas informações. Mais importante ainda: devo isso a meu irmão. Depois que Thomas for executado, *alguém* deve manter viva a lembrança da morte dele, do que realmente aconteceu.

Devagar, vou estabilizando meus batimentos cardíacos. Quando abro a boca, minha voz soa meio instável:

– Muito bem.

A voz dele está tranquila.

– Eu me lembro de tudo sobre aquela noite. Todos os mínimos detalhes.

– Então me conte.

Como o soldado obediente que é, Thomas começa a falar:

– Na noite da morte do seu irmão, a Comandante Jameson me ligou.

Esperávamos com os jipes junto à entrada do hospital. Metias estava conversando com uma enfermeira em frente à entrada principal. Eu estava atrás dos jipes, a alguma distância, quando recebi a ligação.

À medida que Thomas conta a história, a prisão ao nosso redor se dissolve e é substituída pelo cenário daquela noite fatídica: o hospital, o jipe militar e os soldados e as ruas como se eu estivesse caminhando bem ao lado de Thomas, vendo tudo que ele via. Revivendo os acontecimentos.

– Sussurrei um cumprimento à Comandante Jameson no meu fone de ouvido – continua ele –, e ela não o retribuiu.

“‘Precisa ser feito esta noite’, disse. ‘Se não agirmos agora, seu capitão pode planejar um ato de traição contra a República, ou até contra o Eleitor. Estou lhe dando uma ordem direta, Tenente Bryant. Encontre uma forma de levar o Capitão Iparis para um local reservado hoje à noite. Não importa como.’”

Thomas me olha bem nos olhos e repete:

– Um ato de traição contra a República...

“Estava temendo essa chamada fatídica desde que soube que Metias havia hackeado os bancos de dados dos civis falecidos. Ocultar segredos da Comandante Jameson era quase impossível. Meus olhos observaram, de relance, seu irmão à entrada. Murmurei: ‘Entendido, Comandante.’

“‘Ótimo’, respondeu ela. ‘Me informe quando estiver pronto; vou transmitir ordens diferentes ao restante da sua patrulha, para que seus companheiros estejam em outro lugar nessa hora. Resolva de uma vez o problema e não deixe pistas.’ Foi então que minhas mãos começaram a tremer. Tentei argumentar com a Comandante, mas sua voz ficou ainda mais gélida: ‘Se você não aceitar a missão, *eu* a farei, e pode acreditar que o estrago será bem maior. Entendido?’

“Não respondi a ela de imediato. Em vez disso, vi seu irmão se despedir da enfermeira com um aperto de mão. Ele se virou, à minha procura, e me viu perto dos jipes. Acenou para que eu fosse até ele, e assenti, tomando cuidado para manter meu rosto impassível. ‘Entendido, Comandante’, acabei respondendo.

“‘Confio em você, Bryant’, continuou ela. ‘Se tiver sucesso, pode considerar-se promovido a capitão.’ Então a ligação foi interrompida. Juntei-me a Metias e a outro soldado na entrada do hospital. Metias sorriu para mim e comentou: ‘Mais uma noite difícil, hein? Juro a você que se ficarmos enfiados aqui até o amanhecer de novo, vou fazer manha feito uma garotinha com a Comandante Jameson!’

“Eu me forcei a sorrir e disse: ‘Então, vamos esperar que seja uma noite tranquila.’ A mentira fluiu bem.

“‘É, vamos esperar que seja mesmo’, desabafou Metias. ‘Pelo menos tenho você como companhia.’

“‘Digo o mesmo’, respondi a ele. Metias me olhou de relance, os olhos hesitaram um segundo, e depois se desviaram.

“Os primeiros minutos transcorreram sem incidente, mas, pouco depois, um menino de roupas rasgadas se arrastou até a entrada do hospital e parou para falar com uma enfermeira. Ele era uma sujeira só, lama misturada com terra, sangue nas bochechas, o cabelo escuro e sujo cobrindo parte do rosto, e mancava feio. ‘Posso ser internado, tia?’, perguntou à enfermeira. ‘Tem algum quarto vago? Eu posso pagar.’

“A enfermeira continuou rabiscando no seu caderno até finalmente perguntar: ‘O que aconteceu com você?’

“‘Me meti numa briga’, respondeu o menino, ‘e acho que levei uma facada’.

“A enfermeira olhou de relance para seu irmão, e Metias fez um sinal afirmativo para dois de seus soldados, que foram até o garoto e o revistaram. Após um tempo, meteram alguma coisa no bolso e fizeram sinal para que o menino entrasse. Quando ele passou cambaleando, me inclinei para Metias e murmurei: ‘Não gostei da aparência desse aí. Ele não anda como se tivesse sido esfaqueado.’

“Seu irmão e o garoto trocaram um breve olhar. Quando o menino desapareceu dentro do hospital, Metias assentiu e me disse: ‘Também achei. Fique de olho nele. Depois que terminarmos nosso turno, quero interrogá-lo.’”

Thomas se detém e olha para mim, como que pedindo permissão para parar de falar, mas eu não a dou.

Ele respira fundo e continua:

– Fiquei sem jeito com a proximidade dele, e seu irmão também pareceu ter notado, porque houve um silêncio embaraçoso entre nós. Eu sempre soube que ele sentia atração por mim, mas naquela noite isso ficou ainda mais evidente. Talvez porque o dia dele tivesse sido cansativo, ou porque as gracinhas que a senhorita aprontou na universidade o tivessem desconcertado, de qualquer forma, o costumeiro ar de comando de Metias não estava presente. Sob minha aparente calma, meu coração batia forte. “Encontre uma forma de levar o Capitão Iparis para um local reservado

hoje à noite. Não importa como.” Essa vulnerabilidade seria minha única chance.

Thomas olha um instante para as mãos, e prossegue:

– Então, algum tempo depois, dei uma pancadinha no ombro de Metias e murmurei: “Capitão, posso lhe falar em particular um instante?”

“Metias piscou e perguntou: ‘É tão urgente assim?’

“Não, senhor, não é, mas prefiro que o senhor saiba logo.’”

“Seu irmão me olhou, momentaneamente confuso, buscando um indício. Depois fez um sinal para um soldado assumir seu lugar na entrada, e nós dois nos dirigimos a uma rua silenciosa e escura, perto dos fundos do hospital.

“Metias na mesma hora abandonou a pose formal e me perguntou: ‘Qual é o problema, Thomas? Você não parece bem.’

“Eu só conseguia pensar na ‘traição contra a República’. Ele não seria capaz disso, seria? Crescemos juntos, treinamos juntos, ficamos muito próximos... Então me lembrei das ordens de minha comandante e senti a faca embainhada na minha cintura. ‘Estou ótimo’, disse a ele.

“Mas seu irmão riu e falou: ‘Qual é? Você nunca precisou esconder nada de mim. Você sabe disso, certo?’

“*Fale logo, Thomas!*, disse a mim mesmo. Eu sabia que estava na corda bamba entre o conhecido e o ponto sem volta. *Obrigue-se a dizer as palavras, deixe que ele as ouça*. Finalmente, olhei para ele e perguntei: ‘O que está rolando entre nós?’

“O sorriso de seu irmão desapareceu, e ele ficou calado; depois recuou um passo e perguntou: ‘Como assim?’

“‘Você sabe muito bem do que estou falando’, respondi. ‘Essa coisa, todos esses anos.’

“Metias examinou meu rosto intensamente durante demorados segundos e finalmente respondeu, enfatizando estas duas palavras: ‘*Essa coisa* não pode acontecer. Você é meu subordinado.’

“Então eu perguntei: ‘Mas é importante pra você, não é?’

“O rosto de Metias estampou algo jovial e trágico. Ele se aproximou, e entendi que uma fenda finalmente se abria na muralha entre nós. ‘É

importante pra você?”

Thomas faz outra pausa e depois, numa voz mais suave, continua:

– A sensação de uma lâmina perfurante de culpa se retorceu dolorosamente no meu peito, mas era tarde demais para retroceder, por isso dei um passo à frente, fechei os olhos, e o beijei.

“Seu irmão ficou paralisado, como eu previra. Fez-se um silêncio total. Nós nos afastamos, constrangidos, e por um momento me perguntei se havia cometido um enorme engano, se eu simplesmente tinha interpretado mal vários sinais nos últimos anos. Ou que talvez, *talvez* ele soubesse o que eu estava tramando.

“Essa ideia me deu uma estranha sensação de alívio. *Talvez fosse melhor se Metias descobrisse os planos da Comandante Jameson para ele. Talvez exista uma forma de sair dessa confusão.*

“Mas aí ele se inclinou para a frente e retribuiu o beijo, e o que restava da barreira entre nós se rompeu.”

– Pare! – exclamo de repente. Ele tenta esconder suas emoções sob uma aparência de nobreza, mas o rosto evidencia sua vergonha. Eu me inclino para trás, desvio o rosto para não encará-lo e comprimo as mãos nas têmporas. O desgosto ameaça me esmagar.

Thomas não havia apenas matado Metias sabendo que meu irmão o amava. Thomas *havia se aproveitado desse sentimento e o usado contra ele.*

Quero que você morra! Eu o odeio!

O nível de minha raiva aumenta até que finalmente ouço o sussurrar da voz de Metias na minha cabeça, a pálida luz da razão.

Vai dar tudo certo, Joaquina. Ouça bem o que lhe digo. Tudo vai ficar bem.

Assim espero. Meu coração bate firmemente, até que as palavras suaves dele me trazem de volta à realidade. Abro os olhos, olho fixamente para Thomas e pergunto:

– O que aconteceu depois disso?

Thomas demora a me responder. Quando o faz, sua voz treme:

– Não havia saída. Metias não tinha ideia do que estava acontecendo. Ele havia caído na armadilha de boa-fé. Minha mão tocou sutilmente na faca presa à minha cintura, mas fui incapaz de fazer o que me tinha sido ordenado. Eu não conseguia nem respirar.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Quero desesperadamente saber todos os detalhes, mas, ao mesmo tempo, desejo que Thomas pare de falar, que aquela noite desapareça da minha lembrança e nunca mais volte.

– Ouvimos um alarme e nos separamos com um pulo. Metias estava corado e parecia confuso; só um instante depois nos demos conta de que o alarme vinha do hospital.

“Isso acabou com o clima entre nós. Seu irmão retomou rapidamente a postura de capitão, e corremos para a entrada do hospital. ‘Entrem no hospital!’, gritou ele no fone de ouvido, sem olhar para trás. ‘Quero metade dos soldados lá dentro. Identifiquem o que acionou o alarme. Quero o restante na entrada. Aguardem minhas ordens. *Agora!*’

“Comecei a correr atrás dele. Perdi a oportunidade perfeita de concluir minha missão. Eu me perguntei se a Comandante Jameson havia dado um jeito de ver meu fracasso. *Os olhos da República estão em todos os lugares. Eles sabem de tudo.* Entrei em pânico. Precisava achar outra maneira de ficar sozinho com seu irmão. Se eu não conseguisse matá-lo, o destino de Metias cairia em mãos muito mais severas.

“Quando eu o alcancei na entrada, seu rosto estava lívido de raiva e ele disse: ‘Alguém tentou roubar o hospital. Foi aquele menino que nós vimos, tenho certeza. Bryant, reúna cinco soldados e cerque o lado leste. Eu vou para o oeste.’ Seu irmão começou a agir, levando cinco soldados. ‘Uma hora ele vai ter de sair do hospital’, disse. ‘Vamos estar esperando por ele quando isso acontecer.’

“Segui as ordens dele, mas no instante em que ele já não podia me ouvir, ordenei a meus soldados que fossem para o leste e se escondessem nas sombras. *Preciso seguir o Metias. Esta é minha última chance. Se eu fracassar, estarei assinando minha sentença de morte.* Gotas de suor molhavam minhas costas. Eu me enfiei nas sombras, e recordei todas as lições que Metias me havia ensinado sobre sutileza e ações furtivas.

“Então, escutei vidros se despedaçando, me escondi atrás de um muro quando seu irmão passou correndo, sozinho e desprotegido, em direção ao barulho. Aí fui atrás dele. A escuridão da noite impediu que eu fosse visto. Por um momento, perdi Metias de vista nos becos escuros. *Onde estará ele?* Girei em círculos num beco, tentando descobrir aonde fora seu irmão.

“Nesse instante, recebi um chamado da Comandante Jameson, que me disse asperamente: ‘É melhor você encontrar logo uma segunda oportunidade de acabar com ele, Tenente Bryant.’

“Felizmente, minutos depois, encontrei Metias. Ele estava sozinho, esforçando-se para se levantar do chão, com uma faca enfiada no ombro e cercado de sangue e cacos de vidro. A alguns centímetros de distância, havia uma tampa de esgoto. Corri até ele, que me deu um leve sorriso, enquanto agarrava a faca no ombro.

“‘Foi Day’, disse ele, arfante. ‘Ele fugiu pelo esgoto.’ Estendeu a mão para mim e me pediu que o ajudasse a levantar.

“Então disse a mim mesmo: *Esta é sua oportunidade, sua única oportunidade, e se você não resolver o assunto agora, nunca vai resolver.*”

Thomas gagueja enquanto eu tento falar. Quero que se cale de novo, mas não consigo, estou entorpecida.

Ele apenas levanta a cabeça e diz:

– Eu queria poder lhe contar todas as imagens em redemoinho na minha cabeça: a Comandante Jameson interrogando Metias, torturando-o para obter informações, arrancando-lhe as unhas, retalhando o corpo dele até que implorasse por piedade, matando-o lentamente como fazia com todos os prisioneiros de guerra.

Ele pronuncia as palavras cada vez mais depressa, e elas se despejam de sua boca num amontoado frenético.

– Visualizei a bandeira da República, o emblema da República, o juramento que prestei no dia em que Metias me aceitou como soldado de sua patrulha: que eu seria leal à minha República e ao meu Eleitor até morrer. Meus olhos se fixaram na faca enterrada no ombro de Metias.

Chegou o momento. Resolva isso agora, eu disse a mim mesmo. Agarrei a

gola do uniforme dele, arranquei-lhe a faca do ombro, e a enterrei no seu peito, até o cabo.

Eu me ouço arquejar, como se esperasse outro final, como se a história mudasse se eu a ouvisse muitas vezes, mas isso não acontece nunca.

– Metias soltou um grito muito fraco – sussurrou Thomas –, ou talvez tenha sido eu que gritei, já não me lembro. Ele desabou no chão; uma de suas mãos continuou a agarrar meu pulso, e seus olhos estavam arregalados de susto.

“Me desculpe’, eu implorei, engasgado.”

Thomas olha para mim ao continuar; seu pedido de desculpa foi dirigido a mim e ao meu irmão.

– Eu me ajoelhei junto ao seu corpo trêmulo e repeti: “Me desculpe, me desculpe! Eu não tive escolha. *Você não me deu escolha!*”

Mal escuto Thomas enquanto ele continua a falar:

– Uma centelha de compreensão apareceu nos olhos do seu irmão. Com ela veio mágoa, alguma coisa que ultrapassou a dor física, um momento sofrido de percepção, e depois de repulsa e desapontamento. “Agora eu sei por quê”, sussurrou ele. Não precisei perguntar para saber que ele se referiu ao nosso beijo.

“*Não! Eu fui sincero!*, tive vontade de gritar. *Foi um adeus, o único que eu podia dar, mas foi sincero, garanto.*”

“Em vez disso, perguntei: ‘Por que você teve de trair a República? Eu te alertei várias vezes. Se você continuar a trair a República, um dia vão acabar com você. *Eu te avisei!* Eu disse pra você me escutar!’

“Mas seu irmão balançou a cabeça. ‘*É uma coisa que você nunca vai entender*’, seus olhos pareceram expressar. Sangue começou a escorrer de sua boca, e ele agarrou meu pulso com mais força quando disse: ‘Não machuque a June. Ela não sabe de nada.’ Uma luz aterrorizada lhe surgiu nos olhos e ele balbuciou: ‘Não a machuque, me prometa!’

“Eu respondi então: ‘Eu vou protegê-la. Não sei como, mas vou tentar, prometo.’

“A luz começou a se apagar pouco a pouco dos seus olhos, e ele foi soltando meu pulso. Metias me olhou fixo até que não pôde mais, e então

deduzi que ele morreu. *Mexa-se! Vá embora daqui!*, disse a mim mesmo, mas continuei agachado junto ao corpo de Metias; minha mente era um espaço em branco. Foi quando me dei conta de sua ausência repentina. Metias estava morto, Metias não voltaria nunca mais, e tudo por minha culpa. Não. *Vida longa à República!* Era isso que realmente importava, eu disse a mim mesmo. Sim, sim, isso era importante. Aquilo, o que se passava entre mim e Metias, não era real, nunca poderia acontecer. Não com Metias sendo meu capitão. Não sendo Metias um criminoso que agia contra o país. Sua morte foi por um bem maior. *Sim, claro que foi.*

“Finalmente ouvi os gritos das tropas se aproximando. Eu me levantei e enxuguei os olhos. Precisava completar o serviço. Eu tinha conseguido, havia permanecido leal à República. Meu instinto de sobrevivência se apossou de mim. Tudo estava abafado, como se uma neblina tivesse se instalado na minha vida. Ótimo. Eu precisava dessa estranha calma, do completo vazio que ela trazia.

“Guardei meu pesar cuidadosamente no peito, como se nada tivesse acontecido, e quando as primeiras tropas chegaram ao local, liguei para a Comandante Jameson.

“Não precisei pronunciar uma palavra. Meu silêncio lhe disse tudo que ela queria saber. ‘Vá buscar a pequena Iparis quando puder’, ordenou ela. ‘Você fez um bom trabalho, Capitão.’

“Não respondi.”

Thomas fica em silêncio, a cena esmaece. Estou de volta à sua cela na prisão, com as bochechas manchadas de lágrimas e o coração dilacerado como se ele tivesse me esfaqueado no peito como fizera com meu irmão.

Thomas olha fixo para o chão entre nós com olhos inexpressivos.

– Eu o amei, June – diz ele, após um instante. – De verdade. Tudo que fiz como soldado, *todo* o duro que eu dava, me esforçando e treinando, era para impressioná-lo.

Ele finalmente baixa a guarda e percebo a verdadeira profundidade de sua tortura. Sua voz engrossa, como se ele estivesse tentando se convencer do que estava falando:

– Meu dever é com a República. O próprio Metias me treinou para ser como sou. Até *ele* compreendeu.

Fico surpresa ao sentir pena dele. *Você podia ter ajudado Metias a fugir, você podia ter feito alguma coisa, qualquer coisa. Você podia ter tentado.* Mas mesmo agora, Thomas não se mexe. Ele nunca vai mudar, e nunca, jamais saberá quem Metias realmente era.

Finalmente compreendo a verdadeira razão por que Thomas pediu para falar comigo: desejava fazer uma confissão real. Igual à nossa conversa, quando ele me prendeu, está tentando desesperadamente obter meu perdão, conseguir algo que justifique – ainda que ligeiramente – o que ele fez. Quer acreditar que seu crime foi justificado. Quer que eu seja solidária a ele. Quer se sentir em paz, antes de morrer.

Mas desperdiçou seus esforços comigo. Não lhe posso dar paz, nem no seu último dia na terra. Há coisas que não podem ser perdoadas.

– Sinto pena de você – digo baixinho – porque é muito fraco.

Thomas comprime os lábios. Ainda procurando alguma espécie de legitimação para o que fez, ele diz:

– Eu podia ter escolhido o caminho de Metias e me tornado um criminoso, mas não fiz isso. Fiz tudo *certo*, você não vê? Era disso que Metias gostava em mim. Ele me respeitava. Eu seguia *todas* as normas, obedecia a *todas* as leis. Trabalhei duro para sair do zero e chegar aonde cheguei. – Ele se inclina para a frente; os olhos ficam mais desesperados. – Eu fiz um juramento, June. Ainda estou vinculado a esse juramento. Vou morrer com honra por sacrificar tudo que tenho – *tudo* – por meu país. Mesmo assim, Day é uma lenda, e eu estou aqui, esperando para ser executado. – Sua voz falha com toda a sua angústia e tormento interior por se achar injustiçado. – Não faz sentido.

Eu me levanto. Atrás de mim, os guardas se dirigem à porta da cela. Digo tristemente:

– É aí que você se engana. Faz *todo* o sentido.

– Por quê?

– Porque Day escolheu o caminho do bem. – Dou as costas a ele pela última vez. A porta se abre; as barras da cela dão lugar ao corredor, a um

novo turno de guardas da prisão, à liberdade. – E Metias também.

15H32.

Naquela tarde, rumo para a pista de corrida da Universidade de Denver, numa tentativa de clarear as ideias. Do lado de fora, o céu está amarelo e enevoadado com a luz do sol vespertino. Tento visualizar o céu coberto pelas aeronaves das Colônias, flamejando com o fogo dos combates e das explosões aéreas. Faltam doze dias para oferecermos alguma coisa às Colônias. Sem a ajuda de Day, como vamos conseguir fazer isso? Esse pensamento me perturba, mas felizmente serve para manter fora da minha cabeça as lembranças de Thomas e da Comandante Jameson. Aperto o passo. Meus tênis de corrida avançam na pavimentação.

Quando chego à pista, reparo que há guardas parados em todas as entradas. São pelo menos quatro soldados por portão. Anden deve estar fazendo seus exercícios diários aqui também. Os soldados me reconhecem, deixam-me passar e me levam até o estádio, onde a pista cerca um grande campo aberto. Anden não se encontra em lugar algum. Talvez esteja nos vestiários subterrâneos do estádio.

Faço uns poucos alongamentos enquanto Ollie espera impacientemente, dançando de uma pata para outra. Começo a percorrer a pista, indo cada vez mais rápido ao longo do percurso curvo, até correr a toda em redor das curvas. Meu cabelo voa atrás de mim, e Ollie arfa ao meu lado. Imagino a Comandante Jameson correndo velozmente atrás de mim, a arma empunhada. *Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.*

Quando dou a volta para o lado da pista onde estão instalados os alvos, derrapo e paro, tiro a arma do coldre, e atiro em todos os alvos, em rápida sucessão. Acerto quatro deles na mosca! Sem parar, dou mais três voltas na pista. Depois, dez vezes, depois quinze. Finalmente paro: meu coração parece que vai sair pela boca.

Mudo o ritmo dos exercícios para um caminhar, lentamente recuperando o fôlego, com os pensamentos a mil. Se eu não tivesse conhecido o Day,

será que poderia me tornar igual à Comandante Jameson quando ficasse mais velha? Fria, calculista, impiedosa? Eu não agi exatamente assim quando descobri quem Day era? Conduzi soldados – e *a própria* Comandante Jameson – até a casa da família dele, sem sequer considerar que sua família poderia ser afetada. Recarrego a arma e volto a mirar nos alvos. Com um ruído seco, minhas balas acertam o centro das placas.

Se Metias estivesse vivo, o que pensaria do que fiz?

Não, não posso me lembrar do meu irmão sem pensar na confissão de Thomas hoje de manhã. Disparo a última bala e depois me sento no meio da pista com Ollie e enterro a cabeça nas mãos. Estou exausta. Não sei se algum dia vou conseguir superar o que eu fui. E agora estou repetindo tudo: tentando persuadir Day a desistir do irmão, tentando usá-lo em benefício da República.

Finalmente me levanto, limpo o suor da testa e me dirijo aos vestiários subterrâneos. Ollie se acomoda para me esperar à sombra do beiral perto das portas. Ele pula ávido até uma cubuca cheia d'água que ponho à sua frente. Desço a escada e viro à esquerda. O ar está úmido por causa dos chuveiros, e a única tela embutida no fim do corredor tem uma ligeira camada de névoa em cima. Caminho pelo corredor que se divide nos vestiários masculino e feminino. Ouço algumas vozes ao fundo.

Um minuto depois, vejo Anden sair do vestiário, acompanhado por dois guardas. Enrubesco, embaraçada com o que vejo. Anden parece ter acabado de sair do chuveiro; está sem camisa e ainda enxuga o cabelo úmido, com os músculos ressaltados, depois de ter malhado. Uma camisa esportiva de gola alta está jogada num ombro. O tecido branco contrasta lindamente com o tom moreno de sua pele. Um dos guardas fala com ele em tom baixo; com uma sensação terrível, eu me pergunto se tem algo a ver com as Colônias.

Um momento depois, Anden olha de relance e finalmente me vê olhando fixo para eles. Há uma pausa na conversa.

– Srta. Iparis! – exclama Anden; um sorriso amável disfarça o que talvez o estivesse aborrecendo. Ele pigarreia, entrega a toalha a um dos guardas e coloca um braço através da manga da camisa de gola. – Peço desculpas por não estar propriamente vestido.

Baixo a cabeça uma vez, e me esforço para não parecer impressionada, quando todos os olhos se fixam em mim.

– Não precisa se desculpar, Eleitor.

Ele assente e diz:

– Podem ir. Encontro vocês na escada.

Os dois guardas fazem uma reverência ao mesmo tempo e depois nos deixam a sós. Anden espera que eles desapareçam ao dobrar o corredor e se volta para mim.

– Espero que sua manhã tenha sido calma – diz ele, e começa a abotoar a camisa. Franze as sobrancelhas e pergunta: – Houve algum problema?

– Nenhum – respondo, sem querer falar sobre minha conversa com Thomas.

– Muito bem.

Anden passa a mão pelo cabelo úmido e diz:

– Então sua manhã foi melhor do que a minha. Passei várias horas numa conferência particular com o Presidente de Ross City, na Antártida; pedimos ajuda militar a eles, no caso de uma invasão. – Ele suspira. – A Antártida é solidária, mas eles não são fáceis de agradar. Não sei se podemos contornar isso usando o irmão de Day, nem como persuadir Day a permitir isso.

– Ninguém vai ser capaz de convencê-lo – respondo, cruzando os braços. – Nem eu. Você diz que eu sou o ponto fraco dele, mas sua maior fraqueza é a família.

Anden permanece calado um momento. Analiso cuidadosamente seu rosto, e me pergunto o que estará pensando. Lembro-me bem de como ele pode ser implacável quando quer, como nem hesitou ao condenar Thomas à morte, como revidou o insulto da Comandante Jameson, como sequer piscou ao executar todas as pessoas que tentaram destruí-lo. Por baixo da voz delicada e do coração generoso existe bastante frieza. Digo então:

– Não o obrigue. – Anden me olha surpreso. – Sei que é isso que você está pensando em fazer.

Anden termina de abotoar a camisa e diz gentilmente, quase com tristeza:

– Tenho apenas de fazer o que for necessário, June.

Não. Nunca vou permitir que você magoe Day assim. Não da maneira como eu já o magoei.

– Você é o Eleitor. Não *precisa* fazer nada. E se você se importa mesmo com a República, não vai se arriscar a enfurecer a única pessoa em quem o povo acredita.

Falei demais. Como pude ser tão idiota? *O povo acredita em Day, mas não acredita em você.* Anden se retrai visivelmente, e embora não faça nenhum comentário, eu silenciosamente me censuro por minha notória falta de tato.

– Desculpe – murmuro –, não era bem isso que eu queria dizer.

Um longo silêncio se arrasta antes de Anden voltar a falar:

– Não é tão fácil quanto parece. – Ele balança a cabeça. Uma gotícula de água cai do seu cabelo e atinge a gola da camisa. – Você agiria de outra maneira? Arriscaria uma nação inteira em vez de apenas uma pessoa? Não posso justificar isso. As Colônias vão atacar se não lhes fornecermos um antídoto, e toda essa confusão se originou de uma coisa pela qual *eu* sou responsável.

– Não, seu pai foi responsável pela desordem. Isso não quer dizer que *você* também seja.

– Bem, sou filho do meu pai – responde Anden com a voz subitamente severa. – Que diferença isso faz?

Essas palavras surpreendem a nós dois. Aperto os lábios e resolvo não fazer nenhum comentário, mas meus pensamentos se agitam freneticamente. *Faz muita diferença.* Mas aí me lembro do que Anden me disse uma vez sobre a fundação da República, sobre o fato de que seu pai e os Eleitores antes dele foram obrigados a agir naqueles primeiros anos tenebrosos. *Tome cuidado, Iparis, ou você pode terminar como eu.*

Talvez eu não seja a única pessoa a precisar ter cuidado.

Alguma coisa que aparece na tela no final do corredor me distrai. Observo um instante. É uma notícia sobre Day; a filmagem mostra um close-up dele de um vídeo antigo e uma breve imagem do hospital de Denver, mas embora a maior parte do vídeo esteja fragmentada, percebo de

relance multidões reunidas em frente ao prédio. Anden também se vira para olhar para a tela. As pessoas estão protestando? Contra o quê?

DANIEL ALTAN WING É INTERNADO EM HOSPITAL PARA REALIZAR EXAMES MÉDICOS DE ROTINA. DEVE RECEBER ALTA AMANHÃ.

Anden comprime uma das mãos junto ao ouvido, para receber uma ligação. Ele me olha de relance, liga o microfone e diz: – Prossiga.

Silêncio. À medida que o noticiário na tela continua, o rosto de Anden empalidece. Isso me lembra da palidez de Day no banquete, e os dois pensamentos convergem em um só, apavorante. De repente eu sei, sem qualquer sombra de dúvida, que esse é o segredo que Day tem escondido de mim. Um horrível pressentimento enche meu peito.

– Quem aprovou a liberação da filmagem? – pergunta Anden após um instante; sua voz é um sussurro raivoso. – Não haverá próxima vez. Eu preciso ser consultado *antes*. Entendido?

Sinto um nó na garganta. Quando a ligação finalmente termina, Anden deixa a mão cair, me olha demorada e seriamente e diz:

- Trata-se do Day. Ele está hospitalizado.
- Por quê?
- Lamento muito.

Ele baixa a cabeça num gesto trágico, depois se inclina para a frente e sussurra a notícia no meu ouvido. De súbito, fico tonta, como se o mundo inteiro se fundisse num borrão em movimento, como se nada disso fosse real, como se eu estivesse de novo no Hospital Central de Los Angeles na noite em que me ajoelhei junto ao corpo frio e inanimado de Metias, olhando fixamente para um rosto que já não reconhecia. Meu coração quase para. Tudo para. *Isso não pode ser verdade.*

Como é possível que o garoto que mobilizou uma nação inteira esteja morrendo?



Os médicos fazem com que eu passe a noite internado no hospital, antes de me darem alta e eu poder voltar ao meu apartamento. A essa altura, a notícia já estava na boca do povo: pessoas que passavam me viram sair do hospital numa cadeira de rodas e espalharam a notícia, que logo se propagou como um incêndio, e boatos em breve alcançaram todos os cantos da cidade. Já vi o noticiário tentando esconder o que aconteceu duas vezes, em duas versões: fui ao hospital para me submeter a um checkup de rotina, e fui ao hospital para visitar meu irmão. Enfim, só história esfarrapada. Ninguém caiu nelas.

Passo o dia inteiro desfrutando o luxo de uma cama que não é de hospital e observando a chuva e a neve lamacenta caindo do lado de fora da nossa janela, enquanto Éden não desgruda do pé da minha cama e se diverte com um kit de robótica dado de presente pela República. Ele agora está montando uma espécie de robô: combina um cubo de luz magnética – uma caixa do tamanho da palma da mão, com minitelas laterais – com vários outros cubos para criar braços, pernas e asas, inventando uma espécie de pequeno Homem de Telão Voador. Ele sorri encantado, depois separa os cubos e os reorganiza num par de pernas ambulantes que exibem trechos de vídeos sempre que elas dão um passo. Eu também sorrio, temporariamente contente porque *ele* está contente. Se existe alguma coisa boa em relação à República, é que eles são condescendentes no que diz respeito à paixão de Éden por construir coisas. De duas em duas semanas recebemos uma nova engenhoca que só crianças de classe média alta podem ter. Eu me pergunto se foi June que apresentou um pedido especial para beneficiar Éden, sabendo o que ela sabe. Ou talvez Anden se sinta culpado por todos os problemas que seu pai nos causou.

Fico curioso para saber se ela já está a par da notícia referente à minha saúde. Deve estar.

– Cuidado! – alerta Éden, quando ele sobe na minha cama e se inclina para colocar sua nova criação na beira da janela. Suas mãos se atrapalham ao tatear o parapeito e a vidraça. – Se você cair e se quebrar, vamos ter de voltar ao hospital, e eu não vou gostar nada disso.

– Você está pensando nela de novo, não está? – retruca Éden suavemente. Os olhos cegos se estreitam e miram os blocos à sua frente, a uns três centímetros do seu rosto. – Sua voz sempre muda quando você pensa nela.

Pisco os olhos, surpreso.

– Como é que é?

Ele olha na minha direção e levanta uma sobrancelha: a expressão é cômica, no seu rosto infantil.

– Ah, para com isso! É tão óbvio... Fala sério, o que essa tal de June significa pra você? O país inteiro não para de fofocar sobre vocês dois, e quando ela te pediu pra vir a Denver, na mesma hora você concordou. Você me disse pra ligar pra *ela* se a República viesse me buscar. Você vai ter de abrir o jogo mais cedo ou mais tarde, né? Você não para de falar nela!

– Isso não é verdade!

– Ah! Tá bom...

Ainda bem que Éden não consegue ver minha expressão. Ainda não falei com ele sobre June e sua ligação com o resto da nossa família, o que é mais uma boa razão para eu ficar longe dela.

– Ela é só uma amiga – respondo finalmente.

– Você gosta dela?

Meus olhos voltam a observar a neve caindo do lado de fora da nossa janela.

– Gosto.

Éden espera que eu diga mais alguma coisa, mas quando permaneço em silêncio, ele dá de ombros e volta a prestar atenção no seu robô.

– Tudo bem – resmunga. – Você me conta mais quando quiser.

Bem na hora, meu fone de ouvido ressoa um segundo de estática e me avisa de uma chamada, que atendo. Um momento depois, a voz sussurrada

de June ecoa no meu ouvido. Ela não menciona minha doença, pergunta apenas: – A gente pode conversar?

Eu sabia que seria só uma questão de tempo antes que ela me procurasse. Observo Édén brincar por mais um minuto e sussurro de volta: – Em algum outro lugar. – Meu irmão me olha de relance, curioso com minhas palavras. Não quero estragar meu primeiro dia fora do hospital ao revelar meu prognóstico deprimente a uma criança de onze anos.

– Então, que tal darmos uma volta?

Olho rapidamente pela janela. É hora do jantar, e os cafés das ruas estão apinhados de fregueses, quase todos no seu canto, encolhidos debaixo de chapéus, bonés, guarda-chuvas e capuzes sob a neve semiderretida do crepúsculo. É uma boa hora para caminhar por aí sem atrair muita atenção.

– Que tal você vir até aqui, e a gente sai junto?

– Combinado – responde June, e desliga.

Dez minutos depois, a campainha toca, e Édén fica de pé, assustado: o novo robô de cubos que ele está construindo cai da minha cama, e três dos seus membros se soltam. Édén vira os olhos na minha direção e pergunta:

– Quem está aí?

– Não se preocupa, guri – respondo, indo até a porta. – É a June.

Às minhas palavras, os ombros de Édén relaxam; um sorriso animado ilumina seu rosto, e ele salta da beira da cama, deixando seu robô de cubos perto da janela. Ele tateia o caminho até a outra extremidade da cama.

– E aí? – pergunta ele. – Você não vai deixar ela entrar?

Parece que, durante a época em que vivi na rua, perdi o desabrochar de Édén. Ele se transformou de um menino tranquilo em um garoto teimoso e obstinado. Não faço ideia de *quem* ele herdou isso. Suspiro; eu detesto esconder coisas dele, mas como posso explicar tudo que aconteceu? Eu já falei quem era June: uma garota da República que havia resolvido nos ajudar, uma garota que estava sendo treinada para ser a futura Primeira Cidadã do país. Ainda não sei como lhe contar o resto, por isso apenas não toco no assunto.

June não sorri quando abro a porta. Relanceia o olhar até Édén, depois de novo para mim e pergunta baixinho: – Esse é o seu irmão?

Concordo com a cabeça e digo:

– Você ainda não conhecia o Édén, né?

Viro-me e digo em voz alta a ele:

– Édén, olhe a educação.

Édén acena da cama e diz:

– Oi!

Dou um passo para o lado, para que June possa entrar. Ela vai até onde Édén está, senta-se perto dele com um sorriso, põe a pequena mão do menino entre as suas e a aperta duas vezes.

– Prazer em te conhecer, Édén – diz ela com a voz suave. Eu me encosto na porta, para observar os dois. – Como você está?

Édén dá de ombros e responde:

– Acho que tô legal. Os médicos dizem que meus olhos se estabilizaram. Estou tomando dez comprimidos por dia. – Ele inclina a cabeça e continua:

– Mas acho que estou ficando mais forte. – Ele estufa um pouco o peito e brinca ao fazer pose de fortão flexionando os braços. Seus olhos estão desfocados e apontam ligeiramente para a esquerda do rosto de June. – O que você acha?

June ri e diz:

– Vou te falar: sua aparência é melhor do que a da maioria das pessoas que vejo. Já me falaram muito de você.

– Eu também já ouvi falar muitas coisas de você – responde Édén rapidamente –, principalmente pelo Daniel. Ele te acha muito gostosa.

– O que é isso, moleque?! Pode parar. – Pigarreio alto o suficiente para Édén ouvir, e depois lanço um olhar irritado na direção dele, embora ele seja tão cego quanto um morcego. – Vamos indo?

– Você já jantou? – pergunta ela, quando nos dirigimos à porta. – Eu deveria estar acompanhando Anden com os outros Primeiros Cidadãos, mas ele foi chamado até o quartel da infantaria blindada para um rápido *briefing* sobre uma intoxicação alimentar entre os soldados, por isso fiquei livre por algumas horas. – Um leve rubor aparece no seu rosto quando ela diz isto: – Achei que talvez a gente pudesse fazer uma boquinha.

Levanto uma sobrancelha, depois me inclino para que minha bochecha encoste na orelha dela. Fico todo animado quando reparo que ela estremeceu ao meu toque.

– Ora, vejam só! – digo, em voz baixa e suave, sorrindo junto ao seu ouvido: – Você está me convidando para um *encontro*?

June fica mais ruborizada, mas esse calor não se reflete nos seus olhos.

Termino meu momento de gozação, pigarreio, olho para Éden por cima do ombro e lhe digo:

– Vou trazer comida pra você. Não saia sozinho. Obedeça ao que Lucy lhe mandar fazer.

Éden faz que sim com a cabeça, de novo entretido com o robô de blocos.

Minutos depois, saímos do prédio e começamos a sentir as gotas do chuveiro que engrossa. Mantenho a cabeça baixa e o rosto escondido sob a aba de um boné de soldado, o pescoço protegido por meu espesso cachecol vermelho e as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos do casaco militar. É estranho perceber que me adaptei ao vestuário da República. June levanta a gola do casaco, e sua respiração forma nuvens de vapor ao seu redor. A neve semiderretida aumentou, e o gelo e a água gelada pingam no meu rosto e pinicam meus cílios. Bandeiras espalhafatosas continuam penduradas nas janelas da maioria dos andares dos edifícios, e os telões ostentam um símbolo rubro-negro nos cantos de suas transmissões, em honra ao aniversário de Anden. Pessoas na rua passam apressadas, formando um borrão de movimento. Caminhamos em um silêncio agradável, saboreando nossa proximidade.

Na verdade, é meio esquisito. Estou me sentindo um pouco melhor hoje, e não tenho qualquer dificuldade em manter o mesmo ritmo de June. Hoje, não parece que tenho *apenas* dois meses de vida. Quem sabe os novos medicamentos que estou tomando estejam dando certo desta vez?

Não dizemos uma palavra até que June finalmente nos faz parar num café pequeno e informal, a vários quarteirões do meu apartamento. Imediatamente entendo por que ela o escolheu: está quase vazio, é um lugar minúsculo situado no térreo de um imponente prédio coberto de neve semiderretida, e mal iluminado. Embora esteja aberto, como muitos outros

cafés na área, tem alguns recantos escuros agradáveis onde podemos nos sentar, e suas únicas luzes vêm das lanternas reluzentes em forma de cubos que há em cada mesa. Uma atendente vem a nosso encontro e, a pedido de June, nos conduz a um dos cantos mais afastados. Algumas vasilhas de água perfumada estão espalhadas em todo o café. Estremeço, apesar de que o lugar onde ficamos está bastante aquecido pela lanterna.

Por que estamos aqui mesmo? Uma estranha espécie de neblina toma conta de mim, mas depois se esvai. *Estamos aqui pra jantar, é pra isso, cara!* Balanço a cabeça. Recordo o esforço que precisei fazer há alguns dias, quando não conseguia lembrar o nome da Lucy. Um pensamento amedrontador me ocorre.

Talvez esse seja um novo sintoma. Ou talvez eu esteja sendo apenas paranoico.

Depois que fazemos nossos pedidos, June fala francamente. As partículas douradas nos seus olhos fulguram ao brilho laranja da lanterna.

– Por que você não me contou? – murmura.

Aproximo as mãos da lanterna, e desfruto o calor.

– De que adiantaria?

June franze o cenho, e só então reparo que seus olhos estão meio inchados, como se ela tivesse chorado. June balança a cabeça.

– Os boatos estão correndo soltos por aí – continua ela com uma voz que mal escuto. – Testemunhas afirmam ter visto você ser levado de maca do seu apartamento há trinta e quatro horas, e parece que uma delas chegou a ouvir, por acaso, um médico falando sobre seu estado de saúde.

Suspiro e levanto as mãos, derrotado.

– Quer saber? Se esse assunto está causando tumulto nas ruas e mais problemas para Anden, lamento. Me mandaram manter o caso em sigilo, e fiz isso da melhor maneira que pude. Tenho certeza de que nosso glorioso Eleitor vai encontrar um jeito de acalmar o povo.

June morde os lábios e diz:

– Deve haver uma solução, Day. Os seus médicos...

– Eles já estão tentando de tudo. – Estremeço quando um espasmo de dor me atinge a nuca, como se estivesse seguindo uma deixa. – Já passei

por três ciclos de tratamentos. Até agora, o progresso tem sido lento e doloroso.

Explico à June o que os médicos me disseram, a infecção incomum no meu hipocampo, o remédio que tem me enfraquecido, me sugando a força do corpo.

– Pode acreditar, eles estão testando todas as opções.

– Quanto tempo de vida lhe resta? – sussurra ela.

Não digo nada e finjo estar fascinado com a lanterna. Não sei se tenho coragem de responder.

June se inclina mais à frente, até o ombro encostar suavemente no meu, e repete:

– Quanto tempo de vida lhe resta? Por favor, espero que você ainda se importe o bastante comigo para me contar.

Eu retribuo o seu olhar fixo, e lentamente me rendo – como sempre – ao seu fascínio. *Por favor, não me obrigue a responder.* Não quero dizer em voz alta, porque pode tornar tudo irremediavelmente real. Ela, porém, parece tão triste e temerosa, que não consigo ocultar mais nada dela. Solto a respiração, passo a mão pelo cabelo e baixo a cabeça ao murmurar:

– Eles me deram um mês, talvez dois. E recomendaram que eu organizasse minhas prioridades.

June fecha os olhos e oscila ligeiramente no assento.

– Dois meses... – sussurra ela, de modo vago. A agonia em seu rosto justifica minha relutância em deixar que ela soubesse a verdade.

Depois de um demorado silêncio entre nós, June sai do seu torpor e enfia a mão no bolso, de onde tira alguma coisa pequena e metálica, e diz:

– Estava guardando isto pra você.

Olho fixo para o objeto: é um anel de cliques de papel, com uma sequência de arame disposta numa harmoniosa série de espirais fechadas num círculo, igualzinho ao que eu fiz para ela. Arregalo os olhos e a encaro rapidamente. Ela não diz nada; em vez disso, olha para baixo e me ajuda a colocar o anel no dedo anular direito. – Eu tive um tempinho de sobra – murmura ela finalmente.

Encantado, passo a mão pelo anel; meu coração dispara. Um turbilhão de emoções me percorre.

– Lamento – gaguejo após algum tempo, tentando animar um pouco a situação. Isso é tudo que consigo dizer, depois desse presente que ela me deu? – Os médicos acreditam que ainda há esperança, e em breve vão dar início a novos tratamentos.

– Certa vez você me contou por que escolheu “Day” como seu nome de guerra – diz ela com firmeza. Movimenta a mão, que põe em cima da minha, escondendo o anel de cliques. O calor de sua pele na minha me acelera o coração. – A cada novo dia, tudo volta a ser possível, certo?

Um formigamento me percorre a espinha. Quero de novo pegar-lhe o rosto entre as mãos, beijar-lhe as bochechas, analisar seus olhos escuros e tristes, e lhe dizer que vou ficar bem, mas isso seria mais uma mentira. Metade do meu coração está sofrendo com a dor que vejo no seu rosto, mas a outra parte – percebo com culpa – está radiante por saber que ela ainda se importa comigo. Existe amor nas suas palavras trágicas, nas dobras daquele anel de metal. Ou não?

Finalmente, respiro fundo e digo:

– Às vezes o sol se põe mais cedo. Os dias não duram para sempre, não é? Mas vou lutar com todas as forças, eu te garanto.

Os olhos de June se suavizam, e ela fala:

– Você não precisa passar por isso sozinho.

– Por que você iria querer se envolver com uma coisa dessas? – pergunto baixinho. – Eu só pensei que... Seria mais fácil desse jeito.

– Mais fácil para quem? – retruca June. – Para você, para mim, para o povo? Você preferiria morrer em silêncio um dia, sem nunca mais trocar uma palavra comigo?

– Sim, preferiria – respondo bruscamente. – Se eu tivesse te contado naquela noite, você teria concordado em ser uma Primeira Cidadã?

Fossem quais fossem as palavras na ponta da língua de June, elas não foram pronunciadas. Ela para ao ouvir o que eu disse, e engole em seco.

– Não – admite. – Eu não teria tido a coragem de aceitar. Eu esperaria.

– Exatamente! – Respiro fundo e continuo: – Você acha mesmo que eu queria dar uma de bebê chorão e te contar sobre a minha saúde naquele dia? Para ser um obstáculo e atrapalhar a possibilidade única de você conseguir aquele cargo?

– Essa escolha cabia *a mim* – respondeu June, com dentes cerrados.

– E *eu* queria que você fizesse essa escolha sem que *eu* atrapalhasse.

June balança a cabeça e baixa ligeiramente os ombros.

– Você acha mesmo que me importo tão pouco com você?

Nossa refeição chega: tigelas fumegantes de sopa, cestas com pãezinhos e um pacote bem embrulhado com o jantar do Éden. Dou graças por essa interrupção e fico em silêncio. *Teria sido mais fácil pra mim mesmo, penso. Prefiro me afastar a ser lembrado todos os dias de que tenho apenas alguns meses para estar com você.* Mas sinto vergonha de dizer isso em voz alta. Quando June me olha, ansiosa por uma resposta, apenas balanço a cabeça e dou de ombros.

E então ouvimos um alarme lamentoso soar na cidade.

O som é ensurdecedor. Ambos ficamos paralisados e olhamos para os alto-falantes instalados em todos os prédios da rua. Nunca escutei uma sirene assim em toda a vida: um grito incessante e ensurdecedor que enche o ar, abafando todos os demais sons. Os telões escurecem. Olho para June, sem entender nada. *O que diabos está acontecendo?*

Mas June já não está olhando para mim. Seus olhos estão concentrados nos alto-falantes que alardeiam o alarme pela rua inteira, e sua expressão demonstra pavor. Juntos, vemos quando os telões voltam a brilhar. Desta vez, todas as telas estão vermelho-sangue, e apresentam duas palavras douradas em negrito:

PROCURAR ABRIGO

– O que significa isso? – grito.

June agarra minha mão e começa a correr.

– Significa que vem aí um ataque aéreo. Estamos sendo atacados!



JUNE

– Éden!

Essa é a primeira palavra que sai da boca de Day. Os telões continuam transmitindo seu nefasto noticiário escarlate enquanto o alarme ressoa na cidade, ensurdecendo-me com seu rugir ritmado e abafando os demais sons da cidade. Na rua, pessoas espreitam pelas janelas e saem apressadas de edifícios, tão perplexas com o alarme incomum quanto nós. Incontáveis soldados entram em formação na rua, gritando nos fones de ouvido à medida que veem o inimigo se aproximar. Estou logo atrás de Day; pensamentos e números se misturam rapidamente na minha cabeça enquanto corremos: quatro segundos, doze segundos, quinze segundos por esquina, o que quer dizer que daqui a setenta e cinco segundos chegaremos ao apartamento de Day, se mantivermos o ritmo. Será que existe um atalho? E *Ollie!* Preciso tirá-lo do meu apartamento, para que fique junto de mim.

Concentro-me em um assunto diferente, da mesma forma que aconteceu quando libertei Day do Batalla Hall há muitos meses, como o momento em que Day escalou o Capital Tower para se dirigir ao povo e eu despistei os soldados que o perseguiam. Posso até ser uma observadora silenciosa e pouco à vontade no Senado, mas aqui nas ruas, em meio ao caos, eu sou eu mesma: consigo raciocinar e agir.

Lembro bem, no ensino médio, de ler sobre esse alarme específico e treinar o que fazer, embora Los Angeles seja tão distante das Colônias que mesmo esse tipo de treinamento era raro.

O alarme só deveria ser acionado se forças inimigas atacassem nossa cidade, ou se estivessem na fronteira do país, forçando sua entrada. Não sei como é o processo em Denver, mas imagino que não possa ser assim tão diferente: devemos evacuar as ruas imediatamente, depois procurar o abrigo subterrâneo mais próximo e usar as linhas de metrô para ir até uma cidade mais segura. Quando entrei para a faculdade e me tornei oficialmente uma

soldado, o exercício mudou: os soldados devem dirigir-se imediatamente à localidade que seus superiores lhes ordenarem pelos fones de ouvido. Devemos estar preparados para a guerra a qualquer hora.

Mas nunca ouvi o alarme usado para um ataque verdadeiro a uma cidade da República porque nunca antes tinha havido um. A maioria dos ataques era abortada antes que nos alcançasse. Até agora. E enquanto corro junto a Day, sei exatamente o que deve estar passando pela sua cabeça. Isso me provoca uma sensação bem conhecida de remorso.

Day nunca antes ouviu o alarme, nem jamais passou por exercícios de treinamento, isso porque se origina de um setor pobre. Nunca tive muita certeza do que isso significava, e reconheço que tampouco pensei muito no assunto, mas ver a expressão confusa de Day trouxe a verdade à tona. As casamatas subterrâneas destinam-se apenas à classe A, aos setores abastados. Os que vêm dos setores pobres que se virem!

Acima, ouve-se o forte barulho do motor de um jato da República; em seguida, vários outros. Os gritos das pessoas se misturam ao som do alarme. Espero uma ligação de Anden a qualquer momento. Então, muito a distância no horizonte, vejo os primeiros brilhos laranja reluzirem na cidade. A República está lançando um contra-ataque a partir das muralhas. *Isso está mesmo acontecendo*, mas não deveria estar. As Colônias tinham nos dado mais *tempo*, embora limitado, para entregar o antídoto, e desde esse ultimato, passaram-se apenas quatro dias. Fico possessa. Será que queriam nos pegar desprevenidos assim?

Agarro a mão de Day e acelero meu ritmo.

– Você pode ligar para Éden? – grito.

– Posso – responde Day, arquejante. Dá para ver que ele já não tem a energia de antes: sua respiração está levemente forçada, e os passos são um pouco mais lentos. Isso me dá um nó na garganta. Essa é a primeira comprovação de que seu estado de saúde está se deteriorando, o que me abala muito. Atrás de nós, mais uma explosão ressoa no ar noturno. Aperto mais a mão dele.

– Diga a Éden para estar pronto e esperar na entrada do edifício – grito.
– Sei para onde podemos ir.

Uma voz urgente soa no meu fone de ouvido: é Anden.

– Onde você está? – pergunta ele. Estremeço ao perceber um leve indício de medo na sua voz; mais uma coisa que raramente ouço. – Estou no Capital Tower. Vou mandar um jipe te apanhar.

– Mandê um jipe para o apartamento de Day. Vou chegar lá daqui a um minuto. E Ollie, meu cachorro...

– Vou mandar que o levem imediatamente para a casamata – diz Anden.
– Tome cuidado.

Ele desliga, e escuto sons de estática por um instante; depois, meu fone de ouvido fica mudo. Ao meu lado, Day repete minhas instruções para Éden pelo seu microfone.

Ao chegarmos ao edifício, jatos da República passam zunindo a cada dois segundos, desenhando dezenas de rastros no céu da noite. Multidões já começaram a se aglomerar do lado de fora do prédio e estão sendo orientadas em várias direções por patrulhas municipais. Um tremor de medo se apossa de mim quando me dou conta de que alguns dos jatos no horizonte não são da República: são aeronaves inimigas desconhecidas. Se estão assim tão próximas, devem ter escapado de nossos mísseis de longo alcance. Dois grandes pontos negros pairam a distância no céu. São dirigíveis das Colônias.

Day vê Éden antes de mim. Ele é um pequeno vulto de cabelo dourado segurando os corrimões da entrada do conjunto de apartamentos, estreitando inutilmente os olhos para o mar de gente ao redor. Sua guardiã está atrás dele, e suas mãos seguram firme os ombros do menino.

– Éden! – grita Day. O menino vira a cabeça na nossa direção. Day sobe os degraus aos pulos e o recolhe nos braços, depois se vira para mim e pergunta aos gritos: – Para onde vamos?

– O Eleitor vai mandar um jipe nos apanhar – respondo no ouvido dele, para que os outros não escutem. A essa altura algumas pessoas nos olham de relance e nos reconhecem, embora passem por nós numa bruma de pânico. Levanto ao máximo as golas dos meus casacos e baixo a cabeça. – *Andem logo!* – resmungo para mim mesma.

– June, o que vai acontecer com os outros setores? – me pergunta Day, e olho para ele.

Essa é a pergunta que eu temia. *O que vai acontecer com os outros setores?* Hesito e, nesse breve instante de silêncio, Day se dá conta da resposta. Seus lábios se contraem, e seus olhos exprimem uma raiva profunda.

A chegada do jipe evita que eu responda de imediato. O veículo freia de súbito a alguns metros de onde os demais se aglomeraram. Vejo Anden acenar para mim do lado do carona e apresso Day para irmos logo para o jipe. Descemos os degraus, e um soldado abre a porta para nós. Day ajuda Éden e a guardiã a entrarem primeiro, e depois que ambos colocam o cinto de segurança, nós subimos no jipe, que parte em alta velocidade quando mais jatos da República sobrevoam nossas cabeças. A distância, surge mais uma nuvem em tom laranja vivo em forma de cogumelo. É impressão minha, ou eles estão um pouco mais perto? (Talvez estejam mais próximos uns trinta metros, em vista do tamanho da explosão.)

– Que bom vocês todos estarem a salvo! – exclama Anden, sem se virar para trás. Ele cumprimenta a todos com breves palavras e dá uma ordem em voz baixa ao motorista, que faz uma curva em S e dobra a esquina seguinte. Éden solta um gritinho assustado. A guardiã lhe aperta os ombros e tenta tranquilizá-lo.

– Por que você escolheu o caminho mais longo? – pergunta Anden ao motorista, quando enveredamos por uma rua estreita. O chão estremece com a força de outro impacto ao longe.

– Minhas desculpas, Eleitor – responde o motorista. – Disseram que várias explosões aconteceram no quartel dos blindados; o caminho mais curto não é seguro. Bombardearam alguns jipes no outro lado de Denver.

– Algum ferido?

– Felizmente, só alguns. Alguns jipes capotaram, vários prisioneiros fugiram e um soldado morreu.

– Quais foram os prisioneiros?

– Ainda estamos verificando.

Um terrível presságio me ocorre. Quando fui falar com Thomas, tinha havido uma troca de guardas em frente à cela da Comandante Jameson. Quando saí, os guardas eram outros.

Anden emite um som de frustração, e depois se vira e nos encara:

– Estamos nos dirigindo para um abrigo subterrâneo chamado Subterrâneo Um. Se vocês precisarem entrar ou sair de lá, meus guardas vão escanear seus polegares na entrada. Vocês ouviram o que nosso motorista falou: não é seguro sair sozinho, entendido?

O motorista comprime uma das mãos na orelha, empalidece e olha para Anden.

– Senhor, já temos a confirmação dos três prisioneiros que fugiram. – Ele hesita e engole em seco. – O Capitão Thomas Bryant, o Tenente Patrick Murray e a Comandante Natasha Jameson.

Meu mundo dá uma reviravolta. Eu sabia, eu sabia! Ontem vi a Comandante Jameson detida em segurança atrás das grades e conversei com Thomas enquanto ele definhava na prisão. *Eles não podem ter ido muito longe*, digo a mim mesma.

– Anden – sussurro, obrigando-me a raciocinar friamente. – Ontem, quando fui falar com o Thomas, houve uma troca de guardas. Eles deviam mesmo estar lá?

Day e eu trocamos um breve olhar, e por um instante acho que o mundo inteiro acredita que somos otários, transformando nossas vidas em uma piada de mau gosto.

– Encontrem os prisioneiros – ordena Anden bruscamente no microfone; seu rosto está lívido – e atirem à queima-roupa. – Ele olha de relance para mim enquanto continua falando: – Quero falar com os guardas que estavam de plantão. *Agora!*

Eu me encolho quando mais uma explosão faz a terra tremer. *Eles não podem ter ido muito longe. Até o final do dia serão capturados e mortos a tiros.* Repito sem cessar esse mantra para mim mesma.

Há mais forças em ação aqui. Minha mente conjectura as possibilidades: Não é coincidência que a Comandante Jameson tenha dado um jeito de fugir nem que o ataque das Colônias tenha ocorrido no mesmo dia em que

ela foi transferida. Deve haver outros traidores nas fileiras da República, soldados que Anden ainda não conseguiu extirpar. É possível que a Comandante Jameson estivesse passando informações às Colônias por meio desses traidores. Afinal, de alguma forma as Colônias sabiam quando haveria a troca de turnos dos soldados do nosso quartel de blindados e também que hoje tínhamos menos soldados na ativa devido à intoxicação alimentar. Eles estavam cientes de nossa vulnerabilidade e resolveram nos atacar.

Se este for mesmo o caso, então há meses as Colônias estão planejando um ataque. Talvez até mesmo antes da disseminação da praga.

E Thomas? Será que estava mancomunado com tudo? A não ser que tivesse tentado me alertar. Por isso pedi que eu fosse falar com ele ontem. Como seu último pedido, mas também na esperança de que eu reparasse na troca de guardas. Meu coração acelera. Mas por que ele simplesmente não me avisou?

– E agora? – me pergunto, entorpecida.

Anden recosta a cabeça no assento. Ele também deve estar analisando uma lista semelhante de possibilidades sobre os prisioneiros que fugiram, mas não fala nada.

– Nossos jatos estão todos posicionados na divisa de Denver. O quartel dos blindados deve resistir por um bom tempo, mas existe a forte possibilidade de que mais forças das Colônias estejam a caminho. Vamos precisar de ajuda. As cidades próximas foram alertadas e vão mandar reforços, mas – Anden se cala e olha para mim por cima do ombro – podem não ser suficientes. Enquanto continuamos a abrigar os civis no subterrâneo, June, você e eu precisamos conversar em particular.

– Para onde você está mandando os pobres, Eleitor? – pergunta Day calmamente.

Anden se vira para trás de novo e se depara com os olhos azuis hostis de Day da maneira mais equilibrada que consegue. Reparo que ele evita olhar para Éden.

– Tropas estão a caminho dos setores periféricos. Elas vão encontrar abrigos para os civis e defendê-los até que eu lhes dê outra ordem.

– Nesse caso, suponho que eles não vão poder se refugiar nos abrigos subterrâneos – comenta Day, com um tom frio na voz.

– Lamento – Anden respira fundo. – Os abrigos foram construídos há muito tempo, antes mesmo de meu pai ser o Eleitor. Estamos construindo mais.

Day se debruça para a frente e estreita os olhos. Sua mão direita segura a de Éden com força.

– Então divida os abrigos entre os setores: metade para os pobres, metade para os ricos. O pessoal da classe mais abastada deve arriscar o pescoço da mesma forma que os pobres.

– Não é possível – responde Anden firmemente, embora eu perceba certo pesar na sua voz. Ele cai na bobagem de discutir esse assunto com Day, e não posso detê-lo. – Se fôssemos fazer isso, a logística seria um pesadelo. Os setores periféricos não têm as mesmas rotas de fuga; se a cidade fosse atingida por explosões, centenas de milhares de pessoas ficariam vulneráveis a céu aberto, porque não conseguiríamos organizar todo mundo a tempo. Primeiro desocuparemos os setores da classe A, depois vamos...

– *Faça* o que sugeri! – grita Day. – Estou me lixando pra droga da sua logística!

O rosto de Anden se endurece, e ele diz:

– *Você não pode* falar comigo desse jeito! – Sua voz é dura como aço, a mesma que usou no julgamento da Comandante Jameson. – Sou seu Eleitor.

– Mas fui *eu* que te coloquei no poder! – retruca Day no mesmo instante. – Tudo bem, você quer discutir logística? Eu topo! Se você não se esforçar mais para proteger os pobres *agora*, posso garantir que vai ter de lidar com uma revolta daquelas. *Tem certeza* de que quer isso enquanto as Colônias estão atacando? Você mesmo disse que é o Eleitor, mas vai deixar de ser se os pobres do país ficarem sabendo como você está lidando com o assunto, e nem mesmo eu serei capaz de impedi-los de começar um motim. Por quanto tempo você acha que a República pode resistir a uma guerra externa e interna?

Anden vira o rosto para a frente de novo.

– Esta conversa terminou.

Como sempre, sua voz está perigosamente baixa, mas dá para escutar cada palavra.

Day solta um palavrão e volta a se recostar no assento. Eu o olho de relance, e balanço a cabeça. É claro que Day está certo, mas Anden também está. *O problema é que não temos tempo para esses disparates.* Depois de um momento de silêncio, eu me debruço no assento, pigarreio e tento uma alternativa.

– Podemos fazer com que os pobres sejam encaminhados para os setores ricos. Ainda assim eles continuarão acima do solo, mas os setores ricos ficam no centro de Denver, e não perto do quartel dos blindados, onde estão acontecendo os combates. Não é um plano perfeito, mas os pobres vão comprovar que estamos fazendo um esforço conjunto para protegê-los. E então, à medida que as pessoas nos abrigos forem gradativamente encaminhadas para Los Angeles pelos metrô, vamos ter tempo e espaço para encaminhá-los para o subterrâneo também.

Day resmunga alguma coisa baixinho, mas ao mesmo tempo grunhe sua relutante aprovação, me olha agradecido e diz:

– Acho esse plano melhor. Pelo menos o povão vai ter *alguma* chance. – Um instante depois, me dou conta do que Day resmungou em voz baixa: *Você daria um Eleitor melhor do que esse imbecil.*

Anden fica em silêncio por um momento, ao refletir sobre minhas palavras; em seguida, concorda com a cabeça e comprime uma das mãos no ouvido.

– Comandante Greene – diz ele, e dispara uma série de ordens.

Meu olhar e o de Day se encontram. Ele continua parecendo nervoso, mas pelo menos seus olhos não estão mais com uma expressão furiosa, como há um minuto. Ele volta a prestar atenção em Lucy, que abraça Édén de modo protetor. O menino está encolhido no canto do assento do jipe, com as pernas dobradas e os braços em volta do corpo. Estreita os olhos para as paisagens embaçadas, mas não sei direito o que ele consegue enxergar. Estendo o braço para Day e toco no de Édén, que imediatamente se retesa.

– Está tudo certo, é a June. E não se preocupe, nós vamos ficar bem, viu?

– Por que as Colônias atacaram? – pergunta Éden, virando os grandes olhos de tom violeta para mim e Day.

Engulo em seco. Nenhum de nós dois lhe responde. Finalmente, quando ele repete a pergunta, Day o abraça apertado e lhe sussurra algo no ouvido. Éden se recosta no ombro do irmão. Ainda está triste e assustado, mas o terror pelo menos está controlado. Conseguimos chegar ao final da viagem sem que nenhuma outra palavra seja dita.

Parece que decorreu uma eternidade – de fato, o percurso só demorou dois minutos e doze segundos –, quando finalmente chegamos a uma construção indefinida, perto do centro de Denver. Trata-se de um edifício de trinta andares coberto por vigas de suporte nas laterais. Dezenas de patrulhas municipais se misturam à multidão de civis, organizando-os em grupos na entrada. Nosso motorista estaciona o jipe ao lado do prédio, onde patrulhas nos deixam atravessar a entrada de uma cerca improvisada.

Pela janela, vejo soldados batendo os calcanhares com os saltos das botas em vigorosas saudações quando passamos. Um deles segura Ollie pela coleira. Sinto alívio ao vê-lo. Quando o jipe para, dois soldados rapidamente abrem as portas para nós. Anden salta e é imediatamente rodeado por quatro capitães das patrulhas; todos o atualizam febrilmente sobre a maneira como está sendo feita a evacuação. Meu cachorro, frenético, arrasta o soldado que o segura até onde estou. Agradeço ao soldado, apanho a coleira e acarinho a cabeça de Ollie. Ele está arfante de tão ansioso.

– Por aqui, srta. Iparis – diz o soldado que abriu minha porta. Day me segue em um silêncio tenso, com a mão ainda apertando a de Éden. Lucy é a última a sair do jipe. Olho por cima do ombro para onde Anden está conversando seriamente com seus capitães: ele faz uma pausa e nos olhamos de relance. Seus olhos se fixam em Éden. Sei que o pensamento dele deve ser o mesmo que está passando pela cabeça de Day: *Manter Éden a salvo*. Faço um sinal afirmativo com a cabeça indicando a ele que

compreendo, em seguida passamos por uma multidão de refugiados e o perco de vista.

Em vez de cuidar da fila de civis à entrada, soldados nos escoltam por uma passagem separada e por uma escada em caracol, até alcançarmos um corredor pouco iluminado que acaba em duas largas portas duplas de aço. Os guardas à entrada mudam de postura ao me reconhecer.

– Por aqui, srta. Iparis – dizem. Um deles enrijece ao ver Day, mas logo desvia o olhar quando Day o encara. As portas se abrem para nós.

Somos recebidos por um jato de ar quente e úmido, e um cenário de caos organizado. O recinto em que entramos parece um enorme depósito (metade do tamanho de um estádio das Provas; três dezenas de lâmpadas fluorescentes e seis filas de vigas de aço forram o teto), com um único telão à esquerda estrilando instruções aos abrigados da classe alta que se movem lentamente ao nosso redor. Entre eles há um punhado de pessoas dos setores pobres – catorze, para ser exata – que devem ser governantas e zeladores de algumas das casas do setor dos ricos. Para minha decepção, vejo que soldados os estão separando em outra fila. Várias pessoas da elite os olham solidárias, enquanto outras lhes dirigem olhares de desprezo.

Day também repara no que está havendo, e resmunga:

– É, somos todos iguais...

Não digo nada.

Uma série de recintos menores se alinha na parede à direita. Na extremidade do local, vê-se a parte traseira de um vagão de metrô estacionado dentro de um túnel; multidões de soldados e civis se aglomeram nas duas plataformas. Os soldados estão tentando organizar os grandes grupos de pessoas atônitas e amedrontadas para entrarem no vagão. Não faço a menor ideia para onde estão indo.

Ao meu lado, Day observa a cena com olhos silenciosos e sofredores. Sua mão continua agarrando a de Éden. Eu me pergunto se ele está reparando nas roupas aristocráticas que a maioria desses abrigados está usando.

– Desculpe a bagunça – me diz uma guarda, ao nos acompanhar até uma das salas menores. Ela dá uma batidinha gentil no quepe e explica: –

Estamos ainda na fase inicial das evacuações e, como a senhorita pode ver, a primeira leva ainda está em andamento. Podemos acomodar a senhorita e também o Day e sua família neste primeiro grupo, se não se importarem de descansar um pouco numa suíte particular.

Mariana e Serge talvez já estivessem esperando em suítes individuais. Agradeço à guarda. Passamos por várias portas: as janelas compridas e retangulares revelam salas vazias e sem móveis, com retratos de Anden pendurados nas paredes. Algumas das salas parecem estar reservadas para oficiais de alta patente, enquanto outras são ocupadas por arruaceiros que devem ter causado transtornos e foram detidas: seus rostos estão taciturnos, e elas são ladeadas por pares de soldados. Várias outras pessoas, vigiadas por guardas, se encontram em outra sala.

Esta sala me faz parar. Reconheço uma das pessoas lá dentro. Será ela mesmo?

– Esperem! – grito, e me aproximo da janela. Não há dúvida: vejo uma jovencinha de olhos arregalados e cabelo desgrenhado aparado curto, sentada numa cadeira ao lado de um garoto de olhos cinzentos e três outros mais maltrapilhos do que eu me lembrava. Olho de relance para nossa guarda e pergunto: – O que eles estão fazendo aí?

Day segue meu exemplo e, quando vê o que vejo, respira fundo e murmura: – Coloque a gente lá dentro – sua voz expressa uma urgência desesperada –, *por favor!*

– Eles são prisioneiros, srta. Iparis – responde a soldado, intrigada com nosso interesse. – Eu não recomendo...

Aperto os lábios e a interrompo:

– Quero falar com eles.

A soldado hesita, desvia o olhar para a sala, e assente relutantemente.

– Claro.

Ela abre a porta e nos conduz para dentro.

Lucy fica do lado de fora; a mão segurando com força a de Éden.

Na sala, fico olhando fixo para Tess e um bando de Patriotas.



Caramba! Na última vez que vi Tess, ela estava no meio do beco perto de onde deveríamos assassinar Anden, com os punhos fechados e o rosto, uma pintura rachada. Ela agora está diferente, mais calma e madura. Cresceu bastante, e seu rostinho redondo se afinou. É esquisito ver isso tudo.

Ela e os outros estão algemados a cadeiras. Essa visão piora meu humor. Reconheço imediatamente um de seus companheiros: Pascao, o Corredor de pele morena, com cachos curtos e olhos ridiculamente acinzentados. Ele não mudou muito, apesar de que agora que estou perto o bastante, vejo traços de uma cicatriz no nariz e de outra, perto da têmpora direita. Ele me lança um sorrisinho alvo e brilhante que escorre sarcasmo.

Ele pisca para mim e diz:

– É você mesmo, Day? Continua lindo como sempre. Os uniformes da República ficam maneiros em você.

Suas palavras me ferem. Viro-me e olho furioso para os soldados que os vigiam.

– Por que eles estão presos?

Um deles me olha com uma expressão atrevida. Com base nas decorações espalhafatosas no seu uniforme, ele deve ser o capitão dos guardas ou algo parecido.

– Eles são *ex-Patriotas* – responde o cara, enfatizando a última palavra como se para me provocar. – Nós prendemos o grupo perto do quartel dos blindados, onde estavam tentando desativar nossos equipamentos militares e ajudar as Colônias.

Pascao se mexe indignado na cadeira e diz bruscamente:

– Isso é mentira, seu troglodita! A gente estava acampado perto dos blindados porque tentava ajudar os pobres dos *seus* soldados a escapar. A gente devia era não ter dado a mínima!

Tess me observa com uma expressão cautelosa que nunca usou comigo antes. Seus braços parecem minúsculos e finos com aquelas algemas enormes presas nos pulsos. Cerro os dentes e olho para as armas nos cintos dos soldados. *Nada de movimentos súbitos*, lembro a mim mesmo. *Nem pensar, perto desses trogloditas que adoram armas*. Pelo canto do olho, reparo que uma garota está sangrando no ombro e digo ao soldado:

– Solte-os. Não são eles os inimigos.

O soldado me olha com raiva e desprezo e diz:

– De jeito nenhum. Nossas ordens são para que eles fiquem detidos até...

Ao meu lado, June levanta o queixo e pergunta:

– Ordens de quem?

A bravata do soldado oscila um pouco.

– Srta. Iparis, minhas ordens foram dadas diretamente pelo glorioso Eleitor.

Suas bochechas ficam vermelhas quando ele vê June estreitar os olhos, e então começa a matraquear sobre seu turno de vigilância nas proximidades dos blindados, e que a batalha tinha sido muito intensa. Eu me aproximo de Tess e me inclino para baixo, até nossos olhos ficarem no mesmo nível. Os guardas pegam as armas, mas June lhes ordena abruptamente que parem com aquilo.

– Você voltou – sussurro para Tess.

Embora ela continue cautelosa, alguma coisa se suaviza nos seus olhos.

– Voltei.

– Por quê?

Tess vacila. Olha para Pascao, que concentra os assombrosos olhos cinzentos em mim e diz:

– Nós voltamos porque Tess ouviu você chamar a gente.

Eles haviam me ouvido! Todas as transmissões pelo rádio que passei meses e meses enviando não haviam sido inúteis. Não sei como, *mas eles tinham escutado minhas mensagens*. Tess engole em seco antes de ter coragem suficiente para falar:

– Frankie foi quem primeiro captou sua fala no rádio faz alguns meses. – Ela aponta com a cabeça para uma garota de cabelo cacheado presa a uma

das cadeiras. – Ela disse que você estava tentando contatar a gente. – Tess baixa os olhos e acrescenta: – Eu não estava a fim de responder, mas aí eu soube que você estava doente e...

É... Realmente a notícia se espalhou...

– Se toca – interrompe Pascao ao ver minha expressão. – A gente não voltou à República só porque teve *pena* de você, cara. A gente tem ouvido as notícias que vêm de você e das Colônias. A gente tá sabendo da ameaça de guerra.

– E então vocês resolveram vir nos ajudar? – interrompe June. Seus olhos mostram desconfiança. – Por que essa generosidade repentina?

O risinho sarcástico de Pascao se esvai, e ele observa June com uma inclinação da cabeça.

– Você é June Iparis, certo?

O capitão começa a dizer a ele para tratá-la com mais respeito, porém ela apenas assente.

– Quer dizer que foi *você* quem sabotou nossos planos e dividiu nossa equipe. – Pascao dá de ombros e continua: – Não tenho nenhum ressentimento, eu não era muito fã do Razor mesmo.

– Por que vocês voltaram ao país? – repete June.

– Tudo bem, tudo certo. Fomos expulsos do Canadá. – Pascao respira fundo. – A gente *tava* se escondendo lá depois que... – Ele faz uma pausa e olha para os soldados ao redor. – Ah, você sabe... depois da nossa brincadeirinha com Anden. Mas aí os canadenses sacaram que a gente não devia estar no país deles, e tivemos que fugir de volta para o sul. Um monte dos nossos se mandou sei lá pra onde. Não sei por onde anda metade do nosso grupo original. Vai ver alguns deles continuam no Canadá. Quando correu a notícia sobre Day, Tessinha perguntou se podia deixar a gente e se mandar sozinha de volta pra Denver. Eu não queria que *apagassem ela*, por isso todo mundo voltou também. – Pascao olha para baixo um instante. Não para de falar, mas dá pra ver que está só balbuciando, tentando apresentar um motivo, mas não a principal razão: – Com o ataque das Colônias, achei que, se a gente tentasse ajudar vocês no seu esforço de guerra, talvez nós

fôssemos perdoados e autorizados a ficar no país, mas sei que o Eleitor não deve ser nosso maior...

– O que está acontecendo aqui?

Ao ouvir essa voz, todos nos viramos, bem na hora em que os soldados prestavam continência. Eu estava agachado, mas me levanto e vejo Anden de pé à porta, acompanhado por um grupo de guarda-costas. Seus olhos escuros estão ameaçadores. Ele olha fixamente primeiro para June, e depois para mim e os Patriotas. Embora não fizesse muito tempo que o deixamos para trás falando com seus generais, há uma leve camada de poeira nos ombros de seu uniforme, e seu rosto está sombrio. O capitão que falou antes conosco pigarreia, nervoso, e tenta se explicar:

– Lamento, Eleitor, mas detivemos esses criminosos perto do quartel dos blindados...

Ao ouvir isso, June cruza os braços e diz:

– Então suponho que não tenha sido *ocê* que autorizou essa detenção, não é, Eleitor? – Sua voz está cortante, o que me faz pensar que neste momento a relação dos dois não é das melhores.

Anden contempla a cena. Nossa discussão durante o percurso de carro ainda devia estar fervilhando na sua cabeça, e ele sequer se deu o trabalho de olhar para mim de novo. Que bom! Vai ver eu consegui passar meu recado. Finalmente, ele faz um sinal com a cabeça e pergunta ao capitão:

– Quem são eles?

– Ex-Patriotas, senhor.

– Sei... Quem ordenou essa detenção?

O capitão fica vermelho como uma beterraba.

– Bem, Eleitor – responde ele, tentando dar uma conotação oficial –, meu comandante...

Anden desvia a atenção do oficial mentiroso e começa a sair do recinto, ordenando, sem se virar.

– Tire as algemas deles. Mantenha todos aqui por enquanto, e depois os leve junto com o último grupo. Fique de olho neles. – Ele faz um gesto para que nós o acompanhemos. – Srta. Iparis e sr. Wing, por favor.

Olho mais uma vez para Tess, que observa os soldados soltarem as algemas dos seus pulsos, e depois saio com June. Éden corre até onde estou, quase esbarrando em mim, e pego sua mão mais uma vez.

Anden nos leva até um grupo de soldados da República. Franzo a testa ao ver a cena. Quatro deles estão ajoelhados, com as mãos na cabeça e os olhos baixos. Um chora em silêncio.

Os outros soldados do grupo apontam as armas para os que estão ajoelhados. O comandante diz a Anden:

– Estes são os guardas encarregados de vigiar a Comandante Jameson e o Capitão Bryant. Descobrimos uma comunicação suspeita entre um deles e as Colônias.

Não me admira que Anden quisesse nos trazer aqui para ver o rosto dos nossos traidores em potencial. Olho para os guardas capturados. O que chora levanta a vista para Anden e fala, com olhos suplicantes:

– Eu lhe imploro, Eleitor. Não tive nada a ver com a fuga dos dois. Eu... Eu não sei como isso aconteceu. – Suas palavras são interrompidas por um disparo que lhe esfacela a cabeça.

O rosto de Anden, habitualmente pensativo e reservado, mostra-se gélido. Olho para os soldados e depois para ele, que se cala por um momento e depois faz um gesto afirmativo com a cabeça para seus comandados:

– Interroguem-nos. Se não colaborarem, atirem neles. Espalhem o que aconteceu aqui para o resto das tropas. Que sirva de lição para os traidores entre nós. Quero que saibam que vamos exterminar *todos*.

Os soldados com as armas batem as botas e dizem ao mesmo tempo:

– Sim, senhor.

Eles arrastam os acusados de traição para que fiquem de pé. Sinto um embrulho no estômago, mas Anden não retira suas palavras; observa os soldados sendo levados, gritando e implorando, para fora do abrigo. June parece apavorada enquanto os olhos seguem os prisioneiros.

Anden nos encara com uma expressão séria e afirma:

– As Colônias estão recebendo ajuda.

Um barulho seco ressoa em algum lugar acima de nós, e o chão e o teto estremecem em reação. June observa mais de perto o rosto de Anden, como se o estivesse analisando, e pergunta:

– Que espécie de ajuda?

– Vi as esquadrilhas deles no ar, pouco além do quartel dos veículos blindados. Os jatos não são todos das Colônias. Alguns têm estrelas africanas pintadas nas laterais. Meus generais me garantem que as Colônias estão suficientemente confiantes para terem estacionado uma aeronave e um esquadrão de jatos a menos de oitocentos metros dos nossos blindados, montando aeroportos improvisados à medida que avançam. Eles estão se preparando para outro ataque.

Aperto a mão de Éden. Ele estreita os olhos para ver as multidões de refugiados perto do metrô, mas provavelmente não consegue enxergar mais do que uma massa de borrões em movimento. Queria muito poder eliminar a expressão de medo do seu rosto.

– Por quanto tempo Denver vai resistir? – pergunto.

– Não sei – responde Anden, taciturno. – Os blindados são fortes, mas não temos como combater uma superpotência por muito tempo.

– Então, o que faremos agora? – indaga June. – Se não podemos resistir sozinhos, vamos simplesmente perder esta guerra?

Anden balança a cabeça e responde:

– Nós também precisamos de ajuda. Vou conseguir uma audiência com as Nações Unidas ou com a Antártida, e ver o que eles estão dispostos a fazer por nós. Podem garantir que ganhemos tempo suficiente para...

Ele olha de relance para meu irmão, silencioso e calmo ao meu lado. Sinto uma pontada de culpa e raiva. Estreito os olhos para Anden, e minha mão aperta com mais força o braço do meu irmão. Éden não merecia estar no meio desse furacão. Eu não merecia ter que escolher entre perder meu irmão ou este maldito país.

– Vamos torcer para isso não acontecer – digo.

Quando ele e June começam uma conversa minuciosa sobre a Antártida, olho para a sala onde Tess e os Patriotas estão detidos. Pela janela, vejo Tess cuidando com atenção da menina com o ombro sangrando, enquanto

os soldados observam com expressões inquietas. Sei lá por que todos esses matadores experientes teriam medo de uma garotinha cheia de curativos e álcool. Estremeço ao pensar na maneira pela qual Anden ordenou que os soldados acusados fossem retirados do abrigo e mortos a tiros. Pascao parece frustrado e, por um momento, nossos olhares se encontram através da vidraça. Embora ele não mova os lábios, sei bem o que está pensando.

Ele sabe que encurralar os Patriotas dentro de uma sala enquanto civis e soldados estão sendo mortos acima do solo é um total e escandaloso desperdício.

– Eleitor – digo de repente, virando-me para encarar Anden e June. Ele se cala e olha para mim. – Deixe que eles saiam desse abrigo. – Quando Anden fica em silêncio, acrescento: – Eles podem ajudar no combate nas ruas. Aposto que são mais eficientes nas lutas de guerrilha do que qualquer um dos seus soldados, e como você ainda vai demorar um pouco para evacuar os setores pobres, precisa de toda a ajuda que conseguir.

June fica em silêncio sobre minha “jogada”, mas Anden cruza os braços e diz:

– Day, perdoei os Patriotas por conta do nosso acordo original, mas não esqueci os problemas que tive com eles. Embora eu não queira ver seus amigos algemados como prisioneiros, não tenho nenhuma razão para acreditar que eles agora vão ajudar um país que aterrorizaram por tanto tempo.

– Eles são inofensivos – insisto. – Não têm mais por que lutar contra a República.

Anden retruca:

– Três prisioneiros no corredor da morte acabaram de fugir. As Colônias lançaram um ataque surpresa contra nossa capital e agora meus quase assassinos estão a dez metros de mim. Não estou muito disposto a perdá-los.

– Estou tentando te ajudar – disparo. – Você acabou de pegar seus traidores, não foi? Você acha mesmo que os Patriotas tiveram alguma coisa a ver com a fuga da Comandante Jameson? Logo ela, que quis acabar com

eles? Você acha que *gosto* de saber que os assassinos da minha mãe estão à solta? Solte os Patriotas, e eles lutarão a seu lado.

Anden estreita os olhos e indaga:

– Por que você acredita que eles serão leais à República?

– Se você permitir que *eu* os comande – Éden me olha, surpreso –, você vai ter a lealdade deles.

June me lança um olhar de advertência. Respiro fundo, engulo a frustração e me obrigo a ficar calmo. Ela está certa. É burrice eu brigar com Anden porque preciso que ele fique do meu lado.

– Por favor – acrescento, em um tom de voz mais calmo. – Deixe que eu ajude. Você precisa confiar em *alguém*. Não permita que lá fora as pessoas morram.

Anden examina meu rosto por um longo momento; sinto um calafrio ao reparar em como ele se parece com o pai. Mas a semelhança logo desaparece e é substituída pelo olhar sério e preocupado de Anden, como se ele de repente se lembrasse de quem somos. Ele dá um longo suspiro e aperta os lábios.

– Conte-me seu plano, e então decidiremos. Nesse meio tempo, sugiro que você ponha seu irmão em um dos trens do metrô. – Ao ver minha expressão, ele acrescenta: – Ele vai estar a salvo até você se reunir a ele. Você tem minha palavra.

Ele então vai embora e faz um sinal para que June o acompanhe. Solto minha respiração ao ver um soldado levar Anden e June até um grupo de generais. June me olha por cima do ombro quando eles se afastam. Sei que ela está pensando o mesmo que eu: ela se preocupa com os efeitos que esta guerra está causando em Anden, em todos nós, aliás.

Lucy interrompe meus pensamentos:

– Acho que devemos levar seu irmão para o trem dos refugiados. – Ela me olha, solidária.

– Está bem. – Olho para Éden e lhe dou uma pancadinha no ombro. Eu me esforço para confiar na promessa do Eleitor. – Vamos até o trem para saber em detalhes como tirar vocês daqui.

– E você? – pergunta Éden. – Vai mesmo chefiar um tipo de ataque?

– Me encontro com vocês em Los Angeles, prometo.

Éden fica em silêncio enquanto abrimos caminho até a plataforma do trem e deixamos os guardas nos escoltarem até a frente. A expressão dele é séria e soturna. Quando finalmente alcançamos a porta de vidro fechada do trem, eu me inclino até o nível dos olhos dele.

– Escute bem: lamento não poder ir com você agora, mas preciso ficar aqui pra ajudar, está certo? Lucy vai ficar com você e te manter em segurança. Vou me juntar a vocês em breve...

– Tá bom... – interrompe Éden, me dando as costas.

Pigarreio. Éden é fanático por tecnologia e chega às vezes a ser irritante, mas raramente se zanga dessa maneira. Mesmo depois de sua cegueira, permaneceu otimista, por isso sua agressividade me desconcerta.

– Que bom! – decido responder. – Fico feliz que você...

Ele volta a se virar para mim.

– Você está escondendo alguma coisa de mim, Daniel. Eu sei que está. O que é?

Paro e respondo:

– Não, não estou.

– Você mente muito mal. – Éden se livra de mim e franze a testa. – Tem coisa aí. Deu pra sentir na voz do Eleitor, e depois você disse uma coisa esquisita pra mim no outro dia: que você tinha medo de que os soldados da República fossem bater à nossa porta... Por que eles fariam isso de repente? Pensei que estava tudo bem agora.

Suspiro e inclino a cabeça. Os olhos de Éden se suavizam um pouco, mas ele se mantém sério.

– O que é? – repete.

Ele tem onze anos. Merece saber a verdade.

– A República está querendo realizar mais experimentos em você – respondo, mantendo a voz o mais baixo possível para que só ele possa ouvir. – Há um vírus se espalhando pelas Colônias, e eles acham que você tem o antídoto no seu sangue. Querem levá-lo para os laboratórios.

Éden fixa o olhar na minha direção por um momento longo e silencioso. Acima de nós, mais um barulho surdo estremece a terra. Eu me pergunto se

o quartel dos blindados estará resistindo. Os segundos passam devagar. Finalmente, ponho a mão no braço dele e digo, tentando animá-lo:

– Não vou deixar que eles te levem, ouviu? Você vai ficar bem. Anden, o Eleitor sabe que não pode te levar sem se arriscar a provocar uma revolução. Ele não pode te levar sem que eu autorize.

– Todas aquelas pessoas nas Colônias vão morrer, não vão? – pergunta Éden baixinho. – Todas as que estão contaminadas?

Hesito. Na verdade, nunca perguntei muita coisa sobre quais eram os sintomas da praga; parei de ouvir no instante em que mencionaram meu irmão.

– Não sei – confesso.

– E elas vão espalhar o vírus pela República. – Éden baixa a cabeça e torce as mãos. – Se duvidar, já estão fazendo isso agora. Se eles tomarem a capital, a doença vai se espalhar, não vai?

– Não sei – repito.

Os olhos de Éden procuram meu rosto. Embora ele esteja quase cego, percebo infelicidade neles. – Você não precisa tomar as decisões por mim.

– Eu não achei que estivesse fazendo isso. Você não quer ir para LA? Lá é mais seguro, e eu já te disse que vou me encontrar com vocês, prometo.

– Não, não tô falando disso. Por que você decidiu não me contar nada? É por isso que ele está aborrecido?

– Você tá de gozação, né?

– Por quê? – insiste Éden.

– Você teria *concordado*? – Eu me aproximo dele, olho de relance para os soldados e os refugiados, e baixo a voz. – Sei que declarei meu apoio a Anden, mas isso não quer dizer que esqueci o que a República fez com nossa família. Com *você*. Quando você ficou doente, quando as patrulhas da praga vieram à nossa casa e te levaram naquela maca, com sangue escurecendo seus olhos... – Paro de falar e faço a cena desaparecer. Já a revivi um milhão de vezes, não preciso fazer isso de novo. A lembrança me provoca um espasmo de dor na nuca.

– Você pensa que eu não sei disso? – replica Éden, em voz baixa e desafiadora. – Você é meu irmão e não minha mãe.

Estreito os olhos e digo:

– Agora eu sou.

– Não, você não é. Mamãe está morta. – Édén respira fundo. – Lembro muito bem o que a República fez com a gente, é claro que me lembro. Mas as Colônias estão invadindo, e quero ajudar.

Não consigo acreditar que Édén esteja dizendo isso. Ele não compreende até onde a República pode chegar. Será que esqueceu os experimentos? Eu me inclino para a frente e ponho a mão no seu pulso minúsculo.

– Os testes podem te matar, você se dá conta disso? E talvez nem encontrem a cura usando o seu sangue.

Édén se retrai mais uma vez e diz:

– A decisão é minha, não sua.

Suas palavras ecoam as que June disse antes.

– Tudo bem – replico. – Então, o que você quer fazer, guri?

Ele se enrijece e responde:

– Talvez eu queira ajudar.

– Você está mesmo de gozação! Você quer se voluntariar para os testes? Será que não está fazendo isso só pra me contrariar?

– Eu estou falando sério.

Sinto um nó na garganta e me ponho a falar:

– Édén, perdemos mamãe e John. Papai também já se foi. Você é tudo o que eu tenho. Não posso te perder também. Tudo que fiz até hoje foi por você. Não vou deixar que se arrisque para salvar a República, muito menos as Colônias.

O desafio se esvai dos olhos de Édén. Ele leva os braços até o corrimão e apoia a cabeça nas mãos.

– Se tem uma coisa de que eu tenho certeza é que você não é egoísta.

Não digo nada. Eu *sou* um egoísta. Quero que Édén fique protegido, fora do alcance do mal, e que se dane o que ele achar disso. Mas suas palavras me fazem sentir culpa. Quantas vezes John tentou me manter longe de problemas? Quantas vezes ele me preveniu para não me meter com a República, nem tentar encontrar a cura para Édén? Nunca lhe dei ouvidos, e não me arrependo. Édén me olha com olhos que não podem ver, deficiência

essa causada pela República. E agora ele está se oferecendo como um cordeirinho para o abate, e não consigo entender por quê.

Não é verdade. Eu entendo. Ele é igual a mim e está fazendo exatamente o que eu faria.

Mas a ideia de perdê-lo é insuportável. Ponho a mão em seu ombro e o oriento para dentro do vagão.

– Primeiro você vai para LA. Depois a gente fala sobre isso. É melhor você pensar melhor, porque se se oferecer como voluntário e...

– Eu *já* pensei – responde Éden. Depois se solta de mim e recua, atravessando a porta da sacada. – E depois, se viessem me pegar, você acha mesmo que a gente seria capaz de impedir?

E então chega a vez dele. Lucy o ajuda a entrar no trem, e seguro sua mão por um instante, antes que ele precise soltá-la. Apesar de estar muito aborrecido comigo, Éden aperta minha mão com força e diz:

– Vem logo, tá bem?

De repente, ele atira os braços ao redor do meu pescoço. Ao seu lado, Lucy me dá um dos seus sorrisos reconfortantes.

– Não se preocupe, Daniel. Vou ficar de olho nele como uma águia.

Faço um sinal de agradecimento com a cabeça. Depois abraço Éden com força e respiro fundo.

– Não vou demorar, não, garoto – sussurro. Depois, relutante, solto os dedos dele dos meus, e Éden desaparece no metrô. Momentos depois, o trem sai da estação, carregando a primeira leva de refugiados rumo à costa oeste da República, deixando para trás as palavras de Éden martelando na minha cabeça.

Talvez eu queira ajudar.

Depois que o trem parte, permaneço sentado por um tempo, perdido em pensamentos, relembrando repetidamente aquelas palavras. Eu agora sou seu tutor e tenho todo o direito de cuidar para que não sofra nenhum mal. Não sou louco para deixar que ele volte a ser cobaia dos laboratórios da República, depois de tudo o que fiz para que ele não voltasse para lá. Fecho os olhos e enterro as mãos no cabelo.

Após algum tempo, volto para sala onde estão os Patriotas. A porta está aberta. Quando entro, Pascao para de alongar os braços e Tess olha para mim de onde está terminando de colocar o curativo no ombro machucado da garota.

– Então – digo, fixando o olhar em Tess –, vocês voltaram para mostrar às Colônias o significado da palavra inferno?

Tess olha para baixo.

Pascao dá de ombros e diz:

– Não vai fazer diferença se não deixarem a gente voltar. Por quê? Você tem alguma coisa em mente?

– O Eleitor deu permissão para vocês voltarem. Desde que eu fique no comando, ele acha que a gente não vai fazer nada contra a República.

Que medo mais idiota, penso. Eles estão com meu irmão.

Um leve sorriso se espalha no rosto de Pascao.

– Isso aí pode ser bem maneiro. Conta logo teu plano.

Ponho as mãos no bolso e volto a usar minha máscara arrogante.

– Tem a ver com uma coisa que eu sei fazer bem.



JUNE

51,5 HORAS DESDE MINHA CONVERSA COM THOMAS.

15 HORAS DESDE QUE ESTIVE COM Day.

8 HORAS DESDE QUE AS COLÔNIAS BOMBARDEARAM O QUARTEL DOS VEÍCULOS BLINDADOS.

Estamos no avião do Eleitor, a caminho de Ross City, na Antártida.

Estou sentada em frente a Anden. Ollie está deitado a meus pés. Os outros dois Primeiros Cidadãos se encontram num compartimento anexo, separados de nós por um vidro (de 1m x 2m, à prova de bala, o emblema da República gravado no lado voltado para mim, a julgar pelo contorno da gravação). Do lado de fora da janela, o céu está azul; um cobertor de nuvens forra a parte inferior de nossa visão. A qualquer minuto devemos sentir o avião mergulhar e ver a metrópole da Antártida se estender à nossa frente.

Permaneci calada a maior parte da viagem, escutando Anden atender uma série de ligações intermináveis de Denver sobre a batalha. Só quando estamos quase sobrevoando as águas da Antártida ele finalmente fica em silêncio. Observo a luz brincar sobre seus traços, contornando o rosto jovem cuja mente abriga pensamentos pessimistas sobre o mundo.

– Qual é a história entre nós e a Antártida? – pergunto, após algum tempo. O que realmente quero saber é: “Você acha que eles vão nos ajudar?”, mas essa pergunta é meio descabida, já que é impossível de ser respondida e, conseqüentemente, inútil.

Anden desvia o olhar da janela e concentra os brilhantes olhos verdes em mim.

– A Antártida é nossa aliada. Nos ajuda há décadas. Nossa economia não é forte o bastante para se aguentar por si só.

Ainda me inquieta o fato de que a nação que outrora acreditei ser tão poderosa esteja lutando para sobreviver.

– E qual é nosso relacionamento com eles agora?

Anden continua a me olhar fixamente. Percebo a tensão nos seus olhos, mas o rosto continua sereno.

– A Antártida prometeu duplicar sua ajuda se conseguirmos elaborar um tratado que faça com que as Colônias voltem a se entender conosco. E ameaçou cortar sua assistência financeira pela metade se não fecharmos um acordo até o final do ano. – Ele faz uma pausa. – Essa visita não é apenas para pedir ajuda, mas também para tentar persuadi-los a não suspender esse apoio.

Temos de explicar por que tudo desmoronou. Engulo em seco e pergunto:

– E por que a Antártida?

– Eles têm uma longa rivalidade com a África – responde Anden. – Se tem algum país poderoso que pode nos ajudar a vencer uma guerra contra as Colônias, esse país é a Antártida. – Ele se inclina para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos. Suas mãos enluvadas estão a trinta centímetros das minhas pernas. – Vamos ver o que vai acontecer. Devemos muito dinheiro a eles, que não têm estado muito satisfeitos conosco nos últimos anos.

– O Presidente já se reuniu pessoalmente com você?

– Às vezes eu vinha com meu pai às reuniões dos dois. – Ele me dá um sorriso maroto, que me provoca uma inesperada sensação gostosa no estômago. – Durante as reuniões, ele era um sedutor. Você acha que tenho alguma chance?

Retribuo o sorriso. Percebo o duplo sentido em sua pergunta; ele não se referiu apenas à Antártida. Resolvo dizer então:

– Você é carismático, se é isso que quer saber.

Anden dá uma risadinha que me anima. Ele desvia o olhar, baixa os olhos e murmura:

– Ultimamente não tenho conseguido encantar ninguém.

O avião mergulha. Fico atenta à janela, respiro fundo e me esforço para que ele não repare que minhas bochechas estão coradas.

As nuvens se aproximam à medida que descemos, e logo somos envoltos por uma névoa cinzenta em espiral. Após alguns minutos, ela se abre e

vemos uma extensão maciça de terra coberta por uma densa camada de altos edifícios, de grande variedade de cores. Prendo a respiração diante desse panorama. Um só olhar é tudo de que preciso para constatar a enorme distância de tecnologia e riqueza entre a República e a Antártida. Uma cúpula fina e transparente se estende pela cidade, mas a atravessamos tão facilmente como fizemos com as nuvens.

Cada construção parece ter a capacidade de mudar de cor por capricho (duas passaram de um tom verde-pastel para um azul-escuro, e outra, de dourado para branco). Todos os edifícios parecem novos em folha, reluzentes e impecáveis de uma maneira em que pouquíssimos prédios da República se encontram. Pontes enormes e harmoniosas estão ligadas a muitos dos gigantescos arranha-céus, brilhantemente brancas sob o sol. Cada uma delas liga o andar do prédio a seu prédio adjacente, formando uma rede semelhante a uma colmeia de marfim.

As pontes mais elevadas têm plataformas redondas no meio. Ao olhar mais de perto, vejo o que parecem ser aeronaves estacionadas nas plataformas. (Mais uma esquisitice: todos os edifícios têm enormes hologramas prateados de números flutuando sobre o telhado, e cada um deles varia de zero a trinta mil. Franzo a testa; estariam sendo emitidos por uma luz em cada telhado? Talvez representem a população que vive em cada um dos arranha-céus, embora, se fosse esse o caso, trinta mil seria um teto relativamente baixo, em vista do tamanho de cada edifício.)

A voz do piloto, pelo dispositivo de comunicação, nos avisa que vamos aterrissar. À medida que os prédios coloridos pouco a pouco ocupam nossa visão, focalizamos uma das plataformas da ponte. Lá em baixo, vejo funcionários se apressando para preparar o pouso do nosso jato. Quando finalmente pairamos sobre a plataforma, um solavanco nos joga de lado nos assentos. Ollie levanta a cabeça e rosna.

– Estamos sendo magneticamente aterrissados – explica Anden, ao ver minha expressão surpresa. – Daqui em diante, nosso piloto não precisa fazer nada. A própria plataforma vai nos pousar.

Pousamos tão harmoniosamente que não sinto nada. Quando saímos do avião junto com nossa comitiva de senadores e guardas, fico impressionada

com a temperatura agradável. E surpresa com a brisa fresca e o calor do sol. Não estamos num dos polos da Terra? (Calculo que a temperatura seja de 22°C, com ventos do sudoeste e uma brisa surpreendentemente leve, considerando-se a altura em que estamos do solo.) Lembro-me então da cúpula fina e transparente que atravessamos. Pode ser a maneira pela qual o clima nas cidades da Antártida é controlado.

Fico também abismada ao ver que somos imediatamente transportados para uma tenda de plástico por uma equipe usando trajes brancos à prova de riscos biológicos e máscaras de gás. (A notícia da praga nas Colônias já deve ter chegado até aqui.) Uma pessoa rapidamente inspeciona meus olhos, nariz, boca e ouvidos, e em seguida passa uma intensa luz verde pelo meu corpo inteiro. Espero, calada e inquieta, enquanto a pessoa (não dá para saber se é homem ou mulher) analisa a leitura num dispositivo manual. Pelo canto do olho, vejo Anden ser submetido aos mesmos testes. Ser o Eleitor da República não exclui necessariamente a possibilidade de estar contaminado pela praga. Passam-se uns dez minutos antes de sermos todos liberados e conduzidos para fora da tenda.

Anden cumprimenta três autoridades da Antártida (cada uma vestindo um traje verde, preto ou azul, talhado em estilo estranho), que nos esperam na ponte de pouso com alguns guardas.

– Espero que tenham feito boa viagem – diz uma delas quando Mariana, Serge e eu nos aproximamos. Ela nos cumprimenta em inglês, mas tem um sotaque forte e exuberante. – Se preferirem, podemos mandá-los de volta para casa em um de nossos jatos.

A República está longe de ser perfeita; sei disso há muito tempo, desde que conheci Day, mas as palavras dessa mulher são tão arrogantes que me dão raiva. Parece que nossos jatos não valem grande coisa para eles. Olho para Anden a fim de ver sua reação, mas ele simplesmente inclina a cabeça, dirige um lindo sorriso à mulher e diz:

– *Gracias*, Lady Medina. A senhora é sempre tão gentil. Agradeço muito sua oferta, mas não quero importunar. Vamos nos contentar com nossos jatos.

Não posso deixar de admirar Anden. A cada dia, comprovo a pesada carga que ele carrega.

Depois de alguma discussão, relutantemente deixo um dos guardas levar Ollie para o quarto de hotel onde vou ficar hospedada. Depois seguimos em silencioso cortejo quando nossos anfitriões nos conduzem para fora da plataforma e pela ponte, rumo ao edifício anexo (de cor escarlate, embora eu não saiba direito se isso foi em honra do nosso pouso). Faço questão de caminhar perto da beira da ponte, para poder contemplar a cidade lá embaixo.

Excepcionalmente, demoro a contar os andares (baseada nas pontes que se expandem de todos os andares, este edifício tem mais de trezentos andares, aproximadamente trezentos e vinte e sete, embora eu tenha desviado o olhar algumas vezes para não ter vertigens). A luz do sol banha os andares superiores, mas os andares inferiores estão também bastante iluminados; devem estar simulando a luz do sol para os pedestres no térreo. Observo Anden e Lady Medina conversando, rindo como se fossem velhos amigos. Anden está tão concentrado na conversa, que não sei dizer se simpatiza de verdade com essa mulher ou se está apenas sendo politicamente correto. Aparentemente, nosso falecido Eleitor soube treinar bem o filho em relações internacionais.

A entrada pela ponte do edifício, uma abóbada emoldurada por espirais rebuscadamente gravadas, desliza para nos receber. Estamos num lobby bem decorado (um espesso tapete cor de marfim que, para meu fascínio, explode em espirais coloridas onde quer que eu pise; fileiras de vasos de palmeiras, uma parede de vidro curvado exibindo anúncios vívidos e o que parece ser um tipo de estações interativas para coisas que não compreendo). Ao caminharmos, as autoridades que nos receberam nos entregam um fino par de óculos. Anden e muitos dos senadores imediatamente os colocam, como se estivessem acostumados a esse ritual, mas, de qualquer forma, os anfitriões nos dão uma explicação. Eu me pergunto se sabem quem sou, ou se se importam com isso. É evidente que repararam que fiquei intrigada com os óculos.

– Usem esses óculos durante toda a sua estada – recomenda-nos Lady Medina com seu forte sotaque, embora eu saiba que suas palavras se dirigem a mim. – Eles vão ajudá-los a ver como é Ross City.

Perplexa, ponho os óculos.

Pisco, surpresa. A primeira coisa que *sinto* é uma pequena cócega nos ouvidos, e a primeira que *vejo* são pequenos números brilhantes pairando sobre as cabeças de nossos anfitriões da Antártida. Lady Medina estampa 28.627: *NÍVEL 29*, enquanto seus dois acompanhantes (que ainda não emitiram nenhum som) têm os números 8.819: *NÍVEL 11* e 11.201: *NÍVEL 13*. Quando olho ao redor do lobby, reparo que há vários números e palavras virtuais espalhados: acima da planta verde bulbosa no canto pode-se ver *ÁGUA: +1*, enquanto *LIMPO: +1* flutua sobre uma mesa lateral escura em meio círculo. Pelo canto dos óculos, vejo estas palavras minúsculas e reluzentes:

JUNE IPARIS
PRIMEIRA CIDADÃ 3
REPÚBLICA DA AMÉRICA
NÍVEL 1
22, SETEMBRO, 2132
CONTAGEM DIÁRIA: 0
CONTAGEM ACUMULADA: 0

Recomeçamos a andar. Nenhum dos outros parece muito preocupado com o massacre do texto e dos números virtuais dispostos sobre o mundo real, por isso fico sozinha com minha intuição. (Embora os anfitriões não estejam usando óculos, de vez em quando eles piscam para as coisas virtuais de uma forma que me faz pensar se têm algum dispositivo implantado nos olhos, ou talvez no cérebro, que permanentemente simule todas essas coisas virtuais para eles.)

Um dos dois companheiros de Lady Medina, um homem de ombros largos, cabelos brancos, olhos muito escuros e pele acastanhada, caminha mais devagar do que os outros. Ele acaba me alcançando quase no fim do cortejo e se põe ao meu lado. Fico nervosa com sua presença, mas quando ele fala, sua voz é baixa e gentil:

– Srta. June Iparis?

– Sim, senhor – respondo, e baixo a cabeça em sinal de respeito, como Anden havia feito. Para minha surpresa, vejo que mudam os números no canto dos meus óculos:

22, SETEMBRO, 2132

CONTAGEM DIÁRIA: 1

CONTAGEM ACUMULADA: 1

Minha mente entra em parafuso. De alguma forma, os óculos devem ter registrado minha breve reverência e acrescentaram um ponto ao sistema de contagem da Antártida, o que quer dizer que fazer uma reverência equivale a um ponto. Isso também acontece quando percebo outra coisa. Quando o homem grisalho falou, não detectei nenhum sotaque: ele estava falando um inglês perfeito. Olho de relance para Lady Medina e, ao ouvir algumas palavras do que ela está dizendo a Anden, reparo que seu inglês também está impecável. A coceira que senti nos ouvidos quando coloquei os óculos talvez esteja agindo como um tipo de dispositivo de tradução de idiomas, fazendo com que as pessoas da Antártida voltem à sua língua nativa ao se comunicarem conosco, sem que percamos o significado de nada.

O homem grisalho se inclina para mim e sussurra:

– Sou o soldado Makoare, um dos mais recentes guarda-costas de Lady Medina. Ela me designou para ser seu guia, srta. Iparis, porque a senhorita não conhece nossa cidade. É muito diferente da sua República, não é?

Ao contrário de Lady Medina, a maneira pela qual o soldado Makoare falou não foi nada condescendente, e sua pergunta não me afeta negativamente.

– Obrigada, senhor – respondo, agradecida. – Sim, devo reconhecer que esses números virtuais que vejo em todos os lugares me são estranhos e não os compreendo bem.

Ele sorri e coça o queixo grisalho.

– A vida em Ross City é um jogo do qual todos nós participamos. Os nativos da Antártida não precisam de óculos como os visitantes: todos temos *chips* inseridos perto das nossas têmporas quando fazemos treze anos. É um programa que atribui pontos a tudo ao nosso redor. – Ele gesticula para as plantas e pergunta: – A senhorita está vendo as palavras *Água – Mais Um* pairando sobre aquela planta? – Faço um aceno afirmativo com a cabeça. – Por exemplo, se a senhorita quisesse regar aquela planta, receberia um ponto por isso. Quase todas as ações positivas de uma pessoa em Ross City lhe dão pontos, enquanto as ações negativas tiram pontos. À medida que se acumulam pontos, galgam-se níveis. Neste instante, seu nível é Um. – Ele faz uma pausa e aponta para o número virtual que flutua acima de sua cabeça. – Meu nível atual é Treze.

– Qual o sentido de se ganhar mais níveis? – pergunto, quando saímos do hall e entramos num elevador. – Isso determina seu status na cidade? Serve para manter os civis na linha?

O soldado Makoare concorda com a cabeça e afirma:

– A senhorita vai ver.

Saímos do elevador e nos dirigimos a mais uma ponte (desta vez, ela está coberta por um teto de vidro arqueado) que liga este edifício a outro. Enquanto caminhamos, começo a entender o que o soldado Makoare quer dizer. O novo prédio em que entramos é uma enorme academia. Quando espreitamos através de painéis de vidro, vejo salas de aula cheias de fileiras que devem ser de estudantes: todos têm suas contagens de pontos e níveis pairando sobre as cabeças. À frente da sala, uma gigantesca tela de vidro exhibe uma série de perguntas de matemática, acima das quais mostram uma contagem reluzente de pontos:

CÁLCULO - SEGUNDO SEMESTRE

P1: 6 PTS

P2: 12 PTS

E assim por diante. A certa altura, reparo que um dos alunos tenta se debruçar sobre um colega para “colar”. A contagem de pontos sobre sua cabeça fica vermelha, e um segundo depois o número diminui cinco pontos:

COLA: -5 PTS

1.642: NÍVEL 3

O aluno fica sem reação, e depois volta rapidamente a prestar atenção na sua prova.

O soldado Makoare sorri ao me ver analisando a situação.

– O nível que a pessoa tem é importantíssimo em Ross City. Quanto maior o seu nível, mais dinheiro você pode ganhar e mais respeito você terá. Você pode candidatar-se aos cargos mais importantes também. Os indivíduos com as maiores contagens são muito admirados e famosos. – Ele aponta para as costas do estudante que tentou colar. – Como a senhorita pode ver, nossos cidadãos se encontram tão absorvidos nesse jogo da vida, que a maioria sabe muito bem que não deve fazer coisas que diminuirão suas contagens. Como resultado, a incidência de crimes em Ross City é mínima.

– Fascinante – murmuro com os olhos ainda fixos na sala de aula, mesmo quando chegamos ao final do corredor e nos dirigimos a outra ponte. Depois de algum tempo, surge uma nova mensagem no canto dos meus óculos:

CAMINHOU 1.000 METROS: +2 PTS

CONTAGEM DIÁRIA: 3

CONTAGEM ACUMULADA: 3

Para minha surpresa, ver esses números me provoca uma breve sensação de dever cumprido. Viro-me para o soldado Makoare e digo:

– Dá pra entender por que esse sistema de nivelamento é uma boa motivação para os seus conterrâneos: ele é genial!

Acho melhor não dizer em voz alta meu pensamento seguinte, mas secretamente me pergunto: *Como eles fazem para diferenciar boas e más ações?* Quem decide isso? O que acontece quando alguém fala mal do governo? Sua contagem sobe ou desce? Fico maravilhada com a tecnologia disponível no país: ela evidencia, pela primeira vez, o enorme atraso da República em relação à Antártida. Será que as coisas sempre foram assim tão desiguais? Será que alguma vez fomos os líderes?

Após algum tempo, nós nos acomodamos em um edifício com uma grande sala circular usada para reuniões diplomáticas (Lady Medina a chama de “Sala de Debates”). O recinto está cheio de bandeiras de países ao redor do mundo. No centro da sala há uma comprida mesa de mogno. Os representantes da Antártida se sentam em um dos lados, e nós, do outro. Mais dois representantes com níveis próximos ao de Lady Medina se juntam a nós quando começamos a apresentar nossa proposta, mas é um terceiro representante que atrai minha atenção. Ele é um quarentão de cabelo cor de bronze, pele morena e barba bem aparada. As palavras que flutuam sobre sua cabeça dizem *NÍVEL 202*.

– Este é o Presidente Ikari – anuncia Lady Medina ao apresentá-lo a nós. Anden e os demais senadores inclinam respeitosamente a cabeça, e eu faço o mesmo. Embora não me atreva a desviar os olhos da conferência, posso ver a bandeira da República com minha visão periférica. Com meus óculos, vejo os dizeres virtuais *REPÚBLICA DA AMÉRICA* em letras reluzentes acima da bandeira. Bem ao seu lado está a bandeira das Colônias, com suas listras pretas e cinza e o cintilante pássaro dourado no centro.

Algumas bandeiras dos outros países exibem a palavra “*Aliado*” sob o nome, mas não a nossa.

Desde o início, a discussão é tensa.

– Parece que os planos de seu pai se viraram contra vocês – diz o Presidente a Anden. Ele se inclina rigidamente para a frente e continua: – É

claro que as Nações Unidas estão preocupadas porque a África já se uniu às Colônias. As Colônias recusaram o convite para se reunir conosco.

Anden suspira e diz:

– Nossos cientistas estão trabalhando muito para encontrar a cura. – Reparo que ele não menciona o irmão de Day, nem a falta de cooperação dele. – Mas as forças das Colônias estão inundadas de dinheiro e do apoio militar da África. Precisamos de ajuda para reprimi-las ou seremos derrotados ainda este mês. O vírus poderia se alastrar para nosso país também...

– O senhor fala com ardor – interrompe o Presidente –, e não tenho dúvida de que está realizando grandes feitos como novo líder da República, mas numa situação como esta, o vírus precisa ser contido, e eu soube que as Colônias já invadiram sua fronteira.

Os olhos cor de mel do Presidente são penetrantemente vivos. Quando Serge tenta falar, o Presidente o silencia na hora e não tira os olhos de Anden.

– Deixe que seu Eleitor responda.

Serge se recolhe, mal-humorado, mas não antes de eu perceber um olhar presunçoso entre os senadores. Isso me dá raiva. Eles – o senador, o presidente da Antártida e até os próprios Primeiros Cidadãos – estão zombando de Anden de maneira sutil, interrompendo-o, enfatizando sua pouca idade. Olho para Anden, e silenciosamente desejo que ele se defenda. Mariana lhe dirige um aceno positivo com a cabeça e diz:

– Senhor?

Sinto alívio quando Anden dirige um olhar reprovador a Serge, levanta o queixo e responde calmamente:

– Sim, conseguimos detê-los até agora, mas eles estão nos arredores de nossa capital.

O Presidente se inclina para a frente e apoia os cotovelos na mesa.

– Quer dizer que há uma possibilidade de que esse vírus já tenha chegado ao seu território?

– Sim – responde Anden.

O Presidente se cala por um momento e finalmente pergunta:

– O que exatamente o senhor deseja de nós?

– Precisamos de suporte militar. Seu exército é o melhor do mundo.

Ajude-nos a proteger nossas fronteiras, mas, principalmente, ajude-nos a descobrir uma cura. As Colônias já nos advertiram que só um antídoto fará com que recuem. E nós precisamos de tempo para que isso aconteça.

O Presidente comprime os lábios e balança a cabeça.

– Nada de suporte militar, dinheiro ou suprimentos. Lamento, mas vocês já estão nos devendo muito. O que *posso* fazer é oferecer meus cientistas para ajudá-los a encontrar a cura para a doença, mas *não* vou enviar minhas tropas para uma área infestada por uma praga. É perigoso demais. – Ao ver a expressão no rosto de Anden, seu olhar se endurece e ele acrescenta: – Por favor, mantenham-nos a par, porque espero tanto quanto vocês que o assunto seja resolvido. Peço desculpas por não poder ser de mais ajuda para o senhor, Eleitor.

Anden se debruça na mesa, junta os dedos e pergunta:

– O que posso fazer para persuadi-lo a nos ajudar, sr. Presidente?

O Presidente recosta-se na cadeira e olha um instante para Anden com uma expressão meditativa. Isso me dá calafrios. Ele estava esperando que Anden perguntasse aquilo.

– O senhor vai ter de me oferecer algo que valha a pena – diz finalmente. – Uma coisa que seu pai nunca me ofereceu.

– E o que seria?

– Parte de suas terras.

Meu coração se contrai de dor ao ouvir essas palavras. Ceder terras. Para salvar nosso país, vamos ter de nos vender a outra nação. Isso faz eu me sentir como se estivéssemos vendendo nossos próprios corpos. Ou oferecendo um filho para um desconhecido. Ou destruindo parte de nossa casa. Olho para Anden, tentando decifrar suas emoções sob o exterior controlado.

Anden olha para ele durante um longo momento. Estará pensando o que seu pai diria numa situação dessas? Estará se perguntando se é um líder tão bom para seu país quanto foi seu pai? Finalmente, Anden baixa a cabeça e, com elegância e até humildade, diz com serenidade:

– Estou aberto a discussões.

O Presidente assente; percebo um sorrisinho no canto de sua boca.

– Então, vamos discutir. Se o senhor descobrir a cura desse vírus e se chegarmos a um acordo sobre as terras, eu lhe prometo suporte militar. Até então, o mundo vai ter de lidar com isso como fazemos com qualquer pandemia.

– E o que o senhor quer dizer com isso, Presidente?

– Vamos precisar vedar seus portos e fronteiras, assim como os das Colônias. Outras nações serão avisadas. Estou certo de que o senhor compreende.

Anden fica em silêncio. Espero que o Presidente não repare na minha expressão arrasada. A República inteira terá de ficar em quarentena.



June foi para a Antártida, e Éden, para Los Angeles, com a segunda leva de refugiados. O restante de nós está confinado neste abrigo, escutando enquanto as Colônias continuam a nos atacar. O combate parece pior agora. Às vezes a terra treme tanto que uma poeira fina cai do teto, cobrindo de cinzas as fileiras de refugiados que se apressam para entrar nos trens nas plataformas. Luzes giratórias acima do túnel nos deixam avermelhados. Eu me pergunto como estarão resistindo os outros abrigos da cidade.

As desocupações se tornam mais urgentes na medida em que cada trem que parte é substituído imediatamente por outro. Não se sabe por quanto tempo este túnel permanecerá estável. De vez em quando, vejo soldados empurrando civis de volta às filas. “Fila única!”, gritam, levantando as armas de modo ameaçador. Seus rostos estão escondidos atrás das viseiras dos capacetes de choque, familiares demais para meu gosto. “Os dissidentes serão deixados para trás, sem hesitação. Vamos andando!”

Permaneço numa extremidade do abrigo, encolhido junto de Pascao, Tess e os outros Patriotas que sobraram, enquanto a chuva de poeira continua a cair. A princípio, alguns soldados tentaram me forçar a entrar num dos vagões, mas me deixaram em paz depois que os “amaciei” com um monte de palavrões. Agora estão me ignorando. Observo as pessoas encherem o trem por alguns segundos antes de voltar a conversar com Pascao. Tess está sentada ao meu lado, embora a tensão silenciosa entre nós me faça sentir como se ela estivesse a quilômetros de distância de mim. Minha dor de cabeça incessante lateja na minha nuca, a uma cadência monótona.

– Você viu mais da cidade do que eu – sussurro para Pascao. – Você acha que o quartel dos blindados está resistindo bem?

– Duvido muito. Com outro país ajudando as Colônias, não seria surpresa pra mim se o quartel dos blindados entregasse os pontos em

poucos dias. Debaixo desse tipo de ataque, acho que eles não vão aguentar muito tempo, não.

Viro o rosto para ver quantas pessoas ainda estão esperando para embarcar nos trens.

– Como é que a gente pode dificultar as coisas pras Colônias? – pergunto.

É Frankie, a Hacker com o ombro machucado, quem me responde:

– Se a gente achar umas eletrobombas – diz, pensativa –, é bem possível que eu consiga reprogramá-las para interferir com algumas das armas das Colônias ou algo do tipo. Talvez também dê para destruir uns jatos inimigos com elas.

Jatos. É isso aí. Anden tinha mencionado os jatos das Colônias estacionados num aeroporto improvisado fora dos muros do quartel dos blindados.

– Eu posso conseguir algumas dessas bombas, e umas granadas também – afirmo.

Pascao estala a língua, animado.

– Quer dizer que a gente pode acrescentar diversão à nitroglicerina no seu plano? Adorei, cara! – Ele se vira e se dirige a Baxter, que me olha de cara feia. Sua orelha parece tão estropiada como sempre. – Baxter, você fica com Gioro e Frankie; eles vão precisar de cobertura enquanto executam o truque de mágica deles.

– Pascao – digo tranquilamente –, que tal um truque para chamar atenção dos pobres soldados das Colônias?

Ele ri e responde:

– Meu caro, sendo o Corredor que sou, diria que essa é uma das especialidades da casa!

– Vamos brincar com eles um pouco. Quero que você seja meu dublê enquanto eu me mando para o aeroporto improvisado deles.

– Maneiro!

– Ótimo. – Apesar da gravidade da situação, sorrio. Minha voz incorpora um tom arrogante: – Hoje à noite vamos mandar para os ares um monte de máquinas militares caras e inúteis.

– Você só pode estar de sacanagem! – replica Baxter. – A própria República não consegue manter as Colônias longe daqui, e você acha que nosso *grupinho* tem alguma chance?

– Nós não precisamos acabar com eles. Tudo que a gente tem que fazer é ganhar tempo, e sei que somos bons nisso.

Baxter solta uma gargalhada desdenhosa, mas o sorriso de Pascao aumenta. Tess se remexe desconfortavelmente ao meu lado. Ela deve estar se lembrando de todos os meus delitos passados, e das ataduras que precisava colocar em mim depois de tudo que eu aprontava. Vai ver, está preocupada comigo. Ou talvez esteja satisfeita; talvez desejasse que eu não estivesse aqui, mas acontece que ela voltou por minha causa. Foi isso que ela disse, não foi? Ela ainda deve se importar comigo, pelo menos um pouco. Tento pensar na coisa certa a lhe dizer para acabar com este silêncio constrangedor, mas em vez disso faço perguntas às pessoas que participam da conversa:

– Vocês me disseram que voltaram pra cá porque queriam ser perdoados, mas podiam ter tentado fugir para outro país que não a República, certo? Aí vocês nem precisariam ajudar a República. Anden... isto é, o Eleitor, de qualquer maneira teria perdoado a todos vocês.

Olho para Pascao e digo:

– Você sabia disso, não sabia? Abre logo o jogo: por que vocês todos voltaram pra cá? Sei que não foi só porque ouviram meu apelo.

O sorrisinho de Pascao desaparece, e por um instante ele fica sério: suspira, olha para todos do nosso pequeno grupo e finalmente diz:

– Somos os Patriotas, certo? Nosso objetivo é ver os Estados Unidos se recuperarem de qualquer modo. Do jeito que as coisas estão nas Colônias, não sei se eles seriam os caras certos pra causar essa mudança. Mas reconheço que o novo Eleitor da República tem potencial, e depois da safadeza que o Razor fez com a gente, até *eu* acho que Anden pode ser a resposta que a gente tem procurado. – Pascao faz uma pausa e assente para Baxter, que apenas dá de ombros. – Até o Baxter concorda com isso.

Franzo a testa e digo:

– Quer dizer que vocês vieram pra cá porque realmente querem ajudar a República a vencer a guerra? Vocês querem, de verdade, nos ajudar a nos defendermos? – Pascao faz um sinal afirmativo com a cabeça. – Por que vocês não disseram isso quando foram presos? Teria feito diferença.

– Duvido muito. – Pascao balança a cabeça. – Eles nunca iriam acreditar na gente. Logo os Patriotas, os terroristas que costumavam botar os soldados da República pra correr sempre que tinham uma chance? Até parece. Achei que seria melhor a gente dar uma de humilde e pedir perdão. Isso ia parecer mais verdadeiro pro seu Eleitor e pra sua pequena Primeira Cidadã.

Fico em silêncio. Quando Pascao me vê hesitar, limpa a poeira das mãos e se levanta.

– Mais ação, menos conversa! A gente não tem tempo a perder; lá em cima tá uma loucura! – Ele gesticula para os outros Patriotas se juntarem num círculo e começa a atribuir as tarefas individuais. Eu fico agachado.

Tess respira fundo e, quando vê que estou olhando para ela, fala comigo pela primeira vez desde que nos reencontramos. Ela diz baixinho, para que os demais não possam ouvir: – Desculpa, Day.

Fico paralisado, apoiando os cotovelos nas pernas agachadas.

– Mas por quê? Você não fez nada de errado.

– Fiz sim. – Tess desvia o olhar. Como é que ela cresceu tão depressa? Continua magra e delicada, mas seus olhos pertencem a outra pessoa, a alguém mais madura. – Eu não tive a intenção de deixar você pra trás, nem tive a intenção de culpar June por tudo. Pra ser sincera, não acredito que ela seja má. *Nunca* acreditei nisso. É que eu estava muito... Chateada.

O rosto dela me atrai como um ímã, igual a quando a vi pela primeira vez, fuçando uma caçamba de lixo. Tenho vontade de dar um abraço nela, mas me controlo e espero que ela dê o primeiro passo.

– Tess... – digo devagar, tentando determinar a melhor maneira de expressar o que estou sentindo. Droga, já falei tanta besteira para ela... – Eu te amo. Independente do que acontecer entre nós.

Tess passa os braços ao redor dos joelhos e diz:

– Eu sei.

Engulo em seco e olho para baixo.

– Mas não do jeito que você gostaria. Lamento se te fiz pensar o contrário. Acho que nunca te tratei tão bem quanto você merecia. – Meu coração se contrai dolorosamente à medida que as palavras saem da minha boca e vejo o impacto que elas têm sobre ela. – Por isso, não se desculpe; a culpa é minha, não sua.

Tess balança a cabeça.

– Eu sei que você não me ama “daquele” jeito. Ou você acha que ainda não sei disso? – Sua voz tem um tom amargo. – Mas você não sabe o que sinto por você. Ninguém sabe.

Eu nivelo meu olhar com o dela.

– Então me conte.

– Day, você significa mais para mim do que uma simples paixonite. – Ela franze o cenho ao tentar se explicar: – Quando o mundo inteiro me virou as costas e me condenou a morrer sozinha nas ruas, *você* me acolheu. Você foi a única pessoa que se importou com o que poderia me acontecer. Você foi tudo. *Tudo* . Você se tornou minha família: meus pais, meus irmãos e meu guardião, meu único amigo e companheiro; você foi meu protetor, mas, ao mesmo tempo, era alguém que precisava de proteção também. Entende? Eu não te amava da maneira que você achava que eu amava... Quer dizer, isso também fazia parte de tudo que eu sentia por você. Mas o que eu sinto vai muito além disso.

Abro a boca para responder, mas não sai uma palavra. Não sei o que dizer. Tudo que posso fazer é *ver* .

A respiração de Tess está trêmula.

– Por isso, quando pensei que June podia levar você embora, eu não soube o que fazer. Achei que ela estava levando tudo que me importava. Achei que ela estava *tirando* de você todas as coisas que eu não tinha. – Ela baixa os olhos. – É por isso que pedi desculpas. Lamento porque você *não* deveria ser *tudo* pra mim. Eu tinha você, mas me esqueci de que eu também tinha *a mim* . – Ela para e olha para os Patriotas, que conversam concentrados. – É um sentimento novo, ainda estou me acostumando com ele.

Nesse instante, voltamos a ser crianças. Estamos sentados na beirada de um prédio em ruínas, balançando as pernas e observando o sol se esconder no oceano, noite após noite. Penso no quanto já vivemos desde então e na distância que percorremos.

Estendo a mão e dou uma pancadinha no nariz dela como sempre fiz, e ela sorri pela primeira vez.

A noite rapidamente se transformou nas primeiras horas da manhã; a garoa e a neve derretida finalmente deram uma trégua, deixando a cidade reluzindo sob o luar. O alarme de desocupação ainda soa de vez em quando, e os telões continuam sua ameaçadora advertência para procurar abrigo, mas uma breve calmaria toma conta da frente de batalha e o céu não está cheio de jatos e explosões. Acho que ambos os lados devem estar descansando. Esfrego meus olhos cansados e tento ignorar minha dor de cabeça; preciso dormir um pouco.

– Você tá sabendo que não vai ser fácil, né? – murmura Pascao enquanto examinamos a manhã. – Eles devem estar espreitando, à procura de soldados da República.

Estamos empoleirados no topo do quartel dos blindados, observando os campos além dos limites da cidade. Não é que as pessoas não morem do lado de fora do quartel dos blindados, mas, ao contrário de LA – que é uma grande extensão de edifícios que se fundem com as cidades vizinhas –, a população de Denver é mais dispersa fora da segurança de suas muralhas. Há pequenos aglomerados de prédios aqui e ali. Parecem desabitados, e me pergunto se a República viu que as Colônias se aproximavam e abrigou a população no quartel dos blindados. Embora as aeronaves das Colônias tenham regressado ao seu país para reabastecerem, eles deixaram vários jatos nos campos além dos muros da cidade, e as áreas que eles ocuparam estão profusamente iluminadas com holofotes.

Fico meio surpreso com minha repulsa à ideia de as Colônias tomarem posse da República. Há um ano, eu estaria gritando de alegria com todas as minhas forças ao observar essa mesma situação. Agora, porém, minha

cabeça não para de ecoar o lema *Um país livre é um país corporativo*. A propaganda oficial das Colônias me dá arrepios.

Para ser sincero, é difícil escolher: ver meu irmão crescer sob o domínio das Colônias ou vê-lo ser levado pela República mais uma vez para ser usado como cobaia dos experimentos deles?

– É, eles devem estar vigiando – concordo. Afasto-me então da extremidade do quartel de blindados e começo a descer pelo muro. Ao longo do exterior dos muros do quartel, há jatos da República de prontidão. – Mas nós não somos soldados da República. Se eles podem lançar um ataque de surpresa contra nós, a gente também pode.

Pascao e eu estamos vestidos exatamente iguais: de preto dos pés à cabeça e máscaras no rosto. Não fosse por uma ligeira diferença de altura, não creio que alguém pudesse nos distinguir.

– Vocês dois estão prontos? – sussurra Pascao no microfone, dirigindo-se aos nossos hackers. Depois me olha de relance e aponta o polegar para cima. Se eles estão onde deveriam, então Tess também está. *Tenha cuidado*.

Pascao e eu nos juntamos aos soldados da República e deixamos que nos levem até uma passagem subterrânea pequena e discreta. Ela nos conduzirá para fora do quartel dos blindados até o território inimigo. Os soldados fazem um sinal positivo com a cabeça para nos desejar boa sorte antes de voltarem para dentro. Quero muito que tudo dê certo.

Observo a área em que estão os jatos das Colônias. Quando fiz quinze anos, incendiei uma leva novinha em folha de caças F-472 da República, na base aérea de Burbank, em Los Angeles. Essa foi a primeira das peripécias que me levaram ao primeiro lugar da lista dos mais procurados, e um dos crimes que a própria June me fez confessar quando me prenderam. Eu executei essa proeza ao roubar galões de nitroglide azul altamente explosivo e depois derramar o líquido pelo bocal de exaustão e nas extremidades da cauda dos jatos. No instante em que os motores foram acionados, as caudas explodiram.

Parece que foi ontem que isso aconteceu. O desenho dos jatos das Colônias é diferente: têm asas esquisitas, protuberantes na frente, mas, no final das contas, são apenas máquinas. E desta vez, não estou trabalhando

sozinho: tenho o apoio da República. Mais importante ainda: tenho os explosivos da República.

– Você está pronto para fazer sua parte? – sussurro. – As bombas estão aí?

– Você acha mesmo que *eu* ia me esquecer de trazer as bombas? Pensei que me conhecesse melhor. – O tom de voz de Pascao agora é debochado: – Day, sem sacanagem desta vez, ouviu, bonito? Se você sentir vontade de mudar de ideia, só te digo uma coisa: é melhor me avisar primeiro pra gente pelo menos ter tempo de socar a tua cara.

Começo a rir e respondo:

– Sim, senhor!

Nossos trajés se misturam às sombras. Percorremos silenciosamente a curta distância até onde podíamos contar com a cobertura das armas do quartel de blindados. Agora estamos por nossa conta, e poucos metros nos separam do aeroporto improvisado das Colônias. Soldados montam guarda ao longo do campo. Logo depois estão algumas fileiras de tanques. Suas aeronaves podem não estar aqui, mas, sem brincadeira, dá para começar outra batalha com as máquinas de guerra deste lugar.

Pascao e eu nos agachamos atrás de um monte de entulho perto do aeroporto. Tudo que consigo ver com esta luz é a silhueta dele. Ele faz um sinal afirmativo com a cabeça antes de sussurrar alguma coisa no microfone.

Esperamos durante alguns tensos segundos. Então os telões que se encontram nas extremidades exteriores do quartel de blindados se acendem ao mesmo tempo. Exibida nas telas vê-se a bandeira da República, e nos alto-falantes da cidade, o juramento de fidelidade se propaga aos quatro ventos. A história toda se parece exatamente com aqueles filmes típicos de propaganda oficial. Os telões começam a mostrar cenas genéricas de soldados e civis patrióticos, vitórias em guerras e ruas prósperas. No aeroporto, a atenção dos soldados se concentra nos vídeos dos telões. No começo os soldados estão alertas e cautelosos, mas à medida que o vídeo continua por mais alguns segundos eles relaxam.

Ótimo! Eles acham que a República está apenas transmitindo vídeos para levantar o moral. Não há nada de excepcional que faça com que os soldados das Colônias fiquem em alerta máximo; mas é o suficiente para distraí-los. Escolho uma área onde todos os soldados estão assistindo aos telões e aceno positivamente com a cabeça para Pascao. Ele gesticula para mim: é a minha vez de agir.

Estreito os olhos para ver como posso seguir até o aeroporto. Aqui há quatro soldados das Colônias, todos vendo a transmissão; um soldado com uniforme de piloto é quem está mais distante, virado de costas para mim. De onde estou, parece que ele está zombando da transmissão com um companheiro. Espero até todos os soldados desviarem o olhar de onde estou. Depois corro, sem fazer ruído, e me escondo atrás da roda traseira do trem de pouso do jato mais próximo. Tento ocupar o menor espaço possível; meu traje preto se confunde com as sombras.

Um dos guardas olha distraído sobre o ombro para o jato, mas ao não perceber nada interessante, volta a vigiar o quartel dos blindados.

Espero mais alguns segundos, depois endireito minha mochila e subo até a turbina do jato. Meu coração bate forte com ansiedade à sensação de *déjà-vu* que isso provoca em mim. Não perco mais tempo: tiro um pequeno cubo de metal da mochila e o prendo firmemente no interior da turbina. O painel digital do objeto emite um brilho vermelho esmaecido, tão fraco que mal consigo enxergá-lo. Certifico-me de que está bem preso e me posiciono na extremidade da turbina. Não vamos ter muito tempo até que os guardas se desinteressem pelo vídeo da República. Quando não há mais perigo, salto do jato. Minhas botas acolchoadas alcançam o chão sem nenhum barulho. Eu me incorporo de novo às sombras formadas pelo trem de pouso, observo se há guardas e vou até a fila seguinte de jatos. Pascao deve estar fazendo exatamente a mesma coisa no outro lado do campo. Se tudo funcionar como planejado, uma explosão por fileira vai conseguir causar muito estrago.

Quando chego a terceira fila de jatos e termino minha tarefa, estou encharcado de suor. A distância, os telões continuam a exibir propaganda, mas dá para ver que alguns guardas já perderam o interesse em assistir ao vídeo. Está na hora de me mandar. Eu me posiciono no jato para saltar

silenciosamente, encoberto pelas sombras, e depois escolho o momento certo para pular e sair correndo até a escuridão.

Só que não era o momento certo. Minha mão escorrega, e a borda metálica da turbina faz um corte profundo nela. Meu corpo enfraquecido não atinge o solo de modo harmonioso, e solto um gemido de dor. Acabo levando mais tempo do que deveria até as sombras do trem de pouso e um guarda me vê. Antes que eu possa impedi-lo, o sujeito arregala os olhos e aponta a arma para mim.

Ele nem tem a oportunidade de gritar quando uma faca reluzente sai rapidamente da escuridão e se afunda em seu pescoço. Eu observo, horrorizado. Pascao. Sei que foi ele que me livrou de abotoar o paletó, ao mesmo tempo chamando atenção para si próprio. Ouço gritos no outro lado do campo. Ele está desviando a atenção dos guardas de mim. Agarro a oportunidade e corro até a área relativamente segura do aeroporto.

Ligo meu microfone e sussurro para Pascao, em tom de urgência:

– Você está bem?

– Tão bem quanto você, bonitão. – No meu fone de ouvido, escuto sons altos de respiração ofegante e passadas. – Acabei de sair da área do aeroporto. Pode dizer à Frankie pra mandar brasa. Eu ainda preciso me livrar de dois caras que estão atrás de mim. – Ele desliga.

Contato Frankie e lhe digo:

– Estamos prontos. Agora é com você.

– Deixa comigo – responde Frankie.

De repente, os telões param de transmitir e suas telas escurecem; o som alto que inunda a cidade é interrompido, e somos todos mergulhados em um silêncio sinistro. Os soldados das Colônias que provavelmente estavam perseguindo Pascao olham atônitos para as telas vazias, junto com os demais.

Alguns segundos silenciosos se passam.

Em seguida uma explosão intensa e ofuscante dilacera o centro do aeroporto. Eu perco o equilíbrio. Quando olho de novo para a primeira fileira de soldados na rua, vejo que estão caídos e lentamente, atordoados, se põem de pé. Centelhas de eletricidade enchem o ar e se deslocam

freneticamente para cá e para lá entre os jatos. Soldados que estão mais afastados apontam as armas para os edifícios e disparam aleatoriamente, mas os que se encontram ao longo da linha de frente descobrem que suas armas não funcionam. Eu continuo a correr de volta em direção ao quartel dos blindados.

Mais uma explosão sacode a mesma área, e um enorme nevoeiro cobre tudo à vista. As tropas das Colônias gritam em pânico. Os soldados não conseguem ver o que está acontecendo, mas sei que neste exato momento todas as bombas que colocamos estão destruindo os jatos e temporariamente danificando suas armas. Alguns soldados sacam as armas e atiram aleatoriamente na escuridão, como se soldados da República estivessem à espreita. Suponho que não estejam totalmente enganados. Assim como combinamos, os jatos da República ao longo do quartel dos blindados decolam. O barulho dos motores me ensurdece.

Ligo o microfone de novo e falo com Frankie:

– Como estão indo as evacuações?

– Sem surpresas – responde ela. – Ainda faltam dois grupos embarcarem nos trens. Você está pronto para seu momento especial?

– Vamos nessa!

Os telões voltam a funcionar. Desta vez, porém, exibem meu rosto em todas as telas. Trata-se de um vídeo pré-gravado que a gente fez. Dou um largo sorriso para as Colônias, mesmo quando os soldados correm feito baratas tontas para os jatos que sobraram. Nesse instante, sinto como se estivesse olhando o rosto de um desconhecido, um rosto estranho e amedrontador. Por um momento, nem consigo me lembrar de ter gravado o vídeo. Esse pensamento me faz procurar desordenadamente na memória, apavorado, até que por fim me lembro e suspiro aliviado. “Meu nome é Day”, anuncia meu vídeo no telão, “e estou lutando pelo povo da República. Se eu fosse vocês, seria mais cuidadoso...”

Frankie interrompe a transmissão de novo. Acima de nós, os jatos da República riscam o céu; vejo bolas de fogo laranja iluminarem o aeroporto. Com a nossa proeza, sem metade dos jatos, e a desvantagem de serem apanhados de surpresa, os soldados das Colônias estão totalmente

desnorteados, procurando abrigo. Aposto que as mensagens sendo enviadas para o seu comando estão indo a toda velocidade, e freneticamente.

Frankie volta a me ligar. Está eufórica:

– As tropas da República já foram informadas que tivemos sucesso. – Para meu alívio ouço, ao fundo, o clique da linha de Pascao. – Bom trabalho, Corredores. Gioro e Baxter já estão a caminho. – Ela parece distraída. – Vamos voltar agora. Preciso de uns segundos pra gente...

Ela desliga. Tem alguma coisa errada.

– Frankie? – Tento retomar a conexão, mas não consigo. Só ouço ruído de estática.

– Aonde é que ela foi? – pergunta Pascao, através do ruído branco. – Ela também caiu pra você?

– Caiu.

Continuo correndo, tentando não pensar o pior. A segurança do quartel dos blindados não está longe. Dá para ver a minúscula entrada lateral pela qual devemos passar – e aqui, em meio ao caos, vejo vários soldados da República apressando-se através da poeira para enfrentar as tropas das Colônias que possam ter nos seguido. Estou a apenas alguns metros da porta.

Uma bala passa raspando por mim, e por pouco não atinge minha orelha. Ouço então um grito que gela meu sangue. Giro o corpo e vejo Tess e Frankie correndo atrás de mim. Estão apoiadas uma na outra. Em seu encalço estão cinco ou seis soldados das Colônias. Fico paralisado por um segundo, mas em seguida arranco uma faca do cinto e a atiro contra os soldados o mais forte que posso. A faca atinge o peito de um deles, que cai de joelhos. Os outros me veem. Tess e Frankie mal conseguem alcançar a porta. Eu me precipito na direção delas. Atrás de mim, os soldados erguem as armas.

No momento em que Tess empurra Frankie pela entrada, um soldado sai das sombras ao lado da porta. Eu o reconheço na mesma hora: é *Thomas*, com uma arma empunhada.

Seus olhos se concentram em Tess e em mim, e sua expressão é sombria, mortal e furiosa. Por um instante, o mundo parece se silenciar. Olho de

relance para sua arma. Ele a ergue. *Não!* Instintivamente, corro na direção de Tess e uso meu corpo como escudo para protegê-la. *Ele vai matar nós dois.*

Mas quando esse pensamento passa pela minha cabeça, Thomas fica de costas para nós, e se posiciona entre o quartel e os soldados das Colônias que se aproximam. A mão treme de raiva e aperta a arma. Fico confuso, mas não há tempo para pensar nisso agora e grito para Tess fugir. Nós tropeçamos na porta lateral.

Nesse mesmo momento, Thomas ergue a arma e dispara uma, duas, três vezes. Ele solta um grito horripilante à medida que cada bala atinge as tropas inimigas. Demoro uma fração de segundo para entender o que ele está berrando:

– Vida longa ao Eleitor! Vida longa à República!

Ele consegue disparar seis tiros antes que os soldados das Colônias atirem nele. Aconchego Tess no meu peito e cubro seus olhos. Ela solta um grito de protesto.

– Não olhe – sussurro no seu ouvido. Então, vejo a cabeça de Thomas tombar com um estalo violento para trás e seu corpo perder o equilíbrio. De repente a imagem da minha mãe surge diante dos meus olhos.

Ele levou um tiro na cabeça. Um tiro na cabeça.

Morte por fuzilamento.

O barulho faz Tess dar um pulo, e ela sufoca um soluço atrás das minhas mãos protetoras. Aí, a porta se fecha.

Pascao nos cumprimenta no instante em que estamos lá dentro a salvo. Ele está coberto de poeira dos pés à cabeça, mas mantém um pequeno sorriso.

– O último jipe da leva de evacuação está esperando pela gente – diz ele, fazendo um sinal com a cabeça para dois jipes estacionados e prontos para nos levar de volta ao abrigo. Soldados da República se movem na nossa direção, mas antes que qualquer um de nós possa respirar aliviado, reparo que Frankie desabou no chão e Tess está debruçada sobre dela. O sorriso de Pascao desaparece. Quando os soldados vedam a entrada lateral, nós nos

reunimos ao redor de Frankie. Tess pega um estojo de primeiros socorros. Frankie está tendo uma convulsão.

Tiramos seu casaco; sua blusa está encharcada de sangue. Os olhos arregalados mostram que ela está em choque, e se esforça para respirar.

– Atiraram nela quando a gente estava fugindo – diz Tess ao rasgar o tecido da blusa de Frankie. Sua testa está cheia de gotas de suor. – Três ou quatro vezes.

Suas mãos trêmulas percorrem o corpo de Frankie, espalhando um pó branco e unguento nos ferimentos. Quando acaba, pega um grosso rolo de ataduras.

– Ela não vai sair dessa – murmura Pascao à Tess quando ela o empurra para fora do caminho e pressiona firmemente um dos ferimentos que jorra sangue. – A gente precisa ir *agora*.

Tess seca a testa e insiste, com os dentes cerrados:

– Me dá só mais um minuto. Preciso estancar o sangramento.

Pascao começa a protestar, mas o forço a desistir com um olhar intimidador.

– Deixe-a tentar. – Então me ajoelho ao lado de Tess; não consigo evitar olhar para o corpo deplorável de Frankie. Dá para ver que ela não vai se safar. – O que você quer que a gente faça? – pergunto à Tess. – Deixe a gente ajudar.

– Pressione os ferimentos – responde Tess, apontando para as ataduras que já estão mais vermelhas do que brancas. Ela se apressa em aplicar o cataplasma.

As pálpebras de Frankie se agitam. Ela sufoca um grito e depois consegue nos olhar e balbuciar:

– Vocês... precisam... ir. Os soldados... estão... chegando.

Leva um minuto para ela morrer. Tess continua aplicando medicamentos por mais um tempo, até que eu finalmente ponho minha mão sobre a dela, pedindo que pare. Olho para Pascao. Um dos soldados da República se aproxima, olha severamente para nós e aponta as portas abertas dos dois jipes, dizendo:

– Este é seu último aviso. Nós vamos partir.

– Pode ir – digo a Pascao. – A gente pega o próximo jipe.

Pascao hesita um instante, chocado ao olhar para Frankie, mas fica de pé com um pulo e desaparece no primeiro jipe, que parte deixando uma nuvem de poeira na sua esteira.

– Venha – insisto com Tess, curvada sobre o corpo inanimado de Frankie. No outro lado do quartel dos blindados, ouvem-se os ruídos do combate que prossegue furioso. – Precisamos ir.

Tess se livra das minhas mãos com um puxão e joga o rolo de ataduras com força na parede. Depois se vira e contempla o rosto lívido de Frankie. Eu me levanto e obrigo Tess a fazer o mesmo. Minha mão sangrenta deixa marcas no seu braço. Soldados nos agarram e nos levam até o último jipe. Quando finalmente subimos no veículo, Tess me encara com olhos cheios de lágrimas. Sua angústia me corta o coração. Partimos do quartel dos blindados quando os soldados levam o corpo de Frankie para um caminhão. Aí dobramos uma esquina e voltamos velozmente para o abrigo.

Quando chegamos, o jipe de Pascao estava vazio e eles já haviam se dirigido para o trem. Os soldados estão tensos. Quando nos fazem passar pela cerca que protege a entrada do abrigo, outra explosão no quartel dos blindados estremece o chão. Como se estivéssemos num sonho, descemos correndo a escada de metal e percorremos os corredores iluminados por fracas luzes vermelhas. O som de botas marchando ressoa monotonamente vindo do lado de fora. Descemos cada vez mais até finalmente chegarmos ao trem que esperava. Soldados nos puxam para dentro.

À medida que o metrô se afasta do abrigo, uma série de explosões reverbera no espaço, quase nos fazendo cair. Tess se segura em mim. Quando a abraço, o túnel atrás de nós desaba, e ficamos confinados na escuridão. O vagão avança com velocidade. Ecos das explosões continuam a nos seguir.

Tenho uma crise de dor de cabeça.

Pascao tenta me dizer alguma coisa, mas já não consigo ouvi-lo. Não consigo ouvir nada. O mundo ao meu redor fica sombrio, vejo tudo girar. *Onde estamos mesmo?* Ouço Tess gritar meu nome de algum lugar, mas não

sei o que ela diz depois disso porque me perco numa dor imensa e desabo na escuridão.



JUNE

21H.

QUARTO 3.323, NÍVEL INFINITY HOTEL, ROSS CITY.

Todos nós já nos instalamos em nossos quartos individuais. Ollie está descansando aos pés da minha cama, completamente “fora do ar” depois de um dia exaustivo. Ainda assim, nem consigo pensar em dormir. Após algum tempo, eu me levanto sem fazer barulho, deixo três guloseimas para Ollie perto da porta e saio do quarto. Perambulo pelos corredores com meus óculos virtuais enfiados no bolso, aliviada de ver o mundo como realmente ele é, sem a agressão visual de números e palavras a pairar. Não sei para onde estou indo, mas de repente me encontro dois andares acima, perto do quarto de Anden. Aqui é mais tranquilo. É possível que apenas Anden esteja hospedado neste andar, bem como alguns guardas.

À medida que caminho, passo por uma porta que leva a um grande recinto que deve ser uma área comum. Retrocedo e esquadrinho o lugar, que parece imaculado, provavelmente porque estou sem meus óculos virtuais e não consigo ver todas as simulações. A sala é dividida em uma série de altas cabines semelhantes a cilindros. Cada uma delas é um círculo de grandes placas de vidro transparente. Interessante. Há uma dessas cabines cilíndricas no canto do meu quarto de hotel, embora eu ainda não tenha me dado o trabalho de experimentá-la. Olho pelo corredor e depois empurro a porta cautelosamente, que desliza e se abre sem um ruído.

Entro na sala e, tão logo a porta desliza e se fecha quando passo, o lugar faz uma afirmação qualquer em antarticano que eu, obviamente, não consigo entender. Tiro os óculos virtuais do bolso e os coloco. Automaticamente, a voz se aviva e repete a frase, desta vez em inglês: – Bem-vinda à sala da simulação, June Iparis. – Vejo minha pontuação virtual aumentar em dez pontos, parabenizando-me por usar uma sala de simulação pela primeira vez. Exatamente como eu desconfiava, a sala agora está clara

e colorida, e as paredes de vidro das cabines cilíndricas têm todos os tipos de telas móveis.

Seu acesso ao portal longe de casa!, diz um painel. *Use-o junto com seus óculos virtuais para vivenciar uma experiência totalmente envolvente.* Subjacente ao texto há um vídeo exuberante exibindo lindas paisagens ao redor do mundo. Eu me pergunto se o portal é a maneira deles de se conectarem com a internet. De repente, meu interesse se aguça. Nunca naveguei na internet fora da República, nunca vi o mundo como ele é, sem as máscaras e filtros do meu país. Eu me aproximo de uma das cabines cilíndricas de vidro e entro nela. O vidro à minha volta se ilumina e diz:

– Olá, June! O que posso encontrar para você?

O que devo procurar? Resolvo tentar a primeira coisa que me vem à cabeça. Respondo, hesitante, e me pergunto se a máquina precisa apenas da minha voz: – Daniel Altan Wing. – O quanto o resto do mundo sabe sobre Day?

De súbito, tudo ao meu redor desaparece e me vejo de pé num círculo branco junto com centenas – milhares – de telas retangulares pairando à minha volta, cada uma com imagens, vídeos e textos. A princípio não sei o que fazer, por isso permaneço onde estou, contemplando maravilhada as imagens que me cercam. Cada uma das telas exibe informações diferentes sobre Day, muitas obtidas de noticiários. A tela mais próxima transmite um vídeo antigo de Day na sacada do Capital Tower, incentivando o povo a apoiar Anden. Quando olho a cena por três segundos, uma voz começa a falar:

– Neste vídeo, Daniel Altan Wing, também conhecido como Day, reitera seu apoio ao novo Eleitor da República e impede uma revolta nacional. Fonte: arquivos públicos da República da América. Assistir à matéria completa?

Meus olhos se desviam para observar outra tela, e a voz da primeira esmaece. A segunda tela ganha vida quando continuo a olhar para ela; ela transmite uma entrevista com uma garota que não conheço, de pele morena e olhos da cor de avelã. O cabelo tem uma mecha escarlate. Ela diz: – Vivo em Nairóbi há cinco anos, mas nunca ouvi falar dele até os vídeos de seus

ataques à República começarem a aparecer on-line. Eu agora pertenço a uma organização...

O vídeo para nesse trecho. E ouve-se a mesma voz tranquilizadora de antes:

– Fonte: Kenya Broadcasting Corporation. Assistir ao vídeo completo?

Dou um passo cauteloso à frente. Cada vez que me mexo, as telas retangulares se reorganizam à minha volta, para exibir o círculo seguinte de imagens para eu examinar. Surgem imagens de Day da época em que ele e eu ainda estávamos trabalhando para os Patriotas. Vejo uma imagem destorcida dele olhando sobre o ombro, com um sorriso de desdém. Isso me faz enrubescer e imediatamente desvio o olhar. Assistio a mais duas rodadas de vídeos, e decido variar minha busca. Desta vez procuro algo sobre o qual sempre tive curiosidade. Digo então: – Estados Unidos da América.

As telas com vídeos e imagens de Day desaparecem, o que me frustra muito. Um novo conjunto de telas surge ao meu redor, e quase posso sentir uma ligeira brisa quando ele se instala. A primeira coisa que vejo é uma imagem que instantaneamente reconheço como a bandeira que os Patriotas usam e na qual baseiam seu símbolo. A voz diz:

– Esta é a bandeira dos antigos Estados Unidos da América. Fonte: Wikiversity, The Free Academy. História dos Estados Unidos 102, Categoria 11. Ver matéria completa? Para versão textual, dizer “Texto”.

– Ver matéria completa – digo.

A tela entra em close e me envolve com seu conteúdo.

Fecho os olhos, momentaneamente desconcertada com a velocidade com a qual as imagens aparecem nas telas. Quando abro os olhos de novo, quase tropeço. Estou pairando no céu sobre um panorama que é, ao mesmo tempo, conhecido e desconhecido. Seu contorno parece ser uma versão da América do Norte, exceto que não há qualquer lago se estendendo de Los Angeles a São Francisco e a área das Colônias está muito maior do que aquela da qual me lembro. As nuvens flutuam abaixo dos meus pés. Quando dou um passo hesitante à frente, parte das nuvens se dissipa, e chego a sentir um ar fresco silvando sob meus sapatos.

Começa a narração:

– Os Estados Unidos da América, também conhecidos como EUA, Estados Unidos, US, América e States, eram um país importante da América do Norte, formado por cinquenta estados reunidos como uma república constitucional federal. Sua independência da Inglaterra foi proclamada em 4 de julho de 1776, e se tornou reconhecida em 3 de setembro de 1783. Os Estados Unidos se dividiram oficialmente em dois países em 1º de outubro de 2054, e se tornaram oficialmente a República Ocidental da América e as Colônias Orientais da América em 14 de março de 2055.

A narração para e muda em seguida:

– Saltar para um subtópico? Subtópicos populares: A Inundação de Três Anos, a Inundação de 2046, a República da América, as Colônias da América.

Surge uma série de marcadores em azul-vivo sobre os litorais oeste e leste da América do Norte. Olho fixo para eles por um momento, com o coração acelerado, antes de estender a mão e tentar tocar num marcador perto do litoral sul das Colônias. Para minha surpresa, consigo sentir a textura da paisagem sob meu dedo. Digo, então:

– As Colônias da América.

O mundo passa depressa por mim, a uma velocidade estonteante. Estou agora no que parece terra firme, e ao meu redor encontram-se milhares de pessoas amontoadas em abrigos provisórios numa paisagem urbana inundada, enquanto centenas de outras estão lançando um ataque generalizado contra soldados usando uniformes que não reconheço. Atrás dos soldados estão engradados e sacos que parecem conter provisões.

– Ao contrário da República da América – começa a narração –, onde o governo fez vigorar a ordem por meio de uma lei marcial a fim de barrar o fluxo de refugiados em suas fronteiras, as Colônias da América foram formadas em 14 de março de 2055, depois que as corporações assumiram o controle do governo federal dos antigos Estados Unidos (ver índice anterior), em consequência do fracasso deste em lidar com as dívidas acumuladas desde a Inundação de 2046.

Dou alguns passos à frente; sinto como se estivesse bem ali, no meio daquela situação, a apenas alguns metros de onde o povo está se rebelando. A paisagem parece trêmula e granulada, como se retirada dos vídeos pessoais de alguém.

– Nesta gravação, feita por um civil, a cidade de Atlanta protagoniza um motim de quinze dias contra a Agência Federal de Gestão de Emergências dos Estados Unidos. Motins semelhantes surgiram em todas as cidades do leste no período de três meses, após o qual as cidades afirmaram sua lealdade à corporação militar DesCon, que possuía recursos de que o governo sitiado era carente.

A cena se torna indistinta e, em seguida, fica nítida e me coloca no centro de um enorme *campus* cheio de edifícios, cada um exibindo um símbolo que reconheço como sendo o logotipo da DesCon.

– Juntamente com mais doze corporações, a DesCon cede recursos financeiros para ajudar os civis. No início de 2058, o governo dos Estados Unidos deixou totalmente de existir no leste e foi substituído pelas Colônias da América, formadas por uma coalizão das treze maiores empresas do país e fortalecidas por seus lucros conjuntos. Depois de uma série de fusões, as Colônias da América agora consistem de quatro organizações dominantes: DesCon, Cloud, Meditech e Evergreen. Pesquisar uma empresa específica?

Permaneço em silêncio, assistindo ao resto do envolvente vídeo se desenrolar até finalmente parar no último quadro: uma imagem inquietante de um civil desesperado, protegendo o rosto da arma que um soldado aponta para ele. Tiro então meus óculos virtuais, esfrego os olhos e saio do cilindro de vidro, agora em branco e aparentemente estéril. Meus passos ressoam na sala vazia. Sinto-me tonta e entorpecida pela súbita ausência de imagens.

Como é possível dois países com filosofias tão radicalmente diferentes se unirem? Que esperança podemos ter de transformar a República e as Colônias no que elas já foram outrora? Ou talvez essas nações não sejam tão drasticamente diferentes quanto imagino. As corporações das Colônias e o governo da República não são, na verdade, a mesma coisa? Poder

absoluto é poder absoluto; não importa o nome que ele tenha. Não é mesmo?

Saio do recinto, perdida em pensamentos, e quando dobro o corredor para voltar ao meu quarto, quase dou um encontrão em Anden.

– June?! – exclama ele, surpreso. O cabelo ondulado está ligeiramente despenteado, como se ele o tivesse penteado com as mãos, e o colarinho de sua camisa está amarrotado, as mangas enroladas até os cotovelos e os primeiros botões, abertos. Ele dá um jeito de se recompor, sorri para mim e faz uma pequena reverência. – O que você está fazendo por aqui?

– Apenas conhecendo o local. – Retribuo seu sorriso. Estou muito cansada para mencionar minhas pesquisas on-line. – Pra ser sincera, não sei direito o que estou fazendo aqui.

Anden dá um risinho e diz:

– Nem eu. Há mais de uma hora estou batendo perna pelos corredores. – Ficamos calados por um momento. Ele se vira então rumo à sua suíte e me olha interrogativamente. – O pessoal da Antártida não quer nos ajudar, mas eles foram muito gentis e mandaram uma garrafa do seu melhor vinho para o meu quarto. Gostaria de provar um pouquinho? Seria ótimo ter companhia... E receber uns conselhos.

Conselhos da Primeira Cidadã menos experiente? Eu o acompanho, caminhando a seu lado, perfeitamente ciente da proximidade entre nós.

– Eles foram mesmo muito gentis – comento.

– Extremamente gentis – murmura ele tão baixinho, que mal consigo ouvi-lo. – Daqui a pouco vão desfilar para nós...

É evidente que a suíte de Anden é mais bonita do que a minha; pelo menos as autoridades da Antártida lhe fizeram *essa* cortesia. Uma janela de vidro curvo ocupa metade da parede e nos proporciona uma vista deslumbrante de Ross City imersa em milhares de luzes cintilantes.

O povo da Antártida deve estar simulando também este anoitecer, considerando que deve ser verão por aqui, mas a simulação é impecável. Recordo-me da cúpula semelhante a uma abóbada pela qual passamos ao pousarmos na cidade. Talvez também funcione como uma tela gigantesca. Listras dançam silenciosas no céu em camadas de cores arrebatadoras, em

tons turquesa, fúcsia e cor-de-rosa, todas em espirais simultâneas, desaparecendo e reaparecendo contra um pano de fundo estrelado. Recupero o fôlego. Eles devem estar imitando a aurora austral. Já havia lido sobre essas luzes do polo sul, durante nossas aulas semanais, embora não esperasse que fossem tão lindas; simulação ou não.

– Linda vista – digo.

Anden dá um sorrisinho irônico; uma centelha de bom humor ilumina sua até então deprimida feição, e ele comenta:

– Esta é uma das inúteis vantagens de ser o Eleitor da República. Eles me garantiram que mesmo podendo ver através do vidro, ninguém do lado de fora consegue nos ver. Por outro lado, talvez estejam só querendo rir da minha cara.

Nós nos instalamos em poltronas macias perto da janela. Anden serve o vinho e vira-se para mim ao me entregar uma das taças.

– Um dos guardas acusados confessou tudo sobre a Comandante Jameson. Os responsáveis foram soldados da República, descontentes com minha administração e que foram subornados pelas Colônias. As Colônias estão se aproveitando do conhecimento que a Comandante Jameson tem de nossas forças armadas. É bem possível que ela ainda esteja dentro de nossas fronteiras.

Bebo o vinho, anestesiada. Então, era tudo verdade. Eu queria desesperadamente poder voltar ao dia em que visitei Thomas na sua cela para ter a chance de desmascarar a armação a tempo. *É bem possível que ela ainda esteja dentro de nossas fronteiras.* Onde estará Thomas?

– Pode ter certeza – diz Anden, ao ver minha expressão – de que estamos fazendo o possível para encontrá-la.

Fazer o possível talvez não seja suficiente. Porque nossa atenção e nossos soldados estão dispersos, tentando lutar uma guerra em muitas frentes.

– O que faremos agora?

– Voltaremos para a República amanhã de manhã – responde ele. – É isso o que vamos fazer. E vamos repelir as tropas das Colônias sem a assistência da Antártida.

– Você seria capaz de ceder parte de nossas terras a eles? – pergunto, após um momento.

Anden faz girar o vinho na taça antes de dar um gole e responder:

– Eu ainda não recusei a proposta deles. – Pela voz, percebo o quanto ele sente nojo de si próprio. Seu pai certamente consideraria essa atitude uma traição ao seu país.

– Lamento – digo baixinho, sem saber como consolá-lo.

– Eu também lamento. A boa notícia é que eu soube que Day e o irmão chegaram sãos e salvos a Los Angeles. – Ele respira fundo. – Não quero forçá-lo a fazer nada, mas estou ficando sem opções. Day vem cumprindo a parte dele. Concordou em nos ajudar de todas as maneiras que pudesse, só não vai colocar o irmão em risco. Ele está tentando ajudar, na esperança de que eu me sinta culpado por insistir que Éden nos ajude a descobrir a cura. Queria que ele estivesse aqui conosco, que enxergasse a situação do meu ponto de vista.

Ele baixa a cabeça.

Meu coração se contrai mais uma vez à ideia de Day ser morto em ação e fica aliviado com a notícia de que ele sobreviveu ileso.

– E se persuadirmos as autoridades da Antártida a tratar Day? Talvez seja a única oportunidade que ele tenha de sobreviver à doença, e isso poderia pelo menos fazer com que ele considerasse permitir que Éden se submetesse aos experimentos.

Anden balança a cabeça.

– Não temos nada para barganhar. A Antártida já ofereceu o máximo de ajuda que estão dispostos a conceder. Nunca se dariam ao trabalho de aceitar um dos nossos como paciente.

No meu íntimo, sei disso muito bem. Foi apenas uma última e desesperada tentativa. Compreendo, tão bem quanto Anden, que Day jamais arriscaria a vida do irmão para salvar a própria pele. Meus olhos voltam a contemplar ao espetáculo de luzes lá fora.

– Eu não o culpo, de jeito nenhum – diz Anden após um instante. – Eu devia ter dado fim a essas armas biológicas logo que me designaram como Eleitor. No mesmo dia em que meu pai morreu. Se eu fosse inteligente, isso

é o que eu teria feito. Mas agora é muito tarde para ficar lamentando o passado. Day tem todo o direito de recusar meu pedido.

Sinto uma onda de solidariedade por ele. Se usar a força para levar Éden em custódia, Day certamente evocará o povo a se revoltar. Se Anden acatar a decisão de Day, ele corre o risco de não descobrir a cura a tempo e permitir que as Colônias se apodemem da nossa capital – e do nosso país. Se ele ceder parte de nossas terras à Antártida, o povo pode considerá-lo um traidor. E se nossos portos forem vedados, não poderemos receber quaisquer importações ou suprimentos.

Mesmo assim, não posso culpar Day. Tento me colocar no lugar dele. A República tentou me matar quando eu tinha dez anos; ela me fez de cobaia de seus experimentos até que eu conseguisse fugir. Nos anos que se seguiram morei nas piores favelas de Los Angeles. Vi a República envenenar minha família, matar minha mãe e meu irmão mais velho, e cegar meu irmão mais novo com as pragas criadas por eles.

Como se não bastasse tudo isso, como resultado dos experimentos aos quais fui submetida, estou morrendo pouco a pouco. E agora, depois de todas as mentiras e crueldades, a República me aborda, implorando meu perdão. Suplicando que eu deixe que usem meu irmão mais novo como cobaia mais uma vez, sem qualquer garantia de que ele sairá vivo do experimento. O que *eu* diria? Eu provavelmente recusaria o pedido, da mesma forma que Day. É verdade que minha própria família sofreu atrocidades indescritíveis nas mãos da República... Mas Day tinha estado na frente de batalha, observando tudo se desenrolar desde que era criança. Pensando bem, é espantoso que Day tenha apoiado Anden.

Anden e eu sorvemos o vinho por mais quatro minutos, contemplando as luzes da cidade em silêncio.

– Sabe, eu invejo Day – diz ele com a voz suave de sempre. – Invejo sua capacidade de tomar decisões com o coração. *Todas* as escolhas que ele faz são sinceras, e o povo o ama por isso. Ele *pode* se dar ao luxo de usar o coração. – Sua expressão fica sombria. – Mas o mundo fora da República é *muito mais* complicado. Não existe espaço para emoções, não é verdade? Todas as relações dos nossos países se mantêm unidas por meio de uma

frágil rede de fios diplomáticos, e são justamente esses fios que nos impedem de nos ajudarmos mutuamente.

Tem algo estranho no tom de voz dele.

– Não há espaço para emoções no cenário político – comento, e ponho a taça na mesa. Não sei bem se estou ajudando, mas, ainda assim, as palavras saem da minha boca. Nem eu tenho certeza se acredito nelas. – Quando a emoção falha, a lógica salva. Você pode até invejar Day, mas você nunca será ele, tampouco ele será você. Ele não é o Eleitor da República: é um adolescente protegendo o irmão. *Você é um político.* Precisa tomar decisões que partem seu coração, que magoam e enganam, e que nenhuma outra pessoa compreende. Esse é o seu dever. – Mesmo ao dizer isso, tenho sérias dúvidas, sementes que Day plantou.

Sem emoção, qual o sentido de ser humano?

Os olhos de Anden expressam muita tristeza. Ele relaxa sua postura, e por um momento consigo vê-lo como é realmente: um jovem governante remando contra a maré da oposição, tentando carregar o ônus do seu país nos ombros, pois o Senado só colabora por medo.

– Às vezes sinto saudade do meu pai. Sei que não devia admitir isso, mas é verdade. Sei muito bem que o resto do mundo o considera um monstro.

Ele põe a taça de vinho na mesinha lateral, enterra a cabeça nas mãos e esfrega o rosto.

Sinto pena dele. Eu pelo menos posso sofrer por meu irmão sem temer o ódio de outras pessoas. Qual deve ser a sensação de saber que o pai que você amou outrora foi responsável por atos atrozes?

– Não se sinta culpado pelo seu pesar – digo suavemente. – Apesar de tudo, ele *era* seu pai.

Ele me olha fixamente e, como se impelido por uma força invisível, se inclina em minha direção. Anden hesita, pairando de modo precário entre o desejo e a razão. Está tão perto de mim que, se eu me mexesse um pouquinho, nossos lábios se tocariam. Sinto a respiração dele debilmente contra minha pele, o calor dessa proximidade, a serena tranquilidade de seu amor. Neste momento, sinto-me atraída por ele.

– June... – murmura ele. Seus olhos percorrem meu rosto.

Ele então toca no meu queixo com a mão, puxando-me para perto, e me beija.

Fecho os olhos. Eu deveria impedi-lo, mas não quero. Existe alguma coisa eletrizante na paixão evidente do jovem Eleitor da República, na maneira como ele se debruça sobre mim, expondo seu desejo mesmo sob sua constante gentileza. No modo pelo qual ele só abre o coração para mim. Em como, apesar de tudo conspirar contra ele, Anden anda sempre de cabeça erguida e costas eretas. Na maneira como ele continua a lutar, em nome do seu país. Como o resto de nós. Não consigo resistir. Ele se desprende de meus lábios e beija minha face suavemente, depois, o contorno do meu queixo, a lateral do meu pescoço. Um arrepio percorre meu corpo. Sinto que ele está se controlando, sei que ele está louco para afundar os dedos no meu cabelo e afogar-se no meu corpo.

Mas ele não faz isso. Sabe, tão bem quanto eu, que o que está acontecendo não é real.

Preciso parar. É com tremendo esforço que me afasto dele e tento recuperar o fôlego. Sussurro:

– Sinto muito, mas não posso.

Anden baixa a cabeça, constrangido, mas não surpreso. Suas bochechas estão ligeiramente rosadas à luz fraca do quarto. Ele passa a mão pelo cabelo e murmura:

– Eu não devia ter feito isso.

Ficamos em um silêncio constrangedor durante alguns segundos, até que Anden suspira e se recosta na poltrona. Relaxo minha postura, desapontada e aliviada ao mesmo tempo.

– Eu... sei que você gosta muito de Day e que nunca serei páreo pra ele.
– Ele faz uma careta. – O que fiz foi inadequado. Minhas sinceras desculpas, June.

Sinto uma vontade louca de beijá-lo de novo, de dizer que eu *gosto* dele, e de apagar a dor e a vergonha que seu rosto expressa e que carrego no coração. Mas acontece que não o amo, e não posso enganá-lo dessa maneira. Sei que a verdadeira razão pela qual fomos tão longe é que eu não

pude suportar rejeitá-lo no momento mais difícil de sua vida. Bem lá no fundo, eu queria que ele... fosse outra pessoa. A verdade me enche de culpa. Digo então, tristemente:

– É melhor eu ir agora.

Anden se afasta ainda mais de mim. Parece mais solitário do que nunca. Mesmo assim, ele se recompõe e inclina a cabeça respeitosamente. Superou seu momento de fraqueza, e logo o substitui pela habitual cordialidade. Como sempre, ele disfarça bem sua dor. Então, levanta-se e estende a mão para mim.

– Vou acompanhá-la até seu quarto. Descanse um pouco, vamos partir amanhã cedo.

Também me levanto, mas não seguro a mão dele e digo:

– Não é preciso. Eu consigo voltar sozinha.

Evito encará-lo; não quero constatar que cada coisa que digo o magoa mais. Vou até a porta e o deixo para trás.

Ollie me recebe com a cauda abanando quando chego ao quarto. Depois de acarinhá-lo muito, decido experimentar o portal da internet do meu quarto. Ele se enrosca perto de mim e logo adormece. Faço uma busca por Anden e também por seu pai. Este portal é uma versão simplificada do que usei antes, sem texturas interativas e sons envolventes anexos, mas ainda assim é extremamente mais sofisticado do que todos os portais em que naveguei na República. Seleciono calmamente os resultados da busca.

A maioria é de fotos publicitárias e vídeos promocionais que reconheço: Anden posando para um retrato quando menino, o ex-Eleitor de pé à frente de Anden em coletivas de imprensa e reuniões. Até mesmo a comunidade internacional parece ter poucas informações sobre o relacionamento entre pai e filho. Mas, quanto mais me aprofundo, mais me deparo com coisas surpreendentemente verdadeiras. Assisto a um vídeo de Anden aos quatro anos, prestando continência com uma expressão solene enquanto o pai, com paciência, lhe mostra como fazer isso. Encontro uma foto do falecido Eleitor abraçando Anden, que chora, assustado, e sussurrando algo em seu ouvido, sem tomar conhecimento da multidão que os rodeia.

Vejo também o ex-Eleitor pedindo à imprensa internacional que se afastasse do filho pequeno, apertando a mão de Anden com tamanha força que suas articulações estão brancas. Encontro uma rara entrevista entre ele e um repórter africano, que lhe pergunta o que é mais importante para ele na República.

“Meu filho”, responde o finado Eleitor, sem hesitar. Sua expressão nunca se suaviza, mas o tom de sua voz se altera ligeiramente. “Meu filho sempre será tudo para mim, porque algum dia ele vai ser tudo para a República.” Ele faz uma pequena pausa e sorri para o repórter. Nesse sorriso, percebo vislumbres de um homem diferente do que eu conheci. “Meu filho não me deixa *esquecer*.”

Havíamos planejado voltar à capital na manhã seguinte, mas a notícia nos alcançou no momento em que embarcávamos no nosso jato em Ross City. Ela chegou mais cedo do que imaginávamos.

As Colônias se apossaram de Denver.



– Day. Chegamos.

Abro os olhos, tonto, ao ouvir o som suave da voz de Tess, que sorri para mim. Sinto uma pressão na cabeça e, quando levanto a mão para tocar meu cabelo, percebo que minha testa está enfaixada. Minha mão cortada também está coberta por uma atadura branca e limpa. Demoro um segundo para me dar conta de que estou sentado numa cadeira de rodas.

– Poxa, qual é? – imediatamente falo sem pensar. – Uma cadeira de rodas?! – Estou confuso e atrapalhado, com a sensação de já não sentir o efeito de analgésicos. – Onde estamos? O que aconteceu comigo?

– Você vai ter que dar uma paradinha num hospital quando a gente saltar do trem. Eles acham que toda aquela agitação provocou uma reação negativa em você – explica Tess.

Tess caminha ao meu lado enquanto alguns soldados abrem caminho para mim no vagão do metrô. Mais à frente, vejo Pascao e os outros Patriotas saltando do trem.

– Estamos em Los Angeles. A gente voltou pra casa.

– Você sabe onde estão Éden e Lucy?

– Eles já estão instalados no seu apartamento temporário, no setor Rubi – responde Tess. Ela se cala um instante e depois continua: – Parece que a sua casa agora é no setor de joias.

Minha casa. Permaneço calado quando saímos do trem e seguimos o fluxo de pessoas na plataforma com os outros soldados. A temperatura de Los Angeles está morna como sempre, um típico dia nublado de fim de outono, e a luz amarelada me faz estreitar os olhos.

A cadeira de rodas é estranha e irritante. Sinto uma vontade súbita de sair de repente daqui e ir caminhar pelos trilhos. Sou um Corredor, não alguém que precisa de uma cadeira de rodas. Outra reação negativa, desta vez provocada pelo alvoroço... Cerros os dentes ao me dar conta do quanto

piorei. O último diagnóstico médico é como uma assombração me rondando: *um mês, talvez dois*. A frequência das dores de cabeça terríveis definitivamente aumentou.

Os soldados me ajudam a entrar num jipe. Antes de partirmos, Tess se enfia pela janela aberta do veículo e me abraça rapidamente. Essa repentina demonstração de afeto me assusta. Tudo que posso fazer é retribuir o abraço, saboreando o breve momento. Nós nos olhamos fixo até o jipe partir da estação e o vulto de Tess desaparecer em uma curva. Mesmo assim, continuo virado para trás para ver se consigo enxergá-la.

Paramos num cruzamento. Enquanto esperamos que um grupo de refugiados atravesse na frente do jipe, examino as ruas do centro de Los Angeles. Algumas coisas não mudaram: fileiras de soldados vociferam ordens para refugiados indisciplinados; alguns civis estão postados nas calçadas e protestam contra a chegada de mais pessoas; os telões continuam a transmitir mensagens encorajadoras sobre as “vitórias” da República na frente de batalha, repetindo antigas propagandas anticolônias: *Não permita que eles conquistem seus lares! Apoie nossa causa!*

Relembro a conversa que tive com Éden.

Fecho os olhos por alguns segundos, depois olho mais detidamente para as ruas. Desta vez, as cenas que eu julgava familiares assumem um novo contexto. As filas de soldados gritando ordens estão na verdade distribuindo comida aos novos abrigados. Os civis protestando contra a chegada de mais pessoas não estão sendo censurados: os soldados estão vigilantes, mas suas armas permanecem penduradas nos cintos. E as propagandas dos telões, que antigamente soavam mais como uma ordem do que qualquer outra coisa, agora parecem mensagens de otimismo, uma transmissão de esperança em tempos sombrios e uma tentativa desesperada de manter elevado o moral do povo.

Perto de onde nosso jipe parou, vejo um grupo grande de crianças cercado um jovem soldado. Ele está agachado para ficar na altura delas e usa um fantoche para contar uma história a elas. Baixo o vidro da janela. A voz dele é nítida e bem-humorada. As crianças dão risadas. Por algum tempo, o medo e a confusão que devem estar sentindo são deixados de lado.

Posso ver os pais por perto, com rostos ao mesmo tempo exaustos e agradecidos.

O povo e a República... estão trabalhando juntos.

Franzo a testa diante dessa ideia. A República já fez coisas terríveis com todos nós, talvez ainda esteja fazendo, mas... acho que estou começando a ver as coisas que *quero* ver. Talvez agora que o antigo Eleitor se foi, os soldados da República tenham começado a tirar as máscaras. Talvez estejam realmente seguindo a liderança de Anden.

Primeiro o jipe me leva ao apartamento onde Éden está. Quando estacionamos, ele corre para falar comigo, todo o ressentimento de nossa última discussão foi esquecido.

– Disseram que você fez muito estrago por lá – me diz Éden, quando ele e Lucy entram no jipe comigo. Um olhar desaprovador transforma seu rosto. – Nunca mais me assuste desse jeito, tá?

Minha resposta é um sorriso irônico.

– Agora você sabe como eu me sinto sobre a *sua* maluquice – digo, despenteando o cabelo dele.

Quando paramos na entrada do Hospital Central de Los Angeles, a notícia de nossa chegada já tinha se espalhado feito fogo em pavio de pólvora, e uma multidão estava à espera do nosso jipe. As pessoas gritam meu nome, choram e entoam brados de encorajamento. São necessárias duas patrulhas de soldados abrindo caminho para conseguirmos entrar no hospital. Observo as pessoas, entorpecido, ao passar por elas. Muitas têm uma mecha escarlate no cabelo, enquanto outras seguram cartazes. Todas gritam a mesma coisa:

SÓ VOCÊ PODE NOS SALVAR!

Desvio o olhar, nervoso. Todos eles viram e souberam o que fiz com os Patriotas em Denver, mas não sou um supersoldado invencível: sou um garoto moribundo na iminência de ficar confinado, impotente, num leito de hospital, enquanto o inimigo se apossa do nosso país.

Éden se inclina sobre minha cadeira de rodas. Embora não diga uma palavra, basta um olhar para seu rosto solene para eu saber exatamente o que ele está pensando. Essa certeza faz com que um calafrio percorra minha espinha.

Eu posso salvar essa gente é o que meu irmãozinho está pensando. Você precisa me deixar ajudar.

Dentro do hospital, depois que os soldados trancaram as portas, empurram minha cadeira até os quartos do terceiro andar. Lá, Éden espera do lado de fora, enquanto os médicos fixam uma porção de eletrodos e fios metálicos no meu corpo. Eles fazem uma tomografia do meu cérebro e finalmente me deixam descansar. O tempo todo, minha cabeça lateja sem parar, às vezes com tanta intensidade que tudo parece rodar, embora esteja deitado num leito. Enfermeiras entram e me dão algum tipo de injeção. Algumas horas depois, quando já me sinto forte o suficiente para me sentar, dois médicos vêm falar comigo.

– O que foi? – pergunto, antes que eles possam falar. – Só me restam três dias? Qual é o problema?

– Não se preocupe – afirma o médico mais jovem e inexperiente. – Você ainda tem uns dois meses de vida, seu diagnóstico não mudou.

– Que ótimo... – ironizo. *Não se preocupe, você ainda tem dois meses de vida.* Que imbecil!

O médico mais velho coça a barba, pouco à vontade.

– Você ainda pode se movimentar e realizar suas atividades normais, sejam elas quais forem – resmunga –, mas não se exceda. Quanto ao seu tratamento... – Ele faz uma pausa e me espreita por cima dos óculos. – Vamos tentar uns tratamentos mais radicais – continua o médico com uma expressão constrangida –, mas permita-me ser bem franco, Day: nosso maior inimigo é o tempo. Estamos nos esforçando para prepará-lo para uma cirurgia muito arriscada, mas o tempo para o medicamento fazer efeito pode ser maior do que o tempo que você dispõe. Existem limites para o que podemos fazer.

– E o que dá para fazer? – pergunto.

O médico aponta com a cabeça para a bolsa de soro ao lado da minha cama.

– Se você conseguir terminar o tratamento, pode estar pronto para ser operado daqui a alguns meses.

Baixo a cabeça. Ainda me restam alguns meses? Eles estão abreviando legal o tempo que ainda tenho.

– Então – resmungo – é possível que eu esteja morto quando chegar a hora da cirurgia. Ou que não exista mais uma República.

Meu último comentário faz escoar todo o sangue do rosto do médico. Ele não me responde. Nem precisa. Bem que os outros médicos me mandaram cuidar dos meus assuntos pendentes... Na melhor das circunstâncias, eu talvez não tenha tempo suficiente para me salvar, mas é possível que eu viva o bastante para ver a derrocada da República. Esse pensamento me faz estremecer.

A única maneira de conseguir a ajuda da Antártida é comprovando que temos a cura para essa praga, dando a eles uma justificativa para convocar suas tropas e deter a invasão das Colônias. E a única forma de conseguir isso é permitir que Éden se entregue à República.

O remédio me derruba, e levo um dia inteiro para me recuperar. Quando os médicos não estão por perto, eu testo minhas pernas ao caminhar um pouco pelo quarto. Sinto-me forte o suficiente para dispensar a cadeira de rodas. Entretanto, tropeço quando me esforço demais, tentando pular de uma extremidade do quarto à outra. Sem chance. Suspiro, frustrado, e depois me enfio de novo na cama. Meus olhos focalizam uma tela na parede, na qual está sendo transmitida uma série de imagens de Denver.

Percebo que a República escolhe com cuidado o que divulgar para a população. Eu vi em primeira mão a movimentação das tropas das Colônias, mas na tela só aparecem imagens distantes da cidade. O espectador só consegue ver focos de fumaça saindo de vários prédios e a agourenta fila de aeronaves das Colônias pairando perto do quartel dos blindados. Em seguida, eles mostram jatos da República enfileirados no aeroporto, preparando-se para participar da batalha. Desta vez, sou obrigado

a concordar com a propaganda que está sendo exibida. Não faz sentido apavorar o país inteiro. É melhor mostrar que a República está revidando aos ataques.

Não consigo deixar de pensar no rosto inanimado de Frankie. Nem na maneira em que a cabeça de Thomas caiu para trás com um estalo quando os soldados das Colônias o balearam. Eu me contraio quando a imagem se forma na minha cabeça. Espero em silêncio por mais meia hora, assistindo à medida que as sequências na tela focalizam desde a batalha em Denver até manchetes sobre como eu ajudei a retardar a invasão das tropas das Colônias. Agora há mais pessoas nas ruas, exibindo as listras escarlates e os cartazes feitos à mão. O povo acha mesmo que estou fazendo diferença. Esfrego a mão no rosto. As pessoas não compreendem que sou apenas um garoto; nunca tive a intenção de me envolver tanto assim. Sem os Patriotas, June ou Anden, eu nunca poderia ter feito nada. Sozinho, sou inútil.

Meus fones de ouvido de repente captam um estalo: estou recebendo uma chamada. Dou um salto, e então ouço uma voz masculina desconhecida:

– Sr. Wing? Presumo que seja o senhor.

Pergunto, em tom ríspido:

– Quem está falando?

– Sr. Wing – diz o homem, acrescentando um tom floreado na voz animada: – Quem está falando é o Chanceler das Colônias. Prazer em falar com o senhor.

O Chanceler? Engulo em seco. Só podem estar me zoando...

– Que palhaçada é essa?! – retruco bruscamente no microfone. – Você deve ser um desses hackers adolescentes que...

– Por favor! Este não seria um trote muito divertido, não é mesmo?

Eu não sabia que as Colônias podiam acessar a frequência de nossos fones de ouvido e fazer ligações como esta. Franzo a testa e baixo o tom de voz:

– Como o senhor conseguiu fazer esta chamada? – Será que as Colônias estão vencendo em Denver? Será que a cidade já foi dominada, logo depois que acabamos de desocupá-la?

– Tenho minhas maneiras – replica o homem com a voz absolutamente tranquila. – Parece que parte do seu pessoal desertou para nosso lado. Não posso culpá-los.

Alguém da República deve ter passado a informação às Colônias sobre como funciona nossa transmissão de rádio. De repente meus pensamentos se concentram no servicinho que fiz com os Patriotas, quando soldados das Colônias atiraram na cabeça de Thomas. Essa imagem me faz estremecer com violência, e eu me obrigo a afastá-la. *A Comandante Jameson.*

– Espero não o estar incomodando – diz o Chanceler antes que eu possa retrucar –, considerando seu estado de saúde. Tenho certeza de que o senhor deve estar meio cansado, depois de sua fuga de Denver. Devo admitir que fiquei impressionado.

Não respondo. Eu me pergunto o que mais ele sabe; se sabe em que hospital estou ou, pior ainda, onde fica nosso novo apartamento, onde o Éden está.

– O que você quer? – acabo sussurrando.

Posso praticamente ouvir o sorriso do Chanceler no meu fone de ouvido:

– Não gostaria de desperdiçar seu tempo, portanto, vamos direto ao assunto. Estou a par de que o atual Eleitor da República é o jovem Anden Stravopoulos. – Seu tom é condescendente. – Mas, cá entre nós, você e eu sabemos quem realmente dirige o país, e esse alguém é *você* . O povo o adora, Day. Logo que minhas tropas chegaram a Denver, sabe o que me contaram? “Os civis colaram cartazes do Day nas paredes. Eles querem vê-lo de novo nas telas.” O povo da República reluta muito em cooperar com meus homens, e é um processo surpreendentemente cansativo conseguir que eles façam isso.

Minha raiva começa a se acumular.

– Deixe os civis fora dessa história – digo com os dentes cerrados. – Eles não têm culpa se vocês invadiram a casa deles sem pedir licença.

– Mas não se esqueça – diz o Chanceler, com voz persuasiva – de que sua República fez exatamente a mesma coisa com eles durante décadas. Estamos invadindo a República em razão do que *eles* fizeram conosco. Eu me refiro a esse vírus que eles espalharam pela fronteira. Exatamente a

quem você é leal, e *por quê?* Você se dá conta, meu rapaz, da incrível posição de que desfruta na sua idade, de que você detém o rumo desta nação, e do poder que...

– Vamos direto ao ponto, Chanceler?

– Sei que você está morrendo. Também sei que tem um irmão mais novo que você adoraria ver crescer.

– Se voltar a mencionar o Éden, esta conversa termina aqui.

– Está certo. Seja paciente comigo. Nas Colônias, a Meditech é responsável por todos os hospitais e tratamentos, e posso lhe garantir que a empresa poderia cuidar muito melhor do seu caso do que qualquer médico que a República possa oferecer. Então, esta é a minha proposta: você pode agonizar lentamente, permanecendo leal a um país que não lhe é leal, ou pode fazer alguma coisa por nós. Basta pedir publicamente ao povo da República que aceite as Colônias, e ajudar seu país a cair sob o domínio de uma administração muito melhor. Você será tratado num local de qualidade superior. Isso não seria bom? Certamente você merece mais do que aquilo que está recebendo.

Um riso desdenhoso escapa da minha boca involuntariamente.

– Tá bom. Você espera que eu acredite nisso?

– Pois bem – diz o Chanceler, tentando parecer divertido, mas desta vez detecto a seriedade de suas palavras. – Entendo que esse é um argumento fraco. Se você escolher lutar pela República, respeitarei essa decisão. Só espero o melhor para você e seu irmão, mesmo depois de nos estabelecermos firmemente na República. Mas acontece que sou um homem de negócios, Day, e gosto de trabalhar sempre com um Plano B. Portanto, permita-me lhe perguntar outra coisa. – Ele faz uma breve pausa.

– Você ama a Primeira Cidadã June Iparis?

Sinto um aperto gelado no coração.

– Por quê?

– Bem – a voz do Chanceler fica soturna –, você precisa considerar esta situação do meu ponto de vista – diz ele suavemente. – Do jeito que as coisas estão indo, as Colônias serão vitoriosas, sem a menor dúvida. A srta. Iparis é uma das principais representantes do governo atual. Por isso, filho,

quero que pense bem sobre o assunto. O que você acha que acontece com o governo dominante quando ele está do lado derrotado de uma guerra?

Minhas mãos tremem. Esse pensamento tem ocupado os recessos sombrios da minha mente; é uma coisa sobre a qual tenho me recusado a pensar. Até agora. Sussurro então:

– Você a está ameaçando?

O Chanceler faz um muxoxo de desaprovação à minha pergunta.

– Estou apenas sendo razoável. O que você acha que acontecerá com ela quando declararmos nossa vitória? Você acha *mesmo* que vamos deixar viva uma garota que está a caminho de se tornar a líder do Senado da República? É assim que agem todas as nações civilizadas, Day, e tem sido dessa maneira há séculos. Milênios. Afinal de contas, tenho certeza de que seu Eleitor executou todos que se opuseram a ele. Ou não?

Fico em silêncio.

– A srta. Iparis, juntamente com o Eleitor e seus senadores, será julgada e executada. É *isso* que ocorre com o governo que perde uma guerra, Day. – Sua voz adquire um tom grave. – Se você não cooperar conosco, talvez tenha de viver com o sangue deles nas mãos. Mas, se cooperar, é possível que eu encontre uma forma de perdôá-los por seus crimes de guerra e, além disso – acrescenta ele –, você poderá desfrutar de todo o conforto de uma vida de qualidade. Você nunca mais vai ter de se preocupar com a segurança de sua família e tampouco com a segurança do povo da República. Eles não sabem de nada; as pessoas mais simples não sabem o que é melhor para elas. Mas você e eu sabemos, não é verdade? Você sabe que o povo ficará melhor sem o domínio da República. Às vezes as pessoas simplesmente não compreendem suas opções e precisam que alguém tome decisões por elas. Afinal de contas, você mesmo preferiu manipulá-las quando quis que aceitassem seu novo Eleitor. Não é verdade?

Julgada e executada. *June, morta*. Abominar essa possibilidade é uma coisa; ouvi-la com todas as letras sendo usada para me chantagear é algo totalmente diferente. Minha mente dá múltiplos nós atrás de uma maneira de garantir a segurança de todos. Talvez consigam encontrar asilo em outro país. Quem sabe os governantes da Antártida não possam abrigar June e os

outros no exterior, caso as Colônias devastem a República? Deve haver uma solução. Mas... E o resto de nós? O que pode impedir as Colônias de machucar meu irmão?

– Como posso ter certeza de que você cumprirá sua palavra? – consigo finalmente perguntar.

– Para demonstrar minha sinceridade, eu lhe dou minha palavra de que os ataques que cessaram na manhã de hoje só serão retomados daqui a três dias. Se você concordar com minha proposta, terá garantido a segurança do povo da República e de seus entes queridos. Portanto, o futuro está em suas mãos. – O Chanceler dá um risinho. – Recomendo que mantenha nossa conversa em sigilo.

– Vou pensar no assunto – murmuro.

– Excelente! – A voz do Chanceler demonstra animação. – Como eu disse, decida o mais breve possível. Daqui a três dias espero ouvir que você vai fazer um anúncio público à República. Esse pode ser o começo de um relacionamento muito proveitoso. O fator tempo é essencial; sei que você entende isso melhor do que ninguém.

A ligação termina. O silêncio é ensurdecedor. Reflito sobre nossa conversa por algum tempo. Pensamentos não param de percorrer minha mente: Éden, June, a República, o Eleitor... *Viver com o sangue deles nas mãos.*

A frustração e o medo que inundam meu peito ameaçam me afogar. Preciso reconhecer que o Chanceler é inteligente: sabe exatamente quais são meus pontos fracos e vai tentar utilizá-los em seu benefício. Mas dois podem jogar esse jogo. Preciso prevenir June, discretamente. Se as Colônias descobrirem que divulguei essa história em vez de manter a boca fechada e fazer o que o Chanceler me recomendou, quem sabe as gracinhas que eles podem aprontar... Mas talvez possamos usar isso a nosso favor. Minha mente está um redemoinho. Talvez possamos enganar o Chanceler no seu próprio jogo.

De repente, um grito ressoa no corredor lá fora, e meu corpo fica todo arrepiado. Viro a cabeça na direção do som. Alguém está sendo arrastado pelo corredor contra vontade. Seja lá quem for, está resistindo bravamente.

– Eu não estou infectada – protesta a voz, que aumenta de volume até estar bem do lado de fora da minha porta, depois esmaece quando os sons dos gritos e das rodas da maca se afastam no corredor. Imediatamente, reconheço a voz.

– Refaçam os testes! Isso não é nada. *Não estou contaminada.*

Embora eu não saiba direito o que está acontecendo, tenho certeza de uma coisa: a doença se espalhando pelas Colônias fez mais uma vítima.

Tess.



JUNE

Pela primeira vez na história da República, não há capital na qual possamos pousar.

Aterrissamos num aeroporto localizado na extremidade sul da Universidade Drake às 16h, a menos de quatrocentos quilômetros de onde eu assistia a todas as minhas aulas de História da República. A tarde está incomumente ensolarada. Faz mesmo menos de um ano desde que tudo aconteceu? Quando saímos do avião e esperamos que nossa bagagem seja descarregada, olho ao redor, acometida por um leve torpor.

O campus, ao mesmo tempo que me traz saudade, parece desconhecido. Ele está mais vazio do que me lembro: soube que muitos dos alunos do último ano tiveram as formaturas adiantadas para que pudessem se juntar à frente de batalha na luta pela sobrevivência da República. Caminho em silêncio pelas ruas do campus alguns passos atrás de Anden, enquanto Mariana e Serge, como de costume, não param de discorrer sobre os mais variados assuntos com o então silencioso Eleitor. Ollie não desgruda do meu lado; os pelos do pescoço estão eriçados. A principal praça da Drake, normalmente abarrotada de estudantes, é hoje o novo lar de grupos de refugiados trazidos de Denver e de algumas cidades vizinhas. A visão é soturna e inédita.

Quando chegamos a uma série de jipes que nos esperam e começamos a percorrer o setor Batalla, observo diversas coisas que mudaram em Los Angeles. Campos de refugiados foram erguidos onde o setor Batalla se encontra com Blueridge. Edificações militares deram lugar a arranha-céus para civis e muitos dos prédios mais antigos e meio abandonados deste setor dos pobres foram apressadamente transformados em centros de desocupação. Multidões de refugiados de Denver se aglomeram nas entradas; todos esperam ter a sorte de conseguir alojamento. Não é preciso

ser muito observador para deduzir que, naturalmente, as pessoas esperando aqui se originam dos setores pobres de Denver.

– Onde estamos colocando as famílias das classes abastadas? – pergunto a Anden. – Suponho que nos setores de joias, certo? – Tenho dificuldade em dizer esse tipo de coisa agora sem deixar escapar um quê de reprovação.

Anden me parece aborrecido, mas responde calmamente:

– No setor Rubi. Você, Mariana e Serge também vão ficar em apartamentos nesse mesmo setor. – Ele traduz minha expressão. – Sei o que você está pensando, mas não me posso dar ao luxo de que as famílias ricas se revoltem contra mim se eu as obrigar a morar em centros de desocupação nos setores dos pobres. Determinei, *contudo*, que alguns locais no Rubi sejam designados aos pobres em um sistema de sorteio.

Não respondo, porque simplesmente não tenho como argumentar contra ele. O que mais se pode fazer em uma situação dessas? Nem se quisesse, Anden teria conseguido desarraigar a infraestrutura do país inteiro no espaço de um ano. Quando olho pela janela, vejo um grupo cada vez maior de manifestantes se reunir ao longo da extremidade de uma zona para desabrigados. Cartazes dizem: O LUGAR DELES É NOS SUBÚRBIOS! e QUARENTENA NELES!

Fico arrepiada ao ver isso. Não é tão diferente do que aconteceu nos primórdios da República, quando o oeste protestou contra os que fugiam do leste.

Viajamos em silêncio por algum tempo. Então, de repente, Anden comprime a mão contra o ouvido e ordena ao motorista, fazendo um pequeno gesto para o pequeno monitor embutido nos assentos do jipe: – Ligue a tela. O General Marshall me avisou que as Colônias estão transmitindo notícias para o nosso canal doze.

Todos nós grudamos os olhos na tela quando o monitor é ligado. A princípio, vemos apenas uma tela preta, mas aí começa a transmissão e vejo o slogan e o emblema das Colônias surgirem sobre uma oscilante bandeira das Colônias:

AS COLÔNIAS DA AMÉRICA CLOUD. MEDITECH. DESCON. EVERGREEN UM ESTADO LIVRE É UM ESTADO CORPORATIVO

Então surge um panorama noturno de uma cidade linda e reluzente, completamente coberta por milhares de luzinhas azuis que cintilam. Uma voz pomposa diz:

– Cidadãos da República, bem-vindos às Colônias da América! Como muitos de vocês já sabem, as Colônias se apossaram de Denver, capital da República e, assim, declararam uma vitória oficiosa contra o regime tirânico que tem mantido vocês sob controle constante. Depois de mais de cem anos de sofrimento, vocês agora estão livres.

O panorama se modifica e mostra um mapa geral da República e das Colônias, exceto que, desta vez, desapareceu a linha que dividia as duas nações. Sinto um calafrio percorrer minha espinha.

– Nas próximas semanas, todos vocês serão integrados a nosso sistema de livre concorrência e liberdade. Vocês serão cidadãos das Colônias. Talvez se perguntem o que isso quer dizer.

A narração para, e as imagens se deslocam para a visão de uma família feliz segurando um cheque.

– Na capacidade de novo cidadão, cada um de vocês terá direito a pelo menos cinco mil Notas das Colônias, o equivalente a sessenta mil Notas da República, concedidas por uma de nossas quatro principais corporações para a qual você resolver trabalhar. Quanto maior for seu rendimento atual, mais nós lhe pagaremos. Você não vai mais prestar contas dos seus atos à polícia local e, sim, às patrulhas municipais da DesCon, a polícia particular do seu bairro, dedicada a servir a *you*. Seu empregador deixará de ser a República e, sim, uma de nossas quatro eminentes corporações, onde você pode se candidatar a uma carreira plenamente satisfatória.

O vídeo muda de novo para cenas de rostos sorridentes e felizes e de orgulhosos trabalhadores de terno e gravata.

– Nós oferecemos a vocês, cidadãos, a liberdade de escolha.

A liberdade de escolha. Imagens do que eu vi nas Colônias, quando Day e eu nos aventuramos no território delas pela primeira vez, preenchem minha mente: multidões de operários, as favelas dilapidadas dos miseráveis. Os anúncios estampados nas roupas das pessoas. As propagandas que cobriam todos os centímetros dos edifícios. Principalmente, a polícia da DesCon, e a história que Day me contou sobre a maneira pela qual os policiais se recusaram a ajudar a mulher roubada que não conseguiu manter seus pagamentos em dia. É esse o futuro da República? De repente me sinto nauseada, porque não posso afirmar se o povo ficaria em melhor situação na República ou nas Colônias.

A transmissão continua:

– Só pedimos que vocês nos retribuam com um pequeno favor. – Desta vez o vídeo começa a exibir uma cena de pessoas protestando em solidariedade. – Se você, como cidadão, tem queixas contra a República, chegou a hora de expressá-las. Se vocês forem corajosos o suficiente para realizar protestos nas suas respectivas cidades, as Colônias lhes pagarão mais cinco mil Notas das Colônias e também lhes concederão um ano de descontos em todas as mercadorias das mercearias da Cloud Corp. Basta enviar a prova de sua participação nos protestos a qualquer sede da DesCon em Denver, Colorado, junto com seu nome e endereço de correspondência.

Isso tudo explica os diversos protestos que surgem ao redor da cidade. Até mesmo a propaganda deles parece um anúncio. Perigosamente tentador. Digo baixinho:

– Eles estão declarando vitória antes da hora.

– Eles estão tentando fazer com que o povo se volte contra nós – murmura Anden como resposta. – Hoje de manhã anunciaram um cessar-fogo, talvez para terem a oportunidade de disseminar propagandas como essa.

– Duvido que vá fazer efeito – digo, embora não soe tão confiante quanto deveria. As Colônias terão muito trabalho para suplantarem anos e mais anos de propaganda anticolônias, não é mesmo?

O jipe de Anden finalmente para. Franzo a testa, confusa por um instante. Em vez de me levar para um edifício de muitos andares onde fica meu apartamento temporário, estamos estacionados em frente ao Hospital Central de Los Angeles. O lugar onde Metias morreu. Olho de relance para Anden e pergunto:

– O que estamos fazendo aqui?

– Day está internado aqui – responde Anden. Sua voz fica meio tensa ao pronunciar o nome de Day.

– Por quê?

Anden não me olha. Parece relutante em falar do assunto, mas explica:

– Ele desmaiou durante a evacuação. A série de explosões que usamos para derrubar os túneis subterrâneos desencadeou uma de suas enxaquecas. Os médicos deram início a mais uma sequência de medicamentos. – Anden faz uma pausa e me olha com expressão grave. – Há outra razão para estarmos aqui. Você vai ver por si própria.

Salto do jipe, e espero Anden. Uma sensação de terror lentamente se apossa de mim. E se a doença de Day se agravou? E se ele não conseguir escapar dessa? É por isso que ele está aqui? Não há razão para Day querer pisar neste edifício de novo, não depois de tudo que este hospital o fez passar, exceto se ele foi forçado a isso. Juntos, Anden e eu entramos no edifício, ladeados por soldados. Vamos até o quarto piso, e um dos soldados que guardava a porta libera nossa entrada. Depois chegamos ao laboratório do Hospital Central. O embrulho no meu estômago só faz aumentar à medida que caminhamos.

Por fim, paramos em frente a uma série menor de quartos enfileirados dentro do laboratório principal. Ao atravessarmos uma dessas portas, vejo Day. Ele está do lado de fora de um quarto com paredes de vidro, fumando um dos seus cigarros azuis e observando alguém ser examinado por técnicos de laboratório em uniformes estéreis completos. Entretanto, o que me faz ficar sem fôlego é o fato de ele estar apoiado acentuadamente num par de muletas. Há quanto tempo está aqui? Parece exausto, lívido e distante. Eu me pergunto que novas drogas os médicos estão experimentando nele. Um lembrete repentino e doloroso da luz que se

extingue aos poucos dentro dele; os segundos que lhe restam se encurtam com o tique-taque do relógio.

De pé ao seu lado estão alguns técnicos de laboratório com macacões brancos e óculos protetores pendurados no pescoço. Cada um deles examina o quarto e digita informações em um notepad. A pouca distância, Pascao está entretido em uma conversa com os Patriotas. Eles deixam Day sozinho.

– Day! – digo, ao nos aproximarmos.

Ele me olha: mil emoções cintilam em seus olhos, o que faz minhas bochechas corarem. Nesse instante, ele repara que Anden está comigo. Consegue fazer uma breve reverência com a cabeça ao Eleitor e depois vira o corpo para voltar a observar a paciente do outro lado do vidro: Tess.

– O que está acontecendo? – pergunto a Day.

Ele dá mais uma tragada no cigarro e baixa os olhos.

– Não me deixam entrar lá. Achrom que ela foi contaminada por essa nova praga – responde ele. Sua voz está baixa, mas percebo frustração e raiva nela. – Já fizeram testes comigo e com os outros Patriotas. Só detectaram problemas com os testes de Tess.

Tess afasta as mãos de um dos técnicos de laboratório e depois tropeça para trás, como se estivesse tendo dificuldade para manter o equilíbrio. Há suor na sua testa, e ele escorre até o pescoço. A parte branca de seus olhos estampa um tom amarelo doentio, e quando olho detidamente, percebo que ela está estreitando os olhos, num esforço para ver as coisas ao seu redor. Lembro-me então que ela é míope, e costumava apertar os olhos para enxergar melhor, quando vivia nas ruas de Lake.

As mãos dela estão tremendo, o que me faz engolir em seco. Os Patriotas não ficaram muito tempo perto dos soldados das Colônias, mas aparentemente foi suficiente para que um soldado contaminado pelo vírus o transmitisse a um deles. Há também uma possibilidade muito grande de que as Colônias estejam propositalmente disseminando a doença entre nós, agora que estão em nosso território. Sinto um frio no estômago ao recordar uma frase do blog secreto de Metias: *Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo.* E isso é bem capaz de derrubar a República de uma vez por todas.

Uma das técnicas de laboratório que está fora da sala se vira para mim e explica rapidamente:

– O vírus parece ser uma mutação de um dos nossos antigos experimentos com a praga – diz ela, olhando nervosamente para Day (ele deve ter brigado com ela por causa dos experimentos) antes de continuar: – Até onde sabemos, com base nas estatísticas divulgadas pelas Colônias, são baixos os índices de contaminação entre os adultos saudáveis, mas depois que o vírus se instalada, a doença avança muito depressa e a taxa de mortalidade é altíssima. Estamos analisando a incidência de infecções que levam à morte no período de uma semana.

Ela se concentra em Tess do outro lado do vidro:

– Ela está apresentando alguns dos primeiros sintomas da praga: febre, tonteira, icterícia e o sintoma que aponta para um dos vírus fabricados por nós mesmos: cegueira temporária ou permanente.

Ao meu lado, Day agarra as muletas com tanta força que suas articulações embranquecem. Conhecendo-o como conheço, eu me pergunto se ele já não discutiu várias vezes com os técnicos de laboratório, tentando forçar a entrada para ficar com Tess, ou se não gritou com eles para que a deixassem em paz.

Sei que ele deve estar visualizando Éden com seus olhos violeta, praticamente cego, neste exato instante. Neste momento, sinto um ódio profundo pela antiga República. Meu pai trabalhou nesses laboratórios experimentais. Ele tentou desistir das pesquisas quando descobriu o que estava realmente sendo feito com todas as pragas de Los Angeles, mas, como resultado, perdeu a vida. Será que este país está nos apoiando de verdade agora? Será que nossa reputação pode algum dia mudar aos olhos do mundo ou das Colônias?

– Ela tentou salvar Frankie – sussurra Day, com os olhos ainda fixos em Tess. – Ela chegou ao quartel dos blindados logo depois de nós. Pensei que Thomas fosse matá-la. – Seu tom de voz demonstra amargura. – Mas talvez ela já estivesse marcada para morrer.

– Thomas? – pergunto baixinho.

– Thomas morreu. Quando Pascao e eu estávamos fugindo para o quartel dos blindados, eu o vi enfrentar, sozinho, os soldados das Colônias. Ele ficou disparando contra eles até ser baleado na cabeça. – Ele se encolhe todo ao dizer essa última frase.

Thomas morreu.

Pisco duas vezes, subitamente entorpecida dos pés à cabeça. Eu não deveria ficar chocada, então, por que fiquei? Eu estava preparada para isso. O soldado, que esfaqueou o coração do meu irmão e matou a tiros a mãe de Day, já não existe mais. É claro que ele morreria daquela maneira, defendendo a República até o fim, inabalável na sua lealdade insana a um país que já lhe tinha virado as costas. Compreendo na mesma hora por que isso afetou tanto Day. *Baleado na cabeça*. Sinto-me vazia ao me dar conta disso. Exausta. Paralisada. Meus ombros se curvam.

– Foi melhor assim – consigo finalmente murmurar, apesar do nó na garganta. Minha cabeça é ocupada por imagens de Metias, e pelo que Thomas me contou sobre a última noite em que meu irmão estava vivo. Obrigo-me a voltar a pensar em Tess. A pensar nos vivos, naqueles que ainda importam. – Tess vai ficar bem – digo. Minhas palavras não soam convincentes. – Só precisamos encontrar uma solução.

Os técnicos de laboratório na sala envidraçada enfiam uma agulha comprida no braço direito de Tess, e depois no esquerdo. Ela solta um soluço meio engasgado. Com lágrimas nos olhos, Day desvia o rosto dessa cena, ajusta firmemente as muletas e começa a vir em nossa direção. Ao passar por mim, sussurra: “*Hoje à noite.*” Em seguida nos deixa para trás e atravessa o corredor.

Eu o observo ir em silêncio. Anden suspira, olha tristemente para Tess, e se reúne com os técnicos de laboratório.

– Vocês têm certeza de que Day não está contaminado? – pergunta à técnica que nos deu as informações sobre o vírus. Ela confirma, e Anden lhe faz um sinal positivo com a cabeça. – Quero que seja feito um segundo teste em todos os nossos soldados *agora*. – Ele vira-se para um dos senadores: – Depois quero que seja mandada uma mensagem

imediatamente ao Chanceler das Colônias e também ao presidente da DesCon. Vejamos se a diplomacia pode nos ajudar.

Em seguida, Anden me olha demoradamente e diz:

– Sei que não tenho o direito de lhe pedir isto, mas se você tiver coragem de falar mais uma vez com Day sobre o irmão, eu ficarei grato. Talvez ainda tenhamos uma oportunidade com a Antártida.

19H30.

SETOR RUBI.

23°C.

O edifício de muitos andares no qual estou morando fica a apenas alguns quarteirões de onde Metias e eu morávamos. À medida que o jipe se aproxima do prédio, olho para a rua e tento ver de relance minha antiga casa. Até mesmo o setor Rubi está bloqueado com cordões de isolamento indicando as áreas para os refugiados, e soldados ocupam as ruas. Eu me pergunto onde estará Anden em meio a toda esta bagunça; provavelmente em algum lugar do setor Batalla. Com toda a certeza hoje ele ficará acordado até tarde. Antes de me dirigir ao apartamento que me foi designado, ele me levou para o hall do laboratório. Seus olhos se fixaram rápida e inconscientemente nos meus lábios e depois me encararam. Eu sabia que ele estava relembrando o breve momento que partilhamos em Ross City, e as palavras que se seguiram. *Sei que você gosta muito do Day.*

– June – disse ele, após uma pausa constrangedora. – Amanhã de manhã vamos nos reunir com o Senado para discutir as próximas providências a serem tomadas. Quero te informar que nessa conferência cada um dos Primeiros Cidadãos vai dirigir algumas palavras ao grupo. É uma oportunidade para expor o que cada um de vocês faria se fosse o Primeiro Cidadão ou Cidadã oficial. Mas fique prevenida de que as coisas podem esquentar. – Ele deu um pequeno sorriso. – Esta guerra deixou todos nós nervosos, para dizer o mínimo.

Tive vontade de dizer a ele que preferia não participar. Mais uma reunião com os senadores, mais uma sessão de quatro horas ouvindo quarenta papagaios tagarelando, todos lutando para superar uns aos outros, todos tentando influenciar Anden ou constrangê-lo na frente dos demais. Sem dúvida Mariana e Serge vão liderar as discussões para provar qual dos dois é o melhor candidato a Primeiro Cidadão ou Cidadã. Só de pensar nisso, a pouca força que me resta se esgota. Ao mesmo tempo, porém, a ideia de deixar Anden carregar o ônus sozinho numa sala cheia de gente fria e distante é muito difícil de suportar. Por isso, sorri, fiz uma pequena reverência, como uma Primeira Cidadã que faz jus ao título, e disse: – Estarei lá.

O jipe chega ao edifício, onde fica meu novo apartamento, e eu descarto todas aquelas recordações. Salto do jipe com Ollie e observo o veículo desaparecer completamente de vista ao dobrar a esquina. Então entro no prédio.

Pretendo dar uma passada no quarto de Day logo depois que me acomodar, para ver o que ele quis dizer com “Hoje à noite”, mas quando chego ao corredor do meu andar, vejo que isso não será necessário.

Day está acampado do lado de fora da minha porta, sentado bem à vontade contra a parede, distraidamente fumando um cigarro azul. Suas muletas estão jogadas no chão, ao seu lado. Embora ele esteja imóvel, ainda é possível identificar alguns de seus traços característicos – seus modos rebeldes, descuidados, desafiadores. Por um instante, volto ao dia em que o vi pela primeira vez, nas ruas, com seus olhos de um azul-vivo, movimentos explosivos, e cabelo louro desgrehado. Essa imagem nostálgica é tão suave, que de repente sinto meus olhos ficarem cheios d’água. Respiro fundo e me obrigo a não chorar.

Quando me vê, no final do corredor, fica de pé.

– June!

Ollie vai até ele para recepcioná-lo, e Day acarinha a cabeça do meu cachorro uma vez. Continua parecendo exausto, mas consegue me dar um meio sorriso tristonho. Sem as muletas, ele oscila um pouco. Os olhos dele

estão muito angustiados, e sei que é por causa do nosso encontro no laboratório.

– Pela sua expressão, o pessoal da Antártida não quis colaborar.

Balanço a cabeça, abro a porta e o convido para entrar.

– Não quis mesmo – respondo, ao fechar a porta. Meus olhos instintivamente examinam a sala, memorizando o layout. O lugar se parece demais com minha antiga casa, o que me deixa pouco à vontade. – Eles contataram as Nações Unidas sobre a praga. Vão suspender todas as negociações com nossos portos. Nada de importações ou exportações, nada de ajuda, nada de suprimentos. Estamos todos em quarentena. Eles disseram que só podem nos ajudar quando lhes dermos comprovação da cura da praga, ou se Anden lhes ceder, como pagamento, um bom pedaço das terras da República. Até que isso aconteça, não vão mandar nenhuma tropa. Tudo que sei agora é que estão monitorando muito de perto nossa situação.

Day não diz nada. Em vez disso, ele se afasta de mim, vai até a varanda e se debruça no parapeito. Ponho comida e água para Ollie e depois me junto a Day. O sol já se pôs há algum tempo, mas com o brilho das luzes da cidade, podemos ver as nuvens baixas que bloqueiam as estrelas, cobrindo o céu de tons cinzentos e pretos. Reparo que Day precisa se segurar com força no parapeito para ficar de pé. Fico tentada a lhe perguntar como se sente, mas sua expressão me impede. É provável que ele não queira tocar no assunto.

– Então – diz Day, após uma tragada no cigarro. A luz dos telões distantes pinta uma linha reluzente em seu rosto. Seus olhos miram os edifícios, e sei que está instintivamente analisando como poderia fugir por eles. – Acho que agora estamos por conta própria, mas não posso dizer que estou muito chateado por causa disso. A República sempre quis fechar suas fronteiras, certo? Talvez o país agora lute melhor. Nada motiva tanto alguém do que estar sozinho e encurralado nas ruas.

Quando Day levanta o cigarro novamente para levá-lo aos lábios, vejo que sua mão está trêmula. O anel de cliques de papel brilha no seu dedo. Digo então, suavemente:

– Day – ele apenas ergue uma sobrancelha e me olha de lado –, você está tremendo.

Ele exala uma baforada de fumaça azul, estreita os olhos para contemplar as luzes da cidade na escuridão e fecha os olhos.

– É estranho estar de volta a Los Angeles – comenta com a voz distraída e distante. – Eu estou ótimo, apenas preocupado com Tess.

Segue-se uma longa pausa. Sei que o nome Éden está na ponta de nossas línguas, embora nenhum de nós dois queira mencioná-lo primeiro. Day finalmente interrompe o silêncio, e aborda o assunto com pesar lento e consternado:

– June, tenho pensado no que o seu Eleitor quer de mim. Sobre... você sabe... meu irmão. – Ele suspira e se inclina mais sobre o parapeito, passando a mão no cabelo. Seu braço roça no meu, e mesmo esse pequeno gesto acelera meu coração. – Tive uma discussão com Éden sobre isso.

– O que ele disse? – pergunto. Não sei por quê, mas me sinto culpada ao lembrar o pedido que Anden me fez: *Se você tiver coragem de falar mais uma vez com Day sobre o irmão, eu ficarei grato.*

Day apaga o cigarro no parapeito de metal, e nossos olhos se encontram.

– O Éden quer ajudar – murmura ele. – Depois de ver Tess hoje, e do que você acabou de me dizer, bem... – Ele cerra os dentes. – Vou falar com Anden amanhã. Talvez o sangue de Éden contenha alguma coisa que possa, sei lá... fazer alguma diferença. *Talvez.*

É claro que ele ainda está relutante, e percebo nitidamente o sofrimento na sua voz, mas ele *concordou*. Concordou em deixar a República utilizar seu irmãozinho para encontrar a cura para essa praga. Um pequeno sorriso agridoce surge nos cantos da minha boca. *Day, o campeão do povo, o rapaz que não tolera ver os que o cercam sofrer em seu nome, o rapaz que daria a vida de bom grado por aqueles que ama.* Exceto que não é da vida dele de que precisamos para salvar Tess, mas a do irmão. Arriscar um ente querido para salvar outro. Eu me pergunto se mais alguma coisa o fez mudar de ideia.

– Day, obrigada – sussurro. – Sei como isso é difícil.

Ele faz uma careta e balança a cabeça.

– Não me agradeça, estou apenas sendo egoísta, mas não consigo evitar.
– Ele baixa a cabeça, desnudando todas as suas fraquezas. – Só quero que você... peça a Anden que traga meu irmão de volta. Por favor.

Existe outra coisa que o incomoda, algo que faz suas mãos tremerem incontrolavelmente. Eu chego mais perto dele e ponho minha mão sobre a dele. Ele me olha direto nos olhos de novo. Seu rosto expressa profunda tristeza e medo, e isso me parte o coração.

– O que mais está lhe incomodando, Day? – sussurro. – O que aconteceu?

Desta vez ele não desvia o olhar. Engole em seco e, quando fala, sua voz treme ligeiramente:

– O Chanceler das Colônias ligou pra mim quando eu estava internado.

– O Chanceler? – sussurro, tendo o cuidado de manter a voz baixa.

Nunca se sabe... – Tem certeza?

Day faz um sinal afirmativo com a cabeça, e depois me conta tudo: a conversa que teve com o Chanceler, os subornos, a chantagem e as ameaças. Ele me fala sobre o que as Colônias têm reservado para mim, caso Day se recuse a acatar as condições do Chanceler.

Eu já temia isso, só não externava. Finalmente, ele suspira. O fato de liberar todas essas informações parece aliviar o peso que carrega, mesmo que só levemente.

– Deve haver uma saída. Uma forma de fazer com que as Colônias sejam derrotadas no seu próprio jogo. Ainda não sei o quê, mas se conseguirmos encontrar um jeito de fazer o Chanceler pensar que vou ajudá-lo, então quem sabe a gente possa apanhá-los de surpresa.

Se as Colônias realmente vencerem, *virão* atrás de mim. Todos nós seremos assassinados. Tento parecer tão calma quanto ele, mas fracasso. Minha voz trêmula exprime meu pavor:

– Ele espera que você reaja emocionalmente a tudo isso. Pode ser uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra de atacar as Colônias com sua própria propaganda. Mas seja lá o que fizermos, precisamos ter muito cuidado. O Chanceler sabe que não pode confiar totalmente em você.

– Você vai estar em perigo se eles vencerem – sussurra Day com a voz sofrida. – Nunca pensei que eles fossem uns malditos corações moles, mas talvez seja bom você fugir do país, viajar para um lugar neutro e procurar asilo.

Fugir do país, escapar de todo este pesadelo e me isolar numa terra distante? Uma vozinha minúscula e soturna na minha cabeça sussurra que devo fazer isso, pois ficarei mais segura assim, mas rejeito essa ideia. Eu me aprumo da melhor maneira que posso, e respondo suavemente:

– Não, Day. Se eu fugir, o que farão todas as outras pessoas? E quem não conseguir escapar?

– Eles vão *matar* você! – Ele se aproxima. Seus olhos me imploram que eu concorde em fugir. – Por favor!

Balanço a cabeça.

– Vou continuar bem aqui. O povo não aguentaria que seu moral fosse esmagado ainda mais. Além disso, você pode precisar de mim. – Dou um pequeno sorriso. – Acho que sei algumas coisas sobre as forças militares da República que podem ser muito úteis, não concorda?

Day balança a cabeça, frustrado, mas ao mesmo tempo sabe que não vou recuar um milímetro da minha decisão. Ele sabe porque agiria exatamente da mesma forma.

Day segura minha mão, me puxa para ele e me abraça. Estou tão desacostumada ao toque dele, que seu abraço me faz sentir um enorme calor no corpo inteiro. Fecho os olhos, desabo no peito dele e saboreio a sensação. Faz tanto tempo assim desde a última vez em que nos beijamos? Será que senti tanto a falta dele assim? Será que os problemas que ameaçam nos destruir nos enfraqueceram tanto a ponto de precisarmos nos agarrar desesperadamente um ao outro para sobreviver? Eu tinha me esquecido de como é gostoso estar nos braços dele. Sua camisa de botão está amassada e macia contra a minha pele, e, debaixo dela, o peito de Day é quente e pulsa com as fracas batidas de seu coração. Ele tem cheiro de terra, fumaça e vento.

– Você me deixa louco, June! – murmura ele junto ao meu cabelo. – Você é a pessoa mais assustadora, inteligente e corajosa que conheço. Às

vezes nem consigo respirar direito porque fico tentando acompanhar o seu ritmo. Nunca vai existir alguém como você. Você sabe disso, não sabe?

Inclino o rosto para olhá-lo. Seus olhos refletem as pálidas luzes dos telões, um arco-íris de cores noturnas.

– Bilhões de pessoas vão nascer e morrer neste mundo – continua ele suavemente –, mas *nunca* haverá alguém como você.

Meu coração se contorce tanto que tenho a sensação de que ele vai se partir ao meio. Não sei o que dizer.

Ele então me solta abruptamente, e o frio da noite é um choque repentino na minha pele. Mesmo na escuridão, consigo ver o rubor em suas bochechas; sua respiração está mais pesada do que o habitual. Pergunto então:

– O que foi?

– Desculpa – responde ele com a voz tensa. – Estou morrendo, June, não sirvo pra você. Tudo está bem até eu te ver; aí as coisas mudam de novo. Penso que não me importo mais com você, que vai ser mais fácil com você distante, mas de repente estou aqui de novo e você... – Ele se cala e olha para mim. Sua expressão angustiada é uma faca que se afunda em meu peito. – *Por que* eu faço isso comigo? Quando te vejo, eu sinto um... – Seus olhos estão cheios de lágrimas. Essa visão é mais do que consigo suportar. Ele se afasta dois passos de mim e depois se vira, como um animal enjaulado. – Só pra saber: você me ama? – pergunta de súbito, agarrando meus ombros. – Eu já disse que te amo, e continuo amando, mas nunca ouvi *você* dizer o que sente por mim. Não faço ideia se você me ama, mas aí você me dá este *anel*. – Ele ergue a mão, e eu fico sem saber o que pensar.

Day se aproxima, até que sinto seus lábios junto ao meu ouvido. Todo o meu corpo estremece.

– Você tem noção de como mexe comigo? – diz ele com a voz suave, entrecortada e rouca. – Você consegue imaginar o quanto eu... O quanto eu sou louco para...

Ele se afasta o suficiente para me olhar desesperadamente nos olhos.

– Se você não me ama, é só dizer... *você precisa me ajudar*. Seria até melhor para mim; seria mais fácil ficar longe de você, não seria? Eu posso

abrir mão de você. – Ele fala como se estivesse tentando se convencer. – Eu *consigo* abrir mão de você, se você não me amar.

Ele diz isso como se achasse que eu sou a mais forte entre nós dois, mas acontece que não sou. Não consigo tampouco fugir do que sinto.

– Não – digo, entre dentes cerrados, com a visão enevoada. – Não posso te ajudar porque *eu te amo*. – Pronto! Falei. – Estou completamente apaixonada por você, Daniel.

Vejo uma expressão conflitante nos olhos de Day, de alegria e dor, que o torna muito vulnerável. Só então percebo que ele não tem condições de lutar contra minhas palavras. *Ele ama com todo o seu ser, é da natureza dele*. Day pisca e tenta encontrar a resposta adequada.

– Eu... – gagueja ele – estou com muito medo, June. Muito medo do que pode acontecer comigo e...

Encosto dois dedos nos lábios dele para que não diga mais nada e sussurro:

– O medo te fortalece. – Antes que eu consiga me deter, seguro o rosto dele com as mãos e beijo sua boca.

Qualquer resquício de autocontrole que Day ainda possuía se desfaz em mil pedaços. Ele retribui meu beijo com uma urgência incontrolável. Sinto suas mãos tocarem meu rosto; uma delas macia e a outra ainda envolta em ataduras. Em seguida, ele me pega pela cintura e me puxa para perto do seu corpo com tanta força que sufoco um grito. Ninguém se compara a ele. E neste instante, não há nada que eu queira mais.

Damos um jeito de ir para o meu quarto, sem pararmos de nos beijar. Day tropeça em mim, perde o equilíbrio e caímos na minha cama. O peso de seu corpo me deixa sem ar. Suas mãos percorrem meu queixo, meu pescoço, minhas costas, minhas pernas. Eu arranco seu casaco. Os lábios de Day se afastam dos meus, e ele enterra o rosto no meu pescoço. Seu cabelo roça meu braço, espesso e mais macio do que qualquer seda que já vesti. Day finalmente encontra os botões da minha blusa. Eu já abri os dele e, sob o tecido, sua pele é ainda mais quente do que eu imaginava. O calor que ele irradia me aquece. Saboreio o peso de seu corpo.

Nenhum dos dois se atreve a dizer qualquer coisa. Temos receio de que palavras nos detenham, de que dilacerem o fascínio que nos une. Ele está tremendo também. De repente, me ocorre que ele deve estar tão nervoso quanto eu. Sorrio quando seus olhos encontram os meus, e depois ele os desvia, num gesto envergonhado. *Day é tímido?* Que emoção nova e estranha é essa estampada em seu rosto? Algo deslocado e, ao mesmo tempo, tão apropriado! Fico aliviada ao constatar isso porque posso sentir minhas bochechas ficando quentes, de tanta vergonha. Constrangida, sinto vontade de cobrir minha pele despida. Muitas vezes imaginei como seria me deitar com Day pela primeira vez. *Estou apaixonada por ele.* Testo essas novas palavras na minha cabeça, impactada e temerosa por tudo que elas representam. Ele está aqui, ele é real, de carne e osso.

Mesmo com sua paixão febril, Day é gentil comigo. É uma gentileza diferente da de Anden, que é refinado, respeitoso e elegante. Day é rude, espontâneo, inseguro e puro. Quando olho para ele, percebo um sorriso sutil nos cantos da boca, um leve indício de traquinagem, o que só aumenta meu desejo por ele.

Day acaricia meu pescoço; seu toque me causa arrepios na espinha. Ele suspira aliviado junto ao meu ouvido, de uma forma que faz meu coração disparar: é um suspiro que parece libertá-lo de todas as emoções sombrias que o assombram. Dou-lhe mais um beijo demorado e passo as mãos por seu cabelo para que ele saiba que estou bem. Pouco a pouco, ele relaxa. Contenho a respiração quando ele se mexe junto ao meu corpo; seus olhos brilham tanto, que tenho a impressão de que posso me afogar neles. Day beija minhas bochechas e prende alguns fios do meu cabelo cuidadosamente atrás da minha orelha; eu deslizo meus braços ao redor dele e o puxo para mais perto.

Independentemente do que possa nos acontecer, do rumo que nossos caminhos sigam, este momento será nosso.

Depois, ficamos em silêncio. Day está deitado ao meu lado, e os lençóis cobrem parte de suas pernas, os olhos fechados meio sonolentos, a mão ainda enlaçada com a minha, como se para reassegurar-se daquele momento.

Olho ao redor. A colcha pende precariamente da cama. Os lençóis têm dobras que se irradiam, parecendo uma dúzia de pequenos sóis e seus raios. Há fundas reentrâncias no meu travesseiro. Cacos de vidro e pétalas de flor cobrem o chão. Eu sequer havia reparado que derrubamos um vaso da penteadeira, nem escutei o barulho quando ele se despedaçou nas tábuas de cerejeira do chão.

Meus olhos se fixam novamente em Day. Sob o parco brilho da noite, seu rosto está com uma expressão pacífica e livre de dor. Sua aparência é até ingênua. A boca já não está aberta, nem as sobrancelhas franzidas. Seu corpo tampouco treme. Fios soltos de seu cabelo lhe emolduram o rosto; alguns deles refletem as luzes da cidade que entram pela janela. Eu me viro delicadamente para ele, passo as mãos pelos músculos do seu braço, e lhe dou um beijo na face.

Seus olhos se abrem e piscam para mim, sonolentos. Ele me olha fixo demoradamente. Eu me pergunto o que será que ele vê, e se a dor, a alegria e o medo que ele confessou antes continuam presentes, assombrando-o. Ele se inclina e me beija com suavidade e delicadeza. Seus lábios demoram a se afastar, receosos de se despedirem. Eu tampouco quero me despedir. Não quero pensar no amanhã. Quando mais uma vez eu o puxo para mim, ele me acolhe, ansiando por mais. Tudo em que posso pensar é que sou grata por seu silêncio, por não me dizer que eu o estou aproximando cada vez mais de mim, quando deveria libertá-lo.



Já tive muitos momentos memoráveis na companhia de garotas. Meu primeiro beijo foi aos doze anos, quando precisei usar minha boca para calar uma guria de dezesseis que ameaçou me denunciar para a polícia municipal. Transei com algumas meninas dos setores das favelas e outras dos setores dos ricos. Teve até uma garota, de um setor de joias, com quem tive um namoro de poucos dias quando eu tinha catorze anos. Ela era bem bonita: cabelo castanho-claro curtinho, uma pele morena perfeita... Todas as tardes a gente escapulia para o porão do colégio onde ela estudava para... Bem, se divertir um pouco.

Mas *June*...

Meu coração se abriu completa e irremediavelmente para ela, da forma como eu temia, e não tenho forças para mudar isso. Qualquer barreira que eu tivesse conseguido erguer para me resguardar, qualquer resistência que eu cultivasse em relação a meus sentimentos por ela foi abaixo. Destroçadas. À luz fraca da noite que entra pela varanda, passo minha mão pelas curvas do corpo de June. Minha respiração continua superficial. Não quero ser o primeiro a dizer alguma coisa. Meu peito está pressionado com delicadeza contra as costas dela, meu braço envolve sua cintura; seu cabelo cobre o pescoço delicado como um lenço escuro e brilhante. Enterro o rosto em sua pele macia. Um milhão de pensamentos percorrem minha cabeça, mas, assim como ela, permaneço em silêncio.

Simplesmente não há mais nada a dizer.

Acordo sobressaltado na cama, arquejante. Mal consigo respirar – meus pulmões trabalham com dificuldade, numa tentativa de absorver o ar. Olho ao redor, freneticamente. *Onde estou?*

Estou na cama de June.

Foi um pesadelo, apenas um pesadelo; o beco e a rua em Lake desapareceram. Continuo deitado por um instante, tentando, com calma, recuperar o fôlego e desacelerar as batidas do meu coração. Estou completamente encharcado de suor. Olho de relance para June. Ela está deitada de lado, de frente para mim; seu tronco sobe e desce num ritmo suave e constante. Ótimo. Não quero acordá-la. Limpo rapidamente as lágrimas do rosto com a palma da mão que não está enfaixada e continuo deitado por alguns minutos, ainda tremendo. Quando se torna óbvio que não vou conseguir voltar a dormir, sento devagar na cama e apoio os cotovelos nos joelhos. Baixo a cabeça. Meus cílios roçam a pele do meu braço. Sinto-me muito debilitado, como se tivesse acabado de escalar um edifício de trinta andares.

Esse foi, sem a menor dúvida, o pior pesadelo que já tive. Tenho medo de fechar os olhos por muito tempo e acabar tendo de reviver as imagens que dançaram sob minhas pálpebras. Olho ao redor do quarto. Minha visão se embaça de novo; transtornado, limpo as lágrimas recentes. Que horas são? Lá fora ainda está escuro como breu; apenas o brilho fraco de telões distantes e das luzes da rua ilumina o quarto. Volto a olhar para June, observando como as luzes do lado de fora salpicam cores sobre seu corpo. Desta vez, não estendo o braço para tocá-la.

Não sei quanto tempo fico sentado desse jeito, tentando encher os pulmões de ar, até que minha respiração finalmente se estabiliza. É tempo suficiente para secar as gotas de suor que empapavam meu corpo inteiro. Meus olhos vagueiam até a varanda do quarto. Olho fixamente para a noite lá fora, depois me levanto com cuidado da cama sem fazer barulho, visto a camisa e as calças, e calço as botas. Torço meu cabelo até formar um nó, e ajusto bem firme um boné à cabeça. June se mexe um pouco, e eu paro de me movimentar. Quando ela para, acabo de abotoar a camisa e vou até as portas envidraçadas da varanda. No canto do quarto, o cachorro de June me olha curioso e inclina a cabeça, mas não faz qualquer ruído. Agradeço-lhe mentalmente e abro as portas da varanda. Elas se fecham quando passo, sem fazer barulho.

Com dificuldade, subo no parapeito da varanda, me empoleiro como um gato e examino os arredores. Este é o setor Rubi, um setor onde vivem os mais abastados, e que é completamente diferente do setor em que nasci. Estou de volta a Los Angeles, mas não reconheço a cidade: ruas limpas e bem cuidadas, telões novos e reluzentes, amplas calçadas sem rachaduras nem buracos, nem policiais municipais arrastando órfãos para longe das barracas de feira. Por instinto, meu olhar se concentra na direção da cidade onde fica o setor Lake.

Deste lado da cidade, não dá para ver o centro de Los Angeles, mas consigo *senti-lo*. As lembranças que me acordaram, sussurram que eu volte para casa. O anel de cliques de papel está firme no meu dedo. Um mal-estar toma conta de mim depois daquele pesadelo, uma sensação desagradável que não consigo afastar. Eu me penduro no lado de fora do parapeito e apoio os pés em uma saliência abaixo dele. Vou descendo silenciosamente andar por andar até minhas botas alcançarem a calçada e me misturo às sombras da noite. Minha respiração está entrecortada.

Mesmo aqui, num setor de gente rica, existem agora patrulhas municipais vigiando as ruas, com as armas a postos como se prontas para um ataque surpresa das Colônias. Mantenho distância delas para evitar perguntas, e volto a adotar antigos hábitos ao caminhar pelas ruas, andando por labirintos de vielas e laterais sombreadas de edifícios até alcançar uma estação de trem onde há jipes enfileirados, à espera de passageiros. Ignoro esses jipes: não estou com vontade de bater papo com um motorista que talvez me reconheça, para, na manhã seguinte, ouvir boatos sobre o que eu estava fazendo na rua até altas horas da noite. Em vez disso, vou até a plataforma e espero pelo próximo trem automatizado que me leve até o centro da cidade.

Meia hora depois, salto na estação central e caminho em silêncio pelas ruas até chegar perto da antiga casa da minha mãe. As rachaduras em todas as ruas do setor de favelas servem para uma coisa boa: de vez em quando vejo trechos de terra onde margaridas crescem ao acaso, pequenos pontos de turquesa e verde numa rua geralmente cinzenta. Por instinto, me agacho e colho algumas delas, as favoritas da minha mãe.

– Ei, você aí, garoto!

Viro o corpo para ver quem está me chamando. Demoro alguns segundos para localizá-la, porque é muito baixinha. Trata-se de uma anciã curvada ao lado de um edifício todo coberto por tábuas, tremendo sob o ar da noite. Está dobrada quase ao meio, com o rosto completamente enrugado, e suas roupas são tão esfarrapadas que não dá para saber onde começam nem onde terminam: é apenas um grande esfregão de trapos. Ela está com uma caneca rachada entre os pés descalços e imundos, mas o que me faz parar é o fato de suas mãos estarem cobertas por espessas ataduras. Igualzinho à minha mãe. Quando ela percebe que minha atenção está concentrada nela, seus olhos brilham com um leve indício de esperança. Não sei bem se me reconhece, mas tampouco sei se ela enxerga bem. A mulher resmunga:

– Tem um trocadinho pra me dar, menino?

Enfio a mão no bolso e tiro um pequeno maço de notas: são oitocentas Notas da República. Não faz muito tempo, eu arriscaria a vida para conseguir todo esse dinheiro. Eu vou até a velha, ponho as notas nas suas palmas trêmulas e aperto-lhe as mãos enfaixadas.

– Esconde isto aí e não conta pra ninguém.

Quando a mulher continua a me olhar com expressão atônita e boquiaberta, eu me levanto e começo a andar novamente pela rua. Acho que ela gritou alguma coisa, mas não me dou ao trabalho de me virar: não quero mais ver aquelas mãos enfaixadas.

Minutos depois, chego ao cruzamento da Watson e Figueroa. Minha antiga casa.

A rua não mudou muito, mas agora a casa da minha mãe está vedada por tábuas e abandonada, assim como muitos outros prédios nos setores das favelas. Eu me pergunto se tem alguém lá dentro, entocado no nosso antigo quarto ou dormindo na cozinha. A casa, aparentemente, está às escuras. Caminho devagar até ela e me pergunto se continuo preso no meu pesadelo. Talvez eu não tenha acordado ainda.

Não há mais cordões de quarentena isolando o quarteirão, nem patrulhas de vigilância contra a praga na calçada. Reparo numa mancha de sangue

ainda visível, no concreto rachado que conduz a casa. Agora está marrom e desbotada, muito diferente do que eu me lembro. Olho fixamente para a mancha de sangue, entorpecido e insensível, depois passo por ela e continuo andando. Minha mão aperta o punhado de flores que colhi.

Ao me aproximar da porta da frente, vejo que o conhecido X vermelho continua lá, embora esteja desbotado e lascado. Várias tábuas de madeira apodrecida estão pregadas por toda a extensão da porta. Fico lá um tempinho e passo um dedo na tinta desbotada. Alguns minutos depois, saio bruscamente do meu torpor e vou até os fundos da casa. Metade da nossa cerca desabou, deixando o minúsculo quintal exposto e visível aos vizinhos.

A porta dos fundos também está lacrada por tábuas de madeira, mas elas estão tão apodrecidas e dilaceradas que só preciso empurrá-las para que desabem, num estalar abafado de lascas.

Forço a porta e entro. Tiro o boné, e meus cabelos caem sobre minhas costas. Mamãe sempre mandava a gente tirar o chapéu dentro de casa.

Meus olhos se adaptam à escuridão. Dou alguns passos silenciosos e entro na nossa sala minúscula. Eles podem ter vedado a casa como parte de algum protocolo padrão, mas os móveis permanecem intactos, com a única diferença de estarem todos cobertos por uma camada de poeira.

Os poucos pertences da minha família continuam aqui, do mesmo jeito que estavam na última vez em que os vi. O retrato do antigo Eleitor pendurado na parede aos fundos da sala, proeminente e centralizado, e nossa pequena mesa de jantar ainda tem espessas camadas de papelão presas a uma das pernas, para firmar o móvel. Uma das cadeiras está no chão, como se alguém tivesse se levantado às pressas. *John fez isso*, agora me lembro. Recordo que todos nós fomos ao quarto para pegar o Éden, tentando levar nosso irmãozinho dali antes que as patrulhas contra a peste viessem atrás dele.

O quarto. Vou até a porta de nosso minúsculo quarto; preciso apenas de alguns passos para chegar a ele. É... Tudo aqui também está exatamente do mesmo jeito, a não ser pelas teias de aranha. A planta que Éden trouxe para casa certa vez continua no canto, embora agora esteja morta, com as folhas e os caules pretos e murchos. Passo um instante contemplando a planta e

em seguida volto para a sala. Ando ao redor da mesa de jantar e finalmente me sento na minha velha cadeira, que range como sempre.

Coloco o ramalhete de margaridas cuidadosamente em cima da mesa. Nossa lamparina está no meio, apagada e sem uso. Geralmente, a rotina era esta: mamãe chegava em casa todo dia às seis da tarde, poucas horas depois que eu voltava do colégio, e John chegava umas nove da noite. Para economizar, mamãe só acendia a lamparina quando John regressava. Depois de um tempo, Édén e eu começamos a aguardar ansiosamente a “lâmpada mágica” se acender, pois isso queria dizer que John tinha acabado de entrar e que iríamos jantar.

Não sei por que fico sentado aqui, na expectativa de que mamãe saia da cozinha e acenda a “lâmpada mágica”. Não sei por que meu peito se enche de alegria, achando que John está em casa e que o jantar está servido. Antigos e estúpidos hábitos. Ainda assim, meus olhos se concentram esperançosamente na porta da frente, e minha esperança só aumenta.

Mas a lamparina permanece apagada. John fica do lado de fora e mamãe não está em casa.

Apoio os braços pesadamente na mesa e cubro os olhos com as mãos.

– Por favor, me ajudem – sussurro desesperado para a sala vazia. – Eu não sei mais o que fazer. – *Eu quero, eu a amo, mas não consigo suportar a dor. Faz quase um ano. Qual é meu problema? Por que não consigo seguir em frente?*

Sinto um nó na garganta. As lágrimas descem rapidamente pelo meu rosto. Nem me dou ao trabalho de secá-las, porque sei que é impossível. Soluço sem poder me controlar. Não consigo parar, não consigo recuperar o fôlego, não consigo ver. Não consigo ver minha família porque ela não está aqui. Sem eles, todos estes móveis são inúteis, as margaridas na mesa de nada valem, a lamparina é apenas uma porcaria velha e escurecida. As imagens do meu pesadelo persistem e me assombram. Por mais que eu me esforce, não adianta: não consigo fazer com que desapareçam.

O tempo cura todas as feridas. Menos essa. Ainda não.



JUNE

Não me mexo, mas pelos olhos semicerrados e sonolentos, vejo Day sentar-se na cama ao meu lado e enterrar o rosto nas mãos. Ele respira pesadamente. Sete minutos depois ele se levanta sem fazer barulho, me olha de relance pela última vez e desaparece pela porta da varanda. É silencioso como sempre. Se ele não tivesse me despertado ao acordar de seu pesadelo, Day teria saído do quarto facilmente sem que eu soubesse.

Mas eu o vi, e desta vez me levanto logo que ele vai embora. Visto a primeira roupa que encontro, calço as botas e vou atrás dele. O ar frio bate no meu rosto e o luar banha a noite com tons prateados.

Mesmo com seu estado de saúde prejudicado, ele ainda é rápido quando quer. Quando consigo alcançá-lo na estação central e o sigo pelas ruas do centro da cidade, meu coração bate acelerada e continuamente, como acontece depois que termino de malhar. A essa altura, já sei para onde ele está indo: está voltando para a casa de sua família. Observo quando ele finalmente chega ao cruzamento da Watson e Figueroa, dobra a esquina e se dirige a uma casa minúscula vedada por tábuas com um X desbotado ainda pintado na porta.

O simples fato de estar aqui me deixa tonta com as lembranças. Não consigo nem imaginar o quanto deve estar sendo devastador para o Day. Cautelosamente vou até as janelas tampadas com tábuas e procuro escutar atentamente o que ele faz. Ele entra pela porta dos fundos, e consigo ouvi-lo se movimentando de um lado para o outro dentro da casa, com pisadas controladas e abafadas. Ele então parece parar em um dos cômodos. Vou de janela em janela até finalmente encontrar uma com uma fresta entre duas tábuas. A princípio não dá para vê-lo, mas acabo conseguindo.

Day está sentado à mesa da sala, com a cabeça entre as mãos. Muito embora esteja muito escuro lá dentro para que eu possa distinguir o que vejo, posso ouvi-lo chorar. Seu vulto estremece de pesar, e sua angústia está

delineada em cada músculo machucado e arrasado do corpo. O som do seu choro é tão estranho para mim, que dilacera meu coração. Já vi Day chorar, mas não estou acostumada a isso, nem sei se me acostumarei algum dia. Passo a mão no rosto e me dou conta de que lágrimas também escorrem pelas minhas bochechas.

Fui eu que fiz isso com ele... E porque ele me ama, não pode nunca fugir desse sofrimento. Ele se lembrará do destino de sua família toda vez em que me olhar, mesmo se me amar, *especialmente* se me amar.



Finalmente volto, com a visão turva e exausto, ao quarto de June, pouco antes do amanhecer. Ela continua lá, aparentemente imperturbada. Não tento deitar ao seu lado na cama; em vez disso, desmorono no sofá e caio em um sono profundo e sem sonhos até clarear lá fora.

June me acorda com uma sacudidela e sussurra:

– Ei!

Para minha surpresa, ela não comenta sobre quão vermelhos ou inchados devem estar meus olhos. Não parece sequer impressionada de acordar e me ver acomodado no sofá e não na sua cama. Ela diz, parecendo agradecida, cautelosa e hesitante:

– Informei a Anden sua decisão, e ele disse que uma equipe do laboratório pegará você e Éden daqui a duas horas, no seu apartamento.

– Vou estar lá – resmungo. Não posso deixar de olhar fixa e inexpressivamente para o espaço por alguns segundos: nada parece real neste momento, e sinto como se estivesse nadando num mar de nevoeiro onde emoções, imagens e pensamentos estão fora de foco. Eu me obrigo a sair do sofá e ir ao banheiro. Lá, desabotoo a camisa e jogo água no rosto, no peito e nos braços. Desta vez, tenho medo de encarar o espelho. Não quero ver John diante de mim, com minha venda apertada ao redor dos olhos. Minhas mãos tremem muito; o corte na palma esquerda reabriu e está sangrando, provavelmente porque fico apertando a mão por instinto. Será que June percebeu quando saí do quarto? Estremeço ao relembrar sua imagem do lado de fora da casa da minha mãe, esperando à frente de um pelotão. Então recordo as palavras do Chanceler sobre a situação precária em que June se encontra, em que Tess se encontra, em que Éden se encontra, isto é, em que *todos nós* nos encontramos.

Jogo muita água no rosto, e quando isso não funciona vou para o chuveiro e tento me afogar debaixo da água escaldante, mas o banho não

esmaece as imagens.

Quando finalmente saio do banheiro, com o cabelo ainda molhado e a camisa meio abotoada, estou lívido e trêmulo. June me observa calada sentada na beira da cama, bebericando uma xícara de chá de cor roxa. Embora eu saiba ser inútil tentar esconder alguma coisa dela, resolvo arriscar. Dou o melhor sorriso que consigo e digo:

– Estou pronto. – Ela não merece ver tanto sofrimento no meu rosto, e não quero que pense que é responsável por isso. *Ela não é responsável por isso*, lembro a mim mesmo, com raiva.

Mas June não faz qualquer comentário: apenas me analisa com os grandes olhos negros e diz, passando a mão, pouco à vontade, no cabelo:

– Anden acabou de me ligar. Conseguiram novas provas de que a Comandante Jameson é a responsável por vazarem segredos militares às Colônias. Parece que ela agora está trabalhando para eles.

Sob minha gigantesca onda de emoções, forma-se um ódio profundo. Se não fosse pela Comandante Jameson, talvez tudo tivesse sido melhor entre mim e June, e nossas famílias ainda estivessem vivas. Não sei direito. *Jamais* saberemos. E agora ela está trabalhando para o inimigo, quando deveria estar morta. Solto um palavrão em voz baixa e pergunto:

– Existe alguma forma de saber onde ela está? Será que continua na República?

– Ninguém sabe. – June balança a cabeça. – Anden me disse que estão averiguando se alguma coisa nela pode ser rastreada, mas há muito tempo ela deve ter abandonado o uniforme de prisioneira, e os chips de rastreamento nas botas já não servem mais. Ela é esperta demais para cometer um erro desses.

Quando June vê a frustração no meu rosto, ela se levanta e caminha na minha direção. Nós dois fomos abalados pela mesma pessoa. Ela põe a xícara de chá na mesa e aperta minha mão ilesa.

– Eu sei como você se sente.

Ao seu toque, violentos *flashbacks* me vêm à memória e estremeço antes de poder me conter. Ela fica paralisada. Por um segundo, vejo profunda

mágoa na sua expressão. Rapidamente disfarço minha pisada de bola dando um beijo nela, tentando me perder no que fizemos ontem à noite.

Mas acontece que eu nunca soube mentir, pelo menos não para ela. June recua um passo e sussurra:

– Desculpa.

– Tudo bem – digo rapidamente, irritado comigo mesmo por arrastar nossas velhas feridas de volta à superfície –, não é...

– É sim. – June se obriga a me encarar. – Eu vi aonde você foi ontem à noite, eu vi você lá... – O tom de sua voz diminui quando ela olha para baixo com remorso. – Lamento ter seguido você, mas eu precisava saber, precisava ter certeza de que eu era a responsável por todo o sofrimento que vejo nos seus olhos.

Quero dizer a ela que *nem todo* o meu sofrimento é causado por ela, e que a amo tão desesperadamente que esse sentimento me aterroriza. Mas não consigo. June vê a hesitação no meu rosto, o que confirma seu receio. Ela morde os lábios.

– A culpa é toda minha. E não sei direito se algum dia serei digna do seu perdão. Eu não mereço ser perdoada.

Eu digo então:

– Não sei o que fazer. – Minhas mãos pendem junto ao meu corpo, impotentes. Imagens terríveis do nosso passado percorrem rapidamente minha mente mais uma vez, e apesar de me esforçar, não consigo impedi-las. – Não sei como fazer isso.

Os olhos de June brilham porque estão cheios de lágrimas, porém ela consegue conter o choro. Será que um erro pode mesmo destruir uma vida inteira?

– Acho que não tem jeito – diz finalmente ela.

Dou um passo até ela.

– Ei! A gente vai ficar bem – sussurro em seu ouvido. Não tenho certeza disso, mas acho que é a melhor coisa a dizer.

June sorri, fazendo o meu jogo, mas seus olhos refletem minha própria dúvida.

Hoje é o segundo dia do cessar-fogo prometido pelas Colônias.

O Hospital Central de Los Angeles é o último lugar para onde eu gostaria de voltar neste momento. Já é bastante difícil ver Tess presa atrás de paredes envidraçadas, com um monte de coisa sendo injetada em sua corrente sanguínea. Agora estou indo para lá com o Édén e vou assistir à mesma coisa acontecer com ele. Quando nos aprontamos para sair do apartamento, eu me ajoelho na frente de Édén e endireito seus óculos. Ele me encara solenemente.

– Você não precisa fazer isso – repito.

– Eu sei – responde ele. Édén afasta minha mão quando tento tirar fiapos dos ombros de seu casaco. – Eu vou ficar bem. Eles disseram que não ia demorar o dia inteiro.

Anden não tem como garantir a segurança do meu irmão: só pôde prometer que seriam extremamente cautelosos. Uma promessa vinda da República, ainda que de uma República na qual eu tenha passado a confiar, não quer dizer muita coisa. Suspiro e pergunto:

– Se você mudar de ideia, é só falar, tá bem?

– Não precisa se preocupar, Daniel – diz ele, minimizando a seriedade da coisa. – Eu vou ficar bem. Não parece ser tão perigoso assim. Pelo menos você vai estar comigo dessa vez.

– É... Pelo menos eu vou estar com você – repito, entorpecido. Lucy mexe nos cachos louros e embaraçados dele. Isso me traz mais lembranças de casa e da minha mãe. Fecho os olhos e tento clarear os pensamentos. Depois aperto o nariz de Édén e digo: – Quanto mais cedo eles começarem, mais cedo vai terminar.

Minutos depois, um jipe militar me apanha, enquanto uma ambulância transporta Édén separadamente até o Hospital Central de Los Angeles.

Ele vai sobreviver, repito ao chegarmos ao laboratório do quarto andar. Sou acompanhado por técnicos até uma sala com grandes janelas de vidro espesso. *E se ele pode enfrentar isso, eu também posso*. Ainda assim, minhas mãos estão suadas. Eu as aperto de novo, numa tentativa de fazê-las pararem de tremer; uma pontada de dor percorre a palma ferida. Édén está dentro desta sala envidraçada. Seus cachos louros e claros estão

embaraçados e despenteados, apesar dos esforços de Lucy. Ele agora está usando uma touca fina vermelha de paciente, e os pés estão descalços. Dois técnicos de laboratório o ajudam a subir num leito comprido branco, e um deles enrola as mangas da camisa de Éden para verificar sua pressão. Éden estremece quando a borracha fria lhe toca o braço.

– Calma, garoto – diz um técnico de laboratório com a voz abafada pelo vidro. – Respire fundo.

Em resposta, Éden murmura, em voz baixa: “Está bem.” Ele parece muito pequeno ao lado deles. Seus pés sequer tocam o chão. Eles balançam ociosamente enquanto ele fixa o olhar na janela que nos separa, procurando por mim. Eu aperto e abro as mãos, depois as pressiono na janela.

O destino da República inteira está nos ombros do meu irmão caçula. Se mamãe, John ou papai estivessem aqui, provavelmente ririam do ridículo desta situação.

– Ele vai ficar bem – murmura o técnico ao meu lado, para me dar confiança. Ele não soa muito convincente. – Os procedimentos de hoje não vão causar-lhe nenhuma dor. Vamos apenas coletar uma amostra de sangue e depois dar-lhe alguns medicamentos. Já mandamos algumas amostras para as equipes do laboratório da Antártida.

– E isso deveria me fazer sentir melhor? – retruco. – “Os procedimentos de *hoje* não vão causar-lhe nenhuma dor”? E os de amanhã?

O técnico de laboratório levanta as mãos, num gesto de defesa, e gagueja:

– Mil perdões. Não foi isso que eu quis dizer. Garanto que seu irmão não vai sentir dor. Apenas algum desconforto causado pelos remédios, mas estamos tomando todas as precauções necessárias. Eu, bem... Espero que o senhor não relate esse mal-entendido ao glorioso Eleitor.

Então, é com isso que ele está preocupado. Que, se eu ficar nervoso, vou correndo reclamar com o Anden. Estreito os olhos e digo a ele:

– Se você não me der motivo para relatar nada ruim ao Anden, não vou ter nada ruim para relatar.

O técnico de laboratório volta a se desculpar, mas já não estou prestando atenção nele. Meus olhos se concentram em Éden. Ele está perguntando

alguma coisa a um dos técnicos, mas está falando tão baixinho que não consigo ouvi-lo. O técnico de laboratório balança a cabeça para meu irmão. Éden engole em seco, olha nervosamente para onde estou e fecho os olhos com força.

Um dos técnicos pega uma seringa e a injeta cuidadosamente na veia do braço de Éden, que cerra os dentes, mas não emite nenhum som. Uma dor monótona e familiar lateja na minha nuca. Tento me acalmar. Ficar estressado e provocar uma enxaqueca a esta altura dos acontecimentos não vai ajudar Éden.

Ele quis se submeter a isso, lembro a mim mesmo. Sinto orgulho da coragem dele. Quando foi que Éden cresceu? Minha sensação é de que isso aconteceu enquanto eu piscava os olhos.

O técnico de laboratório finalmente retira a seringa, que está cheia de sangue. Aplica levemente alguma coisa no braço de Éden e depois o enfaixa. O segundo técnico põe um punhado de comprimidos na mão aberta de Éden e diz a meu irmão:

– Engula todos eles juntos. – Éden faz o que ele manda. – Eles são meio amargos; é melhor resolver o assunto de uma vez.

Éden faz uma careta e parece estar com ânsia de vômito, mas consegue tomar todos de uma só vez, bebendo água; depois se deita no leito. Os técnicos levam a cama até uma máquina cilíndrica, que não consigo me lembrar do nome, embora tenham me dado essa informação há menos de uma hora. Eles o colocam devagar dentro do cilindro, até que tudo o que consigo ver de Éden sejam os pés descalços. Lentamente tiro as mãos da janela. Minha pele deixa impressões no vidro. Um minuto depois, meu coração se contorce no peito quando escuto Éden gritar dentro do tubo. Alguma coisa deve estar lhe causando dor. Cerro os dentes com tanta força, que tenho medo de quebrar meu queixo.

Finalmente, após o que parece uma eternidade, um dos técnicos de laboratório gesticula para que eu entre. Na mesma hora, passo apressado por eles e entro na sala envidraçada para me debruçar sobre Éden. Ele está sentado na beira do leito branco de novo. Quando sente minha presença, dá um sorriso e diz com a voz fraca:

– Não doeu muito.

Eu apenas pego sua mão e a aperto.

– Você foi muito corajoso. Estou muito orgulhoso. – E estou mesmo, sinto mais orgulho dele do que jamais senti de mim; estou orgulhoso por ele ter me enfrentado.

Um dos técnicos me mostra uma tela com o que parece ser uma visão ampliada das células sanguíneas de Éden.

– Foi um bom começo. Vamos trabalhar com esse material e tentar injetar uma cura em Tess hoje à noite. Se tivermos sorte, ela vai aguentar mais uns cinco ou seis dias, e nos dar tempo para aprofundar as pesquisas.

Os olhos do técnico estão soturnos, embora suas palavras sejam esperançosas. Essa estranha combinação faz um calafrio percorrer minha espinha, e aperto ainda mais a mão de Éden.

– Não temos muito mais tempo – murmura Éden quando o técnico nos deixa sozinhos para conversar em paz. – Se não conseguirem descobrir a cura, o que a gente vai fazer?

– Não sei – admito. Esse não é um assunto sobre o qual eu queira refletir porque me faz sentir ainda mais impotente. Se não conseguirmos encontrar a cura, não haverá nenhuma ajuda militar internacional. Sem ajuda, não teremos como vencer as Colônias. E se as Colônias nos derrubarem... Relembro o que vi quando estava lá e a oferta que o Chanceler me fez. *Se você quiser, podemos trabalhar juntos. As pessoas mais simples não sabem o que é melhor para elas. Mas você e eu sabemos, não é verdade?*

Tenho de encontrar uma forma de ganhar tempo junto às Colônias enquanto pesquisamos a cura. Qualquer coisa que retarde o avanço delas, para dar ao pessoal da Antártida uma oportunidade de chegar para nos ajudar.

– A gente vai ter de contra-atacar – digo, despenteando o cabelo dele – até não poder mais. É assim que as coisas funcionam, não é mesmo?

– Por que a República não pode vencer? – pergunta Éden. – Sempre pensei que as forças militares deles fossem as mais fortes do mundo. Esta é a primeira vez que torço para que isso seja mesmo verdade.

Sorrio tristemente à ingenuidade de Éden.

– As Colônias têm aliados, mas nós, não.

Como posso explicar a história toda a ele? Como contar ao meu irmão o quanto me sinto impotente, enquanto Anden conduz seu exército numa batalha que a República simplesmente não tem como vencer?

– O exército deles é melhor, e nós não temos soldados suficientes para enfrentá-lo.

Éden suspira e encolhe os ombros de uma forma que me dá um nó na garganta. Fecho os olhos e me obrigo a me acalmar. Chorar na frente de Éden numa ocasião dessas seria muito constrangedor.

– É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados – resmungo ele.

Abro os olhos. *É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados.*

De uma hora para outra, descobri o que preciso fazer. Sei como responder à chantagem do Chanceler e como ganhar tempo com as Colônias. Estou morrendo, não me restam muitos dias; minha mente está se deteriorando lentamente, assim como minha força, mas ainda tenho energia para uma coisa. Tenho tempo suficiente para dar o último passo.

– Talvez os habitantes da República possam se transformar em soldados – respondo tranquilo.



JUNE

A noite de ontem parece um sonho, cada momento dela. A manhã de hoje é um nítido contraste. Foi impossível não notar que Day se encolheu todo quando toquei o braço dele, um violento estremecimento percorreu seu corpo com o leve roçar da minha mão. Meu coração ainda dói quando saio do meu apartamento e me dirijo a um jipe que me espera na frente do edifício. Vou ter de passar a manhã com o Senado. Tento inutilmente tirar Day da cabeça: é impossível. Uma reunião com o Senado parece tão banal neste momento. As Colônias estão pouco a pouco empurrando nosso país para a costa oeste com a ajuda de fortes aliados; a Antártida continua se recusando a nos ajudar; a Comandante Jameson está em liberdade... E aqui estou eu, falando de política! Eu poderia estar – *deveria* estar – na frente de batalha, fazendo o que fui treinada para fazer. O que vou dizer a todos os membros do Senado? Será que algum deles sequer me escutaria?

O que vamos fazer?

Preciso me concentrar. Preciso apoiar Anden quando ele tentar, mais uma vez, negociar com o Chanceler das Colônias, os presidentes das corporações e os generais. Nós dois sabemos que não vai adiantar muita coisa... Só a cura vai fazer com que eles recuem. E ainda assim, pode não ser o bastante para deter as Colônias, mas precisamos tentar, de qualquer maneira. Talvez Anden esteja disposto a ajudar os Patriotas com os planos deles, especialmente se souber o quanto Day vai estar envolvido.

Só de pensar em Day, as lembranças da noite anterior voltam à tona com força total. Sinto minhas bochechas arderem, e não por causa do calor de Los Angeles. *Péssima hora para ficar se lembrando do que vocês fizeram ontem*, eu me repreendo e afasto a noite passada dos meus pensamentos. Ao meu redor, as ruas geralmente movimentadas de Lake estão sinistramente vazias, como se estivéssemos nos preparando para uma tempestade iminente. Suponho que essa metáfora seja apropriada.

Uma sensação de formigamento de repente atinge minha coluna. Paro um momento e franzo a testa. O que foi isso? As ruas continuam desertas. Mas uma estranha sensação eriça os pelos do meu pescoço. *Alguém está me observando*. Imediatamente essa ideia me parece paranoia, mas, à medida que caminho, tensiono o maxilar e apoio a mão na arma. Talvez eu esteja sendo ridícula. Talvez o alerta que Day me deu – de que as Colônias poderiam me usar contra ele e de que estou sendo mantida sob vigilância – esteja começando a me fazer imaginar coisas. Mesmo assim, não há razão para não ser cautelosa. Eu me encosto no prédio mais próximo de maneira que minhas costas fiquem protegidas e ligo para Anden. Quanto antes o jipe chegar, melhor.

E então eu a vejo e não faço a chamada.

Ela está bem disfarçada. Veste um uniforme desgastado da República, usado apenas por recrutas, o que quer dizer que está com aparência absolutamente comum e passa despercebida com facilidade; um quepe de soldado está puxado sobre o rosto, com apenas alguns fios do cabelo ruivo aparecendo. Mas mesmo a distância reconheço seu rosto frio e implacável.

A Comandante Jameson.

Desvio o olhar como quem não quer nada e finjo mexer nos bolsos à procura de alguma coisa, mas meu coração está disparado. Ela está aqui em Los Angeles, o que quer dizer que conseguiu escapar do combate em Denver e evitou ser detida pela República. Não é coincidência demais ela se encontrar onde estou? Vai ver, está aqui porque sabia que *eu* estaria. As Colônias. Deve haver outros espiões por aqui. Minhas mãos tremem quando ela me ultrapassa no outro lado da rua. Ela não dá qualquer indicação de ter me visto, mas sei que viu. Num quarteirão tão vazio como este, seria impossível não me ver, e não estou disfarçada.

Quando ela finalmente fica de costas para mim, cruzo os braços, inclino a cabeça ligeiramente para baixo e ligo para Anden do meu fone de ouvido.

– Eu a estou vendo. Ela está aqui. A Comandante Jameson está em Los Angeles.

Minha voz está tão baixa e abafada, que Anden tem dificuldade de entender o que digo.

– Você a está vendo? – pergunta ele, incrédulo. – Ela está no mesmo quarteirão que você?

– Está – sussurro. Tenho o cuidado de ficar de olho no vulto da Comandante Jameson que se afasta. – Ela pode estar aqui intencionalmente, querendo ver aonde o jipe me levará, ou tentando localizar você. – Quando ela se distancia, uma vontade esmagadora de segui-la se apossa de mim. Pela primeira vez em muito tempo, minhas habilidades de agente me evocam. A política que se dane; de repente sou atirada de volta à ação. Quando ela dobra uma esquina, imediatamente saio de onde estou e vou atrás dela. Para onde ela está indo? – Ela está na esquina da Lake com Colorado – sussurro urgentemente para Anden. – Está rumando para o norte. Mande soldados para cá, mas não deixem que ela perceba que a estamos seguindo. Quero ver para onde ela está indo.

Antes que Anden possa dizer mais alguma coisa, desligo.

Caminho ao longo das laterais dos edifícios, tomando o cuidado de ficar nas sombras o máximo que consigo, e pego um atalho por uma viela em direção à rua aonde penso que a Comandante Jameson foi. Em vez de espreitar pela esquina e potencialmente me denunciar, eu me encolho na viela e calculo quanto tempo se passou. Se ela manteve o mesmo ritmo e permaneceu nesta rua, deve ter passado por esta viela há pelo menos um minuto. Cautelosamente, estico o pescoço para dar uma espiada na rua. Não deu outra! Ela já passou por aqui, e vejo seu vulto de costas, andando apressado. A olhadela bastou também para eu perceber outra coisa: ela está falando ao microfone.

Queria que Day estivesse aqui. Ele saberia instantaneamente a melhor maneira de caminhar por estas ruas sem ser visto. Por um segundo penso em chamá-lo, mas seria difícil para ele chegar aqui a tempo.

Em vez disso, sigo a Comandante Jameson por uns quatro quarteirões, até chegarmos a um local em Rubi no limite com Batalla, onde duas ou três bases de aeronaves em forma de pirâmide se encontram na rua. Ela dobra mais uma esquina. Eu me apresso para fazer o mesmo, mas quando olho a rua, a Comandante já desapareceu. Talvez soubesse que alguém estava atrás

dela; afinal de contas, ela é muito mais experiente com esse tipo de rastreamento do que eu. Olho para os telhados.

A voz de Anden estala no meu fone de ouvido:

– Nós a perdemos – confirma ele. – Já enviei um alerta silencioso às tropas para que a procurem e me informem imediatamente. Ela não pode ter ido longe.

– É verdade – concordo, mas meus ombros se curvam. Ela desapareceu sem deixar traços. Com quem terá falado pelo microfone? Meus olhos vasculham a rua, tentando deduzir com que fim ela veio até aqui. Talvez esteja reconhecendo o terreno. Essa ideia me aflige.

– Estou voltando – sussurro no meu microfone. – Se minhas suspeitas estiverem certas, é possível que nós...

Um sopro forte – uma faísca ofuscante –, e alguma coisa explode diante de meus olhos. Eu me encolho e me atiro instintivamente no chão, atrás de uma caçamba de lixo próxima. *O que foi isso?*

Uma bala. Olho para a parede onde ela se cravou, provocando um buraco no tijolo. Alguém tentou atirar em mim. Ter voltado de repente ao lugar de onde vim salvou minha vida. Começo de novo a ligar freneticamente para Anden. Sangue flui pelos meus ouvidos como uma onda gigantesca de barulho, bloqueando o raciocínio e permitindo que o pânico se instale em mim. Outra bala atinge o metal da caçamba de lixo. Não há mais dúvida de que estou sendo atacada.

Desisto da chamada. De onde a Comandante Jameson está disparando? Haverá outras pessoas com ela? Tropas das Colônias? Soldados da República que se transformaram em traidores? Não sei. Não consigo ouvir, *nem enxergar...*

Através do meu pânico crescente, a voz de Metias se materializa: *Acalme-se, Joáquina. A lógica vai te salvar. Concentre-se, pense, aja.*

Fecho os olhos. Respiro fundo e tremulamente, e me permito um segundo para tranquilizar a mente e focar na voz do meu irmão. Esta não é a hora de desmoronar. Nunca deixei que as emoções me controlassem e *não* vai ser agora que vou começar.

Pense, June. Não seja burra. Depois de mais de um ano de trauma, depois de meses e meses de negociações políticas, depois de dias de guerra e morte, estou começando a suspeitar de tudo e todos. É assim que as Colônias podem nos destruir: não com aliados ou armas, mas com propaganda. Com medo e desespero.

Meu pânico desaparece, e a lógica volta a se instalar.

Primeiro, arranco minha arma do coldre. Depois faço um gesto exagerado, como se estivesse na iminência de sair correndo de trás da caçamba de lixo. Em vez disso, continuo parada, mas meu teatrinho é suficiente para fazer com que atirem novamente. *Zás!* A bala ricocheteia na parede de tijolos na qual estou encostada. No mesmo instante olho de relance para a marca deixada e tento localizar com precisão de onde ela pode ter vindo. (Não foi disparada dos telhados: o ângulo não é bom o bastante. Talvez tenha vindo de quatro ou cinco andares acima. Não do prédio diretamente do outro lado da rua, mas do que fica ao lado.) Observo as janelas nesses andares. Várias estão abertas. A princípio quero mirar essas janelas, mas aí me lembro de que posso atingir alguém sem querer. Em vez disso, analiso o edifício: parece uma estação de rádio ou um prédio militar – é próximo o bastante das bases aéreas, e me pergunto se é de onde os dirigíveis são monitorados.

Em que tipo de trama estará envolvida a Comandante? Será que as Colônias estão planejando um ataque surpresa à cidade?

Ligo meu microfone e sussurro, após digitar o código de Anden:

– Me tire daqui. Use o rastreador da minha arma.

Mas minha ligação nem tem tempo de ser completada. Uma fração de segundos depois, vem mais uma bala, que passa zunindo pouco acima da minha cabeça. Desta vez me encolho e me escondo debaixo da caçamba de lixo. Quando abro os olhos, dou de cara com os olhos cruéis da Comandante Jameson.

Ela me agarra pelo pulso.

Saio rapidamente de onde estou, antes que ela possa me alcançar. Giro o corpo para apontar minha arma para ela, mas a Comandante já saiu em disparada, com a arma na mão. Percebo de imediato que ela não está

mirando para me matar. *Por quê?* Essa pergunta passa velozmente pela minha cabeça. *Porque as Colônias precisam de mim viva, para ser usada como moeda de troca.*

Ela atira; eu me jogo no chão, rolando. A bala não atinge minha perna por pouco. Eu fico de pé com um salto, miro a Comandante e atiro. Por um triz, não a acerto. Ela se esconde atrás da caçamba de lixo. Ao mesmo tempo, tento fazer a ligação de novo. Desta vez, consigo.

– Anden – digo arquejante ao microfone enquanto fujo correndo –, me tire daqui!

– Já estamos a caminho – responde Anden.

Corro e dobro a esquina bem na hora em que ouço mais um tiro sendo disparado atrás de mim. É o último. Logo em seguida, um jipe acelera na minha direção e freia violentamente a alguns metros de mim. Dois soldados saltam do carro e me protegem com seus corpos, enquanto outros dois correm pela rua atrás da Comandante Jameson, embora eu saiba que é tarde demais para pegá-la. Certamente ela também fugiu correndo. Tudo acaba tão depressa quanto começou. Pulo para dentro do jipe com a ajuda dos soldados e depois desmorono no assento quando o veículo parte velozmente. Sinto a adrenalina percorrer meu corpo inteiro, que treme incontrolavelmente.

– A senhorita está bem? – pergunta um dos soldados, mas sua voz soa distante. Tudo em que posso pensar é no significado daquele encontro. A Comandante Jameson sabia que eu ia esperar pelo jipe naquele quarteirão e me atraiu como isca, numa tentativa de me capturar. Sua presença na base das aeronaves não foi coincidência. Ela está transmitindo informações às Colônias sobre nossos turnos e nossa movimentação. Provavelmente, há outros soldados das Colônias infiltrados entre nós – a Comandante Jameson é uma fugitiva procurada. Ela não poderia estar circulando com tanta facilidade assim sem ajuda. E, com sua experiência, é capaz de prolongar uma perseguição por estas ruas tempo suficiente para que as Colônias ataquem. *Para que as Colônias ataquem.* Eles já escolheram o próximo alvo, e esse alvo é a cidade de Los Angeles.

No meu fone de ouvido, ouço de novo a voz de Anden:

– Estou a caminho – diz ele com urgência na voz. – Você está bem? O jipe vai te levar direto ao Batalla Hall, e você vai ser protegida vinte e quatro horas por...

– Ela está fornecendo informações às Colônias sobre os portos – digo ao microfone antes que ele possa terminar a frase. Minha voz treme quando digo: – As Colônias vão atacar Los Angeles.



Recebo a chamada sobre June quando estou sentado com Édén. Depois de passar a manhã sendo submetido a experimentos, ele finalmente adormeceu. Do lado de fora, nuvens cobrem a cidade inteira, num ambiente desolador. Ótimo! Se o dia estivesse claro e ensolarado eu não saberia como reagir a essa notícia de que a Comandante Jameson tentou atirar em June em plena luz do dia. Essas nuvens estão combinando perfeitamente com meu humor.

Enquanto espero impacientemente que June chegue ao hospital, passo o tempo observando Tess pela janela do seu quarto. A equipe do laboratório continua em volta dela, monitorando seus sinais vitais. Eles parecem um bando de abutres em um programa de TV sobre vida selvagem. Balanço a cabeça. Eu não devia ser tão rigoroso com eles. Hoje mais cedo, eles me deixaram sentar lá dentro ao lado de Tess, segurando a mão dela. Tive que usar uma roupa especial e ela estava inconsciente, mas, ainda assim, consegui apertar seus dedos em volta dos meus. Ela sabe que estou aqui, esperando que fique boa.

Parece que agora a equipe do laboratório está injetando nela um tipo de soro feito a partir de líquidos processados com as células do sangue de Édén. Não tenho a menor ideia do que vai acontecer em seguida. Os rostos deles estão escondidos atrás de máscaras de vidro refletor, fazendo com que pareçam alienígenas. Os olhos de Tess continuam fechados, e sua pele está amarelada.

Ela está com o vírus espalhado pelas Colônias, repito em silêncio para entender o que está acontecendo. Não, esse é um vírus que a República disseminou. Maldita seja minha memória!

Pascão, Baxter e os outros Patriotas permanecem acampados no hospital. Aliás, para onde mais eles poderiam ir? À proporção que os

minutos se arrastam, Pascao se senta ao meu lado, esfrega as mãos, concentrando o olhar em Tess e resmunga:

– Ela está aguentando firme, mas tô sabendo de outros surtos na cidade, principalmente entre os refugiados. Você já viu o noticiário nos telões?

Balanço a cabeça. Meu maxilar está tenso de raiva. Quando é que June vai chegar? Tem mais de quinze minutos que eles disseram que estavam trazendo ela.

– Não, não saí do lado do meu irmão e da Tess.

Pascao suspira e esfrega os olhos com a mão. Ele tem o cuidado de não perguntar sobre June. Eu até podia pedir desculpas pelo meu mau humor, mas estou zangado demais para me preocupar em ser educado.

– Day, eles montaram três zonas de quarentena no centro da cidade. Se você quer mesmo colocar seu plano em ação, a gente precisa agir até amanhã, no máximo.

– Esse tempo é mais do que suficiente. Se os boatos que estamos ouvindo sobre June e o Eleitor forem verdade, agora é a melhor hora para agir.

A ideia de que trechos de Los Angeles estão sendo isolados para quarentenas faz uma sensação sombria e incômoda percorrer meu corpo. Está tudo tão errado, e eu estou tão cansado. Não aguento mais me preocupar com tudo isso, se as pessoas de quem gosto vão passar desta noite ou se vão sobreviver ao dia seguinte.

Ao mesmo tempo, não consigo dormir. As palavras que Éden disse hoje de manhã ainda repercutem na minha cabeça. *É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados.* Corro os dedos no anel de cliques de papel enfeitando minha mão. Se June tivesse se ferido hoje de manhã, eu me pergunto se os últimos resquícios da minha sanidade teriam permanecido. Tenho a impressão de que ela está por um fio. Acho que isso é verdade também no sentido literal: hoje minhas enxaquecas estão incessantes, e já me acostumei à dor perpétua na nuca. *Só me restam alguns meses,* penso. *Alguns meses,* como disseram os médicos, *até lá talvez os medicamentos já tenham surtido efeito para que eu possa ser operado. Aguenta firme, cara.*

Diante do meu silêncio, Pascao fixa os olhos pálidos em mim.

– O que você sugeriu é bem perigoso. – Ele está pisando em ovos. – Alguns civis vão morrer, não tem como evitar.

– Acho que não temos opção – respondo, retribuindo-lhe o olhar. – Não importa o quanto esse país está deformado, ele continua sendo a terra natal das pessoas. Precisamos que elas nos ajudem a lutar por ela.

Gritos ressoam no corredor atrás de nós. Pascao e eu paramos de conversar e prestamos atenção por um minuto e, se eu não o conhecesse, juraria que era o Eleitor. Estranho! Não sou exatamente o maior admirador de Anden, mas *nunca* o vi perder a calma.

As portas duplas no final do corredor se abrem com um estrondo e, de repente, os gritos enchem o corredor. Anden irrompe no local com seu costumeiro grupo de soldados, e June o acompanha. *June*. O alívio percorre todo o meu corpo. Fico de pé com um pulo. O rosto dela se ilumina quando eu corro na direção dela.

– Eu estou bem – diz ela, fazendo um sinal significando “não foi nada” antes mesmo que eu abra a boca. Está impaciente, como se tivesse passado o dia inteiro convencendo as outras pessoas da mesma coisa. – Eles não precisavam ter me trazido para um hospital...

Não dou a mínima se estão exagerando. Eu a interrompo e lhe dou um abraço apertado. Meu peito fica mais leve, e deixo explodir o resto da raiva que ainda sinto.

– Você é o Eleitor! – grito enlouquecidamente para Anden. – Você é o desgraçado do *Eleitor da República*, mas não pode nem garantir que sua *Primeira Cidadã* não seja assassinada por uma prisioneira que seu pessoal não consegue manter na cadeia? Que tipo de guarda-costas você tem, afinal? Uma cambada de recrutas?

Anden me olha com raiva, mas, para minha surpresa, não diz nada. Eu me afasto de June para poder segurar seu rosto e pergunto, aflito:

– Você está bem, não está? Nenhum arranhão?

June ergue a sobrancelha e depois me dá um beijinho, para me tranquilizar.

– Sim, *nenhum arranhão*.

Ela olha de relance para Anden, mas ele está distraído, falando com um dos soldados.

– Localize os homens que foram designados para buscar a Primeira Cidadã – ordena ele, curto e grosso, ao soldado. Olheiras fundas lhe acentuam a pele sob os olhos; o rosto está abatido e furioso ao mesmo tempo. – Se a sorte não estivesse do nosso lado, Jameson a teria matado. Estou considerando se devo classificá-los como traidores. No pátio do pelotão de fuzilamento há espaço de sobra para eles.

O soldado se movimenta rapidamente e se afasta, junto com vários outros, para fazer o que Anden mandou. Minha ira diminui de intensidade, e um calafrio me percorre a espinha quando me dou conta do quanto a raiva dele é familiar. É como se eu estivesse olhando para o pai dele.

Anden me encara; sua voz está mais serena:

– A equipe do laboratório me disse que seu irmão reagiu muito corajosamente aos experimentos a que foi submetido até agora. Quero lhe agradecer mais uma vez por...

– Pode parar com a bajulação – interrompo, erguendo uma sobrancelha. – Esta história toda ainda não terminou. – Depois de mais dias como o de hoje, quando Éden começar a se enfraquecer rapidamente por causa dos experimentos, não serei tão educado. Baixo a voz, esforçando-me para ser civilizado de novo, embora não esteja dando muito certo. – Podemos conversar em particular, Eleitor? Tenho algumas ideias para discutir com você. Essa última notícia sobre a Comandante Jameson pode ser nossa grande chance de criar problemas para as Colônias. Você, eu, June e os Patriotas.

Os olhos de Anden ficam sombrios ao ouvir isso, e a boca se contrai num esgar indeciso quando ele examina todos nós. O sorriso enorme e constante de Pascao não melhora seu humor. Entretanto, após alguns segundos, ele faz um sinal afirmativo com a cabeça para seus soldados.

– Providenciem uma sala de reuniões – ordena ele. – Quero as câmeras de segurança desligadas.

Os soldados se mexem para cumprir as instruções. Quando seguimos atrás dele, troco um olhar de relance com June. *Ela está bem, nenhum*

arranhão. Mesmo assim, receio que ela desapareça se eu me descuidar e desviar o olhar. Eu me obrigo a não lhe perguntar o que aconteceu até estarmos todos numa sala privada e, segundo a expressão do seu rosto, ela também espera o momento certo. Estou morrendo de vontade de segurar sua mão, mas me controlo. Nós dois sempre nos estudamos como se estivéssemos num ringue de boxe, e parece que estamos condenados a repetir isso muitas vezes.

– Aqui estamos – diz Anden, quando nos instalamos numa sala depois que sua patrulha desligou todas as câmeras. Ele se recosta numa poltrona e me examina com um olhar penetrante. – Talvez possamos começar com o que aconteceu com nossa Primeira Cidadã hoje de manhã.

June levanta o queixo, mas as mãos tremem ligeiramente.

– Vi a Comandante Jameson no setor Rubi. Meu palpite é que ela se encontrava na área para escolher os locais dos ataques e deve ter descoberto onde eu estaria. – Fico admirado com a firmeza de June. – Eu a segui por algum tempo, até chegarmos ao conjunto de bases de aeronaves na divisa de Rubi e Batalla. Foi lá que ela me atacou.

Esse resumo sucinto já foi suficiente para me deixar furioso. Anden suspira e passa a mão no cabelo.

– Desconfiamos de que a Comandante Jameson tenha informado às Colônias sobre alguns locais e as escalas das bases de aeronaves em Los Angeles. Ela também pode ter tentado sequestrar a srta. Iparis para obter uma moeda de troca.

– Isso quer dizer que as Colônias planejam atacar Los Angeles? – pergunta Pascao. Já sei o que ele vai dizer em seguida: – Mas isso quer dizer que Denver foi realmente dominada... – Ele se interrompe ao ver a expressão de Anden.

– Tomamos conhecimento de alguns rumores precoces – responde Anden – de que as Colônias têm uma bomba que pode nivelar a cidade inteira. A única coisa que as abstém de usá-la é uma proibição internacional. Eles não iriam querer finalmente forçar a Antártida a se envolver, não é mesmo? – Desde quando Anden é sarcástico? – De qualquer maneira, se eles atacarem agora, vamos ser duramente pressionados a ter a

cura pronta para mostrar à Antártida antes que as Colônias nos subjuguem. Nós podemos nos defender contra eles, mas não podemos nos defender contra eles e a África.

Hesito, mas resolvo exprimir os pensamentos que venho remoendo na cabeça:

– Hoje de manhã conversei com Éden durante o experimento, e ele me deu uma ideia.

– E qual foi? – pergunta June.

Olho para ela. Continua encantadora como sempre, mas até June começa a evidenciar o estresse dessa invasão: seus ombros estão levemente curvados. Meus olhos se fixam em Anden e digo:

– Nossa rendição.

Ele não esperava isso.

– Você quer que eu levante a bandeira branca para as Colônias?

– É isso aí: rendição. – Baixo a voz. – Ontem à tarde, o Chanceler das Colônias me fez uma proposta. Ele me disse que se eu conseguisse fazer com que o povo da República passasse a apoiar as Colônias e se rebelar contra os soldados da República, ele garantiria que Éden e eu fôssemos protegidos quando as Colônias vencessem a guerra. Digamos que você se renda, Anden, e ao mesmo tempo eu me ofereça para me reunir com o Chanceler e responder ao pedido dele, isto é, pedir ao povo para apoiar as Colônias como seu novo governo. Você teria então a oportunidade de pegá-los desprevenidos. De qualquer forma, o Chanceler já supõe que você vai se render a qualquer momento.

– Fingir uma rendição é contra a lei internacional – resmunga June para si mesma, embora me analise com cuidado. Dá pra ver que ela não é exatamente contra a ideia. – Não sei se o pessoal da Antártida vai gostar disso, e o objetivo aqui é persuadi-lo a nos ajudar, certo?

Balanço a cabeça e digo:

– Eles não deram a mínima quando as Colônias ignoraram o cessar-fogo sem nos avisar, logo que surgiu essa história toda. – Olho para Anden. Ele me observa atentamente, com o queixo apoiado nas mãos. – Você agora tem a oportunidade de retribuir a gentileza.

– O que vai acontecer quando você se reunir com o Chanceler? – acaba perguntando. – Uma rendição falsa não vai durar muito tempo até que nós tenhamos de agir.

Eu me inclino até ele e digo com a voz aflita:

– Sabe o que Édén me disse hoje de manhã? “É uma pena que os habitantes da República não sejam todos soldados.” Acontece que eles *podem ser, sim*.

Anden permanece em silêncio, e eu continuo:

– Deixe que eu demarque todos os setores da República. Isso vai fazer com que o povo fique sabendo que não pode simplesmente aceitar que as Colônias se apoplesem de suas casas, alguma coisa que peça a eles para esperar por meu sinal, que lembre a todos pelo que estamos lutando. Então, quando eu fizer o anúncio que o Chanceler das Colônias quer que eu faça, não vou apelar que o povo apoie as Colônias: vou pedir que as pessoas lutem.

– E se eles não atenderem seu pedido? – pergunta June.

Eu lhe dirijo um breve sorriso e digo:

– Tenha fé, querida. O povo me ama.

Mesmo resistindo, June retribui o sorriso.

Viro-me para Anden. Minha expressão séria substitui minha frase bem-humorada.

– O povo ama a República mais do que você pensa. Mais do que *eu* pensava. Sabe quantas vezes vi refugiados perto daqui entoando canções patrióticas da República? Sabe quantas pichações tenho visto nos últimos meses que apoiam você e o país? – Meu tom de voz fica veemente. – O povo acredita em você. Eles acreditam em nós. E vão contra-atacar, se pedirmos isso a eles; vão rasgar bandeiras das Colônias, protestar em frente a suas instalações, transformar as próprias casas em armadilhas para os soldados invasores. – Estreito os olhos. – Eles vão se tornar um milhão de versões minhas.

Anden e eu nos encaramos. Finalmente, ele sorri.

– Bem – June quebra o silêncio –, enquanto você se ocupa em se tornar o criminoso mais procurado das Colônias, os Patriotas e eu podemos

participar das outras ações. E vamos fazer isso em nível nacional. Se a Antártida protestar, a República pode alegar que elas foram realizadas por alguns malfeitores extremistas. Se as Colônias querem jogar sujo, nós também podemos.



JUNE

17 HORAS.

BATALLA HALL.

20°C.

Abomino as reuniões do Senado. Eu as odeio profundamente: não passam de um grupo de políticos lavando roupa suja, uns papagaios a repetir as mesmas palavras. Eu poderia estar desfrutando a liberdade das ruas, malhando saudavelmente a mente e o corpo. Mas depois do plano que Day, Anden e eu elaboramos, não há opção: o Senado precisa tomar conhecimento dele. Estou sentada na sala circular de reuniões no Batalla Hall; meu assento fica em frente ao de Anden, do outro lado da sala. Tento ignorar as expressões intimidadoras dos senadores. Poucos acontecimentos fazem com que eu me sinta uma criança do que as reuniões do Senado.

Anden se dirige à sua plateia inquieta.

– Os ataques a nossas bases em Vegas recrudesceram desde que Denver foi dominada. Temos visto esquadrilhas africanas se aproximando da cidade. Amanhã vou ao encontro dos meus generais lá.

Nesse ponto ele hesita. Prendo a respiração. Sei o quanto Anden abomina a ideia de proclamar derrota a qualquer país, especialmente às Colônias. Ele me olha; esse é o sinal para que eu o ajude. Ele está exausto. Todos nós estamos exaustos.

– Srta. Iparis – chama ele –, eu lhe passo a palavra para que a senhorita faça a gentileza de explicar sua história e sua recomendação.

Respiro fundo. Falar para o Senado é a coisa que mais detesto, até mais do que participar das reuniões do Senado, e desta vez me sinto ainda pior porque tenho de convencê-los a compactuar com uma mentira.

– A esta altura, estou certa de que todos os senhores já ouviram falar que supostamente a Comandante Jameson está trabalhando para as Colônias. Baseado no que sabemos, é provável que as Colônias desfechem um ataque

surpresa a Los Angeles muito em breve. Se isso acontecer e os ataques a Vegas continuarem, não vamos durar muito tempo. Depois de conversar com Day e os Patriotas, sugerimos que a única maneira de proteger nossos civis e possivelmente negociar um tratado justo é anunciar nossa rendição às Colônias.

Silêncio estupefato. Depois, a sala irrompe em tagarelice. Serge é o primeiro a se pronunciar e questionar Anden.

– Com o devido respeito, Eleitor – a voz dele treme de irritação –, o senhor não discutiu este assunto com seus outros Primeiros Cidadãos.

– Não se trata de algo que eu pudesse ter discutido com os senhores antes – retruca Anden. – A srta. Iparis só tomou conhecimento dele primeiro porque teve a infelicidade de vivenciar o problema pessoalmente.

Mesmo Mariana, que costuma ficar do lado de Anden, ergue a voz contra a ideia.

– Essa negociação é perigosa. – Pelo menos, ela fala calmamente. – Se o senhor está fazendo isso para poupar nossas vidas, recomendo que vocês reconsiderem essa decisão imediatamente. Entregar o povo às Colônias não vai proteger ninguém.

Os demais senadores não mostram a mesma contenção nas suas palavras:

– Rendição? Há quase cem anos não permitimos que as Colônias pisem em nossas terras!

– Certamente ainda não estamos tão enfraquecidos assim! O que foi que eles fizeram, além de temporariamente conquistar Denver?

– Eleitor, o senhor deveria ter discutido o assunto com todos nós, mesmo em meio a uma crise!

Observo cada voz se elevar mais alto do que a outra, até que todo o Senado se enche de insultos, raiva e descrença. Alguns senadores vociferam seu ódio a Anden. Outros amaldiçoam as Colônias. Há os que imploram que Anden reconsidere, que peça mais ajuda internacional, que apele às Nações Unidas para suspender o fechamento de nossos portos. O alarido é enorme.

– Isto é um ultraje! – berra colericamente um senador (magro, provavelmente pesando não mais de setenta quilos, e cuja careca reluz), olhando para mim como se eu fosse responsável pela derrocada do país inteiro. – Não é possível aceitarmos instruções vindas de uma garota, muito menos de *Day*! O senhor só pode estar brincando. Vamos entregar o país com base na recomendação de um maldito moleque que ainda deveria constar na lista dos criminosos mais procurados da nação?!

Anden estreita os olhos.

– Senador, cuidado com a maneira pela qual se refere a *Day*, ou o povo pode se voltar contra o senhor.

O senador ri desdenhosamente e empertiga-se ainda mais.

– *Eleitor* – diz ele, em tom exagerado e debochado. – O senhor é o líder da República da América. Tem poder absoluto sobre o país inteiro. Entretanto, aqui está, refém das sugestões de uma pessoa que já tentou *matá-lo*!

Começo a perder o controle. Baixo a cabeça para não ter de olhar para o senador.

– Na minha opinião, *o senhor* precisa fazer alguma coisa antes que todo o seu governo, e *toda* a população, o considere apenas um molenga covarde e inseguro, um negociador escuso, que se dobra perante as exigências de uma adolescente, de um criminoso e de uma quadrilha desorganizada de terroristas. Seu pai teria...

Anden fica de pé com um salto e bate uma das mãos na mesa.

No mesmo instante a sala silencia.

– Senador – diz Anden tranquilamente. O homem o encara, porém com menos convicção do que há um minuto. – O senhor tem razão quanto a uma coisa. Como filho do meu pai, *sou* o Eleitor da República, eu *sou* a lei. Tudo que *eu* decido afeta diretamente quem vive e quem morre.

Analiso o rosto de Anden com preocupação crescente. A pessoa gentil e de voz suave está lentamente desaparecendo sob o véu sombrio e violento herdado do pai.

– É bom o senhor não se esquecer do que aconteceu aos senadores que realmente tramaram minha tentativa de assassinato.

A sala fica tão silenciosa que tenho a impressão de poder ouvir as gotas de suor escorrendo pelas bochechas do senador. Até mesmo Mariana e Serge estão lívidos. Em meio a todos eles Anden se destaca; o rosto é uma máscara de fúria, o queixo está tenso e os olhos refletem uma profunda e irada tempestade. Ele se vira para mim, e sinto um tremor terrível e elétrico no corpo inteiro, mas mantenho o olhar firme. Sou a única pessoa no Senado disposta a encará-lo.

Mesmo que nossa rendição seja falsa, algo que os senadores não precisam saber, eu me pergunto como Anden vai lidar com esse grupo quando tudo terminar.

Vai ver ele nem tenha que fazer isso. Até lá, talvez já façamos parte de outro país, ou talvez Anden e eu estejamos mortos.

Neste momento, sentada em meio a um Senado dividido e um jovem Eleitor se esforçando para manter todos unidos, finalmente enxergo com clareza meu caminho. *Este lugar não tem nada a ver comigo. Eu não deveria estar aqui.* Essa percepção me impacta com tanta intensidade, que de súbito sinto dificuldade em respirar.

Anden e os senadores trocam mais algumas palavras tensas, mas quando isso acaba, todos saímos da sala em fila, como o grupo pouco à vontade que somos. Encontro Anden – seu uniforme vermelho-sangue se destaca entre os uniformes negros dos senadores – no corredor e o puxo para o lado.

– Eles vão acabar concordando – digo, tentando transmitir-lhe segurança nesse mar de hostilidade. – Não têm escolha.

Ele parece se acalmar, ainda que apenas por um minuto. Algumas palavras minhas são o bastante para dissipar sua cólera.

– Eu sei disso, mas não quero que eles *não* tenham escolha. Quero que me apoiem por vontade própria. – Ele suspira. – Podemos falar em particular? Tenho um assunto a discutir com você.

Examino seu rosto, tentando adivinhar o que ele quer conversar comigo, temerosa. Faço então um sinal afirmativo com a cabeça e digo:

– Meu apartamento fica mais perto.

Entramos no jipe e fazemos o percurso em silêncio até meu edifício de vários andares no setor Rubi. Ao chegarmos, subimos as escadas e entramos

no meu apartamento sem dizer uma palavra. Ollie nos cumprimenta, tão animado como sempre. Fecho a porta.

O acesso de raiva de Anden já desapareceu há muito tempo. Ele olha ao redor com uma expressão inquieta e me pergunta:

– Você se importa se eu me sentar?

– Por favor – respondo, e me sento à mesa de jantar. O Primeiro Eleitor me pedindo licença para se sentar?

Anden se senta ao meu lado com toda a elegância que lhe é característica e esfrega as têmporas com as mãos cansadas.

– Tenho boas notícias. – Ele tenta sorrir, mas percebo sua dificuldade. – Fiz um acordo com a Antártida.

Engulo em seco e pergunto:

– Qual?

– Eles garantiram que mandarão suporte militar. Por enquanto, suporte aéreo, e depois apoio no solo quando provarmos que temos a cura da praga. E concordaram em tratar Day. – Ele não olha para mim e continua: – Tudo isso, em troca de Dakota. Eu não tive opção, vou ceder-lhes nosso estado de maior extensão.

Meu coração quase sai do peito, de tão alegre e aliviada que fico; ao mesmo tempo, sinto-me triste em solidariedade a Anden. Ele foi forçado a fragmentar o país, desistir de nosso recurso mais precioso, o recurso mais precioso para *todo o mundo*. Era inevitável. Toda conquista é acompanhada de um sacrifício. Digo então:

– Obrigada.

– Não me agradeça ainda. – Seu sorriso cauteloso se transforma rapidamente numa careta. – Estamos por um fio. Não sei se a ajuda da Antártida vai chegar a tempo. Segundo notícias da frente de batalha, estamos perdendo terreno em Vegas. Se nosso plano com essa falsa rendição não der certo, se não descobrirmos a cura em breve, esta guerra vai terminar antes mesmo que o apoio da Antártida chegue.

– Você acha que descobrir a cura vai deter as Colônias? – pergunto baixinho.

Anden balança a cabeça negativamente.

– Não temos muitas opções, mas precisamos resistir até que chegue ajuda. – Ele se cala por um momento. – Amanhã vou partir para a frente em Vegas. Nossas tropas precisam de mim.

Ele vai direto para o centro da batalha. Tento permanecer calma e pergunto:

– Seus Primeiros Cidadãos também vão junto? E os senadores?

– Apenas meus generais vão me acompanhar – responde Anden. – Você não vai, nem Mariana nem Serge. Alguém precisa se manter firme em Los Angeles.

Esse é o cerne do que ele quer me dizer. Minha mente entra em parafuso, porque já sei o que ele vai falar em seguida.

Anden se debruça na mesa e une os dedos enluvados.

– Alguém precisa se manter firme em Los Angeles – repete –, o que quer dizer que um dos meus Primeiros Cidadãos vai ter de me substituir como Eleitor interino. Essa pessoa vai precisar controlar os senadores enquanto eu estiver afastado junto às tropas. Eu vou selecionar essa pessoa, é claro, e o Senado precisa confirmá-la. – Ele esboça um pequeno e triste sorriso, como se já soubesse qual será minha resposta. – Já conversei individualmente com Mariana e Serge sobre o assunto, e ambos estão ansiosos para saber quem eu vou nomear. Agora preciso saber se *you* também está.

Viro a cabeça e olho pela janela do apartamento. A ideia de me transformar em Eleitora interina da República – embora minhas probabilidades de ser escolhida sejam tênues, em comparação com as de Mariana e Serge – deveria me empolgar, mas isso não ocorre.

Anden me observa cautelosamente e acaba dizendo:

– Pode ser franca. Compreendo que essa decisão seja definitiva e há bastante tempo venho percebendo que você não se sente à vontade nessa posição. – Ele me olha firme. – Diga-me a verdade, June. Você quer *mesmo* ser uma Primeira Cidadã?

Sinto um estranho vazio. Há muito tempo venho refletindo sobre meu desinteresse, meu desgaste com a política da República, com os bate-bocas no Senado, com as brigas entre os senadores e os Primeiros Cidadãos.

Pensei que fosse difícil confessar isso a ele, mas agora que Anden está aqui, aguardando minha resposta, as palavras saem fácil e calmamente:

– Anden, você sabe que o posto de Primeira Cidadã é uma grande honra para mim, mas à medida que o tempo passa percebo que está faltando alguma coisa na minha vida, e agora sei o que é. Você vai partir e liderar seu exército contra nossos inimigos, enquanto Day e os Patriotas estão contra-atacando as Colônias com suas ações de guerrilha. Sinto falta de estar no campo de batalha, trabalhando como agente júnior e dependendo de mim mesma. Sinto falta dos dias em que as coisas eram objetivas em vez de políticas, quando eu podia facilmente saber qual era o caminho certo e o que eu devia fazer. Eu... sinto falta de fazer o que meu irmão me ajudou a treinar para fazer. – Mantenho firme meu olhar. – Lamento, Anden, mas não tenho certeza se sou talhada para trabalhar na política. Sou uma *soldado*. Não creio que você me deva considerar para ser a Eleitora interina na sua ausência, nem acredito que queira continuar sendo sua Primeira Cidadã.

Anden me olha no fundo dos olhos e diz finalmente:

– Entendo.

Embora haja uma ponta de tristeza na sua voz, ele parece concordar. Se há uma coisa na qual Anden se sobressai, até mais do que Day, é em entender minhas origens.

Um momento depois, reparo em outra emoção nos seus olhos: inveja. Ele tem inveja porque eu tenho a escolha de me afastar do mundo da política, porque posso me dedicar a outra coisa, enquanto Anden será para sempre nosso Eleitor, a pessoa de que nosso país necessita para nos liderar. Ele jamais poderia renunciar com a consciência limpa.

Ele pigarreia e pergunta:

– O que você quer fazer?

– Quero me reunir às tropas nas ruas – respondo. Desta vez estou tão segura de minha decisão, tão animada com a perspectiva, que mal posso me conter. – Mande-me de volta para lá. *Deixe-me lutar pela República*. – Baixo a voz. – Se perdermos, nenhum Primeiro Cidadão vai importar mesmo...

– É verdade – concorda Anden. Ele olha para o quarto com uma expressão insegura, e sob sua fachada corajosa dá para perceber o rei menino se esforçando para não desmoronar. Neste momento ele observa um casaco amassado pendurado na ponta da minha cama. Anden olha demoradamente para ele.

Eu nem tinha me dado ao trabalho de guardar o casaco de Day.

Anden finalmente desvia o olhar da peça. Nem preciso tentar disfarçar que Day passou a noite comigo: pela sua expressão, ele já entendeu. Enrubesco. Sempre soube esconder minhas emoções, mas desta vez o constrangimento pela noite passada – o calor da pele de Day junto à minha, o toque de sua mão afastando, com suavidade, o cabelo do meu rosto, o roçar de seus lábios no meu pescoço – fica evidente nos meus olhos.

– Bem – diz ele, depois de demorada pausa. Anden me dá um breve e triste sorriso e se levanta. – A senhorita é uma soldado em essência, mas foi uma honra tê-la como Primeira Cidadã. – O Eleitor da República me faz uma reverência e conclui: – Seja lá o que acontecer a partir daqui, espero que se lembre disso.

– Anden – a lembrança de seu rosto sombrio e furioso no Senado me volta à cabeça –, quando estiver em Vegas, quero que me prometa que você não vai mudar; não se transforme em alguém que não é, está bem?

Ele pode não ter se surpreendido com minha decisão, nem com o casaco de Day, mas essa frase pareceu pegá-lo desprevenido. Ele pisca e fica confuso por um instante, mas depois compreende. Balança a cabeça e diz:

– Preciso ir. Tenho de liderar meus soldados, da mesma forma que meu pai.

– Não foi isso que eu quis dizer – afirmo cautelosamente.

Por um momento, ele fica em dúvida sobre o que dizer em seguida.

– Não é nenhum segredo que meu pai era cruel e cometeu muitas atrocidades. As Provas, as pragas...

Anden se interrompe um momento; a luz nos seus olhos verdes se distancia enquanto ele se perde nas lembranças de alguém que poucos de nós chegamos a conhecer.

– Mas ele *combateu* com seus soldados. Você compreende isso, talvez mais do que qualquer pessoa. Ele não se limitou a ficar comodamente no Senado, enquanto mandava suas tropas para morrer no campo de batalha. Quando era jovem e transformou o país sem lei em uma severa ditadura, ele foi para as ruas, à frente de seus pelotões. Ele mesmo lutou na frente de batalha, e abateu jatos das Colônias. – Anden para um instante e me olha rapidamente. – Não estou tentando defender nada do que ele fez, mas ele *não conhecia o medo*. Conquistou a lealdade de suas forças militares através de ações, ainda que implacáveis. Eu também quero incentivar o moral de nossas tropas, e não posso fazer isso enquanto estiver escondido em Los Angeles. Eu sou...

– Você não é seu pai – eu digo, encarando-o com firmeza. – Você é Anden. Não precisa seguir os passos dele, você tem seu próprio caminho a trilhar. Você é o Eleitor agora, e não precisa ser igual a ele.

Recordo minha própria lealdade ao antigo Eleitor, todos os vídeos que o mostravam gritando ordens da cabine do piloto de um avião de combate, ou liderando tanques nas ruas. Ele sempre esteve na linha de frente das batalhas. Ele realmente *era* destemido. Agora, quando olho para Anden, observo aquela mesma coragem ardente em seus olhos, sua necessidade de se afirmar como um líder digno de seu país.

Quando seu pai era jovem, talvez tivesse sido como Anden: idealista, cheio de esperança e sonhos, com as mais nobres intenções, corajoso e motivado. Como será que se transformou no Eleitor que criou um país tão sombrio? Que caminho teria escolhido seguir? De repente, ainda que por um minuto, sinto compreender a antiga República. E sei que Anden não tomará essa mesma direção.

Ele retribui meu olhar, como se tivesse ouvido as palavras que não pronunciei, e pela primeira vez em meses percebo parte daquela nuvem escura desaparecer de seus olhos, a obscuridade que provoca seus ataques de fúria.

Sem a sombra do pai no seu caminho, ele é lindo.

– Vou tentar me lembrar disso – sussurra ele.



A SEGUNDA NOITE DO CESSAR-FOGO DAS COLÔNIAS.

Não faz sentido voltar para casa hoje. Pascao e eu vamos percorrer Los Angeles, marcando portas e muros e convocando as pessoas discretamente para aderir à nossa causa. Tanto melhor fazer isso de uma localização bem central, como o hospital. Além do mais, preciso ficar junto de Éden por algum tempo. Ele não reagiu bem a uma tarde de exames de sangue: já vomitou duas vezes desde que cheguei. Quando uma enfermeira sai apressada do quarto com um balde nas mãos, dou um copo d'água para meu irmão. Ele vira o copo de uma só vez.

– Alguma sorte com os exames? – A voz dele sai fraca, quase um sussurro. – Você sabe se eles já descobriram alguma coisa?

– Ainda não acharam nada. – Tiro o copo vazio das mãos dele e o coloco numa bandeja. – Mas, em todo caso, vou falar com eles, pra ver se têm alguma novidade. É melhor que tudo isso valha a pena.

Éden suspira, fecha os olhos e encosta a cabeça na montanha de travesseiros empilhados na sua cama.

– Eu estou ótimo – sussurra. – Como vai sua amiga, Tess?

Tess. Ela ainda não acordou. De repente sinto falta de quando ela conseguia espernear e lutar contra a equipe do laboratório. Engulo em seco, tentando substituir a imagem de sua aparência doentia na minha cabeça pela do rosto meigo e alegre que conheço há anos.

– Ela está dormindo. Os médicos disseram que sua febre não baixou.

Éden range os dentes e olha para a tela que monitora seus sinais vitais.

– Ela parece estar legal – diz finalmente. – Pelo menos, foi isso que me falaram.

Sorriso.

– Ela está mesmo. Quando tudo isso acabar, talvez vocês possam sair pra passear ou fazer outra coisa. Vocês se dariam bem.

Se a gente conseguir se recuperar disso tudo, acrescento para mim mesmo, e em seguida apressadamente deixo de pensar no assunto. Droga! A cada dia que passa fica mais difícil não entregar os pontos.

Nossa conversa termina aí, mas Édén mantém a mão agarrada à minha. Os olhos continuam fechados. Após um tempo, sua respiração se altera para o ritmo firme do sono, e sua mão descansa na cama. Puxo a coberta até o queixo dele, olho para ele por uns segundos e depois me levanto. Pelo menos Édén consegue dormir profundamente. Eu não consigo. Nos últimos dois dias, tenho tido pesadelos horrendos todas as noites. Acordo sobressaltado, tentando me livrar das imagens antes de tentar voltar a dormir. Minha dor de cabeça permanece comigo: é uma companhia constante e monótona, que me lembra que meu tempo está acabando.

Abro a porta e saio o mais silenciosamente possível. O corredor está vazio, exceto por algumas enfermeiras aqui e ali, e por Pascao. Ele está me esperando sentado em um dos bancos do corredor. Quando me vê, fica de pé e me dá um pequeno sorriso.

– Os outros estão se posicionando – diz. – A gente tem uns vinte Corredores demarcando os setores. Acho que está na hora da gente se mandar.

– Está pronto para levantar as massas? – pergunto, meio de brincadeira, quando ele me leva pelo corredor.

– Tem tanta energia correndo pelo meu corpo que poderia iluminar esse hospital inteiro.

Pascao empurra uma porta dupla no final do corredor, e entramos numa sala de espera maior, e em seguida numa sala não usada do hospital, com as luzes ainda apagadas. Ele as acende. Meus olhos se fixam imediatamente em alguma coisa no leito. Parece um par de trajes escuros com contornos cinzentos, ambos estão dobrados em cima das cobertas esterilizadas. Ao lado dos trajes há uma espécie de equipamento que parece um pouquinho com uma arma. Olho para Pascao, que enfia as mãos nos bolsos.

– Dá só uma olhada nessas roupas – diz ele em voz baixa. – Hoje à tarde, quando eu estava trocando ideias com Baxter e alguns soldados da República, eles emprestaram esses trajes e esses propulsores de ar para nós

Corredores. Ele vai ser especialmente útil pra você. June disse que eles usam roupas como estas para se movimentarem com rapidez pela cidade, sem serem detectados. Sente só! – Ele joga um dos trajes para mim. – Veste esse aí.

Não levo muita fé no traje. Não me parece nada especial, mas decido dar a Pascao o benefício da dúvida.

– Vou estar na sala ao lado – diz Pascao e joga o próprio traje em cima do ombro. Ao passar, ele apoia a mão em meu ombro. – Com essas roupas, a gente não deve ter dificuldade em cobrir toda a área de Los Angeles hoje à noite.

Começo a avisá-lo que, com minhas recentes dores de cabeça e os medicamentos, eu provavelmente não vou conseguir acompanhar o ritmo dele pela cidade inteira, mas ele já está indo embora e fico sozinho na sala. Examino o traje de novo e desabotoo a camisa.

A roupa é surpreendentemente leve como uma pluma e se ajusta de maneira muito confortável dos meus pés até meu pescoço, fechando com um zíper. Eu o endireito nos cotovelos e joelhos e dou alguns passos. Fico impressionado ao sentir meus braços e pernas muito mais fortes do que o habitual. Sinto-me bem mais poderoso, dou um rápido salto. O traje absorve quase todo o meu peso, e com pouco esforço consigo saltar alto o suficiente para pular a cama. Dobro um braço, depois o outro. Eles estão fortes o bastante para levantar algo mais pesado do que o que estou acostumado há vários meses. Uma repentina emoção percorre meu corpo inteiro.

Consigo correr neste traje.

Pascao dá uma pancadinha seca na minha porta e entra vestido com seu próprio traje. Ele olha para mim e pergunta:

– E aí, tá se sentindo bem de *collant*, bonitão? Ficou legal em você.

– Pra que serve isso? – indago, ainda testando meus limites físicos.

– O que você acha? A República os usa nas missões que exigem muito dos soldados fisicamente. Eles têm molas especiais instaladas perto das articulações dos cotovelos, joelhos, por aí. Resumindo: esse traje vai te fazer sentir como um herói acrobático.

Incrível! Agora que Pascao explicou, sinto mesmo uma reação típica de uma mola nos meus cotovelos e uma pequena elevação que elas dão aos meus joelhos quando os dobro. Pascao me observa com um olhar de aprovação.

– Estou me sentindo bem, muito bem *mesmo*. O traje me dá a impressão de que posso escalar um edifício de novo.

– Olha só o que eu tô pensando – diz Pascao, baixando o tom de voz até virar um sussurro. Sua atitude alegre desaparece. – Se as Colônias pousarem seus dirigíveis aqui em LA, depois que o Eleitor anunciar a rendição, a República vai posicionar suas tropas para encenar um ataque surpresa a essas aeronaves. Elas podem danificar uma porrada deles antes que as Colônias se deem conta do que a gente está aprontando. Eu vou chefiar os Patriotas com as equipes da República, e nós vamos instalar uma fiação elétrica em algumas das bases dos dirigíveis, para explodir os que estiverem pousados nelas.

– Esse é um bom plano.

Flexiono cautelosamente um dos meus braços, achando maravilhosa a força que o traje me proporciona. Meu coração bate fortemente no peito. Se eu não executar bem esse plano e o Chanceler descobrir o que estamos tramando, a República perderá a vantagem da nossa falsa rendição. Só vamos ter uma chance para fazer isso funcionar.

Abrimos as portas corrediças envidraçadas do quarto do hospital e vamos para a varanda. O ar fresco da noite faz desaparecer parte do pesar e do estresse dos últimos dias. Com este traje, eu me sinto um pouco do que já fui. Examino os prédios ao redor e pergunto a Pascao, apoiando o propulsor de ar sobre o ombro:

– Vamos levar esses brinquedinhos para passear?

Pascao sorri e me atira uma lata de spray vermelho-sangue.

– Você tirou as palavras da minha boca.

Partimos então. Desço até o primeiro andar tão depressa que quase perco o equilíbrio, e depois alcanço o solo sem dificuldade. Pascao e eu nos separamos; cada um está encarregado de cobrir um setor da cidade.

Enquanto percorro a minha área, não posso deixar de sorrir. Estou livre de

novo, posso sentir o vento e alcançar o céu. Neste momento, minhas preocupações se dissolvem e mais uma vez posso fugir dos meus problemas; posso me misturar aos estragos e escombros da cidade e alterá-la para que se transforme em algo que tenha a ver comigo.

Caminho pelas vielas escuras do setor Tanagashi até chegar a edifícios históricos, lugares por onde sei que a maioria das pessoas vai ter de passar; pego minha lata de spray e escrevo o seguinte no muro:

OUÇAM MEU CHAMADO!

Abaixo dessa frase, desenho um símbolo que sei que todo mundo vai reconhecer como sendo meu: uma faixa vermelha pintada em cima do esboço de um rosto.

Grafito em tudo em que posso pensar. Quando termino, uso o propulsor para ir até um setor vizinho, e lá repito todo o processo. Horas depois, com o cabelo encharcado de suor e os músculos doendo, volto ao Hospital Central. Pascao está me esperando do lado de fora, com o rosto também reluzente de suor. Ele me cumprimenta zombeteiramente com um sorriso.

– Vamos ver quem chega primeiro lá em cima?

Não respondo. Apenas começo a escalada, e ele também. O vulto de Pascao é quase invisível na escuridão, uma forma indefinida que salta em cada andar com a facilidade de um Corredor nato. Eu me arremesso atrás dele, andar após andar.

Chegamos de volta à sacada que percorre toda a extensão do quarto andar, onde fica a ala do hospital da qual partimos. Embora eu esteja sem fôlego e as pontadas na cabeça continuem, completei a escalada quase tão rápido quanto Pascao.

– Sacanagem! – resmungo para ele quando nós dois nos debruçamos, exaustos, no parapeito. – Onde eles escondiam este equipamento quando eu estava no auge da minha saúde? Eu sozinho poderia ter destruído a República com ajuda dessa parada.

Os dentes de Pascao brilham na escuridão. Ele examina a paisagem e diz:

– Vai ver, foi até melhor você não ter feito isso, porque aí não teria *República* pra gente salvar.

– E será que vale a pena? – pergunto após uns minutos, desfrutando a brisa fresca. – Você está mesmo disposto a sacrificar a vida por um país que não fez grande coisa por você?

Pascao se mantém em silêncio por um instante, depois levanta um braço e aponta para um lugar no horizonte. Tento definir o que ele quer que eu veja. Ele responde:

– Quando eu era pequeno, morava no setor Winter. Vi duas das minhas irmãzinhas serem reprovadas na Prova. Quando chegou minha vez de ir para o estádio, quase levei bomba também. Eu tropecei e caí num dos saltos. Irônico, né? Bem, um dos soldados me viu cair. Nunca vou esquecer o olhar dele. Quando me dei conta de que ninguém mais tinha me visto cair, implorei a ele que me desse uma colher de chá. O cara pareceu muito indeciso, mas não registrou minha queda. Quando lhe agradei baixinho, ele me disse que se lembrava das minhas duas irmãs e concluiu: “Acho que duas mortes na sua família estão de bom tamanho.”

Pascao faz uma pausa.

– Sempre odiei a República pelo que fizeram com as pessoas que eu amava, e com *todos nós*. Mas às vezes me pergunto o que terá acontecido àquele soldado, como era a vida dele, de quem ele gostava, e se ainda está vivo. Quem sabe? Talvez já tenha morrido. – Ele encolhe os ombros. – Se eu fingir que nada está acontecendo, deixar que a República resolva seus próprios problemas e ela for derrubada, acho que eu conseguiria encontrar uma forma de viver em outro lugar, escondido do governo. – Ele olha para mim e continua: – Não sei direito por que resolvi ficar do lado deles agora; vai ver, é porque ainda tenho esperança.

Pascao quer se alongar na sua explicação, como se estivesse frustrado por não conseguir expressar com palavras adequadas o que sente, mas eu o compreendo muito bem. Balanço a cabeça; fixo o olhar no setor Lake e me lembro do irmão de June.

– Sei como é. Também me sinto assim.

Após um tempo, voltamos finalmente para dentro do hospital. Tiro o traje e volto a vestir minhas próprias roupas. Esperamos que o plano comece a surtir efeito a partir do anúncio da rendição feito por Anden. Depois disso, vai ser um dia de cada vez. Tudo pode mudar.

Enquanto Pascao vai descansar um pouco, reconstituo meus passos pelo corredor e me dirijo ao quarto de Éden, perguntando-me se as equipes do laboratório já receberam alguns resultados para que nós possamos vê-los. Como se tivessem lido meu pensamento, quando chego vejo alguns deles agrupados do lado de fora do quarto de Éden. Estão falando em tons abafados. Desaparece a serenidade que senti durante minha breve escapada noturna do hospital.

– O que foi? – pergunto. Dá para ver a tensão nos olhos deles. Meu coração se aperta. – O que aconteceu?

Sob o plástico branco do capuz, um dos técnicos vira-se para mim.

– Recebemos alguns dados enviados pela equipe do laboratório da Antártida. Achamos que conseguimos sintetizar algum elemento do sangue do seu irmão que pode de certa forma agir como a cura da praga. Está funcionando... Até certo ponto.

A cura! Uma descarga de energia percorre meu corpo e me deixa zozinho de alívio. Não posso evitar estampar um sorriso no rosto.

– Vocês já comunicaram isso ao Eleitor? Esse *elemento* está dando certo? Podemos começar a usá-lo na Tess?

O técnico de laboratório me detém antes que eu possa continuar.

– Ele *quase* age como uma cura, Day.

– O que você quer dizer?

– A equipe da Antártida confirmou que esse vírus provavelmente é uma mutação do original, contra o qual o Éden criou imunidade, ou pode ter combinado o seu genoma com outro genoma ao longo do caminho. As células T do seu irmão têm a habilidade de se deslocar junto com esse vírus agressivo; nas nossas amostras, uma das curas que desenvolvemos parece funcionar parcialmente...

– Pare de falar feito um cientista – reclamo, impaciente.

O técnico fecha a cara para mim, como se *eu* pudesse contagiá-lo com minha atitude.

– Tem alguma coisa que não estamos detectando – explica com um suspiro indignado. – Não estamos conseguindo detectar um componente.

– Como assim vocês não estão *conseguindo* detectar um componente? O que vocês não estão detectando?

– Em algum período do processo, o vírus que está causando os surtos atuais sofreu uma mutação e se mesclou com outro vírus. Como resultado, alguma coisa está faltando nas investigações. Achamos que ele talvez possa ter sofrido a mutação nas Colônias, talvez há muito tempo, até mesmo meses.

Meu coração fica apertado quando me dou conta do que eles estão tentando dizer.

– A cura ainda não está funcionando, então?

– Não se trata apenas disso. O problema é que não sabemos se vamos conseguir que funcione algum dia. Éden não é o primeiro paciente a ser infectado por esse vírus. – O técnico de laboratório suspira mais uma vez. – A não ser que possamos encontrar a pessoa em quem esse novo vírus sofreu a mutação, não posso afirmar se algum dia vamos descobrir a cura.



JUNE

Acordo ao som do lamento de uma sirene que ressoa no conjunto de apartamentos. Outro ataque aéreo. Por um minuto, me vejo de volta a Denver, sentada com Day num pequeno café iluminado por lanternas, enquanto a neve cai ao nosso redor e ele me conta que está morrendo. Estou de volta às ruas caóticas, cheias de pessoas apavoradas. Estamos os dois de mãos dadas, correndo para nos abrigar, aterrorizados.

Pouco a pouco meu quarto entra em foco, e a sirene continua a soar. Meu coração começa a bater descompassadamente.

Pulo da cama, paro para consolar Ollie que está com medo e corro para ligar a tela. Os noticiários fazem um escarcéu, competindo com a sirene. Na parte inferior da tela há uma advertência vermelha-vivo:

PROCUREM ABRIGO

Leio rapidamente as manchetes:

**AVIÕES INIMIGOS APROXIMAM-SE DA DIVISA
DE LOS ANGELES**

**TODAS AS TROPAS DEVEM SE APRESENTAR
IMEDIATAMENTE**

**O PRIMEIRO ELEITOR FARÁ UM COMUNICADO
DE EMERGÊNCIA**

Previram que as Colônias demorariam mais três dias antes de atacar Los Angeles. Parece que eles anteciparam esse prazo e resolveram desrespeitar o cessar-fogo de três dias, o que quer dizer que precisamos também acelerar nosso plano. Tampo os ouvidos por causa do som da sirene, corro até a varanda e olho para o horizonte. A luz da manhã ainda está fraca, e o céu nublado impede que eu veja nitidamente, mas ainda assim, os pontinhos acima do contorno montanhoso da Califórnia são inconfundíveis. Minha respiração fica presa na garganta.

Dirigíveis. Das Colônias ou africanos – não dá para ver direito desta distância –, mas é certo que não se tratam de aeronaves da República. Baseada na sua posição e velocidade, calculo que estarão pairando sobre o centro de Los Angeles daqui a menos de uma hora. Ligo o microfone e corro até o armário para pegar algumas peças de roupa. Se Anden está na iminência de fazer um comunicado, será sobre a rendição, sem dúvida. E se esse for o caso, preciso me reunir a Day e aos Patriotas o mais rápido que puder. A falsa rendição só vai funcionar por certo tempo, antes que se torne verdadeira.

– Onde é que vocês estão? – grito quando Day atende.

A voz dele soa tão angustiada quanto a minha. O eco da sirene também se faz ouvir onde ele está:

– No quarto de Éden no hospital. Você consegue ver os dirigíveis?

Mais uma vez, examino o horizonte antes de amarrar as botas.

– Consigo. Chegarei aí em breve.

– Fique observando o céu e tome cuidado. – Ele hesita um instante. – Venha logo. Temos um problema. – Nosso contato se interrompe, e saio com Ollie ao meu lado, galopando como o vento.

Quando chegamos ao Hospital Central e somos levados ao encontro de Day, Éden e os Patriotas, as sirenes param. A eletricidade do setor deve ter sido desligada de novo. A não ser pelos principais edifícios do governo como a Bank Tower, o panorama lá fora está soturnamente negro, tragado quase por completo pelas sombras úmidas matinais.

No corredor, as telas mostram um pódio vazio onde Anden se posicionará a qualquer minuto para se dirigir à nação ao vivo. Ollie não

desgruda do meu lado, inquieto. Eu o acaricio várias vezes, e ele me recompensa com uma lambida na mão.

Encontro com Day e os outros no quarto de Éden no exato momento em que Anden surge na tela. Éden parece exausto e apenas semiconsciente. Ele continua com um tubo intravenoso ligado ao braço, mas além desse, não há outros tubos nem fios. Ao lado da cama, um técnico de laboratório digita anotações num computador.

Day e Pascao estão usando o que parecem ser trajes da República destinados a missões especiais – é a mesma roupa que usei quando precisei tirar Day do Batalla Hall pela primeira vez, quando passei uma noite examinando os telhados à procura de Kaede. Ambos estão falando com um técnico e, pelas expressões deles, as notícias não são nada boas.

Quero saber detalhes, mas Anden já se encontra no pódio, e minhas palavras desvanecem quando concentramos nossa atenção na tela. Tudo que consigo escutar é o som da nossa respiração e o zumbido ameaçador e distante das aeronaves que se aproximam.

Anden parece calmo. Embora tenha se passado apenas um ano desde que nos conhecemos, o peso e a gravidade no seu rosto o fazem aparentar ter muito mais idade. Apenas o ligeiro cerrar do queixo revela um indício de suas verdadeiras emoções. Ele está todo vestido de branco, com dragonas prateadas nos ombros e um emblema dourado da República afixado perto do colarinho do paletó militar.

Atrás dele há duas bandeiras: uma é da República, enquanto a outra está vazia, é branca, incolor. Engulo em seco. É uma bandeira que conheço bem dos tempos de escola, mas que nunca havia visto ser usada. Todos nós sabíamos que este dia chegaria, havíamos planejado isto e *sabemos* que não é real, mas ainda assim não posso deixar de sentir uma sensação profunda e sombria de dor e fracasso. Como se estivéssemos verdadeiramente entregando nosso país a outro.

– Soldados da República. – Anden começa se dirigindo aos soldados que o rodeiam na base. Como sempre, sua voz é, ao mesmo tempo, suave e firme, tranquila mas nítida. – É com grande pesar que venho hoje lhes comunicar nossa decisão. Já transmiti essas mesmas palavras ao Chanceler

das Colônias. – Ele faz uma breve pausa, como se reunindo forças. Para ele, mesmo este pronunciamento falso deve ter um peso imenso. – A República se rendeu oficialmente às Colônias.

Silêncio total. A base, há alguns minutos barulhenta e caótica, de súbito fica paralisada: todos os soldados estão imóveis, ouvindo incrédulos.

– A partir de agora, devemos cessar toda e qualquer atividade militar contra as Colônias – prossegue Anden. – Amanhã, vamos nos reunir com as principais autoridades das Colônias para redigir as condições oficiais da rendição. – Ele para, permitindo que suas palavras sejam absorvidas pela base inteira. – Soldados, vamos mantê-los atualizados à medida que dermos prosseguimento ao assunto.

A transmissão se encerra nesse ponto. Anden não conclui sua declaração com o lema *Vida longa à República*. Um calafrio me percorre o corpo quando as telas são substituídas por uma imagem não da bandeira da República, mas das Colônias.

Estão fazendo um trabalho espetacular para convencer todo mundo dessa rendição. Espero que as autoridades da Antártida mantenham sua palavra. Espero que a ajuda esteja a caminho.

– Day, a gente não tem muito tempo para sabotar as bases – resmunga Pascao para nós quando Anden conclui seu discurso. Os três soldados da República que se encontram conosco estão preparados para conduzi-los até as bases aéreas onde os explosivos serão armados. – Você vai ter que conseguir um tempo extra para nós. Tá correndo por aí que as Colônias vão começar a pousar os dirigíveis em nossas bases daqui a poucas horas.

Day assente. Quando Pascao se vira para transmitir instruções aos soldados, o olhar trêmulo de Day se concentra em mim. Nele, vejo uma sensação tensa de medo que me dá um frio na barriga.

– Deu algo errado com a cura, não é? – pergunto. – Como está o Éden?

Day suspira, passa a mão no cabelo e olha para o irmão.

– Ele está aguentando.

– Mas?...

– Mas o problema é que ele não foi o primeiro paciente a ser contaminado. Os técnicos disseram que ainda não conseguiram detectar não

sei o quê no sangue dele.

Olho para o corpo frágil no leito do hospital. Éden não é o Paciente Zero?

– O que é? O que não conseguiram detectar?

– É mais fácil te mostrar do que tentar explicar. Vem cá. A gente precisa alertar Anden sobre isso. Do que adianta encenarmos essa rendição se não conseguirmos a ajuda da Antártida?

Seguimos Day pelo corredor. Caminhamos calados e tensos por algum tempo, até finalmente chegarmos diante de uma porta não identificada, que Day abre.

Entramos num recinto cheio de computadores. Um técnico que está monitorando as telas se levanta ao nos ver e nos conduz a um computador.

– Está na hora de atualizarmos a srta. Iparis?

– Me conte o que está acontecendo – respondo.

Ele nos senta em frente a um computador e passa vários minutos carregando uma tela. Quando finalmente termina, vejo duas comparações lado a lado de alguns slides do que suponho sejam células. Eu as olho atentamente.

O técnico de laboratório aponta para a tela à esquerda, que parece uma série de pequenas partículas poligonais agrupadas ao redor de uma grande célula central. Ligadas às partículas estão dezenas de pequenos tubos que saem das células.

– Esta – diz o técnico, circulando com o dedo a célula grande – é uma simulação de uma célula contaminada que estamos tentando curar. Ela tem um tom vermelho, indicando que há muitos vírus nela. Sem uma cura, esta célula se destrói, se arrebenta e morre. Estão vendo estas pequenas partículas ao redor? São simulações das partículas da cura de que necessitamos. Elas se fixam ao exterior da célula infectada. – Ele dá uma pancadinha na tela duas vezes, no lugar onde está a célula grande, e segue-se uma curta animação que mostra as partículas se agarrando à célula, que acaba encolhendo de tamanho e sua cor se altera. – Elas impedem que a célula arrebente.

Meus olhos focalizam agora a tela à direita, que também tem uma célula igualmente contaminada, cercada por pequenas partículas. Desta vez não vejo nenhum tubo no qual as partículas possam se agarrar. O técnico de laboratório explica então:

– Isto é o que está acontecendo *de verdade*. Não estamos conseguindo identificar um elemento em nossas partículas de cura que possa fazer com que elas se prendam aos receptores da célula. Se não encontrarmos isso, o resto das partículas não pode funcionar. A célula não consegue entrar em contato direto com o medicamento, e então morre.

Cruzo os braços e olho com o cenho franzido para Day, que encolhe os ombros, impotente, e pergunta:

– Como podemos descobrir qual é o pedaço que falta?

– Esse é o X da questão. Na nossa opinião, esse problema específico de receptores não fazia parte do vírus original. Em outras palavras: alguém deliberadamente alterou esse vírus. – Ele aponta para minúsculos pontos reluzentes espalhados na superfície da célula. – Isto pode significar, srta. Iparis, que as Colônias, na verdade, alteraram fisicamente esse vírus. Garanto que a República não tem registros de manipulação indevida com esse vírus, não para esse fim específico.

– Espera aí – interrompe Day. – Isso é novidade pra mim. Você está dizendo que as Colônias *criaram* essa praga?

O técnico de laboratório faz uma expressão sinistra e volta a olhar a tela.

– É possível. Mas há uma coisa curiosa. Acreditamos que essa característica adicional, a questão dos receptores, veio originalmente da República. Existe um vírus semelhante que surgiu numa pequena cidade do Colorado. Mas os marcadores nos dizem que o vírus modificado se originou em Tribune City, que é uma cidade próxima à frente de batalha, no lado das Colônias. Então, segundo essa hipótese, de alguma forma o vírus do Éden entrou em contato com alguma outra coisa em Tribune City.

É aí que as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixam para mim. A cor se esvai do meu rosto. Tribune City é a cidade onde Day e eu paramos quando fugimos para as Colônias. Relembro que adoeci durante minha prisão na República, e que fiquei bem doente e febril quando Day me

carregou por aquele túnel subterrâneo desde Lamar até o território das Colônias. Passei uma noite internada num hospital de lá. Eles me injetaram remédios, mas jamais considerei o fato de que podiam estar me usando para outro propósito. Terei sido a cobaia de um experimento sem sequer me dar conta disso? Serei eu a portadora, na minha corrente sanguínea, da peça do quebra-cabeça que falta?

– Sou eu – murmuro, interrompendo a fala do técnico. Ele e Day me olham, espantados.

– O que a senhorita quer dizer? – pergunta o técnico, mas Day permanece em silêncio. A conscientização da verdade está estampada no seu rosto.

– Sou eu – repito. A resposta é tão evidente que mal consigo respirar. – Estive em Tribune City há oito meses. Eu fiquei doente durante minha detenção no Colorado. Se esse outro vírus de que você está falando se originou na República e depois foi para Tribune City, nas Colônias, é possível que a solução do seu quebra-cabeça seja eu.



A teoria de June muda tudo.

Ela imediatamente se reúne à equipe do laboratório numa sala separada do hospital, onde fixam vários tubos e fios no seu corpo e coletam uma amostra da sua medula óssea. Realizam uma série de scans que a deixam com aparência nauseada, scans que já vi serem feitos com Éden. Eu gostaria de ficar. Felizmente os testes com Éden terminaram, mas o risco está agora com June, e neste momento tudo que quero é ficar aqui e me certificar de que tudo vai ficar bem.

Não seja imbecil – digo a mim mesmo com raiva –, *você ficar aqui não vai ajudar em nada*. Mas quando Pascao finalmente nos leva para fora do hospital a fim de nos reunirmos aos outros, não posso deixar de olhar de relance para trás.

Se o sangue de June contiver o elemento que falta, teremos uma oportunidade de conter a praga e poderemos salvar todo o mundo.

Podemos salvar a Tess.

Ao tomarmos o metrô do hospital em direção às bases de aeronaves em Batalla, com vários soldados a reboque, essas ideias apertam meu peito e mal consigo ficar parado. Pascao repara na minha inquietação e pergunta, com um risinho:

– Você já esteve nas bases antes, não é? Eu me lembro de que você já aprontou bastante por aqui.

Suas palavras desencadeiam algumas lembranças. Quando fiz catorze anos, sabotei dois dirigíveis em Los Angeles que estavam sendo preparados para decolar até a frente de batalha. Consegui entrar nos dirigíveis pelo sistema de ventilação – o que não foi muito diferente do que fiz com os Patriotas em Vegas – e depois percorri as duas aeronaves sem ser percebido através de seus inúmeros respiradouros. Nessa ocasião eu ainda estava em

fase de crescimento, meu corpo era mais magro e menor e não tive dificuldade em percorrer, encolhido, os incontáveis dutos.

Uma vez lá dentro, roubei o máximo de comida enlatada que consegui e depois incendiei as casas de máquinas; isso destruiu os dirigíveis de tal maneira que eles ficaram fora de combate por anos, talvez nunca tenham voltado a servir à República. Foi essa peripécia que me fez virar o criminoso mais procurado do país. Realmente foi um trabalho bem-feito, sem querer me gabar.

Recordo a configuração das bases. Exceto por algumas bases aéreas no setor Batalla, as quatro principais bases navais em Los Angeles ocupam uma estreita faixa de terra ao longo do litoral oeste da cidade situada entre nosso enorme lago e o Oceano Pacífico. Nossos encouraçados estão localizados nessa área, e na maior parte do tempo não são usados. Mas a razão pela qual os Patriotas e eu nos dirigimos para lá agora é que todos os hangares de dirigíveis em Los Angeles também ficam lá, e é lá que as Colônias vão pousar seus dirigíveis se – e quando – tentarem ocupar a cidade após nossa rendição.

Estamos no terceiro e último dia do prometido cessar-fogo das Colônias. À medida que o trem passa velozmente pelos setores, vejo grupos de civis aglomerados ao redor dos telões que ainda estão transmitindo sem parar a notícia da rendição dada por Anden. A maioria das pessoas parece consternada, e se apoiam umas nas outras. Outras estão furiosas e atiram sapatos, pés-de-cabra e pedras nas telas extravasando sua ira contra a traição de seu Eleitor. Ótimo! Continuem assim. Usem essa raiva contra as Colônias. Em breve vou precisar desempenhar meu papel.

– Tudo bem, pessoal, escutem – diz Pascao quando nosso trem se aproxima das pontes que levam às bases navais. Ele ergue as mãos para nos mostrar uma série de pequenos dispositivos metálicos. – Lembrem-se de usar seis por hangar. – Ele aponta para um pequeno gatilho vermelho no centro de cada dispositivo. – Queremos explosões perfeitas e controladas; os soldados vão nos indicar os melhores lugares onde colocar os dispositivos. Se fizermos a coisa toda de forma correta, vamos poder danificar qualquer aeronave das Colônias usando nossos hangares de pouso

e um dirigível que não consegue levantar voo nem pousar não serve pra nada, certo? – Ele dá um risinho. – Ao mesmo tempo, não podemos ferrar muito as pistas de pouso. São apenas *seis* por hangar.

Desvio o olhar e concentro minha atenção na janela, onde a primeira base naval se aproxima no horizonte. Enormes bases em forma de pirâmide se destacam numa fileira, escuras e imponentes, e na mesma hora penso na primeira vez em que as vi em Vegas. Meu estômago se contorce, pouco à vontade. Se este plano fracassar, se não conseguirmos deter as Colônias e o pessoal da Antártida não vier em nossa ajuda, se June não tiver aquilo que precisamos para encontrar a cura, o que acontecerá com a gente? O que acontecerá quando as Colônias finalmente se apossarem de Anden, de June ou de mim? Balanço a cabeça para obrigar as imagens a desaparecerem. Não há tempo para eu me preocupar com isso agora. Ou vai acontecer ou não vai. Nós já tomamos nossa decisão.

Quando chegamos à primeira pista de pouso da Base Naval Um, vejo o suficiente da área da cidade para reparar em pontos minúsculos e escuros no céu. Tropas das Colônias – dirigíveis, jatos ou outra coisa – estão pairando perto dos arredores de Los Angeles, preparando-se para atacar. Um zunido baixo e monótono enche o ar – já podemos ouvir a aproximação firme de suas aeronaves. Meus olhos se dirigem aos telões que ocupam as ruas. O anúncio que Anden fez continua a ser transmitido, acompanhado pela frase de alerta “PROCUREM ABRIGO” em vermelho-vivo, na parte inferior de todas as telas.

Quatro soldados da República se juntam a nós quando saltamos apressados do jipe e entramos na base da pirâmide. Fico perto deles quando nos levam para os elevadores rumo ao saliente telhado interno da base, onde as aeronaves decolam e pousam. Ao nosso redor há o som ensurdecido de botas de soldados, apressando-se a fim de chegar às suas estações, preparando-se para decolar contra as Colônias. Eu me pergunto quantas tropas Anden foi obrigado a despachar para Denver ou Vegas como reforço, e só posso esperar que as tropas que ficaram sejam suficientes para nos proteger.

Aqui não é Vegas, lembro a mim mesmo, tentando não pensar em quando June se deixou capturar. Mas não adianta nada. Quando chegamos ao topo da base e subimos um lance de degraus até o topo aberto da pirâmide, meu coração bate fortemente, e só em parte devido ao exercício. Bem, é claro que isso me lembra de quando comecei a trabalhar para os Patriotas. Não consigo deixar de analisar as vigas de metal que cruzam a parte inferior interna da base, todas as pequenas áreas de encaixe que se ligam a uma aeronave quando ela pousa. O traje escuro que estou usando é leve como o ar. Está na hora de instalarmos nossas bombas.

– Estão vendo aquelas vigas? – pergunta um capitão da República a Pascao e a mim, apontando para o teto sombrio, onde se veem três fendas especialmente difíceis de alcançar. – Elas representam o máximo de danos para a aeronave e o mínimo para a base. Vocês dois devem destruir esses três locais em cada um dos hangares. Nós mesmos poderíamos chegar a elas se montássemos nossos guindastes, mas não temos tempo para isso. – Ele faz uma pausa e nos dá um sorriso forçado. A maioria desses malditos soldados ainda não fica inteiramente à vontade trabalhando conosco. – Bem – continua ele depois de um silêncio constrangedor –, vocês acham que isso é possível? Vocês são rápidos o suficiente?

Tenho vontade de perguntar ao capitão se ele esqueceu com quem está falando, mas Pascao me impede de fazer isso ao soltar uma de suas risadas altas e inconfundíveis.

– Você não leva muita fé na gente, não é? – Ele dá uma cutucada brincalhona nas costelas do capitão e ri com desdém ao ver o rubor indignado no rosto do militar.

– Ótimo! – responde rigidamente o capitão, antes de partir com os outros Patriotas e seu próprio pelotão. – Depressa! Não temos muito tempo. – Ele nos deixa com nossa tarefa, e começa a instruir os outros sobre onde colocar as bombas.

Depois que ele se vai, Pascao deixa de lado o gigantesco sorriso e se concentra nas fendas apontadas pelo capitão.

– Não são fáceis de alcançar – resmunga. – Tem certeza de que você consegue fazer isso? Você está forte o bastante, levando em conta que está

morrendo e tudo mais?

Olho feio para ele e depois examino cada uma das fendas. Testo os joelhos e cotovelos, tentando avaliar minha força. Pascao é um pouco mais alto do que eu; ele vai lidar melhor com as duas primeiras fendas, mas a terceira é tão estreita que sei que só eu consigo entrar nela. Também percebo na hora por que o capitão nos mostrou esse lugar. Mesmo se não fixássemos seis bombas neste lado da base, provavelmente desabilitaríamos qualquer aeronave com uma única bomba *nesse* ponto. Aponto para ele e digo:

– Fico com aquela lá.

– Tem certeza? – Pascao estreita os olhos para ver bem o lugar. – Não quero ver você cair e morrer logo na sua primeira missão.

Suas palavras me provocam um sorriso sarcástico e pergunto:

– Qual é, cara? Você não tem nenhuma fé em mim?

Pascao ri, debochado.

– Tenho um pouquinho.

Hora de agir. Dou um impulso a partir do corrimão das escadas até a viga mais próxima, e depois me integro harmoniosamente com o labirinto de metal. Tenho uma sensação de *déjà-vu*. Demoro um pouco para me acostumar às molas embutidas no meu traje, mas depois de alguns saltos me sinto à vontade. Ajo rápido. Rápido mesmo, com a ajuda da roupa. Em dez minutos, atravesso um quarto do teto da base e estou agora a poucos metros daquela fenda mais estreita. Finas gotículas de suor escorrem por meu pescoço, e minha cabeça lateja com a dor bem conhecida. Abaixo de nós, soldados param para nos observar mesmo enquanto o noticiário eletrônico da base continua a transmitir a notícia da rendição. Eles não têm noção do que estamos fazendo.

Faço uma pausa no último salto, e então pulo. Meu corpo atinge a fenda e desliza harmoniosamente para dentro dela. No mesmo instante, pego a minúscula bomba, abro o clipe e a prendo firmemente no lugar. Minha enxaqueca me deixa tonto, mas eu a forço a sumir.

Missão cumprida.

Lentamente percorro o caminho de volta pelas vigas. Quando chego aos degraus de novo, meu coração está batendo forte com a adrenalina. Localizo Pascao nas vigas e faço um sinal positivo com o polegar.

Esta é a parte fácil, lembro a mim mesmo; minha empolgação dá lugar a uma ameaçadora ansiedade. A parte difícil vai ser inventar uma mentira convincente para o Chanceler.

Terminamos nossa tarefa na primeira base, e vamos para a segunda. Quando concluimos a quarta base, minha força está começando a ceder. Se eu estivesse bem de saúde, com este traje eu seria praticamente indestrutível, mas agora, mesmo com a ajuda dele, meus músculos doem e minha respiração está ofegante. Quando os soldados me conduzem a uma sala na base aérea e me preparam para fazer minha chamada e minha transmissão, agradeço em silêncio por não precisar correr mais pelos tetos.

– E se o Chanceler não acreditar em você? – pergunta Pascao enquanto os soldados saem da sala em fila. – Sem ofensa, bonitão, mas sua reputação em cumprir promessas não é lá essas coisas...

– Eu não prometi nada a ele – respondo. – Além disso, ele vai assistir ao meu anúncio para a República inteira e vai acreditar que todos no país também me viram declarar minha aliança às Colônias. Não vai durar, mas vamos ganhar tempo.

Silenciosamente, torço para que a gente consiga descobrir a cura da praga antes que as Colônias se deem conta do que estamos fazendo.

Pascao olha para fora da janela; podemos ver soldados da República terminando de colocar as últimas bombas no teto da base. Se isso fracassar ou se as Colônias compreenderem que nossa rendição é falsa antes de termos tempo de fazer alguma coisa a respeito, nós já éramos.

– Está na hora de você fazer sua chamada – resmungo Pascao. Ele tranca a porta, pega uma cadeira e a empurra para um canto da sala. Depois, acomoda-se e espera comigo.

Minhas mãos tremem ligeiramente quando ligo o microfone e chamo o Chanceler das Colônias. Por um momento, só escuto estática, e parte de mim espera que, de alguma forma, não seja possível rastrear o nome que me ligou antes e que, de alguma forma, eu não tenha como contatá-lo. Mas

então a estática termina, a ligação fica nítida e escuto a conexão se completar.

– Aqui é o Day. – Nem me dou ao trabalho de cumprimentar o Chanceler. – Hoje é o último dia do seu prometido cessar-fogo, certo? Mas eu ainda não tenho resposta para seu pedido.

Alguns segundos se arrastam, e em seguida ouço aquela voz firme e objetiva:

– Sr. Wing – diz o Chanceler, tão gentil e agradável como sempre –, bem na hora. É um grande prazer falar com o senhor.

– Estou certo de que o senhor já deve ter visto o anúncio do Eleitor – respondo, ignorando suas gentilezas.

– Realmente, já o vi – responde o homem. Escuto um movimento de papéis ao fundo. – Com o seu chamado, acho que hoje vai ser um dia cheio de boas surpresas. Eu tenho me perguntado quando você voltaria a nos contatar. Diga-me, Daniel, você considerou minha proposta?

Do outro lado da sala, os olhos pálidos de Pascao se fixam nos meus. Ele não consegue ouvir a conversa, mas pode ver a tensão no meu rosto.

– Considerarei – respondo, após uma pausa. Tenho de soar realista e relutante, não é mesmo? Eu me pergunto se June aprovaria essa atitude.

– E o que decidiu? Lembre-se de que isso depende inteiramente de você. Não vou forçá-lo a fazer nada que você não queira.

Me engana que eu gosto... Não preciso fazer nada mesmo: só ficar parado assistindo enquanto o senhor destrói as pessoas que eu amo.

– Está bem. – Faço mais uma pausa. – A República já se rendeu. O povo não está feliz com a presença de vocês, mas não quero que ninguém seja ferido. Repito: não quero que *ninguém* seja ferido. – Sei que não preciso mencionar o nome de June para que o Chanceler compreenda. – Vou fazer um comunicado a toda a cidade. Nós tivemos acesso aos telões por meio dos Patriotas. Não vai demorar até que esse comunicado seja transmitido para a República inteira. – Acrescento um pouquinho de ousadia para que minha mentira pareça autêntica: – Isso vai ser suficiente para o senhor manter suas mãos nojentas longe da June?

O Chanceler bate palmas uma vez e diz:

– Combinado. Se você está disposto a se tornar nosso... porta-voz, por assim dizer, eu lhe garanto que a srta. Iparis será poupada dos julgamentos e execuções resultantes de uma derrubada de governo.

Suas palavras fazem com que um calafrio percorra meu corpo e me obrigam a admitir que, se falharmos, o que eu vou fazer não salvará a vida de Anden. Na verdade, se a gente fracassar, é provável que o Chanceler perceba que eu estou por trás disso tudo também, o que destruirá a possibilidade de June e provavelmente de Éden se salvarem. Pigarreio. Do outro lado da sala, o rosto de Pascao está retorcido de tensão.

– E o que vai acontecer com meu irmão?

– Você não tem de se preocupar com seu irmão. Como já lhe disse, não sou um tirano. Não vou prendê-lo a uma máquina e enchê-lo de substâncias químicas nem de veneno; na verdade, não vou fazer nenhum experimento com ele. Vocês dois terão uma vida confortável e segura. Livre de qualquer mal e preocupação.

O tom de voz do Chanceler muda para o que ele julga ser tranquilizador e gentil:

– Percebo a infelicidade na sua voz, mas não faço nada além do necessário. Se seu Eleitor me capturasse, não hesitaria em me executar. O mundo é assim. Não sou um homem impiedoso, Daniel. Lembre-se de que as Colônias não são responsáveis por sua vida de sofrimento.

– Não me chame de Daniel. – Minha voz soa baixa e tranquila. *Só a minha família pode me chamar de Daniel. Sou Day. Curto e direto.*

– Minhas desculpas. – Ele parece verdadeiramente lamentar. – Espero que você compreenda o que estou dizendo, Day.

Fico em silêncio por um momento. Mesmo agora, ainda consigo sentir um ímpeto contra a República, todos os meus pensamentos e minhas lembranças sombrios sussurram *ignore a República, deixe que ela desmorone*. O Chanceler pode me avaliar melhor do que eu pensava. É difícil esquecer uma vida de sofrimento. Como se ela pudesse sentir a influência poderosa do fascínio do Chanceler, ouço a voz de June interromper essa linha de pensamento e murmurar algo diferente. Fecho os olhos e me agarro a ela, tiro forças dela.

– Quando o senhor quer que eu faça esse comunicado? – pergunto após algum tempo. – Tudo já está preparado por aqui. Vamos terminar logo com essa história.

– Maravilha! – O Chanceler pigarreia e volta a falar como um homem de negócios. – Quanto mais cedo, melhor. Vou desembarcar com minhas tropas na base naval fora de Los Angeles no início da tarde. Podemos combinar que você faça o anúncio nessa hora, que tal?

– Combinado.

– Mais uma coisa – acrescenta o Chanceler quando vou desligar. Eu me enrijeço, a língua pronta para desligar o microfone. – Antes que eu esqueça.

– O quê?

– Quero que você faça o anúncio do hangar da minha aeronave.

Surpreso, olho de relance para Pascao, e apesar de ele não ter ideia do que o Chanceler disse, franze a testa porque meu rosto ficou lívido de repente. Fazer o anúncio no hangar da aeronave do Chanceler? Evidente. Por que achamos que ele seria tão fácil de enganar? Ele está tomando precauções. Se alguma coisa der errado durante o anúncio, eu estarei nas mãos deles. Se eu disser qualquer outra coisa que não seja incentivar o povo da República a se curvar perante as Colônias, ele poderá me matar ali mesmo, no hangar da aeronave, cercado por seus soldados.

Quando o Chanceler volta a falar, dá para perceber a satisfação na sua voz. Ele sabe muito bem o que está fazendo.

– Suas palavras terão um impacto maior se ditas diretamente de uma aeronave das Colônias, não concorda? – Ele bate palmas mais uma vez. – Vamos esperar por você na Base Naval Um daqui a algumas horas. Estou ansioso para conhecê-lo pessoalmente, Day.



JUNE

A revelação sobre minha ligação com essa praga muda todos os meus planos.

Em vez de me reunir aos Patriotas e ajudar Day a fixar as bombas nos hangares das aeronaves, permaneço no hospital para que os médicos e virologistas possam me prender a máquinas e executar uma série de exames em mim. Meus punhais e minha pistola ficam numa cômoda no quarto, para que não atrapalhem todos os fios, e mantenho só uma faca na bota. Éden está sentado no leito ao meu lado; sua pele está doentiamente lívida. Depois de muitas horas de testes, começo a sentir vontade de vomitar.

– O primeiro dia é o pior – me diz Éden com um sorriso encorajador. Ele fala devagar, provavelmente devido ao remédio que a equipe do laboratório lhe deu para dormir. – Mas vai melhorar.

Ele se estica e dá uma pancadinha na minha mão; eu me sinto grata por sua compaixão inocente. Day devia ser assim quando menino.

– Obrigada – respondo. Não expresso em voz alta meus demais sentimentos, mas não consigo acreditar que uma criança como Éden tenha sido capaz de tolerar esses exames por vários dias seguidos. Se eu soubesse disso antes, poderia ter feito o que Day queria desde o princípio, e simplesmente recusado o pedido de Anden.

– O que vai acontecer se descobrirem que você é compatível? – pergunta Éden após um tempinho. Seus olhos estão visivelmente cansados, e sua pergunta sai mal articulada.

Boa pergunta. O que vai acontecer? Vamos encontrar a cura. Poderemos apresentar os resultados às autoridades da Antártida e provar a eles que as Colônias usaram deliberadamente esse vírus; nós poderemos convencer as Nações Unidas a forçarem as Colônias a se retirarem. E então nossos portos serão liberados.

– O pessoal da Antártida prometeu que a ajuda estava a caminho – resolvo dizer. – É possível que a gente vença. *Talvez.*

– Mas as Colônias já estão aqui! – Éden olha pela janela, de onde dá para ver as aeronaves dos nossos inimigos pontilhando o céu. Algumas já passando nas nossas bases, enquanto outras assomam lá no alto. Uma sombra refletida no edifício Bank Tower me informa que uma delas está passando acima de nós neste exato momento. – E se o Daniel falhar? – pergunta ele, lutando contra o sono.

– Temos de agir com muita cautela.

Mas as palavras de Éden fazem com que meu olhar se demore na paisagem urbana. Realmente, e se o Day falhar? Ele me disse ao ir embora que entraria em contato conosco antes de transmitir sua mensagem ao povo. Agora, ao ver a proximidade das aeronaves das Colônias, sinto-me extremamente frustrada por não poder estar junto deles. E se as Colônias se derem conta de que as bases aéreas foram sabotadas? E se eles não voltarem?

Passa-se mais uma hora. Enquanto Éden cai em sono profundo, permaneço acordada e tento dissipar a náusea que me atinge em ondas. Mantenho os olhos fechados. Isso parece ajudar. Devo ter adormecido, porque de repente sou despertada pelo som de nossa porta se abrindo. Os técnicos finalmente voltaram.

– Srta. Iparis – diz um deles, endireitando o crachá onde se lê o nome MIKHAEL. – Não foi exatamente compatível, mas chegou perto de ser, tão perto que nos possibilitou desenvolver uma alternativa. Vamos agora testar a cura em Tess. – Ele não consegue reprimir um sorriso. – A senhorita era a peça que faltava, e estava bem debaixo do nosso nariz.

Olho fixo para ele sem dizer uma palavra. *Podemos mandar os resultados para a Antártida, essa ideia corre veloz pela minha cabeça. Podemos pedir ajuda. Podemos impedir que a praga se espalhe. Temos uma oportunidade de vencer as Colônias.*

Os colegas de Mikhael começam a me desembaraçar da teia de fios e depois me ajudam a levantar. Sinto-me forte o suficiente, mas a sala

continua a rodar. Não sei direito se meu desequilíbrio é um efeito colateral dos testes ou se se deve apenas à ideia de que tudo isso pode ter dado certo.

– Quero ficar com a Tess – digo, quando começamos a nos dirigir para a porta. – Quanto tempo a cura leva para agir?

– Não sabemos ao certo – admite Mikhael ao entrarmos num comprido corredor. – Mas nossas simulações são sólidas, e fizemos testes em várias culturas com células contaminadas no laboratório. Muito em breve devemos começar a constatar melhoras no estado de saúde da paciente.

Nós paramos na longa janela envidraçada do quarto de Tess. Ela está deitada no leito num sono delirante; ao seu redor há enfermeiros e técnicos se movimentando rapidamente em trajés completos, monitores informando seus sinais vitais, tabelas e gráficos projetados nas paredes. Um tubo intravenoso está injetado em um dos seus braços. Examino seu rosto, procurando algum indício de consciência, mas não consigo.

Ouçõ estática no meu fone de ouvido: é uma chamada. Franzo a testa, comprimo uma das mãos no ouvido e ligo o microfone. Um segundo depois, ouço a voz de Day:

– Você está bem? – É seu primeiro pensamento, claro. A estática é tão forte, que mal consigo entender o que ele está dizendo.

– Estou ótima – respondo, esperando que ele consiga me ouvir. – Day, preste atenção: descobrimos a cura.

Nenhuma resposta, só estática, alta e incessante.

– Day? – repito e escuto um estalo vindo do outro lado da linha. Ele parece estar tendo dificuldade para se comunicar comigo.

Estranho. A recepção nas áreas militares costuma ser cristalina. Parece que alguém está bloqueando as nossas frequências.

– Day? – tento mais uma vez.

Finalmente consigo ouvir sua voz de novo, carregada de tensão. Ela me lembra de quando ele escolheu se afastar de mim há muitos meses, o que me enche de apreensão.

– Eu vou transmitir o anúncio de uma aeronave das Colônias. É uma exigência do Chanceler.

De uma aeronave das Colônias. Nesse caso, o Chanceler vai ficar com todas as cartas na mão. Se Day fizer qualquer movimentação suspeita, ou anunciar algo que contrarie o que eles combinaram, o Chanceler mandará prendê-lo ou vai assassiná-lo na hora.

– Não faça isso! Você não precisa ir. Descobrimos a cura; eu era a peça do quebra-cabeça que faltava.

– June?

Não há resposta, apenas mais estática. Tento mais duas vezes antes de desligar meu microfone, frustrada. Ao meu lado, vejo um técnico também tentando em vão fazer uma chamada.

Então me lembro da sombra refletida no edifício em frente ao nosso. Minha frustração desaparece imediatamente, seguida por ondas de terror e compreensão. *Essa não!* As Colônias estão bloqueando nossas frequências porque se apossaram delas. Não imaginei que fossem tomar essa medida imediatamente. Apresso-me até a janela e dirijo meu olhar para o céu. Dá para ver as enormes aeronaves das Colônias pairando acima e, quando olho mais detidamente, reparo que aviões menores estão deixando seus hangares e circulando mais baixo.

Mikhael se junta a mim.

– Não conseguimos contatar o Eleitor. Parece que há interferência em todas as frequências.

Será isso um preparo para o anúncio de Day? *Ele está encrencado, sei que está.*

Bem na hora em que penso nisso, as portas no final do corredor se abrem de repente. Cinco soldados entram marchando com as armas erguidas, e logo percebo que não são soldados da República: são membros dos pelotões das Colônias, com seus paletós azul-marinho e estrelas douradas. Sinto-me invadida pelo pânico dos pés à cabeça. Instintivamente me movimento em direção ao quarto de Éden, mas os soldados me veem. Seu líder aponta a arma para mim. Minha mão segura a pistola presa à minha cintura, e então lembro que minhas armas – exceto uma faca presa ao tornozelo – estão, inúteis, no quarto de Éden.

– Com a rendição da República – diz ele com a voz imponente –, todos os comandos foram transferidos para as autoridades das Colônias. Como seu superior, ordeno que você se afaste e nos deixe passar para que possamos realizar uma busca minuciosa.

Mikhael levanta as mãos e faz o que o oficial ordenou. Eles se aproximam. Lembranças invadem minha cabeça; lições da minha época na Universidade de Drake, um fluxo de manobras percorrem minha cabeça à velocidade da luz. Eu as avalio cuidadosamente.

Essa é uma pequena equipe enviada aqui para realizar uma tarefa específica. Outros grupos devem estar invadindo em grande número cada um dos andares, mas sei que esses soldados aqui devem ter sido mandados para cá com um determinado objetivo. Eu me preparo para uma luta. Eles vieram atrás de mim.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Mikhael acena com a cabeça para um dos soldados. Seus braços permanecem levantados, e ele pergunta:

– O que vocês querem?

O soldado responde:

– Um menino chamado Éden Bataar Wing.

Sei muito bem que não devo prender a respiração para não denunciar que Éden está neste andar, mas uma onda enorme de medo percorre minha espinha. Eu me enganei. Eles não estão atrás de mim. Querem o irmão de Day. Se Day foi forçado a transmitir seu anúncio sozinho, a bordo de uma aeronave das Colônias, ele ficará absolutamente à mercê se o Chanceler resolver fazê-lo refém, e se ele conseguir pôr as mãos em Éden, poderá controlar Day para satisfazer todos os seus caprichos. Meus pensamentos vão mais além rapidamente. Se as Colônias conseguirem mesmo dominar a República, o Chanceler vai poder usar Day indefinidamente como sua própria arma, como manipulador do povo da República enquanto o povo continuar a acreditar que Day é seu herói.

Abro a boca antes que Mikhael o faça.

– Este andar só abriga vítimas da praga – digo ao soldado. – Se vocês estão procurando pelo irmão de Day, ele deve estar num dos andares

superiores.

A pistola do soldado gira na minha direção, ele estreita os olhos ao me reconhecer.

– Você é a Primeira Cidadã, não é? June Iparis.

Levanto o queixo e respondo:

– Sim, sou um dos Primeiros Cidadãos.

Por um momento, achei que ele talvez tivesse acreditado no que eu disse sobre Éden. Alguns dos seus homens chegam até a girar o corpo a fim de se dirigirem às escadas. O soldado me observa por alguns instantes, analisa meus olhos e examina o corredor atrás de mim, onde fica o quarto de Éden. Eu não me atrevo a vacilar.

Ele franze a testa.

– Eu conheço sua reputação.

Antes que eu possa pensar em outra coisa para dizer a fim de despistá-lo, ele inclina a cabeça para seu pelotão e usa a arma para indicar o corredor.

– Procurem em todos os cantos. O garoto deve estar neste andar.

Agora é tarde demais para mentir. Se devo alguma coisa a Day, essa é a hora de pagar minha dívida. Eu me movimento no espaço entre os soldados e o corredor. Faço rapidamente uma porção de cálculos. (O corredor tem pouco mais de um metro e vinte de largura. Se eu entrar nele, posso impedir que os soldados me ataquem ao mesmo tempo e dividir meus adversários em duas ondas menores em vez de uma onda grande.)

– Seu Chanceler não me quer morta – minto. Meu coração está disparado. Ao meu lado, Mikhael olha para mim, apavorado, sem saber o que fazer. – Ele vai querer que eu seja julgada. Você sabe disso.

– Como é que de uma boca tão bonita podem sair tantas mentiras?! – O soldado levanta a arma e eu prendo a respiração. – Saia do caminho, ou eu atiro.

Se eu não tivesse visto o indício de hesitação no seu rosto, teria feito o que ele disse. Não seria útil para Day ou Éden se estivesse morta, abatida a tiros, mas o segundo de incerteza do soldado é tudo de que preciso. Levanto os braços lenta e cautelosamente. Concentro meus olhos nele.

– Você não quer atirar em mim.

Fico impressionada com a firmeza da minha voz, sem qualquer traço de medo, apesar da adrenalina que corre por minhas veias. Minhas pernas oscilam um pouco, pois ainda estão instáveis devido aos experimentos.

– Seu Chanceler não parece ser o tipo de homem que perdoa erros.

O soldado hesita mais uma vez. Ele não sabe as intenções do Chanceler em relação a mim. Ele precisa me dar o benefício da dúvida.

Mantemos nosso impasse durante demorados segundos.

Ele finalmente solta um palavrão, abaixa a arma e ordena por fim aos soldados:

– Prendam-na, mas não atirem.

O mundo se amplia para mim – tudo esmaece, exceto o inimigo. Meus instintos funcionam intensamente.

Vamos brincar um pouco. Vocês não fazem ideia com quem estão lidando.

Eu me agacho numa posição de combate quando os soldados se apressam em vir para cima de mim ao mesmo tempo. O corredor estreito funciona instantaneamente em minha vantagem – em vez de enfrentar cinco soldados ao mesmo tempo, só preciso lidar com dois. Eu me esquivo da arremetida do primeiro soldado, tiro a faca da bota e corto o tornozelo dele com a maior força que posso. A lâmina atravessa a calça e o tendão. Ele uiva de dor. No mesmo instante sua perna se dobra e ele desaba no chão, numa pilha de carne que se contorce.

O segundo soldado que se lança contra mim tropeça no companheiro caído. Chuto o rosto dele, apagando-o, e salto sobre suas costas para enfrentar o terceiro soldado, que tenta me dar um soco. Bloqueio seu golpe com um braço, e minha outra mão atinge o nariz dele com tanta violência, que sinto o osso se esmigalhando. O soldado cambaleia para trás e cai, agarrando o rosto e contorcendo-se de dor.

Três já foram.

Minha vantagem do ataque surpresa desaparece – os últimos dois soldados me enfrentam com mais cautela. Um deles pede reforços aos berros ao microfone. Atrás deles, Mikhael começa a tentar fugir. Embora eu não me atreva a olhar em sua direção, sei que ele deve estar se

movimentando para trancar as portas de acesso às escadas, impossibilitando que outros soldados das Colônias venham em socorro desses. Um dos soldados remanescentes levanta a arma e a aponta para minhas pernas. Dou um chute, e minha bota atinge o cano da sua pistola no instante em que ele a dispara, fazendo com que uma bala ricocheteie desordenadamente sobre o meu ombro.

Um alarme soa aos quatro ventos pelos interfones do prédio inteiro, para avisar que o acesso às escadas é impossível. Chuto a pistola mais uma vez, e ela atinge com força o rosto do soldado. Isso o deixa momentaneamente entorpecido. Giro o corpo e desfiro um golpe violento com o cotovelo que atinge o queixo dele... Mas aí alguma coisa me acerta com força na nuca e me faz ver estrelas. Caio, e fico apoiada num só joelho. Eu me esforço para enxergar através da minha cegueira. O segundo soldado deve ter me atacado por trás. Giro o corpo mais uma vez, tentando ao máximo adivinhar onde está o soldado, mas erro e volto a cair. Através da visão nublada, vejo o militar levantar o cano da arma para bater no meu rosto. *Esse golpe vai me deixar inconsciente.* Tento em vão rolar o corpo para me safar.

O golpe, entretanto, não vem. Pisco e me esforço para ficar de pé. O que houve? Quando minha visão fica um pouco mais nítida, observo o último soldado deitado no chão e os técnicos do laboratório se apressando para amarrar as mãos e os pés de todos eles. De repente, há uma porção de gente em tudo que é lugar. Acima de mim está Tess, lívida, com aparência doentia e respirando com dificuldade, agarrando um rifle de um dos soldados caídos. Eu não havia reparado que ela saiu do seu quarto.

Ela se esforça e me dá um débil sorriso.

– De nada – diz ela, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Retribuo o sorriso. Ela me puxa, trêmula, para que eu me levante. Quando minhas pernas vacilam, ela me oferece o ombro para eu me apoiar. Nenhuma de nós duas está muito firme, mas não caímos.

– Srta. Iparis – diz Mikhael, arquejante, ao chegar apressado perto de nós –, conseguimos contatar o Eleitor, e lhe contamos sobre a cura, mas acabamos de receber um alerta para desocupar a Bank Tower. Disseram que

a falsa rendição vai acabar muito em breve e que um dos primeiros alvos de retaliação das Colônias vai ser...

Um tremor sacode o hospital. Todos nós ficamos paralisados onde estamos. Olho de relance para o horizonte. A princípio aquilo parecia ser um terremoto ou o ruído surdo de uma aeronave passando, mas o estremecimento ocorre em intervalos pequenos e regulares em vez do ribombo acentuado de uma onda sísmica ou do zunido baixo e constante de aeronaves.

Um instante depois, me dou conta de que as bombas instaladas nos hangares das bases devem ter começado a explodir. Corro até a janela com Tess, onde ficamos observando as colunas de poeira e fumaça nas cores laranja e cinza irromperem das bases no horizonte. O pânico toma conta de mim. Day deve ter feito seu comunicado. Se ele sobreviveu, não tenho a menor ideia.

A falsa rendição chegou ao fim, o cessar-fogo acabou. A batalha final da República já começou.



DAY

Aos quinze anos, invadi um banco em Los Angeles depois que os guardas postados na entrada dos fundos não acreditaram que eu fosse capaz de fazer isso em dez segundos. Na noite da véspera, produzi uma detalhada lista mental de itens da fachada do banco, observando todos os pontos de apoio para os pés, janelas e saliências e fiz uma estimativa de todos os andares.

Esperei até a troca de turnos dos guardas à meia-noite, e depois entrei furtivamente no subsolo do edifício. Lá, instalei um minúsculo explosivo no cadeado do cofre. Não havia como eu invadir o banco à noite sem disparar os alarmes... mas na manhã seguinte, quando os guardas se dirigissem ao cofre para conferir o inventário, a maioria dos detectores de movimento do prédio estaria desligada.

Programei minha entrada no dia seguinte para coincidir com isso. Enquanto eu perturbava os guardas na entrada dos fundos do banco, os guardas no subsolo estavam abrindo a porta do cofre. Foi então que o explosivo disparou. Ao mesmo tempo, saltei pela janela do segundo andar do banco, descí os degraus, entrei no cofre cheio de fumaça e poeira e saí do edifício descendo pendurado pelas correntes usadas para organizar a fila dos caixas. Foi uma visão imperdível!

Agora, enquanto subo pelas rampas internas de um hangar em forma de pirâmide em direção à entrada da minha primeira aeronave das Colônias, cercado por soldados inimigos, rememoro minha antiga peripécia no banco e sinto um impulso fortíssimo de fugir. De me pendurar no lado de fora do dirigível, deixar para trás as tropas que me seguem, e me enfiar nos respiradouros. Meus olhos vasculham o dirigível e tentam calcular as melhores rotas de fuga, os esconderijos mais próximos e os apoios mais convenientes para os pés.

Rumar diretamente para eles me faz sentir muito exposto e vulnerável. Ainda assim, minha expressão não demonstra isso. Quando chego à entrada, dois tenentes me conduzem para dentro e depois me revistam minuciosamente à procura de armas, e eu apenas dou um sorriso gentil a eles. Se o Chanceler quer que eu me intimide, vai se decepcionar.

Os soldados não percebem os minúsculos discos do tamanho de moedas costurados nas minhas botas. Um deles é um gravador, para o caso de eu precisar usar nossa conversa contra as Colônias mais tarde. Os outros são diminutos explosivos. Lá fora, em algum lugar na base das aeronaves ou escondidos nas sombras do edifício, estão Pascao e vários outros Patriotas.

Espero que eles estejam prontos para o meu sinal. Espero que estejam prestando atenção na minha última providência, observando e esperando.

É a primeira vez que piso numa aeronave que não tem retratos do Eleitor pendurados nas paredes. Em vez disso, intercalados entre bandeiras azuis e douradas em forma de andorinhas, estão telões tão altos quanto as paredes que anunciam de tudo, de alimentos a eletrônicos e casas. Tenho uma sensação desconfortável de *déjà-vu* ao lembrar a ocasião em que June e eu fomos parar nas Colônias, mas quando os tenentes olham para mim, eu apenas dou de ombros e continuo a olhar em frente. Atravessamos os corredores e subimos dois lances de escada antes que eles finalmente me conduzam até uma grande sala. Fico lá um instante, sem saber direito o que fazer. Este local parece uma espécie de mirante central, com uma comprida janela envidraçada que me proporciona uma visão de Los Angeles.

Um homem está ao lado da janela; a iluminação da cidade pinta de preto sua silhueta. Ele acena para que me aproxime.

– Ah, finalmente você chegou!

No mesmo instante reconheço a voz suave e persuasiva do Chanceler. Não se parece em nada com a imagem que eu havia feito dele: é baixo e magro, *frágil*, de cabelo grisalho e ralo. A voz forte não combina com seu corpo. Os ombros são ligeiramente curvados, e a pele é fina e translúcida em algumas áreas, como se fosse feita de papel e pudesse se esfacelar ao menor toque. Não consigo deixar de exprimir minha surpresa. É esse o homem que comanda corporações como a DesCon, que ameaça e intimida

uma nação inteira e negocia com precisão manipuladora? Para ser sincero, é meio decepcionante.

Eu não dou nada por ele, até observar bem seus olhos.

É aí que reconheço o Chanceler com quem falei antes. Seus olhos calculam, analisam e deduzem quem sou de uma forma que me congela até os ossos. Existe alguma coisa muito errada com eles.

Então percebo o quê: seus olhos são mecânicos.

– Bem, não fique parado aí – diz ele. – Aproxime-se. Desfrute a vista comigo, filho. É aqui que você vai fazer seu comunicado. É um excelente ponto de observação, não é?

Uma resposta incisiva – “A vista provavelmente seria mais bonita sem as aeronaves das Colônias no meio do caminho” – está na ponta da minha língua, mas me contenho com algum esforço e fico quieto. Ele sorri quando me ponho ao seu lado, e faço o máximo para não encarar seus olhos falsos.

– Bem, olha só para você: jovem, vendendo saúde. – Ele me dá um tapinha nas costas. – Você fez a coisa certa ao vir aqui, sabe? – Ele volta a contemplar Los Angeles. – Está vendo? Qual é o sentido em permanecer leal a isso? Você agora faz parte das Colônias e não vai mais precisar suportar as leis deturpadas da República. Vamos tratar você e seu irmão tão bem, que você logo se perguntará por que hesitou em se aliar a nós.

Pelo canto dos olhos, observo todas as possíveis rotas de fuga.

– O que vai acontecer com o povo da República?

O Chanceler bate de leve nos lábios para exprimir reflexão.

– Lamentavelmente, os senadores podem ficar aborrecidos com a situação toda, e quanto ao próprio Eleitor... Bem, só pode haver um governante para um país, e eu já ocupo essa posição. – Ele dá um sorriso que é quase generoso, num contraste alarmante com as palavras que acaba de dizer. – Ele e eu somos mais parecidos do que você imagina. Não somos cruéis, apenas práticos. E você bem sabe como pode ser complexo lidar com traidores.

Um calafrio percorre minha espinha.

– E os Primeiros Cidadãos? – pergunto. – E os Patriotas? Eles fazem parte do nosso trato, o senhor se lembra disso?

O Chanceler assente.

– Claro que me lembro. Day, há coisas que você vai aprender sobre povo e sociedade quando ficar mais velho. Às vezes, é preciso fazer as coisas da maneira difícil. Mas saiba que, antes que você entre em pânico, a srta. Iparis nada sofrerá. Já temos a intenção de perdoá-la por sua causa, porque você vai nos ajudar. Isso faz parte do nosso acordo, como você mesmo disse, e costumo cumprir minha palavra. Os outros Primeiros Cidadãos serão executados junto com o Eleitor.

Executados. Simples assim. Sinto um embrulho no estômago à lembrança do plano frustrado de assassinar Anden. Desta vez, talvez ele não tenha tanta sorte. Minha resposta sai, meio sufocada:

– Desde que vocês poupem a June e não machuquem os Patriotas nem meu irmão. Mas o senhor ainda não respondeu à minha primeira pergunta: o que vai acontecer ao povo da República?

O Chanceler me olha fixamente, depois se inclina para mais perto.

– Me diga uma coisa, Day: você acha que as massas têm o direito de tomar decisões por uma nação inteira?

Giro o corpo para contemplar a cidade. É uma longa queda daqui até o nível inferior da base naval. Preciso dar um jeito de desacelerar ao longo do caminho.

– As leis que afetam uma nação inteira também afetam as pessoas que vivem nela, certo? – respondo, induzindo-o a falar. Espero que meu gravador esteja registrando tudo isso. – Então, é claro que as pessoas têm o direito de contribuir para essas decisões.

O Chanceler concorda com a cabeça.

– Essa foi uma resposta justa, mas acontece que justiça não fortalece as nações, Day, não é mesmo? Já li histórias sobre países onde todas as pessoas recebem condições iguais no começo da vida, onde todos contribuem para o bem maior e ninguém é mais rico ou mais pobre do que o outro. Você acha que esse sistema funcionou? – Ele balança a cabeça. – Não com as pessoas, Day. Essa é uma coisa que você vai aprender quando crescer. Por natureza, os seres humanos são desleais, injustos e fazem vista grossa diante de determinadas situações. É preciso ter cuidado com eles, é

preciso encontrar uma forma de fazê-los *pensar* que todos os caprichos deles estão sendo atendidos. As massas não conseguem se virar sozinhas. Elas precisam de ajuda. Não sabem o que é bom para elas. E quanto ao que vai acontecer ao povo da República, vou lhe contar, Day. O povo como um todo vai ficar entusiasmado por ser integrado ao nosso sistema. Eles vão saber tudo o que precisam saber, e vamos nos certificar de que todos sejam bem aproveitados pelo país. A máquina será bem lubrificada.

– Vão saber tudo o que *precisam* saber?

– Isso mesmo. – Ele cruza as mãos atrás das costas e levanta o queixo. – Você realmente acredita que as pessoas são capazes de tomar as suas próprias decisões? Que mundo assustador! O povo nem sempre sabe o que quer de verdade. Você devia saber disso melhor do que qualquer um, Day, em vista do seu anúncio a favor do Eleitor, e do anúncio que você fará hoje. – Ele inclina um pouco a cabeça e diz: – Você faz o que precisa ser feito.

Você faz o que precisa ser feito. Ecos da filosofia do ex-Eleitor da República, ecos de uma coisa que, independente do país em que eu esteja, nunca se altera. Externamente, eu apenas concordo com a cabeça, mas no íntimo sinto uma súbita hesitação em levar meu plano adiante. *Ele está querendo fazer com que eu caia na dele*, lembro a mim mesmo, desorientado na minha luta. *Eu não sou como o Chanceler; eu luto pelo povo.*

Eu estou lutando por uma causa verdadeira, não estou?

Tenho de sair daqui, antes que ele me influencie mais. Meus músculos estão tensos, prontos para o anúncio. Analiso a sala com minha visão periférica e digo rigidamente:

– Bem, vamos acabar logo com isso.

– Mais entusiasmo, meu rapaz! – diz o Chanceler; ele estala a língua em desaprovação zombeteira e depois me olha muito sério. – Temos muita expectativa de que você consiga convencer totalmente as pessoas.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, me encaminho para a janela e deixo que dois soldados conectem meu microfone para a transmissão. De repente aparece no vidro um vídeo transparente ao vivo com a minha imagem. Calafrios percorrem meu corpo inteiro. Há soldados das Colônias

em tudo que é lugar, para garantir que, se eu não fizer o combinado, terei assinado minha sentença de morte e a de todos os meus entes queridos. É isso aí. Não tenho como voltar atrás.

– Povo da República – começo a dizer. – Hoje estou aqui com o Chanceler das Colônias, a bordo de sua própria aeronave. Tenho uma mensagem para todos vocês.

Minha voz está rouca e preciso pigarrear antes de prosseguir. Quando mexo os dedos, sinto a protuberância dos dois minúsculos explosivos nas solas das minhas botas, prontos para meu próximo movimento. Espero que as pichações que Pascao, os outros Corredores e eu deixamos espalhadas pela cidade cumpram seu papel e que as pessoas estejam preparadas.

– Nós já passamos por muitas coisas juntos – continuo –, mas poucas foram mais difíceis do que os últimos meses da República. Podem acreditar em mim, eu sei do que estou falando: a adaptação a um novo Eleitor, as mudanças que aconteceram em seguida e, como todos vocês já devem saber, eu mesmo não tenho estado muito bem.

Como se em resposta ao que eu disse, minha enxaqueca lateja.

Do lado de fora do dirigível, minha voz ressoa na cidade através da transmissão de vídeo que acontece a partir de dezenas de aeronaves e centenas de telões em Los Angeles. Respiro fundo, porque esta pode ser a última vez em que me dirijo ao povo.

– Nós provavelmente nunca teremos oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, mas eu conheço vocês, que me ensinaram todas as coisas boas da minha vida, e a razão pela qual lutei pela minha família todos esses anos. Torço muito por seus entes queridos, espero que eles possam viver sem o sofrimento pelo qual minha família passou.

Faço uma pausa. Meus olhos encaram o Chanceler, e ele faz um sinal positivo com a cabeça, induzindo-me a continuar. Meu coração bate tão alto, que mal consigo ouvir minha própria voz.

– As Colônias têm muito a oferecer a vocês – digo com a voz mais firme. – As aeronaves deles estão agora no nosso céu. Não vai demorar para que vocês vejam bandeiras das Colônias sobre os colégios de seus filhos e

sobre suas casas. Povo da República: tenho uma última mensagem para todos, antes que vocês e eu digamos adeus.

Chegou a hora. Minhas pernas estão contraídas, e meus pés se mexem ligeiramente. O Chanceler observa.

– A República está fraca e no fundo do poço – estreito os olhos –, mas continua a ser o *seu* país. Lutem por ele. *Esta é a sua casa, não a deles.*

No exato momento em que vejo a expressão colérica do Chanceler, dou um pulo e chuto o vidro com a maior violência que consigo. Soldados das Colônias correm até mim. Minhas botas atingem a janela – os explosivos embutidos nas solas emitem dois pequenos estouros, fazendo com que meus pés tremam. O vidro se estilhaça.

Estou em pleno ar, caindo no espaço aberto. Jogo meus braços para cima e agarro a borda superior da vidraça quebrada. Uma bala passa sibilando por mim. Ouço o berro furioso do Chanceler vindo do lado de dentro. Acho que não me querem vivo depois disso. A adrenalina invade meu corpo numa onda enorme de calor.

Fico oscilando para cima e para baixo no ar da noite. Não tenho tempo a perder. Meu boné ameaça cair da cabeça; eu me penduro na janela por um instante e tento ajeitá-lo. A última coisa de que preciso agora é que meu cabelo fique balançando no ar como um facho de luz, para que alguém possa me ver do chão. Quando as lufadas diminuem um pouco, recupero o controle da situação e me agarro ao parapeito da janela. Levanto os olhos para avaliar a distância até a próxima janela e então salto. Minhas mãos se apoiam com força na saliência inferior do marco da janela e, com dificuldade, dou um jeito de me puxar para cima. O esforço me faz soltar um grunhido. Há um ano, esse tipo de coisa nunca teria acontecido.

Quando pulo para a quarta janela, escuto o som débil de alguma coisa estalando e depois, a primeira explosão.

Um tremor percorre a aeronave inteira, quase fazendo com que eu caia; quando olho de relance para baixo, vejo uma bola cinzenta e laranja explodir de onde a aeronave está estacionada no hangar. Os Patriotas estão agindo.

Segue-se uma segunda explosão; desta vez o avião range um pouco e se inclina para o leste. Com os dentes cerrados, acelero meu ritmo. Um dos meus pés escorrega no vão de uma janela na mesma hora em que sopra uma lufada de vento, e quase perco o equilíbrio. Por um momento minhas pernas oscilam precariamente.

Eu me censuro: *Qual é, cara? Você chama isso de fuga?* Eu então estico o braço o máximo que posso e consigo alcançar a próxima janela antes que minhas pernas percam completamente o equilíbrio. Esse esforço provoca um vago latejar de dor na minha nuca. Eu vacilo. Não, agora não. Em qualquer outra hora, menos agora. Mas não adianta. A enxaqueca está chegando. Se ela me atingir neste instante, vou sentir tanta dor que com toda a certeza vou despencar e morrer. Desesperado, subo mais depressa. Meus pés escorregam de novo na janela mais alta. Não sei como, mas dou um jeito de me segurar no último momento, então agarro a saliência do deque superior quando minha enxaqueca explode com todo vigor.

É uma dor dilacerante. Fico balançando lá, me segurando como posso para ficar vivo, lutando contra a agonia que ameaça me derrubar. Mais duas explosões seguem-se às duas primeiras em rápida sucessão; a aeronave range e geme. Tenta decolar, afastando-se da base, mas tudo que consegue é estremecer. Se o Chanceler puser as mãos em mim agora, ele próprio vai me matar. Ouço uma sirene ao longe: os soldados localizados no deque superior já devem saber que estou indo na direção deles, e estarão à minha espera.

Minha respiração ocorre com curtos intervalos. *Abra os olhos*, ordeno a mim mesmo. *Você precisa abri-los*. Através de um véu enevoado de lágrimas, tenho uma visão rápida do deque superior e de soldados correndo. Seus gritos ecoam no local. Por um instante, não sei mais onde estou, o que estou fazendo e qual é minha missão.

Esse desconhecimento me faz ter ânsias de vômito, e preciso me conter para não vomitar. *Pense bem, Day. Você já esteve em situações ruins antes*. Minha memória se confunde. O que eu vim fazer aqui mesmo? Finalmente minha mente se desanuvia: preciso chegar ao fundo da aeronave. Aí me lembro dos parapeitos de correntes metálicas que ficam na beira do hangar e do meu plano original – meus olhos fixam a corrente mais próxima. Com

enorme esforço, estendo o braço para agarrá-la. Erro da primeira vez. Os soldados me veem e vários deles correm na minha direção. Cerro os dentes e tento mais uma vez.

Desta vez alcanço a corrente. Eu a seguro com as duas mãos, e depois me arremesso para baixo. A corrente se solta dos suportes. Eu me atiro para a lateral da aeronave e me deixo cair. Só espero que ela agüente meu peso. Há uma sequência de estalos quando a corrente se solta dos suportes nos dois lados, e me sinto despencar a uma velocidade estonteante. A dor na minha cabeça ameaça enfraquecer minhas mãos. Eu me sustento com todos os resquícios de força que ainda tenho. Meu cabelo esvoaça a minha volta, e deduzo que meu boné voou. Vou caindo sem parar. O mundo zune ao meu redor à velocidade da luz. Com a força do vento, meus pensamentos vão clareando lentamente.

De repente, um lado da corrente se solta bem na hora em que alcanço a parte inferior da aeronave. Solto uma lufada de ar quando sou arremessado para o lado. Consigo agarrar o resto da corrente com as duas mãos e me agüento firme enquanto balanço ao longo da base da aeronave.

A base da pirâmide está quase perto o suficiente dos meus pés para que eu possa pular, mas estou balançando demais. Giro o corpo para mais perto da lateral do dirigível, e depois raspo os saltos das botas com força no aço. O resultado é um guincho alto e demorado. Minhas botas finalmente encontram tração – a força me faz girar e rodopiar. Luto para me equilibrar. Entretanto, antes que eu consiga, a corrente finalmente se rompe e caio fora da base da pirâmide.

A força do impacto me deixa totalmente sem ar. Derrapo nas paredes lisas e inclinadas por alguns segundos, até minhas botas alcançarem a superfície e eu paro lá, ferido e sem energia, certo de que os soldados vão me encher de balas enquanto estou lá deitado contra a pirâmide.

Pascao e os outros já devem saber que fiz a minha parte do plano, e supostamente estão detonando as bombas em todas as bases navais. É melhor eu sair logo daqui antes de virar churrasco. Esse pensamento invade minha cabeça e me dá a força que preciso para me levantar. Deslizo pelo lado o mais rápido que posso – lá em baixo, vejo soldados das Colônias se

apressando para me deter. Uma sensação de impotência toma conta de mim. Não tenho como passar por todos eles a tempo. Ainda assim, continuo a me movimentar. Preciso sair do local da explosão.

Estou a vários metros do solo. Os soldados estão subindo com dificuldade para me pegar. Eu me reteso, fico de cócoras e rapidamente me desloco lateralmente na base inclinada. Não vou conseguir.

No instante em que isso passa pela minha cabeça, as duas últimas bombas explodem na base da aeronave.

Um enorme rugido acima de mim estremece a terra, e quando olho para trás, vejo uma imensa bola de fogo erguer-se de onde a aeronave está posicionada no topo do hangar. Em toda a base naval, chamas de cor laranja irrompem de todos os hangares da pirâmide. Todas foram acionadas ao mesmo tempo.

O resultado é de cair o queixo. Olho rapidamente para trás a fim de ver os soldados que estavam me perseguindo: eles pararam, perplexos com o que estão testemunhando. Outra explosão ensurdecadora de chamas irrompe acima de nós, e os tremores fazem todos cair. Eu me esforço para me estabilizar na parede inclinada. *Mexa-se, mexa-se, mexa-se, cara!* Percorro, cambaleante, os últimos metros da parede da pirâmide e caio de joelhos no chão. O mundo é um redemoinho. Só consigo escutar os gritos dos soldados e o rugido das chamas iluminando as bases navais.

Mãos me agarram. Luto, mas já não me restam forças. Subitamente as mãos me soltam e ouço uma voz familiar ao meu lado. Viro-me, surpreso. Quem é esse homem? *Pascao. O nome dele é Pascao.*

Há rugas em torno de seus olhos cinzentos e brilhantes; ele agarra minha mão e me instiga a correr.

– Legal ver você vivo. Vamos tentar continuar assim.



JUNE

Do prédio da Bank Tower, no centro de Los Angeles, dá para ver as gigantescas chamas laranja iluminando as bases navais no litoral. As explosões são grandiosas; iluminam o céu com uma luz ofuscante e ecoam pelo ar. A força estremece as vidraças do edifício enquanto observo. A equipe do hospital está reunida ao meu redor, numa cena emocionante. As equipes do laboratório estão preparando Tess e Éden para a evacuação.

Recebo uma chamada de Pascao.

– Estou com o Day! – grita ele. – Encontre com a gente do lado de fora.

Quase me ajoelho no chão de tanto alívio. *Ele está vivo. Ele conseguiu.* Dou uma olhada no quarto de Tess, onde ela está sendo colocada em uma cadeira de rodas, e faço um sinal positivo com o polegar. Ela se anima, mesmo na sua condição debilitada.

Do lado de fora da torre, vejo a sombra cobrindo nosso edifício começar a se mover – a aeronave das Colônias que paira acima de nós está se afastando para reunir-se à batalha.

Como se nossas explosões tivessem alvoroçado um ninho de vespas, dezenas de caças das Colônias estão decolando dos hangares, bem como dos hangares das aeronaves danificadas; suas formas compõem esquadrilhas no céu. Jatos da República se encontram com eles em pleno ar.

Venha logo, Antártida, por favor!

Saio apressada do andar do laboratório e desço as escadas até a entrada da Bank Tower. O caos está em toda parte. Soldados da República passam por mim num borrão de movimentos, enquanto vários outros se reúnem junto às portas da frente para impedir que outras pessoas entrem. Um deles vocifera:

– A entrada neste hospital está proibida! Levem os feridos para o outro lado da rua. Estamos realizando a evacuação.

As telas que ocupam a entrada mostram cenas de soldados da República entrando em confronto com tropas das Colônias nas ruas e, para minha surpresa, *civis* da República empunhando qualquer coisa que possam encontrar e se unindo aos soldados para rechaçar as tropas inimigas. Fogueiras ardem nas ruas. No pé de todas as telas, em ameaçadoras letras em negrito, vê-se o seguinte texto, transmitido incessantemente: **TODOS OS SOLDADOS DA REPÚBLICA DEVEM INTERROMPER A RENDIÇÃO. TODOS OS SOLDADOS DA REPÚBLICA DEVEM INTERROMPER A RENDIÇÃO.** Estremeço ao ver essa cena, embora seja exatamente isso que havíamos planejado.

Do lado de fora, os sons da batalha me ensurdecem. Caças fazem intenso barulho ao sobrevoarem nossas cabeças, enquanto outros pairam diretamente sobre a Bank Tower, preparados para defender o edifício mais alto de Los Angeles se – *quando* – as Colônias tentarem atacar. Vejo formações semelhantes sobre outros prédios públicos importantes do centro da cidade.

– Anda logo, Day! – resmungo, examinando as ruas próximas à procura de sinais de seu cabelo louro lustroso, ou dos olhos descorados de Pascao. Um profundo abalo sacode o solo. Outra bola de chamas laranja explode atrás de inúmeras fileiras de prédios, e em seguida dois jatos das Colônias passam zunindo, seguidos de perto por um avião da República. O som é tão alto que comprimo as mãos nos ouvidos até eles desaparecerem.

– June? – A voz de Pascao surge no meu microfone, mas mal consigo ouvi-la. – Estamos quase chegando. Onde você está?

– Em frente ao prédio! – grito, mais alto do que o barulho.

– A gente precisa se mandar – responde ele imediatamente. – Recebi a informação dos nossos hackers de que as Colônias pretendem atacar este edifício em menos de uma hora...

Como se estivessem escutando nossa conversa, jatos das Colônias passam ruidosamente e, um instante depois, uma enorme explosão ocorre no topo da Bank Tower. Soldados ao meu redor soltam gritos de alerta quando caem vidros dos andares mais altos. Dou um salto para trás e me escondo na segurança da entrada do edifício. Escombros despencam com

ruídos estrondosos, esmagando jipes e se fragmentando em um milhão de pedaços.

– June! – A voz de Pascao faz-se ouvir de novo, desta vez claramente alarmada. – June, você está bem?

– Estou! – grito de volta. – Vou ajudar com a evacuação enquanto vocês não chegam. Andem logo! – E desligo.

Três minutos depois, finalmente localizo Day e Pascao cambaleando em direção à Bank Tower, contra a maré de civis que fogem da área e de soldados correndo para defender as ruas. Eles tropeçam nos escombros. Saio correndo da entrada para me aproximar de Day, que se apoia pesadamente no ombro ileso de Pascao.

– Algum de vocês está ferido? – pergunto.

– Eu estou ótimo – responde Pascao, e sinaliza Day com a cabeça –, mas não sei o que dizer sobre esse cara aqui. Pode ser que ele esteja mais exausto do que qualquer outra coisa.

Passo o outro braço de Day em volta do meu pescoço. Pascao e eu o ajudamos a entrar em um edifício a vários quarteirões da Bank Tower, de onde ainda temos uma visão perfeita da torre e da praça caótica cheia de escombros localizada entre os dois prédios. Lá dentro, soldados lesionados já estão acampados, e médicos correm freneticamente entre eles.

– Estamos desocupando a torre – explico, quando cautelosamente ajudamos Day a se sentar no chão. Ele faz uma careta de dor, embora eu não consiga encontrar nenhum ferimento externo nele. – Não se preocupe – eu o tranquilizo quando ele me olha alarmado. – Éden e Tess estão sendo retirados do edifício neste exato momento.

– Você devia fazer o mesmo – acrescenta ele. – A luta está apenas começando.

– Se eu disser pra você parar de se preocupar, você *para*?

Minha resposta provoca um sorriso irônico nele.

– O pessoal da Antártida vai nos ajudar? Você contou a Anden sobre a cura... – pergunta ele.

– Vamos com calma – eu o interrompo, depois me levanto e ponho a mão no ombro de Pascao. – Cuide dele. Vou voltar à torre para ajudar na

evacuação. Vou instruí-los para trazer o irmão dele para cá.

Pascao concorda brevemente com a cabeça, e olho uma última vez de relance para Day antes de sair correndo do edifício.

Um grupo grande de pessoas está saindo da torre, ladeados por soldados da República. Algumas delas se apoiam em muletas ou estão em cadeiras de rodas, enquanto outras estão presas a macas, sendo empurradas por uma equipe de médicos. Soldados da República berram ordens a elas, com as armas empunhadas e os corpos tensos. Passo apressada por eles e me dirijo à entrada, e depois forço caminho até as escadas. Subo os degraus de dois em dois até finalmente chegar ao andar do laboratório, onde uma porta está aberta e uma enfermeira encaminha as pessoas para o elevador.

Vou até ela e agarro seu braço. A mulher se vira para me olhar, atônita, e consegue dizer, curvando a cabeça rapidamente:

– Primeira Cidadã! O que a senhorita...

– Éden Bataar Wing – digo, arquejante. – Ele está pronto para ir embora?

– O irmão de Day? – confirma ela. – Sim, ele está no quarto. Estamos nos preparando para que o menino saia confortavelmente. Ele ainda precisa ficar numa cadeira de rodas, mas...

– E a Tess, a menina que estava em quarentena?

– Ela já está a caminho da saída de emergência...

Não espero a enfermeira terminar a frase; vou correndo para o quarto do laboratório principal e rumo ao corredor. Bem no final, vejo um par de médicos empurrando a cadeira de Éden. Ele parece inconsciente, apoiado num pequeno travesseiro colocado entre sua cabeça e o espaldar da cadeira; sua testa está úmida de suor.

Dou instruções aos médicos sobre para onde levá-lo quando todos nos apressamos para entrar juntos no elevador:

– Vocês vão encontrar o Day. Ele deve ficar junto do irmão.

Mais uma explosão abre uma fenda no edifício, obrigando metade de nós a ficar de joelhos. Alguns médicos gritam. Poeira escorre do teto, fazendo meus olhos lacrimejarem. Desabotoo o casaco e o tiro, jogando-o sobre Éden para protegê-lo.

– O elevador está parado – digo arfante, e me dirijo para as escadas. – Podemos carregá-lo até lá embaixo?

Uma das enfermeiras levanta Éden com cuidado e o segura com força nos braços. Descemos correndo as escadas enquanto mais poeira cai sobre nós e sons abafados de gritos, tiros e explosões ecoam lá fora.

Nós nos apressamos até a noite que cai iluminada completamente pelo fogo da batalha. Anden ainda não nos contactou. Meus olhos vasculham os telhados quando paramos debaixo da entrada; outros refugiados nos cercam, além de guardas da República. Um dos guardas me reconhece e se apressa em se aproximar, fazendo uma rápida continência antes de gritar:

– Primeira Cidadã! Vá para o abrigo adjacente o mais rápido possível; vamos mandar um jipe levá-la até o Eleitor.

Imediatamente, balanço a cabeça e digo:

– Não. Eu vou ficar aqui.

Uma centelha nos telhados me faz erguer a vista e, no mesmo instante, todos nós nos encolhemos quando uma bala atinge a sacada em frente à entrada principal. Há atiradores das Colônias nos telhados. Muitos soldados da República abrem fogo. O guarda que havia falado comigo põe uma das mãos no meu ombro e berra, gesticulando freneticamente para nós:

– Mexam-se!

A enfermeira segurando Éden dá vários passos à frente; seus olhos continuam olhando, aterrorizados, para os telhados. Estendo a mão para detê-la e digo:

– Ainda não. Fique aqui por um momento.

Menos de dois segundos depois que pronuncio essas palavras, vejo um disparo atingir um dos refugiados; o sangue se alastra e instantaneamente as pessoas ao redor do homem fogem, seus gritos reverberam no ar. Meu coração dispara quando volto a examinar os telhados. Um dos soldados da República finalmente acerta um atirador, e vejo alguém com uniforme das Colônias cair do topo de um edifício próximo. Desvio o olhar antes de o corpo atingir o solo, mas isso não me impede de me sentir nauseada. *Como vamos fazer para que Éden fique em segurança?*

– Fique aqui – ordeno à enfermeira que está segurando Édén, e em seguida me dirijo a quatro soldados da República: – Deem-me cobertura. Vou subir naquele prédio.

Gesticulo para que um dos guardas me entregue a arma que tem no cinto, e ele faz isso sem hesitar.

Eu me misturo à multidão e abro caminho até os edifícios. Tento imitar a elegância natural que Day e Pascao têm nesta selva urbana. À medida que continuam as caóticas evacuações e os dois lados se enfrentam, eu me apresso e recorro às sombras de uma viela estreita próxima e começo a escalar a lateral do prédio. Sou pequena, estou vestida com roupas escuras e estou sozinha. O pessoal das Colônias certamente não espera que eu apareça por aqui. Minha mente rememora meu treinamento como atiradora.

Se eu conseguir despistar os soldados das Colônias, os refugiados terão mais chance de escapar ilesos. No instante em que estou pensando nisso, outro jato das Colônias passa zunindo e uma enorme coluna de chamas vermelho-vivo irrompe na Bank Tower. Um jato da República o segue de perto, disparando em meio à perseguição. Quando olho, o jato consegue atingir o avião das Colônias e incendiar um dos seus motores, fazendo com que a aeronave aderne desgovernadamente para um lado, deixando um rastro de fumaça negra. Em seguida ouve-se um bramido ensurdecedor; a aeronave deve ter se chocado a vários quarteirões dali. Olho para a torre em chamas. Não temos muito tempo. Ela vai desabar. Cerro os dentes e continuo a escalar o prédio o mais rápido que posso. Seria ótimo se eu fosse tão boa em escaladas quanto Day e Pascao.

Finalmente chego à saliência do último andar. Daqui tenho uma ótima visão da zona de batalha lá embaixo. A Bank Tower está cercada pelo céu e pelo chão, onde centenas de tropas da República estão rechaçando uma grande quantidade de soldados inimigos. Pacientes e médicos continuam a sair da torre e, já na rua, se dirigem ao abrigo improvisado, junto com autoridades do governo vindas dos andares superiores, muitas delas completamente cobertas de poeira branca e sangue. Espreito por cima da beirada saliente do último andar.

Não há atiradores aqui. Dou um impulso e subo no telhado, tomando o cuidado de ficar nas sombras. Minha mão agarra a arma com tanta força que mal consigo sentir os dedos. Examino os telhados na área que leva ao abrigo, até que finalmente vejo inúmeros soldados das Colônias agachados no topo dos edifícios vizinhos, mirando as tropas da República que lideram a evacuação. Sigo silenciosamente até eles.

Derrubo o primeiro soldado rapidamente, mirando suas costas enquanto me debruço sobre a beirada do andar mais alto do edifício. É como se eu pudesse sentir Metias guiando minha arma, garantindo que eu atinja um órgão que não seja fatal. Quando ele cai com um guincho sufocado que mal se faz ouvir em meio ao caos, corro até ele, pego sua arma e a arremesso do telhado. Depois eu o golpeio no rosto com bastante força para derrubá-lo. Aí, meus olhos se concentram no próximo soldado.

Aperto uma das mãos no meu fone de ouvido e ligo o microfone.

– Mande a enfermeira continuar esperando – sibilo em tom urgente para o guarda perto da Bank Tower. – Vou mandar um sinal quando for...

Não tenho oportunidade de terminar a frase. Uma explosão me atira no chão do telhado. Quando abro os olhos e olho para baixo, a rua inteira está coberta de cinzas e poeira. Bombas de poeira? Através da cortina de fumaça e poeira, os refugiados correm apavorados para o abrigo, atravessando as fileiras de soldados da República que os orientam, ignorando completamente seus gritos.

Os atiradores das Colônias usam visores. Devem conseguir ver através de toda a fumaça. Eles disparam contra as multidões, dispersando-as em todas as direções. Olho freneticamente para a torre. Onde está o Éden? Vou correndo até meu próximo alvo e o derrubo da mesma forma que fiz com o último. Mais um atirador fora de combate. Concentro-me no meu terceiro alvo, mas solto um palavrão ao verificar que acabaram os projéteis da minha arma.

Estou quase saindo do telhado quando um brilho num dos telhados me chama a atenção. Fico paralisada.

A pouca distância de mim, em um edifício mais alto, a Comandante Jameson se acocora num telhado. Um calafrio me atravessa dos pés à

cabeça quando vejo que ela está com uma arma nas mãos. Não. *Não!*

A fugitiva está derrubando soldados da República, uma bala de cada vez. Meu coração para ao perceber que ela viu algo que atraiu sua atenção. Ela encontra um novo alvo no chão. Meus olhos seguem a trajetória de sua arma. Vejo um garoto de cabelo louro lustroso abrindo caminho entre a multidão, indo para a Bank Tower.

Ela vai atirar no Day.



Tess é a primeira a ser levada do local; eu a vejo sendo carregada, flácida, nos braços de uma enfermeira ao saírem da torre. Eu a tiro dos braços da enfermeira logo que elas chegam ao andar térreo e depois a carrego junto ao fluxo de outros refugiados. Ela está desacordada, e não percebe minha presença; sua cabeça está inclinada para o lado. Na metade do caminho para o abrigo, eu reduzo o ritmo. Droga! Estou simplesmente exausto e morrendo de dor.

Pascão tira Tess dos meus braços e a apoia no peito. Nos telhados, veem-se centelhas; sinais do tiroteio.

– Volta pra entrada da Bank Tower! – grita ele para mim antes de se virar de costas. – Deixa que eu levo a Tess pro abrigo. – E se manda antes que eu possa argumentar.

Eu fico olhando para eles por um tempo, sem querer desviar o olhar até ter certeza de que Tess está em segurança no outro lado da praça. Quando eles chegam ao refúgio, volto a concentrar minha atenção na torre. Éden já deve ter descido. Estico o pescoço e examino a multidão, à procura de uma cabeça de cachos louros. Será que June também já desceu? Não a vejo misturada à multidão apavorada e sua ausência me deixa tenso.

Ouçõ uma explosão e sou lançado ao solo.

Poeira. *Uma bomba de poeira*, consigo identificar, em meio às pontadas na minha cabeça. A princípio, não dá para ver nada através de toda a fumaça: é caos para todo lado, faíscas chispam, e há o som esporádico sufocado de tiroteio; através da poeira branca flutuante, vejo um borrão de gente correndo para a segurança das barricadas da República. As pernas das pessoas se movem como em câmera lenta, as bocas estão abertas, em gritos silenciosos. Balanço a cabeça, esgotado. Minhas pernas parecem estar se arrastando na lama, e minha nuca lateja, ameaçando me sufocar de dor. Então pisco, tentando manter meus sentidos funcionando. Desesperado,

grito por Édén de novo, mas não consigo ouvir minha própria voz. Se *eu* mesmo não consigo ouvi-la, que dirá ele?

Por um instante abre-se um clarão entre as pessoas.

E então eu o vejo. É o Édén. Ele está inconsciente nos braços de uma aterrorizada enfermeira da República, que anda desnorreada em meio à poeira e ruma na direção errada, diretamente para as tropas das Colônias que ocupam o lado esquerdo da praça, oposto ao local do abrigo. Não paro para pensar ou gritar por ele, não hesito nem espero por um intervalo no tiroteio: eu simplesmente começo a correr.



A Comandante Jameson vai atirar nele – a direção para a qual ela está mirando não deixa dúvida.

Day está correndo a toda velocidade na poeira que cobre a rua.

Day, o que você está fazendo? Ele tropeça no meio do caminho, e mesmo dos telhados dá para ver que está lutando para fazer as pernas se mexerem, e que cada centímetro de seu corpo está absolutamente exaurido. Ele está forçando demais seus limites. Examino a área para onde Day está indo, tentando descobrir o que atraiu sua atenção.

Éden, é claro. A enfermeira segurando o menino tropeça e cai em meio a toda a fumaça ameaçadora, e quando ela se ergue, é dominada pelo medo porque simplesmente foge. Fico furiosa. Éden é deixado para trás; ele se mexe devagar, está inteiramente vulnerável a céu aberto, cego, separado do grupo e tossindo sem parar por causa da fumaça.

Fico de pé num salto. Como Day está correndo na direção oposta à das outras pessoas, logo vai chegar a uma área onde será um alvo fácil.

Minha mão vai até meu cinto e aí me lembro de que minha arma está sem balas. Corro a toda de volta ao topo do telhado em direção ao meu último alvo, que, embora desacordado, ainda não havia sido desarmado. Quando olho de relance para a Comandante Jameson mais uma vez, vejo que ela se retesa e mira. *Não, não!* Ela faz um disparo.

A bala não acerta Day por meio metro. Na pressa, ele tropeça e, por instinto, joga um braço rapidamente acima da cabeça, mas consegue se levantar e continua de forma obstinada a caminhar. Meu coração bate descompassadamente no peito. *Seja mais rápida.* Dou um salto enorme de um telhado para o outro. Lá embaixo, vejo Day se aproximando de Éden. Em seguida ele alcança o irmão e o abraça de modo protetor. A poeira ao redor dos dois dificulta vê-los nitidamente... Eles parecem fantasmas com cores desbotadas. Minha respiração sai em breves arfadas à medida que eu

me aproximo dos soldados caídos. Espero que a poeira esteja dificultando a pontaria da Comandante Jameson.

Alcanço o soldado derrubado e pego sua arma: só resta uma bala.

Lá embaixo, Day segura Éden, protege com uma das mãos a nuca do irmão e começa a voltar cambaleando para o abrigo, tão depressa quanto seu corpo alquebrado lhe permite. A Comandante Jameson mira de novo – eu grito mentalmente e me forço a ir mais rápido. Toda a minha adrenalina, toda a minha atenção está focalizada nela como uma flecha. Ela dispara. Desta vez a bala não atinge os irmãos, mas passa a uns trinta centímetros de Day. Ele nem sequer se dá ao trabalho de erguer os olhos: apenas aperta Éden contra o corpo e continua a correr.

Finalmente me aproximo do telhado onde ela está. Dou um pulo até ele, e vou parar na sua superfície plana de concreto. Daqui posso ver o restante do telhado onde estou e a rua lá embaixo. A uns quarenta metros, parcialmente oculta por chaminés e respiradouros, a Comandante Jameson está agachada de costas para mim, concentrada nas ruas.

Ela atira de novo. Da rua, ouço um cavalo guinchar de dor e uma voz que conheço muitíssimo bem. Fico totalmente sem respirar. Olho para baixo e vejo Day cair de joelhos, largando Éden por um momento. Os sons ao meu redor se entorpecem.

Ele foi atingido.

Day estremece e em seguida se levanta mais uma vez, voltando a pegar Éden nos braços. Ele anda vacilante para a frente. A Comandante Jameson dispara de novo. A bala acerta algo. Ergo a pistola e aponto direto para ela. Agora estou suficientemente perto e vejo os sulcos do colete à prova de balas que veste. Minhas mãos tremem. Tenho excelente vantagem: um tiro direto pode atingir a cabeça da Comandante Jameson. Ela está se preparando para disparar novamente.

Miro a arma.

Como se o mundo de repente tivesse desacelerado a um milhão de fotogramas por segundo, a Comandante Jameson gira o corpo. Ela sente minha presença. Seus olhos se estreitam, e ela então mira a arma em mim e desvia sua atenção de Day. Pensamentos me percorrem a cabeça à

velocidade da luz. Puxo o gatilho, disparando minha única bala direto para a cabeça da Comandante.

E erro.

Eu nunca erro.

Não há tempo para eu pensar sobre isso: a Comandante Jameson está com a arma apontada para mim, e quando minha bala passa raspando em alta velocidade pelo seu rosto, vejo que ela sorri e dispara. Eu me atiro no chão e depois rolo meu corpo. Por um triz uma faísca não atinge meu braço. Eu me escondo rapidamente atrás de uma chaminé próxima e me comprimo o máximo que posso contra a parede. De algum lugar atrás de mim, ouço o som de botas pesadas se aproximando. *Respire. Respire.* Imagens do nosso último confronto vêm à tona. Por que sou capaz de enfrentar qualquer coisa, qualquer pessoa no mundo, exceto a Comandante Jameson?

– Vamos brincar um pouquinho, pequena Iparis – grita ela. Quando não respondo, a mulher solta uma risada e diz: – Saia daí e venha ver seu amiguinho bonitinho sangrando até a morte na rua.

Ela sabe exatamente como dilacerar meu coração, mas eu cerro os dentes e expulso da cabeça a imagem de Day sangrando e morrendo. Não tenho tempo para seu papo furado. Eu preciso desarmá-la; esse pensamento me faz olhar para minha pistola inútil. Chegou a hora de brincar um pouco de faz de conta.

Tudo que consigo ouvir é o ruído macio de botas chegando perto, a firme aproximação da assassina do meu irmão. Minhas mãos apertam a arma.

Ela está suficientemente perto. Fecho os olhos um instante, resmungo um desejo de boa sorte e giro o corpo para sair do esconderijo. Aponto a arma para a Comandante Jameson como se eu estivesse na iminência de atirar. Ela faz o que eu esperava que fizesse: esquiva-se para o lado, mas desta vez estou preparada e me arremesso diretamente para ela. Dou um pulo e chuto seu rosto com o máximo de violência que consigo. Minhas botas fazem um barulho gratificante ao atingi-la. Sua cabeça dá um estalo para trás. Ela afrouxa a mão que segura a arma, e aproveito a oportunidade para chutar a pistola. A Comandante tomba no telhado com um ruído seco,

sua arma voa para um lado e em seguida despenca do telhado e cai nas ruas enfumaçadas.

Não me atrevo a deter meu ímpeto. Enquanto ela continua caída, dou-lhe uma cotovelada no rosto, num esforço para desacordá-la. Meu primeiro golpe a atinge, mas o segundo falha. A Comandante Jameson agarra meu cotovelo, põe a outra mão no meu pulso como uma algema e o torce. Vou até as nuvens e volto. A dor atinge todo o meu braço quando ela o dobra. Antes que ela possa quebrá-lo, dou um giro com o corpo e piso no seu braço com o salto pontudo da minha bota. Ela se encolhe mas não solta meu braço. Piso de novo, com mais força.

O aperto cede um pouquinho, e finalmente consigo me soltar dela.

Ela fica de pé com um salto quando ponho alguma distância entre nós e me viro para voltar a encará-la. Começamos a nos rodear. Ambas respiramos com dificuldade. Meu braço continua dolorido, e o rosto dela está machucado; gotas de sangue descem de sua têmpora. Sei bem que não consigo vencê-la numa luta corpo a corpo. Ela é mais alta e mais forte, e tem anos de experiência que minhas habilidades não podem superar. Minha única esperança é voltar a pegá-la de surpresa, encontrar uma forma de usar a força dela contra ela própria. Enquanto continuo a andar à sua volta, esperando, de olhos bem abertos, uma oportunidade de atacar, o mundo ao nosso redor esmaece. Recorro a toda a minha raiva, fazendo com que ela substitua meu medo e me dê força.

Agora somos só você e eu. Isso estava escrito, este é o momento pelo qual tenho esperado desde que tudo começou. No final, vamos nos confrontar usando apenas nossas mãos.

A Comandante Jameson ataca primeiro. Sua velocidade me aterroriza. Num segundo ela está à minha frente, no segundo seguinte está ao meu lado, com o punho voando na direção do meu rosto. Não tenho tempo de me esquivar. Tudo que consigo fazer é levantar bruscamente o ombro no último instante, e seu punho então me atinge de raspão. Estrelas explodem à minha frente. Tropeço para trás. Consigo me desviar do segundo golpe – por pouco.

Rolo o corpo para longe dela, e rapidinho fico de pé. Quando ela me ataca de novo, dou um pulo e chuto sua cabeça. O golpe a atinge, mas como minha oponente é rápida, o pontapé não a pega de frente. Eu me movimento rápido de novo. Desta vez recuo devagar até o peitoril do telhado, sem tirar os olhos dela nem por um segundo, apavorada como estou. *É isso aí*, digo a mim mesma. *Pareça o mais aterrorizada possível*. Finalmente, a sola das minhas botas alcança a beirada do telhado. Olho de relance para baixo e depois fixo o olhar de novo na Comandante Jameson. Apesar de um ligeiro desequilíbrio, ela não parece intimidada. Para mim não é difícil fingir que estou apavorada.

Ela vem na minha direção como uma predadora. Não diz uma palavra, nem precisa: tudo que ela queria dizer já foi dito, e as frases envolvem minha cabeça como um veneno: *Pequena Iparis, você é tão parecida comigo quando tinha sua idade. Tão adorável. Algum dia, você vai aprender que a vida não é sempre o que se quer que ela seja. E que nem sempre se consegue o que se quer. E que existem forças fora do seu controle que farão de você quem você é. É uma pena que sua vida termine aqui. Teria sido divertido ver no que você se tornaria quando crescesse.*

Seus olhos me hipnotizam. Neste momento, não consigo imaginar visão pior.

Ela investe contra mim.

Eu só tenho uma oportunidade. Esquivo-me, agarro seu braço e a atiro por cima da minha cabeça. Seu próprio impulso a faz voar sobre a beira do telhado.

Mas suas mãos agarram meu braço. Sou puxada a meio caminho sobre o parapeito; meu ombro esquerdo sai do lugar. Eu grito. Meus saltos se afundam no parapeito, lutando para que eu não despenque do prédio. A Comandante Jameson se achata na lateral do edifício, tentando firmar-se num ponto de apoio. Suas unhas se enterram tão fundo na minha carne, que posso sentir minha pele se dilacerando. Lágrimas escapam dos meus olhos. Lá embaixo, soldados da República continuam a orientar os refugiados, disparando contra os soldados inimigos em outros telhados e gritando ordens nos seus microfones.

Berro para eles, com as forças que me restam:

– Atirem nela! *Atirem nela!*

Dois soldados da República viram bruscamente a cabeça para onde me encontro. Eles me reconhecem. Quando erguem as pistolas na minha direção, a Comandante Jameson me encara, dá um sorriso largo e forçado e diz:

– Eu sabia que você não seria capaz de acabar comigo sozinha.

E então os soldados abrem fogo, o corpo da Comandante Jameson se contorce, ela solta meu braço e despenca até a rua como um pássaro ferido.

Viro o rosto para não ter de olhar, mas dá para ouvir o baque surdo e nauseante do seu corpo ao se chocar contra a calçada. Ela está morta. Acabou. Não consigo esquecer as palavras dela nem as minhas, ecoando nos meus ouvidos.

Atirem nela. Atirem nela!

Relembro as palavras de Metias: *Poucas pessoas matam pelas razões certas.*

Apressadamente seco as lágrimas do rosto. O que foi que acabei de fazer? O sangue dela mancha minhas mãos. Esfrego a mão ileso na minha roupa, mas o sangue não sai. Não sei se algum dia isso acontecerá. Sussurro sem parar: “Essa é a razão certa.”

Talvez ela mesma tenha se destruído, e eu só dei uma ajudinha. Até mesmo esse pensamento parece sem significado.

A agonia do meu ombro deslocado me deixa tonta. Levanto o braço direito e seguro meu braço esquerdo lesionado, trinco os dentes e empurro com força. Grito de novo. O osso resiste um instante e então sinto meu ombro, com um estalo, voltar para o lugar.

Derramo mais lágrimas, que voltam a molhar meu rosto. Minhas mãos tremem incontrolavelmente, e meus ouvidos ressoam e bloqueiam todos os sons ao meu redor, exceto os batimentos do meu coração.

Quanto tempo se passou? Horas? Alguns segundos?

A luz intermitente da lógica penetra na minha mente e intercepta a dor. Como sempre, ela me salva. *Day precisa da sua ajuda*, murmura. *Vá até ele.*

Procuro por Day. Ele chegou ao outro lado da rua e às áreas mais seguras ao redor do abrigo, onde soldados da República montaram barricadas, mas mesmo quando começo a correr até a beira do telhado, reparo que tiraram o corpo inconsciente de Éden dos braços de Day e o estão levando para um local seguro. Alguns deles pairam sobre Day enquanto ele jaz deitado no chão, e momentaneamente impedem que eu o veja. Saio atabalhoadamente do edifício o mais depressa que posso, até alcançar uma escada de incêndio e desço correndo os degraus metálicos. Medo e adrenalina entorpecem minhas lesões.

Suplico em silêncio: *Por favor, por favor, faça com que ele esteja bem.*

Quando finalmente chego até ele, uma multidão já se formou. Uma pessoa grita:

– Todo mundo pra trás! Recuem, abram espaço! Mandem que se apressem!

Um nó na minha garganta me sufoca, e me dá falta de ar. Minhas botas batem firme no chão, acompanhando o ritmo do meu coração. Empurro as pessoas para o lado e caio de joelhos ao lado de Day. A pessoa que gritou foi Pascao. Ele me olha, frenético.

– Fique com Day – me diz ele. – Vou buscar os médicos.

Concordo com a cabeça, e ele sai correndo.

Mal reparo em todas as pessoas no círculo ao nosso redor. Tudo que posso fazer é olhar para Day. Ele treme dos pés à cabeça; os olhos estão arregalados e em choque, e o cabelo caído sobre seu rosto. Quando olho mais de perto para seu corpo, observo dois ferimentos que espalham sangue na sua camisa: um é no peito e o outro, perto do quadril. Um grito estrangulado sai da garganta de alguém, talvez da minha própria. Como se num sonho, eu me curvo sobre ele e toco no seu rosto.

– Day, sou eu, June. Estou bem aqui.

Ele olha para mim e consegue dizer, arquejante:

– June? – Day tenta levar a mão até meu rosto, mas está tremendo tanto que não consegue. Estendo os braços e seguro seu rosto com as duas mãos. Seus olhos estão cheios de lágrimas, e ele sussurra: – Eu... acho que atiraram em mim.

Duas pessoas da multidão põem as mãos nos ferimentos dele, pressionando com força suficiente para lhe provocar um soluço de dor. Ele tenta olhar para elas, mas não tem forças para levantar a cabeça.

– Os médicos estão a caminho – eu lhe digo com firmeza, e me debruço perto o bastante para beijá-lo no rosto. – Agente firme, está bem? *Fique comigo*. Continue olhando pra mim. Você vai ficar bem.

– Eu acho... que não – gagueja Day. Ele pisca rapidamente, derramando lágrimas nas bochechas. Elas molham as pontas dos meus dedos. – Éden... Ele está bem?

– Está – sussurro. – Seu irmão está são e salvo e rapidinho você vai estar com ele.

Day faz menção de falar, mas não consegue. Sua pele está acinzentada. *Por favor, não...!* Eu me recuso a imaginar o pior, mas o pensamento paira sobre nós como uma sombra negra. Sinto o peso da morte sobre meus ombros; seus olhos cegos se fixam na alma de Day, esperando pacientemente para sobrepujar a luz dele.

– Eu não quero... – consegue dizer Day finalmente – ir embora. Eu não quero... deixar você e o Éden.

Eu faço com que ele se cale ao roçar meus lábios nos lábios trêmulos dele e digo suavemente, desesperada para mantê-lo consciente:

– Nada ruim vai acontecer com Éden. Concentre-se, Day. Você vai para o hospital. Os médicos vêm te buscar. Não vai demorar muito.

Não vai demorar muito.

Day apenas sorri para mim; sua expressão é tão triste, que interrompe meu entorpecimento e começo a chorar. Esses olhos azuis brilhantes me emocionam tanto. À minha frente está o garoto que aplicou ataduras nos meus ferimentos nas ruas de Lake, protegeu a família com todos os ossos do corpo, ficou ao meu lado apesar de tudo, o menino iluminado, risonho e cheio de vida, pesar, fúria e paixão, o garoto cujo destino está interligado ao meu para todo o sempre.

– Eu te amo – sussurra ele. – Você pode ficar um pouco?

Ele diz mais alguma coisa, mas sua voz sai tão fraca que não consigo entender o que é. *Não, não, você não pode ir embora*. Sua respiração fica

mais superficial. Dá para perceber que ele está se esforçando para permanecer consciente, e que a cada segundo que passa seus olhos têm mais dificuldade em me focalizar. Por um instante, Day tenta olhar para alguma coisa atrás de mim, mas quando olho sobre meu ombro, só vejo o céu, nada mais. Eu o beijo de novo e encosto minha cabeça na dele.

– Eu te amo – murmuro várias vezes. – Não me deixe.

Fecho os olhos. Minhas lágrimas caem nas suas bochechas.

Agachada sobre ele, sentindo sua vida lentamente se escoando, sou tomada por sofrimento e raiva. Nunca fui uma pessoa religiosa, mas agora, ao ver os médicos a distância se apressando para nos alcançar, faço uma oração desesperada a um poder superior. Para quem, não sei dizer, mas espero que Alguém, Qualquer Um, escute minha súplica. Seja quem for, que Ele nos acolha em Seus braços e se apiede de nós. Lanço essa prece para o céu com toda força que me resta.

Deixe que ele viva.

Por favor, não o leve deste mundo. Por misericórdia, não permita que ele morra aqui nos meus braços, não depois de tudo que passamos juntos, não depois que o Senhor levou tantos outros. Por favor, eu Lhe imploro, deixe que ele viva. Estou disposta a sacrificar qualquer coisa para que isso aconteça, estou disposta a fazer tudo que o Senhor pedir. Talvez o Senhor ria de mim por fazer uma promessa tão ingênua, mas estou sendo absolutamente sincera, e não me importa se ela não faz sentido ou pareça impossível. Permita que ele viva. Por favor! Não vou suportar outra perda tão grande.

Olho desesperadamente ao nosso redor; minha visão está embaçada pelas lágrimas, e tudo é um borrão de sangue e fumaça, luz e cinzas; só consigo ouvir gritos, tiros e ódio. Estou exaurida de tanta luta, e muito frustrada, furiosa e impotente.

Mostre-me que ainda existe o bem no mundo. Mostre-me que ainda existe esperança para todos nós.

Através do meu véu de lágrimas, sinto mãos nos meus braços me afastando de Day. Luto insistentemente contra elas, embora a dor fustigue meu ombro lesionado. Os médicos se curvam sobre o corpo dele. Os olhos

de Day agora estão fechados, e não sei se ele está respirando. Vejo imagens do corpo inanimado de Metias. Quando os médicos tentam mais uma vez me separar de Day, eu os empurro com raiva e grito. Grito por tudo que deu errado. Grito por tudo que perdemos nas nossas vidas.



Acho que June está debruçada sobre mim, mas tenho dificuldade em definir os detalhes do seu rosto. Quando me esforço demais, minha visão periférica me faz ver tudo em um tom branco ofuscante. A dor, antes dilaceradora, não me incomoda mais. Lembranças vêm e vão: recordo os meus primeiros dias assustado e sozinho nas ruas, com o joelho sangrando e morto de fome, a jovem Tess e depois o John, quando soube que eu continuava vivo; a casa da minha mãe, o sorriso do meu pai e o Éden quando bebê. Lembro também da primeira vez em que vi June nas ruas. Da sua postura desafiadora, dos olhos ferozes. E então, pouco a pouco, fica difícil me lembrar de qualquer coisa.

Eu sempre soube, de alguma forma, que não viveria muito. Simplesmente não é meu destino.

Uma coisa brilhante pairando acima do ombro de June chama minha atenção. Viro a cabeça ao máximo para ver do que se trata. A princípio parece uma esfera reluzente de luz. Entretanto, ao continuar olhando fixo, percebo que é minha mãe.

Mamãe, sussurro. Fico de pé e dou um passo na sua direção. Meus pés estão muito leves.

Minha mãe sorri para mim. Ela está jovem, saudável e incólume. Suas mãos não estão mais envoltas em ataduras, e seu cabelo tem a cor do trigo e da neve. Quando chego perto, ela suavemente segura meu rosto entre as mãos macias e ilesas. Meu coração para de bater e se enche de calor e luz, e quero ficar aqui para sempre, preso a este momento. Cambaleio ao andar. Minha mãe me ampara antes que eu possa cair, e nós dois nos ajoelhamos, juntos novamente. Ela então murmura:

– Meu garotinho perdido!

Minha voz é um sussurro alquebrado:

– Eu lamento muito, lamento muito.

– Fique quietinho, meu bebê.

Inclino a cabeça quando ela se ajoelha à minha frente. Minha mãe beija minha testa, e volto a ser criança, impotente e esperançoso, explodindo de amor. Além da linha enevoada e dourada do seu braço, posso olhar para meu corpo pálido e lesionado deitado no chão. Há uma garota debruçada sobre mim; suas mãos seguram meu rosto, e o comprido cabelo escuro cai sobre seus ombros. Ela está chorando.

– John e papai estão...? – começo a dizer.

Mamãe apenas sorri. Seus olhos são tão incrivelmente azuis que consigo ver o mundo inteiro refletido neles: o céu, as nuvens e tudo mais além.

– Não se preocupe – responde ela. – Eles estão bem e amam muito você.

Sinto uma necessidade louca de seguir minha mãe, seja lá para que lugar for. Finalmente digo a ela:

– Sinto muita falta de vocês. A ausência das pessoas que já estiveram comigo dói todos os dias.

Mamãe passa docemente a mão no meu cabelo, da maneira que costumava fazer quando eu era pequeno.

– Meu querido, você não precisa sentir saudade de nós. Nós nunca fomos embora. – Ela ergue a cabeça e aponta para a rua, para além da multidão que se reuniu ao redor do meu corpo. Neste instante uma equipe médica está me colocando em uma maca. Minha mãe diz: – Volte para o Éden. Ele está te esperando.

– Eu sei – sussurro. Estico o pescoço para ver se consigo ver de relance meu irmão no grupo enorme de pessoas, mas não o vejo.

Mamãe se levanta; suas mãos soltam meu rosto e me vejo lutando para respirar. *Não, por favor não me deixe.* Estendo a mão para ela, mas uma barreira invisível impede meu gesto. A luz fica mais intensa.

– Aonde você vai? Posso ir junto?

Mamãe sorri, mas balança a cabeça.

– Por enquanto, você deve continuar no outro lado do espelho. Algum dia, quando estiver pronto para dar um passo para nosso mundo, vou voltar para te ver de novo. Tenha uma vida feliz, Daniel. Faça com que o último passo seja importante.



Durante as três primeiras semanas em que Day fica hospitalizado, não saio de perto dele. As mesmas pessoas vão e vêm: Tess, é claro, fica na sala de espera tanto quanto eu, aguardando que Day saia do coma, Éden fica tanto tempo quanto Lucy lhe permite, os demais Patriotas, especialmente Pascao, um infindável número de médicos que começo a reconhecer e a chamar pelo nome depois da primeira semana e Anden, que voltou da frente de batalha com cicatrizes.

Hordas de pessoas continuam acampadas do lado de fora do hospital, mas Anden não tem coragem de mandar que se dispersem, embora elas ocupem o terreno por semanas e depois, meses. Muitas dessas pessoas estampam as célebres mechas escarlates pintadas no cabelo. Na maior parte do tempo, elas permanecem em silêncio. Às vezes, entoam cânticos. Já me acostumei à presença delas, e chego até a achá-la reconfortante. Elas me lembram de que Day continua vivo. E que continua lutando.

A guerra entre a República e as Colônias terminou, pelo menos por enquanto. O pessoal da Antártida, por fim, veio em nosso socorro, trazendo com eles sua temível tecnologia e armamentos, que compeliram a África e as Colônias a retomarem o cessar-fogo. Eles levaram Anden e o Chanceler das Colônias aos tribunais internacionais, impondo as sanções adequadas contra nós e contra eles, finalmente – *finalmente* –, dando início ao processo de um tratado de paz permanente. Entretanto, as cinzas dos nossos campos de batalha continuam presentes, junto com uma prolongada hostilidade. Sei que vai levar tempo para curar as feridas. Não tenho ideia de quanto tempo vai durar o cessar-fogo, nem quando a República e as Colônias vão encontrar a verdadeira paz. Talvez isso nunca aconteça, mas, por enquanto, está de bom tamanho.

Uma das primeiras coisas que os médicos precisaram fazer por Day, depois de cuidar dos terríveis ferimentos à bala, foi operar seu cérebro. O

trauma que ele sofreu impossibilitou a conclusão do tratamento com os medicamentos necessários para prepará-lo para a cirurgia, mas eles foram adiante assim mesmo. Se Day estava preparado ou não era irrelevante àquela altura; se não o operassem, ele iria morrer de qualquer maneira. Ainda assim, isso me mantém acordada à noite. Ninguém pode garantir que ele vai sair do coma ou, se isso ocorrer, se Day será uma pessoa totalmente diferente.

Passam-se dois meses, depois três.

Pouco a pouco, todos nós começamos a esperar em casa. A multidão em frente ao hospital começa a diminuir.

Cinco meses. O inverno vai embora.

Às 7h28 de uma quinta-feira no início da primavera, em março, chego à sala de espera do hospital para minha costumeira visita. Como era de esperar, em virtude da hora, sou a única pessoa presente. Éden está em casa com Lucy, dormindo um sono merecido. Ele continua a crescer, e se Day estivesse acordado para vê-lo agora, sei que comentaria que seu irmão está começando a emagrecer, perdendo a carinha de bebê e dando os primeiros passos para se tornar um adulto.

Nem Tess está aqui ainda. Ela habitualmente chega no final da manhã para trabalhar como auxiliar dos médicos, observando cada passo que eles dão. Quando ela está num intervalo do serviço, nós nos reunimos e conversamos em voz baixa na quarto de Day. Às vezes, Tess até me faz rir.

– Ele te ama de verdade – foi o que ela me disse ontem. – Day te amaria mesmo que isso acabasse com ele. Vocês dois combinam. Acho que isso é bem fofo.

Ela disse isso com um sorriso tímido e relutante. De alguma forma, ela conseguiu voltar a ser a Tess que conheci naquele ringue de Skiz, há quase dois anos... Só que agora é uma Tess mais velha, mais alta e mais sábia.

Eu dei uma cutucada afetuosa nela e disse:

– Vocês dois têm uma ligação que eu jamais poderei alcançar. Mesmo quando estamos nos nossos melhores momentos.

Ela enrubescou ao ouvir essas palavras, e não pude deixar de abrir meu coração para ela. Uma Tess amorosa é uma das visões mais doces do

mundo. Ela suspirou e disse:

– Seja legal com ele. Você promete?

Cumprimento a enfermeira junto à janela da sala de espera, depois me acomodo na minha cadeira habitual e olho em volta. O lugar está vazio hoje de manhã. Sinto falta da companhia de Tess. Tento me distrair lendo as manchetes das notícias sendo transmitidas no monitor:

IKARI, PRESIDENTE DA ANTÁRTIDA, E AS
NAÇÕES UNIDAS APROVAM NOVO TRATADO
DE PAZ ENTRE A REPÚBLICA E AS COLÔNIAS.

PRIMEIRO ELEITOR ANUNCIA COMEÇO DE
NOVO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO PARA
SUBSTITUIR ANTIGAS PROVAS.

NOVAS CIDADES FRONTEIRAS ENTRE A
REPÚBLICA E AS COLÔNIAS SERÃO
CHAMADAS ESTADOS UNIDOS, A IMIGRAÇÃO
NOS DOIS PAÍSES SERÁ PERMITIDA A PARTIR
DO FINAL DO ANO QUE VEM.

SENADORA MARIANA DUPREE OFICIALMENTE
EMPOSSADA NO CARGO DE PRIMEIRA CIDADÃ
DO SENADO.

As manchetes do noticiário me fazem sorrir ligeiramente. Ontem à noite Anden foi ao meu apartamento para me contar pessoalmente sobre Mariana. Eu lhe disse que a cumprimentaria pessoalmente e acrescentei:

– Mariana é muito competente no que faz. Mais do que eu fui. Fico feliz por ela.

Anden inclinou a cabeça e disse, com um sorriso gentil:

– A longo prazo, acho que você teria sido mais competente porque compreende o povo, mas fico feliz por estar de volta à área onde se sente mais à vontade. Nossas tropas têm sorte de contar com você.

Ele então hesitou e, por um instante, segurou minha mão. Lembro-me do forro macio de neopreno das suas luvas e do brilho prateado de suas abotoaduras. Ele continuou:

– A partir de agora, vai ser mais difícil estar com você, mas talvez seja melhor assim, não é? De qualquer maneira, por favor, apareça de vez em quando. Vai ser bom ter notícias suas.

– O mesmo serve para você – respondi, apertando a mão dele.

Meus pensamentos se voltam bruscamente para o presente. Um dos médicos saiu do corredor perto do quarto de Day. Ele me avista, respira fundo e se aproxima. Eu me reteso, tensa. Já faz muito tempo que o Dr. Kann não me atualiza sobre o estado de Day. Parte de mim quer pular de animação, porque talvez a notícia seja boa, mas a outra parte se retrai de medo... E se for uma má notícia?

Meus olhos examinam o semblante do médico, à procura de indícios. (Suas pupilas estão ligeiramente dilatadas e o rosto se mostra ansioso, mas não chega a ser algo tão evidente de que ele tem uma péssima notícia para dar. Há indicações de alegria em seu rosto.) Meu pulso se acelera. O que será que ele vai me dizer? Talvez não seja nada de mais; se duvidar, ele apenas vai me falar o de costume: *Receio que não tivemos muitas mudanças hoje, mas pelo menos as condições dele são estáveis*. Já me habituei a ouvir isso.

O Dr. Kann para à minha frente, endireita os óculos, coça inconscientemente a barba grisalha bem aparada e diz:

– Bom dia, srta. Iparis.

– Como é que ele está? – pergunto, como de hábito.

O Dr. Kann sorri, mas vacila (mais uma coisa estranha; a notícia deve ser importante).

– Tenho uma notícia maravilhosa. – Meu coração para por um instante. – Day acordou. Há menos de uma hora.

– Ele acordou? – Respiro aliviada. *Ele acordou!* De repente a notícia é emocionante demais, e não sei bem se conseguirei suportá-la. Analiso cuidadosamente o rosto do médico e pergunto: – Mas tem alguma coisa errada, não é?

O Dr. Kann põe as mãos nos meus ombros e confirma minhas suspeitas:

– Não quero preocupá-la, de jeito algum, srta. Iparis. Day reagiu muitíssimo bem à cirurgia: quando acordou, pediu água e perguntou pelo irmão. Ele está muito alerta e coerente. Fizemos uma tomografia do seu cérebro. – Sua voz se mostra mais entusiasmada. – É claro que vamos precisar fazer uma verificação mais minuciosa, mas à primeira vista parece que tudo se normalizou. Seu hipocampo está saudável, e os sinais vitais estão normais. Em quase todos os aspectos, o Day que conhecemos está de volta.

Lágrimas aquecem meus olhos. O Day que conhecemos está de volta. Depois de *cinco meses* de espera, a notícia é muito repentina. Uma hora ele estava deitado inconsciente na cama, agarrando-se à vida a cada noite, e agora acordou. Assim, do nada. Dou um grande sorriso para o doutor e, antes que eu possa me controlar, eu o abraço. Ele ri e afaga minha cabeça pouco à vontade, mas eu não estou nem aí. Preciso vê-lo.

– Ele pode receber visitas? – De repente me lembro das palavras exatas do médico. – Por que o senhor disse “em quase todos os aspectos”?

O sorriso do doutor vacila, e ele volta a endireitar os óculos.

– Não é nada que não possamos solucionar com longas sessões de fisioterapia intensiva. Entenda: a região do hipocampo afeta lembranças a longo e curto prazos. Parece que a memória remota de Day, sua família, seu irmão Éden, sua amiga Tess etc., estão intactas. Entretanto, depois que lhe fizemos algumas perguntas, ele demonstrou lembrar muito pouco de pessoas e acontecimentos de um ou dois anos atrás. Nós chamamos isso de amnésia retrógrada, na qual a pessoa fica incapacitada de se lembrar do passado, neste caso um passado recente. Ele se recorda, por exemplo, das mortes dos familiares... – A esta altura, a voz do Dr. Kann muda de tom, de

modo constrangedor. – Mas ele não demonstrou se lembrar do nome da Comandante Jameson nem da recente invasão das Colônias. Ele tampouco se lembrou da senhorita.

Meu sorriso desaparece.

– Ele... não se lembra de mim?

– Como já lhe disse, isso é uma coisa que pode ser curada com o tempo e a terapia adequada – garante o Dr. Kann. – As suas habilidades de manter memórias a curto prazo estão funcionando bem. Ele se lembra da maioria das coisas que lhe digo, e forma novas lembranças sem grandes problemas. Eu só queria preveni-la antes que a senhorita entre para falar com ele. Não se surpreenda se Day não a reconhecer. Vá com calma e se reapresente a ele. Pouco a pouco, talvez daqui a alguns anos, é possível que as lembranças desse período voltem.

Dirijo um sinal de concordância com a cabeça ao médico, como se estivesse sonhando, e sussurro:

– Está bem.

– Se quiser vê-lo agora, pode ir.

O doutor sorri para mim, como se estivesse me dando a melhor notícia do mundo. E está mesmo.

Contudo, quando ele vai embora, fico parada por um momento. Minha cabeça está aturdida, refletindo, perdida. Depois dou alguns passos devagar para o corredor do hospital onde fica o quarto de Day; o corredor se fecha ao meu redor como um túnel enevoado e indistinto. A única coisa que passa pela minha cabeça agora é a lembrança da minha prece desesperada diante do corpo lesionado de Day, a promessa que ofereci aos céus em troca da vida dele.

Permita que ele viva. Estou disposta a sacrificar qualquer coisa para que isso aconteça.

Meu coração se parte em mil pedaços. Agora compreendo. Sei que alguma coisa respondeu à minha oração, e ao mesmo tempo já deixou claro qual será meu sacrifício. A mim foi dada a real oportunidade de nunca mais magoar Day.

Entro no quarto do hospital. Day está alerta, recostado nos travesseiros e parecendo incrivelmente mais saudável do que nas vezes em que o vi deitado inconsciente e lívido nos últimos meses. Porém, alguma coisa está diferente. Os olhos dele me seguem sem o menor indício de me reconhecerem; ele está me observando com a distância gentil e cautelosa de um estranho, da mesma forma que olhou para mim quando nos conhecemos.

Ele não sabe quem eu sou.

Meu coração dói e me impele a me aproximar do leito. Sei o que devo fazer.

– Oi! – exclama ele, quando me sento na cama. Seus olhos examinam, curiosos, meu rosto.

– Oi – respondo, suavemente. – Você sabe quem sou eu?

O rosto de Day expressa culpa, o que só me faz sofrer ainda mais. Ele pergunta:

– Eu deveria saber?

Preciso ser muito forte para não chorar, para tolerar a ideia de que Day esqueceu tudo que aconteceu entre nós: a noite que passamos juntos, as provações que testaram nosso amor, tudo que partilhamos e perdemos. Nosso relacionamento foi apagado da sua memória, sem deixar nada para trás. O Day que *eu* conheci não está aqui.

É óbvio que eu poderia contar tudo a ele agora mesmo. Poderia lembrá-lo de quem eu sou, que sou June Iparis, a moça que ele certa vez salvou nas ruas e por quem se apaixonou. Eu poderia contar-lhe tudo, como sugeriu o Dr. Kann, e isso poderia possivelmente desencadear suas antigas lembranças. *Conte a ele, June. Conte tudo. Você vai ficar feliz. Vai ser tão mais fácil.*

Mas ao abrir a boca, não sai nenhum som. Não consigo contar a verdade.

“Seja legal com ele”, me pediu Tess, ontem. “Você promete?”

Enquanto eu permanecer na vida de Day, vou magoá-lo. Não há como evitar isso. Lembro a maneira como ele se encolheu, soluçando, à mesa da cozinha de sua família, pranteando tudo o que eu havia lhe tirado. Agora o destino me entregou, em uma bandeja de prata, a solução para livrá-lo do

sofrimento. Day sobreviveu e, em troca, tenho de sair de sua vida. Mesmo que agora ele me considere uma estranha, e seu rosto não estampe mais a dor e a tragédia que sempre estiveram associadas à paixão e ao amor que ele sentia por mim. Agora, ele está livre.

Está livre de *nós*, deixando-me como única portadora do ônus do nosso passado.

Portanto, engulo em seco, sorrio e inclino a cabeça para ele.

– Day – eu me obrigo a dizer –, é um prazer conhecê-lo. A República me mandou ver como você estava. É ótimo ver que você acordou. O país vai ficar eufórico ao saber da boa notícia.

Day baixa a cabeça gentilmente; sua tensão é evidente.

– Obrigado – diz ele, cautelosamente. – Os médicos disseram que fiquei fora do ar por cinco meses. O que aconteceu?

– Você foi ferido durante uma batalha entre a República e as Colônias – respondo. Tudo que estou dizendo parece sair da boca de outra pessoa. – Você salvou seu irmão, Éden.

– O Éden está aqui?

Os olhos de Day se iluminam ao identificar o nome, e um lindo sorriso surge em seu rosto. Essa visão me faz sofrer, mesmo eu estando feliz por ele se lembrar do irmão. Queria muito ver esse mesmo reconhecimento quando ele estivesse falando sobre *mim*.

– Éden vai ficar muito contente em vê-lo. Os médicos mandaram buscá-lo, daqui a pouquinho ele estará aqui.

Retribuo o sorriso dele, e desta vez é verdadeiro, embora agridoce. Quando Day analisa meu rosto mais uma vez, fecho os olhos e curvo ligeiramente a cabeça para ele.

Preciso deixá-lo ir.

– Day – digo, escolhendo com cuidado minhas últimas palavras a ele –, foi um privilégio e uma honra combater ao seu lado. Você salvou muitos mais de nós do que jamais saberá. – Por um breve momento, eu o encaro firme, dizendo-lhe em silêncio tudo que nunca vou dizer em voz alta. – Obrigada – sussurro – por tudo.

Day fica intrigado com a emoção na minha voz, mas também abaixa a cabeça e responde:

– A honra foi minha.

Meu coração se parte à falta de calor na sua voz, o calor que sei que eu ouviria se ele se lembrasse de tudo. Sinto a ausência do amor profundo pelo qual ansiei, e que eu queria tanto merecer.

Agora, isso desapareceu.

Se ele soubesse quem eu era, eu lhe diria alguma outra coisa neste instante, uma coisa que eu deveria ter dito com mais frequência enquanto tive a chance. Agora *tenho certeza* do meu sentimento, mas é tarde demais. Por isso volto a guardar as três palavras no meu coração, para o bem dele, e me levanto da cama. Absorvo todos os últimos e maravilhosos detalhes do seu rosto e os armazeno na memória, esperando poder levá-los comigo aonde quer que eu vá. Nós nos cumprimentamos e, em seguida, me viro e vou embora pela última vez.

Duas semanas depois, praticamente a população inteira de Los Angeles compareceu para ver Day deixar o país em definitivo. Na manhã em que deixei o quarto de Day, as autoridades da Antártida vieram procurar ele e seu irmão. Haviam observado o dom privilegiado de Éden para a engenharia, e lhe propuseram uma vaga em uma de suas escolas. Ao mesmo tempo, ofereceram a Day a oportunidade de acompanhá-lo.

Não me juntei à multidão. Preferi ficar no meu apartamento, observando o desenrolar dos acontecimentos, enquanto Ollie dormia satisfeito ao meu lado. As ruas ao redor do meu conjunto de apartamentos estão abarrotadas de pessoas, todas se empurrando para assistir aos telões. O caos abafado se transforma em barulho de fundo quando leio a notícia na minha tela:

**DANIEL ALTAN WING E IRMÃO PARTEM À
NOITE PARA ROSS CITY, ANTÁRTIDA.**

Na tela, Day acena para as pessoas reunidas em torno do seu apartamento enquanto ele e Édén são escoltados até um jipe por uma patrulha metropolitana. Eu deveria chamá-lo de Daniel, como aparece na tela. Talvez ele *seja* verdadeiramente apenas Daniel agora, sem precisar mais de um codinome. Assisto quando ele ajuda o irmão a entrar no veículo e em seguida faz o mesmo, desaparecendo de vista. *É muito estranho*, penso, passando distraidamente a mão no pelo de Ollie. Não faz muito tempo, as patrulhas municipais teriam prendido Day na hora. Agora, ele está indo embora da República como um herói, a ser celebrado e lembrado pela vida inteira.

Desligo o monitor, depois fico sentada na escuridão tranquila do meu apartamento, saboreando o silêncio. Do lado de fora, nas ruas, o povo continua a entoar seu nome. E isso se prolonga até a noite.

Quando a agitação finalmente termina, levanto do sofá. Calço as botas, visto um casaco, enrolo um fino cachecol no pescoço e saio de casa. Meu cabelo esvoaça à agradável brisa noturna; de vez em quando algumas mechas acariciam meu rosto. Durante algum tempo perambulo sozinha pelas ruas. Não sei bem para onde estou indo. Talvez eu esteja tentando encontrar meu caminho de volta para o Day. Mas isso é ilógico. Ele já partiu, e sua ausência deixa um buraco vazio e profundo no meu peito. O vento faz com que meus olhos se umedeçam.

Caminho por uma hora antes de finalmente fazer um pequeno percurso de metrô até o setor Lake. Lá, passeio devagar ao longo da margem, admirando as luzes do centro da cidade e o agora desativado estádio das Provas, um lembrete perturbador de acontecimentos do passado distante.

Gigantescas rodas d'água agitam-se no lago; o ritmo de seu movimento provoca uma prazerosa sinfonia como pano de fundo. Continuo andando sem destino certo. Só sei que, neste momento, o setor Lake parece mais minha casa do que o setor Rubi. Aqui, não estou tão sozinha. Nestas ruas, ainda posso sentir os batimentos do coração de Day.

Começo a reconstituir meus antigos passos, ao passar pelos mesmos edifícios e as mesmas casas em escombros, os caminhos que percorri quando era uma pessoa completamente diferente, cheia de ódio, confusão,

perda e ignorância. É uma sensação estranha essa de perambular pelas mesmas ruas sendo a pessoa que sou agora. Uma sensação ao mesmo tempo familiar e estranha.

Uma hora depois, paro em frente a uma viela indistinta, ramificação de uma rua vazia. No final dessa viela ergue-se um alto edifício abandonado de doze andares. Todos os seus andares estão vedados por tábuas; o primeiro andar está exatamente como eu me lembrava: faltam janelas e há cacos de vidro no chão. Entro no prédio sombrio e lembranças me vêm à mente.

Foi neste lugar que Day me estendeu a mão pela primeira vez, em meio à fumaça e poeira, e me salvou, antes que um descobrisse quem era o outro. Esse foi o começo das poucas e preciosas noites em que nos encontramos como um menino das ruas e uma garota que precisava de ajuda.

A lembrança surge cristalina.

Ouçó uma voz me mandando levantar. Quando olho para o lado, vejo um adolescente estendendo a mão para mim. Ele tem olhos azuis brilhantes, poeira no rosto e um boné surrado na cabeça. Nesse momento, acho que é o garoto mais gato que já vi na vida.

Meu divagar me conduziu ao começo de nossa jornada juntos. Suponho que seja muito apropriado que eu esteja aqui no final dela.

Permaneço muito tempo na escuridão, e me permito reviver as lembranças que Day e eu partilhamos um dia. O silêncio me embala confortavelmente. Uma das minhas mãos encontra a antiga cicatriz do local onde Kaede me esfaqueou. São tantas memórias, tanta alegria, tanta tristeza...

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu me pergunto em que Day estará pensando neste instante, a caminho de um país desconhecido, e se uma pequena parte dele, mesmo que enterrada lá no fundo, ainda guarda fragmentos de mim, pedaços do que tivemos outrora.

Quanto mais tempo fico aqui, mais leve meu coração fica. Day vai seguir em frente e viver a vida dele. Eu também. Nós dois vamos ficar bem. Algum dia, talvez no futuro longínquo e distante, nós possamos nos reencontrar. Até esse dia, vou me lembrar dele.

Estendo o braço e toco numa das paredes, imaginando poder sentir a vida e o calor dele. Olho ao redor mais uma vez, e ergo os olhos até os telhados, depois até o céu da noite, pontilhado por algumas estrelas pálidas, e acho que consigo vê-lo. Posso sentir sua presença aqui, na mesma pedra em que ele tocou, em todas as pessoas que ele salvou, em todas as ruas, vielas e cidades que ele ajudou a transformar durante os poucos anos de sua vida, porque ele é a República, ele é nossa luz. Eu te amo tanto. Até que nossos caminhos se cruzem novamente, vou guardar você no meu coração e protegê-lo lá dentro, sofrendo pelo que nunca tivemos, lembrando com carinho o que vivemos. Queria muito que você estivesse aqui.

Eu vou te amar para sempre.

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA

DEZ ANOS DEPOIS



JUNE

18H36, 11 DE JULHO.
SETOR BATALLA, LOS ANGELES.
26°C

Hoje completo vinte e sete anos.

Comemoro a maioria dos meus aniversários sem muito estardalhaço. Quando fiz dezoito anos, reuni-me com Anden, alguns senadores, Pascao, Tess e uns ex-colegas da Drake para um jantar discreto no terraço de um edifício no setor Rubi. A celebração do décimo nono aniversário aconteceu em um barco na cidade de Nova York, a versão reconstituída pelas Colônias de uma antiga cidade submersa cuja periferia hoje se inclina suavemente para o oceano Atlântico. Nessa ocasião, fui convidada para uma festa oferecida por inúmeras autoridades da África, do Canadá e do México.

Passei meu vigésimo aniversário confortavelmente sozinha, enfiada na cama com Ollie roncando no meu colo, assistindo a um programa de TV sobre a formatura precoce de Éden, o irmão de Day, em sua escola na Antártida e tentando ver, mesmo que de relance, a aparência de Day com vinte anos. O noticiário informou também que ele havia sido recrutado pela agência de inteligência da Antártida.

Meu aniversário de vinte e um anos foi comemorado à altura, em Vegas, onde Anden me convidou para um festival de verão e acabou me beijando no meu quarto de hotel. Meus vinte e dois anos foram os primeiros que celebrei com Anden sendo oficialmente meu namorado. Vigésimo terceiro: passado na minha cerimônia de posse no cargo de comandante de todos os esquadrões da Califórnia, na qualidade de mais jovem comandante na história da República. Vigésimo quarto: aniversário triste, passado sem Ollie. Vigésimo quinto: jantar com Anden a bordo do RS *Constellation*. Vigésimo sexto: celebrado com Pascao e Tess, ocasião em que contei a eles que tinha acabado de romper com Anden; o jovem Eleitor e eu chegamos ao

consenso de que eu simplesmente não conseguiria amá-lo da maneira que ele queria.

Passei alguns desses aniversários alegre, outros, triste, mas os fatos mais tristes sempre foram toleráveis. Coisas muito piores aconteceram, mas nada trágico nesses últimos anos poderia se comparar com o que vivenciei durante a adolescência. Mas este é diferente. Há anos abomino este aniversário específico, porque ele me leva de volta a alguns fatos do meu passado que tenho me esforçado muito para manter no esquecimento.

Passo a maior parte do dia bem tranquila. Levanto cedo, sigo minha habitual rotina de treinamento na pista de exercícios e depois me dirijo ao setor Batalla, para organizar meus capitães nas suas diversas operações na cidade. Hoje estou liderando duas das minhas melhores patrulhas na escolta de Anden, durante uma reunião com representantes das Colônias. Não dividimos mais o mesmo apartamento, mas isso não muda o fato de eu me empenhar intensamente na sua segurança. Ele será sempre meu Eleitor, e pretendo fazer com que continue assim. Hoje, ele e as Colônias estão em meio a discussões sobre o status harmonioso da imigração ao longo das nossas fronteiras, onde os Estados Unidos se transformaram em áreas prósperas com civis da República e das Colônias. O que antes era uma linha divisória rígida entre nós, atualmente parece um porto seguro. Observo das laterais enquanto Anden troca apertos de mão com os representantes e posa para fotos. Estou orgulhosa do que ele tem feito. O progresso é lento, mas contínuo. Metias ficaria feliz com isso, assim como Day.

No final da tarde, finalmente vou embora do Batalla Hall e me dirijo a um bonito edifício revestido com mármore branco, na extremidade leste da Batalla Square. Lá, mostro minha identidade na entrada e me encaminho ao décimo segundo andar. Os corredores do prédio são velhos conhecidos; minhas botas ressoam no piso de mármore. Paro em frente a uma lápide com o nome CAPITÃO METIAS IPARIS gravado na superfície cristalina.

Permaneço lá por um tempo, depois me sento com as pernas cruzadas à frente da lápide, inclino a cabeça e digo, com a voz suave:

– Oi, Metias. Hoje é meu aniversário. Sabe com quantos anos estou agora?

Fecho os olhos, e através do silêncio que me rodeia tenho a impressão de sentir uma mão em meu ombro; é a presença sutil do meu irmão, que sou capaz de perceber de vez em quando, nos momentos de tranquilidade. Eu o imagino sorrindo para mim com uma expressão descontraída e livre.

– Hoje estou fazendo vinte e sete anos – continuo, num sussurro. Minha voz sai embargada. – Temos a mesma idade agora.

Pela primeira vez na minha vida, deixo de ser a irmãzinha caçula de Metias. No ano que vem vou fazer vinte e oito, e ele continuará com a mesma idade. De agora em diante, serei mais velha do que ele jamais será.

Tento pensar em outras coisas e conto ao fantasma do meu irmão sobre meu ano, minhas lutas e êxitos em comandar minhas próprias patrulhas, minhas semanas frenéticas de trabalho. Digo, como sempre, o quanto sinto saudade dele. Consigo ouvir o sussurro de seu fantasma no meu ouvido, e sua resposta suave dizendo que também sente minha falta e que está cuidando de mim, de onde quer que esteja.

Uma hora depois, quando o sol finalmente se põe e a luz que penetra entre as janelas se esvai, levanto do chão e lentamente me dirijo para fora do edifício. Escuto algumas mensagens não atendidas no meu fone de ouvido.

Tess deve sair do seu turno no hospital daqui a pouquinho, muito provavelmente com uma série de histórias novas sobre seus pacientes. Nos primeiros anos depois da partida de Day, os dois mantiveram contato e Tess me atualizava constantemente sobre como ele estava. Coisas como a melhora da visão de Éden, o novo emprego de Day, os jogos na Antártida. Entretanto, à medida que os anos passaram, os papos entre eles escassearam. Tess cresceu e seguiu a própria vida e, pouco a pouco, as conversas entre os dois limitaram-se a breves cumprimentos anuais, se tanto.

Eu estaria mentindo se dissesse que não sentia falta das notícias sobre Day que ela me trazia. Fico ansiosa esperando um jantar para bater um papo com ela e Pascao, que deve estar para chegar da Universidade Drake, provavelmente impaciente para partilhar suas últimas aventuras no treinamento dos cadetes. Sorrio ao imaginar o que eles irão contar. Meu

coração está mais leve agora, um pouco mais liberto depois da conversa com meu irmão. Meus pensamentos vagueiam brevemente até o Day. Eu me pergunto onde estará, com quem estará, se está feliz.

Do fundo do meu coração, espero sinceramente que esteja.

O setor não está movimentado esta noite – nos últimos anos, o número de soldados patrulhando as ruas caiu bastante –, exceto por alguns soldados aqui e ali, estou sozinha. Muitos postes ainda não foram acesos, e no anoitecer enxergo um punhado de estrelas cintilando. O brilho dos telões lança um calidoscópio de cores nas calçadas cinzentas do setor Batalla. Caminho deliberadamente sob as cores, e estendo a mão para estudá-las: elas se refletem na minha pele. Assisto com ligeiro desinteresse a fragmentos de notícias nas telas, enquanto escuto as mensagens não atendidas. As dragonas nos meus ombros tilintam baixinho.

Paro para ouvir uma mensagem que Tess me mandou no início da tarde. Sua voz, plena de cordialidade e alegria, enche meus ouvidos.

– Ei, assista ao noticiário.

Isso é tudo que ela diz. Franzo a testa e depois sorrio com a brincadeira de Tess. O que estará passando no noticiário? Meus olhos observam de novo a tela, desta vez com mais curiosidade. Nenhuma notícia atrai minha atenção. Continuo procurando o assunto ao qual Tess poderia estar se referindo. Nada. E então... vejo uma pequena manchete, tão curta que nem reparei nela o dia inteiro. Pisco, para ter certeza de que não estou vendo coisas, e a releio antes que desapareça:

ÉDEN BATAAR WING EM LOS ANGELES PARA ENTREVISTA PARA CARGO DE ENGENHEIRO NO SETOR BATALLA.

Éden? Ondas de choque deslizam no silêncio que me manteve dopada o dia inteiro. Releio várias vezes a manchete antes de finalmente me convencer de que estão falando mesmo sobre o irmão mais novo de Day. Éden está aqui para uma entrevista de emprego.

Ele e Day estão na cidade.

Olho instintivamente para as ruas.

Eles estão aqui, caminhando pelas mesmas ruas que eu. *Ele* está aqui. Balanço a cabeça para a pequena adolescente que de súbito despertou no meu coração. Mesmo depois de tanto tempo, eu ainda nutro esperanças. *Acalme-se, June*. Ainda assim, meu coração está na boca. A mensagem de Tess repercute na minha cabeça. Volto a caminhar pela rua. Talvez eu possa descobrir onde eles estão hospedados, só para dar uma olhada em como Day está indo após tanto tempo. Decido ligar para Tess quando chegar à estação do metrô.

Quinze minutos depois, estou nos arredores do setor Batalla; a estação de metrô que leva ao Rubi é logo depois da esquina. Os postes de luz se acenderam, agora que a noite se impôs. Alguns soldados seguem o mesmo caminho, mas na outra calçada. A não ser por eles, sou a única pessoa no quarteirão.

Quando chego a uma ligeira curva na rua, vejo duas outras pessoas vindo na minha direção. Eu me detenho imediatamente. Depois franzo a testa e examino com mais atenção os dois vultos. Ainda não tenho certeza do que estou vendo.

São dois rapazes. Os detalhes me passam rapidamente pela cabeça; são tão conhecidos, que mal penso duas vezes sobre eles. Ambos são altos e magros, com cabelo da cor de trigo que se destaca em meio à noite parcamente iluminada. No mesmo instante sei que devem ser parentes, pois têm traços semelhantes e porte descontraído. O que está à esquerda usa óculos e fala de maneira animada, afastando os cachos dourados dos olhos enquanto caminha; as mãos delineiam uma espécie de diagrama à sua frente. Ele não para de enrolar as mangas até os cotovelos, e a camisa de colarinho está solta e amarrotada. Um sorriso despreocupado lhe ilumina o rosto.

O jovem à direita é mais reservado; ele escuta pacientemente o companheiro de cabelo cacheado enquanto mantém as mãos enfiadas nos bolsos. Um sorriso se esboça nos cantos dos lábios. Seu cabelo está diferente do que eu me lembrava: agora é curto e encantadoramente

despenteado. Ao andar, o rapaz de vez em quando passa a mão pelos fios, fazendo com que o cabelo fique ainda mais rebelde. Seus olhos nunca foram tão azuis. Apesar de estar mais velho, com o rosto de um rapaz no lugar daquele do adolescente que conheci tão bem, ele ainda estampa indícios do antigo ardor sempre que ri das palavras do irmão, em momentos surpreendentes de alegria e vida. Meu coração dispara e interrompe a sensação de peso no meu peito. *Day e Éden.*

Mantenho a cabeça baixa quando eles se aproximam, mas pelo canto do olho, percebo que Éden me viu. Ele para por um segundo no meio da frase, e um breve sorriso clareia seu rosto. Seus olhos se desviam para o irmão.

Day olha para mim.

A intensidade desse ato me pega desprevenida: não recebo dele um olhar assim há tanto tempo, que de repente fico sem fôlego. Eu me aprumo e acelero o passo. Preciso sair daqui ou não sei se poderei evitar que meu rosto demonstre minha emoção.

Passamos um pelo outro sem dizer uma palavra. Parece que meus pulmões vão estourar, e minha respiração é curta, para que eu possa me controlar. Fecho os olhos. Tudo que consigo ouvir é o pulsar do sangue nos meus ouvidos, o baque seco e constante do meu coração. Pouco a pouco escuto o som das pisadas dos dois se esvanecer atrás de mim. Uma sensação horrível se apossa lentamente de mim. Engulo em seco e expulso da cabeça um fluxo de lembranças.

Estou indo para a estação do metrô. Estou indo para casa. Não vou olhar para trás.

Não consigo.

E então, escuto passos atrás de mim novamente. Um som de botas apressadas na calçada. Eu paro, me enrijeço e olho por cima do ombro.

É o Day. Ele me alcança. Poucos metros atrás dele, Éden nos observa com as mãos nos bolsos. Day me olha fixo, com uma expressão suave e desconcertada, que faz com que um calafrio de eletricidade percorra minha espinha.

– Com licença – diz ele. *Ah, essa voz!* Mais profunda e suave do que eu lembrava, sem o tom áspero da infância e com a nova elegância de um

adulto. – Nós nos conhecemos?

Por um momento, fico desorientada. O que devo dizer? Passei tantos anos me convencendo de que já não nos conhecíamos...

– Não – sussurro. – Lamento.

Na minha cabeça, suplico a mim mesma para dizer a ele a verdade.

Day franze a testa, confuso por um momento. Ele passa a mão pelo cabelo. Ao fazer esse gesto, vejo de relance uma coisa brilhante no seu dedo. É um anel feito de cliques de papel. Um suspiro me escapa. Não acredito.

Ele ainda usa o anel de cliques de papel que lhe dei há anos.

– Ah! – responde ele finalmente. – Então, me desculpe por incomodá-la. Eu achei... É que você me parece familiar. Tem certeza de que não nos conhecemos de algum lugar?

Examino os olhos dele, em silêncio. Não consigo dizer nada. Há uma emoção secreta que surge no rosto dele agora, alguma coisa entre desconhecimento e familiaridade, alguma coisa que me diz que ele está se esforçando para me identificar, para descobrir de onde me conhece. Meu coração protesta, querendo que ele se lembre. Mesmo assim, nenhuma palavra sai da minha boca.

Day analisa meu rosto com seu olhar fixo e suave e depois balança a cabeça.

– Eu sei que já te conheci – murmura ele. – Há muito tempo. Não sei onde, mas acho que sei por quê.

– Por quê? – pergunto docemente.

Ele se cala por um instante e em seguida dá um passo à frente e fica mais perto de mim. Perto o suficiente para eu reparar na minúscula imperfeição do seu olho esquerdo. Ele dá uma risada e enrubesce.

– Desculpe. O que vou dizer é muito estranho. – Eu me sinto perdida numa névoa. Como num sonho do qual não me atrevo a despertar. – Eu... – começa ele, como se estivesse procurando as palavras adequadas. – Há muito tempo estou procurando uma coisa que acho que perdi.

Uma coisa que ele perdeu. Essas palavras me dão um nó na garganta, uma onda de esperança arrebatadora. Digo então:

– Isso nada tem de estranho.

Day sorri. Algo doce e desejoso aparece nos seus olhos.

– Senti que tinha encontrado uma coisa quando vi você lá atrás. Você tem certeza... Você me conhece? Eu *te* conheço?

Não sei o que dizer. A parte de mim que outrora decidiu sair da vida dele me diz que devo fazer isso de novo, protegê-lo de saber o que lhe causou tanto sofrimento há muito tempo. *Dez anos... Faz mesmo tanto tempo assim?* A outra parte de mim, a garota que o conheceu na rua, me instiga a lhe contar a verdade. Finalmente digo, quando consigo abrir a boca:

– Preciso me encontrar com uns amigos.

– Sim, claro, desculpe. – Day pigarreia, inseguro. – Na verdade, eu também preciso. Com uma velha amiga, em Rubi.

Com uma velha amiga, em Rubi. Arregalo os olhos. De repente, compreendo por que a Tess pareceu tão alegre na mensagem que deixou para mim, por que ela me disse para assistir ao noticiário daquela noite. Pergunto, hesitante:

– O nome da sua amiga é Tess?

É a vez dele se surpreender. Ele me dá um sorriso intrigado e atônito:

– Você a conhece!

O que eu estou fazendo? O que está acontecendo? Se isto é mesmo um sonho, não quero acordar dele. Já tive esse sonho tantas vezes e não quero que ele seja tirado de mim de novo.

– Conheço – murmuro. – Vou jantar com ela hoje.

Nós nos encaramos em silêncio. O rosto de Day está sério, e seu olhar é tão intenso que sinto um calor percorrendo todos os centímetros do meu corpo. Permanecemos assim por um longo período e, para variar, não tenho noção de quanto tempo se passou.

– Eu me lembro – diz ele afinal.

Examino seus olhos à procura daquela mesma tristeza profunda, do tormento e da angústia sempre presentes quando estávamos juntos. Mas já não consigo vê-los. No lugar deles, encontro outra coisa. Encontro uma ferida curada, uma cicatriz permanente que não obstante se fechou, alguma

coisa de um capítulo da sua vida que ele finalmente aceitou, após todos esses anos. Entendo... Isso é mesmo possível? Será que é verdade?

Vejo pedaços de lembranças em seus olhos. Pedaços de *nós*. Eles estão fragmentados e espalhados, mas estão lá, gradativamente se reunindo de novo quando ele me viu. *Eles estão lá.*

– É você – sussurra ele, estupefato.

– Sou? – sussurro também, a voz trêmula de todas as emoções que mantive escondidas por tanto tempo.

Day está muito próximo, e seus olhos brilham intensamente.

– Espero – diz ele suavemente – poder conhecer você de novo. Se você concordar. Existe uma névoa ao seu redor que eu gostaria de dissipar.

Suas cicatrizes jamais desaparecerão. Tenho certeza disso, mas talvez... Talvez com o tempo, com a idade, possamos voltar a ser amigos. Possamos nos curar. Talvez possamos voltar àquele lugar onde já estivemos, quando éramos muito jovens e inocentes. Talvez possamos nos conhecer como fazem as pessoas normais, numa rua qualquer, numa tarde agradável. Um vai se sentir atraído pelo outro e vamos parar para nos apresentar. Relembro os ecos do antigo desejo de Day, surgindo da neblina de nossos primeiros dias.

Talvez *exista mesmo* algo como o destino.

Ainda assim espero, muito insegura para responder. Não posso dar o primeiro passo, *não devo*. Cabe a ele fazer isso.

Por um instante, acho que isso não vai acontecer.

Mas então Day estende o braço e toca minha mão. Ele a envolve num aperto de mão. E simplesmente assim, sinto-me ligada a ele novamente, sinto a força do nosso vínculo, da nossa história, do nosso amor em nossas mãos, como num passe de mágica, o retorno de um amigo perdido há muito tempo. *De alguma coisa que tinha de ser*. A sensação me provoca lágrimas de emoção. *Talvez a gente possa dar um passo à frente juntos.*

– Oi! – diz ele. – Meu nome é Daniel.

– Oi! – respondo. – Meu nome é June.

AGRADECIMENTOS

O fim do caminho é um lugar estranho e melancólico. Nos últimos anos, respirei o mundo de *Legend*, minha vida se transformou nas vidas de Day e June. Por meio deles, reconheci meus próprios temores, esperanças e aspirações, estampadas nas telas de suas existências. Agora cheguei ao ponto em que nossas histórias se separam. Eles estão livres para viver além dos limites da trilogia e fico acenando para eles das laterais. Não sei aonde irão, mas acredito que vão ficar bem.

É claro que não estou sozinha nas laterais. Comigo estão aqueles com quem comecei e aqueles que conheci ao longo do caminho:

A minha incomparável agente literária, Kristin Nelson, e a Equipe da NLA: Anita Mumm, Sara Megibow, Lori Bennett e Angie Hodapp. MUITÍSSIMO obrigada por ficarem ao meu lado em todas as dificuldades.

As minhas extraordinárias editoras: Jen Besser, Ari Lewin e Shauna Fay Rossano, que venceram minhas hesitações quanto a este terceiro livro com belas palavras de incentivo. Nós conseguimos! Não sei o que faria sem vocês, minhas queridas.

As equipes da Putnam Children's, Speak e Penguin: Don Weisberg, Jennifer Loja, Marisa Russell, Laura Antonacci, Anna Jarzab, Jessica Schoffel, Elyse Marshall, Jill Bailey, Scottie Bowditch, Lori Thorn, Linda McCarthy, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Emily Romero, Erin Gallagher, Mia García, Lisa Kelly, Courtney Wood, Marie Kent, Sara Ortiz, Elizabeth Zajac, Kristin Gilson e Eileen Kreit. Vocês são a equipe de apoio mais fantástica que uma escritora poderia ter.

As espetaculares pessoas da CBS Films, Temple Hill, UTA e ALF&L: Wolfgang Hammer, Grey Munford, Matt Gilhooley, Ally Mielnicki, Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Mary Bowen, Gina Martínez, Wayne Alexander e a Kassie Evashevski, minha fabulosa agente que vendeu os direitos de

adaptação de *Legend* para o cinema. Sou muito grata a todos vocês por continuarem a acreditar nos sonhos desta escritora.

A turma da Wicked Sweet Games: Matt Sherwood, Phil Harvey, Kole Hicks, Bobby Hernández e, é claro, o Primeiro Eleitor. *Cities of Legend* é um jogo cheio de detalhes impressionantes, porque vocês, amigos, são impressionantes!

Aos meus incríveis editores estrangeiros por levarem *Legend* para lugares com os quais só podia sonhar, e às vezes direto para Pasadena, com admiradores a reboque! (Estou pensando em você, maravilhosa Ruth.)

Aos meus insubstituíveis amigos redatores: JJ, Ello, Andrea, Beth, Jess Spotswood, Jess Khory, Leigh, Sandy, Amie, Ridley, Kami, Margie, Tahereh, Ransom, Cindy, Malinda e as fabulosas senhoras da PubCrawl. Encontrar a sua própria galera é algo precioso. Não consigo exprimir adequadamente o que todos vocês significam para mim. Obrigada por sua amizade.

A minha “turma da pesada”, a meus amigos, a Andre, a minha tia e meu tio, a meu maravilhoso noivo e, acima de tudo, a minha mãe. Vocês sempre me apoiaram, apesar de todas as dificuldades. Amo vocês.

Finalmente, preciso fazer um derradeiro agradecimento especial no final desta jornada:

Aos meus leitores. É graças a vocês que posso continuar a fazer o que amo. Sou muito grata a todos. Mensagem especial a meus jovens leitores: os livros que li quando era criança ocupam um lugar protegido e precioso no meu coração. É um pensamento profundamente gratificante que *Legend* possa desfrutar o privilégio de estar nesse espaço precioso no coração de alguns de vocês. Fico muito emocionada com os e-mails e as cartas que vocês têm me mandado durante anos. Vocês são uma geração notável e estou certa de que realizarão coisas fantásticas no decorrer de suas vidas.

Obrigada pela honra de lhes contar histórias.

Título Original
CHAMPION
A Legend Novel

Copyright © 2013 by Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), Inc.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANNA BUARQUE

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
FABIAN J. TONACK

MARIE LU

A VIDA ANTES DE
LEGEND

HISTÓRIAS DE UM CRIMINOSO
E DE UMA MENINA PRODÍGIO



ROCCO
PRODUCTIONS

MARIE LU

A VIDA ANTES DE
LEGEND

HISTÓRIAS DE UM CRIMINOSO
E DE UMA MENINA PRODÍGIO

ROCCO
PRODUÇÕES



EPISÓDIO 1

DAY



Três anos antes dos acontecimentos de LEGEND

Nota da autora: Em *Prodigy* (sequência de *Legend*), June pede a Day que lhe conte sobre seu primeiro beijo. Este conto atende ao seu pedido.



DAY

Tenho doze anos.

Moro na República da América.

Meu nome é Day.

Costumavam me chamar de Daniel Altan Wing, irmão mais novo de John, irmão mais velho de Éden, filho de pai e mãe moradores das favelas de Los Angeles.

Quando você foi pobre a vida inteira, nunca acredita de verdade que as coisas possam mudar. E às vezes até fica feliz, porque pelo menos você tem família, saúde, braços, pernas e um teto sobre a cabeça.

Agora estou sem a maioria dessas coisas. Minha mãe e meus irmãos acham que estou morto. Tenho um machucado no joelho que pode não curar nunca. Moro nas ruas do setor Lake, uma favela às margens do lago de Los Angeles, e todos os dias consigo apenas o suficiente para sobreviver.

Mas as coisas sempre podem piorar, não é? Pelo menos estou vivo; pelo menos minha mãe e meus irmãos estão vivos. Ainda há esperança.

Esta manhã estou empoleirado na varanda de um prédio em ruínas; todas as janelas de seus três andares foram cobertas por tapumes. Minha perna ruim balança sobre a beirada enquanto me apoio de modo casual na perna boa. Meus olhos estão fixos em um dos píeres do lago, e a água cintila através da neblina poluída da manhã. A minha volta, telões embutidos nos prédios transmitem as últimas notícias da República acima do curso contínuo e interminável dos operários do setor Lake. Muitas ruas adiante, vejo um grupo de meninos e meninas a caminho da escola de ensino médio local. Parecem ter mais ou menos a minha idade – se eu não tivesse reprovado na Prova, possivelmente estaria andando com eles. Ergo a vista e estreito os olhos para o sol.

O juramento vai começar a qualquer instante. *Odeio* esse maldito juramento.

Há uma pausa no telejornal nos telões, e então uma voz familiar soa pela cidade, saindo dos autofalantes de todos os prédios. Nas ruas, as pessoas param tudo o que estão fazendo, viram-se em direção à capital e erguem o braço numa saudação. Elas entoam junto com a voz dos autofalantes.

“Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!”

Quando eu era bem pequeno, fazia esse juramento como todo mundo e, por um tempo, até achei que era muito legal declarar meu eterno amor por nosso país ou qualquer coisa assim. Agora fico em silêncio o tempo todo, mesmo que cada pessoa na rua recite as palavras obedientemente. Por que me incomodar em fingir que concordo com algo em que não acredito? Ninguém pode me ver aqui em cima mesmo.

O juramento termina, e a agitação das ruas recomeça ao mesmo tempo em que os telões voltam ao noticiário. Leio as manchetes enquanto elas vão rolando:

A MENINA-PRODÍGIO, JUNE IPARIS, DE DOZE ANOS, É A MAIS NOVA ESTUDANTE A ENTRAR PARA A UNIVERSIDADE DRAKE E SE APRESENTARÁ OFICIALMENTE NA PRÓXIMA SEMANA.

– Argh! – bufo com desgosto.

Sem dúvida essa garota é uma riquinha que tem uma boa vida no interior, em um dos setores de classe alta de Los Angeles. Quem se importa com a nota que ela tirou na Prova? O exame é feito para favorecer as crianças ricas mesmo, e ela deve ser apenas alguém de inteligência mediana que comprou a nota. Dou as costas enquanto a manchete continua, listando todas as conquistas da garota. Aquilo me dá dor de cabeça.

Minha atenção volta a se concentrar no píer. Trabalhadores se movimentam no deque de um dos barcos. Estão descarregando um monte de caixotes que devem conter comida enlatada, pilhas de carne moída, batatas, espaguete, molho e salsichinhas de porco. Meu estômago ronca.

Primeiro as prioridades: roubar o café da manhã. Não como nada há quase dois dias, e ver aquelas caixas me deixa tonto.

Eu me arrasto pela lateral do prédio, tomando o cuidado de ficar escondido nas sombras do início da manhã. Alguns policiais de rua patrulham o píer, mas a maioria deles parece entediada, já exausta por causa do calor e da umidade. Em geral eles não prestam atenção aos órfãos sem-teto que se espalham em praticamente todas as esquinas do setor Lake e, num dia bom, são lentos demais para pegar todos os que tentam roubar comida.

Chego à extremidade do prédio. Um cano de escoamento corre pela lateral, aparafusado à parede de modo instável. Ainda assim, parece forte o bastante para aguentar meu peso. Eu o testo antes, hesitante, pondo um pé sobre ele e dando um bom empurrão. Como o cano não se move, agarro-me a ele e deslizo até a viela estreita onde fica o prédio. Minha perna ruim pisa no solo de mau jeito – perco o equilíbrio e caio de costas no chão.

Qualquer dia essa droga de joelho vai melhorar. Espero. E aí finalmente vou poder subir e descer por esses prédios como eu quero.

O dia está quente. Os cheiros de fumaça, comida de rua, graxa e maresia pairam no ar. Consigo sentir o calor do chão através dos meus sapatos gastos. Quase ninguém repara em mim conforme manco até o píer – sou apenas mais um garoto das favelas –, mas então uma menina a caminho da escola cruza seu olhar com o meu. Ela cora quando retribuo o olhar e desvia depressa os olhos para outra direção.

Paro à beira da água para ajeitar o gorro, certificando-me de que meu cabelo está todo escondido dentro dele. A luz dourada e alaranjada refletida pela água me faz estreitar os olhos. No píer, operários empilham os caixotes de comida ao lado de um pequeno escritório, onde um inspetor digita observações sobre a carga. De vez em quando, ele olha para outro lado e fala em um comunicador. Fico parado por um tempo, observando o padrão de movimentos dos operários e do inspetor. Então olho para o fim da rua, ao longo da costa.

Nenhum policial à vista. Perfeito.

Quando tenho certeza de que ninguém está olhando, pulo para a margem e vou mancando até as sombras sob o píer. Vigas se entrecruzam na base do píer, dando-lhe apoio para avançar em direção à água. Pego algumas pedras no lamaçal perto da água e as enfio no bolso. Então me ergo para o labirinto de vigas e as escalo em direção aos caixotes. Água salgada respinga em mim. O barulho das ondas batendo contra o píer se mistura com as vozes lá em cima.

– Você também ouviu falar daquela garota, não ouviu?

– Que garota?

– Você sabe. A *garota*, aquela que entrou para a Drake com o quê, *doze* anos...

– Ah, sim, aquela. Os pais dela devem ter uma carteira gorda. Ei, para onde você passou mesmo?

Risadas.

– Cale a boca. Pelo menos tenho alguma instrução.

O barulho das ondas encobre a conversa de novo. Diversos baques abafados vindo das tábuas acima da minha cabeça. Devem estar empilhando caixotes aqui. Cheguei ao ponto bem embaixo do pequeno escritório e da carga. Paro a fim de ajeitar a posição dos meus pés. Depois subo várias vigas, seguro-me à beirada do passadiço do píer, ergo-me e espio ao redor.

O escritório está bem à minha frente. O inspetor parou de pé na extremidade dele, de costas para mim. Eu me arrasto em silêncio para o passadiço e me encolho à sombra da parede do escritório. As pedras em meu bolso batem umas nas outras. Pego uma delas e mantenho os olhos nos operários. Então jogo a pedra na direção do barco com toda a força.

Ela o atinge na lateral com um barulho alto o bastante para chamar a atenção dos trabalhadores. Muitos deles se viram na direção do som – outros vão até lá. Aproveito a oportunidade e saio correndo do meu esconderijo, indo para a pilha de caixotes. Consigo deslizar para trás deles antes que alguém me veja. Meu coração bate acelerado.

Sempre que roubo suprimentos da República, eu me imagino sendo pego e arrastado para o posto da polícia local. Imagino minhas pernas sendo quebradas, como aconteceu com papai. Ou talvez eu nem fosse levado para

o posto da polícia. Talvez apenas me matassem com um tiro ali mesmo. Não consigo decidir o que seria pior.

O tempo está acabando. Pego meu canivete, escondido cuidadosamente perto do meu sapato, e o cravo na lateral de um dos caixotes até atravessá-lo. Golpeio em silêncio, tomando o cuidado de observar em que direção os guardas estão olhando. A essa altura, a maioria deles já se dispersou, por sorte. Restam apenas dois, e mesmo eles estão a uma boa distância dos caixotes, perdidos em uma conversa sem importância.

Definitivamente, a carga é comida enlatada. Minha boca se enche d'água quando volto a fantasiar com o que posso encontrar ali dentro. Salsichas e sardinhas. Todos os tipos de carne. Milho, ovos em conserva, feijões. Talvez até fatias de pêsego e pera. Uma vez consegui roubar um pêsego fresco, e foi a melhor coisa que comi na vida. Meu estômago ronca alto.

– Ei.

Dou um pulo. Ergo os olhos e vejo uma adolescente recostada nos caixotes, mastigando um palito de dentes e me observando com um sorriso divertido no rosto. Todas as minhas fantasias de comida desaparecem. Na mesma hora, puxo meu canivete do caixote e saio correndo. Os homens no píer me veem, gritam alguma coisa e partem atrás de mim.

Corro pelo píer o mais rápido que posso. Meu joelho ruim queima com o movimento súbito, mas eu o ignoro. Um joelho ruim não vai importar se eu estiver morto. Eu me preparo para a agonia ardente de uma bala cravando minhas costas.

– Charlie – grita um deles. – Pegue aquele pilantrinha!

A garota dá uma resposta que não consigo ouvir.

Passo cambaleando por dois estivadores estupefatos, chego ao fim do píer e ao início das ruas do Lake e corro para a viela mais próxima. Atrás de mim, ainda posso ouvir o barulho dos meus perseguidores. Idiota, que idiota. Eu deveria ter sido mais silencioso ou esperado até a noite. Mas estou com tanta fome. Minha esperança agora é despistá-los no labirinto de vielas do Lake. Meu gorro sai da cabeça, mas estou assustado demais para me deter e ir buscá-lo. Meu cabelo louro-claro cai abaixo dos ombros, bagunçado.

Alguém me segura por trás. Eu me contorço e consigo me soltar, então dou um salto na direção da parede e agarro o peitoril do segundo andar. Mas meu joelho ruim – já fraco por causa da fuga apressada – finalmente cede, e bato no chão, às sombras da viela. Todo o ar dos meus pulmões sai num sopro, mas ainda me viro e mostro os dentes, pronto para cravá-los em quem está me segurando.

– Ei, fique frio!

É a garota que me viu primeiro. Seu rosto não é ameaçador, mas ela me prende com força no chão.

– Sou só eu. Falei para a tripulação do meu pai que eu ia pegar você. Estão todos lá no píer.

Continuo lutando.

– Olha, poderíamos fazer isso o dia inteiro.

A garota inclina a cabeça e franze a testa. Ainda espero que ela pressione uma faca no meu pescoço. Mas não. Após alguns longos segundos, eu me acalmo. E ela assente para mim.

– O que você estava tentando roubar da carga do meu pai?

– Só um pouco de comida – respondo. Ainda sinto dificuldade de respirar, e a dor no meu joelho não ajuda em nada. – Há dois dias que não como.

– Você é do setor Lake, *amigo*?

Sorriso para ela. Espero que ela não perceba o quanto estou nervoso.

– Assim como você – digo, percebendo o termo familiar que ela usou. – Você deve ser até do mesmo bairro que eu.

Ela me observa por um momento. Agora que enfim dou uma boa olhada nela, vejo que é bonita, de pele morena e cabelo crespo e preto, puxado para trás em duas tranças frouxas. Tem sardas leves no nariz, e seus olhos são castanho-dourados. As sobrancelhas parecem permanentemente fixas numa expressão surpresa. Ela deve estar em algum ponto entre o meio e o fim da adolescência, embora pareça pequena. Um sorriso se espalha em seu rosto quando percebe como a estou observando. Com cuidado, permite que eu me sente, mas não solta meu braço.

– Você pretende me deixar ir logo? – pergunto. – Ou vai me arrastar de volta para o seu pai e os amigos dele?

– Isso depende. – Ela estala a língua na parte de dentro da bochecha, num gesto inconsciente. – Você estava lá para roubar comida da nossa carga. Se tivesse conseguido, meu pai teria que justificar para as autoridades da República por que não bateu a cota. Você acha que gostamos de pagar multas? Ou de ser presos?

– Bem, sinto muito. Você acha que gosto de passar fome?

A garota ri de mim.

– Ouça só você, que durão. Você é tão adorável que eu poderia arrancar sua bochecha de tanto apertá-la.

Coro diante da provocação, mas não quero lhe dar a satisfação de saber que me pegou. Então a encaro sem piscar. Ela para de rir, mastiga o palito de dentes, pensativa, e então diz:

– *E daí que você está com fome? E se eu simplesmente arrastar você até o meu pai agora mesmo? Eu poderia dizer a eles para jogá-lo no lago. Ou para levá-lo à polícia. A tripulação do meu pai me adora. Vão concordar com tudo o que eu lhes disser para fazer.*

Engulo em seco ao pensar naquilo e então assumo uma expressão corajosa.

– Ah, *qual é, amigo?* – Ergo as palmas das mãos para ela e lanço o olhar mais inocente que posso. – Vai mesmo fazer isso com um menino de rua faminto? Apenas finja que eu fugi. Não vou voltar, juro. Pode até ficar com o meu canivete, se quiser algo em troca. É tudo o que eu tenho.

– Quantos anos você tem?

– Quase treze.

– Ohn, você é só um bebê. – Ela sorri para mim, depois hesita por um minuto. – Olhe, sei como se sente – acaba dizendo –, e, acredite, não há nada pior que a dor de uma barriga vazia.

– Então você ainda está pensando em me entregar? – Deixei minha esperança crescer. – Tem algo que eu possa fazer por você para evitar ir para uma prisão da República? – pergunto.

– O que você *está disposto* a fazer?

Dou a ela um sorriso ensaiado.

– Qualquer coisa que você quiser, querida.

As sobrancelhas dela se erguem em surpresa – então ela joga a cabeça para trás e ri. Não consigo decidir se estou lisonjeado ou ofendido. *Eu* achei que tinha soado muito descolado.

Outro momento se passa antes de a garota se acalmar, se levantar e me puxar para cima. Agora que estamos os dois de pé, vejo que ela é apenas alguns centímetros mais alta e muito magra. Ela acena com a cabeça na direção do píer.

– Vou lhe dizer. Você vai trabalhar para o meu pai por três dias e, em troca, vou lhe dar três latas de comida. Pode escolher as três latas que quiser, mas não frutas. – Ela balança a cabeça ao ver minha decepção. – Sinto muito. Três dias de trabalho não rendem a ninguém uma lata de frutas.

Trabalhar no mesmo lugar por três dias. A ideia me deixa um pouco ansioso, pois não gosto de ficar em um lugar por muito tempo. Há olhos da República por toda parte. Mas na verdade não tenho escolha, e essa é a melhor proposta que vou receber.

Meneio a cabeça, hesitante.

– Está certo. Ótimo. Acordo fechado.

Estendo a mão livre para apertar a dela.

Ela não a pega. Em vez disso, inclina um pouco a cabeça, cospe o palito e sorri para mim.

– Ainda não terminei.

Minha mão treme.

– O que mais você quer?

– Você é bem valente na frente de garotas, não é? Já beijou uma?

Beijar uma garota? O que isso tem a ver? Apesar de todo o meu flerte, nunca cheguei nem perto. Bem, beijei algumas na bochecha, e elas retribuíram – mas na boca? Eu ainda estava tentando chegar lá. Meus olhos se desviam até a boca da menina, agora sorridente, e sinto meu rosto ficar ainda mais quente do que já estava.

– Vou interpretar isso como um não. – Ela ri. – Bem, tente, garoto. Vamos ver se você faz jus à sua fala mansa.

Como continuo sem me mexer, ela se inclina na minha direção, fecha os olhos e pressiona os lábios nos meus. Eu fico rígido. São muito mais macios do que eu esperava – não sei o *que* eu esperava, na verdade. Claro que seriam macios. Um calafrio percorre minha espinha. *O que devo fazer? Devo me mexer? Olhos abertos ou fechados?* Por um instante, fico completamente imóvel e mantenho os lábios parados. *Talvez eu deva repetir seus movimentos.* Tento fazer isso. Aos poucos, começo a retribuir o beijo. Depois de um tempo não parece tão difícil... Até relaxo, deixando minha mente se embalar com o fato de que eu estou beijando uma garota mais velha. Minhas mãos estão dormentes. Não sinto minhas pernas.

Ela se afasta um pouco. Embora não tire a mão do meu braço, seu aperto é menos rígido. Ainda estou tentando recuperar o fôlego.

– Nada *mau* para a sua primeira tentativa – diz, em tom alegre. Ela esfrega o nariz no meu. – Você está tremendo?

Eu me encolho. Esperava que ela não notasse.

Para meu alívio, ela ri antes que eu possa dizer qualquer coisa constrangedora.

– Cara, você é tão fofinho. – Ela bate de leve com o dedo no meu nariz e se afasta de mim. – Certo, temos um acordo. Agora para o píer. Se você se comportar bem, talvez até ganhe outro beijo.

Pelos três dias seguintes, trabalho ao lado dela no barco que a República designou para seu pai. O nome dela é Charlie, descobro, e acabou de completar dezesseis anos. Do nascer ao pôr do sol, enquanto carregamos e descarregamos os caixotes, ela me fala de sua vida de trabalho nos píeres. Sua mãe morreu há alguns anos, num acidente na fábrica. Ela tem uma irmã que tirou uma nota alta o bastante na Prova para entrar para uma faculdade. Ela adora a área do lago, mesmo que isso signifique ficar o tempo todo com cheiro de mar. Está feliz porque pelo menos a República a designou para trabalhar nos píeres com o pai, em vez de mandá-la para a frente de batalha limpar a sujeira das tropas. Não me dou o trabalho de falar que é isso que o *meu pai faz* – *fazia*, quero dizer – antes de parar de vir para casa. Minhas

mãos têm farpas por ficar arrastando caixotes de um lado para outro e, no segundo dia, parece que minhas costas vão se partir em vários pedaços. O pai de Charlie – um homem enorme, de barba e pele clara – me ignora por completo, embora às vezes assinta em aprovação, se estou trabalhando muito duro.

Gosto do trabalho. A garota me dá duas latas por dia, em vez de apenas uma, o que significa que todos os dias consigo comer uma lata e guardar outra para futuras refeições. Também tenho a oportunidade de juntar objetos que possam ser úteis mais tarde, como lascas afiadas de madeira que eu posso usar como armas, alguns sacos de aniagem, uma lata redonda, boa para carregar água.

Charlie me alcança enquanto ando pelo píer, juntando pregos soltos e os enfiando nos bolsos.

– O que você está fazendo? Se preparando para a guerra? – pergunta, com um sorriso.

Dou de ombros.

– Não sobrevivi todo esse tempo sem autodefesa.

Charlie ri, mas me deixa continuar.

De noite, ela se senta comigo enquanto a equipe de seu pai se reúne mais ao longe no píer. Observo, com um pouco de ciúme, o modo como ela flerta com os operários quando o pai não está por perto. Tinha razão quanto a uma coisa: é a queridinha deles, e se ela os mandasse me jogar para fora do barco, eles provavelmente fariam isso sem hesitar. Aos poucos, me acostumo com o barulho do lago batendo nos pilares de concreto e ao conforto incomum de dormir ao ar livre, ciente de que, pela manhã, terei uma lata de comida a minha espera. Que luxo! Às vezes olho para Charlie quando ela não está vendo e tento repassar nosso beijo em minha mente. Pergunto-me se aquilo significou algo para ela. E se ela estava ou não falando sério sobre me beijar de novo.

Em nossa última noite juntos, Charlie se recosta e olha para mim sobre o brilho de nossa lamparina fraca. Estamos sentados na extremidade do píer, vendo os arranha-céus do centro da cidade se acenderem, um a um. É uma

noite muito agradável. Nem mesmo a umidade parece tão ruim quanto de costume e, de vez em quando, sopra uma brisa fresca.

– Então, você pagou sua dívida. O que vai fazer amanhã? – pergunta-me ela.

Dou de ombros.

– Ainda não sei. Normalmente vivo um dia de cada vez.

Comemos em silêncio por mais alguns minutos antes de ela voltar a falar:

– Você não me contou muito da sua vida. Não sei nem o seu nome.

Coloco no chão minha lata de salsicha e feijão, comida já pela metade, e me inclino para trás, apoiando-me nos cotovelos.

– Ed – respondo, dizendo o primeiro nome em que consigo pensar. – O que mais você quer saber?

Ela me observa. À luz oscilante da lamparina, seus olhos assumem um tom de mel.

– Quanto tempo morou em Lake? – Ela mastiga mais um pedaço da comida e então joga a lata de lado. – O que aconteceu com a sua família? E como seu joelho ficou assim? Você sempre morou nas ruas ou o quê?

Fico em silêncio durante todo o tempo em que ela faz perguntas. É justo que ela queira saber, claro, já que me falou tanto de si mesma. Mas se tem algo que aprendi vivendo nas ruas foi manter em segredo os detalhes sobre mim. Por onde eu começaria? Meu nome é Day. Minha família mora a umas trinta quadras a nordeste daqui. Tenho mãe, um irmão mais velho e um mais novo. Todos acham que estou morto. Os médicos da República abriram meu joelho enquanto faziam experiências com meu corpo. Fui enviado para eles depois de não passar na Prova, e eles me largaram no porão do hospital para morrer. Passei semanas vagando por aí, sangrando. Sempre viajo sozinho, porque, se um dia a República me encontrar, vão me apagar como uma vela. Mantenho a cabeça virada para o outro lado, enquanto as lembranças me assaltam e ameaçam explodir do meu peito. Tantas histórias para contar...

Mas eu as guardo, uma a uma.

Diante do meu silêncio, Charlie diminui a pressão.

– Bem – começa, parecendo um pouco constrangida pela primeira vez desde que me conheceu. Ela mexe em uma das tranças. – Tudo a seu tempo, quando você estiver pronto.

Sorrio para ela por cima da lamparina.

– Se você quiser, sabe, pode ficar mais alguns dias – diz ela. – Meu pai diz que você trabalha bem e cumpriu sua palavra... ele ficaria feliz em mantê-lo por aqui um pouco mais. Pode ser até que lhe dê alguns trocados por baixo dos panos. E, bem, você é um bom garoto. As ruas são um lugar duro para se viver. Não sei por quanto tempo você vai conseguir se virar sozinho.

A oferta é tentadora. Meu coração se aquece e, na ponta da minha língua, há palavras de gratidão não ditas. Registro seu rosto sardento e as tranças bagunçadas e, nesse momento, estou pronto para dizer sim. Posso me ver trabalhando aqui ao lado dela e construindo algum tipo de vida para mim. Anseio por pertencer a uma família outra vez, por ficar amigo dessa garota. Seria alguma coisa, não? Fecho os olhos e me perco nessa fantasia.

– Vou pensar no assunto – respondo por fim. Por ora, é uma resposta boa o suficiente.

Charlie dá de ombros, e nós dois voltamos ao nosso jantar. Nessa noite dormimos lado a lado no deque do barco, tão próximos que nossos ombros se tocam, e eu sinto o calor emanando de seu corpo. Passo a maior parte da noite olhando o céu. Está claro o bastante para eu reconhecer uma dezena de estrelas. Eu as conto repetidamente até elas me embalarem num sono leve.

Sou acordado por um grito.

Levanto por instinto, então me contraio quando meu joelho ruim me obriga a sentar de novo. Os pregos soltos no meu bolso me espetam de um jeito desconfortável. O que está havendo? O que aconteceu? Já é de manhã? Em minha confusão, tudo o que percebo é a luz fraca do amanhecer tingindo tudo de um cinza azulado.

– *Não! Você não pode!*

Outro grito. Dessa vez percebo que vem do outro lado do píer, onde os trabalhadores estão reunidos em torno de alguma coisa. Curiosos começaram a se aglomerar na rua. *Não se aproxime. Fique longe.* Meus instintos se incendeiavam e, em vez de me juntar a eles, corro para a pilha de caixotes mais próxima e me agacho nas sombras.

A princípio, não sei o que está acontecendo. Então, estreito os olhos para a cena e percebo. Alguns soldados da República, vestidos com o uniforme da patrulha municipal – não a polícia das ruas, mas a *patrulha municipal* mesmo – está gritando perguntas para um homem alto. *O pai de Charlie.* Os gritos são dela, que está sendo segurada por vários homens da equipe.

Um soldado da patrulha municipal dá um soco no queixo do pai dela. Ele cai de joelhos.

– Cachorros malditos! – grita Charlie para a patrulha. – *Seus mentirosos!* Vocês não estão atrás da nossa carga... nem estamos *no comando!* Vocês não podem...

– Acalme-se – um dos soldados dispara para ela. – Ou vai sentir a mordida de um tiro. Entendeu? – Então ele acena com a cabeça para seus companheiros. – Confisquem o carregamento.

Charlie grita algo que não entendo, mas o pai balança a cabeça para ela, dando-lhe uma advertência firme. Um fiapo de sangue escorre do canto de sua boca.

– Vai ficar tudo bem – diz a ela, apesar de os soldados no fim do píer estarem carregando os caixotes em sua caminhonete.

Espero em silêncio no escuro enquanto eles enchem o veículo. Se levarem todo o carregamento de Charlie, significa que os funcionários não vão receber por pelo menos duas semanas. Alguns passariam fome, com certeza. Eu me lembro de quando soldados da patrulha municipal levaram meu pai para interrogatório, de como o trouxeram de volta todo quebrado e sangrando. Raiva e imprudência dominam minha mente. Estreito os olhos para os soldados, então saio das sombras em silêncio e vou até a beira d'água. Enquanto o caos se desenrola no fim do píer, ninguém nota quando deslizo sem fazer barulho para dentro d'água e sigo pela margem. Meu joelho ruim protesta conforme chapinho, mas trinco os dentes e o ignoro.

Depois de ter nadado o suficiente para alcançar o outro píer, vou para a margem, arrasto-me até o nível da rua e me misturo à multidão da manhã. Água pinga do meu queixo; minhas botas encharcadas fazem barulho a cada passo. Os soldados provavelmente levarão mais alguns minutos para terminar de carregar tudo e verificar os caixotes e, quando voltarem para o posto policial de Lake, estarei pronto para eles. Mancando por entre a multidão, levo a mão ao cinto e abro o bolso de quinquilharias. Tenho um bom punhado de pregos. Eu os espalho por toda a rua até ter certeza de que cobri uma grande faixa dela. Então viro uma esquina, corro para uma viela estreita e me agacho atrás de uma grande lata de lixo. Meu joelho lateja em protesto. Impaciente, afasto mechas de cabelo molhado do rosto.

Estico a perna com cuidado, contraio o corpo e esfrego a velha cicatriz que perpassa meu joelho. Vou precisar me mover mais depressa, se quiser que isso funcione. Verifico se meu canivete está preso de modo seguro na bota, então aguardo.

Minutos depois, ouço o que estava esperando – o barulho de uma caminhonete da patrulha municipal se aproximar a distância, seu alarme característico soando pela rua. Meu corpo fica tenso.

A caminhonete se aproxima. As pessoas se afastam para os lados quando ela buzina, abrindo caminho entre o movimento da manhã.

Então...

Pop!

Um dos pneus da caminhonete estoura – ela derrapa, depois se inclina um pouco para o lado, provocando gritos na multidão. O veículo bate e para a alguns passos da viela onde estou. Esforço-me para ficar de pé. A traseira da caminhonete se abre no meio do caos, e cerca de uma dúzia de caixotes jazem abertos e espalhados nas ruas.

Dois soldados saltam da caminhonete bem quando as pessoas se amontoam em torno do veículo, algumas já catando, ávidas, latas de carne que rolaram das caixas quebradas.

– Afastem-se! – grita um soldado para a multidão, mas é em vão. O outro empurra as pessoas com a arma.

Eu avanço com o bando. Se conseguisse pegar pelo menos *uma* das caixas e levá-la de volta para Charlie, já seria uma vitória. As pessoas erguem-se sobre mim, jogando-me de um lado para outro em sua tentativa de pegar um pouco de comida. Baixo a cabeça e me curvo, ficando tão pequeno quanto consigo, e empurro obstinadamente. Por fim, vejo a caminhonete à minha frente e todo o conteúdo espalhado pelo chão.

Abaixo-me e enfio duas latas de carne direto no bolso. Então agarro a beirada de um caixote, puxo de volta com toda a minha força e começo a arrastá-lo. Muitos outros soldados chegam para dar cobertura aos dois primeiros; tento agir mais rápido enquanto eles começam a empurrar as pessoas para longe. Trinco o maxilar e puxo com mais força.

– Ei... solte isso!

Um soldado me vê, pega a gola da minha camisa e, sem cerimônia, me joga contra a multidão. Meu joelho ruim cede – grito de dor e caio numa posição estranha. O soldado pega o caixote que eu estava arrastando e me lança um olhar furioso.

– Malditos pilantrinhas de rua – cospe na minha direção. – Volte para o seu beco. Mantenha as mãos fora da propriedade da República.

Isso é meu, grito por dentro. É para Charlie. Para minha surpresa, um desejo de chorar surge de uma parte profunda de mim. *É para a minha família. Para as pessoas com quem me importo.*

Mas não há muito que eu possa fazer agora. Sou muito lento, muito pequeno e muito fraco. A cena que provoquei é inútil para mim agora – já chegaram soldados demais, e as pessoas não têm mais coragem de roubar o conteúdo dos caixotes.

Eu me esforço para me levantar, então abro caminho entre as pessoas enquanto os soldados se juntam para inspecionar o pneu furado da caminhonete. *Pelo menos ferrei um dos seus preciosos veículos,* penso, sombrio.

Volto para o píer onde a equipe de Charlie trabalha. Quando chego lá, meu joelho está doendo muito. Estou suado e exausto. Charlie me vê ao longe, pula da pilha de caixotes onde está sentada e corre para perto de mim.

– Aí está você – diz. Parece ter se recomposto desde a explosão de mais cedo. Seus olhos percorrem minha roupa úmida. – Aonde você foi?

Simplesmente dou de ombros. Tiro as duas latas de carne do bolso.

– Houve certa comoção na rua – respondo, estendendo as latas para ela.
– Uma caminhonete virada. Peguei isto. Sinto muito... eles não nos deixaram chegar mais perto. Como está o seu pai?

– Está bem. Já levou socos mais fortes. – Charlie me dá um sorriso torto de agradecimento, mas empurra as latas de volta para mim. – Fique com elas. Duas latas não vão adiantar muito. – Ela olha de lado para a equipe. Então se abaixa, inclina-se na minha direção e sussurra: – Foi você, não foi? Você viu tudo de manhã. Encontrou um jeito de estragar a caminhonete, não foi?

Pisco para ela.

– Eu...

Charlie sorri ao ver minha expressão culpada.

– Sim, nós estávamos lá também. Seu pequeno truque permitiu que alguns dos operários chegassem lá e pegassem alguns dos nossos caixotes de volta.

O peso no meu peito alivia um pouco. Olho para ela surpreso, e então abro um sorrisinho.

– Vocês estavam lá? Viram a caminhonete?

Os olhos de Charlie analisam os meus. Por um momento, é como se ela pudesse enxergar dentro do meu coração.

– Você tem um instinto suicida ou algo assim? – pergunta ela por fim. Estende a mão para bagunçar meu cabelo. – Tenho que admitir... você tem nervos de aço. Fugir assim e destruir uma caminhonete da patrulha municipal!

Ruborizo e abaixo o olhar para meus pés.

– Só tive sorte – murmuro.

Mas, no fundo, não consigo deixar de sentir uma pontinha de orgulho. Eles pegaram alguns de seus suprimentos de volta. Talvez meu truque não tenha sido de todo inútil.

A expressão de Charlie se torna mais suave. Com a mão, ela ergue meu queixo, para que meus olhos encontrem os seus. Ela se inclina e me dá um selinho carinhoso nos lábios.

– Obrigada – diz. – Você é um bom garoto. Aposto que a República ainda não viu tudo de que você é capaz.

Nessa noite, durmo no deque do barco com a equipe. Na manhã seguinte, bem cedo, quando o amanhecer mal tocou a beira d'água e os olhos de Charlie ainda estão fechados, eu me levanto e escapo em silêncio. Não levo nada além das minhas quinquilharias e latas de comida. Não olho para ela uma última vez, não deixo bilhete nem digo adeus. O ar está frio, fustigando minhas bochechas e meus lábios, uma lembrança do espaço vazio ao meu redor. Mantenho as mãos nos bolsos e a cabeça erguida. Meu cabelo está solto.

Não posso ficar aqui. Os acontecimentos de ontem me fizeram lembrar claramente por que ando sozinho pelas ruas, por que não ousa me envolver em relacionamentos com mais ninguém aqui em Lake. Os soldados atacaram o pai de Charlie só por não ter batido a meta de uma carga; o que teria acontecido se descobrissem que estava abrigando um garoto que escapou dos laboratórios da República? Um garoto que deveria estar morto? Papai sempre me disse para seguir em frente, nunca voltar atrás.

Então mantenho os pés apontados para fora do píer, em direção à cidade, às favelas. É melhor ficar sozinho lá fora. Sou uma alma penada, um fantasma... Não pertencço a lugar algum. As palavras de Charlie ecoam em minha mente.

Aposto que a República ainda não viu tudo de que você é capaz.

Sorriso. Não, sinceramente, espero que não.

Meus pés estão pesados, mas não fazem barulho.

EPISÓDIO 2

JUNE



Três anos antes dos acontecimentos de LEGEND

Nota da autora: Em *Legend*, conhecemos June quando ela está recebendo a segunda advertência por comportamento inadequado na Universidade Drake. O conto a seguir é um vislumbre do primeiro dia de June na Drake, e mostra por que ela é incapaz de se manter longe de encrencas.



JUNE

– Qual é a desse trânsito todo? – pergunto a meu irmão.

Metias se inclina para a frente no banco do motorista e espicha o pescoço. Está usando seu uniforme completo de capitão, mas, do banco de trás, posso ver que seu cabelo está emaranhado, resultado de ter gastado a maior parte da manhã passando a mão nele. Ele suspira e me lança um olhar de desculpas.

– Sinto muito, Joanelha. Eu não deveria ter pegado o atalho por Lake. Deixe-me pedir um relatório – diz ele, então murmura algo no microfone.

Cruzo os braços e, para passar o tempo, conto os jipes militares a nossa volta. (Há exatos nove veículos em cada uma das três pistas da rua, até onde posso ver.) Tento estimar quanto ainda falta para chegar à Universidade Drake. Nesse ritmo, levaremos pelo menos trinta minutos. São grandes as chances de eu me atrasar para a orientação. *Prodígio de doze anos se apresenta oficialmente hoje na Universidade Drake.* É isso que os telões estão noticiando. Ainda me lembro de como meu coração batia forte quando recebi meu uniforme de Drake no início da semana. Hoje começo a cursar a universidade, a única jovem de doze anos que andará pelo campus. Esse pensamento faz uma onda de ansiedade e animação me percorrer. O que os outros estudantes vão pensar? Será que vou fazer amigos?

Metias termina sua conversa e olha para mim com a testa franzida.

– Parece que as ruas ao norte de Lake estão todas fechadas. Temos que mandar uma nova caminhonete para alguns caras num posto policial aqui perto.

– Sério? O que aconteceu?

– Um pneu furado, bem no meio de uma rua movimentada. Tem um monte de caixotes de comida espalhados por um cruzamento principal e uma multidão brigando por elas.

Torço o nariz ao pensar em pessoas brigando por comida enlatada, e Metias me flagra.

– June. Não julgue assim.

Desfaço a expressão, sentindo-me culpada.

– Então você acha que vamos nos atrasar para a minha orientação?

– Temo que sim. Já deixei uma mensagem para os oficiais da Drake.

Vamos torcer para que não seja um grande problema.

Sorrio. Conforme nos arrastamos pelas favelas, concentro-me nas rodas-d'água girando na margem do lago. O sol da manhã pinta uma cobertura dourada na superfície.

– Depois de hoje – digo –, você vai ter que me chamar de cadete Iparis.

Metias não consegue deixar de rir.

– Todos os guardas da cidade estão comentando sobre você, *cadete* Iparis... Ainda não consigo acreditar que minha irmãzinha é oficialmente aluna da *Universidade Drake*. Que tal? – Ele ergue uma sobrancelha para mim. – Agora, isso não muda nada. Você *não* vai ter nenhum privilégio. Vai voltar para casa na *hora*. Vai me *avisar* se precisar ficar até tarde para fazer os trabalhos. *Definitivamente* não está autorizada a sair com nenhum dos seus colegas mais velhos depois da aula, a menos que tenha algo a ver com os estudos...

Reviro os olhos e mostro a língua para ele.

– Eu sei, eu sei.

– Estou falando sério, June. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

Entendido? Não me faça ficar ainda mais preocupado com você.

Seguimos em silêncio por um momento.

– Você acha que mamãe e papai estariam orgulhosos de mim? – pergunto um pouco depois.

Metias olha para mim de novo, pelo espelho. Mesmo que tenhamos doze anos, quatro meses e vinte e três dias de diferença, não há dúvida de que somos parentes. Temos os mesmos olhos, castanho-escuros com traços dourados, o mesmo cabelo escuro e pele morena.

– Mamãe e papai adorariam ver você entrar na Drake – diz ele, baixinho.

– O país inteiro está orgulhoso de você. *Eu* estou orgulhoso de você. Muito,

muito mesmo.

A aprovação dele aquece meu coração. Ergo os joelhos até o queixo e sorrio.

– Amo você – digo.

Metias sorri de volta.

– Também amo você. Não desista, Joaquina... Um dia você vai chacoalhar a República. Vai ser inesquecível. Sei disso.

Depois de quarenta minutos, finalmente nos livramos do engarrafamento em Lake e seguimos depressa pelo setor Batalla em direção à universidade. Metias me apressa pelo campus. Podemos ouvir a música do juramento da manhã retumbando pela universidade, e sei que a orientação já começou. Li em algum lugar que a Drake leva os atrasos muito a sério – e, nesse caso, já estou encrocada no meu primeiro dia.

Todos os outros alunos se reuniram na quadra principal do campus para a cerimônia, e Metias e eu não temos escolha a não ser fazer uma entrada chamativa. Enquanto o reitor continua seu discurso no palco, meu irmão me conduz ao meu assento o mais silenciosamente que pode, mas os olhares irritados dos professores são óbvios. Sei o que estão pensando: *Talvez a República devesse ter designado um tutor oficial para June e Metias em vez de permitir que o irmão mais velho criasse a irmã. Talvez ele não consiga dar conta.*

Metias retribui os olhares com uma expressão de desculpas. Prendo a respiração, lutando contra o desejo de defender meu irmão. Não é fácil para Metias cuidar sozinho da irmã mais nova tendo apenas vinte e quatro anos e sendo capitão de uma patrulha de Los Angeles. E é ainda mais difícil cuidar de uma garota como eu. Mas mantenho a cabeça baixa e ocupo um lugar perto dos fundos. Assim que me vê devidamente acomodada, Metias dá um tapinha em seu quepe de soldado, numa saudação de despedida.

– Divirta-se – sussurra para mim. – Mantenha a cabeça erguida, não se deixe intimidar. E se defenda, como lhe ensinei. Entendido?

– Não se preocupe – respondo, sorrindo, embora meu estômago esteja começando a se revirar de nervosismo.

Metias retribui com um sorriso breve, depois sai apressado para cuidar de suas outras tarefas. Sou deixada para enfrentar a universidade sozinha.

Como era de se esperar, a orientação é entediante. Olho em volta e observo meus novos colegas enquanto os autofalantes zunem. Será que algum deles vai querer ser meu amigo? Sou tomada por uma conhecida sensação de esperança. A primeira série que pulei foi o segundo ano e, desde então, pulei três outros anos. A cada vez, eu esperava que pular uma série e entrar numa turma cheia de novos alunos pudesse me dar outra chance de fazer amigos. Agora, estou numa escola nova outra vez, e a probabilidade de criar laços com alguns estudantes no início do ano deve ser alta. Muitos dos calouros devem ser de fora de Los Angeles; também vão precisar de amigos. Tenho uma chance.

Quando terminamos de ouvir, sentados, todos os discursos, faltam nove minutos para as onze horas, e meu estômago começa a roncar. Ao meu lado, os outros alunos (todos pelo menos um ano a minha frente, a julgar pela cor das tiras em seus uniformes, o que significa que me sentei com o segundo ano, não com os calouros) parecem despreocupados. Talvez os alunos mais velhos não sintam fome tão cedo. Sinto-me um pouco constrangida, então tento não pensar em comida. Dois alunos abrem sorrisos sarcásticos e erguem as sobrancelhas na minha direção, ressaltando o quanto não pareço pertencer àquele lugar. Continuo sentada, as costas eretas, e tento me lembrar do que Metias disse. *Mantenha a cabeça erguida, não se deixe intimidar.*

A orientação finalmente termina, e todos seguimos para as primeiras aulas do dia. Mantenho-me atrás de um grupo de alunos e deixo minha escuta sintonizar o mapa do campus. O lugar é enorme – pelo menos dez vezes maior que minha escola de ensino médio –, e logo percebo em que prédios os estudantes do meu período estão se reunindo. Se eu me perder no campus hoje, pelo menos vou saber em que prédios devem ser minhas aulas.

De repente, alguém me empurra por trás. Cambaleio para a frente e mal consigo me recuperar antes de cair no chão, mas, no caminho, tropeço em outra aluna. Nós duas caímos.

– Desculpe-me – consigo dizer, levantando-me e estendendo a mão para a garota.

Ela a pega, agradecida. Mas, ao ver quem nos empurrou, apenas desvia os olhos e me deixa para trás. Franzo a testa. Quando me viro, vejo um garoto (segundo ano, julgando pelas listras douradas nas mangas do uniforme, o que significa que tem pelo menos dezessete anos) com a cabeça jogada para trás, rindo da minha cara. Ele continua andando com um grupo de amigos.

– Sinto muito – diz ao passar por mim, esbarrando o ombro de propósito, para me fazer perder o equilíbrio. – Não vi você.

Mordo o lábio ao ouvir risadinhas abafadas das pessoas em volta. Apenas uns poucos me olham com simpatia e, quando meus olhos encontram os seus, eles os desviam depressa. Como a garota que ajudei a se levantar. Trinco os dentes. Não é como se provocação fosse algo novo para mim, mas, durante os ensinamentos fundamental e médio, aprendi a relevar e manter a discrição para sobreviver. Tornei-me especialista em ser evasiva, e funcionou... naquela época. Mas isto não é o ensino médio – isto é a Universidade Drake. Já sei que não vou concluir a Drake apenas controlando meu temperamento e aceitando as punições. Sou oficialmente um soldado em treinamento; um dia vou lutar pela República. E, embora esse garoto tenha a mesma altura do meu irmão, não posso permitir que ele me empurre no primeiro dia e, ainda assim, esperar que a Drake me veja como uma oficial em potencial... ainda mais com todos esses estudantes olhando. Tenho que começar a merecer respeito desde já.

Mais uma vez ouço as palavras de Metias. *E se defenda, como lhe ensinei*. Ele começou a me treinar cedo, depois que cheguei em casa um dia com um olho roxo e um corte no braço.

Por isso, em vez de deixar o garoto que me empurrou seguir em frente, grito um insulto para ele.

– Então arrume uns óculos. Um cego teria me visto andando aqui.

O garoto olha para mim, as sobrancelhas erguidas em surpresa, a conversa com os amigos interrompida no meio. Engulo em seco. De repente, pergunto-me se tomei a decisão certa, mas agora é tarde.

– Você é aquela garota de doze anos, não é? June Iparis? – pergunta ele por fim, com as mãos nos bolsos. O sorriso apertado em seus lábios me faz pensar em fio retorcido. Eu hesito e ele aponta com o queixo para mim. – Vamos, fale. Por que está tão tímida agora?

– Sim, sou eu – respondo.

– Disseram que você era metida, que está se achando agora que entrou na Drake graças ao dinheiro da família.

Um grupo de alunos curiosos se reuniu a nossa volta, e o grupo de amigos do garoto está fazendo algum tipo de piada às minhas custas. Gostaria que meu uniforme me caísse melhor – a Drake se apressou a fazer um uniforme sob medida para mim, mas mesmo assim não ficou muito bom, e as mangas pendem soltas nos meus pulsos. Espero que não seja muito visível.

– Tenho uma bolsa de estudos – digo, tomando o cuidado de manter a voz calma, exatamente como Metias me ensinou.

– Ah, é mesmo? – Ele abre a boca numa expressão de falsa admiração. – Parabéns, garotinha... Eles ficaram com pena de você por causa do que aconteceu com seus pais? Bem, todos nós sabemos como foi que você entrou. Se seu sobrenome não fosse Iparis e seu irmão não tivesse dado um monte de dinheiro aos oficiais da administração, e eles não tivessem forjado seu talento por algumas notícias sensacionalistas, aposto que você ainda estaria sentada na carteira do ensino fundamental.

Eles vão tentar provocá-la, Metias me disse. *Mas não seja a primeira a desferir um soco. Não deixe que eles tirem o melhor de você.* Não que eu seja forte o bastante para derrubar quem quer que seja, claro, mas as palavras de Metias ajudam a evitar que meu temperamento ferva. Respiro fundo.

– Não parece muito diferente de como *você* deve ter entrado – digo, olhando-o de cima a baixo.

O sorriso dele vacila – a multidão se mexe, desconfortável, e muitos riem diante da ideia de uma garota de doze anos responder a um aluno de segundo ano de mais de um metro e oitenta de altura.

– Suas mãos são suaves demais para terem carregado armas o suficiente ao longo dos anos, e seu cabelo é comprido demais. Jamais passaria numa inspeção. Para você ter recebido sua classificação hoje com um corte de cabelo tão descuidado, aposto que os *seus* pais pagaram a alguns dos administradores.

A boca do garoto treme de irritação. Ele dá um passo na minha direção e ergue a mão. De início, parece que vai me bater, mas provavelmente percebe que pegaria mal. Então, em vez disso, ele tenta me empurrar. Vejo a mão dele se aproximando muito antes de ele conseguir me tocar e me esquivo sem dificuldade. Isso o faz perder o equilíbrio; ele tropeça para a frente. Não consigo evitar um sorrisinho – que soldado mais lerdo. Talvez tudo o que eu disse *fosse* verdade; talvez ele tenha mesmo comprado sua formação universitária.

Ele se vira para mim. Dessa vez, a irritação em seu olhar cede lugar à raiva. Ele arremete contra mim de novo – o punho na minha direção. Saio do caminho outra vez. Mais e mais espectadores correm para assistir (pergunto-me se ele é conhecido no campus por empurrar os outros) e, enquanto eles observam de olhos arregalados, desvio de uma terceira investida do garoto. Dessa vez giro e paro às costas dele e, quando ele hesita, achando que vou golpeá-lo, tropeça no próprio pé. Cai no chão e arranha o rosto. Seus amigos pararam de rir, mas as risadas vêm de vários outros observadores.

O garoto fica de pé e tenta de novo – dessa vez com vontade, o olhar intenso de tanta concentração. Eu me esquivo e rodo, então pulo de lado, depois giro num círculo – todas as suas tentativas de golpe passam direto por mim. Minha confiança começa a crescer conforme algumas pessoas na multidão me observam, fascinadas. *Não é tão difícil*, penso enquanto provo o garoto, escondendo-me às suas costas com passos leves. *Se isso é tudo com que tenho que me preocupar no campus, então...*

Minha confiança me distrai muito. Num momento de descuido, ele enfim acerta meu ombro e me manda para o chão, cambaleando. Caio de costas, com força, e todo o ar dos meus pulmões sai num sopro. Ele vai me

acertar de novo. Mas antes que eu consiga me desviar desse golpe, alguém entra correndo em nossa arena improvisada.

– O que está acontecendo aqui? – berra uma voz acima de mim.

Imediatamente a multidão se dispersa. – Cadetes! De volta ao trabalho, todos vocês... Já se esqueceram das queixas por atraso? *Vão para a aula!*

Eu me encolho ao me levantar. Parece que meu ombro se chocou contra uma parede de tijolos. Na verdade, acho que não foi muito diferente disso. A pessoa que acabou com a nossa briga é uma jovem oficial e agora está de braços cruzados, olhando para nós dois.

O garoto levanta as mãos para se defender.

– Ela me provocou. Você ouviu os avisos sobre essa garota...

– Sim – interrompe a oficial –, e responder às provocações de uma criança de doze anos é uma verdadeira prova de maturidade de um aluno do segundo ano. – Ele ruboriza com essas palavras. – Vá para a sala da secretária do seu reitor. Terá sorte se não for suspenso por uma semana depois disso.

O garoto faz o que ela manda, mas não antes de lançar um olhar feio na minha direção. *Já vai tarde.* Eu nem sei o nome dele.

Estou prestes a agradecer à oficial quando ela me corta com um olhar.

– De pé e atenta, cadete – ordena. Assumo a posição depressa. A oficial põe as mãos às costas e me olha com desprezo. – A Harion High nos alertou sobre você, sabe. Disseram que, embora você tivesse capacidade de acompanhar o curso na Drake, poderia não ser madura o suficiente para sobreviver à universidade. E parece que estavam certos.

– Mas eu nem toquei nele – digo.

– Você estava no meio de uma briga com ele – responde a oficial, gesticulando ao nosso redor. – Eu mesma vi.

– Não, não viu. A senhora me viu atacá-lo?

Uma leve frustração surge nos olhos dela.

– Precisamos mesmo discutir isso, Iparis? Toda uma multidão de alunos testemunhou vocês dois, e acho que é evidência suficiente para a sua secretaria.

Balanço a cabeça.

– Com todo o respeito, senhora, o que os outros viram foi um aluno do segundo ano tentando me bater diversas vezes, sem sucesso. Também me viram passar todo o tempo desviando e me esquivando. Nunca toquei um dedo nele. E até o último golpe que a senhora viu, ele também não tinha encostado um dedo em *mim*.

Para minha grata surpresa, a oficial hesitou por um segundo. Tudo o que eu disse batia com o que ela de fato tinha visto. Pressionei:

– Não pode ser uma briga entre nós dois se não toquei nele, certo?

Ela estuda meu rosto e, por trás de sua expressão irritada, há um pequeno e sutil traço de admiração. De algum modo, consegui impressioná-la.

– Vou deixar que a secretária do reitor decida o que fazer com você – responde por fim, embora não pareça tão dura quanto antes. – O nome dela é sra. Whitaker, e fica no Albott Hall. Diga o que quiser em sua defesa, cadete, mas, se todos os dias forem como este primeiro, então talvez a Drake deva mandá-la de volta para o ensino médio. Vou ficar de olho em você. Entendido?

Murmuro uma resposta e sigo para o prédio da reitoria. Quando olho para trás, a oficial ainda está parada ali, me observando. Ela faz uma chamada pela escuta e me pergunto se está falando de mim.

Apesar de todos os meus apelos, recebo um relatório pelo acontecido. Sentada no fundo da sala da minha última aula (História da República 2080-2100), olho desesperada para a tira de papel dourada torcendo para que os alunos sentados várias fileiras a minha frente não percebam. Um relatório no meu primeiro dia na Drake. Com base em minha própria pesquisa sobre a universidade, se um aluno recebe mais de cinco relatórios em um ano, entra de licença – um modo gentil de dizer que é suspenso por todo o ano seguinte e tem que assistir a uma série de aulas disciplinares em um campo de treinamento. Se recebe mais de cinco relatórios depois disso, então é expulso. Aparentemente, arranjei uma boa vantagem para a suspensão. Metias não vai ficar feliz ao saber disso – embora eu não ache que vá estar *tão* encrencada com ele. Foi ele que quis que eu me defendesse, certo? Não fiz nada de errado. Apenas me defendi. Ainda

assim, toda aquela experiência fazia meu estômago revirar... Eu achava que estava sendo tão esperta, que fazer aquilo causaria alguma boa impressão nos meus colegas mais velhos, que ajudaria a me posicionar na turma e me pôr num bom caminho para me tornar uma oficial. No que eu estava pensando? Por que a República iria querer uma soldado tão rebelde como oficial? Nesse ritmo, eu teria sorte se conseguisse terminar o primeiro ano sem ser suspensa e tenho certeza de que vou esbarrar com aquele garoto de novo. O que vou fazer da próxima vez?

– Ei – alguém sussurra na fileira atrás de mim. – Menina.

Eu me viro. É uma garota com duas longas tranças presas num coque atrás da cabeça.

– Oi – sussurro de volta.

– Eu vi o que você fez lá na quadra hoje. – Ela sorri. – Bom trabalho. Não achei que veria uma garota de doze anos levar a melhor sobre alguém como Patrick Stanson.

Suas palavras melhoram um pouco meu humor e, apesar do relatório, eu me endireito na cadeira e sorrio de volta.

– Obrigada – respondo. – Mas não acho que a Drake vá querer me ver fazer aquilo de novo.

– Está brincando? – Ela ri e cutuca a amiga. – Você ouviu dizer que aquilo foi relatado na sala de aula, certo?

A amiga dela confirma com a cabeça.

– Do que você está falando? – pergunto.

– Há boatos de que seu nome foi acrescentado à aula de Defesa Intermediária 231. Algumas pessoas viram na lista atualizada de matriculados em suas planilhas de curso. – Ela espera um segundo, como se para ver a minha reação, mas, como continuo sentada olhando para ela, inexpressiva, ela suspira e faz um gesto circular com a mão. – Defesa *Intermediária*. Você sabe que essa aula é só para alunos do segundo ano, certo?

Pisco. *Só para alunos do segundo ano*. Será que a jovem oficial que me mandou para a secretária do reitor falou a meu favor? Será que de fato viu algo em mim, alguma coisa que eu estava tentando mostrar? Lembro-me

daquele traço de admiração em seu rosto, sua hesitação em me repreender no final. Talvez minha atitude tenha valido a pena no fim das contas. Sorrio no escuro da sala de aula.

– Obrigada pelo aviso – digo para a garota. – Se não fosse por isso, tenho certeza de que iria para a sala errada amanhã.

A aula termina – o professor nos dispensa e as amigas da garota se levantam e começam a sair para o corredor. Ela me olha de novo e dá de ombros.

– Sem problema – diz, com um sorriso. Antes que eu possa responder, ela diz depressa: – Tchau! – E corre para se juntar ao grupo.

Eu a observo por um segundo.

Minha felicidade murcha. Sou grata a ela pelo momento de coleguismo, mas um momento *não é* amizade... e enquanto ajeito a bolsa no ombro e sigo para o corredor, lentamente chego à conclusão de que isso pode nunca mudar. Tenho doze anos. Todo mundo na minha turma tem pelo menos dezesseis. Não importa quão legais alguns deles sejam comigo, quem vai querer andar por aí com uma garota de doze anos? Sobre o que eu conversaria com eles? O que tenho em comum com qualquer um deles? *Não tenho nada em comum com eles*, admito para mim mesma quando saio para o brilho do sol da tarde. E, no fim, tenho quase certeza de que vou passar sozinha os próximos quatro anos.

Meu instinto competitivo me domina. *Tenho que pular um período*. Pularia todos eles, se pudesse. Quanto mais rápido, melhor, e então posso sair daqui. Posso ir embora e finalmente encontrar meu grupo de amigos. Mesmo que eu tente afastar esse pensamento, ciente de que não faz sentido, de que é ilógico, não posso deixar de sentir uma espécie de confiança. Se eu começar de novo... se ao menos fizer mais uma tentativa numa nova escola ou ambiente, com novas pessoas...

Começo a correr. Corro até meus pés saírem do chão e minha respiração se tornar arquejos ásperos e desesperados. Corro pelo campus, até chegar à extremidade onde os alunos estão sendo deixados e buscados.

Só quero ir para casa.

– E então? – pergunta Metias mais tarde nessa noite, quando estou deitada sozinha no sofá da sala de estar, assistindo a um desenho velho. Ele me estende uma caneca de chocolate quente. – Quer conversar sobre aquele relatório?

Não respondo de imediato, mas pego a caneca com as duas mãos e me deleito com o cheiro de chocolate. Meu irmão me conhece. Sei de cara que esse chocolate é diferente do que ele fez da última vez – nada de pó, só chocolate de verdade derretido em leite fervendo. Boiando na superfície, há um marshmallow suave, feito à mão. Meu favorito. É como se ele pudesse prever meu humor e tivesse parado para comprar isso antes de ir me buscar. Ou talvez ele tenha presenciado muitos dos meus primeiros dias de aula difíceis.

Tomamos nossas bebidas em silêncio por um tempo.

– Disseram que me envolvi numa briga – disparo finalmente. – Mas não me envolvi. Nem toquei no outro cara.

Metias ergue uma sobrancelha para mim, mas não discute, e me pego falando, incoerente:

– E aí a sra. Whitaker... é a secretária do reitor... ela disse que não tenho muito respeito pela autoridade e que respondo demais. Então eles me matricularam em Defesa Intermediária em vez de Introdução à Defesa. Isso é bom, não é? Mas também me deram um relatório.

Metias estala a língua em reprovação.

– June. O que eu falei sobre responder aos professores?

– Ela não é minha professora. É a secretária do reitor.

– Não importa. Sei que falei para você se defender, mas isso não significa que quero que você saia por aí arrumando brigas ou causando problemas de propósito. Parece que você mereceu esse relatório, menina.

Eu o encaro, chateada por ele não ficar do meu lado.

– Não sei se eles querem me punir ou me premiar.

Metias se inclina sobre o braço apoiado nas costas do sofá e, a menos que eu esteja vendo coisas, juro que há um sorriso e um franzido em sua boca. Ele me observa, pensativo.

– Talvez estejam tentando fazer ambos – responde. – Parece que viram seu talento assim como seus problemas de comportamento, e é um pouco confuso para eles lidar com os dois ao mesmo tempo. Talvez eles sejam como as suas outras escolas. Não sabem o que fazer com você.

– Ninguém nunca sabe o que fazer comigo. – De repente estou descontando toda a minha frustração no meu irmão. – A escola não serve para mim... nada nunca serve. Não posso nem manter uma conversa normal com meus colegas por mais de trinta segundos, porque, afinal, o que temos em comum? Todos eles têm dezesseis anos ou mais e falam sobre namoro e carreira. Nenhum deles tem doze anos e está na universidade. Não estou interessada no que eles têm a dizer, e metade deles nem entende as coisas que *eu* quero falar.

– Um pouco de humildade, Joaquinha – repreende-me Metias, em tom suave.

– Bem, é verdade! – exclamo. – *Não sou normal*, Metias... Vejo coisas que as outras pessoas não veem. Não estou no mesmo nível. Por que eu deveria tentar negar isso? – Minha voz fica mais calma por um instante. – Tem algo errado comigo.

Metias suspira e passa a mão pelo cabelo.

– Sei que fazer amigos vai ser difícil para você – diz depois de uma breve pausa. – Eu sei que tudo é por causa disso, as séries puladas e a exibição, e não vou dourar a pílula para você. *Você não é normal*. As características que a tornam especial lhe darão todos os tipos de vantagem na vida, mas também vão atrapalhá-la e expor suas fraquezas. Isso não vai mudar. E você tem que aprender a se adaptar.

Olho para a caneca, de repente sem nenhuma vontade de tomar o chocolate.

– Não sei como fazer isso – murmuro.

– Você sabe tudo – diz Metias de um jeito leve, me provocando. – Vai dar um jeito. Seus pontos fortes podem tornar difícil para as pessoas se aproximar de você e fazer suas palavras soarem piores do que você pretendia, mas também fazem as pessoas respeitarem você. Elas a admiram, mesmo que você não perceba isso. Se você parar de se esforçar tanto para

impressioná-las, talvez algumas comecem a se tornar mais carinhosas. – Meu irmão estende a mão e dá uns tapinhas na minha testa, com gentileza. – Por trás desse seu cérebro há um bom coração, Joaquina. Eu o vejo todos os dias.

Não sei por que as palavras dele me fazem sentir um nó na garganta, mas de repente estou lutando contra isso e fazendo o melhor que posso para não chorar. Quando vê meu rosto, Metias balança a cabeça.

– Venha aqui, criança.

Corro para cima dele e me aninho em seus braços. Ficamos sentados em silêncio com nossas canecas de chocolate quente, aproveitando a paz da noite.

Pobre Metias. Não deveria ser pai. Deveria estar lá fora sozinho, independente e livre para se concentrar em seu trabalho de jovem capitão. Mas *alguém* tem que tomar conta de mim, e eu torno a vida dele muito mais difícil do que precisa ser. Pergunto-me como deviam ser as coisas para ele quando nossos pais ainda estavam vivos, quando eu era bebê e Metias era adolescente e podia se concentrar em crescer, em vez de ajudar outra pessoa a crescer. Ainda assim, ele não reclamou nem uma vez sequer. Nenhumzinha. E, por mais que eu queira que nossos pais estivessem aqui, às vezes fico muito feliz que esta seja nossa unidade familiar, só meu irmão e eu, cada um cuidando apenas do outro, de ninguém mais. Fazemos o melhor que podemos.

– Tudo o que tenho de bom aprendi com você – sussurro.

– Você está me dando crédito demais. Nós herdamos isso dos nossos pais. – Metias dá uma risadinha. É um som triste. Ele faz mais uma longa pausa, de dez segundos, antes de continuar: – Você vai encontrar a sua tribo. Todos nós encontramos. Um dia, alguém vai vê-la como a garota que realmente é. Um dia você vai encontrar quem a entenda.

Tomo outro gole do chocolate quente.

– Bem, espero que isso aconteça logo. Mas, na verdade, não importa. – Finalmente sorrio para meu irmão. – Pelo menos *você* me entende.

Ele ergue uma sobrancelha de novo.

– Às vezes.

Rio um pouco e, pelo menos esta noite, tudo está bem outra vez.

Título original
LIFE BEFORE LEGEND

Copyright © 2013 by Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA) LLC, uma Penguin Random House Company

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MILENA VARGAS

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L96t

Lu, Marie

Trilogia legend [recurso eletrônico] : legend, prodigy, champion / Marie Lu ;
tradução Ebréia de Castro Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Legend)

Tradução de: Legend trilogy

ISBN 978-85-8122-623-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alves, Ebréia de
Castro. II. Título. III. Série.

15-27384

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A AUTORA

MARIE LU nasceu na China e mudou-se ainda criança com a família para os Estados Unidos. Formou-se na Universidade do Sul da Califórnia e começou a trabalhar como programadora na indústria de videogames. Hoje é escritora em tempo integral. Nas horas vagas, ou quando não está presa em engarrafamentos, ela gosta de ler, desenhar e jogar Assassin's Creed. Ela mora em Los Angeles, na Califórnia (por isso os engarrafamentos), com o namorado, um Chihuahua sem pedigree e dois cachorrinhos da raça Welsh Corgi Pembroke.

Conheça mais sobre a autora em: www.marielu.org